REVISTA

OCCIDENTAL

Dirigida por Anthero de Quental
e Guerra Batalha Reis

1.º ANNO

TOMO PRIMEIRO

15 DE FEVEREIRO—1.º FASCICULO

LISBOA
ESCRIPTORIO DA REVISTA OCCIDENTAL
3 — Rua Nova dos Martyres — 3

1875

SUMMARIO

I — OS POVOS PENINSULARES E A CIVILISAÇÃO MODERNA, por **Oliveira Martins.**

II — EL ARTE, por **D. Francisco Pi y Margall.**

III — O CRIME DO PADRE AMARO, 1.ª PARTE. — Romance por **Eça de Queiroz.**

IV — ANALES DE LA INTOLERANCIA, por **D. Serafin Olave.**

V — INVITACION por **Canovas del Castillo.**

VI — ELOGIO DA MORTE, por **Anthero de Quental.**

VII — CHRONICAS: — America, por **R. de Cala.**

——— Portugal e Brazil, por **P. de Oliveira.**

——— Hespanha, por ***

——— Europa, por **J. Batalha Reis.**

REVISTA
OCCIDENTAL

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE CHRISTOVÃO AUGUSTO RODRIGUES
145 — Rua do Norte — 145
1875

REVISTA

OCCIDENTAL

1.° ANNO

TOMO PRIMEIRO

15 DE FEVEREIRO—1.° FASCICULO

LISBOA
ESCRIPTORIO DE LA REVISTA OCCIDENTAL
3 — Rua Nova dos Martyres — 3

1875

OFERTA
320254

RES
4572 v.

606960

INTRODUCÇÃO

OS POVOS PENINSULARES

E

A CIVILISAÇÃO MODERNA

«Provocar a reunião dos elementos da nova renascença intellectual da peninsula, e a formação das novas escholas hespanhola e portugueza, é o fim da *Revista Occidental.*»

Assim dizia o programma da publicação que hoje começa a correr mundo, e não era temeraria a idéa: se com effeito existem elementos de constituição de uma eschola nacional peninsular, no meio do concerto das escholas nacionaes europeas, só uma *Revista Occidental*, campo ao mesmo tempo vasto e livre, onde todos os homens que mais ou menos proeminentemente representam uma face, um lado, um aspecto, do genio peninsular, hão-de vir com a penna arar os fundos sulcos da lavoura intellectual; onde todas as opiniões tem uma voz, todas as tendencias um logar, quando entrem no sistema de opiniões e de tendencias, que formam o edificio do Progresso n'este seculo; só uma *Revista Occidental*, dizemos, poderá representar perante a Europa o genio dos povos que habitam a peninsula iberica, e dos que, filhos d'ella, foram acampar na America meridional.

Em que consiste, porém, o genio peninsular iberico? Qual é o modo *nosso* pelo qual, hispano-portuguezes, havemos de contribuir, na Europa e na America, para o deposito commum da civilisação do genero humano, quando chegarmos a reunir e a sistematisar os gritos até hoje dispersos, balbuciar infantil mas robusto, que hade tornar a ser a linguagem clara, harmonica e heroica dos castelhanos, a nobre, magestosa e solemne lingua dos portuguezes, o verbo com que uns e outros enchem a historia?

Para as nações que tem annaes, como nós temos, existem gravados em caracteres de bronze, nas instituições e nas ideas passadas, os traços necessarios das feições futuras. Para as nações infantes, que brotaram hontem do nosso seio, e apenas tem provado os primeiros passos no caminho da historia, e de uma historia á qual não servem as lições nem os exemplos da europea, para essas, os factores combinados da ethnologia e da climatologia, os da economia e da politica são quem unicamente pode, na ausencia da tradição, desvendar-nos um tanto os horisontes do porvir.

I

Desde que na Hespanha começam os periodos historicos, isto é, desde que a invasão romana, acorda o sentimento de independencia, e a cultura helleno-latina o da arte e do direito, no seio dos povos peninsulares, para logo apparecem accentuados os caracteres que hão-de manter-se atravez das successivas revoluções da historia. A pessoa de Viriato, o selvatico pastor do Herminio, é a representação humanisada do sentimento de independencia indomavel e heroica que foi sempre o fundo permanente do caracter hespanhol. Desde a resistencia á invasão romana até á resistencia á invasão franceza d'este seculo, desde Numancia e de Scipio Emiliano até Saragoça e Napoleão, o forte e bronzeado ibero foi o soldado heroico da independencia:

> Decidles que os engendraron
> Libres y libres nacistes,
> Y que nuestras madres tristes
> Tanbien libres os crearon.

Confiara-lhe o destino um dos baluartes da Europa; no outro acampava o hungaro barbaro que em cem batalhas homericas livrou a Europa do turco. O ibero, de sobre as penhas das Asturias, disse á invasão arabe: pára! e a invasão parou para não crescer mais. A maré, cujos rollos chegaram a galgar os Pyrineos, começou a descer, e cinco seculos de guerras tenazes conseguiram varrer da Peninsula a meia-lua asiatica. Que sentimento animava o hespanhol n'essa verdadeira Illiada, continuação de Troia e de Platea, de Marathona, de Salamina e das guerras punicas, n'essa eterna peleja da Europa contra a Asia? Em cinco seculos de combates muitas foram as tregoas, muitas as pazes, fundos os laços de união, e por vezes parecia que os arabes tinham adquirido direito de cidade na peninsula:

> Caballeros granadinos,
> Aun que moros, hijos d'algo.

Crusavam-se as raças, toleravam-se os cultos, trocavam-se os habitos, e a lingua, e as ideas; acaso desapparecia por isso o sentimento fatal que

tornava incompativeis o hespanhol e o arabe sobre o solo da peninsula? Não, nunca.

Esse sentimento, essa fatalidade que arrastava os hespanhoes contra os asiaticos, era a Cruz.

Banidos da Hespanha, os arabes não encontram socego nem na Africa nem na Asia. Arzilla, Tanger, Ceuta, Zafim, Azamor, e depois a India, eis o campo para onde o hespanhol leva a guerra punica da civilisação moderna, o combate da Cruz e do Crescente.

A Cruz! E que se esconde, no ponto de vista psychologico que nos guia, sob esse symbolo, palavra magica que arrebata apoz si as populações n'um delirio de enthusiasmo heroico, como o mundo não vira ainda depois de Leonidas?

É o traço elementar organico do genio peninsular, o heroismo. A vida é uma dedicação, um acto heroico, e cada homem um soldado do exercito luminoso d'uma grande Idea. Independente, livre, absolutamente livre e forte, crente e ousado, duplamente hercules, pela forte gymnastica da liberdade nacional e do ideal humanitario, o hespanhol, em cuja consciencia infante estes sentimentos brotam espontaneos e vagos, indecisos, nebulosos como todos os productos naturaes ainda não cultivados por mão de homem, o hespanhol é quem empunha o pendão e a espada da Europa na Edade-média. É quem a defende e protege contra a invasão da Asia, quem a dirige e guia nas escholas e nos templos, quem afinal, cerrando a Edade-média com um esforço titanico, junta, ao morrer, como herança, ao mundo antigo um novo mundo!

Arrasta-o para o Oriente, para a America, o mesmo sentimento que n'outras eras o guiava contra os mouros: o heroismo. Tem ainda como symbolo a Cruz, mas tambem já a Natureza. Camões é mais pantheista do que christão; e o mysticismo de Colombo, apesar do symbolismo religioso, é um amor candente pela natureza, uma attracção mysteriosa e profunda para os enigmas do mundo, como a de Raymundo Lullio, o alchymista.

O heroismo é o principio que dá unidade ao systema de caracteres nacionaes dos povos hespanhoes. Grave, solemne, religioso em Portugal e nas provincias (iamos a dizer nações) que occupam o norte da Hespanha,—na Galliza, no Aragão, em Leão, na Biscaya, nas Asturias: são os spartanos da peninsula;—aventureiro, folgasão, e artista, por um lado; sophista, declamador, e buliçoso pelo outro, na Estremadura, na Andaluzia, na Catalunha: são os athenienses. As fartas, as largas campinas da Mancha e da Castella, vastos celleiros, onde as messes coalham as planicies extensas e desertas, que o sol doira cada anno, são a Beocia, d'esta amphyctionia que na Edade-média teve na Europa o papel da antiga.

O heroismo é o alicerce de todos os caracteres verdadeiramente peninsulares, desde Trajano, até Filippe II ou D. João III os heroes da tréva. Heroismo spartano o de D João de Castro, o *Forte*, Leonidas da India; de Affonso de Albuquerque o *Terribil*, lendario viso-rei; de Ca-

mões, o Virgilio da civilisação moderna;—heroismo atheniense, como o de Themistocles em Salamina, o de Pizarro o audaz aventureiro, quando conquista, elle só, o Mexico; o de Ercilla que canta, como Homero, não como Virgilio, as campanhas dos hespanhoes na America.

A alliança dos dois sentimentos, o da independencia pessoal e nacional, e o do heroismo, combinada com a grandeza do papel que a civilisação distribuiu á Hespanha durante a Edade-média, são simultaneamente a causa das suas instituições e da belleza excepcional que o caracter peninsular adquirio, temperado a esse fogo d'uma lucta humanitaria.

A invasão arabe é, sob todos os pontos de vista, a maior fortuna historica da Peninsula. Pelo que lhe deu, e pelo que lhe evitou. Deu-lhe a renovação litteraria, introduzindo nos motivos, ou tradicionaes da civilisação antiga, ou peculiares aos conquistadores wisigothicos, os motivos creados pela consciencia de uma raça, cujos fructos tem do deserto o sentimento do infinito, do aloes a elegancia e a cor, e a doçura das tamaras da palmeira da Arabia;—deu-lhe Cordova e Granada, os eirados dos palacios da Andaluzia, e os frutos de marmore da Alhambra: uma architectura;—ensinou-lhe como o heroismo christão era ainda sanhudo, feroz, infantil n'uma palavra; ensinou-lhe a tolerancia.

O velho arabe, já chegado aos socegos e aos sorrisos da edade madura, tomou sobre os joelhos o rudo asturiano, em cujo seio ferviam todas as coleras da primeira edade, afagou-o, amansou-o; levou-o, inebriado, ás suas mesquitas, florestas de pedra, fel-o beber os licores orientaes, ouvir as lendas de incantos; deslumbrou-lhe a vista com os ouros e as cores e os jaspes dos templos, dos palacios, dos jardins, dos vestidos; endoudeceu-o com os sonhos dos harens; e afinal, sorrindo, emquanto passava as mãos pelas longas barbas brancas, disse-lhe: Crê no teu Christo, não t'o levamos a mal.

O asturiano voltou d'ahi mais culto, e poude assim dar á Europa exemplos completamente seus, e mais bellos do que os da arte de então na Europa toda.

E nem só na arte. Averroes e Ibn-Tophail, Maimonides e Avicebron, arabes e judeus, ensinavam-lhe a medecina e a algebra. Affonso-o-sabio aprendia com elles a alchymia:

> La piedra que llaman philosophal
> Sabia facer y me la enseñó.

Renovavam as molas gastas da Escolastica, e, emquanto levantavam os edificios do espirito, iam ao mesmo tempo erguendo os jardins de pedra, ou lavrando na terra a agricultura e a irrigação sabias de Valencia e de Murcia.

O arabe que, pela injecção de ideas, de instituições, de costumes, de palavras, e de sangue, dava um tom novo e original á Peninsula, evitava que ella caisse nos moldes sombrios e tristes, onde a Europa central tivera de cair depois da desmembração do Imperio.

Evitava, pela guerra. A reacção asturiana, o regimen do campo foi a hygiene salutar que conservou o corpo das populações ibero-romano-godas; foi ao mesmo tempo quem impedio as invasões dos barbaros, que a Asia ia vasando successivamente sobre o norte da Europa em busca de pilhagem. Que havia a saquear em Hespanha, acampamento sempre armado, onde o trigo não podia crescer um anno, nem encelleirarem-se as colheitas, sem que soasse pelas serras o grito da álgara mussulmana?

Livre dos barbaros da segunda camada, livre da corrupção byzantina da côrte wisigothica, o hespanhol achou-se armado, em campo, com os caracteres da sua natureza ingenita: foi como que um baptismo, um recomeço de existencia *ab ovo*. Da cultura antiga bastavam-lhe as tradições de que necessitava lançar mão para governar a sua existencia aventureira, e essas eram as unicas que elle devia conservar e guardar. Achou a monarchia militar, e continuou a coroar *imperator* o seu chefe: evitou assim o feudalismo e a pulverisação da nacionalidade, como succedia na França, na Allemanha. Encontrava-se perante tratos de terreno devastado e deserto: como povoal-o? cultival-o? foi á arca das tradições antigas, achou lá o municipio, e coalhou a peninsula de communas, desde logo soberanas, que não tiveram de revoltar-se para obter do Senhor a carta de alforria como na Europa central. Como dar cohesão ao todo? como manter entre senhorios e villas a unidade de acção e de força indispensavel perante o inimigo armado? Voltou ainda ao thesouro antigo e usou amplamente do systema representativo, cujo molde lhe dava a Egreja.

E ás instituições moldadas nos typos da antiguidade junta o hespanhol outras, filhas exclusivas do seu genio. A *union* aragonosa, as *hermandades* de Castella são federações expontaneas, producto natural e instinctivo do sentimento de independencia pessoal, arma que apparece quando os poderes estabelecidos, a monarchia, os concilios, pretendem invadir a esphera da liberdade individual. A *behetria*, beneficio a que a guerra não permittio tornar-se em feudo, é tambem a producção expontanea de uma instituição em que falla alto a independencia peninsular.

Tão rica de dotes naturaes, tão vantajosamente collocada no meio dos acontecimentos tumultuosos que revolviam a Europa, como e porque foi que a Peninsula não poude tirar do heroismo uma philosophia, e do municipalismo, dos parlamentos, das *hermandades*, e da monarchia electiva, uma constituição politica? Como e porque foi que, apoz o explendor da Edade-media, apoz o deslumbrante por-do-sol das descobertas e conquistas, caiu n'um delirio de loucura religiosa, n'um abysmo de protervia politica, n'uma dissolução moral, e depois na anemia que tem vindo arrastando até ao seculo XIX?

São duas as causas, e provêm ambas da grande, forte, colossal virtude do genio peninsular, o heroismo.

Emquanto a França, só mais tarde e mais imperfeitamente organisada, seguia a direita estrada da constituição civil da sociedade, e se tornava, social e politicamente, uma nação do direito; a Hespanha, com cujo espirito idealista se não compadecem as transacções e os meios-ter-

mos, tirava as ultimas consequencias ao principio da Cruz onde collocara a sua *empreza*, e á idea do *imperador*, que fora quem organisara nos municipios, o terceiro-estado.

A peninsula iberica, a quem os arabes tinham livrado do abysmo onde caira a outra peninsula sua irmã, a Italia, ia agora, impellida pela fatalidade do seu genio, copiar-lhe a historia e repetir-lhe as ruinas.

O sentimento que defendera a Europa dos arabes, é o mesmo que leva Domingos de Gusmão a queimar os albigenses, Ignacio de Loiola a fundar a companhia, D. Manuel e D. João III a massacrar os judeus, Santa Theresa a delirir com Jesus, D. Sebastião a enterrar-se em Africa, Filippe II á loucura da *grande-armada* e Carlos V a esmagar os Paizes-baixos e a decretar o concilio de Trento. É o heroismo da Cruz.

O direito romano, tal como o divulgaram na Europa os juristas de Bolonha, conduzia, pela absorpção dos foros locaes, a Carlos V; da mesma fórma o christianismo conduzia á Inquisição. Quando Dante escreveu o seu tratado *Da monarchia*, a Hespanha idealista bateu as palmas. Despio-se e foi núa e humilde depor as alfaias, os direitos, aos pés dos thronos de D. Manoel e de Carlos V.

Yace tendido en la desierta arena de España el cuerpo...

O deslumbramento das descobertas atordoava os sentidos, e volteavam nos ares ondas de ouro em pó; delirantes, nós peninsulares soffriamos, como é regra natural soffrer-se, uma exacerbação dos nossos caracteres ingenitos. Nunca o heroismo ardeu tão forte em nossas veias como quando cavavamos o fosso da nossa sepultura!

Deveriamos por isso renegar d'aquillo que é a coroa do nosso espirito, a nossa gloria passada e a ancora do nosso futuro? Não o poderiamos, quando o quisessemos.

Ao lado da Allemanha, heroe do pensamento mysterioso e vago sentinella avançada que revela ao mundo as primeiras luzes que indecisas tremulam no horisonte longiquo, somos nós o heroe da acção e do amor, da independencia altiva e do coração ardente. Entre nós e ella, a França, menos original e menos forte, tem o seu papel historico de medianeira.

Nunca a Hespanha poderia ter proferido a expressão caracteristica de Henrique de Navarra:

Paris vaut bien une messe

O sorriso meio cynico, o esvoaçar elegante e agil com que o genio francez borboletea sobre a vegetação uberrima da civilisação da Europa, bebendo o mel no calix das flores, levando nas azas o pollen vivificante, aereo sempre, ás vezes futil, esse sorriso, essa volubilidade, são incompativeis com o genio peninsular. A França é uma abelha, a Hespanha é uma aguia. Tem d'esta o vôo largo, a garra firme, e a alvura das pen-

nas; a alvura, porque é á Italia mysteriosa e fatidica, que cabem as negras cores, as cores terriveis que obumbram a imaginação medonha do etrusco: a aguia negra é imperial e italiana.

O idealismo italiano vive de sentimentos que não são os nossos. No meio dos maiores desvarios religiosos, nunca a Hespanha poude comprehender o christianismo italiano, mistura de paganismo e de fatalismo que traz raizes das ideas e dos sentimentos antigos. A religião conserva sempre na Hespanha um caracter humano. Santa Thereza humanisa Jesus para o apertar contra si nos delirios do seu amor mystico; as Virgens de Murillo, de Morales, são as bellas raparigas, que brotam como as flores sob o céo azul da Andaluzia; os Santos de Ribera são tytaens, prometheus roidos pelo abutre, não são prophetas nem sibyllas como os de Miguel-Angelo. O mysticismo, para cá dos Pyrineus, é uma sublimação do sentimento, não é uma anniquilação de stylita. A vida é uma campanha. A acção, eis o que a tudo anima, vivifica, embelleza. O *amor* de Santa Thereza, a *bravura* de S. Domingos, a *subtileza* de Santo Ignacio, são formas differentes de myticismo, mas todas activas. O mysticismo do nirvana não é peninsular.

Este caracter mais humano, menos profundo, do idealismo hespanhol, se não póde dar-lhe a magestade suprema das creações do genio italiano, poupa-o tambem aos fundos abatimentos, e aos delirios orgiacos das imaginações colossaes. O genio hespanhol não podia dar de si Dante nem Miguel Angelo, Galileu nem Vico, mas tambem não deu nem Machiavel nem os Borgia. A Hespanha desconhece o fanatismo, na mais genuina expressão da palavra; a outra vida foi para ella sempre uma prolongação d'esta, nunca uma visão phantastica, dantesca. O céo é verdadeiramente um olympo; os deuses são homens-heroes. O fundo misterioso que illumina as creações religiosas, gregas, o *Zeus*, concepção indefinida da Ordem, que a corrupção das ideas transformou na Italia moderna n'um fatalismo brutal e inconsciente, é na Hespanha o sentimento humano que faz os heroes; é o sentimento que anima as virgens de Murillo, um poeta que pintava, e de todos os poetas que, escrevendo, brotavam e brotam, aos milhares, como as flores da primavera, no solo da Peninsula.

O sentimento affectivo, o sentimento heroico, são mais suaves e tristes, mais graves e dignos, mais amplos, mais eguaes, mais épicos nos portuguezes; mais dramaticos e ruidosos nos hespanhoes.

Triste de mim que será?

Eis o thema, a nota constantemente vibrada pelo portuguez elegiaco; a paixão hespanhola é a labareda de Santa Theresa. — Gonçalo de Cordova *el gran capitan* é o typo do heroe, hespanhol, aventureiro; D. João de Castro, o typo do heroe portuguez, magestatico. A acção apaixonada, desenfreada, viajar de Hercules pelo mundo com a maça ao hombro em busca dos dragões, eis a missão e o caracter de um; a acção tambem,

mas illuminada pelos raios mais puros de uma luz interior consciente, eis a missão e o caracter do outro. O povo caracterisou-os a ambos em duas anedoctas historicas, a *das contas* e a *das barbas*.[1] Qual vale mais? Valem ambos egualmente; e cada um significa, ou um momento da historia da consciencia, ou uma nota da divina gamma do concerto humano!

Coróa a ambos a auréola da acção que os torna vivos, reaes, humanos, não phantasticos como os personagens de Dante, ou abstractos como os heroes de Vico; da acção, que no meio do delirio mystico-religioso, da restauração do cesarismo romano, da invasão deleteria dos costumes, das especiarias, do ouro e dos sonhos do Oriente, nos permitte escapar ao fundo abysmo onde caío a Italia de Cellini. No meio da nossa ruina ouve-se o protesto de Padilla, grito heroico lançado aos ventos da historia, que nos diz não ter morrido o homem, embora vivesse o Imperador.

O heroismo activo gera o amor da liberdade; a liberdade anima os heroes; mas o heroe não é o frio stoico, Bruto o desapiedado; não é uma abstracção como na Italia, é um individuo sensivel que chora, sente e geme, quando as dores do supplicio o torturam; que exulta, folga e ri, quando chegam as horas do triumpho ou da festa; não é de pedra é de carne; não veste a toga, calça os borzeguins do guerriheiro, deita a clavina ao hombro, e desde Viriato até Riego ou Saldanha, sabe ao mesmo tempo amar e morrer:

> Rey de mi alma y d'esta tierra conde,
> Porque me dexas? d'onde vas, adonde?

Assim pergunta Ximena ao Cid que a abraça,

> De los sus ojos tan fuertemente llorando.

Vae entanto, parte. As lagrimas não embaraçam a acção; enchuga-as, como D. João de Castro enchugava as suas, quando, após um, mandava outro filho para a carniceria de Dio.

A liberdade indomita dá a isempção do espirito, e a vida activa produz a gargalhada franca mas honesta. Ao fanatismo italiano corresponde

[1] Para restaurar as fortificações de Dio, quasi arrasadas, necessitava o vice-rei de vinte mil pardáos. Não os tinha a fazenda; escreveu á cidade de Goa, pedindo-lh'os, e dizendo: «Eu mandei desenterrar D. Fernando, meu filho, que os mouros mataram n'esta fortalesa, peleijando por serviço de Deus e del-Rei Nosso Senhor, para vos mandar empenhar os seus ossos, mas acharam-no de tal maneira, que não lhe foi licito ainda agora de o tirar da terra; pelo que me não ficou outro penhor salvo as minhas proprias barbas que aqui vos mando, porque como já deveis ter sabido, eu não possuo ouro, nem prata, nem movel, nem cousa alguma de raiz, por onde vos possa segurar vossas fazendas, sómente uma verdade secca e breve, que me Nosso Senhor deu.» Jac. F. d'Andr. *Vida de D. João de Castro*, liv. III.

o sensualismo bestial da vida revelada nas memorias de Cellini, e na litteratura boccacciana. O riso peninsular é livre mas é digno, é livre e é caustico: *castigat ridendo mores*. Cervantes destroe, com um livro, um mundo, e Gil-Vicente manda assim ao Papa:

Feirae o carão que trazeis fanado
O' presidente do Crucificado!

Os homens que mais cabalmente accentúam os traços differenciaes das duas nações peninsulares são, na arte, Velasques e Gil-Vicente; na guerra, D. João de Castro e Gonçalo de Cordova. E o homem que é e será perante a historia a completa, total encarnação do genio da Peninsula chama-se,—perdoem isto os castelhanos taõ mais ricos do que nós, de glorias e de nomes,—chama-se Camões.

II

A necessidade de acção: eis-ahi a causa primaria, fundamental das Descobertas. O duro e forte braço do soldado peninsular, o espirito ardente do religionario, exigiam combates e propagandas: combater com os mouros ou com os mares que importa? É combater sempre, é viver. Historicamente, a causa determinativa das Descobertas reside no desenvolvimento dado á physica e á geographia de um lado, do outro nas tradições que as viagens dos crusados tinham espalhado por toda a Europa. Se as causas historicas das Descobertas são estas, as causas psycologico-collectivas primeiro indicadas são o motivo porque á Peninsula coube o desempenhar o papel colossal de duplicar o mundo.

Sagres e Cadix, o porto d'onde sahiu a *Pinta*, e o promontorio d'onde os telescopios arrancavam novos segredos aos astros, novas terras aos mares, são o foco d'onde irradia e onde converge o fluxo e o refluxo da maré de navios, de navegantes.

... secant spumantem pectore pontem.

Vão com o peito abrindo as ondas espumosas, com o peito de aço, bem mais elevado e forte do que o das nereiades virgilianas. Vão e voltam com os porões cheios de ouro, e a cabeça a tontear de espantos. Tristemente a Hespanha nada já na lagoa sombria do imperialismo cesareo, e o ouro das Indias serve-lhe para pagar ao duque d'Alba os morticinios da Italia, da Flandres. Mais afortunados, nós portuguezes podemos ainda, aos ultimos raios do sol poente, tecer a trama luminosa da nossa náo epica, de Belem!...

As Descobertas são uma epopeia, maior do que Troia, maior do que a romana; mas a nossa epopeia de hoje é outra, e o passado e as suas idéas são apenas as lages de granito que, cimentadas com a critica, construem a aboboda da historia. A historia é o alicerce da epopeia do

seculo XIX, que nenhuma penna poude, nem acaso poderá, escrever. A historia é para as sciencias sociaes o que as sciencias elementares phisico-chimicas são para as da vida: instrumento de deducção. Nós, sociedades contemporaneas, saimos das anteriores, da mesma fórma que os productos da natureza organica provêm das evoluções da materia inorganisada. A politica, o direito, a economia, tem como base objectiva a historia: é ella quem revela as leis da transformação das idéas e das instituições, as idiosincrasias nacionaes, e quem solidifica, pela analyse, as concepções racionaes humanas, que não provêm d'ella, antes se encontram immanentes no homem como substancia propria. A rasão conclue, a historia analysa.

O processo historico deductivo, que serve para comprehender os factos e decifrar os problemas da vida europea, não póde applicar-se a paizes como as jovens nações americanas, onde os annaes faltam, e tambem os precedentes e os pontos de contacto e de comparação com as velhas nações da Europa. Nem os inicios das formações nacionaes europeas, a Grecia de Lycurgo ou de Solon, a Roma de Numa, a Hespanha de Sertorio, a Gallia druidica, e a Bretanha ou a Germania como as conheceram Julio Cesar ou Tacito; nem as velhas colonisações dos phenicios, dos carthaginezes, dos gregos, dos romanos; não ha nada que no mundo anterior possa comparar-se ás colonisações hispano-portuguezas ou saxonias e neerlandezas.

A inducção, a analogia em casos especiaes, eis as unicas armas ao dispor da critica. Mas no fundo de todas as conclusões, mais ou menos hypotheticas, resta sempre uma interrogação de duvida. A descoberta da America é por si um facto tão extraordinariamente imprevisto, como extraordinaria tem sido e terá de ser a sua vida: quem nos diz se em poucos seculos a Europa terá de estacar de pasmo como lhe succedeu quando Colombo voltou a Hespanha e Vasco da Gama a Portugal?

> Que influição de signos e de estrellas!
> Que estranhezas, que grandes qualidades!
> E tudo, sem mentir, puras verdades.

O ingenuo espanto do poeta que chega a descrer da boa-fé do ouvinte, é comtudo mais adequado ao seu tempo do que ao nosso. A massa de observações scientificas, ethnologicas, climatologicas, e sociaes, são porventura sufficientes, senão para traçar uma historia futura, ao menos para determinar as linhas geraes que a vida de um povo, dadas condições conhecidas, apesar do systema da sua reunião ser inteiramente novo, hade seguir. Tal é o nosso caso perante as nações sul-americanas, as nações neo-peninsulares.

Na sua curta historia revelam ambas, — ambas, porque enfeixamos n'uma o systema de republicas que vem desde o Mexico, dando a volta pelo estreito de Magalhães acabar no Prata, confinar com a outra, o Brazil; — na curta historia de ambas, desde o começo da colonisação até hoje,

se revelam os dois tons com que cada uma das nações-mães caracterisa o idealismo peninsular.

Logo ao encontrarem-se perante as populações indias, castelhanos e portuguezes patenteam na sua linha de conducta as idiosincrasias do seu genio. A mansidão e a bondade um tanto molle do portuguez, o seu espirito aristocratico, levam-no a encarar os indios como materia inerte a que é mister applicar a sagração do baptismo christão; propagandisam, ensinam o Evangelho, mas como senhores que á noite convocam os servos para o salão do palacio ás rezas de todos os dias, não como christãos para os quaes todos os homens são eguaes sobre a terra. A bondade portugueza, como que protege o indio, mas é protecção, é a miudo correcção e severa; tratal-os como eguaes é impossivel ao magestatico personagem, que partiu de Lisboa levando no bolso o alvará em que el-rei lhe concede provincias que são europas. Em Portugal era senhor, iria á America ligar-se com o indio mesquinho?

Outro é o caracter da colonisação castelhana: os emigrantes não partem como tribus organisadas, com seu chefe, hierarchia, organisação, como os portuguezes.

Não é uma familia que transporta os penates para alêm-mar, é um bando de aventureiros, uma democracia de emigrantes que troca um solo por outro solo, as planicies da Mancha pelas planicies dos Pampas. São mais rudes, mas mais fortes. Desconhecem os preconceitos. As mulheres faltam, e as exigencias sensuaes obrigam-nos a usar das que encontram á mão; não se julgam dedignados por isso. Cruzam. Se desconhecem os preconceitos aristocraticos dos portuguezes, se n'este ponto são mais christãos do que elles, são de outro lado mais barbaros para com as infelizes raças que a sorte votou ao exterminio. A bondade portugueza provinha até certo ponto do espirito aristocratico: ninguem se enfurece com o seu creado; nos hespanhoes os sentimentos de colera, de odio, de vingança, applicavam-se aos indios como a eguaes: não eram elles já parentes pelo sangue?

Esta distincção nos primeiros caracteres da colonisação, prenhe como é de importantes consequencias, logo produz uma que no futuro se torna só por si em causa de diversidade profunda de phisionomia entre os dois sistemas de colonias da America do sul. O fidalgo que partia de Lisboa levando comsigo familia, creados, officiaes, decidido a deitar ferro e a tomar posse da vasta região que lhe fora doada, contando não mais voltar á Europa, ia assentar a sua cidade no ponto mais central da região que possuia. Isolado do resto do mundo, cercado por centenas de leguas de florestas e desertos, por cumiadas de serras gigantes ou por bacias de rios colossaes, o seu mundo, a sua patria, redusia-se á zona de terreno cultivado em volta da cidade. Foi assim que o Brasil se constituiu e se povoou: ainda hoje, e por seculos ainda, quem olhar para o seu mappa verá uma extensão enorme salpicada aqui e acolá por pequenas manchas de população, pontos de ossificação de uma structura colossal que levará centenas de annos a completar-se. As distancias quasi im-

mensuraveis, a impossibilidade economica de ligar entre si os centros dispersos de população e civilisação, a difficuldade e muitas vezes a impraticabilidade das viagens, eis ahi o primeiro vicio organico do systema de colonisação portugueza no Brasil. Occioso é notar quaes e quantas consequencias moraes emanam d'estas condições da população: o trato dos homens é o primeiro elemento de civilisação. No Brazil só se conhecem entre si as cidades do littoral.

A natureza menos organisada da primitiva emigração hespanhola, os caracteres da massa de gente que partia para a America, e as condições geographicas do terreno onde ia acampar, evitaram este defeito ás republicas sul-americanas. As do Rio da Prata encontraram logo n'essa vasta bacia maritima a estrada feita que vae até ao Paraguay; as do Pacifico, apertadas contra o mar pela cordilheira dos Andes, não o podiam, quando quizessem, espalhar-se em pequenas ossificações pelo interior. Adquiriram assim cohesão.

Essa cohesão tornou-se tanto mais forte quanto o mandava o facto feliz do cruzamento que produzia uma sub-raça, cheia de elementos vivos, e capaz de dar, como dá, um caracter seu á civilisação hespanhola sul-americana.

O espirito aristocratico dos portuguezes, repugnando ao cruzamento, foi a causa de um facto que ainda hoje pesa como chumbo sobre o Brazil: a escravatura. Anniquilados ou fugitivos os indios, como haviam de bastar a mondar as florestas, a arar a terra, os poucos braços dos europeus? A faina d'um primeiro arroteio é duplamente difficil: as arvores seculares resistem ás tentativas assassinas do emigrante, e o clima quebra-lhe as forças quando o gume do machado começa a embotar. Difficuldades que o cruzamento teria vencido; o sangue indio aclimatado, preservaria o europeu; o europeu infundiria no indio a exuberancia de força, de arrojo, de audacia, de educação. Não foi assim; e por isso foi mister recorrer ao exterminio de uma outra raça. Os cafres innundaram o Brazil; vieram braços, mas veiu com elles o peccado de que a Europa já se lavara, veiu o amor da indolencia, veiu a crueza e a desmoralisação que produzem infallivelmente os crimes contra o justo.

D'este concurso de elementos saiu de um lado no Brazil um *fac-simile*, até certo ponto artificial, das nações da Europa: as instituições e as idéas movem-se e vivem nas cidades que bordam a costa á imitação do velho mundo; para além da zona do littoral entrevê-se uma massa confusa de vegetação e de sombras que vomita para o mar as balas de algodão, os saccos de café. Só a boa vontade heroica dos brasileiros poderá remediar o vicio primitivo e quasi organico da colonisação. A falta de raça e a incommunicabilidade fazem do Brazil ainda hoje uma vasta colonia, alimentada pela emigração. Como hade transformar-se n'uma nação, no sentido historico d'esta palavra? Eis um problema que os dados actuaes não auctorisam sufficientemente para resolver.

Se ao Brasil falta o caracter nacional não lhe falta o caracter politico, nem o papel que representa no mundo sul-americano é menos im-

portante por isso. Tem do nosso sangue portuguez a faculdade de assimilação, que, se esbate os caracteres affirmativos de nacionalidade, nos torna eminentemente aptos para recebermos e communicarmos todas as impressões da corrente electrica da civilisação. O papel do Brazil na America do sul é este: a sua constituição, o seu codigo, as suas instituições, e os seus costumes, — salvo a escravatura, em via de abolição, — fazem do imperio americano o representante das idéas europeas no novo mundo.

A fixidez e maior regularidade da machina constitucional politica, eis a decisiva vantagem do Brazil sobre as republicas sul-americanas. A raça, que lhes dá o que o imperio não possue, um caracter organico de nacionalidade, a raça é, sob o ponto de vista da estabilidade das instituições, a primeira causa de perversão. O espirito indomavel do hespanhol, transplantado para os terrenos virgens da America, cruzado com o sangue semi-selvagem do indio, deu de si os habitos de inquietação, seguidos, apesar de lamentados, por todos os hispano-americanos, as insurreições constantes, luctas de novos guelfos e gibelinos, que fazem de cada republica uma reproducção, anachronica das antigas republicas italianas! Ainda n'este ponto, atravez do oceano, se reproduzem nas filhas os caracteres das mães.

Nem se accuse na America o Imperio, nem a Republica: as fórmas politicas são, sob este ponto de vista, indifferentes e toda a comparação com os exemplos da Europa seria infundada. As fórmas politicas são realisações das idéas que se tornam factos em virtude das condições sociaes. Ora as condições sociaes-economicas das nações americanas são excepções da norma historica. Para encontrar a rasão dos factos não servem as fórmulas do systema de existencias nacionaes europeas. Basta a immigração, basta a escravatura, basta sobretudo o *espaço*, a extraordinaria relação da terra para o homem, para que logo se veja como as condições sociaes da America differem das nossas, e como para avaliar os factos da politica e dos costumes é necessario recorrer exclusivamente a elementos que só em parte explicam as cousas na Europa.

Applicando á America as fórmulas evolutivas da historia europea diriamos que amanhã o Brasil se converteria n'um vasto feudalismo; e as republicas se agrupariam em duas ou tres hegemonias com um Cesar governando em cada uma, fortes exercitos, e as constituições democraticas queimadas, e lançadas as cinzas ao vasto pelago do Pacifico. E não será, não pode ser assim. A similhança de condições é só exterior, apparente, não é organica; as palavras são as da Europa, os factos são os da America. As condições sociaes differem, differem as idéas, e é d'ambas que nascem as instituições, não das analogias exteriores e falsas. O feudalismo é incompativel com o espirito de independencia peninsular, e esse espirito sente-se á larga nas amplidões americanas.

A hegemonia e o cesarismo são egualmente incompativeis e inadmissiveis como solução das cruentas e lastimosas revoluções dos partidos hispano-americanos.

A ambição de conquista, a inveja, esse sentimento que incommoda nações e homens quando, como entre nós na Europa, uns e outros se acotovellam n'um espaço estreito, a ambição, as conquistas, são hypotheses contradictorias no mundo americano. O trabalho na paz e na liberdade, a fructificação dos thesouros naturaes e a cultura civilisadora, eis-ahi o futuro necessario, o futuro unico das nações americanas.

Á raça hispano-portugueza coube o papel grandioso de explorar um mundo: ao lado fica-lhe outro, a construcção do genio saxonio. Acaso temos que velar-nos as faces de vergonha, ou que exultar de orgulho? Nem uma nem outra cousa; os sentimentos produzidos pelos actos livres do homem não tem applicação para os phenomenos collectivos que estão immediatamente sob o dominio da necessidade que os determina. Comparemos, pesemos, avaliemos: assim aprenderemos.

Quando nos oppozerem, para nos deslumbrar, a industria collossal da America do Norte, desafiemos os saxonios a comparar um mesmo periodo de vinte, de cincoenta annos, d'este seculo e a formar a equação do progresso industrial das duas metades do Novo-Mundo. Se o resultado fôr contra nós,—não será,—não desanimemos por isso; o nosso papel não é a comprehensão utilitaria da vida, é a sua comprehensão ideal. N'esse terreno, o maior, o decisivo, podemos quebrar lanças com todos. Notae ao norte-americano como allia a um industrialismo de formiga, uma superstição de louva-a-deus; perguntae-lhe como se combinam no seu cerebro o mysticismo biblico, os *revivals* tão comicos, e as *esposas-espirituaes* tão lubricas, com a ferocidade do egoismo, com a endeusação do dinheiro, com a vertigem do trabalho? O Brazil pode oppôr ao mysticismo americano a sua actual e forte politica para com a Egreja.

O Brazil, as republicas, e todos nós, hispano-portuguezes, podemos oppôr ao frio empyrismo saxonio, á pura e positiva idea da conveniencia que é pare elle a base unica das leis, a idea transcendente que mantemos do Direito. A historia a contará em muito mais do que todos os milhares de milhas de caminhos-de-ferro, todos os milhões de milhões de cavallos-vapor.

O primitivo sistema colonial dos hispano-portuguezes moldava-se nas tradições antigas. Uma esquadra conduzia um exercito que, depois d'uma batalha ganha, impunha um tributo e construia uma fortaleza para manter o senhorio e cobrar o tributo. A' sombra da fortaleza commerciavam os conquistadores, e aos lucros da guerra, receita do Estado, juntava-se o lucro commercial, receita privada. Este sistema distinguia-se do das colonisações phenicias ou gregas no facto de os conquistadores prescindirem do dominio politico, sem prescindirem do dominio religioso.

Ainda hoje o principio da occupação é o mesmo na India ingleza, e na colonia hollandeza de Java. Este phenomeno, que tem mais da conquista historica do que da moderna e original colonisação, está julgado nas suas consequencias: deixemol-o em paz como simptoma passado e por isso morto.

Quando os descobridores, em vez de se encontrarem, como no

Oriente, perante uma civilisação constituida, apesar de caduca, se encontraram, como no Brazil, perante a floresta virgem, onde vivia o indio bravo, perante os extravagantes imperios do Mexico, do Peru; e quando as necessidades do temperamento collectivo levaram a exterminar os peruanos, os mexicanos, e os indios selvagens da face atlantica da America do sul; — o homem encontrava-se a sós com a natureza, e uma nova, — chronologica e logicamente, — uma nova civilisação começava. É n'este momento que as colonias modernas adquirem um caracter seu proprio, totalmente desconhecido á historia anterior. Esse facto, essa iniciação da Europa n'uma estrada ainda não trilhada, produz comsigo uma commoção perturbadora, mas passageira. É um alimento novo que não tinha até alli entrado no systema *digestivo* da civilisação; a elaboração é difficil e os seus incommodos alcançam-nos ainda.

A invasão do ouro, assalaria os monarchas, e permitte os delirios do imperialismo cesareo: a não terem sido as Indias, Carlos V não poderia ter regado de sangue, pela fórma que o fez, a implantação da Reforma. Como consequencia economica-social apparece-nos a *fixação* de uma nova aristocracia (do dinheiro), quando a Europa, destruindo a anterior (da espada) se encaminhava para a abolição de classes, e para uma comprehensão melhor do principio da Egualdade. O grande commercio é um resultado immediato das descubertas e das colonias; antes a troca era uma funcção subsidiaria da industria, o commercio, compra e venda, consequencia apenas da producção. As colonias, lançaram no consumo europeu uma massa de generos puramente commerciaes, não-producções, no sentido industrial da palavra, de generos cujo preço se fórma por factores puramente commerciaes (transportes, fretes maritimos etc., como no algodão, no cacáo, na cera); e essa nova funcção economica, combinada com o organismo bancario que a Italia da Edade-media tinha produzido, dá de si um desvio no movimento de evolução historica que as sociedades europeas experimentavam desde as constituições municipaes, desde as revoltas communaes, desde a restauração do direito romano. Acaso a situação e o organismo social economico, que tem de succeder á situação e ao organismo contemporaneo, e que a Europa só pode entrever n'um futuro secular, acaso seria já uma realidade historica, se o destino não tivesse querido que a civilisação moderna, cumprindo mais uma obra meritoria, soffresse as penas de mais uma grande cruz.

Os nossos dias, de liberalismo politico, de utilitarismo, de livre cambio e concorrencia livre, — ádito um tanto sombrio do vasto edificio que nos espera, — os nossos dias apagaram já as distincções de posição relativa entre as colonias e as mães-patrias. Umas e outras, e cada qual dentro das condições especiaes da sua economia, se encontram livremente unidas no desempenho da missão que lhes attribue o lugar que occupam entre os grandes sistemas de povos de origem aryana.

III

Qual é pois o logar que nos cabe a nós hispano-portuguezes da Europa e da America?

Das consequencias immediatas das descobertas e das colonisações europeas, a principal consequencia immediata foi a revolução produzida no sistema das ideas moraes. Essa revolução adquire um caracter duplo. Corrompendo o antigo idealismo europeo-christão, as descubertas repetem a influencia que as colonisações da Antiguidade tinham tido sobre a Grecia, sobre o Imperio romano. Mas, da mesma fórma que as descubertas modernas eram mais do que uma repetição das antigas, assim tambem a revolução moral adquire um caracter novo. Na Antiguidade é uma corrupção desorganisadora; na Europa moderna a corrupção repete-se mas para ceder o passo a um novo sistema de ideas. Caíam os deuses diante d'esse deus do commercio e dos bancos, dissolviam-se os sacerdocios perante o novo sacerdocio da finança; mas o commercio e os bancos e a finança, acordando novos tons do fundo inexgotavel da natureza humana, livraram as edades modernas do abysmo a que as colonisações levaram as sociedades antigas.

O caracter commercial que a civilisação moderna adquirio desde o seculo XVI formulou-se em doutrina no fim do XVIII, e chegou ao apogeu no actual. O momento que atravessamos é aquelle em que começam a entrever-se os lineamentos do edificio social que tem de saír do novo sistema das ideas europeas, e de substituir difinitivamente os ideaes do passado, assentando outra vez a humanidade no seu throno de granito, illuminando-a de novo com o sol do Ideal. Do sistema de formações scientificas, levantado pedra a pedra tres seculos ha, sairá a Ordem; do sistema de exegeses religiosas sairá a idea de Deus, depurada; do sistema de instituições, que umas ás outras se substituem diariamente n'uma confusão apparente, sairá a Egualdade apoiando-se á liberdade politica.

A idiosyncrasia peculiar nacional dos povos europeos attribue a cada um d'elles funcções especiaes. No grande drama da historia são as nações como os actores que por turnos tem de vir diante do publico declamar o seu papel. A este os momentos de enthusiasmo e delirio divino; áquelle os de meditação laboriosa e profunda, de investigação aturada e forte; a outro os entre-actos em que a acção se enreda, os personagens se tocam e aprendem a conhecer-se; a outros, finalmente, a parte positiva, material, mecanica, industrial da vida.

No momento em que o espirito vacilla, ou se escurece a luz interior que nos dirige, abrem-se em nós os instinctos e as tendencias da nossa natureza animal; em seguida a um grande cataclysmo sentimo-nos mesquinhos; e é só, á maneira que a circulação vae tornando a restabelecer a vitalidade do sistema, que podemos ir tacteando o pulso das novas ideas que surgem dentro de nós.

As épochas de transição moral são por necessidade utilitarias: utilitaria foi a Europa desde o seculo XVI até ao XIX.

Não é a caracteres como o peninsular que pertence a iniciativa em taes periodos.

A raça saxonia, tal como a revelam as suas instituições e a sua historia, estava fadada para presidir ao tratamento necessario do corpo europeu, abalado pela desorganisação do sistema das ideas da Edade-media. É a Inglaterra quem, desde Bacon, chama os espiritos para a observação, é ella quem, desde Hobbes, protesta contra os delirios do idealismo politico; é ella quem na pessoa de Bentham dá o nome ao seculo: utilitarismo.

A historia d'Inglaterra é a historia d'uma sociedade animal no jogo das suas faculdades naturaes. A força, a perseverança, a lealdade, a independencia formam o inglez, conjunctamente com uma subserviencia moral (aos costumes, á religião,) que prova quanto é differente a sua organisação da dos povos continentaes. Milton e o puritanismo são o seu maior arrojo em materia de religião, mas Shakespeare, o homem da natureza, não encontra rival para áquem da Mancha.

O sentimento de personalidade animal, caracterisado no egoismo de Hobbes, de Bentham, sentimento que o saxão recebe da ingratidão do solo, da falta de communicabilidade pantheistica do clima, predomina em toda a historia ingleza. O hespanhol tem pelo menos tanta personalidade como o inglez, mas é da uberancia do solo, da affabilidade do clima que recebe o caracter communicativo com que affirma a sua personalidade. As federações que nascem d'esta reunião de individualidades distanciam-se da mesma forma: as *hermandades* provém da affeição: a palavra exprime a realidade do sentimento; as *cartas* inglezas sam verdadeiros contractos entre elementos que se oppoem; umas revelam *harmonia*, as outras *equilibrio*.

A constituição ingleza, ou antes o sistema de *acts* que a Inglaterra foi pregando, umas após outras, á cabeceira da sua organisação social, é uma codificação das liberdades tradicionaes: são *liberdades*, são *direitos*, não são nem a liberdade, nem o direito, como o concebem as nações continentaes, como o transferem para as suas constituições e para os seus codigos. A constituição ingleza é a historia de Inglaterra; amarrado á gleba, á tradição, sem independencia moral, — e é este o traço mais proeminentemente distinctivo da raça saxonia, — o inglez vê na *common law* o principio do direito, e na tradição o criterio das instituições.

Mas são grandes, fortes, essenciaes sempre, indispensaveis e exclusivas nas epochas de reconstrucção, as qualidades correspondentes a estes defeitos. A tenacidade e o methodo levantam montanhas, e a Inglaterra tem-n'as: Bacon que domina a sciencia moderna, e Darwin que hoje a inspira; Bentham que caracterisou a ultima face dos tempos modernos, e Smith que deitou os alicerces da sciencia mais peculiarmente nova, descuberta cuja falta levou a Antiguidade ao tumulo.

Mas este caracter, positivista, materialista, empirico, não é, não pode

ser definitivo; quando o não condemnasse a consciencia, condemnava-o a propria observação das feições das differentes familias de povos europeos, cujas vozes tem todas e com força e predominio egual, um logar no choro da humanidade; condemnava-a a observação ainda dos symptomas de renascimento que rebentam por toda a parte, botões de uma nova primavera da arvore collossal das raças aryanas.

O estado de subordinação em que desde o seculo passado todas as nações europeas estão perante as ideas inglezas; a importação do liberalismo individualista, do empirismo em philosophia, do livre cambio economico, não são, como alguns pretendem, conclusões definitivas da civilisação. A implatação das ideas inglezas teve uma razão de ser, a sua eliminação é já indispensavel. O pauperismo economico e o pauperismo moral, a esterilisação da seiva natural e forte que dá feições e caracter a hespanhoes, a allemaens, a italianos, a francezes, são crimes contra a natureza, imperdoaveis crimes que se não redimem.

A anglo-mania pouco mordeu na Allemanha, e esse facto, combinado com os caracteres *modernos* de espirito scientifico que distinguem a raça, faz com que a situação moral e social da Allemanha seja por certos lados bem superior á situação actual dos povos da familia latina; a anglo-mania applicada ao genio francez produziu um desvio de evolução historica das instituições nacionaes, e d'ahi a tormenta acaso poderosa de mais para que a França a possa dominar; a anglo-mania que creou uma pseudo-Italia, onde teve de emmudecer a genuina voz italiana, a voz de Mazzini, a anglo-mania produzio na Hespanha deploraveis fructos.

Nada ha mais antipathico ao genio hespanhol do que o genio saxonio nas suas más e tambem, — infelizmente, — nas suas boas qualidades. A implatação das ideas e das instituições inglezas na peninsula foi simultaneamente um acto meritorio e um acto infeliz, mas de uma infelicidade necessaria. A desorganisação moral e economica, produzida por essa introducção, era o unico meio de furtar a peninsula á contemplação de um ideal passado, á meditação sombria no meio das ruinas do antigo explendor, de a acordar para a vida moderna.

Mas como disparatam ideas e instituições exoticas n'este torrão que a charrua do progresso apenas arranhou de leve! Olhemos para Hespanha: a philosophia, a arte, a politica, produzem *seitas*, porque os antigos moldes symbolicos do heroismo não consentem ainda que se distinga entre a velha idea e a moderna, entre *seita*, e *eschola*. As luctas partidarias, questões de pura e placida discussão, são ainda luctas; e o melhor argumento d'um sistema é uma batalha ganha, o melhor doutrinario um guerrilheiro feliz. O heroe é ainda o antigo heroe da cavallaria e do christianismo. Que importa que o rotulo se mude, e em vez do Mexico, por exemplo, appareça escripto Carthagena ou Sevilha? O sentimento é o mesmo; e como é um molde antigo revestindo objectos modernos, o resultado tem de ser deploravel e triste como os exemplos de Hespanha desde 1837.

Sobre nós, portuguezes, no nosso caracter menos ardente, na nossa physionomia, que uma decadencia ininterrompida desde o seculo XVI, e o trato mais intimo com estrangeiros tem esbatido e como que desnacionalisado, a implantação anglomana, mais profunda, produziu symptomas menos extravagantes. Ainda assim os nossos Saldanhas, bem mais genuinamente nacionaes, do que os parlamentares incolores do genero do duque de Palmella, não desmerecem para o effeito do quadro, nem para a crueza do contraste, ao lado dos generaes hespanhoes que fazem constituições com os bicos das espadas, e que as votam com os tiros de canhão. Extravagante parlamentarismo!

Não menos extravagante o nosso, portuguez, que assenta sobre a indolencia e sobre a indifferença!

Este meio seculo, no qual a Hespanha offerece á observação uma simultaneidade de traços physionomicos que, na sua opposição anarchica, na sua falta de logica, nas suas consequencias immediatamente corruptoras e desorganisadoras, não sei se são maiores se menores, mais ou menos feios do que a desorganisação e a corrupção do edificio anterior, ruinas escalavradas pelo tempo, comidas pela hera, e habitadas pela vibora escondida na relva e pela coruja nas horas mortas da noite; estes ultimos cincoenta annos turbulentos, sombrios e fracos da vida peninsular, tem sobre as épocas anteriores a vantagem de serem uma aurora, quando aquellas são um por-do-sol.

A implantação de instituições, a introducção de idéas exoticas, alheias ao nosso temperamento e ao nosso caracter, é uma iniciação na vida moderna: a industria não é sómente o instincto do lucro, nem a sciencia um frio empirismo, nem a politica um dogmatismo secco.

Taes as comprehendem os saxonios, taes as recebemos d'elles: pretendemos juxtapor-lhes os antigos typos do nosso heroismo e produzimos uma bastardia. Cumpre que nos não lancemos, não, fóra da estrada do progresso, que nos não esterilisemos na contemplação d'um passado que o é na mais ampla significação da palavra; a historia não se repete: *non bis in idem*. Não se repetem as circumstancias, não podem repetir-se os typos. Gonçalo de Cordova, hoje, devia responder ante os tribunaes; e D. João de Castro, ser accusado como máo cidadão[1]: inferir-se-ha d'aqui a morte do heroe, a incapacidade do sentimento que é a alma da nossa alma, o segredo da nossa força?

Por fórma alguma. O sentimento é o mesmo, as fórmas que reveste differem, como differem os objectos a que se applica. A alma do Cid e de Viriato é e será sempre a nossa alma, de um Cid e de um Viriato como os fazem os elementos constitucionaes da vida moderna.

A industria não é sómente a industria, é tambem a determinação social do trabalho; a sciencia não é sómente o empyrismo, é a vivificação

[1] «Aqui se recreava com uma extranha e nova agricultura, *cortando as arvores que produziam fructo*, e plantando em seu lugar arvores silvestres e estereis; quiçá mostrando, que servia tão desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga do beneficio.» *Vida*. liv. I.

que lhe dá corpo, é a metaphisica; a politica não é sómente uma doutrina, é tambem um amor, uma paixão ardente pela harmonia collectiva; o direito não é sómente uma fria codificação de leis, é um corpo animado pela alma da justiça; a vida não é sómente um egoismo, é tambem uma dedicação, um amor ardente, inextinguivel!

Não é ás lançadas como os antigos heroes da guerra, nem com a intriga sombria ou com o amor mystico dos heroes posteriores do catholicismo, que o heroismo póde animar as frias pedras da estrada que pisamos. Queimar-nos-hão com o seu calor mais ardente que o do sol das velhas eras quando nos demorarmos a meditar sobre ellas. É mister que o velho heroe vestido de ferro se curve; operação difficil, mas necessaria, indispensavel.

Curve-se, dispa a ferragem velha que só serve para lhe embaraçar os movimentos, e verá como esses pedaços de rocha humilde, a sciencia, o direito, a industria, se transformam n'um iman poderoso. O iman irá ao fundo da alma e acordará lá dentro o immenso ardor dos outros tempos; e a Hespanha, historico baluarte dá Europa contra a Asia, a Hespanha nau que deu a volta ao globo, a Peninsula, em cujos dominios ardia sempre o sol, voltará a illuminar o mundo, quando poder, comprehendendo-o, animal-o com o seu immenso heroismo:

Parce metu... manent immota tuorum
Fata...

Oliveira Martins.

EL ARTE

Voy á hablar del arte: de su principio, de su naturaleza, de su fin. Tarea vasta y difícil, que no habria acometido, si no contara con la benevolencia de los lectores y el auxilio de tantos y tan grandes filósofos como han escrito sobre esta noble manifestacion de la personalidad humana.

¿Qué es el arte? Puesto que en ella vamos á ocuparnos, parece natural que empecemos por definirla; pero definirla es ya conocerla: ¿será lógico que empecemos por su definicion? La verdadera definicion del arte no puede ménos de ser la síntesis de nuestros estudios: ha de constituir, no el principio, sino el resultado de estos modestos artículos.

Pero hemos de dar á conocer el arte de algun modo. Examinaremos hoy su raiz, su orígen, su naturaleza y empezaremos á definirla. A esto circunscribiremos este primer artículo.

Entre los séres y los fenómenos de la naturaleza, entre las cualidades, los actos, las ideas y los sentimientos del hombre, entre los hechos de nuestra especie, no todos afectan de una misma manera nuestra sensibilidad. Los hay que nos impresionan dulce y agradablemente, y cautivan nuestros sentidos, y, suspendiendo la accion de los demas objetos, nos sumergen, por decirlo así, en un mar de deleite indefinible; los hay, por lo contrario, que nos disgustan, nos repelen, y quisiéramos hasta poder borrar de la memoria. Los hay tambien, que ni nos repelen ni nos encantan, pero sí nos imponen, bien por su grandeza, bien por sus efectos.

Nos cautiva el lago de verdes orillas en cuyas mansas aguas riela el sol y boga la frágil barca al alegre canto del marinero que la conduce; nos repele la turbia y fétida laguna cuyas tristes márgenes cubren escasos árboles de amarillentas hojas; nos impone la mar airada. Tipos que se acerquen á la Venus de Milo ó al Apolo de Belvedere nos detie-

nen y nos encantan; tipos como la Meguera del paganismo nos disgustan; tipos como el Júpiter de Fidias ó el Moisés de Miguel Angel nos anonadan y confunden. Nos seduce el casto beso de los primeros amores, nos disgustan, si no estamos aun corrompidos, la bacanal y la orgia; nos impone el heroismo del que, abrazando en su santo amor la humanidad entera, se precipita por salvarla á los abismos de la muerte. Al recorrer por fin la historia, nos paramos á la alborada de cada una de las ideas que han regenerado el mundo; nos apartamos con horror de las sangrientas hecatombes de la tiranía; nos sentimos sobrecogidos de respeto al dar con el sepulcro de héroes como los de Platea y Salamina.

¿Qué nos dicen ya estos hechos! Nos dicen que, pues los primeros objetos son tenidos universalmente por bellos, los segundos por feos y los últimos por sublimes, la belleza, como la sublimidad, están en las cosas y tienen por lo tanto un valor objetivo. Nos dicen ademas que, pues los hombres todos encontramos, cualquiera que sea nuestro grado de educacion, objetos que nos halagan y objetos que nos imponen, ya en la naturaleza, ya en nuestra misma especie, hay en nosotros una facultad de apreciar y sentir la sublimidad y la belleza, ó sea lo que llamamos sentimiento estético. Nos dicen, por fin, que pues el arte está generalmente considerado como la expresion de lo bello y lo sublime, el arte tiene su principio y su raiz en nosotros mismos.

Nosotros, efectivamente, apreciamos y sentimos todos, cuál más, cuál ménos, la sublimidad y la belleza; y con tal energía, que aspiramos pronto á realizarlas en nosotros y en cuanto nos rodea. Por el afan de parecer bello, ciñe el salvage su frente de una corona de plumas, echa sobre sus hombros los despojos de las fieras que ha muerto y pintorrajea su proprio cuerpo. Mucho ántes de pensar en vestirla, adorna con toscas joyas á la mujer que adora. Se esfuerza en orlar el vaso en que bebe y el carcaj en que guarda sus flechas. Y para satisfacer su sentimiento estético, pone no pocas veces á su servicio la misma naturaleza. Tiene su música, su canto, sus metros, sus altares, sus ídolos.

Dista aún el hombre de haber subido á un alto grado de civilizacion, cuando abre ya vastas montañas de granito para templo del Dios que ha creado en el fondo de su alma. Tardará aún siglos en conocer el arco vertebrado y la columna griega; y corta ya sin embargo en forma de cimbras sostenidas por inmensos pilares, las naves de tan grandiosos monumentos. Hondamente impresionado por sus gigantescos bosques, de ordinario los primeros altares de todos los pueblos, se afana por reproducirlos; y dando, sin saberlo, con los futuros elementos de la arquitectura, trasmite por sus templos el santo terror que la idea de Dios le inspira.

Adelanta en cultura, y se vá desarrollando su sentimiento estético. No abre ya templos; los levanta. Aplana las cimas de risueñas colinas, las rodea de calles de columnas, y asienta en ellas techumbres de cedro. Lejos de amar ya las grandes masas, los monumentos monolistas, divide sus obras. Asienta las columnas en bases orladas de filetes y molduras,

las corona de capiteles con hojas de acanto que se doblan graciosamente bajo el peso de los abacos, las estria para su mayor hermosura, corre sobre ellas entablamentos que divide en grandes fajas adornadas de bajos relieves, extiende sobre las cornisas el techo que oculta en las fachadas detras de ricos frontones; y al paso que admira y encanta al viajero por la elegancia de las formas, le impone por la grandeza de las líneas y la severa majestad del conjunto.

Ni se limita á construir monumentos. Reviste el duro mármol y el bronce de las formas que da su imaginacion y su piedad á sus héroes y á sus dioses, y llega en sus creaciones á dejar atras la misma naturaleza. Inventa ceremonias, fiestas, trages, y ora vaya á abrir el templo de la paz, ora marche al combate, se embellece y cubre de poesia todos sus actos.

¿Qué más repugnante que la guerra? ¿Conoceis con todo algo donde más se haya desenvuelto nuestro sentimiento estético? Que volvais los ojos á las edades pasadas, que los fijeis en nuestros mismos tiempos, los grandes ejércitos os seducen por su vistosa organizacion y os imponen por su fuerza. La simetría de sus movimientos, los variados colores de sus trages, las espadas que brillan y los cascos que relumbran á los rayos del sol como si fueran de fuego, las enseñas desplegadas al viento, los bélicos sonidos de sus trompetas y el relincho de sus caballos, el entusiasmo que anima esas masas vivientes, todo os cautiva y á la vez os conmueve, todo os acalora á la vez el corazon y la fantasía. Luchan esos ejércitos y los admirais: vuelven vencedores del campo de batalla, y les tejeis guirnaldas de flores y los haceis pasar por arcos de triunfo.

La facultad estética del hombre es tal, que da cuerpo á lo incorpóreo y poetiza hasta lo más prosáico: embellece y simboliza las instituciones, las creencias, las ideas, los deseos; ennoblece los más groseros deleites; da color al lenguage, vida á la muerte. En un principio destina principalmente el arte al culto de Dios y la patria; pero lo extiende despues á todo, y eleva á su rango la misma industria. ¿Qué tenemos hoy á nuestro rededor que no haya recibido más ó ménos los divinos toques del génio de la belleza?

Empieza nuestra facultad estética por ser meramente pasiva, y acaba ya lo veis, por ser una de nuestras más activas y poderosas fuerzas. ¿Es, sin embargo, idéntica en todos los hombres y en todos los pueblos? No lo es ninguna y esta ménos que las otras. Cambia de raza á raza, de individuo á individuo; cambia de grado á grado de civilizacion; cambia dentro de un mismo hombre, segun los diversos sentimientos y pasiones que le animan.

El pueblo romano jamás pudo elevarse al ideal del pueblo griego. La edad media no encontraba, ni en la antigüedad, ni en la naturaleza formas bastante puras para la expresion de su sentimiento. El hombre indiferente dista de ver el mundo con la poesía de que lo reviste el que siente palpitar el corazon de amor.

Vosotras, todas las que leeis este artículo, ó amais ó habreis ama-

do. Decid si no empezásteis por embellecer á vuestros ojos al sér que adorábais. No habeis contemplado en él un hombre, sino un dios. Y viendo luégo al través de la brillante aureola de que le habeis coronado el universo todo ¿no es verdad que el universo os ha parecido más bello?

Si llegásteis á tener la desgracia de perder al objeto de vuestros amores, sobrado lo recordareis, la muerte ha venido á aumentar aún vuestra facultad estética. La imágen del sér que perdísteis se os ha presentado más bella y más pura, y más bellos y puros han sido tambien vuestros sentimientos. ¿De que poesía no habeis cubierto entónces los objetos que de él os restaron: el rizo de sedosos cabellos que cortásteis á vuestro hijo, la flor ya marchita que recibisteis de vuestro amante, la carta en que os declaró la pasion que habiais dispertado en su pecho? El amor os hace entonces idólatras, es decir, artistas.

Engrandeced ahora este amor: suponed que en vez de sentirle por un hombre le sentís por la patria. Brilla en vosotras el fuego del entusiasmo, y dais con él color y vida á esa sociedad en que ántes no veiais sino un incoherente agregado de individuos. Os parecen bellas la bayoneta y la espada del soldado, pisais con santo respeto los campos de batalla en que pelearon vuestros padres, os inclinais ante el sepulcro de los héroes, y vosotras, madres, llegais á ofrecer en holocausto en los altares de la patria la sangre de vuestros propios hijos. Capaces sois entónces de decir al hijo que vuelve desarmado del combate: Qué has hecho de tu escudo? Vuelve con él ó muére.

Las nobles pasiones agrandan el sentimiento estético, y las bajas pasiones lo amenguan. Convertid el amor en voluptuosidad y caeis en la grosera realidad de la vida, Reemplazad el santo amor de la patria por la ambicion, y sustituís lo sublime por lo vulgar, el heroismo por la intriga. Dejaos avasallar del mezquino interés, y matais sin querer en vuestras almas todo sentimento de belleza.

¿Qué se deduce de esta otra série de hechos? Que si por una parte nuestra facultad estética crece con la cultura y no es igual en todos los hombres, ni en todos los pueblos, por otra llevamos todos en nosotros mismos los medios de fortalecerla, y la tenemos tanto más viva y enérgica, cuanto más hacemos prevalecer nuestros afectos sobre nuestros instintos y nuestro espíritu sobre la materia; que hay por lo tanto una estrecha relacion entre el sentimiento de la belleza y la bondadad de nuestros corazones, ó lo que es lo mismo, entre lo bello y lo bueno.

Crece tambien nuestra facultad estética al calor de la ciencia. Cuanto mas conocemos la naturaleza, tanta más hermosura descubrimos en sus esplendentes obras, tanto más comprendemos la misteriosa armonía que brota de su conjunto, tanto más nos inclinamos ante la fuerza que nos revelan sus incesantes creaciones y ante la fatalidad de sus leyes, tanto mas nos sentimos sumergidos en ese océano sin playas y sin fondo de lo infinito donde se nos pierde la imaginacion y se nos anonada el alma. Estudiamos la humanidad; y cuanto más la conocemos, tanto más tambien la amamos y la vemos sublime y bella. Esa civilizacion en que vi-

vimos es obra de las generaciones que pasaron; nuestros goces todos, todo nuestro bienestar obra es tambien de la generacion hoy desparramada por la haz de la tierra. Comprendemos al estudiar la humanidad que vivimos del sudor, del sacrificio, de la sangre de los hombres que fenecieron y de los que existen; y nos la presentamos, ya como la diosa de nuestros placeres, ya como la casta mártir de nuestras aspiraciones y deseos, ya como aquel Prometeo de la fábula que un buitre devora en las rocas del Cáucaso por habernos traido el fuego del cielo.

¿Se sigue, con todo, de aquí, que lo bello sea idéntico á lo bueno, ó como decia Platon, el resplandor de lo verdadero? ¡Qué de veces nos sentimos cautivados por séres que no conocemos y dominados é impuestos por fenómenos que no acertamos á explicar! ¡Qué de veces extraviados de los senderos de la vida nos sentimos arrebatados á mundos de luz y de poesía! Agrandan y depuran la bondad y la verdad el sentimiento estético; pero no son la condicion obligada de ese sentimiento. Son como el crisol para el oro: lo aquilatan, no lo forman, ni lo crean.

Mas ¿y el arte? se nos dirá tal vez. Habeis dicho que tiene su principio y raiz en el hombre mismo y lo creemos despues de demostrada la existencia y el desarrollo espontáneo de nuestra facultad estética; pero nos falta saber de dónde y cómo ha nacido, qué causas le han dado orígen.

Si nuestra facultad estética hubiese sido meramente pasiva, el arte habria sido imposible: lo bello y lo sublime habrian sido para nosotros una fuente ya de dulces, ya de grandes sensaciones, jamás motivo, ni materia de arte. Por ser nuestra facultad estética una actividad, una fuerza, el arte ha nacido casi con el primer hombre. Como actividad, no podia quedar satisfecha con la sóla contemplacion de lo bello: ha aspirado á realizarlo, y de aquí la arquitectura, la poesía, la escultura, la pintura, la música.

El hombre no encontraba además lo bello y lo sublime sólo en la naturaleza: lo encontraba en sus propias ideas, en las alucinaciones de sus sentidos y de su fantasía, en hechos que le impresionaban y desaparecian, sin dejar apénas huellas de su existencia, en formas y sonidos que se desvanecian ó se perdian, apénas nacidos, en el espacio. Sentia la necesidad de hacerse tangibles y permanentes esas ideas y esos fantasmas de su imaginacion acalorada, esos hechos que lleva en sus alas el tiempo, esas formas fugaces y esos más fugaces sonidos que arrebata el viento; y se hallaba arrastrado al arte por una de las más imperiosas necesidades de su vida.

Viéndose, finalmente, conducido por lo finito á lo infinito; por lo temporal á lo eterno, por lo contingente á lo necesario, por lo limitado á lo inmenso, por lo imperfecto á lo perfecto; lleno de la idea de Dios, en quien creia ver la antítesis de sí mismo y la del universo, aspiraba á traducirla y simbolizarla segun la habia creado en la fragua de su propia razon y su conciencia, y no sólo era artista, sino que tambien entraba en una de las más elevadas regiones del arte.

Nace, así, el arte, ante todo por la actividad de nuestro sentimiento estético, y luégo por la necesidad de satisfacerle y de dar permanencia y cuerpo á las formas bellas que pasan, á las ideas bellas que no tienen realidad en el mundo, á los séres, ya bellos, ya sublimes, que los sentidos no ven, y presienten la razon y la conciencia.

¿No es verdad que por ahí tenemos casi determinado al carácter y hasta el fin en sí del arte?

El arte, se ha dicho durante muchos siglos, es la imitacion de la naturaleza. ¿Es esto cierto? El arte imita realmente la naturaleza, y ¡ay de ella si no lo hiciese! Se amanera luego que pierde de vista el mundo de los sentidos. Mas busca y ha de buscar en la imitacion de la naturaleza sólo el medio de expresion de sus ideas: en cuanto hace de la imitacion su objeto, degenera y deja de ser arte. Si así no fuera, la fotografía seria el arte por excelencia. El que mejor copiara seria el mejor artista. El campo del arte se hallaria por otra parte reducido al mundo sensible. La historia, las ideas, las instituciones, las caprichosas creaciones de nuestra fantasía estarian fuera de sus límites. ¿Qué vendria á ser el arte?

Aun así, se dice, podria el arte tomar los séres en el apogeo de su belleza y dar consistencia á formas que en el mundo real duran breves instantes. Pero la fotografía podria tambien sorprender esos momentos fugaces de la belleza de los séres reales: ¿para qué el arte? Aun suponiendo además que la escultura, la pintura, la misma poesía pudiesen buscar en la naturaleza el objeto de sus obras, ¿dónde habian de encontrar sus modelos la arquitectura para monumentos como los de la antigüedad y la Edad Media, la música para los cantos inspirados de nuestros dias?

El arte debe ser, dicen otros, no la imitacion sino la perfeccion de la naturaleza. Esta teoria no agranda aún el campo del arte; pero le ennoblece. Examinémosle, sin embargo. Si el arte ha de perfeccionar la naturaleza, debe tener ideas superiores á las que pueden dar de sí los séres reales. Estamos entónces en pleno idealismo; y ya que le aceptemos ¿por qué hemos de dar una base sensualista al arte?

Ningun idealista ha caido en esta inconsecuencia. Todos, por lo contrario, han tendido á levantar el arte, no sólo sobre la naturaleza, sino tambien sobre casi todas las demás manifestaciones de la vida humana. Schelling la considera como una emanacion immediata de lo absoluto, como la continuadora de la creacion, como una fuerza creadora superior en mucho á la de la naturaleza. Hegel la mira como el esfuerzo por el cual el espíritu trata de realizar la idea pura bajo una forma sensible, y califica sus bellezas de tan superiores á las de la naturaleza como lo es el mundo del espíritu al mundo de los sentidos. Krause vé aún el arte al través de las ideas de Schelling, como Schelling y Hegel las veian al través de las de Platon, el primero de los idealistas.

Grandes y buenas cosas han escrito todos estos filósofos sobre el carácter del arte; ¿pero son tampoco sus ideas las nuestras? ¿Son exac-

tas? A fuerza de querer estos filosófos colocar el arte en la cumbre de la vida humana, han aspirado todos, cual más, cual ménos, á hacer de ella la hermana de la religion y la expresion del sentimiento religioso. El arte, dice Schelling, es el instrumento de los dioses, la revelacion de los divinos misterios, la realizacion de esa belleza increada cuya casta luz no ilumina mas que las almas puras. El arte, dice Hegel, es la más alta transfiguracion de la naturaleza como símbolo de la divinidad; por ella se realiza el espíritu de Dios en el mundo. La belleza, dice Krause, es la semejanza de lo finito con Dios, armonía orgánica segun la cual toda obra de arte debe ser un todo determinado en sí y armónico.

Durante siglos la religion ha inspirado, á no dudarlo, las grandes creaciones del arte. Durante siglos, y es más, la religion ha tenido á su exclusivo servicio las artes todas. La arquitectura le consagraba sus más bellos pensamientos; la escultura y la pintura esplayaban sus galas en el recinto de sus templos; la poesía la dedicaba sus cantos, y la música sumergia sus anchas y sombrías naves en torrentes de armonía. La religion era entónces la fuerza más viva y poderosa de la sociedad, y absorbia, no sólo el arte, sino tambien la ciencia. Dejaba oir su voz sobre la de los ejércitos y los reyes, y á su voz se humillaban los corazones y la razon callaba. ¿Qué de extraño que el arte fuera la expresion del sentimiento religioso?

Mas desde los primeros años de la Edad Moderna ese predominio fué cesando. Pueblos enteros protestaron contra la voz de la Iglesia; cabezas de reyes ungidos por los sacerdotes rodaron sobre las tablas del cadalso. La razon se sintió y se proclamó soberana; la filosofía se divorció públicamente de la ciencia de Dios, y la fé, cuando no se extinguió, se entibió en la conciencia de los pueblos.

El arte no fué, por cierto, la última en emanciparse del largo vasallaje del clero. La arquitectura perdió pronto sus formas y hasta su espíritu religioso. La escultura volvió por el estudio de la antigüedad al culto de la naturaleza. La pintura voló con indiferencia del firmamento cristiano al olimpo griego, y resucitó los dioses del paganismo. La poesía dejó el casto amor de la esposa de Cristo por el no ménos casto de la esposa del hombre, y el silencioso templo de Dios por el ruidoso teatro de la vida humana. La música, fué, por fin, á derramar sobre las profanas muchedumbres sus armónicos cantos.

Esa emancipacion está verificada hace tiempo: las creencias están hace tiempo muertas. Nada ménos que tres siglos de revoluciones nos separan del último periodo religioso. ¿Cómo ha de poderse pretender aún que el arte sea el instrumento de los dioses?

El pensamiento de Schelling ha prevalecido durante algun tiempo en Europa. Ved las obras que ha producido. Falto el artista de verdadera fé, ha perdido toda espontaneidad, y hasta la forma ha debido tomar del arte de la Edad Media. Ha falseado esa misma forma y no ha llegado nunca al fondo del arte cristiana. Apénas si la comprende.

Aun cuando estuviesen vivas las antiguas creencias, ¿qué razon ha-

bria además para encerrar el arte en el firmamento, ni en el olimpo? ¿No está acaso la belleza en todas partes, y no la tiene el hombre á raudales en su alma para derramarla sobre la misma naturaleza?

Todas estas apreciaciones que impugno, tienen, con todo, algo de ciertas. El arte imita verdaderamente la naturaleza, no reproduciéndola, pero sí realizando, como ella, las ideas eternas. Las realiza en un grado superior de perfeccion, ¿mas de donde arranca sino de la naturaleza misma para darles forma? Parte de la naturaleza para elevarse á formas más bellas y más puras, y con esto no hace, en rigor, sino aumentar la realidad de las ideas. Por esto ha podido decir Kant que la perfeccion no es más que una vuelta á la naturaleza. Por esto ha podido decir Juan Pablo que el arte es la expresion de las ideas por la imitacion del mundo sensible.

El arte, tienen por otra parte razon los idealistas, ó no es nada ó es una segunda creacion donde se unifican la idea y la forma. Pero esta unidad, ¿no cabe acaso establecerla entre todas las ideas y todas las formas posibles? ¿Esta unidad no cabe buscarla, tanto dentro de los límites del mundo sensible, como dentro de los del mundo de las ideas? Como cabe dar forma á las ideas áun no realizadas, ¿no cabe acaso trasfigurar la naturaleza y la historia á la luz de las ideas de que han nacido?

El arte, lo habeis visto ya, tiene su principio y su raiz en nosotros mismos: descansa en la facultad estética que más ó ménos existe en todos los hombres. Activa esta facultad, tiende á embellecerlo todo: los séres como los fenómenos; lo real como lo abstracto, lo finito como lo infinito. Se eleva al efecto, á la idea, y tiende á revestirla siempre de formas infinitamente más bellas y acabadas que la naturaleza. Parte, sin embargo, de la naturaleza, porque sólo así se hace inteligible y no cae en el capricho, ni en la manera. ¿Qué es pues el arte?

Para nosotros la traduccion de las ideas bajo formas que, sin dejar de ser las de la naturaleza, son más acabadas y satisfacen nuestro sentimiento estético. Las ideas todas caen bajo su dominio y no hay para ella playas, ni límites.

La definicion, ¿es así completa? Está definido el arte en sí, pero no el arte con relacion á los destinos de la especie humana. Completaremos la definicion en otro artículo.

F. Pí y Margall.

O CRIME DO PADRE AMARO

I

Era em Leiria. Começava então a construir-se a estrada da Figueira: o velho passadiço de pau, sobre a ribeira do Liz, tinha sido destruido, e já se passava sobre a ponte nova, baixa, com dois arcos de pedra fortes, atarracados e largos. Para diante revolvia-se ainda o terreno, desbastavam-se os silvados, esboroavam-se monturos de saibro, e a espaços erguiam-se os montes de cascalho; com os seus grandes chapeus desabados os calceteiros britavam o calhau, e viam-se os grossos cylindros de pedra que acamam e recalcam os macadams, um pouco enterrados na terra negra com as ultimas chuvas de maio.

Sobre a ponte a paysagem é larga e d'alta respiração. Para o lado do interior, d'onde o rio vem, elevam-se collinas baixas cobertas das ramas verde-negras dos pinheiros, ou, a espaços, escalvadas, onde fazem nodoa as grandes amarellidões dos saibros: em baixo, na espessura dos arvoredos, estão os casaes. A's vezes n'uma clareira, ao sol, uma parede branca e caiada destaca-se na clara tranquillidade das tardes, e esbatem-se no ar os fumos esbranquiçados das lareiras. Da banda da cidade, que é tambem a do mar, para onde o rio vae entre dois renques de salgueiros esguios e pallidos, estende-se até aos primeiros areaes o campo de Leiria, verde, fecundo com o aspecto das aguas abundantes e batido da larga luz. Da cidade veem-se apenas alguns telhados negros, as cantarias pardas, pezadas e jesuiticas da Sé, o muro do cemiterio coberto de parietarias, deixando ver as pontas agudas dos cyprestes; e sobre o seu escuro monte, revolvido e duro, ourissado de vegetações rebeldes, estão as ruinas do castello, destacando em negro, quadradas, com um grande ar historico.

Ao fim da ponte uma pequena rampa desce para a alameda á beira do rio. Ha ali arvores antigas; e o chão baixo, ao abrigo dos ventos in-

quietos, tem quasi sempre uma camada amarella e pisada de folhas seccas. Duas velhas mós de moinho, esquecidas alli, esverdeam-se de musgos. A alameda é curta, e acaba n'um caminho estreito, vincado das rodas dos carros, que leva para os campos e para as fazendas distantes, apertado e quasi escondido entre as duas altas sebes de relva: é a azinhaga. Do outro lado do rio, defronte da alameda, são campos cultivados, que chegam quasi junto d'agua: apenas um pequenino caminho, negro, humido, lodoso, com hervas pobres que agita a palpitação da corrente segue rente do silvado que fecha as culturas, ao longo do rio. Por alli, em Junho, uma tarde, ainda na luz vigorosa, caminhavam de vagar, com o seu passo poderoso e tranquillo, duas grandes vaccas. Guardava-as com uma vergasta uma rapariga de dez annos: era esguia, magrinha, com sardas, um lenço vermelho na cabeça d'onde cahiam felpas esguedelhadas e seccas, os hombros com saliencias d'ossos, um colete desbotado d'atacador e uma saínha curta. A agoa ia clara, n'uma toalha delgada e vagarosa; pedaços d'area em secco reluziam; e o rio arrastava-se com um marulho doce todo enrugado do roçar dos seixos; e os arcos estendiam n'agoa a sua sombra macissa. O ar estava immovel, penetrado de luz; nos campos viam-se ás vezes entre os milhos, os chapeus negros, as brancuras de camisas que se moviam. Os passaros chilreavam: e como havia alli madresilvas, ainda áquella hora as borboletas brancas, aos pares, esvoaçavam palpitando. Sentia-se a grande distancia um tambor. A estrada estava solitaria: um ou outro homem vinha da cidade montado na sua egoa, direito, de jaqueta ao hombro, o cajado entalado entre a perna e o albardão coberto com uma pelle de cabra, trotando n'um choito indolente para o lado das freguezias... e ainda todo o ceu tinha a cor d'uma velha porcelana azul. As vaccas tinham parado com a cabeça erguida, derramando em roda o seu olhar tranquillo, e a rapariga procurava as amoras que já começavam a escurecer nas sebes, quando um rapaz de onze annos que viera pela azinhaga, parou á beira da agoa, com uma canastra de herva á cabeça, e umas compridas calças azuladas que arrastavam.

—Oh Farrusca, gritou elle, passa para cá com as vaccas.

—Passa tu, disse a rapariga com a sua vósinha arrastada e fanhosa.

O rapaz arregaçou as calças, e com um grande ruido da agua, chapinhando, com as pernas muito abertas, ia atravessar segurando com os braços esticados a canastra. Mas com a rumor, as vaccas que iam entrar no rio a beber, voltaram para o carreiro com um movimento brusco, as carnes tremulas, balouçando a papeira.

—Deixa beber as vaccas, rapaz, gritou a rapariga, com uma voz acre e aguda. Eh malhada!

O rapaz voltou para a alameda, pousou a canastra e com as calças arregaçadas, as canellas brancas e delgadas, as mãos nos bolsos, e o barrete azul enterrado na cabeça, dizia-lhe:

—Então passa tu, Farrusca, corta ao atalho... anda!

A pequena gritava ás vaccas que iam voltando á agoa, e que estendendo o pescoço pellado da canga, bebiam de leve, vagarosamente, sem

ruido. A espaços erguiam a cabeça lentamente, olhando com a passiva tranquillidade dos seres fartos, e fios d'agoa, babados, claros, brilhantes á luz, pendiam dos cantos do focinho. Ficavam assim olhando vagamente, davam outro passo indolente procurando o fio da corrente, com uma perna estendida, tornavam a beber, roçando a agua ao arrepio, e a sua sombra corpulenta tremia na fina enrugação da agua.

—Depois passa para cá, dizia sempre o rapaz.

—Passa tu.

—Olha a casmurra! E p'ra subir p'rá estrada?

—Vou lá para a estrada!

—Estou-te a dizer: cortas pelo atalho!

—Passa tu.

O rapaz tornou a entrar na agoa, segurando com as mãos as calças que se desarregaçavam e cahiam. Mas com o ruido, as vaccas voltaram outra vez devagar, com a cabeça baixa, batendo a cauda...

—Deixa beber as vaccas, rapaz! — E como elle, continuava chapinhando e resmungando: —Deixa beber as vaccas rapaz! — gritava quasi chorando a rapariga.

O rapaz parou.

—Olha a sarna! disse elle; e a grandes passos, com as pernas muito abertas saltou para a alameda, poz a canastra á cabeça ageitando-a, e ia-se pela rampa todo callado.

—Oh *Moriço*, espera que eu enxoto para lá, gritou-lhe a rapariga, espera lá *Moriço!*

—Adeusinho, disse elle, subindo sempre a rampa, e a cada momento voltava-se resmungando-lhe: Casmurra!

—Oh *Moriço*, espera! e toda apressada, atirava ás vaccas. Espera *Moriço!*

O rapaz pousou a canastra, esperando.

A pequena tinha entalado as saias nos joelhos, e com as suas perninhas brancas e finas, cortava a agua baixa, devagarinho, fallando ás vaccas. Com a inclinação do sol a agoa perdia a sua claridade espelhada e estendiam-se mais as sombras dos arcos da ponte. Os passaros chilreavam por todas as arvores. Pela estrada começava a passar gente na volta do trabalho. Então entrou na alameda, sahindo da estreita azinhaga, um homem a cavallo: era grosso, com o pescoço curto, os hombros subidos, o rosto trigueiro carnudo e avermelhado, e os beiços grossos. Parecia dormitar. Trazia um chapeu desabado, uma quinzena curta, e os seus largos pés, calçados com botas cheias de rugas, de canos vermelhos, assentavam pesadamente nos estribos de pau. A egoa era branca, com a clina cortada, um passo curto, e ao entrar na alameda relinchou fortemente.

—Chó! disse o homem espertando. E as vaccas, enxotadas pela Farrusca, quasi ao pé da alameda, estacaram. A pequena gritava: —Eh! *malhada!* eh! — As vaccas paradas olhavam.

—Espera lá, espera lá, disse o rapaz, e com uma pedra na mão, entrou na agoa correndo.

—Não atires, *Moriço!* Mas a pedra tinha acertado no lombo da *malhada* ao pé do pescoço, mesmo em cheio.

A vacca assustou-se e fugiu para a alameda n'um largo passo, manso e pesado.

O *Moriço* correu para a cercar, gritando:

—Eh! eh!

Mas então a egoa branca que vinha, recuou, deu um salto de repellão e o homem destribou-se, oscillou pesadamente, e foi cahir com um som baço sobre as mós de moinho, onde ficou espapado de bruços, com os braços abertos, e um fio de sangue escuro, delgado, que escorria pela pedra, e cahiu gota a gota no chão.

O pequeno atirou-se á estrada, gritando. Dois trabalhadores que passavam correram:

—Que é lá? que é lá? E um, forte e espadaudo, ergueu o homem por debaixo dos braços: o corpo ficou todo pendente, descaido, e os fios de sangue escuro corriam-lhe pela cara.

—Queres tu ver!? Ai que é o sr. parocho!

E então tinham vindo os britadores da estrada, as mulheres que levam o saibro. O apontador das obras, um loiro de bonet de oleado e oculos azues, amarrou-lhe um lenço em torno da testa. Um velho appareceu logo, em mangas de camisa, todo esbaforido, com uma escada curta: estenderam-lhe em cima uma manta velha e a tampa d'uma canastra, e estiraram o corpo do parocho, hirto, com o seu ventre proeminente, a camisa ensanguentada, o rosto amarello com nodoas roxas, os labios cheios d'uma espuma sanguinea; e em quanto os dois homens o levavam como n'uma maca, quasi correndo, os seus dois braços pendiam, com as mãos lividas, polpudas e cheias de cabellos.

A tarde esmorecia, e o poente inflammava-se, com grandes laivos escarlates. Acabavam os trabalhos e, recolhendo, pelos estreitos caminhos dos casaes, e das freguezias, com a jaqueta ao hombro, a enxada ás costas, as mulheres levando os farneis, ia áquella gente espalhando pelas portas, a historia da morte do parocho.

No emtanto tinham conduzido o corpo á botica ao pé da Sé.

—Foi apoplexia, disse o Carlos, o boticario: está prompto!

Arregaçou-lhe a manga e ainda lhe picou a veia com a lanceta, mas formou-se uma gota quasi coalhada e negra, e o golpe arrocheou-se.

—Está morto, resumiu o boticario.

Á porta entre a gente que se juntára n'uma curiosidade assustada, os trabalhadores, aterrados, escorrendo em suor, contavam a uma velha cheia de *ais* que perguntava, encolhendo-se e dobrando-se no seu chaile preto, *quem o tinha matado;* e já era noite quando se ouviu o sino grande tocar vagarosamente o dobre.

Assim ficou vaga a parochia da Sé.

II

Foi pouca gente ao enterro do parocho. Em Leiria ninguem o estimava. Tinha a voz brusca e plebea, e o temperamento impetuoso e acre. Os pobres voltavam sempre, ralhando e murmurando, da sua porta fechada. As devotas temiam-no: e quando iam com voz penitente fallar-lhe de peccados e de escrupulos, resmungava sempre apressado:

—Outra occasião, sanctinha, outra occasião.

Tinha sido mestre de latim até 46; e os novos lembravam os seus asperos gritos quando ouvia syllabar Virgilio, e as severidades tyrannicas da escola.

Era pobre, vivia n'uma casa sua, desconfortada e escura, ao pé do quartel; tinha uma creada velha e um cão, o *Joli*. O seu amigo unico era o chantre Valladares, que governava então o bispado, por que o sr. bispo D. Joaquim, havia alguns annos, que gemia o seu rheumatismo, n'uma quinta do alto Minho.

O chantre quiz ir aspergir-lhe a cova — e como era elle que fornecia o parocho de rapé—disse ao conego Campos, ao deitar sobre o caixão, segundo o velho ritual, um pequeno torrão de terra:

—É a ultima pitada que lhe dou.

No adro, os srs. conegos do cabido, riam ainda com esta graça do sr. governador do bispado: o conego Campos, contou-a á noite ao chá em casa do deputado Novaes: as senhoras idosas tinham então exaltado as virtudes do chantre—e affirmava-se com respeito, *que sua ex.ª tinha muita pilheria!*

Dois dias depois do enterro appareceu, errando pela praça e ganindo, o cão do parocho, o Joli: soube-se que a antiga creada d'elle entrara, com uma febre, no hospital: a casa fôra fechada e o cão abandonado, velho, gemia a sua fome pelos portaes: era um gozo pequeno, com o pello encanecido, extremamente gordo, as pernas arqueadas e curtas e todo tropego: e como tinha uma ferida e não cheirava bem, enxotavão-n'o. Com o habito das batinas, e avido d'um dono, o *Joli* sempre que via um padre, punha-se a seguil-o arrastadamente, e ganindo, baixo, com uma asthma lastimosa. Mas nenhum o queria, davão-lhe com as ponteiras de ferro dos guardas soes — e o *Joli* como um pretendente, ficava a uivar. Uma manhã o *Joli* appareceu morto ao pé da Mesericordia: esteve alli dois dias a apodrentar, todo enxames de moscardos sobre a roxa pustulação das feridas: —uma carroça de estrume levou-o: e como o cão desappareceu da praça onde dormia ao sol e tremia a sua velhice, o parocho José Miguel foi definitivamente esquecido.

Dois mezes depois, soube-se em Leiria que estava nomeado o novo parocho. Dizia-se que era um homem extremamente novo, sahido apenas do seminario; attribuia-se a sua escolha a influencias politicas: e o jornal de Leiria, *A voz do Districto*, fallou com pompa, citando o Golgotha, em favoritismo da côrte e na *reacção clerical*. O seu nome era Amaro Vici-

ra. Alguns padres tinham-se escandalisado lendo o artigo: fallava-se n'isso acremente deante do sr. *chantre:* era á tarde, nos terrassos do paço, depois do café:

—Não, não, lá que o homem tem padrinhos, isso tem — disse o sr. chantre passeando a sua pesada corpolencia, com as lapellas do seu casaco de linho todas deitadas para traz—a mim quem me escreveu para confirmação foi o Brito Corrêa. —Brito Corrêa era então ministro da justiça.—O homem tem padrinhos.

Em Leiria só uma pessoa conhecia o parocho novo: era o sr. conego Dias, — que fora nos primeiros annos do seminario seu mestre de moral. O conego dizia que no seu tempo, o parocho era um rapaz fransino, um pouco corcovado, acanhado, com os olhos pisados, a cara cheia de espinhas carnaes — minucioso nos estudos, passivo na obediencia.

—Parece que o estou a ver, dizia elle na botica do Carlos, com uma batinita muito coçada, cara de quem tem lombrigas.... Ha que tempos isto vae!

O conego Dias não era sympathico aos liberaes de Leiria. Era um homem redondo e baixo, com um ventre saliente que lhe enchia a batina, as pernas curtas e esguias, e fortemente pousado n'uns pés chatos onde reluziam as fivellas: a cara era molle e cheia, d'um pallido baço, as olheiras papudas, e o beiço descahido e espesso — e todo o seu aspecto, com um cabellinho curto grisalho, fazia pensar nas velhas anedoctas de frades lascivos, enfartados de peccado.

O tio Praticio, o *Antigo*, negociante da praça, que fora da revolução de 20, e que quando passava pelos padres rosnava como um velho cão de fila, dizia sempre quando o via atravessar a praça, pesado e ruminando a digestão, encostado ao seu guarda-chuva:

—Que maroto! Parece mesmo D. João VI.

O conego vivia só com uma irmã velha, a sr.ª D. Josepha Dias e uma creada que todos conheciam em Leiria, sempre entrouxada n'um chale castanho, arrastando as chinellas d'ourello, e desfiando as camandulas negras do seu rosario. O sr. conego Dias, tinha ao pé de Leiria propriedades arrendadas: dava ás vezes jantares com perú: e tinha reputação o seu vinho *duque* de 1815.

Era nos fins d'agosto, e em algumas fazendas começava já a primeira apanha da *azeitona:* n'esse dia as pessoas, que de tarde iam para os Marrases tinham sentido, ao passar na estrada nova, repiques na sé. O sr. parocho novo devia chegar pela deligencia de Chão de Maçans. A deligencia trazia o correio e chegava depois das 7 horas. O conego Dias e o coadjutor tinham ido esperar o parocho, e passeavam monotonamente defronte do chafariz. Áquella hora o largo, no pardo claro do crespusculo, é vivo: os caixeiros, em cabello, esperam, na deligencia, as encomendas, caixas, os *Diarios de Noticias:* e garotos, á espreita de mallas ou passageiros, encostam-se tranquillamente ao muro da ponte, com as mãos cruzadas de traz das costas, o barrete sobre os olhos, a cara escavada, o aspecto avinhado, rotos e chupando o cigarro. O chafariz está

cheio do ruido das creadas; a agoa cae sonoramente, os cantaros arrastam sobre a pedra: os soldados com a sua fardeta suja, as enormes botas cambadas, namoram em redor, meneando a chibata de junco; sente-se o agudo ralhar das velhas; ha desordens: e com o seu cantaro bojudo de barro, equilibrado á cabeça sobre a rodilha, as creadas vão-se, aos pares meneando os quadris: algumas paradas, o cantaro vasio atravessado sobre a cabeça, tem com os rapazes de officio conversas abafadas: as lavadeiras passam, com as suas trouxas brancas; e os officiaes ociosos, com a farda desapertada sobre o estomago, encostados ás bengalas, conversam, esperando, *a ver quem vem*. No entanto defronte allumiam-se uma a uma, d'uma luz soturna, as janellas do hospital. Já tinha anoitecido, quando a deligencia com as lanternas accesas, com um *tilintar* saccudido dos caixilhos de vidro, entrou na ponte, no trote esgalgado dos seus magros cavallos brancos, e veio parar adiante do chafariz, por baixo da estalagem do Cruz. Ficou logo cercada de gente. O moço de cavallariça desatrelava-a; o tio Baptista, o patrão, com o cachimbo negro ao canto da boca, mandava descer as mallas, praguejando tranquillamente: vozes impacientes pediam as encomendas, os jornaes: — um coxo resmungava padres nossos, saltando sobre a sua moleta: e um homem, que vinha na almofada, ao pé do cocheiro, de chapeu, um comprido capote ecclesiastico e um guarda chuva, desceu cautellosamente agarrando-se ás guardas de ferro dos assentos, bateu com os pés no chão para desenturpecer, e olhou em redor.

—Oh Amaro, disse-lhe o conego! oh ladrão.

—Oh *padre mestre*, disse o outro, com alegria. E abraçaram-se, em quanto o coadjutor, todo curvado, tinha o barrete na mão. Era o parocho.

E d'ahi a pouco, as pessoas que estavam nas lojas, viram atravessar a praça, entre a corpulencia vagarosa do conego Dias, e a figura esguia do coadjutor, um homem um pouco curvado, com um capote de padre e um chapeu alto. O João Bicha levava adiante um bahu e um sacco de noite, e como áquella hora já estava um pouco bebado, ia cantarolando o *Bemdito*.

O parocho vinha fatigado e a cidade parecia-lhe triste. Eram 9 horas, a noite cerrara. As casas em redor da praça tinham as janellas fechadas; das lojas debaixo da arcada, vinha uma luz escassa e somnolenta: viam-se sobre os balcões os candieiros de petroleo amortecidos, e figuras d'aspectos enfastiados. As ruas que vinham dar á praça entreviam-se estreitas, turtuosas, apertadas entre altas casas cheias de sombra, e a espaços um candieiro de vidro baço, fazia reluzir vagamente em baixo, a humidade das immundicies: a um canto da praça, n'uma taberna que ainda estava aberta, uma fumaraça parda sahia do peixe. Na pharmacia, ao meio da praça, destacavam-se á porta, na luz, vultos de chapeu alto; e o sino da Sé dava vagorosamente o toque das almas.

No entretanto o conego Dias, ia explicando ao parocho a casa que lhe arranjara: para viver só, não encontrára nada conveniente:

—E depois creada, roupas, *et caetera!* Era o diabo para você.

Por isso tomara-lhe um quarto, em casa d'uma mulher viuva que recebia hospedes: era a sr.ª Augusta Caminha, natural de S. João da Foz, e chamavam-lhe a *S. Joanneira*. O secretario geral estivera lá: e o conego mostrava-a como uma mulher temente a Deus, accada, de boas contas, economica e cheia de condescendencias.

—Você está alli como em sua casa.—Boas noites sr. Vasco—era um homem que ia passando, com um chaile-manta, chapeu desabado, e que vendo um padre novo ficara voltado a reparar.—É cá o nosso recebedor, disse o conego.—Você tem cosido, prato de meio, o seu café....

—E preço? hein! disse o parocho.

—Um crusado. Que diabo! Tem um quarto, tem uma saleta. Ha uma saleta, não ha?—disse voltando-se para o coadjutor.

—Uma rica saleta, respondeu o coadjutor, com a sua voz de timbre invejoso.

—E é longe da Sé perguntava Amaro.

—Dois passos. Pode-se ir dizer missa de chinellos.—O coadjutor tossiu.—Na casa ha uma rapariga, continuou com a sua voz pausada o conego Dias. É a filha da S. Joanneira. Uma rapariga de 22 annos. Bonita. Sua pontinha de genio.

E explicava a casa, as suas commodidades, que era bem arejada, o cano da cosinha não deitava cheiro, tinha cavallariça....

—É aqui disse elle, batendo na aldraba d'uma porta. Era uma casa de dois andares: no primeiro duas varandas de ferro, d'aspecto antigo, faziam saliencia com os seus arbustos de alecrim que se arredondavam em caixas de madeira: as janellas de cima, pequeninas eram de peitoril, e a parede não era lisa, e pelas suas irregularidades fazia lembrar uma lata amolgada. A rua era estreita, lageada, com casas pobres; sentia-se um piar agudo. Amaro notou, escutando....

—Ah! são as corujas na misericordia: e o conego mostrava com o guarda-chuva, ao fim da rua, as altas paredes de um edificio velho, de construção de D. Maria I.

Mas abriram a porta e a sr.ª Augusta Caminha estava no alto da escada: uma creada, enfesada, cheia de tosse, de aspecto pasmado, allumiava, com um candieiro de petroleo: e a S. Joanneira destacava plenamente, na luz sobre a parede: era uma pessoa gorda e branca, e os seus olhos pretos tinham em roda a pelle engilhada e pisada; a carne era abundante e molle,—e tinha uns cabellos arrepiados, já um pouco raros e com fios brancos aos cantos da testa e no começo da risca: trazia uma fita escarlate.

—Ora aqui tem a senhora o seu hospede—disse o conego, subindo.

—Muita honra, em receber o sr. parocho!—muita honra! Ha de vir muito cançado por força,—dizia ella com a sua voz fina, carregando nos RR.

Na saleta João Bicha, com o barrete na mão, os cabellos esguedelhados, nodoas avermelhadas na cara, em farrapos, os olhos piscos da luz esperava ao pé da bagagem.

O parocho remechcu no bolso das calças.

—Deixe estar sr. parocho, deixe estar, eu cá pago, accudiu o conego.

E os dois padres, entraram para uma sala pequena caiada de amarello. Um canapé de palhinha, estava encostado á parede, e por cima, aos cantos, na cal, á altura da cabeça, tinham ficado os vestigios roçados do oleo dos cabellos: no meio estava aberta uma mesa forrada de baeta verde, com um cofre feito de conchas.

—É a sua sala, — disse a S. Joanneira entrando. Para receber, para espairecer....

—Aqui — disse abrindo uma porta — é o seu quarto — uma comoda, o seu guarda roupa: e abria as gavetas da comoda, gababa a cama, battendo a elasticidade dos colxões, e ageitava a travesseirinha com fronha de renda.

—Uma campainha para chamar sempre que queira.

O parocho tinha pendurado o capote n'um cabide.

A S. Joanneira explicava:

—As chavinhas da comoda, tem-n'as aqui. Se gosta de travesseirinho mais alto.... Tem uma coberta só, mas querendo....

—Está bem, está bem, minha senhora.

—É pedir! o que ha, da melhor vontade.... E contra os seus habitos taciturnos e passivos, desfazia-se em palavras, em cumprimentos.

—Olhe que elle deve vir cheio de fome, senhora, interrompeu o conego.

—É um instantinho. Está a mesa posta.

—Vá, apressar a *Russa*, vá.

A S. Joanneira, cruzou lastimosamente os braços.

—Ah d'isso, é que nós estamos muito mal! de creadas, é uma terra em que se não pilha uma em termos.

E sahio, subindo pela escada proxima.

—Vá Russa, vá mexe-te — e sentiam-se na salla do jantar os seus sapatos com um rangido, pisarem fortemente o soalho.

—É contentar, meu rico, é contentar. — Foi o que se poude arranjar.

—Eu estou bem em toda a parte, disse o parocho, calçando os seus chinellos d'ourello — olha o seminario....

—É verdade, oh Amaro, aquelle caldo!

—É verdade, é verdade — e rindo passeavam na sala. Mas o padre Amaro, parou escutando.

—Que é aquillo, disse elle. Ouvia-se o tocar de cornetas na praça.

—É ás 9 e meia: o toque de recolher.

Amaro abrio a vidraça da salla e com as mãos no ferro da varanda, olhou. Ao fim da rua, um candieiro esmorecia: a noite negra parecia alargar-se n'um silencio concavo: só a espaços, um piar de coruja vinha das paredes da misericordia: o som das cornetas cessara, e o rufar lento dos tambores affastava-se; mas o som agudo das cornetas recomeçou, e por baixo da janella um soldado passou correndo.

—É triste isto, disse Amaro.

—Póde subir sr. Conego, disse de cima, a S. Joanneira.

—Vá, vá, que você deve estar a cahir de fome, Amaro.

E fallando da jornada, iam subindo—e o conego appoiava-se ao corremão, com os seus cançassos asthmaticos. A creada allumiava de cima.

Mas logo no meio da sala de jantar, larga, forrada de papel escuro, a claridade da mesa alegrava: á luz forte d'um candieiro, com abat-jour, a toalha branca e fria, a louça de porcelana e os copos reluziam: — da terrina exhalava-se um vapor do caldo quente, e na larga travessa, a galinha gorda, affogada n'um arroz humido e branco, com um naco de paio avermelhado, dava a sensação do conforto, d'um bem estar dilatado, d'uma vida succulenta e farta que faz engordar. Havia um armario envidraçado, na sombra, onde se viam as côres claras da louça, e a um canto, ao pé da janella, estava um piano coberto com uma colxa de setim desbotado. Sentia-se frigir na cosinha: e sob o contentamento da comodidade, o parocho esfregava as mãos.

—Para aqui sr. parocho, para aqui, dizia a S. Joanneira, d'ahi pode-lhe vir frio. E arredava-lhe a cadeira, empurrando para junto d'elle com a ponta do sapato um caixão de arca, para os escarros e as pontas dos cigarros.

O conego tinha-se sentado, com um *ah*.... satisfeito.

—O sr. conego toma um copinho de gelea,—sim? disse a S. Joanneira. — Mexe-te rapariga.

—Para fazer companhia; vá lá: disse o conego desdobrando o guardanapo, que, punha ao pescoço, como um *bibe:* e a S. Joanneira atou-lhe por traz as duas pontas.

—Sim senhor, sim senhor, dizia elle — e olhava para Amaro.

—O parocho, com a cabeça sobre o prato, comia em silencio o seu caldo, soprando a colher. Estava salientemente na luz: da volta apertada e alta, sahia a sua cabeça, pequena, com um cabello preto, cortado, onde destacava a corôa: era pallido, a pelle tinha um aspecto fino, o nariz aquelino e curto, e os seus olhos pretos e grandes, com pestanas compridas,—mostravam o seu temperamento sensivel, inquieto e curioso.

O conego não o via desde o seminario: achava-o mais forte, mais viril!

—Você era enfezadito....

—Foi o ar da serra, dizia o parocho, com uma perna da galinha na mão — fez-me bem. E contava ao conego a sua estada n'uma freguesia da alta Beira, nas asperezas da serra. O conego deitava-lhe vinho d'alto, fazendo espuma.

—Beba, homem!

Fallavam então do Seminario, da escassez do refeitorio, do mestre de canto.

—Que seria feito do Costa? dizia o conego.

—E do Carocho?—Riam:—E o reitor! e o porteiro!

E bebendo, dilatados na alegria das recordações, contavam as historias esquecidas.

A S. Joanneira, sentada, sem comer, servia o parocho, apressava a creada.

— Mexe-te, rapariga, mexe-te.

A creada corria com os pratos um pouco erguidos, e das suas saias, rapidamente saccudidas, vinha um cheiro de chita tingida e de lavagens gordurosas.

Tinha vindo um prato covo, com maçãs assadas, e um molho d'assucar.

— Viva! Não, lá n'isso tambem eu entro — disse o conego, e preparou-se limpando com a ponta do guardanapo o seu prato, e fazendo á luz reluzir a porcelana. — E elogiava a S. Joanneira, que se ergueu para ir buscar colheres,—dizia a sua economia, o aceio da sua cozinha e a sua devoção.

Ella ria-se: viam-se os seus dois dentes de deante, grandes e chumbados. E battendo-lhe nas costas com a mão gorda e carnuda:

— Isto é um santo, sr. parocho, isto é um santo. — Ai, devo-lhe muitos favores.

— Deixe fallar, deixe fallar, disse o conego. — Mas um grande contentamento clareava-lhe o aspecto.

E a S. Joanneira foi ao armario, trouxe uma garrafa de vinho do Porto com letreiro escarlate.

— Olhe que ainda é dos annos da Amelia, sr. conego — disse ella, erguendo o *abat-jour* e pondo a garrafa á luz, para mostrar a côr transparente e opalica do vinho.

— Viva! viva! disse elle. — E' verdade, onde está ella, a pequena?

— Foi ao Morenal com a D. Maria. Aquillo, naturalmente foram para casa das Gansosos passar a noite.

— Olhe que cá esta senhora é proprietaria, explicava o conego, fallando do *Morenal*. E' um condado! Aqui onde a vê!

— Ah, sr. parocho, dizia a S. Joanneira, deixe fallar. Ora? é uma nesga de terra! E fallava das difficuldades da cultura, da altura das decimas. Conversavam então sobre os generos. O conego Dias, proprietario, explicava o rendimento das terras, bebendo o seu vinho aos goles. Sim senhor, boa gota! — No entanto a creada, encostada á parede, esperava, e ás vezes vinham-lhe as afflicções da tosse.

— Vae, vae tossir lá p'ra dentro, rapariga, disse a S. Joanneira. A *Russa* saiu, pondo o avental sobre a bocca, toda suffocada.

— Parece doente, coitada, disse o parocho.

E a S. Joanneira explicava que *aquella creatura* era sua afilhada, orphã, estava quasi phthisica e tinha-a tomado por piedade.

— E tambem, por que a creada que cá tinha adoeceu.

Fallaram então de doenças, de sesões do campo, dos ares de Leiria. Eu agora, dizia o padre Amaro, louvado seja nosso Senhor Jesus Christo, tenho saude, tenho, e fazia um rosto modesto.

— Ai, nosso Senhor lh'a conserve, que nem sabe o bem que é! — exclamava a S. Joanneira, e contou então a sua desgraça: tinha uma irmã idiota, havia dez annos: não saía da cama; tinha quasi seteuta; era a mais velha, mas no inverno viera-lhe um catharro, e desde então extinguia-se.

— Ha bocado, ao fim da tarde, teve ella um ataque de tosse! Pensei que se ia embora. Agora descançou mais. Ora veja o sr. parocho! Com os remedios caros! É uma desgraça.

O conego fallou então das mortes que houve durante o mez.

— Olhe que não é mau rendimento aqui, disse elle ao parocho. E os baptisados? os baptisados não ha que dizer.

E a esse proposito, os dois padres conversavam sobre os rendimentos de parochia, pagamentos de congrua. Fallavam vagarosamente; o conego a espaços ficava callado.

— Póde aqui fazer seu vintem, sim senhor — disse elle bocejando.

A S. Joanneira, com o gato no colo, rolava com os dois dedos monotonamente, bolinhas de pão: começava a bocejar um pouco; a physionomia tornava-se-lhe espessa: sentia-se o alongamento da noite.

— Pois senhores, isto são horas, disse o conego.

O padre Amaro ergueu-se com os olhos baixos, as mãos postas, e deu as *graças*.

O conego espreguiçava-se.

— O sr. parocho quer lamparina? perguntou cuidadosamente a S. Joanneira.

— Não, não minha senhora — e dando as *boas noites*, descia de vagar, palitando os dentes. A S. Joanneira allumiava, no patamar, com o candieiro. Mas nos primeiros degraus o parocho parou, e com a voz affectuosa:

— É verdade, minha senhora, ámanhã é sexta-feira, é jejum.

— Ah deixe estar, sr. parocho.

— Não, não disse o conego, que punha nos hombros a sua comprida capa de lustrina, você ámanhã janta comigo. Eu venho por cá — vamos ao chantre, á sé, por ahi — e tenho lullas. Olhe que é um milagre. Isto aqui nunca ha peixe.

Mas a S. Joanneira tranquillisava o parocho.

— É escusado lembrar, disse ella. E affirmava que a sua casa era escrupulosa nos preceitos, dizia as suas assiduidades na egreja, a sua devoção com S. José.

— Eu dizia, explicava o parocho, porque infelizmente... hoje em dia ninguem cumpre...

— Tem v. s.ª razão, atalhou ella. Mas eu cá... E contava a sua piedade, a religião da filha, o seu temor de Deus...

— Bem sei, dizia o parocho, bem sei — e elogiava-a, fallando-lhe da salvação — quando a campainha retinio fortemente.

— Abre, Russa, disse a S. Joanneira. Ha de ser a pequena. A porta batteu, rijamente impellida,—sentiam-se vozes delgadas, pequenos risos.

— Ès tu Amelia?

Uma voz disse *adeus*, *adeus*, e appareceu, subindo quasi a correr, com os vestidos um pouco levantados adiante, uma rapariga forte, alta, direita, com o peito bem feito, uma manta branca pela cabeça, e na mão um ramo de alecrim.

— Sobe, filha. Aqui está o sr. parocho. Chegou agora á noitinha, sobe.

Amelia tinha parado, no patamar de baixo, um pouco embaraçada; e olhava para os degraus de cima, onde o parocho de pé, encostado ao corrimão, destacava na luz: respirava fortemente, de ter corrido, toda corada, com o aspecto pittoresco e alegre, a boca vermelha, um pouco entre-aberta: os seus olhos vivos e negros luziam — e vinha d'ella uma sensação de frescura, de agilidade e de prados atravessados, entre o aroma dos fenos.

— Olhe que é uma mocetona, disse o conego, rindo.

O parocho desceu, cingido ao corrimão, para a deixar passar, dizendo *boa noite*, com a sua voz velada, o olhar baixo. O conego, que vinha atraz, com a sua alegre plenitude, tomou o meio da escada, deante de Amelia:

— Então isto são horas!

Ella teve um risinho.

— Ora va-se encommendar a Deus, vá, e batteu-lhe no rosto docemente, com a sua mão grossa e polpuda.

E embrulhando-se na capa, saiu dizendo á creada, que erguia o candieiro sobre a escada da rua:

— Está bom, eu vejo. Não apanhes frio, rapariga. Então, ás oito, Amaro.... Esteja a pé. Vae-te, rapariga. Adeus. E descia pesadamente.

O parocho tinha fechado a porta do seu quarto: a roupa da cama estava entre-aberta, fresca, fria, alva, com um bom cheiro de linho lavado: por cima da cabeceira estava dependurada a gravura antiga d'um Christo Crucificado, d'um desenho ingenuo. Amaro abriu o seu breviario e ajoelhou aos pés do leito n'um tapete desbotado, e persignou-se: mas estava fatigado, a pelle excitada da jornada, vinham-lhe grandes bocejos, e por cima, sobre o tecto, através das orações rituaes, sentia o *tic tic* das botinas d'Amelia e o ruido de saias engommadas, que se saccodem ao despir!

III

Amaro Vieira tinha nascido em Lisboa, em casa da sr.ª marqueza d'Alegros: seu pae era creado do marquez, tinha sido seu camarada nas campanhas de 33. A mãe era creada de quarto, quasi uma amiga da sr.ª marqueza. Amaro possuia um livro, o *Menino das Selvas*, com ingenuos desenhos coloridos, que tinha escripto na primeira pagina branca: — Á minha muito estimada Joanna Vieira, verdadeira amiga que sempre tem sido — Marqueza d'Alegros. Tinha tambem uma miniatura de sua mãe, um pouco desbotada; mas viam-se as suas sobrancelhas cerradas, a boca larga sensualmente fendida, e o colorista dera á sua pelle um

tom trigueiro e ardente. O pae d'Amaro tinha morrido d'apoplexia, e a mãe, que era forte e sã, succumbiu d'ahi a um anno, a uma phthisica inesperada. Amaro tinha então 6 annos. Ficou em casa da sr.ª marqueza, que vivia um pouco isolada na sua quinta de Bemfica. Amaro tinha uma irmã de 12 annos, que desde pequena estava com a avó, em Coimbra.

A sr.ª marqueza ficara viuva aos 33 annos: modesta, passiva, com uma bondade indolente, voltára-se para as largas sensibilidades da religião: tinha capella em casa, recebia os padres de S. Luiz, e palpitava toda em interesse da egreja. Tinha duas filhas, que foi educando na devoção e nos apparatos da vida: eram beatas e com miudezas aristocraticas: fallavam da humildade e dos renunciamentos christãos, espartilhadas em vestidos preciosos e galantes. Um jornalista d'então dissera d'ellas: — Pensam todos os dias na *toilette* com que hão de entrar no paraiso.

No isolamento de Bemfica, n'aquella quinta de doces alamedas, altos teixos recortados e arvores aristocraticas, onde os pavões gritavam, as duas meninas enfastiavam-se. A religião e a caridade eram então occupações, interesses aproveitados: coziam vestidos para os pobres da freguezia, bordavam frontaes para as egrejas pobres; voltavam-lhes escrupulos que tinham esquecido no inverno. Como não tinham as visitas finas, procuravam as convivencias dos padres: faziam uma accumulação piedosa de devoção para o inverno, como n'um celleiro provido. Liam então os livros beatos e doces. E Deus era o seu luxo de verão.

A sr.ª marqueza resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida ecclesiastica: a sua timida figura, amarellada e assustada, pedia aquelle destino recolhido. Tinha então 9 annos: era todo affeiçoado ás cousas da capella; cheio de temor do inferno e dos quartos escuros — o seu encanto era estar aninhado ao pé de mulheres, no calor das saias unidas, ouvindo fallar de padres, de santos e de festas de egreja. A sr.ª marqueza não o quiz mandar ao collegio: receiava a impiedade dos tempos, os contactos da rua, as camaradagens immoraes e as palavras impuras que se decoram. O capellão da casa ensinava-lhe o latim, e a filha mais velha, a sr.ª D. Joanna, pessoa esguia e alta, de nariz adunco e peito chato, dava-lhe lições de francez e de geographia. Amaro não brincava; só á tarde é que acompanhava a sr.ª marqueza ás alamedas da quinta: ella ia pelo braço do padre *Lizet* e do respeitoso procurador Freitas. Amaro ao lado, caminhava debilmente, quieto, encolhido, torcendo com as suas mãos humidas o forro das algibeiras. Tinha-se assim tornado medroso e extremamente sensivel. Dormia com lamparina ao pé d'uma creada velha; o contacto permanente de mulheres, os conchegos cheios de mimo, as longas orações obrigatorias, o abafado das alcovas, tinham-lhe debilitado o caracter. Além d'isso, as creadas feminisavam-n'o, vendo-o assim bonito, tinham-n'o no meio d'ellas, amolleciam-n'o com mimos, punham-n'o no collo, rindo, davam-lhe beijos, faziam-lhe cocegas, e elle rolava por entre as saias, em contacto com os corpos, ganindo baixo, com gritinhos. As vezes, quando a sr.ª marqueza saía, vestiam-n'o de mulher

entre grandes risadas: elle abandonava-se, com os seus modos indolentes e languidos, os olhos amortecidos, e uma roseta de febre nas faces. As creadas, além d'isso, utilisavam-n'o nas suas intrigas umas com as outras: era Amaro o que *fazias as queixas*. Tornou-se enredador, subtil, e disfarçado. Aos 11 annos era já um complemento do capellão, ajudava á missa, e aos sabbados limpava a capella. Fechava-se então por dentro, como n'um dominio glorioso: collocava os santos em plena luz, em cima de uma mesa: fallava-lhes, beijava-os com ternuras devotas e satisfações gulosas; quando algumas imagens estavam sujas do pouso das moscas, elle com a ponta do lenço molhada em agoa, esfregava e polia os dourados. —Deus devia agradecer-lhe, pensava elle. Revolvia toda a capella, tirava a traça dos vestidos das santas, lustrava o sacrario, e com gesso e cré limpava as aureollas de prata; um dia fôra encontrado, pelo mordomo, abraçado a uma imagem da virgem, de aspecto sympathico, cobrindo-a de beijos. O mordomo rio muito. No entanto crescia e o seu aspecto era sempre miudo e amarellado; nunca dava uma larga e saudavel risada; trazia sempre as mãos nos bolsos. Ia para os quartos das creadas mecher nas saias, bolir nas botinas. Cheirava os algodões postiços, cheirava os colletes. Já era um pouco corcovado, e o creado chamava-lhe já o *Padreca*. Era guloso de doces, preguiçoso: custava de manhã a arrancal-o d'uma certa somnolencia doentia, em que estava amollecido, todo embrulhado nos cobertores e abraçado ao travesseiro.

Mas de repente, uma manhã, a sr.ª marqueza morreu d'apoplexia. Deixava no seu testamento, para que Amaro, o filho da sua criada Joanna, entrasse aos quinze annos no seminario e se ordenasse. O padre *Lizet* ficava encarregado de realisar esta disposição piedosa. Amaro tinha então doze annos, e no entanto foi para casa do tio, que era um mercieiro, no bairro da Estrella.

As filhas da sr.ª marqueza, tinham deixado Bemfica, e estavam em Lisboa, em casa da sr.ª D. Barbara de Noronha, sua tia paterna.—O tio d'Amaro era um plebeu grosso e espesso. Era casado com a filha d'um empregado publico, que o aceitára para sahir da casa do pae, onde a vida era apertada, a mesa escassa, e ella tinha de fazer as camas. Mas detestava o marido, e durante todo o dia, sentada na sala, lia livros de versos, e nos jornaes as analyses dos theatros. O marido adorava-a como a cousa fina e superior da sua vida, a sua elevação e o seu luxo: dava-lhe vestidos e pedia-lhe um amor abundante. De modo que Amaro não encontrou ali o elemento feminino, em que estivera tepidamente envolvido. A tia quasi não reparava n'elle. O mercieiro appropriara-se então d'Amaro, como d'uma utilidade imprevista: tinha só um caixeiro e mandou Amaro para o balcão. Fazia-o erguer logo ás cinco horas da manhã: o rapaz tremia na sua jaqueta de panno azul, molhando á pressa o pão na chavena de café, ao canto da mesa da cosinha. A cada momento, lhe gritava asperamente. Dava-lhe com uma regoa pela cabeça. Deixavam-n'o andar com a mesma camisa quinze dias. Amaro emmagrecera, e todas as noites chorava.

Amaro sabia que aos quinze annos devia entrar no seminario: o tio todos os dias lh'o lembrava:

—Não penses que ficas aqui toda a vida na vadiagem, não... Em tendo quinze, é para o seminario. Não tenho obrigação de carregar comtigo, percebes?

E Amaro desejava o seminario, a vida ecclesiastica, como um libertamento. De resto, accostumara-se á idéa d'aquelle destino.

Nunca ninguem consultara as suas tendencias, os impulsos do seu temperamento. Impunham-lhe a sobrepeliz de padre, e a sua natureza passiva, facilmente dominavel e flexivel, acceitava-a, indifferentemente, como acceitaria a farda de soldado. Por que cada vez era mais inerte, e sem resistencia: tinha um ar de parasita, amollecido, todo curvado: e o que havia de mais vivo, no seu caracter, era uma certa astucia, e a subtileza d'intrigas.

Além d'isso, não podia ser senão padre: o legado da sr.ª marqueza, que era todo o seu meio d'educação, determinara forçosamente aquelle estado. De resto, a vida ecclesiastica, agradava ao seu caracter passivo: não que tivesse os impulsos religiosos proprios d'uma natureza meditativa, e desde que sahira das devoções perpetuas da quinta de Bemfica, tomara os habitos dos tios, que não iam a egrejas, nem se ajoelhavam em rezas. Mas quando pensava em que seria padre, lembravam-lhe aquelles que tantas vezes vira em casa da sr.ª marqueza: eram pessoas brancas, bem tratadas, que comiam ao lado das fidalgas, em porcellana, tomavam rapé em caixa d'ouro, e diziam doçuras, e o estado de padre convinha-lhe então como uma profissão em que se dizem missas, se comem doces finos, e se falla baixo com as mulheres, vivendo entre ellas, cochichando, e sentindo-lhes o calor penetrante.

Um anno antes de entrar para o seminario, o tio fel-o ir a um mestre, para se affirmar mais no latim. Foi um anno mais repousado. O tio dispensava-o d'estar ao balcão, vendendo. E pela primeira vez, na sua existencia, lhe tinhão vindo grandes melancolias, e um certo impeto de vida. A sua hora triste era sobretudo ao anoitecer, quando voltava da escôla, ou aos domingos depois de ter ido passear com o caixeiro, ao jardim da Estrella. Era no seu quarto, que ficava em cima, na trapeira, com grandes traves negras, e um cheiro de ratos: uma janellinha, aberta n'um vão, sobre os telhados: encostava-se ahi olhando: anoitecia, e d'ali via parte da cidade baixa, que pouco e pouco se allumiava, de pontos de gaz: parecia-lhe receber, vindo de lá, um largo rumor indefinido: era a vida que não conhecia, e que julgava radiosa, com cafés abrasados de luz, e mulheres que saltam com um rumor de sedas do estribo dos cupés sob o peristillo dos theatros: perdia-se n'uma imaginação insondavel, em cujo vago se moviam, em attitudes vagarosas, fórmas, peitos femininos, e braços brancos.

Mas em baixo, na cosinha, a creada começava a lavar a louça, cantando: era uma rapariga grossa, de encontros fortes e robusta. Amaro

gostava de entrar na cosinha, de a chamar, de a ver andar: então vinham-lhe outras impressões, desejos incoherentes, lembravam-lhe mulheres, que obsevara, nas viellas, á volta da escóla, com saias engommadas e ruidozas, passeiando na rua, em cabello, com botinas cambadas: vinham-lhe da profundidade do seu temperamento, fadigas, preguiças, e como um desejo de abraçar alguem, de não se sentir só. A melancolia do seu quarto amargurava-o. Espreguiçava-se, julgava-se infeliz, e pensava em matar-se—Mas então o tio chamava-o de baixo:

—Então tu não estudas, mariola?

E d'ahi a pouco, sobre o *Tito-Livio*, cabeceando de somno, sentindo-se desgraçado, bocejando, roçando os joelhos um contra o outro, torturava o diccionario. E por esse tempo começava a sentir um certo affastamento pela vida de padre, por que não poderia casar. Já então as convivencias da escóla tinham introduzido, na sua natureza inferior e effeminada, curiosidades e corrupções. Ás escondidas fumava cigarros. Emagrecia e estava mais amarello.

Entrou no seminario. E desde os primeiros dias, os longos corredores de pedra um pouco humidos, as lampadas funebres, os quartos estreitos e gradeados, as batinas negras, o silencio regulamentado, o toque dos sinos, o abatimento passivo das phisionomias, deram-lhe uma tristeza, uma magoa insondavel. Mas teve logo intimidades. O seu rosto pallido, pensativo e fraco, agradou aos mocetões sanguineos e plebeus. Informavam-no dos habitos do seminario, das intrigas pequenas e canonicas, contavam-lhe as historias maliciosas dos mestres, e as melancolias da clausura. Eram então lamentações perpetuas: quasi todos fallavam com pena das existencias livres de que sahiam: as claras aldeas lavadas de sol, as esfolhadas cheias de cantigas e de abraços, as filas da boiada que recolhe, em quanto um vapor se exhala dos prados, e as ruas tortuosas e tranquillas no fundo das villas d'onde se namoram as visinhas: e todos tinham para contar aventuras do tempo em que estudavam latim. Por que o que mais affligia aquellas naturezas difficilmente domadas era a falta dos livres campos, das ruas, das liberdades da noite: e invejavam dolorosamente o almocreve que viam passar na estrada, tocando os seus machos, o carreiro que passava, cantarolando, ao aspero chiar de rodas, e até os mendigos errantes, appoiados ao seu cajado, com o seu alforge escuro. Tinham saudades dos jantares de familia, porque o refeitorio era escasso e enjoava a monotonia do caldo d'hortalice, e desolava-os a falta de vinho.

Amaro não deixava cousas queridas: vinha da dureza hostil do tio, da fria loja lageada, do rosto infastiado da tia coberto de pó d'arroz: mas insensivelmente poz-se a ter saudades dos seus passeios aos domingos, do rumor das carruagens, da claridade do gaz, e das voltas da escóla, com os livros n'uma correa, quando parava encostado á vitrina das lojas contemplando a nudez das bonecas. Lentamente, porém, com a sua natureza incaracteristica, foi-se amoldando ás lentas melancolias d'aquella existencia. Estudava com uma regularidade trivial e mediocre, fazia com uma

attenção machinal os serviços ecclesiasticos: a regra seminarista dobrara-o e vincara-o, como um papel inerte: era regular e banal: a sua obediencia era appreciada e tinha boas notas.

Era sobretudo lymphatico.

Todavia elle sentia, nas grandes conversas, ás horas de recreio, no quarto ou no pateo, grandes desejos rugirem baixo. Ás vezes, na intimidade dos quartos, cada um mostrava a sua ambição, como uma arma prohibida: uns queriam ser caudatarios d'um bispo, e nas altas salas dos paços episcopaes erguer os reposteiros de velho damasco: outros desejavam viver nas cidades, depois de ordenados, servir uma egreja aristocratica, e deante de devotas ricas, que se accumulam no *fru-fru* da seda, cantar com voz sonora: outros, modestos, queriam apenas uma parochia na aldea, uma mesa farta com perú, e uma creada gorda. Muitos, porém, sonhavam destinos fóra da egreja: os sanguineos e os vaidosos queriam ser militares, e arrastar nas ruas lageadas o *tlin-tlin* d'um sabre: aquelles queriam a farta vida da lavoura, e desde a madrugada, com um chapeu desabado, bem montados, trotar pelos caminhos, dar ordens, nas largas eiras batidas do sol, apear á porta das adegas. E todos, ou desejando o sacerdocio, ou preferindo os destinos seculares, queriam deixar a estreiteza do seminario, para comer bem, ganhar dinheiro e gosar. Amaro não desejava nada.

—Eu nem sei, dizia elle. No entretanto certas conversas perturbavam-no: por que alguns mais nervosos, quando fallavam muito tempo nas alegrias da vida livre, exaltavam-se, faziam planos, fallavam em fugir; calculavam a altura das janellas: anteviam as peripecias da aventura: seria de noite; tomariam os negros caminhos apertados, entre silvados; entrariam nas cidades, iriam logo beber e rolar-se no misterio dos bairros escusos. Então Amaro sentia aspirações indifinidas: sobre o catre revolvia-se sem dormir, e persignava-se. Tinha então 20 annos. Na sua cella havia uma imagem da Virgem, que, coroada de estrellas, pousada sobre a esphera, com o olhar errante na luz immortal, calcava aos pés a serpente.

Quantas vezes ouvira, nas prédicas do domingo, o mestre de Historia Sagrada, fallar-lhe com a sua voz roufenha, do peccado, comparal-o á serpente, e com palavras umctuosas, gestos arqueados, deixando cahir vagarosamente a pompa meliflua dos seus periodos, aconselhar os seminaristas a que, imitando a Virgem, calcassem a *serpente ominosa*.

Mas Amaro sentia debaixo dos seus pés fracos, que a serpente inchava, crescia, arqueava-se, e sentia elevar-se-lhe no dorso e pertencer-lhe todo. E, ás vezes, vendo os louros cabellos da Imagem, e o seu rosto captivante como uma claridade, sentia-se possuido d'um vago amor phisico, e acariciava o vidro do quadro com os dedos tremulos.

O seu mestre de theologia mistica, fallava, sorvendo o seu rapé, no dever de *vencer a Natureza;* e um dia, citando S. João de Damasco, e S. João Crisologo, S. Cypriano e S. Jeronymo, explicava os anathemas dos santos contra a mulher, a quem chamava, segundo as expressões mis-

ticas, serpente, dardo, filha da mentira, porta do inferno, cabeça do crime, escorpião...

—E, como diz o nosso padre S. Jeronymo,—assoava-se estrondosamente,—caminho de iniquidades: *iniquitatis via.*

E era então que Amaro mais pensava no peccado. Debalde a regra do Seminario pesava, para vencer a Natureza immoral. Os estudos trabalhosos, o decorar monotono, as perpetuas rezas, os jejuns, as penitencias, as vigilancias tyrannicas emagreciam e domavam o corpo; mas dentro os dezejos luziam como brazas; a propria fraqueza, a falta de somno, a insufficiencia de alimento, davam uma vaga febre, um estonteamento incoherente ás imaginações, uma subtileza de vontade, e suspiros incessantes.

De resto, elle via em redor, nos seminaristas, a rebellião da natureza; a maior parte vinha da aldea: eram fortes, sanguineos, plebeus, e os seus pulsos trigueiros e grossos andavam arrocheados nos punhos das camisas; quando estavam sós nos quartos, os seus dezejos eram fazer forças, dilatar o temperamento, dar liberdade á vida muscular. Luctavam, arremessando-se sobre as camas, soffucando gritos de alegria; diziam obscenidades, abraçavam-se furiosamente e provocavam desordens. A severidade do regimen impellia aos pequenos vicios: jogavam com um velho baralho ensebado e gasto, que estava escondido sob a peanha d'um santo; alcançavam depois de intrigas demoradas, meio quartilho de vinho, e muitos, por intermedio do marido da lavadeira, arranjavam cigarros, escondiam-nos sob o colxão, e fumavam no silencio da noite, chupando o papel deliciosamente, orgulhosos da aventura.

Alguns estavam quebrados pela regra, tinham-se resignado, estudavam cuidadosamente, tomavam notas, no silencio da alta livraria. Tinham a espinha curvada, tomavam já rapé, eram pallidos e hypocritas. Outros succumbiam á vida anti-natural: estavam phtysicos. Um aspecto vicioso amarellava as phisionomias; todos tinham os olhos pisados, as mãos sempre humidas, as batinas com nodoas. Uma porcaria habitual relaxava a dignidade. Cheiros infectos condensavam-se nos corredores. E poucos havia que em segredo não amassem a lavadeira, uma pessoa de 50 annos, grossa e musculosa, que era a unica mulher que ás vezes entreviam, na sachristia, quando dava ao rol as sobrepelizes: e os seus pesados tamancos soavam nas lages que cobriam as campas.

Amaro ordenou-se pelas temporas de S. Matheus, e pouco tempo depois recebeu, ainda no Seminario, esta carta do sr. padre Luet:

«Meu querido filho e novo collega:

«Agora que está ordenado, entendo em minha consciencia que devo dar-lhe conta do estado dos seus negocios, pois quero cumprir até ao fim, o encargo, com que carregou os meus hombros debeis a nossa chorada marqueza, attribuindo-me a honra de administrar o legado que lhe deixou. Porque, ainda que os bens mundanos pouco devam importar a

uma alma votada ao sacerdocio, são sempre as boas contas que fazem os bons amigos. Saberá, pois, meu querido filho, que tão novo conheci, que o legado da querida marqueza,—para quem deve erguer em sua alma uma gratidão eterna—está inteiramente exhausto. Aproveito esta occasião para lhe dizer, que depois da morte de seu tio, sua tia, tendo liquidado o estabelecimento, se entregou a um caminho, que o respeito me impede de qualificar: cahiu sob o imperio das paixões; tendo-se ligado illegitimamente, vio os seus bens perdidos juntamente com a sua pureza, e hoje estabeleceu uma casa de hospedes, na rua dos Calafates. Se toco n'estas impurezas, tão improprias de que um tenro levita, como o meu querido filho, tenha d'ellas conhecimento, é porque lhe quero dar cabal relação da sua respeitavel familia. Sua irmã, como decerto sabe, casou rica em Coimbra, e ainda que no casamento não é o oiro que devemos apreciar, é todavia importante, para futuras circumstancias, que o meu querido filho esteja de posse d'este facto. Do que me escreveu o nosso querido Reitor a respeito de o mandarmos para a freguezia de Feixão na Gralheira, vou fallar com algumas pessoas importantes, que tem a extrema bondade de attender um pobre padre que só pede a Deus misericordia. Espero todavia conseguir. Persevere, meu querido filho, nos caminhos da virtude de que sei que a sua boa alma está repleta e creia que se encontra a felicidade n'este nosso santo ministerio, quando sabemos comprehender quantos são os balsamos que derrama no peito, e quantos os refrigerios que dá o serviço de Deus. Adeus meu querido filho e novo collega. Creia que sempre o meu pensamento estava com o pupillo da nossa chorada marqueza, que decerto do céo, onde a elevaram as suas virtudes, supplica á Virgem, que ella tanto serviu e amou, a felicidade do seu caro pupillo.

«O appellido do marido de sua irmã é Trigoso.—*Lizet.*»

Dous mezes depois Amaro foi nomeado e confirmado parocho de Feirão, na Gralheira, que é uma serra da Beira-Alta. Esteve ali desde outubro até abril do outro anno.

Feirão é uma parochia pobre, de pastores, e n'aquelle tempo quasi deshabitada. De modo que Amaro passou aquelle tempo inutilisado, quasi ocioso, ruminando o seu tedio á lareira, ouvindo fóra o inverno bramir e roncar na serra. Pela primavera, vagaram nos districtos de Santarem e de Leiria parochias populosas, com boas congruas, em bonitas villas. Amaro escreveu á irmã, contando a sua pobresa em Feirão, e ella mandou-lhe, com recommendações de economia, doze moedas, para vir a Lisboa requerer. Amaro sahiu de Feirão: o seu ser moral nada ganhara com aquelle salutar e duro isolamento da serra; sómente os ares lavados e vivos, a influencia dos pinheiraes, tinham-lhe fortificado o sangue, e voltava mais robusto e musculoso, sem a pallidez doentia, sem as espinhas carnaes, os suores e os seus cansaços.

Em Lisboa, foi logo á rua dos Calafates, a casa da tia: achou-a velha, com vestido negro escoado, uma cuia pendente, e sempre, com

a pelle engilhada coberta de pó d'arroz. Tinha-se dado á devoção e á frequentação das Egrejas: e foi com uma alegria piedosa que abriu seus magros braços a Amaro.

—Como está bonito! dizia ella, e padre!

E admirava-lhe a batina, a corôa aberta, e a compustura ecclesiastica. E com phrases sobre a salvação e sobre os negocios da casa, foi-o levando para o terceiro andar, a um quarto que dava para o saguão.

—Está aqui como um abbade; disse-lhe ella.

Amaro procurou logo o padre *Lizet*, em S. Luiz. Tinha ido para França. Então lembrou-se da filha mais nova da sr.ª marqueza d'Alegros, a sr.ª D. Joanna. Estava casada com o conde de Riba-mar, que era par e tinha uma influencia segura: fôra regenerador desde 51; não tinha acceitado, na ultima organisação, o ministerio dos estrangeiros, mas a sua authoridade politica dominava.

Por conselhos da tia, Amaro logo que metteu o seu requerimento, foi n'uma manhã a casa da sr.ª condessa de Riba-mar, em Buenos-Ayres. A' porta um *coupé* esperava.

—A sr.ª condessa vae sahir;—disse um creado de gravata branca e quinzena d'alpaca, que estava á porta com um cesto na mão, e de cigarro na bocca.

N'este momento, d'uma porta de batentes de baeta verde, que havia sobre um degrau de pedra, ao fundo do pateo lageado, uma senhora sahiu, vestida de claro. Era alta e magra, loira, com pequeninos cabellos frisados sobre a testa, o rosto secco, o nariz comprido e agudo, com lunetas de ouro, e no queixo um signalsinho de cabellos claros.

—A sr.ª condessa já me não conhece, disse Amaro com o chapéo na mão, curvando-se. E depois d'um silencio:—sou o Amaro.

—O Amaro?—disse ella, como estranha ao nome.—Ah, bom Jesus, quem elle é! Ora não ha! Está um homem. Ora, ora! Ha que tempos.....

Amaro sorria-se com os seus dentes brancos.

—Quem podia esperar!?—continuou ella, admirada. E está agora em Lisboa?

Amaro, contou a sua nomeação para Feirão, a pobresa da terra...

—De maneira que vim requerer.

Ella escutava-o, com as mãos appoiadas n'uma umbella de cabo alto; e Amaro sentia vir d'aquella loira e magra condessa, um perfume de pó d'arroz, uma frescura de seda e cambraia, e ainda uma sensação aromatica que não comprehendia.

—Pois deixe estar, disse ella. Meu marido ha de fallar. Eu me encarrego d'isso. Venha por cá.—E com o dedo sobre o canto da bocca: —Olhe, ámanhã vou para fóra. Domingo... não, o melhor é d'aqui a quinze dias: d'aqui a quinze dias, sim, pela manhã. Sou certa.

E rindo, com os seus dentes frescos e um aspecto claro e aloirado em toda a sua pessoa:—Parece que o estou a vêr a traduzir Chateaubriand com a mana Luiza. Oh! que tempos...

—Passa bem, a senhora sua mana?

—Sim, bem. Está n'uma quinta em Santarem.

—Então domingo, sim?

E estendeu-lhe a mão calçada de *peau de suède* esverdeada com um aperto saccudido, e os seus braceletes tilintaram finamente. E Amaro viu-a saltar para o *coupé*, magra e ligeira, com um movimento que levantou brancuras de saias.

Amaro então começou a esperar. Era no pleno calor. Os seus dias eram enfastiados e longos. Dizia missa em S. Domingos; depois, em casa, de chinellas e casaco de ganga, arrastava a sua occiosidade pelo quarto, e pelo canapé da sala de jantar: as janellas estavam cerradas, o chão regado, e na penumbra zumbia o monotono burburinho das moscas. Fóra o sol pesava; o *mac-adam* estava cheio de pó, e uma seccura adstringia a pelle.

Ao anoitecer sahia, passeava vagamente pelo Rocio. As noites estavam abafadas; havia multidão, e a cada esquina se apregoava agoa fresca. As luzes dos cafés estendiam-se em barras luminosas sobre as lages dos passeios; as carruagens vasias giravam vagarosamente; as vitrinas das lojas reluziam em roda da praça. Familias tranquillas, em cabello, passeiavam a sua calma, e pelos bancos, velhos rutineiros dormitavam appoiados aos castões das bengallas: vadios esfarrapados, encostados ás costas dos bancos e de perna estendida dormiam a somno solto. A cada momento Amaro sentia-se roçado pelas saias engomadas e ruidosas de mulheres que passavam com attitude provocante, offerecendo-se brutalmente.

Amaro sentia-se isolado n'aquella vida; a athmosphera quente dava-lhe preguiças; e ia para casa enfastiado, sentindo-se profundamente só, cansado, com vontade de suspirar; assaltavam-n'o ambições confusas, incoherentes, em que havia o dezejo de ser bispo, e passar abençoando a cidade, ao trote de suas mulas, e de levar comsigo, para longe, para alegrias profundas, uma d'aquellas mulheres que passavam balanceando a sua cauda ondeada.

No fim de quinze dias, foi a casa da sr.ª Condessa.

—Não está, disse-lhe um creado da cavalhariça.

No outro dia voltou, com uma certa palpitação de susto, d'embaraço: vio o pateo deserto: a carroça da agua estava a um canto, com os varaes arrimados ao chão: e do lado, d'uma pequena porta azul serrada, sahia uma voz grossa, que resmungava tossindo. Mas os batentes verdes estavam abertos e Amaro subio de vagar, pisando, um pouco tremulo, um largo tapete vermelho, fixado com varões de metal: d'uma alta clara-boia cahia uma luz branca: no patamar, sentado n'uma banqueta de marroquim escarlate, um creado, todo encostado á parede branca envernisada, com a cabeça pendente, o labio descahido, e o aspecto espesso, dormia. Fazia um grande calor, e aquelle alto silencio aristocratico aterrava Amaro. Esteve um momento, com o seu guarda-sol pendente do dedo minimo, hesitando: mas decidio-se a erguer um reposteiro, que na frente da es-

cada pendia todo corrido e vio apenas, na penumbra das janellas fechadas, uma sala pesada e molle de estoffo, onde um espelho relusia vagamente, e na sombra, os pingentes de cristal do lustre tinham juntos claridades luminosas. Amaro embaraçado tossia de vagarinho e sentia em suor a raiz dos cabellos. Esteve para descer. Mas o seu interesse dominava-o: quiz acordar o creado, que dormia espapado na sua preguiça, e que lhe parecia terrivel com a sua suissa preta, e o grilhão d'ouro. Mas então ouvio por detraz d'um reposteiro lateral, o riso grosso d'um homem. Saccudio com o lenço, devagar, o pó esbranquiçado dos sapatos, puxou os punhos, e entrou resolutamente. Era uma pequena saleta com o chão coberto d'oleado, tamboretes de marroquim, e cabides de metal que relusiam em roda fixados em travessas envernizadas: na sala seguinte, destacavam na grande luz d'uma varanda, tres homens de pé: e Amaro via através da cortina de seda amarella, e das figuras vestidas d'escuro, em relevo, arvoredos de jardim n'uma luz clara e fresca. Amaro adiantou-se, um pouco curvado.

—Não sei se encommodo... disse elle.

Um homem alto voltou-se, com o charuto um pouco erguido sob o seu bigode grisalho e farto, com oculos d'ouro, e as mãos nos bolsos: era o sr. conde.

—Sou o Amaro.

—Ah, disse o outro, o sr. Padre Amaro. Tem a bondade. Minha mulher fallou-me. Tem a bondade...

E dirigindo-se a um homem baixo e grosso, quasi calvo, de bigode e pera aguçada, e de calças brancas curtas, com joelheiras:

—E' a pessoa de quem fallei:—e voltando-se para Amaro—é o sr. ministro. Amaro assombrado curvou-se, raspando o tapete com o pé, todo tosco.

—O sr. Padre Amaro, disse o Conde de Riba-Mar, foi creado de pequeno em casa de minha sogra. Nasceu lá, creio eu...

—Saiba V. Ex.ª que sim, disse Amaro, que estava de pé, um pouco affastado, com o guarda-sol na mão.

—Minha sogra, que era toda devota e uma completa senhora,—já não ha d'isso!—fel-o padre.—Houve até um legado, creio eu... Em fim aqui o temos parocho de... onde é?...

—Feirão, Excellentissimo Senhor.

—Feirão?!... disse o ministro, estranhando.

—Na serra da Gralheira, disse o outro homem, que ali estava, que era um sujeito hirto, entalado n'um collarinho alto, com uma gravatinha de seda, e os seus cabellos lustrosos, abundantes, apartados n'uma risca até á nuca, cobrindo as fontes com dois bandós.

—Em fim, resumio o Conde, um horror! Na serra, pobre, sem distracções.

—Bem, bem, disse o Ministro.

—Eu metto já requerimento, meu senhor, arriscou Amaro timidamente.

—Bem, bem, afirmou o Ministro. Ha de arranjar-se.—E mascava o seu charuto.

—É uma justiça. E mais é uma necessidade. Os homens novos, activos, devem estar nas parochias difficeis, nas cidades... Mas não, olhe lá, ao pé de minha quinta, em Alcobaça, ha um velho, gotoso, um padre mestre antigo... Assim, perde-se a fé, dizia encolhendo os hombros.

—Perdão, dizia o Ministro—mas essas collocações, nas boas parochias são recompensas de bons serviços. É necesario o estimulo.—O homem de suissas espessas, tinha um gesto contraditivo:—Não acha? disse o Ministro.

—Respeito muito a opinião de V. Ex.ª, mas se me permitte... Sim, digo eu, os parochos, olhe que na cidade são-nos d'um grande serviço nas crises eleitoraes.

—Pois sim... mas...

—Olhe V. Ex.ª, continuava elle, com grandes gestos, soffrego da palavra:—Olhe V. Ex.ª em Thomar: Por que perdemos? Pela indolencia dos parochos. Nada mais.

O conde acudio:

—Mas, perdão—não deve ser assim: a religião, o clero, não é agente eleitoral.

—Perdão... queria interromper o homem das suissas espessas.

O Conde teve um gesto:

—A religião, pode, deve mesmo, auxiliar os governos, no seu estabelecimento, operando, por assim dizer como freio...

—Justamente, justamente, murmurou o Ministro.

—Mas descer ás intrigas, aos *embroglios*, perdoe-me meu caro amigo, mas não é d'um christão.

—Pois sou-o, sr. Conde, disse gravemente o homem das suissas espessas. Mas tambem sou liberal. E entendo que no governo representativo... Sim digo eu... com as garantias...

—Olhe, disse o Ministro, sabe o que isso faz?—desacredita o clero e desacredita a politica.

—Mas são ou não as maiorias um principio sagrado... gritava rubro, o de suissas espessas.

—E' um principio respeitavel.

—Upa! upa! Ex.mo Senhor.

O padre Amaro estava immovel, escutando.

—Minha mulher hade querer vel-o, disse-lhe o conde,—e dirigindo-se a um reposteiro, que levantou:—Entre.—E' o sr. Padre Amaro, Joanna.

Amaro entrou com o seu guarda sol. Era uma sala pequena toda estofada de casimira branca. Apenas o tapete, branco tambem, tinha espalhadas folhas d'um verde pallido: as janellas de peitoril, estavam cerradas, e as cortinas de pregas largas, apanhadas quasi junto do chão por largas fachas de seda branca, cujas pontas franjadas recahiam no tapete. Aos cantos dos vãos arbustos delgados, sem flor, erguiam ai-

rosamente, a sua folhagem fina. Os assentos das poltronas, das pequenas cadeiras de costas envernizadas de branco, arqueavam a sua saliencia elastica e doce. Aos lados de dous espelhos ovaes venesianos, com fina moldura de prata, serpentinas d'um relevo antigo em prata, tambem sustentavam vellas de cera fina. Do tecto pendia suspenso por uma fina corrente d'aço, um globo fusco: uma meia luz fresca amaciava os aspectos: havia um aroma subtil: e nas costas d'uma cadeira uma arara, empoleirada, firme n'um pé negro e engilhado, coçava vagarosamente, com as contracções aduncas, a sua cabeça verde.—Amaro vio ao fundo a condessa, sentada com abandono ao canto d'um sophá, e os seus vestidos alargados em roda, como um leque mal aberto: os cabellinhos loiros e frisados enchiam-lhe vaporosamente a testa e os aros d'ouro da sua luneta relusiam. Um rapaz gordo, de face vermelha e rochumchuda, com um buço castanho, sentado quasi deante d'ella n'uma cadeira baixa, fallava-lhe curvado com os cotovellos sobre os joelhos abertos, fazendo balançar, entre elles, como um pendulo, uma luneta de tartaruga. Estava vestido d'azul. A condessa escutava-o, e ao pé tinha uma cadelinha felpuda, toda aninhada, e sob o espesso pello das suas largas orelhas pendentes, via-se um focinho rosado. A Sr.ª Condessa, acamava-lhe o pello com a sua mão seca e fina, cheia de veias, que sahia d'um punho todo fofo de frescura de rendas.

—Como está sr. Amaro?—A cadella rosnou.—Quieta Reina! Sabe que já fallei no seu negocio. Quieta Reina!—O ministro está ali.—

—Vi, vi, disse Amaro de pé.

—Sente-se aqui.

Amaro ia sentar-se:—mas ergueu-se logo, com uma cortesia apressada: junto do piano, uma senhora, fallava de pé, com um rapaz loiro, que estava sentado no mocho de casimira branca.

—Então que tem feito, sr. Amaro?—disse a Condessa—diga-me uma cousa: sua irmã?

—Está em Coimbra, casou.

—Ah! disse a condessa, toda abandonada á elasticidade do soffá, fazendo girar os seus aneis.

—Houve um silencio.—Amaro, com o guarda-sol entre os joelhos tinha os olhos baixos, e passava com um gesto embaraçado e errante os dedos pelos beiços.

—O sr. Padre Lizet, está para fóra, disse elle.

—Foi para Nantes. Tinha uma irmã a morrer.—Está o mesmo sempre: muito amavel, muito doce, é a alma mais virtuosa...

—Eu prefiro muito o padre Felix, disse o rapaz rochumchudo, esticando as pernas, encavallando a luneta.

—Não diga isso, primo! Jesus, brada aos céus! Pois então, o padre Lizet, tão respeitavel...

—Ah sim...

—E depois outras maneiras...

—Bem...

—E então um modo de dizer as cousas... com uma bondade... Vê-

se que é um coração tão bom... E com aquelle aceio, umas mãos tão brancas...

—Sim, mas...

—Ai nem diga isso! Que o padre Felix é uma pessoa de muita virtude. Mas o padre Lizet... tem uma religião mais... E com um gesto delicado, procurava a palavra: —mais fina, mais... Em fim: vive com gente. —E voltando-se para Amaro: —Pois não acha?

Amaro, não conhecia o padre Felix: pouco se recordava das convivencias de Bemfica e da figura do padre Lizet.

—Já é velho, disse elle.

—Crê? disse a Condessa. Mas muito bem conservado! Uns cabellos brancos muito bem tratados. —E voltando-se para a senhora, que estava junto do piano: —Pois não achas Theresa?

—Já vae, respondeu ella.

Era uma pessoa alta, e de perfil, a linha soberba, do collo, do seio, e do vestido era voluptuosa e magnifica: os cabellos pretos um pouco ondeados destacavam sobre a pallidez do rosto aquilino, que tinha um desenho um pouco borbonico, e se assemelhava ao perfil dominador que tem, nas gravuras antigas, o rosto real de *Marie Antoinette:* o seu pescoço, forte, cheio, redondo, tinha tons lacteos, e uma carnação firme e macia. O vestido de seda preta tinha um decote quadrado; e o collo e os braços, estavam cobertos por uma gase transparente e negra, e a brancura da carne apparecia através, como um torneado de marmore, e um aspecto captivante. Amaro, absorto, direito, com o seu guarda-sol entre os joelhos, os pés debaixo da cadeira, humilhado, com um suor á raiz dos cabellos, sentia como um zumbido d'abelhas, vagamente um desejo de tocar com a ponta do dedo n'aquelles braços brancos e de lhes sentir a elasticidade, —e pensava como seria um encanto celeste ouvil-a de confissão rojada e exhalando aromas.

Ella fallava de vagar, baixo, sorrindo, n'uma lingua aspera que Amaro não comprehendia, com o seu leque preto, fechado, que movia: —e o rapaz loiro que a escutava, sentado, com os olhos erguidos para ella, uma das mãos esquecidas no teclado de marfim do piano, attento, risonho, dizia só, de vez em quando, como machinalmente:

—Yes, Yes.

Era loiro, e o cabello apartado ao meio tinha um anellado lustroso: no seu perfil direito, um pouco feminino mas serio, destacava um bigode loiro, fino, arqueado: um alto colarinho branco, quebrava-se adiante, e uma gravata larga de setim escuro dava gravidade á sua phisionomia: parecia airoso, apertado na sua sobre-casaca azul, com um bolso sobre o peito, d'onde sahia a ponta d'um lenço de seda com barra escarlate.

—Havia muita devoção na sua parochia, senhor Amaro?—disse no emtanto a Condessa.

—Muita. Boa gente...

—É aonde ainda se encontra muita fé, é nas aldeas. —E lamentava

a vida da cidade, os captiveiros do luxo; desejava viver sempre na sua quinta de Bemfica resar na pequena capella antiga...

O rapaz rochumchudo disse preferir as ricas egrejas. Citava Paris, a Madeleine e St. Roch. Não podia supportar uma festa ecclesiastica, sem boas vozes.

—Sempre é mais bonito, disse Amaro.

E então a Condessa fallava da senhora que cantara na semana santa na festa da paixão.

—A Ribeiro: tem boa voz, mas mal educada.

—Lembra-se d'aquelle tenor... Ora!? Vidalti, é verdade: lembra-se do Vidalti, na quinta-feira d'Endoenças nos Inglesinhos? O *tantum-ergo?*

—Eu preferia-o no *Baile de Mascaras.*

—Olhe que não sei, prima, olhe que não sei.

No entanto o rapaz loiro erguera-se: e de pé, alto, com o seu olhar escuro e um pouco triste, os punhos da camisa, brancos, lustrosos, cahindo sobre luvas claras, apparecia a Amaro como um typo superior de existencia, onde abrasam as vehemencias do amor e se anda triste no fundo dos *coupés*, sobre a areia dos parques.—Elle veio apertar a mão á Condessa, todo curvado, com palavras risonhas que lhe dizia, e sahia com o seu andar airoso, quando já ao pé da porta, lhe cahio uma luva. Amaro esgueu-se precipitadamente, quasi correndo, e deu-lh'a com cortesias de creado. Elle sorriu, agradeceu, e quando Amaro se voltou vio Theresa de pé, que olhava para elle com agrado, como agradecendo. Amaro tornou a sentar-se então e viu-a aproximar-se vagarosamente da janella, bulir na folhagem dos arbustos como indifferente, e quando na rua um *coupé* rodou ligeiramente no *mac-adam*, Amaro vio-a olhar para a rua,—por entre as portas cerradas da janella,—com um longo olhar negro e vehemente que seguia, e sorrindo tinha appoiado os labios no seu leque fechado. Depois arrancou um raminho que enrolou nos dedos, e veio sentar-se n'uma *causeuse*, com um abandono que punha em relevo os contornos esculpturaes, e um peso magnifico de corpo, dizendo preguiçosamente:

—Vamo-nos João?

Este, o rapaz rochumchudo, voltou-se:

—Vamos já filha—e continuou a fallar á Condessa, contando uma historia de cartas perdidas, e a cada momento voltavam nomes titulares:

—De maneira que o barão fez-lhe uma scena. Imagine lá!

A Condessa voltou-se para Theresa:

—Sabes que o sr. Padre Amaro foi quasi creado commigo em Bemfica?

Amaro fez-se vermelho. Sentia que aquella magnifica pessoa vestida de preto, Theresa, pousava sobre elle os seus bellos olhos peninsulares d'um negro humido e triste, como setim preto coberto d'agua.

—Está na provincia agora? disse ella.

—Sim minha senhora: vim ha dias.

—E na aldea? continuou abrindo e cerrando vagarosamente o seu leque, toda deitada, a cabeça inclinada sobre o peito.

—E na serra! disse elle.

—Imagina tu disse a Condessa, ha sempre neve: diz que a egreja não tem telhado. Uma desgraça!—Eu pedi ao Correia. Pede-lhe tu tambem.

—O que?

E então a Condessa contou que Amaro requerera, que havia boas parochias vagas, fallando de sua mãe, da amisade que ella tinha a Amaro:

—Morria-se por elle.—Amaro córava.—Ora um nome que ella lhe dava!... Era.... Não se lembra?...

—Não sei, minha senhora, disse Amaro surprehendido.

—Ora...! Ah! Frei *Maleitas*... Tem graça! como elle era assim amarello, sempre mettido na capella...

—Bons tempos! disse elle.

—Diga-me uma cousa sr. Amaro, disse Thereza, com a sua voz indolente e abstraida, movendo lentamente o leque.

Amaro curvou-se para ella.

—Pois olhe passou-me... Não me lembra...

A condessa, no entanto, insistia.

—Logo pedes ao Correia—sim?

Thereza inclinou-se, e erguendo a voz para a outra sala:

—Oh Sr. Correia!

—Chut! disse a Condessa. —Logo. Parece combinação, credo! e abaixando a voz rindo:—Tinha muita graça dizer-lhe que o sr. Amaro é o confessor agora de Luiza.

O rapaz das bochechas rochumchudas deu uma risada aguda.

—Então elle...

—Sempre, disse a Condessa rindo: e Luiza tambem, sempre fallando na sua alma, na salvação, no inferno, no temor de Deus...

Thereza encolheu os hombros.

—De modo que o pobre Correa, n'outro dia, em Cintra, pergunta-me, muito serio: quem é o confessor d'esta senhora?

—Isso tinha immensa graça dizer que era o Sr. Amaro!

—Valeu, disse Thereza rindo. Oh sr. Correa!

—Chut, disse a Condessa erguendo-se. Oh doida!

—Mas então a Luiza?... dizia o rapaz rochumchudo.

—Mas tambem, elle é doido! Uma pobre creatura, toda dada aos seus santos... Ella dizia-me n'outro dia: Elle é sympathico...

O rapaz rochumchudo, torceu-se de riso.

A Condessa, tinha o lenço na boca abafando a alegria.

—Mas as penas do purgatorio...

—Ella disse lá isso! atalhou Thereza, escandalisada.

—Assim eu tenha a salvação Thereza! Foi até em S. Luiz, depois da missa. Ora não sabes como ella é!

—Vá, vá, oh Thereza, dize ao Correa, que este senhor é que é o confessor de Luiza.

—Calla-te lá, disse Theresa enfastiada.

—Não, não, disse a Condessa seria.

Houve um pequeno silencio.

—Ah! disse Thereza. E voltando-se para a Condessa:—Sabes com quem se parece este senhor?

A Condessa afirmou-se: e o rapaz rochumchudo fincou mais a luneta.

—Não se parece com aquelle pianista do anno passado,—continuou Theresa,—ora não me lembra o nome...

—Bem sei, disse a Condessa. Mas... no cabello, por exemplo, não.

—Está visto disse Thereza, o outro não tinha coroa. E ergueu-se com o seu andar sereno e onduloso.

Amaro ficou humilhado e succumbido.

Thereza tinha-se sentado ao piano.

—O Senhor sabe musica? disse ella a Amaro.

—A gente aprende no seminario.

Ella correu a mão pallida, sobre o teclado, sonoro e profundo. Amaro pareceu-lhe ouvir um orgão santo. Ella tocava aquella phrase do *Rigoletto* que tem o desenho do *Minuete de Mozart*,—phrase que diz Francisco I, n'um compasso triste, despedindo-se, no sarau do 1.º acto, da Sr.ª de Crecy,—e cujo rithmo desolado tem a abandonada tristesa dos amores que findam, saudades d'adulterios, e é cadente e expirante, como brancos braços que se desenlaçam nas despedidas supremas.

Amaro estava suspenso. Aquelles estoffos brancos, o piano apaixonado d'uma tristeza aristocraticá e adultera; os hombros de Thereza que elle via sob a negra transparencia da gaze firmes e pallidos, as suas grandes tranças, que deviam ser ao contacto pesadas e deliciosas, punham nos seus nervos um contentamento indifinivel, constrangido e doce; e era como o mendigo, que um dia prova um creme fino, e está assustado, demorando o prazer, todo perturbado do cheiro da baunilha, e pensando que vae voltar á duresa das codeas seccas e á poeira dos caminhos. E no entanto as notas do piano, desciam devagarinho, com uma melodia expirante, como um peito amoroso que desmaia.

—Bravo! bravo! disse o ministro da justiça apparecendo á porta, com o seu chapeu na mão: Muito bem, muito bem, deliciosamente!

—Tenho um pedido a fazer-lhe sr. Correia, disse Theresa erguendo-se e vindo sentar-se na *causeuse*.—Sente-se aqui.

O ministro veiu, com uma pressa galante.

—O que é então minha senhora?

O conde e o sugeito empertigado de suissas espessas, tinham entrado tambem.

—A Joanna e eu temos que lhe pedir, disse Theresa.

—Eu já pedi, disse a condessa.

—Mas minhas senhoras, disse o ministro, amplamente sentado, com as pernas um pouco separadas, a aba do chapeu apoiada sobre um joelho:—É então uma cousa grave? Mas obedeço, meu Deus!

—Bem, disse Theresa, fazendo com a mão um gesto de pausa. Qual é o melhor logar vago?

—A melhor parochia, tonta, accudiu rindo a condessa.

—Ah! é... disse o ministro olhando para Amaro que se curvou todo vermelho.

—Qual é a melhor, sr. Correia?

O homem de suissas espessas que estava de pé, fazendo saltar circumspectamente os berloques, adiantou-se:

—Das vagas minha senhora é Leiria, capital do districto, e sede do bispado, minha senhora...

—Leiria? disse Thereza. É onde ha umas ruinas?

—Um castello, minha senhora, edificado por D. Diniz, disse gravemente o homem das suissas espessas.

—Justamente, disse a condessa, Leiria é muito bom.

—Quer? disse Theresa a Amaro.

—Eu, minha senhora?... e olhava anciosamente com medo para o ministro.

—Mas perdão, minha senhora, disse o ministro, Leiria, sede do bispado, uma cidade... Este senhor é tão novo...

—Ora sr. Corrêa, disse Theresa com um risinho sonoro e metallico; e o sr. não é novo?

—Dize alguma coisa, tu, disse a condessa a seu marido que ria.

—Eu digo que o sr. Corrêa está vencido. A prima Theresa chamou-lhe novo.

—Ah! sr. Corrêa, chamaram-lhe novo, disse a condessa.

—Sr. Corrêa, disse o rapaz rechunchudo, com um riso agudo e rediculo, chamou-lhe novo Theresa.

—Mas perdão, disse o ministro, eu não sou, assim, tambem antigo.

—Oh desgraçado, gritou o Conde, lembra-te que já conspiravas em 1846.

—O que!? disse elle com um aspecto de contradicção.

—Deixe lá, sr. Corrêa: É novo, é um rapaz. Mas ha de fazer-me isto.

—Mas minha senhora, eu tinha promettido ao Coelho a freguezia...

—E então? disse Theresa, cruzando os braços.

—Perdão, bem sei... Mas emfim...

—Sr. Corrêa, disse a condessa, eu por mim já chamo ao sr. padre Amaro, o sr. Amaro, parocho de Leiria.

—Bem, succumbo; disse o ministro com gesto resignado. E a confirmação?

—Hein, o que? disse a condessa.

—Ah! lá por isso... eu arranjo: o chantre de Leiria, que está com o bispado, é meu amigo, um bom rapaz, o Valladares.

—Está decidido, disse Theresa.

—Está decidido, respondeu o ministro. É uma tyrannia!

—*Thank you*, disse Theresa estendendo-lhe a mão.

—Mas, minha senhora, estou a estranhal-a, disse o ministro.

—Estou contente hoje, disse ella rindo. Mas a sua physionomia tornou-se seria, olhou um momento para o chão distrahida, dando pequenas pancadas no vestido de seda, e levantando-se, foi sentar-se ao piano bruscamente: a aria do Rigoletto, cantou docemente na tristeza do teclado.

Entretanto o conde tinha-se aproximado de Amaro, que se erguera.

—É negocio feito, disse-lhe elle. Eu escrevo ao chantre que é meu amigo. Póde estar descançado.

Amaro fez uma cortezia, e curvando-se, foi dizer á condessa.

—Minha senhora, eu agradeço...

—Ai agradeça a Theresa. Ella quer ganhar indulgencias, parece.

—Minha senhora, foi elle dizer a Theresa...

—Lembre-me nas suas orações sr. padre Amaro, disse ella, e continuou, magoando o ar com a melancolia italiana d'aquella aria.

Amaro sahiu. D'ahi a uma semana soube o seu despacho. Mas partia triste. Não tornára a esquecer aquella manhã em casa da senhora condessa de Riba-Mar, aquella magnifica pessoa, Theresa, os seus braços brancos cobertos d'uma *gase* negra, e o rapaz loiro, attrahente e fino, que dizia *yes*. E cantava-lhe no cerebro, como um coro de sensações amorosas, aquella aria triste do Rigoletto. E a cada momento voltavam-lhe á idéa os braços de Theresa: via-os nus, com o encanto dos marmores pallidos, cahidos ao comprido do corpo magnifico, destacando sobre setim negro, via-os arquearem-se, com gestos doces, unctuosos e tenros, via-os, enlaçarem-se de vagar, pesados e meigos, redondos, frescos, doces ao contacto, como o pulido d'uma porcelana, em torno do pescoço d'aquelle rapaz loiro, e todo o corpo d'elle, nobre e branco, desfallecia, com um peso sublime, nos esquecimentos dos amores profundos como a morte, e o seu pescoço pallido estaria tumido de suspiros...

E uma madrugada partiu para Santa Apolonia, com um gallego que lhe levava o bahu. A madrugada vinha e uma claridade nascente e fria azulava-se; mas a cidade estava silenciosa, na sua côr parda. Os candieiros apagavam-se. Ás vezes uma carroça, passava rolando, abalando a calçada; as ruas pareciam vastas e interminaveis, todas desertas: ás vezes homens com as golas dos casacos levantadas, os aspectos amarellos fatigados, passavam, vindo do jogo, ou de casas publicas; os saloios começavam a chegar montados nos seus burros, com as pernas baloiçadas, cobertas d'altas botas, enlameadas; n'uma ou n'outra rua, uma voz isolada apregoava os jornaes, e os moços dos theatros, corriam, com o pote da massa pregando nas esquinas os cartazes. Amaro ia triste, todavia. E sem razão, vinha-lhe, sem a comprehender uma saudade d'aquella vida que não vivia, que devia accordar mais tarde, ao meio dia, e que continuaria o seu ruido cheio de luz, de musica e do rumor de beijos, em quanto elle iria, na segunda classe d'um *Wagon*, encolhido no seu capote, com o olho na sua mala, só, ruminando baixo o preço do seu bilhete. Mas ao voltar d'uma esquina, um *coupé* com dois creados de casaco branco e chapeu de oleado, quasi o derrubou.

—Eh! gritou o cocheiro.

E á claridade que já havia, Amaro julgou conhecer, no fundo da carruagem, abafado no seu paletot, com o chapeu derrubado sobre os olhos, o charuto acceso, o bello rapaz loiro, que em casa da senhora condessa dizia *Yes*. Amaro ficou a olhar o *coupé*, que rodava rapidamente. E aquelle homem, tão lindo, recolhendo áquella hora da madrugada, deu-lhe uma idéa d'uma existencia plena, amada, rica, coberta de luxo, e via-o sempre enlaçado indefinidamente, por aquelles dois braços brancos, cobertos de gaze negra.

No entanto clareava; as andorinhas cantavam em telhados, e ao pé de Santa Apolonia, o rio estendia-se, branco, immovel, coalhado, riscado de correntes, de cor d'aço sem lustro, e já alguma vela de falua passava silenciosa e lenta. Amaro ia revolvendo baixo as suas orações da manhã.

(*Continua*).

Eça de Queiroz.

ANALES

DE LA INTOLERANCIA

AUTO GENERAL DE FÉ, CELEBRADO EN MADRID EL 30 DE JUNIO DE 1680; PRESIDIDO POR LA CATÓLICA MAGESTAD DEL SR. D. CARLOS II, CON ASISTENCIA DE LA REAL FAMILIA

Narracion sacada de las cronicas, memorias y documentos mas auténticos

Entre las mas célebres instituciones, que han impreso su sello y ejercido una influencia determinante en los destinos de un pueblo, no ha existido seguramente ninguna, que supere en importancia y trascendencia á la *Inquisicion española;* asi llamada por los historiadores, para distinguirla de la antigua y general de la Eglesia.

La intolerancia religiosa, tanto mas terrible cuanto mayor es el atraso de las sociedades en que, valiendose de este mismo, se ceba, ofrece en los sangrientos anales de la humanidad, desde los siglos mas remotos, una larga série de sucesos atroces, cuya memória ha llegado hasta nosotros, con mas ó menos confusion, desfigurada por el fanatismo, por la pasion politica y por las mil causas que influyen en la adulteracion de la verdad histórica; pero cuyo fondo responde á un sentimiento uniforme de intransigencia y crueldad salvaje.

Examinando el antiguo testamiento, se horroriza el ánimo ante el interminable catálogo de atrocidades cometidas só pretesto de religion, sirviendo esta, casi siempre, de disfraz á un motivo politico, y de instrumento á una ambicion personal ó colectiva.

En las primeiras edades, encontramos ya al patriarca Abrahan en gran peligro, por haber desahogado su santa cólera reprendiendo agriamente á los caldeos, adoradores del fuego; pues estos le arrojaron á las llamas, y solo pudo salvarse de milagro, segun San Gerónimo y otros

autores graves. Las ciudades de Sodoma y Gomorra, sobre la que llovieron estrellas encendidas, por sus depravaciones; la pérdida del sacerdócio y de primogenitura de Esau por infiel, herege y simoniaco, y la privacion de todas las riquezas á Laban, adorador de los falsos simulacros de los Cananeos gentiles, riquezas que pasaron á la casa de Jacob, siervo del señor; el terrible trance de los cismáticos Coré, Datan y Abiron, tragados por la tierra en castigo de no reconocer el legítimo sacerdócio de Aaron; y las serpientes de fuego, que mordian á los israelitas blasfemos en el desierto; nádie negará que constituyen antecedentes de bulto, para fundar, por si solos, una teoria de fuertes expiaciones y de exterminio.

Pues bien, todos estos egemplos se encuentran sin pasar del Génesis; y no son nada, al lado de los que registran los demas libros sagrados.

En el de los números, se priva á todos los hombres entonces existentes de ver jamas la tierra de promision, por haber tentado diez veces al Señor y caído en heregia. En el Exôdo, Moises les da á beber, hecho polvos, el becerro de oro, que habian adorado durante su ausencia, y hace perecer hasta treinta y tres mil, á manos de los levitas, sin perdonar el hermano al hermano, ni el padre á sus hijos; en virtud de una ley del Denteronómio en que asi se previene, de conformidad con otra del Exôdo. En el libro de los Jueces cuentan las terribles expiaciones de los hebreos que, por adorar á los dioses de los cananeos, vieron destruidos sus campos y ganados, y fueron entregados, ellos mismos en esclavitud, al rey de Mesopotamia; siendo, en otra ocasion, castigados con la muerte setenta varones, por adorar á Boál, y arruinada y sembrada de sal la ciudad de Sichêu, cuyos habitantes fueron pasados á cuchillo por el zeloso Abimeléch, que quemó el templo com mil devotos dentro. En los libros de los Reyes, del Paralipomenon y de los Macabeos, es interminable la série de ciudades destruidas, de tronos perdidos, de pueblos esclavizados y de muertes llevadas á cabo, con detalles de ejecucion repugnantes y crueles, como Jezabel, arrojada por un ventana, pisoteada de caballos y comida de perros, por haber introducido la idolatria en sus Estados, y guardado pocos miramientos y consideraciones al profeta Elias; ó como la del blasfemo Nicanor, cuya cabeza y mano derecha clavó Judas Macabeo en la puerta del templo, arrojando su lengua al campo para pasto de las aves.

En vano hubo varones ilustres y piadosos, y hasta santos que, despues de la venida de Jesucristo, predicaron la tolerancia y se opusieron á las persecuciones y á los martirios; procurando con la persuasion ganar almas para Dios, y enseñando que los hechos crueles, arriba referidos, no pudian tener ya aplicacion alguna, existiendo la ley de grácia en virtud de la venida del redentor y de su sacrificio sublime; en vano el espíritu de amor y caridad del cristianismo pugnaba contra los feroces procedimientos de los inquisidores; estos tuvieron en su apoyo el favor del rey Fernando el Católico (nó el de la reyna Isabel, como por algunos historiadores se ha pretendido) y obedeciendo á su pensamiento,

mas politico que religioso, pudo establecerse, venciendo grandes dificultades, la Inquisicion española, impuesta por una minoria sanguinária, egoista, codiciosa y fanática, contra la voluntad, y á pesar de la repugnancia expresa, de la mayor parte de los naturales de Aragon y Castilla, en diferentes formas manifestada.

Uno de los caracteres mas odiosos del nuevo tribunal, que le diferenciaba de la Inquisicion primitiva ó de la iglesia, era la absoluta imposibilidad de conocer los nombres de los delatores ó testigos, ni de ejercer acto alguno de defensa, faltandose á las reglas y preceptos mas rudimentales del derecho respetados en todas las jurisdicciones, y á las leyes y disposiciones canónicas. Pero esta pavorosa tirania, en cuya virtud cualquier inocente se hallaba expuesto á perder, entre atroces tormentos, su vida, su honra, la de sus hijos y toda su fortuna, á pesar de haber sido causa de las representaciones mas vivas y de tumultos considerables en muchas villas y ciudades, fué calorosamente mantenida; como que constituia la esencia principal de la misteriosa y tremenda institucion, cuyo poder resultó de esta manera incontrastable y tanto mas temible, cuanto que la história registra una larguísima série de acontecimientos, por los que se prueba, que nadie intentó oponerse, en esta materia, sin experimentar muy pronto algun castigo terrible, calificado de *¡providencial!* en su hacienda, en su vida ó en su honra.

En consecuencia, no tardó en acabar el número de los que osaban manifestar disgusto; aumentando, al mismo tiempo, los glorificadores del tribunal á quien apellidaban «remedio del cielo y Angel de la guardia del Paraiso, donde la Divina Providencia asiste para castigar con buen orden y concierto en la ejecucion de las penas. [1]» ó bien «muro de la Iglesia, columna de la verdad, custodia de la fé, tesoro de la cristiana religion, arma contra los hereges, luz clarísima contra las falácias y astucias de los demónios, y piedralidio para conocer y examinar la verdad de la doctrina. [2]»

El triste reinado del infeliz Carlos II, llamado por unos el hechizado y por otros el imbécil, último monarca de la casa de Austria, constituye una época en que el fanatismo se deja sentir con toda su fuerza, hasta influir poderosamente, valiendose de sórdidas intrigas y ridículos hechizos en el porvenir de la gran patria española, preparando la mudanza de la antigua dinastia y el advenimiento, prévia una larga y desastrosa lucha, de la casa de Borbon.

Durante este periodo, el santo tribunal de la Inquisicion no podia menos de ostentarse pujante, y la historia habia de consignar acontecimientos notables, testimónio de su sangriento poderio, como lo es, indudablemente, el inolvidable cuanto magnífico auto general de fé, celebrado en Madrid, con asistencia del rey Carlos II, de su esposa y la reina madre, siendo inquisidor general el Ex.^{mo} Sr. Dr. Diego Sarmiento de Va-

[1] Cabrera, Historia de Felipe II.
[2] Fray Luis de Granada, Sermeson

lladares, colegial del Mayor de Santa Cruz de Valladolid, catedrático de vísperas en la facultad de leyes de aquella universidad, inquisidor del santo tribunal de aquella ciudad, auditor de la sacra Rota, fiscal del consejo de Inquisicion y despues Consejero, obispo de Oviedo, presidente del consejo Real de Castilla, de la junta grande de la gobernacion en la menor edad del Rey, obispo de Plasencia, inquisidor general de la monarquia católica, como queda dicho, y del consejo de Estado de su Magestad.

La enumeracion, que acabamos de hacer, de los cargos acumulados en la persona del inquisidor general y la excelsitud de muchos de ellos, bastan para suministrar una idea de la suprema importancia del tribunal tremendo, presidido por tan condecorado prócer.

Sabedores los ínclitos varones que componian este elevado cuerpo, de la inmejorable disposicion de ánimo de Don Carlos II, que parece habia indicado el deseo de seguir el ejemplo de su padre Don Felipe IV, ante quien se celebró otro auto general de fé en 1632, y hallándose atestadas de reos. con causas fenecidas, las cárceles de muchas inquisiciones, se dispuso que el que debia tener lugar en Toledo se verificase en Madrid, con toda pompa y solemnidad, asistiendo personalmente el rey con la real familia, y admitiendo, gustoso y lleno de reconocimiento, el excelentísimo señor Duque de Medinaceli y de Segorbe, primer ministro de la monarquia, la invitacion que se le hizo, para que llevase el estandarte en la procesion de la cruz verde.

De este señalado principio puede colegirse á que punto llegaria el entusiasmo y la diligencia de cuantos, por razon de su oficio ó ayudados del favor, habian de figurar en una funcion tan notable. Nombráronse inmediatamente gran número de comisiones, de las que formaron parte, en primer término, los señores del consejo de la Inquisicion, siendo eficazmente asistidos en sus importantes funciones, por las personas mas distinguidas de la corte, que se disputaban los honoríficos cargos de dirigir y vigilar la construcion del magnífico teatro que habia de levantarse en la plaza mayor; prevenir los estandartes y las arquillas para las sentencias y los familiares que habian de acompañar al consejo; disponer el dosel, las sillas, colgaduras, asientos y adornos, procesiones de las cruces blanca y verde, repartimiento de bastones y velas, guarda del teatro, arreglo de precedencias y otras etiquetas entre los mayordomos de las congregaciones de San Pedro mártir, de Madrid y Toledo; asistir y ayudar al despacho de las causas de fé y á la formacion y correccion de las sentencias; prevenir los alojamientos y vestuarios de los reos; hábitos penitenciales y estátuas, velas y varillas para la absolucion, manual para las abjuraciones y absoluciones; fórmula del juramento de S. M. y el refresco y refaccion necesários para los ministros y dependientes en dia de tanta fatiga como el que se preparaba, atendiendo lo largo y solemne de las ceremónias y la multitud de titulados criminales que habian de comparecer, en público, ante el terrible tribunal; unos, para ser reconciliados mediante penitencia, destierro, cárcel y, por lo general, confiscacion

de bienes; otros, para ser piadosamente ahorcados, antes de entregarlos á las llamas, y los demas para ser quemados vivos.

Larga habia de ser la lista de los personages notables que, sin pertenecer de derecho á la santa inquisicion, ejercieron cargos y desempeñaran puestos interesantes en las comisiones indicadas, y en otras que habran escapado á nuestras investigaciones y á la fiscalizacion de las crónicas; pero creemos asaz instructivo y curioso apuntar, si quiera, quienes fueron los que, con motivo de esta ínclita funcion, pidieron y obtuvieron la gracia de *familiares*, y se pusieron el hábito de la santa Inquisicion, prévia la presentacion de su genealogia y dispensados de algunos requisitos por la notoriedad y pureza de su sangre, por la urgencia del caso y por ser, los mas, naturales de la villa de Madrid, con lo que se evitó el mandar informantes fuera.

He aqui la relacion:

Grandes de España

Duque de Abrantes, Don Agustin de Alencastre.

Conde de Aguilar y Frigiliana, Don Rodrigo Manuel Manrique de Lara.

Conde de Aguilar, señor de Cameros, Don Iñigo de la Cruz Manrique de Lara.

Conde de Alvadeliste, Don Francisco Miguel Enriquez.

Duque de Alburquerque, Don Melchor Fernandez de la Cueva y Enriquez.

Conde de Altamira, Don Luis de Moscoso Osorio.

Principe de Astillam, Duque de Medina de las Tornes, Don Nicolas de Guzman y Carrafa.

Duque de Bejar, Don Manuel Diego Lopez de Zúñiga y Sotomayor.

Conde de Benavente, Don Francisco Antonio Casimiro Pimentel.

Duque de Camiña, Don Pedro de Meneses, Portocarrero y Cueba.

Marques de Castel Rodrigo y Almonacid, Don Carlos Pacheco y Moura.

Duque de Hijar, Don Jaime Fernandez de Hijar.

Conde de Lemos, Don Fernando Ruiz de Castro.

Duque de Linares, Don Miguel de Noroña y Silva.

Duque de Medinaceli, Don Juan Francisco de la Cerda Enriquez Afan de Ribera.

Duque de Medinasidónia, Don Juan de Guzman y Cordoba.

Marques de Mondejar y Agropoli, Don Gaspar Ibañez de Segovia.

Duque de Montalto, Don Fernando de Aragon y Moncada.

Conde de Monte-Rey, D. Juan Domingo Zúñiga y Fonseca.

Conde de Oropesa, D. Manuel Joaquin Garcia Alvarez de Toledo.

Duque de Osuna, D. Gaspar Tellez de Giron.

Duque de Pastrana, D. Gregorio de Silva Mendoza y Sandoval.

Duque de Sesar, D. Francisco Fernandez de Córdoba Cardona y Aragon.

Duque de Uceda, D. Juan Francisco Pacheco Tellez Giron.

Títulos de Castilla

Marques de Ayamonte y Villa Manrique, D. Manuel Luis de Guzman y Zúñiga.

Marques de Algecilla, D, Juan de Silva, Mendoza y Sandoval, primogénito del duque de Pastrana.

Almirante de Aragon, D. Isidro Tomas Folch de Cardona.

Conde de Amarante, D. Garcia Ozores Lopez de Lemos.

Conde de los Arcos, D. Pedro Laso de la Vega, Niño de Guzman.

Marques de Balero, D. Baltazar de Zúñiga Sotomayor y Guzman.

Conde de Baños, D. Pedro de Leiva.

Marques de Belmar, D. Isidro de la Cueva Enriquez.

Conde de Cabra, D. Francisco Fernandez de Córdova Cordona y Aragon.

Conde de la Cabrada, D. Juan de Chaves y Chacon.

Marques de Canales, D. Pedro Coloma.

Conde de Casapalma, D. Felix de Córdova, hijo del Duque de Sesar.

Marques de Flores D'avila, Conde de Castañeda, D. Antonio de Zúñiga y Cueva Manrique de Lara.

Marques de Castro-Monte, D. Juan de Baeza y Mendoza.

Conde de Cobatillas, D. Antonio Manuel de Contreras.

Marques de Cogolludo, D. Luis Francisco de la Cerda y Aragon, primogénito del Duque de Medinaceli.

Marques de Cuellar, D. Francisco Fernandez de la Cueva, primogénito del Duque de Alburquerque.

Marques de Estepa, D. Cecilio Centurion Córdoba y Mendoza.

Marques de la Fuente el Sol, D. Luis Mosen Bracamonte Dávila.

Conde de Guaro, D. Diego Josef Chumacero y Carrillo.

Marques de Guevara, primogénito de los Condes de Oñate, D. Iñigo Velez de Guevara.

Conde de Hernan-Nuñez, D. Francisco de los Rios y Cordoba.

Conde de Humanes, D. Baltasar de Eraso y Toledo.

Marques de Montalvo, D. Cristobal Portocarrero.

Marques de Mortara, D. Juan Orozco Manrique de Lara.

Conde de Orgaz, D. José Hurtado de Mendoza, Rojas y Guzman.

Marques de Palacios, D. Pedro de Alarcon y Guzman.

Conde de Palma, D. Luis Fernandes Portocarrero.

Conde de la Puebla del maestre y de Nieva, D. Lorenzo de Cárdenas.

Conde de la Ribera, D. Francisco de Medina y Guzman.

Duque de San Juan, D. Fernando de Moncada y Aragon.

Conde de Tendilla, D. Josef Ibañez de Segovia y Mendoza, hijo del Marques de Mondejar y Agropoli.

Conde de Torres-Vedras, D. Antonio Bracamonte, Dávila, hijo del Marques de Fuente el Sol.

Conde de Villalvilla, D. Juan Francisco Balbi Imbrea y Espínola.
Conde de Villaverde, D. Gaspar de Sandoval Mendoza y Silva, hijo del Infantado y Pastrana.

Personas ilustres

D. Alonso de Aguilar, del consejo de órdenes, hijo del Marques de Priego, Duque de Féria.
D. Antonio de Guzman y Dávila, hijo del Marques de Villa-Manrique.
D. Antonio Fernandez de Córdova, hermano del Duque de Féria.
D. Agustin Alonso de Guzman, hermano del marques de la Algava.
D. Batasar de Mendoza y Caamaño, Summiller de Cortina de S. M. hermano del Marques de Villa-Garcia.
D. Beltran Velez de Guevara, hijo del Conde de Oñate.
D. Diego Gomez Sarmiento de la Cerda, hermano del Duque de Hijar.
D. Francisco Perez de Castro, hermano del conde de Lemos.
D. Garcia de Guzman, dignidad y canónigo de Toledo, hermano del Marques de Monte-alegre.
D. Gaspar de la Cerda y Seiva, hermano del Conde de Baños.
D. Gerónimo de Eguia, hijo de D. Gerónimo Eguia, secretario del Despacho universal.
D. Josef Lopez de Lemos, hermano del Conde de Amarante.
D. Josef Moncada y Aragon, hermano del Duque de San Juan.
D. Josef Pimentel, hijo del marques de Povar.
D. Juan Antonio de Zárate, Señor de Villanueva de la Sagra y secretario de Guerra.
D. Juan de Angulo, secretario de S. M. y del consejo de Cruzada, que sirvió ausencias y enfermedades del Despacho universal.
D. Mateo Garnica y Córdoba, señor de las casas y mayorazgo de Garnica.
D. Juan Pimentel, hijo del Marques de Povar.
D. Manrique de Noroña, hermano del Duque de Linares.
D. Melchor de Guzman y Dávila, hijo del Marques de Povar.
D. Salvador Ruiz de Castro hermano del Conde de Lemos.
D. Sebastian Pimentel, hijo del Marques de Povar.

Estos fueron los nuevos familiares de la Inquisicion, que se apresuraron á entrar en funciones con motivo del solemne auto general de fé, siguiendo el poderoso estímulo y alto ejemplo de aquel taciturno monarca, que representaba una víctima mas del feroz fanatismo, azote de España durante largos siglos y orígen de las aberraciones morales que siguen oponiéndose, todavia, á la regeneracion de nuestra patria.

El jueves 30 de mayo, en que la Iglesia debia celebrar una de sus mayores fiestas, la de la Ascension, y conmemorativo del Santo Rey D. Fernando, que se distinguió llevando sobre sus hombros un haz de leña para quemar á los albigenses, fué el elegido por el Inquisidor general para la pomposa publicacion del auto, que se verificó, con sumo luci-

miento, por la calidad de las personas asistentes, que deslumbraban, con sus joyas y preseas, sobre ricos y vistosos trajes; llevando los caballeros de las órdenes (de esas órdenes cuyo tribunal restableció recientemente el demócrata Enrique Martos) encima de su hábito, el de la Inquisicion; para mayor honra y como señalada preferencia, á favor de este; luciendo, los familiares, caballos arrogantes y briosos, y cabalgando los notarios y comisarios, con humildad y recogimiento, en mulas con gualdrapas.

Tan lucido cortejo recorrió la coronada villa y corte, desde las tres de la tarde, en que salió del alojamiento del Inquisidor general, con el estandarte de la fé, hasta bien entrada la noche, en que regresó al mismo sitio, habiendo desfilado ante Palacio, para que S. S. M. M. vieran la procesion, y despues de haber publicado ocho veces, á voz de pregonero, dictando Lucas Lopez de Maya, familiar y notário del número de la Inquisicion de esta corte y vecino de ella, el siguiente:

«Sepan todos los vecinos y moradores de esta villa de Madrid, corte «de su Magestad, estantes y habitantes en ella, como el santo oficio de «la Inquicion de Toledo celebra auto público de la fé en la plaza mayor «el domingo treinta de junio de este presente año, y que se les conce«den las gracias y indulgencias por los sumos pontifices, dados á todos «los que acompañaren y ayudaren á dicho auto. Mándase publicar para «que venga á noticia de todos».

A cuya notificacion, la siempre explotada muchedumbre, la *arrayamiuda*, como dirian nuestros hermanos de Portugal, prorrumpia en atronadores gritos de *¡Viva la fé de Cristo! ¡Muera el pecado! ¡A la hoguera los hereges! ¡Fuego en los enemigos de Dios!*

Casi no fué bastante el tiempo que medió entre la publicacion y la ejecucion de acto tan solemne, para dejar terminados los preparativos todos; entre los cuales ocupa el primer lugar la soberbia fábrica del teatro de la plaza Mayor, encomendado á D. Fernando de Villegas y construido segun el diseño y bajo la direccion de Josef del Olmo, alcaide familiar del santo oficio, ayuda de la furriela del rey y maestro mayor alarife de la real cámara, previa la órden de S. M. dirigida al gobernador del consejo supremo de Castilla y redactada en los siguientes términos.

«Ordenareis á la villa que haga hacer el tablado y vallas que son «menester, para celebrar el auto de fé en la plaza, para 30 de junio que «viene, conforme á la traza que está acordada, y que se dé mucha priesa, «para que se cumpla á tiempo. Madrid á 6 de junio de 1680.»

Lucióse, en efecto, Josef del Olmo en el desempeño de su cometido y dejó, para siempre, unido su nombre á la memoria de aquella horrorosa hecatombe, no solo por la ejecucion de tan importante trabajo, sinó por haber legado á la posteridad, como fiel y exacto cronista, gran copia de curiosos datos, gracias á los cuales podemos hoy reseñar, en su magestoso conjunto, y ofrecer á la reflexiva meditacion de nuestros lectores estos anales, que tan provechosa enseñanza proporcionan para el filosófico estúdio de nuestra moderna história.

La víspera de la celebracion del auto, ó sea el 29 de junio, como acto preparatorio, tuvo lugar la procesion de las cruces verde y blanca; emblemas de la inquision una y otra, aunque con distinto significado: la primera, en campo negro, con un ramo de oliva á la derecha y una espada á la izquierda, constituia el escudo de armas de la institucion y ofrecia alguna esperanza de salvacion á los que, amedrentados ó debilitados por el tormento, se apresurasen á confesarse culpables; la segunda, la blanca, era puede decirse de la desesperacion, si tal nombre fuera lícito aplicar al signo de la divina misericordia. ¡Hasta este límite la barbárie fanática se halla en pugna con la religion cristiana! Pintábase de este color, como representando el esplendor cándido de la fé; pero era la que, colocada en el lugar del suplicio, presidia las horrorosas convulsiones de los que eran lanzados vivos al brasero, y escuchaba los gritos de dolor y la indescriptible agonía de los que no habian querido manchar sus lábios con una mentira cobarde, ó estaban condenados, sin apelacion por el ódio inquisitorial, efecto muchas veces de los mas indignos y repugnantes móviles, de los instintos carnales y de la codicia.

Asi profanaban aquellos titulados defensores de una religion que desconocian, el sacrosanto emblema de la Cruz.

No nos detendremos á detallar puntualmente esta solemnidad, bastando decir que escedió muchísimo en magnificencia procesional á la de la publicacion del auto, asistiendo á ella, tremolando su bandera y haciendo salvas la compañia de los soldados de la fé, creada solo para esta terrible funcion, y disuelta, por consiguiente, despues de haber recogido innumerables indulgencias, el dia 4 de júlio, asi que partieron los reos sobrevivientes á la cárcel de la penitenciaria de Toledo.

Uno de los servicios prestados por esta compañia, antes de salir la cruz verde de la Iglesia del colegio de D.ª Maria de Aragon, debe consignarse especialmente, porque constituye un episódio característico, que vamos á transcribir de la puntualísima crónica de Josef del Olmo.

Dice asi:

«El dia 28 de junio por la tarde salió la compañia de las casas del «tribunal de corte, donde tenia su cuerpo de guardia y fué marchando «con buen órden hasta la puerta de Alcalá; alli habia preparada, de or-«den del señor marques de Ugena, corregidor, cantidad de haces de leña, «de la cual cada soldado fué tomando un haz, y con esta fagina volvie-«ron marchando hasta hacer alto en la plazuela de palácio.

«El capitan subió hasta el cuarto de su Magestad por la puerta del «retrete, llevando en la rodela un haz del fagina, prevenido con el aliño «y proporcion mas decente para presentarse al Rey nuestro señor. Reci-«biole de su mano el duque de Pastrana, que le llevó á la real presencia «de su Magestad, el cual por su propia mano le entró á mostrársele á la «Reyna nuestra señora D.ª Luisa Maria de Borbon, y volviéndole á sacar «le recibió el duque de la mano del Rey, y se lo volvió á entregar al ca-«pitan, diciendo que su Magestad mandaba que le llevase en su nombre «y fuese el primero que se echase en el fuego. Advertencia que al Rey

«nuestro señor le dictó la piedad heredada del santo Rey D. Fernando «el tercero, que en semejante ocasion, para dar ejemplo al mundo llevó «la leña al brasero, etc.»

Terminada la procesion, se instaló la cruz verde en el altar prevenido en la plaza Mayor, y permaneció en vela la comunidad de frailes de Santo Domingo, cantando los maitines á la hora acostumbrada, y celebrando misas, de media noche en adelante, asi los padres de dicha orden como otros religiosos.

La cruz blanca fué conducida por la congregacion de San Pedro Mártir al brasero, que estaba, á mano izquierda, inmediato al camino de Fuencarral, distante como trescientos pasos de la puerta; y se fijó en un pedestal de tres pies y medio de alto, en el centro del testero norte del brasero; mientras batia la bandera y hacia salva la compañia de la fé, que dejó alli un piquete de honor para custodia de la temible cruz, al retirarse á su cuerpo de guardia.

Vamos acercándonos al dia tremendo, al instante desgarrador de aquel cruento sacrificio. Solo queda una noche por medio; pero ¡ay! ¡que es bien amarga para aquellas víctimas infelices que, transportadas con los peores tratamientos desde diversas y lejanas prisiones, se encuentran ya hacinadas en las cárcelas secretas, esperando en medio de la mayor ansiedad y zozobra la notificacion de su sentencia, por muchos de aquellos desdichados presentida, y por los mas atormentados hasta deseada!

A las diez de aquella infausta y vergonzosa noche, el inquisidor D. Antonio Zambrana de Bolaños, asistido del secretario D. Fernando Alvarez Valdés, penetró en las mazmorras donde gemian los reos condenados á relajar [1] y les leyó la notificacion en los siguientes términos.

Hermano, vuestra causa se ha visto y comunicado con personas muy doctas de grandes letras y ciencia, y vuestros delitos son tan graves y de tan mala calidad, que para castigo y ejemplo de ellos se ha hallado y juzgado que mañana habeis de morir: prevenios y apercebios; y para que lo podais hacer como conviene, quedan aqui dos religiosos.

Resístese la pluma á consignar inmediatamente despues de los anteriores renglones, que en tan aflictiva noche el santo tribunal habia hecho llevar á las cárcelas secretas grandísima prevencion de bizcochos, chocolate, dulces y bebidas, con que se regalasen los religiosos y ministros; pues nadie supondrá que los pobres sentenciados estuvieren para participar del festin.

Amaneció el, por unos horriblemente temido, y de otros, con salvaje impaciencia esperado, treinta de junio; y, desde el alba, se atestaron de gente los tablados de la plaza Mayor, y los que se construyeron en todas las boca-calles que correspondian á la carrera de la procesion en que habian de comparecer las infelices víctimas, destinadas al sacrificio. El trayecto no fué corto, para mayor agonia, saliendo de las cárce-

[1] Relajar — Entregar el juez eclesiástico al secular algun reo dígno de pena capital.

les del tribunal de corte y pasando por la casa del Inquisidor general, plazuela de la Encarnacion, caños del Peral, plazuela de las Descalzas, San Gines, calle de Bordadores á entrar por ella en la plaza Mayor.

Los pobres reos vistieron, á las tres de la mañana, los diversos trajes infamatórios con que, segun la naturaleza de sus condenas respectivas habian de presentarse al público y á las siete, una hora despues de la generalmente anunciada, empezó á desfilar el cortejo, rompiendo la marcha los soldados de la fé, la cruz de la parroquia de San Martin, enlutada, doce sacerdotes con sobrepellices, y luego, asistidos cada uno dedos ministros al lado:

34 Reos condenados á relajar, en estátua;

11 Penitenciados con abjuracion de levi;

54 Judaizantes reconciliados;

19 Reos condenados á relajar en persona, ó sea á morir en el brasero.

Total 118 desdichados reos.

Antes de pasar adelante, explicaremos á nuestros lectores estas distinciones y esta inquisitorial frascologia.

Relajar hemos dicho ya en una nota que significa el acto de entregar por un juez eclesiástico, un criminal sentenciado á muerte, á la justicia ordinaria, para su ejecucion; en consecuencia, los condenados á *relajar en estátua* eran reos muertos ó fugitivos á quienes no habia podido alcanzar en sus personas el odio de la Inquisicion, pero que no escapaban de que fuese infamada su memória y la de sus familias, principalmente la honra de sus descendientes, que quedaban incapacitados para desempeñar todo cargo ú oficio público, y reducidos á la mas espantosa miseria; porque todos sus bienes eran confiscados por la Inquisicion á mayor gloria de la iglesia de Dios.

Los relajamientos en estátua constituían un recurso tan ingenioso como irresistible y cómodo, para causar la ruina de cualquier familia; pues bastaba formar proceso á uno de sus progenitores y, fundandose en pruebas imaginarias, imposibles de rechazar por secretas, condenarle. Entonces se desenterraba al sentenciado, se quemaban sus huesos y, en todo caso, se confiscaban sus bienes, es decir, los de sus inocentes herederos.

¡Pásmase la imaginacion al considerar la fuerza avasalladora de tales procedimientos, y las consecuencias funestas para el desarrollo de una sociedad que, durante um periodo de siglos, ha gemido presa de un terror de semejante espécie!

Los reos que comparecian en estátua iban provistos de sus corozas con llamas pintadas, ó de sambenitos y arquillas en los manos, que contenian sus huesos, caso de haberse podido dar con ellos; y todos, con grandes rótulos en el pecho, expresando el nombre del difamado.

Respecto á las abjuraciones, las habia de tres maneras; de levi, de vehementi y en forma. Correspondia la primera á delitos que constituyen indicio leve de heregia, como los casados dos veces, los que celebran sin

ordenes etc.; exigíase la segunda á aquellos cuyo delito, por su gravedad, engendraba sospecha vehemente que á los que, manteniéndose en la negativa, tenian contra si dos testigos que no satisfacian al tribunal para la imposicion de la pena capital; surtiendo esa abjuracion los mismos efectos que la llamada en forma, en cuanto á que producia el castigo, como relapso, al que la hacia, caso de repetir el delito. La abjuracion en fórma era la de los convictos y confesos del crímen de heregia, ó de haber judaizado.

Los once, que despues de haber abjurado de levi figuraron en el auto que vamos conmemorando, iban en la procesion con velas amarillas, apagadas, en las manos; y algunos con sogas á la garganta, y tantos nudos en ellas cuantos eran los centenares de azotes á que salian condenados.

Los cincuenta y cuatro judaizantes reconciliados se presentaron con sambenitos de media aspa (ó como dice cierto chistoso comentador, de media gala) y otros entera; provistos tambien de sus correspondientes velas amarillas apagadas; en el bien entendido de que la reconciliacion no les libraba de perder todos sus bienes, pena accesória de otras que ordinariamente se les aplicaban, y consistian, por lo regular, en algunos cientos de azotes por las calles públicas, ó algunos años de galeras y hasta cárcel perpétua irremisible; pero escapaban de la temida hoguera.

En los últimos reos, ó sea en los condenados á relajar personalmente, se extremaba el rigor del llamado Santo Tribunal.

Adornábanse todos estos con la coroza y capotillo de llamas, en representacion de las que bien pronto habian de cebarse en sus cuerpos; los calificados de pertinaces, con dragones pintados y algunos de ellos con mordazas y atadas las manos; sin que faltase á ninguno el obligado acompañamiento de los religiosos exhortantes, cuyas pláticas, en trance tan desesperado, constituian, sobre todo para los inocentes que no tenian que confesar ni de que arrepentirse, un tormento cruel, difícil de concebir en toda su amargura y de explicacion imposible.

El cortejo escedió en lucimiento y ostentacion, este dia, al de las otras procesiones preparatórias de que queda hecha referencia; acudieron, en su totalidad, los familianes; unos á pié, custodiando á los reos, y otros en sus respectivos puestos en la comitiva; desempeñando los oficios propios de tales familiares con la mayor pontualidad, trocados de soberbios próceres en servidores humildísimos y honrandose sobre manera en ello; sin que faltase quien cuidara de que se trasmitiese á la posteridad la memoria de tales servicios.

Por temor de ser difusos en demasía dejamos de consignarlos todos; únicamente, y como muestra, trasladaremos lo que refiere Josef del Olmo de uno de los mas preclaros familiares; á fin de que, por los mismos términos en que está redactado el documento, (que, distinguiéndo los tiempos, representa en aquellos un suelto de encargo de la *Correspondencia de España*), juzguen nuestros lectores de la importancia que se

daba á ciertas humillaciones, y del partido que de ellas se sacaba, en honra y prestigio del santo oficio.

«Fué de singular ejemplo el del Ex.^mo^ Sr. Don Gregório da Sil-«va, que viendo hacia falta un cerrajero, para el mas breve expediente «del embarazo de quitar las prisiones, fué personalmente acompañado de «un comisario del santo oficio, á buscar un profesor de aquel arte, y con «la eficácia de su autoridad y diligencia le condujo con tanta presteza, «que fué causa de que no fuese mayor la dilacion. *La gloria de esta ac-«cion es justo quede en la memória para admiracion de los siglos, y que «se pondere en todos tiempos,* que el Ex.^mo^ Sor. D. Gregorio da Silva, «Sandoval y Mendoza de la Cerda, de la Vega y Luna, conde de Salda-«ña, heredero del Infantado, Duque de Pastrana, principe de Melito, se-«ñor de la villa de Extremera y la Zarza, y las de Valdaracete, Alba-«late y Zurita de los Canes, Escamilla, y de la de Barciense y su hereda-«miento, y del lugar de Sayaton, de las baronias de la Roca, Anguitola, «Franchiza y Caridad, y de la tierra del Pozo en el reyno de Nápoles, «provincia de Calabria Últra, señor de la casa de Silva, alcaide del cas-«tillo y fortaleza de Zurita de los Canes, y capitan de las guardias vie-«jas de Castilla, Comendador mayor de Castilla, órden y caballeria de «Santiago, gentil hombre de la cámara de Su Magestad, y montero «mayor, duque de Francavila, marques de Argecilla y de la Puebla de «Almenara, y embajador extraordinario al rey cristianísimo, añade á la «grandeza de tantos títulos el blason de *heróico familiar* del santo oficio «y dignísimo ministro [1] del mas santo Tribunal.»

Transcrito este suculento ditirambo, legado á las venideras edades por el elocuente Josef del Olmo, nada puede añadirse para caracterizar cumplidamente tan excelsos familiares y sus sublimes tareas.

En pos de las víctimas, desfilaron procesionalmente con el órdem mas perfecto, cabalgando en briosos caballos ó bien aderezadas mulas, segun sus condiciones respectivas, y guardando sus puestos señalados con escrupulosa sujecion á la etiqueta, los corregidores de la villa, individuos de los tribunales de Toledo y de la corte, de los consejos supremos, de la cámara de Castilla, alcaldes de corte, caballeros de las órdenes, clérigos, comiários etc., etc., por parejas, á fin de que se guardase el mejor órden en la formacion de las hileras; marchando los dos últimos el ex.^mo^ sr. D. Diego Sarmiento de Valladares, obispo inquisidor general del consejo de Estado de su Magestad y el ill.^mo^ sr. D. Fray Juan Asencio, obispo de Avila y gobernador del Consejo Real de Castilla. El inquisidor general, primer personage en esta funcion, iba vestido de morado con muceta y mantelete, falda larga de chamelote de aguas, con sombrero de que pendian borlas y cordones, en poderoso caballo bayo de cabos negros, con silla y gualdrapa, tocado de cintas y felpa morada, con jaez y borlas correspondientes, acompañandole doce lacayos con lujosa librea morada.

[1] Entiéndase alguacil.

Cerraba la comitiva el señor D. José Pimentel, marques de Malpica y de Tobar, protector del tribunal de la inquisicion de Toledo, que daba la guardia con cincuenta alabarderos y se presentó segun el cronista «con «una gala muy rica, y digna de tal príncipe en tal funcion, ayrosamente «á caballo con silla y estrivos de plata de martillo, de tan preciosa, «como curiosa labor, con un encintado vistoso, que formaba una prima- «vera de matices, haciendo que pareciese el caballo una montaña de flo- «res.»

En el órden referido penetró la procesion en la plaza Mayor por debajo del arco que dá á la calle de Borbadores, encontrandose ya en el balcon correspondiente sus Magestades, y poblados todos los demas de multitud de ilustres cortesanos y de agraciadas damas que se honraban ostentando en aquel dia la insígnia del Santo Oficio engarzada entre la rica pedreria de sus aderezos. La parte inferior de la plaza, es decir el perímetro marcado por las vallas se llenó de una inmensa muchedumbre, ávida siempre de espectáculos conmovedores, que no habia de desdeñar este tan sublime en su espécie, y para el cual hasta se siguió en la distribucion de balcones, la misma forma que estaba en uso tratandose de las fiestas de toros ó corridas reales. No faltarian, sin embargo, infelices parientes y amigos de las víctimas, que acudirian con la muerte en el alma y el disimulo en el semblante, á engrosar las olas de aquel apiñado y embrutecido pueblo que, estrecho en los límites trazados, era trabajosamente contenido por el marques de Malpica con sus alabarderos y por las guardias de su Magestad, española y alemana, que, mas de una vez, tuvieron que imponer órden hasta en los tablados, á pesar de la mayor distincion de las personas que debian ocuparlos, y que no siempre ocupaban los puestos que les correspondian en aquel apretado concurso. Al lado opuesto se alzaban las gradas donde habian de ofrecerse, á la vergüenza, los reos, y la *jaula de hierro* en que debian oir sus sentencias: en lugares convenientes, y artísticamente armonizados, se hallaban el altar de la cruz verde, el trono del Inquisidor general y tres púlpitos, necesários para las diversas ceremonias de aquel acto suntuoso y respetable.

Asi que se calmó, y nó del todo, la agitacion y perturbacion producida por la entrada de la procesion, con motivo de tener que ocupar cada cual su sitio en este teatro, el Inquisitor general sabió al plano del tablado con los demas consejeros del tribunal, donde hicieron, primero, una reverencia á la cruz verde, y otra luego á los reyes: despues de otras ceremónias y preparativos de menor entidad, se dirijió D. Diego Sarmiento, con su comitiva, al balcon inmediato al de sus Magestades; haciendo una reverencia púsose el rey de pié; arrodillaronse los que habian subido, menos el Inquisidor; acercóse el rey del lado del balcon donde se hallaba Sarmiento, quitóse el sombrero, hizo entonces el Inquisidor segunda reverencia y su Magestad puso la mano en el libro de los evangélios, que sostenia abierto D. Garcia de Medrano, mientras el Inquisidor general, con tono solemne y voz pausada, bien inteligible, dirigió al rey las siguientes palabras.

«Vuestra Magestad jura y promete por su fé y palabra real, que «como verdadero y católico Rey, puesto por la mano de Dios, defenderá «con todo su poder la fé católica, que tiene y cree la santa madre igle- «sia apostólica de Roma, y la conservacion y aumento della y perse- «guirá y mandará perseguir á los hereges y apóstatas contrarios della, «y que mandará dar y dará el favor y ayuda necesário para el Santo «Oficio de la Inquisicion y ministros della, para que los hereges pertur- «badores de nuestra religion cristiana sean prendidos y castigados con- «forme á los derechos y sácros cánones, sin que haya omision de parte «de Vuestra Magestad, ni excepcion de persona alguna, de cualquiera ca- «lidad que sea». El rey respondió. «Asi lo juro y prometo por mi fé y «palabra real» Y replicó el Inquisidor. «Haciendo Vuestra Magestad asi, «como de su gran religion y cristiandad esperamos, ensalzará nuestro Se- «ñor, en su santo servício á Vuestra Magestad, y todas sus reales ac- «ciones, y le dará tanta salud y larga vida, como la cristiandad ha me- «nester.»

Terminado este acto, é instalado ya en su trono, con las debidas ceremónias y acompañamiento, el Inquisidor general, dijo el celebrante el introito de la misa; despues del cual subió á uno de los púlpitos D. Gerónimo de Samaniego, secretario mas antiguo de la Inquisicion de Toledo, y recitó el juramento del pueblo en estos términos:

«Nos el corregidor y alcaldes, alguaciles, caballeros, regidores y «hombres buenos, vecinos y moradores de esta muy noble villa de Ma- «drid, corte de Su Magestad, Arzobispado de Toledo, y de otras cuales- «quiera ciudades, villas y lugares de estos reinos de Castilla, como ver- «daderos y fieles cristianos obedientes á la santa madre Iglesia.»

«Juramos y prometemos, por los santos cuatro Evangélios, que de- «lante de nos están puestos, que daremos y haremos tener y guardare- «mos y haremos guardar la santa fé de Jesucristo, y lo que la santa «Iglesia tiene, predica y manda, que esta santa fé con nuestras fuerzas «todos defenderemos, en tal manera que los hereges y los que los creye- «ren, defendieren y recibieren y ampararen sean prendidos y castiga- «dos; y asi mismo los disfamados y sospechosos del dicho delito de he- «regia y apostasia, perseguiremos, tomaremos y haremos tomar en cuanto «pudiéremos y nuestras fuerzas bastaren, y que los aunaremos y denun- «ciaremos á la Iglesia y á los inquisidores, donde supiéremos que ellos, «ó alguno de ellos estuvieren, no les daremos ni cometeremos ningun «oficio, ni beneficio á las dichas personas sospechosas y disfamadas del «dicho delito de heregia, y que no las recibiremos ni tendremos en «nuestra familia ni en nuestro sirvicio, ni tomaremos consejos de ellos, «ni de alguno de ellos sabidamente. E si por la ventura alguno de ellos «con ignorancia hiciere lo contrario, despues que á nuestra noticia viniere, «luego lo repeleremos y alanzaremos al herege de Nos, y que en todas «las otras cosas que al oficio y ejercicio de la Inquisicion y ministros de «él, pertenezcan y convengan, seremos obedientes á Dios nuestro Señor «y á la santa madre Iglesia Romana y al Santo Oficio de la Inquisicion,

«asi con nuestros oficios como con nuestras personas, asi nos ayude Dios, «y estos santos Evangélios, y la cruz que ante nos está; y si asi lo hi-«ciéremos, Dios nuestro Señor cuya es esta causa,[1] nos ayude en este mun-«do los cuerpos y en el otro las almas, y lo contrario haciendo él nos lo «demande mal y caramente como á malos cristianos, que á sabiendas «perjuran su Santo Nombre en vano.»

Hemos creido conveniente insertar íntegras las fórmulas de estos dos juramentos, á pesar de la pesadez de su estilo, porque nuestro propósito no se limita á la satisfaccion de un sentimiento de curiosidad; si nó que tiende á poner de relieve, con sus detalles mas salientes, todos los odiosos caracteres de aquella nefanda institucion y horrible suceso, cuya narracion hemos escogido al afecto, y los términos dominantes, terroríficos, humillantes y absolutos de tan notables documentos, el uno avasallando al monarca y el otro á los súbditos, convirtiendo á aquel y á estos en esbirros y delatores y atándoles al carro del mas cruel y exaltado fanatismo, son de una significacion que ahorra los comentários.

Las sentencias de los reos condenados á relajar, ó sea á la hoguera, fueron las primeras que se notificaron ante el publico, nó con el pensamiento, relativamente piadoso, que á quien no fuese inquisidor podria ocurrírsele, de disminuir los tormentos de aquellos desventurados, acortando el de esperar la ejecucion de su asesinato; sinó á fin de no dilatar en demasía una funcion tan excesivamente fatigosa, por lo larga, y aprovechar en la conduccion al brasero y demas medidas relacionadas con la hecatombe, practicadas con la grave solemnidad impresa á todos los actos de este tremendo tribunal, el mucho tiempo que necesariamente se habia de invertir en la lectura de las sentencias de los demas reos, en su llamada absolucion (que ya hemos dicho no libraba de la confiscacion de bienes, azotes, etc., que como penitencia saludable se imponia á los-que escapaban con vida), y en la terminacion de la misa de la cruz verde, interrumpida con tales accidentes que habiendo empezado muy de mañana, no acabó hasta las nueve y media de la noche.

De los once penitenciados que seguian en la procesion de los relajados en estátua, diez hicieron abjuracion levi, repitiendo la fórmula que se les leia en los siguientes términos:

«Yo N. vecino de tal N. que aqui estoy presente vue-señorias, como «inquisidores que son de la herética pravedad, por autoridad apostólica «y ordinária, puesta ante mi esta señal de la †, y los sacrosantos cua-«tro evangélios, que con mis manos corporalmente toco, reconociendo «la verdadera Católica y Apostólica Fé, abjuro y detesto, y anatematizo «toda espécie de heregía y apostasia que se levante contra la Santa Fé «Apostólica de la Iglesia Romana; especialmente aquella de que yo en «este Santo oficio he sido acusado, y estoy (vehemente ó levemente) sos-«pechoso: y juro y prometo de tener y guardar siempre aquella santa fé «que tiene y guarda la santa Madre Iglesia, y que seré siempre obedien-

[1] Que horrible blasfémia!

«te á nuestro Señor el Papa, á sus sucesores que canónicamente suce-«dieren en la santa silla Apostólica, y á sus determinaciones: y confieso «que todos aquellos que contra esta santa fé vivieren son dignos de con-«denacion, y prometo de nunca me juntar con ellos, y que cuanto en «mi fuere los perseguiré, y las heregias que dellos supiere, las revelaré «y notificaré á cualquier Inquisidor de la herética pravedad y Prelado de «la Santa Madre Iglesia, donde quiera que estuviere y me hallare. Y ju-«ro y prometo que recibiré humildemente y con paciencia la penitencia «que me ha sido ó fuere impuesta, con todas mis fuerzas y poder, y la «cumpliré en todo y por todo, sin ir ni venir contra ella, ni cosa alguna «ni parte de ella.»

Para abjurar de vehementi, como lo hizo uno de los reos se añadia:

«Quiero y consiento, y me place, que si en algun tiempo, lo que «Dios no quiera, fuere ó viniere contra las cosas susodichas, ó contra «cualquiera parte d'ellos, que en tal caso sea habido y tenido por relap-«so, y me someto á la correcion y severidad de los santos sácros Cá-«nones, para que en mi, como persona que abjura de vehementi, sean «ejecutadas las censuras y penas en ellos contenidas, y consiento que «aquellas me sean dadas, y las haya de sufrir cuando quiera que algo «se me probare haber quebrantado de lo susodicho por mi abjurado; y «ruego al presente secretario me lo dé por testimonio y á los presentes «que delle sean testigos.»

¡Cuanta indignidad! Cuanta bajeza impuesta! ¡Cuantos esfuerzos empleados, con ayuda de la coaccion mas espantosa, para prostituir y matar todo sentimiento noble en una nacion!

¡Valeroso y liberal pueblo español! ¡Mentira parece que hayas podido luchar contra la tirania de tal manera entronizada; y reducir á polvo, por fin, una institucion execrable, que con tantos elementos contaba y de tales armas se ha valido!

Cuando un poder, como el inquisitorial, no ha podido defenderse del ariete de la razon; cuando una tiranía de semejante especie ha muerto al impulso de las ideas ¿que tirania ni que poder, de los efímeros y miserables que hoy conocemos ha de preocuparnos ni menos intimidarnos?

¡Que son los tronos, qué las dictaduras del presente, comparadas con el coloso, ya pulverisado, de la Inquisicion? Munumentos cuarteados que amenazan ruina, engendros políticos de un dia de traicion de una noche de crapula, que se derrruban y desvanecen al impulso de la mas ligera brisa de la libertad.

Pero volvamos á nuestro relato.

Los que abjuraron *en forma* lo virificaron del mismo modo, con la diferencia de sustituir las palabras «especialmente aquella (heregia y «apostasia) de que yo en esto santo oficio *he sido acusado y estoy vehe-«mente ó levemente sospechoso* «con las de» especialmente aquella en que «yo, *como malo, he caido, y tengo confesado* ante vueseñorias, que aqui «publicamente se me ha leido y de que he sido acusado.»

Todos estos infelices estuvieron, durante aquel memorable y congojoso dia, que debió parecerles eterno, expuestos á la pública vergüenza de tantas miradas; y con la angustia de pensar en el triste porvenir que les estaba deparado, aun despues de recibir la obsolacion que les echó el Inquisidor general desde su elevado sólio, despues de haberles hecho las preguntas de los artículos de la fé, que iba repitiendo el secretario á los reos y estos contestaban, con lo que se les dió por reconciliados.

Rompió entonces el fuego, haciendo una salva, la compañia de la fé, prosiguió la música y encendieron los absueltos las velas, alumbrando con ellas mientras se leyó el evangelio al continuar la interrumpida misa; volviendo á hacer lo mismo desde el *Sanctus* hasta consumir; por último, al fin del último evangelio, el celebrante, con su bonete puesto, se colocó en medio del altar, los reos le besaron la mano y ofrecieron las velas.

Terminada la ceremonia se retiró el Inquisidor general, en su silla de manos de felpa morada, con lusido acompañamiento de lacayos con hachas, delante y detrás, y asistido de D. Juan Ocampo, como caballerizo de su excelencia y tasador de papeles del Consejo, que seguia la silla á caballo, marchando en pos de él un coche redondo de respeto, y otros dos mas, que conducian los capellanes y los pages de D. Diego Sarmiento.

La reina madre se despidió de sus hijos, retirándose sus Magestades á descansar de tan ocupado dia, durante todo el cual, á pesar de la débil constitucion del rey, supo este suportar la larga fatiga con un esfuerzo que bien pudiera llamarse sobrenatural, y que el cronista refirió en estos términos:

«Desde las ocho del dia asistió su Magestad en el balcon, sin que el «calor le destemplase, la confusion de tanta fremencia le ofendiese, ni «la dilacion de funcion tan prolija la fastidiase. Y fué su devocion y zelo «tan superior á la fatiga, que ni aun para comer se apartó un cuarto de «hora del balcon; y habiendose acabado el auto á la hora referida (á las «nueve y media de la noche) preguntó si faltaba mas, ó si se podia volver.»

Con el propósito de no interrumpir el relato de lo acontecido en la plaza Mayor, y tambien por constituir la terrible y principal catástrofe, digna en consecuencia de reservarse para las últimas páginas de esta narracion, no hicimos mas que indicar el triste fin de los infelices relajados en persona, cuyas sentencias hemos dicho fueron las primeras de que se dió lectura, para desembarazarse del cuidado de su suplicio.

A este fin, con esquisita prevision, el santo oficio habia avisado á la justicia ordinaria, que levantase en el brasero hasta veinte argollas y palos para dar garrote; pues ya dijimos que los que en trance tan duro se confesaban reos, y mostraban asi su arrepentimiento, obtenian el favor de que los mataren antes de arrojarles á las llamas.

La refinada é infame hipocresia, unida á todos los actos y principalmente á todas las palabras pronunciadas con relacion á tan odioso tribu-

nal por sus bárbaros ministros, sus cobardes panegiristas ó sus fanáticos partidarios, se revelaba en las fórmulas adoptadas para sus distintas ceremonias y graves solemnidades, como hemos podido observar en las transcritas durante este verídico relato; pero en donde mas nos repugna y nos irrita es en las últimas frases de uncion sarcástica y de mentida piedad con que aquellos tigres entregaban á los jueces seculares sus víctimas para que las hicieran sufrir el último suplicio.

Ha aquí la fórmula inserta, al folio treinta y uno, en el libro del órden de procesar de la Inquision.

«Debemos de relajar, y relajamos la persona del dicho fulano á la «justicia y brazo seglar, especialmente á fulano, corregidor de esta ciu«dad, y su lugar teniente en dicho oficio. *A los cuales rogamos y encar«gamos muy afectuosamente, como de derecho mejor podemos, se hayan «benigna y piadosamente con él.*»

En estos términos D. Fernando Alvarez de Valdés, secretario del secreto de la Inquisicion de Sicilia, entregó los relapsos á D. Francisco de Herrera Enriquez, corregidor, y á sus tenientes D. Pedro de Leon, D. Gerónimo Palegrin y Juan de Sandoval, oficial mayor de D. Pedro Orejon, secretario de su Magestad y mayor de ayuntamiento; despues de lo cual y siendo como las cuatro de la tarde emprendieron la marcha en hilera hácia el brasero los sentenciados, cabalgando asnalmente, precedidos de una escuadra de los soldados de la fé, seguidos de los ministros de la justicia ordinaria, á cierta distancia, para testimoniar como se habian ejecutado las sentencias el secretario de la inquision, Valdes, arriba mencionado.

Este fúnebre cortejo bajó de la plaza Mayor por las calles de Boteros, Mayor, Bordadores, plazuela de las Descalzas, y de San Martin, y de allí, por el camino mas corto, á la plazuela de Santo Domingo, calle de San Bernardo, por la puerta de Fuencarral hasta el brasero; que era de sesenta pies en cuadro y de siete en alto, subiéndose á él por una escalera de fábrica de siete pies de ancho.

Los soldados de la fé á quienes habia correspondido allí la guárdia, coronaban el brasero y la escalera; costándoles inmenso trabajo con tener las, á cada instante, crecientes olas de la muchedumbre, que se egolpaba, ávida de contemplar los rostros de los reos, con esa curiodad salvaje que desarrollan en el pueblo los espectáculos horribles, aumentada hasta el paroxismo por el crecido número de víctimas, de edades distintas y de uno y otro sexo que iban á ser inmoladas,por el mas bárbaro de los procedimientos, entre los cruelísimos dolores de quien siente á la llama voraz cebarse en sus tegumentos, penetrar sus carnes y calcinar sus huesos, sin mas esperanza que la deseada muerte, entonces á veces, perezoza, por el mismo estado de exaltacion, que proporciona fuerzas á los séres mas débiles y nerviosos, solo para prolongacion de su martírio.

Tambien, como en la plaza, mezcladas y confundidas con las turbas de aquel pueblo esclavizado é ignorante, habia quien procuraba acer-

carse á la fatal escalera, para recojer, al pasar, la ultima mirada de un ser querido!

Impresionado por la espantosa imágen de esta aterradora escena, hubo una muger pertinaz, hasta aquel momento, que cedió á las exhortaciones de los religiosos y dijo se arrepentia. Asi tuvo el alivio de que empezase el acto por darla garrote, como á los confitentes penitentes, en vez de ser quemada viva, como lo fueron los otros pertinaces, echandose luego los cadáveres de unos y otros á la repugnante hoguera, fomentada con leña por los verdugos, hasta que se redujeron las victimas á ceniza; cuya operacion duró una parte de la tarde del 30 de junio, toda la noche y hasta las nueve de la mañana del dia seguiente.

Los que antes de morir dijeron se arrepentian, los llamados penitentes, ya se comprende habian de ser los mas conmovidos y atemorizados, los mas débiles de corazon; era forzoso, por lo tanto que estos se mostraran abatidos, y de su postracion moral sacaban partido aquellas fieras, aquellos monstruos de fanatismo, para mostrarla al pueblo como signo de humildad, de consuelo, de conformidad y hasta de *espiritual alegria*, que traslucia la gracia de Dios, de modo que debia abrigarse la esperanza de su salvacion en la otra vida y ayudarles con oraciones y, sobre todo, con sufrágios; para los cuales recogian, en el acto, abundantes limosnas aquellos religiosos; especulando asi con la caridad que escitaban sus própias atrocidades y salvaje crimen.

Escusamos añadir que, sgiuiendo el mismo sistema de interpretacion, las muestras de impaciencia, despecho y desesperacion de los pertinaces en no confesar delitos, que quizas no habian cometido, la turbacion de sus ojos, la horrible contraccion de sus semblantes y el retorcerse en el tormento de las devoradoras llamas, se presentaban á la pública consideracion como pruebas visibles de criminal heregia y de qúe aquellos cuerpos se hallaban poseidos de los demónios. No faltó algun desventurado que se adelantara á précipitarse, por si mismó, en la hoguera, anhelante de acabar, cuanto antes, martirio tan cruel; este infeliz era doblemente anatematizado; ensañándose con todos los pertinaces la brutalidad escolástica; que echaba mano de sutilísimos distingos, para que la imaginacion del pueblo no pudiera encontrar punto de nemejanza entre aquella noble fortaleza y el valor acreditado por muchos santos, cuyo heroismo, en identico caso, conmemora y celebra la Iglesia.

«Los mártires, decian los bárbaros doctores, no los hace la muerte «sino la causa, y muchas veces suele remedar el error las hazañas de «la verdad; pero siempre se ven manifiestas señales de que solo es un «ímprobo remedo.»

A lo cual unian varias citas históricas como, por ejemplo, la del primer auto de fé en castigo de los albigenses, donde perecieron trescientos pertinaces, que se arrojaron ellos mismos á las llamas del brasero, á pesar de la milagrosa predicacion de Santo Domingo, que inutilmente se esforzó en reducirlos.

Cuanto se añada, despues de la horrorosa escena del brasero, deja

de tener importancia; sin embargo para completar nuestro relato diremos que fueron conducidas procesionalmente y depositadas la cruz blanca á la parroquia de San Miguel y la verde al convento de monjas de Santo Domingo el Real, donde clamorearon las campanas y se cantó un responso por los ajusticiados convertidos, y dias despues una misa solemne; y que el martes, tres de julio, los reos que debian ser azotados y expuestos á la pública vergüenza cumplieron su sentencia, acompañándoles gran número de los susodichos familiares, á caballo, con varas levantadas, de dos en dos, cerrando la marcha el alguacil mayor del Tribunal de Toledo, asistido del secretario mas antiguo de corte D. Gaspar Peinado Fanega.

El pregon que se dió, con este motivo, á la siempre numerosa muchedumbre, fué el siguiente:

Esta es la justicia que manda hacer el santo oficio de la Inquisicion, á estos hombres y mugeres.

A la primera verguenza pública.

A la segunda doscientos azotes por casada tres veces.

Al tercero doscientos azotes por revocante en cosa grave.

Al cuarto doscientos azotes por casado dos veces.

Al quinto doscientos azotes por embustero, y cinco años de galeras.

Al sesto, por haber dicho misa y confesado sin estar ordenado, doscientos azotes, y cinco años de galeras.

Y al séptimo, por embustero supersticioso, doscientos azotes.

La época de un fanatismo religioso tan brutal pasó, afortunadamente para no volver; pero la intolerancia afecta muchas formas, se acomoda á fases muy diversas de la civilizacion de los pueblos, cambia de objeto y varia en algo la forma de sus procedimientos, para satisfacer sus odiosos instintos.

En nuestros tiempos no se habla tanto de la extirpacion de las heregias, como no sea por las hordas absolutistas de todos los paises; pero se invoca continuamente la conservacion del *órden:* en el siglo XIX repugna la idea de encender, oficialmente, hogueras para quemar vivo á un reo, aunque despues de agarratado se ha hecho con Fray Martin Merino no ha muchos años; pero se alzan patíbulos y se fusila, con espantosa frecuencia por causas políticas, y hay presidente de Tribunal Supremo que, como D. Cirilo Alvarez, tenido por liberal, defiende la pena de muerte por estos llamados delitos: no existen las masmorras de la Inquisicion pero las han sustituido otras, donde se sepulta á los adversarios, sin formacion de causa, y sin mas criterio que el de la arbitrariedad mas tiráinca sin tener en cuenta, siquiera, que los perseguidores de hoy pueden ser muy bien las víctimas de mañana. En una palabra, no puede anotarnos ya la intolerancia religiosa, pero hace terribles etragos la política. El recuerdo de las ignominias de la primera debe evitar las vergüenzas de la segunda.

Cuando oigamos, por todas partes, en cualquier época, sean cuales fueren el partido político dominante y el perseguido, sean unos ú otros los agresores y las personas agredidas, una série continuada y monótona de dicterios ofensivos al caido; cuando trate de imponerse á nuestro criterio imparcial la vocingleria de una prensa casi unánime, atacando sin tregua á los vencidos que, como hoy los federales españoles, no tengan por lo pronto medios bastante para defenderse, acordémonos de aquella extraviada opinion púbica con cuyo frenético aplauso perecieron en la hoguera millares de desdichados, bajo acusaciones tales como la de haber acudido en breves horas, por los aires, bajo la forma de diversos animales, de de los mas lejando confines del reino á celebrar abominables sábados en las sinagogas de Córdoba. [1]

Absurdos no menores y calumnias parecidas leemos todos los dias en los periodicos y documentos notables redactados oficialmente, por los llamados hombres de *orden* y esperamos con calma, fiados en nuestra conciencia y en la lógica misma que encadena los hechos y ha de encargarse de nuestro desagravio.

Madrid 9 setiembre de 1874.

SERAFIN OLAVE.

APÉNDICE

NOMBRES Y APELLIDOS DE LOS REOS QUE FIGURARON EN ESTE AUTO DE FÉ, DELITOS SUPUESTOS Y PENAS APLICADAS

ABJURARON DE LEVI LOS SIGUIENTES

1.° Juan Antonio Cortal, natural de Barbastro, de treinta y siete años de edad, por hipócrita y embustero, que decia tenia el espíritu de San Vicente Ferrer; confinado por tres años á Toledo bajo la vigilancia del Tribunal.

2.° Leonor Diaz, viuda de Nicolas Sanchez, natural de Gibraltar, de treinta y cuatro años, por hechicera supersticiosa; sacada á la vergüenza pública y desterrada por cuatro años de Sevilla, Gibraltar, la corte y ocho leguas en contorno.

3.° Josef Peña ó Pedra, alias quile de Marcen, natural de la Yesa, del reino de Valencia; por embustero supersticioso, sacador de tesoros, se le dieron doscientos azotes y fué desterrado de Madrid, Valencia villa de Yesa y ocho leguas en contorno por seis años, confinado durante los dos primeros á un lugar donde haya comisario del santo oficio á quien se presente cada semana y le vigile.

4.° Alfredo de Arenas, alias el hermano Almendron, natural de Man-

[1] Histórico.

zanares de treinta y seis años, por hipócrita embustero recibió doscientos azotes y fué desterrado de Madrid, Toledo, Almagro y Manzanares por diez años, los cinco primeros en las galeras de su Magestad á remo y sin sueldo.

5.° D. Gerómimo Galloto y Canfalon, alias D. Pablo Josef Preconi, natural de la ciudad de San Marcos en Sicilia, de veintinueve años; por decir misa y confesar sin estar ordenado, recibió doscientos azotes y fué desterrado perpétuamente de España condenándole ademas á cinco años de galeras al remo y sin sueldo, y privado perpétuamente de ascender á ordenes ni vestir hábitos eclesiásticos.

6.° D. Cristobal de Jubiati: alias D. Juan Bautista de Verganza, presbítero, natural del lugar del Barrambio, de cuarenta y siete años; por haberse casado siendo sacerdote fué privado del ejercicio de las ordenes y cualquier beneficio eclesiastico, y desterrado por ocho años de Madrid, Toledo, Barrambio, Bilbao, Talavera, San Miguel de Basauri, Astobica, Vitoria y Santo Domingo de la Calzada, y los cinco años primeros á galeras al remo, sin sueldo.

7.° Maria Hernandez de Salazar, natural de Pastrana, de treinta y un años; por casada dos veces fué desterrada de Madrid, Pastrana y Fuente la Encina, por cuatro años.

8.° Antonio Nieto, natural de Mérida, de edad de cuarenta años; por casado dos veces, fue desterrado á las galeras al remo y sin sueldo por cinco años.

9.° Juan Miguel, natural de Villanueva de la Vera, de veintinueve años; por casado dos veces, recibió doscientos azotes, siendo desterrado de Madrid, Llerena y Meajadas por diez años, los cinco primeros á galeras al remo y sin sueldo.

10.° Ynes Caldera, natural de Castel David, reyno de Portugal, de treinta y cuatro años; por casada tres veces, recibió doscientos azotes y fué desterrada de Madrid, Llerena, y Villas del Arroyo, Membrio, San Vicente y ocho leguas en contorno, por cuatro años.

ABJURÓ DE VEHEMENTI

Maria Ruiz, llamada la Esmeralda, muger de Domingo Serrano, natural de Lisboa; por judaizante negativa, fué condenada á la pérdida de la mitad de sus bienes y desterrado por cuatro años de Madrid y Toledo y ocho leguas en contorno, y que no llegue á los puertos de estos reynos con veinte leguas de distancia.

ABJURARON EN FORMA

1.° Mamuel Diaz Sardo, por otro nombre Manuel Enriquez, por otro D. Antonio Correa, natural de Estremoz en Portugal, de treinta años; por judaizante confitente, estafador á portugueses de la nacion, fué condenado á confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua irremisible, pro-

hibiéndole tratar con portugueses de la nacion, siendo ademas desterrado á galeras al remo y sin sueldo por cinco años, y, cumplidos, reducido á la cárcel de la penitencia del Santo-oficio; no imponiéndole mayor pena por haber sido condenado por la justicia real á doscientos azotes, que se ejecutaron y diez años de galeras.

2.° Francisco Espinosa, natural de Mogodoiro en Portugal, de treinta y seis años; por judaizante confitente, salió al auto con soga al cuello y se le condenó á confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua irremisible, y por vario y revocante llevó doscientos azotes.

3.° Pedro Nuñez Marques, natural de Villaflor en Portugal, de cuarenta y cuatro años; por judaizante, confitente, fué condenado á confiscacion de bienes, hábito y cárcel por un año y desterrado por otros dos mas de Madrid, Pastrana, Alcalá, Verin, Segovia y ocho leguas en contorno.

4.° El doctor Gerónino Nuñez Marques, hermano del anterior, natural de la misma villa, de treinta y seis años; por judaizante confitente, fué condenado á confiscacion de bienes, hábito y cárcel por dos años y destierro durante otros dos de los mismos sitios y ocho leguas en contorno.

5.° Leonor Nuñez Marques, hermana de los dos anteriores, viuda de Rodrigo de Silva natural da dicha villa de Villaflor, de cuarenta años; por judaizante confitante fué condenada á confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua.

6.° Angela Nuñez Marques, hermana de la anterior viuda de Francisco Correa, natural tambien de Villaflor, de treinta y nueve años; por judaizante confitante, confiscacion de bienes, hábito y carcel perpétua.

7.° Blanca Correa, su hija [1], natural de Pastrana, de edad de ¡diez y ocho años! Por judaizanto confitante fué condenada á confiscacion de bienes, hábito y carcel perpétua.

8.° Clara Mendez, viuda de Gabriel Muñoz de Alvarado, natural de Pastrana, de cuarenta años; por judaizante confitante, confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua.

9.° Domingo de Losada, natural de Berganza en Portugal, de cuarenta y dos años de edad; por judaizante confitante, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por un año, destierro de Madrid, Toledo, Valladolid, Zamora, Pastrana y ocho leguas en contorno por dos años, con prohibicion de llegar á los puertos ni con veinte leguas.

10.° Antonia Mendez, muger del dicho Domingo Losada, natural de Pastrana, de treinta y cuatro años; por judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua.

11.° Pedro Rodriguez de Losada, su hijo, de veinte años; por judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por seis meses, y destierro por un año de Madrid, Toledo, Valladolid, Cadiz y ocho leguas en contorno, sin poder llegar á los puertos en veinte leguas.

[1] ¡Que modo de esterminar toda una familia!

12.° Maria Enriquez natural de Lisboa, de sesenta años; por judaizante confitente, confiscacion de bienes hábito y carcel por un año y destierro de Madrid Toledo, Pastrana y ocho leguas en contorno por dos años.

13.° Juana Mendez, natural de Pastrana, de treinta años; por judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua.

14.° Isabel Mendez, natural de Pastrana, viuda, de sesenta años, judaizante confitante, confiscacion de bienes hábito y cárcel por dos años y destierro, por seis, de Madrid, Toledo, Pastrana, Soria y ocho leguas en contorno.

15.° Juan Ybañez, alias Luis Ordoñez, alias Juan de Paredes (que era su propio nombre) aliás Abrahan de Paredes natural de Peñahorada en Francia, de veinte y tres años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por dos años, destierro por cuatro de Madrid, Sevilla, Toledo, Utrera, Pastrana y ocho leguas en contorno, y que no llegue á los puertos en veinte léguas.

16.° Beatriz Lopez Cardoso, natural de Pastrana, muger del doctor Juan Nuñez, médico de aquella villa, de veintiun años de edad; por judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y carcel por seis meses, destierro por dos años de Madrid, Toledo, Soria, Pastrana y seis leguas en contorno, sin poder llegar en veinte leguas á los puertos.

17.° Gaspar de Campos, natural de Oporto en Portugal, de diez y y ocho años de edad, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por un año, y destierro por dos de Madrid, Toledo, Villanueva de los Infantes y Pastrana, sin poder llegar en con veinte leguas á los puertos.

18.° Felipa de Campos, hermana del anterior, natural tambien de Oporto ¡de catorce años de edad¡ judaizante confitante, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por un año, *y fué encargada á un calificador para que la instruya en la doctrina cristiana.*

19.° Isabel Mendez Correa, soltera, natural de Zamora, de veinticinco años de edad; por judaizante confitante, fué condenada á confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua.

20.° Isabel Nuñez Jorge, muger de Manuel Perez, natural de Pastrana, de cuarenta años, judaizante confitante, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por dos años, y cuatro de destierro de Madrid, Toledo, Pastrana y ocho leguas en contorno y que no llegase á los puertos en veinte leguas.

21.° Simon Muñoz de Alvarado, natural de Pastrana, de veinte años, judaizante confitante, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por un año y dos de destierro de Madrid, Toledo, Pastrana y ocho leguas en contorno, sin acercarse en veinte á los puertos.

22.° Diego Muñoz de Alvarado, su hermano, natural de Pastrana, de edad de ¡trece años! judaizante confitante, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por seis meses y destierro de Madrid, Toledo y Pastrana por un año.

23.° Pedro Vasquez, soltero, natural de Madrid, veintidos años, judaizante confitante, confiscacion de bienes y un año de hábito y carcel.

24.° El doctor Rafael de Paz, natural de Zamora, de cuarenta y dos años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y carcel perpétua irremisible.

25.° Rafael Crespo Cortés, alias Gabriel Tomas, natural de Mallorca, de treinta y un años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua irremisible.

26.° Elena de Robles, alias Elena Cardoso, muger de Diego Nuñez, natural de Mogodoiro en Portugal, de cuarenta y cinco años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por cuatro meses, y *fué encargada á un calificador que la instruya* en los misterios de nuestra fe católica, desterrándola de Madrid, Jaen y ocho leguas en contorno por dos años, el uno preciso y él otro voluntario.

27.° Gerónimo de Robles, hijo, natural de Jaen, de veinticuatro años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por seis meces, destierro de la corte por un año y que no llegue á los puertos ni con veinte leguas.

28.° Salvador de Robles, su hermano, natural de Jaen, de diez y ocho años, judaizante confitente, confiscacion, habito y carcel por seis años, uno de destierro de Madrid y no poder acercarse en veinte leguas á los puertos.

29.° Francisca Nuñez de Robles, su hermana, muger de Bernardo Paz, natural de Jaen, de veintidos años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por seis meses, destierro de Madrid, Jaen y ocho leguas en contorno por un año.

30.° Benosa de Robles, su hermana, natural de Arjona, de quince años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por seis meses y un año de destierro de Madrid y ocho leguas en contorno.

31.° Maria de Robles, su hermana, natural de Jaen, de diez y siete años, muger de Antonio Rodriguez, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por seis meses, desterrada de Madrid, villa de Almaden de los Azogues y ocho leguas en contorno, por dos años uno forzoso y otro voluntario, *siendo entregada á un calificador para que la instruyese* en los misterios de la fé.

32.° Antonio Rodriguez, su marido, natural de Madrid, de veintiocho años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, habito y cárcel por seis meses, destierro de la corte por dos años y que no llegue con veinte leguas á los puertos.

33.° Maria Mendez, muger del dicho Gerónimo de Robles, natural de Madrid, de veintisiete años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por seis meses y cumplidos, desterrada de Madrid y ocho leguas en contorno por un año.

34.° Bernardo de Paz, marido de la dicha Francisca Nuñez de Robles, natural de Zamora, de veintitres años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por seis meses y desterrado por dos

años de Madrid y ocho leguas en contorno, sin poder llegar á los puertos en veinte.

35.° Isabel Gonzalez Hidalgo, llamada la Cupida, viuda de Antonio Hernandez, natural de Valladolid, de cincuenta años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por un año y destierro de Madrid, Toledo, Zamora, Valladolid, y ocho leguas en contorno por otro, la mitad preciso y la otra mitad voluntário.

36.° Gaspar Hernandez Hidalgo, su hijo, natural de Zamora, de diez y ocho años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por seis meses, destierro de Madrid y Zamora por un año, y que no llegue á los puertos en veinte leguas.

37.° Lorenza de Montalvan, viuda de Francisco Mendez, natural de Madrid, de cincuenta años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua irremisible.

38.° Gerónima de Govea, muger de Juan Alvarez, natural de Hiceda en Portugal, de treinta y dos años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por dos meses y fué encargada á un calificador para que la instruyese.

39.° Francisco de Doria, el Capon, natural de Alcañizes, de veinticinco años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, quitándole el hábito al terminar el auto y siendo desterrado de Madrid, Villafranca del Bierzo y ocho leguas en contorno por un año, la mitad preciso y la otra mitad voluntário.

40.° Gregorio Gonzalez, natural de Zamora, de venititres años, judaizante, confitente, de veintitres años, confiscacion de bienes, habito y cárcel por un año y desterrado por otro de Madrid, Zamora, Sevilla, y ocho leguas en contorno.

41.° Gerónimo Alonso, natural de Zamora, de diez y ocho años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua.

42.° Manuel de Saldaña, natural de Olivenza, en Portugal de veintiseis años, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpetua irremisible, y fué encargada á un calificador para que le instruyese con cuidado en los misterios de la fé.

43.° Fernando Perez Salas, cuyo verdadero nombre era Fernando Rodriguez Peñamacor y de judio se llamó Samuel Rodriguez Peñamacor, natural de Málaga, judaizante confitente, confiscacion de bienes, hábito y cárcel por un año, destierro, por dos, de Madrid, Malga, Villas de las Brozas, Membrio, el Cañaveral de Extremadura y ocho leguas en contorno, sin acercarse en veinte leguas á los puertos.

44.° Felipa Nogueira, viuda de Luis Enriquez, natural de Villaflor en Portugal, de sesenta y seis años, judaizante confitente; confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpetua irremisible.

45.° Francisca Nogueira, su nieta, soltera, natural de Mirandela en Portugal, de diez y siete años, judaizante confitente; confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua irremisible y que en ella fuese instruida en los mistérios de la fé.

46.° Luis del Valle, natural de Cachin, de veintiocho años, judaizante confitente; confiscacion de bienes, hábito y cárcel por seis meses, destierro, por un año, de Madrid Alcalá y ocho leguas en contorno.

47.° Isabel Enriquez, su muger y prima, natural de Cachin, de veinticinco años, judaizante confitente; confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua irremisible.

48.° Juan Antonio da Silva, hermano de la dicha Isabel Enriquez é hijo de Felipa Lopez, viuda relajada en este auto, natural del Almendralejo en la Extremadura, de veintiseis años; confiscacion de bienes, hábito y cárcel por un año y desterrado por cuatro, de Madrid, y ocho leguas en contorno.

49.° Felipa Enriquez del Valle, su sobrina, hija de Francisco Enriquez del Valle y Maria Enriquez, ralajados en este auto, natural de la ciudad de Llerena, soltera, de diez y siete años, judaizante confitente; confiscacion de bienes; hábito y cárcel perpétua.

50.° Juan de Castro y Torres, natural de Iaen, de veintinueve años, judaizante confitente; confiscacion de bienes; hábito y cárcel perpétua,

51.° Ana Maria de Orovio, alias doña Ana Navarro, su muger, natural de Sevilla, de veinticinco años, judaizante confitente; confiscacion dā bienes; hábito y cárcel perpétua.

52.° Antonio de Orovio, alias Antonio Hinojosa, alias Antonio Navarro, natural de Sevilla, de veintisiete años, judaizante confitente; confiscacion de bienes, hábito y cárcel por seis meses; destiero por un año de Madrid, Sevilla, Pastrana y ocho leguas en contorno.

53.° Francisco Manuel Diaz, alias Francisco Manuel de Torres, alias Francisco Yañez, natural de Sevilla, de diez y siete años, judaizante confitente; confiscacion de bienes, hábito y cárcel perpétua irremisible.

54.° Juan Bautista Pereira, natural de Monforte de Lemus, en Galicia, de treinta y siete años, judaizante confitente; confiscacion de bienes, hábitito y cárcel perpétua.

FUERON RECONCILIADOS, EN ESTÁTUA

1.° Francisco Medina, alias Francisco Luis Bartolomé, alias Abraham Jacob de Medina, natural de Venécia, de treinta y seis años, judaizante estafador á portugueses de la nacion; murió en las cárceles de la Inquisicion penitente habiendo recibido los sacramentos y eclesiastica sepultura; leyose la sentencia á su estatua y fué condenado á confiscacion de bienes.

2.° Constanza Hernandez, viuda de Pedro Alonso Almeda, natural de Villanueva de Xara, de setenta años, herege, alumbrada y embustera, murió en las cárceles secretas con señales de arrepentimiento, salió al auto en estátua con insignias de reconciliada y coraza de embustera; se declaró haber recibido el sacramento de la penitencia y sido absuelta sacramentalmente, por lo que se dió sepultura eclesiastica á sus huesos, siendo condenada á confiscacion de bienes.

RELAJADOS, EN ESTÁTUA, Á LA JUSICIA SEGLAR Y CONDENADOS ADEMAS, Á CONFISCACION DE BIENES; POR JUDAIZANTES, AUSENTES FUGITIVOS

1.° El doctor Antonio de Vergara.
2.° Francisco de Leon.
3.° Leonor Nuñez, su muger.
4.° D. Rodrigo del Caño.
5.° D. Cristobal del Caño.
6.° Doña Luisa de Castro.
7.° Francisco Diaz de Silva.
8.° Melchor Ruiz.
9.° Ana Gonzalez, su muger.
10.° Diego Nuñez Chacon.
11.° Leonel de Rivera, alias Daniel Gomez, alias Abraham Gomez Brito, declarado, ademas, relapso.
12.° D. Gabriel de Salazar, id. id.
13.° D. Andres de Salazar, su hermano, id. id.
14.° Maria Lopez, id. id.
15.° Luis Enriquez.
16.° Juana Lopez, viuda de Francisco de Aarta.
17.° Pascual Nuñez.
18.° Francisco Navarro de Acuña.
19.° Maria Mendez.
20.° Francisco Machado.
21.° Francisco Rodriguez Castellanos.
22.° Beatriz Lopez, su muger.

RELAJADOS EN ESTÁTUA POR HABER FALLECIDO Y CODENADOS Á CONFISCACION DE BIENES

1.° Antonia Hernandez, natural de Cañete de las Torres, de cincuenta años, hereje alumbrada, embustera y supersticiosa, muerta pertinaz en sus errores en las cárceles secretas de la Inquision de Córdoba.

2.° Marcos de Segura Castellano Casarubio, natural de Ubrique, de setenta y cinco años, hereje que negaba el Purgatorio y relapso en el mismo error y otros, murió pertinaz en las cárceles secretas.

3.° Diego Gomez Salazar, alias Abraham Gomez Salazar, portugues, ausente, fugitivo, relapso que murió en el barrio de Sancti Spiritus en Bayona; procediose contra su memoria y fama, etc. etc.

3.° D. Pedro de Salazar, alias Moyses de Salazar, su hijo difunto.

5.° Francisco Suarez, alias Abraham Suarez, natural de Yébenes, de cincuenta años, judaizante que murió pertinaz en las cárceles secretas de la Inquisicion.

6.° Catalina Rodriguez, alias la Pasquina, natural de Buarcos, en

Portugal, de setente años, judaizante, relapsa, confitente, que murió en las cárceles de la Inquisicion de Santiago.

7.° Catalina Antonia, viuda de Manuel Nieto, natural de Buarcos en Portugal, judaizante, relapsa, convicta, negativa, que murió en las cárceles secretas del mismo punto.

8.° Albin Lopez, portugues, de treinta y nueve años, judaizante convicto, difunto en las cárceles secretas de la Inquisicio de Granada.

9.° Juan de España Sotomayor, alias Pedro Nieto, natural de Lucena, de cincuenta y seis años, que murió negativo en las mismas cárceles.

10.° Isabel Lopez Artur, muger de Gaspar Lopez, natural de Oporto, judaizante pertinaz, que murió de cuarenta años en las cárceles de la Inquisicion de Santiago.

RELACION DE LOS QUE, COMO RELAJADOS EN PERSONA, FUERON ARROJADOS Á LAS LLAMAS

1.° Francisco de Salinas, alias Francisco Leon, natural de San Martin de la Vega, de veintiseis años.

2.° Antonio Enriquez, natural del Encinoso, de cincuenta y dos años.

3.° Francisco Enriquez del Valle, alias Vivaron, natural de Villaflor en Portugal, de sesenta y seis años.

4.° Maria Enriquez, alias Maria Lopez, su muger, natural de Cachin, de cuareta e tres años.

5.° Violante Enriquez, hermana de la anterior, natural de id. de cuarenta y un años.

6.° Felipa Lopez de Redondo, viuda de Mateo da Silva, madre de

7.° Ana de Vargas, alias Ana Gomez, alias Lopez, muger de Manuel Francisco, natural de Madrid, de cincuenta y dos años.

8.° Manuel Suarez de Fonseca, natural de Trancoso en Portugal, de treinta años.

9.° Leonor Pereira; natural de Evora en Portugal, murió penitente; es decir que obtuvo la gracia de que la diesen garrote antes de echarla al fuego.

10.° Antonio Vicente, alias Jacob Gabay, natural de Pisa, de treinta y cinco años.

11.° Francisco Ferrer, alias Abraham Peña y Josef Coutiño, de treinta y cuatro años.

12.° Manuel Luis Gutierrez de Evora ó Rodriguez, natural de Cabra, de treinta y seis años.

13.° Simon Diego de Morales, natural de Viseo, Portugal, de treinta y ocho años.

14.° Baltasar Lopez Cardoso, natural de Verin, de treinta y tres años.

15.° Felipa Lopez, su prima, muger de Antonio Lopez Arroyo, de treinta años, natural de Verin.

16.° Luis Saravia, alias Arraya, natural de Burdeos, de veintisiete años.

17.° Gaspar de Robles, natural de Luarca, de treinta y ocho años.

18.° Pedro Vicente, alias Moisés Enriquez, alias Isaac Moisés de Leon, natural de Liorna, de veintisiete años.

19.° Lázaro Fernandez, alias Mostafa, natural de Cadiz, de vientiocho años.

Nota.=Los siete últimamente nombrados salieron al auto con mordaza y, sin quitársela, fueron quemados vivos; de modo que estos infelices, ni siquera tuvieron, como sus compañeros de sacrificio, el triste desahogo de la queja, ni del grito que el dolor arranca al sufrir tan atroz martirio,

Antes de arrojar, lejos de mi, la pluma, fatigado de tantos detalles horrorosos, tanta iniquidad y tales vergüenzas, deshonra de la humanidad entera, consignaré que Jozef del Olmo, alcaide, familiar del Santo Oficio, ayuda de la furriela del Rey y autor de la crónica, fuente principal de nuestro trabajo, termina su narracion, enthusiasmado y rebosando devoto fervor, exclamando estas palabras, en su boca y con tal ocasion, sacrílegas

¡Laus Deo!

ELOGIO DA MORTE

Morrer é ser iniciado.
FRAGMENTO DA ANTHOLOGIA GREGA.

INANIA REGNA

Altas horas da noite, ó Inconsciente
Sacode-me com força, e acórdo em susto.
Como se o esmagassem de repente,
Assim me pára o coração robusto.

Não que de larvas me povôe a mente
Esse vacuo nocturno, mudo e augusto,
Ou forceje a rasão porque afugente
Algum remorso, com que encara a custo...

Nem fantasmas nocturnos visionarios,
Nem desfilar de espectros mortuarios,
Nem dentro em mim terror de Deus ou Sorte...

Nada! o fundo d'um poço, humido e morno,
Um muro de silencio e treva em torno,
E ao longe os passos sepulcraes da Morte.

NÍRVANA

Na floresta dos sonhos, dia a dia,
Se interna meu dorido pensamento...
Nas regiões do vago esquecimento
Me conduz, passo a passo, a fantasia...

Atravesso, no escuro, a nevoa fria
D'um mundo estranho, que povôa o vento...
E meu queixoso e incerto sentimento
Só das visões da noite se confia.

Que mysticos desejos me enlouquecem?
Os abysmos do Nírvana apparecem
A meus olhos, na muda immensidade!

N'esta viagem pelo ermo espaço,
Só busco o teu encontro e o teu abraço,
Morte! irmã do Amor e da Verdade!

BEATRICE

Eu não sei quem tu és — mas não procuro
(Tal é minha confiança) devassal-o.
Basta sentir-te ao pé de mim, no escuro,
Entre as fórmas da noite, com quem falo.

Atravez do silencio frio e obscuro
Teus passos vou seguindo, e, sem abalo,
No cairel dos abysmos do Futuro
Me inclino á tua voz, para sondal-o.

Por ti me engolfo no nocturno mundo
Das visões da região innominada,
A ver se fixo o teu olhar profundo...

Fixal-o, comprehendel-o, basta uma hora,
Funerea Beatriz de mão gelada...
Mas unica Beatriz consoladora!

AB ETERNO

Longo tempo ignorei (mas que cegueira
Me trazia este espirito enublado!)
Quem fosses tu, que andavas a meu lado,
Noite e dia, impassivel companheira...

Muitas vezes, é certo, na canceira,
No tedio extremo d'um viver maguado,
Para ti levantei o olhar turbado,
Invocando-te, amiga derradeira...

Mas não te amava então nem conhecia:
Meu pensamento inerte nada lia
Sobre essa muda fronte, austera e calma.

Luz intima, afinal, alumiou-me...
Filha do mesmo pae, já sei teu nome,
Morte, irman coeterna da minh'alma!

EUTHANASIA

Que nome te darei, austera imagem,
Que avisto já n'um angulo da estrada,
Quando me desmaiava a alma prostrada
Do cansaço e do tedio da viagem?

Em teus olhos vê a turba uma voragem,
Cobre o rosto e recua apavorada...
Mas eu confio em ti, sombra vellada,
E cuido perceber tua linguagem...

Mais claros vejo, a cada passo, escriptos,
Filha da noite, os lemmas do Ideal,
Nos teus olhos profundos sempre fitos...

Dormirei no teu seio inalteravel,
Na communhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolavel!

BUDDHISMO

Só quem teme o Não-ser é que se assusta
Com teu vasto silencio mortuario,
Noite sem fim, espaço solitario,
Noite de Morte, tenebrosa e augusta...

Eu não: minh'alma humilde mas robusta
Entra crente em teu atrio funerario:
Para os mais és um vacuo cinerario,
A mim sorri-me a tua face adusta.

A mim seduz-me a paz santa e inefavel,
E o silencio ideal do Inalteravel,
Que involve o eterno amor no eterno lucto.

Talvez seja peccado procurar-te,
Mas não sonhar comtigo e adorar-te,
Não-ser, que és o Ser unico absoluto.

1872-1874. ANTHERO DE QUENTAL.

INVITACION

Los que juntais, felices trovadores,
el canto dulce al arpa regalada,
¿sabeis ya qué es amor y qué son flores?
¿habeis ido á los valles de Granada?

¿Oísteis el trinar de aquellas aves
y aquel eterno son de fuente y fuente
y aspirásteis los hálitos suaves
que allí recoge el apacible ambiente?

¿Vísteis la luna y la naciente aurora
y los rayos lucir de mediodía
á traves de los arcos que la mora
mano partio en aérea celosía?

¿Vísteis caer los surtidores claros
entre los sotos de arrayan vestidos,
ó lamiendo, al caer, mármoles raros
en soberbios salones embutidos?

¿Vísteis de adelfas y jazmin y lauro
la bóveda que en torno se dilata,
por donde corre silencioso Dauro,
y Genil, al correr, nieves desata?

¿Visteis los manantiales que destila
gota por gota sobre el hondo rio
cuando á bañar desciende en la tranquila
onda, los pies Generalife umbrio?

¿Y la *Silla del moro* corpulenta,
y la fuente feliz del *Avellano*,
y la santa montaña que sustenta
entre eterno verdor templo cristiano?

¡Ay, si no, no canteis! Tristes reflejos
en belleza alcanzaron vuestros ojos,
y con que vieseis á Granada al lejos
os diera ya, cuando cantais, enojos,

Sin perfume la rosa os pareciera,
y el lauro sin verdor, y sin blancura
las guirnaldas que lento entretejiera
al tenderse el jazmin por la espesura;

Y tuvierais por pálida la lumbre
de la luna que amiga os acompaña
á la cita de amor, y en su vislumbre
de la amante muger el rostro baña.

No, no canteis aun; mas presurosos
alli acudid por letras y sonidos,
y tales hallareis que deleitosos
os hechicen el labio y los oidos,

Y entonces cantareis como se canta
sin querer ni pensar en aquel suelo,
donde invencible inspiracion levanta
la flaca mente y la remonta al cielo.

Y entonces enviareis á las hermosas
de esperanza y amor tales querellas,
que, cuando pareciesen desdeñosas,
tiernas, de hoy mas, os miraran por ellas.

Direis de Bibarrambla el gran torneo
donde traicion trocó lanza por caña,
y del Alhambra el esplendor, trofeo
tras luenga lid, de la cristiana España.

BIBLIOTECA NACIONAL

Direis lo que sepais de los amores
de la sultana y de su amarga suerte,
y de cuando los claros surtidores
con sangriento raudal manchó la muerte.

Direis la saña opresa del guerrero
cautivo, el llanto de la dulce esclava,
los moros que venció el buen caballero
que contó en sus maestres Calatrava.

Y ¿que importa cantar lo que cantaron
de esos valles y alcázares é historias
otros ya? ¿Por ventura se acabaron
las flores ó murieron las memorias?

¿No corre el agua como siempre verde
por las orillas del Genil risueñas?
¿El oro Dauro, de sus linfas pierde?
¿Nó cuelgan rosas de las altas peñas?

¿No vive aun Alhambra entre los yertos
escombros de sus torres en ruina,
y alegre esconde el Albaicin en huertos
su muerte, al peso de la edad, vecina?

Oh! si no es que teneis los trovadores
la garganta sin voz ó el arpa rota
id y cantad, las fuentes ni las flores
ni, alli, la antigua inspiracion se agota.

Antonio Cánovas del Castillo.

CHRONICAS

AMERICA

Como quiera que el objeto esclusivo de nuestra *Revista* es relacionar los trabajos intelectuales de la familia española, asi en el antiguo como en el nuevo mundo, reunir en páginas periódicas, no tan ligeras como las de los diarios, ni tan laboriosas como las de los libros, la fermentacion de su pensamiento; á fin de que se desarrolle con la unidad misma que desde luego tiene por el carácter, por las tradiciones, no habremos de limitarnos á enviar á América los frutos del génio peninsular, sino que recogeremos con predileccion aquellos muy sabrosos y sazonados que producen las diferentes naciones de nuestra familia, que pueblan el continente de Colon.

Distinguidos americanos nos prestan su colaboracion; pero la distancia es motivo de que no puedan ir sus trabajos en el número primero de la *Revista* y de que tengamos que escribir nosotros mismos algunas lineas breves sobre aquellas regiones, mal vistas desde lejos, sin embargo del interés con que siempre las hemos considerado.

Conviene mucho que se conozca en Europa el estado de las jóvenes repúblicas de América, desconocido hasta de los que de sabios se acreditan, y que se sepa que en ellas hay mucho mas que las discordias, motines y batallas, cuyo estrépito pasa los mares y llega hasta nosotros como si fueran la única vida de aquellas naciones; preciso es que al presente, que tantos y tan activos medios de relacion tenemos, se disipen las sombras en que para nosotros viven nuestros hermanos de ultramar, y se vean á luz clara sus costumbres, sus instituciones, su riqueza, en una palabra, su progreso; porque es muy lamentable que en nuestros dias se hable de algunas regiones de América con la misma ignorancia que hace dos siglos, cuando solamente los aventureros se atrevian á abordarlas y cuando aparecian desfiguradas á los lejos por las fábulas, asi de peligros espantosos como de doradas ilusiones.

Es indudable que todas las repúblicas americanas de origen español han venido sufriendo mucho desde su independencia, y que han tenido una vida de agitaciones y trastornos incesantes, como si una fiebre intensa las devorara; pero es indudable tambien, que desde hace algunos años, se vienen sosegando las palpitaciones y que al parecer su existencia se reposa y regulariza.

A nuestro modo de ver, no han nacido las pasadas turbulencias del natural carácter de los Americanos, aunque este pueda haber influido en el modo de ejecutarlas, sino que han dimanado de la formacion de aquellas sociedades y mas principalmente del momento, en que adquirieron nacionalidad. Han sido mas bien un hecho historico, que un resultado de la naturaleza.

Las colonias españolas debian alguna vez emanciparse, que la emancipacion es el destino de todas las colonias, asi que tienen fuerzas para vivir independientes; frutos del árbol de la madre pátria despréndense cuando están maduros, y caen para germinar y ser plantas distintas, individualidades separadas; pero cuando sobrevienen contingencias históricas, que adelantan la separacion, sacudimientos accidentales que conmueven a la metrópoli, la desbaratan y de sus resultas caen dispersos los pedazos de sus colonias, entonces tienen estas que experimentar laboriosas vicisitudes, fermentaciones irregulares que las estremecen, mientras no consiguen la sazon que debian haber adquirido antes de desprenderse de la madre patria.

De ordinario se verifica la emancipacion de las colonias al cabo de una larga elaboracion.

Pocas veces es sabio el gobierno de la metrópoli: la distancia ciega á los gobernantes. Los abusos, una vez inplantados, resisten, porque interesan a los mandarines de todos los tiempos, y el régimen arbitrario niega los recursos á la queja y con su absolutismo coarta las manifestaciones de la opinion pública.

La colonia, asi que siente fuerzas propias, concibe emanciparse, y entra en el periodo de las conspiraciones, locas en un momento y facilmente desbaratadas; pero que con sus mismos fracasos contribuyen á dar unidad á los propósitos, y consistencia á la personalidad de la futura nacion. Las mismas fuerzas de la metrópoli, por ser poderosas, hacen que tengan que condensarse las fuerzas de la colonia para sostener la lucha; la tirania, exacerbada con la rebelion, golpea ciegamente, y reune asi las voluntades y los intereses, acaso discordes: la inseguridad del éxito, las vicisitudes de la contienda, la inquietud, la incertidumbre, los vaivenes de la desesperacion á la confianza; todo el conjunto de peripecias que preceden á la victoria definitiva, van como dando consistencia á la personalidad naciente y formas y prácticas de gobierno al que se ha erigido no mas que con la mision de pelear contra los opresores y vencerlos definitivamente.

Las colonias se emancipan cuando tienen capacidad de naciones independientes y no porque á la metrópoli falte poder para dominarlas. Asi

se ha visto que algunas con fuerzas reducidas se han libertado de muy poderosas opresiones. Afirman, no niegan; afirman que son capaces, no que sea incapaz la metrópoli; certifican un nacimiento, no dan testimonio de una muerte. El conocimiento de su capacidad no viene por acaso, sino que se desprende de las funciones de una vida política propia que se manifiesta activamente por sucesos espontáneos.

En esta virtud cuando la emancipacion tiene lugar por algun motivo remoto, ya porque la casualidad demuestre que la colonia puede en cierto modo vivir aislada, ya porque la madre pátria bajo el peso de una desdicha se desmorone, y esté para morir, en estos casos es una especie de aborto, que cuando menos, impone el dificultoso trabajo de las posteriores fermentaciones que durante algun tiempo agitan y descomponen y destrozan la nueva nacion. Las colonias, asi emancipadas, son como los niños que inesperadamente se encuentran viviendo solos en el mundo, porque su madre ha caido en el lecho del dolor ó se ha hundido en la sepultura.

El régimen colonial espanol, si fué aceptable para los dias del descubrimiento, no lo podia ser mas tarde para la administracion de inmensas regiones pobladas de habitantes en doble número que los que tenia España. Campeaba la autoridad despótica de los vireyes y en lo económico el yugo mas despótico aun, del monopolio. Aislados del mundo, recibian de España las leyes, los gobernantes y los frutos que no producian, ó que estaban condenados á no producir de *Real Orden*. De esta manera las colonias españolas no tenian vida completa, redonda: con gran actividad en algunas funciones, estaban en otras absolutamente paralizadas, eran monstruos de riqueza miserable.

Soportaban sin embargo con paciencia semejante mutilacion, y aun los atentados que frecuentemente cometia la codiciosa arbitrariedad de los mandarines; y ni siquiera el ejemplo de la independencia norte americana las contagió seriamente, pues nunca fueron formales los amagos de independencia, que en algunas comarcas se sintieron.

En esto sobrevino la guerra contra Napoleon, súbitamente, sin preliminares, sin motivos históricos. ¿Quien hubiera advinado á Napoleon? ¿Quien, aun habiendolo advinado, habria presumido un insensato que concibiera conquistar la península? Pero vino y cayó sobre los dos reinos de la peninsula con toda la gravitacion de su génio y de su fortuna y Espana sostuvo una lucha de titanes, pues con un Titan luchaba, y, aunque vencedora al cabo, tuvo para vencer que agotar sus fuerzas y descoyuntarse.

Las colonias entretanto, y durante aquel lustro de enconada guerra, vivieron solas: pero vivieron asi por necesidad, porque rigorosamente, á los fines de gobierno, no existia la metrópoli, convertida en un inmenso campo de batalla; mas llegaron á ver por experiencia que les era posible, de algun modo posible, existir independientes y aquellos mismos hombres que poco hacia consideráron acaso que al faltarles la metrópoli, les iba á faltar la mitad de la existencia que ella les comunicaba, abrieron

súbitamente los ojos y deslumbrados entraron en el campo anchuroso de la vida nacional, independiente. Pero entraron entumecidos por la compresion del régimen que los tenia aniquilados.

Faltó, pues, por esta parte el desarrollo gradual que trae consigo un propósito de largo tiempo alimentado y que se fortalece con los sacudimientos de inútiles tentativas.

Pero faltó otra cosa tambien. La guerra de la independencia de las colonias de Espana, no fué dudosa en instante alguno; el desenlace se veia desde la hora primera. ¿Podia acaso triunfar España, pobre, desangrada, de la América, rica y poderosa? ¡Que habian de hacer algunos soldados, pocos en número, perdidos entre innumerables enemigos en aquellas inmensas regiones! Sucumbir.

Cierto es que hubo batallas, y que la guerra se sostuvo largo tiempo; pero esto, mas que á la fuerza de Espana, se debió á que no fué unánime el grito de independencia, ni se lanzó al mismo tiempo en todas partes; mas donde quiera que el grito de guerra se lanzaba, no se podia dudar de que habia de convertirse en himno de victoria. Pasó el tiempo, rigorosamente no en vencer en la lucha, sino en formar entusiasmo para la independencia, y por consiguiente faltó la condensacion de sentimientos que realizan los temores, las adversidades, los peligros, la inquietud dolorosa que taladra las entranas, asi que tememos perder en una hora el bien deseado.

Al fin quedaron independientes aquellos paises para suerte de España: para suerte, sí, sin embargo de las preocupaciones de ciegos y mal entendidos patriotismos. Pero la independencia fué, con relacion al tiempo, una casualidad, y no el resultado de las leyes históricas: los pueblos americanos se habian separado de la madre pátria sin haber adquirido la experiencia del gobierno, y han tenido fatalmente que hacer, fuera de su natural estado, transformaciones violentas, que han producido en los años anteriores luchas continuadas, fermentaciones constantes, y la formacion y descomposicion de naciones; como si cada hombre buscase su asiento, y por no encontrarlo, revolviese hasta los cimientos de la sociedad.

Ahora bien: en Europa apénas se conoce á América mas que por las turbulencias que ha padecido; pero no se detiene la consideracion en los progresos que han realizado sus repúblicas de algun tiempo á esta parte. Anteriormente se podia decir que no habia en ellas lo que se llama opinion pública, conocimiento mas ó menos atinado de lo que quiere un pais, y por consecuencia las agitaciones eran interminables y tomaban el temperamento de guerra civil lenta, porfiada, indecisa, siempre espirante, pero resucitada siempre. Ahora son mas claras las aspiraciones de los partidos y mas sábia y por lo tanto mas sensible la opinion general, en términos que se resuelve pronto por una ú otra solucion; y de esta verdad son una prueba las recientes agitaciones.

Cuando la mayoria de un pueblo sabe lo que quiere, aunque no quiera acaso lo mejor, se decide en poco tiempo, y sus contiendas son

pronunciamientos, revoluciones, pero no guerra civil y anarquia. Entonces la discordia, aunque siempre sensible, es soportable, porque se limita á los grupos políticos que pelean, y los demas pueden en cierto modo permanecer alejados del campo de batalla, lo que no sucede en las guerras civiles mantenidas por ciegos é implacables fanatismos. El mal continua siendo el mal, pero, civilizandose, se domestica al menos.

Asi en las repúblicas del Plata, por ejemplo, no hace muchos años, las contiendas eran tan pertinaces que una ambicion cualquiera sostenia durante largos años la guerra civil terrible, destructora, que no respetaba intereses, ni dejaba tranquilo en su hogar á ningun ciudadano. Ejemplos Rosas, Urquiza.

Al presente ha habido en Buenos Aires con motivo del nombramiento del presidente de la república una sublevacion militar capitaneada por el general Mitre. Los sublevados alegaban que en la eleccion del D.r Avellaneda para la presidencia habia habido fraudes, coacciones, en una palabra ilegalidades que se proponian reparar con las armas; mientras que los defensores del presidente achacaban los mismos censurables procedimientos á la oposicion. No queremos aquilatar las razones de unos y otros, ni poner nuestra opinion de parte de ninguno de ellos : nos basta llamar la atencion sobre la circunstancia de que la contienda ha sido breve y que, sin grave daño de los intereses particulares, se ha decidido en poco tiempo á favor del D.r Avellaneda quedando todo el pais completamente tranquilo.

Tambien en Montevideo, república oriental del Uruguay, ha habido un movimiento revolucionario, cuyas circunstancias son aun desconocidas, pues que hasta ahora el telégrafo no ha dicho mas que, habia caido el gobierno y apoderádose de él Don Pedro Varela, hallandose ya todo el estado tranquilo enteramente. Por este lado la revolucion ha quedado triunfante.

Incompletas son las noticias que se saben de esta ultima nacion. Los partidos conservador y avanzado, segun las ultimas noticias del correo, se aprestaban á una lucha electoral y por cierto con actividad tempestuosa.

El advenimiento al poder de D. Pedro Valera ¿ha resultado de las elecciones ó de que los partidos, abandonando las urnas, hayan recurrido á las armas?

Mas verosimil parece esta ultima suposicion, que tambien ayuda á creer la noticia de que se haya concluido la rebelion que en los campos sustentaban algunos, enemigos del gobierno y partidarios sin duda de D. Pedro Varela.

En ambas repúblicas, pues, aunque con éxito diferente, bajo el punto de vista de la legalidad establecida, han luchado los partidos conservador y liberal avanzado y ha quedado este último victorioso; en Buenos Aires por el triunfo de la oposicion.

De todas maneras la tranquilidad se ha restablecido inmediatamente en todas partes, que es el hecho sobre que llamamos la atencion.

¡Buen augurio para el porvenir de aquellos paises! Desenlace que dá confianza á los europeos, que saben ya que las discordias se han dul-

cificado y que cualesquiera que sean en las repúblicas del Plata las vicisitudes de la política, no tienen que temer, viviendo en ellas, por su tranquilidad, ni por sus intereses.

PORTUGAL E BRASIL

Os acontecimentos dos ultimos annos tem dado á politica portugueza um cunho até certo ponto original. Entre todas as nações europeas, é Portugal talvez a unica onde se póde observar a ausencia de partidos politicos. A lucta entre os grandes e radicaes traços que na Hespanha, na França, na Italia, na Allemanha dividem a sociedade politica em tres fracções: ultramontanos (da legitimidade e da Egreja), monarchicos-liberaes e democratas-republicanos, não se encontra entre nós. Os restos do partido miguelista, os tortulhos de uma reacção religiosa que se desauctorisa pela inepcia dos seus homens, não chegam a formar um partido; outro tanto succede aos democratas-republicanos: as escaramuças da sessão legislativa de 1874 deram de si a exclusão do parlamento de muitos dos inconsequentes radicaes. A maior prova da falta de cohesão, — falta mortal n'um partido, — no grupo democratico-republicano, está no facto, que uns lamentam, com que outros folgam, da indecisão das affirmações: republicanos em these, monarchicos na hypothese.

Tão pouco o sentimento (porque não posso dizer partido) o sentimento socialista, que revoluciona hoje a agronomia ingleza, que agita a Allemanha apesar das suas victorias, e na França cose o panno onde rapidamente se vae pintando o scenario do futuro imperio, tão pouco o socialismo incommoda a politica portugueza.

Esta ausencia de arena politica póde ser encarada por modos oppostos segundo a indole de cada um. É um bem? é um mal? Nem bem, nem mal; ou ambos, simultaneamente, como é da naturesa das cousas humanas. Se revela por um lado uma certa ausencia de força dynamica, póde por outro ser indicio d'um d'esses periodos de elaboração profunda e surda em que os espiritos concentrados não tem olhos para ver as pequenas contendas das ambições e dos interesses. Não faltam signaes animadores nas letras, nas sciencias: mais de um livro, dos que n'estes ultimos annos tem publicado a imprensa portugueza, revela uma tensão, um *tonos* de espirito critico, que, se attendermos á ausencia de antecedentes e de escholas, póde comparar-se, sem nos envergonharmos, ao que, no mesmo genero, vem de fóra.

Por muitos seculos a Allemanha foi *indifferente* á politica, e não são esses os peiores da sua historia. Somos nós, peninsulares, acaso allemães? Não somos, ainda que não seria difficil marcar certos pontos de

contacto entre o caracter nosso e o d'elles. Não o somos, porém, evidentemente; e essa idiosincrasia differente faz tremer a muitos pelo resultado do profundo indifferentismo politico que, a partir de 1851, cresce todos os dias na sociedade portugueza.

Assim como póde ser uma concentração de forças vitaes, assim tambem póde ser uma anemia.

Como quer que seja, o facto é que não ha partidos. Eliminadas as opposições radicaes, legitimistas, ultramontanas, republicanas, socialistas, podia ainda a vida politica animar-se com os contrastes e as contendas dos partidos intra-constitucionaes parlamentares?

Não podia, porque esses partidos, mortos em Portugal, morrem egualmente por toda a Europa. Todas as questões, todos os principios que outr'ora dividiam entre si os liberaes parlamentares, o imposto, a administração, a representação, o culto, a força publica, deixam hoje de o fazer, já porque, perante o medo mais ou menos bem fundado contra as seitas extra-constitucionaes, se unem, se congregam; já porque, e principalmente por isto, a critica, profundando todos esses problemas, apenas superficialmente tocados pelos liberaes-parlamentares, tem provado como, no terreno dos principios, são indifferentes as successivas remodelações que os differentes partidos, chegando ao poder, entendiam necessario fazer ao edificio constitucional em nome da escholastica parlamentar.

O que vae andado da segunda metade d'este seculo tem provado que não ha meio-termo possivel, dado o momento de crise, entre a revolução radical e o cesarismo. Como que collocadas no ácume de um cerro, ladeadas por dois precipicios, as sociedades contemporaneas, se olham para a reforma, se dão um passo n'esse sentido, sentem-se arrastadas até aos tristes delirios que ensanguentam, quando não ennodoam tambem, a historia; se se voltam para a outra face e miram a reacção, o minimo passo as leva aos baldões ao fundo d'ess'outro abysmo onde está o cesarismo, a suspensão de garantias, o regimen militar, sempre brutal e só por excepção intelligente.

Como fugir a qualquer das inevitaveis quedas? Eis o segredo que a Europa devia pagar bem caro a quem fosse capaz de lh'o decifrar.

A nossa situação portugueza tem esta vantagem incontestavel, sob o ponto de vista politico: não póde cair, porque se não move. Collocada como as demais nações no ácume da collina. não corre o risco de tombar porque não chegou o momento de sentir-se agitada, de redemoinhar e perder o pé, batida pelo vendaval das revoluções.

As parcialidades politicas intra-constitucionaes não são partidos, pois que as não distinguem codigos de principios differentes: são apenas egrejas, cada uma com seu papa, são verdadeiros bandos de tropa, mais ou menos disciplinada, mas que, como a de Walenstein, não sabe exactamente para onde, por onde, nem a que vae. Ir para uma cadeira cural, por acreditar que, sentado lá, fará melhor figura do que o visinho, não basta para se ser um partido. Os despeitos pessoaes, as ambições, as vai-

dades, qualidades humanas, inseparaveis, direi até indispensaveis á politica, devem porém ser subsidiarias, e não ser a politica serva submissa de todas ellas.

Taes como são em Portugal os partidos, concebe-se que um ministerio caia quando commette um crime de leso-bomsenso, e que lhe succeda outro ministerio; não se concebe como, a um systema de principios governativos, possa succeder-se outro systema, porque o systema é um só: governar.

Os partidos conservadores não tem rasão de ser em Portugal onde não ha elementos revolucionarios sufficientes para porem em perigo as instituições; os partidos progressistas tão pouco a tem, desde que racional e experimentalmente se sabe que, dado o fermento mais ou menos latente que levéda para a revolução as sociedades contemporaneas, todo o progresso, direi mais, toda a alteração do *statu quo* em qualquer sentido é um perigo.

Que de dois grupos de individuos politicos um se chame progressista, e o outro regenerador ou conservador, os nomes não fazem ao caso. Não são nem progressistas nem conservadores, são uma e a mesma cousa, dois bandos de caçadores álerta a ver qual de ambos póde primeiro varar com uma bala e recolher na bolsa a caça opima do poder. Fizeram de governar o seu officio: qual de ambos prova melhor? qual mais habil? qual mais digno? Puras questões de pessoas, de caracteres, de capacidade; — de acaso tambem, ás vezes, quando um embaraço fortuito obriga a substituir os nomes que todos os dias assignam os papeis officiaes, e uma vez cada anno fallam pela boca do rei.

Coube agora aos regeneradores fallarem. O longo ministerio, a cuja habilidade e experiencia relativas devemos incontestavelmente uma marcha mais regular da nossa machina politica, conseguiu reunir uma assembléa onde são raros os que não seguem o rumo da náo do sr. Fontes que até hoje tem navegado com brisas sempre fagueiras.

Não lhe faltaram elementos para constituir a sua maioria. A habilidade de politicos logo indicára aos ministros a distribuição das comarcas e o caminho de ferra da Beira, como bons rebuçados para pendurar no topo do mastro da cocanha das eleições, onde todos sobem, mas todos caem, ou quasi todos. Não lh'o levemos a mal: a habilidade é a primera e principal qualidade do politico. E nem só a habilidade pugnava o favor do ministerio. Combinadas com a indifferença publica, havia outros elementos: — os mancebos que, já por espirito critico, já por natural ambição, se abraçaram ao grupo regenerador como áquelle onde os homens são numerosamente mais habeis, e mais fortes, mais promettedores portanto; — a consequencia natural d'essa habilidade e d'essa força, que consiste em não bulir no pomo vedado das questões difficeis e em aproveitar com mão avara os acasos da fortuna, consequencia manifestada n'uma consideravel melhoria de finanças e de ordem; — a posição falsa em que os radicaes se haviam collocado na sessão parlamentar de 1874, declarando serem e não serem, quererem e não quererem a republica,

mistura de sim e não, perfeitamente criticas, que abonam o *juizo* dos que a professam, mas que não serve para a politica activa onde o branco é só branco, e preto unicamente o preto; — o traço sombrio com que os acontecimentos de Hespanha sublinhavam as declarações dos radicaes, sombra que os obrigava a balbuciar, e balbuciando, a perderem o apoio decisivo dos poucos republicanos, sem diminuirem por isso o medo dos muitos monarchicos; — finalmente, a machina poderosa do funccionalismo, que só por si tem bastado a todos os ministerios, ainda desajudados das circumstancias propicias do actual, para ganharem essa batalha, não sei se séria se burlesca, se épica ou comica, se risonha ou triste, que se diz as eleições.

Boa ou má, luminosa ou sombria, promettedora ou desesperada, a nossa situação politica é esta, para quem como nós a encara como diz o povo: vendo os touros de palanque.

Que papel nos estará reservado n'esta tourada, bem mais sangrenta do que as nossas da peninsula, entre os differentes papeis distribuidas ás nações politicas? Apparentemente nenhum: a vida politica das pequenas nações tende cada dia mais a tornar-se uma copia dos grandes modelos. No jogo dos interesses e das ambições colossaes da politica europea, nós portuguezes não podemos dar nem tirar vasas. Vivemos burguez e pacatamente em nossa casa. Por isso o discurso da corôa, papel que ninguem lê para álem do Caya, a não serem os nossos embaixadores, se forem, se resumia ordinariamente a dizer com uma sobriedade spartana: mantem-se inalteraveis as nossas relações com as nações estrangeiras.

No discurso d'este anno ha uma glosa a este thema: são as questões do Pará, questões, ao que parece, e felizmente, terminadas e em que os dois governos de Brasil e de Portugal tambem felizmente reconheceram que não vale a pena quisilar-se, ao contrario, cumpre unir-se para fazer calar as declamações torpes de um papel que se diz *Tribuna*, quando devia chamar-se *Taberna*.

Não se perturbaram por esse incidente as nossas relações diplomaticas com o Brasil, nem devia succeder tal. Concluir-se-ha porém d'ahi que os improperios da *Tribuna* eram sómente o licor mal fermentado nas cabeças dos scribas?

Não me parece. A questão é realmente uma, e profunda, séria, a mais grave entre todas as que se prendem com a vida intimamente ligada das duas nações que fallam a lingua portugueza.

Pouco vale repetir os incidentes conhecidos do conflicto que obrigou o governo portuguez a mandar ás aguas do Brazil a corveta *Sagres;* além de conhecidos, a sua importancia é a de meros e transitorios accidentes de uma questão permanente e viva: a translação dos portuguezas para o Brazil, o retorno dos *brazileiros* para Portugal.

Indagar de quem era a principal culpa nos disturbios, se dos energumenos da *Tribuna* paraense, se das excitações, que de cá expediam para lá certas folhas, acaso mais desejosas de ganhar ecco, do que de

lançar agua n'uma fervura por todos os sentidos perigosa e incommoda; indagar até que ponto tinham fundamento as accusações do jornalismo brasileiro quando lançava em rosto ao portuguez o desejo com que, incitando os odios, pedia em circulares tristes, a esmola d'um assignante; indagar até que ponto a questão puramente brasileira da reacção ultramontana contra a maçonaria influía na animosidade activa dos brasileiros do norte contra os portuguezes, seria tornar a levantar uma questão que todos devemos esquecer para o bem commum. Fiquem as culpas a quem d'ellas é reu. Se o sangue d'alguns portuguezes avermelhou tragicamente o episodio, não pertendamos derramal-o sobre a cabeça de ninguem: vasemol-o todo no antro d'essa fatalidade triste que cega ainda tanto e tantas vezes a vista dos homens.

Um remorso deve escurecer a consciencia do governo portuguez: se em vez de mandar, tarde, um navio de guerra, tivesse mandado a horas um transporte, onde coubessem todos os nossos irmãos em perigo, não se poupariam desgostos, não nos fariamos respeitar melhor, não provariamos sobretudo maior bom senso?

A troca de provocações hostis entre os jornaes portuguezes e brasileiros apenas revela uma face puramente exterior do conflicto. O incidente, que, segundo cremos lhe deu causa immediata, foi o modo porque no norte do Brazil se tem desde certo tempo entendido a liberdade do trabalho. Em boa razão se deve dizer que tal modo não abona o senso economico dos governos provinciaes, ou abona então demasiadamente o amor de um patriotismo irreflectido: o trabalho é cosmopolita.

Ha annos já, o governo da provincia do Pará retirara o subsidio á companhia de navegação do Amazonas, pelo facto d'ella empregar em seu serviço principalmente portuguezes. A nacionalisação do commercio de retalho, bandeira com a qual os provincias do norte, escondem, sob um euphemismo economico, um crasso erro de economia, é o segundo acto d'este drama já avermelhado de sangue. Nacionalisação, quer dizer exclusão dos portuguezes do negocio a retalho, isto é d'aquelle que mais facil e numeroso emprego offerece aos immigrantes.

Louvores sejam ao governo do Brazil que, interpretando os sãos dictames da economia e da justiça, sempre concordes com os interesses de todos e mais do que nunca favoraveis ao desenvolvimento e prosperidade do joven imperio, sabe elevar-se acima dos sentimentos de uma rivalidade que, por mal entendida, mereceria acaso mais feio nome.

Depois de Pernambuco, depois do Pará, veio agora a provincia de Sergipe repetir os funestos exemplos da intolerancia mercantil. O governo provincial resolvera que na cidade da Estancia os mercadores de retalho estrangeiros pagassem o dobro das contribuições impostas aos nacionaes.

Na portaria dirigida pelo governo do Rio de Janeiro ao governador da provincia diz o primeiro que:

«Em virtude do artigo 16.º do acto addicional devia v. ex.ª ter negado a sancção á referida lei, e, se porventura a assembléa provincial a sustentasse tal qual por dois terços dos votos, suspendido a sua execu-

ção... Que, aconselhando o interesse publico que para todos os estrangeiros residentes no imperio se mantenham os principios de egualdade commercial e civil, cumpre aos presidentes das provincias, em todos os casos em que os projectos de lei provinciaes contrariem taes principios, usar dos meios que lhes faculta o acto addicional.»

Oxalá que o espirito publico dos brasileiros se inspirasse sempre das mesmas doutrinas que inspiram as altas regiões governativas: folgaria com isso o direito, faria bem ao nome do Brasil e melhor á sua prosperidade.

São ás vezes curiosas as contradicções humanas! O Brasil que devia receber de braços abertos os immigrantes, machinas de trabalho indispensaveis ao seu desenvolvimento; e os immigrantes portuguezes em especial, por serem os que melhor lhe convém, revela contra elles um espirito da quizilia, de má-vontade, de susceptibilidade (não nos atrevemos a dizer de inveja) que dão de si, talvez em grande parte, o retorno dos expatriados enriquecidos. Quantos não prefiririam a America, sua verdadeira patria pelo trabalho, pela conquista do bem-estar e da liberdade, á terra abandonada na infancia, não direi esquecida, mas onde as mais das vezes não tem já paes, nem quem lhes valha a esposa e a nova familia a quem se ligaram além-mar? quantos a não prefiririam se, em vez de uma hostilidade mais ou menos disfarçada, encontrassem lá os braços abertos de uma sociedade abertamente irmã?

Abrir bem largo esses braços eis o que o Brasil não faz, com grave deterimento, não direi da fortuna publica, porque não fazem falta, onde ha tantos, os milhões que voltam a Portugal, mas da propria sociedade brasileira, portuguesa de sangue, que encontraria nos novos adeptos um rejuvenescimento de seiva, e o meio de se encaminhar para a fixação de uma nacionalidade e de uma raça, cousas que não conseguio ainda attingir.

De outro lado, nós portuguezes, que aramos apenas dois quintos da superficie do nosso solo, consentimos n'uma exportação de braços talvez proporcionalmente maior do que a da Inglaterra onde, á falta de chão productivo, se criam artificialmente campinas sobre o que antes foram rochas escalvadas.

Acaso n'estas contradicções estará o segredo de uma harmonia natural? Se comprehendessemos bem, portuguezes, as necessidades da nossa economia, o seccar da fonte que vasa para a America os milhares de braços do Minho, dos Açores, de certo influiria perniciosamente na economia brasileira. Se vice-versa o Brasil comprehendesse bem as conveniencias proprias, corriamos o risco de vermos despovoarem-se-nos os campos e correrem-nos os rudos trabalhadores em busca de uma riquesa que não póde dar uma patria-mãe, não direi madrasta, mas o seu tanto ingrata.

Questões graves de mais para uma revista; deixamol-as a quem cabem: o facto é que do incidente do Pará, surgem considerações que se prendem a um problema reciprocamente grave para as duas nações por-

tuguezas. Concluido o incidente, não julguemos por isso concluida a causa: o fructo caio maduro, mas ficou de pé a arvore.

Não é como a arvore biblica, a arvore dos problemas sociaes; por comerem o fructo da primeira perderam nossos paes o paraizo; nós ganhal-o-hemos se devorarmos o fructo das lições que saem dos acasos da historia, a sciencia verdadeira do bem e do mal. Quem nos ha de abrir, quem unicamente póde abrir-nos esse appetite é a instrucção.

Prometteu-nos occupar-se d'ella,—e bem o precisa,—o quarto paragrapho do discurso da corôa portugueza; e com effeito foi já distribuido no parlamento o projecto de lei que reforma a instrucção primaria; não o analysaremos hoje, falta o espaço e sobra tempo até chegar a época da discussão.

A organisação dos tribunaes militares é outra das promessas do discurso da corôa. Esta questão adquire uma triste actualidade, assentando como assenta sobre um cadaver, ou antes sobre dois; um do que morreu, outro do desgraçado que, matando, n'esta hora lentamente acaba ou nas dores mortaes de um cruciante remorso, ou no tremedal sem fundo da cobardia faccinora.

Outras mortes houve, senão verdadeiras, apparentes; viu-se enfiar, abafada em paixões pequenas, a imprensa que jogava as pélas da politica sobre a cova aberta, e sobre o carcere tão fechado que chumbava o direito sagrado da defesa ao criminoso.

De um lado os que começaram por exigir uma victima, do outro os que a negavam, em nome de que direito fallavam? que tem os governos ou as opposições que ver com a applicação das leis? destruiu-se de todo a machina constitucional e não existe já a separação e independencia dos poderes? Era acaso o puro amor da justiça que os inspirava? Consultando a serio e a sós a consciencia, não lhes diria que outros motivos os incitavam? e que era um peccado, mais do que um crime, concitar paixões, interesses, na hora de paz que, serena e fria, a justiça tinha o dever de exigir de todos?

Não é decerto este o ponto de vista sob que se encarará no parlamento o desgraçado incidente que veiu mais uma vez patentear os vicios profundos da nossa organisação militar. Não será, nem deve ser. Oxalá mesmo que os partidos se abstenham de tocar de novo n'essa para todos deploravel questão, discutindo, não como moralistas, mas como legisladoros que são, um problema vital para a instituição militar, a disciplina, e outro absolutamente decisivo e supremo, a pena de morte.

Por não terem tamanha importancia, não descuremos comtudo as promessas de novos progressos materiaes. Duas linhas de caminhos de ferro, que depois de feitas augmentarão a rede actual portugueza em 100 ou 150 kilometros e que, com as linhas do Minho e Douro em construcção, completarão proximamente o systema da viação ferrea nacional; a conclusão da linha do Norte e a construcção da ponte sobre o Douro, eis o que nos promette o governo. O ministerio da fazenda, apresentando com pontualidade louvavel o orçamento para 1875-76 e as contas de ge-

rencia, acompanhou-os do relatorio do estylo, documento que teremos occasião de apreciar. Projectos de lei regulando a amoedação e a circulação metallicas nas ilhas adjacentes, tornando a separar da alfandega grande a municipal, e creando na Junta do credito publico uma caixa de depositos, eis ahi o systema de propostas financeiras do governo que não primam nem pela importancia, nem pelo numero: uma duzia apenas, e nem uma só pedindo novos impostos, facto quasi novo na nossa historia contemporanea. No dizer do ministro, as receitas ordinarias supprirão com pouca differença as despezas. Navegando em maré de optimismo, o governo attendeu á proposta de abolição das deducções nos vencimentos dos empregados do estado; agrada-nos a decisão, não nos succede outro tanto para com o optimismo, perigosa illusão que tem ás vezes consequencias funestas, embora longiquas.

Oxalá que as circumstancias, continuando a favorecer as nossas finanças, permittam a continuação d'esta doce paz. Não é do *deficit*, Adamastor quasi antigo que já não tem mais de mil cabellos, — cada cabello vale um conto, — na barba esqualida, que devemos agora temer. Devemos sim, não direi exactamente temer, mas pensar um pouco na influencia que produzirá o apparato bellico com que, no dizer de alguns, o governo intenta adornar a machina pacifica da nação portugueza. 50:000 soldados e muitos couraçados-canoas serão o bastante para nos arruinar sem chegarem para nos defender.

Um acanhado ensaio, menos prudente e judiciosamente emprehendido, acanhado, desnecessario e em todos os casos inutil, acaba de custar 800 contos, verba accusada pelos documentos officiaes como preço da convocação das reservas.

Já lá vae o tempo em que, ao lado de duas ou tres grandes nações, havia na Europa um grupo de pequenos povos que tambem de tempos a tempos se davam o capricho ferino de uma guerra. Amassadas as nações europeas em cinco ou seis grandes hegemonias, a guerra só é possivel entre os colossos, os pigmeus como nós tem de curvar e ceder, sempre que ás grandes (no tamanho) potencias convenha impôr uma ordem.

Esperava-se, no dizer de alguns jornaes, que o discurso da corôa fallasse na dotação do clero, idéa que parece merecer as sympathias do sr. ministro das justiças. Não fallou, o que retira de nós a obrigação de tratar d'esse assumpto: fica reservado para occasião mais opportuna, isto é, para quando o projecto de lei fôr apresentado no parlamento, se o fôr.

As questões de *modus-videndi* entre o Estado e a Egreja são ainda hoje das que se impõem com uma gravidade superior. A inconsequencia de certas instituições, filhas de epochas em que as crenças religiosas eram universalmente sinceras e vivas, perante as instituições nascidas do espirito critico e livre do nosso tempo, de um lado; e do outro a necessidade politica de satisfazer as exigencias da parte das populações ainda verdadeiramente catholicas, e a não menos imperiosa necessidade de cohibir os exaggeros dos partidos clericaes, que apoiando-se na fé pretendem destruir os fructos da liberdade, tornam complexos, e delica-

dos sobre todos, os problemas que se referem ás relações do Estado com a Egreja.

Soffre actualmente mais d'esse antagonismo o Brasil do que nós. São conhecidos os incidentes do conflicto que parecia terminado com a condemnação e encarceramento dos bispos do Pará e Olinda. Esses actos com que o governo brasileiro reproduz a politica do chanceller allemão, não encontram no imperio brasileiro, como encontram no da Europa, o apoio firme das populações protestantes ou velho-catholicas. Catholico na sua totalidade o Brasil, menos depurado o sentimento religioso, menos elevado o gráo de cultura intellectual, devemos tremer pelo resultado da lucta que a condemnação dos bispos acirrou amargamente?

O futuro o dirá, mas seja qual fôr o resultado definitivo da contenda, não pódem deixar de louvar a energia todos os que entendem illegitima e prejudicial a intervenção do clero, como classe, nos negocios politicos de uma nação. Ora o clero norte-brasileiro nem sequer entende necessario, seguindo o exemplo do da Europa, cobrir os seus actos com a capa,—transparente é verdade,—de uma supposta indifferença. Confessa ao contrario, clara e publicamente, as suas pretenções. As actas publicadas de reuniões do clero paraense, mostram a decisão tomada por essa classe de organisar um partido composto dos membros da corporação, o qual procurará *influir directamente na politica do Estado*.

Tal é a atitude do clero para com a auctoridade civil. A do governo para com o clero não é, porém, menos invasora. Ordenar, como acaba de o fazer, ao governador do bispado do Pará, que levante dentro de oito dias as interdicções, é incontestavelmente intrometter-se em puras materias espirituaes que estão fóra da alçada do poder civil. Demos rasão ao clero no protesto com que repelliu a intimação autocratica do governo, retiremos-lh'a no modo subversivo e attentatorio para as instituições civis com que o redigiu.

Ocioso é dizer que os bispos presos adheriram (em officios dirigidos ao governo) ás decisões dos governadores de seus bispados; mas que provavel é tambem que os governadores, seguindo a sorte dos bispos, sejam processados e condemnados.

Pouco vê quem apenas considera acontecimentos d'esta ordem como filhos das ambições, dos interesses, das pequenas paixões que, sem duvida, acompanham sempre as acções humanas. Questões religiosas, como a que agita o Brasil, são inevitaveis no nosso tempo, em que as relações do Estado e da Egreja não podem assentar em bases racionaes, mas sómente n'um systema de concessões reciprocas e de frageis *concordatas*, que um momento aconselha, que o momento seguinte logo repelle. Falta-lhes a base firme da philosophia. O systema de instituições que se deduz dos principios do catholicismo romano, não é compativel com o systema de instituições que se deduz da philosophia do direito nas nações europeas. Quando o clero se sugeita á auctoridade civil não o faz por um *dever*, fal-o por uma *conveniencia*, e esperando sempre a volta de melhores tempos. De outro lado, no estado actual da sciencia do direito, é já

impossivel a formação de Egrejas nacionaes como as que se crearam com o protestantismo, e em que não póde haver conflictos entre o poder civil e o religioso, porque ambos residem n'uma mesma séde. De outro, afinal, o estabelecimento do poder civil, completamente leigo, a separação do Estado e da Egreja, como logicamente se deduz das doutrinas acceites em philosophia do direito, é incompativel com a manutenção das instituições, dado o estado das consciencias sobre quem actúa e actuará por muito ainda, absoluta e superiormente, a palavra do padre.

O fundo de todas as questões que agitam as nações neo-latinas é religioso; provém do modo organicamente opposto pelo qual as massas catholicas ou fetichistas, de um lado, e do outro as escholas e as classes cultivadas, racionalistas, concebem as cousas. Ha um intervallo de dois seculos entre governantes e governados; os primeiros estão no seculo XVIII (com Bentham, Rousseau, Smith, etc.) e os segundos no seculo XVI com os frades e inquisidores.

Felizmente a energia do progresso é tal que permitte o predominio das minorias, contra as massas que pediriam conventos e fogueiras, se as vantagens materiaes obtidas pelas modernas reformas (abolição de privilegios, egualdade legislativa etc.) não contrariassem os dictames da sua consciencia, se a cohesão, a seriedade, os costumes das corporações religiosas fossem taes que lhes infundissem maior respeito.

Apesar d'isso, porém, a França passeia em procissões e romarias; o carlismo em Hespanha vive; entre nós vão minando associações, missões e não sei que mais cousas, que escusamente, na sombra, procuram invadir a familia e dividil-a em dois membroa oppostos: o marido que trabalha, a mulher que se confessa e resa... e educará os filhos; e no Brazil a questão até agora pelejada nos tribunaes e capitulos, a golpes de decretos e protestos, acaba de transferir-se francamente para o terreno da pura força.

As noticias da sedicção que lavra no norte do imperio, não deixam duvida sobre o seu caracter. Os archivos das repartições foram queimados, como em Hespanha, aos gritos de: «Morram os mações! Morra o governo! Viva a religião!» Infelizmente para elles, não tem no Brazil um rei *in herba* para juntarem: «Viva Carlos VII ou Miguel II!» um bom rei, submisso, fiel acolyto do clero.

Não o tem, mas nem por isso a sua influencia é menor. Lamentavel cegueira a do povo que contra si, para suicidar-se, volta as armas e as ferramentas da civilisação! Peccaminosa é a ignobil imaginação dos que exploram a ingenua cegueira das turbas. Os desejos, as aspirações mais ou menos vagas para uma existencia melhor não residem, para o commum da gente, n'um futuro que só a dedicação e a virtude podem tornar proximo. O egoismo natural do homem leva-o a suppor que a edade de ouro, com que lhe acenam, está de traz d'elle, ha um, ha dois, ha vinte seculos, e que basta um momento de lucta, para que chegue a hora de gosar. Nem a comprehensão da necessidade do progresso, nem o sentimento da solidariedade humana que faz de nossos avós, de nós e nos-

sos netos, um mesmo ser, uma carne unica, se encontram ideal nem racionalmente formulados no espirito das massas. Os ingenuos e santos instinctos que as animam contem em germen tudo isso, mas, como a planta necessita de luz para adquirir côr, assim os sentimentos carecem tambem de luz para que as trevas os não façam crescer pallidos e monstruosos.

Infelizmente os máos conselhos captivam quasi sempre as creanças, a turba é uma creança. Boa como é, para a levarem, os máos conselheiros necessitam de a enganar. Não ha uma só das revoltas que no fundo tem como estandarte a batina, que na face deixe de apresentar uma côr utilitaria. O instincto popular, reaccionario, é sobre tudo reaccionario em economia.

O bode expiatorio da revolta jesuita do norte do Brasil é mais uma vez o pobre kilogramma, fiel amigo de todos contra as fraudes do mercador. *Quebra-kilos* eis o irrisorio nome dos innocentes instrumentos dos jesuitas.

Depois da condemnação dos bispos, do processo dos governadores dos bispados, o governo brasileiro entendeu necessario expulsar os jesuitas de Pernambuco.

Um d'elles, ao prenderam-no, interrogado para dizer o nome, respondeu: «Silvestre, prisioneiro de Jesus Christo.» A que abysmo chegou a companhia dos grammaticos por excellencia! Jesus Christo, o governo impio que os encarcera e os deporta! Jesus não os encarceraria, não, mas havia de sacudil-os do seu templo como ovelhas ruins.

Os *prisioneiros de Jesus* e os *quebra-kilos* conseguiram já levar á cova algumas dezenas de homens, saquear casas, queimar archivos, e mantém em desordem tres provincias do imperio.

Assegura o governo que o movimento não tem importancia: — o facto é que dura, e tem posto em cheque as forças das guarnições. Conseguirão forças mais numerosas e regulares socegar os tumultos? É de crer, de esperar e desejar sobre tudo.

Melhor porém do que com espingardas e canhões se esmagarão as insurreições temiveis do espirito reaccionario, com as armas da liberdade. Debelle o Brasil os ataques do clero, mas terá melhor e mais solida victoria satisfazendo ás reclamações tão repetidas e instantes de uma reforma eleitoral. O systema de eleições indirectas parece já incompativel com o progresso da nação: eis o que afinal reconheceu o governo do imperador; e as camaras, convocadas extraordinariamente para março, discutirão e votarão a nova lei que ha de reger já nas futuras eleições.

São essas, repito, as melhores armas para combater as tentativas reaccionarias: não que a politica deva deixar de as atacar de face quando saem a campo, nem de as minar por todos os modos á medida que se vão pronunciando em tendencias ainda indefinidas. O primeiro caso é o do Brasil, o segundo é o de Portugal, onde, se não temos ainda bispos encarcerados, nem vivas e fogueiras ao divino, temos já o pequenino

conflicto do cabido de Bragança, tão pequenino que o deixei para o fim, com a tenção firme de apenas o mencionar.

Não vale a pena gastar cera com ruins defunctos.

Lisboa, 15 de fevereiro de 1875.

P. de Oliveira.

HESPANHA

Tan frecuentes y aun periódicas van siendo en España las mudanzas de instituciones y gobiernos, que todos los años viejos se despiden con una grave y trascendental peripecia política y todos los nuevos reciben de su antecesor el legado de un órden de cosas, esencialmente distinto del que acababa de regir. Concluyó 1868 llevandose consigo una dinastia y estableciendo un gobierno provisional; empezo 1869 produciendo una nueva constitucion y una regencia; en noviembre de 1870 se verificaba la eleccion de rey; en enero de 1871 se sentaba en el trono Amadeo de Saboya, que en febrero de 1873 renunciaba la corona abriendo paso a la República; en 2 de enero de 1874 se levantaba una dictadura y en 29 de deciembre proclamó la division Daban en Sagunto á D. Alfonso de Borbon que en 14 de enero de 1875 ha hecho su entrada en Madrid. Para los ánimos descontentadizos, que no tuvieran bastante con tan fundamentales cambios y tan revueltas salidas y entradas de años, aun ha habido dentro de estos, por via de solaz que hartava á los mas ávidos de emociones, de levantamientos carlistas y de federales; la muerte en desafio de un infante, el asesinato de Prim, el atentado contra la vida de Amadeo, una guerra en Cuba, otra en el Norte y Centro, un convenio para terminarla en Amoravieta y gran número de pactos en Madrid entre las cien y una fracciones que se disputan el poder. Hablamos de fracciones, y no de partidos, por que la disolucion de estos ha venido á ser uno de los caracteres mas salientes del periodo de transicion que atraviesa la España actual y la principal causa de tan frecuentes y encontradas transformaciones. Llamanse alli monárquicos los que mas se han afanado por enflaquecer la monarquia, los que no transigiendo con otro rey que el de sus pensamientos, han hecho el vacio á todos los demas inscriptos en la opulenta lista de aspirantes al trono, desde D. Carlos al mitto X, y antes que tolerar otro monarca que el de su interes, contribuyeron sin reparo al advenimiento de la República; dicense republicanos los que igualmente inflexibles, antes que ceder en su capricho unitario, federal o cantonal, y sobre todo en su aspiracion personal ó de grupo, alzandose en Cartagena ó echandose en brazos de la dictadura, se encargaron del trabajo que correspondia a los monárquicos. La descomposicion no se detiene siquiera en los partidos; sobre que en el campo tradicionalista unos pelean por el antiguo régimen y otros, contagiados por el

espíritu moderno, le combaten sin renunciar por eso al titulo de representantes de la tradicion, sobre que en los partidos medios hay sostenedores de las constituciones del 45, del 56 y del 69, tendencias á conservar las principales conquistas revolucionarias y á destruirlas, dando a los tiempos efecto retroactivo, se encontran carlistas que quieren mantener la libertad religiosa y liberales que hacen alarde de su empeño en restablecer la intolerancia; pelotones de republicanos que se contentan con el nombre de la cosa, aunque para hacerle posible haya de apoyarse en la guerra; progresistas que, de progreso en progreso, retroceden al viejo principio de la soberania nacional proclamado en Cadiz hace 65 años y agrupaciones de nombres vagos, propios para caracolear entre las demás, para formar alianzas á la derecha o á la izquierda, para hacerse lugar con la monarquta ó en la República, para formar gobierno, no importa con quien, ó para imposibilitarle con coaliciones y dualismos. Resultado de tal fraccionamiento y tan frecuentes mudanzas, que alcanzan á la administracion toda, hasta las últimas esferas estendidas por las apartadas aldeas, es el personal completo de empleados que cada fraccion ha creado á su paso por el poder y que dificilmente se acomoda ya a buscar sus medios de subsistencia fuera del presupuesto; es decir, seis planteles completos, cuando menos de funcionarios públicos cesantes, cinco de los cuales están permanentemente dedicados á enflaquecer al gobierno que sostiene el sesto.

En tal estado de perturbacion política, que reconoce por origen una postracion moral propia del periodo historico en que España se halla, ha sido proclamado D. Affonso XII á los 18 años de edad. El ministerio-regencia, formado en 31 de diciembre, se compone de elementos del antiguo partido moderado y de la llamada union liberal, algunos de estos muy influyentes en la revolucion del 68 y ministros despues de D. Amadeo. El 19 salio D. Alfonso por la linea de Zaragoza para revistar el ejercito del Norte. En su breve estancia en Madrid solo han aparecido dos disposiciones de importancia; la supresion del jurado, ya preparada por la dictadura, y el pago completo de sus haberes el clero, las dos sorprendentes en Portugal, donde pronto hará medio sigjo que el clero no recibe haberes, ni sufre eclipses la institucion del jurado. Con tan escasos datos oficiales y á los 26 dias de fecha de una situacion que naturalmente se halla en la luna de miel, no corresponde á la circunspeccion que ha de servir de norma á esta cronica, emitir juicios aventurados, ni recoger pronósticos ó esperanzas sin base segura. Un banquete presidido por el conde de Balmaseda, con brindis por la unidad religiosa y lemas de «religion patria y rey»; varias reuniones de hombres del antiguo partido moderado, que han enviado al gobierno comisiones encargadas de esponerle sus deseos; otras reuniones en casa del sr. Elduayen con tendencia á formar una nueva union liberal; ciertos tratos y contratos de la fraccion llamada constitucional (nunca se supo de que constitucion) para fusionarse con la anterior; las conferencias en casa del sr. Castelar de los republicanos que se titulan posibilistas y las circulares que los demas

republicanos están enviando á los que fueron diputados y senadores despues de proclamada la Republica, prueban que no hay completa sinceridad en la tregua politica, que todo el mundo afecta guardar, hasta el desenlace, esperado hace ya dias, de la guerra civil.

Las operaciones en el Norte contra los carlistas principiaron con gran actividad y con la presencia del rey. Sangrientos combates se han librado para abrir la ruta de Pamplona y abastecier esta plaza y el exito ha sido satisfactorio por lo que respecta al immediato objeto de las operaciones, aunque no tanto si se consideran los sacrificios que ha costado.

D. Alfonso, despues de visitar la ciudad desbloqueada, regresa á Madrid, donde es posible que se encuentre ya en estos momentos, despues de pasar por Logroño, Valladolid y Burgos.

En Logroño ha visitado al general Espartero.

Con la vuelta del rey á Madrid se agitará mas la politica de salon y hay quien espera interessantes novedades en el modo de resolverse los problemas que en estos dias se vienen agitando.

Trazado á grandes rasgos el cuadro que presenta la nacion española al comenzar el año actual, sirvan estas lineas de introduccion á las crónicas en que con mas detemiento, aunque siempre desde cierta altura, iremos observando como se desarrollan, no solo su asunto politico, sino su movimiento cientifico, literario y artistico, ya que el periodo escepcional de la quincena que nos ocupa no es, ni podia ser, propio para proporcionarnos ocasion de hablar ni de acontecientos cientificos, ni de libros, ni de cuadros, ni de teatros, ni de música.

***

Enero, 25 do 1875.

EUROPA

Quando se considera hoje o mundo civilisado, o que n'elle primeiro impressiona é sem duvida a grande prosperidade dos povos. Uma extraordinaria e multiforme actividade augmenta todos os dias os generos de utilidades e cria facilmente, melhorando-as ainda, as mais fundamentaes e antigas. Cada necessidade simples se desdobrou n'um grande grupo, é certo; mas tambem os meios de satisfação, multiplicados por uma infinidade de industrias novas, accumulam nos mercados productos, ainda ha pouco, inteiramente desconhecidos. O movimento inteiramente moderno das sciencias da naturesa, permittindo as espantosas applicações da mecanica e da chimica á creação das utilidades, e a divisão cada vez mais completa das producções, assentando sobre as diversas aptidões naturaes dos homens e das regiões, são talvez os dois grandes pontos de partida dos resultados adquiridos. As industrias que, eram a pratica machinal de receitas empiricas, são hoje, como outras tantas sciencias, o ponto de applicação constante da rasão consciente.

Quando se compara este aspecto com o que nos revelam as memorias contemporaneas dos seculos anteriores, em cujas sociedades dominava um grupo limitado, forte e superior, conhece-se logo que um melhor estado economico caracterisa o nosso tempo.

Não investigarei agora se o progresso moral tem acompanhado este crescer espantoso de riquezas, — dando a esta palavra a acepção restricta que a Economia politica ainda não conseguiu alargar sufficientemente. Quer-me parecer que sim. Mas é certo que este ultimo se tem imposto aos espiritos a ponto de se considerar, o que é ainda mais uma força que o favorece, como o fundamento da felicidade dos individuos e das nações.

Foram creadas, alimentadas por esta atmosphera que ellas mesmas constituem, as classes dominantes da sociedade moderna.

É assim que no primeiro plano do quadro, enchendo de movimento as cidades ricas, animando os mercados, arroteando e povoando de machinas os campos, se vê em toda a parte, — impondo ao observador o aspecto de que fallei, — uma burguezia industrial, commerciante, numerosa, todos os dias crescente. Não forma ella um grupo lemitado, isolado dos outros por uma forte hierarchia; tem pelo contrario elementos numerosissimos que reproduzem em menor escala os caracteres de toda a classe e que assim se esfumam e ligam por transições com as classes, ainda na sombra, dos menos felizes, representantes hoje das necessidades historicas, já todavia a caminho do poder e da riqueza por uma estrada quasi aberta de obstaculos insuperaveis, insoffridos e turbulentos muitas vezes não por mais miseraveis mas por já poderosos, e com a phisionomia animada de quem sente na sociedade um proximo reconhecimento de todos os direitos e uma irresistivel tendencia para a destruição de dolorosas injustiças. É pois a existencia da pequena burguezia, numerosissima e prospera, entre as classes elevadas burguezas tambem e as classes populares burguezas já em parte, que dá este aspecto de totalidade enriquecida á sociedade actual.

Dois factos, importantissimos nos nossos tempos, pareceriam contrariar o optimismo d'este quadro, que de resto não aspira a ser a verdade toda, mas o aspecto mais saliente, não só mais superficial, do mundo moderno.

São esses dois factos as correntes de emigração que continuam a mudar as populações da Inglaterra, da Allemanha, da Hespanha e Portugal, da Italia e da França para os novos mundos, e as pretensões socialistas que teem ainda em lucta a grande massa da população industrial, e em Inglaterra, já tambem, uma grande parte das populações dos campos. Mas estes dois factos comparados aos analogos que a historia nos apresenta não alteram absolutamente a face que mostrei. Consideradas em massa, as emigrações actuaes mostram miseria relativa, mas ambição e força. E as greves, o grande movimento socialista que no fundo revela miseria e necessidades, é hoje sobretudo signal evidente de poder, de força, nas classes já conscientes d'essa força que o promovem.

Esta grande prosperidade material que é o aspecto dos povos con-

temporaneos tem um caracter tão vigoroso, tão naturalmente produzido, tão irresistivel já de movimento adquirido, que nunca na historia se viu um impulso tão independente, tão desligado das situações politicas que por tanto tempo dominaram completamente, alterando-a fundo, a phisionomia economica das nações. Tanto póde hoje o livre jogo dos interesses, tanto tem ganho a independencia individual, tanto tem sahido do Estado para se espalhar pela acção educada dos particulares, que a politica propriamente dita se tornou um facto de influencia distante e indirecta, decerto importante, mas incapaz já de, mesmo com os seus erros, oppôr uma barreira valiosa ao progresso economico.

É por isto que no segundo terço d'este seculo o estado dos espiritos relativamente á politica começou a soffrer uma profunda transformação. As grandes palavras—Liberdade, Monarchia, Republica,—que haviam commovido ardentemente nossos avós, e que fizeram as revoluções do seculo XVIII e do começo d'este, perderam hoje o seu poder evocador, deixaram de apaixonar intimamente, para quasi se tornarem pura rethorica, procurando-se mais fundo, sob ellas, as organisações intimas, que essas phrases, tornadas occas com o tempo, não conseguem, para os espiritos positivos, substituir.

Em volta d'ellas ficaram desde então, luctando ainda, duas especies de individuos quasi indifferentes á grande massa das classes dominantes: os especuladores politicos, os scepticos que tem sahido de todas estas revoluções e do embate tanta vez contraditorio dos acontecimentos, e o grupo dos partidos idealistas, os partidos do direito abstracto, que teem uma formula completa a applicar á sociedade: ou o rei ungido de Deus e a Egreja infalivel, dando a monarchia absoluta,—ou a Nação infalivel na vontade popular, egualando os direitos e constituindo a republica social.

Estes grupos são conhecidos: o seu estado hoje não apresenta novidade que n'este momento deva deter-nos.

Resta porem o grupo dos partidos a que chamarei praticos, porque são os que se appoiam na opinião dos que possuem os elementos influentes, a riqueza commercial, industrial e em quasi toda a parte tambem já a riqueza territorial;—por que são os que dão o caracter, a côr, a este seculo; os que fornecem figuras para o quadro que eu esbocei a largos traços no começo d'esta revista.

Este grupo apresenta hoje um aspecto originalissimo, se bem que, filho legitimo de uma evolução logica perfeitamente explicada.

É este aspecto que julgo fornecer a chave dos factos politicos que hoje se estão dando, sobretudo em França: por isso o descrevo.

A Burguezia appareceu, depois da forte e tumultuosa elaboração da Revolução franceza, pertendendo edificar a ordem na alliança das tradições com o espirito moderno, considerando nos reis, que continuaram a sel-o pela graça de Deus, os ungidos da Providencia, mas fazendo-os reinar, senão governar, pela graça das constituições.

Não se perca todavia, de vista o logar que estes dois elementos oc-

cupavam na opinião manifesta das classes que começaram as revoluções, que fizeram entrar os seus principios nos codigos, e que, afóra pequenos desvios, os mantiveram sempre, até hoje, nas suas formas mais estaveis. O caracter superior de missionarios divinos dos Reis foi porém sempre reconhecido pela Burguezia. Nem os reis, mesmo constitucionaes, que saem das dynastias historicas e que as continuam, occupariam sem isso o throno, ou teriam a corôa por direito de nascimento, que nunca perderam e que sempre foi reconhecido nas constituições. Não foi a legitimidade sempre a base,—por aqui começou o equivoco,—mas era o sangue, a Familia. Pouco importava com effeito o ramo, com tanto que fosse da grande arvore sagrada.

A outra base do direito, a eleição, a mera vontade nacional, produz, é claro, os Presidentes republicanos ou os Cesares, e a Burguezia haviase negado até hoje a quebrar tão violentamente a linha historica, adoptando as republicas,—que considerava de vida curta e sanguinolenta,—e tinha detestado quasi sempre os Cesares que faziam marchar os exercitos atravez das suas industrias perturbando os devidendos, ou creando uma nova classe,—dentro em pouco burgueza tambem, d'alta burguezia,—e concorrente.

O respeito pela tradição era pois uma das bases dos constitucionalismos, por ser o que parecia garantir melhor a conservação dos interesses. Era assim este, ou parecia ser, o caracter das classes que os sustentavam,—liberaes, ciosas das suas conquistas, mas religiosas, e cheias de respeito pela magestade historica.

Dois factos, porem, vieram alterar este estado de espirito. O primeiro foi a independencia cada vez mais completa, que já notei, da prosperidade economica e do systema politico. Pela primeira vez se observou entre as classes illustradas que se podia deixar a politica como um encargo pesado, encarregal-a a alguem, e enriquecer fóra d'ella. Isto começou a reconciliar a Burguezia com os Cesarismos e os dictadores.

O outro facto trouxe-o á França a queda do imperio, deixando, por exclusão de partes, por surpresa, pela força, nem direi das coisas, mas das palavras, a nação só, tendo de se governar, e, formando assim, sem precisar sequer proclamal-a, uma republica. A burguezia,—pois foi quem continuou a governar, viu-se então diante d'um constitucionalismo sem rei:—a republica conservadora. Eis como apparecem na Europa moderna as burguezias republicanas.

Creada n'um momento de commoção que lhe deu talvez alguns elementos accidentaes, mas formada sob a acção preponderante d'essas classes, e renovada depois parcialmente em tempos mais serenos, a assemblea franceza confirma naturalmente com a importancia relativa dos seus grupos, e com as suas ultimas leis, os factos que deixo analysados.

É ella a mais completa realisação do systema parlamentar que talvez tenha existido, imagem completa, perfeita, não só da França, mas do mundo politico actual, sem lhe faltar uma só feição, uma só sombra, dentre as tão diversas transições, gradações, que naturalmente se esten-

dem hoje desde os partidos que se retiram pouco a pouco com as suas impassiveis tradições, até aos grupos tumultuosos e impacientes onde se divisam, á luz de clarões, augmentadas ainda pelo seu estado informe, as construcções futuras. O incerto roteiro seguido em busca da verdade politica tem ali todos os seus caminhos. Depois de tantas fórmas de governo successivamente ensaiadas e postas de parte,—governos de principios e governos ainda tantas vezes de pessoas,—todas essas luctam hoje pelos direitos que uma vez lhes foram reconhecidos, porque todas tambem formaram interesses que se lhes appoiam, e que ellas irão representar no poder. Ás vezes esses ensaios já não teem, presos a si, interesses sociaes,—se bem que as illusões só lentamente se esvaem,—mas tem-n'os ainda, particulares, que são os mais tenazes e os que prolongam sempre as luctas.

Destruido o ponto fixo,—inabalado durante 4 seculos,—da ordem politica, a época das revoluções veio levantar principios vagos e indefinidos que, em busca de formulas praticas teem produzído essas alterações frequentes de governos sobretudo ensaiadas na França, prompta sempre a servir de campo de experiencias onde as outras nações, ás vezes sem grande aproveitamento, estudem as novas formas politicas e sociaes.

Todas as aspirações, todas as fórmas tentadas e todas as ambições, todos os réstos emfim das antigas situações politicas, se juntaram pois na assemblea franceza sustentados fóra pelas classes que representam, pelos seus grupos e pelos seus futuros funccionarios. Era este momento effectivamente o mais propicio para que todos julgassem prevalecer. Ha no mundo aquellas multiplicadas opiniões, e a França é, tem sido sempre, o ponto onde se concentram, onde se mostram ao mundo, do modo mais completo todas as ideias politicas que o dominam.

Era mais simples a questão politica ha 30 annos: era-se então absolutista, constitucional, ou republicano. Isto bastava ás classes sérias, illustradas. Tudo o mais era vago, utopico, excentrico.

Hoje, em França, e no mundo tambem, é-se legitimista-absolutista, legitimista-liberal, constitucional-Orleans, cesarista-legitimista (Principe imperial), bonapartista-liberal (Principe Napoleão), cesarista-provisorio (Mac-Mahon), septennalista-imperial, republicano-transitorio-para-monarchico, republicano-conservador, republicano-revolucionario, republicano-socialista.

Não estão estes grupos em parte alguma tão bem definidos, tão bem estudados como em França: uma assemblea de advogados tem ahi discutido com a mais delicada subtileza todas as gradações possiveis da opinião. Não se tem as intelligencias politicas da França applicado a reconstituir as forças do paiz que tem crescido sem esse auxilio, nem a organisar a sua defeza, mas a fazer, pacientemente, a sua psychologia politica. É certo porém que o mundo europeo, que as consciencias, estão hoje divididas em todos aquelles grupos, conforme n'ellas se tem deslocado a antiga base e tem ido sendo substituida, passando por tanta forma transitoria, pela moderna concepção da sociedade.

Cesaristas, monarchicos—constitucionaes, e republicanos—moderados, —os centros da assemblea franceza,—formam porem sem questão, a maioria actual. É, e será ainda por muito tempo, dos partidos conservadores, o dominio politico.

Os republicanos do centro esquerdo e os constitucionaes-monarchicos do centro direito tinham uma dessidencia, hoje, pelos motivos que vimos, sem importancia: —o nome do systema politico; — mas tinham uma grande base commum e importante essa:— as instituições que devem formar a legislação do systema. Sendo uns e outros liberaes, uns e outros conservadores, essa legislação hade ser exactamente a mesma quer seja referendada pelo conde de Paris quer por Thiers. E se junto aos reis constitucionaes ha sempre um grupo que pertende reagir e voltar atraz, como se viu em Carlos X e em Luiz Filippe, nas republicas, como a de França que os bonapartistas começam por acceitar, ha sempre tambem um Cesar que espera confiscal-a.

Prolongou-se a discussão da transação entre os dois centros da assemblea franceza e renovar-se-ha ainda de certo a lucta, porque, quando um partido deixa de representar perfeitamente as aspirações d'uma classe continua ainda a ser sustentado pelos interesses creados, a maior parte meramente politicos, e pelas vivazes ambições pessoaes. Terminou porém por o que estava naturalmente indicado: o estabelecimento, tacito e timido ainda, da republica conservadora. 449 deputados votam a phrase «Presidente da Republica» contra 249. Esta phrase põe-se em toda a parte onde se achava,—mantendo o caracter provisorio do que era de resto republica de facto,—o nome de Mac-Mahon. E a attitude dos homens que ainda em França representam a monarchia constitucional, é a de quem espera, aparte os que em todos os partidos nunca abdicam completamente, que os seguintes seis annos venham convencel-os da realidade da transformação que eu notei na politica das classes conservadoras.

E todavia, se a Republica existe em França desde 1870, se o septennato era rigorosamente uma republica, tregoa desacreditada que nunca teve validade e em que os partidos nunca deixaram de combater-se,— que importancia póde ter, para o partido que agora se diz vencedor, a simples sancção de uma phrase, que nem sequer é ainda o reconhecimento franco de que a fórma de governo da França é a Republica?

Essa importancia affigura-se-me todavia consideravel. Em primeiro logar é uma prova, um symptoma, uma experiencia, que, justamente por que custou uma longa lucta, deve ter um grande effeito moral. Depois porque em politica, e para o espirito analytico, subtil, dos francezes, não ha circumstancia minima e porque as classes burguezas já devem estar assás cançadas de provisorio, para não quererem manter por algum tempo o quer que seja que uma vez se fixe. Finalmente porque tambem é proprio do espirito francez, deixar-se facilmente impelir com rapidez na direcção, uma vez tomada, passando além do ponto até onde tencionava ir: assim é que se votou na assembléa nacional já, um senado eleito por suffragio universal, reconsiderando-se em seguida um pouco, — o que

confirma ainda o que deixo dito, — de um modo que o telegrapho não deixa ver bem claramente.

Já mostrei o estado fundamental do espirito politico das classes dominantes em França. São porém hoje republicanas-conservadoras ainda por uma outra rasão: a burguezia franceza tem de particular ser em muitos pontos idealista. Uma grande parte d'ella quer hoje a guerra com a Allemanha, a desforra, a reivindicação das provincias conquistadas. A grande nacionalidade franceza, não se formou tão solidamente, e não se affirmou por tantas vezes na historia d'um modo tão poderoso e tão cheio de grandes iniciações, sem penetrar todos os espiritos francezes d'um sentimento patriotico que talvez hoje não tenha, tão profundo, nenhuma outra nação. Ora a republica moderada, e pessoalmente Thiers, é tambem pela desforra. É inutil accrescentar que é este partido o que tem por si o exercito d'antes naturalmente e em grande parte imperialista, que ha 4 annos espera uma organisação sacrificada ás discussões estereis da assembléa nacional.

Não esqueçamos porém os factos que podem ámanhã cançar a indifferença publica, e que podem levar a uma abdicação mais completa as classes, que no fundo, e na maioria, são cada vez menos politicas. Não esqueçamos que á frente da aspiração para a desforra e para a reconquista se podem ámanhã pôr os homens d'um partido que tem por si a audacia, uma velha historia, — embora desmentida, por que as lendas tem a vida tenaz, — e a influencia catholica, cuidadosamente cultivada, e ainda hoje, epoca de profundos movimentos religiosos, tão importante em toda a França. Eis porque nada nos assegura que da Republica, mesmo mais solidamente estabelecida do que o está pelas ultimas votações da assemblea franceza, não saia uma restauração imperialista.

Ainda até ha pouco os Legitimistas e os Bonapartistas especulavam no septennato sobre o cansaço do provisorio e dos parlamentos, esperando que as classes que trabalham fóra da politica se fartasse dos advogados que discursam á sua custa d'ellas e acceitassem de bom grado um senhor, uma direcção, um governo, emfim menos palavroso. Os legitimistas são o passado, não ha porque os discutamos; mas os bonapartistas que são, no fim de tudo, a revolução e o presente, poderão em breve sahir vencedores de todas essas circumstancias tão proprias do caracter das republicas, e do caracter da França.

Em quanto a França consegue em 4 annos votar os primeiros artigos de uma organisação que, para muitos, e na sua mesma redacção, é ainda provisoria, a Allemanha vota para 7 annos o seu orçamento militar, decreta a mobilisação da *Landsturm* e tem assim, para lançar em mezes sobre um inimigo qualquer, 3 milhões de homens em armas.

A formação da Allemanha unida, constituindo a potencia mais forte da Europa, é o facto politico mais notavel dos nossos dias e por ventura o mais fertil ainda em consequencias geraes. A direcção dada apparentemente por um homem a esse estraordinario organismo tendo em parte como explicação o estado geral do espirito das classes conservadoras em

França, tem todavia elementos mais profundos e mais originaes que seria longo analysar agora.

Como traço importantissimo e fundamental da actual physionomia politica da Europa, basta que notemos o desasocego legitimamente produzido ahi por aquella enorme nação tornando-se cada vez uma mais completa machina de guerra, preparada para ella, esperando-a, vendo-a sahir legitima e logicamente dos actos de toda a sua politica, embora protestando que é para a paz que aperfeiçoa o armamento, que arruina as finanças com os orçamentos militares, e que cria uma emigração de elementos ricos e importantes,—emigração originalissima no mundo—de cidadãos que fogem ao recrutamento e ao serviço duro e ameaçador d'uma patria que se deffende com o ar de quem ataca.

Uma potencia da importancia da Allemanha unida, collocada como arma de arremesso nas mãos d'uma grande ambição, é assim um perigo constante para todos. Garante da paz se diz ella; mas essa garantia deve contra a força, hoje como sempre, procurar-se tambem no interesse e na força. Para que um paiz não possa ser nocivo aos outros é necessario que o seu interesse consista em não o ser realmente, e para isto é indispensavel que materialmente o não possa ser. As condicções do equilibrio europeu tem mudado muitas vezes; mas o equilibrio fundado n'uma ponderação de forças deverá ser sempre o unico ponto de vista superior da diplomacia efficaz. O direito, nos seus elementos puros, ainda hoje não dirije os factos internacionaes: veja-se a Dinamarca, a Alsacia e Lorena; e de pouco depende que ainda o Luxemburgo, a Suissa, os paizes allemaes da Russia onde já a Allemanha intriga, e a Belgica, onde sempre a França machinou, não venham fornecer-nos mais argumentos.

No fundo d'este quadro avulta ainda uma immensa figura que se tem erguido pouco a pouco, que era grande materialmente e que começa a ser tambem moralmente grande: é a Russia, enorme collosso que se civilisa, que se liberta, que se ordena, que é já uma das vozes mais escutadas, uma das allianças mais procuradas, ainda pelos mais poderosos; que, pensando com cuidado nos seus exercitos, pensa sobre tudo na abolição das servidões que, quasi fóra das leis, estão ainda no caracter das suas classes populares; nas suas escholas, nas suas industrias, nas suas estradas, e que, base fecunda de futuros commettimentos, apparece vagamente animada d'um messianismo que por mais de uma vez se lhe tem prophetisado no porvir da Europa.

14 de fevereiro de 1875.

J. Batalha Reis.

Errata

Pag. 8, lin. 3.ª — onde se lê *Mexico*, leia-se *Perú*.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Grande Diccionario portuguez ou Thesouro da Lingua portugueza pelo Dr. Fr. Domingos Vieira.—E. Chardron. Porto.

Se a lingua portugueza não póde ainda ter um monumento definitivo como o são para as linguas allemã e franceza os Diccionarios dos Grimms e de Litré, tem todavia já no grande Diccionario publicado pelo sr. Chardron, um vasto repositorio de vocabulos e de exemplos da lingua e da litteratura nacional, o maior e o mais completo, o mais de accordo com a sciencia moderna de todos os publicados até hoje. A formação da lingua póde seguir-se nos documentos publicados na *chrestomathia historica* junta ao mesmo diccionario, desde o latim barbaro do seculo VIII até ao portuguez ainda informe do seculo XIV. Este Diccionario é precedido de um estudo sobre a litteratura portugueza pelo sr. Theofilo Braga onde se podem vêr os traços fundamentaes da original theoria d'este laborioso escriptor, e d'uma introducção sobre a lingua portugueza do sr. Adolfo Coelho, uma das capacidades de maior futuro da actual geração litteraria.

O crime: *a proposito do assassinato do alferes Brito: por Guerra Junqueiro Porto*, 1875 *(Chardron, editor)*

Ainda que nem todos os argumentos apresentados em defesa da pena de morte sejam por egual desdenhaveis, e alguns tenham até innegavel valor philosophico, é certo que o sentimento e os costumes modernos e essa somma indefinivel de idéas, de aspirações, de interesses, que constitue o que se chama opinião, se pronunciam, entre os povos civilisados, com força recrescente, contra esse, não ha ainda um seculo, incontestavel dogma do Direito penal. O assassinato do alferes Brito chamou mais uma vez á ordem do dia das discussões esta gravissima questão, reproduzindo-se d'um lado e d'outro os argumentos conhecidos. Os impulsos do coração, a voz da humanidade e ainda as razões tiradas d'uma certa philosophia social, que, quando mais não seja, é muito generosa e sympathica, militam incontestavelmente ao lado dos que atacam a pena de morte, e dão á causa que elles defendem um verdadeiro relevo poetico. O sr. Guerra Junqueiro condensou esses sentimentos e essas razões no seu poema *O crime*, com a abundancia de pensamento, a riqueza de imagens, a originalidade e a *verve* de estylista que todos reconhecem e admiram no auctor da *Morte de D. João*. Ha nos seus versos commoção verdadeira, nobre idealidade, pungentes ironias, e até *espirito*. O fundo, certamente, não é novo: mas ainda entre nós se não tinham dito aquellas coisas d'uma maneira tão frizante e tão poetica. «Non novum, sed nove,» como diz Horacio. O poema é offerecido ao sr. ministro da Justiça.

Esta secção da *Revista* conterá uma resenha crítica das publicações da quinzena.

A inserção de livros ou outros impressos no *Boletim bibliographico*, far-se-ha quando os auctores ou editores enviem franco de porte dois exemplares á direcção da *Revista Occidental*.

REVISTA OCCIDENTAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DOIS VOLUMES DE, PELO MENOS, 128 PAGINAS CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Portugal		Brazil	
3 Mezes....	2$200 réis fortes	3 Mezes....	5$000 réis fracos
Anno.....	8$000 » »	Anno.....	18$000 » »

Nas terras onde não ha agente accresce o porte do correio.

As assignaturas são pagas adiantadas.

Assigna-se:

Em Portugal

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vizeu, Lamego, Santarem, Mertola, etc.

Agente no Porto — **E. Chardron.**

No Brazil

Nas principaes livrarias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará, etc.

Agentes no Rio de Janeiro — **Moreira Maximino & C.ª**

Typ. de Christovão Augusto Rodrigues — rua do Norte, 145.

Publ. JBR

REVISTA

OCCIDENTAL

1.º ANNO

TOMO PRIMEIRO

28 DE FEVEREIRO—2.º FASCICULO

LISBOA
ESCRIPTORIO DA REVISTA OCCIDENTAL
3 — Rua Nova dos Martyres — 3

SUMMARIO

I — BISMARK EN EL PARLAMENTO, por **D. Patricio de la Escosura.**

II — AS CRISES COMMERCIAES, por **Rodrigues de Freitas.**

III — EL GERMANISMO EN LA PENINSULA, por **D. F. M. Tubino.**

IV — O CRIME DO PADRE AMARO, por **Eça de Queiroz.**

V — EL DESDICHADO, por **D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.**

VI — TRIO DE POETAS, por **Gonçalves Crespo.**

VII — CHRONICAS: — America, por **D. R. de Cala.**

VIII —— Portugal e Brasil, por **P. de Oliveira.**

IX —— España, por ***

X —— Europa, por **J. Batalha Reis.**

16

BISMARCK EN EL PARLAMENTO

LES DISCOURS DE MR. LE PRINCE DE BISMARCK AVEC SOMMAIRES,
NOTES ET LA TABLE ANALYITQUE
DES MATIERES CONTENUES DANS LES QUATRE VOLUMES

Berlin, 5. Van Muyden — Bruxeles, Librairie Muquardt — Lóndres, Asher & C.ª

I

Los títulos en cuya virtud el príncipe de Bismarck es hoy unánimemente considerado, dentro y fuera de su pais natal, y lo mismo por sus parciales que por sus enemigos, como el primer *hombre de Estado* entre los vivos, y uno de los mas esclarecidos de nuestro siglo, son de aquellos, que, por estribar en la grandeza de los hechos consumados, ni en lo presente tienen por qué temer el análisis de la Envidia misma, ni en lo futuro que deje de apreciarlos en su justo valor la historia. Esa no puede menos de consignar en sus páginas que, cuando doce años há (octubre de 1862), Oton-Eduardo-Leopoldo de Bismarck Schœhausen, recientemente nombrado por su soberano ministro de Estado y presidente interino del Consejo, se presentaba por vez primera en la Cámara de les Señores de Prusia, no era entonces aquella monarquía, mas que el *segundo* de los Estados de la Confederacion Germánica, en que el Austria preponderaba aún soberanamente; y la Historia no podrá excusarse tampoco de referir á la posteridad cómo, dos años mas tarde, ya los Ducados del Elba eran alemanes, y transcurridos otros tantos, en una guerra de pocos dias, no solamente perdian los Habsburgos sus últimos dominios en Italia, y su hegemonia en la Confederacion, si no que dejaban de pertenecer á ella, formándose bajo la exclusiva direccion de la Prusia, la del Norte, que vencedora un lustro mas tarde de la Francia, reincorporaba la Alsácia y la Lorena en su territorio, resucitando el Império Germánico en la córte misma de aquel monarca que, émulo en satánico orgullo de los déspotas orientales, osó trocar el cetro en látigo, y decirle á todo un gran pueblo: *l'Etat c'est moi*».

Las armas fueron el instrumento que materialmente operó tales pro-

digios; pero la privilegiada inteligencia del gran ministro quien acertó á prepararlos y utilizarlos en bien y glória de su pátria, con prevision exquisita, habilidad sin rival, y firmeza incontrastable en el propósito.

Bismarck, en afecto, ha luchado en el discurso de su azarosa empresa, no solamente contra los extraños, sino contra sus compatriotas mismos que, desconociendo sus proyectos los más, y dudando de su posible feliz éxito aun los pocos capaces de adivinarlos, opusiéronle gravísimos obstáculos, de buena fé, imaginando que en ello hacian á su pais y á las ideas liberales un inmenso servicio. La clara inteligencia y el sentido eminentemente práctico del hoy Canciller del Império, persuadianle de consuno, ya en 1862, de que, en definitivo resultado, la fuerza de las armas sola podia realizar, empleada á tiempo y con científico vigor, el colosal patriótico pensamiento que en su privilegiado espíritu ardia con llama intensa y perenne, aunque todavia juiciosamente por la prudencia á la vista del comun de las gentes velada. Pero, á su vez, los liberales prusianos, en cuya memoria estaba grabado con indelebles caracteres el recuerdo de la reaccion de 1848, no pudiendo menos de ver en el ejército el temible férreo brazo del absolutismo monárquico, oponian en el parlamento tenacísima resistencia al aumento y consolidacion de aquel, á su juicio — y no sin muy sólidas razones, teóricamente hablando—elemento perturbador del régimen constitucional, y con la libertad política incompatible.

Así las cosas, predominante en la córte el partido feudal-aristocrático, con inmensa mayoría ese en la Cámara alta ó de los señores, y por el contrario en exígua minoría en la de los diputados, tuvo lugar el advenimiento al poder del entonces no mas que caballero Bismarck, de cuyos antecedentes hasta aquella fecha, parécenos necesario dar aquí sumaria noticia.

Hijo, y no primogénito, de una familia noble á la manera de nuestros hidalgos, y medianamente acomodada en cuanto á bienes de fortuna, Bismarck recibió, como todos los niños de su clase, la sólida y moral educacion ordinaria en Alemánia, y despues de algunos años de colégio en Berlin, pasó á estudiar leyes en Goettinga, donde, por la turbulencia de su carácter, lo ruidoso de sus duelos y lo disipado de su vida, adquirió con una reputacion de eminente *calavera*, como en España se diria, el sobrenombre formidable de *Bismarck el Diablo*, ó el *extravagante*, segun sus mas benévolos biógrafos pretenden. Como quiera que sea, Bismarck, estudiante, ejercia ya sobre sus condiscípulos y sus maestros mismos, sin mas títulos que su talento excepcional, su voluntad de hierro, su valor intrépido, y su gran fuerza física, una espécie de autoridad mas tolerada que consentida, pero efectiva siempre y á que parece haber nacido predestinado, sea cualquiera la situacion en que se encuentre, el hombre singular que nos ocupa. A los veinte años de su edad (1835), [1]

[1] Bismarck nació en Abril de 1815; y se aproxima, por consiguiente, al término del sexagésimo año de su vida.

aprobado en todos sus exámenes, apesar de haber apenas asistido á cátedra durante el curso, el futuro canciller del Império era ya *Auscultator* (oidor ó asesor) en un tribunal civil, donde dió mas muestra de mal sufrido, amenazando á los litigantes insolentes de expulsarlos de los estrados, que de la paciente mesura própia de la toga en todos los paises. Cansóle pronto, quizá por lo mismo, el foro; y, al año siguiente, pasó con ascenso á la administracion civil, ocúpandose poco en ella de los expedientes y continuando su vida de estudiante calavera con menos recato y mas prodigalidad de lo que á su fama y hacienda conviniera, hasta que en 1847, volviendo sin duda en sí, y sintiéndose capaz de mas alto destino, puso término á la disipacion con casarse, y tomó el camino á que la Providencia le llamaba, entrando en la carrera política. Entonces, en efecto, fué elegido diputado á la primera Dieta ó Cámara popular prusiana, en la cual tomó asiento, afiliándose desde luego, si ya antes no lo estaba, en el partido feudal, simpático al Áustria, y jurado enemigo de todas las modernas ideas liberales.

La naturaleza no ha hecho orador á Bismarck: su irritabilidad nerviosa le dificulta la pronunciacion; la vehemencia de su temperamento le atropella el discurso; su carácter imperioso desdeña el arte de hacer frases; y la fijeza misma, la precision matemática de sus ideas, no se acomodan á circunlóquios de ningun género. Cuando toma la palabra en el Parlamento, no trata de convencer, sino de pulverizar á sus adversários; pelea mas que discute. Apasionado, anatematiza; tranquilo, desgarra con su acerada ironía; y en la tempestad, como en bonanza, es siempre el hombre que se impone, jamás el Apóstol que catequiza.

Con tales dotes y pocos años y menos práctica parlamentaria, fácil es de comprender que, defendiendo además doctrinas esencialmente impopulares, Bismarck encontrase muy poco benévola acogida tanto en la Cámara como en la prensa periódica: pero, en cambio, la aristocrácia feudal, la córte y los enemigos todos del liberalismo, saludaron en él, si no precisamente una grande esperanza para su causa, al menos un vigoroso campeon resuelto á sostenerla á todo trance—¿Quién habia de decirles entonces, á los señores, á los cortesanos, y á los reaccionarios, que aquel novel diputado era el hombre que habia de dar el golpe de grácia al particularismo en Alemánia, y de fundar el Imperio sobre la ancha base del sufragio universal?

A nádie, quizá, sorprendiera tanto y pareciera mas absurda tal profecia que al interesado mismo: pero, volvamos á nuestro propósito.

Bismarck, que al entrar en la carrera parlamentaria como campeon, no solo del feudalismo y del Derecho Divino de los Reyes, sino además como defensor acérrimo hasta de la teocrácia misma, proclamando en voz alta que, en su opinion, «el Estado no era mas que la realizacion de la «doctrina cristiana; y que, sin esa base religiosa, fácilmente podrá caer «en los abismos del comunismo»; Bismarck fué muy lógicamente, en 1848, uno de los mas declarados adversarios del movimiento nacional aleman entonces ocurrido, y mas sustentador que nunca de la hegemonia

austriaca; y Bismarck, cuando la reaccion se habia realizado ya, solo á duras penas, y no sin ardientes protestas, pudo reducirse á aceptar el sistema parlamentario, por la corona entonces mas ó menos espontáneamente planteado.

Enemigo, pues, del parlamento, en cuanto institucion política destinada á moderar el poder real; y sin haber en la Cámara brillado como orador própiamente dicho, Bismarck, sin embargo, elevóse por la tribuna y en el parlamento, en muy breve plazo, de la oscura condicion de un diputado que debia su eleccion meramente á relaciones de familia, á la altura, si no precisamente de gefe del partido feudal y realista, por lo menos á la de uno de sus mas señalados y tenaces adalides.

Eso no obstante, todavia en 1851 no debia de estar tan considerado como en realidad lo merecia, puesto que el Rey Guillermo IV, á la saron reinante, creyó hacer mucho por él, ofreciéndole y confiriéndole el puesto de *primer secretario* en la embajada prusiana cerca de la Confederacion germánica. A la verdad, aun tomando en cuenta que las improvisaciones no son tan frecuentes, ni mucho menos, en Alemánia como en España, por ejemplo, parécenos que anduvo modesto el jóven diputado, aceptando tam secundario puesto. Mas sea como fuere, la ida á Francfort de Bismarck, tuvo en sus ideas y en la suerte de la Alemánia entera, una influencia inmensa, que sin duda estaban muy lejos de presentir entonces, ni el monarca que le enviaba, ni el novel diplomático mismo.

Como secretario, primero, y como embajador, poco tiempo después, no pudo menos su natural perspicacia de echar de ver que la Prusia, sobre desempeñar entonces en la Confederacion un papel secundario, era mirada y tratada en ella no solo con desdén, sino con desconfianza; y que el Áustria se proponia, auxiliada por muchos de los Estados de segundo y tercer órden, subyugar y tal vez aniquilar la gloriosa monarquia del gran Federico. Tardó poco, pues, Bismarck en trocar en aversion su antiguo afecto al Austria; y una vez en tal situacion de espíritu, lógico fué que consagrara toda la actividad de su elevado entendimiento y todo el ardor de su vehemente patriotismo, á excogitar los médios de sacudir el ominoso yugo y darle á Prúsia en Alemánia el lugar preeminente de que digna y capaz la creia. En sus despachos diplomáticos, en su correspondencia particular, en sus conversaciones, ya oficiales, ya familiares, ese pensamiento se revela constantemente desde entonces; y desde entonces tambien, todos los actos de su vida tienden siempre y exclusivamente á realizarlo.

Pero la córte de Berlin tardó años todavia en ver las cosas con la lucidez que su embajador en Francfort las veia; y sin duda para desembarazarse de sus incesantes clamores, trasladósele en 1856 á San Petersburgo, donde supo conciliarse la benevolencia del Czar, y echar los cimientos de aquella neutralidad que tan útil le fué á la Prúsia en sus campañas contra el Austria primero, y últimamente contra Francia. De la Embajada de Rusia, pasó Bismarck á la de Paris, y de allí fué llamado, como al principiar dijimos, al ministerio de Estado y á la presi-

dencia del Consejo, por el Rey Guillermo 1.° que en 2 de Enero de 1861 habia sucedido en el trono á su hermano Federico Guillermo IV.

Al empuñar, pues, con segura mano la caña del timon de la Nave del Estado, y hacerlo con propósito deliberado de lanzarla resueltamente á muy procelosos mares, Bismarck era ya un hombre que habia vivido, poco menos de médio siglo, [1] los años de su juventud en el mundo y muy mundanamente; cuatro en el Parlamento, en constante oposicion con las ideas liberales; y mas de diez desempeñando muy importantes cargos diplomáticos, perdiendo en los últimos sus ilusiones y sus preocupaciones de hidalgo de provincia, y abriendo al mismo tiempo los ojos á la luz de inconcusas verdades, que hasta entonces le habian parecido paradojas unas, y sacrilégios otras.

Del Bismarck que habia salido de Berlin en 1851, para la secretaria de la Embajada de Francfort, no quedaba en el que regresaba en 1862 para dirijir la política prusiana, mas que el patriotismo germánico nunca en él desmentido, su amor á la Prúsia, la lealtad á su monarca, y la capacidad privilegiada con que plugo al cielo dotarle. Todo lo demás, espíritu feudal, adhesion al Austria, odio sistemático al liberalismo, sentimiento teocrático, todo eso habia desaparecido desde el momento en que germinó en su gran entendimiento el pensamiento de la unidad germánica, como al levantarse el sol sobre el horizonte se desvanecen los vapores que durante la noche humedecian la tierra y la oscuridad acrecentaban.

II

¿Dábase clara cuenta á sí mismo de su metamorfósis el nuevo presidente del Consejo de ministros, cuando tomó posesion de su importante cargo? — Para decir verdad, no lo creemos. — Sus preocupaciones se habian desarraigado, su espíritu se habia hecho capaz, con la experiencia en los negócios, de nuevas ideas: pero la ocasion le habia faltado hasta entonces para sentir la necesidad de romper con sus antecedentes, y declararse hostil á las cosas y á los hombres que hasta entonces habia sustentado, y con quienes todavia le ligaban los vínculos de partido.

Bismarck no es, no ha sido, no ha querido ser nunca un apóstata en política: lo que hay es que, en ciertas matérias, ha echado de ver sus errores, y en otras ha aprendido lo que hasta entonces á aprender se habia negado; y entre su consecuencia personal, y el bien de su pátria, ha optado siempre, sin vacilar y sin curarse de su amor própio, por lo que á la Prusia en particular y á la Alemania en general le ha parecido mas conveniente. De la misma manera procedió no ha muchos años en Inglaterra, el ilustre sir Roberto Peel, que sin embargo de ser uno de los mas dignos y caracterizados jefes del partido Tory, llevó á cabo la célebre reforma de la ley sobre importacion de cereales, inmolando en aras de la pátria su influjo entre los suyos, y su política consecuencia misma.

[1] Tenia en 1862 cuarenta y siete años cumplidos.

Pero, volviendo á Bismarck, el hecho es que fué llamado al poder en sustitucion de un ministerio liberal, y para luchar, en representacion de la corona, con una Cámara de diputados que obstinadamente pretendía la disminucion del ejército, y para conseguirla, negábase sistemáticamente á votar el presupuesto tal como el Gobierno lo presentaba. Al comenzar este artículo, dijimos ya cómo entendemos hoy aquel conflicto, en que toda la razon, legal y teóricamente, estaba de parte de los diputados prusianos, mientras que la razon de Estado asistia, sin embargo, al Rey y á su gobierno, segun los sucesos han venido después á demostrarlo. Excusamos, por tanto, entrar ahora en consideraciones que serian ya ociosas; y vamos á poner en escena, por decirlo así, á Bismarck en el parlamento, frente á frente con una opisicion liberal, numerosa, inteligente, y no menos resuelta y tenaz que él mismo lo estaba y era en su propósito.

La batalla estaba ya trabada y era renidísima al presentarse Bismarck por vez primera, como ministro, en la Cámara de los diputados, el dia 23 de setiembre de 1862, y dirijirle la palabra en estos explícitos y severos términos:—«Habiendo esta Cámara (dijo) desechado en el presu-«puesto de 1862, todas las partidas en él consignadas para la reorgani-«zacion del ejército, piensa el Gobierno que repetireis el mismo voto al «presentaros el presupuesto para 1863. Persistiendo el gobierno del Rey «en su manera de ver, tal como sus órganos la expusieron al discutirse «el del presupuesto de 1862, tiene fundados motivos para creer que la «inmediata discusion del de 1863 no conduciría mas que á retardar y «dificultar la solucion de las cuestiones hoy en litigio. Los debates ante-«riores en esta Cámara han demostrado además que no cabe formar un «presupuesto conforme á las necesidades del pais, sin que preceda la vo-«tacion de la ley sobre el servicio militar; ley que el Gobierno del Rey «se propone presentar en la próxima legislatura. A propuesta, pues, del «ministerio, S. M. el Rey se ha dignado encargarme de retirar el proyec-«to de ley de presupuestos, sometido el 25 de mayo próximo pasado á «la deliberacion constitucional de entrambas cámaras.»

No hay, como se vé, una sola palabra que huelgue, ni una frase equívoca, ni un periodo que tienda á suavizar la severidad del pensamiento, en ese breve discurso, si tal podemos llamarle. Sin ser todavia una declaracion de guerra, ni tal vez un *ultimatum*, las palabras de Bismarck ponen ya en evidencia su resolucion de mantener á todo trance la supremacía de la corona sobre la prerogativa parlamentaria.

La Cámara de los diputados, á su vez, contestó á tales intimaciones, afirmando su derecho en materia de presupuestos; invitando en consecuencia al Gobierno á presentar de nuevo el de 1863, de modo que pudiera discutirse antes de comenzar aquel año; declarando, entre tanto, anticonstitucional todo pago á cuenta de los créditos rehusados por la cámara misma. A esa resolucion se presentó una enmienda conciliatoria, pidiendo que, en caso de no poder el gobierno presentar á tiempo el presupuesto de que se trataba, se le invitase á pedir un crédito supleto-

rio antes de que concluyera el año corriente; pero aunque el ministerio la aceptó, rechazando sin embargo sus fundamentos que estribaban en la prerogativa de la cámara, esta la desaprobó por gran mayoría, ateniéndose pura y simplemente á lo que arriba expresado dejamos.

No habia, pues, medio de que el Gobierno y la Cámara popular se entendieran; y aunque la Cámara alta estaba resueltamente al lado del primero, todavia el conflicto era gravísimo, puesto que la cuestion planteada afectaba en teoría los fundamentos del sistema constitucional, y prácticamente la existencia misma del Estado prusiano.

Los diputados, en efecto, desechando el presupuesto del Gobierno, votaron uno que este rehusaba por insuficiente; y los señores, á su vez, apoyando al ministerio, desaprobaron lo acordado por la otra cámara. La constitucion exigía, y exige aún, el acuerdo de ambos cuerpos colegisladores y la sancion del monarca, para que haya ley; y por tanto, la Prúsia vino á quedarse sin la de presupuestos, la mas importante, la mas vital en todos los paises, de las leyes. En consecuencia, la alternativa era forzosa entre dos extremos igualmente peligrosos entrambos, á saber: que el Gobierno siguiera cobrando y pagando las contribuciones y gastos públicos *auctoritate propia* y con evidente infraccion de la ley fundamental; ó que el Estado, por falta de los indispensables recursos pecuniarios, dejara súbito de funcionar, cediendo su puesto á la anarquía.

En Inglaterra ó en cualquier otro pais donde el sistema constitucional sea verdaderamente parlamentario, situacion tan absurda es felizmente imposible; ya por que la Constitucion dé voto de calidad en materias económicas al elemento popular de la legislatura; ya, aun no dándosele, por que en la práctica no pueda darse que ministros de la corona derrotados en la Cámara de los diputados, se mantengan en el poder un solo dia, á menos de que el rey disuelva aquella, y apele al pais en nuevas elecciones. Pero, en Prúsia, ni la Constitucion ha previsto el conflicto ocurrido á fines de 1862, ni entonces, ni ahora mismo son los ministros forzosamente tomados en la mayoría parlamentaria, ni realmente considerados como consejeros responsables de la corona, sino como sus secretarios y agentes, cuyo primer deber es la obediencia al soberano. Cierto que á mí esa teoría me parece esencialmente antiliberal: pero, como no se trata aquí de mi opinion, sino de los hechos de que me he constituido en sumario cronista; creo haber cumplido con mi deber explicándolos con cuanta claridad me ha sido posible, y ateniéndome, sobre todo á la autoridad, en ese punto irrecusable, de Bismarck mismo.

Ese, en efecto, reunido de nuevo en enero de 1863, el Landtag,[1] cuyas sesiones suspendió el Gobierno en Octubre del año anterior, tuvo ocasion de pronunciar en él, sobre el conflicto á la sazon pendiente y mas encarnizadamente que nunca, uno de sus mas importantes discursos en materia de teorías constitucionales; discurso que pinta á su autor muy al vivo en todos conceptos, y que, por tanto, merece que en el nos de-

[1] Asi se llama el Parlamento prusiano.

tengamos un poco aún á riesgo de parecer á nuestros lectores de sobra prolijos.

La Cámara, apenas de nuevo abiertas sus sesiones, como hemos dicho, hizo ver que durante la suspension ni su espíritu había decaido, ni su propósito variado en los mas mínimo; y uno de sus primeros actos fué nombrar una comision de su seno que le propusiera un proyecto de mensage al Rey, sobre la situacion crítica en que el pais se encontraba. Aquella comision animada de los sentimientos y de las pasiones mismas de la mayoría que la habia nombrado, propuso, en efecto, el mensage que se le pedía, y en él acusaba á los ministros de haber *violado la Constitucion*, continuando en administrar la Nacion, sin embargo de no haberse votado por el parlamento la ley de presupuestos. —En la discusion general ó, como nosotros diríamos, de la totalidad del mensage, pronunció el gran ministro el notabilísimo discurso que á extractar vamos, ya que no nos es posible copiarlo aquí íntegro, como deseáramos.

«Un proyecto de mensage, señores, (comenzó diciendo) no es asunto «para convenido entre vosotros con el Gobierno, ni puede ser mas que «la expresion de vuestras própias miras. Voy, pues, á limitarme á ex- «poneros en pocas palabras la opinion del Gobierno del Rey. Vuestro pro- «yecto de mensaje tiene el mérito incontestable de aclarar nuestras reci- «procas relaciones. Apenas hace un año, negábase aquí en absoluto que «el parlamento en Prúsia le disputara la supremacía á la corona. Si apro- «bais el mensaje tal como se os propone, aquella negacion ya no será «posible; porque el mensage, en afecto, reivindica para la Cámara de los «diputados, derechos ó que en realidad no tiene, ó de que con ella par- «ticipan otros.

«Si teneis, señores, el derecho exclusivo de decretar el presupuesto «en su totalidad, y detalles; si teneis el derecho de pedirle á S. M. el «Rey la destitucion de aquellos de sus ministros que no gozan de vuestra «confianza; el derecho de fijar, con vuestras resoluciones respecto al pre- «supuesto, la cifra y la organizacion del ejército; el derecho tambien — «que la constitucion no os concede, pero á que pretendeis en el mensaje «— el derecho de fiscalizar las relaciones del poder ejecutivo del Estado, «con sus órganos, entonces estais en posesion de todo el poder gobernante «en este país. —A mi juicio, pues, lo que en el mensaje reclamais, puede «en la práctica resumirse en estas pocas palabras: «*Por este mensage «se notifica y requiere á la casa de Hohenzollern,*[1] *para que transfiera to- «dos sus derechos constitucionales á la mayoría de esta Cámara.*»

Tras ese tan vigoroso como lacónico y claro exordio, entra el orador en materia, sentando primero que «no hay analogía ninguna entre un gabinete ingles y un gabinete prusiano», puesto que aquel representa la mayoría parlamentaria del momento, y el último obra siempre «en nom- «bre y de órden del Rey.» De hecho, pues, (sigue diciendo) «á quien se disputa la supremacía no es al ministerio, sino á la corona». —Tomada

[1] La dinastya reinante.

así la posicion que le pareció mas ventajosa, procede Bismarck á discutir en concreto el punto en litigio, con cierta habilidad que revela mas al leguleyo de sus primeros años, que al hombre de Estado, dejándose ir á argúcias de curial sobre el texto de la Constitucion; pero, volviendo pronto, en honor de la verdad sea dicho, al terreno político, y á declarar con indómita habitual franqueza, la firme resolucion que tiene de cortar aquel nudo gordiano, si desatarlo no puede.

«El concurso de la corona y de las dos cámaras (dice) es indispen-«sable para la Ley de Presupuestos, como para cualquiera otra. El dere-«cho de cada uno de esos tres elementos de la legislatura es absoluto y «sin límite, para dar ó negar su voto; y no habiendo la Constitucion pre-«visto lo que haya de hacerse en casos de conflicto, ese no puede diri-«mirse legalmente mas que en virtud de un compromiso, de una transac-«cion de las muchas y contínuas, necesarias entre los poderes públicos en «todo sistema de gobierno representativo.

«Un hombre de Estado de grande experiencia en la materia ha di-«cho que toda la vida constitucional no es mas que una série de compro-«misos.» Pues, que uno de los Poderes se obstine en mantener sus pró-«pias miras con absolutismo doctrinario, y esa série de compromisos se «encontrará interrumpida. A las transacciones reemplazarán los conflic-«tos, y como la existencia del Estado no puede suspenderse, los conflic-«tos degenerarán en cuestiones de poder; *y el que tenga el poder en su «mano continuará caminando en su sentido; por que la vida del Estado, «repito, no puede suspenderse un solo instante.*»

Hemos copiado *ad pedem literæ* ese periódo, y subrayado además sus últimas frases, porque en ellas estriba la acusacion que se ha hecho á Bismarck, desde el dia mismo en que las pronunció y sigue haciéndo-sele hoy todavia, de haber sentado en ellas la subversiva máxima de que *«la fuerza es superior al Derecho.»* En la sesion misma del 27 de Enero (1863) el conde de Schwerin, hizo cargo al Presidente del Consejo de ministros, de haber basado todo su discurso en aquella máxima: pero Bismarck tomó la palabra para negar que de sus lábios hubiera salido, insistiendo en que solo habia dicho lo que transcrito dejamos y repitiéndolo en sustancia. A nuestro juicio, y sentimos decirlo, la acusacion aunque exagerada y, se quiere, envenenada por el espíritu de partido, no carece en absoluto de fundamento. Las palabras del ilustre orador, en efecto, ó nada significan, ó fueron una amenaza de que el Gobierno, si el conflicto se extremaba, usaría de la fuerza de que estaba en posesion, caminando en su própio sentido para que la existencia del Estado no se interrumpiera ni un solo instante; lo cual se parece mucho, ya que no sea absolutamente lo mismo, á lo que el diputado de la oposicion liberal pretendió haber entendido.

Despues de esa declaracion, grave siempre por mucho que atenuarla se quiera, el Ministro de Estado, haciendo á su manera la historia de lo acontecido al fin de la anterior legislatura, trata de demostrar, y no sin éxito hasta cierto punto, que la intransigencia absoluta de la Cá-

mara, desechando la enmienda conciliatoria á que el Gobierno se adheria, ha dado al conflicto pendiente su carácter actual de violenta acritud, y aun de problema sin solucion legal posible. Pero lo mas importante de ese período de su discurso, está, á nuestro parecer, en las palabras que á continuacion copiamos:

«Aprovechándoos de vuestro Derecho en cuanto al voto del Presu-«puesto, habeis tomado una resolucion *imposible de ejecutar, si no se «quiere desarmar á la Prúsia*, y considerar como perdidas las sumas «hasta aquí empleadas en reorganizar el ejército — no sé cuantos millo-«nes — para recomenzar de nuevo aquella reorganizacion el año próximo. «Exigiendo que esa vuestra resolucion se ejecute (y no se comprende que «esta Asamblea la haya con otro fin tomado), pediríaisle á S. M. el Rey «la supresion de la mitad de la infanteria, y de un tercio de la caballeria, «en total 119 batallones, no sé cuantos regimientos.»

En su esencia he ahí la cuestion que se ventilaba entre el Parlamento y el Gobierno, formulada en su mas simple expresion posible: el mal estuvo en que cada una de las partes contendientes la considerase al través de muy distinto prisma — ¿A qué tantos soldados, se decian los representantes del pueblo, como no sea para imponerle al pais el absolutismo monárquico? — ¿cómo, pensaban el rey y su gran ministro, cómo, sin un poderoso y buen organizado ejército, sacudir el yugo austriaco, fundar la hegemonia Prúsiana, y establecer en su día la unidad germánica? — Revelar entonces su pensamiento el Gobierno, fuera hacerlo de realizar imposible; é ignorándolo la Cámara, estaba en su derecho y cumplia con su obligacion, procurando aliviar á los contribuyentes de una pesada carga, á su entender no sólo innecesaria, sino además para la liberdad peligrosa.

En cualquiera de nuestros paises meridionales, situacion tan difícil se hubiera inevitablemente y no muy tarde desenlazado ó por una revolucion popular, ó por un golpe de Estado: dichosamente para ellos, los alemanes tienen sangre mas fria y menos exaltadas pasiones que nosotros.

En el resto de su discurso, Bismarck insiste como antes, en negarle á la Cámara de los diputados el voto de calidad á que, en materia de presupuestos, pretendia, con gran razon á nuestro juicio, parlamentariamente hablando, pero sin texto legal en que apoyarse á la sazon en Prúsia. «La «corona, decia el ministro, ha hecho ya bastantes concesiones (citando «algunas); ahora crée que á vosotros os toca hacerlas, y os las exige. «Sobre todas las teorías, cuyo mérito respectivo no discuto ahora, está la «necesidad, á cuya ley obedecemos, por que el Estado existe y aun en «la peor de las eventualidades, no podria dejar que aconteciese lo ine-«vitable el dia que el tesoro público cerrase sus arcas.»

Tras eso y negar, apoyándose en muy sofísticos argumentos, que el Gobierno se encontrase en condiciones inconstitucionales, á consecuencia del conflicto pendiente, Bismarck terminó su discurso, con estas muy significativas palabras:

«La realeza en Prúsia no ha terminado todavia su mision, ni ha lle-

«gado aún á ser una mera ornamental decoracion de *vuestro edificio cons-*«*titucional*, ó una inútil rueda en el mecanismo parlamentario.»

Nada mas antiliberal, nada menos apróposito para calmar los recelos de la Cámara popular, que esas provocativas frases, de que el ministro hubiera podido muy bien prescindir, sin perjuicio alguno para sus propósitos: pero, ya lo hemos dicho, Bismarck en el parlamento pelea siempre mas que discute; y quizá, quizá quiso entonces irritando así á sus adversarios, por una parte afirmarse en la confianza de la corona y hacérsele mas necesario, y por otra enardecer el celo de sus amigos políticos de aquella época: los feudales y reaccionarios.

III

Comenzada la legislatura bajo tan poco pacíficos auspicios, fácilmente se comprenderá que fué toda ella, entre el ministerio y la Cámara de los diputados, una muy reñida campaña, cuyos trámites y peripécias no entran en nuestro plan, ni sería posible seguir aquí paso á paso. Para nuestro propósito, reducido á dar idea con la claridad posible, de lo que ha sido, de 1862 á 1872 en el parlamento, el príncipe de Bismarck, basta, y aun así habrémos de extendernos mas de lo que pensábamos, basta presentarle á nuestros lectores en los casos mas notables ó mas críticos de su carrera parlamentaria.

De esos ocurrió uno característico á nuestro juicio, en la sesion del 26 de Febrero (1863), en ocasion de discutirse una proposicion de dos diputados, amigos de la Polónia, entonces contra la Rúsia insurreccionada, pidiendo que el Gobierno prusiano se mantuviera en completa neutralidad, así moral como material, sin favorecer en nada á ninguna de las dos partes beligerantes.

Sabido es, pero quizá no esté de mas recordarlo, que cuando tuvo lugar el inícuo desmembramiento de la desdichada Polónia, en el último tercio del pasado siglo XVIII, si la Rúsia se apropió en él la parte del Leon, el resto de sus despojos se repartió entre el Austria y la Prúsia; por manera que esa última potencia tiene hoy en la matéria intereses, si de menor cuantía, no menos importantes á la integridad, de su actual territorio, que los del império moscovita. El gobierno prusiano, por tanto, era en 1863, como antes lo fué y lo será y no puede menos de serlo siempre, hostil á los propósitos de independencia de los patriotas polacos; mientras que, muy naturalmente, los diputados de las provincias que fueron un tiempo parte de la monárquica república de los Segismundos y los Poniatowskis, simpatizaban con los sublevados, contando en la Cámara con el apoyo de los mas exaltados partidarios de las doctrinas democráticas, y del sistema llamado de las nacionalidades.

Apenas la insurreccion habia alcanzado sus primeras proporciones de gravedad, el Gobierno prusiano comenzó á tomar las convenientes medidas militares, así en la provincia de la Prúsia oriental, que ha tras-

mitido su nombre á toda la monarquía, como en el gran Ducado de Posen, parte un tiempo de la Polónia. Reforzáronse las guarniciones, llamóse parte de la reserva de la infantería á las filas del ejército activo, y aunque no se declaró el estado de sitio en las arriba mencionadas provincias, dictáronse en ellas providencias tales, y afectaron sus autoridades una atitud tan severa, que de hecho sus habitantes, y sobre todo los de orígen polaco, se creyeron, y no sin fundamento, sujetos á un régimen excepcional. Nada mas lógico que el proceder del gobierno de Berlin en aquel caso; pero nada mas natural tampoco que los diputados de Posen, en particular, y en general los del partido liberal avanzado, temiendo aquellos por su própia suerte y la del pais que representaban, y los últimos por simpatía al movimiento revolucionario, se apresurasen, como lo hicieron, á interpelar al ministerio, acusándole á un tiempo de abuso de poder en lo militar, de tiranía civil en el Ducado de Posen, y de complicidad con la Rúsia en su dureza y crueldad con la Polónia.

Comenzó, en efecto, esa campaña parlamentaria el 16 de Febrero (1863) con una interpelacion sobre el supuesto estado de sitio en el gran Ducado, y el hecho concreto de haber la policía prohibido en Pleschen una reunion pública, fundándose precisamente en los trastornos de un pais estrangero. Bismarck contestó en pocas, pero muy explícitas, muy terminantes frases, negando la primera parte del cargo, pero concediendo, afirmando y aplaudiendo lo hecho por la policía en Pleschen. La insurreccion habia tomado en ciertas regiones de Polónia, y sobre todo en la frontera de Prúsia, proporciones tales que hacian trascendental á otros paises su importancia; el objeto declarado de esa insurreccion era el de reconstituir hasta donde pudiese el antiguo reino polaco, y amenazaba por tanto la integridad, ó cuando menos la tranquilidad de la Prúsia; y en tal estado de cosas, deber era del Gobierno, y deber que estaba resuelto á cumplir «hasta donde necesario fuese», precaverse contra todo riesgo que amenazase la seguridad pública, «empleando al efecto y de la «manera mas enérgica, los medios que á su disposicion tenia.» Tales fueron, en resúmen, las declaraciones primeras de Bismarck en la materia; declaraciones sin duda bastantes para que la Cámara comprendiese cual era la política que á seguir estaba resuelto; pero por lo mismo, exacerbaron la irritacion con que desde luego habian sus adversarios entablado el debate. Así, dos dias mas tarde (18 Febrero) se formulaba en la cámara una segunda interpelacion sobre el asunto, y aunque el Gobierno se negó á contestarla, la mayoría resolviendo proceder á discutirla inmediatamente, dió lugar á un muy agresivo discurso contra Bismarck, á que él replicó con otro que seria preciso trasladar íntegro aquí, para darle al lector cabal idea de su acerada ironía, de su soberano desprecio á los que con mas saña que capacidad política le acosaban sin trégua, y sobre todo de la reconcentrada y todavia comprimida ira que iba acumulándose en el alma del gran ministro, y no habia ya de tardar mucho en estallar violenta.

Aconteció, en efecto, la explosion del volcan en la sesion del 26 de

Febrero (1863), para cuya cabal inteligencia nos ha parecido necesario entrar en los detalles que preceden.

Discutíase, como dijimos al principiar este párrafo (III), una proposicion de los amigos de la Polónia, imponiendo al Gobierno prusiano una absoluta neutralidad que, dadas las circunstancias del caso, equivalia en realidad, no solamente á favorecer la insurreccion contra la Rúsia, sino hasta cierto punto, á prestarse á la posible futura emancipacion de las provincias mismas de la Prúsia que antes fueron polacas. Defendiendo esa proposicion, los oradores de la oposicion, y no los polacos solos sino tambien muchos alemanes, habian extremado unos, y excedido otros los límites de su derecho, exigiendo del Gobierno que revelase el secreto de las negociones pendientes con la Rúsia, sobre aquella candente peligrosísima cuestion; increpándole duramente por las precauciones militares que en la frontera habia tomado; acusándole de vender las tropas prusianas al Czar; y llegando, que no debieron, hasta á complacerse en la prevision de que, á consecuencia de la conducta del ministerio en aquel negócio, pudieran sobrevenir graves conflictos exteriores; ¿cuáles podian ser esos entonces? Uno solo: que la Francia, á la sazon imperial, y siempre, en palabras al menos, simpática á la Polónia, tomara en fin parte activa en la lucha, declarando la guerra á la Rúsia y á la Prúsia. — Deplorable embriaguez es á veces la del espíritu de partido. Y no sabremos decir si nos consuela ó nos entristece, ver que hasta los sesudos alemanes se entregan á ella en ocasiones, ni mas ni menos que si fueran nacidos á orillas del Sena, ó aquende los Pirineos. Pero volvamos á nuestro relato.

Para rechazar tantos y tales ataques, ó mas bien para fulminar sobre sus extraviados adversarios los rayos de su iracunda elocuencia, tomó Bismarck la palabra, comenzando por poner en evidencia lo que él consideraba falta de patriotismo en los interpelantes y sus auxiliares, con mas rigor, y quizá tambien con mas verdad, que formas parlamentarias y oratorias salvedades. — «La propension á entusiasmarse por nacionali-«dades estrangeras (les decia), y por aspiraciones nacionales, aunque «esas no puedan realizarse sino á expensas de nuestra própia pátria, es «una especie de enfermedad política, de que desdichadamente parece te-«ner la Alemánia el privilégio exclusivo... Pretendisteis que se hicieran «públicas las negociaciones que sigue el ministro de negócios extrangeros «sobre una cuestion europea candente y difícil; y el Gobierno del Rey ha «creido que en interés del Estado, debía negarse á contestar á esa inter-«pelacion. En otros parlamentos que yo conozco, la oposicion mas decla-«rada, la mas descontenta del Gobierno de su pais, hubiera vacilado, en «tales circunstancias, en proceder á esta discusion. Razon tengo, pues, «para deciros: *Dadnos primero una Cámara popular como la de Ingla-«terra, y luego pedid instituciones inglesas.*» — Gran verdad, y muy para estudiada, gran verdad hay en el fondo de esas últimas palabras. El sistema parlamentario es una complicada máquina, que nunca funciona bien, cuando todas sus ruedas no se mueven acompasadamente, en re-

cíproca consonancia, y sin estorbarse unas á otras en sus normales evoluciones; ó, sin metáfora, sin que todos y cada uno de sus elementos, estén animados de un grande espíritu de moderacion y de recíproco respeto, unos para otros. — Bismarck tenía indudablemente razon acusando á la oposicion de exorbitancia en sus pretensiones, y sobre todo de destemplanza en sus discursos: pero ¿no pudiera habérsele á él hecho un cargo análogo? ¿No extremaba él tambien su derecho?

En el momento á que nos referimos, el temperamento del hombre se habia hecho indudablemente superior á la prudencia del ministro, y sus palabras van á demostrarlo hasta la evidencia.

«El diputado Waldeck (dijo Bismarck) ha comparado el apellido de «las reservas prusianas en estas circunstancias, á la *trata* (sic) de súb«ditos del elector de Hesse, vendidos en otro tiempo como soldados á la «América del Norte. Otro diputado, el Sr. Unruh, ha declarado — ¡y con «apláusos, con vivísimos apláusos de esta cámara! — que, si á conse«cuencia de las medidas tomadas por el Gobierno para la proteccion de «nuestras fronteras y de nuestros intereses, llegáran á producirse com«plicaciones exteriores, rehusaríais al Rey los médios necesarios para la «defensa del país. Eso equivale á decirle al extrangero: «Venid, ve«nid; el *momento es favorable, la Prúsia*»... (Aquí la Cámara protesta con violentos clamores; y el orador exclama — «Felícitome de oiros aún ex«presar un sentimiento de indignacion»... Pero de nuevo los diputados le interrumpen furiosos, y una voz se deja oir en el tumulto, clamando: — «Al órden!; Al órden!»

No sin dificultad, logra al fin el vicepresidente, sr. Behrend, que aquella sesion presidía, calmar momentáneamente la efervescencia de los ánimos; y, con una explicacion anodina de las palabras del ministro, restablecer en la Cámara tranquilidad suficiente para que la discusion prosiga. Pero Bismarck no es ya dueño de sí mismo, y al reanudar su interrumpido discurso lo hace en términos que, de nuevo y mas furiosa que nunca, la tempestad se reproduce.

«No quiero (dijo, en efecto,) examinar en este momento la cuestion «de saber hasta qué punto el llamamiento al órden á un ministro, pro«cede ó nó, en teoria, legalmente. Si de nuevo se suscita, resérvome dis«cutirla. — La amenaza de desarmar á la Prúsia, proferida por el dipu«tado Unruch, cuyo nombre está ligado á la negativa de los impuestos «en 1848...»

Al escuchar aquella recriminacion, cuando menos extemporánea, la Cámara en masa se subleva, y el presidente llama al orador á la cuestion antes de concederle de nuevo la palabra.

Hasta aquí, aunque tormentosa, la sesion que vamos refiriendo, no había salido, por decirlo así, de los límites ordinarios de las de su especie, que son de sobra frecuentes en las asambleas populares: la réplica de Bismarck que á reproducir vamos, dióle un carácter de gravedad excepcionalmente graduado. Hé aquí esa réplica: — «Me tomo la libertad, «señor Presidente, de haceros observar que *no puedo concederos el dere-*

«*cho* de interrupcion disciplinaria con ocasion de palabras por mí pronun-«ciadas. No tengo el honor de ser individuo de esta Asamblea; no he vo-«tado vuestro reglamento; no he tomado parte en la eleccion de vuestro «presidente; y no estoy, en consecuencia, sometido á las leyes disciplí-«narias de la Cámara. El poder disciplinario del Sr. Presidente tiene su «límite en el lugar que yo ocupo aquí. No reconozco mas autoridad su-«perior que la de S. M. el Rey; é ignoro en virtud de qué artículo de «la Constitucion ó de qué ley puedo creerme sujeto á la disciplina del Sr. «Presidente (Interrupciones; el Presidente impone silencio para que el «Ministro pueda proseguir, y él lo hace diciendo:) — «Yo hablo aquí no «en virtud de vuestro reglamento, sino de la autoridad que S. M. me ha «conferido, y del artículo de la Constitucion que dispone que los minis-«tros obtengan la palábra siempre que la pidan y sean escuchados (nue-«vas interrupciones). No teneis derecho á interrumpirme...»

Al llegar á ese punto, el Presidente, volviendo por los fueros de la Camara tanto ó mas que por su autoridad própia, intervino diciendo: — «Sin embargo de esa afirmacion, devo interrumpir al Sr. Ministro-Presi-«dente. No le he retirado la palabra, ni puedo retirársela segun la Consti-«tucion: pero el Presidente de esta Cámara ejerce en ella un poder dis-«ciplinario, que se extiende hasta las cuatro paredes del edificio, y no «cesa al llegar al banco de los Ministros. Ese poder disciplinario que es-«toy resuelto á ejercer cuando fuere necesario, ahora y siempre, me dá «derecho á interrumpir al Sr. Ministro-Presidente, ya que no á retirarle «la palabra.»

El conflicto, como se vé era llegado á su mas crítico y culminante periodo. La Cámara y el Ministerio se declaraban abiertamente la guerra, la dignidad de los representantes del pueblo parecia haberse hecho incompatible con la autoridad de los del Monarca; y la lucha, en realidad, entablábase entre dos de los poderes constituidos del Estado. Todo ello, no tanto por la entidad de las cuestiones pendientes, aunque gravísimas, como por la aspereza de algunas frases, y la intemperancia violenta del lenguaje de los diputados y del Ministro mismo. Verdad es que pocas cosas hay mas difíciles y mas necesarias para el orador parlamentario, que someter su palabra, en ciertos momentos críticos, á la disciplina del juicio y á las conveniencias políticas, de manera que no deje de decir nada de lo que á su propósito convenga, y lo diga sin provocar escándalos que á su própia causa perjudiquen.

Bismarck que, en la ocasion á que nos referimos, habia ya perdido los estribos, como vulgarmente suele decirse, replicó al Presidente de la Cámara en esta forma:

«Califico de errónea esa manera de ver, de que no puede partici-«par el Gobierno del Rey. — Decía pues, que el diputado Unruh, que «en 1848 unió indisolublemente su nombre á la negativa de los impues-«tos...» El tumulto estalla de nuevo al oir esas palabras; el Presidente, desesperando de restablecer el órden, amenaza, simultáneamente á la Cámara y al Ministro, con levantar le sesion en uso de sus facultades re-

glamentarias, si aquella no se sosiega, ó el ultimo repite las frases que han originado el desórden.

Bismarck entonces, recapacitando sin duda sobre la peligrosa condicion en que la Cámara, el Gobierno, y él mismo se encontraban, y recobrando en parte su habitual dominio sobre sí mismo, pudo, al proseguir en el uso de la palabra, abstenerse de repetir las que habian sido la piedra del escándalo, contentándose con asentar que habia dicho lo bastante para que se le entendiera; y, evitado así el escollo, volver al verdadero asunto del extraviado debate: la Revolucion de Polónia, sobre la cual dijo lo que sumariamente á continuacion extractamos.

Mazzini habia sido parte en que estallase; Mieroslawasky uno de sus principales fautores; los revolucionarios de todos paises sus cómplices y auxiliares; y las tendencias, las palabras, los nombres de 1848, se reproducian á su calor y en su provecho en Alemánia. Fueran, pues, las que fuesen las intenciones de los autores de la proposicion, el mundo entero supondría, que ellos y cuantos la votasen, se declaraban hasta cierto punto partidarios de la insurreccion polaca. Que el Gobierno, de seguro, no favoreceria á los insurrectos, nadie podia dudarlo; recomendarle, pues, la neutralidad absoluta, no podia tener mas objeto que favorecer á aquellos. No estaba además la neutralidad en el interés de la Prúsia, á quien convenia mucho más, política y mercantilmente, tener por vecino al Emperador Alejandro, que á Micralawsk y su República propagandista.—Por otra parte ¿en qué fundamentos políticos estribaba el dictámen favorable á la proposicion?—El Ministro-Presidente los habia buscado en vano; y habiendo leido en aquel documento que debia prescindirse de si existia ó nó un *convenio*[1] relativo al asunto entre la Rúsia y la Prúsia, se encontraba con que en la discusion, todo el mundo fundaba sus argumentos en la hipótesis de que, segun aquel pacto, las fronteras prusianas quedaban abiertas para las tropas del Czar, una parte del territorio nacional á su discrecion, por consiguiente, y una zona de más de quinientas millas cuadradas *entregada á los horrores de las ejecuciones militares de los rusos*. Todo ello no era más que un cuadro fantástico: las tropas rusas no podían entrar en Prúsia sin expreso consentimiento del Gobierno; y la supuesta zona de horrores, no pasaba de ser una invencion de gente ociosa, un pretexto que se aprovechaba para suscitar embarazos al Gobierno dentro y fuera del país, aunque felizmente sin poder conseguirlo. Deciase, habíase dicho en aquella misma sesion repetidas veces que toda hipótesis, *toda invencion de fantasía*, era lícita, dado el silencio del Gobierno, por mas que se le preguntaba y se le interpelaba sobre el asunto: enunciar esa proposicion desapasionadamente, bastaba para demostrar que ni era justa ni séria. Ni el Gobierno estaba en la obligacion de revelar el secreto de negociaciones pendientes y gravísimas; ni por que lo guardaba podía ser lícito á

[1] Ese convenio existía, en efecto; pero era desconocido entonces su tenor, en realidad perjudicialísimo para los insurrectos, pero no tan bárbaro como de público se decía.

la Cámara dar por cierto, sino aquello que oficialmente se la hubiera comunicado. — «Sentímonos fuertes (dijo en fin al terminar su discurso) con «la conviccion de haber llenado los deberes que la defensa de los intere«ses del país nos imponia, y esa conviccion no se debilitará si, apro«bada la proposicion que se discute, nos dais con ello manera de hacer «constar ante el país que os declarais en favor de la insurreccion po«laca.»

Hémonos detenido de propósito en la sesion del 26 de Febrero de 1863, porque, como al comenzar su extracto dijimos, el incidente en ella ocurrido nos parece grandemente característico, en cuanto, por una parte revela con que dificultad somete algunas veces el príncipe de Bismarck la violencia de su temperamento á las conveniencias parlamentarias; y, por otra, confirma lo que de su aversion al sistema representativo, en aquella época, dejamos apuntado. Pero el lector comprenderá bien que no cabe en lo posible, y sentirá mejor que no seria oportuno, adoptar como sistema en estos artículos, lo que solo por consideraciones excepcionales hemos hecho en el caso presente.

Así, aunque la discusion sobre los asuntos de Polónia, ó mas bien sobre el convenio con motivo de ella celebrado con la Rúsia, se continuó con grande empeño en las sesiones del 27 y 28 de Febrero, reproduciéndose con mas calor, si cabia, en la del 31 de Marzo siguiente; y aun que Bismarck, sobre todo en la última citada, mantuvo contra la oposicion muy encarnizada lucha, mostrándose, como siempre, hombre de Estado de primer órden, y más que otras veces orador parlamentario; habremos nosotros de limitarnos á la indicacion hecha, y á una cita, que nos parece curiosa como testimónio de la vanidad de las previsiones humanas, en política muy especialmente, y con la cual pondremos término, por hoy, á nuestra tarea.

Uno de los diputados mas conspicuos y elocuentes de la oposicion, el Sr. Waldeck, contestando á un discurso de Bismarck, terminó su peroracion diciendo:

«Si somos — ¡ay! — un Estado que *no* puede aspirar *bajo este Mi«nisterio*, ni á una gran política en Europa, ni á una política clara, sin«cera, libre y leal en el interior, dejadnos al menos mantener las leyes «de la humanidad.»

Como movimiento oratório, no hay qué pedirles á esas palabras: pero es de suponer que á los que cuando se pronunciaron de muy buena fé las aplaudian, los hechos les habrán convencido de que la *política* que ya entonces á preparar comenzaba el Ministro Bismarck podia ser grande en Europa, y en Prusia llegar con el tiempo á liberalizarse mucho mas de lo que los feudales y ultramontanos quisieran.

Madrid, Enero de 1875.

(Se continuará.)

PATRICIO DE LA ESCOSURA.

AS CRISES COMMERCIAES

Im Gewühl des Marktes und der Leidenschaft der Speculation kümmern sich die handelnden Personen wenig um die allgemeine Zukunft; wenn sie nur Hoffnung haben, sich selbst rechtzeitig vor der Calamität zu wahren. So kommt es dass die Speculanten die krisis erst sehen, wenn dieselbe schon hereingebrochen ist.

(*Max Wirth, Gr. der Nat.-Oekon.* 3—91.)

I

Corria o anno de 1844. Os economistas, os financeiros, e os publicistas da Gran Bretanha discutiam calorosamente a organisação dos bancos, especialmente a parte que se refere á circulação fiduciaria. Dois systemas se apresentavam, defendidos ambos por distinctos escriptores: um chamava-se *currency system;* o outro era conhecido pelo nome de *banking system*. Dos dois lados podiam cuidar de tão melindroso assumpto com receio de pôr em perigo a organisação social, ou abalar o commercio, e a industria da Inglaterra; a prosperidade que sorria ao trabalho em geral era tão vigorosa, e tão fascinadora, que não seria dado a tal controversia interromper na apressada mancha os venturosos romeiros da riqueza. Os pensadores iam estudando a questão, e ao povo em geral cabia tão somente lançar de vez em quando olhares fugitivos para saber se tinha de prestar obediencia a novas disposições legislativas.

Robert Peel acceitou as doutrinas do *currency system*. O parlamento inglez approvou-as; e o denominado *Acto de* 1844 passou a regular a circulação fiduciaria. Quaes eram os principios d'essa escóla, e que motivos determinaram a acceital-os como lei? O discurso pronunciado por aquelle estadista ao expor e defender a sua proposta, assim como os trabalhos de Torrens e de Samuel Lloyd, mais tarde lord Overstone, claramente respondem a esta pergunta.

Robert Peel tomou por ponto de partida a distincção, a seu ver, essencial entre o privilegio de emittir notas e as operações bancarias em

geral. Aquelle privilegio deve ser dependente do Estado. Estas operações ficam na maior independencia, e adquirem a maior amplitude. Um unico banco emissor, dividido em duas repartições, umas das quaes entregue as notas, mediante garantias bem determinadas, áquella que se occupar do desconto, do deposito, das contas correntes, etc. — eis o que o ministro da Gran-Bretanha considerava não só conveniente, mas tambem indispensavel á boa circulação. O principio que determina a qualidade d'este artigo de commercio, dizia Peel referindo-se ás notas, é totalmente differente do da concorrencia, porque essa qualidade é fixa, indefinida e invariavel; invariavel no sentido de que a importancia da circulação em papel deve estar sempre em relação certa com a circulacão metalica. Assim o paiz só tem a pedir que a maior quantidade de papel seja emittida por instituições do maior crédito. Havendo concorrencia, este credito periga porque é guiado sómente pelo interesse: As transacções tomam demasiada amplitude; a nota circula temerariamente por onde só deveriam circular metaes preciosos; mais tarde é indispensavel remetter ouro a nações estrangeiras; o commercio reclama-o dos bancos; os bancos não podem cumprir as suas obrigações; e perdendo o credito, determinam com a sua ruina a ruina das praças, em que pouco antes se ostentavam poderosos e queridos. Só depois de catastrophes e de males de toda a especie vem a restabelecer-se o tão preciso, mas tão desprezado equilibrio entre o ouro e o papel.

Recorrendo á historia dos bancos particulares inglezes, Robert Peel apresentou a estatistica dos que tinham fallido desde 1839 até 1843: eram não menos de 82, sendo 29 de emissão; 17 dos ultimos nem sequer haviam distribuido dividendo. O caso era grave; e o parlamento sentia-se deveras impressionado ao contemplar o quadro das desgraças de pequenos artistas e de pequenos rendeiros, sobre cuja sorte cahiram algumas lagrimas da eloquencia do grande ministro. E como se quizesse indubitavelmente assegurar a victoria da proposta, recordou os seguintes factos: «Remontando a 1814, 1815 e 1816, vejo que só n'estes tres annos 140 banco suspenderam pagamentos e se declararam 89 fallencias. Fazendo as mesmas investigações acerca de 1825, 1826, 1835, 1836, 1839 e 1840, isto é, de todas as épocas de crise, vemos reproduzirem-se os mesmos factos. Em face de tal experiencia é portanto impossivel que a camara se não una ao governo para tomar providencias destinadas a prevenir a renovação de taes desastres.»

A seu turno o banqueiro Lloyd havia chegado ás seguintes conclusões n'um trabalho especial: A theoria e a pratica mostram que produz confusão o unir os deveres de director de banco na qualidade de emissor de notas, com os de descontador de letras e depositario. Na lucta do interesse publico e do particular, as direcções inclinam-se a sacrificar o primeiro ao segundo. Não é pois, verosimil que regulem a emissão de notas de sorte que o conjuncto da moeda metallica e da fiduciaria não esteja sugeito a maiores oscillações do que se fôra sómente metallico o instrumento de trocas. A contracção natural que se dá havendo só este

instrumento é o unico meio efficaz de progressivamente impedir e fazer emfim cessar a sahida do ouro. Se a circulação fôr de moeda metallica e de papel, obstar-se-ha egualmente á exportação do ouro guardando tal relação entre essas especies de moeda, que as oscillações se deem exactamente como se houvesse só o instrumento metallico; e para isto é preciso que seja constante a importancia de notas não representada por dinheiro em caixa.

Em conformidade com estas doutrinas, o acto de 19 de julho de 1844 determinou: 1.° Que desde 31 de agosto a emissão de notas do banco de Inglaterra seria dirigida e effectuada por uma repartição especial d'elle. 2.° Que no mesmo dia o governador mandaria a essa repartição 14 milhões de libras em titulos e o ouro amoedado, ou os metaes preciosos em barra que não fossem precisos ás operações bancarias. 3.° Que esta repartição entregaria ao governador uma importancia em notas igual á dos titulos, dos metaes, e da moeda, considerando já n'este computo as notas em circulação no dia referido. 4.° Que a repartição de emissão não poderia entregar á das operações bancarias mais nota alguma senão em troca de ouro equivalente. 5.° Que a ninguem seria concedido novo privilegio de emissão; quem o tivesse n'aquella época poderia continuar a gozal-o dentro de limites marcados pela lei; mas perdel-o-ia se suspendesse pagamentos, ou o passasse ao banco de Inglaterra. 6.° Que este banco poderia ser auctorisado a receber da repartição de emissão, em troca de titulos, notas por um valor que não excedesse dois terços das que trouxesse em circulação qualquer estabelecimento que deixasse de emittir.

Breves explicações bastam para comprehender nestas regras legaes o que não ficou exclarecido polo que anteriormente escrevemos.

Consultando a estatistica do banco da Inglaterra durante os annos decorridos desde o principio do seculo até 1844, o maximo da circulação apparece em 1817, e é expresso por 29.500:000 libras; o minimo que foi de 14.900:000 libras, pertence ao anno de 1800; se estes numeros dizem que a nação ingleza nunca deixou de necessitar ou de acceitar notas com importancia inferior a 14 milhões de libras; se ainda nas maiores devastações commerciaes, e por occasião das mais formidaveis urgencias de exportar ouro o banco de Inglaterra trouxe em circulação valor excedente áquelle limite, os legisladores de 1844 pareciam ter solido fundamento para asseverar que não resultaria o menor damno de ser permittido a essa instituição emittir por tal somma, ainda quando não tivesse em caixa dinheiro ou barras de metal precioso para embolsar á vista. O proprio credito do banco bastaria para assegurar a circulação regular das notas. Que viessem as crises; que desapparecessem como sonhos vãos os planos de engrandecimento mercantil; que as praças mais importantes fossem presa do panico mais rapidamente espalhado, ou do mais pronunciado desanimo: o banco de Inglaterra, colosso de valores, supremo regulador das transacções, continuaria a ser venerado e até adorado como thaumaturgo e salvador n'estas horrorosas tempesta-

des que n'uma hora fazem baixar assombrosamente o activo de tantas casas de commercio, e forçam a liquidações prejudiciaes os que loucamente se preparavam para novas subidas de preço.

Mas se nenhum extraordinario cuidado requeriam os quatorze milhões de libras, se o passado respondia por elles, não succedia igualmente com qualquer quantia addiccional. Por forte que fosse o banco, e fóra de toda a duvida a sua respeitabilidade, não era um poder illimitado: os proprios milagres de que rezava a historia d'elle, não lhe conferiam direitos á omnipotencia; a segurança das transacções exigia que a circulação de notas excedente a quatorze milhões fosse representada por ouro, admittindo-se embora em prata uma fracção do valor nominal d'ellas. Feito isto, que havia a receiar? A origem supposta das crises tinha sido aniquilada. Não mais voltariam calamidades como as de 1803, 1810, 1815, 1819, 1826 e 1837. A superabundancia de notas seria impossivel; o ouro responderia por ellas; e quem necessitasse exportar metaes preciosos acharia nos cofres do banco sommas sufficientes em troca dos titulos de papel que andavam na circulação representando moeda metallica, e funccionando como ella, ou até melhor do que ella pela facilidade da contagem e do transporte. A falta de dinheiro, tão rudemente sentida n'aquelles annos, deixaria de dar-se, visto que a circulação fiduciaria não teria de modo algum concorrido para expulsar o ouro.

Descoberta esta doutrina economica, e posta em lei para o banco da Inglaterra, bastava applicar disposições analogas ás outras instituições de credito, ou ao menos apressar a transição para um regimen, que se antolhava tão fecundo em bens. Para obedecer ás tendencias do systema cumpria combater a concorrencia; e foi n'este intuito que a lei não só prohibiu a fundação de novos bancos emissores, mas tambem procurou diminuir com rapidez os já existentes, e passar parte d'elles para a principal instituição de credito da Grã-Bretanha. D'esta sorte *currency system* sahia victorioso e ao mesmo tempo assegurava ao mundo pela boca de Robert Peel que a circulação ficava preservada de oscillações tão perigosas, e tão prejudiciaes como as dos annos já referidos. Para propor o acto de 1844 o gabinete fundou-se na carta do banco de Inglaterra com data de 1833, a qual deveria durar até 1855, ficando porém livre ao governo alteral-a passados dez annos. Quem estava convencido da verdade das doutrinas aqui expostas tinha obrigação de aproveitar ensejo tão legal para dotar a patria com lei tão benefica.

Passemos do parlamento ao mercado. Vamos tranquillisados com as garantias de prosperidade finalmente offerecidas pela lei. E diremos, finalmente, porque datavam de muitos annos as accusações de abalisados financeiros contra a circulação fiduciaria. Podem agora as operações multiplicar-se ao grado dos homens de negocio; a prudencia, a actividade, e a illustração dos inglezes, em vez de serem contrariadas pelo temerario arrojo e pelo desenfreado amor do ouro, caracteres tenebrosos de todos os bancos emissores em concorrencia, achariam agora incessante progresso como premio bem merecido por ellas. E veiu de molde este acto,

porque o mercado estava cheio de gente animada do maior desejo de trabalhar e ganhar; a prosperidade que tinha desapparecido em 1839, reapparecêra risonha e cheia de vida em 1843. O juro baixára como nunca: ainda no anno antecedente havia sido de 4,5, e agora estava a 2,5 por cento no banco; fóra d'elle podia-se descontar a 2, e casos houve em que o capitalista se contentou ainda com menos. Os consolidados, a 89 em 1847, deram 100 passados tres annos. Os cambios eram favoraveis. Por toda a parte se reanimavam o commercio e a industria. Crescia o numero de projectos, como se aquella geração não quizesse deixar o menor trabalho á imaginativa e á laboriosidade de uns poucos de seculos. O proprio thesouro aproveitou estas excellentes condições do mercado monetario, e reduzia os juros da divida publica: quem não queria sujeitar-se á reducção, recebia o nominal. De 200 milhões de libras só houve a entregar cerca de 200:000.[1]

Foi principalmente em projectos de caminhos de ferro que mais espantosamente se manifestou a faculdade inventora dos que anceiavam ganhar muito com pequeno esforço, e até sem grandes e demoradas consultas da consciencia. Por toda a parte circulavam com prodigalidade os prospectos seductores, e as plantas de vias ferreas.

Não houve na Grã Bretanha lithographos em numero sufficiente para apromptar as encommendas dos emprehendedores de novas communicações aceleradas; da Belgica vieram centenas d'esses artistas afim de completarem os trabalhos que cumpria apresentar no tribunal do commercio para as propostas respectivas poderem ser attendidas pelo parlamento. Ainda que nem todos os planos acharam quem tivesse confiança n'elles, sempre foram muitos os que conseguiram tal ou qual credito. O seguinte quadro indica o numero e o valor dos projectos auctorisados pelo poder legislativo:

Annos	N.º de vias ferreas	Capital	
1843.....	21.....	3.861.350	libras.
1844.....	26.....	14.793.994	»
1845.....	109.....	59.613.526	»
1846.....	260.....	110:000.000	»

Em quatro annos, 416 caminhos projectados, os quaes, segundo os orçamentos, exigiriam capital superior a 188 milhões esterlinos; em 1847, Wilson calculava em cerca de 40 milhões o total das verbas orçadas para os projectos submettidos ao parlamento. Mac Culloch diz que fazendo a conta de todos os projectos, sem distinguir os que obtiveram auctorisação parlamentar, se chegaria á somma de sete ou oitocentos milhões de libras só para os que foram publicados durante o outomno de 1845 e a

[1] *Annuaire de l'Economie politique pour* 1845, pag. 70.

primavera de 1846.[1] Para melhor se comprehender a importancia d'estes numeros convem saber que as vias ferreas concluidas na Inglaterra desde 1823 até 1844 eram 69, cujo custo fôra de cerca de 64.238.600 libras; ao passo que os caminhos de ferro em obra no ultimo d'esses annos eram 130 cujo preço estava orçado em 74.107.520; quaesquer que fossem os progressos realisados na ultima parte d'aquelle periodo, e por grande que se tornasse a força capitalisadora da Inglaterra, não seria de estranhar que alguem receiasse demasias da parte dos que simultaneamente se davam a empresas tão colossaes. Já em 4 de outubro de 1845 o *Economist* inseria um artigo de Wilson em que se indicavam algumas das consequencias funestas que podiam derivar d'ellas. Quasi ao mesmo tempo A. Blaise escrevia na França (*Annuaire pour* 1846, pag. 264): «A importancia das sommas verdadeiramente collossaes que o estabelecimento das novas vias de transporte absorve em todos os estados da velha Europa é motivo para investigar se não é tempo de dar conselhos de prudencia. De certo os caminhos são admiraveis instrumentos de progresso, mas não convem construir de mais ao mesmo tempo; compensarão talvez os fundos empregados n'elles; mas gastem-se unicamente os capitaes disponiveis para não offender pela base os outros ramos de producção; n'uma palavra, não semeiemos todo o nosso trigo, o dos nossos amigos, e o dos nossos visinhos para augmentar a colheita, porque semeiando tudo não teremos pão até ao novo anno.» Na Inglaterra e na França manifestavam-se, pois, os mesmos cuidados pelo futuro, as mesmas desconfianças na solidez do bem estar presente.

Eram porem vozes que se perdiam no seio da geral labutação. Por toda a parte grande actividade. Na immensa maioria dos cidadãos vigorava esperança de lucros enormes. A circulação fiduciaria crescendo, e os emprestimos augmentando, com facilidade, muito mais do que ella. As rendas realisando-se com presteza. O movimento mercantil adquirindo velocidade progressiva. O nivel economico ascendendo, ascendendo sempre até se tornar vertiginoso para aquelles que do alto dos capitaes magicamente accumulados olhavam para o ponto de partida. Os exemplos de grossos haveres, obtidos em breve espaço, attrahiam milhares e milhares de gentes desejosas de praticar um pouco esta alchimica tão provada, ainda que tão egoista as mais das vezes. O anno de 1845 e parte de 1846 foram de continua prosperidade. E que motivos poderiam obstar a que durasse eternamente? Agora o mercado monetario tinha por fiador da sua estabilidade o acto de 1844.

[1] Os calculos de Wilson, que se funda em documentos parlamentares, não estão de accordo com os de Mac Culloch. Tão pouco se harmonisam com qualquer d'elles os apresentados por Laveleye. Todos uniformemente fallam das companhias de caminhos de ferro, como de um dos factos mais importantes da vida economica da Inglaterra nos annos referidos (Vide Wilson—*Capital e circulação*, pag. VI da traducção portugueza do sr. dr. Oliveira e Castro, Rio de Janeiro 1860. Laveleye. *Le marché monétaire et ses crises.* Paris 1865, pag. 31. Mac Culloch *A Dictionary of Commerce*, London 1854, pag. 1092.

Um dia houve o qual pareceu contrariar esta marcha dos negocios: a 16 de outubro de 1845 a taxa do desconto no banco de Idgláterra sobe de 2,5 a 3 por cento; e em 6 de novembro a 3,5. Acaso põe elle em duvida as vantajosas condições do mercado britannico? Seria o artigo do *Economist*, publicado poucos dias antes, que o encheria de apprehensões? O melhor dos estabelecimentos de credito será o primeiro a desacreditar os especuladores sem cuja acção as mercadorias não exprimiriam sommas cada vez mais elevadas? Felizmente a precaução tomada em outubro e novembro de 1845 pareceu já desnecessaria em agosto de 1846; a taxa voltou de novo a 3 por cento. Dir-se-ia que só espiritos timoratos, ou pessoas menos versadas na arte de ganhar commetteriam o erro, o quasi delicto, de erguer a voz contra estes açodados operarios do progresso.

Do mercado monetario e das emprezas constructoras ou fantasiadoras de caminhos de ferro passemos aos campos; n'estas officinas o viço ou a magreza da vegetação quer dizer abundancia, ou escassez, ou fome. Se a terra não produzir em abastança os caminhos de ferro não terão a carga que esperavam, nem as industrias poderão prover-se bem de materias primas; parte das mercadorias feitas para uma sociedade prospera não encontram sufficiente consumo e remuneração em povoações opprimidas pela fome. Ora a terra e os ceus não se tinham inscripto como socios dos projectadores de caminhos de ferro, nem dito aos especuladores os seus planos de trabalho campestre. Chegará talvez um dia em que pela revelação intellectual, que tem por biblia a sciencia, o homem venha a prevêr muito de longe as colheitas como prevê os eclipses; anteverá então o movimento impresso pelas forças evolucionistas da vegetação, como prevê no concerto dos astros o jogo dos raios luminosos; mas na epoca em que escrevemos, e n'aquella de que nos estamos occupando não foram ainda tão longe os conhecimentos humanos. E comtudo a terra tambem entra em planos, para cuja execução concorre o universo; e este universo tem forças enormes; qualquer vegetal não dá fructos, qualquer semente não rasga a terra, sem que a agua, o ar, o calor, a electricidade e a luz tenham formado sociedade com o solo por valores determinados; o capital com que entraram essas forças pode ser menor do que o exigido fatalmente para fabricar um tronco, profundar firmes raizes, alongar vigorosos braços, recortar variadas folhas, e transformal-as em flores e em abundantes fructos. Que as plantações sejam demasiado contundidas pelos ventos; que as correntes electricas as choquem muito, que o sol as não allumie bem, e as não acalente: os productos serão mesquinhos. Assim, vão os homens contando com tal ou qual distribuição do poder do universo pelos differentes lugaras da terra, e de harmonia com essa esperança trabalham tambem; mas phenomenos que se lhes figuram sem valor são bastantes para que saia errado o calculo que fizeram. Por grandes que pareçam as sommas que ha pouco mencionamos como para a feitura dos caminhos de ferro, ellas se tornam pequenissimas, quasi nullas quando as comparamos ás grandes obras que a todo o instante a natureza

desempenha. Poucos exemplos sobejam para amostra dos prodigios em que vivemos, e de que vivemos: é tal o calor que o sol communica á terra e á atmosphera d'ella, durante um anno, que bastaria para elevar a 2.315 graus a temperatura de uma camada d'agua, cuja espessura fosse de um metro, e que involvesse todo o globo terrestre; comparando com outro trabalho, esse callor fundiria uma camada de gelo da espessura de quasi 31 metros, a qual cobrisse toda a terra. Em cada hectare, termo medio, o sol exerce uma acção igual á de 4.163 cavallos de vapor. Seriam precisos 543 billiões de machinas, de 400 cavallos cada uma, trabalhando dia e noite, para produzirem a equivalencia do que a terra obtem pela simples irradiação solar.[1] A força desenvolvida pelo ar e pelo sol para aspirar a agua da superficie da terra, transportal-a até formar nuvens, e reenvial-a ao solo, já ha muitos annos foi calculada em oitocentas vezes o poder hydraulico de toda a Europa.[2] Differenças de temperatura, que mal serão sentidas pelo homem, podem tornar as colheitas boas ou más, porque taes alterações, quando sommados seus effeitos, representam grande quantidade de fructos. Succede como aconteceria se muitos operarios fossem acommetidos subitamente de doença, e não podessem trabalhar, ou fossem obrigados a produzir menos. De certo as forças de natureza continuam incessantemente sua tarefa gigantesca; mas a distribuição d'ellas faz-se por differente modo; preparam obras de maior vulto no futuro, proseguem seus fins por caminhos que o homem não conhece previamente; mas certo é que desviando-se da orbita ordinaria, e variando as producções, pódem causar a miseria e a morte de milhares, ou de milhões de individuos.

Se as provisões são abundantes, se é grande a riqueza accumulada, a escassez de uma colheita será talvez combatida tão facilmente, que a ninguem cause grave damno. Se faltarem productos de uma especie, recorrer-se-ha aos outros; e como na hypothese estabelecida o consummo costuma ser grande, bastará economisar pouco para que a miseria e a fome se não aproximem. Que a terra seja extremamente avara durante um anno; essa avareza será ficticia, porque a terra, como boa mãe, só procederá de tal modo para espalhar pela sociedade muito maiores bens nos annos seguintes; e emquanto a abundancia não volta, o armazenado basta para o que é indispensavelmente necessario.

Ora a Gran-Bretanha apezar de todos os seus haveres tem muitos cidadãos pobres e até famintos; uma grande extensão de seus dominios europeus, a Irlanda podia dizer-se região da pobreza; não só da pobreza, mas tambem da miseria, e da fome. Assim o quizeram revoluções politicas, apezar das formosas condições em que a puzera a natureza. Nem avultadas economias, nem producções variadas, permittiam substituir facilmente uma a outra especie de alimentação. A existencia do ho-

[1] Flammarion — *L'atmosphere.*

[2] *Geographie physique de la mer par* Maury. — Tr. de Terquem pag. 98 2.eme edition.

mem era mal assegurada pelo trabalho. O salario descia a minimos incriveis; é verdade que subiam a grande numero os cultivadores rendeiros; mas os fructos da terra nem sempre deixavam livre o indispensavel para a alimentação de uma familia, e fóra das tarefas agricolas no solo que arrendara, pouco podia ganhar o irlandez: passavam-se mezes sem que houvesse que fazer; e quando havia, o salario variava entre dois e seis *pences;* imagina-se que vida será a sustentada pelos productos que essas quantias podem pagar; mal chegam para a palha a que se atira o corpo avido de repouso e para pão que se converta em pobre sangue, em fracos musculos, e em debil cerebro. A fome tornara-se quasi caracter natural de uma estação, que principiava pouco antes de maio, e acabava com agosto. Sendo assim a economia agricola, a escassez de uma colheita fatalmente importava o sacrificio de muitas vidas; se no tempo da abundancia, o viver dos irlandezes não era prospero, qualquer diminuição dos productos causaria fome. Aggravava este mal o consistir principalmente em batatas a alimentação dos irlandezes; poucos annos depois d'aquelle a que nos referimos, Lavergne calculava assim o valor da producção agricola da Irlanda: trigo, 60 milhões de francos; cevada, 30; linho e jardins, 50; aveia, 150; batatas, 250; productos animaes 26; ao todo 800 milhões de francos. Se houvesse grande escassez de batatas, não haveria a que recorrer para representar *deficit* tão grande; se a escassez d'ellas coïncidisse com a da aveia, o mal seria excessivamente cruel. É verdade que d'outros mercados poderiam ir alli provisões sufficientes, ou que pelo menos affastassem as maiores calamidades; porém a importação suppõe exportação, e a Irlanda era pobrissima; a miseria habilital-a-hia para o auxilio da caridade particular ou para receber uma parte maior da taxa dos pobres, mas não lhe abriria credito nas praças estrangeiras.

Soffrer, mendigar, ou morrer tal era a sorte d'esta infeliz parte da Gran-Bretanha. [1] Reuniram-se então duas infelicidades: grande falta de batatas, e pequena porção de aveia.

[1] As condições economicas da Irlanda constituiram uma das maiores maculas da administração publica da Gran-Bretanha. Buckle cita as seguintes passagens de escriptores inglezes: «I am quite confident, that if the whole yearly earnings of labourers of Ireland were divided by the whole number of labourers the result would be under this sum: *Four pence* aday for the labourers of Ireland.» Inglis *Journey throughout Ireland* in 1834, London 1835, 2.ª ed. t. 2, pg. 300. «A gentleman, with whom I was accidentaly in company (em Balinasloe, condado de Galway) offered to procure on an hour's warning, a couple of hundred labourers at four pence evenfor temporary employment.» Id. pg. 17. O mesmo escriptor diz que em Tralee «it often happens that the labourers, after working in the canal from five in the morning until eleven in the forenoon, are discharged for the day with the pittance of twopence.» Id. I pg. 263. Gustave de Beaumont escreveu assim depois de ter viajado na Irlanda em 1835 «Je vis de mes propres yeux ce que c'est qu'une population entière mourant de faim, épuisée par le jeûne, demandant à grands cris du travail, et réduite à une stérile oisiveté.» «Comme on demandait, en 1832, à l'évêque Doyle, quel était dans l'ouest l'état de la population: Ce qu'il a toujours été, repondit il, on y meurt de faim comme de coutume. En 1817, des fièvres, causées par l'indigence et la faim, atteignirent en

Foi cruel este anno. Em muitos paizes a terra produziu pouco. Houve calor intensissimo em junho, julho e agosto. Em varios lugares da Europa subiu de modo, que a muitas pessoas causou syncopes; e alguns cultivadores chegaram a cair mortos sobre o proprio sulco por elles aberto no solo. Se houve terras que duas vezes produziram centeio n'esse anno, e vinhedos que, apesar de darem pouco, ministraram vinho excellente, a colheita dos cereaes foi má, considerada no conjuncto; e a esta lei geral não pôde esquivar-se a Gran-Bretanha. Os poderes publicos amedrontaram-se; a situação da Irlanda, muito peior agora do que nos annos da fome habitual, inspirou-lhes serios cuidados: era preciso acudir de prompto; votaram-se dez milhões esterlinos para recursos extraordinarios, e deu-se trabalho a centenas de milhares de operarios. Parecia que a natureza, costumada a presencear as seculares e crueis perseguições exercidas pela aristocracia, se tornára tambem cruel, e pretendera desolar aquella mesma ilha, que outrora fôra conhecida por a primeira flôr da terra, e a primeira perola dos mares. Os rendeiros não tinham com que pagar a renda, nem os impostos; a taxa dos pobres subiu em proporção enorme [2]. Estes factos, occorridos na terra escravisada, foram os primeiros a abalar a grandeza ostentada nos mercados da Gran-Bretanha. Aquella planta cujas flôres adornaram outrora a casaca de Luiz XVI e que o engenho feliz de Parmantier soube tornar objecto de moda nas mais aprimoradas mesas parisienses do seu tempo, causou ao commercio britannico em 1846 effeitos mais damnosos do que produziria a derrota de alguma esquadra da rainha dos mares. Se a escassez das batatas na Irlanda fosse o unico mal a combater, talvez bastasse a vencel-o qualquer passageira contracção das transacções; porém a deficiencia da colheita dos cereaes na Inglaterra propriamente dita veiu juntar-se áquella desventura exactamente no periodo em que todos estavam enlevados nos sonhos de felicidade. Segundo Roscher, a importação annual, média de cereaes na Gran-Bretanha havia sido de 2.735.676 quarters em grão, e 870.500 quintaes de farinha no periodo começado com 1839 e fechado com 1845. Em 1847 subiu 12.303.751 quarters, tendo já sido muito grande em 1846. Os pre-

Irlande 1:500:000 individus, dont 65.000 périrent; et l'on a calculé que, en 1826 le vice des aliments occasiona 20:000 maladies.» «L'enquête constate (en 1835) une foule de morts, que la privation d'aliments a seule occasionnées. Ce serait un travail douloureux à faire, que de dépouiller toute cette enquête, qui comprend dix volumes in-folio, dont qulques uns ont plus de neuf cents pages; dont chaque page, chaque ligne, chaque mot, constate une misére irlandaise, et où pourtant toutes les misères de l'Irlande ne sont pas rapportées. Les commissaires constatent qu'il y a en Irlande prés de trois millions d'individus que chaque année sont sujets à tomber dans un denuement absolu: ces trois millions ne sont pas seulement pauvres, ils sont indigents. Outre ces millions de pauvres, il y a encore des millions de malhereux qui ne mourant pas de faim ne sont pas comptés.» — *L'Irlande Sociale, politique et religieuse.* — Paris, 1845, t. I pag. 220 e 221.

[2] Lavergne—*Essai sur l'Econ. rurale de l'Angleterre, de l'Europe et de l'Irlande.* — Paris, 1858, pag. 409 e seg.

ços de algumas especies de cereaes haviam experimentado as seguintes variações medias [1].

	Trigo			Cevada			Aveia		
	l	s	d	l	s	d	l	s	d
1845.....	1	10	10	1	11	8	1	2	6
1846.....	2	14	8	1	12	8	1	3	8
1847.....	3	9	9	2	4	2	1	8	8

Maior preço e menor alimentação, taes eram as consequencias tão cruelmente soffridas pelo povo inglez. O commercio em geral não contava com tantas contrariedades, e os especuladores de acções não haviam pensado muito n'ellas.

Antes de examinarmos por menor as consequencias d'esta perturbação mercantil, observemos como no mercado de Londres se desenvolviam as apprehensões, se passava do simples receio ao pavor. O *Economist* serve-nos perfeitamente para hoje formarmos idéa do que alli se passava. Em 10 de abril de 1847 escrevia Wilson: «Não receiamos uma crise commercial, nem grande abalo no credito. Muito confiamos na immensa energia que este paiz sabe desenvolver nas épocas de difficuldade, como a que visivelmente se approxima; da maior facilidade e economia da producção, das privações individuaes a que os nossos concidadãos se sujeitarão, e dos esforços que fazem para desviar uma desgraça, d'aqui, e só d'aqui, esperamos o lenitivo para as calamidades imminentes, e o restabelecimento da antiga prosperidade.» Principiavam assim as apprehensões; no desejo de prever, oscillava o espirito entre os resultados da energia intelligente e as calamidades que a especulação podia originar. Comtudo, escrevia-se ainda como se houvesse recursos para vencer. A 17 de abril é differente o pensar dos economistas financeiros; dizem que: «apesar de não deverem as classes que se tem directamente limitado ao negocio, receiar uma crise immediata, devem comtudo ir contando com estagnação progressiva no commercio. E de receiar que muitas pessoas envolvidas em negocio tenham grandes perdas por causa da depreciação das acções de estradas de ferro;... podendo resultar facilmente o descredito.» N'este mesmo artigo depois de comparar com o de 1847 o terrivel anno de 1825, Wilson escrevia: «Bem se póde dizer que, succeda o que succeder, nunca as obrigações dos negociantes foram mais limitadas, nem houve jámais menos motivos de descredito.» No 1.º de maio já fallava de crise, e considera atterrador o facto de ser pequena a existencia de cereaes na Gran-Bretanha, e impreterivel a necessidade de grande importação. A 8 de maio: «O estado grave em que o paiz se acha, e o ainda mais grave para que a passos de gigante caminha, a todos impõe o imperioso dever de invidar todos os esforços do espirito para desviar, ou pelo menos attenuar os desastres que nos ameaçam.» «Difficuldades extraordinarias nos acabrunham.»

[1] Mac Culloch. *Obr. cit.* art.: *Corn lacos and corn trade*, pag. 436.

Emquanto as transacções se desenvolviam com vantagem e os projectos de caminhos de ferro circulavam mais velozes do que as locomotivas, arrebatados pelo enthusiasmo da ambição; emquanto a Irlanda se debatia com tantos males, e o commercio era tomado por subito pavor, qual foi o movimento financeiro do banco de Inglaterra? Dizem-nos os balancetes que diminuia velozmente a importancia do dinheiro e barras em cofre, ao passo que augmentaya a dos descontos e adiantamentos. Entre janeiro de 1845 e abril de 1847 ha n'esta ultima verba (descontos, mais adiantamentos) uma differença de 7.200:000 libras, a qual já tinha sido attingida em julho de 1846. O numerario passára de libras 16.400:000 (julho 1845) a 9.200:000 libras (abril de 1847); e a reserva de notas, que é um dos meios que o banco emprega para ir em auxilio do commercio, baixára de 16.400:000 libras (julho 1845) a libras 9.200:000 (abril 1847). Querem dizer estes algarismos que o banco era vivamente sollicitado a descontar, e que já não podia ir muito mais longe nas suas concessões. A diminuição rapida dos meios de acção aconselhava-o a augmentar-lhes o preço; a taxa do desconto subiu a 3,5 em 14 de janeiro de 1847; a 4 em 21 do mesmo mez, e a 5 em 8 d'abril.[1] N'este mez tinham de ser pagos os juros da divida publica; e se o governo muitas vezes ministrava ao banco fundos superabundantes para esse fim, outras houve, e uma d'ellas foi abril de 1847, em que o banco adiantava ao thesouro grossas quantias; por esta occasião mutuou-lhe libras 3.500:000, recebendo *deficient bills* por igual importancia [2], para tornar menos pesado o encargo do emprestimo ao estado, aquelle estabelecimento de credito conservou por mais tempo a taxa de desconto que as circumstancias financeiras do mercado mandavam augmentar. Esta operação impediu-o de continuar prestando os mesmos auxilios ao commercio, para minorar o damno que d'aqui poderia provir, obteve 1.235:000 libras sobre consolidades. Ainda assim, a reserva não cessava de baixar. Forçoso foi diminuir os descontos, isto é, recusar muitas operações propostas por negociantes que n'outras conjuncturas seriam excellentemente recebidas, e alcançariam dinheiro sem a menor hesitação. Apesar de não haver fallencias, o mercado estava sob a pressão de graves apprehensões; maiores foram ellas quando o banco dirigiu uma circular aos seus representantes recommendando-lhes que diminuissem os adiantamentos aos negociantes, e aos banqueiros. De Liverpool vieram deputações rogar ao banco de Inglaterra que suspendesse taes ordens; e emquanto estes pedidos eram submissamente feitos, aquella praça horrorisava-se ao pensar nas consequencias de ser quasi abandonada pela succursal.

[1] Clement Inglar (*Des crises commerciales*) indica a taxa de 5,5 por cento no fim d'abril. Não a encontramos em obras tão importantes como a de Coullet, Wolowski, Gilbart, Wilson e Mac Culloch.

[2] No banco de Inglaterra tem o thesouro da Gran-Bretanha uma conta corrente; quando o credito d'ella não chega para o pagamento dos juros da divida, o thesouro toma dinheiro no banco, dando-lhe letras, que recebem o nome de *deficient bills*.

A direcção do banco era a primeira a querer effectuar muitas operações; mas onde estavam os capitaes disponiveis? Ella propria se lastimava de não ter ha mais tempo indicado ao commercio, pela alta do juro, que a deficiencia de fundos aconselhava toda a prudencia nas transacções; ella reconheceu mais tarde que procedera mal descontando muítas letras a vencer em maio, quando lhe cumpria adiantar dinheiro só até abril, epoca do pagamento dos juros da divida publica, ou recusar desde logo algumas transacções. A penuria foi tal, que em abril nem sempre quiz emprestar sobre letras do thesouro: esta especie de adiantamentos, que no dia 3 importavam 1.460:000 libras, figurava por 363.000 a 24 do mesmo mez. Os descontos, que outrora iam, termo medio, até 95 dias, limitaram-se agora a 60, a 30, e a 10! Os depositos do thesouro que haviam sido 9.900:000 libras em 2 de janeiro, estavam em 2.200:000 no 1.° de maio. É verdade que na repartição emissora havia 9.214:000 libras em dinheiro e barras de metaes preciosos, ao passo que a reserva de notas na repartição bancaria descera a 2.558:000 libras; mas por penosas que fossem as condições do commercio, e vehementes os desejos de soccorrel-o, era vedado ampliar a circulação alem dos limites determinados pelo acto de 1844. E como não faltava quem o tivesse em má conta, chegando a attribuir-lhe os principaes soffrimentos de mercado monetario, fallou-se muito de recorrer ao governo a fim de que suspendesse disposições que tão mal haviam correspondido aos victoriosos defensores do *currency system*. Como as relações com outros povos obrigavam á exportação de numerario, as notas eram frequentemente trocadas no banco; a circulação que fora de 20.031:000 libras em janeiro, desceu a 19.855:000 em abril; mas acreditava-se que teria crescido, se não houvesse obrigação de conservar provisões abundantes de dinheiro metalico nos cofres da repartição emissora; o gabinete, apesar de sollicitado para intervir, confiou no curso dos phenomenos mercantis e recusou-se a acceder aos pedidos de uns, e a acceitar os conselhos d'outros. Os brados adversos á lei de 1844, eram taes que o *Economist* dizia no 1.° de maio: «um escriptor que só pozesse a mira em adquirir popularidade, facilmente conseguiria este fim, unindo o seu ao clamor geral contra a lei bancaria de 1844, e contra a administração do banco de Inglaterra, tornando-as ambas responsaveis por todos os males que estão pesando sobre as classes do commercio.»

Poucos dias depois os embaraços eram menores. Dil-o claramente a seguinte nota apresentada por James Morris, governador do banco de Inglaterra á commissão de inquerito de 1848: «Conforme as obrigações que contrahiramos com as casas bancarias de Liverpool, deviamos descontar-lhes 565.000 libras. A 2 de janeiro o desconto eleva-se a 670.000 havia, portanto, o excesso de 100.000; a 3 de abril tinhamos concedido 1.508.000; a 10 de abril, 1.583.000; a 17 de abril, 1.490.000; a 24 de abril, 1.408.000; no primeiro de maio 1.331.000; e a 8 do mesmo mez 1.411.000. Julgo que n'este momento a consternação havia passado.» E com effeito as transacções pareciam tender de novo para uma

época de prosperidade relativa. A taxa do desconto não subiu; a exportação do numerario affrouxou; uma casa de Liverpool, que havia já carregado uma somma consideravel para os Estados Unidos, preferiu empregal-a na sua patria, não tanto por causa do augmento do juro, como por acreditar que os negocios tornavam a bom caminho.[1] O discurso da corôa, pronunciado a 23 de julho, não se referia a calamidades financeiras. Dir-se-hia que mais uma vez se dissipavam as nuvens que ameaçaram horrivel tempestade.

As condições do commercio eram as seguintes: grandes especulações sobre cereaes, cujo preço ascendêra 20 sh. por *quarter* desde abril até maio; noticias do Havre, d'Anvers e de Dunkerque tinham annunciado tão altas cotações d'esses generos, que algumas casas inglezas exportaram para o continente europeu. Nos ultimos annos, como as vantagens excepcionaes colhidas pelas diversas classes da sociedade, graças ao affan de enriquecer, houvessem provocado avultadas importações; e como a actividade britannica se empregava principalmente em caminhos de ferro, era preciso obter correspondentes meios de pagamento ás praças estrangeiras; mas a colheita do algodão fôra má, os preços haviam subido, e conseguintemente a grande industria ingleza soffreu pela carestia necessaria dos productos que fabricava. A já narrada escassez de alimentos na Irlanda e na Inglaterra avolumava assombrosamente a divida a negociantes estrangeiros. Accrescentemos ainda as sommas indispensaveis á continuação dos caminhos de ferro, e teremos os documentos bastantes para comprehender os perigos que se accumulavam em torno do commercio inglez. Receiosas d'elles, muitas casas suspenderam encommendas que haviam feito, e deixaram de effectuar outras que pouco antes se lhes figuravam lucrativas. Ainda que esta prudente resolução havia de contribuir para afastar as desgraças de longo tempo começadas, seriam excepcionalmente felizes as praças da Grã Bretanha, se depois de tão demasiado especular não viesse o funebre cortejo das fallencias.

Poucos mezes, quasi poucas semanas durou a tranquillidade na esphera mercantil. A exportação do dinheiro renova-se em julho e continua em agosto. Entrado este ultimo mez, o banco eleva a taxa a 5,5; e em 23 de setembro a 6, apesar de ter comprado no estrangeiro, desde fins de abril até julho 1.100.000 libras em numerario e barras; mais tarde, recusa descontos e emprestimos sobre penhores como em abril; em alguns casos transfere titulos de divida publica, afim de que os cessionarios possam obter d'outrem o capital que elle não póde ministrar-lhes. A escassez de recursos obriga a vender consolidados, apesar do preço estar muito baixo. Em 6 de fevereiro de 1847 valiam 91; em 6 de outubro entregavam-se por 84,5; e a 19 alcançavam sómente 79 por

[1] O governador do banco de Inglaterra (proposta n.º 3436) attribue este facto ao «maior valor adquirido pelo dinheiro na Inglaterra.» Talvez que assim seja; é certo que o juro era alto; mas o banco não o elevou a 5,5 senão em 5 de agosto; na praça regulava entre 5 e 6; tendo melhorado o commercio em maio e junho, attribuimos a este facto a resolução da casa de Liverpool.»

cento! Já desde o principio d'este mez havia descontos no banco a 7, e pouco depois a 7,5. Como a conta corrente do Estado punha á disposição do banco uma somma consideravel, tinha-a mutuado ao commercio; mas a prasos muito curtos, porque em outubro havia de pagar-se o juro da divida publica. O numerario que em 14 de agosto ainda importava em 5.706.000 libras, era em 30 de outubro igual a 3.504.000. Um dia pediu 10 por cento á casa Gurney, que precisava de dinheiro a qualquer taxa. Tudo manifestava assim que as principaes praças da Grã Bretanha haviam perdido a solidez que o acto de 1844 pretendêra dar-lhes. De toda a parte se pedia dinheiro ao colossal estabelecimento de credito britannico; algumas supplicas attendeu elle muito alem do que era costume; desde 15 de setembro até 25 de outubro fez adiantamentos e descontos extraordinarios no valor de 2.255.000 libras; e, referindo-nos a um periodo posterior, desde 26 de outubro até 16 de novembro accrescentou essa verba com 950:000 libras.» [1]

Se os factos occorridos no banco já são tão eloquentes que parecem tornar totalmente desnecessaria qualquer investigação minuciosa sobre os desastres commerciaes, muito maior é a impressão que deixa o conhecimento de quanto occorreu nos mercados britannicos em agosto, setembro e outubro de 1847.

Heine escreveu nos *Englische Fragmente*, que tinha visto o que ha de mais notavel entre tudo quanto o mundo póde offerecer ao espirito admirado: uma floresta de casas, e por entre ellas a torrente incessante de vivos rostos humanos com todas suas variegadas paixões, com toda a espantosa precipitação do amor, da fome e do odio; esta maravilhosa floresta chamava-se Londres; e o grande lyrico allemão pedia que não mandassem lá poetas, mas sim um philosopho; «posto a uma esquina de Cheapside, affirmava elle, aprenderá ahi mais do que em todos os livros da ultima feira de Leipzig; e á medida que as ondas humanas mugirem á volta d'elle, erguer-se-lhe-ha um mar de novos pensamentos; o espirito eterno que paira sobre aquella superficie, inspiral-o-ha; manifestar-se-lhe-hão subitamente os mais reconditos mysterios da organisação social, e ouvirá, e verá distinctamente as pulsações do mundo.»

[1] «Uma das casas mais importantes de Londres, cujas obrigações se elevaram a muitos milhões, obteve 150:000 libras para não suspender pagamentos. Sobre sollicitações de muitas pessoas que na City occupam eminente posição, o banco imprestou 120:000 libras á companhia das minas de cobre sobre garantia de assignaturas conhecidas: ao mesmo tempo tomou hypotheca de 270:000 libras sobre propriedades da companhia, para segurança d'este emprestimo, e 150:000 libras já recebidas para garantia d'aquelle. Provou-se então, que sem este auxilio ficariam sem trabalho dez mil pessoas. Emprestou 130:000 libras sobre immoveis a uma grande casa commercial de Londres; 800:000 libras sobre letras de cambio a um importantissimo *Joint Stock Bank* da provincia; 100:000 libras a uma grande casa de commercio de Londres sobre garantias pessoaes; 300:000 libras ao banco real de Liverpool sobre letras de cambio: adiantamento inutil, porque não tendo mais que dar em garantia, o banco suspendeu pagamentos.» (Extrahido do depoimento do governador do banco de Inglaterra em 1848).

Mas para exprimir bem os variadissimos sentimentos da sociedade humana é preciso que alli appareça não sómente a alegria que o dinheiro póde dar, mas tambem o desespero que produz em muitas almas a imprevista queda na miseria; ha de alli encontrar-se a indefinida serie de commoções, desde a angustia mortal da mãe que não tem pão com que produza leite no seio que a faminta creancinha procura em vão, até á saciedade luxuosamente brutal da mulher que na opulencia raro conheceu outros gosos que a satisfação pueril de caprichos loucos; hão de viver ahi o inexcedivel orgulho, e a sordida avareza, bem como a humildade e a dedicação; a honradez inabalavel terá monumentos vivos como o desejo de enriquecer ainda que vendendo a alma. Tudo que é humano, o bem e o mal, terão lá representantes com excellentes caracteres, a ser verdadeira a observação de Henrique Heine.

A esphera de que nos occupamos é a mercantil; não podemos pois verificar quanto nos asseverou de Londres o auctor de *Reisebilder;* porém os acontecimentos que dentro d'ella se realisam devem, nos seus respectivos limites dar-nos tambem idéa de Londres; e a época das calamidades não será certamente menos instructiva que a da formação facil da riquesa, e do contentamento geral. Ao saberem da opulencia da Grã Bretanha, quantas pessoas não cuidam que alli, ao menos durante este seculo, sempre o commercio deu provas de coragem, ainda em face dos acontecimentos mais adversos; que a experiencia e a aptidão natural o constituiram vigoroso de modo que não o perturbam muito os annos de crise; que é exemplarmente circumspecto na divulgação de noticias que possam quebrantar o credito; e finalmente, que, cheio de iniciativa, solidamente convicto dos effeitos esplendorosos da actividade particular, sempre lhe repugna a intervenção do governo, a qual viria a offender a doutrina tão ingleza do *self-governement?* Aproximemo-nos das principaes praças britannicas, e vejamos como ellas corresponderam em 1847 a este juizo superficialmente e ao longe formado. Os jornaes d'esse tempo são para este fim muito mais prestadios que um acervo de estatisticas bancarias, e de exportação a importação de mercadorias.[1]

Em 6 de agosto houve a primeira fallencia; e a 10 de outubro quebrava o corretor Sanderson, o qual havia acceitado muitas letras dos especuladores sobre cereaes. Onze dias depois falliu a casa Reid Irving & C.ª, seguida a pequena distancia por Cockarell & C.ª, Lyalls & C.ª e outras; antes de começar outubro, estes factos agitaram dolorosamente não só Londres, mas tambem Manchester e Liverpool. Em 4 de outubro haveria muitas fallencias, se o banco não adiantasse ao menos um milhão de libras a varias casas que pediam 2.500:000. Os descontos e os adiantamentos eram cada vez mais difficeis. Na cidade ouvia-se anciosamente a noticia de uma entrevista do chanceller do thesouro com os governadores do banco de Inglaterra; e por entre as conversações ácerca da entrevista passavam

[1] Consultámos especialmente a *Independencia Belga*, que publicava todos os dias noticias e observações extrahidas de folhas inglezas.

aterradores as novas sinistras de mais quebras. O *Times* calculou em 4.598.284 libras o passivo das vinte principaes fallencias declaradas desde 10 até 15 de outubro. Já no principio do mez tivera lugar um *meeting* em Birmingham contra a legislação bancaria; de Manchester veiu uma deputação de negociantes sollicitar o auxilio dos poderes publicos n'esta quadra de desastres mercantis. O *Sun* reclamava providencias extraordinarias e dizia que algumas casas experimentavam graves difficuldades apesar de ser o activo d'ellas muito superior ao passivo; poucos dias depois o mesmo jornal se indignava contra os capitalistas, cuja persistencia em recusar auxilio ainda perante as melhores garantias faria crêr «que desejavam com intenção usuraria tirar lucro da crise. Muitos dos nossos negociantes, accrescentava a folha britannica, possuem recursos sobejos, e não merecem ser tratados tão impiedosamente.» O *Globe* pedia larga emissão de papel. Um financeiro distincto aconselhava o governo a emittir cinco milhões de libras em letras do thesouro. Um economista havia proposto notas de uma libra e diminuição do dinheiro em cofre no banco de Inglaterra. De Liverpool escreviam a 8 de outubro que, depois de concessões muito proveitosas feitas aos negociantes pelos estabelecimentos de credito, estes haviam declarado que protestariam sem misericordia as letras não pagas no vencimento. Por toda a parte o commercio tractava de vender, mas com que prejuizos! No banco de Inglaterra a multidão aguardava com impaciencia o pagamento dos juros da divida publica, tal era a necessidade que todos tinham de dinheiro. Algumas companhias constructoras de vias ferreas diminuem consideravelmente os trabalhos. Em varias praças os accionistas d'ellas decidem que se não façam novas chamadas. Poucos dias antes, o *Times*, considerando que essas emprezas teriam de pedir no mez de outubro tres milhões e meio de libras, pedia ao governo que parte d'esta somma fosse applicada ás urgencias do commercio. A industria soffria tambem: numerosas manufacturas diminuiram consideravelmente o trabalho, e algumas baixaram os salarios: os operarios celebraram *meetings*, e não faltaram resoluções de recusar a remuneração proposta. E comtudo quando estes successos se desencadeiavam terrivelmente contra o bem estar da Gran-Bretanha, já não havia necessidade de exportar metaes preciosos para pagamento das importações: a sahida d'elles é certo que foi abundante: calculou-se em perto de 9.000:000 libras o valor da prata e do ouro exportados da Gran-Bretanha; e maior teria sido se não se procurasse vender no estrangeiro muitas mercadorias, e mandar para os Estados-Unidos cerca de 1.000:000 em titulos americanos. Em agosto findára a corrente de sahida, e os jornaes noticiavam a chegada de importantes remessas, quer fossem attrahidas pela alta de juro, quer destinadas ao pagamento de exportações; d'harmonia com este facto estava a transformação do cambio, que se tornára favoravel; mas, apezar d'isto, o mercado era ainda tempestuoso, e o panico era geral. A rasão perdera todo o seu poder, conforme disse mais tarde o governador do banco de Inglaterra. Cada dia, escrevia um jornal, traz comsigo alguma complicação nova que põe em perigo as mais

solidas casas, cujos recursos não são, porém, immediatamente realisaveis.

N'esse tempo até se estranhava o não haver noticia de mais alguma fallencia; mas esta agradavel estranheza passava como o sol do mesmo dia, e não era facil achar meio debellador da gravissima doença que vexava e torturava tantos ramos de trabalho. Os mais preclaros espiritos mal podiam conservar tranquillidade completa em face de tão estrondosa ruina. Robert Peel, o ministro de 1844, o defensor do *currency system*, deplorava a inefficacia da sua obra; embora no banquete, que o lord maire de Liverpool lhe offerecera em 14 de outubro, fizesse em *toast* os mais sinceros protestos de vehemente desejo de minorar os soffrimentos do commercio, não lhe era dado realisal-o apezar de seu poder politico. Em vez de obedecer á vontade do grande ministro, a situação peiorou. A 14 de outubro espalhava-se a noticia da suspensão de pagamentos do banco de Liverpool; e a curtos intervallos sabia-se que succedera o mesmo ao banco de New Castle, assim como que fallira outro de Abington. Sobre modo atterrados, e cuidando que não havia lugar seguro no commercio, o inglez, o defensor do *self-government* volta-se com persistentes instancias para o poder executivo, e requer o auxilio d'elle; a deputação de commerciantes pede a lord Russell simples soccorro temporario. «Os productos de todas as especies, dizia ella, não se vendem senão á custa de grandes sacrificios, que devem pouco a pouco determinar a ruina dos negociantes. As encommendas do exterior não podem ser satisfeitas pela impossibilidade de converter em numerario os saques sobre o estrangeiro. Um adiantamento temporario feito pelo governo restauraria o credito, e entrariam de novo na circulação capitaes improductivos.» Assim, as praças mais poderosas se inclinavam perante o thesouro; os opulentos da vespera, os filhos queridos da fortuna leviana, confessavam a sua decadencia, tremiam de pensar na ruina provavel, e pediam um soccorro, que não podia vir senão do imposto, que era pago por todas as classes da sociedade. Que faria o governo? Sobre isto se discutia com o maximo interesse, quasi com desesperada impaciencia, quando o gabinete inglez dirigiu ao banco de Inglaterra um officio datado de 23 de outubro recommendando aos directores que augmentassem a importancia dos descontos e adiantamentos com boas garantias, devendo exigir juro não inferior a oito por cento. Ainda quando fosse preciso violar as disposições da lei de 1844, o governo pediria ás camaras na proxima sessão um *bill* de indemnidade; com pesar escreviam os ministros esta parte do officio; mas não se havendo o credito restabelecido pelo curso ordinario das transacções, elle julgava chegado o momento de intervir. O mercado esperava mais do gabinete inglez; mas se não ficou totalmente satisfeito, principiou a cobrar animo; aquelle mesmo povo, que é proverbialmente considerado como sincero e convicto venerador da lei ainda que seja necessario sacrificar-lhe grandes interesses, recebia alegre a nova de um acto irregular, e que pareceu desnecessario, porque o banco não usou da auctorisação dada pelo governo. Se ainda houve fallencias, e os preços hesitaram mais de

uma vez em subir, do ceu inglez desappareceram algumas pesadas nuvens, e já se contava com bonança.

Más antes de chegar a esse estado relativamente venturoso, quantos prejuizos! quantos vexames da sorte; quantas illusões longo tempo alimentadas e momentaneamente desfeitas! quão vastas ruinas! que rapidas e tão amplas oscillações! O preço do trigo, que chegára a 120 *shellings* o *quarter* baixou em poucos mezes a 60; a colheita de 1847 foi muito melhor do que a suppozera nos seus calculos o especulador de cereaes. Segundo uma nota apresentada á commissão de inquerito de 1848, equivaleu a 112.000:000 libras a perda soffrida em acções de caminhos de ferro e canaes e em fundos publicos, ou 114.752:222, segundo outra nota referida 23 d'outubro. A diminuição de productos da industria algodoeira foi calculada como igual á importancia do commercio de algodão em toda a Inglaterra no anno de 1825. Apezar das esperanças bem fundadas na melhor colheita, milhares e milhares de operarios não tinham trabalho. Durante o mez de outubro, as noticias de Irlanda continuaram a ser horrorosas; só a Liverpool chegaram milhares de pobres, que a fome expulsára d'aquella ilha. N'uma só parochia, oitocentas familias tinham por unico meio de alcançar alimentos ir aos campos outrora cobertos de batatas esquadrinhar avidamente o solo e extrahir d'elle alguns tuberculos por acaso deixados lá. Viam-se bandos de centenas de pessoas em competencia n'esta luta desesperada com o mundo exterior. Uns morriam, outros arrastavam penosamente a vida, outros abandonavam a patria que lhes dava espinhos em troca de seu fadigoso trabalho. Se o augmento da população tinha inspirado serios cuidados á Inglaterra, causava-lhe agora espanto o rapido decrescimento; os irlandezes haviam supportado grandes perseguições politicas; viviam offendidos nos interesses, e nas crenças; mas soffriam corajosamente: a decadencia economica, a fome de 1846, pôde mais do que alguns seculos de oppressão: o numero de habitantes era 8.222:664 em 1841; em 1846, orçava por 8.300:000; e em 1851 baixava 6.623:982; os emigrados foram quasi um milhão desde 1846 até 1851; os restantes 676:018 representam o excesso dos obitos sobre os nascimentos. [1] Tão grande e extraordinaria sahida de irlandezes tomou o nome expressivo de Exodo; expressivo em quanto á multidão que procurava outras terras; inexacto, e falso, emquanto ás condições dos expatriados; os filhos de Israel castigavam em nome de Jehovah os dominadores do Egypto; e antes da partida, o anjo exterminador levou a morte a todas as casas, poupando só as que tinham a cruz de sangue do cordeiro paschal; ao voltarem costas a Rhamesses, já os guiava a luz do ceu, já os dirigia o futuro legislador do Cinai; os irlandezes partiam desprovidos de tudo, preseguidos por sorte cruel, vencidos na lucta com os homens, e na batalha com a terra. Aquelles eram

[1] Os dados estatisticos apresentados por Karl Marx — (*Das Kapital*—rweite auf. — 730) não concordam inteiramente com os de Duval (*Histoire de l'Emigration* — Paris — 1862 — pag. 19).

o povo escolhido; estes... *nur armer Teufel*, na phrase amargamente ironica de Carlos Marx. Passaram principalmente á America, donde na patria haviam ao menos recebido constantemente o calor benefico do *Gulf-Stream*, esse gigante das correntes maritimas, que antes de se lançar no oceano arctico, erguia a temperatura do solo irlandez, e lhe dava assim «o aspecto de esmeralda dos mares.»

Em todos os lugares da Gran-Bretanha encontramos symptomas evidentes de extraordinario mal estar; á confiança extrema nas transacções succedeu o desanimo, os preços alteraram tanto do que foram que os grandes lucros viéram a dar em prejuizos enormes. A sociedade ingleza quiz em poucos annos realizar o que só cabia ao trabalho perseverante, socegado, razoavel, e até alegre de periodo muito mais longo. A ambição offuscou o entendimento. Cuidando tornar-se verdadeiro senhor das riquezas, o commercio veio a ser escravo de condições materiaes que na fascinação do capital apparentemente progressivo o não impressionaram senão muito tarde. N'estes devaneios de ambiciosos ha um pouco de loucura; porisso a extrema pressa com que os projectos de caminhos de ferro se succediam uns aos outros deu causa a dizer-se *Railway Mania*; e n'estes planos maculava não raras vezes a alma; esquece longo tempo a formosura do ceu quem só busca thesouros da terra [1] Como já vimos, importavam em cerca de 300 milhões de libras os projectos de vias ferreas approvadas pela parlamento. Suppondo, conforme os calculos de Wilson e Porter, que a economia annual da Inglaterra orçava nessa epoca por 60 milhões, só em cinco annos podiam estar concluidas taes obras suppondo que nenhuma parte do novo capital se destinasse a novas industrias, ou não se immobilisasse n'outros caminhos já planeados ainda que as novas communicações dessem muito maior facilidade ao transporte dos productos, e estimulassem á formação progressiva de valores, nunca se poderia esperar que tantas emprezas encontrassem logo mercadorias e passageiros sufficientes para remunerarem os fundos sociaes. Que razão havia, pois, para a alta notada com a maxima alteração nos preços das acções? a superabundante importação de algumas especies de mercadorias, a falta de productos com que saldar contas de credores estrangei-

[1] The summer and autumn of 1845 and the earlier portion of 1846 witnessed the rise and development of a most gigantic rail waay speculation or mania. Most branches of industry were in a more than ordinarily prosperons condition ; and large dividends (whether really dirived from profits is questionable) being payed by some of the principal lines, their stock rapidly rose to a high price. These circunstances inflamed the cupidity of the public, who began to imagine that speculation in railway shares afforded the shortest and easiest means of acquiring wealth... Such was the disposition of the public to take *omne incognitum promagnifico* that shares in those swindling devices were greedily bought up at high premiums, which, of course, went into the pockets of the members of parliament, attorneys, and engineers, by whom the traps had been seat, and the hooks baited. It is difficult to imagine any more disgraceful exhibition of fraud and quakery ont he one part, and folly and voracity on the other than was disployed by the manufacturers and layers of railway shares. (Mac Culloch, Ob. cit.)

ros, o desordenado emprego de grossos capitaes em companhias que desde logo não podiam dar bons dividendos, e a carestia louca de papeis que haviam de ser objecto da mais cruel decepção dos possuidores, — eis ahi phenomenos economicos bastantes a formar um meio excellentemente acomodado á producção da crise. As más colheitas apressaram a marcha do desenvolvimento d'ella, assim como pouco depois a abundancia relativa de cereaes a aggravava em parte, embora n'outra parte servisse tambem para minoral-a.

II

Os factos observados nos mercados inglezes em 1847 foram analogos aos occorridos reiteradamente no presente seculo nas praças mais importantes da Europa e da America. As origens das crises tem apparencias diversas; a sciencia, da mesma sorte que a linguagem vulgar, conhece-as por nomes differentes; mas ao travez do apparato dos soffrimentos descobrem-se analogias importantes, e até identidade na essencia. A historia das crises tomaria grossos volumes, se houvesse de narrar por menor quanto lhes respeita: só os dados estatisticos encheriam milhares de paginas talvez. Ao nosso proposito basta uma revista concisa d'essas perturbações mercantis, que em geral foram sentidas simultaneamente, ou a pequenos intervallos, nas praças mais consideradas pelo vulto das transacções. Alguns economistas estudaram com especialidade a Inglaterra, a França, e os Estados-Unidos; servindo-nos de alguns de seus trabalhos scientificos indicaremos rapidamente os factos principaes das crises do commercio occorridas n'este seculo:

Periodo de 1801 *a* 1803. A paz de Amiens causou o desenvolvimento do commercio; a producção do solo auxiliara generosamente; mas essa paz foi quebrada em maio de 1803; as transacções não podem continuar do mesmo modo. O banco de França é obrigado a suspender os pagamentos em dinheiro; a guerra importa enormes despezas e destroe grandes valores. A crise foi um dos resultados da lucta em que de novo entrou a Europa.

Periodo de 1806-1810 — Mas se o bloqueio continental e as marchas dos exercitos e as batalhas estorvavam, e muitas vezes tornavam impossiveis os trabalhos que só costumam prosperar na paz, os novos mercados da America hespanhola e do Brazil offereciam vasto campo á actividade dos europeus; d'aqui se originou forte corrente de productos, porem da má colheita de 1809 e os pagamentos de subvenção da Gran-Bretanha a varias potencias resultou falta de numerario n'aquelle paiz; o governo teve de fazer emprestimos a particulares; a especulação nas expedições para a America attingiu as proporções da loucura [1]; as praças

[1] «On alla jusqu'à envoyer une cargaison de patins à des pays qui ignoraient ce que c'est que la neige et la glace; et la colonie de Sydney reçut assez de sel d'Epsom pour faire purger tous les habitants pendant cinquante ans une fois par semaine». (Laveleye. Obr. cit. pag. 10.)

mais importantes das antigas colonias portuguezas e hespanholas receberam mais mercadorias dentro de poucas semanas do que costumavam gastar em vinte annos. Na França o governo deixou de cumprir as promessas feitas ao banco; a reserva desceu a proporções minimas; o praso do desconto foi reduzido; a crise rebentou.

Periodo de 1810 *a* 1818. Passado algum tempo, a actividade renasce. O alto preço dos cereaes, porque as colheitas eram pessimas, dirige a especulação para a compra de terras; nos mercados inglezes o trigo é cotado de 156 a 180 *sh.* em agosto de 1811. As victorias dos exercitos alliados, e mais tarde a paz secundam o impulso dado ao commercio, á industria, e á agricultura. Se a Gran-Bretanha tem de gastar muito com a guerra, o aperfeiçoamento industrial devido á introducção de varias machinas parecia compensar todo o prejuizo; os capitaes inglezes, não satisfeitos com as operações nacionaes, lançam-se em emprestimos á França, Russia e Austria; mas a grande importação de cereaes no outomno de 1817, e em todo o anno de 1818 obriga a fortes remessas de numerario: os cambios são, pois, desfavoraveis ao mesmo tempo o banco de Inglaterra havia augmentado os emprestimos ao governo e os bancos particulares tinham accrescentado muito as emissões. Nos Estados-Unidos multiplicam-se os bancos, pagam-se as despezas da guerra com a Gran-Bretanha; realisam-se grandes compras de mercadorias; o papel circula com facilidade, os descontos crescem rapidamente; e só muito tarde se comprehende que é impossivel manter sempre taes proporções no commercio. A França procura readquirir na paz a posição que perdera na guerra; mas as relações do estado com o banco, e os avultados emprestimos contrariam esta tentatativa. De 1813 a 1816 já uma crise havia devastado a França, os Estados-Unidos [1] e a Inglaterra: algumas variações de preço mostram quanto mudaram as circumstancias do mercado britannico: a cotações do café, assucar, algodão, cobre, chumbo e estanho eram designada pelos seguintes numeros, referidos a *shellings*:

Em 1813..... 118 — 110 — 2 — 140 — 33 — 174.
Em 1816..... 77 — 44 — 1 — 85 — 18 — 102.

Nos Estados Unidos o banco nacional dilata insensatamente as operações; com o capital de 2 milhões de dollars consegue recursos para descontar 43, além de 12 que adianta sobre fundos publicos; immobiliza em titulos sommas valiosas; procura manter-se n'esta perigosa situação; recorre a varios meios, e emfim diminua rapidamente o desconto; as transacções que esperavam alcançar capital no banco sentiram-se abala-

[1] Segundo a commissão do senado dos Estados-Unidos, a causa da crise de 1814 foi o abuso do negocio bancario, e a especulação sobre as acções. Os directores dos bancos accusavam a seu turno o bloqueio dos portos. Os emprestimos por causa da guerra, adiantados quasi totalmente por Nova York, Philadelphia e Baltimore, deviam tambem contribuir para a crise. (Vide Cl. Juglar obr. cit. pag. 102).

das; foi o primeiro signal do descredito; no meio da apparencia de grossos haveres, e na ostentação do luxo, a crise rompe em 1818. «Ninguem queria fallir com menos de 100:000 dollars. Citava-se como prodigalidade uma sala que havia custado 40.000 dollars, e a adega de um fallido avaliada em 7.000!»

Periodo de 1818 *a* 1826. N'esta época não cessa a avidez de ganhar em acções de bancos, emprestimos publicos, sociedades de mineração, etc. Exercitam-se na conquista do ouro as gigantescas forças que poucos annos antes se haviam afamado nos campos de batalha; impelle-as o mesmo ardor; e no enthusiasmo do egoismo esperam ao menos que a paz permittirá a todos alcançar vantagens, embora uns as consigam muito maiores do que os outros. O reconhecimento da independencia das nações americanas é seguida pela copiosa emissão de emprestimos publicos; os estados do continente europeu imitam n'isto os povos d'alem mar; a este fim destina a Inglaterra 18:180.000 libras desde 1821 até 1825. Dos jazigos mineraes da America escrevem-se contos de fadas; e para colher um pouco de ouro que elles quasi dão, todos querem associar-se. Acções com o desembolso de 10 libras vendiam-se em dezembro de 1824 por 158, 166, e 182, segundo o nome das companhias: uma, cujas acções ainda representavam sómente 10 libras teve-as cotadas e bem recebidas por 1.350! [1] Em poucos mezes os consolidados subiram de 73 a 96. Muitas mercadorias alcançaram 30 a 100 por cento mais que habitualmente; e comtudo os depositos estavam cheios, e o consumo era avultado, porque todos se julgavam muito ricos; a fraca importação de 1824 havia concorrido para a alta dos preços; o valor da terra tambem cresceu muito; mas esta riquesa da superficie da sociedade não tinha por base trabalho correspondente; era natural e inevitavel que não fosse duradoura: e assim succedeu quando se patenteou a insensatez de tanta mercancia: os projectos do Panama e de Buenos Ayres desappareceram ao primeiro clarão do bom senso; a reacção foi como nunca se tinha visto; ainda hoje dura a memoria d'esse tempo, e se falla d'elle quando se quer indicar um periodo cheio de desastres que deixam apoz si profundos vestigios. No banco de Inglaterra diminue o dinheiro em caixa até quasi não haver mais. Os estabelecimentos de credito, depois de terem feito vastas operações, não poderam manter-se por muito tempo, e suspenderam pagamentos. A este tempo já o banco de Inglaterra procurava augmentar o numerario. Banqueiros de Paris, por intervenção de Rotschild, emprestam-lhe 300:000 libras. Algum dinheiro começa a vir de

[1] «As mais irreflectidas empresas achavam accionistas credulos. Estabeleceu se uma sociedade para cortar o isthmo de Panama, cuja configuração ainda não era conhecida; outra para pescar perolas na costa da Colombia, outra finalmente para fazer manteiga com o leite das vaccas dos pampas de Buenos Ayres e multiplicar as gallinhas, cujos ovos seriam enviados ao mercado de Londres. Como não era preciso entrar com mais de 5 ou 10 por cento das sommas subscriptas, parecia facil ganhar muito expondo muito pouco.»

(Laveley. Obr. cit. 16.)

França e da Hollanda; mas já a crise era inevitavel; quaesquer que fossem as remessas do continente, as transacções feitas na esperança de preços muito superiores aos que as forças do mercado permittiam, necessariamente haviam de causar numerosas fallencias; as casas mais solidas, como as mais fracas, tiveram de supportar as consequencias dos credores receiosos da perda dos haveres d'elles; os depositos foram vivamente reclamados aos bancos. Nos Estados Unidos as instituições de credito e as sociedades anonymas surgem por toda a parte; sobe a alto grau a febre de negociar; a prosperidade da Inglaterra augmenta a actividade mercantil da joven republica, da mesma sorte que a reacção no mercado inglez se reflecte sinistramente além-mar. As fallencias succedem-se. O desconto de notas chega em alguns logares a 50 por cento. A França, do mesmo modo que as duas nações de que temos fallado, augmentou muito a industria, e o commercio, mas soffreu tambem muito.

Periodo de 1826 *a* 1847. N'este periodo encontramos, como nos antecedentes, dias de abatimento causado pela infelicidade que ha pouco narramos; dias de energico labotar em que a lembrança do passado parece perdida, em que só a confiança no futuro parece inabalavel; e dias de subito declinar em que os valores experimentam rapidas alterações. Na Inglaterra, a boa colheita de 1832 anima a industria e o commercio. Fazem-se emprestimos, negoceia-se muito em fundos publicos estrangeiros, e exporta-se muito ouro para os Estados Unidos que serve de augmentar alli a circulação metallica e diminuir a de papel. Fundam-se muitos *Joint-stock-banks* emissores de notas. Construem-se e planisam-se caminhos de ferro em grande escala, e exploram-se minas. Á exportação do ouro para a America, e aos progressos mercantil e industrial succedem a quasi completa desapparição da reserva metallica do banco de Inglaterra, a desharmonia entre as compras para revender e as necessidades do consumo, a grande baixa dos preços, e as fallencias; n'este resultado teve grande parte a má colheita de 1838, que obrigou a importar muito trigo. O proprio banco de Inglaterra pede auxilio ao de França que lhe empresta 2 milhões de libras. Convem saber que a Russia e a Suecia haviam pouco antes retirado de Londres grossas sommas. Nos Estados Unidos augmentou muito a circulação fiduciaria; depois de embaraços relativamente pequenos, o ouro abunda, as transacções progridem, mas nem todas são bem planeadas; pelo contrario a especulação não encontra limites; a compra de terras eleva consideravelmente o preço d'ellas; o luxo toma as proporções da immoralidade; os projectos de empresas superabundam; procuram-se capitaes na Europa; o juro sobe; os planos não podem realisar-se; os preços descem, depois de ter a importação de 1839 excedido 30:000 dollars a do anno antecedente. As especulações sobre algodão feitas pelo director do banco dos Estados Unidos são um dos factos mais notaveis d'este periodo. As fallencias desde 1837 até 1839 foram trinta mil, que causaram a perda de 440.000.000 dollards. Na França as perturbações commerciaes estiveram a grande distancia d'estes assombrosos desconcertos da rasão humana. Apesar dos acontecimentos politi-

cos de 1830, das operações financeiras, e da especulação em minas, o abalo foi relativamente pequeno.

Já nos occupamos da crise de 1847; basta accrescentar que se observaram na França factos analogos aos que vimos na Inglaterra; mas os prejuisos foram muito menores. Os Estados Unidos soffreram menos do que o velho mundo.

Periodo de 1847 *a* 1857. N'esta época sobresaem alguns phenomenos que deviam influir fortemente em todos os ramos de trabalho; as minas de ouro produzem como nunca; a França levanta o grito revolucionario, que abate um throno e faz tremer os reis; o fervor liberal e a devoção republicana, ainda sem forças nem sciencia para conhecer e amar a verdadeira democracia, desfallecem ao golpe de estado que vibrara o antigo defensor da republica; mais tarde o occidente envia exercitos ao Oriente: catholicos, protestantes, e musulmanos marcham contra a Russia sem que a sinceridade do affecto politico repugne á sinceridade da crença religiosa. É por entre estes successos que o commercio ora retrocede, ora pára, ora caminha a passos tão largos, e tão apressados, que forçoso é cahir de cançado. Na Inglaterra, na França e nos Estados-Unidos a avidez da riqueza não quer ser menos pertinaz e menos temeraria que a das épocas antecedentes. Na França os emprestimos publicos são rapidamente cobertos; as subscripções ultrapassam muito as sommas pedidas. Os depositos de mercadorias em 1857 excedem o dobro do que eram em 1855, e os preços sobem. Durante quasi todo esse periodo os cereaes são caros.

Pouco depois os valores decrescem e originam desfalques do activo bastantes para determinarem a insolvencia. Nos Estados Unidos os bancos empregam mal os depositos que elles proprios haviam procurado attrahir em grande escala; quando os depositantes os sollicitaram, foi impossivel restituil-os integralmente. Os bancos eram 691 em 1843 e 1416 em 1857; o capital subiu sómente de 218 a 370 milhões de dollars. A boa producção de cereaes em 1856 ministrou recursos para compra de muitas mercadorias na Europa. Tudo parecia facilitar as despezas; mas em 1857 o velho mundo não precisou tanto dos productos agricolas d'alem do Atlantico; esta circumstancia, unida ás que deixamos indicadas operaram o retrocesso mercantil, condemnação de tantos erros, entre os quaes a prodigalidade não era o menor. [1] Muitas fabricas se fecharam e numerosos bancos suspenderam pagamentos. A Inglaterra empregou avultados capitaes nos Estados Unidos, e as exportações augmentaram a olhos vistos; no continente havia necessidade de numerario; o juro subia; ao mesmo tempo era preciso mandar prata para a India; a Irlanda e a Russia retiraram capitaes da Inglaterra; os feitos d'armas no Oriente haviam exigido a despeza de 32.000:000 libras. O abuso do credito manifestou-se principalmente com lettras de favor ou *saques no ar;* assim se man-

[1] «Em 1857, diz Laveley, só a toilette das senhoras exigiu a importação de mercadorias europeas no valor de 200 milhões de francos.»

teve por algum tempo a alta dos preços; pouco depois o sumptuoso edificio erguido na arcia cahia em pedaços. Foi então que pela segnnda vez o governo teve de suspender o acto de 1844; o officio de Palmestron e Lewis tem a data de 12 de novembro de 1847; d'este dia até ao 1.º de dezembro, o banco mutuou por descontos e adiantamentos 12.645:000 libras, a cifra marcada pelo acto de 1844 foi excedida em 928.000 libras; a taxa minima do desconto havia subido a 10 por cento em 10 de novembro.

Periodo de 1858 *a* 1864. Os acontecimentos politicos da America em 1860 obrigam a diminuir a importação de productos inglezes em 1861 e a realisar as dividas passivas do commercio britannico; o ouro vae para os Estados Unidos; as transacções affrouxam; a França tambem se resente d'aquelles factos. Os dois bancos mais notaveis de Paris e Londres elevam o juro. A Gran-Bretanha precisa remetter dinheiro para manter o commercio da China, e effectuar obras publicas na India; a taxa do desconto sobe a 8, o dinheiro affluc da Allemanha e da Irlanda; mas quaesquer que sejam os soccorros vindos d'essas nações e os esforços feitos para substituir o algodão que não pode vir dos Estados Unidos, a carestia d'esta materia prima diminue o consummo a ponto de milhares de operarios ficarem sem trabalho; se a libra de algodão, que valia pouco mais de 7 dinheiros em 1860 passou a valer mais de 27 em 1862, o trabalho que o toma por materia prima deixou de ser tão procurado, e parte d'elle augmentou as fileiras do pauperismo, ao passo que milhões de libras esterlinas foram ganhas por alguns especuladores de Liverpool. A crise não surgiu com o mesmo subito que em 1825 em 1847. Houve a principio uma doença que, desenvolvendo-se pouco a pouco, parecia diminuida em 1862, e já acabada em principios de 1863; com effeito a actividade mercantil voltava com toda a sua energia assim na Inglaterra, como na França, apezar d'esta ultima nação ter soffrido os effeitos da má colheita de 1862. Emquanto a grande republica americana, sustentava uma guerra que teria abatido os mais poderosos povos da Europa, os mercados do velho mundo, depois de obtidas do levante algumas provisões de algodão, instituiram muitas companhias; e a Gran-Bretanha facilitava esta tendencia com a lei das sociedades de responsabilidade limitada. Como dizia o *Economist*, grande parte do capital disponivel fora absorvido por surprezas na Gran-Bretanha, e no estrangeiro assim como por emprestimos publicos, ao mesmo tempo que o commercio do oriente reclamava sommas extraordinarias em prata. Ainda mais uma vez se ergueu a taxa do desconto para attrahir capitaes; mas outras nações o reclamaram tambem pelo mesmo modo. O juro chegou a nove por cento. Algumas casas precisam de liquidar. A crise pareceu menos intensa que as outras de que havemos fallado, e o mercado europeu depressa retoma os habitos da especulação.

Em 1866 mais uma vez o commercio de Londres foi tomado de repentino panico ao suspender pagamentos a casa Greend & C.ª, cujo credito era firmado nas melhores relações em todo o mundo mercantil; po-

rém a imprudencia no emprego de depositos coincidiu com a perturbação do trafico de algodão ao findar a guerra dos Estados-Unidos. Como a prosperidade parecia grande, e os progressos muito seguros; como o uso de cheques é geral em Londres, grande foi o pavor ao saber-se d'aquella suspensão; aos observadores circumspectos não era desconhecida a significação das variações do movimento economico do banco de Inglaterra, e das difficuldades que ia encontrando a circulação de outros estabelecimentos bancarios. Os descontos n'aquelle banco subiram desmesuradamente; quando se espalhou aquella terrivel nova, todos receiaram muitas fallencias; o cheque perdeu a melhor parte do seu credito; os banqueiros recorreram ao banco de Inglaterra; mas a lei de 1844 estorvava os directores de levar mais longe o auxilio; o governo mais uma vez permittiu ao banco violar o celebre acto de Robert Peel; e no publico restabeleceu-se pouco a pouco o animo ao ver que o banco podia manter as casas cujo activo assegurasse o pagamento de quantias mutuadas. As palavras *black friday*, ou *sexta feira negra*, foram a denominação dada áquelle dia em que o descredito da casa Gurney surprehendeu Londres. A 12 de maio o ministro dos negocios estrangeiros da Gran-Bretanha expediu uma circular aos representantes d'ella junto das outras nações ordenando áquelles que fizessem saber a não existencia de motivo rasoavel para longa duração do panico; o ministro chamava-lhe crise monetaria, porque em verdade parecia ter só por causa a diminuição do meio circulante. Accrescentava, porém: «Longa prosperidade no negocio, e a consequente riqueza geral produziram os resultados ordinarios animando as especulações, principalmente as de caracter financeiro, e fortalecendo as esperanças de adquirir riqueza por meios mais rapidos que os offerecidos pelos methodos ordinarios do commercio.» Alludia tambem ao estado politico do continente; e com effeito apoz os preparativos bellicosos veiu a guerra austro-prussiana. As outras praças da Europa e as da America pouco sentiram os effeitos d'esta tormenta; é muito para notar que a França conservou a taxa do desconto entre 3 e 4 ao passo que o banco da Inglaterra precisou eleval-a a 10 por cento.

Escripta a historia da crise de 1847, e dados os principaes traços quer das que a precederam, quer das que vieram mais tarde, resta-nos examinal-as no conjuncto, a expor a theoria que ligue n'um só corpo de doutrina a variedade dos phenomenos que as constituiram. Estarão por isso reunidos já os elementos indispensaveis a este valioso trabalho scientifico? Um exemplo basta a mostrar-nos que é facil enganarem-se os que munidos de alguns dados estatisticos tentam explicar com precisão as crises commerciaes: esse exemplo está na historia do acto de 1844 e da crise de 1847; de proposito abrimos este artigo com a exposição das doutrinas do *currency-system*, porque ellas encerram uma theoria das perturbações commerciaes, que foi desmentida, não em controversias academicas, mas sim pela natureza: os desastres mercantis de 1847 responderam á confiança de Robert Peel na reserva metallica do banco de Inglaterra; e comtudo não faltaram factos a invocar em seu fa-

vor para fazer crer que o mercado ficaria assente em bases tam solidas que muito difficilmente se renovariam os infortunios cuja memoria ainda tanto impressionava os opulentos mercadores britanicos. Quando nos occupámos da crise de 1847 dissemos com minudencia relativa as condições economicas da Irlanda, apezar de não pertencerem áquella ilha as principaes praças, nem ter havido alli maiores desastres mercantis; pareceu-nos, porem, que a exacta comprehensão dos phenomenos cujo estudo nos propozemos necessitava o conhecimento do meio e que a scena de destruição ia passar-se. Dado outro estado social é possivel que ou a crise não sobreviesse, ou que mal se fizesse sentir. A historia de todas as grandes calamidades commerciaes deveria ser acompanhada do exame por menor do que é o solo agitado que ellas devastam; e para nos erguermos até onde nos fosse dado conhecer suas causas, teriamos de medir primeiro todas as forças que de mais perto influem no mercado. A intima relação do commercio com a industria e a agricultura nos diz que naquelle ramo de trabalho hão de repercutir-se os effeitos observados na esphera d'estes dois.

Se das mercadorias erguemos nossos olhares aos mercadores, logo pensamos que os phenomenos economicos hão de formar correntes que variarão conforme o estado moral e intellectual do homem; occorre-nos então investigar se as crises são de sua natureza taes que pertençam unicamente a um periodo da vida social, ou se devem repetir-se todos os seculos; o problema vae assim avultando cada vez mais, e conseguintemente exigindo maior luz scientifica para ser analysado e solvido; então já nos parece mesquinha a doutrina que pretendia obstar ás crises acumulando alguns milhões de libras nos cofres do banco de Inglaterra; não nos bastam os balancetes das casas bancarias, e os mappas do movimento mercantil nas fluctuacções dos preços na solução dos valores das mercadorias, vemos tambem as paixões humanas achamos expressa alli a variação do valor do homem. Foi encarando o assumpto a esta luz, que nos vieram á lembrança as palavras de Heine, que acima citamos; então as investigações dos economistas figuraram-se-nos incompletas e as monographias que conhecemos, ficando ainda com muito merito pareceram-nos que estavam longe de tratar a questão na sua verdadeira amplitude. Apezar d'isso não deixa de ser altamente proveitoso conhecer alguns dos mais importantes trabalhos sobre crises, até agora publicados. E se, passando a esta segunda parte da nossa tarefa não podermos ir mais longe do que expor theorias e apresentar duvidas, teremos ao menos compendiado o que a outros póde servir de ponto de partida para mais profundas cogitações.

J. J. Rodrigues de Freitas.

EL GERMANISMO EN LA PENÍNSULA[1]

IDEAS GENERALES

I

Antes de ser conocida la filosofía de la historia como rama del conocimiento científico, hubo quien recogiendo autorizadas opiniones de su época, asentó que los hombres del Norte amaban la libertad hasta sobreponerla al cumplimiento de importantes deberes religiosos; mientras los meridionales parecian gente servil de suyo y para ser regida por vía de religion y de supersticiones. Constituida aquella ciencia, produjéronse ingeniosas teorías en órden á explicar la naturaleza y destino propio de cada una de las grandes agrupaciones en que se divide el género humano, y sobre establecerse como axiomático que la influencia climatológica decidia de la constitucion social y política de los pueblos, hubo de sostenerse la doctrina de las razas, preponderante todavía, apesar de los reparos con que han pretendido arruinarla diligentes y autorizados escritores.

Sostienen los que á este sistema se atienen que en la complexion étnica debe buscarse, en definitiva, la razon, nervio y carácter que señala las instituciones propias de cada nacionalidad, y bajo este concepto hallan lícito el explicar la historia toda de la Europa culta, admitiendo como esencial é inevitable la oposicion que divide la raza germánica de la latina. Ni se conoce problema alguno dentro de la esfera que comprende la actividad pasada ó presente de los Estados que caminan en el viejo mundo á la cabeza de la civilizacion, que no pueda explicarse utilizando este criterio: en el fondo de todos los enigmas, en la raiz de los más famosos acontecimientos, en la parte más recóndita de los conflictos que pe-

[1] Este trabajo inédito corresponde con el carácter de Introduccion á otro mas extenso en que se ocupa el Sr. Tubino (Nota de la R.)

riódicamente nos conturban, ó de los progresos que nos consuelan, no hay más que una cuestion de razas. Amareis el catolicismo y la autoridad, ó el libre exámen y la posicion de vosotros mismos, segun que hayais nacido junto á las expléndidas márgenes del Bétis ó bajo las brumas del Escaldas, y no es lícito poner en duda que hay gentes que cual las germánicas se hallan destinadas á gozar de la libertad, en contraposicion á las neo-latinas cuya naturaleza trae sobre ellas el despotismo, cualquiera que pueda ser el manto con que se disfrace. Permite la sangre que circula por el cuerpo á alemanes, ingleses, suecos y noruegos regirse por sí mismos, siquiera se despojen en apariencia de una parte de sus derechos para mantener la unidad social, mediante la disciplina del Estado, y tambien la sangre convierte esa misma libertad en ponzoña y veneno para los franceses, italianos y españoles.[1] De suerte que como la raza es un elemento fatal, los hombres están condenados á seguir la línea que ella les traza, y en vano intentaremos los latinos aclimatar en nuestro suelo sentimientos é ideas á cuyos medros se opone aquello mismo que en nosotros parece más ingénito, legítimo y permanente.

Elevada á tal grado de exajeracion la ley de la influencia étnica, no me sorprende que haya críticos ilustrados opuestos á toda aplicacion de la Antropología á la historia y la política. Desde el momento en que se pretende legitimar las ventajas con que ciertos pueblos se nos presentan y la decadencia en que otros vegetan, atribuyendo aquellas y esta, no á causas múltiples, originadas en la complexion fisiológica y el clima —que no es para negado—pero tambien en sucesos y coincidencias puramente del órden moral y libre, derecho hay para rebelarse contra una filosofía tan indiscreta como cruel, cuyo menor defecto sería pecar de errónea, arbitraria y violenta.

Por fortuna el error no consigue al presente perpetuarse con los auxilios de que en otras épocas disponía, y así acontece que la doctrina de las razas se desprestigia por sí misma, limitándose á los términos que la observacion más competente le señala. Tan importantes como varias son las relaciones que cumple estudiar y valuar cuando se examina la total manera de ser de un pueblo: hay que atender á sus orígenes, á las ulteriores mudanzas que en su naturaleza física pudo determinar el consorcio con las otras fracciones de la gran familia humana; bueno es reconocer la parte que en las direcciones de su actividad pertenece al clima, al suelo y hasta al aspecto que este presenta, lo mismo en órden al relieve geológico, cuanto con referencia á las producciones que espontáneamente la enriquecen. Pero atribuyendo á estos elementos la importancia relativa que segun los casos proceda, ni es justo concederles, como algunos pretenden, una influencia fatal, constante, eterna é inmodificable, ni ménos buscar fuera de la historia la verdadera explicacion

[1] Véase este particular extensamente tratado en *Laurent,—La Philosophie de l'histoire.* Paris, 1870.—Librairie Internationale.

de las tendencias que á través de las generaciones caracterizan á determinadas nacionalidades.[1]

Si esta doctrina, bajo un concepto general puede con éxito sostenerse, cúmplese con puntualidad rigorosa en cuanto á latinos y germanos. Y ante todo, hay que negar la existencia, puramente convencional de esas dos razas, con propios caracteres y diferencias, estando probado, gracias á las pesquisas de la mitología comparada y de la filología, que los pueblos europeos, con muy escasas excepciones, proceden de un mismo centro etnológico y etnográfico, aunque seculares complicaciones hayan luego suscitado entre ellos poderosas divergencias, motivo y ocasion de la lucha interior en que viven por centenares de años.

Admitiendo la clasificacion de la humanidad en las varias razas en ella señaladas por la mayoría de los naturalistas, ofrécesenos la aria ó indo-germánica, como núcleo de latinos y alemanes; y en este sentir la pretension de vigorizar la funesta querella que nos divide buscando en la respectiva é inevitable progenie la ley cruel que nos obliga á mútuamente aborrecernos, y tiranizarnos, seria un insigne error científico, cuando no fuera una falta política de las más trascendentales consecuencias. En cambio, acomódase á la razon el propósito de desentrañar las causas que mantienen vivo ese antagonismo, mayormente cuando parecia que pueblos hermanos, por su comun procedencia, debian cordialmente estrecharse, luego que, conocido el error en que vivian, tienen á su alcance el camino que á la más justa y saludable armonía puede, con algun esfuerzo, conducirlos.

Por desgracia, existen pueblos é intereses vivamente empeñados en la continuacion de la lucha, y así se explica que no falten autores y hasta escuelas y partidos dedicados á acrecer las rivalidades y odios internacionales, dando como cosa indubitada que los germanos, por ejemplo, no pueden prosperar sino á costa de los latinos, y que la decadencia de estos, de toda suerte inevitable, reconoce por lo pronto como causa efectiva los triunfos alcanzados en lides recientes por los primeros. Paréceme á mí, que protestando contra estas tendencias, en cuanto no las legitima ó excusa un noble sentimiento de patriotismo, aun extraviado, es forzoso reconocer que en las vicisitudes de esa contienda, periódicamente renovada desde la Edad Media hasta el presente, pierden terreno cada día de una manera más ostensible, nó las nacionalidades latinas, cuya de-

[1] Ocupándose Eduardo Laboulaye de este mismo particular ha aducido potentes argumentos contra la influencia absoluta de la raza en el progreso de las instituciones. En su libro: *El partido liberal*, Paris 1864, reproduce el paralelo que entre Francia y Bélgica ha trazado Mr. Dupectieut en su excelente obra: *Mision del Estado, sus reglas y sus límites*, Bruselas 1861 para demostrar que no ha impedido el hecho de que la mitad de los belgas pertenecen á la raza francesa y tengan en comunidad con esta, ideas, sentimientos y lengua, para que se constituya aquel pais sobre las bases del derecho moderno. Los belgas, dice Laboulaye, y esta declaracion es importantísima en sus labios, *han roto con la tradicion francesa*, y han imitado las instituciones de la libre Inglaterra.

cadencia física ó moral no es positiva, mas instituciones en su organismo arraigadas y á cuyo calor disfrutaron aquellas de una supremacía, en mucho funesta para ellas mismas, y para el progreso entre los hombres, de la moral, el derecho y la justicia.

Nada más enojoso que el espectáculo de nuestra historia desde que comienza la querella entre el Papado y el Imperio; nada tan deplorable como las mismas guerras de religion, alimentadas entre latinos y germanos por la intolerancia de los primeros; nada tan funesto para la humanidad como la desapoderada ambicion del primero de los Bonapartes, cuando convierte los Estados alemanes en feudos de su cesárea corona; nada, en fin, que tanto lastime y turbe la serenidad del ánimo, como las complicaciones desdichadas á que nos trajeron en próximos y no olvidados trances, no la salud de los pueblos, ni los medros de la prosperidad que legítimamente pueden todos apetecer, mas los errores de una política arbitraria y desastrosa, asentada en el perjurio, la inmoralidad y la mentira. Llevónos la voluntad y el arbitrio ajeno á una situacion tan complicada y difícil como la presente en que la inteligencia más morosa presiente en no lejanos dias terribles encuentros, donde se querrá dirimir agravios recibidos cuando la malevolencia y el desbocado amor propio lanzaban á pueblos enteros unos contra otros en la más fiera y deplorable de las contiendas.

Apartándome de estas reflexiones que habian de llevarme al campo de la política militante, con sus inevitables apasionamientos, entiendo que cuando se organizan las huestes que han de batallar en la inevitable pugna, cuando los combatientes buscan por todas partes alianzas y simpatías, y cuando se nos dice que por nuestra calidad de latinos, debemos sustentar determinadas ideas é instituciones y repugnar otras, só pena de perecer miserablemente absorvidos por nuestros contrarios, importa reconocer en qué grado son legítimas tales sugestiones, indagando y descubriendo si en lo secreto y permanente del organismo nacional no hay algo que disfrutamos en comun con los que parecen nuestros mortales adversarios; si por virtud de sucesos de no lejana fecha no nos hemos asimilado mucho de lo que les es propio y exclusivo, restaurando en parte para conseguirlo antiguas é íntimas aptitudes y propensiones, luego ahogadas y cohibidas por la tiránica disciplina de una doble influencia, concertada en daño de cuanto podía favorecernos.

Ni quiero con este empeño servir otra causa que no sea la de la ciencia y la verdad. Este es al menos mi pensamiento y mi deseo. Cualesquiera que puedan ser mis juicios sobre lo pasado y lo pretérito, en el presente estudio no ha de entrar á sabiendas el espíritu de partido, de nacionalidad ni de raza—puesto que la palabra aún tiene una significacion que no me es dado quitarle—sino el conato generoso de esclarecer temas de la historia ibérica, que no por ser contemporánea, se presentan menos embrollados, gracias al poco amor con que hubo de tratárseles y á las preocupaciones con que algunos extravian el raciocinio de los que se dicen muchedumbre de los doctos.

Insisto, pues, como preliminar advertencia á lo que luego he de discutir ámpliamente, en afirmar, que la Antropología, utilizada con la circunspeccion y mesura que la verdad exige, es de grande importancia en los estudios históricos; y concretándome á la Península hallo que cuando se escriba la historia de las gentes que la han ocupado en los pasados siglos, y con criterio verdaderamente científico se indague la razon de ciertos fenómenos actuales del órden social, originados en causas antiguas, no ménos reales por hallarse más ocultas ó postergadas en la apreciacion crítica, habrá de estimarse en lo justo la parte principalísima que en nuestra complexion debe atribuirse á los elementos étnicos aportados al territorio ibérico por los pueblos setentrionales que lo invadieron en los albores del siglo V. Analítica y sintéticamente se examinarán entonces los monumentos de la edad visigoda que aún resisten al trabajo destructor de los años; recojeránse con celo para aprovecharlas, en adecuada série, las memorias de los que tan señalado papel desempeñaron en el génesis de nuestra nacionalidad, y con no menor diligencia habrán de estimarse los testimonios característicos de esa edad, aún vivos en la cultura patria, ya se la considere bajo la relacion de la glotica, ora en la esfera del arte y del derecho.

Ni el crecimiento de las luces, ni las necesidades del desarollo interno científico son tales entre nosotros que la perentoriedad de este trabajo—señal de un superior grado de cultura, que por desdicha no hemos obtenido, apareciese tan notoria que indujera á acometerlo; y sin embargo, ya hubo quien columbró sus ventajas en tentativas parciales, si en límites modestos reducidas, no por ello menos provechosas para cuantos se interesan en este linaje de pesquisas y conocimientos.

Algo, pues, se ha hecho en la Península para ilustrar la historia hispano-visigoda en lo propio á las instituciones jurídicas y al arte, y tambien se intentó con fortuna descubrir los vestigios de la lengua gótica, aún ocultos en el cuerpo de la castellana. De acomodarse á mis propósitos el seguir esta direccion, con sentido más ámplio que el usado hasta el presente, no vacilaría en referir en lo discreto y en no menguada parte el temperamento fisiológico y ético de los pueblos ibéricos, á la conjuncion positiva de la recia corriente setentrional germánica, con la no ménos eficaz representada por la anexion islamita. Ni es dudoso que más de un problema político ó estético recibiría cumplida explicacion de valorarse sin género alguno de perjuicio, lo que en nosotros responde al elemento ario ó indo-europeo, y lo que visiblemente procede del semítico ó africano-asiático. A la luz que esparciera este análisis, aclararíase la razon de ese al parecer eterno dualismo del genio nacional, tan magistral é ingénuamente retratado en el manchego hidalgo y en su rústico escudero, y no continuaría siendo inexplicable enigma para los más, la gracia inimitable, el primor nativo, la belleza atractiva de algun estilo arquitectónico que como el mudejar, aparece enclavado en el territorio de la península, siendo á la vez revelacion, consecuencia y emblema de otras asociaciones no menos singulares y dichosas.

Excusando este trabajo en la amplitud propuesta, no ha de ser mal visto que antes de entrar en materia lleve la atencion del lector hasta fijarla en la persistencia con que en nuestra economía social se revelan los principios con que acudieron á regenerarla los teutones. Sobre conceder toda la importancia que el suceso reclama, al establecimiento de la monarquía visigoda, donde el puro sentimiento germánico se modifica al contacto con la cultura latina de la Península señoreada, á lo ménos en el círculo social más influyente; interesa así mismo contemplar luego la manera cómo entre nosotros nace, crece y vive el régimen feudal, producto directo del individualismo germánico, un tanto templado por los dogmas católicos. Ni es posible al estudiar las instituciones hispano-portuguesas durante la Edad Media, prescindir de los monumentos literarios que tan propia y noblemente caracterizan la nacionalidad, siendo á la vez testimonio auténtico de la rica vitalidad que aún disfrutan los elementos en su organismo concertados y pujantes.

Responde el *Romancero*, por ejemplo, á la tradicion indo-germánica en su fiero batallar con la semítica, bravamente representada en la Península por la mahometana; y la presencia en nuestra historia del valeroso Cid Rui Diaz, egregia encarnacion del genio ibérico, la manera que usa cuando acude á refrenar las pretensiones de Roma que aspira á continuar la supremacía alcanzada por el cesáreo imperio, no permite desconocer la condicion que distingue al pueblo que sin fuerza para libertarse por completo al influjo latino, consigue, no obstante, afirmarse con propios caracteres, antes vigorizados por el alto sentimiento de libertad é independencia personal venido del Norte, que no por la absorvente doctrina del socialismo autoritario, segun lo entendian las naciones clásicas del mundo greco-romano.

Prescindiendo de los medros con que se desarrolla el derecho individual en el círculo de las instituciones municipales, contrariando la idea panteística del Estado pagano, haciendo caso omiso de lo que en la constitucion del llamado rito muzárabe ó gótico, provenga del particular modo de sentir el cristianismo la clase más granada de la gente visigoda y olvidándonos hasta de los recios testimonios antilatinos depositados en la base de todo nuestro organismo jurídico y social, lícito ha de ser al observador atento, el referir á algo más que á fortuitas coincidencias el vuelo que en la Península adquiere la pintura litúrgica, segun la practicaron en las márgenes del Rhin y en los paises limítrofes, y más que todo la preponderancia de la ogiva en la fabricacion de edificios religiosos y civiles, cuando en Italia que pugnaba ya por avasallarnos, no conseguia el goticismo dominar los obstáculos que las tradiciones clásicas le oponian en su marcha.

Estudiado nuestro pasado con imparcial criterio, descúbrese un largo período donde las fuerzas vivas de individuos y colectividades se conciertan para fundar la nacionalidad, segun su tradicion individualista un tanto modificada por los recuerdos latinos y las exigencias de la lucha con la morisma durante un espacio de tiempo que abarca siete siglos: el

genio ibérico adquiere la consistencia necesaria para diferenciarse en el concierto de los pueblos europeos; las instituciones entrañan principios vigorosos que solo aguardan el término de la empresa que concluyera en Granada para manifestarse al exterior en magníficos progresos: el cristianismo se ha adaptado al medio social, libertándose en gran escala de la absorvente y peligrosa tutela de los ultramontanos; pero llega el siglo XVI y Roma, de acuerdo con la monarquía exótica que nos señoréa, turba los elementos indígenas, extravia el sentimiento nacional, pervierte el criterio y lleva la corriente de la actividad por el despeñadero de la decadencia sin nombre de los siglos XVII y XVIII.

Y es por demás significativo que con llegar un día en que los ultramontanos dirigen á su talante el pensamiento español, ya apoderados de la suprema influencia; con notarse en Italia una recrudescencia del espíritu clásico-paganino, que no deja de sentirse en todo el continente europeo, España y Portugal, sin poderse sustraer á la exhorbitante tutela que las oprime, siguen en lo que aún puede manifestarse, más expontánea y libremente, oponiéndose al renacimiento ó modificándolo en sus formas, carácter y sentido. Vigorosos adversarios hallará aquí la reforma iniciada por los petrarquistas, continuada luego por los Bibienas y Sadoletos, y las conveniencias religiosas, apoyadas en lo que llamaré idiosincrasia nacional, moderan las excesivas licencias de la plástica italiana, apartando las facultades estéticas de las exajeraciones en que incurre la reforma artística. Rindense al cabo los elementos nativos, el rito muzárabe se refugia en el rincon del templo como gloriosa antigualla y testimonio de otros medros, el gran arte cede el campo á la decadencia hinchada; las instituciones de la tradicion gimen en el desvío ó la servidumbre que le labraron extraños poderes, en hora desdichada dueños de la Península, la literatura es mera imitacion del culteranismo italiano, que muy luego recibirá en Francia complemento aún ménos aceptable; y aunque el siglo XVII y en gran parte el XVIII nos contemplan hundidos en el más inmerecido y desastroso de los abatimientos, no se entienda que nuestra desgracia es obra de la nacionalidad, mas de los que la despotizan; no se imagine que el genio ibérico ha perecido; antes bien reconózcase que vive refugiado en lo más profundo del cuerpo social para revelarse luego que circunstancias ventajosas acudan á emanciparle.

No de otra suerte se explicarian en cuanto es permitido las singulares condiciones de la crísis en que vivimos, ni los brios con que el principio individualista romántico afronta la aventajada y favorecida preponderancia del clásico-socialista. Convienen los críticos en que nunca se dió en los anales del mundo ejemplo de una caida más repentina é injustificada como la que ofreció España, gracias al predominio de la dinastía extrangera que nos regía y más que á este hecho material, á las ideas que constituian el fondo de su política; pero así mismo reconocen que no hay pueblo en Europa que haya adelantado tanto desde el momento en que, recobrado de su desmayo, entró en la vereda de la civilizacion moderna, de donde le tenian apartado sus gobernantes. Puede decirse que

asistimos al comienzo de una nueva edad en nuestra historia, que trabajamos en la reversion de los principios que desde Villalar no han logrado otra existencia que la de la sombra, el calabozo ó el martirio, que nos levantamos de un sueño de cuatro centurias para reanudar bajo nuevo sentido la obra que con tanta gloria prosiguieron nuestros padres, cuando en medio de las convulsiones propias de aquella época rehacian, ó mejor dicho, constituian las nacionalidades ibéricas sobre los sólidos cimientos de los organismos municipales y de la legislacion foral, acomodando los elementos tradicionales á las necesidades progresivas del derecho y la cultura.

Y todos estos esfuerzos, todas estas tentativas, todos estos ensayos, hállanse al presente condensados, segun mi opinion, en una fórmula superior que los resume propiamente: el triunfo legal, social y jurídico del individualismo, que es como el triunfo de los principios más concordados con nuestra antigua y sustancial manera de ser con nuestra historia, en cuanto se realizó dentro de los sentimientos é intereses nacionales. Pueden en buen hora ciertos círculos y ciertas entidades combatirlo: el concepto individualista, verdadero asiento de la cultura presente y nérvio de sus inevitables progresos, no puede dejar de prosperar en España, cuando con tanta lozanía crece en la extension del mundo culto; la lucha en definitiva está planteada entre el individuo y el Estado, entre la libertad y la autoridad, y no es ciertamente la Península la que ménos se preocupa de la contienda. Nuestra crísis contemporánea está mayormente sostenida por esta querella. Ni hay medio de ocultar las manifestaciones con que se revela en sus conflictos el genio ibérico, donde la idea individualista germánica aparece templada por la social latina, legítima en cuanto no rompe sus adecuados límites y confirma el principio de la unidad en la variedad, testificado en los organismos de la naturaleza.

Luchamos, pues, por la existencia jurídica del individuo, sin negar sistemática y arbitrariamente la asociacion civil de que aquel necesita para cumplir en totalidad sus destinos; luchamos por la rehabilitacion como grupo político de nuestra patria comun, dotándola de la personalidad y crédito, producto no de la fuerza ni del número, mas del carácter superior de sus constituciones: y es fuerza reconocerlo; en esta delicada elaboracion de nuestro porvenir, no dejan de fortalecernos aquellos los olvidados elementos étnicos á que antes se hizo referencia. Todas las reformas útiles comprendidas en el trascurso de nuestra revolucion, hacen por lo ménos sospechar su influjo. Hasta en la acogida excepcionalmente simpática que merecen los sistemas filosóficos de Alemania, no es indiscreto conceder alguna participacion á los principios conservados en nuestro secular organismo á despecho de las mudanzas y del desgaste de los tiempos. Si fuera despropósito buscar por este camino la explicacion de cuanto ocurre, no sería menor demencia atribuir exclusivamente á la casualidad situaciones, hechos, resultados preparados ó tegidos en un prolongado encadenamiento de causas y efectos más ó menos remotos, que ligan á traves de las edades, lazos efectivos ocultos para el aturdido

ó ligero observador, mas con realidad indiscutible ante uma crítica puntual y reflexiva. Ni lo uno ni lo otro. Huye la ciencia de los extremos á que la ignorancia, la pasion ó la fantasía mal regida suelen conducir á los hombres á veces contra su propio albedrío: ante el criterio científico solo tienen la palabra los intereses permanentes de la verdad y esta no se compadece con lo que la amengua ó desnaturaliza.

II

Este estudio ha de representar un capítulo de la historia ibérica contemporánea, ó á lo ménos, materiales bastantes para que alguien con mayor fortuna lo redacte. Sucédense los acontecimientos con tanta rapidez que solo se les puede seguir de cerca con gran esfuerzo de la atencion. Estudiarlos, analizarlos, clasificarlos, verlos en su raiz, en su proceso y en sus evoluciones, es trabajo poco ménos que vedado para los hijos de este siglo. Nuestra época es de accion más que de reflexion, y sin embargo, mucho nos interesa reflexionar. Menester es que algunos dejen á los otros el goce y disfrute de las ventajas con que brinda la vida activa y militante, para recojerse con la ingénua abnegacion del cenobita, alí donde hay probabilidad de alcanzar más serenos, aunque no tan brillantes resultados y recojer los esparcidos testimonios que las generaciones del progreso dejan á sus espaldas.

Ningunos tan significativos é importantes como los que se refieren al crecimiento de la investigacion filosófica, ningunos tan meritísimos como los de la reforma intelectual por la filosofía engendrada y sostenida y por ella victoriosa. Me propongo, pues, historiar los comienzos de la filosofía germánica en la Península, determinar su influjo en el pensamiento ibérico, descubrir en qué grado concurre á rehabilitar nuestro carácter nativo y en qué conceptos sus cláusulas han vigorizado nuestra revolucion política. Y he de procurar que quede fijada la fecha en que empezó aquí este movimiento científico, desentrañando los hechos precursores que facilitaron su introduccion, diciendo quiénes fueron sus primeros adalides, siguiéndolo luego en sus varias direcciones, para resumir al cabo los antecedentes reunidos y concordar y resumir en lo posible las advertencias y deducciones esparcidas en el curso del análisis.

Injusto sería considerar prematuro é inoportuno este trabajo. Aun datando de pocos años nuestra iniciacion en la filosofía tudesca, comienza á oscurecerse la memoria del suceso; ni es de extrañar que se confundan sus pormenores cuando tan hondos y repetidos cambios experimentan hombres y cosas en esta descomunal contienda de lo que se vá y de lo que nace con la turbacion propia de la violencia, y el engreimiento. Parece, pues, conveniente, que haya quien exento de miras subalternas y de todo interés pasajero, acuda á recojer de los autorizados labios de la generacion posesionada de las altas regiones del pensamiento ibérico, los detalles de un hecho como ninguno de monta en nuestra vida intelectual moderna, hecho complejo y harto elocuente destinado á ejer-

cer no limitada ni superficial modificacion en los sentimientos y doctrinas de nuestros conciudadanos.

Cuando el puro amor del saber no pidiera este estudio, reclamaríalo con presteza el incesante clamoreo que contra la filosofía alemana se escucha en las filas, no solo de los ciegos y fanáticos mantenedores de un estado de cosas incompatible con los progresos de la civilizacion, mas en el círculo de los que alardean de liberales y reformistas. Deciase antes que el anárquico espíritu de la Revolucion francesa era orígen de las discordias interiores que trabajan á las sociedades latinas; ahora han dado en la flor los que de más avisados presumen, de referir á la Alemania pensadora, con sus exajeraciones metafísicas, la causa más ó ménos eficiente de nuestros sobresaltos y desdichas. Desde la impiedad hasta el comunalismo, desde el descreimiento en que bajo múltiples disfraces vive nuestra Sociedad, hasta la relajacion de los lazos que unian antes á gobernantes y súbditos, todo procede del nacionalismo aleman, que nos ha invadido como funesta é inveterada dolencia. Y es de rigor hablar con este motivo de la inevitable ruina á que nos aproximamos si pronto no volvemos á las tradiciones de la pseudo ciencia escolástica, y encarecer la necesidad de que los latinos estrechen sus filas á fin de rechazar el enemigo comun, diciendo en todos los tonos posibles que las bases de la Sociedad peligran y que regresaremos á la barbarie si providenciales acontecimientos no acuden á ampararnos.

Al decir de los escritores que consagran sus talentos á esta cruzada, en Alemania se forman las nubes y aquí descargan las tempestades; allí se prepara el veneno, aquí es donde produce sus mortales efectos; y no falta quien con ingénua amargura sienta y deplore la circunstancia de carecer la España moderna de recursos gubernamentales para levantar sobre sus fronteras alto valladar que impida la entrada de los conceptos hegelianos y krausistas, como en los siglos XVI y XVII los hubo para rechazar las predicaciones de los novadores protestantes.

Pusiéronse en moda al calor de la reaccion teocrática, que entre los latinos se nota desde hace algunos años, las declamaciones contra el nacionalismo tudesco, y en nuestra tierra, donde los neo-ultramontanos pelean con fiera y deplorable saña con la pluma y con la espada, en pró de ideales trasnochados, cuyas consecuencias funestas aún nos lastiman, ofrécese la Alemania pensadora á la contemplacion cándida de la muchedumbre fanatizada como asiento de toda corrupcion, lo mismo en la esfera del pensamiento que en la de los afectos morales. Tan frecuente se ha hecho en la Península discurrir pocas veces con el necesario acierto y justo comedimiento, de los sistemas filosóficos de ultra Rhin, como zaherir y maltratar, barajándolos, en un mismo anatema á Kaut, Fichte, Shelling, Hegel, Krause, Virchow, Haeckel, Büchuer, Fenerbarch y Strauss, favoreciéndolos con el repertorio de dicterios que los representantes del oscurantismo en los comienzos del siglo lanzaban sobre enciclopedistas y jacobinos. No han sido parte, sin embargo, todos los esfuerzos hechos por la reaccion intelectual, contra lo que llaman ensoberbecida ciencia alemana,

para impedir que cundan sus doctrinas y se ensanche el círculo de sus mantenedores. Desde 1844 en que Balmes iniciaba la cruzada contra el germanismo, diciendo en el prólogo de la «*Filosofía fundamental*» que le inducia á tan largo esfuerzo de la inteligencia el deseo de contener los progresos de la filosofía alemana, los medros de esta han sido tan notables, que bien ha podido escribir no ha muchos meses un crítico ilustrado estas frases:—«La filosofía francesa y escocesa han tenido no pocos prosélitos ó imitadores españoles; hoy toca su turno de privanza, favor y auge á la filosofía alemana. Krause sobre todo es el rey, el ídolo, el númen de nuestras escuelas.» [1]

Para que esto haya sido posible, necesario fué la combinacion de hechos propicios del órden político, auxiliados por las disposiciones ingénitas en el organismo tradicional. Ni faltaron persecuciones, como el progreso de la época consentia, para los que osaban declararse francos mantenedores del germanismo, llevando los hombres del gobierno su deplorable ceguedad hasta convertirse en instrumento de las iras oscurantistas que pedian la represion vigorosa de los llamados textos vivos.

Mientras la Europa culta aplaudía la entereza de los profesores de la gran Universidad berlinense, respondiendo con enérgica arrogancia á la circular que les dirigiera Mr. de Bismark sobre elecciones, asistía sonrojada y herida en sus sentimientos tolerantes, á las escenas de que fué teatro la Universidad madrileña cuando fueron arrojados de sus cátedras, tomando para esto pretextos especiosos, los krausistas, gracias al predominio en las esferas del poder supremo de los dogmas del neo-catolicismo. No comprendieron los germanófobos que el éxito de la perseguida doctrina en España habia de estar en razon directa de las asechanzas con que se le favoreciese, ni se hicieron cargo que es ley constante del humano entendimiento anhelar el disfrute de aquello que con más ahinco se le interviene y dificulta. Debido en parte á la actitud y al proceder de los gobernantes y del partido neo-católico, la filosofía alemana hizo causa comun con la revolucion democrática desde 1854, del mismo modo que en 1835 románticos y liberales se concertaron para dar en tierra, entonces como ahora, con la desvencijada máquina del antiguo régimen.

Triunfante la sublevacion militar de 1868, hasta trocarse en un levantamiento general del pais, la filosofía alemana sumóse con los vencedores, conquistando una posicion eminente en la direccion de los negocios del Estado. Siguieron sus discípulos distintos caminos en lo propio á la conducta política, empero diéronse la mano en apoyar las ideas democráticas, nervio en sentir de todos, de las nuevas instituciones. Ni me atrevo á señalar en este sitio de una manera categórica la suerte de la influencia filosófica que con la Revolucion de Setiembre ha resultado victoriosa; mas no vacilo en afirmar desde luego, que indudablemente entre los resultados de esa adopcion y primacía, puede incluirse la crítica filosófica á su contacto desarrollada. Cómo deba esto entenderse, tiempo y

[1] J. Valera.—*Revista de España*—Número del 15 Dic. 1873.

ocasion habrá de decirlo; por lo pronto conviene declarar que la cruzada contra el germanismo continúa cada dia con más brios sostenida, siquiera ahora no le sea dado extralimitar el círculo de la censura.

En libros, cátedras y periódicos se le anatematiza presentándola como orígen cierto de los males que afligen á la sociedad latina. Un artículo recientemente escrito por la *Esperanza*, [1] ofrece á los filósofos de esta escuela al barajarlos con los liberales, como verdaderos enemigos de todo orden social, y por tanto merecedores de la más dura reprobacion. Trabajan otros, ménos violentos, en desprestigiar el germanismo, atribuyéndole concretamente, segun antes afirmé, el carácter turbulento y peligroso de nuestros ensayos reformistas. Ya no se oyen en los labios de las personas timoratas los nombres de Voltaire, Diderot y Rousseau, cuando se quiere nombrar á los demoledores modernos del altar y el trono; ahora lo que priva es anatematizar á los alemanes propagadores del cáncer que corroe el latinismo al decir de los juramentados patronos de la sociedad que á su amparo vive.

Tan se halla en las necesidades intelectuales del día esta suerte de debates, cuanto al inaugurarse en Noviembre de 1873 las cátedras del Ateneo científico y literario de Madrid, su presidente entonces que acostumbra inspirarse, al ordenar los discursos que con tal ocasion lee todos los años, en aquellas materias que más exciten la curiosidad de doctos y muchedumbres, disertó sobre extremos varios que al cabo se resumian en un juicio de la ciencia filosófica alemana bajo nuevo aspecto vista y considerada.

Pero esta vez no pareció encaminarse el trabajo del crítico únicamente á combatirla, tomándola en el sentido que usa la mayoría de sus impugnadores. Estableciase en el discurso una radical diferencia entre los resultados de la metafísica germánica, segun que la consideremos en el mismo pais donde se produce, ó en los latinos, donde con tanto ahinco se la propaga. Dando al tema nuevo y perentorio interes, llevaba el ánimo del auditorio á fijarse en un fenómeno que siendo exacto, seria notabilísimo; fenómeno que consiste en que unos mismos principios produzcan en las márgenes del Nekar ó del Spree frutos diversos de los que ocasionarian en las del Sena y el Guadalquivir, si ya no es que allí nada originan fuera del órden puramente especulativo.

Haciendo caso omiso de lo que en sí tenga de controvertible, falso y peligroso la alemana filosofía, trátase ahora de deplorar el error gravísimo que incesantemente comete la raza latina al dar valor práctico por medio de sus revoluciones, á cualquiera tentativa ó capricho de la razon pura y teórica, error que hace de las hermosísimas regiones que habita, como un sangriento anfiteatro de experiencias prematuras y estériles. Si otra cosa sucede en la dichosa tierra alemana, aun siendo principal fuente de tan peligrosas lucubraciones, atribúyase, no tanto á las distintas condiciones étnicas y climatológicas que diferencian á latinos y germanos,

[1] Cuando esto se escribia no habian sido suprimidos los periódicos carlistas.

cuanto al modo con que Kant planteó desde el principio el complejo problema de esa misma filosofía, estableciendo de hecho una separacion total y permanente entre lo especulativo y lo realizable. Mostraba de esta suerte el filósofo de Könisberg, cómo podía llegarse en las esferas del pensamiento al más osado radicalismo sin contradecir en la de los hechos nada de cuanto amparan y recomiendan las conveniencias de la vida práctica. Una vez diferenciado el raciocinio abstracto de la obra positiva, conjurábanse los peligros que el primero había de proporcionar al órden moral, quedando la idea relegada en los límites de la fantasía, como mera gimnasia de la inteligencia sin resonancia en el nivel subalterno donde se agitan los sociales intereses.

Así pudo decir Mad. de Stael que el pensar y el obrar no guardaban entre los alemanes relacion alguna, así otros se han creido autorizados para añadir que en vano Kant pulverizó con desesperante escepticismo las pruebas ontológicas, cosmológicas y teológicas de la divinidad, aportillando los muros del espiritualismo, si luego imaginaba los tres famosos postulados de la razon práctica, no sugeridos ciertamente por la atribulada flaqueza del viejo criado Lampe, ni menos por el temor de la policía, segun que Heine sospechaba; mas por una conviccion sincera que ni implicaba cobarde arreglo con las circunstancias ni la irónica ingenuidad que algunos le suponen.

Y tan claro se ofrece el enigma para los que así discurren, que arrancando de esta doctrina, explican tambien cómo los regimientos prusianos han dejado vivir en paz á los Fichte, los Hegel y los Krausse, apesar de sus errores, que no de otra suerte se comprendería la tolerancia que usaron los poderes constituidos con estos y otros instituidores ó propagadores del racionalismo, el panteismo, el materialismo y el determinismo tan extendidos y preponderantes en Alemania, á lo ménos en la pura region de las ideas.

Si la explicacion fuera tan admisible, como algunos parecen imaginar, grave cargo podría hacerse á los que del lado acá del Rhin no procuraron mantener y hacer efectivas las distinciones por Kant establecidas. Cosiste por lo visto el error fundamental, no en haber aceptado las peligrosas doctrinas en su afirmacion teórica, mas en haberlas convertido en realizaciones prematuras y estériles, mediante revoluciones sangrientas. De donde se desprende la más ágria censura que del genio latino puede concebirse. Si Francia, Italia, Portugal y España se agitan mas ó menos en el caos de los delirios revolucionarios, si aquí todo peligra, desde la familia hasta la Sociedad, atribúyase á cuestion de método y de procedimiento. No hubimos de conocer los latinos la saludable diferencia que apartaba la *Razon téorica* de la *Razon práctica*, atuvímonos á la primera y endoctrinando en ella á las muchedumbres, sembramos los vientos que habian de traer las presentes recias tempestades. Muy distinto camino siguieron en Alemania los hombres de mayor inteligencia, y de aquí el que aquella region se halle más libre que nosotros de los funestos errores prácticos contemporáneos.

Pero siendo todo esto exacto ¿hemos pecado los latinos por exceso de ceguedad y limitacion, no advirtiendo el peligro que entrañaba el atribuir idéntico valor á la teoría que á la práctica, ó nuestra culpa consiste en habernos conducido con la sincera buena fé que exigia lo importante de la materia y lo trascendental de sus aplicaciones? Debíamos, en resúmen, seguir al Kant, reverenciado en donde quiera que se rinde culto al talento, ó al Kant sin género alguno de importancia, influencia ni consideracion?

No intento singularizarme negando lo que es evidente. Con efecto, Alemania aparenta hallarse en estos momentos menos expuesta que la Europa latina á las convulsiones revolucionarias; pero cuando se estudia la historia y la organizacion de aquellos Estados y particularmente del prusiano; cuando se descubre el espíritu que domina en sus instituciones, y se conoce de cerca la tendencia más récia de la actividad colectiva, ni resulta extraño el fenómeno apuntado, ni se alcanza la razon que pudo asistir á los que quisieron derivarlos de la causa singularísima antes expresada.

Participando en mucho un escritor moderno [1] de las ideas de Mad. Stael, afirmó que tocante á las obras de imaginacion, y las concepciones metafísicas quizá deban en este círculo incluirse—hay que esperarlo todo en Alemanía y no asustarse de nada, pues la libertad de escribir conserva los espíritus en una saludable espectativa, y el buen sentido prático atribuye el verdadero valor á las exajeraciones individuales. Yo mismo, en mi conocimiento personal de los hombres y de las cosas de aquella tierra, no hallo motivos bastantes para negar que el aleman tan atrevido en las empresas ideales, si desciende á la vida real, obra comunmente con la circunspeccion y el tacto necesarios para no dar en el escollo de aventuras peligrosas.

Concediendo todo esto sin esfuerzo, paréceme que no basta á explicar lo que tan oscuro se nos presenta. Preciso es seguir otro método para obtener la clave que desate el enigma. Quizá se consiga descubrirla si nos fijamos en la particular direccion que en la gente latina ha tomado el sentimiento revolucionario, no por virtud de su propia naturaleza, mas como resultado de los esfuerzos hechos para comprimirlo ó irritarlo por cuantos con inteligencia y fuerza debieron seguir distinto proceder y temperamento.

Si hay responsabilidad que exigir por lo que entre nosotros ocurre, no pesará sobre el conjunto de los que ahora aparecen como ministros y fautores del mal, antes bien habrá que declinarla sobre aquellos que con su ejemplo, sus consejos y sus actos se apartaron de la senda, en Alemania frecuentada por la generalidad de gobernantes y estadistas.

No es la situacion de un pueblo producto repentino de casualidad inesperada, mas resultado de lenta elaboracion en que producen las sucesivas evoluciones, multiplicadas causas, coincidencias y accidentes. In-

[1] Bourlouton

dudable parece, respecto de los germanos, que circunstancias de varia índole concurrieron á mantenerlos en la tradicion individualista que traian del Asia. En cuanto á los latinos no es mucho decir si se atribuye á su contacto con los semitas, aparte de otras causas, el modo particular de resolver los problemas de la vida y la exajeracion de la idea de lo absoluto hasta labrar la máquina del Estado, segun las cláusulas del más violento socialismo autoritario para que por siglos redujera al hombre á mero autómata movido por extraños ó funestos resortes.

Natural era que obrando á la contínua tan opuestas tendencias, trajeran en pos de sí estados límbóricos antitéticos, presentándose el conflicto siempre que uno de los elementos aspiraba á imponerse á su contrario. No era esto posible en las primeras centurias de la era cristiana, cuando asociada la Iglesia al Imperio, los pueblos germánicos recibian el bautismo de la iniciacion católica de manos de sacerdotes latinos; más tan luego como aquella sociedad se organiza y robustece, surge la rebeldía. Quiere el mundo romano extirpar de su organismo cuanto arguya procedencia germánica, justificando por tal modo el tenaz empeño con que alemanes y anglo-sajones procuran sustraerse al predominio con que el primero hubo un tiempo de avasallarla.

El prolongado combate de las investiduras preludio fué de las tempestuosas controversias de la Reforma, que terminaron en el campo de batalla, con el vencimiento de uno de los beligerantes, y en el fondo de la contienda había algo más que intereses políticos pasajeros ó una cuestion de liturgia; habia de una parte el hombre reivindicando lo que más propiamente le corresponde, su personalidad; de la otra ejércitos valerosos que con el sentimiento de la disciplina, elevado á la categoría de un fanatismo, se inmolaban en defensa del sistema que retenia á los pueblos en deplorable servidumbre.

Faltó al tiempo eficacia para dar término á la lucha, no para trocar las respectivas posiciones. Mientras Roma tuvo en su derredor una muralla protectora, —las monarquías católicas— el germanismo vivió reducido mayormente á la defensiva; ahora, en que roto el antiguo concierto de la política y la religion aparecen desarmados y enflaquecidos los más poderosos, acontece lo contrario, y los germanos hacen algo más que defenderse. Dan de ello claro testimonio la actitud de la cancillería berlinesa desde Sadowa y la crísis religiosa que agita la Alemania, el Austria y la Suiza, con la circunstancia de que el Vaticano se mira reducido á protestar contra las medidas que el «Sylabus» ha inspirado á los gobiernos, sin que las mudanzas, realizadas en los Estados latinos desde hace cuatro ó cinco años, les consienta adoptar otra clase de medidas; que á no ser así, es indudable que franceses y españoles andaríamos á estas horas envueltos en la más tremenda de las guerras, no por defender la patria y sus inmunidades contra los teutones, antes bien por restaurar la supremacía política del gefe espiritual del catolicismo.

No me obliga el carácter de este ensayo á decir nada en pró ni en

contra de esta impotencia; hágola constar como antecedente de mucho peso que no deben ver con menosprecio los hombres pensadores. El mundo latino ha abdicado la hegemonia moral y hasta política con que regia ambos continentes. Las robustas instituciones del Renacimiento greco-romano se quebrantan cuando no yacen por el suelo; las corrientes del predominio toman por nuevos atajos y todo parece que coadyuva á la fortuna de los que no siempre consciamente abren nuevos horizontes á las miradas de la humanidad.

III

Distinguenos en el momento presente de los alemanes, aparte de otras cualidades y circunstancias, la educacion histórica que se nos ha impuesto durante cinco siglos por lo menos. Esa educacion en su asiento, medios y fines era contraria en mucho á la secreta predisposicion de la gente germánica. Habria la doctrina de lo individual y terreno de producir en el Norte durante la edad de hierro, la exajeracion y los desmanes del feudalismo cuyas ventajas, si lo templaba la moral cristiana, sobre el panteismo político de Roma ha testificado una crítica esclarecida. Traeria la opuesta inclinacion de los latinos, las monarquías de Felipe II y Luis XIV con la triste cohorte de males con que se opusieron al progreso intelectual en sus más fundamentales direcciones. Viése en Francia, en España y en parte de Italia, al individuo en peligro inminente de desaparecer, como entidad jurídica y autonómica, absorvido por el Estado: del régimen municipal, de los fueros regionales, quedaba sólo una sombra. En Alemania gildas, confrerias y las mismas prerráticas señoriales, fueron, aun en los momentos de mayor turbacion, refugio de la persona humana, que hallaría en sus prerogativas, usajes y hasta monopolios proteccion y amparo. Nunca la servidumbre feudal germánica llegó á la esclavitud del mundo antiguo, transformada en el neolatino en la igualdad social del despotismo. Perdió el latino con el tiempo hasta el propio deseo de regirse subjetivamente, confesándose los pueblos humilde rebaño de súbditos y pecheros á merced de la realeza y la cogulla; el germano, nunca vencido, pactó con sus señores los servicios que había de prestarles, no se entregó á ellos en cuerpo y alma y en ocasion propicia alzóse para reivindicar la parte de libertad que se le habia cercenado. De la injusticia, del abuso, de lo anormal, caminábase allí al derecho y al órden; los de arriba no esperaban que los de abajo les impusieran las concesiones á que secretos impulsos los convidaban; aquí los fuertes se juramentaron para perpetuar el error, y los débiles sólo armados de la espada revolucionaria, han conseguido hacerse oir y respetar en parte.

Diríase que en Alemania los gobiernos se establecen en beneficio de los hombres; entre nosotros ha sido axiomático que el hombre no tenía más valor que el graciosamente otorgado por la Sociedad y el Estado como su legítimo representante. En una palabra, el verdadero derecho, segun el pensamiento germánico, arrancaba en la humana naturaleza: se-

gun los latinos, el derecho, en su expresion más encumbrada, no tenía procedencia terrena, mas orígen divino.

Con tales antecedentes, no será imposible del todo descubrir y señalar las causas ocasionales ó eficientes de las ventajas que alcanzan los pueblos alemanes cuando se les vé libres de los errores prácticos que, segun se afirma, á nosotros nos afligen. Sin averiguar ahora en qué consisten esos errores, admitiendo su hipotética existencia quizá se podrá sospechar que si los alemanes no participan de ellos en la proporcion que nosotros, ó si allí no se exteriorizan de la manera alarmante y deplorable que aquí se advierte, débese atribuir, entre otras causas, al carácter social labrado por las instituciones; y concretándome á lo actual, á la franca simpatía con que gobiernos y clases influyentes acojen cuanto favorece el progreso de esas mismas instituciones y el mejoramiento de la condicion física, económica é intelectual de las muchedumbres, muy al contrario de lo que en el mundo latino suele notarse.

En Alemania, cuando llega el momento propicio (el hecho basta para conocer el sentido propio de aquella revolucion), garantízase al hombre la libertad de su conciencia, que equivale á otorgarle la posesion legal de sí mismo, la consagracion de su individualidad, y el reconocimiento de todos sus derechos, en principio á lo ménos, sin que detenga á los innovadores el grado de instruccion que alcanzan los ciudadanos, bien subalterno por cierto, ni los recios obstáculos con que deberán luchar en la prosecucion de sus designios.

Y sentado el fundamento del nuevo organismo, los pueblos alemanes entran de lleno en el cauce de la Reforma y tras la libertad confesional aparece la del pensamiento y una y otra se conciertan con las municipales, sin que las complicaciones suscitadas por la diplomacia europea y los errores é intereses dinásticos consigan nunca imprimir á las fuerzas vivas de la sociedad un movimiento retrógrado, aun dándose el caso de intentarlo los poderes públicos y muy altas influencias.

En Alemania como en Inglaterra, las clases conservadoras procuran y procuraron con abnegacion y buen sentido no divorciarse de raiz del sentimiento progresivo que anima á las clases inferiores, hallando por lo comun manera de conciliar sus intereses exclusivos con los de la generalidad. Aun en los periodos de mayor tension, donde ciertas libertades del órden político mostrabánse restringidas, hubo siempre un círculo invulnerable para las disposiciones gubernamentales, una esfera donde el individuo se conservó en el disfrute de las ventajas obtenidas, que formaban parte de las costumbres á que nadie habria osado atentar.

Sin la libertad de conciencia, el pueblo aleman no sería lo que es, ni los problemas políticos y sociales habrían recibido de los que regían la actividad social, las soluciones que obligan á llamar dichosa á la tierra alemana. No fué el monje reformista, un teólogo austero que innovaba el catolicismo; fué el genio germánico con sus bondades y flaquezas, encarnándose en una voluntad de hierro, fué el patriotismo más puro que descubría su primer soldado, la razon y el individuo afirmándose con vigo-

rosas señales en frente de la autoridad, no racionalmente recibida, mas supersticiosamente impuesta y aceptada. Así pudo decir Heine que Lutero dió á sus compatriotas, la libertad de los movimientos con los medios de moverse, otorgando cuerpo al espíritu, palabra al pensamiento, reivindicando el primero y de una manera práctica y fecunda los derechos de la razon, juez supremo en todas las disenciones que afectan al hombre, creando la lengua alemana y haciéndola intérprete de las ideas religiosas, por cuyo medio secularizaba toda la ciencia humana y divina para afirmar la emancipacion definitiva de la filosofía y la teología.

Colocada la Prusia al frente de la Reforma pugna por allanar los inconvenientes que halla en su camino; mientras los rectores de la sociedad latina, dominados por una especie de vértigo, llegan á los más violentos acuerdos para ahogar la razon, Alemania crea el poderoso ariete de la imprenta, ante cuyo influjo la tiranía, bajo todas sus fases, no puede creerse inmutable, y los latinos responden estableciendo la Congregacion del Indice. Abre entonces el Norte sus fronteras á las víctimas de nuestra intolerancia, acoje á nuestros pensadores, y no bien la teocracia obtiene la revocacion del sensato Edicto de Nantes, cuando el gran elector de Brandeburgo, publica el de Postdam, no ménos célebre en otro concepto, dando con él nuevo hogar á más de 25:000 franceses que se expatrian. [1]

Desde entonces queda establecido un duelo á muerte entre ambas tendencias. Tomará la lucha los caracteres que más puedan envenenarla y los príncipes latinos asociados al católico Imperio austriaco, usarán entre los epitetos con que se engalanan aquellas que por referirse á sus relaciones con la Iglesia constituyen como un perpetuo y sostenido reto á la actitud de los pueblos y gobiernos germánicos y anglo-sajones. No es decoroso ocultarlo: desde el triunfo de la Reforma, en la paz de Westfalia y desde la invencion de la imprenta, si la sociedad latina prospera, débese al influjo de los hechos en Alemania acaecidos; débese al impulso que desde allí nos empuja hácia lo futuro, apesar de los inúmeros obstáculos con que las instituciones nos intervienen toda mejora pacífica y racionalmente propuesta y obtenida.

Derivase la Revolucion francesa de la enciclopedia, que no se concebiría sin la previa emancipacion de la conciencia, sin el protectorado moral con que los soberanos del Norte acreditan y amparan á los sabios franceses Despues de esto, la enciclopedia, como crítica filosófica, procede, no solo de Descartes, mas de Bacon, Spinosa y Loche, representantes del pensamiento teutónico en sus direcciones varias. El único sistema constitucional, fórmula hoy del viejo liberalismo latino, con todas sus flaquezas y sus engaños, fruto es, en cuanto á la fundamental concepcion—no en sus desarrollos defectuosos,—del genio germánico, nunca de la pura doctrina latina, que diviniza la monarquía absoluta como em-

[1] *Ch. Weis.* Histoire des refugiés protestants de France depuis la revocation de l'Edit de Nantes.

blema de otro poder más alto y absorvente, la omnipotencia é infalibilidad pontificia.

Tres siglos hace que la sociedad latina, en cuyo organismo se inoculó muy luego el fermento de la Reforma, trabaja por seguir la vereda que le trazaba la verdad; tres siglos de tentativas y de sacrificios sin tasa, de represiones inhumanas y de trastornos sangrientos; tres siglos de mudanzas más ó menos parciales y subalternas, durante los cuales se han condensado los precedentes que habían de conducirnos por la pendiente fatal de la crisis contemporánea.

Y si bien se mira, lo que hay en el fondo de nuestra situacion presente, no es en verdad que varios centenares de incrédulos ó demagogos intenten dar en tierra con todo noble y consolador sentimiento, con todo aquello que honra y distingue al racional de los brutos; lo que hay es un malestar íntimo, el malestar que precede y determina las grandes elaboraciones; lo que hay es que la fuerza de los tiempos ha condensado los gérmenes todos de protesta, oposicion y rebeldía, todos los resentimientos, todas las querellas, todos los agravios suscitados por diez siglos de injusticias para verterlos al exterior en violentas y mal guiadas reivindicaciones.

Harto distintas, repito, son las condiciones históricas de alemanes y latinos. En una parte, la corriente reformista es cada dia mas recia y ménos turbulenta; en la otra la reforma ménos discutible, tropieza siempre en dos escollos: la resistencia de los que aman lo pasado y la falta de sentido práctico de los mismos á quienes el cambio debe favorecer. En lo más fundamental, tratándose de los organismos políticos, que es el estado intelectual de la masa de los ciudadanos, la antítesis es por demás elocuente. Progresa en las naciones latinas la escuela, relativamente y á pesar del indiferentismo, del escaso celo ó del extravio directivo de las clases más poderosas é ilustradas. La educacion pública primaria, que es la más importante, considérase de deber subalterno que se cumple mal ó no se cumple. Conservadores y revolucionarios suelen equivocarse en este punto, mientras en Alemania la mision docente ocupa uno de los niveles más superiores en la consideracion de todos. Las primeras eminencias y las damas de más alta posicion consagran á la enseñanza su tiempo, su fortuna y su experiencia; los escritores de más nota escriben libros para los niños y los poetas más afamados componen para los ejercicios de canto ó de gimnasia versos que no desdeñan de poner en música los más ilustres compositores. [1] Prusia proclamó antes que nadie la separacion completa de la Iglesia y del aula, y en presencia de los sorprendentes triunfos de la última guerra franco-alemana, no hubo reparo en escribir que los verdaderos vencedores eran los maestros de escuela.

En España, los partidos más opuestos trabajan siquiera sea inconscientemente, en ahogar la instruccion pública; los unos entregándola

[1] Bandoin.

en manos de la teocracia; los otros dejando morir de hambre á los míseros pedagogos, si bien facilitan el cómodo acceso de determinadas carreras, plantel de imberbes doctores con el corazon abierto á todo linaje de concupiscencias, aunque con el cerebro frecuentemente cerrado al menor destello de la verdadera sabiduría. Propio parece este error de la gente latina. Un reputado crítico italiano escribiendo sobre las Universidades alemanas, censura la funesta manía de doctorarse, que tambien ha invadido la Italia, donde los establecimientos superiores arrojan anualmente centenares de neo-doctores, destinados á acrecentar el número de los abogados sin pleitos y de los médicos sin clientela.

España como Italia figuran en sensible postergacion cuando se trata de recojer la estadística de sus escuelas primarias. Los progresos en estas naciones, como en Francia y Portugal, son excesivamente lentos é incompletos en comparacion de los que realizan los estados del Norte. En una sola region alemana, el Wurtemberg, se conocen 3500 escuelas para millon y medio de habitantes. La Saxe, con dos millones de almas, vé concurrir á sus establecimientos primarios 233000 educandos. Tiene el citado y microscópico reino de Wurtemberg una escuela de artesanos en Stuttgart que subvencionan el municipio y el Estado con 600.000 florines, además de 100 escuelas de dibujo esparcidas por su territorio.

Reconoció Prusia en 1867 por la Exposicion de Paris la inferioridad relativa del obrero aleman, comparado con el francés y el inglés. Quiso remediar esta flaqueza y creó su Museo industrial dotándole con verdadera magnificencia. Quinientos menestrales se instruyen en sus catédras, llevando al seno de la clase obrera los beneficios de una esmerada y positiva cultura. A su semejanza, hánse instalado otros establecimientos artístico-industriales en Leypzig, Nuremberg, Francfort, y muchas son las ciudades que trabajan en asimilarse esta convenientísima mejora. España no tiene á esta fecha ni siquiera el ensayo de un instituto que tan perentoriamente exigen las felices disposiciones de sus hijos, las necesidades de la industria y los medios del bienestar comun.

Por millones se cuentan ya los obreros que en Alemania reciben esta nueva educacion, habiendo sido fácil graduar las ventajas con que cooperan al lustre de la patria, facilitando la solucion de los problemas sociales, gracias al certámen austro-húngaro, donde el trabajo germánico ha sorprendido con sus rápidos progresos y su viril fisonomía á cuantos sólo conocian las maravillas de la actividad industrial anglo-francesa.

Mientras nosotros en perdurable contienda con el Estado, emancipamos políticamente al proletario y le conservamos en la esclavitud intelectual y económica, la difusion de los intereses políticos en Alemania, ha cercenado á estos gran parte de su importancia, ocupándose la mayoría en fomentar las instituciones locales, verdadero refugio del ciudadano. Trabaja el aleman por afirmarse en sus relaciones individuales, en cuanto directa y constantemente afecta las facultades.

Invulnerable en su conciencia y en su dignidad, sujeto á leyes que en capciosas interpretaciones aplican los gobernantes, miembro de un

municipio cuya administracion no se escapa á su vigilancia, libre de asociarse á sus semejantes para todos los fines de la vida, libre para emitir su pensamiento é influir en la marcha de los intereses públicos por medio de las reuniones y manifestaciones pacíficas y para censurar al poder, elector desde el momento en que es ciudadano, con la inviolabilidad de su persona y de su domicilio garantizada por leyes no ménos eficaces que el *Habeas corpus*, el aleman no experimenta la necesidad de recurrir á las violencias para emanciparse de la ominosa tutela que por siglos ha pesado sobre los latinos.

Desconocida es de todo punto en Alemania la centralizacion, última aborrecible forma del despotismo político. En Francia y España, la centralizacion ha trabajado de hecho para convertir al ciudadano en un autómata, haciéndole olvidar cómo debiera conducirse por sí en el cumplimiento de sus deberes para consigo mismo y para con los demás. Aquí donde el Estado centralista lo es todo, no debe sorprender que todo se le pida y que el derecho al trabajo, la asistencia, la empleomanía, el nepotismo, las guerras civiles, la burocracia y la desmoralizacion constituyan errores prácticos que fomentan los mismos que declaman contra la miseria de los tiempos que alcanzamos. El comunismo y el socialismo, en su peor sentido, son plantas expontáneas del suelo latino, cuyos gérmenes han creado, protegido y desarrollado la teocracia y la realeza. [1]

[1] Los que puedan calificar de paradoja esta observacion, rectificarán quizá su juicio leyendo las siguientes reflexiones emanadas de un hombre tan ilustre por su ciencia y su crédito político como Mr. Carlos Remusat (Politique liberal pag. 422). Dejo en frances el texto por cumplir así á mis propósitos.

«Nulle part peut être le mouvement vers l'unité qui est inhèrent á toute civilisation n'a été aussi irresistible qu'en France, et, sous ce rapport, notre revolution n'a fait que regulariser et consacrer ce qu'avait prèparé et même operé notre histoire. Une immensité d'attributions diverses est venue s'accumuler dans les mains du pouvoir central et l'habitude s'est établie de tout attendre et de tout craindre de lui, d'en tout solliciter, d'en tout exiger. C'est encore lá, suivant les temps, une cause soit d'usurpation, soit de révolte. Pas moins que l'ésprit d'absolutisme, l'esprit revolutionaire en a profité. La centralisation écrite par la loi pourrait être aisément rayée par une loi differente, mais la coutume, mais le préjugé de la centralisation ne se laisseront pas aussi facilement effacer. Les gouvernements les plus divers ont respecté, même exploité cet instrument de domination, tour á tour si commode et si pesant, et c'est là sans contredit un obstacle á l'etablissement durable d'une réelle liberté politique.

Il y a un intime rapport entre la royauté et la centralisation. L'abus de l'une ressemble parfaitement á l'exageration de l'autre, et de cette source double, unique peut être, peuvent découler des conséquences qui semblent opposés: la servilité et le socialisme. J'entends par servilité non seulement cet esprit de courtisanerie adulatrice qui a de tout temps abaissé tant de caractères, mais une disposition qui semble plus excusable, ce goût subalterne pour la protection, resultat de l'habitude d'une longue tutelle, cette incapacité de répondre de soi-même, d'attendre de ses propres forces et de ses propres soins son bien être, sa reputation, son influence. Le mot de servilité n'est pas trop fort, car c'est parce qu'elle dispense l'esclave de songer á lui, parce qu'elle lui propose un patron qui veille pour lui á sa vie et á sa santé, qui le loge, le nourrit et l'habille, que la condition sèrvile á été defendue par ses apologistes, et quelquefois est devenue chere á l'humanité dègradée. Il n'est pas de partisant de l'esclavage des noirs qui n'ait

Sin comprender el carácter de la dolencia, nuestras clases inteligentes entienden que con su indiferentismo consiguen amenguar los peligros de la cuestion social. Inclínanse muchos á suprimirla con medios represivos, otros imaginan que basta la caridad arriba y la resignacion abajo para resolverla, y hasta existen fracciones políticas, muy avanzadas, que en esta vitalísima controversia proclaman la abstencion, sospechando en su desconocimiento de los términos del problema que la sola libertad puede poner el eterno conflicto de la miseria y la riqueza en vias de una solucion pacífica y á la justicia acomodada. Todo concurre entre nosotros á apartar las clases en el terreno económico, lejos de fundirlas; todos á irritar los apetitos de los de abajo con visible riesgo de los que arriba gozan del cúmulo imaginable de ventajas y conveniencias.

Nótase en Alemania desde 1848, segun observadores imparciales, el empeño decidido en las clases altas de mejorar la condicion de los proletarios, facilitándoles por varios modos la satisfaccion de sus más perentorias necesidades y el convertirse en capitalistas. Prohibida tienen la necesidad y con teson se castiga al que dá limosna, haciendo poquísimo aprecio del principio caritativo, que extraviado, ha hecho contraer deplorables hábitos de holganza á nuestro pueblo.

dit qu'ils étaient plus heureux que s'ils étaient libres. On raisonne d'une manière analogue lorsqu'on représenté aux sujets d'un roi absolu combien ils sont plus tranquilles que les citoyens d'un pays libre. Il arrive aux peuples trop gouvernés quelque chose de ce que nous voyons arriver aux industries accoutumées au régime protectioniste, il leur á été accordé et elles mêmes ne l'ont sollicité dans le principe que comme un secours nécessaire a leur enfance. Elle est dès longtemps passée cette enfance, mais le pli est pris, et l'habitude a ettabli cette opinion que l'industrie ne peut marcher seule. Il lui faut des lanières parce qu'elle en a toujours eu.

Ces goûts de dependance ne porterent dommage qu'a la dignité, et bien des gens disent: plaie d'honneur n'es pas mortelle, si l'opinion publique n'éprouvait aucune variation et se maintenait toujours envers les gouvernements et les lois à l'état de contentement approbateur; mais ont sait qu'il n'est pas ainsi, et il est facile de concevoir combien cette habitude de tout rapporter á l'action du pouvoir peut exciter, autoriser, armer, dans certains jours l'exigence hautaine d'un mécontentement seditieux. Comme le sauvage brise son idole, comme le pêcheur napolitan injurie saint Janvier, le peuple peut outrager et détrôner un pouvoir de qu'il a trop attendu. C'est une remarque qui m'a beaucoup frappé dans Burke. Au temps même ou l'eloquent ennemi de la revolution française l'attaquait avec une violence qui touchait au délire il retrouvait son imparciale sagacité pour imputer le mal en partie au vice capital de *l'antique monarchie à son insatiable* besoin de trop gouverner. *

C'est encore un effet de la même cause que le succés temporaire du socialisme parmi nous. Un trait commun à toutes les écoles qui l'ont enseigné c'est d'avoir réprésenté l'individu comme un incapable entre les mains de l'Etat. C'est l'Etat qui doit le preserver des dangers de l'imprevoyance des effets des saisons, des suites de la maladie, des inconvenients de la concurrence. L'individu ne devient vraiment citoyen qu'en devenant mineur. L'emancipation, c'est la tutelle. Ainsi, le socialisme est à quelques égards une centralisation exagérée. On pourrait dire que la centralisation administrative n'est qu' un socialisme moderé.»

* Observations sur la Dissette — 1796.

Hemos perseguido los latinos el espíritu de asociacion con verdadero ensañamiento, espíritu que en los pueblos del Norte amengua los conflictos entre el capital y el trabajo. Nosotros usamos el crédito para establecer sociedades, verdaderas compañías de aventureros con guante blanco que suelen secuestrar el dinero de accionistas é imponentes con aquiescencia del Gobierno que se hace retribuir en la persona de delegados que cobran por vigilar unos intereses cuya ruina han presenciado. Los alemanes entienden de otra manera estas cosas. Uno de ellos, el sabio economista Schulze ha inundado su pais de modestos establecimientos que favorecen á los menestrales hasta convertirlos en empresarios independientes, distinguiéndose entre aquellos las casas de préstamo (vorschuss kase) directamente fundadas en utilidad de los menesterosos.

Poco diré sobre la organizacion de la fuerza armada. Dicen en los paises latinos que el ejército es un elemento de órden: en Francia y en España, más aquí que allí, el ejército está mayormente dispuesto á secundar las miras de las clases reaccionarias. En España es ya axiomático el dicho de un historiador ilustre.—«el ejército nos trae la libertad y nos la arrebata» Demás de esto, el servicio militar, en cuanto libremente se abraza, no es una funcion patriótica, mas una carrera; á la milicia se acude para conquistar pronto un puesto holgado en la escala social, y cuanto mayor sea la perturbacion del pais, mayores probabilidades existen de un rápido adelanto. En Alemania no hay ejército; el pais entero es el ejército, lo cual hace que no se conozca nuestro militarismo político, imperante lo mismo en Francia que en España, pero en España como en ninguno otro pueblo de la tierra. El militarismo—cosa harto distinta del ejército,—ha sido una asquerosa llaga de la política española; concertado con la empleomanía y el descreimiento; con la indigna flaqueza de los caracteres, el torpe egoismo de ciertas clases; con el desbocado amor propio de otras, cuya ingratitud no reconoce igual en la historia de las pasiones demagógicas; con los escandalosos é inmorales encumbramientos, que, si en ridículo ponen al pais que los tolera, no ceden ménos en descrédito de los que á tan inverosímiles alturas se remontan; con la hipocresía religiosa, y últimamente con el inconcebible atraso científico en que vivimos, no obstante de alardear de poseer una cultura, más aparente que efectiva, más superficial que de esencia, más para contemplada de lejos, que no para vista y discutida de cerca, mantienen la nacion en perpétuo desasosiego, originando frecuentes complicaciones que concluyen siempre á cañonazos.

Tienen los partidos entre la gente germánica y anglo-sajona ideas y programas; cifrando en su propaganda y consecucion el tríunfo práctico de sus doctrinas; nuestros partidos por regla general, ó lo que toma este nombre, no se curan de tener razon, no de que el voto nocional les asista, mas de atraerse cierto número de jefes militares que arrastrando á los soldados, les faciliten el tríunfo sin reparar en los medios.

Alienta en Francia una falange numerosa, inteligente y de influjo, secretamente convenida con los ultramontanos para reclamar su antigua

preponderancia en todos los paises meridionales y en cuanto les es permitido en el mundo: ese partido utiliza los adelantamientos de la civilizacion en provecho del principio tradicionalista, y no vacila en encender la hoguera de las discordias civiles si puede redundar su acuerdo en desprestigio de la idea moderna y provecho de lo que llaman legitimidad y restauracion del órden moral. Secundan los gobiernos con mayor ó menor eficacia esta política, y cuando no se ponen al frente de ella, dejan los ánimos en peligrosa duda, que explotan los mal avenidos con el progreso de las nuevas instituciones.

Prescindiendo de todo detalle y parcial direccion, no es violento afirmar que la tendencia más alta y constante de la política alemana desde hace tiempo, dirígese á sacudir el yugo de toda ingerencia extraña y descomedida en los asuntos propios, ateniéndose para ello á una línea de conducta donde figuran como etapas desde la secularizacion de los principados eclesiásticos, hasta el empeño de quitar á la escuela todo carácter confesional. Prusia, iniciadora de esta empresa, nunca como ahora vigorosamente proseguida, atiénese á la máxima de Federico el Grande, cuando aconsejaba se conservase la preponderancia del poder civil en su mayor auge, dejando siempre á cada uno la libertad completa de su conciencia, sin perjuicio de ampararle contra las demasías de la intolerancia.[1] Debe á esta máxima el antiguo ducado de Brandemburgo, hoy convertido en cabeza de un poderoso imperio, todo lo que es, y esa misma política, orígen de la unidad germánica, explica indirectamente la crísis por que pasa en la actualidad la sociedad latina, segun el concepto romano-frances. Hasta se puede sospechar que no ha influido poco en que la Alemania se vea libre de ciertos errores prácticos tan predominantes, segun parece, entre los latinos.[2]

Madrid.—Enero, 1874.

(*Continuará*). FRANCISCO M. TUBINO.

[1] Antimaquiavelo cap. XXVI.

[2] Me bastará citar un solo texto en corroboracion de este acerto. Timoteo francoeur, francés desanexionado, católico, apostólico, romano, partidario en Francia de Chambord y en España de D. Cárlos, acaba de escribir un libro para probar que toda la preponderancia de Prusia es debida al protestantismo y la incredulidad literaria de los siglos XVIII y XIX afirmando que esta preponderancia es el crímen de la Europa liberal que ha consentido la espoliacion del patrimonio de S. Pedro — Véase: *Guerre de la Prusse contre l'Eglise catolique* etc. *Paris* Donniol 1873.

O CRIME DO PADRE AMARO

IV

Fallava-se, ao outro dia, na cidade, curiosamente, da chegada do parocho novo: todos sabiam já que tinha trazido um bahu de lata, que era magro, e que chamara Padre-Mestre ao conego Dias.

—Mas tão novo! dizia-se.

Porque emfim era uma parochia difficil, na sede do bispado.

—E é Leiria, acrescentavam com orgulho caturra.

Outros, porém, achavam peores os parochos velhos, acalmados dos primeiros fervores, tropegos, com doenças e egoismos, todos occupados de intrigas.

—Veremos, veremos, era o resumo.

As amigas da S. Joanneira, as suas velhas convivencias, a sr.ª D. Maria da Assumpção, as senhoras Gansozos, tinham ido logo pela manhã a casa d'ella *para se porem ao facto*... Eram 9 horas; Amelia ainda estava com a rede de dormir na cabeça, chambre e saia branca; uma restea de sol entrava pela janella, e no pateo, sob a alegria da luz, os gallos cacarejavam. A S. Joanneira estava radiosa, escaldava louças, arrumava o armario, com vivacidade, fallando do seu parocho, da doçura dos seus gestos, da brandura da voz. Foi-lhes mostrar os arranjos que tinha feito: cedera o seu quarto ao parocho, em baixo, com a saleta, e dormia no chão n'um colxão, ao pé de Amelia.

—Dizem que é filho d'uma fidalga, disse a sr.ª D. Maria da Assumpção, que descendia d'um juiz de fóra.

—Qual! dizia a S. Joanneira.

—Mas venham cá, venham vocês cá abaixo. —Foi-lhes mostrar o quarto do parocho.

Amaro sahira ás 8 horas com o conego Dias.

Está muito bem; muito bem, diziam as velhas: e andavam pelo quarto, de vagar como n'um templo, bolindo no breviario, tocando no chapeu alto, de forro oleoso.

—Que rico capote, disse a sr.ª D. Joaquina Gansozo apalpando o pano das largas bandas que pendiam ao comprido do cabide. — É obra para um par de moedas!

—E boa roupa branca, disse a S. Joanneira, erguendo a tampa do bahu de lata: o grupo das velhas curvou-se com admiração.

—Ih! diziam.

—Ora vejam que saber que elle tem, assim tão novo, para ser parocho, disse a sr.ª D. Maria da Assumpção.

Mas a sr.ª D. Joaquina Gansozo entendia que só as cabeças calvas teem a gravidade catholica.

—Deixa lá filha, disse a sr.ª D. Maria da Assumpção, a gente sempre gosta de ver caras frescas.

—Ora não sei que é: á missa por exemplo....

—Sim, e á confissão, estar a gente alli e ver o pingo do rapé, e a baba!... como era com o Raposo. Não lá isso Deus me mate com gente nova.

—Lá isso é elle, disse Amelia, e nada má figura. E uns olhos...

—E as suas escovas de dentes, disse a sr. D. Joaquina Gansozo.

—E pós!... É o mais que se póde, dizia, é o mais que se póde!

E beijando a S. Joanneira felicitavam-n'a, por que adquirira, hospedando o parocho, uma authoridade inesperada, quasi ecclesiastica.

—Vocês apparecem á noite, disse ella, do alto da escada.

—Sim, sim... e com um burburinho de vozes velhas, sairam traçando os seus manteletes.

Ao meio dia, veio o sr. Libaninho, um devoto, e subindo a correr os degraus, gritava com a sua voz fina:

—Oh S. Joanneira!

—Sobe, Libaninho, sobe.

Estava ella a preparar para a noite o candieiro grande de petroleo.

—Então o sr. parocho veio, hein? disse o Libaninho, com o seu rosto todo barbeado, e geitos sacudidos de cintura. — Que tal, que tal?

A S. Joanneira começou a glorificar o sr. parocho novo. Dizia a sua mocidade, a sua pouca barba, o seu zelo nos preceitos, o seu ar descorado.

—Coitadinho, coitadinho, dizia com um pasmo beato, o Libaninho.

Mas não se podia demorar, ia para a repartição.

—Adeus, filhinha, adeus, dizia elle, pondo a mão no hombro á S. Joanneira. Estás cada vez mais gordinha. Olha que resei hontem a Salve-Rainha que tu me pediste, ingrata! A creada tinha entrado:—Adeus Russa. Estás magrinha: pega-te com a Senhora Mãe dos Homens, filha. — E apressado, buliçoso, saracoteando-se, com um pequeno pigarro, desceu a escada rapidamente, gritando:

—Adeusinho, adeusinho! pequenas!

Amaro, depois do jantar em casa do conego Dias, foi passear com elle pela estrada dos Marrases. Estava contente: o sr. chantre batera-lhe affavelmente no hombro:

— Conheci muito o sr. conde de Riba-Mar, disse-lhe elle, em 46 no Porto. Sim senhor: somos amigos velhos. Era eu cura de Santo Ildefonso: ora veja!—E fallando do seu tempo, contava anedoctas, curiosidades ecclesiasticas: mostrou Manoel Passos, passeando na Praça Nova, com o seu comprido casaco pardo, chapeu de grandes abas, dizendo: *Animo patriotas, animo!* — *O Xavier aguenta-se!*—Todos tinham rido.

—Esta imitação sae-me bem, disse elle, modesto.

A especialidade de s. ex.ª era imitar vozes, e o zumbir d'uma mosca.

Depois Amaro jantara bem em casa do conego Dias, tomara vinho do Porto, e sentia dilatar-se na vida, como na tepida consolação d'um banho. A tarde estava placida: a paisagem alargava-se nos seus grandes valles: e os pinheiraes rareados das collinas destacavam, atravessados de luz, no ar claro e fino: fumos esbranquiçados sahiam dos casaes: e sentiam-se os chocalhos dos gados que recolhem. Amaro, caminhava de vagar, respirando largamente, com a carne contente e dizia olhando em redor:

—Pois senhores, parece-me que me hei-de dar bem aqui.

A gente voltava do trabalho: as mulheres trasiam os seus grandes feixes de herva; os homens, com a jaqueta ao hombro, a enchada ás costas, passavam dando as boas tardes. E no emtanto no convento de S. Francisco, onde é a cadea, macisso e baixo, já se tinham accendido luzes, e uma claridade soturna e mortuaria vinha atravez das grades.

—São horas de nos irmos chegando; disse o conego Dias.

E voltaram, callados, já na penumbra nocturna, para casa da S. Joanneira.

Eram 8 horas. Todas as velhas amigas estavam já na sala do jantar. Tinha-se chegado a mesa para junto da parede, um candieiro de petroleo allumiava sob o seu *abat-jour* de rosas verdes em relevo; e a linha das cadeiras, cobertas de vestidos, arqueava-se em redor. Ao pé da luz, Amelia costurava isolada.

A sr.ª D. Maria da Assumpção vestira-se como para uma gala: o seu *chinó* de um loiro avermelhado apparecia sobre a testa enrugada, por baixo da renda d'um *enfeite* preto; e os seus occulos azues, pousados sobre um nariz agudo, fino, e saliente, destacavam sobre o rosto d'uma brancura amarella como um marfim antigo. E, quando ella ria, viam-se os seus dentes enormes separados, cravados nas gengivas como cunhas: as mãos grossas, calçadas de mitenes de seda preta, relusiam de anneis: na cintura comprida destacava a hirta rigesa dos espartilhos, e do broche, sobre o pescoço, até ao cinto de seda preta com vidrilhos, um grosso grilhão de oiro cahia com passadores lavrados. Era viuva e rica, dizia-se fidalga, e tinha o habito de estar sempre sorvendo, pelo nariz, com um ruido immundo.

—Ora aqui tem o sr. parocho novo, sr.ª D. Maria, disse a S. Joanneira.

Ella ergueu-se, direita, e fez uma mesura, com um movimento de quadris, commovida. Mas uma cadellinha felpuda, que tinha aninhada na barra do vestido, perturbada na sua somnolencia, ganio, e a sr. D. Maria da Assumpção dizia, batendo-lhe meigamente com a ponta do leque;

—Quieta, amorsinho, quieta.

—Estas são as sr.as Gansozos ha de ter ouvido... disse a S. Joanneira, ao parocho.

Amaro comprimentou timidamente. Eram duas irmãs: Passavam por ter algum dinheiro mas costumavam receber hospedes a 15$000 réis por mez. A mais velha, a sr.ª D. Joaquina, era uma pessoa secca, com uma testa enorme, larga, abaulada, onde se estendiam, no alto, os bandós chatos d'um cabello castanho; e os olhos pequenos, vivos e encovados, o nariz arrebitado, o queixo agudo, accumulavam-se quasi juntos, n'um pequeno espaço, no baixo do rosto. Embrulhada no seu chale, direita, com os braços cruzados, fallava perpetuamente, com uma voz dominante e aguda, cheia d'opiniões. Dizia mal dos homens, e lia versos; ultimamente, dava-se toda á egreja; mas levara para a devoção certas impertinencias: discutia, era casuística, subtil e lia livros de theologia.

A irmã mais nova, a sr.ª D. Anna, era extremamente surda. Nunca fallava, e com os dedos cruzados sobre o regaço, os olhos baixos, fazia girar tranquillamente os pollegares. Magra, com o seu perpetuo vestido preto de riscas amarellas, um rolo de arminho ao pescoço, as feições grossas e trigueiras, dormitava com o beiço descahido, e só accentuava a sua presença de vez em quando, por grandes suspiros agudos: dizia-se que tinha uma paixão funesta pelo recebedor do correio. Todos a lastimavam, admirando a sua habilidade em recortar papeis para caixas de doce.

Estava tambem a irmã do conego Dias. Chamavam-lhe a *castanha pillada*. Secca, engilhada, ossea, aguda, livida, fallava sempre, com uma voz sybillante, e o seu temperamento aspero, intrigante, subterraneo, dava-lhe maneiras bruscas, e uma grande irritação de palavras. Era beata e azeda.

—Então passeou muito sr. parocho? perguntou ella, empertigando-se.

Fomos quasi até lá ao fim da estrada dos Marrases, disse o conego sentando-se pesadamente, por traz da S. Joanneira, e saccudindo com a ponta da capa o pó dos sapatos.

—Não achou bonito, sr. parocho? disse a sr.ª D. Joaquina Gansozo.

—Muito bonito.

E então fallavam das paisagens de Leiria, de boas vistas: a sr.ª D. Josepha Dias gostava muito do passeio ao pé do rio, e até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia cousa assim. A sr.ª D. Maria da Assumpção preferia a egreja da Encarnação, no alto.

—Disfructa-se muito d'alli, disse ella pomposamente.

Amelia disse então:

BIBLIOTECA NACIONAL

—Eu por mim gosto ali de ao pé da ponte, d'aquelle logar, debaixo dos chorões, — e partindo com os dentes o fio da sua costura: — é tão triste! disse.

Amaro então olhou para ella: Tinha um vestido azul, que lhe modelava o contorno redondo e doce do seio; o seu pescoço, branco, batido da luz,sahia direito, firme, macio, tenro, d'um colarinho branco voltado: a luz tornava salientes os seus beiços vermelhos e frescos, e, com o respirar, as suas narinas delgadas arfavam, e um buço punha no seu beiço uma sombra subtil e doce.

Houve um pequeno silencio:

—Que será feito do sr. padre Brito? disse a sr.ª D. Maria da Assumpção.

—Está talvez com a enchaqueca, o santo homem, disse piedosamente a irmã do conego.

Então um rapaz que estava sentado, junto do aparador, callado, defronte de Amelia, disse com uma voz sympathica:

—Eu vio-o hoje a cavallo; ia para os lados da Barrosa.

—Homem, exclamou com voz amarga, a irmã do conego, é milagre ter o senhor reparado.

—Por que minha senhora? disse elle rindo, e erguendo-se:

Era alto, todo vestido de preto, o cabello preto lustroso, e sobre o rosto branco, e um pouco fatigado, destacava bem um bigode pequeno, negro, cahido aos cantos, que elle costumava morder com os dentes.

—Ainda elle o pergunta! exclamou a sr.ª D. Joaquina Gansozo. O sr. que nem lhe tira o chapeu.

—Eu?

—Sim senhor; continuava ella: disse-m'o elle.—E accrescentou: Ai sr. parocho, bem pode chamar este senhor, o sr. João Eduardo, para o bom caminho.

—Mas eu parece-me que não ando no mau caminho, disse elle rindo, com as mãos nos bolsos, e a cada momento os seus olhos se voltavam para Amelia.

— E' uma graça! começou a dizer com aspecto affavel a sr.ª D. Joaquina Gansozo. Olhe com o que o sr. hoje disse lá em casa, de tarde, da Santa da Arregana, não ha de ganhar o céu, não! — E teve um riso hostil.

— Ora essa! gritou a irmã do conego, a sr.ª D. Josepha Dias, voltando-se para João Eduardo, que estava por traz;—e viam-se, entre a sua toca preta e o vestido de lã escuro, um pescoço engelhado e secco, o agudo perfil do seu nariz e o queixo retrahido: — Então que tem o sr. a dizer da Santa? Acha talvez que é uma impostora, hein?

— Credo, Jesus! disse a sr.ª D. Maria da Assumpção, erguendo as mãos contra o peito, e fitando João Eduardo com espanto piedoso:—Pois elle havia de dizer isso? Credo!

— Não, o sr. João Eduardo, affirmou gravemente o conego, desdobrando o seu lenço vermelho, não era capaz de dizer uma d'essas.

Amaro, que estava sentado junto da mesa, inclinou-se, e com a sua voz vagarosa:

— Mas quem é essa pessoa, eu estou de novo...

— Credo! Pois não tem ouvido fallar v. s.ª? perguntou n'uma admiração a sr.ª D. Maria da Assumpção.

— Oh senhores! exclamava a sr.ª D. Josepha Dias, pois diz que os jornaes de Lisboa vem cheios d'isso!

— É com effeito uma cousa bem extraordinaria, ponderou com um tom profundo o conego.

A S. Joanneira interrompeu a meia, e tirando a luneta:

— Ai! não imagina, sr. parocho, é o milagre dos milagres.

— Se é! se é! disseram.

Havia um silencio.

— Mas então?... perguntou todo curioso o parocho.

E olhava em redor.

Amelia costurava, e a luz crua punha nos seus cabellos pretos reflexos metallicos e asperos.

— Olhe, sr. parocho, a santa,—começou a contar a sr.ª D. Joaquina Gansozo, endireitando-se no chale, fallando com auctoridade; — é uma mulher que aqui ha n'uma freguezia perto, que está ha vinte annos na cama.....

— Vinte e cinco, interrompeu a sr.ª D. Maria da Assumpção, tocando-lhe com o leque no braço.

— Vinte e cinco? Pois olhe, ao sr. chantre ouvi eu dizer vinte.

— Vinte e cinco, vinte cinco; affirmaram a S. Joanneira e a irmã do conego.

— Está ha 25 annos na cama, concluiu o conego.

— Ora essa! disse Amaro.

— Está entrevadinha de todo, sr. parocho! rompeu a irmã do conego, com grandes gestos. Parece uma alminha de Deus! Os bracinhos são isto! e mostrava o dedo minimo. Para a gente a ouvir é necessario pôr-lhe a orelha ao pé da bocca!

— Pois se ella se sustenta da graça de Deus! disse lamentosamente a sr.ª D. Maria da Assumpção. Coitadinha! que até a gente lembrar-se! — As suas palavras tinham uma piedade chorosa.

Houve entre as velhas um silencio commovido. Ouvia-se dentro ferver a chaleira do chá.

— Mas porque é... ia a começar o parocho.

— Olhe, sr. parocho, a causa é esta: interrompeu João Eduardo impacientado. O que os medicos dizem é que aquillo é uma doença nervosa.

Foi um clamor, todos reclamavam: a sr.ª D. Maria da Assumpção tinha-se persignado.

— Pelo amor de Deus, gritava a sr.ª D. Josepha Dias, o sr. diga isso deante de quem quizer, menos de mim.

— E de mim! sr. João Eduardo, disse a S. Joanneira, despeitada.

— Ai! Ai! fazia absorta a sr.ª D. Maria.

— Olhe, exclamou a sr.ª D. Josepha Dias, o sr. o que é, é um homem sem religião! — E voltando-se para o lado de Amelia, com a voz acre, o corpo n'uma attitude hostil: Olhe, filha minha é que eu lhe não dava! Saiba.

Amelia corou. E o sr. João Eduardo, avermelhado tambem, curvou-se sarcasticamente.

— Eu digo o que dizem os medicos. E de resto, olhe que não tenho pretenções a casar comsigo, sr.ª D. Josepha! Saiba tambem.

Houve algumas risadas.

— Arreda! Cruzes! gritou ella.—Estava colerica; a pelle engilhada, irritada d'um rubor, e pressentia-se a ira dos seus olhos sob os oculos azues: — Arreda, arreda! disia.

— Mas o que faz então essa Santa? perguntou o padre Amaro.

— Olhe, sr. parocho, disse a sr.ª D. Joaquina Gansozo,—está sempre na cama; sabe resas para tudo; pessoa por quem ella peça, tem a graça do Senhor; é a gente apegar-se com ella, e cura-se de toda a molestia. E depois, quando communga, começa a erguer-se, a erguer-se, e fica com o corpo todo no ar, com os olhos erguidos para o céu, que até chega a fazer terror.

Mas, n'este momento, uma voz dizia á porta da sala:

— Ora viva a sociedade! Isto hoje está de truz!

Era um rapaz extremamente alto, com a quinzena curta, o chapéo desabado na mão. Era amarello, com as faces escavadas, uma grenha irrissada, e o bigode arqueado e torcido accentuava-lhe a magreza do rosto; quando ria tinha uma sombra na boca, porque lhe faltavam quasi todos os dentes de diante: os seus olhos cavados, de grandes olheiras, de uma ternura imbecil, fitavam sempre melancholicamente. Trazia uma guitarra, parecia pobre e mal lavado. Comprimentava rindo, e battendo no hombro das velhas.

— Então como vae? perguntaram-lhe.

— Mas, respondeu com voz triste, sentando-se, sempre as dôres no peito, a tossesita...

Insistiram então em que experimentasse o oleo de figados de bacalhau.

— Uma viagem á Madeira, isso é que era, isso é que era! — disse a sr.ª D. Joaquina Gansozo.

Elle rio dolorosamente.

— Ora, dizia, um pobre amanuense de administração, com 18 vintens por dia, mulher e 4 filhos!

— E como vae ella, a Joannita?

— Coitadita, lá vae. Tem saude, graças a Deus. Gorda, forte, sempre com bom appetite. Os pequenos, os dois mais velhos é que estão doentes; de mais a mais agora a creada tambem caiu de cama... É o diacho! — E encolhia os hombros.

E a sr.ª D. Joaquina Gansoso contava baixo ao parocho que aquelle rapaz, o Arthur Couceiro, era muito engraçado, e tinha uma bella voz. Era a melhor da cidade para modinhas.

Mas a Russa tinha entrado com o chá; arrastavam-se as cadeiras.

— Cheguem-se, cheguem-se, dizia a S. Joanneira, enchendo as chavenas d'alto, com grande ruido. Agitavam-se junto da mesa; Arthur offerecia assucar com o seu antigo gracejo, sempre risonho:—Se está azedo, deite-lhe mais sal!—E as velhas sorviam pequenos goles pelos pires, e de vez em quando limpavam com os lenços que tinham no regaço os cantos da boca, luzidios de manteiga.

— Ha ahi uns docinhos muito frescos, disse a S. Joanneira.

Cada uma se servia, e punha ao lado da chavena, sobre o guardanapo, guardando, preciosamente, para o fim. E a sr.ª D. Joaquina Gansozo tinha reservado dois, no bolso, para o seu afilhadinho. A sr.ª D. Maria da Assumpção deu-os a provar á cadella.

Sentia-se sorver alto, e o mastigar humedecido e ruminado de queixos desdentados. E com arrotos ligeiros, cada uma recuava um pouco a cadeira, sacudindo as migalhas do regaço,; e encostadas, com os braços crusados, limpavam os dentes com a lingua, ou, com os beiços arreganhados tiravam uns bocadinhos de pão com as unhas.

O sr. Arthur, quando estava, costumava cantar depois do chá. Tinha-se aberto o velho piano, e uma vella alumiava o antigo caderno de musica, todo amarellado, copiado á mão. A S. Joanneira foi buscar uma travesseira para Amelia estar mais elevada, ao piano; e esta um pouco curvada, depois de ter sorrido, resmungando com um certo mimo, corria sobre o teclado do piano, todo gasto, os dedos inexperientes.

E então Arthur, depois de ter conferenciado baixo com Amelia sobre o compasso e o tom, trauteando, ergueu a sua voz arrastada, d'uma ternura emphatica, desolada e ligeiramente fanhosa:

Adeus, meu anjo! vou partir sem ti!

Era uma canção dos tempos romanticos de 51, o *Adeus!* Dizia a saudade, na suprema despedida, nos bosques, quando o outono empalidece e desfolha; a morte, os corações descridos, os homens solitarios e precitos, que inspiram um amor funesto, e a tumba esquecida em valles distantes!

— Muito bonito, muito bonito! — diziam.

E a melodia, dolorosa e plebea, ora n'um desmaio arrastado, ora n'uma vehemencia infeliz, levava a letra poetica, como a ondulação d'uma maré leva o destroço d'um barco.

Arthur cantava convencido, o olhar vago; e nos intervallos, durante o acompanhamento, sorria em redor; e na sua boca cheia de sombra viam-se os restos de dentes podres. A Russa á porta escutava toda pasmada. O padre Amaro, ao pé da janella, via Amelia de lado e olhava-a instinctivamente todo enlevado n'aquella musica: o seu perfil fino, d'encontro á luz, tinha uma linha luminosa; destacava harmoniosamente a curva do seu peito, e elle via as suas palpebras de grandes pestanas, que do teclado para a musica se erguiam e se abaixavam, com um movimento doce; e os cantos da sua boca tinham uma sombrinha lasciva.

Ás vezes ella hesitava: suspendia-se um momento no acompanhamento, e, piscando os olhos, affirmava-se, com a cabeça estendida. Havia então um ligeiro silencio, e ouvia-se dentro a tosse afflicta da idiota e certos gemidos. Mas o acompanhamento rompia, e os grandes versos sentimentaes vinham caindo na sonoridade das rimas.

E quando Amelia se ergueu, todos gabaram o seu talento; e Amaro de uma das janellas, commovido, seguia-a com os olhos: Notava-lhe ainda o vestido de lã azul junto ao corpo, e sentia-se a forma e redondeza dos seus braços, e o seu pescoço, saindo do collarinho branco, tinha uma linha doce e tons pallidos e baços.

Mas chegára a hora do loto, e cada um tomava os seus cartões; conchegavam-se á mesa e chocalhava-se o sacco dos numeros.

— Olhe, aqui tem um logar, sr. parocho, disse Amelia. Era ao pé d'ella. Elle hesitou, mas tinham aberto espaço, e um pouco corado, veiu introduzir a sua cadeira ao pé de Amelia que accamava a gomma das saias.

João Eduardo, só, tinha ficado de pé. Estava encostado á janella; desfranzira a cortina: um grande luar empallidecia o céu, e a linha negra das casas fronteiras destacava bruscamente. Estava um pouco triste; Amelia olhava para elle, muitas vezes ternamente; sorrira-lhe. Sentia-se descontente: sentia vagamente n'ella uma attenção artificial; e estar só, de pé, excluido da mesa, parecia-lhe comparavel ao seu destino.

Era filho d'um antigo empregado do governo civil. Quando o pae morreu vira-se só, com a irmã, ao desamparo, sem emprego, tendo de vender a mobilia da sala, as ultimas colheres de prata. Mas foi forte. Collocou-se como escrevente em casa do tabellião Falcão; e a irmã, pessoa loira e doente, fôra por intervenção d'um velho amigo da familia para o recolhimento de Jesus, destino melancholico, mas farto. João Eduardo era um rapaz serio, casto e digno. De dia trabalhava no seu cartorio, com umas mangas falsas de lustrina, para não roçar o seu casaco, e á noite, no seu quarto, só, estudava flauta, porque tinha delicadesas de espirito e de temperamento, e a musica consolava-o.

Dizia-se que elle fazia versos, mas as suas palavras eram simples e as suas aspirações triviaes. De resto, amava Amelia muito, profundamente, como um destino exclusivo.

De ao pé da janella via-a ao pé de Amaro na attenção do jogo, curvada sobre os seus cartões. A mesa era estreita e a manga azul do vestido d'ella roçava ás vezes o braço do padre. Havia um silencio avaro, e, com a voz dormente, o conego tirava os numeros, chocalhando de vez em quando o saco. A sr.ª D. Anna Gansozo que não jogava, dormitava a um canto, e com a bocca entreaberta, ressonava ligeiramente.

Ás vezes, no socego, erguia-se uma voz monotona:

— Precisa-se o 36! Chocalhe esses numeros sr. conego!

Com o *abat-jour*, as cabeças estavam todas na sombra, e cahia uma luz crua sobre o chale escuro que cobria a mesa, onde destacavam os cartões todos ennegrecidos do uso e as mãos seccas das velhas pousadas

em attitudes aduncas, n'uma intenção de ganho. Sobre o piano aberto a vella derretia-se com uma chama viva e avermelhada.

—Então não joga sr. João Eduardo? disse Amelia olhando para elle: Onde está?

Elle sahio da sombra da janella.

—Tome lá este cartão, ande, jogue.

—E receba as entradas já que está de pé; disse a S. Joanneira.

João Eduardo foi em roda com o pires de porcellana, mas no fim faltavam dez réis.

—Eu já dei, eu já dei—diziam todos.

O escrevente vira que a irman do conego não tocara no seu cobre acautellado.

—Ah sim, disse elle então, sorrindo, fui eu que me esqueci!

E a irman do conego dizia então baixo á sua visinha a sr.ª D. Maria da Assumpção:

—Queria ver se escapava o melro! Isto gente que não tem religião não tem escrupulos!—E a outra velha approvou.

—Só quem não está feliz é o sr. parocho, disseram.

Amaro sorriu-se: estava um pouco distrahido. Sentia o calor do corpo d'Amelia, e mesmo, um certo cheiro feminino que não conhecia. Ella tinha o vestido ligeiramente decotado no começo do seio, e sobre a pelle macia de tons suaves, destacava uma cruz d'azeviche. Ás vezes Amaro esquecia-se de marcar, e ella dizia sorrindo:

—Olhe que não marcou.

Tinham apostado dous ternos: ella tinha ganho: tinham rido. E depois faltou a ambos para quinarem o numero 36.

Em roda tinham reparado.

—Ora vamos a ver se quinam ambos, disse a sr.ª D. Maria da Assumpção, com o seu riso abstracto, em que destacavam os grandes dentes.

Mas o 36 não sahia: havia outras quadras nos cartões alheios; Amelia receava que quinasse a sr.ª Gansozo; Amaro que tinha duas quadras ria interessado.

O conego tirava os numeros vagarosamente.

—Vá! Vá! diziam-lhe. Todos estavam attentos.

Amelia, debruçada, com os olhos vivos, animados, corada, esperava:

—Dava tudo p'ra que sahisse o 36.

—36 disse o conego!

—Quinámos! exclamou ella triumphante, rindo, toda vermelha, e tomando o cartão do parocho, mostrava-os ambos, orgulhosa, para conferirem.

—Deus os abençoe, disse o conego, rindo, e entornando-lhes diante o pires cheio de moedas de dez réis. Todos riram tambem.

—Parece milagre, dizia a sr.ª D. Maria da Assumpção, na sua voz arrastada.

No entanto tinham dado 11 horas. As velhas começaram a embru-

lhar-se nos chales, ia-se á janella ver a noite, cada um contava os seus ganhos. Amelia sentada ao piano, corria o teclado, rapidamente, nervosa.

—Vem cá ámanhã? disse ella baixo, sem erguer os olhos, a João Eduardo.

—Não, respondeu elle seccamente.

Ella continuou, ferindo as teclas com uma impaciencia; mas a sr.ª D. Josepha Dias, toda embrulhada, com um chale de ramagem pela cabeça, veiu beijal-a.

A Russa allumiava. O murmurio de vozes enchia as escadas, e ao descer os adeus repetiam-se. O sr. Arthur harpejava na guitarra, cantarolando o descrido.

E ainda na rua, á porta, se sentiam as vozes que se despediam, que fallavam da noite, e o murmurio da violla, os tamancos dos creados que tinham vindo com as lanternas, batendo no lageado.

Amaro foi para o seu quarto: estava fatigado, confuso, um pouco impressionado, estava mesmo levemente arrependido. Chegara na vespera, e passara já o noite jogando o quino, ouvindo musica, rindo, no contacto de mulheres.

—Mau, mau! dizia. As suas horas deviam ser passadas nas resas, nas leituras christãs, ou em consolações. Mas o conego, o seu mestre de moral, estivera, assim, como n'uma situação natural e legitima! Depois a vida ecclesiastica não era a aspera suppressão da alegria.

—Está claro, está claro, murmurava.

E lembrava as figuras das velhas, os dentes podres de Arthur e Amelia, achava-a toda attrahente e *boa rapariga*. Parado, no quarto, fitando a luz, via o seu penteado, as suas mãos pequenas, com os dedos um pouco trigueiros picados da agulha, e a doçura da sua pelle, ao lado do pescoço, sob a orelha. Mas sentiu dar meia noite e não tinha resado ainda. Despio o casaco, rapidamente, abriu o breviario:

—Ora esta! exclamou.

Não tinha agua no quarto e tinha o habito de beber sempre de noite; não podia ficar sem um copo, á cabeceira. Quiz chamar a creada, mas estava deitada de certo, não sentia rumor. Lembrou-se que o cantaro da agua estava na sala do jantar com uma canequinha azul vidrada, em cima do testo de barro. Então calçou as chinellas, tomou o castiçal e subio devagarinho. Havia luz na sala do jantar, estava o reposteiro corrido, ergue-o, mas estacou, e ouvio dentro um pequeno grito. Vira, n'esse momento Amelia, em camisa e saia branca, que de pé, junto da luz, dava uma passagem n'umas botinas. Ella tinha fugido, correndo para o quarto. Amaro ficou immovel, abstracto, com um suor á raiz dos cabellos.

Poderiam suspeitar uma offensa! Seria expulso! e palavras indignadas, iam sair atravez do reposteiro da porta do quarto, que ainda se balouçava, agitado.

Mas a voz d'Amelia serena perguntou:

—Que queria sr. parocho?

—Vinha buscar agua, disse elle com voz tremula, a bocca secca.

—Aquella russa! aquella desleixada! Desculpe sr. parocho, desculpe. Olhe ahi ao pé da mesa, o cantaro. Achou?

—Achei, achei!

E desceu de vagar, o copo cheio tremia-lhe; pelas costas dos dedos escorria-lhe agua.

Poisou o castiçal e ficou fitando a luz, ao pé da mesa, e com os dedos, machinalmente, enrolava a estearina amollecida. Ella estava em camisa... não vira detidamente... brancuras vagas... um hombro, um braço... a camisa descia, um pouco decotada, com uma rendinha... Via-se a redondeza firme, cheia, do seio... E com os olhos fitos, as narinas dilatadas, Amaro sentia-se n'um torpôr, e como cahir, perder-se n'alguma cousa insondavel, deliciosa e terrivel... Deitou-se sem rezar, revolveu-se, e quando adormeceu já cantavam os gallos.

Amelia, em cima, no seu quarto, não dormia tambem; tinha apagado a luz, e de costas, as mãos crusadas por traz da cabeça, entregava-se a uma grande abstracção viva, feita de ideas, de recordações, de planos, de sensibilidades. O quarto era pequeno: a mãe tinha cedido os seus quartos em baixo ao padre Amaro e dormia, ao pé d'ella n'um colxão, no chão, n'um largo cochim acamado sobre esteiras. Em cima da commoda, dentro d'uma bacia, estava a lamparina, e a luz monotona e velada um pouco do espelho, reluzia, com tons d'aço. O quarto da idiota era ao pé e atraz da porta cerrada, Amelia sentia o seu ressonar catarroso, e grandes tosses que tinha, dormindo, e que terminavam n'um arquejar prolongado, e cheio de cançasso. A lamparina estava a extinguir-se, e o quarto estava n'uma penumbra, abafada e espessa: brancuras de saias cahidas no chão, destacavam; o espelho tinha um vago reflexo livido, e na sua cama, a corpolencia da S. Joanneira, com o seu lenço branco amarrado, punha na roupa um grande relevo. O quarto era pequeno, e com a respiração, o ar espessava-se: estava espalhado um vago cheiro de morrão d'azeite; os moveis, as roupas, as saias e vestidos pendurados, faziam calor e abafavam.

Amelia, não podia adormecer. A mãe, ao pé, ressonava roncando, e Amelia, olhava abstractamente uma claridade redonda, que no tecto, por cima da lamparina, tremia violentamente. O gato, que ficava no quarto ás vezes, caminhava, com as suas passadas moles e fofas, e fazia ver, na escuridão do chão, os seus olhos lusindo com uma claridade phosphorica e esverdeada.

No entanto, na casa visinha, uma creança chorava sem cessar, e sentia-se a mãe embalar-lhe o berço que gemia, cantando-lhe baixo, arrastadamente, uma cantiga triste, dolente, chorosa:—Dorme, dorme, meu menino!—e nos intervallos do canto o ranger compassado do embalar do berço, tinha uma grande tristeza. Amelia conhecia aquella cantiga: ficara-lhe isoladamente, e como um ruido solitario, esta recordação dos primeiros annos. Quando tinha sete annos, ouvia a mãe cantal-a, nas longas noites de inverno, ao outro filho, um irmãosinho que tivera, o João,

e que morrera, com um anno, de sarampo. Ella dormia ao pé do berço d'elle, e quando sentia aquella toada, doce, arrastada, escondia a cabeça na roupa, sentia uma vaga abundancia de lagrimas, e a necessidade de deixar o mundo e de se perder n'aquella tristeza insondavel e illimitada que a tomava. Porque, desde pequena, fora d'um temperamento impressionavel, sensual, prompto ás lagrimas, fraco, e d'um coração assustado, como um passaro captivo.

Lembrava-se bem: Moravam então n'outra casa, e a janella do seu quarto deitava para um quintal: um limoeiro chegava á janella, e a mãe ás vezes punha na sua ramagem luzidia e metalica os coeiros de João se seccaram ao sol. Não conhecera o pae. A mãe tinha-lhe dito que elle era militar, e morrera novo: e gabava-lhe a sua bella figura, fardada com o uniforme de cavallaria. A mãe vivia então só com os dois filhos. Havia uma creada, a Annunciação, que ella tinha presente na memoria, sempre com o lenço da cabeça subido até á bocca, embrulhando os queixos, e a saia de chita arregaçada, apertada a traz, deixando ver o saiote de lã escarlate d'Aveiro: era filha d'um marnoto. Aos oito annos Amelia foi para a mestra. Era uma velhita redonda e grossa, com a bocca como a d'um peixe ao canto da qual pendia um signal cabelludo, o olhar surrateiro, risco na barba, e um lenço branco transpassado sobre o peito: era solteira e fôra educada n'um convento. Amelia gostava de lhe ouvir cantar as longas historias pittorescas do convento. A mestra, com os seus oculos redondos, junto á janella, costurava e, empurrando a agulha agilmente, descrevia o convento, os seus terrores e os seus encantos: como era extraordinario e terrivel, ao lusco-fusco, ver o luar que se estendia vagarosamente, no silencio dos altos corredores; o medo que inspirava, de noite, a lampada defronte d'um Christo de madeira ao fundo do dormitorio; as perrices da escrivã, sempre com o dedo no nariz, ou escabichando os dentes furados, e a cada momento batendo com o seu largo pé nas lages, com uma voz aguda e vehemente; a madre rodeira, somnolenta creatura, preguiçosa e pacata, com uma pronuncia minhota, trocando o V pelo B, e dizendo a cada momento:—*Ora ba, ba!*—Descrevia depois a mestra de cantochão, admiradora de Bocage, com o pescoço secco, como um molho de cordas, puxando pelas suas fidalguias, dizendo-se descendente do sTavoras, e contando todos os dias minuciosamente a execução d'aquella familia, em Belem, e não se esquecia de que o filho mais velho, um moço louro, levava calçadas meias de seda côr de perola, que custavam duas peças. Depois a mestra contava as legendas amorosas do convento: d'uma que fugiu, saltando a cerca com escada de corda; d'outra que morrera de amor, e cuja alma ainda em certas noites percorria os corredores, soltando gemidos dolorosos e chamando:—Augusto! Augusto!—;d'outra, que enlouqueceu, e tomando o Christo pelo seu amante morto, esteve longo tempo ao pé da cruz, dizendo á imagem do Crucificado palavras d'amor profano, olhando-o immutavelmente durante horas, n'uma contemplação inexcedivel e lugubre.

Amelia ouvia aquellas historias, surpresa, e desde esse tempo come-

çou a sentir-se agitada; vinham-lhe caimbras e um entorpecimento. Já então era afeiçoada ás coisas da egreja. Até aos 14 annos aquelle sentimento cresceu em seu peito, penetrando e formando o seu temperamento, como uma flor se abre dentro d'um copo e o enche. A casa da mãe era frequentada por padres. O sr. chantre Carvalhosa, um homem velho e robusto, que soprava ao subir a escada e tinha uma cadelinha felpuda e uma voz esganiçada e fanhosa, vinha todos os dias. Era o amigo da casa. Amelia chamava-lhe *padrinho*. Vinha sempre pela manhã, quando ella ia para a mestra, e ficava. Ás vezes, quando ella voltava para o jantar, encontrava-o ainda, com a sua vasta batina desabotoada, deixando ver o longo collete de veludo preto; a capa estava no cabide pendurada, tendo por cima o seu barrete de padre.

O chantre perguntava-lhe pelas lições, interrogava-a sobre o cathecismo, a taboada, e os verbos. Depois ella ia ao quarto da mãe pôr os livros, o chapéo, e tirar as botinas; calçava umas velhas botas da mãe, de duraque, cambadas.

Amelia lembrava-se: parecia-lhe que o via, com a barba bem feita, dura, a cara azulada, e as suas grandes orelhas donde saiam dous molhos de cabellos grisalhos. E a mãe, ao pé, costurava. Recordava-se bem: estava n'esse dia com uma flôr escarlate no cabello. E como que ainda via o irmão, que ressonava pesadamente, deitado em uma trouxa de roupa, que destacava sobre a chita escura da colxa. E Amelia sentia um prazer e como um repouso em recordar aquelles annos antigos.

Lembrava-se então das grandes devoções que a dominavam. A mãe obrigava-a a rezar, de manhã e á noute, o terço. A creada vinha: e monotonamente, com voz arrastada cheia de somno, á luz dormente do candieiro, ia recitando a Ave-Maria. A creada bocejava, e ella sentia um grande somno e um peso, e repetindo: — *ora pro nobis, ora pro nobis*, — cabeceava, e quando queria despertar, abrindo muito os olhos, via na parede a sombra da mãe, de perfil, com um nariz enorme, que se prolongava fantasticamente.

Á noutinha o chantre voltava: e depois vinha o padre Valente, o conego Cruz, e um velhito calvo de perfil aguçado e cortante, com oculos azues, que fôra frade franciscano, e a quem chamavam frei André. Vinham as amigas da mãe, a sr.ª D. Maria da Assumpção, as Gansozas, que traziam as suas *meias*. Ás vezes um capitão Couceiro, de caçadores; um louro alto, magro, com uma grande bengala de cana da India, e os dedos negros do cigarro, vinha tambem, e o camarada trazia-lhe a viola.

Mas ás nove horas, mandavam-na deitar; pela frincha do quarto ella via a luz e ouvia, de quando em quando grandes risadas; depois fazia-se um silencio, e o capitão, repicando a guitarra, cantava a meia voz o *Guerrilheiro* e a *Vivandeira*. Ella sentava-se na cama, e escutava-os até que os sentia descer com grande rumor na escada; e na rua o rumor prolongava-se sonoramente. Depois a mãe ficava juntando os cartões do quino, emquando a creada, que acordava estremunhada do seu somno junto do

brazeiro, na cosinha, arrumava as cadeiras, empurrando-as pesadamente, a mãe dava ordens para as compras do outro dia, bocejando, e entretanto desapertando o vestido.

Sempre assim vivêra entre padres. Era o padre Valente, o mais amigo d'ella: era extremamente gordo, com um barretinho de seda, e umas mãos grossas, flacidas, molles, trigueiras, com pequenas unhas. Tinha uma certa repugnancia, quando elle lhe passava a mão pela cara, vagarosamente, com um contacto humido e oleoso. Fallava baixinho, e quando á noute vinha o prato das torradas, ella não podia tirar os olhos do padre Valente, que comia com a cabeça sobre a chavena, lambendo os dedos, emquanto a manteiga lhe escorria dos beiços. Estava sempre a chamal-a, e gostava de a ter entre os joelhos, torcendo-lhe devagarinho a orelha, e ella sentia o seu hálito impregnado de cigarro. O conego Cruz era-lhe mais sympathico, com a sua figura magra, secca, o cabello branco, a volta sempre aceiada, e lusidias as fivellas dos seus sapatos. Ia sempre pôr-lhe o guarda-chuva a um canto, quando elle entrava devagarinho, comprimentando com a mão sobre o peito, e gostava da sua voz suave, e cheia de *ss*. Era o mais respeitado e todos se erguiam quando elle entrava:—Está aqui, está bispo;—diziam d'elle. Elle contava anedoctas de Lisboa, e fallava em marquezas. E Amelia considerava-o extraordinariamente, e um dia dissera:—que elle havia de ser um lindo bispo.—E todos tinham rido, e o conego Cruz, quando lhe contaram aquelle dito tinha-lhe beijado galantemente a mão. Aquillo tinha-a commovido: sentia-se orgulhosa, e não quizera lavar a mão: e d'ahi por diante, sustinha-se para lhe não deitar os braços ao pescoço e dizer-lhe, beijando-o:—Meu rico amiguinho!—

E assim vivera sempre n'um elemento ecclesiastico. Tinham-lhe ensinado o catechismo, a doutrina, e fallavam-lhe dos castigos do ceu. De tal sorte que Deus apparecia-lhe como um elemento barbaro e violento, que dá o soffrimento e a morte, e que é necessario abrandar, resando e jejuando, ouvindo novenas, amando os padres, indo ao Santissimo, rezando o terço, escutando sermões. Era por isso zelosa e minuciosa, e ás vezes, ao deitar-se, sentia remorsos se lhe esquecera uma *salve-rainha* e fazia penitencia, porque temia que Deus lhe mandasse sezões, ou a fizesse escorregar e cair na escada.

Foi por esse tempo, que ella começou a tomar lições de piano. A mãe tinha na sala de jantar, ao canto, um velho piano, antigo, coberto com um panno verde. Abandonado, desafinado, inutil, servia de aparador; e em cima estava uma rima de pratos e as garrafas. No entanto Amelia cantarolava pela casa: tinha uma voz casta, fina, fresca, e as amigas da mãe diziam-lhe:—Tu tens ahi um piano; porque não mandas ensinar a rapariga?... sempre é uma prenda... ás vezes pode servir-lhe de muito.—O chantre tinha approvado, e agradava-lhe a idea de ter mais tarde quem lhe tocasse piano, depois de jantar, emquanto elle á janella, com o charuto na boca, se dilatava na espessa somnolencia da digestão.—O chantre conhecia um mestre: era um antigo organista da Sé de Evora. Fôra

casado e infeliz; uma filha unica fugira-lhe com um alferes, para Lisboa, e não soubera mais d'ella; tinha-lhe dito um negociante de Leiria que a encontrára em Lisboa, de saias enfunadas, cuia postiça, *garibaldi* vermelho, debruçada n'uma janella com taboinhas. O velho cahira em grande miseria, e por piedade tinham-lhe dado um emprego no cartorio do convento da Encarnação. Amelia sympathisou com elle, logo desde a primeira vez que vio aquella figura alta, secca e corcovada, com o cabello comprido e branco, a bocca desdentada, apertado n'uma sobrecasaca esverdeada, com uma gravata de seda esgaçada, que deixava vêr o interior de papelão, e um pequeno capote cor de vinho, curto, que lhe vinha á cintura com um cabeção de veludilho velho. Chamavam-lhe o tio Cegonha, pela sua alta estatura, a sua magresa, e o seu ar melancholico e solitario. Amelia, um dia, tinha-lhe chamado tio Cegonha; mas depois, cahindo em si, ficou toda embaraçada, com os olhos baixos, e um ar de envergonhada.

O velho poz-se a sorrir:

—Ai, chama-me, minha rica menina, chama-me. Tio Cegonha... ora que tem? Cegonha sou eu, e bem cegonha!

Era então o inverno: os dias eram cheios de grandes chuvas; e essa aspera estação opprimia os pobres. Viam-se n'aquelle anno familias esfomeadas, indo á camara pedir pão. Tio Cegonha vinha sempre ao meio dia: O seu guarda-chuva azul escorria, deixando um ribeiro na escada: trasia o capote todo molhado, e quando se sentava escondia na sua vergonha de velho as botas encharcadas com a sola aberta: e Amelia sentia-lhe as mãos frias, molhadas, todas desconsoladas. O velho queixava-se do frio das mãos, que o impedia de dar a licção, de ferir com justesa o teclado; alem d'isso não o deixava escrever no cartorio:—Prendem-se-me as mãos, dizia: emfim Deus ha-de ser pelo melhor.—Mas quando Amelia lhe entregou o preço da primeira semana das lições, n'um papel, logo no outro dia, veio o velho todo contente, trasendo nas mãos umas grossas luvas de lã.

—Ah tio Cegonha, que frio, que tinha hoje!

—Foi o seu dinheiro, minha rica menina. Já comprei estas luvas; agora ando a juntar para umas meias de lá. Deus a abençoe, minha menina, Deus a abençoe, coitadinha. E tinham-se-lhe arrasado os olhos de lagrimas. Porque já fazia a Amelia confidencias: contava-lhe as suas necessidades, a longa provação por que passára, as saudades da filha, e as suas glorias na sé de Evora, quando tocava diante do sr. arcebispo, todo vistoso na sua sobrepeliz escarlate, accompanhando o *Te-Deum* solemne.

Amelia não se esqueceu das meias de lã do tio Cegonha. Pediu ao chantre que lhe desse umas meias de lã.

—Ora essa! para que? para ti?...

—Para mim, sim senhor.

—Deixe fallar, sr. chantre, disse a mãe.

—Não deixe fallar, não! dê, sim? dê!—E lançando-lhe os braços ao pescoço, começou a roçar-lhe o seu rostinho mimoso pela barba chamando-lhe ternamente, *querido amiguinho*.

—Que sereia! dizia o chantre rindo, que esperanças! ha-de ser o diabo!... Pois, sim, toma lá!—E deu-lhe dous pintos para umas meias de lã.

E no dia seguinte, tinha-os ella embrulhado n'um papel, que dizia por fóra em lettras garrafaes e todas tortas: Ao meu rico amigo, tio Cegonha, a sua discipula.

O tio Cegonha teve uma grande alegria: tinha as suas meias de lã. Ordinariamente, como o tio Cegonha vinha ás dez horas, ainda estavam no aparador restos do almoço, pedaços de pão, a manteiga, e se o chantre jantava n'esse dia em casa da S. Joanneira, estava a sobremesa, a marmelada, o copinho de gelea e o queijo da Serra.

Amelia via-o muitas vezes, durante a lição, olhar para o aparador. Um dia vi-o mais amarello, mais chupado:

—Que almoçou hoje, ó tio Cegonha?—disse-lhe ella de repente. —Mas logo, em seguida, como para emendar a pergunta: Quanto lhe dão lá no cartorio?

O velho fez-se muito vermelho.

—Eu minha rica menina... que me hão-ne dar? uma bagatella... quatro vintens por dia. Mas ás veses, dão-me assim alguma cousa,... hortaliças, couves, fructas...

—E chegam-lhe quatro vintens?

—Ora! como hãode chegar!—sempre é almoço, jantar, roupa lavada... Pouco é, mas sempre custa.

Amelia calou-se e continuou batendo o teclado: mas de repente levantou-se, foi ao armario, trouxe um pires de marmelada:

—Estou com uma fome, tio Cegonha!—O tio Cegonha não disse nada. Amelia trouxe a marmelada para cima do piano, e pão.

—Vamos fazer uma merenda, tio Cegonha!

—Ai! eu não, minha rica menina, obrigado.

—Máo! então tambem eu não quero: um bocadinho só...

E tirou com a faca uma lasca de marmelada dura, branca, bem secca, e ergueu-a ao ar.

—Aqui vae para o tio Cegonha. Vamos, abra a bocca!

—Ora, minha menina...

—Máu! máu! então ficamos mal.—E rindo, obrigou o velho a comer.

—Agora, agora.—E erguendo-se pé ante pé, foi deitar vinho n'um copo, e pondo o dedo na bocca: Psiú! nem pio! quem manda aqui sou eu! Já!

O velho bebeu consoladamente. Mas sentiram-se os passos da mãe, e Amelia, retomando com toda a gravidade a attitude da licção, começou a solfejar alto, com um ar profundo de attenção e de zelo.

Assim se estabeleceu uma intimidade entre Amelia e o mestre de piano. Quando entrava, ella tomava-lhe o chapeu; quando chovia, tirava-lhe o capote: tinha sempre alguma golodice para elle, e terminou por levar a mãi a dar de almoçar ao tio Cegonha, nos dias de licção. Tinha-

lhe arranjado um casaco de panno, do chantre, e assim cercava aquelle velho infeliz de consolações e de bem estar. O tio Cegonha, saindo da concentração do isolamento, começava a encontrar em Amelia uma amizade inesperada, em que elle se estabelecia como n'um conchego tepido. Encontrava n'ella aquelle elemento feminino, que amam os velhos, com as suas carícias, as suavidades da voz, as delicadezas de enfermeira: achava n'ella a unica admiradora da sua musica, e encontrava-a sempre attenta ás historias do seu tempo, ás recordações ecclesiasticas da velha Sé de Evora. O velho amava Evora: se se falava de edificios, ou de procissões, ou de festas de Igreja, exclamava sempre:—Para isso, Evora! em Evora é que é!

No entanto Amelia applicava-se ao piano: era a coisa delicada e boa da sua vida: já tocava uma contradança e antigas arias de velhos compositores; e a sr.ª D. Maria da Assumpção estranhava o mestre por não lhe ensinar o Trovador:—*coisa mais linda!*—como ella dizia. O tio Cegonha só conhecia a musica classica, as velhas arias ingenuas e doces de Lully, de Gluck. Sabia dizer, com simplicidade piedosa, no piano, as musicas religiosas. Amelia gostava de as aprender. Uma manhã, o tio Cegonha, quando veio dar a sua lição, encontrou Amelia toda amarella e tristinha. Tinha estado doente na vespera. O dia estava nublado, electrico, escuro: um vento frio soprava. O velho queria ir-se embora.—Não, não, tio Cegonha, disse ella, toque alguma coisa, para eu me entreter. Então elle tirou o seu capote, sentou-se e tocou uma aria muito simples, mas infinitamente triste.—Que lindo! que lindo! dizia Amelia, de pé junto ao piano. E quando o velho deu as ultimas notas, desanimadas:—Quem fez? quem fez? perguntou ella.

E então o tio Cegonha contou-lhe que fôra um frade, seu amigo.—Coitado, disse elle, teve bem o seu tormento!

Amelia quiz saber a historia, e sentando-se no mocho do piano, toda embrulhada no seu chale:

—Diga lá, tio Cegonha, diga como foi. E batia-lhe docemente com a mão no joelho.

O tio Cegonha disse então que aquelle homem tivera em novo uma grande paixão por uma freira, e que de tristeza e de dor se fizera frade franciscano: ia muitas vezes visital-o, quando elle era organista, e ambos no orgão tocavam as musicas religiosas.

—Olhe, menina, parece que o estou ainda a ver...

—E era bonito?

—Se era! Um rapaz na flor da vida, rico... Um dia veio ter commigo, ao orgão:—Olha o que eu fiz, disse-me elle. Era um papel de musica. Abria em ré menor. E elle poz-se a tocar, a tocar... Ai, minha rica menina, que musica!—E o velho commovido, pondo-se ao piano, disse as notas plangentes da clave em ré menor.

Amelia, durante todo o dia, esteve pensando n'esta historia. Á noite, deitou-se mais doente: assaltou-a uma excitação febril e nervosa. Passou toda a noite n'um sonho espesso e vivo, visionario e incoherente,

em que dominava a figura do frade franciscano, destacando na sombra do orgão da Sé de Evora. Via os seus olhos profundos, os seus dentes brancos. Tinha sido uma paixão que assim o arrastára para a inteira dor e para a amargura do convento. Parecia-lhe ver a freira pallida, branca, clara e triste encostada ás grades negras do convento. Depois, no longo claustro, a ala dos frades franciscanos caminhava para o escuro côro: elle ia no fim de todos, lento, com o capuz sobre o rosto, e depois as portas cerravam-se. Depois via-o triste na sua cella, á luz da lampada suspensa d'um varão de ferro, que allumiava um santo, escrevendo n'um papel de musica. E era por amor que elle assim estava na insondavel afflicção. E o amor apparecia-lhe como alguma coisa sublime e doce, que separa e mata: julgava que os que amam nunca podem encontrar-se; e o amor apparecia-lhe como uma coisa impossivel, inaccessivel e doce como a palpitação das estrellas. Ao outro dia estava boa, mas sempre aquella allucinação sonhada lhe ficou na memoria como uma boia nas vacillações da agua.

Por esse tempo o chantre morreu de repente com uma apoplexia. Foi uma consternação inesperada. Durante dois dias a S. Joanneira, esguedelhada, em saias brancas, chorou pelos quartos; e por vezes atirando-se de bruços para cima da cama, com o rosto entre a roupa, os cabellos espalhados em roda, solluçava com grandes ais desconsolados. A sr. D. Maria d'Assumpção, as sr.as Gansozos vieram n'aquelle dia, amansaram a sua dor com palavras triviaes; e a sr.a D. Josepha Gansozo resumio as consolações geraes dizendo com a sua voz ciosa:—Deixa filha que te não ha-de faltar quem te ampare. Setembro commeçava então e a sr.a D. Maria d'Assumpção que tinha uma casa na praia da Vieira quiz levar a S. Joanneira e Amelia para a estação de banhos para ella despender, nos bons ares saudaveis e em lugar differente, aquella dor accumulada.

—É uma esmolla que me faz, tinha dito a S. Joanneira. Sempre me lembra que era alli que elle punha o guarda-chuva, ali que elle se sentava a ver-me costurar.

—Está bom, está bom, deixa-te d'isso. Come e bebe, toma os teus banhos e o que la vae, la vae. Olha que elle tinha bem os seus sessenta.

—Ah! minha rica, a gente é pela amisade que lhe ganha.

Amelia tinha então quatorze annos, mas era alta e tinha já um relevo saliente de fórmas. Foi uma aventura pitoresca a partida para a Vieira. Era com pequenos rizos sonoros que ella via accumularem-se no carro de bois, as bahus e colxões. A presença do mar deu-lhe uma sensação ineffavel. Não se fartava de estar sentada na areia olhando a monotona cadencia da agua. Os dias estavam serenos, cheios de sol. A areia polida reluzia batida da luz crua, secca, penetrada d'um grande calor. A exhalação sahia das aguas, espalhava-se no ar, e Amelia rolava-se na areia, sob o sol, penetrando-se de luz, de ar salgado, da forte vitalidade que se exhala do mar, da presença dos elementos vivos, do cheiro acre das algas verdenegras. Estendia-se na areia e ali ficava impregnada de vida e de saúde, com o fato como uma esponja cheia d'agua. Veio-lhe alí

á pelle uma colloração forte e sanguinea, engordou, e o cabello que tinha castanho tomou um tom escuro e engrossou.

Logo pela manhã estava a pé. Era a hora do banho: as barracas de lona alinhadas estavam dispostas ao comprido da praia, as senhoras sentadas defronte em pequenas cadeirinhas de pau, embrulhadas em capas, as sombrinhas abertas, olhavam o mar; os homens de sapatos brancos, estendidos em esteiras, revolviam a areia com as mãos. Ás vezes de uma barraca, uma rapariga sahia pallida, no seu vestido de banho de lã azul, a toalha no braço; demorava-se a fallar do frio, persignava-se ás escondidas e depois, trémula, dando a mão ao banheiro trigueiro e molhado ia com passos assustados, e escorregando na areia entrava na agua, de vagar, rompendo a custo o mar d'agua esverdeada que fervia em roda. A onda vinha enrolada, ella mergulhava, e da praia riam vendo-a saltar e levar a mão ao rosto e ao cabello, nervosa; com movimentos sacudidos, e d'ahi a pouco vinha para a barraca com a toalha pela cabeça, sob o pesado vestido que escorria, vergando, fatigada, sorrindo e erguendo a diante a ponta da saia pesada d'agua, com os sapatos cheios d'areia molhada, No entanto as familias iam-se retirando vagarosamente depois do banho, com as cabeças amarradas em lenços brancos, as saias esguias e as sombrinhas abertas. Depois, de tarde, eram os passeios á beira-mar apanhando conchas; os espectaculos das sahidas dos barcos, do recolher das redes, e a cada momento a perspectiva do mar, com o ceu d'um azul claro ao por do sol e as ondas que gemem negras e pendem por ultimo com o seu mugido accentuado, em quanto ao longe o poente acende, nos seus grandes traços, doirados e moles tons. A noite reuniam-se e jogavam o quino.

D. Maria d'Assumpção tinha sido vizitada logo aos poucos dias por um rapaz filho d'um sr. Brito d'Alcobaça que era seu parente. Chamava-se Agostinho e era estudante de direito na Universidade. Era um rapaz baixo, de bigode castanho, uma pequenina pera, o cabello comprído deitado para traz, e luneta. Usava um grande chapeu desabado e trazia sempre, sobre o seu fato de mescla claro, um chale-manta escuro. O sr. Agostinho tinha um ar sympathico, recitava versos, sabia tocar guitarra, contava anecdotas de caloiros, fazia *partidas*, descrevia valentias e era famoso na Vieira, entre os outros homens, por saber conversar com senhoras:—O Agostinho, patife! disse o recebedor d'Alcobaça, — é chalaça a esta, chalaça áquella... um atrevimento assim!

Logo desde os primeiros dias, Amelia vio os olhos do sr. Agostinho Brito fitos sobre ella em attitude victoriosa. Corava um pouco, tremia, fazia tregeitos na cadeira e terminava por olhar para ali atrahida como involuntaria e vencida. O Agostinho torcia a pera radioso. Um dia tinham-lhe pedido para recitar.

—O' minhas senhoras isto aqui não é proprio, tinha elle dito.

—Ora vá! não se faça rogado. Olhe que não lhe digo aquillo, tinha dito a mulher do escrivão d'Alcobaça.

— Bem, bem, por isso não nos havemos de zangar.

—*O Noivado do sepulchro*, Brito, disse o escrivão que estava encostado á hombreira chupando no seu cigarro.

—Qual *sepulchro!* disse elle, ha-de ser, mas ha-de ser a *Morena*, e olhou para Amelia.

—Valeu, valeu, disseram.

—E eu acompanho, disse um sargento do 6 de caçadores, tomando a guitarra.

Fez-se um silencio. O vento e o vasto rumor do mar ouviam-se. O sr. Agostinho ergueu-se, e com voz grave, deitando o cabello para traz e fincando a luneta.

—Á *morena* disse:

És morena bem o sei
E és morena do meu gosto
Requeimou-te o sol d'agosto...

—Perdão, disse o escrivão de direito, a senhora não está boa.

Era a filha do recebedor d'Alcobaça: tinha-se feito muito pallida e lentamente desmaiava na cadeira com os braços pendentes, o rosto cahido sobre o peito. Foram dentro, burrifaram-n'a d'agua, e o pai afflicto chamava por ella:—Juliana! Juliana! Por fim levaram-n'a para o quarto d'Amelia e quando lhe desapertaram o vestido e lhe deram agua de colonia a respirar, sahio do esvaecimento, olhou em redor, começaram a tremer-lhe os braços, e romperam os choros. Fóra, os homens, em grupo, comentavam:

—Foi o calor.

—O calor que ella tinha sei eu, disse o sargento de caçadores.

O sr. Agostinho callado torcia o bigode com aspecto contrariado. Por fim todos se despediram e algumas senhoras foram a casa acompanhar a sr.ª D. Juliana. A sr.ª D. Maria d'Assumpção e a S. Joanneira, embrulhadas nos seus chales, tambem foram. A noite estava escura, com vento. Um creado levava um lampeão e todos caminhavam na areia calados.

—Tudo isto é teu proveito, deixa lá, disse a sr.ª D. Maria d'Assumpção á S. Joanneira.

—Meu?!

—Teu. Pois tu não percebeste? Esta Juliana, é que ha muito em Alcobaça era namoro do Agostinho. Mas o rapaz aqui, anda pelo beiço pela Amelia, percebes? A rapariga percebeu; viu-o recitar aquelles versos a olhar para ella, zás!

—Ai! então...

—Deixa lá, o Agostinho tem um par de mil cruzados que lhe deixam as tias que morrem por elle: é um partidão! A Amelia dá-lhe cavaco, digo-t'o eu.

—Eu já tinha desconfiado...

—Deixa. Deus escreve direito por linhas tortas.

Tinham chegado á porta do recebedor e todos abraçavam Juliana

com grandes recommendações. Algumas lembravam uma chavena de chá bem quente ou um banho aos pés com mostarda e davam grandes esperanças de melhoras.

Ao outro dia, á hora do banho, a S. Joanneira vestía-se na sua barraca e Amelia só, sentada na areia, esperava.

—Sosinha, disse uma voz por de traz.

Amelia voltou-se sobresaltada. Era o sr. Agostinho. E ella calada, começou a riscar a areia com o seu guarda-chuva. O sr. Agostinho passou o pé pela areia para a alizar e escreveu:—Amelia. Ella quiz apagar com a mão.

—Então! disse elle. E debruçando-se para ella: é á morena, bem vê.

Ella sorrio, e:

—Ande que fez hontem desmaiar aquella Juliana, disse.

—Ora importa-me a mim bem com ella! Estou farto até aos olhos d'aquelle estafermo. Então que quer? Eu sou assim. Tanto digo que me não importa com ella, como digo que ha uma pessoa por quem daria tudo... Eu sei...

—Quem é? É a D. Bernarda?

Era uma velha hedionda viuva de um coronel.

—É. Disse elle rindo. É justamente por quem eu ando apaixonado, é pela D. Bernarda.

—Ah! o sr. anda apaixonado! Disse ella de vagar, com os olhos baixos, riscando sempre a areia.

—Diga-me uma coisa, está a mangar commigo? disse elle, puchando uma pequena cadeira e sentando-se ao pé d'ella.

Amelia poz-se de pé.

—Não quer que eu me sente? disse elle.

—Eu é que estava cançada de estar sentada.

Callaram-se um momento.

—Já tomou banho? disse ella.

—Já. Respondeu Agostinho chupando o cigarro.

—Estava frio hoje.

—Estava.

As palavras do Brito eram seccas, curtas, enfastiadas.

—Zangou-se? disse ella approximando-se.

O Agostinho ergueu os olhos. E vendo o rosto de Amelia fresco, apetitoso, envolvido na manta branca de lã, disse:

—Estou menos doido...

—Chut!... disse ella.

Mas a distancia a mãe d'Amelia levantando a barraca sahia embrulhando-se na capa com o lenço amarrado na cabeça e o capuz por cima.

O Agostinho ergueu-se e a S. Joanneira adeantou-se.

—Então vem mais fresquinha? hein?

—Estava por aqui? disse a S. Joanneira aconchegando-se na capa.

—Toca ao almoçinho, disse o Agostinho.

—Se é servido...

E as duas afastaram-se em direcção a casa.

Desde então o Agostinho seguia sempre Amelia, de manhã, no banho, de tarde á beira mar. Apanhava-lhe conchas, buzios e tinha-lhe feito uns versos. Ella guardara-os com grande commoção, repetia-os de noite só, aconchegando-se á roupa da cama e suspirando.

No entanto setembro findava. Uma noite tinha havido na praia grande ruido. Os barcos que tinham sahido de tarde, com mar chão, tinham recolhido por que vinha sob o nordeste um temporal para a noite. Voltavam a toda a pressa recolhendo as redes cheias de carangueijos e era já noite escura, duramente ventosa, quando chegaram á praia.

O mar crescia, os barcos de fundo chato não podiam ser tirados para longe da onda e o mar crescendo tomava-os, batia-os e quebrava-os. As companhas queriam trazel-os para terra a toda a força de braços; mas era noite escura; tinham acendido archotes. Cada companha afflicta puchava desesperadamente. Os homens gritavam e as mulheres espalhavam pela praia o seu choro confuso: corria-se, confundiam-se; o vento accentuava-se pesadamente, o mar crescia e sentiam-se contra as costas dos barcos pancadas seccas e duras.

Todos os banhistas tinham vindo ver curiosamente aquella afflicção. Os homens embrulhados nos seus *paletots*, de longe, fumavam tranquillamente, calculando os destroços.

—Aquelle barco d'além está perdido.

—Não, este é que não escapa, tem já um rombo.

As mulheres juntas, calladas, viam. No entanto na escuridão, na confusão dos grupos, Agostinho tinha dito a Amelia baixo:

—Sabe?—talvez eu tenha de me ir ámanhã embora.

—Vae-se? disse ella.

—Talvez; não sei ainda.

—Vae-se... murmurou Amelia.

Ficaram callados.

Elle tomou-lhe o braço, ella deixou, passivamente, e Agostinho foi-se afastando na escuridão. Havia a distancia um velho barco inutil com o fundo voltado formando como que uma gruta de pau. Sentaram-se alli.

—Escreva-me, disse Agostinho.

—E a mim, escreve-me? disse ella.

Agostinho lançou-lhe o braço á cinta e attrahindo-a fortemente encheu-a de beijos, pelo rosto, pelos hombros e pelo cabello.

—Deixe-me! deixe-me! disse ella.

E elle sentiu-a dobrar-se-lhe nos braços, mas então um grupo que passava, voltando para casa, e Amelia sobresaltada deitou a correr para junto da mãe.

Ao outro dia o sr. Agostinho partiu. Vieram as primeiras chuvas e dentro em pouco Amelia, a mãe, a sr.ª D. Maria d'Assumpção voltaram para Leiria.

Mezes depois a sr.ª D. Maria d'Assumpção deu parte que o seu so-

brinho Agostinho, segundo lhe escrevia d'Alcobaça, tinha o casamento justo com a menina do Vimeiro.

—Caspité! tinha dito a sr.ª D. Joaquina Gansozo, apanha nada menos dos seus trinta contos! olha o méco!—E mesmo ali deante de todos Amelia começou a chorar; e quando se viu só no seu quarto, deante d'aquella desgraça, lembrou-se do frade, de quem lhe fallára o tio Cegonha, que por um amor impossivel se fora esconder no convento como n'um esquecimento insondavel.

Amelia amava Agostinho cegamente, sem raciocinio, pela sensibilidade instinctiva: achava-o bonito e admirava-o recitando á guitarra, conversando e parecia-lhe vel-o ainda embrulhado no seu chale, apoiado a um cajado, com os seus compridos cabellos castanhos e a testa branca e firme. Depois aquelles beijos, de noite, debaixo do barco tombado, tinham posto no seu sangue impaciencias, excitações a que se abandonava com um encanto, como um corpo se afunda deliciosamente no calor d'um banho. Lia sempre um bilhete que elle lhe escrevera, estorcia-se dizendo o nome d'elle, emagrecia, e perdera a coloração saudavel que trouxera da influencia do mar. E pensava sempre em que elle ia casar com uma mulher rica.

Desde então Amelia julgou-se chegada a uma desgraça irremediavel. Não tornou a ter alegria. A vida appareceu-lhe como um copo vazio que se abandona. Nada tinha a esperar de bom. A lembrança de frei Jeronymo determinava a sua resolução. Não se podia fazer freira, mas absorver-se-hia em Deus, nas rezas e nas devoções. Durante dois dias chorou; depois vestiu o seu vestido de merino preto que a mãe lhe fizera para o luto do chantre. Começou a passar longas horas na egreja. Ajoelhava deante do altar ora rezando, ora esquecendo-se em toda a sorte de pensamentos estranhos; depois voltava a rezar até que se erguia, e embrulhando-se no seu chale saía com ar melancolico. A mãe ralhava-lhe por esta longa demora; ella suspirava baixo, fechava-se no quarto e dava-se ali á leitura de livros piedosos que a mãe tinha n'um armario onde os havia deixado um padre que conhecera. Ás vezes distrahia-se da leitura, vinha ao espelho, compunha o cabello, ageitava o collarinho, mas depois lembrava-se que devia ser severa e triste e voltava, bocejando um pouco, para o velho livro devoto e mystico. Tinha comprado santos que pregára pelas paredes do quarto; resava toda a noite e confiava no que os padres lhe diziam da hierarchia celeste. Assim resava mais a S. Pedro que a S. Lourenço, e mais á Senhora da Encarnação que á Senhora da Piedade. Ás vezes quando o dia estava bonito, cheio de sol, e os gallos cacarejavam alegremente no quintal, surprehendia-se cantarolando animada, com o peito dilatado n'um bem estar. Mas recalcava, vencia, o seu contentamento e fazia recahir como um veo escuro sobre o rosto a atitude infeliz. Ouvia todos os dias missa, commungava todas as semanas e a miudo ia ajoelhar, ao pé dos padres da sé, a confessar-se.

Por fim a lembrança de Agostinho tinha-se desvanecido e já não se lembrava com nitidez da sua phisionomia. No entanto no seu espirito va-

zio a devoção e o amor da egreja alargavam-se e dominavam. Por esse tempo o conego Dias e sua irmã a sr.ª D. Josepha Dias começavam a frequentar a casa da S. Joanneira. Dentro em pouco o conego tornou-se habitual, methodico. Vinha jantar regularmente duas vezes por semana. Depois d'almoço era certo com a sua cadellinha e tomava para si as antigas horas do chantre.

—Tenho-lhe muita amizade. Faz-me muito bem, dizia a S. Joanneira, mas o sr. Chantre não ha dia nenhum que não me lembre d'elle.

A San Joanneira tinha tambem accentuado mais as suas devoções. A irmã do conego vivia exclusivamente para a egreja e para os interesses ecclesiasticos. Tornara-se a amiga intima da S. Joanneira; tinham organisado ambas *a associação das irmãs do S. Sacramento*. A sr.ª D. Maria da Assumpção e as Gansozos pertenciam tambem.

A casa da S. Joanneira tornara-se um centro ecclesiastico; tinha um cheiro enjoativo e beato de cera e de incenso. Havia imagens de santos na sala de jantar. As creadas eram examinadas em doutrina antes de serem acceitas. Ali faziam-se as reputações. Se se dizia de uma mulher, d'um homem: *não é temente a Deus*, todas aquellas beatas se julgavam no direito de os desacreditar pouco a pouco. As nomeações de coadjutores, de sineiros, coveiros, serventes de sachristia, faziam-se ali por intrigas subtis e palavras piedosas. O novo chantre tinha tambem vindo áquelle centro devoto. Tinham tomado um certo vestuario entre o preto e o roxo e a linguagem era impregnada de exclamações mysticas e de gestos contritos.

Para imitar mais a egreja defumavam a caza com incenso. Algum tempo a S. Joanneira monopolisou o commercio das hostias. Os padres ali eram absolutos, tyranos, implacaveis.

Amelia dava-se bem n'este meio de devoção e de interesses de sachristia. O seu temperamento sensivel, voluptuoso, dava-lhe uma certa exaltação. Prostrava-se como succumbida deante do Santissimo, beijava ardentemente os pés dos Christos nas cruzes: em casa estava sempre aborrecida, impaciente por voltar para a egreja. Tinha devoções por todos os altares, rezas para todas as horas, julgava culpada cada idea que lhe vinha ao espirito e impunha-se uma penitencia. Sobretudo com a sua natureza sensual, impressionavel, nervosa, todo o apparato religioso a revolvia profundamente: gostava das missas cantadas com as bellas capas d'asperges recamadas de ouro, as scintillações das luzes e o abafado oppresso da egreja que impelle aos desmaios e a fadigas languidas.

Com esta educação achava n'essa hora triumphante que os padres eram uns entes superiores. Amava sobretudo a religião pela sua belleza e pela quantidade de elementos theatraes que ella põe na vida; e tinha necessidade de se impressionar, de ter uma vida que pela sensação aguda se elevasse acima da existencia arrastada e monotona da costura e da caza. Precisava viver ligada a um alto interesse, formar d'elle a sua força, a sua occupação, a sua sensação. E entregára-se toda á egreja. A

egreja era o seu amor, o seu luxo, a sua voluptuosidade. Gostava de se vestir, de se enfeitar, de se aromatisar, para se ir sentar nos tapetes do altar-mór junto dos tocheiros dourados. Gostava de ver os gestos sacramentaes, e os padres a reluzirem sob a luz hesitante das velas de cera e os recamados d'ouro das suas capas. Dilatava as narinas ao cheiro da cera, e do incenso: confrangia-se de voluptuosidade aos unisonos que rompiam briosamente com as agudas vozes fanhosas do cantochão nos alegros triumphantes da missa.

A egreja apparecia-lhe pela convivencia e intimidade de tantos padres como um complemento de sua caza e quando atravessava para o altar-mór era com um sorriso como quem n'uma festa se acha entre os seus convidados: ás vezes sorria intelligentemente para os padres como nas plateas dos theatros os homens ao entrar sorriem dando com caras conhecidas. Lamentava que a Sé fosse construida n'uma ampla structura de pedra d'um estillo frio e claustral: quereria uma egreja pequena, dourada, tapetada, forrada de papel. Tinha requintes de beata. E uma coisa que a desgostava era que os padres ordinariamente fossem feios, porque para a belleza harmonica da religião, os bellos paramentos deviam reluzir sobre esbeltas figuras pallidas de typo sympathico. Tinha tambem tomado gostos beatos: e o toque do Santissimo e dos finados eram musicas que lhe agradavam, sobretudo em certos dias enevoados, em que ellas como que exprimiam a tristeza dos ares.

Foi por este tempo que ella conheceu o escrevente, no dia da procissão de *Corpus-Christi*. Era em caza do tabellião Nunes em cujo cartorio escrevia João Eduardo. Amelia, a mãe, a sr.ª D. Josepha Dias tinham ido ver d'ali a procissão. O João Eduardo estava lá, correctamente vestido de preto, sério e calado. Havia muito que Amelia o conhecia, mas n'aquella tarde reparou na sua phisionomia doce, na brancura da sua pelle, na gravidade com que ajoelhava, e como estivera na janella, ao pé d'elle, reparara na brancura dos seus dentes; e um certo cheiro de pomada que elle tinha no cabello ficou-lhe na memoria, e com essa recordação, a dos cabellos que eram castanhos, anelados, finos com um tom suave.

Á noite o tabellião deu um chá. A filha mais velha, uma pessoa de peito secco e chato, nariz adunco e luneta de tartaruga sentou-se ao piano e com os seus magros dedos ferio com um brio maquinal uma mazurca. João Eduardo aproximou-se d'Amelia:

— Ai, eu não danço! disse ella com ar secco.

João Eduardo não dansou e foi encostar-se á hombreira com a mão na abertura do collete e os seus olhos a cada momento se voltavam para Amelia. Esta olhava-o, via-o. Erguendo o leque inclinou-se ligeiramente para traz, o seu hombro agitou-se sacudido de tosse com um movimento doce. Por fim ao pé d'ella houve uma cadeira vazia. João Eduardo veio sentar-se. Ella fez-lhe o lugar acomodando o vestido. O escrevente embaraçado torcia o bigode com uma das mãos no bolso. Amelia fallava baixo com uma senhora velha que estava ao pé com plumas na cabeça

e oculos d'ouro, com muitas rendas. Por fim voltando-se para João Eduardo:

— Então o sr. não dança tambem?

— E a sr.ª D. Amelia? disse elle baixo.

Ella inclinou-se para traz e batendo com o leque nas pregas do vestido:

— Ai, eu estou velha para estes divertimentos, sou uma pessoa séria.

— Nunca se ri? perguntou elle, querendo pôr na voz uma intenção fina.

— Ás vezes rio quando ha de que, disse ella olhando para elle.

— De mim, por exemplo.

— De si?! ora essa! Porque me hei de eu rir do senhor? Boa!... Então o senhor o que tem que faça rir? E agitava o seu leque.

Elle calou-se procurando as ideas, as delicadezas...

— Então serio, serio, não dança?

— Já lhe disse que não. Ai, que é tão perguntador, disse ella rindo.

— É porque me interesso por si.

— Ora, deixe lá! disse ella fazendo um indolente gesto de negativa.

— Palavra!

A sr.ª D. Josepha Dias aprumou-se direita no seu vestido de folhos. João Eduardo levantou-se. Á sahida Amelia estava no corredor com as outras pondo os agasalhos. João Eduardo de chapéo na mão aproximou-se d'ella: cubra-se bem, não apanhe frio.

— Então continua a interessar-se por mim? disse ella apertando em redor do pescoço as pontas da sua manta de lã.

— O mais possivel, creia.

(*Continúa*).

Eça de Queiroz.

EL DESDICHADO

Elle era esbelto, pallido, franzino,
Como um poeta que vive ao pé das nuvens;
Tinha o culto ideal que teve o Urbino,
Tinha a palêta lubrica de Rubens.

Tinha o exagêro, o vermilhão, a *pose*.
Mas tambem tinha as commoções febris;
Dava os sonhos crueis d'uma nevrose,
Dava as visões extaticas do *haschisch*

Era D. João, o insaciavel sonho:
Era Falstaff, o homerico cynismo;
E Fausto, o enorme scismador medonho,
Nas vertigens satanicas do abysmo.

Era Frollo, o sacrilego levita,
Nas naves da marmorea Cathedral,
Lendo os poemas da duvida infinita
Á mysteriosa luz que vem do Mal.

Era René; na incognita floresta,
E Jocelyn nas grutas da montanha;
Era Ruy Blas, alma potente e honesta
Cedendo ao jugo de loucura extranha.

Abria ás almas o Ideal que as nutre,
Fazia-as soluçar, sorrir, tremer...
Ou fosse Othello, o ciume feito abutre
Ou fosse Haydéa, a flor feita mulher.

Pelas serenas noites mysteriosas
Quando a lua enbranquece as solidões,
E o rouxinol no calice das rosas
Entorna as suas languidas canções,

Co'a doçura de pallida Madona
Ungia uma visão suave e fresca;
Era o amoroso lyrio de Verona.
Era a ideal figura da Francesca!

Era Ophelia deitando na corrente,
Folha por folha, a candida grinalda
E phantasiosa, esplendida, inconsciente
A apparição risonha da Esmeralda!

E quantas mais! Sublimes creaturas
Que a poezia inundava de fulgores,
Que choravam as languidas ternuras,
Que accendiam os fervidos amores!

O' doces, melancholicas creanças,
Ideaes da scismadora mocidade!
Como flor ennastrada em louras tranças,
Se ides morrer, levae-me esta saudade!

Eu sei que a vossa fina mão nervosa
Tinha talvez caricias dissolventes,
Que vertieis a insomnia tormentosa
Dos vossos olhos humidos e ardentes!

Que ao sôpro vosso, ó pallidas imagens
Surgiam dentro em nosso coração
O infindo anceio, as turbidas voragens,
As florescencias rubras da paixão!

Mas á gangrena, ás febres, ao marasmo
Prefiro os doces sonhos que desvairam;
O amor, embora hysterico, ao sarcasmo
E á voz de Baudelaire, a voz de Byron

.....
.....

Hoje se eu digo ao mundo: Que tens tu
Que nos compense este apagado brilho?
Respondem-me as comedias de Sardou,
E os dramas sensuaes de Dumas filho!

Pinteus 1874 MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

TRIO DOS POETAS

JOÃO DE LEMOS

(AO VISCONDE DE PINDELLA)

Na cidade gentil do austero estudo,
Sobranceira ao Mondego socegado,
Em cuja riba o sinceiral agudo
Toda a noite suspira gorgeado,

Foste erguido no concavo do escudo
Pelos moços de outrora e celebrado
Trovador, cavalleiro, e namorado...
Tempo de glorias! Como passa tudo!

No entanto ás vezes na provincia, quando
A um doce, honesto e femenino bando,
Digo a *Lua de Londres*, de repente

Da infancia volvo á candida simplesa,
E ondulam na minha alma vagamente
Trémulas notas de fugaz tristeza.

JOÃO DE DEUS

(A AUGUSTO SARMENTO)

Sempre que o leio, sinto-me captivo
De um não sei que, d'infinda suavidade,
E entram comigo uns longes de saudade,
Que me deixam sisudo e pensativo.

Sonho; quizera em triste soledade
Viver das gentes apartado e esquivo,
E erguer-me áquelle mundo primitivo,
Onde resplende a eterna mocidade.

Já o seu nome é tão suave e brando,
Tão euphonico, meigo e delicado
Que fica nos ouvidos suspirando.

Diz a lenda que vive descuidado
Ramos tecendo, e *Flores* emmoitando,
Da Chymera nos seios reclinada.

JOÃO PENHA

(A ANTHERO DE QUENTAL)

Nervoso mestre, domador valente
Da Rima e do Soneto portuguez,
Não te iguala a pericia de um chinez,
Na pintura de um vaso transparente.

Ha no teu verso a musica dolente
Da guitarra andaluza, e muita vez
Rompe em meio da vaga languidez
O silvo estriduloso da serpente.

No *Vinho e Fel* traçaste o escuro drama,
Em que soluça e ri na extensa gamma
Teu desgrenhado amor, doudo e feroz.

Mas se do peito ancioso o dardo arrancas,
Teu canto exhalla as alegrias francas
Do antigo poeta da virente Kós.

Coimbra GONÇALVES CRESPO.

CHRONICAS

AMÉRICA [1]

Destinadas nuestras revistas americanas á dar á conocer en Europa el estado de las naciones del Nuevo Mundo, no nos hemos de extender en la minuciosa relacion de los sucesos que allá se desarrollen, sino que señalaramos aquellos principales que signifiquen lo esencial del movimiento.

Como son muchas las naciones americanas y muy diferente su marcha social y política, fijaremos el foco de cada crónica en una region que presente condiciones características semejantes, para de esta suerte ir enseñando unos despues de otros aquellos distintos paises.

Dedicamos, pues, lo principal de esta breve crónica, á las republicas del Pacífico.

Nada nuevo, ni que les interese, habrán de encontrar en ella nuestros lectores americanos, á parte de algunas desaliñadas observaciones; pues que al lerla estarán distantes los sucesos, y otros mas recientes, y por consecuencia mas vivos, los habrán reemplazado en la escena vertiginosa de la turbulenta vida de las naciones.

* * *

En la República de Chile las contiendas de los partidos aparecen mas templadas que en las otras repúblicas vecinas. Influyen ya allí con cierto vigor, las demostraciones de la opinion pública, si bien en su expresion mas activa; y mientras de una parte se dispone un banquete en

[1] En la anterior revista de América se suprimió en la página 107 una línea. Donde dice «en Buenos Aires por el tríunfo.... de la oposicion» debió ponerse en Buenos Aires por el triunfo *del gobierno; en Montevideo por el triunfo* de la oposicion».

obsequio del Intendente Echaurren, con cierto alcance político, de otra sus adversarios organizan una manifestacion protestando de los propósitos de los que celebraban aquella fiesta.—Así, se dá expansion á los sentimientos, y aun desahogo á las pasiones y se evitan muchos desastres. La opinion sale al palenque, mide sus fuerzas con la opinion contraria y adelanta ó retrocede, segun los resultados de la prueba.

La cosecha pasada en la República de Chile ha sido menos que regular, por lo que los labradores están, como es natural, descontentos; pero es el caso que los del Sur han convertido su digusto en alarma, á consecuencia de haber ardido algun pasto junto á la nueva vía férrea, que cruza aquellas campiñas.

Todas las innovaciones despiertan alarmas y resistencias semejantes; tanto es el apego á la rutina y el amor á la tradicion entre los ignorantes. Los ciegos son desconfiados y asustadizos. El hombre que, cuando mira al porvenir, no distingue mas que tinieblas, porque la ignorancia acerca los horizontes de su vida contra los mismos párpados de los ojos, tiene que ensancharse en el pasado, siquiera porque es una realidad que le impresiona, á pesar de su ignorancia; y se apega á las prácticas, á los recursos, á los instrumentos que heredó de sus mayores, y mira con la esquivez de la incertidumbre y de la desconfianza los medios, los aparatos recientes, cuyo uso no penetra ó cuyos resultados no alcanza al través de las infinitas relaciones de la vida.

No ha habido ferro-carril en el mundo que al proyectarse no haya alarmado pequeños intereses y hasta causado pavor á los que consideraban la rapidez como un peligro. Los arrieros y los traficantes al por menor han creido en algun momento que la locomotora iba á suprimir enteramente los carros y las caballerías y han proferido anticipadas quejas y hecho tenaz oposicion al proyecto, que á su entender viene á arruinarlos: tambien los viajantes, para sus adentros, concebian temores al pensar que tenian que correr con la velocidad del rayo y llevar la vida pendiente de fracasos contínuos. Pero al fin el camino de hierro se ha tendido por la comarca, y con extrañeza han visto los desconfiados y temerosos en todas partes, que sin embargo de que las locomotoras arrastraban una cantidad fabulosa de mercancías, eran pocos los carros y caballerías que habia antes, para subvenir á los transportes de órden secundario que demandaba el gran incremento de las negociaciones; y los tímidos han probado que pueden dormir tranquilamente en los coches, sin inquietarse siquiera con los estruendos de la marcha ni con los peligros de la expedicion.

Las locomotoras en verdad chispean, y las chispas suelen alguna vez producir incendios; pero ni estos son tan frecuentes como se les supone, ni porque los haya dejan de ser los ferro-corriles beneficiosísimos.

En todas partes se ven las líneas por entre apretadas mieses, tan próximas que ondulan con el movimiento de las locomotoras, y sin embargo, las cosechas se recojen todos los años sin notables contratiempos. Acá y allá se ven al paso algunas manchas negras, señales de pequeños

BIBLIOTECA NACIONAL

incendios, que vienen á tranquilizar por su insignificancia, mas bien que á causar temores; y aunque alguna rara vez, de tarde en tarde, llegan á tomar incremento y á causar perjuicios; ¡cuántos y cuántos beneficios no han dado en desquite!

La locomotora fertiliza un millon de granos por cada uno que destruye y hasta las cenizas de los incendios que ocasiona son fecundas y productivas.

Otro mas fundado temor ha inquietado á los habitantes de algunas regiones de la misma República de Chile; el de los terremotos que en ellas se han sentido y que son muy frecuentes en aquella parte del mundo, que parece estarse formando todavia.

La nacion de que estamos hablando es quizás la que desde su independencia ha sufrido menos vaivenes políticos; lo cual puede ser resultado de la disposicion de su territorio y de la naturaleza de su poblacion.

A inmensa distancia de Europa, no ha recibido tan diversas capas de aventureros como las otras regiones, ni se ha esparcido tanto su poblacion.

Por otra parte, los colonos españoles no empleaban el procedimiento de exterminar á los indígenas; vivian con ellos, si bien explotándolos bárbaramente como animales de servicio; sin que destruya esta regla general lo sucedido en algunas comarcas de América.

La colonizacion de los españoles fué en cierto modo benigna, pero immoral. Encontró al indio con los defectos, mas tambien con los virtudes, de la barbarie, y no lo levantó instruyéndolo en lo que podia contribuir á dignificarlo; pero lo instruyó en aquello que lo debia corromper y degradar. Nuestros abuelos enseñaron á los indios no mas que lo que era menester para servirse de ellos, así como se hace con un animal destinado á ciertos usos. Si hallaban una inclinacion ó una costumbre que fuera dificultad para la explotacion, las extirpaban, sin reparar en el modo; pero aunque encontraran un vicio, por enorme que fuese, que pudiera facilitar la explotacion misma, lo estimulaban y desenvolvian. Hasta la religion fué alli condescendiente y moderó su rigorosa austeridad.

De esta manera se encontró el indio al poco tiempo con los vicios sumados de la civilizacion y de la barbarie; pero vivió entre los europeos ó á su lado.

Conservaron su vida, quizás porque se degradaban; pero la conservaron al fin.

En Chile, sin embargo, bien porque la distancia disminuyera la presion europea ó porque el carácter de los indios fuese mas entero, se conservó en mejor estado la poblacion indígena y sostuvo luchas inacabables para conservar su independencia ó cuando menos para entrar con dignidad en el concierto comun. Desde el descubrimiento hasta nuestros dias se ha sostenido la guerra, en tiempos impetuosamente, y en otros tiempos con templanza, entre los dos elementos; pero adelantándose siempre en la fusion, más facilmente desde la independencia, porque no ha

sido menester hacerla en la raza, sino que ha bastado realizarla en la nacion.

Aun ahora mismo los indios pehuenches mantenian guerra con el gobierno chileno, pero se asegura que estaban dispuestos á la paz y que para tratarla se dirigian algunos enviados suyos á la capital de la República.

* * *

En el Perú viene desde hace algunos meses ventilándose con las armas una reyerta de partido.

Piérola, Albarracin y otros se sublevaron contra el Presidente Pardo y desde el mes de Noviembre ha habido muchos encuentros con fortuna vária. El tríunfo ha estado siempre de parte de quien ha relatado el combate, y con la misma parcialidad se han formado los vaticinios respecto al desenlace de la contienda. Si se ha de creer al Gobierno, la sublevacion quedó desbaratada desde el principio, con todo de que retoña incesantemente; mas si se dá crédito á los revoltosos no ha tenido jamás fuersas el Gobierno para resistir una hora; y con todo no lo pueden derribar. — Los combates son dobles tríunfos, las retiradas hábiles movimientos estratégicos, de quien deja voluntariamente una mala posicion para tomar en distinto lugar otra mas ventajosa.

El mismo Presidente Pardo está en operaciones por el lado de Tacua y Piérola, que es el principal caudillo de la rebelion, anda cerca de las fronteras de Bolivia.

En Torata tuvieron un encuentro fuerzas de uno y otro bando, y los dos se atribuyen la victoria.

Como el foco principal de la rebelion no está distante de las fronteras de Bolivia, por ellas reciben considerables auxilios los rebeldes. El Presidente Pardo, así por evitar que los reciban, como para conseguir el concurso del Gobierno boliviano en una accion comun, conveniente á ambos despues de los trastornos que tambien han estallado en Bolivia, parece que ha convocado al Presidente Frias á una conferencia en la frontera de los dos Estados.

Consecuencia de esta escitacion es el desórden de los negocios y principalmente la paralizacion del trabajo, porque los hombres útiles que no engancha el gobierno en sus batallones, los arrastran los rebeldes, y todo queda abandonado.

La manía de guerrear, perjudicial en todas partes, por cuanto separa los brazos de la produccion, es funestísima en el Nuevo Mundo, donde tanto escasean los trabajadores; y sin embargo allí más que en parte alguna los hombres han estado dispuestos hasta ahora á dejar todas las ocupaciones fecundas y lucrativas por la bárbara ocupacion de la guerra; y por esto seguramente aquellas feroces regiones, que la naturaleza ha bendecido y colmado de bienes, reciben como una maldicion, la sangre que se derrama.

* * *

Tambien hay trastornos en Bolivia.—Desde el mes de Octubre se anunciaba una rebelion. Señalado estaba en aquel tiempo D. Casimiro del Corral como motor y gefe de la revuelta; aunque no fuera mas que porque se habia llegado á reconocer el Gobierno del Presidente Frias; pero hubo inteligencias y transacciones, y Corral se marchó del territorio de la República, aconsejando antes á sus amigos que no turbaran de ninguna manera el órden público.

Recientemente el batallon 3.° de fuerzas regulares se ha sublevado en Cochabamba, eligiendo por gefe á Quevedo, el cual en el primer instante manifestó que obedeceria las órdenes del Gobierno; pero así que se vió con mayores recursos, se declaró en abierta rebeldía, denominándose Presidente de la República. El Gobierno, en vista de la sublevacion, se decidió á reprimirla con las armas, y para ello no solamente dispuso la movilizacion de varios batallones, sino que ha declarado el estado excepcional, asumiendo las facultades extraordinarias que el artículo 20 de la Constitucion confia al Poder Ejecutivo en casos de guerra y peligrosos trastornos.

Tambien en Bolivia la situacion tiene el séquito de males que hemos lamentado.

* * *

Llama la atencion que en todas las naciones de América el elemento militar sea el trastornador, justamente cuando debia conservar el órden y manifestar una respetuosa obediencia á las leyes y á las autoridades.

El vicio principal, casi orgánico, de aquellas repúblicas, es el *militarismo, el caudillage.*

Conquistados los paises que son hoy repúblicas, por la expontaneidad de los aventureros, mantenido despues el dominio español casi de la misma manera, sin que la metrópoli enviase allá de ordinario mas fuerza que la de las autoridades tiránicas, entregado todo allí á la intrepidez y el arrojo individual, esparcidos los conquistadores por regiones inmensas, con unidad sí, pero débil y con facilidad quebrantada, venian acostumbrados á conseguirlo todo por su propia fuerza y á no reconocer obstáculo alguno poderoso, como no fuera superior al empuje de su audacia.

Resultado de esta especie de tradicion, ha sido que despues de la independencia nacional se desarrollaran estas impetuosidades caracteristicas, y que el predominio político se conquistara por medio del arrojo y aun tambien los cargos publicos, y que el poder estuviera generalmente en manos de los militares, como depositarios de la fuerza.

Ya mas templado este predominio en algunas repúblicas, como hemos tenido ocasion de decir, en otras aún se resiste á la obediencia y produce complicaciones lamentables.

El militarismo es la lepra de muchas repúblicas americanas; y en tanto no acaben de arrancarla de sus instituciones y sus costumbres, vivirán entre vaivenes, rivalidades y perturbaciones.

PORTUGAL E BRASIL

A sessão parlamentar de 1875 vae mais uma vez provando a verdade do dictame em que o bom senso nos mostra os perigos do abuso da victoria. É arriscado vencer de mais. E, quanto a nós, a habilidade do ministerio Fontes pecceu esmagando, tão completamente como o fez, os partidos da opposição, Já lá vae o bom tempo em que a finura dos homens consentia ensaiarem-se as maiorias compactas dos parlamentos cabralinos, na comedia das discussões de antemão preparadas; os comparsas de então enchem agora os primeiros logares da scena, e as galerias desertas, os eleitores indifferentes, vasia a platea do circo parlamentar, as cousas mostram-se mais a nú e como de naturesa são, menos como pretendem que o sejam os que tem interesse n'isso.

O systema constitucional parlamentar é uma creação de equilibrio, sae d'uma ponderação de forças oppostas, tal como o conceberam as escolas que por toda a Europa o enthronisaram.

Á parte a massa de reformas urgentes, indispensaveis e já incompativeis com o caracter reaccionario que as monarchias tinham adquirido depois da revolução franceza; reformas que cosidas aos pergaminhos das *Cartas*, foram quem lhes occasionou a victoria; aparte ellas e depois d'ellas conseguidas, a maré das consas, voltou a classificar os elementos organicos politicos, e a pôr no seu logar as utopias equilibristas.

O equilibrio e a ponderação, expressão da concorrencia na esphera politica, e do *struggle for life* no campo da philosophia do direito, vão por toda a parte cedendo o passo á realidade actual das cousas sociaes humanas, que é a unidade e o governo das sociedades ou por aristocracias cesaristas, ou, em curtos e até hoje dolorosos interregnos, por dictaduras da plebe.

Tal parece com effeito a sorte, não sei se triste, a que estão provisoriamente votadas as sociedades neo-latinas, que mais ou menos profundamente seguiram os exemplos da revolução franceza, quebrando os élos da cadeia das tradições.

A tendencia para a constituição de uma nova aristocracia proprietaria e financeira esmaga sob a sua influencia e pressão as pretenções e velleidades dos antigos partidos, ultimos restos, migalhas derradeiras da velha cosinha constitucional.

Em vez das complicadas e sabias formulas pelas quaes os elementos sociaes se combinavam ás doses segundo a letra do pobre livro, escripto, emendado, riscado, corrigido, entrelinhado, rasgado, de novo escripto... e jámais cumprido; em vez da *Carta* que, a par da sua ingenuidade philosophica, guardará para o futuro um documento da boa vontade, da honradez, do heroismo de nossos paes; em vez da *Carta* que já lemos menos, começamos a soletrar uma outra carta mais clara, positiva, pratica, onde os pontos apparecem sobre os ii; mais brutal, menos no-

bre, menos bella; e que se aproxima tanto da epistolographia do balcão do mercador, como a outra se aproximava da da banca do jurisconsulto.

Qual das duas valerá mais? Dil-o-ha o futuro.

O facto é que a tendencia é essa, e tão forte que alem de conquistar os moços, tem o poder de converter os velhos que como o sr. Sampaio foram n'outras éras dos que mais lenha metteram na sagrada pyra do paganismo democratico. Que os máos habitos não se perdem vemol-o ainda ao ler o projecto de reforma administrativa cuja idéa fundamental é fundar o *governo do povo pelo povo*. Como nos apparecem hoje entre saudosas e ridiculas estas expressões da ingenuidade quente de outras eras, quando caem, logares communs de relatorios, sobre as lages frias, polidas, esquadriadas, nivelladas e terriveis na sua precisão, sobre as lages frias do ulilitarismo positivista!

O governo do povo pelo povo seria bom, se o povo pretendesse governar-se a si mesmo: haveis de impor-lh'o quando elle o não quer? Esta abdicação do povo, este frio septicismo, religioso, moral, politico, é a triste verdade do nosso tempo. O povo das cidades dá mais importancia ás facecias d'um actor, ás cambalhotas d'uma Spelterini, ou ás mystificações dos Davenport do que ao parlamento; os gestos da Paladini enchem-no de enthusiasmo, e os jogos da bolsa absorvem toda a sua intelligencia, a sua inteira actividade. O povo dos campos dá de bom grado um deputado por uma torre de sinos ou por uma fonte, ou por um traço de estrada; pensa no tempo e nas colheitas e passa por sobre a secção parlamentar dos jornaes sem a ler, nem ao artigo de fundo, para correr pressuroso ás *noticias*, mexericos com que entretem as horas de ocio.

Este povo é a classe media; o povo-povo moireja, sua, não sabe ler e vae nos domingos á taberna beber e jogar.

Todos estão de accordo n'isto, nem todos tem a franquesa de o dizer: são pontos de vista differentes, equivalentes porventura.

Estamos de accordo ambos; eu dizendo-o, o governo que o não diz, mas que obra como se o dissesse.

Ao lado do governo *do povo pelo povo*, promettia o sr. Sampaio o suffragio universal na reforma da carta. Ora a reforma da carta foi repellida pela maioria, com ella o suffragio universal e a reforma administrativa ficará mais um anno provavelmente no limbo até que adquira consistencia a cervina expressão de Girardin que o sr. Sampaio fez sua. Entretanto, no terreno pratico da administração, a idéa de unificar as circumscripções judicial e administrativa, merecia mais detido exame.

Póde acaso porém dar-lh'o a camara actual? Não me parece a julgar pelo modo porque as cousas tem ido até agora em S. Bento.

O reconhecimento das tendencias expontaneas da sociedade portugueza para uma dictadura mansa, adequada ao seu temperamento, pé-de-boi, exteriormente legal, mas não demasiado pechosa em pontos de honra constitucional; estavel, mas sem ser em demasia firme; energica sem ao mesmo tempo dar em rompantes estouvados; dictadura mansa, meio-termo, casquilha, e tão espirituosa e afrancezada quando a portuguezes é

licito; o reconhecimento d'essa tendencia, que é o alicerce firme do governo actual, levou os ministros a quererem, e o que é peior, a alcançarem mais do que humana, ou antes, parlamentarmente é conveniente.

Conseguiram juntar uma maioria que os affoga; a unanimidade complacente da camara inteira suffoca-os. Não ha uma só discrepancia. Os projectos de lei nascem ja baptisados e christãos do ventre das pastas ministeriaes; ao verem a luz, todos os acham perfeitos, acabados, exactos, sem tirar um ponto nem juntar uma virgula. Carlos V morreu sceptico por não poder acertar a passo dois relogios; como se converteria se resuscitasse e visse a unanimidade constante de setenta deputados portuguezes!

Constante não disse bem; porque não ha céo sem nuvens. Dois choviscos, aguas passadas, turvaram a limpidez dos horisontes parlamentares: o primeiro ao tratar-se das ruinas de um convento a que havia differentes pertendentes ao que parece; e o segundo perante a decisão inesperada da opposição quando por intermedio do sr. Luciano de Castro mandou para a mesa um protesto contra a votação da reforma do supremo tribunal administrativo.

Foi esse o primeiro acto a meu ver bem pensado da opposição; porque o protesto é a unica arma que resta áquelles que estão perante maiorias, como a actual, na situação dos 10 ou 12 votos da opposição parlamentar historico-reformista.

O acinte com que a opposição se tem callado perante o desfilar successivo das propostas do governo, pode ser uma boa tactica parlamentar, mas é um triste procedimento politico.

A abstenção é sempre um erro; não assim o protesto. Poucas ou muitas as vozes da opposição, nem por isso o que dissessem valeria menos. Se entendem más as propostas do governo digam porque, e como é o modo de as tornar melhores. Se a maioria os não attende, pesarão, cá fora das paredes da camara, o valor do que tiverem dito, todos aquelles que ainda se interessam pelo que fazem os legisladores. Absterem-se é annullarem-se. Os eleitores tem o direito de lhes perguntar para que brigaram os votos com tanta sanha; se era para ficarem mudos, e impassiveis assistirem, ou impotentes ou despeitados, aos actos do governo, melhor teriam feito em suas casas entregues ás occupações diarias.

Isto diz o simples bom-senso; outra couza diz a arte parlamentar que não é de todas a menos difficil.

A attitude da opposição parlamentar é extremamente divertida e engenhosa. Está na posição do caçador no posto; n'uma posição, de certo incommoda, mas cheia de esperanças, acocorada, muda, sustendo a respiração, e com os feixos da caçadeira engatilhados, a arma atravessada sobre os joelhos. O que faz n'essa atitude? Espera, espera que algum incidente divida o bando cerrado da maioria para então cair de chofre sobre o mais debil dos dois, votar com o mais forte, dar um cheque ao governo, derrubal-o se poder, ou se elle tiver o mau gosto de se deixar

caír, e passar de um lado para o outro da camara para praticar nas novas cadeiras exactamente o mesmo que censurava das antigas.

Não é com certeza ao pequeno e heterogeneo grupo dos reformistas que em todo o caso caberia a herança do poder; se o ministerio do sr. Fontes tem de cair n'esta sessão,—o que não parece provavel,—não parece tampouco que sejam ainda os historicos quem lhe succeda.

No fundo do fundo das teias da politica affigura-se a muitos o perigo no cançasso que já sentem os amigos do sr. marquez d'Avila de appoiar os seus alliados regeneradores. A defecção dos avilistas retiraria ao governo a maioria parlamentar. Ahi parece estar o calcanhar d'Achiles. Logrará a opposição ver dividida a maioria? Eis o que só os factos mostrarão pois que tudo é possivel entre nós em materia de *embroglios* politicos, exactamente como o é em Hespanha em materia de golpes d'Estado.

Logrem ou não dividir a maioria, o que tem alcançado e alcançarão cada vez mais da abstenção passiva os 10 ou 12 deputados opposicionistas, é paralizar efficazmente a marcha dos trabalhos parlamentares.

A atitude capciosa em que se collocaram perante a instabilidade dos laços que atam avilistas, constituintes, e regeneradores, tolhe a acção aos sinceros amigos do governo, que treme de ver levantar-se uma questão no seio da maioria. Se voltassem outra vez os attaques ao systema, ás dotações reaes, as profissões de fé republicanas, então o governo caminharia mais firme, porque diante do perigo congregam-se ainda os mais difficeis. Mas não, nada. A opposição muda e o campo livre ao embate dos interesses, dos caprichos, dos despeitos!

A esta hora fio-me de que já o governo caío em si concordando em que fez mal em abusar da victoria. Expulsar de todo as opposições é tirar um pé á mesa constitucional: destroe-se o equilibrio e pode-se cair.

Commettido o erro, ha um só meio de evitar o perigo: a inercia, matar o tempo. Não escapou, nem podia escapar este meio á reconhecida e provada habilidade parlamentar do governo. Vão, com effeito, decorridos dois terços da sessão parlamentar e do promettido, o que falta votar, (não, discutir) excede em muitissimo o que vae approvado. O orçamento, as leis de receita, a rejeição do projecto reformista de reforma da carta, e o accordo com a companhia dos caminhos de ferro, eis-ahi tudo o que alem da resposta ao discurso da coroa e outros papeis de expediente, a camara tem votado.

Ha dois annos que as questões de caminhos de ferro são o nó gordio das difficuldades parlamentares. A construcção das linhas das Beiras, parece, ao que dizem, ser um ponto negro nas relações entre avilistas e regeneradores; e tão negro, que o espirito, o *humour*, o sorriso entre mordaz e benevolo do ministro das obras-publicas, tingio-se um pouco e já se não lava d'umas sombras de duvida que alguns accusam sobre a sua aptidão para o cargo que exerce.

A licção que se contém no accordo agora approvado com a companhia de Norte e Leste para a construcção da ponte do Douro e do pro-

longamento da linha até Campanhan, é com effeito d'aquellas que devem morder no espirito ainda o mais despreoccupado das pequenas cousas da politica, quando é um mesmo homem que apresenta o accordo de 1874 e o de 1875.

Com motivo a opposição perguntava: como é que o anno passado a isempção do imposto do transito durante 86 annos era uma compensação justa, quando agora vindes propor a isempção reduzida a 36 annos? do anno passado para este mudaram por forma as condições que a mudança corresponda a mais de metade da primitiva compensação? ou confessaes que houve erro e que, bastando dar 36, gastaveis mal 50 quando quereis que o anno passado dessemos 86?

Nem o ministro nem o relator da commissão poderam responder porque effectivamente o caso é d'aquelles cuja resposta é prohibida dentro do seio do parlamento. Porque a resposta é a condemnação de grande parte da machina politica.

O ministro actual, como outro, de qualquer outro partido, dava e fazia bem em dar, 86 o anno passado, e 36 este anno, porque não tinha mais remedio senão dar o que a companhia exigisse. Se a cifra baixou de 50 agradeçamos isso á companhia soberana e louvemos n'ella o bom-senso de limitar as suas exigencias ao possivel, ao pratico, ao acceitavel. Quem tudo quer, tudo perde, eis o rifão popular que decerto acudio á mente dos proconsules da industria, quando o ministro incommodado aborrecido, como quem tem de engulir uma volumosa pilula, lhes dizia: moderem, moderem-se; lembrem-se de que ha no parlamento dez ou doze estouvados que não percebem as necessidades politicas e creem que se governa com phrases sonoras e excellente rethorica; são os Favre, os Ollivier, os Gambetta, os Pelletan de cá; quando lhes chegar o seu dia aprenderão, mas até lá incommodam como bons rapazes, ou sinceros velhos, que ainda creem.

Ora é isto que não é ainda licito dizer no parlamento portuguez; ahi repetem-se umas expressões de fingida força que a ninguem illudem nem aos que as proferem, como estas do relator da commissão: «Todos nós sabemos que o governo podia ter força e tem-na para levar a companhia a cumprir a contracto.»

A cumprir, sim; porque afinal parece que nem 86 nem 36 nem nada era o governo obrigado a dar á companhia, forçada pelo contracto a concluir o caminho até á margem direita do Douro, nas condições do mesmo contracto.

«Não o fez, continúa o relator, porque isso trazia complicações e daria origem a circumstancias pouco favoraveis para a causa publica.»

Eis-ahi o que se chama pôr o dedo sobre a ferida. Trazia complicações...

Não é afinal de extranhar esta soberania dos corpos collectivos industriaes e bancarios. Approvada por uns, combatida por outros, e não é este o lugar para optar entre os dois, a enfeodação da sociedade ás instituições industrio-bancarias é a consequencia necessaria do utilitarismo

que sem duvida alguma é, senão a doutrina, por menos a pratica mais ordinariamente seguida n'esta segunda metade do seculo XIX. Inconsequentes são os que em nome da doutrina utilitaria, positivista, livre-cambista, se rebellam contra este phenomeno natural, necessario e que sem grande esforço de logica se filia no systema de phenomenos que emanam dos principios.

Outro dos phenomenos que se filiam na mesma origem e que na chronologia immediatamente succede á constituição do feudalismo industrio-bancario, é o typo de constituição politica posto em pratica em França por Napoleão III; typo que das suas muitas analogias com os cesarismos antigos, herdou d'elles o nome. O cesarismo é um governo, arbitrario e pessoal no fundo, que se reveste das formas legaes preexistentes, que as sophisma conforme lh'o impoem as necessidades do momento, e que pactuando com as tendencias socialistas do povo, é mais ou menos apparentemente socio, compadre, amigo, irmão dos aristocratas industrio-bancario, a quem no fundo serve e se dedica. Como esta machina delicada e complexa é apenas um resultado fortuito de circumstancias, e não uma fórma organica de governo, o cesarismo, que não vem da lei, que não assenta no direito, que não tem emfim uma base moral, forçosamente recorre á outra, e eis-ahi como a necessidade o arrasta ao militarismo, antipathico afinal, apesar de indispensavel á classe industrio-bancaria.

Se estes traços estão sufficientemente claros e accentuados, facil será perceber até que ponto a sociedade e a politica em Portugal chegaram n'este momento a realizar em si aquelle typo para onde caminham mais ou menos todas as nações neo-latinas, typo que evolutivamente sáe do utilitarismo constitucional e acaso é a ponte (sombria e melancholica ponte) por onde temos todos que passar antes que cheguemos á outra margem do grande rio da historia.

Como quer que seja, o facto é que não é necessaria demasiada perspicacia para descubrir a serie de symptomas que nos levam, a muitos dos que meditamos sobre a marcha dos acontecimentos,—que nos levam, digo, a crer cerrado entre nós o periodo constitucional-parlamentar, e acabados os partidos politicos que se moviam dentro da *carta*.

As antigas phrases liberaes do sr. Sampaio, destoam, tanto mais que brigam com o homem, já outro em si, mas trajando ainda as gallas do seu estylo, como se dizia no tempo em que a serio se levavam aos parlamentos projectos de lei para organisar o *governo do povo pelo povo;* as phrases liberaes parecem velhos rotulos de garrafas vasias, atravez de cujas paredes se vêem os typos que genuina e justissimamente tem a mão no leme do estado: a grave e correcta figura do sr. marquez d'Avila resumindo em si todos os elementos que pesam na politica, as companhias, os bancos, as inscripções, a terra;—o pallido, intelligente, audaz, frio, tambem grave e correcto perfil do sr. Barjona, em quem nos apraz descubrir a mão que ata e desata, que torce, pucha e estica os cordeis dos tytires que perante o publico fingem ainda o parlamentarismo;—entre

ambos, afinal, a empertigada e petulante figura do sr. Fontes, que tomou a seu cargo o exercito, mola real da estabilidade do edificio.

Nos cesarismos ha com effeito uma unica ordem de questões que passa adiante das questões militares: são as industrio-bancarias. Vem logo o exercito; e ainda n'este ponto podemos descubrir entre nós uma feição de cesarismo. Passado o rubicon do accordo com a companhia de norte e leste, votar-se-hão ou não, segundo o ordenarem as necessidades parlamentares, os caminhos de ferro das Beiras; ficarão provavelmente de quarentena a reforma administrativa, a de instrucção, o codigo do processo civil; mas não ficará de certo o codigo penal militar.

Não ha duvida que ha muito se tornava sensivel a falta d'um codigo penal militar, nem tambem infelizmente a ha de que recentes desgraças vieram accentuar funebremente esta necessidade do systema das nossas instituições. É porém triste que o espirito publico não seja capaz de manter o gráo necessario de espirito critico, objectivo como dizem os allemães, perante os acontecimentos naturaes de cada dia, triste porque a ausencia de espirito critico é já hoje uma doença de morte quer para as sociedades quer para os individuos. Poucas ou nenhumas cousas ha tão fortuitas que devam obrigar-nos a desamparar o systema das nossas observações que tudo classificam, e põem cada cousa em seu lugar.

Era acaso de espantar, acaso fortuito, que um soldado matasse um dia um superior? ou antes os precedentes, sem justificarem, porque um crime não tem possivel justificação, tornavam entretanto o accidente desgraçado, cousa facil de prever?

A eliminação violenta de um homem por outrem é e será infelizmente ainda por muito, talvez para sempre, uma condição necessaria da vida social. Essa eliminação chama-se pena de morte, duello, ou assassinato, conforme a condição das pessoas e as circumstancias em que se pratica. Não cabe aqui discutir a pena de morte, menos o duello, menos ainda o assassinato; cabe porém lamentar a falta de espirito critico que impelle subjectivamente o governo a propender para o draconismo. Deveria abandonar-se a uma clemencia fraca e inerte? Por forma alguma, a disciplina é *dura, sed lex*. Bastava-lhe porém ter-se conservado na justiça. No codigo penal militar ha trinta e seis casos de pena de morte. E fomos nós quem hontem a aboliu nos crimes civis. Como conciliará quem de fóra nos observar, a clemencia de hontem com a furia de hoje? em que valor hade ter os discursos philosophico-sentimentaes de então, theorias abstractas e superiores a quaesquer necessidades de quaesquer instituições? que dirão da rapidez com que mudamos de opinião, ou melhor da facilidade indifferente com que nos deixamos girar ao vento das paixões, das impressões momentaneas?

Trinta e seis casos de pena de morte parece-nos muito, e acaso não será: quem sabe? De quantos crimes necessita alimentar-se para viver a instituição militar, eis ahi o que não é licito a profanos affirmar.

A guerra é talvez dos actos humanos um dos que, a par dos horrores e das sombras, mais illumina heroicamente a frente do homem. O

desprezo da vida, a audacia, o valor, o sangue frio, o enthusiasmo e a prudencia, são sentimentos que em parte alguma florescem como na guerra. O amor de uma causa, o ardor de uma crença, os laços da fraternidade militar, o sentimento de quem pratica nobres actos, e a união dos que jogam a vida em commum, tornam a guerra, acaso ainda nos seus maiores horrores, um dos mais bellos actos dos homens na historia. Nas nossas guerras da edade-média, nas nossas conquistas ultramarinas, ainda na guerra civil de 1833, sente-se esse sopro vivificador que faz de um exercito a expressão animada e activa de um povo.

Mas esta flor que é robusta e bella quando brota expontanea, atrophia-se, deturpa-se, corrompe-se quando a desnaturam. Tanto é bella a guerra como feios são os exercitos.

Feios, entendamo-nos, n'um sentido puramente moral e critico. O enthusiasmo que doma a natureza, o ardor que eleva o homem, o sacrificio que o torna heroe são ilegislaveis. Como obter por outra forma os resultados de dedicação e firmeza quando os puros sentimentos de que ambas emanam não existem, ou porque o soldado não comprehende porque nem para que serve; ou porque, se comprehende, não concorda nem com o por nem com o para que? Eis ahi como d'um dos mais bellos exemplos da natureza humana, nasceu um dos seus fructos mais perversos. Como? pelo terror, pela tyrannia.

Esta é a verdadeira lição da palavra disciplina, um euphemismo apenas.

Obtida a cohesão, a dedicação, a firmesa, não já expontaneamente filhas de sentimentos nobres, mas por meios anti-moraes, o exercito, disciplinado, aterrorisado torna-se um docil, mudo, passivo instrumento nas mãos dos seus tyrannos. D'outro lado é sabido como o uso d'uma arma immoral desmoralisa os que se servem d'ella; e é assim que a disciplina dos soldados indisciplina os chefes, que a ordem em baixo produz a desordem em cima; circulo vicioso, triste encadeamento de desgraças que provem da perversão, e do abuso de boas, bellas e grandes cousas da alma humana.

A guerra é um movimento collectivo consciente; o typo do exercito disciplinado é uma massa inconsciente, uma machina de arremesso com que os capitães ou os governos jogam nas partidas da politica. Tirae porém ao homem a consciencia de seus actos, e vel-o-heis descair para o bruto; se quizeres que vos sirva submissa, pacientemente, tereis de satisfazer-lhe os bestiaes instinctos: é assim tambem que a disciplina, ou antes o terror militar, depois de anniquillar o soldado, de perverter o chefe, traz comsigo as funebres orgias dos saques, das pilhagens, dos roubos, que faziam corar de vergonha um soldado de Hoche, e que embriagavam os soldados de Napoleão.

Tal é a disciplina: e tal como é, a sua primeira arma é sem duvida o fusilamento. Nada ha que tanto assuste os brutos como a morte.

Nem se julgue que phantasio; ao contrario. A egualdade da lei, como usualmente se diz, a conquista acaso a mais importante da revo-

lução liberal, que fez desapparecer dos codigos as antigas castas e tornou os homens todos egualmente responsaveis, é letra morta para dentro dos muros dos quarteis.

No estado das nossas idéas e até na letra das nossas leis a gravidade do crime avalia-se até certo ponto pelo gráo de responsabilidade que a instrucção, a educação, a edade, a posição, impoem ao delinquente. Nos quarteis succede o contrario.

«O militar que maltratar com pancadas algum seu inferior, diz o art. 55.º do codigo, será punido com prisão militar de tres mezes a dois annos.»

«As offensas corporaes, o arremeço de quaesquer armas, ainda que d'ahi não resulte ferimento ou contusão, diz o art. 81.º, do inferior para o superior, é punido com a morte.»

Fóra dos quarteis acabou isto com o antigo regimen.

Trata-se agora de um crime de outra naturesa; já não é a insobordinação; já não entra em linha de conta a consideração da auctoridade, da disciplina, do terror indispensavel á conservação da machina militar.

Trata-se agora de uma traição; dir-se-hia que a do superior tinha maior gravidade do que a do inferior; a responsabilidade é maior, maior a possibilidade de tornar praticamente importante o crime; não é porém assim:

«O militar que voluntariamente, diz o art. 110.º, quebrar ou inutilisar armas... será condemnado a presidio de guerra de dois a cinco annos: e *sendo official* a prisão militar não inferior a dois annos ou á demissão.»

Dura lex, sed lex. A fatalidade das cousas assim o ordena; sem inverter, sem desfigurar a moral e o direito, não é possivel manter exercitos, e a politica contemporanea está toda de accordo n'este ponto: que se não póde passar sem soldados.

Ora parece fóra de duvida que o partido regenerador é quem entre nós mais cabalmente percebeu esta necessidade da situação politica; imparciaes e estranhos a ella não podemos deixar de reconhecer, como criticos, que, industrio-bancaria por um lado, pelo outro militarista, a Regeneração é quem melhor accentúa, quem mais completamente representa as feições caracteristicas da sociedade portugueza contemporanea, quem por isso tem direito a esperar uma vida mais prospera. *Long life to the king.*

Do Brasil pouco ha que informar. Debellada a rebellião do norte do imperio, expulsos os jesuitas de Pernambuco, nem por isso parece terem afrouxado os animos bellicosos dos ultramontanos; sem que por outro lado as repetidas instancias do governo junto á Santa Sé tenham até hoje surtido o resultado desejado.

Processado o bispo, processado o governador do bispado de Olinda pelos actos que referi na quinzena anterior, o novo governador tomou posse do solio episcopal, e novo processo se hade seguir em breve. Pensará o governo brasileiro encarcerar todos os bispos, todos os conegos? Talvez

pense, e acaso pensa bem. Um dos dois teimosos será o primeiro a cançar, e os antecedentes levam a crer que não será esse o governo. Esperemos pela proxima abertura do parlamento cuja sessão hade por força marcar uma era notavel na historia constitucional do Brasil.

P. de Oliveira.

27 de fevereiro de 1875.

ESPAÑA

No es ciertamente fácil escribir la crónica del país vecino, cuando cada día van escaseando más los medios de saber lo que allí pasa, cuando la prensa tiene por guía obligada la *Gaceta*, que dice demasiado en los decretos que inserta y no dice nada en las demás secciones, y cuando es tanto lo que se dice en las conversaciones y tanto lo que se escribe en las cartas, aprovechando cada cual semejante periodo de miedo á la publicidad, para hacer circular á su sabor lo que al interes de partido, de fraccion, de grupo ó de cálculo individual conviene.

Quien desde el extrangero se propone observar á España llega en estos momentos á dudar si continúa ó ha terminado la guerra civil, ó cuando menos, á no comprender nada de lo que está ocurriendo en punto á la presente campaña, en que parecia deber cifrarse el principal interes de nuestros vecinos. De los dos ejércitos que se encuentran uno en frente de otro no sabemos una palabra de verdad; que debe pasar poco lo dicen este mismo silencio acerca de las operaciones, y el regreso á Madrid de algunos de los jefes caracterizados que fueron á Navarra cuando se anunciaron grandes y decisivos sucesos; y que no está inmediato ninguno importante, lo dice tambien el viage de Moriones, el general más querido en el ejército y más temido por los carlistas, que, despues de indicarle algunos para que se fuera á Filipinas, se ha ido tranquilamente á tomar los baños de Marmolejo.

Con la falta de noticias de la guerra coinciden esta vez, como otras, los rumores de paz, especie de compensacion obligada, que no es en verdad muy satisfactoria. Volvemos de nuevo á las esperanzas en la actividad conciliadora que se le antoje tomar á Cabrera, á la confianza en el movimiento de concentracion de los carlistas hacia las ideas y propósitos de su antiguo caudillo, á la ilusion del influjo de Roma para que la contienda termine, por medio de una bendicion desde el Vaticano. Antójasenos que la influencia de Cabrera, conde de Morella por D. Carlos, ha venido á ser sobre los carlistas muy semejante á la que Espartero,

conde de Morella por D.ª Isabel, ejerce sobre los liberales; los dos condes son grandes figuras en sus partidos, los dos gozan de gran respeto, pero ambos son dos ruinas venerables que, si acaso pudieran considerarse todavía como antiguas banderas, no sería para que sirvieran de enseñas en los combates, sino para colgarlas, como suele hacerse con las antiguas, en las bóvedas de algun templo, entre el coro donde resuena el órgano y el altar de donde sube la nube de incienso. Lo que puede esperarse del Papa lo dice *El Cuartel Real*, curiosísimo diario oficial de la corte ambulante de D. Cárlos, que se publica en Tolosa, y presenta todos los menesteres de un Monitor de Gobierno, empezando por no contradecir el antiguo proverbio de: «miente mas que la *Gaceta*.» Digamos, sin embargo, que de la lectura de los números que desde Navarra nos han remitido, resulta una dolorosa verdad: que no se vislumbra el menor síntoma de acomodamiento en el campo carlista. De lo que se prepara en el otro estamos completamente á oscuras, porque ya, no solo se declara en Madrid punto prohibido toda noticia de guerra, sino que ni aun de nombramientos militares se permite dar cuenta, como no sea con atraso de muchos días: de esa manera consta que el general Quesada ha sido encargado del mando del ejército del Norte; que el general Echagüe ha sido nombrado general en jefe del ejército del Centro y que el general Castillo ha tomado el mando de las tropas que estaban á las órdenes de Moriones. Veremos si la fortuna acompaña á estos nuevos caudillos.

Puesto que de generales se trata, este es el lugar de decir que Concha ha abandonado la Isla de Cuba, en virtud de autorizacion, antes que llegara á la Habana el conde de Balmaseda que ha de sustituirle y que tan á punto va para tener ocasion de lucirse, cuando los insurrectos comienzan á dar á aquella guerra un carácter tal, que en el distrito de las Cinco Villas han incendiado mas de 30 ingenios.

Transformado por un decreto en ministerio resposable el ministerio regencia, un diario ministerial ha levantado dudas aún no resueltas, sobre si se ha desprendido, ó nó, de sus facultades extraordinarias: que la dictadura no ha terminado y que la normalidad legal no ha llegado lo dicen los actos del gobierno.

El más controvertido de este ha sido el que altera la ley de matrimonio civil, que parece vá á sufrir alguna contradiccion por parte de los extrangeros, señaladamente en lo relativo al artículo que declara disuelta, dentro de determinado plazo, la sociedad conyugal de los ordenados *in sacris* que han abandonado la religion católica. En cambio hay quien pide que se eche por tierra la libertad de cultos, «por ser el principal elemento que mantiene la guerra civil»; sin recordar que en 1834, ni en 1845 habia libertad de cultos, ni registro, ni matrimonio civil y no por eso dejaron los carlistas de encender la tea de la guerra.

Más que todas esas cuestiones, más aún que la campaña, dá que hablar, por increible que parezca, una fraccion especuladora que con la *razon social* de constitucional, entra por todo, revolucion ó dictadura, república ó monarquía, á condicion de ser poder. Despues de entregada

al dominio público la conferencia telegráfica que con el duque de la Torre tuvo el ministerio Sagasta en sus postrimerías, parecia que esa fraccion debia quedar relegada al olvido y aun condenarse á perpétuo silencio. Vemos que en España pasan las cosas de otro modo, puesto que los órganos del gabinete de D. Alfonso preguntan á los hombres que fueron el último Gobierno de la República, á qué aguardan para hacer una adhesion explícita que falta á la monarquía: al toque de llamada de un diario: «Avencen los constitucionales» contestan estos con la voz de: «Aguarden los constitucionales»: pero no se limitan á eso; dicen que el Gobierno actual está trabajado por un dualismo manifiesto, y confirmando lo que se desprende de la famosa conferencia telegráfica, echan en cara á la situacion presente que *todo se lo debe á la anterior*. Que sea eso cierto no prueba que el Gobierno considere como puntales suficientemente robustos, elementos del linage de los llamados constitucionales; y alguna noticia ha circulado ya de que buscaba la reunion de varios, que en el mero hecho de ponerlos juntos, parécenos habian de presentar un espectáculo desconsolador.

Poniendo fin á esta crónica de intriguelas, en que se pierde un tiempo que se aprovecharía mejor en qualquier otro país, aun que no se hallara en las graves circunstancias que atraviesa España, digamos algo de otras materias que aun que se acerquen á lo bufo no tengan al menos pretensiones de serias.

Mientras algunos millares de hombres duermen á campo raso en el Norte sobre sangre y nieve, con el fusil al lado pronto á enviar la muerte al primero que asome en el campo enemigo, (que no se diferencia del amigo, en nacionalidad, sino en el ros ó en la voina que cubre las cabezas de los soldados) Madrid se divierte cuanto puede, de la mañana á la noche, ó, para hablar con mas propriedad, de la mañana á la mañana, puesto que círculos, cafés y casas hay donde la luz y calor artificiales llenan constantemente las ausencias del sol; mas de una docena de teatros, muy concurridos todos; conciertos y novillos para pasar las tardes de los domingos; espectáculos de diversas clases para divertirse á todas horas los demás días de la semana, paseos poblados de gente con un lujo superior á sus facultades, y llenos de carruages en un número que no guarda proporcion con los recursos de la capital de España; tal es el cuadro que presenta á los ojos asombrados de los extrangeros y á las miradas escandalizadas de los provincianos que, viviendo en Madrid, ellos mismos llegan á olvidarse de la discordia que está arruinando al país.

Aun en medio de esos goces, asoman, sin embargo, síntomas manifiestos de su estado: diarios ministeriales que elogian la prudente reserva de las oposiciones, dán cuenta de la borrasca levantada en el «Círculo conservador alfonsino», cuyo presidente se vió obligado, para que los concurrentes se declararan disueltos, á amenazarles en dar parte al gobernador del aspecto que presentaba aquella sociedad, convertida en campo de Agramante. Preciso es convenir en que, si como dicen los ministeriales,

el Gobierno sostiene entre si la mejor armonía, los elementos de la situacion no siguen su ejemplo.

Para no omitir nada que merezca alguna atencion, cerraremos esta crónica, diciendo, que muchos esperan vendrá pronto el duque de Montpensier; por ahora á Andalucia.

***

EUROPA

Estas chronicas não podem dar novidades. Só o telegrapho hoje as pode fornecer; só elle pode acompanhar com os seus meios cada vez mais perfeitos a successão dos acontecimentos, fazendo-os circular rapidos pelo mundo. As folhas diarias mesmo já hoje vem tarde para contar, e teem de apreciar, de commentar, para dizer alguma coisa que interesse; e ainda n'essas, o mais importante, está quasi sempre na revelação dos accidentes que acompanharam o facto capital que o telegrapho noticiou no de detalhes, nas causas especiaes, nos motores secretos, particularissimos ás vezes, nas confidencias surprehendidas pelos implacaveis *reporters*, que fazem tiragens de 30.000 exemplares de tudo o que ha tres seculos se encerrava nos cartorios selados dos Estados, e só fragmentado, e ainda assim perseguido muitas vezes, se publicava em memorias posthumas. Tudo isso fornece documentos, que tiram das suas condições pessoaes, de momento, ainda um outro valor, que é o de darem a côr, o calor, a attitude especial ingenuamente revelada, dos differentes elementos da lucta, lucta permanente e irremediavel que constitue a existencia da humanidade.

As Revistas pela sua periodicidade demorada não podem acompanhar as publicações que assim se succedem pouco atraz dos factos, fazendo sobre tudo a sua chronologia, e archivando os documentos mais palpitantes e mais animados do primeiro momento. Veem depois as Revistas, de quatro em quatro mezes, de mez a mez, de quinze em quinze dias, e acham já um grupo de factos e uma massa de esclarecimentos sobre os quaes é possivel fazer passar uma linha que tocando em todos os pontos verdadeiramente caracteristicos determine a curva, como diria um mathematico, a lei dos successos. Explicar os acontecimentos: eis o fim das Revistas. Este trabalho passa por dois gráus. O primeiro, que é o que procuram realisar as chroniças, tira ainda dos periodos curtos em que estas tem de se publicar, a sua rapidez deficiente, caracterisando apenas nos traços principaes os factos, quando as influencias productoras não teem ainda tido tempo de se revelarem complectamente. Por isso os seus juizos, as suas explicações são transitorias, a cada passo desmentidas, deixando porem fixado com côres no fundo verdadeiras o aspecto da sociedade, se não previstos rigorosamente os successos posteriores. Ao se-

gundo satisfazem os estudos publicados em periodos mais largos, que podem abraçar actos complectos, e que são o julgamento em primeira instancia. do que é já historia.

Explicar quanto possivel os successos, reunir todas as linhas, ás vezes na sua origem distantes que fazem mover os homens; indicar e pintar todos os elementos que constituem essa irresistivel fatalidade a que se chama a liberdade humana manifestando-se em factos, desenhar emfim o que é, em cada momento a sociedade, e como d'ella legitimamente saem os acontecimentos taes como os vemos, eis o fim, das chronicas politicas que, sobre o movimento geral da Europa e da America, me proponho escrever n'esta *Revista*.

Não traz isto comsigo a necessidade de uma apreciação dos successos no sentido de saber se esses são ou não favoraveis ao estabelecimento de uma ordem de coisas previamente formulada como perfeita. O saber se um acontecimento politico é bom ou máo, é natural objecto de uma outra classe de considerações. É sobretudo destas que se occupam as folhas diarias, que, pela sua frequente apparição na arena politica, são naturalmente instrumentos de lucta, que teem o seu credo definido, formulado, como ideal que querem ver realisado pelo caminho mais curto e como criterio a applicar immediatamente aos factos, logo que estes se deem e passam em frente, animados ainda da lucta que tambem tiveram para se produzirem, desacompanhados dos seus complementos e das suas justificações, com apparencia fortuita, fragmentados, desconexos, sem o aspecto de conjuncto que só a distancia se aprecia depois. Explicar pois os factos muito mais do que aprecial-os eis o fim das chronicas que escrevo.

Era indispensavel esta exposição do ponto de vista em que me colloco, para não ser injustamente julgado pelos apaixonados da politica militante, e, sobretudo,—e é o mais importante,—pelos leitores hespanhoes, portuguezes e americanos, cujo caracter não recebe facilmente estes processos meramente objectivos, impessoaes, mais francezes que nossos, com que a critica moderna nos põe fóra do assumpto que estudamos, seja elle a nossa vida, ou o nosso destino, como quem está, indifferente, e por detraz dos bastidores, assistindo a uma comedia curiosa.

É certo que todo o moderno movimento philosophico tem constituido como um residuo de scepticismo que se accumula no fundo dos espiritos formando esta disposição que os *crentes*—no velho sentido da palavra,—por não comprehenderem, muitas vezes avaliam mal. Mas é certo que sobretudo ella deriva da extrema afinação logica das intelligencias actuaes fazendo-as concluir que o *fado* tem hoje o nome de *lei;* que todo o facto é uma consequencia fatal, por isso justa, do estado da sociedade; que esta não pode nunca retroceder senão apparentemente, que assim tudo o que succede é bom que succeda, e que aos homens, cumpre sobretudo, ainda como impulso da mesma fatalidade universal, adquirir consciencia do turbilhão inevitavel dos factos de que elles são ao mesmo tempo um motor e um elemento impelido.

Posto isto, descripto assim o ponto de vista d'estas chronicas, para que ninguem procure n'ellas o que ellas não querem conter,—proseguirei.

Tres pontos sobre tudo esbocei,—e não me permittiu o espaço que os desenhasse melhor,—que quanto a mim dominam por completo o momento politico actual; A transformação porque está passando o espirito das classes dominantes: os pontos de appoio da deslocação do instavel equilibrio europeu, e o movimento que n'um futuro que é facil prever deve prolongar a Europa e modifical-a.

O primeiro ponto foi-me facil exemplifical-o,—e era importante mesmo para nós que o fizesse,—n'um paiz que é ainda hoje a cabeça das raças logicas e idealistas: a França.

Ha quatorze dias, desde a minha primeira chronica, a situação não tem mudado. E, hoje, a solução que apparece confirma as linhas fundamentaes que eu tracei como as que deviam caracterisar os acontecimentos. As classes dominantes não são em França socialistas, apesar do seu idealismo, exclusivamente patriotico:—não são monarchicas de direito divino, apesar da corrente, sobretudo elegante e superior, do seu catholicismo actual.—São uma coisa differente que se não explica por idéas só, ou por abstracções, mas por interesses: são conservadoras; e assim, não desgostando de ser constitucionaes, estão já dispostas a ser *centro esquerdo*, e tambem, não o esqueçamos, a tornarem-se em seguida imperialistas.

O governo é pois dos partidos centraes,—e assim logicamente transitorios, porque tendem ou a cahir nas regiões donde vieram, ou a ser arrastados pelas ideas para que naturalmente vae a humanidade. São porém sempre a resultante para onde tendem as situações, no meio d'este equilibrio mais d'uma vez roto, e sempre difficil, porque os partidos da extrema direita não podem voltar, e os da extrema esquerda nunca hão-de completamente vir.

Em todos os momentos importantes, mais ou menos definitivos, as duas fortes attracções logicas operam violentamente sobre os partidos conservadores, cheios de expedientes na sua robusta mediocridade, mas faltos de appoio definido e fixo.

Depois, como eu já fiz notar, as desconfianças dos partidos militantes duram ainda, quando já estão quasi acabadas nas classes que elles representam, nunca porem fielmente.

Eis a situação que ha quinze dias apresenta a França politica.

O senado é uma garantia de conservação. As camaras de deputados eleitos pelo suffragio universal estão subjeitas a mil occorrencias em que ás vezes as classes conservadoras, apesar de realmente dominantes, não podem sempre com segurança dominar. E, além d'isso, como se hão-de hoje esquecer as classes que se agitam em baixo; os operarios que se associam, revolvendo com mão inexperiente mas forte todos os problemas do destino, os jornaleiros agricolas que se destacam da gleba ingleza para procurar ou tentar impor mesmo, uma melhor sorte, e que

são tantos, tantos! — como hão-de admittir ellas assim, para o senado, o suffragio universal?

O senado póde não ter em França os antigos proprietarios do *Dooms day book* inglez, mas hade ter os modernos, da Finança, da Industria e do Commercio, porque não se tractade sangue mas de interesses; interesses creados que são os que se defendem deveras, e os que se querem ver no senado para que defendendo-se defendam todos os outros.

Por isto os partidos conservadores francezes dão de barato essa palavra — *a Republica*, — comtanto que lhes deem esta instituição: — um forte senado.

Por isto a assembléa franceza reconsiderou relativamente á sua origem d'elle, que em segunda leitura se determinou fosse de suffragio universal, como disse na minha chronica anterior, explicando o porquê d'este excesso revolucionario.

Para a reconsideração, além dos motivos expostos houve ainda um elemento extremamente caracteristico que se não deve perder de vista: Dois movimentos a prepararam obrando simultaneamente; um na assembléa, evidentemente apoiado, animado, pelo outro, no poder, no governo, no proprio marechal Mac-Mahon.

É que se não tracta hoje em França para ninguem de ir ao poder: tracta-se de se conservar lá, quem lá está. A assembléa nacional tem pois poder constituinte dentro dos limites da conservação.

Depois, as condições de equilibrio de que eu fallei, e em que forçosamente se acham os partidos centraes, alimenta a desconfiança, o temor de que os republicanos moderados não caiam pelos declives insensiveis mas fataes da logica, quasi sempre impolitica, nos abysmos cheios de vagas soluções subversivas da extrema esquerda. A liberdade é um terreno escorregadio, e a historia apresenta exemplos d'essas quedas de que resultam os governos passageiros mas transformadores e radicaes das revoluções. Não se arriscarão os mais prudentes, n'este inclinar para diante a que se chama republica, a perder o centro de gravidade e a cahir, ingenuos da conservação, n'uma multidão que os absorva?

A Burguesia franceza, mesmo a ainda constitucional, vê já pela maior parte, como disse, que o rei não é, nunca foi para ella verdadeiramente um principio, um sentimento: mas ser-lhe-ha elle ainda, como ha 40 annos, uma garantia, um interesse? Deixar esta base fixa:—um rei,—não é deixar um ponto solido de apoio, indiscutivel,—quando se vê o perigo que ha, no systema parlamentar, em discutir muito?—e quando se vê a facilidade com que o futuro, desordenado ainda, se introduz no meio das assembléas, perturbando com os largos horisontes desvendados e por vezes luminosos, é certo, os assumptos que se lhes entregam?

Eis as exhitações, as relutancias que embaraçavam os membros do centro direito, os monarchicos constitucionaes, e que deviam tambem fazer oscillar alguns deputados, ainda cheios do habito do seu passado, do centro esquerdo republicano na assembléa franceza.

Entre estes, os que mais claramente veem a situação, diziam: «Dae-nos

a Republica e organisae-a como vos parecer» isto é: «Queremos o nome novo, sincero, para o systema, mas condescendemos com as instituições.»— Ou, sobretudo, no fundo sincero do pensamento: «A monarchia é uma formula inutil: deixae-a, deixemol-a. Mas para a conservação, para a sustentação da ordem actual, fazei instituições idoneas, solidas, que garantam os pontos importantes para nós todos; os mesmos proximamente que constituiram a essencia do constitucionalismo, ou que n'elle poderiam, por um progresso natural, obter-se, e estamos de accordo. O senado deve ser um elemento de conservação: — sómente nós cremos que essa conservação será tanto mais solida quanto mais o suffragio universal a edificar. Mas emfim talvez tenhaes razão.»

Arredado prudentemente o suffragio universal directo, restava o senado eleito pelo Presidente dentre os homens altamente situados:—d'entre as grandes fortunas, as grandes posições, os grandes interesses e as grandes influencias; é preciso ter para querer conservar;—ou o senado eleito pelos corpos constituidos, e entre esses, em primeiro logar, a assembléa nacional, o mais importante mas o mais perigoso para o fim que se queria; — depois os conselhos geraes, os conselhos municipaes, formados na gerencia e na ordenação dos interesses locaes, na indifferença da grande politica partidaria, e permanentemente absorvidos pela industria. Depois finalmente a eleição indirecta, de dois gráos, em que se esperava que as necessidades revolucionarias e impacientes das massas ou dos agitadores, se esbatessem e moderassem. Da combinação d'estes systemas se formaram umas oito ou nove, (quem poderá nunca saber ao certo quantas!) formulas de senados conservadores. Sem falar d'uma proposta (a do conde de Douhet) que fazia do senado,—além de duas assembléas legislativas, —um corpo sobre tudo politico, especie de conselho de Estado, convocado pelo Presidente, discutindo as leis quando este o julgasse opportuno:—mais uma roda emfim no mecanismo equilibrado mas já não muito simples, do constitucionalismo classico.

A nomeação pelo Presidente tinha por si um bom aspecto de conservação, tranquilisador, que sobre tudo derivava da pessoa do actual presidente,—espirito estreito, recto, disciplinar; conservador, não de interesses, mas do estabelecido, pelo ser; pondo o seu caracter e a sua honradez, como substituição, ás vezes efficaz, no logar da intelligencia e do tacto. Atrás d'este homem um grupo limitado mas de intuitos definidos, recordava a historia de todas as presidencias militares, tentava uma lenda, pensava n'um cesarismo onde dominasse, e procurava já habituar a França á abdicação n'uma dictadura. Quando, n'uma das sessões da assembléa nacional, um deputado (Pascal Duprat,) dizia que o senado sahido do suffragio universal era a unica garantia contra as revoluções, houve quem lhe respondesse que se não precisava d'outra garantia contra as revoluções e contra os revolucionarios além da espada de Mac-Mahon. Era assim que se tractava de organisar os poderes d'uma presidencia já declarada impessoal, que se pretendia transformar n'um novo cesarismo, que, como todos os cesarismos viveria por um Cesar sem descendencia possivel

aventurosamente, sem cuidar do dia de ámanhã previsto só por os partidarios, que se põem, enthesourando a coberto.

Os senadores nomeados pelo Presidente não eram pois uma solida garantia para os conservadores que veem mais longe, e que estão isolados dos grupos especuladores mais genuinamente politicos. Esses preguntavam a si mesmos: Mas quem substituirá ámanhã Mac-Mahon?

Os senadores eleitos pelos corpos constituidos eram os que pareciam offerecer mais garantias de conservação. Lembremos-nos dos habitos, da classe dos que costumam formal-os. É certo todavia que as condições do voto mudarão bastante quando elles tiverem novas e tão importantes attribuições. Na base porém os interesses preponderantes hão de ser sempre os mesmos e serão esses os que, afóra pequenos desvios determinarão o resultado da eleição. A riquesa é hoje a influencia que elege.

N'este terreno se fez como era natural a aproximação dos elementos moderados da assembléa. Saiu d'ella a formula Wallon-Lavergne:

Dos 300 membros do senado 75 apenas são vitalicios e nomeados pela assembléa nacional,—onde se temem sempre, as tradicções commovedoras do radicalismo da tribuna franceza. 225 serão nomeados pelos departamentos e pelas colonias, por 9 annos, renovados todos os 3 annos na terça parte, e eleitos ahi pelos deputados, pelos conselheiros, e pelos delegados das cummunas.

É esta proposta decerto que o telegrapho nos annuncia como tendo obtido uma maioria superior a 200 votos na assemblea franceza, formada pelas esquerdas, pelos centros e de certo ainda pelos bonapartistas.

Para que esse senado represente realmente as garantías que as classes burguezas n'elle queriam fundar, faltam inquestionavelmente os senadores a que a sua posição, os seus cargos deem *ipso facto* o direito de o serem. O terem estes sido postos de parte, é ainda um effeito da mesma influencia que fez approvar a principio a eleição popular do senado, condicção imposta pela aliança das esquerdas radicaes, ou vertigem dos conservadores progressistas do centro esquerdo.

No meio d'isto os bonapartistas, se não poderem ir ao poder pela desorganisação prolongada, tentarão apoderar-se da situação, seja qual fôr, que a Republica crear com o auxilio habilmente annunciado d'elles, e terão ainda, nos erros inevitaveis que depois de organisados hão-de praticar os conservadores liberaes, e na indifferença publica, elementos importantes de successo, e mesmo de restauracão.

Diz-nos hoje o telegrapho que a assembléa approvou os artigos que determinavam as attribuições do presidente da Republica, mantendo a resolução já tomada de conservar a sede do governo em Versailles, que tão boa fortaleza se mostrou contra os ataques socialistas e communaes das classes que ainda devem existir na velha cidade das barricadas.

Tambem se lêo na assembléa o inquerito sobre a eleição a proposito da qual foi descoberto o centro propagandista do partido bonaparte.—A discussão d'esse inquerito permittir-nos-ha appreciar o estado real d'esse partido depois dos votos que para muitos consolidaram a Republica.

Antes de passar ao grupamento, e á illucidação dos demais factos politicos e economicos da Europa contemporanea,—que nem foram n'estes ultimos dias muito novos nem muito interessantes,—preciso ainda acrescentar um ponto que domina tambem os acontecimentos modernos Esse é o estado religioso dos espiritos, phenomeno que por um lado parece caracterisado pela indifferença sentimental das classes industriaes e politicas, mas que por outro, exigente e fecundo, cresce de continuo das necessidades immortaes que o originaram sempre. Apesar do forte seculo XVIII, apesar das formações philosophicas, e scientificas, criticas, do novo movimento, divulgadas, populares e assim poderosissimas na sua acção; apesar do desenvolvimento absorvente dos interesses materiaes, e do scepticismo machinal ou consciente que tem resultado de tudo isto, nas classes mais illustradas, as questões religiosas agitam ainda fundo a humanidade sem que o que as sciencias tomaram d'ellas para si, dando-nos uma concepção real do mundo, ou o que as artes modernas, nervosas e vagas occuparam parece que tão absolutamente dando symbolos aos factos mais intimos do espirito; sem mesmo que o que a psychologia, a moral e o direito determinaram em volta da consciencia e da justiça, como termos seus proprios e independentes, tenha conseguido exhaurir o fundo intimo, mysterioso e mistico, inexgotavel, que nenhuma realisação moderna satisfaz complectamente. Ao lado dos catholicos infalibilistas cheios da pompa dominadora da Egreja, e da completa abdicação na *graça* indiscutivel, ha as formações contemporaneas das lendas milagrosas da Inglaterra e da America e o movimento alucinado, commovido e magnetico dos *espiritistas* e dos *mediuns* que lembra a profunda elaboração sentimental das sciencias occultas e da feiteçaria popular da edade media. Ha pois, provando n'isto a sua exhuberancia actual, no homem, evidentemente, uma faculdade que tem necessidades não satisfeitas, mal denominada decerto até hoje, que um dia poderá talvez desdobrar-se em elementos analysaveis e scientificos, mas que por ora temos de designar pelo nome consagrado.

O homem pode hoje ainda, sem duvida, definirse um animal religioso.

Faculdade a mais sentida e a menos compreendida, a menos consciente, vaga, e por isso mais intima,—fatalmente dominante,—tende ella naturalmente a caracterisar e a derigir os factos superiores, os que teem uma influencia geral, os que tomam o homem no mais completo conjuncto de relações.

Uma corrente poderosa anima assim uma grande parte da humanidade, e a Europa é hoje, no fundo, uma vasta lucta religiosa, onde os campos politicos tem quasi todos o seu credo. Relativamente a este estado as diversas classes offerecem differenças curiosas. São os partidos politicos extremos, sem duvida os mais humanamente completos, que são tambem os mais intimamente religiosos nas suas faculdades, nas necessidades intimas e sentimentaes dos seus espiritos:—uns, fanaticos, absorvidos, quasi annulados muitas vezes; os outros, regeneradores, illuminados.

Para as classes entremedias, a religião, é no espirito, uma especie de cofre onde durante mezes se não meche;—menos uma necessidade instante, inilludivel, que um elemento de conservação politica e social, uma sancção superior do poder, um freio contra as subversões. Que a religião porem não queira ter mais logica que o systema politico que essas classes manteem; que se contente com as suas pompas respeitadas por uma humildade ostentosa, e com o seu papel de policia preventiva; que só entrevenha na ordem temporal para sagrar o facto consummado, e os restos formaes da antiga sociedade. Não lhe consentirão mais.

Por isso, quando a Egreja catholica proclamou a infalibilidade do que era aliás, o representante reconhecido de Christo na terra, os interesses abalaram-se e as consequencias legitimas do novo dogma perturbaram os governos.

A Allemanha prendeu os seus Bispos, — e ainda hoje continua no mesmo caminho; — perseguiu os orthodoxos exactos cumpridores do seu dever religioso, e hoje, os jornaes catholicos, estão por dias, depois de consumirem ainda alguns enphemismos relativos, a chamar a Bismark o novo antechristo.

Em Inglaterra o mais genuino representante da Burguezia liberal, o sr. Gladstone alvoroçado tambem, preveniu os seus concidadãos, n'um opusculo mais celebre pelo auctor que pela originalidade das ideas que expõe, de que: «ninguem póde hoje ser catholico romano sem renunciar á sua liberdade moral e mental, sem pôr a lealdade e o dever civil á mercê de outrem.» [1]

Algumas reflexões mostrar-nos-hão completamente o estado religioso das classes que, sob este ponto de vista, precisamos conhecer.

O juizo do sr. Gladstone é completamente exacto.

E todavia, parece effectivamente que a religião, a direcção superior, a influencia da divindade, tem de preponderar sobre toda a existencia da creatura humana. Não é facil de imaginar que alguma coisa fique fóra da sua acção legitima. Tudo na vida do homem deverá sem duvida ser formas da sua obediencia a Deus. O Estado, essa representação superior da ordem, que dirige, só o consegue, só o póde fazer, em nome d'elle. Se isto é certo, o Estado pertence á egreja, é uma emanação d'ella; não vive, não tem auctoridade senão por ella, não domina sobretudo senão emquanto a representa e emquanto obedece á verdade que ella possue *ab alto*. Uma religião separada do Estado e não o inspirando, e não o dominando, e não o absorvendo; uma concordata extremando duas partes no mesmo organismo: — a temporal e a espiritual, movendo-se como duas parallelas que nunca podem entrar em colisão,—afigura-se aos espiritos systematicos, com effeito, como uma lemitação do infinito, da omnipotencia de Deus, encarregado de dirigir á vontade o campo que cada vez vão restringindo mais do fôro interior, mas prohibido, sob pena de

[1] The vatican decrees in their bearing on civil allegiance: a political expostulation. Gladstone. London 1874.

applicações judiciaes, de ter opinião sobre as acções publicas, os deveres do cidadão, os destinos da patria.

Naturalmente as religiões envolvem tudo,—fôro interno e externo. Nada é exterior a Deus:—como se lhe póde disputar uma parte do homem! Nada pois lhes é extranho.

Eis o que diz a logica impassivel.

O catholicismo, a mais grandiosa, a mais extraordinaria, a mais bem ordenada edificação religiosa, que ha tantos seculos deduz sabiamente os seus desenvolvimentos, deve tambem ser a mais absorvente, a mais imperiosa e exigente, por ser a mais forte e a mais completa.

O movimento de reacção na politica moderna contra o catholicismo romano foi ainda determinado por uma outra causa extremamente significativa pela sua extensão, e que de ha muito actua ao mesmo tempo na Allemanha, em Inglaterra e em França.

O protestantismo despira a religião do symbolismo theatral e fascinador de Roma. Formára um culto abstracto, sêcco, apenas com alguma musica sóbria que só podia satisfazer as almas de grande mundo interior, mysticas, facilmente ensimismadas, mas não os sentimentos populares que só vivem de symbolos, de corporisação exterior. As tendencias imaginativas começaram a revelar-se naturalmente, porventura auxiliadas, incitadas, por conselhos interessados.

Em toda a parte as cerimonias do culto começam a introduzir elementos pomposos. Em Berlin, por exemplo, as seitas dos *baptistas* e dos *irvingios* entre outras, enchem hoje para ter numerosos adherentes, a egreja de ornatos, de luzes, de tecidos dourados e coloridos; em Inglaterra o ritualismo soffre uma alteração lenta que move primeiro os temores de Gladstone; e em seguida ao ultimo Synodo protestante de França, um schisma se declara em que a minoria sensura ás grandes influencias da egreja reformada a sua romanisação.

Sob estas variadas formas, se dá pois, unido aos movimentos politicos, o movimento de lucta e de transformação religiosa.

A logica é pelo catholicismo. Mas, se é a logica que domina superiormente a historia e que explica ainda a evolução de cada principio em si, não é hoje, nem será tão cedo ella quem governe as nações.

Roma intransigente nos seus pontos dogmaticos, collocada inabalavel em frente do movimento e do seculo, tem comtudo, em politica, uma maleabilidade unica. Condemna, e fulmina, nas suas encyclicas, a legislação civil de todas as nações modernas, mas não passa da excommunhão litteraria: continua deixando exercer o culto, entretem relações diplomaticas, e não vae longe o tempo em que se julgava que o protestante imperio allemão seria o sustentaculo bem recebido do poder temporal do papado. Roma faz isto tudo com um ar entre doce e subtil que lhe dá a sua natureza italiana, dando a entender que é humildade christã, caridade para com os transviados que talvez se arrependam ainda, e mostrando, no fundo, como caracter mais real, a obediencia ao celebre preceito classico, e sob certo ponto de vista defensavel,—de que todos os

meios são legitimos em vista dos fins;—sublimes fins que são nada menos que a reconducção dos homens ao caminho da verdade. Em França tem de ser assim por Henrique V;—mas é tambem, deixa crer pelo menos que poderá ser, e indubitavelmente será ámanhã, se a victoria vier,—por Napoleão IV.

Em toda a parte contra o progresso, ella que sendo perfeita não póde progredir, a egreja é tambem sempre pelo successo realisado.

Só a Italia, que lhe tomou o patrimonio, não achou perdão completo, n'aquella voz doce e humilde que ainda hoje move e inspira pelo mundo tanto odio irreconciliavel.

Mas tambem a Italia obedece aos mesmos movimentos que eu tenho descripto. São as mesmas classes, ordeiras, prudentes, a que Garibaldi, o grande instincto generoso, parece ir-se unindo, que alli trabalham prudentemente conservando e organisando sem brilho como sem commoções.

As escollas economicas em toda a parte inteiramente ligadas com os systemas politicos e introduzindo nas theorias da sciencia especial deducções que tem na politica a sua explicação sufficiente quasi que deixaram já de se gladiar em França, esse antigo campo de batalha, para travarem na Allemanha uma lucta que já hoje se estende, derivada d'alli até á Italia. A liberdade complecta é a base fundamental das escollas ingleza e franceza. A auctoridade, o Estado entrevindo e organisando, é o fundamento das escollas allemans. Compreende-se que assim seja.

O governo allemão que já dispõe soberanamente de todas as molas politicas com o applanso das classes dominantes que abdicam na habilidade provada a que devem a patria, a grande patria da grande raça, influe ainda n'esta compreensão das bases dos interesses economicos.

A mesma tendencia, voltada porém em direcção opposta, tem alli feito acusar de socialistas os professores de economia das universidades. É n'este ponto que se confundem os Cesarismos e os socialismos auctoritarios.

No congresso economico de Milão ultimamente celebrado, manifestou-se a mesma lucta em Italia. Os partidarios da liberdade absoluta economica chamaram aos seus contrarios, que queriam a intervenção, a acção do Estado, allemaens. Bom é que a liberdade complecta, e a iniciativa particular possam já hoje fazer na Italia, o que, infelizmente em muitos paizes meridionaes, de sol brilhante e céo azul, só os governos conseguem realisar.

J. Batalha Reis.

27 de Fevereiro.

Erratas

Pag. 119, titulo: em vez de Hespanha leia-se España.
Pag. 122, lin. 23.ª—onde se lê: *insoffridos e turbulentos*, leia-se: *classes insoffridas e turbulentas.*
Pag. 228, titulo: onde se lê *trio dos poetas*, leia-se: *trio de poetas.*

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Revista de Andalucia: Director Antonio Luis Carrion: Malaga

Recebemos os n.os 7, 8 e 9 (correspondentes a 10 e 25 de janeiro, e 10 de fevereiro) d'esta publicação, que sáe quinzenalmente em Malaga, e que já vae no seu 2.º anno. Ainda que este titulo, *Revista de Andalucia*, pareça indicar alguma cousa como a constituição d'um grupo ou escola destinada a representar d'uma maneira especial o espirito andaluz, nas suas varias tendencias, nada todavia encontramos n'estes tres fasciculos, que auctorise essa supposição. Se o provincialismo hespanhol é ainda hoje na esphera da politica, uma tradição vivaz e está por ventura destinado, sob fórma de federalismo, a representar no futuro um papel consideravel, é bem certo que na esphera da litteratura e da arte a sua influencia se faz sentir cada dia menos e tende a desapparecer totalmente. Devemos considerar isto antes como um progresso do que como uma decadencia, desde o momento em que o enfraquecimento ou o desapparecimento da originalidade provincial não traga comsigo a indifferença, a atonia intellectual, mas seja simplesmente consequéncia da transformação que se opera nos espiritos pelo alargamento dos pontos de vista, tornados, de provinciaes, nacionaes ou ainda cosmopolitas. A vida local, n'este caso, ganhando mais extensão, nada perde por isso da sua intensidade. A *Revista de Andalucia* parece-nos um bom exemplo d'esta phase nova do espirito provincial em Hespanha, que abandona as tradições tornadas hoje preconceitos, d'um particularismo já sem razão de ser, e entra resolutamente na communhão das idéas geraes, que, por toda a parte e sem distincção de nacionalidades, interessam a humanidade culta. N'estes 3 numeros, que temos á vista, encontramos artigos sobre o Darwinismo, sobre a colonisação modarna, sobre varias questões de philosophia transcendente, sobre a histeria civil e artistica dos arabes na peninsula, e outros de menor entidade, nos quaes todos se revela o interesso pelas idéas modernas, ainda que nem em todos sobresaiam ellas com a lucidez, a precisão e a amplitude ou profundidade que lhes é propria. Em summa, parece-nos a *Revista de Andalucia*, senão uma muito boa obra, com certesa um muito bom symptoma.

A disciplina e o exercito: a proposito do alferes Brito: por Sergio de Castro. (*Coimbra: Imprensa Commerciai*)

Por occasião do assassinato d'um alferes, parte da officialidade do exercito portuguez (o sentimento faz esquecer a prudencia) levantou na imprensa e fóra d'ellá a questão da indisciplina dos soldados. Disseram-se cousas tristes, como o caso pedia: cousas tristemente militares e cousas militarmente tristes. Esta indisciplina é um facto: mas os srs. officiaes, que tanto sabem e tão bem dizem, mostraram ainda assim ignorar um pontosito da questão, ponto insignificante, em verdade, e que pela sua aridez pouco se prestava á eloquencia lyrica da nossa officialidade litteraria, mas em todo o caso um ponto da questão, a saber; d'onde parte a indisciplina e quaes são os verdadeiros indisciplinados.

O sr. Sergio de Castro vem dizer-nos cruamente que a indisciplina do soldado é apenas um caso particular da indisciplina do exercito (inclusivè os srs, officiaes) a qual é ainda um caso particular da indisciplina moral e politica das classes que governam em Portugal. Cruamente o explica o moço escriptor, e a sua ironia indignada não poupa respeitos e convenções. Não o censuramos por isso. O que, do estado do exercito portuguez, tem ha alguns annos transpirado para o publico, e sobre tudo os documentos n'estes ultimos mezes fornecidos (inconscientemente) pelos srs. officiaes sobre o estado do mesmo exercito, coisas são para inspirarem muitos e variados sentimentos, menos satisfação e serenidade. O sr. Sergio de Castro propõe, como remedio, a instrucção popular. Boa coisa é a instrucção popular, por certo. Mas parece-nos que em Portugal e n'este momento ha, além das massas populares, muita outra gente que instantemente precisa não só de ser instruida, mas, o que é mais, educada. E um ponto que ousamos propor á meditação da nossa officialidade publicista.

REVISTA OCCIDENTAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DOIS VOLUMES DE, PELO MENOS, 128 PAGINAS CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Portugal		Brazil	
3 Mezes....	2$200 réis fortes	3 Mezes....	5$000 réis fracos
Anno.....	8$000 » »	Anno.....	18$000 » »

Nas terras onde não ha agente accresce o porte do correio.

As assignaturas são pagas adiantadas.

Assigna-se:

Em Portugal

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vizeu, Lamego, Santarem, Mertola, etc.

Agente no Porto — **E. Chardron.**

No Brazil

Nas principaes livrarias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará, etc.

Agentes no Rio de Janeiro — **Moreira Maximino & C.ª**

Typ. de Christovão Augusto Rodrigues — rua do Norte, 145.

REVISTA

OCCIDENTAL

1.º ANNO

TOMO PRIMEIRO

15 DE MARÇO — 3.º FASCICULO

LISBOA
ESCRIPTORIO DA REVISTA OCCIDENTAL
3 — Rua Nova dos Martyres — 3
1875

SUMMARIO

I—DO ESTUDO DA HISTORIA DE FRANÇA, por **F. Mala-pert.**

II—EL ARTE, por **D. Francisco Pi y Margall.**

III — O CRIME DO PADRE AMARO. — Romance por **Eça de Queiroz.**

IV — EL GERMANISMO EN LA PENINSULA, por **D. F. M. Tubino.**

V — CRISES COMMERCIAES, por **J. J. Rodrigues de Freitas.**

VI — BISMARK EN EL PARLAMENTO, por **D. Patricio de la Escosura.**

VII — CHRONICAS: — America, por **D. R. de Cala.**

VIII ——— Portugal e Brasil, por **P. de Oliveira.**

DO ESTUDO DA HISTORIA DE FRANÇA[1]

É a historia, segundo a definição mais generalisada, o espelho do passado e uma lição para o futuro.

Um homem que tinha visto e estudado muito dizia: que a historia é uma mentira admittida. A primeira difinição é boa, pelo menos em theoria; a segunda expõe um facto verdadeiro.

Quantas vezes, tendo assistido aos acontecimentos que nos cercam, nos sentimos entristecer ao ver quanto os proprios contemporaneos os alteram ao narral-os.

Transportando-nos a uma qualquer epocha anterior teremos d'applicar esta observação aos escriptos dos nossos predecessores. Herodoto, Thucydides, Tito-Livio e Tacito obdeceram, como os escriptores modernos, ás paixões das suas epochas.

La Mothe Levayer, jurisconsulto, philosopho e historiador, preceptor dos principes de França, que viveu de 1588 a 1672 dizia muitas vezes que se os senadores das cidades gaulezas houvessem escripto a historia da invasão romana o teriam feito d'um modo bem differente de Cesar. Não escapou esta observação a Voltaire e a muitos outros e ha versos de Boileau que a lembram.

Sem querer insistir sobre as duvidas que suscita a leitura dos historiadores recordaremos que já a antiga Academia das Inscripções e de Bellas lettras annulara as historias relativas aos primeiros seculos de Roma e que um francez, que vivia na Hollanda, publicou, em 1738, um livro onde demonstrava a ambiguidade da historia dos primeiros cinco seculos da republica romana, indo assim, ainda mais longe que as moder-

[1] Este artigo inedito foi enviado pelo auctor e traduzido do francez.

nas criticas, tão admiradas, depois que nos vieram repetidas d'Allemanha. Será pois necessario duvidar de tudo? Não, seguramente. É preciso porém estudar com cuidado, desprendendo-nos quanto possivel de todos os preconceitos.

Este methodo exige estudos que a maior parte não tem tempo de emprehender. Eis porque devemos fornecer-lhe noções precisas e expostas com toda a clareza, não esquecendo as tendencias do vulgo, e tendo em vista que a duvida lhe não repugna, sempre que claramente se lhe indiquem os pontos onde ella é a mais prudente opinião.

Os cursos d'historia e as outras obras, que, sob diversos titulos, narram summariamente as couzas do passado são feitas para essa grande massa de leitores. Estes livros são quasi sempre especulações d'um editor; é raro que um auctor escreva um compendio d'historia com outro fim que não seja o de ganhar dinheiro. De tempos a tempos apparece uma timida correcção aos erros mais salientes; mas o importante da obra fica em geral nos novos livros o que era nos antigos: o contrario da verdade. Os cursos, os resumos, os principios, os quadros de historia, não são nunca feitos por eruditos, motivo entre outros porque elles se repetem e emitam uns aos outros. Depois, essas obras destinam-se a um publico que quer achar n'ellas o que todos dizem. Os leitores extranhariam d'um modo desagradavel por certo o verem n'ellas ideas contrarias á corrente geral e estabelecida. Estas differentes razões concorrem conjunctamente para conservar os estudos historicos n'uma certa rutina, e levam os espiritos exigentes a repetir a phraze de mr. de Talleyrand: *A historia é uma mentira admittida.*

O legitimo respeito que temos pelos antigos nomes da litteratura empede-nos tambem de verificar os testemunhos dos classicos. Acceitam-se assim como verdadeiras as apreciações de Plutarco, de Plinio o antigo, de Dion, de Florus, atrevendo-nos, quando muito, a oppor umas ás outras as suas asserções, o que effectivamente não basta.

Poucos auctores notarão que todos os historiadores tem sido sempre do partido para que escreveram os seus livros.

Esta observação que tem sido feita já bastantes vezes em trabalhos especiaes e em memorias apresentadas ás academias, não deixou vestigios sequer nas obras destinadas ao ensino. Não foi só a ignorancia dos fabricantes d'esses cursos a causa que impediu que as duvidas sobre as opiniões emittidas por Xenophonte ou pelos de mais historiadores se manifestassem: a principal razão parece ter sido o desejo de que os ditos cursos fossem acceites pela auctoridade, e pelos directores das cazas d'educação. Nem as auctoridades encarregadas de fiscalisar as escólas permittiriam a adopção de livros que se affastassem do estabelecido, nem os proprios particulares quereriam para seus filhos livros que dissessem a verdade, temendo que se accusasse depois a mocidade de pedante ou de inclinada ao paradoxo.

Não se esqueça, porém, que um certo Junius, chamado Gracchanus, porque era amigo dos Graccos, passou por ter escripto uma historia fa-

voravel aos plebeus de Roma, e que todos os exemplares d'esta obra desappareceram.

Suspeitou-se que os Patricios haviam destruido esse livro, o que nos dá o direito de duvidar da verdade do que nos transmittiram os antigos.

Os resumos d'historia tem todos ainda um outro deffeito, tão máu pelo menos, como o já apontado de se repetirem uns aos outros perpetuando a crença nos mesmos erros: nenhum d'elles declara com franqueza a sua propria insufficiencia. Por isso é frequente ouvir dizer d'uma creança «que sabe muita historia, ou que conhece muito bem a historia do seu paiz,» o que tem o deffeito de exaltar a vaidade e de ser absolutamente falso. Ninguem conhece perfeitamente a historia. Muitos, depois de haverem consagrado toda a sua vida a estudar uma epocha, nem poderam completar esta tarefa não obstante possuirem para ella uma grande aptidão e consumirem longos annos n'um trabalho constante. O estudante que comprehendeu uma obra dada pelo professor e que a decorou com facilidade fez o mais que se pode esperar d'elle e merece decerto que o louvem; mas ensinemos-lhe que esse resumo necessita ser desenvolvido e que ninguem é um sabio ao sahir do collegio, do lyceu, ou da faculdade.

Um professor prudente deverá por isso precaver-se contra as affirmações demasiadamente cathegoricas dos historiadores, empregando os maiores esforços em sobretudo advertir os discipulos de que o ensino das escholas não passa nunca da simples indicação do indice geral d'uma obra, tão consideravel, que ninguem pode nunca pensar em a ler toda.

Voltando, porem, á definição da historia, podemos com effeito dizer que os livros usados são em geral, «o espelho do passado e a lição do futuro» para os reis, os imperadores e os outros chefes das nações. Mas nem todos são chamados a dirigir os destinos dos povos. Quando o soberano, a côrte e os grandes eram tudo, e o povo nada, havia apenas nos livros a historia d'esses chefes. Os historiographos, as mais das vezes pagos para elogiar seus amos, moldavam os seus escriptos ás conveniencias dos interesses.

Conforme as circumstancias, assim celebravam os monarchas nascidos no proprio throno que occupavam, ou engrandeciam os seus usurpadores. Todos nós sabemos, por exemplo, quanto a historia de Julio Cezar tem sido explorada pelos pretendentes a thronos. Todos tem procurado seguir a vida d'este homem, desde a sua mais tenra infancia, e se houvessem podido negar-lhe a morte não deixariam de o transportar para o céo sobre o carro d'Elias. Deixemos porém aos Cezares-Borgias de todas as epochas o culto d'essas devindades.

Devemos nós, segundo creio, tomar como lição o que nos represente os progressos do espirito humano e da civilisação. Um grande homem do seculo passado, Voltaire, o mais claro e o mais convicto dos historiadores, tentou fazer um trabalho geral sobre este assumpto, e porque conhecia todas as defficuldades da empreza, limitou-se a indicar o camínho a seguir intitulando o seu livro:—*Ensaio sobre os costumes e o espirito das nações.*

Estudára o auctor todos os documentos que até então se conheciam, de modo que as inexactidões que commetteu, e que effectivamente não foram poucas, não devem ser-lhe imputadas. Desde então, os progressos scientificos de todos os conhecimentos humanos, a publicação de innumeraveis documentos ineditos, tem modificado os dados que elle tinha por exactos, de modo que «o ensaio sobre os costumes e espirito das nações» precisa ser refeito.

O estudo necessario para esta obra não pode porém fazer-se em pouco tempo. Quem o emprehender terá de ver tudo para tudo poder ensinar, e precisará escolher um methodo capaz de o guiar atravez das differentes epochas não deixando á sua imaginação o transviar-se. Não ha ainda hoje methodo mais seguro do que o que nos legou Bacon demonstrando que só a observação podia fornecer-nos conhecimentos positivos, e acrescentando que o observador devia estar completamente livre de preconceitos.

Appliquemos estes principios aos estudos historicos e não tardaremos em mudar as ideas falsas por ideas completamente exactas. Depois de se haverem estudado os factos em si mesmos e sem juizo antecipado, distribuir-se-hão as materias pelo modo que se segue nas sciencias naturaes. Começa-se ordinariamente por considerar o espaço que em seguida se devide em diversas regiões. Uns seguem os mares e as terras, as montanhas e os valles, os bosques e os campos. Outros adoptam para base as divisões estabelecidas entre os homens, e tractam do que se passa sobre o globo, considerando os factos nos paizes submettidos a este ou aquelle governo, ou mesmo dependentes d'uma ou outra circumscripção administrativa.

Inclino-me de preferencia para um d'estes methodos; creio porém que ambos darão bons resultados ao serviço d'um espirito paciente e logico.

Os olhos, deslumbrados por horisontes demasiadamente vastos, precisam fixar cada objecto em particular para o apreciarem. São assim indespensaveis as divisões. Por isso os historiadores tem de imitar os naturalistas, estabelecendo pontos de refferencia, como que balizas que lhes permittam orientar-se na classificação e na disposição methodica dos seus estudos. São essas boas indicações que fornece a chronologia.

Em Roma, começava-se a divisão do tempo pelo que se dizia ter acontecido no tempo dos reis; depois contava-se nomeando os primeiros magistrados da republica, consules, decemviros, tribunos militares, e por ultimo tomaram-se os nomes dos imperadores para estudar os factos do seu tempo.

A egreja catholica toma para data o nome dos papas ou o tempo do seu governo; e os francezes costumam ligar o que se tem passado ha doze seculos aos nomes dos reis, da republica ou dos imperadores que governavam o paiz. Todas estas formas de contar o tempo tem tido a sua razão de ser, e haveria talvez sem rasão em censurar uma pratica observada por tanto tempo e seguramente auctorisada pelos precedentes.

Comtudo, quando os benedictinos do seculo passado quizeram escre-

ver «*a historia litteraria da França*», cujo primeiro volume appareceu em 1765, dispozeram as materias por seculos, sem se prenderem com a ordem consagrada que lhes apresentava a serie dos Papas ou dos Reis.

Não nos demoraremos mais a considerar as diversas maneiras de dividir e ordenar os tempos. Mas assim como os benedictinos fallaram dos escriptores de França segundo a epocha em que viveram, resumindo n'um estudo de conjuncto os factos de cada seculo, assim tambem os historiadores modernos começam por seguir a ordem dos reis ou dos governos, com o fim de fixarem exactamente as datas; examinando em seguida, e seculo por seculo, as lettras, as artes, e as sciencias, para avaliarem reunidas as mudanças que o tempo possa ter entroduzido nos costumes. Sem a data dos factos, ponto capital, desapparece o fio e a sequencia das ideas, de modo que o progresso não se nos pode revelar. Juntemos a este primeiro exame o dos synchronismos, isto é dos factos que ao mesmo tempo se passaram em logares diversos. A simples apresentação d'estas aproximações produzirá consequencias notaveis que farão comprehender muitas cousas inintelligiveis para os que não sabem ver o conjuncto. Por meio dos synchronismos dissipam-se ainda muitos erros, não esquecendo que, como já disse, a historia não é hoje verdadeira, e que é indispensavel procurar tornal-a exacta.

Não me julguem, porém, contrario aos trabalhos d'imaginação por insistir tanto contra as mentiras:

> Si Peau d'Ane m'etait conté
> J'y prendrais un plaisir extreme.

Sómente quando contarem phantasias não nol-as inculquem como verdades provadas.

Uma outra recommendação a fazer, é a de que devemos ler os historiadores sem nos ligarmos ás suas apreciações. Muitos d'elles escreveram em tempos em que era perigoso ser justo. Eis por que é necessario ver as couzas desprendidas das roupagens com que as metaphoras e os tropos, as disfarçam. Os factos são mais eloquentes que os panegyricos ou as accusações.

Seguindo este methodo, os professores darão aos seus discipulos as melhores noções de moral que se podem offerecer á mocidade. Estou certo que d'esta maneira se obterá o grande resultado de fortificar as idéas de justiça nas imaginacões tão facilmente impressionaveis habituando-as a não amaldiçoar a França, mesmo quando a historia podesse aprecial-a injustamente.

Tem-se dito muitas vezes que a França não tem uma historia nacional, e tem-se gabado com razão Thucydides por haver elogiado Athenas, e Tito Livio cuja historia é a glorificação de Roma. Podemos accrescentar que os estrangeiros tem imitado esses patriotas. Macaulay, cuja historia d'Inglaterra é sem duvida a obra capital da litteratura moderna, exalta a cada pagina a grandesa do seu paiz e os beneficios com que nos tem

dotado a civilisação moderna. Gosto, confesso-o, d'esta maneira de apresentar a historia e desejaria vel-a adoptar pelos professores francezes.

São muitas as cauzas por que muitos d'estes dizem mal da sua historia. Os espiritos inclinados á contradição insistem de preferencia sobre os lados menos sympaticos da historia, contra a tendencia que teem os governos a mostrar tudo côr de roza. Mas se se attender a que estes ultimos se deixam quasi sempre dominar pelo seu interesse pessoal, de familia, ou ainda pelo espirito de casta, poder-se-ha dar treguas á guerra que se faz á nação franceza. Nem sempre a França e o seu governo estão d'accordo, e um historiador não deve ser tido por cortezão por que diz a verdade á sua patria.

Os bons governos são na historia do passado os que fizeram menos mal aos povos.

Ha ainda a considerar os suppostos sabios, os que tem lido alguma cousa os historiadores estrangeiros, e que, confiando nos adversarios ou nos rivaes da França, fazem parallelos entre este e os outros paizes. Por esta forma se tem muitas vezes illudido a opinião publica, antepondo ás leis francezas as leis de Inglaterra, sendo todavia facil notar que todas as instituições inglezas partiram de França, donde as levou Guilherme o conquistador, e os seus companheiros.

D'esde a batalha de Hastings em 1066 até Henrique VIII, os costumes francezes foram a base da legislação da Gran Bretanha. Os reis e os senhores d'Inglaterra eram verdadeiros francezes. Esta identidade de origem, mostra quanto era ridiculo o grito de guerra dos revoltosos contra João-sem-terra, que netos de vassalos dos reis de França se levantavam dizendo:

«Nós queremos ser livres! nós somos inglezes e não francezes!»

A maior parte d'estes nobres senhores possuiam bens em França, e todos fallavam a lingua franceza, a unica uzada na corte de Londres, como o era no Louvre de Paris.

É certo que os reis de França pretenderam sempre restringir as liberdades dos seus vassallos, e que desde Carlos VII e sobretudo desde Luiz XI, as idéas absolutas progrediram consideravelmente ahi.

O estudo porém da historia d'Inglaterra revella factos analogos. Os inglezes não se teriam revoltado, se os seus soberanos não tivessem pretendido reinar sem peas e seguindo os seus meros caprichos.

Muitos, conseguiram afastar pelo terror produzido todas as opposições. Henrique VIII foi mais tyrannico que todos os reis de França juntos: e se desde 1688, os inglezes parecem ter gozado d'uma liberdade superior á que havia em França, hoje todos n'esta ultima nação se acham livres d'uma religião de Estado, e todos completamente eguaes perante a lei; e alem de muitas outras considerações que se poderiam fazer ainda sobre a supposta inferioridade da França, basta desejar que os inglezes cheguem a discutir tão livremente os direitos da realeza e a doctrina da egreja anglicana, como em França se discutem as attribuições dos governos e os dogmas do catholicismo. No dia em que em Inglaterra

forem possiveis estes factos, deverão os francezes invejar uma liberdade que, por ora, não é superior á d'elles.

Pelo que diz respeito aos Allemães, os que habitam as margens do Rheno são francezes pela raça e pela educação.

Se olharmos mais para o norte, veremos que tudo ahi jazia nas mais espessas trevas até ao momento em que leis crueis expulsaram os protestantes da França, fazendo assim com que os antepassados dos Savigny, dos Thibault, dos Bonnin, e emfim das maiores illustrações da Prussia, levassem para entre estranhos a sua educação e as aptidões da raça franceza.

Quando as relações da França com a Inglaterra se tornaram tão frequentes que permittiram aos nossos publicistas o conhecerem quanto era disparatada a loucura da anglomania, os pseudo-sabios francezes voltaram-se para a Allemanha e procuraram demonstrar que as nossas instituições eram originalmente Germanicas, em tudo que tinham de favoravel á liberdade. Não citavam os liberaes de 1817 senão os Germanos e os Gaulezes: esta doctrina ensinada por toda a parte, era como que um dogma. Sustento eu que este supposto dado historico é absolutamente falso, e que nada existe nos costumes, nas tradições ou nas leis de França, do que se chama elemento Germanico ou elemento Gaulez.

Os francezes são os filhos, os representantes da Roma Republicana e não teem que agradecer aos barbaros o haverem-lhes legado as suas tradições.

Se uma exposição tão rapida como esta permittisse divagações, e se eu não tivesse assim que seguir directamente o caminho que quero inteiramente precorrer faria agora uma util excursão pelas obras de imaginação, mostrando como os contos, os fabularios, os romances dos francezes da meia edade, são as fontes preciosas da litteratura germanica. No seculo XII, por exemplo, fallava-se francez em todo o mundo civilisado.

Os trovadores d'essa época não deixaram campo para as invenções dos menestreis allemães. Os de França esgotavam os assumptos, e as suas obras eram repetidas e traduzidas pelos estrangeiros. As historias da cavallaria, os contos de fadas, os poemas, as canções de amor dos antigos francezes encheram o universo, e ainda hoje a litteratura de França pode fornecer materia ao plagiato de mil gerações extranhas.

Quem lê os historiadores julga ver ahi que antes de Julio Cesar, havia nas Galias um corpo de direito que regulava as relações entre os cidadãos.

Sempre admirei a imaginação dos que nos apresentavam a sabia exposição da administração Gauleza em épocas tão afastadas, havendo tão poucos documentos sobre o viver d'então.

Os commentarios de Cesar são quasi a unica fonte historica d'esses tempos, e pela minha parte sempre tive pequena consideração pelos escriptos do maior sanguinario dos proconsules, não me podendo inspirar confiança este homem de acção, fogoso, occupado exclusivamente com o seu exercito

e com os seus planos ambiciosos. Da sua narração, só acceito pois o que está de accordo com narrações de outros; o resto parece-me suspeito.

Os auctores que appareceram mais tarde, Suetorio, Tacito, se os leio com maior prazer não acredito tambem tudo que dizem. Tacito traçou um quadro sanguinolento da Roma imperial no seu livro, sobre os costumes dos Germanos: está n'isto o seu verdadeiro merecimento. Mas não me diz esse explendido quadro o que era realmente a Germania antes do seu contacto com Roma; e se me engano ao aprecial-a como uma das mais notaveis obras satyricas, teria ainda assim razões para a não considerar como uma fonte historica.

Nada pois sabemos, absolutamente nada, ácerca das instituições dos Germanos, sendo assim, os Gaulezes, os que unicamente poderiam deixar alguns vestigios nos nossos costumes.

Quando Cesar chegou á Galia achou ahi duas raças de homens: uma d'ellas, os Aquitanos, pequenos e morenos, irmãos dos Patricios Romanos e dos Iberos de Hespanha, occupavam o meio dia: a outra, differente na lingua e nos habitos, era designada por diversos nomes que se resumiram no de Celtas. Os homens d'esta ultima raça,—Gaels, Belgas, Teutões ou Cimbrios, corpulentos, claros, com os cabellos louros,—eram os dignos irmãos dos Pelasgos, de que Achilles e Venus são os typos ideaes.

Muitas cidades se citam, mas, á excepção das colonias Romanas e de Marseilha, pouquissimas eram construidas com pedras. Se Bourges, por exemplo, tinha já casas de alvenaria era com certesa uma excepção.

Os Gaulezes dez vezes menos numerosos sobre o mesmo territorio, que os que hoje habitam a França, viviam em povoações abertas. Quando alguem queria estabelecer a sua morada cavava o chão até á profundidade de proximamente meio metro; cercava esta excavação de estacas que ligava superiormente e tapava com terra amassada o espaço que medeiava entre as estacas. A um dos lados d'esta habitação um boraco fazia as vezes de porta e de janella á choupana, onde dormiam promiscuamente os senhores, os escravos, e os animaes domesticos. O cavallo do guerreiro estava fóra, preso a uma estaca, como acontece hoje ao cavallo do Arabe. A reunião de muitas d'estas cabanas, formava uma aldeia ou uma cidade, segundo o numero das habitações.

Uma choupana maior, sem architectura especial, era o logar da reunião dos chefes que se juntavam para deliberar. Não existiam então archivos e a historia não menciona um só monumento escripto, analogo ás taboas da lei de Moyses.

Tudo assentava assim sobre a tradição e nós sabemos quanto o espaço de uma geração ou duas, basta para mudar os usos d'um povo.

As Gallias eram cobertas de florestas, por entre as quaes serpeavam carreiros difficieis de seguir por mal abertos na espessura. As habitações levantavam-se no meio das clareiras e junto a ellas cultivavam-se alguns terrenos. A terra era livre por toda a parte, e cada um se apossava da porção que lhe convinha. E quando o inimigo ameaçava com

uma invasão ou quando a tribu se determinava a tentar fortuna nas aventuras, os guerreiros arrasavam as casas, cujos vestigios procuravam mesmo apagar, carregavam sobre carros toscos os seus parcos haveres, e partiam sem mais pensar nas suas antigas propriedades. Cada povoação considerando-se independente combatia as povoações visinhas, e as tribus estavam sempre em guerra umas contra as outras.

Os hostoriadores gregos e latinos, classificam as Gallias como se ellas tivessem formado um corpo compacto, e devidem os habitantes como que em fracções de um mesmo todo, como se representassem as provincias de um reino. Se um persa escrevesse uma historia da Grecia, teria tambem apresentado esta ultima como um conjuncto de partes reunidas n'um todo indivisivel, o que não obstaria a que Argos fizesse a guerra a Sparta, e a que esta combatesse Messina ou a cidade de Minerva. Mas aos olhos dos subditos de Xerxes ou de Darius os gregos appareciam como solidarios uns dos outros.

Foi egual o ponto de vista em que por certo se collocaram os auctores gregos ou romanos, que antes da expedição de Cesar, se occuparam das Gallias. A comparação póde ainda levar-se mais longe, pois que parece provado que se os gregos se reuniam todos os annos em Delphos, junto ao templo de Apollo, tambem os gaulezes tinham reuniões geraes n'uma floresta situada nos arredores de Chartres. Era a religião o fim principal d'estes ajuntamentos; mas, depois dos sacrificios decediam-se as contendas que haviam surgido entre as aldeias ou as tribus, como os Amphictiões praticavam nos negocios da Grecia. As decisões de ambas estas assembléas, davam logar ás mesmas resistencias; as guerras locaes continuavam a despeito dos anathemas da religião e das ameaças da vingança divina.

Quando Cesar, tanto por meio de artificio, de estratagemas e enganos, como pelo seu valor pessoal, submetteu as Gallias, e lhes exterminou os habitantes, introduziu ahi o regimen romano. Augusto completou esta obra estabelecendo por toda a parte o seu culto e o de Livia. Depois d'esta reforma só as leis romanas dominaram desde os Alpes até ás terras mais distantes a que as legiões poderam chegar. Nada, pois, veio até nós de origem verdadeiramente gauleza.

Completemos a demonstração:

Foi no seculo XII que as Pandectas se estudaram na Italia, d'onde os legistas nos trouxeram este precioso documento. No seculo XIII, o corpo de direito de Justiniano, as Institutas, as Pandectas, o Codigo e as novas constituições, foram acceites debaixo da designação de *leis romanas*, não obstante o serem uma recopilação das leis do imperio grego do VI seculo da nossa era.

As regras d'este direito, as instituições que elle consagrava não se assemilhavam por fórma alguma áquellas que estavam em uso na Germania, nas Gallias, na Hespanha, em Portugal, e n'uma palavra em toda a Europa. Eis porque os sabios julgaram que estas nações haviam conservado restos dos seus costumes primitivos.

Mas a base do raciocinio era falsa, ou antes nem existia sequer. Ninguem, por exemplo, poderia dizer qual era o direito gaulez anterior á conquista, e muito menos, por consequencia, qual era o direito germanico d'essas épocas. Por outro lado o direito de Justiniano não era o que se havia seguido sob os primeiros Cesares, e ainda menos o da republica.

Quasi seiscentos annos separam as Pandectas da época em que as Galias foram reunidas ao mundo romano. Por isso absurdo acreditar que o corpo de leis de Justiniano nos mostra o quadro da legislação no tempo da invasão de Julio Cesar.

Julga-se, não obstante, que muitas instituições eram ainda os restos dos antigos costumes gaulezes e germanicos modificados durante a edade-media.

Nunca acceitei esta opinião, combatida já victoriosamente por differentes auctores, e sobre tudo por um dos maiores sabios do seculo passado, o abbade Du Bos, secretario perpetuo da academia franceza, cuja obra intitulada «*Histoire critique de l'établissement de la monarchie française,*» é de uma erudição tal que a torna quasi irreprehensivel.

Quando Cesar emprehendeu as suas expedições, as cidades de Italia estavam divididas em differentes cathegorias. Havia em primeiro logar as cidades de direito romano, tendo consules, um senado mais ou menos numeroso, a cuja frente se achava um chefe ou *principe ou principal,—princeps, principalis,*—um conselho de dez membros, e um conselho de quarenta, como tinha a propria Roma, e como teve Veneza desde a sua origem até á queda da sua constituição. Os cidadãos das cidades que tinham o direito romano, votavam em Roma na nomeação dos magistrados da republica; consideravam-nos como possuindo o melhor direito e designavam-nos por estas palavras, só applicadas aos verdadeiros romanos: *cives optimo jure.*

Ao lado d'esta primeira especie de cidades, estavam as cidades de direito latino, constituidas quasi da mesma fórma que as primeiras, mas com menos prorogativas. N'uma ordem mais inferior estavam as cidades chamadas de direito italiano cujos habitantes eram ainda menos favorecidos.

Além d'estas, havia algumas que tinham obtido o conservarem as suas antigas leis e que eram designadas pelo nome de cidades confederadas.

Tinham estas quatro divisões algumas instituições analogas e communs a todas: todas tinham corpos municipaes e magistrados que simultaneamente eram administradores das cidades e distribuidores da justiça.

Por ultimo havia uma quinta variedade onde se encontram tantas formas differentes quantas as povoações: eram as cidades provinciaes. Uma cidade provincial era a que tinha sido vencida e a que Roma impuzera condições a seu bel-prazer. Capua, cidade provincial, fôra privada do seu corpo municipal, e todo o ferro sequestrado aos seus habitantes, deixando-se-lhes apenas o indispensavel para os trabalhos agricolas. As

cidades provinciaes eram governadas por um Magistrado Romano cuja vontade era a unica lei. Taes foram mais tarde as cidades Italianas que Veneza administrava pelos seus *Podestats*. Cada cidade, quer fosse provincial, quer não, tinha um titulo que estabelecia os seus direitos. Este titulo era votado pela assembléa popular nas das quatro primeiras cathegorias e pelo Senado na ultima. Nos titulos das cidades provinciaes havia o cuidado de estipular alguma clausula particular, que creasse uma especie de privilegio em seu favor. Suppõe-se que se designavam ahi as sommas que deviam pagar ao thesouro publico e o numero de homens que deviam fornecer para o recrutamento do exercito. O augmento das riquezas tornou mais tarde preciosos estes titulos contra as exigencias dos cobradores do fisco.

Quando em épocas mais recentes, os senhores quizeram invadir as liberdades das communas ou augmentar os reditos que se lhes pagavam, recorreram estas ao acto primitivo, á carta dos tempos antigos, cuja confirmação exigiram com as armas na mão, quando por outros meios o não poderam obter.

A palavra *carta* applicada ás provincias acha-se n'um edito de 418; um outro de 439 nos indica que esta palavra era empregada para designar a lista que continha os nomes e as dignidades dos corpos municipaes. Não era portanto termo novo na edade media.

Depois de Julio Cezar continuaram a enviar colonias pr'as Gallias, onde, porque havia cidades federadas e cidades provinciaes, se encontravam incontestavelmente todas as variedades observadas nas cidades Italianas, tornando-se verdadeiramente insensato o procurar reduzil-as a uma ordem qualquer. Lêam-se depois d'isto as theorias sobre as *zonas* onde a maneira de compreender a vida municipal, era uma certa e determinada, em quanto nas regiões apparecem diversas regras, e comprehender-se-ha que estas classificações são filhas de pura phantasia, não devendo por isso tomar-se em consideração.

Quando Tiberio supprimindo o direito de suffragio e confiscando a liberdade dos cidadãos concedeu ao senado a nomeação dos magistrados, as cidades de direito Romano deixaram de se distinguir sensivelmente das cidades de direito Italiano, do direito Latino ou federadas.

As cidades que tinham essas diversas maneiras de existir foram desde então regidas por leis proximamente eguaes.

Tinham todas um palacio para a reunião do senado, corpo que tomou differentes nomes, taes como ordem, curia, universidade, conselho, grande conselho, conselho commum, ou só *commum*, *communa:* os textos legislativos empregaram esta ultima denominação. Assim a palavra COMMUNA, empregada para designar uma cidade que tinha um corpo municipal presidido por magistrados encarregados de exercer a justiça, é uma palavra romana.

A instituição tem a mesma origem do nome. Um auctor, eminente pela sua erudição e notavel pelo estylo das suas obras, Augustin Thierry, o Homero da epopêa franca, reconheceu esta origem ás communas. Seria

difficil com effeito negal-a depois dos trabalhos de Jacques Godefroi sobre o codigo Theodosiano, trabalhos condensados na obra de Roth, intitulada *De re municipale Romanorum*, que Guizot abreviou nos seus ensaios sobre a historia da França.

Mas Augustin Thierry pertendeu que as communas tirassem um elemento novo da *Ghilde* Germanica.

A Ghilde parece ter sido uma associação, formada por convensão, que se confirmava n'um banquete e se sellava por um juramento. Ora, para que isto nos viesse dos Germanos, era preciso que o não encontrassemos em Roma, e é debalde que se accumulam as citações para demonstrar que estas associações existiram na Allemanha nos seculos XII e XIII; mil e quinhentos annos antes já as conjurações dos conspiradores se faziam nos banquetes e eram confirmadas por juramentos.

Os imperadores romanos prohibiram as associações secretas d'esta especie a que se deram differentes nomes, entre os quaes o de *sodalitia* ou sociedades solidarias parece ter sido o mais commum. Resulta do que fica dito que nada, absolutamente nada, do que respeita ás municipalidades, nos veiu da Germania.

Mas as leis antigas não se conservaram immutaveis. O tempo cujos dentes tudo gastam e mudam, actuou sobre o regimen municipal, como sobre as outras instituições; de modo que não é de estranhar se depois da dissolução do imperio Romano, e depois da divisão da Europa occidental entre os Carlovingios, os nomes e as attribuições dos magistrados se alteraram em ambas as margens do Rheno. Não devem porém estes factos posteriores obstar a que os busquemos na sua verdadeira origem. Ser-nos-hia facil mostrar depois de haver assim determinado a origem das communas, que a servidão da gleba foi tambem uma instituição romana.

Havia talvez servos nas Galias, antes da invasão romana, pôr que os havia em quasi todas as nações da antiguidade. Mas a servidão era tão antiga na Italia que o allemão Niebuhr escreveu que, sem ella, Tarquinio o soberbo se teria visto na impossibilidade de construir os monumentos que se lhe attribuem.

É tambem sabido que as corporações d'artes e officios foram estabelecidas nas nossas cidades á imitação d'aquellas cuja fundação Plutarco attribue a Romulos, dizendo ser de Theseo ou de seu pae Egeo a creação de eguaes corporações em Athenas.

O que porém parece mais importante de tudo o que se attribue aos germanos, é o direito feudal, e todavia é isto ainda uma hypothese desmentida pela historia.

No tempo d'Augusto, Drusos venceu os Germanos, e tentou pôr as Galias ao abrigo das invasões dos barbaros.

Era no nono anno antes de Christo ou em 744 depois da data supposta da fundação de Roma. Com esse fim estabeleceu Drusus cincoenta pequenos campos fortificados,—*Castella*, Castellos—nas margens do Rheno. Trajano, Alexandre, Severo, Probus fizeram o mesmo nas margens

dos grandes rios fronteiros do imperio e sobre os cumes do Caucaso, do Taurus e da floresta Negra.

O codigo de Theodosio contem particularidades curiosas acerca d'estes castellos levantados por toda a parte onde uma passagem parecia praticavel.

Uma constituição de Theodosio fornece-nos tambem sobre elles esclarecimentos uteis. Todos estes documentos provam que os castellões por inteiramente occupados no mister das armas não tinham tempo de conhecer as leis; mostra-nos isto a origem do que se encontra em alguns actos onde se diz que: «a pessoa presente declarou em vista da sua nobreza não saber assignar.»

Concedia-se ordinariamente o castello a um veterano, mas fosse qual fosse o beneficiado tinha este de jurar defender a região em que se achava em nome do imperador, transmittindo o dominio sob as mesmas condições.

Edificava-se o castello n'um terreno determinado e orientado, chamado por isso terra limitada, *terra lemitannea*, pretendendo outros que esta phrase significa «terreno da fronteira» o que é indifferente para o nosso caso.

O que, porém, se deve notar, é que essa terra era indivisivel, passando sempre inteira e sem desfalque para a posse do filho mais velho e nunca para a das filhas do beneficiado.

O castello compunha-se em toda a parte das mesmas construcções. O pequeno espaço destinado ao campo fortificado era quadrado, protegido por um fosso fundo, por detraz do qual se levantava uma muralha acompanhada por um caminho de ronda entalado n'uma segunda muralha que muitas vezes sustentava os telhados das casas de serviço. No centro do quadrado erguia-se a casa do senhor, *domus magister*, ou casa principal, *domus major*, o torreão, torre quadrangular, orientada, como toda a construcção, segundo os principios estabelecido pelos rituaes pagãos.

Se para sustentar que a palavra *castellum* — castello, — corresponde ao pequeno campo fortificado, precisasse de uma prova directa, diria que em 369 depois de Christo, Valentiniano reconstruiu as fortificações estabelecidas nas margens do Rheno, e levantou mais as muralhas dos campos, *castra*, e dos pequenos campos, *castella*.

No andar terreo da torre, que era a salla d'armas do castello, havia um poço para as necessidades da guarnição, servindo essa casa tambem de abrigo, salla de cosinha de onde se comia, de salão de honra, e de tribunal a que presidia o castellão. Á noite recolhiam-se a esta vasta quadra todos os que o Senhor ahi consentia, habitando este os andares superiores. Tinham os ramanos enviado colonias para todas as regiões ferteis, e construido fortalezas nos cumes escarpados de todos os montes que dominassem e mantivessem sob o seu jugo as populações.

Se quizessemos ver nos mappas o que se encerrava no mundo romano, teriamos de traçar uma linha tortuosa, que partindo de Caucaso

irá terminar na Hungria, nas margens do Danubio. Esta linha seguirá as montanhas interiores da Europa e devidir-se-ha para se abaixar para o lado da Albania e do Monte-Negro, elevando-se depois ao longo do Rheno e dos seus affluentes a ponto de ir ás vezes quasi até ao Vistula.

As cidades anseaticas foram municipios romanos, os burgos allemães foram campos fortificados de veteranos, *Castella*, e os nobres barões da Germania são, bem como os nobres da Europa occidental, os herdeiros directos dos legionarios do imperio.

Insistirei ainda aqui no modo porque o castello era transmissivel por direito de successão: já vimos que era o filho mais velho que o herdava: os restantes bens dividiam-se egualmente pelos outros filhos do senhor.

Este direito do mais velho é claramente o germen das disposições que mais tarde apparecem nos costumes feudaes. E deve-se notar que a lei salica, de que tanto se tem fallado, nunca foi em materia de successão mais que a reproducção da lei romana. A terra salica, é indivisivel, fica ao filho mais velho, e não póde pertencer ás filhas; que é justamente o que vimos succeder á terra limitada, *terra limitanea*. Posto isto, que nos parece evidente, prosiguamos:

A maior parte dos escriptores attribuem ás leis barbaras a idéa da communidade de bens dos esposos, na falta de convenção anterior ao casamento, sobre sua administração. Nada auctorisa esta supposição. Eram as mulheres romanas escravas de seus maridos? Tinham, pelo contrario, as mulheres dos barbaros uma independencia absoluta?

Ignoram-se immensas coisas sobre as condições do casamento romano.

As narrações de Tito Livio e de outros historiadores mostram-nos muitas vezes a acção directa das matronas nos negocios publicos, o que não concorda com a idéa de que as mulheres estivessem n'uma dependencia absoluta. Depois, o casamento contraido por simples cohabitação, no qual a mulher evitava tornar-se propriedade do marido dormindo fóra de casa tres vezes em cada anno, faz-nos suppor a possibilidade da existencia, n'este caso, de quaesquer convenções sobre a fortuna dos esposos. Assim o digesto estabelece que os esposos tinham o direito de viver em communidade de bens. A este respeito os textos são claros; um mesmo prohibe que se faça esse contracto com o fim de illudir as leis sobre a parte de que cada um dos esposos póde dispor em favor do outro.

Ninguem sabe como esta faculdade se tornou o direito positivo de alguns pontos da França; mas o que importa para o nosso fim é que a idéa é romana e não é germanica nem gauleza.

O mesmo acontece com a antiga instituição do *douaire*. O *douaire* era, no direito francez anterior ao codigo, o direito que tinha a viuva de se apossar de uma parte da fortuna de seu marido, usufruindo-a emquanto se conservava viuva. Esta legislação é absolutamente romana.

Quando os romanos celebravam os esponsaes, o noivo aproxima-

va-se da sua desposada e dava-lhe um beijo: esta caricia era ordinariamente seguida de um dote. Se o marido, porém, não prehenchia as formalidades necessarias ou não determinava a parte da fortuna que deixaria á viuva, o uso era regular os direitos d'esta no caso em que sobrevivesse.

A este direito particular chamava-se o direito do beijo, *osculum*, nome que nos antigos documentos se applica ao *douaire*, como se póde ver no *Glossario* de Du Cange.

Pelo menos, dizem em fim os germanistas, é necessario considerar originario dos barbaros o julgamento pelo jury, e tudo o que se refere ás garantias da liberdade pessoal ou politica. Mas ainda isso nos vem, quanto a mim, da republica romana. Os barbaros foram sempre ou quasi sempre sugeitos a monarchas.

Nos primeiros tempos da republica romana, as causas civis eram julgadas na assembléa do povo, como o estabelecera uma lei promulgada pelo consul Valerius Publicola ou Poplicola. Esta lei foi muitas vezes modificada, ensaiando-se diversos systemas referidos pelos historiadores do direito romano.

Uma coisa resulta, porém, de todos os usos successivamente adoptados, é que o julgamento por jurados tirados á sorte, e podendo ser recusados pelas partes, era a regra mais fixa.

As palavras, *jurados*, e *assises*, são d'origem latina, e deveriam bastar a provar qual foi a origem do processo em que são empregadas.

Pelo que respeita ás assembleas do povo, convocadas para deliberar sobre os negocios politicos não ha duvida que existiram desde a fundação de Roma até Tiberio.

Os escriptos dos jurisconsultos Gaius e Theophilo attestam que cada anno havia duas assembléas d'esta natureza, onde se tratava de tudo que tocava aos interesses geraes e aos particulares.

Os governadores das provincias tinham assembléas analogas. A umas e outras se dava o nome de *conventus*.

Os cidadãos Romanos dispersos pela provincia eram obrigados a comparecer a estes *conventus* para responder ahi ás accusações que lhes podessem ser feitas, e para formar o tribunal de justiça do proconsul ou do pretor nas questões que lhes fossem submettidas. Todos vinham pois a este *forum*, onde compareciam tambem os delegados das cidades.

Estas *feiras*, *conventos*, *assembléas* eram compostas de Romanos, cujos descendentes deveriam ser depois os nobres de edade-media e os differentes magistrados das municipalidades.

Se depois do triumpho do christianismo fizermos ahi entrar o clero teremos completas as assembléas chamadas *estados provinciaes* e *estados geraes*, que tiveram uma acção tão importante no tempo de Philippe o Bello, e cuja pratica interrompida por muitas vezes em França se perpetuou em Inglaterra com maior continuidade.

Seria facil tomar uma a uma todas as disposições das leis dos Barbaros, e achar que todas ellas são copia das legislações Romanas. Devo

porém repetir que para fazer esta comparação não basta o estudar as collecções publicadas em Constantinopla depois do anno 530 da nossa era. É preciso ir até ás leis da Republica.

Além d'isso se as Gallias, despovoadas pela cruel devastação de Julio Cezar, e povoadas depois pelas colonias, receberam a legislação Romana, não precizaram nunca subjeitar-se ás leis dos Barbaros. Mesmo que essas hordas tivessem pois tido leis particulares não teria podido chegar até nós a sua influencia.

Os *Burgundios* a oeste, os *Wisigodos* no meio-dia das Gallias, mais civilizados do que os outros Barbaros, compilaram as leis Romanas de que se serviam nas suas relações com os demais habitantes a que vieram juntar-se, o que prova que não impuzeram os seus habitos particulares aos paizes em que se estabeleceram.

Os *Alanos* que occuparam a região, situada ao oriente d'Orleans, não deixaram de si cousa alguma na historia do direito.

Os *Francos* de Clovis não fizeram como os *Burgundios* e os *Wisigodos* emquanto conservaram a sua individualidade sem se confundirem com o restante da população, consentindo que as cidades continuassem a governar-se como entenderam.

Como foram os *Francos* recebidos na Gallia romana?

Todos sabem que os imperadores Romanos tiveram sempre a maior predilecção pelas Gallias.

Augusto, Caracalla e mais tarde Constancio Chloro, Constantino e Juliano habitaram as suas cidades. Os tres ultimos residiram durante muito tempo em Paris. Mas as Gallias procuraram sempre tornar-se independentes de Roma.

No anno 392 encontraram um chefe em Eugenio que foi proclamado imperador em Vienna, e morto em 394, sem que por isso todas as Galias voltassem ao jugo dos magistrados nomeados por Constantinopla. As possessões Romanas estavam então por tal fórma reduzidas que a sede da administração foi mudada para Arles; e das desesete provincias que tempos antes lhe obedeciam só sete restavam. As outras dez, revoltadas ou occupadas pelos Barbaros, estavam independentes do Imperio.

A grande insurreição d'essas dez provincias effectuou-se no fim do seculo IV. No principio do V, em 407, um aventureiro chamado Constantino, fez-se acclamar imperador na Gran-Bretanha, e veiu depois fazer a guerra nas Galias. Em pouco tempo foi vencido.

Os *Francos* parece terem entrado n'esta revolta; não tanto porém que isso os tornasse irreconciliaveis. Pelo que toca ás cidades, as d'oeste confederaram-se. Conta este acontecimento um historiador grego pelo modo seguinte: (aproveito-me da traducção do abbade Du Bos).

«Em 408 as cidades da ilha da Bretanha e algumas nações das Gallias foram levadas a separar-se do Imperio Romano deixando de obedecer ás suas leis e tornando-se independentes.

Foi assim que tendo-se revoltado e separado por sua propria conta, os Bretões se libertaram dos Barbaros que os ameaçavam.

A Armorica e as outras provincias das Galias, imitaram então os Bretões, expulsaram os magistrados romanos e constituiram-se em Republica.

Esta deserção da Bretanha e das nações Gaulezas deu-se no tempo de Constantino.»

A pagina de Zozimo que acabo de citar explica-nos o que se seguiu e mostra-nos como em muitas cidades os condes e duques romanos foram substituidos pelos bispos, tornados a um tempo senhores temporaes e espirituaes.

Tentaram os imperadores aproveitar-se da qualidade ecclesiastica dos chefes dos revoltosos, para os chamar a si. O Papa escreveu em 419, aos bispos das Galias para lhes pedir que reconhecessem a supremacia da cidade d'Arles, para onde, como já disse, tinha sido transferida a sede do governo. Exuperancio tentou pela sua parte mas em vão, reconciliar os Armoricos.

Em 418 os deputados das Galias foram convidados para assistir em Arles a um *conventus*, onde se não fizeram representar as cidades que se haviam separado do Imperio. Procuraram ainda tirar partido da influencia do Papa e por ultimo decidiram-se a empregar a força.

Só soffreram com esta guerra as cidades fronteiras da Armorica e das provincias que se haviam conservado romanas.

A fóra Bourges, Tours e Orleans, as demais cidades conservaram-se ao abrigo das armas romanas.

Teriamos pouco que dizer da Armorica, se lhes quizessemos escrever a historia. Prosperou esta Republica sob o governo dos chefes que elegera, porque o silencio da historia n'esses tempos a respeito d'um povo indica sempre n'elle tranquillidade e paz. A republica Armoricana existiu 88 annos, de 408 a 496.

Clovis possuia em 495 as provincias do centro, que até então haviam obedecido ao Imperio, vencendo o ultimo conde que Constantinopla ahi conservava como seu representante. Assim inquietando os Armoricos pelo norte e oeste, marchou contra elles.

Os Wisigodos ameaçavam esta republica pelo lado de Bordeus, os exercitos Romanos pareciam tambem querer marchar pelo Provença e os Burgundios alliados dos Francos e dos Romanos podiam unir-se aos primeiros de modo que toda a fronteira desde Dunkerque até ao Garonne podia ser atacada a um tempo.

Esta situação era extremamente perigosa. Os bispos reuniram-se e assentaram em estabelecer negociações com parte dos inimigos para não perderem os seus privilegios e não serem victimas das devastações que acompanhavam então sempre as guerras.

Era porém preciso escolher d'entre todos esses adversarios aquelles com quem deveriam alliar-se para resistir aos outros.

Se se voltassem para os Romanos teriam de responder-lhes a recriminações sem conto; os revoltosos que se submettem são sempre maltratados. Havia pois difficuldades consideraveis e um perigo sério.

Os Wisigodos apresentavam pelo seu lado inconvenientes a que se não podiam expor. Eram arianos e a tolerancia não fazia parte por fórma alguma das virtudes d'esse tempo.

Restava Clovis, pagão mas casado com uma mulher catholica fervorosa, dizendo-se mesmo que esta pensava em convertel-o. Eis porque os bispos se decidiram a tratar com Clovis em condições que talvez um dia se conheçam, mas de que só hoje se podem apreciar os resultados.

Os Francos permaneceram fóra das cidades, como uma nação acampada, formando um exercito sempre prompto a combater como os factos mostraram. Clovis venceu os Burgundios, bateu os Wisigodos e impõz o seu dominio a uma grande parte das Galias, tentando mesmo apoderar-se das possessões Romanas dependentes d'Arles e recebendo de Constantinopla as insignias de consul.

Por sua morte os filhos dividiram entre si o reino.

A maneira porque se effectuou a partilha mostra que só n'ella entrou o rendimento das diversas localidades e não o territorio d'ellas.

Podemos pois afirmar que a cidades da Armorica não foram vencidas, que pelo contrario trataram com Clovis e conservaram a sua organisação sem que os Francos a alterassem.

Depois de ter apresentado alguns exemplos de erros historicos geralmente recebidos, e de ter respondido ás pretensões sem fundamento d'uma nação mal inspirada, quando se atreve a comparar-se com a França, vou ainda indicar um outro erro que é bastante engraçado.

Os Bourbons, descendem de Hugo Capeto, e pretendem basear o seu direito de reinar no d'este chefe da sua raça, sem se recordarem que os filhos d'esse principe não subiram ao throno por effeito de successão, mas porque por sua vez foram eleitos.

Tendo morrido o filho mais velho de Hugo Capeto, Roberto foi eleito para o substituir, ainda em vida de seu pae, segundo o determinado em Senlis, quando se reuniram os Estados Geraes, convocados para nomear um successor a Luiz V. Adalberon, bispo de Reims declarou então *que não era o nascimento que dá os reinos.*

Os primeiros Capetos reconheceram a exactidão d'esta idéa, que hoje se impugna com a palavra *legitimidade*, que só póde significar *conformidade* á lei. Ora a lei dos Capetos diz-nos *que não é o nascimento que dá a realeza.* Qualquer interpretação differente não passará nunca d'uma phantasia.

Um outro erro consiste em acreditar na monarchia absoluta, isto é, na existencia d'uma epoca em que toda a França obedecia sem restricção ao seu rei, a Luiz XIV por exemplo. Luiz XIV foi sem duvida mais obedecido que os seus pre decessores, mas nunca a sua vontade se teve por infallivel. Recordemos-nos da Fronde, guerra civil, odiosa decerto, feita pelos privilegiados que queriam augmentar os privilegios.

Os scepticos riram d'ella, os grandes senhores fizeram o seu elogio e o povo chorou e bastantes rasões teve de a amaldiçoar.

Na guerra da Fronde começou o reinado de Luiz XIV. Paris sub-

metteu-se em 1652, mas a revolta continuou nas provincias. Os dignatarios da corôa não tinham por mal o defenderem as suas pretensões contra a realesa. Em 1656, o marechal de la Meilleraie, marido d'uma sobrinha de Mazarin aparelhou uma esquadra e foi com ella atacar Madagascar, cujo governador, Pointis, representante do rei, venceu e obrigou a refugiar-se nas possessões francezas da India. Seguiu-se pouco depois o conflicto com Fouquet, senhor de Belle Isle, procurador geral do parlamento, superintendente das finanças, que queria estabelecer para si um principado independente na Bretanha.

Em 1673, o cavalleiro de Rohan, descendente dos Albret, como Henrique IV e os Bourbons, conspirou com os Hespanhoes e os Inglezes para lhes entregar a Normandia e recebel-a como apanagio ou tornar-se principe soberano.

Todo o tempo do reinado de Luiz XIV se passou a reprimir as conspirações internas ou a combater o estrangeiro.

Depois de 1685, as sedições tomaram um caracter particular: não se tratava já de saber se os poderosos teriam estas ou aquellas vantagens; o povo unia-se á guerra civil porque o Rei lhe tirava a liberdade de consciencia revogando o edito de Nantes que garantira aos Protestantes o conservarem o seu culto e o celebrarem as respectivas ceremonias.

Se pois seguirmos passo a passo o que aconteceu desde 1643 até 1715 veremos que não houve um unico anno sem alborotos e insurreições armadas.

O clero esteve todo esse tempo dividido entre os Jansenistas e os Jesuitas; os Parlamentos impugnavam sem descanso todas as leis; os Estados provinciaes recusavam os subsidios que se lhes pediam.

É verdade que os *dragões* pacificavam os logares por onde passavam pelos mesmos meios que empregariam em terra inimiga, isto é, saqueando, matando, incendiando, etc. etc.

O Rei não se illudia com o amor do seu povo e por isso habitava nos seus castellos de Versalhes, de Marly ou de Fontainebleau; em Paris não se julgava seguro. Luiz XIV sabia pois que a sua auctoridade não passara além da sombra da sua cabelleira. Tal foi o estado da França sob esse Rei em que se personifica a grandeza da época monarchica.

Só Luiz XIV se não illudia. Podem ter saudades d'esse passado com effeito, os que desejarem a volta do tempo em que as confiscações enriqueciam os cortezãos; mas um escripto official, documento precioso,—em que os vicios ou antes os crimes do antigo regimen, se acham reconhecidos para se legarem á historia futura,—existe para perpetuar a sua lembrança e dissipar os erros do vulgo.

Luiz XIV tinha tido em 1682 um neto legitimo a que dera o titulo de duque de Bourgonha. Rodeou-se esta creança dos maiores disvellos e o Rei procurou-lhe preceptores capazes de a tornarem um homem virtuoso e um principe immensamente dedicado ao seu povo.

Foi para elle que Fenelon escreveu o *Telemaco*, satyra sangrenta da corte de Versalhes.

Pediram os preceptores do moço duque de Bourgonha que se fizesse um inquerito sobre a situação do reino a fim de que o discipulo soubesse dos abusos e lhes podesse dar remedio.

Era em 1697, Luiz XIV estava então no apogeo do seu poder e da sua gloria. A guerra contra a Hollanda e a Inglaterra acabara com o tratado de Ryswich, em que o Rei, juntando novos raios ao seu alto esplendor, quiz mostrar-se magnanimo cedendo, não obstante vencedor, de algumas das pretenções que tivera antes do começo da guerra.

Accedendo aos desejos dos preceptores do duque de Bourgonha o Rei enviou para as provincias do reino empregados encarregados de examinar o que se fazia, distribuindo-lhes um directorio que se intitulava *Memoire que sa Mageste á ordonné ètre envoyé á Messieurs les Maitres des requetes départis dans les provinces en* 1697.

Possuimos esta memoria, a que ninguem póde recuzar-se e dar credito. D'estas paginas que são das mais curiosas do grande livro da historia sobre que o passado deixou registrado os actos dos homens apresentarei apenas extractos.

A primeira parte que n'este momento nos serve, é relativa aos governadores das provincias e aos logares-tenentes do Rei:

«Não obstante Sua Magestade conhecer todos os merecimentos dos «Governadores e Logar-tenentes das Provincias, quer ella, para tornar «as memorias complectas, que os ditos commissarios comecem pelos no-«mes dos Governadores Geraes, suas casas e allianças n'essas provincias, «se elles ahi residem actualmente;

«Seu bom ou máo procedimento: se são accusados de extorquir di-«nheiros ou de vexarem os povos por qualquer outro meio;

«Se as accusações são verdadeiras; qual é o credito de que gosam «entre a nobreza e os povos;

«E, como a principal e a mais importante applicação que Sua Ma-«gestade quer que os Governadores tenham, consiste em appoiar com «força a justiça, e em impedir a oppressão dos fracos pela violencia dos «poderosos, Sua Magestade quer ser particularmente informada sobre o «procedimento passado dos Governadores, para por elle julgar o que pode «ou deve esperar para o futuro;

«No caso de se terem dado quaesquer acções violentas e escandalosas, «n'alguma provincia, Sua Magestade estimará ser informada de todos os «promenores e do modo porque os Governadores se houverem conduzido.»

Esta suspeita do rei contra os representantes da sua auctoridade aggrava-se quando falla dos nobres. Continuemos a ler:

«Se elles (os nobres) commettem violencias sobre os habitantes das «suas terras, e no caso que ahi tenham sido commettidas algumas mais «consideraveis, que não tenham sido punidas, Sua Magestade desejará «saber-lhes os detalhes: e se elles, nobres, favorecem ou difficultam os «processos de sua real justiça, das *Bailliages* ou *Presidencias*.

A memoria não termina aqui. Depois d'estes pontos de averiguação passa dos nobres para a gente de justiça e pergunta d'esta:

«Se são ou não corruptos: quaes as causas e os individuos de quem «mais se suspeita;

«Se se praticou alguma injustiça manifesta que causasse escandalo «na provincia, e que se tornasse em oppressão do fraco por sugestões «de algum amigo, parente ou quaesquer outras considerações egualmente «viciosas, de que Sua Magestade deseja tambem ser informado;

«Como tambem sobre a demora dos processos e excesso dos pro-«ventos, tanto das companhias reaes como das subalternas, sendo muito «importante saber por miudo o que diz respeito a estes doispontos, «que constituem um grande encargo para os subditos de Sua Magestade;

«Como essas grandes companhias são estabelecidas pelo rei para «administrar a justiça, e como o seu principal objecto deve sempre ser «servirem-se da auctoridade que lhes foi commettida, para protegerem «os fracos contra os poderosos, é preciso saber se em todas as occasiões «em que tenha havido violencias, como mortes, assassinatos e maos tra-«ctos praticados por *Gentishomens* e outras pessoas principaes das pro-«vincias, elles sustentaram com inergia a sua auctoridade, e se empre-«henderam sem receio a installação dos processos, a acção da justiça, e «se foram severos contra os culpados, como é seu dever;

«Sua Magestade tendo tambem por vezes recebido algumas queixas «de que os officiaes das companhias reaes obrigavam á força a que se lhes «vendessem as terras e bens que lhes convêm, a dita Magestade folgaria «de saber em que logares isto se pratica.»

Em seguida occupa-se a memoria dos empregados do fisco, e n'este ponto as accusações que apresenta são identicas ás dirigidas contra os magistrados: corrupções, concussões, vexações e demora nos processos.

Poderia dispensar-me de analysar mais detidamente o documento que me occupa; não posso porém abandonal-o sem mencionar um fragmento relativo aos moedeiros falsos que então abundavam por toda a parte, e que, força é confessal-o, recebiam este exemplo do proprio Luiz XIV, que em extremo vaidoso, dos esplendores da sua côrte gastava sempre mais do que tinha; de modo que ainda se não fez bem a conta do numero de vezes que refundiu as moedas alterando-lhes o peso e a quantidade de metal fino, do que resultava receberem os credores do estado menos do que o que se lhes devia.

Lê-se pois na citada memoria:

«Recebendo sempre muitas queixas ácerca da perda que experimen-«tam os povos pelo gyro da moeda falsa que se fabrica, segundo dizem, «em todas as provincias do seu reino, e principalmente nas maritimas «e nas mais afastadas da corte, Sua Magestade deseja que os commissa-«rios cuidem particularmente de reprimir a continuação deste abuso, de «que se não deve tambem exagerar a importancia, o que poderão fazer «facilmente por serem as pessoas implicadas n'elle, quasi publicamente «conhecidas em cada provincia; o rei quer que quando tenham desco-«berto o mal desde a sua origem, empreguem todos os esforços e façam «uzo da auctoridade que se lhes confiou, para a punição dos culpados,

«e ordena que, no caso de não bastarem para isso as forças que se «acham nas provincias, se deem promptamente as necessarias providencias.»

Ficaria este quadro sobre o antigo regimen incompleto se não juntassemos o que o rei pensava então dos seus direitos. Luiz XIV havia preparado umas memorias para a instrucção de seu filho, chamado *le grand Dauphin*. O manuscripto desta obra desappareceu no incendio da bibliotheca do Louvre; como porem se havia publicado sabemos que o auctor dizia a seu filho «que os reis são senhores absolutos e tem naturalmente di-«reito inteiro e independente sobre todos os bens, quer estes sejam pos-«suidos por ecclesiasticos quer por seculares, podendo dispor delles, em «qualquer occasião como bons administradores, isto é, segundo as neces-«sidades geraes do Estado.»

O que Luiz XIV pensava das fortunas, pensava-o tambem das pessoas de que se entendia no direito de dispor a seu bel prazer. Todos conhecem a celebre phrase deste rei «*l'etat c'est moi.*» As necessidades do *Estado*, consistiam pois nos desejos que Luiz XIV tinha de encher os seus cofres todas as vezes que os achava sem dinheiro. Os soberanos que se julgavam justos quando ordenavam a morte d'alguem, tinham-se por clementes quando se lemitavam a confiscar-lhe os bens. Na opinião de muitos, Henrique III, usou d'um direito quando fez assassinar o duque de Guise: e a historia contemporanea não tem uma palavra sequer de reprovação contra a morte de Concini, marechal d'Ancre.

N'uma licção sobre a maneira de estudar a historia, e de a ensinar, não posso fazer mais que tocar rapidamente sobre cada ponto. Preciso todavia ainda insistir sobre os direitos do rei.

Acabo de mostrar como aos reis se lhes afigurava licito o matar quem lhes parecia, sob o pretexto de velar pela segurança do Estado, o que sempre se conciliava com a satisfação das suas vinganças, verdadeiras. Os homens eram tambem para elles mercadorias:

Os senhores de pequena importancia sobre tudo vendiam os seus vassallos a quem os queria comprar como instrumentos a empregar na guerra e augmentavam por este meio os seus rendimentos.

Ora se não custa a conceber que os reis obriguem os seus vassallos a combater para satisfação das suas ambiciosas paixões, parece mais difficil de acceitar a especulação d'um rei que manda os seus subditos baterem-se por uma causa indifferente recebendo o preço dos mortos e dos feridos.

Estas praticas porem, seguidas desde tempos remotos apenas cessaram modernamente, já em nossos dias.

No tempo da guerra da Inglaterra contra a America insurgida, os inglezes procuraram soldados por toda a parte. Era sobretudo á Allemanha que os iam buscar, estipulando, principalmente com o principe de Hesse-Cassel, sobre a somma que deviam pagar-lhe pelo soldo das tropas que elle fornecia e determinando além d'isso uma paga no caso de ferimentos graves que obrigassem a amputações, e ainda uma somma mais elevada que as anteriores, por cada soldado morto. Um dia chegou á Europa a

noticia d'uma batalha entre os americanos e os inglezes, na qual os Hessezes haviam soffrido grandes perdas.

O Landgrawe de Hesse-Cassel escreveu então a seguinte carta a um dos seus officiaes:

«Não póde imaginar a alegria que experimentei ao saber que de 1:950 *Hessezes* que entraram em combate, apenas escaparam 345. São pois precisamente 1:650 homens mortos e por consequencia 643:000 florins que segundo o nosso tratado me deve a thesouraria ingleza. Pondera o gabinete de Londres que ha uns cem feridos que não devem passar por mortos. Confio em que se lembrará das instrucções que lhe dei quando partio de Cassel, e que não terá procurado curar, por meio de cuidados verdadeiramente deshumanos, os desgraçados a quem não poderá salvar senão á custa da privação d'um braço ou d'uma perna, o que seria fazer-lhes, dando-lhes a vida n'este caso, um funesto presente, além de que eu estou certo que elles preferirão morrer a viver mutilados e impossibilitados de me servirem. Lembre-se que dos 300 Lacedemonios que deffenderam as Thermopylas nem um só voltou. Que feliz me não consideraria se podesse dizer o mesmo dos meus bravos *Hessezes!*»

Nada existe comparavel a esta carta nos escriptos dos reis de França. Deve porém conservar-se e dar-se a conhecer aos partidarios do antigo regimen e da monarchia absoluta.

Resumindo pois o que deixo dito, pedirei: que o estudo e o ensino da historia se façam independentemente de todas as ideas acceites, sempre que estas não forem conformes á verdade. Que se substitua a historia da civilisação, das invenções uteis, das artes, das lettras, das sciencias, á descripção das intrigas das côrtes dos reis; e as opiniões não tardarão a modificar-se sobre muitos pontos importantes. Deixarão então de nos merecer elogios as epocas em que muitas vezes mais se soffreu.

É bello amar a patria nossa mãe commum. Devemos-lhe a existencia e a educação; alimentou-n'os com os seus productos intellectuaes e com as suas colheitas, e creou em volta de nós a atmosphera que respiramos. Os nossos paes e ainda os nossos contemporaneos tem sido o sustentaculo da nossa fraqueza, de tudo isto nasceu uma solidaridade que nos faz a todos participar da gloria da patria, e tambem das suas dôres. Se muitas vezes accusamos o prezente porque sentimos mais vivamente os effeitos do mal que vemos junto a nós, é porque julgamos que nossos paes não tiveram que supportar as provações que muitas vezes abalam a nossa constancia.

Affirmemos porém que nunca como hoje a segurança dos bens e das pessoas foi tão completa, comprehendamos que foi a revolução de 1789 que destruindo os abusos, a estabeleceu, e sejamos orgulhosos do nosso tempo como com justiça o somos do esplendor da França.

F. Malapert.

EL ARTE

II

El hecho de considerar el arte en sí y no en relacion con la humanidad ha dado márgen á grandes aberraciones. De aquí el arte por el arte, que la reduce á la sola satisfaccion del sentimiento estético. De aquí la frivolidad de los pensamientos y el prodominio de la forma sobre el fondo. De aquí que hombres con grandes facultades artísticas las consuman en temas insignificantes y mueran sin dejar una obra que hable al entendimiento ni al corazon de los pueblos.

El artista es hoy, por lo general, un ser que vive fuera de su siglo. Ya reproduce creencias que murieron en la conciencia de las muchedumbres; ya busca su inspiracion en las ruinas de lo pasado y levanta del sepulcro héroes que no comprende; ya, falto de inventiva, se limita á dar cuerpo á las fantasías del poeta; ya, mas humilde y rastrero, copia y embellece á la muger que vió entre las enredaderas de una ventana, al soldado que vela en lo alto de un castillo, al mendigo que pasa, á la gitana que canta al sol del Mediodía. Dibuja correctamente, se afana por no cometer anacronismos, compone lo mejor que puede, pliega bien los paños, y se dá por satisfecho y orgulloso si acierta á presentar en sus cuadros brillante el raso, trasparente el encage. Pensamiento, fin social, fin humano no suele tenerlos.

Acaba de morir un artista compatriota nuestro, que sin haber jamás expuesto una de sus obras ha llenado con su fama el mundo. Reunía fa-

cultades de composicion y de ejecucion como ninguno. Era espontáneo, fácil, fecundo. Cuando quería, apuntaba sin detallar, como Goya; cuando quería, detallaba como el más hábil miniaturista. Nadie sabia hacer como él entre sus contemporáneos. Satisfacía por completo el sentimiento estético: dejaba, como los demás artistas, frio el corazon de los espectadores. Las mas de sus obras no eran sino juguetes artísticos. Examíneselas y no se verá quizá en ninguna un argumento que pueda encender una noble pasion, una idea que pueda iluminar la conciencia de un pueblo, algo que pueda interesarnos por los futuros destinos de la especie humana.

Se observa la misma falta en la poesía. Escribe la poesía en verso como no ha escrito en tiempo alguno; abunda en galas de lenguage; es correcta, espléndida, bastante fácil, bella; pero vacía, sin ideal, sin norte. Por no vivir la vida de su siglo, se vá haciendo cada dia mas subjetiva, quejumbrosa, hipócrita; y por consecuencia mas monótona, mas frívola y mas fría. Vuelve sin cesar sobre los mismos pensamientos, y hace eternas variaciones sobre unos mismos temas. Afecta creencias que no tiene, ó un tédio que no siente ni nada legitima. A fuerza de querer encumbrarse, divaga por espacios que no conoce, y se derrumba. Y si alguna vez quiere bajar á la vida real, ó se pierde entre las nieblas de la historia, ó en las profundidades de una naturaleza que no comprende, ó en las bajas regiones del sensualismo. No dirige, no ennoblece, no moraliza á nadie: no vá ni lleva las generaciones á los campos de batalla en que se decide la suerte de los pueblos.

Se dice que este no es siglo de arte ni de poesía; pero ¡cuán infundadamente! La humanidad sostiene sin tregua ni descanso una lucha heróica; y esta lucha nunca ha sido tan grande ni tan ardiente como en el presente siglo. Todas nuestras facultades son limitadas, y luchamos eternamente por agrandarlas. Encontramos el principal obstáculo en las gigantescas fuerzas de la naturaleza; y luchamos no solo por dominarlas, sino tambien por ponerlas á nuestro servicio. ¿Cuándo ha sido mas viva que ahora esta lucha, ni cuando hemos obtenido mas brillantes tríunfos? El vapor nos lleva con la rapidez del viento á través de los montes y los mares y nos presta para todas nuestras industrias sus hercúleas fuerzas; la electricidad trasmite en minutos nuestros pensamientos del uno al otro confin del mundo y une por el cable submarino los mas apartados continentes; la naturaleza se vé obligada á reproducir en el fondo de una cámara oscura los mas fugaces momentos de su vida; los istmos se rompen, los mares confunden sus aguas, las leyes de las corrientes oceánicas y las de las tempestades dejan de ser un secreto, y apenas pasa año en que no rompamos una de nuestras ligaduras y no venzamos al que por siglos de siglos nos tuvo inermes bajo su servidumbre.

Y esta lucha tan porfiada y tan tremenda ¿no ha de poder ser objeto de poesía ni de arte? Se ha cantado en todos los tonos á Prometeo que arrebató el fuego del cielo y por castigo estuvo clavado en una de las rocas del Cáucaso con un buitre que le devoraba las entrañas; á los Titanes que se atrevieron á escalar el Olimpo y fueron precipitados al

Tártaro por los rayos de Júpiter; á Satanás y sus ángeles rebeldes que disputaron el trono á Dios y vencidos cayeron al fondo de los abismos. ¿Cómo no se ha visto que estas leyendas mitológicas no son mas que símbolos de esa perpetua lucha entre la naturaleza y el hombre? Nosotros somos el eterno Prometeo de la religion pagana, el eterno Satanás del cristianismo.

Nosotros sostenemos todavía otra lucha no menos dura y mas sangrienta. Tres tiranías pesaban sobre nuestra frente; la del sacerdote, la del baron, la del monarca. Nosotros las hemos roto y trabajamos por aniquilarlas. Queremos libre la conciencia, libre la propiedad, libre el pensamiento, libre el hombre; ó lo que es lo mismo, humanizado el culto, el dominio sobre la tierra subordinado á los intereses generales, el Estado obra de la sociedad y no la sociedad instrumento del Estado. Nosotros luchamos, en una palabra, por establecer la libertad y la igualdad entre los hombres. En esta árdua tarea ¡qué de combates y de sacrificios! ¡qué de triunfos y de derrotas! ¡qué de ideas y de intereses contrapuestos, de armas de buena y de mala ley puestos en juego, de mártires y de traidores! En las horas de desaliento, de duda, de desesperacion, tal vez, ¿cómo no vienen el arte y la poesía á endulzar nuestras amarguras y á reavivar nuestra esperanza? En las de júbilo, ¿cómo no oimos sus inspirados cánticos?

Hay aún en el mundo esclavos, víctimas oscuras del trabajo, clases que gimen en la ignorancia y la miseria, vicios que roen el cuerpo y degradan el alma de las naciones, mónstruos que viven del hambre agena, fatalidades económicas que como el carro de Sagrenat destrozan implacablemente á cuantos caen bajo sus ruedas, voces de dolor que se pierden en el fondo de tenebrosas viviendas ó de oscuras cárceles. ¿Cuándo se hacen la poesía ni el arte eco de esos gemidos, ni vengadores de esas infamias, ni lábaro de los que hayan de llevar á cabo la redencion de los pueblos? ¿No es verdaderamente una vergüenza que vuelvan los ojos á lo pasado, por no ver lo presente, y se atrevan á pasar por ese *pandemonium* social, pulsando la antigua cítara y coronada la frente de rosas?

Las luchas de que acabamos de hablar revelan un progreso constante en la especie humana. Seres perfectibles, no perfectos, trabajamos incesantemente por mejorar nuestro cuerpo y nuestro espíritu. Por un adelanto vamos á otro adelanto, por una reforma á otra reforma, y no nos paramos porque no nos sentimos nunca satisfechos. Queremos romper la última de nuestras ataduras, y ejercer un dominio absoluto sobre la naturaleza. Queremos abarcar y conocer los indefinidos espacios, y penetrar en las regiones de lo infinito. Queremos llegar al reinado de la justicia y ver á todos los hombres en la plenitud de su derecho. Al efecto corregimos una y cien veces los procedimientos de la industria, los datos y las afirmaciones de la ciencia, las reglas de la moral, las leyes de los códigos, la palabra de los evangelistas y los profetas.

Todo concurre por igual á la misma obra. La industria buscando en la tierra nuevos elementos con que aumentar nuestra riqueza, nuevas

fuerzas y nuevos medios de encadenarlas para ensanchar nuestro poder y hacernos los reyes de la naturaleza. El comercio acercando los pueblos, utilizando los esfuerzos de todos y haciendo de todos una familia. La ciencia investigando las leyes de la materia y facilitando alas á la industria y al comercio. La filosofía sondeando los arcanos y determinando las facultades del espíritu, sintetizando los trabajos de la ciencia, buscando en lo pasado la ley de lo presente y la adivinacion de lo futuro, elevándose á la nocion de la absoluta justicia y descubriendo por ella los errores de la moral, las aberraciones del derecho, los vicios de la economía y del gobierno de los pueblos.

¿Qué falta aquí para que la obra se cumpla y marche rápidamente? Los hombres de iniciativa en la industria y el comercio, los sabios y los filósofos son en corto número. Para que los esfuerzos de los unos y las ideas de los otros no sean estériles necesitan del concurso de las masas. Sin ellas, imposible de todo punto vencer los obstáculos que oponen á las grandes empresas ya la inercia, ya las fuerzas vivas de la materia; á la realizacion de las nuevas ideas, los intereses. Los intereses creados protestan siempre y se levantan contra toda reforma que pueda herirlos ó menoscabarlos; y, dueños por lo general, del poder público, recurren á la violencia contra los innovadores. Ya que dejen en paz la espada, no están dispuestos á ceder el paso, que no sientan sobre sí la fuerza superior de las muchedumbres. Las muchedumbres son siempre las que en último resultado por revoluciones en las calles ó en las asambleas borran las viejas y escriben las nuevas leyes, levantan sobre las ruinas de las antiguas las modernas instituciones, barren los poderes de hoy para abrir plaza á los de mañana.

Más ¿cómo lograr que esas muchedumbres abracen las nuevas ideas y estén dispuestas por ellas al movimiento y al sacrificio? Ignorantes aún son incapaces de comprender al inventor, al sabio, al filósofo; incapaces de seguir los largos y complicados raciocinios por que estos han llegado á la concepcion de los nuevos procedimientos y de los nuevos principios. No es posible interesarlas por la reforma sino hablándoles á la imaginacion, al corazon, á los sentidos, dando cuerpo á las ideas, vistiéndolas con las galas de la fantasía, animándolas por el sentimiento.

Esta ha sido en muchos periodos de la historia la obra de las religiones; esta ha sido y no puede menos de ser en todos tiempos la tarea de la poesía y del arte. Cómo! ¿todo habia de concurrir al fin social menos el arte y la poesía? Todo habia de contribuir á mejorarnos y solo la poesía y el arte poseer el triste privilegio de mirarnos con indiferencia cuando no pervertirnos? Todos los hombres indistintamente, poetas, artistas, filósofos, sabios, industriales, braceros, propietarios, gobernantes, reyes, todos nos debemos á la humanidad de que somos miembros y hemos recibido y recibimos el inmenso material de que disponemos para llenar todas las necesidades y todos los fines de la vida. ¡Qué vale cuanto podamos darle en cambio, aun consagrándole por entero nuestras facultades y nuestras fuerzas?

El arte no llena su fin como no se apodere de las nuevas ideas, y las caliente en el fuego del corazon, y les dé forma en la fantasía, y las arroje vivas y brillantes al seno de las muchedumbres, y las encarne, por decirlo así, en la conciencia de los pueblos, y las haga el lábaro y la fé de la humanidad entera, y la arrastre por ellas aquí á los comicios, allí á las barricadas, mas allá á los campos de batalla. La guerra es santa cuando se la hace por la libertad y la justicia, y están cerradas á las nuevas ideas las puertas de la tribuna y de la prensa.

Debe el arte, no solo generalizar la idea que nace, sino tambien poner de relieve los vicios, de las que están destinadas á la muerte: hacerse eco de los gemidos que arrancan, pintar con energía los males que engendran, condenar el egoismo de los que las sostienen, ponerlos en duro contraste con los que sufren, y hacer brillar sobre todas las almas lastimadas la luz de la esperanza y el sol del nuevo derecho. Debe animar á los pueblos con la vista de los tríunfos que antes han obtenido, con la apoteosis de los héroes y los mártires que en otros tiempos los condujeron á la victoria ó dieron por ellos su sangre. Debe inflamarlos en noble cólera contra los opresores, contra los que beben en impuras orgias las lágrimas del pobre, contra todos los que erigen el crimen y el vicio en norma de la vida. Debe, en una palabra, depurar todas las conciencias y levantar todos los corazones.

Debe el arte tambien ennoblecer el trabajo, pintar y celebrar las conquistas de la industria, coronar de flores á cuantos ensanchen el poder del hombre, derramar torrentes de gloria y de poesía sobre las generaciones que van trasformando la faz de la tierra, alentar todas las grandes empresas y divinizar á los génios que las han hecho posibles por el descubrimiento y la aplicacion de las leyes del Universo.

Mas para esto es preciso que el arte salga de su aislamiento; que viva de su siglo, que participe de nuestras alegrias y de nuestras amarguras, que asista á nuestros espectáculos, á nuestras victorias y á nuestros desastres, que baje al fondo de nuestras sociedades, que conozca y comprenda las múltiples manifestaciones de nuestra vida. Mal ha de lanzar al mundo ideas que no cónozca, tronar contra lo que no haya excitado sus íras, hacer sentir lo que no sienta. Porque vive aislada, se hace fria y formalista.

Oigo ya el clamor de los que así no piensan. «Rebajais, me dicen, el arte. De expresion que fué de lo infinito la reducís á expresion de lo más limitado y lo más variable. De una bandera de paz haceis una bandera de guerra. A incentivo de pasiones populares bajais á la que siempre estuvo por encima de todas las pasiones. Le limitais el campo en que ha de moverse, cuando para ella no hubo nunca ni tiempo ni espacio. Le cerrais el cielo, la historia, las interminables regiones de la fantasía. Le dais por todo teatro la humanidad presente, y la condenais á un grosero realismo.»

El arte ha sido y ha debido ser la expresion de lo infinito mientras ardia la fé en el corazon del hombre, y era el cielo la sola esperanza

de los que sufrian, y para el cielo se dejaba el reinado de la justicia, y era considerado el sepulcro como la puerta de la vida y esta tierra en que vivimos como un valle de lágrimas y un lugar de prueba. Los tiempos han cambiado. Las creencias mueren; la duda se ha ontronizado en las almas; el hombre se siente con fuerzas para realizar en este mismo planeta el bien y la justicia, y empieza á reconocerse como parte integrante, no ya tan solo de la humanidad presente, sino tambien de la humanidad futura; nuestros ojos apenas se alzan al cielo mas que para seguir el curso de los astros errantes ó contemplar esas miríadas de mundos suspendidos en el espacio. A la vista de esos mismos mundos y de ese espacio sin límites apenas a buscamos y lo infinito, mas que en la materia. Y cuando la miramos y seguimos en sus evoluciones, y observamos que sin cesar se transforma y nunca muere, apenas si nos atrevemos á buscar fuera de ella lo increado y lo eterno. Hemos levantado nuestra razon por encima de los profetas, y hemos pasado á cuchillo á los moradores del firmamento, como se habia pasado antes á los dioses del Olimpo. ¿Qué irá á buscar hoy el arte en ese cielo oscuro y vacío, ayer tan lleno de luz y de vida á los ojos de los pueblos?

Empeñada en ser aún expresion de lo infinito, ha querido el arte en nuestros mismos dias ser esencialmente religiosa. Ha caido en la imitacion, en la copia, y hasta las formas ha debido tomar del arte de la edad media. No ha creado nada, y en todas sus composiciones ha estado muy por debajo de sus modelos. No ha podido elevarse entre nosotros al poético misticismo ni de Juan de Juanes, ni reproducir el sombrío ascetismo de Zurbaran, ni bañar sus cuadros en los vaporosos y brillantes celajes de Murillo. Ha perdido el sentimiento de la realidad, se ha entregado á un convencionalismo tan caprichoso como estrecho y ha podido salir de él no sin trabajo. Por qué habria de condenársela por más tiempo á ser la expresion de creencias que pasaron?

No por esto pretendo que se cierren para el arte las páginas del Evangelio. No pretendo cerrarle ni las del Evangelio ni las de la Historia. Pretendo tan solo que busque en uno y en otro las ideas vivas, no las muertas. Recuerdo haber visto hace tiempo la estampa de un cuadro aleman, donde se veia á Cristo entre los ya emancipados esclavos de la edad antigua. Estaban todos de rodillas, húmedos de gratitud los ojos, aclamando al que los habia redimido de la servidumbre. Allá en un ángulo, un negro, dolorido y lleno de ansiedad el rostro, mostraba á Cristo sus manos ceñidas aún por esposas de hierro, como diciéndole:—¿cuándo llegará la hora de que rompas mi cadena? ¿Ese artista comprendia perfectamente lo que hay aún vivo en el fondo del cristianismo, y llenaba, reproduciéndolo, el fin social del arte.

No condeno ni he condenado jamás que el arte y la poesia se inspirasen en las páginas de la historia ó en las de los libros santos; he condenado y condeno que escojan los hechos en ellas contenidas sin mas fin que el de satisfacer nuestro amor á la belleza. Por la imágen de lo que fué, ó de los que fueron, ¿pretenden enaltecer la virtud, reprobar

el crímen, ennoblecer las almas y decidirlas al sacrificio, empujar á los pueblos por el camino del bien, acelerar los destinos de la especie? Cómo me habia de oponer yo á que hoy mismo por los rasgos de abnegacion de las pasadas generaciones diesen en el rostro á la generacion presente, que vé con indiferencia la ruina de la libertad y de la patria? ¿Cómo me habia de oponer yo á que en frente de almas degradadas y cobardes pusiesen almas de robusto temple y por el espectáculo de los héroes que murieron, hicieran enrojecer de vergüenza á los que hoy explotan la agonía de esta nacion sin ventura?

No, no pretendo ni he pretendido jamás acotar los dominios del arte. Pretendo tan solo que ora recorra la historia, ora las regiones de la fantasía; ya suba al cielo, ya baje á la tierra, lleve en todas sus creaciones un fin y concurra con las demás manifestaciones de la vida á mejorar la humanidad y el hombre. Ni siempre ha sido, por otra parte, bandera de paz, ni quiero que lo sea siempre de guerra. Al par de la poesía ha ensalzado en la antigüedad á los hombres de armas y los ha mezclado con sus dioses en todos sus monumentos. Su estro se ha inflamado principalmente en los campos de batalla. Sus mas brillantes inspiraciones han sido para los reyes ó los pueblos que, rotas las estrechas fronteras de la patria, han avasallado el mundo. En las misma edad media ha confundido en las fachadas y los claustros de las catedrales bizantinas y góticas á los soldados con los sacerdotes, á los reyes con los mártires del Evangelio y los patriarcas y profetas del Antiguo Testamento. Por la guerra se han acercado los pueblos, se han confundido las razas, se han regenerado las naciones y la humanidad ha adquirido la conciencia de sí misma. Por la guerra se ha llegado á la paz, á la libertad, á la cultura. Por la guerra se ha realizado no pocas veces el derecho y la justicia. La religion la ha consagrado, y con ella la poesía y el arte.

La democracia se esfuerza hoy en proscribir la guerra por la federacion, el arbitraje, la libertad política y la teoría de la perfectibilidad humana; pero ¡cuán lejos está aún de conseguir su intento! Los fueros de la razon no son aún respetados, sino en un corto número de naciones. La libertad sufre por desgracia frecuentes eclipses. La federacion pasa por una utopia. El arbitrage no ha podido impedir las grandes guerras de nuestros dias. Los intereses, no porque oigan y aun crean que la humanidad es perfectible, dejan de oponerse, como una formidable valla, á todos nuestros progresos. Vive todavía el mundo bajo el régimen de la arbitrariedad y de la fuerza. No se respeta aún el derecho ni por los indivíduos ni por las naciones. Los gobiernos, aun los más libres y cultos, reconocen mas fácilmente en los pueblos agenos los triunfos de la fuerza que los de las leyes.

Así las cosas, no es aún facil, ni siempre posible, que se realice el progreso sin estrépito y sin sangre. Con sangre dejamos y con sangre dejaremos desgraciadamente marcadas por muchos años las huellas de nuestros adelantos. Se hacen aún necesarios grandes sacrificios, y ¡felices los pueblos cuyos ciudadanos no los excusen! ¡felices los pueblos

donde el arte y la poesía sepan encender en los corazones bastante entusiasmo para arrastrarlos! Predicarán allí la guerra, pero no la guerra de la iniquidad, sino la de la justicia; no la guerra que oprime, sino la que emancipa; no la guerra que abate al suelo la frente del vencido, sino la que pone al nivel del derecho la de los vencidos y los vencedores. En qué se rebajará con esto el arte?

El arte no debe ser verdaderamente eco ni pábulo de las pasiones que corrompen y embrutecen al hombre; mas ¿por qué no de las que le engrandecen y levantan? Dichosos el artista y el poeta que supiesen inflamar en santo amor á la humanidad, á los hombres y á los pueblos! ¡dichosos mil veces si acertasen á darles caudillos que aunque no fuese mas que por ambicion de mando y de gloria los llevasen al través de áridos desiertos y borrascosos mares á la tierra prometida! ¡dichosos si llegaban á hacer olvidar de sí mismos á los hombres, hasta el punto de que se prestaran gustosos á cegar los abismos que nos separan de la verdadera vida! La pasion hace á los héroes y á los fuertes; la pasion transfigura al hombre. El amor, la atraccion de los dos sexos, es uno de los temas de la poesía y del arte. Se le pinta y se le embellece aun cuando llega á constituir un crímen. Se le canta en Hero y Leandro, como en Paulo y Francisca de Rímini. El amor á la patria y á la humanidad es algo mas sublime y digno del pincel del artista y la lira del poeta. Es algo mas grande que el mismo amor á Dios, en cuyo fondo se descubre siempre mas que la caridad, el egoismo.

Ni ¿cómo he de pretender yo que el arte sea realista? ¿No he dicho en el anterior artículo que el arte no debe ser la imitacion de la naturaleza, por mas que haya de tomar la naturaleza por punto de partida? Que haya ó nó un mundo sensible y un mundo inteligible, es lo cierto que toda realidad excita en el espíritu una idea superior á la realidad misma. La realizacion de la justicia no es nunca el ideal de la justicia; ni la realizacion de la belleza el ideal de la belleza; ni ser alguno real es la idea que del ser tengo. Aun lo á nuestros ojos corporales mas perfecto deja algo que descar á los del espíritu. Amamos más al ser que mas idealizamos; y nunca lo amamos tanto como cuando la ausencia ó la muerte nos obliga á verle con los solos ojos del alma. Porque así sucede, he sostenido siempre que el arte, aun cuando tome la realidad por tema, debe transfigurarla por la idea á que aquella realidad corresponda. No he escrito acaso que el arte es la traduccion de las ideas?

Yo no he querido nunca que el arte lleve su idealismo al extremo de prescindir de los seres creados, que son, aunque mas ó menos imperfecta, la expresion de las ideas mismas; pero he censurado con no menos energía que prescinda de la idea y se atenga al hecho. Por aquel camino vá á lo absurdo; por este pierde su rango y vá á la industria. La idea es en nuestra razon una virtualidad inerte: solo al contacto de la realidad despierta y entra en movimiento. Aun entonces la idea sin el hecho es un continente sin contenido, un algo vacío, una quimera. El arte ha de ser idealista sin olvidar la realidad de las cosas.

¿Le está, pues, vedado lo fantástico? preguntará tal vez alguno. Si por argumentos fantásticos puede llenar su fin social, no seré yo quien le cierre las encantadoras regiones de la fantasía. Pero guárdese de prescindir de la realidad ni aun para la ejecucion de esos argumentos. Por las orillas de aquellas regiones vá el camino que conduce al delirio y desvia de la belleza. Ordinariamente lo fastástico impresiona la imaginacion sin conmover el corazon de nadie. Es difícil que levante pasiones ni excite afectos; y, si está falto de toda realidad, completamente imposible.

¿Qué es, pues, el arte? El arte, he dicho en mi primer artículo, es la traduccion de las ideas bajo formas que, sin dejar de ser las de la naturaleza, son más acabadas y satisfacen más nuestro sentimiento estético. El arte, añado hoy, ha de concurrir con las demás manifestaciones de la vida á la realizacion de los destinos de nuestra especie. Al efecto, ha de dar vida y calor á las ideas, apasionar por ellas á las muchedumbres, hablar á la imaginacion, al corazon, á los sentidos, así como la ciencia habla á la razon y el entendimiento. Lejos de aislarse de su siglo, ha de vivir en su siglo y para su siglo; pensar con él, sentir con él, esperar con él y salvar con él los precipicios que en nuestra incesante marcha á la perfeccion nos atajan el camino. Debe hasta presentir las nuevas ideas y ser la precursora de las nuevas creencias. La humanidad es el eterno Cristo: el arte ha de ser su eterno Juan Bautista.

Esto han sido todos los grandes artistas y todos los grandes poetas: esto serán siempre.

F. Pí y Margall.

O CRIME DO PADRE AMARO

V

Desde então o escrevente ia a caza da S. Joanneira quasi todas as noutes. A S. Joanneira estimava-o pela sua seriedade, pelo seu amor ao trabalho, pela sua honradez, pelo seu comportamento quando o pae morrera. No emtanto Amelia mostrava-se reservada e acceitava o amor do escrevente como uma planta recebe sol: passivamente. Esperava-o á janella pela manhã quando elle passava, sorria-lhe, bordara-lhe uma carteira, olhava para elle muitas vezes durante a noite; escrevera-lhe dois bilhetes curtos, mas João Eduardo tranquillo, sereno, acceitava aquelle destino sem ter impulsos interiores.

Fallou á mãe em casamento:

— Como a Amelia quizer, eu por mim...

Amelia tinha respondido:

— Mais tarde, por ora não me parece..., e outras palavras hesitantes, reprimidas, duvidosas, que fizeram passar a João Eduardo uma noite de desespero, de inquietação e de suspiros.

Por ultimo decidiu-se tacitamente que aquella situação se definiria quando elle obtivesse o lugar de amanuense do governo civil.

Tal foi a existencia de Amelia. Esta recordação veiu por fragmentos como pedaços de nuvens que o vento invisivel vae trazendo, formando e desmanchando. Adormeceu tarde, já os galos cantavam. A mãe, fóra, na sala de jantar, arranjava as chavenas para o almoço. Amelia esteve um momento dormitando, depois ouvio dizer á Russa:

— É o sr. parocho que vae sahir com o sr. coadjutor; vão á Sé.

Amelia ergueu-se de repente; e em camisa com os pés nús veio junto da janella, ergueu uma pontinha da cortina de cassa e ficou a olhar. A manhã estava clara, cheia de sol, havia uma aragem fria e o pa-

dre Amaro ia pela rua conversando com o coadjutor e a sua capa de lustrina enfunava-se com o vento.

Amelia tornou a deitar-se e esperguiçando-se, bocejando, estendendo os braços, pensava na vespera e via o padre Amaro e a brancura dos seus dentes.

E todo o dia cantarolou.

VI

A S. Joanneira logo desde os primeiros dias o envolvera suavemente em commodidades: era attenta, cheia de promptidões, com o modo contente e maternal. Tinha-lhe sempre guardanapos frescos, perguntava-lhe quaes as comidas de que gostava, mandava vir vinho da Bairrada, e os dias passavam assim para Amaro, faceis, com boa meza, colchões macios e a intima familiaridade de mulheres. No entanto ás vezes entrestecia-se, quasi que dezejava estar longe de Leiria, n'uma pequena aldeia solitaria, no fundo d'um valle, entre gente pacifica, uma creada velha cheia de proverbios e de economia, uma horta, onde houvesse canteiros de alfaces e o cacarejar dos galos ao sol. Porque o seu espirito não estava sereno: vinham-lhe impaciencias nervosas. A sua vida que ao principio lhe parecera completa, cheia, via-a agora com grandes vazios onde alguma cousa palpitava e atrahia como certos buracos escuros que de noite no chão luzem com reflexos metallicos.

Desde o seminario fôra sempre casto. Era de temperamento sensivel mas limphatico. Ás vezes repentinamente nos primeiros dias germinaes da primavera, ou quando á noite embrulhado no seu capote se aquecia ao lume, vinham-lhe do fundo da sua natureza certas perguiças que lhe faziam estirar os braços e pensar fixamente. Mas aquellas exigencias nervosas dissipavam-se. Então a sua vida era estreita, o seu pão difficil, quasi não tinha roupa branca e a pobresa confrangia-o, tornava-o alheio, desinteressado dos contentamentos da carne. Desde que chegára a Leiria, aquella existencia sedentaria e farta, as noites mollemente dormidas, o contacto frequente das duas mulheres, tudo lhe dava certas ideas, e ficava muito tempo abstracto perseguindo um sonho qualquer com os olhos fitos no chão. Pensava em amar alguem, em ter um contentamento occulto. Mas como? Não conhecia ninguem. Para isso seria necessario estar na intimidade das velhas beatas cheias de palavras murmuradas, com as mãos tremulas que desfiam os rosarios e attrahem as confessadas; mas Amaro era timido, cheio de receios, e tinha os escrupulos do padre noviço. Alem de que, logo desde os primeiros dias em que conhecera mais Amelia, começara no fundo da sua natureza indefinidamente alguma couza a palpitar, a querer fugir para ella. Instinctivamente lembrava a cada momento a sua figura direita e a pezada massa de cabello que cahia um pouco sobre as costas, prezo n'uma rede preta; o vestido claro estava n'esse logar um pouco roçado do oleo do cabello. Depois outras recordações: quando a vira em saia branca, o contorno branco, firme,

lacteo, o começo do seio polido como um marfim, e os braços redondos, com uma leve penugem.

E suspirava:

—Tolice! tolice!

Era padre. Ella ia brevemente casar de certo: julgava-a inaccessivel e quasi a confundia com as cousas inanimadas, com as estatuas, as estampas, e as santas envernisadas. Mas se podesse ser! Desejaria dar um beijo de leve na lisa brancura do seu pescoço, um só... Ai! mas, então, lentamente, vinham-lhe certos terrores sagrados.

Acostumara-se á convivencia d'aquella linda pessoa e via-a na trivialidade da vida, pela manhã com um lenço na cabeça lavando as chavenas; e até uma occasião, toda curvada, com as saias entaladas nos joelhos, vira-a juntando o cisco ao canto da casa. Olhava-se então muitas vezes ao espelho. Era novo, forte, tinha as idealisações do culto: sentira certa possibilidade. Mas eram idéas vagas que estavam no fundo do seu pensamento como uma semente enterrada, nem se atrevia a *fallal-as* baixo comsigo. Ruminava-as só passeando no quarto, vendo a chuva miuda que cahia. E defronte, n'um muro, as parietarias molhadas tomavam um verde luzidio e esmaltado.

Vinha novembro, os dias eram cheios d'agua e de vento, não podia passear. Jantava cedo, ás duas horas: descia depois para a sua saleta, só, com os pés um pouco frios; embrulhava-se n'um capote e até ao escurecer andava passeando no quarto com os pés calçados em chinellas e o seu casaco cor de mel, abotoado.

O quarto escurecia cedo, vinham-lhe tristesas da solidão, da ociosidade. O sino da sé tocava *Ave Marias*. Elle resava sentado ás vezes aos pés da cama. Mas a voz de Amelia fallava em cima, o tic tic das suas botinas batia o soalho. Então vinham-lhe suspiros:—Tão linda! tão linda! dizia. E estirava os braços como para envolver um corpo; e sem saber ia-se afundando n'aquelle sentimento como n'um elemento que o envolvesse captivante e irresistivel.

E era feliz e desgraçado com aquelle encanto que tinha guardado e occulto, como um homem com uma joia roubada.

Levantava-se cedo para dizer missa: as manhãs estavam frias; confrangia-se no seu capote com as mãos n'umas luvas de cazimira e meias de lã por baixo das botas d'alto cano vermelho. Áquella hora a egreja, estava quasi deserta. Algumas devotas com o manteu escuro pela cabeça, encolhidas, enrodilhadas, destacavam ao pé dos altares sobre a brancura dos frontaes de finos dourados. Amaro entrava na sacristia e ao revestir-se passeava batendo para aquecer com os pés no lagedo e conversando com o sachristão. Estava sempre apressado porque não ceava, e áquella hora, em jejum, com a frescura cortante do ar, sentia apetite. E as primeiras leituras da missa eram feitas rapidamente, saltando ás vezes as linhas, ou murmurava baixo com o pensamento em outra coisa. Os seus gestos eram curtos, accelerados, e sempre ao voltar-se para o *Dominus vobiscum* se demorava um pouco, olhando. Amelia podia ter vindo á missa

ou de passagem entrar um momento a resar. Ás vezes d'uma alta janella entrava um largo e comprido raio de sol transversal cheio da palpitação da poeira. Via os rostos das velhas com os olhos erguidos, os labios em murmurações, pendendo-lhes grandes rosarios das mãos apertadas contra o peito.

Ao lado, o sachristão dizia monotonamente com voz adormecida as respostas rituaes n'um latim syllabado: era um homem novo de typo hespanhol e Amaro sentia quando o sachristão se curvava diante d'elle estendendo-lhe as galhetas, o cheiro do oleo rançoso que vinha dos seus cabellos lustrosos e chatos. Depois erguia a hostia levantando os olhos para o Christo agonisante torcido sobre a cruz de pau preto, a campainha tocava lentamente, as mãos batiam concavamente nos peitos, um silencio pesava, e sentiam-se os carros de bois, carregados, rolando ao pé sobre a calçada.

O resto da missa dizia-a com pressa: ella de certo já vestida esperava-o para o almoço. A Russa passava o café pelo coador. E então despindo as vestimentas, agasalhava-se no capote e sentia-se contente por ir vel-a com o cabello fresco, acabado de pentear, soprando nas mãos por causa do frio. Elle tomaria tranquillamente o café quente, mettidos os pés no capacho.

Pelo meio do dia subia á sala de jantar onde ellas costuravam: «estava aborrecido em baixo, vinha um bocado para o cavaco» dizia. A S. Joanneira n'uma cadeira pequena ao pé da janella, com os seus vestidos de chita espalhados ao redor onde o gato dormia anninhado, cosia com uma luneta na ponta do nariz. Amelia mais dentro, ao pé da mesa, trabalhava com o cesto da costura no chão. Ás vezes estava á beira da mesa uma pregadeira de setim, desbotada, com dois corações de matiz.

Amaro sentava-se e debruçado, com os cotovellos sobre os joelhos n'um pequeno mocho estufado de lã, via Amelia com a cabeça inclinada, admirava-lhe a risca da cabeça fina, nitida, rosada um pouco afogada na abundancia do cabello; os seus brincos grandes de oiro em fórma de pingos de cera que faziam tremer, crescer sob a finura da pelle uma pequenina sombra; a cartillagem das orelhas que era rosada com aspecto assetinado; as olheiras finas cor de *bistre* esbatiam-se delicadamente sob a pelle de um trigueiro pollido que um sangue forte aviventava, e o seu peito respirava devagar com uma elasticidade languida. Ás vezes suspendia a agulha ou cravando-a na fazenda ficava a olhar vagamente ou com as pontas dos dedos alisava os cabellos. Então Amaro dizia com brandura: Preguiçosa... preguiçosa... Ella ria; conversavam. A S. Joanneira sabia as coisas interessantes do dia: o major despedira a creada; ou havia quem offerecesse dez moedas pelo porco do Carlos do correio. De vez em quando a Russa vinha ao armario buscar um prato, uma colher: então fallava-se do preço dos generos, do que havia para o jantar. O padre Amaro fazia festas ao gato. A S. Joanneira tirava as lunetas, traçava a perna, o que erguia um pouco as saias e fazia ver-se-lhe o pé calçado n'uma chinella de linho. Ella dizia os pratos:

—Não sei se o sr. parocho gostará hoje, para variar.

Mas Amaro gostava de tudo e mesmo em certas comidas descobria affinidade de gostos com Amelia.

Ás vezes, animando-se, o padre bolia-lhe no cesto da costura. Um dia encontraram uma carta: riram muito; perguntando-lhe pelo *derriço*, ella, picando vivamente o pesponto:

—Ai, a mim ninguem me quer?

—Não é tanto assim, disse elle... Mas arrependido d'esta palavra ergueu-se dizendo:

—Valha-me Deus! e eu que tenho tanto que fazer!

Começou a affetar uma preoccupação, passeando ao comprido da sala, com as mãos nas algibeiras: mas estava perturbado, e olhava avidamente para as costas largas d'ella, com os hombros de contornos redondos, firmes e cheios. Amelia ás vezes estava familiar: e até lhe pedio um dia para sustentar nas mãos uma meadinha de retroz, que ella queria dobar.

—Deixe fallar, sr. parocho! disse a S. Joanneira reprehensiva. Isto, em se lhe dando confiança! Mas Amaro tinha-se pronptificado, rindo. Eram para elle momentos superiormente doces. N'outra occasião ella tinha o gato no collo e Amaro, todo chegado, corria-lhe a mão pela espinha, e o gato, electrizado pelo contacto, arqueava-se elasticamente.—Gosta?—dizia ella: e estava um pouco corada, com os olhos baixos: e a voz amorosa e profunda de Amaro dizia: «Bichaninho, coitadinho, bichaninho, gato!»

A S. Joanneira muitas vezes erguia-se para ir dar o xarope á idiota, que tossia; ou conchegar-lhe a roupa, limpar-lhe a escarradeira. Elles ficavam sós mas não fallavam, e então para encher o silencio, Amelia cantarolava baixo o *Adeus*, o *Descrente*. Amaro accendia o seu cigarro e escutava olhando.

—É tão bonito isso, dizia elle.

E Amelia cantava mais acentoadamente, cozendo depressa, e erguendo o busto mirava o alinhavado ou o pesponto, correndo-lhe por cima para o assentar a sua unha pollida e larga.

Amaro achava estas unhas admiraveis, porque tudo que era ella ou vinha d'ella o encantava: inclusivamente gostava da côr dos seus vestidos, do seu andar, do seu modo, da delicadeza da sua voz, e olhava sempre com uma sensação amorosa para as saias brancas que ella punha a secar á janella enfiadas n'uma cana. Nunca estivera assim na intimidade d'uma mulher. Quando a porta da sala de jantar, que dava para o quarto d'ella, estava entreaberta, Amaro olhava cheio de ambição, como para a revelação d'um paraizo. Um saiote pendurado, uma toalha estendida, uma liga que ficara sobre um bahú, todas estas cousas femininas lhe appareciam como maravilhas, que elle amava quasi tanto como a pessoa d'ella. Havia um certo perfume que o encantava, que nunca sentira, perfume indefinivel e particular dos aposentos femininos. Não se saciava de a ver fallar, rir, sentar-se, mover-se, com a sua estatura firme e as saias engom-

madas que batiam as umbreiras das portas estreitas. E mais o prendia aquelle encanto de a ter ali, na mesma casa, com quartos proximos na evidencia da sua belleza. Deante d'ella não lhe lembravam as impossibilidades: o sacerdocio, Deus, a egreja, o peccado, ficavão em baixo, longe, distantes, e elle via-os do alto do seu enlevo, como de um monte se veem os casaes desapparecer e esbaterem-se no nevoeiro dos valles. Ella apparecia, penetrava na sua idéa e tudo em roda recuava.

Amelia interesava-se pela sua congrua, pelos seus rendimentos, pelas fadigas do serviço eclesiastico, lamentava-o quando alta noute o vinham chamar para levar a extrema unção, e punha-lhe sempre um capacho debaixo da mesa do jantar para elle metter os pés. Aquellas delicadezas encantavam-o e considerava-a como uma esposa platonica que tinha e amava. Ultimamente tinha pedido para que o jantar fosse servido mais tarde. Acabava sempre com luz; era então aquella a sua hora feliz, a melhor do dia: elle jantava com o seu casaco côr de mel, acciado, com a barba bem feita. A S. Joanneira trinchava, emquanto Amaro comia azeitonas, e cuspindo os caroços na palma da mão, enfileirava-os sobre a toalha. A Russa, doente, cheia de tosse, servia mal: e então voltavam as grandes lamentações da S. Joanneira sobre a falta de creadas: e Amelia ás vezes erguia-se para ir buscar qualquer cousa ao aparador. Amaro levantava-se apressado.—Deixe-se estar, deixe-se estar, senhor parocho! dizia ella. E, para o fazer ficar sentado, punha-lhe a mão no hombro e os olhos d'elles encontravam-se profundamente. Amaro comia bem, sorvendo a sua sopa quente, ou absorvendo com a ponta da faca grandes porções de arroz, e pelo meio do jantar começava a sentir dilatar-se todo o seu physico. Com as pernas estendidas, o prato cheio de alimento, o copo meio de vinho, com as bordas embaciadas do contacto dos beiços, sentia desejos de fallar, de se manifestar, de viver amplamente. Começava a ter um bom calor no corpo: bebia, accentuava-se-lhe a força vital, e o elemento amoroso e terno predominava. Fallava dos casamentos que se iam fazer, dos namoros que se segredavam. A Russa trazia os pratos, donde se exhalava um vapor quente. Amelia ensopava miolo de pão no molho do guizado, onde havia cebolas partidas, e a mãe dizia-lhe sempre:

—Embirro de que faças isso diante do sr. parocho.

E elle então, rindo:

—Pois olhe, tambem eu gosto. E molhavam ambos, e sem saber porque davam grandes risadas. Mas o crepusculo crescia, vinha o candieiro. O brilho das louças alegrava: Amaro, expansivo, dizia gracinhas: chamava-lhe *mamã*, e Amelia ria, olhava o padre, trincando com a ponta dos dentes cascas de tangerina. Mas d'ahi a pouco vinha o café, e o padre Amaro ainda ficava por muito tempo partindo nozes com as costas da faca, e fumava, quebrando a cinza do cigarro na borda do pires.

Áquella hora vinha o conego Dias, sentiam-n'o subir pesadamente, e dizia logo na escada:—Licença para dois!—Era elle e a cadella, a *Trigueira*.

— Ora Nosso Senhor nos dê muito boas tardes! dizia assomando á porta.

— Vae uma gotinha de café? perguntava a S. Joanneira.

Elle sentava-se, exhalava um profundo *ouff!* e batendo no hombro do parocho e olhando para a S. Joanneira:

— Então como vae cá o seu menino?

Gracejava-se então, e vinha a historia do dia. A essa hora já tinha chegado o correio: o conego trazia no bolso o *Diario Popular*. Amelia interessava-se pelo romance, e o conego, rindo, lia á S. Joanneira as correspondencias amorosas que veem nos annuncios.

— Ora veja que pouca vergonha! dizia elle.

Então Amaro fallava contra os escandalos de Lisboa, com palavras que lhe tinham ficado de leituras de sermões: queria impor-se á admiração de Amelia. Ella escutava com os cotovellos sobre a mesa, roendo vagarosamente a ponta do palito. Amaro chegou algumas vezes a fallar em prégar: as duas mulheres e o conego tinham approvado a idéa: sómente Amelia pedira-lhe que prégasse sem sobrepelliz, só com a batina preta, porque na ultima quaresma víra prégar assim um lente da universidade e achára *muito mais bonito*.

Á noite, só no seu quarto, pensava. Sentia Amelia no quarto por cima atirando as botinas ao despir-se; ás vezes ouvia o ranger do leito: tinha os beiços secos, os musculos da face contrahidos, passeava todo perturbado.

Idealisava supposições magnificas e terriveis: podia subir devagar, descalço, entrar no quarto d'ella; a lamparina de certo esmorecia a um canto dentro de uma bacia e no chão destacavam-se as grandes brancuras das saias cahidas, e seria na concava profundidade da noite... Mas ella podia chamar! Seria preso!... E lembrava-lhe o que se conta do opio e dos corpos adormecidos. Queria repellir estas idéas, mas ellas voltavam como pardaes que de balde se affugentam de cima de um saco de grão, e depois de um momento descem em bando gritando. Molhava então a cabeça em agoa fria. Lembrava a recommendação de certos livros devotos e chegava um dedo á luz; mas, sensivel á dor, de carne fraca, retrahia-se.

Procurava asylar-se em Deus contra a tentação como n'uma fortalesa inaccessivel. Abria o Novo Testamento: mas aquella simplicidade estreita do dizer evangelico não o acalmava. O chantre emprestara-lhe um livro mystico: *Canticos a Jesus*. Sentava-se á beira da cama e lia com o cotovello sobre o travesseiro aquellas paginas palpitantes de amor divino: «Oh! vem amado do meu coração, corpo adoravel, minha alma im«paciente quer-te! Amo-te de toda a alma! Abraza-me! Queima-me!» e as expolsões de um amor sobrenatural espraiavam-se assim em largos periodos inflammados e sonoros. As palavras *amor*, *goso*, *delicia*, *delirio*, *extasis*, voltavam a cada momento com a monotonia languida de pequenas ondas cheias de sol que successivamente rolam na areia. E as exclamações soluçantes de um amor que implora misturavam-se a conselhos de jejuns e a rituaes de *Lausperenne*. Aquillo era beato, amoroso, cheio de *Ave Marias*.

O padre Amaro lia sofregamente com os olhos fixos e a sua attenção mordia as paginas. Repetia alto: Amo-te! amo-te, meu Jesus! Mas o que sustentava e soprava a sua exhaltação era a lembrança de Amelia, e ella apparecia-lhe como uma vaga visão que o tentava. Repetia então as palavras do livro pondo-lhe o nome de Amelia e eram aquellas as expressões que elle lhe quereria dizer.

Depois, com os olhos fixos, immovel, perdia-se em sonhos dolorosos porque encontrava sempre sob a violencia da sua paixão o vasio, o abstracto, o vago, e era como um homem que amasse uma nuvem e percorresse rugindo e chorando as estradas impossiveis torcendo os braços de amor. Lembrava-lhe a estreitesa da sua condição, achava-se miseravel, e tinha vontade de chorar.

Mas pela manhã abria a janella: o sol batia na vidraça; em baixo as galinhas sacudiam-se e cantavam, os carros rolavam sonoramente sobre a calçada e fazia-se nos seus nervos uma grande pacificação.

Em certos dias o escrevente vinha passar a noite. A S. Joanneira e Amelia costuravam conversando juntas á mesa. O escrevente sentava-se ao pé embrulhado no seu chale manta e punha sempre nas suas palavras alguma cousa das suas esperanças, fallava do encanto das creanças, de uma casinha pequenina.

— Esteirada, já se sabe... Dá muito conchego.

— E dá: disse Amelia.

— Umas esteiras que ha no Alemtejo, de côres...

— É verdade, dizia Amelia, é muito bonito, é...

E o escrevente tinha o aspecto feliz, profundo e honesto. As noites eram então asperamente batidas de ventos chuvosos.

— Olhe quem andar agora no mar! dizia a S. Joanneira.

— E os pobres, coitadinhos! com este frio... acrescentava João Eduardo. E mostrava a sua piedade, lembrava os que soffrem, os que pedem, os que teem fome, os que mendigam na estrada, os que batem á porta dos hospitaes...

— Muita miseria vae por esse mundo!

Amelia erguia os olhos para elle, ou pousando-os no seu trabalho, silenciosa, cosia devagar. Havia longos silencios sympathicos. Amaro sentia-se n'aquella intimidade pacifica como um estranho, um isolado, um solitario. Instinctivamente reconhecia em João Eduardo qualidades firmes e tranquillas, uma harmonia de temperamento.

— Bom rapaz, dizia comsigo.

Era só quando se recolhia no seu quarto, que lhe vinham escrupulos. Via então os factos na crua realidade. Caminhava para o peccado, para as situações sacrilegas. Via-a honesta, amada por um rapaz digno, trabalhador e sympathico: seria feliz por certo n'aquelle casamento; teria filhos, os contentamentos purificantes da familia, a tranquilla posse do dever. E então queria esquecel-a, sair d'aquella casa e da parochia, mas tinha difficuldades de dinheiro, de collocação; não podia achar na carreira ecclesiastica posição mais vantajosa: vinham-lhe egoismos.

Resava então, implorava Deus, pedia-lhe a graça, a revelação. A sua rasão dizia-lhe que rompesse violentamente aquelle encanto penetrante: mas elle, para respeitar a decisão da sua rasão, precisava da affirmação do seu Deus. Fôra sempre educado n'estas doutrinas da egreja: que a rasão é erronea, incerta, tenebrosa, cheia de falibilidade e de culpa; que se deve desconfiar d'ella, como d'um orgulho; e que só é acceitavel o que Deus communica: a direcção vinda providencialmente de cima, dos espaços transcendentes. De sorte que não escutava as reclamações da rasão, e esperava uma determinação sobrenatural.

Uma noite, uma quinta feira, alguns padres estavam em baixo, no quarto. Porque, desde que Amaro viera, o conego Dias, o padre Natario, o padre Brito, tinham contrahido o habito de vir, depois de tomarem chá em cima com as mulheres, fumar para o quarto de Amaro. Desabotoavam as batinas, accendiam os cigarros, e uns a cavallo nas cadeiras, outros sentados sobre a cama, como nas antigas intimidades escolares do seminario, libertados das austeras reservas ecclesiasticas, abandonavam-se em conversas alegres e livres. Vinham as anedoctas, as grossas risadas escancaradas, as historias de escandalos, as intrigas, e cada um soltava da prisão sacerdotal o seu temperamento plebeu. Sobre a comoda, o candieiro de petroleo, com um *abat-jour* verde, dava uma penumbra pesada: as portas estavam cerradas, e o fumo dos cigarros enchia o quarto de vapores abafados: os rostos ficavam na sombra, e a luz, cahindo sobre o soalho, fazia salientes os escarros que elles cuspinhavam, chupando o tabaco. O padre Natario, tinha-se sentado aos pés da cama. Era um homem baixo, amarellado, d'aspecto molle, com o cabello um pouco crescido e grisalho, e toda a sua figura trivial e apagada destacava com um enorme nariz osseo, adunco e avermelhado: a bocca encurvava-se um pouco, e quando se ria, destacavam na pallidez dos beiços uns dentes ennegrecipos. O conego Dias, sentado ao pé d'elle, ao meio da cama, bamboleava as suas grossas pernas, curvado sobre si, acachapado, inerte, triturando o charuto. Amaro passeiava ao comprido do quarto; e, a cavallo n'uma cadeira o padre Brito, o mais estupido dos padres da diocese, mostrava sob a luz clara que o envolvia o seu rosto cheio, trigueiro, e quasi asulado pela barba rapada, o nariz redondo, a bocca espessa, o pescoço curto, e um cabello crespo, que lhe descia quasi junto das sobrancelhas; a sua mão curta, pólpuda, negra, molle, apertava o cigarro.

Estavam calados porque o conego Silva tinha sahido n'aquelle momento, e ainda o sentiam fóra, agasalhando-se, e dizendo á Russa que allumiava:

—Boas noites, pequena: não venha apanhar frio: vá-se...

A Russa tossia violentamente.

—Trate-se, rapariga, disse elle; tome um cosimento de altea. Ande lá, que isto de constipações despresadas... Adeus, adeus!

E sentiam-no descer, com o seu andar pachorrento.

O conego Silva era um homem alto e gordo, todo branco já, extremamente aceiado. Era filho de um negociante. Uma pessoa tranquilla,

benevola, paciente; punha nos seus deveres uma minuciosidade regular e fiel: tinha uma naturesa delicada e consoladora, gostando de aconselhar, de proteger: havia um tacto feminino, quasi maternal, nos seus modos: era exclusivamente padre, e a sua conezia, cujo recato tranquillo elle amava, isolava-o das cousas da cidade, e dos interesses civis. Tinha a paixão do latim, possuia uma livraria intelligente e valiosa, e dizia-se em Leiria, que traduzira o livro de Tacito, *De Germania;* mas vivendo n'um meio espesso, illetrado e plebeu, não fallava dos seus trabalhos: sómente, ás nove horas da noite, recolhia, agasalhando-se cuidadosamente na capa, e os padres e as devotas que o conheciam, diziam: «Vae-se agarrar aos calhamaços.»

O conego Silva estava em Leiria, esquecido no côro dos conego, havia vinte annos. Os outros padres não o estimavam, e a sua claresa de costumes, limpida e honesta, irritava aquelles temperamentos carnaes. As devotas voltavam escandalisadas das suas palavras risonhas, ditas em voz alta, com um senso lucido, e um vago colorido ironico. Mas a sua sciencia, os seus talentos juridicos, o seu amor dos pobres, e uma grande decisão davam-lhe uma auctoridade victoriosa.

Diante d'elle, os outros padres viam-se obrigados a conservar o recato ecclesiastico. O padre Natario, erguendo-se e encolhendo os hombros, disse fallando baixo:

—Não está mais na minha mão, então que querem! Este tolo faz-me uma quesilia...

O padre Brito ergueu-se para accender o cigarro na chaminé enfumarada do candieiro, e com a sua voz indecisa:

—É sempre aquelle *nham nham nham.* Um assucarado! parece uma lesma.

—E um modo celebre... disse o conego Dias. Eu sou amigo d'elle, está claro, mas que diabo! parece que está a fazer pouco da gente. Acha que é um santo que alli está! Que diabo, nós não sômos nenhuns facinoras!

—Ah! lá isso, com bastante amor ás costas tambem eu sou santo;

—Sim! disse, affirmando fortemente, o padre Brito.

—Oh! continuou o padre Natario, com voz de confidencia e de certeza: A mim me disse o Salgado, da praça, que é muito d'elle, ha muito tempo, que aqui ha quinze annos, tinha elle vindo ha pouco, havia alli para os lados do Castello uma viuva.... a Rita....

—Sei muito bem, uma baixita... interrompeu o conego Dias. Não se lembra você, Brito, uma que tinha estado com o governador civil, com o Mendonça....

—Ah! aqui, aqui! disse o padre Brito.

—Pois é essa, continuou o Natario.

—E então? então? disse o Brito, ávido de escandalo.

—E então.... cousas e tal! Parece que este santinho, que morava de fronte....

—Sim, bem me lembro, morava defronte, é verdade, acudiu confirmando o conego Dias.

—Pois é verdade! concluiu o Natario. E voltando-se para Amaro: Isto de santos, meu amiguinho, só na côrte do ceu.

—Amen! disse o Brito, rindo.

—Por isso, quando me vem para cá abarrotar com santidades, hum! Não pega. Eu finjo que sim, que acredito, é vicio meu, e tal.... Mas cá por dentro, olé, é tão santo como os outros.

O padre Amaro, encostado á comoda, fumava calado.

—Mas, lá isso, disse elle, a mim teem-me dito que o Silva é uma pessoa muito virtuosa....

—O senhor é um novato. Eu tambem fui assim quando sahi do seminario: era um menino Jesus, sempre rezas, sempre com os olhos no chão, e se passava por aqui uma saia, eu ia por acolá....

E interrompendo-se, accendendo o cigarro:

— Olhe, sempre lhe quero contar: Uma occasião, estava eu então em Alcobaça, n'uma das freguesias da villa Cham. Teria por ahi os meus vinte e quatro annos. Appareceu-me um dia em casa uma mulher dos seus trinta, bem apessoada, olho preto....

O padre Brito, approximando-se, escutava soffregamente. O conego Dias tinha-se estirado na cama.

—A mulher toma-me de parte, começa com uma historia, que o marido não fasia caso d'ella, que lhe batia, mas que ella tinha escrupulos, que era muito devota da Senhora da Conceição.... umas cousas! uma compaixão! E d'ahi começa a mulher a requebrar-se, e que desejava servir, para se ver livre do marido, e cada olho para mim, e a deitar uma capa de baetilha para traz, e a dar suspiros!.... Pois senhores, tão tolo que me levanto, e digo-lhe muito seccamente: «A senhora faz favor de se retirar!» E d'ahi, estive toda a noite em oração, e cada pancada no peito!.... Bem. Mas não me sahia aquillo do pensamento. Pégo em mim, vou-me ao prior da Sé, que era um homem dos seus cincoenta, e tambem cá como o nosso amigo Silva, um santo.... Aquillo era como uma donzella. Conto-lhe o caso, e a resposta que tinha dado. Ora querem vêr? o homem abraça-se a mim, que era eu a honra do clero, que estava dando a luz dos bons exemplos, que era o modelo dos padres.... o diabo! E d'ahi, desata a perguntar-me quem era a mulher, onde morava, que a havia de chamar, para a reprehender, e cousas e tal.... emfim, para encurtarmos rasões: sabem os senhores, a reprehensão que elle deu á mulher?... foi leval-a para casa, que era o escandalo da villa! Ora ahi tem!

—É assim, é! disse brutalmente o padre Brito.

—Olhe, meu rico senhor, disse o Natario, tirando uma grande fumaça do seu cigarro: eu era capaz de ser o que se chama um padre exemplar. Mas quando vi, que com todos os meus bons exemplos ia ficando n'uma freguesia de aldêa, e que os outros padres mais desabusados — este pelas devotas, aquelle por serviços eleitoraes, outro por fazer assignar representações,— iam subindo, subindo, e as boas freguesias, e as boas congruas... abri o olho! Nada! hoje, muita decencia, sim senhor... mas lá privar-me das minhas commodidades, isso não!

Amaro estava surprehendido.

—Bem, tudo isso será verdade. Mas tambem, diga-me cá: acha que um padre, tendo feito os seus votos, está bem com a sua consciencia, mettendo-se todas as noutes com o demonio, e indo depois no outro dia muito socegadamente dizer missa? É ou não um peccado mortal?

—Tem rasão, tem rasão, disse gravemente o conego Dias, estendido na cama, com a batina desabotoada e a sua grossa pessoa amplamente espapada: o senhor é que falla bem.

—Tem rasão, o quê! tem rasão, o quê, meu.... disse o Natario, exaltado. Olha, é melhor que te cales....

Amaro olhou pasmado para o conego. Mas o Natario, pondo-lhe a mão sobre o hombro, e n'um tom ironico, demorando as palavras:

—Ora diga-me cá: o senhor nunca lhe acontece — mesmo a rezar o breviario, mesmo dizendo missa — pensar em mulheres?

—Perdão, eu não disse isso, atalhou Amaro, querendo explicar-se, e um pouco córado.

—Máo! sim ou não? insistia o outro, rindo, com a bocca aberta.

—Pois a gente.... emfim.... não pode....

—Sim ou não, meu rico? dizia o Natario implacavel, accentuando e vibrando as palavras.

Amaro teve um pequeno silencio. Natario, então, encolhendo os hombros, e com uma bonhomia devassa:

—Está claro que tem pensado. Era tolice estar a dizer que não. Pois, que diabo! o senhor tem 27 annos, é novo, é homem, que diabo...

—Bem sei, dizia Amaro contrariado: mas mesmo sendo assim.... são cousas que vem contra a vontade da gente! são tentações, são... emfim, são cousas que não estão na nossa mão. Eu não tenho culpa. Mas o merecimento, aos olhos de Deus, de certo que está em resistir á tentação, em afogar esses máos pensamentos cá dentro.

Natario ergueu o *abat-jour* do candeeiro, fazendo bater a luz cruamente, em cheio, sobre o rosto pallido de Amaro.

—E o senhor já conseguio affogal-os de todo? disse elle friamente.

—Pois ahi é que está ser valente, gritou Amaro. É que eu hei-de afogal-os! Pois a gente ha-de deixar perder a sua alma, ahi, como um animal? Pois o merecimento aos olhos de Deus....

—E elle a voltar-me com o merecimento aos olhos de Deus! interrompeu o outro, encolhendo os hombros, e passeiando de mãos nos bolsos.

—E volto, sim senhor, e volto! E ia atraz do Natario, com grandes gestos, perseguindo-o com argumentos, citando textos, lembrando a theologia, os santos. — Pois então, se a gente dér o máo exemplo, diga, com que cara se ha-de ir para o confessionario a impôr penitencias? diga-me!

—Anda-me assim, Amaro, anda-me assim! dizia o conego.

O padre Brito, sentado aos pés da cama, e com a face bestialmente dilatada e curiosa, seguia a questão.

—Oh! creatura, gritou exasperado o Natario, você falla-me em

exemplo! Pois está visto que eu não vou pôr-me a passeiar por ahi, de braço dado com as mulheres...

—Mas sabem-se as cousas, sabem-se as cousas... ponderou com uma certa timidez o conego Dias.

O Natario coçava impacientemente a cabeça.

—Homem, nós estamos aqui sós, ninguem nos ouve—e foi fechar a porta interior da janella—sempre quero que os senhores me digam, já que fallam em confissão, sim, sempre quero que me digam—e bateu com a palma da mão nas costas de uma cadeira—se tomam a confissão a sério?

O padre Amaro teve um sobresalto:

—Se a tomo a serio? se tomo a confissão a serio? homem, essa!

—Mau! explicou o Natario: eu não digo que seja uma farçada a confissão. O que lhe pergunto é se, por exemplo, o senhor que acaba de almoçar, que comeu o seu pão torrado e tomou o seu café, que fumou o seu cigarro, que fez a sua barba, e depois se vae sentar ao confessionario, ás vezes com dores de cabeça, ás vezes com dores de barriga, se o senhor está persuadido, que pelo facto de ter ordens, está ali como se fosse Deus, com poderes de absolver?

Amaro estava extatico, em pé:

—Homem, essa! dizia elle.

O conego ergueu-se sobre um cotovello, e levantando o outro braço, disse comicamente: *Hereticus est!*

—*Hereticus est!* tambem eu digo, exclamou Amaro, sério.

O padre Brito coçava a cabeça, com a sua mão papuda:

—Sim, lá esse caso de confissão é forte de mais, dizia elle. Se a gente é padre...

Natario passeiando dizia:

—Isto são questões que nos levam muito longe... são cousas em que nem a gente deve fallar... e, pondo a mão no hombro de Amaro, disse, depois de um silencio esta palavra terrivel: Homem, o que eu lhe digo é: isto de mulheres é como o pão!

Houve um momento de silencio. Amaro, pallido, abotoava e desabotoava maquinalmente o peito da batina.

—E o diabo, é, disse elle surdamente.

—Ah! meu amigo, disse o Natario, como presentindo que as convicções de Amaro recuavam. Ah! meu amigo, eu que lh'o digo...—e depois de um silencio: Homem, aqui para nós, imagine você...

—Que horas são? interrompeu bocejando e espreguiçando-se o conego Dias.

—Deixa lá as horas, homem!... Ouça cá. Imagine, amigo Amaro, que quando nós sahirmos, o senhor começa a ler o seu breviario, e que de repente lhe abrem a porta do quarto, e o senhor vê uma rapariga bonita, mas bonita a valer,—eu sei? como cá a Ameliasita—que vem pé ante pé, e que lhe deita os braços ao pescoço... Que faz o senhor, heim? Olhe que isto é uma pergunta que se fazia lá no seminario, no meu tempo!

BIBLIOTECA NACIONAL

Amaro callou-se, mas todo o seu ser interior tremia. O quarto estava impregnado de fumo, o calor pesava, e sob aquella influencia mórbida, elle sentia um zumbido extranho, como um desfallecimento, um desejo, ardente e doce mas terrivel, de peccado e de beijos. Callava-se: mas tinha suor á raiz do cabello.

—Diga, homem! instava o Natario.

—Sabe o que lhe digo? deixemos-nos d'isto! exclamou elle com ar secco.

Natario foi despendurar a capa, para se ir embora, e pondo-se diante do padre Brito, batendo-lhe no hombro com ar galhofeiro:

—Ó Brito! e tu, dize lá: se te apparecesse uma rapariga boa, que fazias tu?

O padre Brito teve uma grande commoção por todo o seu ser, no nariz, na bocca, nos olhos, e disse com um riso idiota:

—Pechinchas d'essas não são para mim!

Os tres padres deram uma risada ruidosa. Sentiram-se então vozes na escada: Eram as sr.as Gançozos que desciam: a S. Joanneira e Amelia vinham acompanhal-as. A S. Joanneira veiu até á porta do quarto de Amaro:

—Eh! que fumaça! bem podem abrir a janella. Os senhores tem rido, fallado! Ah! Ah! Isto de homens, em se pilhando sós...

—Tem-se discutido as estopinhas, senhora D. Amelia, disse Natario approximando-se d'ella. E batendo-lhe no hombro: O que lhe digo, minha rica, é que tem aqui um parocho, que é uma raridade. Eh! Eh! E dando apertos de mão, foi descendo, apegando-se ao corrimão.

Amaro no entanto olhava para Amelia, rapidamente; com o castiçal na mão, o rosto d'ella apparecia na claridade, e de perfil elle via em relevo a curva voluptuosa do seu peito.

Quando voltou para o quarto, e viu o breviario, a longa capa de lustrina pendente do cabide, o barrete ecclesiastico em cima da comoda, sentou-se aos pés da cama, absorvido n'um grande monologo silencioso e intimo, esquecido, alheado, perdido, como um mergulhador, nas profundidades do seu temperamento e da sua consciencia. De repente ergueu-se, dando uma punhada no ar; e soltou uma grande praga. Mas logo persignou-se, e abriu o breviario.

Um dia, que jantára cedo, tinha ido passeiar pela estrada dos Marraes, ao ar fino e saudavel, e na volta, ao fim da tarde, encontrou ao entrar em casa a porta aberta: ao pé do capaxo, no patamar de pedra, estavam os chinellos da Russa, de ourelo, esfiados. Naturalmente tinha ido á fonte. A escada estava já escura, e havia em toda a casa um grande silencio crepuscular. Amelia tinha ido passar aquella tarde, com D. Maria da Assumpção, n'uma fazenda ao pé da Piedade. Amaro lembrou-se que talvez a S. Joanneira tivesse sahido tambem e veiu-lhe um receio: a porta estava aberta, podia alguem ter entrado, roubado as roupas, os vestidos! Amaro subiu á sala do jantar. Como as ruas estavam ainda molhadas da chuva da manhã, trazia galochas de borraxa: os seus passos

eram imperceptiveis. A porta do quarto da S. Joanneira estava aberta, e o reposteiro, de chita de ramagens, corrido. Amaro entre-abriu-o, mas deixou-o immediatamente cair, surprehendido, um pouco confuso, envergonhado. A S. Joanneira, em pé, um tanto curvada, com as mãos atraz das costas, enfiava pelas ilhós o atacador do collete. Ao pé da S. Joanneira, na intimidade do seu desalinho, um homem grosso, em mangas de camisa: era o conego Dias. Amaro desceu, comprimindo o ruido dos passos. Mas já na escada, ouviu:

—Quem anda ahi?

Calou-se, confrangeu-se, e quando se achou na rua, fechou brandamente a porta, e caminhou ao acaso, tomando para o lado da sé. O ceu começava a ennevoar-se, e um crepusculo triste, de aspecto chuvoso, descia. Amaro tinha uma certa confusão nas idéas. Via o conego n'aquelle quarto, sentado, gordo, na maior intimidade. Depois pensava na S. Joanneira, e lembrava as roscas gordas do seu pescoço, de uma pelle macia e molle, um pouco amarellada. Mas quem diria?! E pasmava. O conego fôra seu mestre de moral, diziam-no theologo e virtuoso, era respeitado pelo cabido, e todavia vivia n'aquelle escandalo occulto, na visinhança da sua sé!

E era um velho, liberto dos impetos do sangue novo, já na paz que lhe deveriam ter dado a idade e as dignidades ecclesiasticas. Accudia-lhe então á memoria tudo o que se contava, nas conversações do seminario, dos habitos do baixo clero. E o seu amor por Amelia apparecia-lhe menos excepcional, quasi legitimo. Como em todos os mais padres, actuavam n'elle as forças inilludiveis da naturesa: e elle seria como os outros, que sobem em dignidades, entram nos cabidos, regem os seminarios, dirigem as consciencias, envoltos em Deus como n'uma absolvição permanente e tendo no entanto, n'uma rua affastada, uma mulher pacata em casa de quem vão repousar das suas attitudes devotas, e da austeridade do officio, fumando cigarros de estanco, e beijando a plenos beiços uma face rechonchuda.

E sentia os seus escrupulos dissiparem-se. Aquellas duas mulheres de certo não eram impeccaveis. Recebiam hospedes, viviam na intimidade de homens. Amelia ia sosinha á egreja, ás veses ás compras. O seu temperamento parecia vivo e curioso. Talvez já tivesse tido um amante.

Classificava então, filiava certas recordações: um dia, em que lhe estivera mostrando na janella da cosinha um vaso de rainunculos, achavam-se sós, e ella estava corada, tinha ligeiros suspiros e mesmo um certo augmento de devoção. Vinham-lhe então esperanças infinitas, e caminhava depressa, sob o impulso da agitação interior: os pés chapinhavam as poças lamacentas: a noute cahira quasi, e no poente, entre nuvens rasgadas, uma claridade pállida e dura apparecia.

—Optimo! optimo! dizia Amaro.—E delineava uma vida satisfeita e gosada: seria o amante de Amelia, como o velho conego era o amante da mãe. Tudo se lhe representava: fumaria charutos e á noute entraria para o seu quarto a esperal-a: ella desceria depois da meia noute pé

ante pé, embrulhada n'um chale: a chuva cahiria e a lamparina faria uma claridade redonda no tecto, deixando tudo em redor n'uma penumbra amorosa.—Passeiou assim largo tempo.

Entrou em casa cheio d'estas ideas. Uma chuva fina começava a cahir. Amelia voltára e havia já luz.—Oh! como vem frio! disse-lhe ella, sentindo ao estender-lhe a mão, a humidade da nevoa chuvosa. Estava sentada á mesa costurando, com um chale-manta pelos hombros: João Eduardo, ao pé, jogava a bisca com a S. Joanneira, que estava com preguiça de trabalhar. Amelia ás vezes inclinava-se para elle, para lhe vêr o jogo. João Eduardo fallava-lhe baixo, indicando as cartas: ella ria, e os seus dentes brancos ponticulavam-se de luz. Sentia-se ferver a chaleira na cosinha.

—É o sr. a jogar, dizia a S. Joaneira a cada momento.

João Eduardo distrahia-se, esquecia-se de *comprar cartas:* ás vezes apparecia com duas ou tres de mais no fim. Baralhava-se o jogo, a S. Joaneira ralhava:

—Ai, menino! menino! exclamava ella: e riam sem saber porque.

Mas Amelia, serenamente, cosia com a cabeça baixa. Tinha um pequeno casabeque preto, com botões de vidro, que escondia os valores do seu busto. Tinha na expressão do seu rosto uma honestidade reflectida.

No entanto, o escrevente fallava d'uma casa que queria alugar. Discutiam minuciosamente arranjos domesticos. Amaro sentio-se enfastiado.

—Traz-me uma luz, gritou á Russa; e desceu para o seu quarto.

Olhou-se ao espelho: sentio-se feio, insignificante, ridiculo, com a sua cara rapada, o cabello curto, a volta hirta como uma coleira, e a coroa aberta, luzidía, hedionda. Comparou-se. O outro tinha um bigode, o seu cabello todo: era um homem! E desejando vagamente vingar-se, cheio de tedio, quasi de odio, começou a ler o breviario. Mas, de vez em quando, distrahia-se, cahia n'uma longa abstracção.—Era inutil, pensava elle. Para que havia de viver nas impaciencias da paixão, cheio de desejo d'aquella mulher, até ás profundidades do seu ser? Ella ia casar, estabelecer-se. O outro era um homem, um esposo, possuindo-se na liberdade da sua natureza: elle era um padre, um solitario, votado ao celibato. O outro podia dar-lhe a familia, o destino natural e legitimo, depois o conforto, a doce expansão da maternidade: elle só poderia dar-lhe os terrores do peccado, as sensibilidades criminosas. Ella sympathisava talvez com elle, apesar de padre... Mas, antes de tudo, acima de tudo, o que queria era casar-se. Nada mais natural: via-se pobre,. bonita, só: queria appoiar-se n'uma situação legitima, confortavel e duradoira,—Ah! se eu fosse rico, pensava Amaro, ahi um morgado, um negociante! Mas ecclesiastico, vivendo da magra congrua!—Devia esquecel-a, fugir d'essa casa.

Dias depois, o padre Amaro e o conego Dias tinham ído almoçar com o abade de C... Era um velho gordo, picado das bexigas, excellente cosinheiro. Todo o clero visinho conhecia a sua cabidella de caça. Fôra tambem o padre Narciso. Era um antigo missionario do Minho, mas ti-

nha herdado d'uma irmã e retirára-se a Leiria, onde vivia tranquillamente com duas sobrinhas, que elle chamava *as duas rozas do seu canteiro*. Era conhecido pela sua avareza, e vivia com uma creada velha, mulher macilenta e esgalgada, com umas saias curtas de baeta, que deixavam ver as canellas magras, escuras, rugosas, e o calcanhar gretado, batendo o pau dos tamancos. Nunca lhe déra um vestido, e não lhe pagava as soldadas. Quando iam sentar-se á meza, chegou o ultimo convidado: era o sr. Silverio Gorjão, official do Governo civil. Entrou rindo, com grandes gestos, dizendo que se demorára mais porque estivera fallando com os da commissão districtal, para livrar um recruta.

—Dão-me um porco pelo favor! disse elle impudentemente.

Todos riram, e a creada velha do abade começou a servir um capão recheado. O sr. Silverio, sentando-se ruidosamente, encheu um copo de vinho, deitando-o d'alto, e fallando dos escandalos do Governo civil. Era um truão: alto, magro, calvo, com um bigode grisalho queimado do cigarro, um paletot branco e um cache-nez escuro; o seu aspecto era debochado e sujo. Era intrigante, servil, corrupto, jogador: embebedava-se com genebra, batia na mulher e deixava-a em casa sem pão. No entanto era estimado dos padres, porque se confessava todos os mezes, exaltava o Papa, e nas festas de egreja, no coro, entre as rebecas, batendo pompomposamente o compasso, cantava com voz roufenha.

O almoço era abundante, e os convivas a cada momento exaltavam a habilidade do abade.

O excellente homem estava vermelho de gloria. Era um padre modesto, estupido, pontual: tinha a preocupação absorvente da cosinha. Lêra todos os *cosinheiros completos:* as suas receitas de guisados e de doces, escriptas em papel amarellado e antigo, enchiam as gavetas e andavam entre as folhas do breviario e dos Evangelhos.

Vivia para o alimento: engordava porcos, cuidava da creação de aves, ensacava superiormente o lombo. Muitas vezes cosinhava: acontecera-lhe despir o avental de chita riscada, com que estava ao pé do fogão, para ir levar os sacramentos a um moribundo. As suas conversações eram sempre sobre cosinha: no meio dos sermões, ao domingo, ensinava a maneira de preparar o bacalhau. Absolvia os maiores peccados se o penitente lhe mandava um casal de perús.

O padre Amaro admirava, sobretudo, a cabidella. Comiam gravemente. O senhor Silverio fallava, e os seus gracejos misturavam-se com o tilintar dos talheres, sobre a borda dos pratos. As janellas da sala davam para o quintal: o dia estava de um azul metallico e duro, de uma luz fria. As arvores desfolhadas destaçavam nitidamente. Sentia-se o arrotar dos perús, e ao longe lavadeiras batiam a roupa. Ouvia-se chiar uma nora.

Em torno da mesa, coberta de louça branca, na sala cheia de luz, aquellas figuras vestidas de preto destacavam com as voltas hirtas em redor do pescoço, as corôas abertas e bem rapadas, com uma meia-tinta azulada. Comiam serenamente, com uma satisfação sensual, esvasiando

os copos. Sobre uma commoda, coberta de livros velhos, um Christo de marfim com peanha dourada, torcia a ascetica magresa do seu corpo expirante, n'uma cruz envernisada. Imagens de martyres, de mysticos, de solitarios e de santos, em gravuras coloridas, pendiam da parede: um gato miava em redor da mesa. Á porta um pobre pedia, murmurando os seus *padre nossos*.

Então o abbade fallou da miseria que havia em Leiria. Um sexto da sua freguezia era de mendigos: os tributos pesavam. Mas o padre Narciso achava que os pobres abusavam: a maior parte eram ladrões, e as chagas fingidas:

— Um dia vi eu...

Mas antes de contar a anedocta, o sr. Silverio interrompeu-o, dizendo que para os pobres tinha elle uma bengala: fossem trabalhar! Mas que para as pobres—e accentuava;—sobre tudo quando não eram muito velhas...

— E mesmo velhas! accrescentava rindo e esgravatando os dentes com as unhas.

Então o abbade, censurou-lhe a devassidão dos costumes. Silverio triumphava: achavam-no terrivel para as mulheres, e elle gabava-se, contava historias libertinas, dizendo obscenidades. O padre Narciso engasgava-se de riso. Então, a proposito da mulher do regedor de C...— que era bem boa no dizer do conego Dias — fallaram das eleições. Todos ali, a não ser o padre Amaro, tinham trabalhado n'ellas. Tinham pedido votos, paramentados, na egreja, ou no adro, ao sair dos enterros, ou depois dos sermões. Sabiam como se ameaça, como se pede ás mulheres no confessionario, aos homens no relaxe da congrua, e como se invoca Jesus Christo na sagrada eucharistia, para nomear um deputado.

Mas o Silverio quiz então saber que historia era aquella de uma rapariga, que se dizia ter sido seduzida pelo Diabo, na freguesia do Norte. Até contavam que ella lhe sentira o pello da cauda, e mesmo ficára escaldada pelos beiços do tinhoso.

Mas todos riram: e o conego Dias ponderou «que essas cousas diziam-se porque era necessario fortalecer a religião.»

— Sem ella, seria tudo uma pouca vergonha! exclamou o Narciso, já rubro.

O creado trouxera entretanto o arroz doce, e todos, servindo-se abundantemente, concordaram «que a religião era um freio.»

No entanto animavam-se. Narciso citava latim. O abbade explicava ao conego a maneira de rechear o perú. Silverio, de pé, contava a Amaro como um dia esbofeteára, em pleno concelho de districto um secretario geral: fallava com grandes gestos, em quanto Amaro, recostado na cadeira, cheio de bem-estar, olhava machinalmente as arvores do quintal. Estavam contentes, na plenitude do estomago farto. Tinham desapertado os colletes e alargado as voltas: arrotavam. Erguiam-se discussões religiosas: fallavam de santos que tinham sido uns debochados, outros ladrões.

Discorriam de cousas politicas, queixavam-se do mal que eram pagos, e dos escandalos dos paços episcopaes...

Nenhum d'aquelles padres costumava embebedar-se. Mas a excitação das palavras, a expansão violenta que toma a natureza physica habituada a domar-se, quando a deixam dilatar-se livremente, a propensão idealista em que o padre está sempre pela tensão dos nervos que lhe dá o culto, as rezas, as confissões, a missa, tudo os levara a beber largamente, a excitarem-se. Pela volta da uma hora, só o padre Amaro estava na pacifica posse de si mesmo apezar de contente, ruidoso, cheio de palavras e desembaraçado.

Quizeram então ir ver uma fazenda do abbade, proxima, ao fim da aldeia. Pelo caminho de carros, estreito e pedregoso, cambaleavam um pouco, riam alto, paravam altercando.

Narciso reprehendeu um velho que conduzia um boi, por não se arredar. O velho, humilhado, tinha tirado o seu chapeu:

— Queira v. ex.ª perdoar, balbuciava elle. Viam-se os seus cabellos brancos. Era direito, de phisionomia tranquilla e honesta: era talvez avô, e com o seu cajado ao hombro, arredava-se para deixar passar no estreito caminho os srs. padres joviaes e excitados pelo vinho.

Mas Amaro não quiz acompanhar aquelles padres ebrios, e voltou só para Leiria.

(*Continúa*).

Eça de Queiroz.

EL GERMANISMO EN LA PENÍNSULA

IDEAS GENERALES

IV

Conviene á mi plan averiguar si despues de todo es completamente exacto el dicho de Mad. Stael, y si reconocida en parte la evidencia del fenómeno señalado, tiene explicacion cabal en razones que no han de contradecir los que se ocupan en estas cosas. Ya se reconoció que no siempre en Alemania fué una cosa el pensar y otra la obra. Pronto saltó el protestantismo de las cabezas á las manos, brillando las armas en Muhberg, tan luego como en Werins se separaron los doctores definitivamente. En concierto mostráronse entonces la teoría y la práctica, produciendo esta armonía una tenacísima contienda que no feneceria hasta que la paz de Westfalia dió la razon á los reformadores. Háse repetido el hecho luego siempre que fué necesario; y aun despues de conocida y divulgada la *Crítica de la Razon pura*, no es difícil señalar momentos y periodos en que los alemanes obran de acuerdo con las doctrinas, al parecer más radicales. No es del todo exacto en la relacion establecida, que en Alemania una cosa sea el pensar y otra el obrar. ¿Cuántas conmociones revolucionarias no registran los anales germánicos, cuántas tentativas turbulentas hasta que queda definitivamente asegurada la supremacía del protestantismo? En ninguna parte como en Alemania el puro pensamiento y la realizacion se armonizan en estrecha correlacion, siempre que prácticamente se reconoce la justicia, necesidad ó conveniencia de la concordia. ¿Puede darse testimonio más auténtico de este aserto que la revolucion intelectual y moral durante sesenta años, sostenida y fomentada por la Prusia para obtener la constitucion de la patria alemana? ¿Habrá de decirse que los cambios sociales, literarios, económicos, jurídicos y legislativos por este pensamiento suscitados, han impuesto menos sacrificios, han ocasionado ménos copiosos disturbios, han encontrado

más deleznables obstáculos que los que encubre la historia latina desde las postrimerías del siglo XVIII?

Dijo la razon que no habia motivo para que Alemania viviese en interno y perpétuo antagonismo con una parte de ella misma sujeta al predominio latino, con la otra creyendo siempre amenazada la civilizacion protestante, y lo que el pensamiento imaginó acudió á realizarlo la voluntad. Stein es el primer revolucionario de la Alemania moderna. Para los críticos latino-ultramontanos, cada una de sus medidas debe especular un error positivo hijo de la filosofía. Ante las insufribles pretensiones de Napoleon, empeñado en convertir á las naciones europeas en otros tantos departamentos franceses; ante la política personalísima del ambicioso corso, representacion viva del más alto y funesto grado de preponderancia latina, el ministro de Prusia acude al patriotismo y al sentimiento de libertad para distraer al coloso. El pensar y el hacer aparecen en concierto. Dirígese Stein á concluir con la odiosa dominacion napoleónica, el fin de la reconstitucion de la patria, pero no bajo ningun concepto arcáico, no contrariando los elementos característicos del genio nacional, no suprimiendo las inmunidades obtenidas, sino asociando al amor de la independencia el noble conato de las reformas, á fin de interesar en el debate á todas las clases.

No hacia Stein otra cosa sino inspirarse en los mismos principios que en el corazon de los más esclarecidos patriotas ibéricos habian vigorizado la resistencia á la dominacion extrangera: los españoles no se propusieron únicamente restaurar la patria y el trono, mas introducir en el organismo nacional cuantas reformas liberales pedia la dignidad de los ciudadanos y los consejos de la filosofía. En Alemania, como en Cádiz, el liberalismo revolucionario y el amor sagrado de la independencia, se alian estrechamente. Ni soy yo quien lo asegura, sostiénelo un escritor que ha de inspirar entera confianza á los más suspicaces. El movimiento de 1813, dice Teodoro Francoeur, procedia de los liberales, quienes llamaron á las armas á los alemanes en nombre de la independencia nacional, en cuanto á lo exterior, y de la libertad en lo interior. En su manifiesto del 17 de Marzo, añade, el rey Guillermo III dirigíase á su pueblo con el mismo lenguaje usado por la Convencion de 1792 cuando el extrangero invadió la Francia. Al invitarle á que imite los generosos sacrificios de los rusos y españoles, explícase en estos términos: «Decisiva es la lucha que vamos á sostener por nuestra independencia, nuestra libertad y nuestra existencia. Blücher gritaba á los sajones para apartarlos de la alianza francesa «Levantaos, unios á nosotros, enarbolad el estandarte de la insurreccion contra el extrangero, sed libres. «Con nosotros viene la aurora de un nuevo dia, la libertad de la prensa.» Wittgenstein, general aleman, al servicio de la Rusia, estimula á sus compatriotas con las mismas promesas: «Mal haya el aleman que no se levante.» El que no está con la libertad, estará contra ella. La Prusia se subleva como un solo hombre. Ni hay otra distincion que la del talento y el celo por la

sagrada causa. La libertad ó la muerte: hé aquí el grito de Federico Guillermo. «Sajones, alemanes, nuestros árboles genealógicos terminan con el año de 1812. La independencia de la Alemania será la única inspiracion de estas razas verdaderamente nobles.»[1] Stein, alma de esta agitacion, procura darle sólidas bases y el dia siguiente de la batalla de Jena, crea la Universidad de Berlin, que desde aquel dia será el más avanzado mantenedor de las ideas liberales y reformistas en todos conceptos, y centro donde ha de nutrirse una falange de profesores y estudiantes enemigos del espíritu que representa la cultura latina.

Y juntamente con esta medida, cuya transcéndencia no ha de ocultarse á quien medite un poco sobre el papel que en las cosas humanas corresponde á los hombres inteligentes, Stein quiere de una vez cambiar los fundamentos sobre que la organizacion social, política y militar descansa, aboliendo los abusos feudales, para unificar los intereses de la nobleza, la burguesía y el proletariado; democratizando el ejército, cuando establece el servicio militar obligatorio para todo hombre válido, cualquiera que sea su condicion; organizando la *Tugendbund* (confraternidad de la virtud) sociedad formada por los jóvenes más ilustrados con la mision de fomentar en toda la patria alemana aquellos valerosos sentimientos de libertad é independencia amortiguados desde el tríunfo de la Reforma. La defeccion de York, que figuraba en el gran ejército de Napoleon como general del contingente prusiano en la guerra contra la Rusia, fué en Alemania lo que el parte del alcalde de Móstoles en la Península. Produjo la declaracion de guerra á la Francia un entusiasmo indescriptible. De lo alto de la cátedra, en los templos, en las Universidades, en la tribuna, súbitamente levantada por el periodismo, se propagaba el mismo entusiasmo por la patria alemana; las mismas amenazas contra los débiles y los traidores, las mismas excitaciones al sacrificio, y millares de voces anunciaban la aurora del nuevo dia, la nueva era, *independencia*, *libertad*, *igualdad*.[2]

Fichte, en nombre de la filosofía, arrastraba á los menos entusiastas á la guerra, estableciendo por tal modo la santa y perpétua alianza predominante, ya en toda Alemania, de la ciencia, la libertad y el patriotismo.

Tambien al pueblo español se le habia excitado y enardecido con promesas de mejoras, reformas y libertades; tambien las Córtes gaditanas tuvieron su 4 de Agosto, sin las violencias del francés, por los medios que Stein empleara; tambien aquí el antiguo genio nacional que habia producido la magnífica epopeya de la reconquista, en nombre de la patria, la religion y las inmunidades municipales, pareció salir del marasmo en que extrangeras dinastías hubieron de hundirlo; sacudióse el yugo extrangero y se planteó la reforma, legalmente concertada por los legisladores de 1812; pero llegó 1814; abriéronse de nuevo las puertas

[1] Teodoro Francœur.
[2] Eugene Véron — *Histoire de la Prusse* páginas 238 y 239.

de la patria para la dinastía borbónica que en Bayona, y con la complicidad de las clases altas, habia abdicado á los piés del César afortunado, y el pago que recibió el país, el premio de tanta abnegacion, lealtad y patriotismo, fué la más infame persecucion de los patriotas y el entronizamiento de la más ciega, injustificada y peligrosa de las reacciones.

Cuantos deploran los que llaman excesos de nuestra revolucion, deben fijarse con imparcialidad en este acontecimiento. Será exhorbitante empeño sospechar que los males presentes derivan en mucho del presente error práctico cometido por la monarquía en 1814 y en 1823, contrariando sin necesidad ni oportunidad el crecimiento de las reformas, imposibilitándose así para dirigirlas y utilizarlas en propia ventaja. ¿No debe tambien atribuirse su parte de responsabilidad en la crísis que nos agita á la tendencia reaccionaria que en épocas anteriores apareció periódicamente en la vecindad del trono, haciendo á este incompatible con los partidos verdaderamente liberales? ¿Hay derecho para extrañar lo que entre nosotros ocurre, cuando aquí la mala fé política es artículo de dogma, cuando se ha elevado á sistema la práctica de las mentiras lícitas y de las *supercherías provechosas*, y cuando la apostasía constituye una enfermedad endémica, si merece algun crédito persona tan abonada como el ilustre Presidente de la Academia de la Historia?[1]

Tenia Prusia como España en 1814 un monarca á su cabeza; tambien allí habia tradiciones absolutistas; tambien allí existian retrógados enemigos de todo progreso; pero aquel soberano, una vez lanzados los extrangeros del suelo de la patria, tuvo la *veleidad* de cumplir sus promesas, otorgando las libertades ofrecidas.[2] Tan identificada se hallaba la Prusia con el movimiento liberal, que su plenipotenciario en el Congreso de Viena insistió vivamente sobre la necesidad de introducir reformas constitucionales en los Estados de la Confederacion, viéndose, no obstante, obligado á ceder ante el espíritu reaccionario que en aquel conciliábulo de retrógados dominaba.

Dado el carácter aleman, era difícil arrancar de cuajo la semilla que fructificaba en el corazon de las muchedumbres. Propagadas las nuevas ideas por las Sociedades patrióticas y las Universidades, cobraban por momentos mayor vuelo, apesar de las medidas que contra su desarrollo se adoptaron en Aix la Chapelle en 1818, en Carlsbad en 1819, y en Viena en 1820.

Constituida la Prusia en centro de propaganda liberal desde 1827, servíase de este elemento para seguir en su obra de desromanizar y deslatinizar la Alemania. Todos sus afanes dirigíanse hácia este objetivo, consiguiendo paulatinamente arrastrar en su movimiento á los diferentes Estados de la Confederacion germánica, hasta obtener que la tendencia ultramontana quedase reducida en su supremo consejo á dos votos, el

[1] El Sr. Fernandez ha dicho cosas muy graves sobre esto, juzgando la vida política de Gonzalez Brabo.

[2] Francœur.

Austria y la Baviera, y los católicos alemanes reducidos á no esperar que sus intereses fuesen tenidos en algo en la direccion de la política nacional [1].

Consecuencia de este sistema fueron las varias disposiciones de los poderes civiles, autorizando los matrimonios entre católicos y protestantes prohibidos por Roma; la secularizacion completa de la enseñanza, la sujecion de los seminarios á los reglamentos civiles, la obligacion de educar los hijos de un matrimonio mixto en la religion paterna, con otras disposiciones encaminadas tambien á crear una iglesia nacional, católica, independiente de todo punto de la romana. Protestaron al cabo los católicos alemanes contra esta política antilatina, saltando la rebeldía de la cabeza á las manos, si nó con la energía del siglo XVI, con la necesaria para mantener la agitacion pública durante seis años, desde 1834 á 1840. Durante este periodo, en todas las provincias católicas, las guarniciones no se ocupaban de otra cosa que no fuera de reprimir los motines religiosos, y la represion fué casi siempre y en todas partes sangrienta [2].

Y hay que notar una circunstancia principalísima, que por extremo conviene tener muy presente: al reprimir los poderes públicos las manifestaciones prácticas de los ultramontanos, haciéndolo en nombre de una doble idea revolucionaria, la unitaria y la libertad, aliándose la primera al sentimiento de ódio contra la Francia, á quien siempre se consideró como opuesta á la unidad definitiva de la patria alemana, y brazo armado con Austria en Roma, en la segunda se inclina la tradicional querella con las influencias romano-latinas, enemigas de las libertades que en Alemania habian prosperado al calor de la Reforma.

Así se alcanza por qué la revolucion parisien de 1830 pasó poco ménos que desapercibida para los alemanes; resolvió entonces el pensamiento la quietud y al precepto se atuvo la obra. La identificacion de la Prusia y de la Alemania, hábilmente tramada entre el protestantismo y el liberalismo en ódio mismo de la Iglesia y de la Francia, impidió que la revolucion de 1830 tuviese eco al otro lado del Rhin. Así lo dice una autoridad tan poco sospechosa como la que antes de ahora he citado; que no quiero en este caso aducir textos de escritores amigos de la revolucion y de la libertad, prefiriendo los que franca y decididamente las combaten. [3] No sucedió otro tanto en 1848. Entonces el pensamiento y la obra caminaron estrechamente unidos y las calles de Berlin, como las de Viena, Dresde, Munich y Hannover viéronse erizadas de barricadas y de revolucionarios.

El dicho de Mad. Stael aparecia desmentido: los flemáticos alemanes recurrian á las armas para realizar sus teorías. Pero ¿cuáles eran estas? ¿Qué habia en el fondo de este movimiento revolucionario? Por extremo conviene descubrirlo. La agitacion prusiano-unitario-liberal habia

[1] De Cazalis — *Revue des deux mondes*, 15 oct. 1840.
[2] E. Véron. *Hist. de la Prusse*, pág. 361.
[3] Teodoro Francœur.

dado sus frutos. Una vez triunfante, los príncipes de la Confederacion deberian perder sus coronas, desapareciendo el fraccionamiento, base efectiva de su imperio. Asociado el militarismo á la democracia universitaria, naturalmente los soberanos tenian que combatir el uno combatiendo la otra. Cuando los patriotas liberales reclamaban reformas en sentido constitucional, la libertad de la prensa, el derecho de asociacion y reunion, guiábales, no solo el amor de la libertad, mas la constitucion de la patria alemana, medio para llegar á aquella y á la vez su consecuencia.

Extremécense los tronos alemanes en 1848 ante los clamores y la actitud de los revolucionarios que querian fundarlos en uno solo, y durante cuatro años el pensar y el obrar anduvieron de acuerdo, imaginando el uno y ejecutando el otro, no cediendo hasta que la gravitacion general de las más recias tendencias mostró á los ménos perspicaces la aproximacion del tríunfo apetecido. Victoriosa la revolucion en las inteligencias comenzó á transformarse en hechos desde 1866, primero con la exclusion del Austria de la confederacion germánica, y luego la hegemonia de la Prusia. Cuatro años despues se consumaria por completo trayendo como inevitable consecuencia dos acontecimientos, cuya transcendencia no hemos todavía calculado; la destruccion del poder temporal del Vaticano, y la postracion de la Francia; cuya mision histórica, segun doctores competentes, consiste en hacer prevalecer en Europa los principios por aquel sustentados.

V

Si ante las novísimas pretensiones de la revolucion Alemania aparece más libre de los errores prácticos que ella misma engendra, habrá que atribuirlo, no solo á que la política más alta quita la ocasion de toda tentativa reformista por la violencia obtenida, cuanto porque en sus fines capitales ha tenido la habilidad suficiente para atraerse el consorcio de una mayoría que se impone á todo conato de rebelion en otro sentido. En un país donde el individuo lo es todo, donde el Estado no es feudal, ni absoluto, ni militar, ni centralizador, en el sentido latino de estas palabras, donde las opiniones se manifiestan con entera libertad y donde esas mismas opiniones hallan el respeto debido, no se concebirian los medios á que suele apelarse en los paises meridionales, donde el Estado, llámese cesarismo, ó monarquía constitucional y hasta república, lo es todo, conservando con la máscara hipócrita de la libertad y el justo medio los vicios capitales de las antiguas administraciones; ¿qué mucho que se recurra á caminos vedados cuando los legítimos se hallan impracticables? Qué extraño que Francia haya manchado su historia con ciertas escenas de desolacion, si el imperio durante veinte años habia trabajado en aumentar los combustibles para la hoguera? ¿Cómo ha de sorprender al crítico imparcial los episodios lúgubres de nuestra actual revolucion, si recuerda la conducta que han seguido en el poder los que á él subieron en alas de principios y promesas que luego olvidarían para proseguir la

obra disolvente de los partidos medios, reunidos en derredor del trono, cuyo desprestigio ellos mismos publicaron?

No se entienda que me figuro la Alemania como el mejor de los paraisos imaginables, ni á los paises latinos en el grado de ruina y lastimosa decadencia que con tanto celo nos pintan los afectos al antiguo régimen. Respecto á la postracion de Francia y España, Italia y Portugal, mucho hay que decir para que no se extravie el juicio público y caiga en las redes que se le tienden; y tocante á los pueblos germánicos, fácilmente se puede conocer la verdad con el más somero estudio de la historia moderna. Fruto es el individualismo germánico, tan viril á estas horas, no solo del respeto pagado á las tradiciones arias, pero tambien de los esfuerzos oportunos y bien dirigidos de políticos y soberanos. Hablando de Stein, el historiador, Hanser dice: que apreciaba la vida particular de las razas y de las naciones tanto como el nuevo cesarismo bonapartista los despreciaba y maltrataba. Mientras la política al uso, añadia, nivela y uniforma, Stein cultivaba con ardiente celo el aspecto individual y variado de la vida [1].

Refiriéndose al rey Guillermo III, Kant, adversario del despotismo y amigo de la revolucion francesa, no vacilaba en escribir este panegírico que muestra de qué modo el soberano procuraba levantar y robustecer el individualismo y el libre pensamiento. «Un príncipe que se cree obligado á no ordenar nada á los hombres en materia de religion, otorgándoles por el contrario, en cuanto á este órden de hechos, una completa libertad; un príncipe que desdeña hasta el título codiciado de príncipe tolerante, es realmente ilustrado y bien merece los elogios y la gratitud de sus contemporáneos y de la posteridad, como el primer soberano que ha secuestrado su pueblo de la miseria, á lo ménos en cuanto al gobierno atañe, y que ha otorgado á todos la libertad de servirse de su propria razon en cuanto mira á la conciencia.»

Pero si la afirmativa de Mad. de Stael no puede tomarse en absoluto como antecedente para una investigacion que conduciría á error inevitable, tambien es preciso indagar hasta qué punto es exacto y tiene valor en este debate tal hecho de vivir en paz los filosófos con los regimientos primarios. Nada tan obvio como desatar el enigma. Ni Fichte, ni Hegel, ni Krause tenian que ser perseguidos por los susodichos regimientos, porque precisamente en lo que aquellos se mostraban más radicales y atrevidos, la religion y la moral, caminaban de acuerdo con los segundos, en el concepto de reconocer estos á todo hombre el perfecto derecho á pensar y á emitir su pensamiento sobre aquellas materias y otras muchas, negando á la vez á los poderes públicos facultades para estorbarlo. Tan arraigadas se hallan estas convicciones en el corazon, no ya de los regimientos primarios, que de antiguo han militado en las filas liberales, pero de la mayoría de los soldados alemanes, que ántes que militares son ciudadanos, que así como en Muhlberg empuñaron las armas para defen-

[1] *Histoire d'Allemagne*, Citado por Hillebrand.

der la libertad de conciencia, de nuevo acudirían á ellas para defender la del pensamiento contra todos los posibles ejércitos latinos, si la voltaria fortuna no hubiera colocado á los últimos en la imposibilidad de contradecir la política alemana en cuanto resiste las pretensiones del ultramontanismo.

Perseguido fué Fichte, no por los regimientos prusianos, mas por el gran pagano Goethe, no ciertamente en razon á mofarse de toda doctrina religiosa, antes bien por otros pecadillos que conocemos por propia é ingénua confesion. Con ser el idealismo de Fichte más ateo, al decir de Haine, que el materialismo más grosero no podia alarmar al autor del «Fausto» y de las «Afinidades electivas;» lo que es incrédulo por excelencia, perseguia en el discípulo de Kant, era al demócrata, era la independencia de juicio y de crítica que en filosofía fomentaba [1].

Paréceme que las observaciones hasta ahora emitidas pueden llevar el raciocinio del lector, ajeno á todo perjuicio, por un camino distante de toda apreciacion equivocada. Dado el carácter de las instituciones alemanas, dado el particular temperamento moral de aquel pueblo, dado el sistema de concesiones, planteado por los gobiernos; no tienen razon de ser las rebeldías que en perpétua alarma y en perdurable guerra mantienen los pueblos latinos, especialmente á Francia y á España.

Para que estalle una revolucion, menester és que exista un profundo malestar social, que los gobiernos vivan de todo punto divorciados de la opinion, que una cosa sea el país contribuyente y tiranizado y otra el pais gobernante y que explota, y si todo esto no es siempre necesario para que se busque por la fuerza lo que no se obtuvo mediante la legalidad, al menos requiérense circunstancias y coincidencias que faltan de todo punto en Alemania. «Poned en peligro, dice respecto á un país cualquiera Hillebrand [2], la libertad religiosa, como en Inglaterra, imponedle la dominacion extrangera, como en Italia, ahogadlo bajo el peso de la bancarota y esponedlo al capricho de los privilegiados, como en la Francia de 1786, y si el virus no ha invadido el organismo todo, la revolucion estallará como una úlcera que liberta el cuerpo de los humores peligrosos.» Colocad, añado yo, á un pueblo en la situacion en que los errores prácticos de la monarquía y de los partidos conservadores colocaron al nuestro, y si luego os convenceis de que en la península ibérica se dá el caso de que una sociedad influida por los principios modernos se agite en moldes viejos y caducos por ventura, no resultará extemporáneo el engaño con que se intenta realizar principios y doctrinas, que si violentamente aplicadas os parecen nocivos y disolventes, quizá traidos á la práctica por otras manos, harian el órden donde reina el más hondo desconcierto.

Cómodo es, por lo menos, criticar los excesos revolucionarios; pero más patriótico sería haberse señalado entre los que con elevada in-

[1] V. la carta de Fichte á Reinhold sobre este asunto.
[2] Hillebrand. *La Prusse et l'Allemagne en 1860*, pág. 26.

tuicion de las necesidades públicas supieron acallar los gritos del amor proprio y transigir desde las esferas del mundo con los que en uso de un perfecto derecho pedian reformas y mejoras, no ciertamente enemigas de la conveniencia general, ni aun contrarias á lo mismo que con tanto ahinco se aparentaba defender. Que intente alguien cercenar la menor de las liberdades que forman la sustancia de la cultura tudesca; que fundándose en el abuso que allí pueda hacerse, y de hecho se hace de ciertos derechos, el de imprenta, por ejemplo, [1] haya quien imagine intervenirlos en perjuicio de los que en su ejercicio no se exceden; que se ocurra á un ministerio concluir con los principios de verdadera democracia que dominan en aquel país y con lo que en la esfera política caracteriza su empeño—el sufragio universal;—que se dicten, por último, medidas atentatorias de las inmunidades locales, en tan alto grado allí consideradas y estimadas; y es indudable que se producirá el mismo malestar que á nosotros nos aqueja, y tambien allí se harán ensayos violentos de doctrinas téoricas, que en último término justificarian, como aquí, la incapacidad, la miopía ó el funesto error de los gobernantes.

Paréceme evidente que el clima y la complexion fisiológica hacen que si en el Norte domina la reflexion, en el Mediodia se sobreponga el entusiasmo y la vehemencia. Ciego estaria si cuando he reconocido en la esfera de la crítica artística el vario influjo de la localidad, la filiacion genérica y la historia sobre las facultades estéticas, hubiera de negarlo ahora caprichosamente en la esfera de la política. Admitiéndolo, como es de razon, lo que conceptúo subalterno en este análisis es el influjo sucesivo que se atribuye al modo como Kant planteó el problema filosófico. Poco ha debido pensar en este concepto la filosofía de Kant sobre el temperamento germánico. Si Kant pretendió tras de arruinar téoricamente la idea teista, construirla luego bajo la relacion práctica, forzoso es confesar que no ha sido dichoso, que digamos, en su empeño. Concediendo que todo movimiento filosófico germánico procede con más ó ménos derecho, de esta fuente, hay que conceder que ese movimiento lleve irremisiblemente á la incredulidad y al escepticismo, al panteismo ó al ateismo, ya le estudiemos en Fichte y en Shelling, ora en Hegel, Krause, Schofenhaner y Feuenbach, Ruge ó Hartmann. Así lo entendió Balmes juzgando con harta severidad un mismo conato de Kant, ahora tan ensalzado. Prescindiendo de la «Razon práctica» para referir la verdadera importancia del criticismo ó la «raza pura» dice Balmes [1]. «Mi opinion sobre el enlace del moderno Panteismo con la crítica de la razon

[1] En ninguna parte ha llegado la sátira periodística al límite que hubo de llevarla durante cuatro años el periódico satírico *Kladderadatsch*, y los autores que hacian representar sus diatribas en el teatro *Wallner*. Cuando me fijo en lo que escriben los periódicos satíricos del mismo Austria, y depues recuerdo las persecuciones del «Padre Cobos» y del «Gil Blas» comprendo perfectamente por qué aquí ocasiona mortales vértigos lo que allí se infiltra en las costumbres y en las instituciones sin dolorosos estremecimientos.

[1] Balmes. *Filosofía fundamental*, ed. de Brussi, 1.°, 4.°, pág. 225.

pura, está confirmada por los mismos alemanes.» «De allí, de aquellas profundidades, — dice Mr. de Rosenderam, hablando de la crítica de la «Razon pura»—los resultados de la estética y de la lógica transcendental reciben para los grandes problemas de la teología, de la cosmología, de la moral y de la psicología, una importancia nueva, que no sospechan siquiera los sentidos groseros de la mayor parte de sus aficionados. Ellos no conocen nada del encadenamiento que une la *Teoría de la ciencia* de Fichte, el *sistema del idealismo*, Shelling la *fenomenología* y la *lógica* de Hegel, la *metafísica* de Herbart con la crítica de Kant. Puede decirse en particular que los ingleses y los franceses no entenderán nada en el desarrollo de la filosofía alemana, depues de Kant, hasta que habrán penetrado la *crítica de la razon pura*, porque *nosotros los alemanes dirigimos siempre allí nuestras miradas.*»

Pone remate Rosenkrantzd á esta concluyente declaracion demostrativa de que en la corriente de la filosofía alemana lo que ha predominado ha sido el trabajo opuesto á la *Crítica de la Razon pura*, afirmando que aquel es el gran centro de operaciones en Alemania, lo mismo para el ataque que para la defensa; y tan así lo comprendió Balmes, que no vacilo en escribir en su *filosofía fundamental* estas palabras:

«Solo me he propuesto manifestar las tradiciones funestas de las obras de Kant (no excluye ninguna) para prevenir á los incautos que, *juzgándole de oidas*, se inclinen á considerarle como el restaurador del espiritualismo y de la sana filosofía, cuando en realidad es el *fundador de las escuelas más disolventes* que nos ofrece la historia del espíritu humano, y aun seria uno de los escritores más peligrosos que existieron jamás, si la oscuridad de sus conceptos, aumentada todavía con la oscuridad de la expresion, no hiciese insoportable su lectura á la immensa mayoría, aun de los versados en los estudios filosóficos [1].

VI

Desde su particular punto de vista, Balmes estaba en su derecho intentando desprestigiar el criticismo, cuyos efectos presentia con clara intuicion; pero lo que de cierto no sospechó fué que en ulteriores tiempos, cuando debia gozarse de un mayor conocimiento del sistema, se atribuyese la relativa ventura del pueblo aleman, á la parte menos popular y autorizada de su sistema, á la que se ha recibido siempre con la ironía de la incredulidad, ó la indiferencia del desden, y las desgracias latinas al olvido de las saludables distinciones por Kant establecidas entre lo téorico y lo práctico. Indaguen otros la causa del cambio que los escritores de la escuela conservadora acusan por lo que á esta filosofía respecta, y sigamos en la indagacion comenzada.

Si, como hay derecho á creer, por errores prácticos del dia se quisiera significar en la esfera religiosa la incredulidad con todas sus con-

[1] Balmes. *Filosofía fundamental*, ibid.

secuencias cronológicas y teológicas; en la científica desde el realismo hasta el darvinismo y el determinismo, y en el político la democracia y los derechos individuales, no me parece muy llano el demostrar que los pueblos alemanes participan de ellos en menor escala que los latinos.

Trajo en pos de sí el desarollo de la filosofía Kantiana, la ruina de las creencias religiosas y de los principios morales en ellas asentados, y la mayoría de los críticos conviene en que lo dominante en Alemania es una indiferencia reflexiva, cuando no un acomodamiento con las formas externas de la fé que sostienen, mayormente las prescripciones legales y las costumbres. En cuanto á mí he de decir que el estudio imparcial de la cultura alemana, mostróme la tendencia á sacrificar toda lucubracion metafísica y puramente abstracta, en aras de un naturalismo ilustrado, directamente sostenido en todos los centros docentes bajo la fórmula de filosofía de lo real.

Noto lo proprio en la esfera de los costumbres; sucede mejorarse el cuadro, con trasladarse de París á Baden ó Berlin. Aun siendo difícil precisar el carácter moral de una nacion compuesta de tan distintos elementos, y reconociendo que las instituciones, el genio y hasta la geografía y el clima tienden á favorecer parciales direcciones del sentimiento, huyendo de fundarlos en un ideal absoluto, cuyas ventajas no se alcanzan, puede afirmarse que la inmoralidad germánica no cede á la que domina entre los latinos. No por ser más discreta, como asienta un crítico, la corrupcion entre los alemanes, es menor que entre nosotros; tal vez la prostitucion, las relaciones clandestinas y el concubinato con todas sus secuelas, sean menos generales en Alemania que en otros paises; pero lo que puede sostenerse es que donde la moralidad existe, sobrepuja á lo que los latinos acostumbran á ver en su propria casa [1].

[1] Aunque huyo de recargar el texto con citas, séame permitido reproducir algunas líneas del libro de Teodoro Francœur. Segun este piadoso autor, la accion disolvente de la herejía protestante, está contenida en Alemania por la accion de las tradiciones cristianas. Los periódicos más irreligiosos son los más populares y numerosos, y nada hay tan impio é inmoral como la burguesia grande y pequeña (nota 2.ª, pág. 63). La literatura clàsica está infiltrada de escepticismo é impiedad (nota 1.ª, pág. 64). Sus más celebres autores Goethe y Schiller, discípulos son de Voltaire, sembradores de dudas; y es irreligiosa en sus obras maestras (Ibid.) Segun la última estadística, su consejo evangélico puede calcularse en un dos por ciento de la poblacion berlinesa, el que concurre á los tiempos durante las fiestas dominicales (— n.° 2, pàg. 89) La Noche buena de 1872 se reunieron en el templo principal de Berlin menos fieles que luces; ascendian estas á 78; aquellos se componian de un solo hombre y 43 mugeres y niños (Ibid). La misma estadística afirma, segun Francœur, que todas las calles de Berlin, pero especialmente las mayores, están pobladas de meretrices, que pocas son las casas libres de ellas, que la tercera parte de los nacimientos son ilegítimos, y lo que es más grave, que las dos quintas partes de los matrimonios se celebran con esposas desfloradas! (No se olvide que traducimos literalmente á un autor piadoso, sobre el que declinamos toda la responsabilidad de esta lenguage inconveniente, y contra el cual podrian hacerse tantos argumeutos) tambien afirma Francœur, apoyándose en la susodicha estadística evangélica, que de cada ocho matrimonios, uno se divorcia, y que las dos terceras partes de los entierros se hacen sin

En cuanto á los errores científicos, grandemente se equivocaria quien pensara que su conocimiento está aquí tan extendido como en Alemania, ni quiero poner en duda que los hombres que entre nosotros siguen el movimiento aleman, saben que allí la democracia, en su concepto realmente filosófico, la igualdad en el derecho y en el deber, la capacidad política en todo ciudadano establecido, se afirma con tales medros, que sorprende á cuantos pensaron que no existia otra que la turbulenta, ficticia y deleznable de los latinos.

Lícito ha de ser, despues de lo dicho, atribuir á otras causas que no á la *Crítica de la razon práctica*, el espectáculo de una revolucion, propia revolucion y profunda es la que en Alemania se agita, acudiendo á las violencias solo en casos extremos y cuando los caminos pacíficos no consintieron su desarrollo. Cuando se estudia la historia de la moderna filosofía alemana, en sus varias direcciones y luego se sigue el crecimiento de la cultura, adviértese que el influjo de la metafísica, antes que positivo y directo, redújose á avivar la crítica de las doctrinas é instituciones de la tradicion, inclinando el ánimo al predominio del criticismo racionalista. De todas las lucubraciones metafísicas, lo que por lo pronto ha sacado en claro el genio positivista aleman, ha sido el distinguir prácticamente entre la imaginacion y la realidad. Y ha contribuido de por mitad á este resultado la direccion misma de los trabajos filosóficos y la no insignificante dificultad de entenderlos y apreciarlos.

Cuando Hegel afirmaba que de todos sus discípulos, uno solo le habia comprendido y este de una manera imperfecta, díjonos qué suerte de influencia habian de ejercer los filósofos de su estirpe en la direccion cuotidiana, inmediata y positiva de los sucesos reales, explicándose al par la tranquilidad en que hubieron de dejarles los poderes públicos. Aun no siendo esto así, es evidente que la filosofía alemana no se propuso nunca derribar las instituciones políticas dominantes. Tal vez se adhieran demasiado sus corifeos al partido de los que gobernaban.

Con ser Kant enemigo del despotismo, quemaba incienso en el altar de la monarquía. Fichte, democrata y todo, cambiaba de rumbo ante el dictado de las conveniencias. Shelling, radicalísimo en metafísica, sancionaba teórica y prácticamente los dislates del absolutismo gubernamental. Muller, su discípulo, queria organizar los pueblos cual si fueran rebaños de carneros. Goerres ensalzaba el oscurantismo de la edad media,

la presencia de sacerdote alguno. Añade Francœur, por su parte, que los últimos triunfos militares han acelerado el progreso de la desmoralizacion, sirviéndoles los despojos de la Francia para corromperse.

Como habrá quien no fie mucho en los juicios de este autor piadoso, bueno será citar unas líneas del manifiesto publicado en 1873 por la iglesia evangélica prusiana. En él se dice que los católicos alemanes se han dejado fanatizar y romanizar; que los protestantes—á lo ménos en la clase de funcionarios,—son indiferentes y no frecuentan iglesia alguna, y que la parte *más ilustrada de la poblacion*, se halla infestada del abyecto materialismo. Pudiera yo decir lo que se me ocurre decir sobre la tendencia científica; pero basta.

y Steffens la esclavitud eterna del proletariado, fundándose todos en las doctrinas asentadas por el filósofo de la naturaleza. Respecto á Hegel, mal haria quien supusiera que en vida gozó el concepto de revolucionario.

En cuanto á Krause, su armonismo no consentia transigir con todas las instituciones de la tradicion, y no será escasa la extrañeza de muchos cuando se sepa que su introduccion en España fué inspirada por el conato de oponer un contrapeso á la impiedad reconocida del hegelianismo. [1]

Lo que realmente arruinó la filosofía en Alemania, fué el dogmatismo escolástico, introducido y sublimado por la gente latina. En un principio, los filósofos dirigiéronse únicamente á las inteligencias inclinadas á la especulacion abstracta; pero luego tomaron cuerpo sus ideas en el corazon de las muchedumbres, minando por su base los antiguos y piadosos sentimientos. Empero, cuando esto acontecia, tanto habia crecido la cultura general, que el buen sentido práctico á su calor fomentado, habria evitado cualquier conflicto directamente emanado de las negaciones filosóficas.

Favorecidas las ciencias naturales y físico-matemáticas con la emancipacion de la razon — en mucho traida por la filosofía en su más alto concepto—concurrian directamente á que el criterio público distinguiera el valor dudoso y no siempre perceptible de la metafísica, del practico, inmediato y apreciable que las primeras entrañaban; dejóse á los filósofos destruir y organizar á su gusto lo absoluto y lo infinito, el espíritu y la materia, si bien hubo un momento en que preocupados gobiernos patriotas y liberales ante la mania del filosofismo metafísico entre la juventud propagado, hurtándola al estudio y conocimiento de los problemas prácticos, alzáronse en terrible cruzada contra los puros ideólogos consiguiendo aislarlos en su propia esfera, para cerrarles las puertas de todo debate, donde se dilucidaran los intereses del pueblo aleman, ora se le considere bajo la relacion de las ciencias naturales, ya en el concepto de la historia, la política, el arte ó la economia.

Fueron los filósofos quienes completando la obra de la reforma rompieron las ligaduras más sutiles que encadenaban el pensamiento. Kant en su línea hace lo que Robespierre en la suya, pero una vez destruido el obstáculo, los pensadores no se atienen á las puras teorías del maestro, sino que utilizando las armas por aquel fabricadas, se lanzan á una lucha sin tregua contra todo lo tradicional y antoritario, si ya no es que con maneras, distingos y componendas, quieren prolongar su eficacia, aun á trueque de merecer la nota de apóstatas y tornadizos con el menosprecio de los que antes les ensalzaban.

Es para mí indudable que la Alemania ha de producir aún muchos metafísicos que escribirán libros y celebrarán reuniones, pero lo que me atrevo á afirmar es que por hoy la metafísica no tiene asiento ni voto en ninguno de los congresos científicos ó artísticos que allí se organizan,

[1] Heine comparado á Pierre Leroux. Conste tambien que Krause cantó á Napoleon, creyéndolo promovedor de la monarquía.

pensándose que una cosa es el puro raciocinar sobre lo absoluto, lo trascendental, lo suprasensible ó lo desconocido, y otra la antropología, la lingüística, la zoología ó las artes plásticas.

Ni esto implica que el pensamiento aleman vaya por un lado y la actividad histórica por otro. No, el pensamiento, en cuanto tiene por objeto realidades positivas, no puramente de imaginacion, informa los actos de los individuos ó de las colectividades, por que en ninguna parte tanto como allí tiene ménos imperio lo arbitrario é irreflexivo. El aleman filosofa antes de obrar, en el concepto de que filosofía significa una racional investigacion de los motivos determinantes de la obra; pero lo que el aleman no suele hacer, porque á esto se opone la educacion que ha recibido, es dejarse influir como los latinos por la logodiarrea de nuestros habladores, en cualquier concepto, para acometer empresas insensatas, y en resúmen retardar la marcha del verdadero progreso social y político, que no tiene aquí de su parte como en Alemania la activa cooperacion del mas copioso número de hombres científicos, influyentes é ilustrados. Lo que en Alemania no acontece con frecuencia es que eminencias, individualidades, ejércitos y muchedumbres demuestren una versatilidad deplorable en sus sentimientos y simpatías, pasando del idolátrico respeto para con ciertos ídolos, al mayor grado de aborrecimiento é indiferencia, escarneciendo hoy lo que ayer se encumbró, sosteniendo durante años y años situaciones cimentadas en el progreso, la inmoralidad y el engaño, para sacrificarse por ellas, y luego deplorar las extremidades á que sus errores colectivos hubieron de conducirlos. La sociedad latina, como organismo político está corrupta hasta en su médula; esto es visible, pero hay que confesarlo, ella misma es la causa de sus males, por ella se han levantado los que embotaron las conciencias y pusieron una tupida catarata sobre la pupila de la razon.

Aun han de pasar muchos lustros antes de que éntre en su asiento; aun han de sacudirnos grandes sobresaltos y contratiempos; pero la sociedad latina llegará á edades más bonancibles, porque en medio de la turbacion presente, la revolucion de las ideas granjea cada dia nuevos y decididos prosélitos, y la idea es la que ha de concluir con nuestro abatimiento dándonos al cabo el imperio de nosotros mismos, la exaltacion del derecho y la virtud, y la impotencia de los malvados.

VII

Doy término á estas reflexiones generales con una observacion definitiva.

La comision del cuerpo de Estado Mayor del Ejército español, encargada por el director general del arma de traducir la «*Historia de la guerra germánico-francesa*» hablando de la situacion de Alemania, escribe: «Las causas de tan admirable engrandecimiento son dignas de grande y profunda meditacion, sin embargo, pocas y fáciles de definir, pudiendo dividirse en dos clases; las unas positivas, producidas por la fuerza na-

tural de concentracion que ha dado orígen á las modernas nacionalidades, y por la *Reforma religiosa*; las otras propias de la conducta y de las tendencias de los soberanos de Prusia.» ¿No habria derecho para ampliar el raciocinio y atribuir á las mismas causas el fenómemo que señalaba el digno presidente del Ateneo? ¿No habria á la vez razon para relacionar el predominio entre nosotros de ciertos errores, precisamente con el sistema seguido por cuantos contrariando de hecho la tendencia del siglo, arrojaban en el organismo social gérmenes deletéreos que en su dia estallarian en violentas represalias y exajeraciones?

No pecaré de arrogante contradiciendo á los que llevan la voz contraria en este debate. Védome á mí mismo el contestar segun que honradamente entiendo que podria hacerlo, y someto el problema al tribunal de la crítica más imparcial y juiciosa, de aquella crítica elevada, que sobreponiéndose á las conveniencias del momento, individuales ó colectivas, sostienen que existe algo superior á nuestros intereses egoistas y pasajeros, y son los eternos preceptos de la justicia y los fueros augustos de la verdad.

Francisco M. Tubino.

AS CRISES COMMERCIAES

Di Handelskrisis hat eine erschöpfende wissenschaftliche Behandlung selbst in den neuesten Systemen nicht erhalten, so viele graphische Beschreibungen einzelner Fälle und allgemeiner Symptome derselben vorhanden sind.

(Schäffle art. *Handel*, — *Deutsches Staats Wörterbuch* de Bluntschli e Brater, 1859.)

III

Não são privativas da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos as desventuras, cuja rapida narrativa ha pouco fizemos. Quem desejar proceder ao estudo de phenomenos d'essa ordem achará campo incomparavelmente mais vasto do que os tres referidos mercados. Tambem o seculo actual não é o unico tempo, em que se deram perturbações assaz sensiveis na esphera mercantil; em muito mais longo periodo se encontram vestigios claros de profundo soffrer, causado por ellas. A seu turno a materia da especulação ruinosa tem sido muito variada.

A historia contemporanea falla-nos de crises por causa do algodão, ou dos cereaes ou da immobilisação de grossos haveres em caminhos de ferro, ou de exagerados emprestimos a particulares e a governos de nações; mas a historia do seculo XVII informa-nos de uma crise que assim comprova a antiguidade d'esta dança social, e tambem nos ensina que pódem ser muito differentes entre si os elementos morbidos.

Era em 1634. Os hollandezes, aquelle povo cheio de coragem contra potestades tão temerosas como é o proprio mar, aquella nação cheia de bom senso, pacifica, e admiravelmente laboriosa, apaixonou-se por flores: não sabemos que phenomenos se passaram na alma do hollandez; estamos simplesmente habilitados para dizer que os factos d'aquella época se não podem explicar pela natureza fleugmatica, e pela tranquilidade de espirito e de nervos, a que alludiu Taine quando escreveu que na região neerlandeza a agua faz a herva, a qual faz o queijo, a manteiga,

e a carne, os quaes de companhia com a cerveja fazem o habitante. O certo é que os hollandezes adoraram as tulipas de todas as variedades, ainda que dando preferencia a algumas; e se n'esta religião de Flora houve eleitos beatificados sobre a terra pelo dinheiro, maior foi o numero dos condemnados. Um escriptor allemão, que estudou a litteratura economica da época, informa que este ramo de commercio foi exercido com todas as formalidades proprias do alto negocio da Bolsa; os bulbos vendiam-se a peso, e formavam-se contractos analogos aos que hoje se realisam nos grandes mercados de papeis de credito; ás vezes os floristas (que assim se chamavam os especuladores de tulipas) não encontravam as variedades que haviam de entregar em dia aprasado; forçoso era pagar a differença; e casos houve de tão grande prejuizo que até recorreram á venda de roupas e baixellas; gente de todas as classes se entregou desenfreadamente a este *jogo floral*, em que os espinhos eram mais do que as petalas. Varias hospedarias se transformaram em Bolsas: estabeleceram-se usos, e não faltaram escrivães e tabelliães privativos de numerosos contractos solemnissimamente celebrados. Cuidava-se que a pobreza desapparecêra, e que a felicidade pecuniaria podia em fim alcançar-se com pequeno esforço. Quem não teve sonhos assim na sua vida accidentada? E se os tem o individuo, por que não ha de tel-os um povo inteiro? Se é phenomeno de todos os dias avaliar-se em muito o que á rasão calma apparece destituido da menor importancia, como estranhar que os hollandezes chegassem a offerecer dois mil a tres mil florins por um só exemplar de tulipa, e n'uma cidade o commercio d'esta planta figurasse por dez milhões de florins? Houve quem ganhou sessenta mil em poucas semanas; o exemplo incitava; as transacções tomaram maior amplitude; tornaram-se internacionaes; a exportação avultou, e com ella augmentaram as probabilidades de crescentes ganhos. Mas em 1637 subitamente se transformaram as relações mercantis; um raio de luz do espirito dissipa as trevas do erro; conhece-se que a fantasia arrebatára os homens para longe, muito longe, do terreno da realidade; cada qual procura molestar-se na queda o menos possivel; os que ha pouco se comprimiam em competencia para comprar, atropellam-se agora em desespero, anceiando cada qual ser o primeiro a trocar por metal precioso o vegetal ingrato. Antes d'esta rude inversão do pensar commum, numerosos contractos deixaram de ser cumpridos; os tribunaes recusaram-se a receber acção contra os que faltaram ás promessas do jogo; muitos especuladores pretenderam oppôr diques de eloquencia ao impeto do panico; celebraram reuniões publicas, e lá ostentaram argumentos superabundantemente demonstrativos de que a tulipa valia mais do que nunca. Houve grande applauso como nos comicios eleitoraes da actualidade, quando se exaltam os dotes do candidato, cuja victoria é desejada vivamente pelos cidadãos presentes; mas o ardor da eloquencia não dilatou o valor dos infelizes bulbos, que se viram cada vez mais despresados.

A crise foi grande, e a memoria dos damnos então experimentados conservou-se por longos annos n'aquella terra, onde as tulipas ainda hoje

são tão bem tractadas em formosos jardins, mas não arruinam quem as presa.

A arte encarregou-se de transmittir tambem aos vindouros, na linguagem da gravura, a imagem do que então occorreu: uma associação de especuladores peza bulbos de tulipa, e firma contractos de venda a premio. No fundo, ao lado direito, Flora triumphante é levada por um individuo da especie asinina: gente do campo arregala os olhos e escancára a boca diante da riqueza que rapida cresce de um cesto de bulbos de tulipa colhidos de fresco. Ao lado esquerdo a figura do diabo tem em uma das garras a ampulheta, em quanto que outros personagens phantasticos e de lastimoso semblante deitam no lixo cestos e carros com tulipas. [1] Convertei os bulbos em acções de companhias imaginadas por algum Law, ponde em vez d'elles os assignados da França, ou o papel moeda americano do tempo de Washington, e tereis feito da mania das tulipas uma crise analoga a tantas de que escrevemos nos capitulos antecedentes.

Se, atravessando o tempo, encontramos esses factos a distancia de seculos, tambem, atravessando o espaço, acharíamos calamidades commerciaes em cidades muito inferiores a Londres, Paris, e New-York. Ha quasi trinta annos a capital d'este reino supportava as consequencias de abusos do credito; em 1846 o banco de Lisboa e a companhia Confiança Nacional dirijiam ao poder executivo longas representações supplicando-lhe auxilio nas apertadas circumstancias, a que os trouxera a especulação commercial e politica. É util recordar que em 1844 haviam sido fundadas tres sociedades, cujo fundo nominal parecia advinhar os arrojos da imaginativa financeira do periodo em que vivemos. Essas emprezas eram

Contracto do Tabaco (28 setembro de 1844), companhia obrigada a mutuar ao thesouro.....	4:000	contos
Companhia das Obras Publicas (20 dezembro).....	20:000	»
Companhia Confiança Nacional (26 setembro).....	8:000	»
	32:000	»

ainda que este capital se não realisou, as companhias formaram-se, e fizeram operações importantes. Dir-se-ia que a prosperidade geral se consolidava, e que nenhuma operação util deixaria de encontrar prompto e efficaz appoio. O relatorio da Confiança Nacional com data de 28 de janeiro de 1846, tinha a ingenuidade sufficiente para dizer assim: «O pensamento fundamental da direcção havia sido o de concorrer por todos os meios ao seu alcance para a reducção do preço do dinheiro. Entendia que só assim poderia desenvolver-se a industria, e augmentar-se a riqueza do paiz, consolidar-se o credito publico, haver segurança para os vossos capitaes, e augmentar o seu valor real. A direcção via o paiz caminhando prodigiosamente n'esta estrada; mas circumstancias que se não poderiam

[1] *Gründzuge der Nat.-Œkonomie* von Max Wirth : 1, Band, 3 auflage, pag. 107.

evitar, e outras que eram consequencias de erros commettidos, vieram oppôr uma barreira a este progresso.» As circumstancias alludidas eram a conversão da divida externa e um emprestimo de 427 contos de réis, e uma supposta crise monetaria no estrangeiro. Apezar de tudo isto, a companhia, — não sabemos se para fazer baixar a taxa do juro e auxiliar a industria, — distribuiu aos accionistas dez por cento do capital effectivo, e ficou ainda com 131:209$659 réis na conta de ganhos e perdas. Mas os prodigios do progresso de Portugal cederam o lugar á ruina das phantasmagorias do credito. Para se formar idéa do systema de administração da companhia Confiança Nacional basta dizer que o balancete de 26 de maio de 1846 mostra que o dinheiro em caixa e o saldo em poder dos agentes prefaziam 31 contos de réis, ao passo que só em promissorias devia 3:448 contos, dos quaes se venciam 1:966 até 27 de junho. Apesar d'isto, a representação pedindo soccorro ao governo declarava com emphase que pela simples inspecção do balancete se conhecia não só a solvabilidade da empreza, mas até o estado prospero em que se acharia se não foram as circumstancias do paiz. A companhia não se lembrava que ella mesma fazia parte d'essas circumstancias, e que portanto devia considerar os seus valores e as suas obrigações como porção do organismo social portuguez, atacado por terrivel doença. A seu turno o banco de Lisboa declarava ao governo em 22 de maio de 1846 que lhe era impossivel manter o pagamento das notas. A fim de tambem indicarmos o systema da gerencia d'elle diremos que segundo o balanço de 20 de novembro de 1846 tinha emprestado ao governo 4:365 contos, possuia 503 contos em acções da Confiança Nacional, e 138 da companhia das Lezirias, ao passo que o desconto de letras entrava só por 815 contos! Assim o banco apresentava todos os signaes de instituição politico-especuladora, em vez de ser instituição de credito commercial. Juntando a estes factos outros não menos impressivos como o estado politico da época e os avultadissimos emprestimos ao thesouro, conhece-se bem que o meio economico produzido por tanta insensatez era excellentemente apto para o nascimento de uma crise. E não se fez esperar muito. A serie de sinistros auxilios prestados pelo governo começou pelos decretos dictatorios de 29 de maio de 1846 permittindo suspender por tres mezes o pagamento das promissorias da Confiança Nacional, e dando curso forçado, no mesmo prazo ás notas do banco de Lisboa. Era a bancarrota dos dois mais poderosos estabelecimentos de credito, mascarada com aparato de providencia de salvação publica. Um semanario litterario d'aquelle anno affirmava que este decreto foi recebido sem panico pelo bom senso publico; mas no seguinte numero já noticiava que por causa da grave situação politica do paiz se achavam interrompidos os espectaculos na capital; reabriram-se passadas semanas; porém a concorrencia foi diminuta. A crise obrigava a grandes miserias; e no theatro entrava-se pagando.

Na caixa filial do Porto, a corrida dos portadores foi grande antes de posto em vigor aquelle decreto. O banco *Commercial* da mesma cidade soffreu os effeitos do panico; teve de pagar avultadas quantias; mas desde

que lhe foi permittido dar notas do de Lisboa em vez de dinheiro, a corrida cessou, porque os seus titulos de credito eram geralmente preferidos aos d'aquelle estabelecimento.

Aos actos governativos já referidos seguiram-se outros, cuja menção não importa immediatamente ao fim que nos propozemos; recordaremos só alguns factos que desenham a largos, mas firmes e caracteristicos traços, a desordem economica de 1846 a 1848: as notas do banco de Lisboa, de 1$800 réis, soffreram em 1846 um agio que variou de 392 a 2$027 réis; em 1847 a 1848 cada moeda n'esse papel valia cerca de 45 a 60 por cento do nominal. Do banco commercial do Porto circulavam 470 contos em notas no dia 27 de maio de 1846; e em 30 de dezembro do mesmo anno conservava em giro sómente 49 contos. A exportação de mercadorias desceu de 12:314 a 10:805 contos, desde 1843 até 1848, apesar da perturbação que certamente causou no meio circulante o curso forçado das notas. O estado das finanças era tal que dos juros da divida interna vencidos em 1847, já sujeitos a uma decima, foram capitalisados 25 por cento em fundos de 3 por cento. O funccionalismo recebia os ordenados com grande atrazo; e a agiotagem tornou-se o mais rendoso negocio [1].

Temos percorrido logares e tempos sufficientemente diversos para nos convencermos de que não é de um só povo nem de um unico seculo a doença que se denomina crise commercial. Havemos exposto avultado numero de factos. Resta saber quaes as doutrinas até agora apresentadas quer a respeito da origem e do desenvolvimento d'ella, quer dos meios preventivos e curativos.

Segundo J. B. Say os phenomenos commerciaes ligavam-se d'esta sorte: a illimitada faculdade de emittir notas accrescentava desmedidamente o meio circulante ao mesmo tempo que promovia exagerada expansão de muitas emprezas. O valor dos metaes preciosos diminuia onde a abundancia de moeda de todas as especies era enorme. O publico apercebia-se d'essa alteração de valor, e corria a trocar as notas: d'aqui dois funestos effeitos: descredito dos bancos mal preparados para reembolsar grossas sommas, e diminuição dos recursos que os negociantes esperavam achar permanentemente. Então é forçoso vender por todo o preço a fim

[1] Quaesquer que sejam os defeitos da actual organisação das finanças portuguezas, é ella muito melhor do que foi desde 1834 até 1851. De quasi todo este periodo poderiam dizer os possuidores de avultadas riquezas, formadas então, o que asseverou Morato Roma nas seguintes palavras: «Vendo, depois da revolução de 1836, lançar á rua amplas porções de ouro, que todos podiam com pequeno custo levantar, entendi que fôra loucura não acudir a essa colheita tanto quanto m'o permittissem os meus meios. Recorri a amigos. Com as sommas que me foram confiadas, quasi todas sem juro algum, e com o pouco já por mim possuido, fui a essa *loteria*, e só me resta a pena de não ter podido tomar mais *bilhetes*.» (*Opiniões do deputado Morato Roma sobre as finanças de Portugal*, 1841 1.ª Memoria pag. 3) As multiplicadas providencias sobre reorganisação de fazenda, ao mesmo tempo que manifestavam pouca sciencia nos estadistas, eram origem de pessima destribuição de riquezas.

de pagar letras no vencimento; e como o numero e a necessidade dos que vendem são muito maiores que o numero e a necessidade dos consumidores, as fallencias vem a ser o termo fatal de commettimentos loucamente arrojados. Emissão exagerada de notas, e emprezas sem bases solidas, mas favorecidas por ella, tal parece a J. B. Say a origem das crises.

O que narramos ácerca dos floristas hollandezes, assim como a apparição de crises em Hamburgo, onde não ha notas de banco, bastariam para provar que, pelo menos, a theoria de Say não explica todos os factos; alem de que, a estatistica prova que as variações da circulação de notas não são sufficientes para causar tão grandes desastres; a doutrina do grande economista francez obrigar-nos-ia porém, a maior analyse, se não houvessemos de apreciar n'outra occasião os effeitos da moeda fiduciaria em geral.

Wilson explicou a crise de 1825, uma das maiores que houve na Inglaterra, como febre de especulação que dominou o commercio attrahido vivamente pelas seductoras apparencias de varias operações mercantis. Coquelin escreveu a este respeito: não é possivel que a mesma excitação commercial se manifeste simultaneamente em tantas direcções, a não ter havido uma causa geral e commum; essa causa deveria ser indicada; e Wilson não a diz. Juglar attribuiu ao economista inglez o ter feito da explicação dos factos occorridos em 1825 uma theoria geral das crises; mas a historia da formação das doutrinas economicas, se fôr escrupulosa, não acceitará a opinião critica de Juglar. Wilson escrevia no *Economist*, sob a pressão de factos que mais tarde geraram panico; apesar d'isto, procurou expôr com minudencia as relações entre o capital fixo e o circulante, os perigos de começar ao mesmo tempo enormes emprezas, para as quaes não ha correspondente capital circulante, os resultados funestos da exportação demasiada de moeda e os transtornos, a desordem temerosa que o abuso do credito póde causar. Accrescentou ainda uma observação, que o citado critico não devia esquecer. Dizia elle: «Muitas vezes vemos, ora grande augmento nos valores retidos pelo banco de Inglaterra (o que é signal de ter feito muitos adiantamentos) sem expansão correspondente das notas em circulação; ora grande diminuição d'estes valores (o que indica terem-se difficultado muito taes adiantamentos), sem diminnição correspondente nas mesmas notas. O que, porém, veremos invariavelmente, é que quando tem lugar estes grandes adiantamentos, a que alludimos, são sempre acompanhados de diminuição no fundo metallico; e que quando elles se difficultam augmenta este, suppondo comtudo que nada affectasse a circulação.» [1]

É evidente que o conjuncto d'estas reflexões vale muito mais do

[1] Sobre este ponto da historia da formação da theoria das crises commerciaes (de parte da qual pretendemos dar aqui um esboço ainda que muito deficiente), vejam-se as seguintes obras: Wilson — *Capital, circulação e bancos*, tr. de Oliveira e Castro, pag. 235.—C. Juglar — Dict. de la Pol., de Block, art. — *Crises Comm.*, Coquelin — *Dict. de l'Econ. Polit.* id.

que a simples indicação attribuída a Wilson; elle contribuiu para esclarecer a phenomenologia das crises, e chamar a attenção dos especialistas não só para as proporções entre as forças existentes e os trabalhos a emprehender, mas tambem para o exame dos balancetes do banco de Inglaterra.

Em maio de 1860 a Academia franceza das sciencias moraes e politicas, pôz a concurso o estudo das causas e dos effeitos das crises commerciaes na Europa e na America do norte durante o seculo decimo nono. Foi premiada a memoria do doutor Clement Juglar; e Wolowski traçou um relatorio em que dava o auctor d'ella como observador exacto, que se acautelava de conclusões demasiadamente absolutas, e era tão previdente que não inculcava especificos extraordinarios. Esse trabalho foi publicado em 1862. Contém muitos dados estatisticos ácerca de operações bancarias, assim na França e na Inglaterra, como nos Estados Unidos; occupa-se pouco da Allemanha por falta de esclarecimentos sufficientes; e das outras nações não dá noticia alguma. Termina, indicando o movimento commercial, o da população, e o dos preços de varios generos, antes e depois das crises, assim como ao tempo d'ellas. Não se procure no livro leitura agradavel, nem ainda exposição clara; não se busque n'elle a historia completa das crises; seria tempo baldado; fatiga atravessar paginas e paginas, sem que se encontre mais do que secas cifras, difficeis de analysar, e desacompanhadas de esclarecimentos bastantes para se conhecer, tanto quanto possivel, o estado da sociedade ao desenrolarem-se os phenomenos que emfim vem a tomar a fórma de crise; dir-se-ia que para o economista não ha quasi nada que observar fóra dos balancetes dos bancos, da taxa do desconto, e da entrada e sahida de mercadorias. Bem sabemos que tambem allude a acontecimentos politicos, de que resultaram grandes transformações sociaes; mas passa diante d'elles com menor respeito, do que em face da circulação de notas, ou dos depositos á vista. Só nas ultimas paginas soube rasgar mais largos horisontes. Não se conclua, porém, que a obra tem pouco merecimento: pelo contrario, deparam-se-nos ahi preciosas informações, que, apesar de serem restrictas a estreito campo, não deixam de ter a vantagem de o tornar melhor conhecido do que estava até então. Juglar attentou principalmente no desconto, na reserva metallica, nas notas e nos depositos dos bancos; e em verdade, sendo os estabelecimentos de credito outros tantos centros a que vem dar, directa ou indirectamente, milhares e milhares de transacções; e sendo conhecidos os balancetes dos mais notaveis entre elles, foi de bom aviso ir procurar ahi signaes caracteristicos da formação das crises; o movimento mercantil havia de passar em grande parte por ali, deixando vestigios, assim da velocidade excessiva ou do rapido crescer do seu nivel, como do subito baixar, e da violenta estagnação. Antes, porém, de entrar n'essa analyse, o auctor diz-nos que os symptomas predecessores de crise são os signaes de grande prosperidade, taes como «as emprezas e as especulações de todo o genero; a alta dos preços de todos os productos, da terra e das casas; a procura de operarios, a alta de salarios,

a baixa do juro, e a credulidade do publico, o qual, á vista do primeiro resultado favoravel, de nada duvida; o amor do jogo em presença de uma alta continua apodera-se das imaginações com o desejo da acquisição da riquesa em pouco tempo como n'uma loteria. Luxo crescente obriga a despezas excessivas, baseadas não no rendimento, mas na estimação nominal do capital segundo as cotações.» Dão-se estes phenomenos, e produzem crises onde o commercio está muito desenvolvido.

Depois de haver indicado assim as causas, o auctor ensina-nos que no meio da variedade d'ellas ha factos tão regulares e tão constantes, que parecem revelar-nos a existencia de uma nova lei: esses factos consistem no desenvolvimento exagerado dos descontos a par da diminuição da reserva metallica dos bancos, assim como na diminuição dos descontos a par da abundancia da reserva. É então que Juglar principia a apresentar grande copia de phenomenos que baseam solidamente aquella inducção; como teve de fazer reiterado exame de documentos que abrangiam uma época relativamente longa, 1800-1859, foi impressionado vivamente pela repetição de periodos analogos de progresso e de decadencia mercantil; ainda mais: as extremidades d'estes periodos tinham quasi sempre a mesma data nas praças mais importantes do mundo; as differenças do tempo eram pequenissimas; d'onde parecia concluir-se que as crises eram doença de caracter periodico, soffrida por toda aquella parte do mundo mercantil onde o commercio estava mais desenvolvido. A circulação das notas, accusada tantas vezes de produzir os maiores estragos, ser o principal incentivo dos abusos de credito, e suscitar panicos horrorosos, apresentava-se com documentos estatisticos sobejos para provar que, a ser cumplice nos damnos causados á sociedade, não merecia as vehementes condemnações proferidas contra ella; a importancia d'essa moeda fiduciaria varia dentro de limites muito menores do que os descontos e a reserva metallica. Os factos occorridos nos dois principaes bancos da Europa, o da França e o da Inglaterra, mostram tambem que o maximo da circulação se dá nos annos anteriores ás crises, em logar de coincidir com ellas. Os depositos e as contas correntes, pelo contrario variam consideravelmente.

Apoz a crise, isto é, depois de liquidados os negocios que não tinham fundamento solido, o commercio ainda por muito tempo se resente da doença que o affligiu; fica por assim dizer, tão timido como antes era grande a sua audacia: receia todas as emprezas; cuida que facilmente se repetirão as scenas em que perdeu a melhor das suas esperanças; precata-se até ao excesso; os mais rasoaveis planos, os prospectos de mais garantidos proventos, parecem-lhe desprezivel producto de visionarios, ou criminosa tentativa de especuladores, que em vez de praticarem abertamente a rapina, procuram enganar o publico. Então o capital quasi que ama o repouso, porque odeia quasi todo o movimento, contenta-se com pequenissimas vantagens, porque a experiencia lhe ensinou por alto preço que ás vezes os grandes lucros se transformam com presteza em avultados prejuizos. Um dia porém algum homem do negocio ou da in-

dustria, cançado de tanto descançar, ou conhecendo que é infundado o medo, pois que a tempestade passou, e é tempo de voltar ao labor energico e progressivo, consegue bons resultados de uma empreza nova; a seu turno os antigos ramos de trabalho readquirem vigor: é chegada a hora de encarar o mundo a outra luz; os phenomenos sociaes apparecem completamente diversos do que ha pouco se figuraram ao espirito publico: desembaraçado paulatinamente do pesadello cruel que o opprimia, o animo emprehendedor agita-se em novas esperanças, até que passa áquelle grau de enthusiasmo em que a paixão fatalmente leva aos mais deploraveis resultados. E d'esta sorte vão succedendo as crises aos periodos de prosperidade, como á vegetação opulenta da primavera e do estio succede a estação em que as folhas cáem secas e mirradas, ou os ventos que preludiam o inverno as arrancam semimortas ás arvores que a geada entorpecêra.

Se quizermos resumir a principal parte do livro de Clement Juglar, diremos que segundo elle, os phenomenos mais importantes que se revelam ao exame dos balancetes dos bancos, são os que estabelecem intima ligação entre a reserva metallica e os descontos: a diminuição d'aquella e o augmento d'estes precedem sempre as crises; da mesma maneira que a estes succedem movimentos inversos. O auctor accrescenta com recommendavel moderação que sendo muito breve o periodo em que fez observações, não ousa dar o caracter de lei á relação entre aquelles factos, mas apezar de tal brevidade, julga-se auctorisado a considerar periodica a apparição das crises.

Como vemos, Wilson havia já descoberto aquellas relações entre a reserva metallica, e os descontos. O merecimento de Juglar consiste em haver generalisado a observação, insistir em certos factos, e ministrar aos especialistas muitos documentos preciosos. Será mais original essa obra quando considera periodicas as crises? Ainda nenhum publicista havia apresentado esta idéa? A leitura de uma pagina de Stuart Mill por exemplo bastaria para mostrar que tal hypothese não é completamente do escriptor francez; e antes de chegarmos a esse logar, vejamos como tão abalisado economista da Grã Bretanha expôz a formação das crises.

A esperança do lucro leva os negociantes a empenhar todo o credito, além dos haveres proprios, na compra de mercadorias; acredita-se que subirão de preço; e esta opinião basta muitas vezes para que as revendas se façam por grandes quantidades; ultrapassa-se todo o limite rasoavel, até que se chega a perceber o erro commettido; resultam d'aqui perdas, cuja totalidade é sufficiente para constituir crise. Stuart Mill pensa que estes factos poderiam ter logar n'uma sociedade em que o credito fosse desconhecido; mas que não chegaria a desenvolver-se até ao ponto em que os vemos no presente seculo. Os preços descem com a crise ainda mais do que haviam subido antes d'ella; «porque assim como no tempo em que os preços se elevavam e toda a gente ganhava era facil obter credito quasi illimitado, tambem quando todos parecem perder e as fallencias se dão ás casas de bem conhecida solvabilidade, é difficil o obter o credito

habitual, que lhes é preciso. A isto vem juntar-se um panico tão pouco rasoavel como o excesso de confiança que o havia precedido.» Mais tarde Stuart Mill, occupando-se da tendencia que tem o lucro para descer até um certo minimo, considera as causas que operam em sentido contrario: e uma d'ellas consiste nas crises commerciaes; empregam-se mal sommas quantiosas; as despezas particulares crescem no tempo de prosperidade; principiam-se emprezas incompativeis com os capitaes existentes; o mercado parece remunerar bem todos os esforços; mais tarde, tudo a transforma: fecham-se estabelecimentos; os salarios descem; as economias apenas podem reparar os damnos soffridos. Ora como os lucros têem tendencia a baixar até ao minimo, os capitaes accumulados durante alguns annos procuram esquivar-se a essa tendencia; não querem pequena taxa de desconto, nem papeis de credito por cotações altas; preferem ir com projectos mal baseados que promettem grandes lucros; depois acontece o que já temos dito. Stuart Mill accrescenta: É justamente a tendencia dos lucros, —a qual nós estudamos agora,— *que torna periodicas estas revulsões commerciaes.*» [1]

N'um recommendavel manual de economia politica, escripto pelo americano E. Peshine Smith, já em 1854 vertido para francez, mas que julgâmos pouco conhecido, apesar do que a respeito d'elle disse Carey, encontrâmos tambem claramente expresso pensamento analogo. O auctor considera os effeitos da alta do preço, taes como a grande affluencia de mercadorias, a subsequente necessidade de exportar moeda (porque essa mesma alta obsta ás vendas no estrangeiro), o recurso aos bancos para obter dinheiro e a necessidade de vender com prejuizo; depois accrescenta: «A baixa dos preços, por occasião de um panico, tende evidentemente a restringir a importação e torna relativamente vantajosa a exportação de mercadorias, que, na época da alta, ficavam no paiz. Cessa a procura de especies, e a corrente d'ellas principia a refluir. Os banqueiros recomeçam prudentemente o desconto de lettras porque já não têem a receiar a exigencia de valores metallicos. Sóbem os preços; e, em proporção da alta, os negociantes sentem-se dispostos a comprar. Chega ao seu termo a estagnação que suspendera o giro das mercadorias, e as trocas retomam seu curso. Transformam-se, emfim, todas as causas da reducção do preço, *e começa uma serie de operações a qual com o tempo deve conduzir a outra crise*» [2].

Assim, não só a periodicidade era admittida e sustentada muito antes de Juglar a mencionar, mas tambem Stuart Mill dava como causa d'ella a tendencia dos lucros para um minimo, e P. Smith considerava-a como consequencia das alternativas dos preços. Poderiamos ainda citar um livro tão conhecido como o diccionario de Coquelin, que no respectivo

[1] Stuart Mill. Principes d'E'con. Polit. — Tr. de Dussard e Courcelle Seneuil — Paris — II vol. pag. 107 e 338.

[2] *Manual d'Ec. Polit.* par E. P. Smith, tr. de Baquet. Paris, 1854, pag. 311 e 312.

artigo tres vezes, pelo menos, considera periodicas as crises commerciaes, e as attribue aos privilegios bancarios. Juglar, pelo contrario, não se remonta além das relações entre a reserva metallica e os descontos; e comtudo foi elle um dos que estranharam que Wilson não dissesse donde procedia a febre de especulação que de longe em longe se notava no commercio.

Agora que fallamos de Coquelin digamos por menor qual a sua opinião ácerca das crises; julgava que a origem d'ellas consistia nos privilegios bancarios: o estabelecimento de credito dotado com a faculdade exclusiva de emittir notas, obtinha grandes recursos por este meio; ninguem podia competir com elle; os descontadores particulares eram como que expulsos do mercado; não podiam sequer aproveitar os depositos que outr'ora lhes eram confiados, passando depois ao commercio e á industria pelo desconto de letras; que haviam de fazer os que economisavam capitaes senão guardal-os até que se lhes offerecesse opportunidade de empregal-os, ou pôl-os em deposito no banco privilegiado? Resultava d'aqui, por um lado, extremo desejo de lucro dos depositantes, e, por outro, emprego dos capitaes confiados ao banco; é evidente que a este convinha applical-os, afim de auferir vantagens das sommas recebidas; mas se um dia algum aventureiro se apresentava com deslumbrantes projectos, eis que os capitalistas o escutavam attentos e cubiçosos, subscrevendo promptamente as sommas que lhes eram pedidas; recorriam, portanto, ao banco privilegiado, e retiravam os depositos; a multiplicidade de novas emprezas fazia diminuir consideravelmente as verbas depositadas; e o banco precisava, portanto, de conceder menor credito aos seus clientes; d'aqui resultavam grandes males a estes ultimos, por isso que se viam privados do habitual auxilio; junte-se a isto o enthusiasmo de subscrever para novas emprezas, enthusiasmo natural em quem desde muito anceiava collocar assaz productivamente o capital, e ter-se-ha idéa de uma situação em que os recursos são em desharmonia com as necessidades do commercio e da industria. Coquelin entendia que se o negocio bancario corresse com regularidade, e por modo que as economias paulatinamente accumuladas obtivessem immediato ou prompto emprego, não haveria excesso de accumulação seguida fatalmente por excesso de especulação. Os depositos não cresceriam em demasia para depois diminuirem em demasia tambem.

O talentoso economista francez, se reflectisse na sua theoria das crises bem depressa veria que ella continha um erro fundamental; se os bancos privilegiados haviam empregado todos os depositos ou a maior parte d'elles, o commercio não permanecia na especie de estagnação a que alludiu Coquelin; se, pelo contrario, não applicavam as sommas que lhes haviam sido confiadas, tel-as-hiam promptas a serem restituidas, e a clientella habitual d'ellas não soffreria com a entrega. Demais, as crises haviam affligido a França, a Inglaterra, Hamburgo e os Estados Unidos, isto é as terras da liberdade bancaria assim como as do monopolio; ainda quando se provasse que o privilegio contribuira para as crises, não se

poderia demonstrar que era elle a unica origem d'ellas. Se a má organisação dos estabelecimentos deve concorrer para os prejuizos do commercio, não está comtudo provado que resida ahi a causa das revoluções economicas de que nos estamos occupando. Se os depositos empregados sem circumspecção produziram abalos profundos em 1857, nos Estados-Unidos, e em 1864 no Rio de Janeiro, grave erro commetteria quem lhes attribuisse todas as crises do seculo decimo nono.

Voltando ao livro de Juglar, e deixando para mais tarde occupar-nos novamente dos depositos, vejâmos a ultima parte d'essa obra: o laureado do Instituto indica ahi as intimas relações entre o movimento da população, os preços dos cereaes, e os grandes desastres mercantis; a carestia do alimento mais indispensavel precedeu sempre ou quasi sempre as crises que n'este seculo devastaram as principaes praças da Europa e da America; a estatistica franceza mostra que em seguida a ellas é menor o numero dos casamentos, e maior o dos obitos; baixam os rendimentos do Estado; é muito inferior o numero e a importancia de venda de immoveis; e o consummo dos generos mais geralmente empregados, tambem no seu decrescimento annuncia que a vida é mais difficil; que a expansão das forças humanas encontra novos obstaculos; e que o grande todo social está sujeito ás leis que a vontade individual não póde abolir. O grão que germina traz preso ás suas evoluções vegetaes o destino da humanidade. Se nos livros dos fabulistas a abelha poude salvar a ave que ia ser morta pelo caçador, nas obras ainda as mais vulgares da natureza pequenas differenças de calor ou de humidade transtornam os planos dos maiores sabios.

Ha meios de evitar as crises? Ou reappareceram e reapparecerão fatalmente como os eclipses, ou as estações? Segundo Juglar, parece que seria baldada tentativa fazer leis para as prevenir, ou tomar precauções para as desviar. «As crises, como as doenças, diz elle, parecem uma das condições da existencia das sociedades em que a industria e o commercio dominam. É possivel prevel-as, preservar-se d'ellas até certo ponto, abrandal-as, facilitar a renovação das transacções; porém, até agora ainda a ninguem foi dado supprimil-as, apesar de tão variadas combinações; mas a evolução natural d'ellas restabelece o equilibrio, e prepara um solo firme sobre o qual nos podemos apoiar sem receio para percorrer novo periodo.» Se as más colheitas, ou outros phenomenos analogos, podem apressar a apparição da crise, não são, porém, necessarias para que se manifeste; será mais ou menos grave, segundo forças accessorias, que modifiquem a marcha dos acontecimentos; porém, a organisação commercial é bastante para dentro d'ella se gerarem essas crueis doenças. Succede até que o seguinte periodo de prosperidade é tanto maior, quanto mais profunda foi a depressão. Ha sempre um estado anterior, uma predisposição, na ausencia da qual as causas geralmente consideradas mais vigorosas não produzem crise, da mesma sorte que o frio, por exemplo, origina resultados muito diversos conforme o organismo sobre que opera. Esse estado anterior, esse conjuncto de circumstancias observado antes

de todas as crises, é a coincidencia da diminuição da reserva metallica, até ao minimo, com o progresso dos descontos até ao maximo; por isso a observação dos balancetes dos bancos dará uteis indicações ácerca da proximidade de uma crise, isto é, da existencia de phenomenos que tantas vezes produziram pavorosos sinistros. Esse estado anterior não se evita recorrendo á liberdade de emissão ou restringindo-a, nem facilitando a organisação dos bancos, ou obrigando a guardar fortes reservas metallicas, ou prohibindo a exportação do numerario quando o publico o procura com anciedade. De um ou de outro modo, as fallencias terão lugar, e as praças que mais seguras se considerarem não estarão ao abrigo do cyclone que ha de abater grande numero dos mais notaveis edificios.

Juglar tirou estas desagradaveis conclusões sem as haver sufficientemente fundamentado. Se a experiencia de cincoenta e nove annos lhe não pareceu bastante para dar caracter de lei á relação entre a reserva metallica e os descontos, porque havemos de tomar os factos d'esse mesmo periodo como sufficiente prova de que as crises voltam de annos a annos, qualquer que seja o desenvolvimento intellectual do homem? Onde está a apreciação das variadas situações que a sociedade vae occupando? Onde a analyse das forças que trabalham no vasto campo do commercio? Qual é a evolução determinada ou alterada por cada uma d'ellas? Com o volver dos annos, com a luz da experiencia adquirida n'elles, o entendimento dos que praticam actos mercantis não se robustece, nem aprende a afastar-se dos perigos?

Juglar cuidadosamente reuniu algarismos, e amontoou estatisticas; mas, apesar de tão penoso labôr, quanto não falta ao livro d'elle para resolver objecções e dissipar as duvidas que naturalmente lhe offerece todo o espirito, que se não curva subserviente á auctoridade, nem é subjugado pelo peso das columnas de cifras! Assim, por exemplo, o auctor vendo que as crises apparecem, como já dissemos, em praças, cujos organismos bancarios são entre si muito diversos, conclue que não é a liberdade, nem o monopolio a causa d'esses profundos abalos, que determinam a quéda de muitas casas de commercio; mas entre não ser a causa unica do mal, e ser um dos elementos d'elle, vae uma distancia que Juglar não mediu convenientemente; nem talvez as estatisticas de que dispunha lhe permittissem considerar a differença entre a acção de um banco privilegiado e a de um banco livre sobre o curso das transacções. A observação ainda não chegou a ponto de ministrar em toda a parte dados sufficientes sobre materia tão delicada.

Importava tambem muito conhecer se as crises são cada vez mais perniciosas, ou se diminuem assim na intensidade como na duração. Qual é ponto de partida em cada periodo economico? Está averiguada a grandeza dos capitaes que recomeçam o trabalho, e da força humana que os guia então? Os quadros do movimento bancario informam-nos das principaes operações nos dois grandes estabelecimentos de credito da Europa; mas, ao lado d'elles não vem a importancia das fallencias nas diversas praças, e dos prejuizos causados pelo abuso do credito. A subita

e forte diminuição dos descontos póde ser a mesma em duas differentes épocas, diversificando muito os damnos occorridos em cada uma d'ellas. Depois que a crise parece ter passado, e que em verdade cessam as atterradoras noticias de suspensão de pagamentos ou de quebras; quando, portanto, se concluiu a liquidação dos valores que o enthusiasmo havia artificiosamente dilatado,—quaes são ainda as casas que, embora se sustentem, não podem senão muito tarde rebustecer-se?

Ainda mais: os factos observados nos bancos de França e no da Inglaterra nem sequer nos auctorisam a ter como applicavel ás instituições de credito em geral a doutrina que se funda n'elles: estabelecimentos acreditados, fortalecidos pelas ligações com o estado, que é poderoso e respeitado em ambas as nações, relacionados com a melhor clientella,—um e outro conseguem atravessar incolumes as grandes tempestades mercantis; podem viver n'uma região menos accessivel ás paixões; e a simples emissão das notas lhes assegura lucro, que outros não alcançam com grande actividade nas mesmas condições de garantia. Quando a desconfiança nasce, quando os capitalistas principiam a pensar que o dia seguinte deve ser menos propicio do que a vespera, o credito contrae-se, e muitos depositantes preferem o banco de Inglaterra a outros estabelecimentos; d'estes sáem, pois, sommas importantes que vão para aquelle. Isto nos ensina que ao movimento economico de um instituto de credito póde corresponder n'outros um movimento em direcção diametralmente opposta; assim, as conclusões tiradas d'aquelle não têem applicação a este; demais, as observações feitas n'um seculo darão resultados inteiramente oppostos ás do outro (ainda *ceteris paribus*), se variar o credito dos referidos grandes bancos.

Quem lêr com attenção toda a obra de Juglar, notará que fallando dos Estados-Unidos não se occupa tanto da variação das differentes verbas do activo e passivo dos estabelecimentos de credito, como quando se refere ás duas mais conhecidas nações do velho mundo. Elle proprio declara, com louvavel franqueza, que lhe escasseiaram documentos; porém aquelles que compulsou não lhe davam sufficiente base para as conclusões que apresenta ao leitor. Um quadro incompleto concernente aos bancos da grande republica está longe de confirmar a afamada relação entre o maximo dos descontos e o minimo da reserva na occasião de crise. Eis aqui um exemplo que nos dão as cifras concernentes a 1857:

ANNOS	DESCONTOS E ADIANTAMENTOS	RESERVA METALLICA
1854.....	557 milhões de dollars	59 milhões de dollars
1855.....	576 »	53 »
1856.....	634 »	59 »
1857.....	684 »	58 »
1858.....	583 »	74 »
1859.....	657 »	104 »

A reserva metallica foi portanto maior no anno da crise do que em 1855, e pouco inferior á do anno antecedente; não era, n'uma palavra,

o minimo do periodo começado logo depois da liquidação que seguiu o anno de 1847. Em 1837 e 1838 os descontos diminuiram ao mesmo tempo que a reserva metallica; dir-se-ha que foi mal liquidada a crise d'esse tempo, e que por isso veiu pouco depois a de 1839? Acceitemos a observação; mas que prova ella, se ainda ao passar d'este ultimo anno para 1840, as duas verbas descem conjunctamente? Querer-se-ha attribuir estas excepções á insufficiencia dos documentos? Mas ainda quando restringissemos a analyse ao que se dá por bem observado, não encontrariamos factos para assentarmos com segurança a lei que podemos denominar de Juglar. Tomemos o quadro do movimento do banco da Inglaterra: em 1864, anno de crise, era o minimo da reserva 12.400:000 libras, e o maximo dos descontos 23 milhões; no anno seguinte a reserva cresceu; mas os descontos augmentaram tambem; é verdade que o maximo do desconto n'este periodo apparece pouco antes, em 1863; mas como se explicará que havendo em 1860 uma reserva de 12:700:000 libras com 24 milhões de descontos não houve crise, ao passo que coincidiu com 25.300:000 libras em descontos, e 13 milhões de reserva? Responder-se-ha, finalmente, que Juglar não affirma que a lei se observa em todo o rigor, mas que nem por isso o maximo dos descontos e o minimo da reserva deixam de se aproximar da epoca da crise? Admittimos a *lei* com esta restricção, e consideramol-a util indicação para os banqueiros: quando a existencia metallica diminuir muito e os descontos avultarem progressivamente; quando as outras operações manifestarem tambem que o negocio marcha apressada e até precipitadamente, cumpre ser cada vez mais cauteloso nas transacções, a fim de não auxiliar os que em demasia especulam, e portanto concorrem para o desequilibrio entre a producção e o consumo.

Já dissemos que os factos do banco de Inglaterra e da França não auctorisam a elevar as consequencias d'elles até á doutrina applicavel a todos os institutos de credito, por isso que *a priori* se reconhece que os estabelecimentos vigorosos, e que inspiram inteira confiança, podem sustentar bem a posição de que os desacreditados seriam immediatamente expulsos; porém a marcha de uns e de outros é natural que seja analoga durante certo periodo de prosperidade mercantil: todos farão negocios lucrativos, todos verão crescer as operações dos clientes; mas uns principiarão a temer que o desconto dê prejuizo, em quanto que outros desenvolverão ainda por mezes e mezes esse ramo de negocio; uns terão a maioria dos clientes em classes que as crises commerciaes damnificam relativamente pouco; outros viverão no centro dos especuladores, e difficilmente fugirão dos perigos a que se aventuraram; uns, contrahindo as operações, alcançarão o pagamento de quasi todas as dividas activas; outros, apesar de grande prudencia, serão victimas dos desastres occorridos em casa alheia. Consideremos ainda que o banco de Inglaterra tem uma clientella escolhida, portanto menos sujeita a fallir; quando o giro commercial é rapido, e offerece vantagens a quantos participam n'elle, o simples credito entre commerciantes accrescenta assombrosamente os

meios de negociar; ha tambem a letra de cambio e da terra, precioso instrumento de mutuo entre os particulares; a totalidade do credito nos livros commerciaes e dos saques é muito maior que a dos descontos nos bancos, ainda mesmo em praças onde é vulgar remetter ao banqueiro as letras a receber para que, devidamente descontadas, as lance na conta corrente. Ha, finalmente, o recurso aos estabelecimentos bancarios, que gravitam em torno das grandes instituições. Quando, na Grã Bretanha, por exemplo, aquelles temem descontar, porque tudo os leva a crêr que se avisinha a crise, crescem os pedidos de dinheiro no banco de Inglaterra; se elle tambem se nega a mutuar sobre consolidados, ou a dar dinheiro por letras, o temor torna-se terror, e converte-se logo depois em panico; mas por isso mesmo que o banco de Inglaterra é chamado a prestar serviços em occasiões extraordinarias, póde pedir garantias extraordinarias tambem, augmentar a taxa do juro, e examinar cuidadosamente a situação financeira dos que, cheios de angustia, lhe pedem soccorro. Acreditado como o thesouro da nação a que pertence, póde manter na circulação a mesma importancia em notas, ou até accrescental-a com applauso publico. A sua influencia moral é tão grande que o facto de mutuar avultadas quantias nas épocas de crise, diminue consideravelmente os sinistros; o exemplo d'elle é seguido por muitos; e em vez de todos exigirem immediatamente as sommas que lhes são devidas, cada qual procede menos rigorosamente contra os credores. Acaso este movimento economico do banco de Inglaterra é de todos os institutos de credito desde os mais poderosos e felizes até os mais humildes e desventurados? Certamente não; por isso dissemos que as conclusões firmadas sobre os phenomenos occorridos ali, ou no de França, não dão direito a applical-as a todos os bancos em geral, especialmente durante as crises; reconhecemos, porém, que nas épocas de maior especulação maior deve ser o recurso a esses estabelecimentos, porque todos os negociantes pretendem realisar rapidamente o maximo numero de transacções; esse recurso cada vez mais instante, cada vez mais extenso, exprime-se necessariamente em maior importancia dos descontos; e como esta operação exige muitas vezes que os bancos entreguem dinheiro; como, além d'isto, a moeda é bom agente do commercio, não ha que extranhar que diminua consideravelmente a existencia metallica; este movimento das duas verbas do balanço apresentará alterações correspondentes ás phases por que passar o commercio, á presteza da formação de economias, aos impulsos da especulação, aos avisos que inesperados successos forem dando, e á maior ou menor difficuldade de apreciar o resultado provavel de cada empreza; conforme estas variadas circumstancias será mais ou menos longo o periodo de progresso, mais ou menos acertado o emprego do capital, peior ou melhor avisado o recurso ao credito; umas vezes a serie dos desconcertos será tal que se tornarão ruinas quasi todas as construcções de certo periodo; outras vezes a imprudencia começará depois de longos annos de bem pensado trabalho; achando assim grande provisão de forças economicas, será relativamente menor o aperto das condições do commer-

cio em geral; umas vezes o empenho terá sido tal que seja impossivel obter meios para salvar a maioria dos que se enganaram no calculo; outras vezes as reservas existentes serão sobejas para remediar quasi todos os males, e recomeçar as transacções com novo ardor. Quem meditar na immensa variedade com que os phenomenos se podem dar em cada época da historia do commercio, comprehenderá a difficuldade, ou antes o erro, de fixal-os absolutamente ao desconto e á reserva de alguns estabelecimentos de credito.

A analyse da doutrina da periodicidade das crises requer campo de observação mais vasto que os escriptorios de casas bancarias ou o lugar das cotações de preços de diversos generos; mas contentemo-nos por emquanto de examinal-a no proprio livro de Juglar.

As datas d'estas grandes revoluções mercantís são as seguintes: 1804, 1810, 1815, 1818, 1826, 1830, 1836, 1839, 1847, 1857, e 1864 com pequenas variantes, havendo-as simultaneamente na França, na Inglaterra e nos Estados-Unidos; a que lei está sujeita a periodicidade? Aquellas indicam-nos espaços de tempo desiguaes; qual é por assim dizer, o lugar geometrico d'essas differenças? A curva que as representa poderá ser determinada pelo simples conhecimento do tempo? Ou será ella funcção tambem da massa dos negocios? Haverá determinada cifra de transações que constituam certo gráu de temperatura mercantil indispensavel ao desenvolvimento dos germens da crise? Desde 1804 até 1830, excepto em 1810, parecia fatal o numero 600 representativo dos descontos no banco da França; mas em 1839 transforma-se em 1:047; e em 1861 ascende já a 2:123; não temos nota alguma, nem a ha, do conjuncto das transacções em cada nação; mas se a falta d'ella nos impede de estabelecer doutrina segura a este respeito, as estatisticas allegadas por Juglar não permittem acreditar scientificamente na periodicidade das crises. Sabemos que tem havido mais do que uma; não estamos porém habilitados a affirmar que voltem periodicamente.

IV

Assim como Juglar cuidou que a relação entre a reserva metallica e os descontos lhe dava segura base para uma theoria das crises, E. Laveleye entendeu que na demasiada exportação de moeda estava a causa verdadeira e unica d'essas perturbações commerciaes.

Todos conhecem a antiga doutrina da balança do commercio; acreditavam os defensores d'ella que uma nação era tanto mais pobre quanto mais dinheiro exportava; e que as importações de moeda lhe acrescentavam a riqueza. A sua historia commercial confirmou as objecções que alguns escriptores lhe fizeram; veiu finalmente a ser demonstrado com clareza e grande copia de factos que era falso o fundamento d'aquella escóla. Tempo houve em que se admittiram principios diametralmente oppostos; affirmou-se que a diminuição da moeda correspondia a um melhoramento

economico; não havia, pois, motivo para lamentar, e muito menos para impedir a exportação do numerario.

Não tendo de examinar agora com minudencia estas duas theorias oppostas, resumiremos o nosso pensar a respeito d'ellas, dizendo que ambas procedem de defeituoso methodo; por um lado toma-se como evolução real a que resultaria de forças que na sociedade não estão sós, mas sim cooperam com outras; por outro lado, considera-se como sufficiente caracteristica do progresso economico um facto que póde corresponder a variadissimos estados sociaes.

A primeira d'estas escólas teve numerosos representantes na governação dos estados: ficaram d'ella vestigios profundos em camadas seculares de legislação; ainda em 1848 Peregrino Rossi, na qualidade de ministro de Pio IX, abolia nos Estados Pontificios a disposição legal que prohibia exportar numerario: ainda em 10 de janeiro de 1837 um dos mais notaveis estadistas nossos referendava a pauta geral das alfandegas, que estabelecia egual preceito em relação á moeda portugueza. A segunda escóla alcançou victoria sobre a primeira, conseguiu abolir preceitos tão contrarios á regularidade e ao progresso das transacções, e ainda com os seus proprios erros influiu na opinião publica. Hoje, conhecedores dos defeitos de ambas, os sociologistas encaram a outra luz as relações internacionaes, e a distribuição dos metaes preciosos; segundo Laveleye, as crises procedem sempre de taes perturbações da balança do commercio, que obrigam a exportar moeda em quantidade bastante para a seu turno alterar de modo nocivo o credito commercial. «Ha uma circumstancia, diz elle, que invariavelmente precede todas as perturbações commerciaes: é a exportação de metaes preciosos. Cada um d'estes acontecimentos tem physionomia particular e caracteres distinctivos; quer os estudemos na America, ou na Inglaterra, quer os examinemos no continente europeu, por toda a parte se nota o mesmo phenomeno precursor: o cambio torna-se desfavoravel e o ouro escôa-se.» Recorrendo á historia das crises de 1810, 1825, 1847 e 1864, compulsando principalmente a que se refere ao mercado de Londres, o auctor encontra a precedel-as sempre a exportação da moeda. Parecerá que em nação tão opulenta como a Grã-Bretanha, e que annualmente capitalisa milhões e milhões de libras, pouco poderá influir a diminuição do nivel da corrente monetaria; Laveleye faz, porém, observar que os povos muito adiantados em commercio, conseguintemente habituados ao credito, costumam empregar nas transacções uma quantia relativamente insignificantissima em metaes preciosos; as letras, as notas, os cheques, os bilhetes á ordem, e outras promessas de pagamento, servem na maior parte das relações mercantis; só na *Clearing-House*, de Londres, os banqueiros compensam dividas de muitas centenas de milhões sterlinos com o desembolso de pequenas sommas, as quaes a seu turno pódem ser representadas em notas do banco de Inglaterra; mas nem por isso deixa de ser preciso recorrer muitas vezes á moeda para effectuar pagamentos; a ella se referem todos os titulos commerciaes; se, por exemplo, as relações com outros povos obri-

garem a remetter dinheiro em vez de mercadorias, a fim de pagar as encommendas feitas, poderá a exportação ir ao ponto de começar a ser difficil obter numerario com que embolsar um ou outro portador de letra; a seu turno multiplicam-se os pedidos de dinheiro no banco de Inglaterra; escasseiam os recursos habituaes do desconto. «Se esta drainagem do ouro continuar, diz Laveleye, serão graves as consequencias. Vimos, com effeito, que todo o systema de engrenagem dos instrumentos de credito, notas, cheques, letras, *warrants*, transferencias, contas correntes, se apoiava n'uma base metallica reduzida ao mais strictamente necessario. Todo o mechanismo ameaçará ruina, se este solido alicerce fôr cerceado e enfraquecido. O receio de tal catastrophe basta para diminuir a confiança. Menor confiança, quer dizer, menor credito; e menor credito importa enfraquecimento e suspensão das trocas, visto que ellas se operam por meio do credito. Demais, o ouro enviado ao estrangeiro é em grande parte extraído da reserva metallica do banco regulador; este é, por tanto, obrigado a reduzir os emprestimos ou a caminhar ousadamente para a suspensão dos pagamentos. De todo o modo, estas engenhosas rodas que tão bem manobravam em tempo tranquilo, regulando as transacções interiores, param e cessam de prestar o costumado serviço. D'aqui resulta para o mercado monetario ou embaraço momentaneo, ou perturbação profunda, ou crise verdadeira, conforme a situação dos negocios. Se não houver demasiadas obrigações a satisfazer, o commercio atravessará sem grandes desastres esses momentos difficeis; mas se tiver de pagar avultadas quantias, se os especuladores houverem comprado muito a praso, haverá crise verdadeira como as de 1825, 1847 e 1857. Esta analyse dos factos mostra que as crises resultam do desconcerto da balança do commercio externo, operando n'um mercado em que se faz largo uso do credito, e muito pouco do numerario. Estará sujeito a estas perturbações economicas todo o paiz que effectuar grandes transacções com pouco dinheiro e tiver vasto movimento de importação e exportação.»[1]

Se investigâmos o desenvolvimento historico d'esta doutrina, achâmos elementos d'ella em mais de um logar; se Robert Peel e os professores do *currency system* não a tinham claramente exposto, haviam com tudo procurado estorvar com o acto de 1844 as fluctuações exageradas da circulação monetaria; queriam que o banco de Inglaterra estivesse provido de abundante reserva em metal, e que as notas não excedessem certo limite de credito, a fim de que na occasião do perigo não faltassem recursos pecuniarios com que pagar a estranhos sem deixar o nivel da circulação metallica inferior ás exigencias dos mercados internos. O relatorio de uma commissão ingleza nomeada em 1810, pela casa dos communs, a *Bullion-Comittee*, havia já mostrado as relações intimas entre o curso do cambio e a emissão de notas, o que tanto vale como

[1] *Le marché monétaire et ses crises depuis 50 ans* par Emile de Laveleye. Paris, 1065; pag. 117-129.

relação entre o credito e as correntes de entrada e saída dos metaes preciosos. O economista americano, Peshine Smith, expõe doutrina que, tendo muita analogia com a de Laveleye, nos parece preferivel á d'este escriptor por não attribuir exclusivamente á exportação de moeda as crises mercantis.

O illustre professor da universidade de Liège contentou-se de narrar alguns factos, observados especialmente no mercado de Londres, e de provar que depois da volta da moeda o maior mal desapparecia, ao passo que as perturbações que elle estudou com maior cuidado succediam quando os metaes preciosos mais abundantemente corriam para o estrangeiro. Note-se que Laveleye não considera este facto como simples phenomeno, porém sim, como causa; a diminuição da moeda enfraquece os fundamentos do credito, donde a seu turno resulta a ruina de muitas casas de commercio; a explicação que elle dá suppõe muito desenvolvidos os habitos do credito, e ao mesmo tempo muito pequena a quantidade de metaes preciosos que ordinariamente bastam para as transacções em tempo normal.

Não negamos a importancia relativa das provas adduzidas por Laveleye. Effectivamente mais de uma vez os acontecimentos parecem confirmar a theoria d'elle. Em 1846, por exemplo, a nação franceza teria de soffrer muito mais do que soffreu, se o imperador da Russia não propozesse ao banco da França comprar-lhe titulos de divida publica até 50 milhões de francos; talvez por isso mal se sentiu nas praças d'esta nação o panico do mercado de Londres em abril do mesmo anno. A crise de 1837 affligiria mais a Grã-Bretanha, se os banqueiros de Paris não a auxiliassem com credito até á somma de 50 milhões de francos; em 1847, a chegada de dinheiro austriaco obstou á continuação de fallencias em Hamburgo; os jornaes, ainda os de maior credito em questões economicas, noticiam alegremente a chegada de metaes preciosos quando nos mercados das respectivas nações o commercio lucta com difficuldades. Tudo isto parece dar sobeja rasão ás asserções d'aquelle escriptor. Ainda mais: actualmente os que exercem a profissão de banqueiro nas grandes cidades examinam com a maior attenção o curso dos cambios, e tomam precauções em harmonia com a indicação d'elles. Ninguem ignora que nos ultimos annos as variações da taxa do juro em Londres têem sido frequentes; entendem os homens praticos ser necessario eleval-a sempre que a reserva metallica diminua muito, que os descontos tomam a direcção opposta, e que o dinheiro tende a sahir com presteza. «No meio do conflicto das mais diversas, ás vezes das mais oppostas opiniões, é de admirar encontrar-se unanimidade por assim dizer completa em quanto á importancia da questão dos cambios e a ser a elevação da taxa do desconto o unico meio de rectifical-os. A este respeito, accrescenta Juglar, lembramo-nos da visita que tivemos a honra de fazer ao director do banco de Inglaterra: dava elle grande attenção a um vasto quadro posto sobre a sua mesa de escrever, no qual estavam indicados os cursos dos cambios do mundo inteiro. Teve a bondade de nos indicar as alterações

que então acabavam de realisar-se, e que o levavam a agourar bem do futuro; para elle, era esse o grande regulador do banco de Inglaterra.»[1] E em que se fundam os que assim procedem? Em considerações que por assim dizer, principiam quasi pela doutrina do professor belga, ou antes, da *Bullion-Comittee*. Vem a ponto dizer a este respeito algumas palavras.

O curso do cambio indica o valor de uma moeda n'outra moeda. Quando dizemos que o cambio de Lisboa sobre Londres está a 52, exprimimos que uma letra sobre aquella praça britannica se obtem na capital ao preço de 1$000 réis por 52 dinheiros; e, como em relação ao ouro contido n'essas duas especies de moeda, 1$000 réis valem 53,33 pences, mostra o cambio que ha maior procura do que offerta de letras sobre Londres; a baixa póde ser tal que o devedor portuguez prefira á compra de effeitos commerciaes a remessa de dinheiro; remetterá, pois, sempre que o cambio chegar a certo gráu de desfavor para elle: se, porém, a taxa do juro subir em Lisboa, é provavel que os credores de Londres estimem deixar em Portugal o dinheiro que lhes é devido; póde até succeder que, durando a elevação do juro, affluam capitaes monetarios procurando emprego, e que a seu turno os especuladores diminuam de actividade, porque o negocio a credito lhes deixa livre menor lucro.[1] Se os banqueiros não tivessem conhecido a funesta influencia da exportação da moeda sobre o curso das transacções, quando levada além dos limites ordinarios,—se no quadro dos cambios não encontrassem uma especie de boletim meteorologico, indicador da direcção e da intensidade dos elementos capazes de alterar a atmosphera mercantil,—de certo não elevariam a taxa do desconto, já porque não é raro serem então menores os lucros totaes, já porque a concorrencia muitas vezes os condemnaria. Foi ainda inspirado por estas doutrinas que o auctor ultimamente referido parece ter modificado um pouco, ou talvez desenvolvido as opiniões que expendeu na obra ácerca da periodicidade das crises. A intima relação que existe entre os dois livros de que nos temos occupado n'este artigo e o trabalho de Juglar, ácerca dos cambios *(Du change et de la liberté d'émission)*, aconselha-nos a consideral-a aqui.

Na memoria premiada pelo Instituto, aquelle economista havia considerado, a bem dizer, leí das crises a que derivava das relações entre a reserva metallica e os descontos; agora, estudando minuciosamente o curso dos cambios, entende que a situação d'elles não bastaria de per si

[1] Clement Juglar — *Du Change et de la liberté d'émission* — Paris — 1868. —pag. 278.

[1] Tocamos de passagem este assumpto. A alta do juro póde ser insufficiente para attrair dinheiro de outras praças; as despezas de transporte não raro levam a melhor parte da vantagem. Note-se que se o dinheiro tiver de estar empregado pouco tempo, a alta da taxa, que se refere ao anno, produzirá lucro relativamente pequeno. Para esclarecimentos completos e bem dados, leia-se Goschen— *Théorie des Changes Etrangers*, trad. de Léon Say. Paris.

para assignalar o perigo; é necessario observar ao mesmo tempo o movimento bancario; quando o commercio pede cada vez mais descontos, e ao mesmo tempo a reserva metallica sae dos bancos para o estrangeiro, a situação é grave, e transformar-se-ha em crise se não houver toda a prudencia. Convêm notar que na observação do curso cambial não é de tanta importancia a relação instantanea das moedas, como a duração de um preço que indica desequilibrio, e que obriga a remessas valiosas. Em taes occasiões seria a especulação mais perigosa do que nunca.

Estes pensamentos fundamentaes procura Juglar verifical-os com dados estatisticos; mas não encontrâmos n'elles provas sufficientes; escolhendo os algarismos que se referem a épocas muito importantes formâmos o seguinte quadro; em que a reserva metallica e os valores em carteira se referem ao banco de Inglaterra, e o cambio é o de Londres sobre Paris; a unidade é o milhão de libras.

ANNOS	RESERVA METALLICA	VALORES EM CARTEIRA	CAMBIO SOBRE PARIS
1837.....	4,2	19,9	25,65
«	3,8	15,4	25,50
«	9,7	9,8	25,75
1847.....	14,9	15,0	25,40
«	9,8	18,1	25,50
«	8,4	21,4	25,60
1857.....	10,1	75,8	25,27
«	6,4	30,2	25,35
«	10,7	28,0	25,25
1864.....	12,9	20,2	25,30
«	13,9	23,0	25,20
«	14,1	17,7	25,22
1866.....	13,8	18,0	25,32
«	11,8	33,4	25,10
«	19,2	20,2	25,22

Em todos estes annos houve crise na Inglaterra; se examinarmos o curso das tres ordens de phenomenos a que correspondem as tres ultimas columnas do quadro, não acharemos meio de conhecer por elle o perigo da situação; com effeito, se confrontâmos o cambio com a reserva, umas vezes sobem ou descem aquelle e esta, outras vezes marcham em sentido opposto; o mesmo podemos dizer do desconto nas suas relações com o curso cambial. O auctor póde responder que seria necessario apreciar estes factos em presença das quantidades de metaes preciosos exportados, para se conhecer a gravidade da situação, ou tomar precauções contra a crise; mas desde que ella appareceu, o movimento bancario e o curso dos cambios deveriam marchar de concerto com a theoria de Juglar para que a sciencia podesse admittil-a com foros maiores que os de hypothese fundada em alguns factos.

Se as crises têem sido observadas simultaneamente nas principaes praças do mundo, e se as doutrinas de Juglar e Laveleye são exactas, deve tambem ter-se dado simultaneamente a exportação de metaes preciosos d'essas mesmas praças. Parecia-nos difficil admittir que assim succedesse, e ainda por isso o trabalho do professor da universidade de Liège se nos figurou menos correcto; pensavamos assim já no proprio anno em que o livro foi publicado, porém Juglar diz explicitamente, referindo-se á exportação de dinheiro, e ás fluctuações dos preços: «Estes movimentos observam-se simultaneamente na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, isto é, nos tres paizes mais habituados ao credito; não devemos, portanto, como fazem muitas pessoas, accusal-os alternativamente de serem a causa de todos os embaraços, visto que, apezar da enorme deslocação de capitaes metallicos, o fluxo e o refluxo observam-se no mesmo instante nas tres praças» [1].

Não temos, nem sabemos que haja, estatisticas sufficientes para demonstrar ou refutar esta asserção. Custa-nos, porém, a comprehender que no mesmo instante affluam metaes preciosos á França, á Inglaterra e aos Estados-Unidos, ou que elles simultaneamente sáiam em grande copia d'essas tres nações; a theoria necessitava este facto; mas não o provaram os auctores d'ella; como se pódem admittir, sem maiores explicações, esses movimentos simultaneos? Para onde vão o ouro e a prata que no mesmo instante exportam a França, a Inglaterra, e os Estados-Unidos? Se admittimos que a crise se estenda um pouco mais, ver-nos-hemos obrigados a admittir tambem que o mundo civilisado remette grandes porções de metaes preciosos para povos incultos; mas que relações attrahem essas correntes? Sabemos que alguns povos orientaes obrigam os occidentaes a enviar-lhes moeda em troca da grande parte de mercadorias que elles lhes expedem; mas, não ha o menor fundamento para attribuir a este facto a maxima parte das crises commerciaes. Admittir-se-ha que as nações mais adiantadas ao mesmo tempo mandam e recebem umas das outras metaes preciosos? Succede assim em pequenas quantidades; mas o curso dos cambios não póde ser ao mesmo tempo favoravel e contrario. Resta-nos uma hypothese: as nações atormentadas pela crise, embora sejam as mais notaveis do mundo, são tambem aquellas em que a especulação mais labora; os preços ahi sobem desmesuradamente para em seguida baixarem com destruidora rapidez; cessam então as encommendas feitas para paizes productores que não especularam, que não estão costumados a taes operações; tambem não receberão mercadorias em muito maior quantidade; será, portanto, preciso mandar-lhes dinheiro, que ali ficará mais ou menos tempo. Esta hypothese, porém, não é mais admissivel do que as outras; a historia das crises diz-nos que não raro ellas foram produzidas por especulações que alteravam a balança de commercio especialmente entre as tres nações mais mercantis do velho e do novo mundo.

[1] Juglar. *Le Change*, etc., pag. 176.

O proprio economista belga, quando refere os factos em que mais se apoia, deixa bom lugar á objecção que apresentamos: «Em 1810, diz elle referindo-se á Grã-Bretanha, o ouro escoára-se para pagar subsidios aos exercitos alliados; em 1825, para fazer face aos emprestimos e á exploração das minas da America hespanhola; em 1836 e em 1839 para satisfazer ás necessidades monetarias do continente e dos Estados-Unidos; em 1847 a fim de pagar as importações de generos alimenticios; em 1857 para preencher as lacunas produzidas pela crise no mercado de New-York. No mesmo anno o naufragio do *Central-America*, partido da California com ouro, determina a explosão final em New-York; e a chegada do comboio carregado de dinheiro austriaco põe termo aos desastres em Hamburgo.» Mas se os metaes preciosos partiam da Inglaterra como se póde imaginar crise ao mesmo tempo nas terras que os recebessem? O observador collocado n'estas ultimas escreveria: chegou dinheiro; a theoria de Lavelaye ensinaria que ali não ha crise; e comtudo os factos dizem que as perturbações mercantís se deram simultaneamente em varios paizes. [1] E como se explicariam as crises que são provocadas por acontecimentos politicos?

De um para outro dia a guerra declara-se entre duas nações muito importantes; o commercio, que estava empenhado em avultadas operações, tem de soffrer grandes prejuizos porque certos productos rapidamente descem de preço; querer-se-ha negar a uma grande serie de damnos a triste cathegoria de crise? Como se explicarão perturbações mer-

[1] Para não tornar o texto ainda mais pesado pômos em nota a seguinte observação. Segundo o quadro que se encontra n'um appendice á obra de Laveleye, o movimento de entrada e sahida de metaes preciosos na França foi o seguinte antes e depois da crise de 1857:

ANNOS	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	DIFFERENÇAS
1850.....	193 milhões	126 milhões	— 67
1851.....	273 »	131 »	— 142
1852.....	217 »	224 »	+ 7
1853.....	414 »	258 »	— 156
1854.....	567 »	327 »	— 240
1855.....	458 »	480 »	+ 22
1856.....	563 »	482 »	— 81
1857.....	666 »	620 »	— 46
1858.....	713 »	241 »	— 472

A exportação em 1856 e 1857 foi em verdade muito grande; mas a importação foi maior; parece que 1856 deveria o mal ter sido mais grave do que em 1857; e ainda mais em 1856. Attenda se ainda a que não é facil de explicar a crise pelas correntes de sahida, quando o nivel da circulação em todo o periodo a que nos referimos deve ter crescido. Lavelcye apresenta unicamente os mappas: 1.º da exportação da prata da Europa para a Asia pelo isthmo de Suez desde 1851 até 1862; 2.º entrada e sahida dos metaes preciosos na França e na Inglaterra desde 1848 até 1868; ácerca da Inglaterra falta a estatistica da importação desde 1848 até 1858. Sobre tão estreitas bases, e tão pouco em harmonia com o que se pretende provar, será rasoavel traçar leis?

cantís, aliás grandes, que não determinaram mudanças muito sensiveis no commercio internacional? Em 1866 houve na praça de Londres fallencias numerosas. «Ao saber-se da suspensão da casa Guerney, escreve Juglar, o terror foi universal; muita gente se precipitou sobre os bancos e os estabelecimentos de desconto afim de preencher o vacuo produzido por aquelle sinistro, antes do qual já alguns bancos haviam suspendido pagamentos; fôra longo enumerar as casas que abateram depois d'aquella: entre ellas achavam-se a de Monton Petto e Betts, cujo passivo era de 18.000:000$000 réis. Pelas provincias, assim como por Londres eram muitas as fallencias de menor importancia.» E depois: «Como nas crises precedentes, o augmento da carteira, e a diminuição da reserva das notas caracterisavam a situação dos negocios; *mas a isto se limitava a analogia.* Os pedidos de adiantamentos tinham fim satisfazer necessidades interiores; *por isso todo o movimento se concentrou na circulação das notas e principalmente nas contas correntes; levemente diminuiu a reserva metallica, tão sensivel n'estas occasiões;* já não succederia assim, se fosse preciso satisfazer necessidades exteriores. A crise não era, pois, commercial, nem monetaria, mas sim crise da circulação fiduciaria, que se limitou á Inglaterra.»

Que importa a denominação da crise? Chamem-lhe como quizerem; basta-nos saber que os factos de que ella se compôz contrariam a theoria que Juglar e Laveleye expozeram. Já Coquelin havia distinguido as crises em espontaneas, ou formadas no proprio campo mercantil, e não espontaneas ou provenientes de causas estranhas a elle como a guerra, ou as calamidades financeiras dos Estados. Juglar foi ainda menos feliz estabelecendo uma classe de crises da circulação fiduciaria. E que nome se daria á que produziu tantos damnos em Vienna ao tempo da exposição de 1873? Foi uma revolução dos valores negociaveis na bolsa; não durou muito, é certo; mas de tal modo impressionou aquella praça, que o governo julgou indispensavel suspender em 13 de maio a lei que limitava a emissão de notas do Banco Nacional; o descredito tornava-se geral; ás mais importantes casas era difficil obter recursos; a nota do ministro da fazenda ao governador do banco mostra bem que o panico tomára os especuladores no meio das festas do trabalho universal, [1] e ameaçava toda a industria e todo o commercio. Ali seria difficil observar phenomenos analogos aos das crises a que principalmente se têem referido os economistas que mais as estudaram no seu conjuncto. Ora o methodo scientifico exige que as theorias não sejam feitas exclusivamente para a maioria dos phenomenos; e que o espirito se não contente de inventar nomes especiaes para aquelles que a contrariarem; a existencia d'estes mostra que a doutrina é falsa, ou incompleta.

Para verificarmos ainda por outro modo que um escriptor tão distin-

[1] Vide *Deutsche Zestung* de Vienna—n.º 492 de 1873, *Abendblatt*, ou a *Wiener Zestung* d'esse mesmo dia.

cto como Laveleye foi pouco rigoroso e pouco preciso nas suas asserções, digâmos o que se lê n'uma das paginas do seu livro: «Vimos, escreveu elle, que a reunião de tres circumstancias é precisa para que rebente uma crise verdadeira: em primeiro logar o emprego do credito sob todas as fórmas é levado a ponto de reduzir extremamente o uso da moeda metallica; depois, vasto commercio o qual de vez em quando, transtornada a balança mercantil, exija exportação de grande quantidade de numerario, que é tomado de uma circulação que tem sómente o que lhe é necessario; finalmente um mercado sobrecarregado de operações a termo, as quaes requerem auxilio do credito, e como o credito se recusa ou se contrahe, vem ellas a dar em perdas, em desastres.» As palavras — *crise verdadeira* — *extremamente* — *vasto commercio* — deixam-nos em más condições de apreciação dos phenomenos economicos; porém ainda quando fosse pouco censuravel a falta de posição que elles denunciam, seriamos obrigados a admittir crises sómente no paiz, cuja organisação constitue o unico meio exigido pelas perturbações *verdadeiras*. Só a Inglaterra poderia soffrer crises no rigor do termo; e d'ella propria só Londres as geraria. A França usa de muito mais metal do que a Grã-Bretanha na mesma importancia de transacções; está longe de empregar tanto o credito como aquella ilha; e o seu commercio não é relativamente tão vasto. Á propria republica dos Estados Unidos cremos não fazer injustiça dando-lhe uma posição intermedia.

Responder-se-ha que somos demasiadamente rigorosos e que as phrases de Laveleye não devem ser tomadas tão escrupulosamente? Mas se as olharmos de outro modo, que ficará sendo a theoria d'elle? A crise poderá surgir onde o credito fôr menos empregado, e a circulação metallica maior do que seria em povo mais habituado aos cheques, ás notas, etc.; e assim iremos classificando *terreno de crises* o que parecia estranho a ellas.

Se consideramos todos os annos já decorridos no seculo decimo nono e as evoluções realisadas pela Grã-Bretanha; se notâmos que as crises a entorpeceram tantas vezes antes d'esse mesmo seculo, — que valor ficam tendo as palavras «vasto commercio», e as demais que ha pouco assignalámos? A Grã-Bretanha de 1760, por exemplo, não é a Grã-Bretanha de hoje em quanto aos progressos mercantís; aquella encontramol-a abaixo da França, no sentido economico; está, quem sabe? em Portugal, ou na Italia, ou n'outros povos. O continuo movimento social, — alterando o meio em que a vegetação dos valores se opera, em que o espirito especulador se alenta, em que o amor da riqueza se transforma—quando é que imprime a novas superficies os caracteres de terrenos de crises?

Se profundamos o olhar ao travez dos seculos por vir, antevemos ahi mudanças lentas, mas progressivas — pequenas, mas incessantes — indefinidamente tenues, mas cujo termo sommatorio representará um mundo admiravelmente diverso do que hoje nos contem. O commercio, que agora denominamos vasto, apresental-o-ha de certo a historia como quasi incipiente; e as metamorphoses de credito serão comparaveis ás que hoje

conhecemos no passado. Onde tudo é assim mudavel; onde o aperfeiçoamento apparece como salario do lidar de periodos geologico-sociaes, ou premio de longos martyrios; onde as forças productivas são capazes de combinações tão variadas como admiraveis; onde a historia do homem se desenrolla com o sublime fatalismo de progresso inductavel d'elle, — grande cuidado necessita o observador para não levantar a leis sociaes os phenomenos transitorios de cada época. Arrisca-se a commetter tão grande erro quem examinar os factos economicos independentemente das evoluções do espirito humano, ou quem, imaginando talvez seguir com rigor os methodos mais scientificos, não distinguir entre os productos e o o productor; quem, finalmente, estudando um seculo, suppozer todo o passado e todo o futuro sujeito ás leis que ahi julgar descobrir.

(*Continúa*).

J. J. Rodrigues de Freitas.

BISMARCK EN EL PARLAMENTO

IV

Con habernos extendido, hasta aquí si no de sobra, mucho más de lo que al tomar la pluma nos propusimos, hémosle dado al que proyectábamos artículo, las proporciones de lo que llaman los ingleses un *Ensayo*, de nominacion quizá no muy castiza en España, pero tan generalmente admitida ya en la República de las letras, que sería excesivo purismo rechazarla. Admitiéndola, pues, y advirtiendo lealmente al lector de que en efecto, *Ensayo* y no meramente *Artículo*, ha venido á ser este escrito, vamos á reanudar el interrumpido curso de nuestras consideraciones sobre la história parlamentaria del insigne Canciller del Imperio Germánico.

Dejámosle, en la legislatura de 1863 á 1864, en abierta lucha con la Cámara de los Diputados que, cada dia con mas empeño, le negaba los fondos necesarios para sustentar y acrecentar el ejército prusiano, tal como el Gobierno lo habia menester para la realizacion de sus todavía entonces no revelados designios; y en la misma difícil, ó mas bien crítica situacion, vamos á seguirle estudiando. He dicho que la situacion en que Bismarck se encontraba era crítica, y voy en pocas palabras á explicar por qué, y cómo.

Por aquel tiempo precisamente (15 Noviembre de 1863) y en virtud del fallecimiento de Federico VII, Rey de Dinamarca, sucedióle en aquel trono, conforme á lo estipulado en el tratado de Lóndres de 8 de Mayo de 1852, Cristiano IX de su nombre, duque de Slevig-Holstein, dignidad soberana de que procedió un conflicto que estuvo á punto de hacerse europeo, y á consecuencia del cual supo dar la Prúsia el primer paso en el camino de su tan rápido como pasmoso y creciente engrandecimiento. Porque el *Slevig* es un territorio escandinavo, pero por gran

número de alemanes habitado; el *Holstein* completamente y sin duda alguna germánico; y este, y aquel sobre todo, por su situacion geográfica en las costas del mar Báltico, importantísimas provincias para un Estado, como el Prusiano, sin elementos hasta entonces para figurar entre las Potencias Marítimas, Dinamarca queria, imponiéndoles su propria Constitucion, asimilarse los Ducados, muy especialmente el Slevig para incorporárselos sólidamente; la Confederacion germánica, por el contrario, los reivindicaba para sí, por razones análogas; y el representante de la casa ducal de Augustemburgo, rama de la de Holstein, reclamaba la soberania de los mismos Ducados, sin embargo de haber á sus derechos á esa sucesion renunciado el año de 1852.

En honor de la verdad sea dicho, esas pretensiones del Duque de Augustemburgo eran simpáticas en Alemania, generalmente hablando, así al partido liberal, como al federal ó particularista; y con benevolencia miradas por las Potencias que habian sido parte en el tratado de Lóndres; pero no convenian de ningun modo á los disignios ulteriores de la Prúsia, ó por mejor decir, á los trascendentales de su primer ministro, que tuvo en aquella ocasion la habilidad suficiente para poner de su parte al Austria y á la Confederacion misma, de cuya ruina fueron aquellos sucesos cierto augúrio, y fundamental principio. Só pretexto, en efecto, de sustentar los fueros de la Confederacion, que las disposiciones de Cristiano IX, respecto á los Ducados vulneraban realmente, Austria y la Prúsia, primero cada cual de por sí como Potencias que intervinieron en el tratado de Lóndres, y á seguida como Estados alemanes, requirieron de la Dinamarca el cumplimiento del pacto federal, y no obteniéndolo se hicieron encargar por la Dieta de Francfort de la ejecucion armada de los decretos de aquella entonces soberana Asamblea germánica.

Así las cosas y, no ya solo inevitable, sino inminente la guerra, el Gobierno prusiano hubo naturalmente de acudir al Parlamento, en demanda de los necesarios subsidios para entrar en campaña: pero hízolo á sabiendas de que le serian negados; porque la Cámara de los Diputados del Landstag perseveraba, por una parte, en su espíritu de oposicion intransigente, y por otra, se habia de antemano y repetidamente declarado acérrima defensora de la candidatura del Duque de Augustemburgo.

Nótese bien, porque importa mucho, que el tríunfo de esa candidatura, si bien para la Dinamarca funesto, en Alemania on hubiera sido más que la adicion á los infinitos del mismo género que ya contaba, de otro pequeño Estado, que por lo exíguo de su importancia y fuerzas habria, como los demás sus semejantes, gravitado siempre en la órbita del Austria exclusivamente. Y dicho eso, creemos excusado ya detenernos á explicar las razones que á Bismarck asistian para oponerse desde luego con todas sus fuezas, aunque reservándose todavía los motivos, á que de la sucesion á la soberanía de los Ducados se tratara siquiera por entonces.

Pero, si el primer ministro tenía fé en su pensamiento y voluntad firme para llevarlo á cabo, no creía menos en sus ideas, ni estaba menos resuelta la Cámara á llevarlas á cabo á toda costa. Así, en la sesion del 1.º de Diciembre (1863) se presentó y discutió una proposicion exigiendo al Gobierno que, decididamente y *de un modo sério* auxiliase al príncipe heredero de Augustemburgo á hacer valer sus derechos á la soberanía de los Ducados; proposicion á la cual Bismarck contestó con una declaracion por escrito, á nombre de todo el Ministério, muy hábilmente concebida en términos tales que, justificando la ya próxima intervencion armada de la Prúsia y del Austria en aquel negócio, nada comprometia, sin embargo, respecto á la futura suerte de los territorios en cuestion.

Pocos dias después (3 Diciembre) el Gabinete presentó un Proyecto de Ley proponiendo un empréstito para hacer frente á los gastos extraordinarios en el Ejército y la Marina militar, con motivo de la guerra que ya para estallar estaba; pero la Comision encargada de examinar el Proyecto en la Cámara de los Diputados, en vez de formular dictámen sobre él, propuso un Mensage al Rey, censurando la política de sus Ministros y pidiéndole que reconociera al de Augustemburgo como duque del Slevig-Holstein, y procurase que á tomar posesion de los Ducados le auxiliara eficazmente la Confederacion germánica.

A esa pretension respondió el Presidente del Gabinete en un vigoroso y notable discurso, que merece que en su análisis nos detengamos un momento.

Comienza, pues, repitiendo lo que ya en otra ocasion le hemos oido: «Un mensage es esencialmente negócio interior de la Cámara, y como tal «excluye la participacion efectiva del Gobierno en su debate»; créese, por tanto, dispensado de seguir paso á paso al representante de la Comision que acaba de apoyar el dictámen de la misma; y después de algunas acreadas fráses sobre la incompetencia en política de aquel diputado (el Sr. Virchow, Doctor en Medicina) entra á hacerse cargo de las acusaciones personales de que ha sido objeto.

«Cuando entré (dijo) á desempeñar las funciones del puesto que «hoy ocupo, evocóse ante mí un cierto espectro de Alianza franco-rusa «al cual se me acusaba de obedecer humildemente; luego se me acusó de «hacer política *rusa* exclusivamente; después, en estos últimos tiempos, «ya mi política era no mas que *austriaca*; en fin, hoy se le imputa al «Ministerio que su política se acerca demasiado á la *Inglaterra*. Ahora «se me reconviene de haber ejercido demasiada presion sobre la Dieta de «Francfort, cuando hace poco se me acusaba de consentir que nos lle«vasen, como á remolque, la Dieta y el Austria. Sí, ahora se me censura «porque mi punto de vista es europeo. Señores: mientras vivamos en «Europa, y no en una isla desierta, á solas con Dinamarca, preciso es «que sea europeo nuestro punto de vista. Esa reconvencion la acepto «tan de buen grado, como la de que hago una política *demasiado pru«siana*. Tales y tan diversas acusaciones, por su diversidad misma, se des-

«truyeu unas á otras y ningun efecto me hacen». — De eso último, permítasenos dudar; porque era demasiado tormento para quien tan grandes y patrióticas miras abrigaba en aquella ocasion, no solo encontrar siempre á ellas poderosos obstáculos en los mas interesados en que á realizarse llegaran, sino además oirse de continuo acusar de incapacidad y de posponer á su ambicion personal los intereses del Estado. Los hechos tardaron poco en comenzar á hacerle á Bismarck justicia: mas aun así, nos explicamos bien, el prematuro quebranto de su hercúlea constitucion, y la irritable melancolía de su actual carácter.

Pero, volvamos al interrumpido extracto de su discurso.

Al orador de la Comision que habia expuesto la conducta que, á su manera de ver, debian observar las Potencias Europeas en la cuestion Dinamarquesa, deduciéndola de la que respecto á Grécia observaron en su dia, Bismarck le responde: «Creo que las potencias se curan poco de «jurídicas sutilezas, y se atienen á lo que les aconsejan sus compromisos «y sus intereses». Con una ó dos casi desdeñosas frases, se desembaraza de la acusacion de inconsecuencia que se le habia hecho, comparando lo que entonces decia respecto á los Ducados, y lo que en 1852 hizo en el mismo negócio; [1] y entrando luego en el fondo del debate, fijaba su significacion en estos términos: — «Este mensage no me parece más que un episódio de la discusion á que teneis á bien someter nuestro proyecto «de Empréstito. Las explicaciones que sobre ese se os han dado en la Co«mision y aquí, son todas las que, á mi juicio, podíamos daros en las «circunstancias actuales; y creo, señores, que vosotros mismos estais «convencidos de que ningun Gobierno, *ni aun el mas liberal*, pudiera en «estos momentos deciros más en el asunto. Encontrais, sin embargo, in«suficientes nuestras explicaciones, y por eso, pasando por encima de «las cabezas de los ministros, vais á pedirle al Rey mas explícitos da«tos. — Como creo, señores, que en el fondo sabeis tan bien como yo lo «que vale esa ficcion que supone al Rey ignorante ó mal informado por «sus ministros de la situacion política, lo que no puedo menos de ver «en vuestro mensage es que, con él, os preparais á negarnos el emprés«tito, y tratais de justificar vuestros votos ante el pueblo y los electores. «Para fundar vuestra negativa, nos suponeis una política que no es la «nuestra. Si lo fuera, en efecto, nos serviríais grandemente negándonos «los subsidios, y dándonos así derecho y razon para declararle á la Die«ta de Francfort que, en virtud de vuestro voto, la Prúsia no tiene mé«dios para cumplir sus obligaciones federales. — Pero nuestra política, «que es otra, está basada en las palabras mismas del Rey que vosotros «citais en vuestro Mensage: «*No se cederá ni un pié de tierra de Ale«mania; no se sacrificará ni un título del Derecho aleman*».

La divergencia de pareceres consistia, pues, más en la eleccion de

[1] Bismarck, representante de Prúsia en la Dieta, y ultra-conservador todavia en 1852, fué quien negoció entre el Rey de Dinamarca y el Duque de Augustemburgo, el tratado en cuya virtud renunció este sus derechos á la sucesion en los Ducados.

médios, que en la determinacion del fin aparente á que se aspiraba. La Cámara pretendia fijar aquellos; el Ministro-presidente decia que esa era funcion própia del Gobierno, por que él solo poseia los datos suficientes para elegir con acierto, en cuanto á la prevision humana cabe, el camino que debia seguirse. «Una Asamblea de 350 miembros no puede «aspirar hoy (decia Bismarck) á dirijir en absoluto la política de una «gran potencia, imponiéndole al Gobierno un programa del cual no pue«da apartarse en ninguna de las fases del ulterior desarrollo de un gra«vísimo negócio. No! Eso es imposible.» — Y tenia razon, en el fondo, el gran ministro; los negócios en que las armas son decisivas, rara vez consienten la intervencion de los Parlamentos; la guerra exige el secreto y requiere la unidad de pensamiento y de accion; y ni una ni otra de esas condiciones pueden realizarse en Asambleas numerosas y que en público discuten. Por otra parte, «la cuestion tenia dos aspectos distin«tos, aunque no inconexos: uno puramente *Federal* y otro *Internacional*. «Todo lo concerniente al Holstein, bastante ya para hacer inminente la «guerra contra Dinamarca, era puramente *Federal*, y el empréstito soli«citado por el Gobierno, solo á ese aspecto de la cuestion se refería. Si «los ministros no habian hablado del Slevig (y en el proyecto de men«sage por ello se les reconvenia), era porque, de hacerlo, hubieran dado «al conflicto carácter internacional, y vístose, por ende, en la precision «de pedirle á la Cámara cincuenta á cien millones de thalers. (750, — «ó — 1500 millones de reales.) — De todas maneras, la guerra era in«minente; podia estallar de un momento á otro; estallaría así que el Go«bierno lo creyere conveniente sólo con *tirar un poco más de la cuerda*, «ya de sobra tendida. La Cámara, negando los recursos necesarios para «que la Prúsia en el momento de la lucha no pasara por la afrenta de «salir al campo con fuerzas inferiores á las de un Reino tan pequeño «como el de Dinamarca, contraería una gravísima responsabilidad para «con sus electores, y para con el país entero».

En este momento no hay acaso en Prúsia media docena de personas dotadas de sentido comun siquiera, que no convengan en que la razon estaba toda de parte del actual Canciller del Imperio en la ocasion á que nos referimos: pero entonces, tan apasionados y ciegos estaban los ánimos que, al replicar el Dr. Virchow al discurso de aquel que dejamos sumariamente extractado, llegó hasta á afirmar «que le faltaba la in«teligencia de la *Política nacional.*» — Acusacion, en verdad, no sabemos decir si mas ridículamente absurda, que absurdamente injusta, tratándose del hombre que más ha hecho y conseguido por engrandecer la Prúsia desde que la Prúsia existe; y á que contestó más desdeñoso que indignado, con estas palabras: — Ha dicho el Sr. preopinante que me falta «la inteligencia de la *Política nacional:* puedo devolverle la reconven«cion, sin mas que suprimir el adjetivo.»

La Cámara, sin embargo de todo, aprovó el Mensage al Rey por su Comision propuesto; y el Monarca, negándose á recibirlo, replicó con una comunicacion á la Asamblea misma, invitándola á que en vista de la rá-

pida marcha de los acontecimientos, votara sin demora el proyecto de ley de empréstito que se le habia por el Gobierno presentado. Entonces la Comision de los diputados, no solo propuso en su nuevo dictámen que se negara el empréstito, sino además que se aprobara una mocion de los diputados Schulze y Carlowitz para que la Cámara *protestase solemnemente* contra la decision adoptada por el Gobierno en el negocio de los Ducados del Elba, declarando que estaba resuelta á oponerse á su ejecucion por cuantos medios estuvieran á su alcance.

Sabido es que lo acordado por el Gobierno, y en efecto poco después puesto por obra, fué la ocupacion del Slevig y del Holstein, simultáneamente por las tropas austriacas y las prusianas.

Dos largas sesiones, las del 21 y 22 de enero de 1864 invirtió la Cámara en la discusion del asunto; los debates fueron tan violentos, como dada la situacion no podian menos de serlo; y el Presidente del Gabinete hubo de terciar en ellos con gran frecuencia y mucha más extension de la que acostumbra y le conviene á quien, como él entonces, arriesgaba en cada palabra sin muy madura detencion considerada antes de pronunciarla, ya algun importante secreto de Estado, ya quizá el éxito mismo de la árdua empresa á que iba á dar en el momento principio. Lo difícil é importante para un ministro en circunstáncias tales, no es tanto lo que ha de decirle, si no lo que ha de callarle al Parlamento; y esa dificultad Bismark supo vencerla magistralmente, pues á pesar de haber sobre todo en un largo discurso del 22 de enero, discutido el asunto de los Ducados muy ampliamente, haciéndose cargo de todas sus complejas condiciones, y apuntando los diversos modos de que el problema podia resolverse, tuvo la habilidad de no decir ni una sola frase que pudiera alarmar al Austria, ni herir susceptibilidades en el Occidente ó en el Norte; ni, en fin, comprometer en nada para el porvenir la libertad de accion de la Prúsia. Pero si en eso se mostró dueño de sí mismo completamente, en compensacion sin duda, y como por via de desahogo, en lo relativo al conflicto de autoridad entre la Asamblea popular y el Ministerio, ó, como él decia, entre la *Casa*[1] *de los Diputados y la Casa de Hohenzollern*, dejóse ir Birmarck mas de una vez y de sobra, á la natural violencia de su temperamento. — «Ya no podeis negarme (les decia á «los diputados), como hace un año me negábais, que vuestro propósito es «despojar al Rey de sus prerrogativas constitucionales, para apropiáros«las... Lo que pretendeis es que no tenga otros ministros que los que á «vosotros os plazcan; que no pueda declarar la guerra y hacer la paz, «sino cuando y cómo vosotros lo tengais por conveniente... Si eso lo«grárais, no seríamos ya los ministros del Rey, sino los vuestros; y á «*Dios gracias*, aún no hemos llegado á tanto.» Por esas frases, tomadas á la ventura del discurso á que nos referimos, fácilmente colegirá el lector la disposicion de ánimo en que el ilustre orador se encontraba, y el

[1] Los alemanes, como los ingleses, dicen *Casa* (Hause) y no Cámara alta ni baja.

tono general de su arenga. Limitarémosnos, pues, para terminar el pendiente análisis, á una sola cita más, que nos parece necesaria por la importancia del asunto, y lo característico del lenguage.

El Gobierno estaba resuelto á hacer la guerra para apoderarse de los Ducados; para esa campaña, que podia muy fácilmente transformarse, de puramente federal germánica que empezaba, en lucha internacional y quizá europea, necesitábanse fondos; y el Ministerio solicitaba, en consecuencia, que por una ley se le autorizase á contratar un empréstito. La Cámara de los Diputados, como se ha visto, negóse obstinadamente á votar aquella ley, constitucionalmente indispensable, por más que en contra de ello dijese Bismark, con más sofístico ingénio que razon fundada. ¿Cómo resolver el problema? Ó bien retirándose el Gabinete, ó lo que era lo mismo, abandonando un pensamiento ya á punto de realizarse y que, realizado en efecto, dió de sí tanta glória como provecho para la Prúsia; ó saltar por encima de la ley fundamental y tomar el Gobierno lo que los diputados le negaban. La oposicion tenia de su parte la legalidad indudablemente; pero de la de Bismarck estaban el interés de su pátria, y la gran esperanza de realizar, en fin, la unidad germánica. Eso supuesto, veámos yá cómo en aquella ocasion se expresó en el Parlamento el gran Ministro.

Habia la Comision traido al debate público, indiscreta y no muy bien intencionada á un tiempo mismo, gran parte de las palabras en su seno, y al discutirse allí el proyecto de mensage, por Bismarck pronunciadas. Quejóse el Ministro fundadamente de ese proceder, agravado con inexactitudes, ya casuales, ya de propósito cometidas, al citar sus frases; y con ese motivo, y para rectificar lo que le pareció mas importante, dijo: «Las últimas palabras que pronuncié en el seno de la comi-«sion, no se han repetido aquí con exactitud bastante. Háceseme, en «efecto, decir: el Gobierno desearía poder obrar con los recursos que «constitucionalmente le votara esta Cámara: pero si la Cámara se los re-«husa, *tendrá que tomarlos donde los encuentre*. No expresé esa idea con «tal rudeza; lo que dije fué: esperamos de vosotros, tan confiadamente «ahora como antes, que los médios que necesitamos y *nos son tan in-«dispensables que tendríamos que tomarlos donde los encontrásemos*, nos «los votareis constitucionalmente, y sin escatimárnoslos.—El pensa-«miento es el mismo, solo que su expresion, más mesurada, no tiene la «cruda rudeza que aquí se le ha dado.»

En esa rectificacion que, en rigor no lo es, puesto que Bismarck no niega el pensamiento que se le atribuye, limitándose á atenuar la crudeza de la expresion, échase de ver, ó mucho nos engañamos, que ya sentia en el fondo de su conciencia algo parecido si no precisamente al remordimiento, sí al menos al disgusto con que todo hombre político honrado cede á la dura ley necesidad cuando no puede menos, en obséquio de su pátria misma, de quebrantar á sabiendas las leyes fundamentales que la rigen. ¿Presentia ya entonces el hoy Canciller del Império, que sobre el sufrágio universal tendria que fundarlo? ¿Revelábale ya en

aquella época su privilegiada inteligencia, que contra sus parciales del momento, tendría que luchar pronto auxiliado por el partido liberal mismo que á la sazon tan ciegamente le combatía? Quizá no lo sepa el interesado mismo: pero, en todo caso, es lo cierto que, como por intuicion y con profético espíritu, procuraba siempre en 1864 atenuar lo que en sus procederes habia efectivamente de arbitrário, achacándolo, y no sin razon muchas veces, á la fuerza de las circunstancias y necesidades del momento.—Así le hemos visto rebelarse contra la imputacion que se le hizo, de erigir en principio la máxima de que «la fuerza es superior al Derecho»; así tambien protestar, contra la forma al menos, de su declarada resolucion de «*tomar donde los encontrara*» los recursos que para la guerra le negaba la Cámara; y así, en fin, cuando reproduciendo el conde de Schwerin el primer cargo en la sesion del 22 de enero 1864, le acusa de haber dicho que «el Derecho descansa únicamente en la fuerza de las bayonetas», Bismarck replica airado:—«Lo que yo he di-«cho es que en los conflictos europeos, para los cuales no hay tribunal «competente, el Derecho no puede hacerse valer más que por la fuerza «de las bayonetas.»

Y la verdad es que, segun la história, así ha sido desde que hay naciones en la tierra; que, segun lo que vemos, así es hoy; y que, segun la razon, así parece que será siempre, mientras la humanidad exista, por más que en contra de ello digan los filósofos, deliberen los Congresos de la Paz y sueñen los utopistas.

La guerra es un instrumento de civilizacion y progreso, muy frecuentemente; de la misma manera que las tempestades purifican la atmósfera.

V

Nuestros lectores saben, porque es notorio, que el Gobierno Prusiano por Bismarck presidido y dirigido, apoyándose principalmente en el gran prestigio y tradicional suprema autoridad del Monarca en aquel país, y auxiliado por la alta Cámara, y quizá tambien por el amor própio nacional, encontró recursos á pesar del voto negativo de la Cámara de los Diputados, para entrar en campaña contra Dinamarca, juntamente con el Áustria, y con fuerzas numerosas y bien organizadas. La conquista de los Ducados, sin embargo de la valerosa resistencia de los Dinamarqueses, fué obra de pocos dias; y en consecuencia de ella quedó, por decirlo así, entablada la cuestion que en 1866 habia de resolverse, tambien por la fuerza de las armas, en los campos de Konigsgraetz.

Ancho lo tendríamos aquí nosotros para interesar al curioso y dar en qué pensar al reflexivo, si fuera nuestro fin escribir la história diplomática del Canciller del Imperio: mas como lo que nos proponemos no es más que darle á conocer en su entidad parlamentaria, nos limitaremos á decir, de los hechos y de las negociaciones, solo aquello que para la claridad de nuestro relato juzguemos absolutamente indispensable.

Parecía natural que el feliz éxito de la campaña contra Dinamarca

hubiera, cuando menos, calmado un tanto los ánimos de los diputados al Landstag, puesto que la separacion de los Ducados del Elba de aquella potencia escandinava, no la deseaban menos ellos que el Gobierno prusiano; y esa separacion era ya un hecho consumado al abrirse la legislatura de 1865. Sin embargo, la oposicion al ministerio por Bismarck presidido, pronunciόse de nuevo con tanto ó más encono, que en vísperas de la guerra se le habia hecho. — Por qué? ¿En qué fundamentos apoyada? ¿De qué sentimientos nacida? — El ilustre hombre de Estado nos lo dirá él mismo en los diferentes discursos que tuvo necesidad y ocasion de pronunciar en la legislatura á que nos referimos, primero con motivo de la peticion de fondos para crear una marina militar prusiana, y después en el debate para legalizar los gastos de la guerra, á que el Gobierno habia hecho frente con los recursos del tesoro especial de la corona á ese fin en Prúsia de muy antiguo consagrado.

«Si pudiéramos — les decia el Ministro-presidente á los diputados «en 1.° de junio 1865, discutiendo sobre la marina militar — si pudiéra«mos en tiempo oportuno y con anticipacion á los sucesos explicaros «claramente todos nuestros planes para el porvenir, aprobaríais, sin duda, «muchos más de ellos que hasta aquí lo habeis hecho. Si, muy especial«mente, pudiéramos sin incoveniente para nuestras relaciones exteriores, «exponeros en su totalidad las razones que tuvimos para celebrar nues«tro convenio con Rúsia, [1] estoy persuadido de que los más de vosotros «los aprobaríais... Si año y médio hace, hubiéramos podido declararos «aquí abiertamente el fin que nos proponiamos (en la cuestion de los Du«cados), creo, señores, que vuestra oposicion no hubiera sido tan gran«de... Si ahora mismo pudiéramos deciros cuáles son las probabilidades «que tenemos de llevar á cabo con feliz éxito nuestra política con respec«to á los Ducados, y qué vias son las que, á nuestro entender, deben «conducirnos á tal resultado, creo que vuestra oposicion se templaria un «poco.» — Y, en efecto, era y es de suponer que, si el partido liberal Prusiano hubiera previsto entonces lo que Bismark proyectaba, y tenido además la fé que él tenia en la eficácia de sus planes, su oposicion, no solo se habria templado, sino convertídose en franco y resuelto apoyo, como más tarde ha venido á serlo. Mas no era aún llegado el momento de que el Ministro revelara su pensamiento que á la sazon apenas á realizarse comenzaba. Así, sus adversarios, mas bien irritados que abatidos á consecuencia del tríunfo conseguido contra Dinamarca, negábanle los medios que pedia para echar los cimientos del poderío marítimo de la Prúsia; y no sin que, para ello, les asistieran por el momento muy especiosas razones. Prúsia, en efecto, no debia ni podia, tal como entonces era, echar sobre sí tan pesada carga, que por otra parte, á quien soportar incumbia era á la Confederacion Germánica. Cierto, decia la oposicion, que con la conquista de los Ducados del Elba, tiene la Alemánia yá so-

[1] Con motivo de la insurreccion de Polónia, de que en nuestro primer artículo hemos hecho especial mencion.

bre el Báltico el importantísimo puerto de *Kiel:* pero es la Alemánia y no la Prúsia, quien lo posee; que la Alemánia, pues, construya y mantenga la escuadra. Bismarck, ante esa argumentacion, dada la situacion aparente de las cosas, irrefutable, estuvo tan á punto de quebrantar el secreto de sus planes, que llegó á cometer una verdadera indiscrecion, por no llamarla inconveniencia diplomática, exclamando en el discurso mismo cuyo exórdio dejamos extractado:

«En los Ducados no solo poseemos á Kiel, sino algo todavía más «importante; poseemos su plena soberanía en comun con el Austria, y «nadie, que yo sepa, puede arrebatarnos esa prenda, sino en virtud de «una guerra infeliz para Prúsia. De la posesion de los Ducados parti«cipa, es verdad, el Austria; pero no por eso deja de ser la nuestra una «posesion, para cuyo abandono tenemos derecho á imponer las condi«ciones que nos convengan. Y una de esas condiciones, la más indis«pensable, la que ha de llenarse precisamente para que nosotros consin«tamos en ceder nuestra posesion, es la de que, desde luego, *sea el «puerto de Kiel propiedad exclusiva de la Prúsia.*»

Quizás la aparente indiscrecion de esas palabras fuera un médio para hacerle saber al Gabinete de Viena que la Prúsia estaba ya resuelta á llevarse la parte del Leon en el reparto de los despojos Dinamarqueses; y es muy probable que, en tal concepto, produjera el deseado efecto: pero en el ánimo de los miembros del Landtag fué de poquísimo ó ningun peso, y la oposicion prosiguió con el mismo empeño de siempre.

De ello son testimónio irrecusable las dos violentas y prolongadas sesiones en que se discutió el proyecto de empréstito para la creacion de la Escuadra Prusiana (1.° y 2.° de junio 1865), en la última de las cuales, desmentido categóricamente el Ministro por el orador de la Comision (Dr. Virchow), y en vano invitado ese á modificar ó retirar sus palabras, vióse obligado Bismarck á enviarle sus padrinos á exigirle satisfaccion, ó en otros términos, á desafiarle.

¿Estaba ó nó en su derecho, procediendo así, el ilustre Presidente del Gabinete de Berlin?—Mucho se ha filosofado en pró y en contra del duelo; pero es indudable que hay ofensas para las cuales, fuera de él, no se concibe reparacion posible; y que hay tambien audácias á que no puede oponerse otra barrera. La inviolabilidad legal de los Diputados en los Parlamentos todos, alienta, por decirlo así, la intemperancia nativa de los procáces, y en el calor de la discusion, los prudentes mismos no siempre miden y pesan sus palabras como debieran: ¿qué arbitrio, qué recurso le queda al ofendido en su honra política ó personal, cuando el ofensor se obstina en no retractarse?

En más de una ocacion, en el discurso de su larga carrera parlamentaria, el que esto escribe ha sido testigo de escenas tan deplorables como la que ahora vá comentando, y, para decir la verdad en conciencia, debe declarar, por mucho que le pese, que en los más de los casos el duelo le ha parecido una tan triste como inèvitable necesidad. — Así, pues, á mi juicio, Bismarck, *desmentido*, hizo bien enviando sus padrinos

á su adversario, del cual solo diré qué, puesto que su conciencia no le permitía aceptar el reto, como no le aceptó en efecto, hubiera hecho bien en abstenerse de insultos personales, y mejor, una vez por irreflexion ó acaloramiento proferidos, en repararlos con una cándida y honrada explicacion. Ciertas doctrinas más piadosas que caballerescas, solo son respetables cuando quien las profesa cuida de abstenerse de provocar al prójimo.

Como quiera que sea, la Cámara y el Ministério, persistiendo cada cual en su manera especial y muy diversa de considerar las gravísimas cuestiones á la sazon pendientes, prosiguieron toda aquella legislatura (1865) y aun la siguiente (primeros meses de 1866) en completo desacuerdo y hostilidad constante.—En vano Bismarck demostraba hasta la evidencia, con razones incontestables y con hechos notórios, que el Gobierno por él presidido habia hecho en el negócio de los Ducados mucho más que cuanto el partido liberal habia manifestado desear diciocho meses antes; en vano, arriesgando hasta cierto punto el secreto de las negociaciones en curso, y aun el de sus proyectos mismos, hacia ver que habia colocado á la Prúsia en situacion de utilizar plenamente en su provecho la victória contra Dinamarca, y que acaso el único obstáculo sério para que así fuera consistia en el temor, de sobra justificado, de que llegado el momento crítico el Landstag negase al Ministerio los recursos pecuniarios indispensables para recoger el fruto de sus afanes y tríunfos: á todo cerraban los oidos los Diputados de la oposicion, dominados por el ciego espíritu de partido, y acaso tambien por su amor própio ofendido.—La anexion misma del Ducado de Lanemburgo á la corona de Prúsia, que le cedió el Áustria, mediante indemnizacion pecuniaria, en el célebre convenio de Gastein, fué objeto de un violento debate en la Cámara de los Diputados, que censuraron aquel acto como contrario á la Constitucion.

¿Qué era, pues, lo que aquellos señores querian? Indudablemente que el Lanemburgo, con el Slevisg-Holstein, constituyesen un nuevo Estado Federal, ó lo que es lo mismo, que la campaña de 1864, redundara en pró del *particularismo* germánico. Las miras del Ministro eran más altas, más profundas y más patrióticas; Bismarck queria lo que en grandísima parte ha logrado: la unidad del Império Aleman.

Considerada, pues, la bondad intrínseca del fin político que se proponia, y tomando tambien en cuenta el acierto de sus previsiones todas en la materia, mucho puede perdonársele al ilustre Canciller hasta de sus excesos mismos de anti-parlamentarismo: pero aun así, en justicia nos creemos obligados á confesar que hubo momentos, y no pocos, en que la pasion se sobrepuso á su ordinariamente recto é imparcial criterio. Su teoría en materia de presupuestos no admite defensa, ni discusion acaso; y todavía nos parece menos ortodoxa, parlamentariamente hablando, su doctrina en punto á la responsabilidad criminal por ante los tribunales ordinarios, á que suponía sugetos á los diputados por sus discursos en la Cámara, en los casos de injuria y calumnia. Grande es, en verdad, y vitu-

perable la culpa del representante del pueblo que abusando de la inviolabilidad que debe á su mandato, se deja ir á injuriar ó calumniar á sus adversarios ó á quien quiera que sea: pero mayores, infinitamente mas graves y trascendentales serían para el país los males y consecuencias de coartar, con la responsabilidad judicial, la libertad completa que han menester los diputados, para expresar sus opiniones y censurar los actos del Poder ejecutivo. Entre dos males hay que elegir siempre el menor; y ese, en el caso de que se trata, parécenos ser la impunidad de ciertos excesos individuales que, por otra parte y como no hace mucho decíamos, pueden y deben encontrar muy eficaz correctivo en la accion personal de los agraviados, ya que la buena educacion no alcance siempre á prevenirlos.

Sin embargo de todo eso, hay que tener presente para juzgar á Bismarck que, contra el voto de la Cámara y negándole esa los fondos necesarios, atendió á la reorganizacion del ejército y lo puso en condiciones para entrar ventajosamente en campaña, juntamente con el austriaco, contra Dinamarca; que á despecho de las contradicciones y censuras de la Cámara misma, logró en el convenio de Gostein desde luego la anexion del Lanemburgo, y para un muy inmediato porvenir, los medios de hacer estallar la guerra contra la entonces todavía Potencia Presidente de la Confederacion germánica; y que, en fin, siempre con la Cámara por enemiga, llevó á cabo la rápida, gloriosa y fecundísima campaña de 1866, á consecuencia de la cual el mapa de la Europa central ha cambiado por completo de aspecto, y el Austria, además de haber dejado de ser Estado aleman, perdió en Italia sus últimos dominios.

VI

Si es verdaderamente admirable, como á nosotros nos lo parece y figurásenos que apuntado lo dejamos; si es verdaderamente admirable, repetimos, y acaso único en la história del sistema parlamentario, el hecho de haberse prolongado durante cuatro años consecutivos, un declarado antagonismo entre el Poder ejecutivo y el elemento popular del legislador, versando la cuestion sobre uno de los puntos cardinales del régimen representativo, precisamente el que más afecta á los pueblos todos y á todos en cada pueblo, por que si hay gentes y muchas que, por ignorantes ó serviles, aprecian apenas sus derechos políticos, pocas ó ningunas son las que no se alarman cuando ven amenazados sus bolsillos; si es admirable, otra vez lo decimos, que la lucha entre la Cámara de los Diputados, y el Gobierno por Birmarck presidido, durase nada menos que cuatro años, con tenacísimo empeño de una y otra parte, pero sin dar lugar ni á un conato siquiera ya de revolucion, ya de golpe de Estado; todavía nos lo parece acaso más, así en el fondo como en la forma, el modo fácil y patriótico con que el génio del actual Canciller del Imperio acertó á poner término á la temerosa contienda.

Recapitulemos, para entendernos bien, los sucesos que precedieron

á la Legislatura de las Cámaras Prusianas que, comenzando el 5 de Agosto de 1866, es decir, apenas terminada la campaña contra el Austria, concluyó el 3 de Febrero del año siguiente de 1867.

Bismarck, al ser nombrado Presidente del Consejo de Ministros en Octubre de 1862, encontró ya comenzada la batalla entre la Cámara y el Poder ejecutivo, á próposito del presupuesto de guerra. Los representantes del pueblo, dejándose llevar del loable sentimiento que los impulsaba á defender los intereses materiales de sus comitentes, y considerando que el aumento del Ejército no podia ser más que una amenaza contra las libertades públicas, puesto que á la sazon (1862), ni Prusia se veía amenazada por ninguna otra potencia, ni se encontraba en aparentes condiciones de conquistadora, creyeron cumplir con su deber negando una vez y otra y siempre, los fondos que el Ministerio pedía para reorganizar las tropas y proveerlas del material necesario.

Pero el Gabinete, aunque derrotado constante y repetidamente en la Cámara popular, contaba, por una parte, con la omnímoda confianza de la corona, y por otra con el resuelto apoyo de la Cámara aristocrática (de los *señores*), que se figuraba que defender á Bismarck era combatir y anular al partido liberal y sus doctrinas.

Curioso es realmente, y no menos incontrovertible, el hecho de que, durante toda la época del conflicto parlamentario que nos ocupa, tan engañados estaban, tan ilusos procedian los que apoyaban como los que combatian á Bismarck: el solo y él Rey acaso, sabian por qué luchaban y á dónde por tan peligroso camino iban.

Eso no obstante, cada cual de los elementos de la legislatura, lógico en deducir las consecuencias del principio equivocado de que partía, mantúvose los cuatro años firme en su respectivo terreno, dando, por ende, el partido liberal contínuos y muy graves disgustos al primer Ministro, y en cambio secundándole en todos sus proyectos el bando aristocrático.

Bismarck ha nacido violento é irascible; Bismarck, desde su aparicion en la escena política, habia figurado como conservador á todo trance, y declarado enemigo del parlamentarismo: y Bismarck, en fin, aun después de haber las armas prusianas triunfado de la Dinamarca, habíase visto contínuamente contrariado y ultrajado por los liberales en la Cámara de los Diputados, hasta el momento mismo de abrirse la campaña contra el Austria, cuyos gloriosos y fecundos resultados sancionaron solemnemente, si nos es lícito decirlo así, la elevacion de miras y el casi maravilloso tino político del gran Ministro. ¿Quién, juzgando solo en virtud de esos datos, quién no temiera que entonces, ya por la victoria laureado aquel hombre eminentemente monárquico y conservador y autoritario, y además no sin justicia aparente contra el liberalismo predispuesto, y hasta en su amor própio por el partido liberal ofendido; quién no temiera, preguntamos, que después de la batalla de Konigsgraetz, Bismarck, sintiéndose robustecido y popular, no tratara de imponerle al Parlamento, si no su personal voluntad, sí la suprema autoridad del Monarca? ¿Quién no hubiera creido que la Constitucion prusiana se modificara entonces en

sentido reaccionario? ¿Quién no supusiera que, cuando menos, el Gabinete exigiría del Landstag que, cantando la palinódia, como vulgarmente se dice, renunciase en una ú otra forma al derecho de supremácia en materias económicas, á que había antes aspirado?—De más de una altanera y despótica medianía, de esas que con harto menos motivos, y sin títulos algunos de glória, ni merecimientos políticos siquiera, han atropellado en el mundo parlamentos y desgarrado Constituciones, pudiéramos nosotros citar el nombre, si viniese á cuento: pero ni viene, ni sería cortés para el grande hombre que nos ocupa, mezclarle, ni aun incidentalmente, con tales tiranuelos.

Nó: Bismarck no ha pensado siquiera en subvertir la Ley fundamental Prusiana, que á su advenimiento al poder encontró vigente; y si es verdad que faltó á ella, y en oposicion á ella tambien mantuvo, acrecentó, reorganizó, y vigorizó un formidable ejército, hízolo solo para engrandecer á su pátria, para crear el Império aleman; y conseguido eso, Bismarck acudió al Parlamento, no á escarnecerle, no á despojarle de ninguna de sus prerrogativas, sino á confesar franca y noblemente su falta, en el mero hecho de pedir, como pidió en efecto, un *bill* ó, para hablar castellano, una ley de *indemnidad*, declarando al mismo tiempo su firme propósito de mantenerse en lo futuro siempre dentro de los límites constitucionales.

Sus palabras dirigidas á la Cámara en aquella solemne ocasion le caracterizan de tal modo, que no creemos poder dispensarnos de citar aquí textualmente las más de ellas.

«Cuanto más sinceramente desea la paz (con la Cámara) el Gobierno «del Rey, tanto más vivamente tambien sienten los Ministros la necesi-«dad de abstenerse de toda crítica retrospectiva, sea para el ataque ó «para la defensa. Durante los últimos cuatro años, unos y otros hemos «defendido cada cual su manera de ver, ya con más ó menos acritud, ó «ya con menos ó más templanza: ninguna de las dos partes contendien-«tes ha podido en ese tiempo convencer á la otra; y entrambas han creido «obrar bien, procediendo como lo han hecho: Nunca sería posible llegar «á la paz en los conflictos exteriores, si se exigiera que una de las dos «partes beligerantes comenzára por hacer esta confesion: ahora reconoz-«co que ántes no tuve razon para pelear.—Deseamos la paz (los Minis-«tros) en esta lucha interior, no porque nos sintamos fuera de combate: «al contrario, las corrientes nos son hoy más favorables que en los años «precedentes; ni la deseamos tampoco para sustrahernos á cualquier acu-«sacion que fundada en una ley de responsabilidad posterior á los he-«chos pudiera intentarse contra nosotros. No creo que se nos acuse, «pero aunque así fuera, y aunque se nos condenara, no sé que entre los «muchos cargos que se le han hecho á este Ministerio, se haya contado «nunca el de cobardía.—Deseamos la paz porque, á nuestro parecer, «la pátria la necesita hoy más que antes; la deseamos, y sobre todo la «procuramos, porque creemos poder obtenerla en el momento actual; «antes la hubiéramos procurado, si creyéramos que podíamos lograrla; y

«creemos alcanzarla ahora porque habeis reconocido que el Gobierno del «Rey, no es tan ageno al fin á que tiende vuestra mayoría, como lo pen- «sábais no ha mucho, y hasta cierto punto pudo persuadíroslo el silen- «cio del Gobierno, sobre muchas cosas que callar debia.

«Por eso creemos encontrar la paz y lealmente la buscamos. Os he- «mos tendido la mano, y el dictámen de vuestra Comision [1] nos garan- «tiza que no la rechazareis. Así podremos terminar de comun acuerdo «las diversas tareas aún pendientes; y *no exceptuo* de ese trabajo man- «comunado las *mejoras* que han de proceder de la realizacion en lo in- «terior de las *promesas en la Constitucion contenidas*, si bien creo que «no podemos realizarlas sino aunando nuestras fuerzas y sirviendo, así «los unos como los otros, con idéntica buena voluntad, y sin desconfiar «recíprocamente de nuestra respectiva sinceridad, á la misma pátria.»

Aquí Bismarck, después de bosquejar en concisas y enérgicas frases el cuadro de las dificultades inmensas que todavía quedaban por vencer, para llegar al fin deseado, que entonces ya todos comprendian, pero antes él solo habia visto, terminó su discurso con el siguiente, á mi juicio, notabilísimo periodo.

«Así, señores, nuestra tarea que está por concluir, exige la union «de todo el país; una union que los hechos acrediten de manera que á «todos dé en los ojos. Háse dicho con frecuencia que «Quien toma la es- «pada, echa á perder la pluma; pero confiadamente me prometo que «nunca oiremos decir que «lo que la espada y la pluma han ganado, «esta tribuna lo perdió.»

Cierto que ningun retórico antiguo ni moderno citaría la oracion que, en su parte esencial, de traducir acabamos, como un modelo de académica elocuencia para sus discípulos; y es posible que, aun para muchos hombres políticos en nuestros paises meridionales, pase por árido y descarnado ese breve discurso, en que no se encuentra ni una sola flor oratoria, ni una metáfora, ni apenas una comparacion siquiera. Pero, en cambio, qué claridad en la concision misma; qué vigor en el pensamiento; qué conviccion tan profunda en los principios; y sobre todo, qué templanza, qué moderacion tan grandes para con los adversarios, y qué modesta parsimonia al hablar de los própios triunfos!

Buscar en Bismarck la elocuencia del tribuno, ó la del poéta, fuera inútil: lo que en sus discursos se halla siempre es la razon serena del hombre de Estado, que penetra hasta lo más hondo en las cuestiones que trata, y formula siempre su pensamiento con exactitud pasmosa. Su dialéctica es, como su carácter, de acero; pero no brillante, sino empavonado. No deslumbra, no conmueve, no arrebata; pero concluye siempre.

Sea como quiera, el discurso de que vamos hablando es uno de los

[1] La Comision proponía, y la Cámara así lo acordó, que se aprobara el proyecto de Ley de indemnidad, presentado por el Gobierno, con algunas variantes.

actos más importantes y trascendentales de la vida parlamentaria del ilustre Canciller, puesto que, á partir de aquel momento, (1.º setiembre 1866), de enemigo acérrimo que hasta entonces habia sido del partido liberal prusiano y sus doctrinas, comenzó á ser su verdadero adalid, como en realidad lo es hoy todavía. ¿A qué atribuir esa, al parecer, súbita y no motivada conversion? — No nos parece difícil explicarla, y vamos á ensayarlo. — En primer lugar, Bismarck no es uno de tantos hombres políticos como por el mundo andan, que, con más ó menos talento ó importancia, pero dentro de las condiciones ordinarias de la vida, se afilian á uno ú otro partido, aceptando en conjunto su doctrina toda, para aplicarla en los términos que las circunstancias les permitan. Nó; Bismarck no es un hombre á quien pueda juzgarse por las reglas á las medianías comunes. Bismarck llegó al poder, ya con un pensamiento própio, y resuelto á realizarlo á toda costa: emancipar á la Prúsia, engrandeciéndola y fortificándola, de la especie de tutela en que el Áustria, como potencia presidente de la Confederacion Germánica, la tenia; sustituir en Alemánia la hegémonia Prusiana á la Austriaca. Basta fijarse un momento en la história diplomática y parlamentaria del Canciller, para convencerse de que ni un solo instante ha tenido otro norte que el indicado pensamiento, ni en sola una ocasion tampoco ha dejado de encaminarse á él, unas veces directa y declaradamente, otras por el rumbo á la sazon posible. — Para llegar á sus fines era médio indispensable un poderoso ejército: el partido liberal, que no podía adivinar los altos designios que tampoco le era lícito al gran Ministro revelarle, negábale los fondos necesarios; y de ahí el antagonismo, la lucha, el conflicto gravísimo de que ya tenemos conocimiento.

La guerra contra Dinamarca, aunque de importantes resultados y felizmente acabada, no bastó, sin embargo, á que la Cámara de los Diputados adivinase lo que al fin vino á comprender despues de la batalla de Konigsgraetz: Bismarck no queria el ejército para acabar con las libertades de los Prusianos, sino para engrandecer á Prúsia, para crear la unidad germánica. — A su vez, el eminente estadista, ¿cómo no habia de sentir que, para llevar á cabo la obra magna que con tan felices como gloriosos auspicios habia comenzado, le era preciso contar con el apoyo de todas las fuerzas vivas de su país, con el sentimiento nacional, con el asentimiento, en fin, de la opinion pública en masa? Era preciso, pues, reconciliar el elemento popular de la legislatura con el Poder ejecutivo; era indispensable que, en adelante, no fuera ya la corona solamente, sino la corona misma como representante y aun encarnacion del país todo, la que representase á Prúsia ante la Alemania y ante la Europa entera; porque Bismark preveia ya — y lo probaremos luego,—la guerra que estalló más tarde. Bismarck fué, pues, lógico y consecuente á su gran pensamiento, cuando en 1866, fuerte como nunca, y árbitro de la situacion, por decirlo así, en vez de imponerse á la Cámara de los Diputados, fué á pedirle una ley de indemnidad, y reconociendo así uno de los principios fundamentales del sistema representativo, transfórmose de

jefe que era del partido reaccionario, en verdadero primer Ministro de un Monarca constitucional, y por ende virtualmente jefe de la mayoria liberal que en el estamento popular predominaba.

Pero ese cambio de frente, por más que en realidad fuese lógico y sobre todo eminentemente patriótico, no podía menos de exponer á Bismarck á la acusacion de inconsecuencia con que, desde entonces hasta el momento en que escribimos, le persiguen sus enemigos todos, ni dejar de producir inmediatamente grandísimo efecto en la Cámara de los *Señores*, que, habiéndole apoyado mientras estuvoe n lucha con la de los Diputados, creyóse, y no sin visos de fundamento, en situacion análoga á la de aquellos que, cómplices en un delito, se ven, por su principal autor con la justicia reconciliado, no solamente abandonados, sino tal vez perseguidos.—De entonces data el ódio encarnizado del partido aristocratico prusiano al Canciller del Império: ódio de cuyos primeros síntomas parécenos necesario dar cuenta aquí, antes de terminar este artículo.

En la sesion de la Cámara alta del 22 de diciembre (1866) al presentarse en su banco el primer Ministro, por vez primera después de una larga enfermedad de que apenas se encontraba convalecido, el Presidente, en testimonio de consideracion y respecto, creyó de su deber interrumpir al orador que ocupaba la tribuna, é invitando á todos á ponerse en pié, dirigir algunas frases de bien venida al *eminente hombre de Estado*, deseándole pronto y cabal restablecimiento de sus fuerzas, para que con todas ellas, y *su valor de siempre*, *tornara á servir de nuevo al Rey, á la Prúsia y á la Alemánia*. Agradeció Bismarck en muy breves pero expresivas frases el cumplimiento recibido; y siguiendo la Cámara en sus tareas, entróse en la discusion del presupuesto para el año inmediato, ya por los diputados aprobada, si bien con reducciones importantes, y de cierta importancia política, en que el Gobierno, sin embargo, habia expresamente consentido. La más notable de las supresiones de gastos era la de la partida de medio millon de reales consignada en el proyecto ministerial para gastos de policía en el Departamento de lo Interior (Gobernacion); y lo más grave, políticamente hablando, una cláusula que exigía que los gastos á que hubiera de atenderse con los fondos de la *Caja general del Estado*, á disposicion del Rey, quedaran sujetas á la aprobacion especial de la representacion del País.

Observemos, de paso, como la Cámara de los Diputados al reconciliarse con el Ministerio, votándole la ley de indemnidad que ese le habia pedido, reivindicó sin embargo sus derechos, afirmándolos con las explícitas disposiciones que dejamos expuestas; y volviendo al pendiente relato, digamos ya que en la Cámara alta produjeron, como era natural, supuestos los antecedentes que el lector conoce, malísimo efecto. En consecuencia, un prócer propuso que, como enmienda al presupuesto, si bien aprobándole, puesto que por el Gobierno era aceptado, declarasen los *Señores* que veian con pena las dos resoluciones en cuestion, de los Diputados, considerándolas poco conformes con el espíritu de la Constitucion.

En suma, el partido aristocrático, más ministerial que el Ministerio,

quería, censurando sin derecho alguno para ello las resoluciones de la Cámara popular, renovar el conflicto recientemente orillado; ó, si tanto no alcanzaba, desvirtuar al jefe del Ministerio, colocándole en la dolorosa alternativa de renegar de lo mismo que de hacer acababa, ó de ponerse en abierta contradiccion con todos sus antecedentes políticos.

Bismarck, empero, no vaciló un solo instante en tomar la palabra, para oponerse á la enmienda, y para declarar, en corroboracion de lo que antes habia dicho ya el Ministro de Hacienda, «que al Gabinete no le «parecía razon bastante la de no habérsele concedido todos los fondos que «pedia, creyéndolos siempre necesarios, ni para renovar el conflicto que «sobre el país pesaba de cinco años á entonces, ni para hacer imposible «un presupuesto constitucionalmente votado.»—«Si el gobierno tuviera «queja de la otra Cámara (añadió despues de algunas explicaciones que «aquí serian ociosas), no creería de su deber, ni en su derecho, formu«larlas aquí: lo hubiera hecho oportunamente ante los Diputados mismos... «La vida constitucional no puede juzgarse conforme á leyes matemáticas, «ni siquiera por máximas jurídicas. Esa vida es un perpétuo compromiso.[1] «—Yo considero como una gran felicidad, sobre todo por lo que respecta «á nuestras relaciones con el extrangero, que son de las que especial«mente estoy encargado, que el conflicto haya terminado, y que la gran «mayoría de nuestros más decididos adversarios haya aplaudido la paz «que hemos hecho.»

Ante tan terminantes, aunque en la forma templadas declaraciones, enmudeció por entonces la Cámara alta, y el presupuesto fué aprobado sin la enmienda aristocrática: pero no tardó mucho en reaparecer la discordia, y naturalmente más enconada, entre el Gabinete y los representantes del feudalismo, mucho más que en realidad de la autocracia monárquica.

Incorporados entonces al reino de Prúsia el de Hannover, el electorado de Hesse, el ducado de Nasan, y la ciudad de Francfort (sobre el Mein), hubo necesidad de modificar el artículo de la Constitucion que fijaba el número de los Diputados al Landstag, y de hacer en el sistema electoral algunas variaciones de que no tenemos para que tratar aquí. Basta decir que, proyectada la reforma por el Ministerio, y aprobada con modificaciones por él mismo aceptadas en la Cámara popular, pasó para su discusion á la de los *Señores*, donde, con tal motivo ó pretexto, que tanto monta, estalló ya declarada la discordia entre el jefe del Gabinete y el partido feudal.

En la sesion del 15 de enero (1867), el baron de Senfft-Pilsach, combatiendo la reforma de la Constitucion, principalmente porque aumentaba en ochenta el número de los Diputados, sin acrecentar proporcionalmente el de los *Señores*, aprovechó la ocasion para reconvenir amargamente al Ministerio por haber «súbito abandonado á sus antiguos y fieles par«tidarios de la Derecha, para ponerse al frente de un partido que le habia hecho antes la oposicion.»

[1] Es decir; una série de transacciones.

Bismarck contestó de esta manera:—«Señores: si el orador que aca-«ba de hablar hubiera tenido á su cargo algun tiempo siquiera la direc-«cion del Gabinete, confesaría que, en tal posicion, no hay posibilidad «de seguir opiniones de partido. Un grande Estado no se gobierna segun «las miras de este ó del otro partido: es preciso examinar el conjunto de «los partidos que existen en el país, y deducir de ese exámen la línea «de conducta que pueda el Gobierno adoptar, como tal Gobierno.—Si yo «no fuera ministro, no sé si me afiliaría en la oposicion al Gobierno «actual, ó si le apoyaría: pero, en todo caso, me diría que un amigo po-«lítico con quien he seguido dieciseis años el mismo camino, y que ha «estado al frente de los negocios en circunstancias difíciles, fuéra y den-«tro del país, donde durante cuatro años ha encontrado muy pocas gen-«tes resueltas á sustentar hasta el cabo, la lucha pendiente—me diría «que, si ese amigo, después de haber pesado la situacion general, se de-«cide á tomar otro camino que sus antiguos amigos políticos—yo, al «menos, no debia apresurarme á condenarle.»

No acertamos á persuadirnos de que el ilustre Canciller pudiera de buena fé imaginar siquiera que tales raciocinios bastasen á inspirarles á sus *antiguos amigos políticos*, ni conformidad en lo presente, ni para el porvenir confianza de ningun género. La verdad es que Birmarck, de hecho, desertó de su primer partido, del que siempre hasta entonces le habia apoyado; y que desertó para ponerse al frente del bando contrario, hasta entonces tambien su declarado enemigo. Hízolo para bien y engrandecimiento y glória de su pátria; y por tanto hizo bien á nuestro juicio: mas no por eso podemos pedirle al partido en realidad abandonado por su jefe, que al verle á la cabeza de la hueste enemiga, se resigne con estoicidad más que cristiana, y bese la mano misma pronta á echarle el dogal al cuello. Desde nuestro punto de vista, y casi nos atreveremos á decir que desde el histórico, uno de los timbres más gloriosos de Bismarck será siempre la abnegacion con que ha sabido inmolar en aras de la pátria germánica su consecuencia política: pero que los Feudales y los Particularistas, y los Ultramontanos por añadidura, le abominen cordialmente, parécenos natural y lógico.—El Canciller lo sabe mejor que nosotros; pero satisfecho con la aprobacion de su soberano, con el apláuso y respeto de la inmensa mayoría de los alemanes, y con el testimonio de su conciencia sobre todo, aguarda tranquilo el supremo fallo de la Histórica.

Y aquí pondremos nosotros término á la primera parte de este ensayo sobre la vida parlamentaria de tan eminente hombre de Estado; la segunda no se hará esperar, si los editores de la *Revista Occidental* no me dicen que temen abusar de la paciencia de sus lectores con demasiados artículos sobre el asunto.

Madrid.—Marzo, 1875.

PATRICIO DE LA ESCOSURA.

CHRONICAS

AMÉRICA

La tranquilidad se restableció en las Repúblicas del Plata apenas pasaron los movimientos naturales que producen las agitaciones políticas.

Todas las contiendas determinan una fermentacion; pero cuando tienen un objeto definido y patente, se limitan á lo que es menester para conseguirlo y no trastornan ni revuelven los elementos extraños, que de este modo sufren no más que la repercusion del sacudimiento.

En esto ha adelantado mucho la sociedad, de resultas del conocimiento que vá tomando de su destino.

Otras veces, por lo mismo que eran menos claras las ideas de los partidos, las luchas solian ser un estallido de los ódios, un medio de venganzas, venganzas y ódios enconados y ciegos. Verdaderamente ningun partidario sabia con seguridad qué instituciones, cuáles personas representaban el obstáculo que se proponia vencer; y por esta razon cuando llegaba el momento de la pelea descargaba golpes á cuanto encontraba al paso, ciego, iracundo, delirante; destruia por destruír; como si el remedio de sus males consistiera en esparcir las desdichas multiplicadas. Por este motivo todo el mundo se extremecía así que amenazaba una revuelta: el indiferente no tenia menos que temer y hasta el propio amigo sufria á veces sus consecuencias. Y en el momento de estallar, ¡cuántos estragos sin objeto, cuántos males sin explicacion!

Al presente nos queda todavía la propension á allanar los caminos de la política por medio de la fuerza y se conspira y se lucha con las armas; pero de distinto modo, porque los combatientes se conocen desde an-

tes, las resistencias están desde luego calculadas, cada uno sabe contra quien tiene que combatir y la pelea se limita tanto que los indiferentes apenas tienen que temer otros males que los que le ocasione la casualidad.

Quien haya asistido á alguna de las presentes revoluciones de nuestros dias, particularmente en las grandes ciudades, habrá observado que la alarma no se extiende más allá de los sitios donde la lucha tiene lugar; que en los demás puntos las personas transitan sin peligro, fuera del que les pueda originar el acaso, y que hasta las mismas mujeres recorren las calles sin que nadie las ofenda. Se sabe ya que no son tan bárbaros los combatientes que solo por hacer daño hayan de herir á quien no se les opone. Hay que lamentar todavía en momentos de revolucion grandes males; pero no son siquiera la sombra de los que sobrevenian en otro tiempo con motivo de la mas insignificante asonada.

El mecanismo administrativo tampoco se desconcierta ya tanto á impulsos de las agitaciones, ni se rompe en los momentos de revuelta. Difícilmente podrá una poblacion padecer dias más aciagos que los de aquella semana llamada *infernal*, en que los soldados de Versalles entraron, como á degüello, en París, á restablecer el órden por medio de la matanza; pues bien; en medio de los horrores de lucha tan despiadada, la administracion de correos continuó funcionando regularmente y los empleados, como si fueran máquinas insensibles, iban distribuyendo la correspondencia á domicilio al través de un diluvio de balas.

***

Victoriosa la revolucion en Montevideo, hubo dudas sobre la actitud de algunas autoridades de otras poblaciones, muy allegadas al Gobierno caido, algunas de las cuales habian reunido los elementos de resistencia de que podian disponer; pero en muy pocos dias unas despues de otras fueron reconociendo la nueva situacion, brindándose á servirla ó abandonando los puestos á personas con ella identificadas. Muchos funcionarios públicos han sido reemplazados. Mientras los gobiernos sean producto de la fuerza es imposible que dejen los vencedores de excluir por completo á los vencidos y aun á los indiferentes, puesto que necesitan, para resistir á su vez, del concurso incondicional y decidido de todos los elementos gubernamentales.

Todavía no se ha conseguido la conveniente separacion de las funciones administrativas y políticas, colocando las primeras fuera del embate de las mudanzas.

Sin duda alguna sería muy ventajoso que los que sirven al Estado en la esfera administrativa no tuvieran que seguir las oscilaciones de la política; antes bien se limitaran al servicio del país sin temor de ser arrojados de sus destinos. En teoría todos reconocen la conveniencia de semejante separacion; pero despues nadie la ejecuta en el gobierno. Y es, porque aún son muy encarnizadas las contiendas y se procuran los cambios por los medios todos; y en tanto suceda esto, inútil es prome-

terse que algun partido se decida á disminuir sus medios de defensa prescindiendo del apoyo de los funcionarios no políticos. Estos á su vez se encuentran obligados á ser máquinas de combate; y entre la necesidad de los unos y la conveniencia de los otros se forma un círculo vicioso de cambios y mudanzas que malean la administracion y perpetúan el desórden.

* * *

A falta de un respeto sagrado á la justicia, es recomendable, como síntoma de progreso, que se guarden las posibles consideraciones á la legalidad en tiempos de revueltas. Es una especie de hipocresía relativamente saludable, que á las veces ayuda á reformar las costumbres. Las revoluciones deben antes que todo, y sobre todo, cumplir sus destinos, aunque para ello tengan que saltar por cima de la legalidad caduca que han vencido combatiendo; pero, si es posible, en alguna parte, demostrar miramientos á lo existente ó guardar de algun modo las fórmulas establecidas, se dá á entender con ello que no se combate ciegamente, ni se destruye por pasion, sino en cuanto lo demandan las necesidades del progreso. La misma Cámara que habia en la República oriental del Uruguay antes de la revolucion ha continuado despues funcionando; bien que, gracias á un ardid constitucional, los representantes adictos al Gobierno vencido han sido reemplazados por sus sustitutos. Creemos que el nuevo poder considera que le es posible gobernar con la Cámara misma; creemos que si así no fuese no habría tenido el respetuoso miramiento de conservarla, y creemos que, dada la transformacion, no habría hecho mal con disolverla, si venia á ser un obstáculo para que los fines de la revolucion se cumpliesen; pero de todas maneras es un buen síntoma el cuidado de no romper con lo existente sino lo absolutamente preciso para seguir adelante en los nuevos rumbos del Gobierno.

* * *

El coronel Aparicio, de acuerdo con los jefes políticos de S. José, Florida y Canelones se habia puesto al frente de las fuerzas militares que en estos distritos habia, con el propósito de sostener al Gobierno del Presidente Ellauri; pero el conflicto que por esta parte amenazaba, ha concluido por medio de una transaccion en que podria decirse que habia cedido de más el nuevo Gobierno, si no justificara su condescendencia el plausible propósito de evitar sangrientas complicaciones.

La transaccion ha sido un verdadero tratado de potencia á potencia, que principia por el reconocimiento del Gobierno provisional, continúa señalando plazo para las elecciones generales, agrega, como garantia, que los Jefes políticos de S. José, Florida, Canelones y Cerro-Largo han de ser de la misma comunion política á que pertenecen los que cesan en el cargo, y concluye con que las fuerzas de los mismos distritos serán licenciadas ante el coronel Aparicio y su colega el coronel Burgueño, lo cual es

tanto como reservarles el prestigio y la autoridad para las eventualidades del porvenir. Inútil es agregar que un artículo del tratado declara terminantemente que han cumplido como buenos, así los que han estado en un campo, como los que se han mantenido en el otro; y que quedan libres de responsabilidad por todos los actos que hayan ejecutado. ¡Quien no absuelve de todo corazon sus proprias culpas!

***

En Buenos Aires continúa el estado de sitio y la prensa está sometida á extremados rigores. Ciertamente que el peligro en que ha estado el Gobierno de resultas de la sublevacion militar ha sido grande y que se debe prevenir contra otros conspiradores; pero lo que pasa de la necesaria defensa, toma ya el carácter de abuso y generalmente produce çonsecuencias distintas de las que se proponen conseguir los autores de la represion.

En absoluto son funestas las medidas excepcionales; nunca están reclamadas por la lógica de los sucesos y las rechaza siempre la consecuencia de los partidos. Por desgracia, todos ellos, desde los mas reaccionarios hasta los mas avanzados, recurren mas ó menos veces á las medidas excepcionales, y haciéndolo, dán á entender que no consideran eficaces y buenos sus respectivos sistemas, que por otra parte tanto elogian y defienden. Pero lo que en los reaccionarios es un error de procedimiento, en los demócratas resulta además una falta de consecuencia. ¡Qué se puede objetar á los partidos medios luego de admitir la circunstancialidad del derecho en lo que á las funciones naturales de la libertad se refiere! Ellos, los partidos medios, no tienen reparo en admitir que el hombre es excelente, que está adornado de facultades excelsas, que al por igual recibe del Criador cada individuo los derechos todos; pero agregan que una cosa es la idea y otra la realidad; que ciertamente el hombre tiene en sí el gérmen de los derechos; pero que necesita la aptitud, y que mientras no cambien las costumbres y desaparezca la ignorancia etc. etc.; es decir las mismas, idénticas razones de circunstancias, que, implícitamente cuando menos, admiten los que recurren á medidas excepcionales.

Pero si en todos los particulares de gobierno estas son absurdas, más lo son cuando se encaminan á destruir la libertad de imprenta.

Jamás puede convenir á los poderes ahogar las manifestaciones del pensamiento. Sobre que la diligencia es inútil, porque las ideas se abren paso por los resquicios de la tirania, vendría á ser perjudicial, porque la compresion no destruye, sino condensa; y á medida que es mayor, mayor es luego la explosion y mas segura, del mismo modo que por medio de fermentaciones subterráneas se producen los cataclismos de los volcanes.

Hasta contra los errores es mala la compresion; pues cuando no resistirian la claridad de la controversia, circulan y se propagan en la sombra de la prohibicion, así como la mentira, deslizándose solapada,

se convierte en la autorizada calumnia, que cae sobre la honra y la asesina traidoramente.

Pero, segun todas las noticias, así la situacion excepcional, como los rigores contra la prensa, han de desaparecer bien pronto, levantándose el estado de sitio y permitiéndose la publicacion de todas las opiniones, aunque sean contrarias al Gobierno.

Este se ocupa preferentemente de la cuestion militar. La sublevacion vencida ha sido una prueba más de los peligros que engendra la preponderancia del elemento armado; pero el Gobierno de Buenos Aires no acaba de comprender toda la extension del daño y, segun parece, proyecta aplicar un paliativo en vez de un medicamento que estirpe de raiz todos los males. Ha visto en la pasada sublevacion la rebeldía de ciertos jefes y no el vicio mortal del militarismo, cualquiera que sea su organizacion.

En los pasados tiempos y en todas las naciones desde el momento en que la fuerza armada, háyase llamado falange, legion, tercio, batallon, etc., ha sido la principal en que se han apoyado los poderes, se ha hecho de seguida revoltosa y no ha dejado un instante tranquila la nacion. Los Emperadores Romanos subian al sólio en los campamentos sobre los escudos, y morian en los palacios á lanzadas; los invasores bárbaros, cuyas muchedumbres eran ejércitos, ponian y quitaban reyes, como si las funciones del gobierno fueran accidentes de un combate. En los tiempos presentes no hay revuelta sin que en primer término figure el elemento militar: la política se arregla en los cuarteles: cada partido, para conocer su fuerza, pasa lista á sus generales, y en lugar de pocas y saludables revoluciones, menudean los estériles pronunciamientos. Este mal no está en las personas, sino en las instituciones ¿Qué han de hacer los militares? Su oficio es batallar, y cuando no hay guerra, la producen, obedeciendo á la lógica de su destino. Su interés está naturalmente en desenvolver su personalidad con los ascensos, y para ganarlos en conciencia, tienen que hacer algo, aunque sea una sublevacion, que es el simulacro de una batalla. Un general afortunado conoce que el poder supremo se apoya en él solamente, que por él subsiste, y es lógico que se le ocurra despejar la situacion y declararse poder. Pero los jefes y oficiales ven claro que de nada serviría á este general su fortuna, si no fuera por ellos, y se les ocurre tambien despejar la situacion, declarándose *grandes electores*. Alguna vez que otra, no muchas, los soldados caen en la cuenta de que los oficiales y jefes nada valen sin ellos, y así mismo se les antoja declararse *pequeños electores*. Y de esta suerte las naciones modernas, víctimas del militarismo, caminan entre bayonetas y cañones por la senda del progreso, como si el destino de la humanidad fuera asentarse al fin en un campo de batalla.

¿Qué falta hacen en América los ejércitos permanentes? No hay allí el interés de la conquista, porque cada nacion tiene espacio que no puede llenar en un siglo, y las batallas deben darse en aquellas regiones á la naturaleza con las armas del trabajo. Justamente donde hace

más falta el obrero se le suprime destinándolo á la inercia de los cuarteles.—Además de los males que produce el soldado con los trastornos y pronunciamientos, que son incalculables, viene á disminuir la riqueza de la nacion con lo que consume y por lo que deja de producir. Si el salario del trabajador en las Repúblicas del Plata es, por término medio, cuarenta reales vellon de España, veinte y cinco mil soldados dejan de producir en un año cuatrocientos millones próximamente de reales, que con doscientos que consumen del trabajo de los demás, componen seiscientos millones de pérdida cada año.—¡Si esta cantidad se sembrara allí en empresas reproductivas en vez de arrojarla al incendio de las ambiciones para alimentar trastornos!

Hay más; en América existen verdaderas democracias, y el gobierno de las democracias es contrario á todo predominio excepcional. La opinion pública es la que debe hacer y deshacer poderes, aunque sea equivocándose—¿Para qué el sufragio, si deciden las bayonetas y los cañones?

Límpiénse, pues, las Repúblicas americanas la gangrena del militarismo, que aún lo pueden hacer, y entren en la vida del derecho, porque en otro caso, jamás llegarán á constituir gobiernos democráticos pacíficos, ni recogerán la abundante cosecha de bienes que les brinda la pródiga naturaleza de su suelo.

PORTUGAL E BRASIL

Estava apenas escripta a chronica da passada quinzena, quando as exultações da imprensa me trouxeram o desmentido formal de uma das minhas asserções.

O parlamentarismo não acabou: ainda ha oradores. Já de longe, com effeito, eu ouvira uns rumores de que entre os moços deputados, ardente regeneradora cohorte, cujo decurião parece ser o sr. Barjona, alguns, senão todos, ferviam em desejos vehementes de se fazer ouvir; havia, no dizer de muitas pessoas, eloquentes discursos preparados, e até corriam de boca em boca não só as metaphoras, mas até as attitudes e os gestos demosthenicos preparados no remanso do gabinete, quiçá ao espelho com que os moços tribunos haviam de enthusiasmar a maioria, e decepar as cabeças todas dos malevolos opposicionistas, fazendo aos atrevidos, como não sei que monarcha da antiguidade fazia ás papoulas. O facto de o governo, nas eleições, ter cortado as papoulas todas, isto é todas as candidaturas opposicionistas, deu de si o resultado já conhecido dos raros deputados não governamentaes optarem pelo silencio.

A esta circumstancia devemos o não poder no futuro a sessão actual contar-se entre as mais productivas de metaphoras e de tropos.

Umas e outros são, ao que parece, a condição necessaria do parlamentarismo n'estas raças de tagarellas que habitam a peninsula.

Mais ou menos feliz (conforme aprouver ao paladar de cada um) do que os seus collegas, o sr. Assumpção estreiou-se. O assumpto não era demasiado importante, e é essa a primeira causa da impressão que, lido, faz o seu discurso: *much ado about nothing*. Além d'isso é sempre falsa a posição d'aquelle que a todo o transe necessita brigar: occorrem involuntariamente á idéa os *trabalhos* de um Quichote, e passa diante da imaginação o episodio dos moinhos. Não ha potencia oratoria que resista ao negativo encontro d'estes dois inimigos.

Tal como foi, porém, o discurso do sr. Assumpção permitte que concluamos d'elle o que seria se de facto houvesse assumpto e debates, condições necessarias d'um discurso? Talvez permitta.

Podem classificar-se em tres os typos de oradores, que o parlamentarismo produziu em Portugal: o orador habil, o orador forte e o orador eloquente. O duque de Palmella, Rodrigo da Fonseca, são acaso os melhores exemplares do primeiro genero; o sr. Casal Ribeiro é, a nosso vêr, o melhor do segundo; e, do terceiro, desde José Estevam até ao recentemente finado Santos Silva, seria difficil enumerar os muitos que, melhor ou peior, têem enchido a escala, desde a eloquencia até á declamação. Infelizmente os declamadores emphaticos têem sido tantos que nos põem de má vontade contra qualquer que pretenda hoje ainda, nos nossos tempos de gelo, inculcar-nos que tem dentro de si um certo calor. Porque a maior parte das vezes não ha tal calor, antes uma falsa rethorica, um gongorismo chato, ou uma sentimentalidade piegas. Em vez de lumes, não ha senão palavras.

Nem, com effeito, se concebe que haja lumes dentro de alguem, quando, a não serem as questões praticas, os parlamentos não tratam hoje em dia de nenhum dos problemas que, ha trinta annos, occupavam a boa fé homerica de nossos paes. Nem tambem o mau gosto chegou ainda ao ponto de lyricamente se declamar sobre os melhoramentos da barra de um rio, como um sujeito que eu conheci tinha posto em versos o orçamento com o intuito eminentemente justo, mas decerto menos critico e litterio, de dar a conhecer ao povo o modo como lhe gastavam os bens. Era opinião d'elle que esses bens iam assaz mal gastos.

Voltando ao discurso do sr. Assumpção, parece-nos que não devemos consideral-o nem entre os *habeis* nem entre os *fortes*. A força inclue em si a habilidade, porque tem a intelligencia; não succede igualmente ao inverso, porque o orador habil é aquelle que, como Rodrigo dava, dá maior importancia pratica a um dito, do que a um argumento. Nenhum habil nem forte eleito do povo teria dito dos seus constituintes:

«O povo das nossas aldeias, na sua maxima parte, não sabe ler, «nem se importa com o manejo dos negocios publicos; apparece-lhe o «homem engravatado da sua freguezia, e diz-lhe: «Vae assignar-se aqui «o seu nome». «Para que»? pergunta o singelo aldeão. «Para não pagar

«tributos»; responde-lhe o outro; e elle consente em tudo na fé do figu-«rão lá da terra. É este o modo por que geralmente se fazem as repre-«sentações.»

Se as representações se fazem assim, como serão feitas as eleições?

Na sinceridade ingenua d'estas chronicas será licito dizer a um deputado novo que taes cousas não se repetem no parlamento, porque são a sua condemnação total? Se o povo é isso, em nome de quem estaes ahi? De que vale o vosso direito?

Que faça tal pergunta um revolucionario-atheu-socialista-petroleiro, concebe-se; não se concebe, porém, que um deputado conservador dê armas que condemnem a conservação.

Aqui me salta uma outra idéa que é a incompatibilidade do orador eloquente, classificado como antes o fiz, e o espirito conservador. Os conservadores têem de ser frios, habeis e fortes. Ha um não sei que de progressivo na natureza humana, donde resulta que por toda a parte o enthusiasmo, a paixão, e o sentimento do bello que dão de si a eloquencia, andam irremessivelmente ligados a todas as idéas tidas, com verdade ou mentira, por novas. Na sua opposição pratica, conservadores e progressistas parecem reproduzir a opposição organica, que revelam os movimentos do sentimento e os da rasão.

Duvído, pois, que os jovens deputados consigam, apesar do seu muito talento, violentar a natureza das cousas até ao ponto de sentirem e clamarem, como fazia um José Estevam, arrebatado pelas impressões mais ou menos chimericas do seu espirito. Os jovens deputados, tenho obrigação de o acreditar, são regeneradores por opinião, conservadores convictos, quer dizer que preferem da vida os lados praticos, positivos, fortes, habeis; que se importam muito mais com os caminhos de ferro do que com a instrucção; que dão o juramento politico de barato por uma economia no orçamento. Se não são isto, têem de ser intrigantes e ambiciosos vulgares, indignos da nossa attenção.

Não podemos admittir que o sejam, aliás teriamos de desesperar da sorte d'esta terra entregue a taes mãos.

Regeneradores, têem a escolher entre a verbosidade superficial do sr. Fontes,—não lh'a aconselho,—e a frieza, a secura, a precisão, a ironia cortante que o sr. Serpa tinha n'outro tempo, quando fallava. Podem tambem, como o sr. Sampaio, abusar do latim, mas não é do melhor gosto, e nunca produz muito. A final, a receita, sempre seguida pelos conservadores, em toda a parte, e cuja sensatez se percebe facilmente, é fallar pouco, ou mesmo nada, como faz o sr. Barjona, que apesar d'isso entrou para ministro sobre dois ou tres excellentes discursos.

O que por fórma alguma póde admittir-se n'um frio e correcto utilitarista conservador é a expansão sentimental que o sr. Assumpção teve:

«Eu, quando vejo a patria em lagrimas, choro com ella, porque pa-«deço das suas maguas, soffro do seu soffrer; quando a contemplo em

«alegrias, referve-me no peito um affecto tão puro e tão violento que só «desejava exaltar-me com ella e levantar-me acima do espaço, para ir «prostrar-me junto do throno de Deus a bemdizel-o pelos beneficios que «lhe concede. (*Vozes:* — Muito bem.)»

Além de que, o bom gosto litterario tinha muito que dizer a s. ex.ª, o que não admira, porque todos nós vemos como faltam certos elementos sentimentaes que n'outro tempo animavam phrases, como a do debutante. Os sentimentos foram-se, ficaram apenas as phrases, e sempre que sobre estas se pretende edificar, succede como aos castellos de cartas: são feios e cáem.

Sem por fórma alguma pretender entrar no fôro privado do moço orador, nem no de ninguem, não será licito, sorrindo, duvidar d'um tal ardor de fé, não direi já patriotica, mas religiosa? Como metaphora, o *throno de Deus*, é, além de emphatica, impia: não fica bem usar d'ella, quando o uso é meramente litterario.

Nós não podemos invadir a consciencia de ninguem, ainda que o sr. Casal Ribeiro, da antiga geração dos fortes que eram menos litteratos, mas sabiam melhor o que faziam, e diziam-n'o com maior franqueza, não seguiu esta regra. Foi elle quem cruamente disse na camara dos pares: *pueri ludunt*; jogam, brincam, com a seriedade das cousas publicas os moços regeneradores.

Radicaes, ninguem estranharia aos jovens deputados, a sua vivacidade, e mesmo se lhes supportaria maior dose de rethorica. Conservadores, o caso muda, porque o conservador, ou tem de ser serio no porte e commedido na palavra, ou corre o risco de o não tomarem a sério.

Como quer que seja, o facto é que, se os moços deputados têem muita eloquencia na memoria, muitos discursos na pasta, ainda que não tenham nem muitas idéas na cabeça, nem muito ardor na vontade, se querem *brilhar* e fazer bons (ou máos) discursos, passem-se para a opposição. Da lealdade d'este conselho são garantia as precedentes considerações.

Pueri ludunt, disse o sr. Casal Ribeiro queixando-se amargamente da falta de seriedade da politica, de que s. ex.ª parece estar divorciado. Entre s. ex.ª e o sr. Fontes debateu-se n'outro tempo o bastão de commando do partido regenerador. Ou porque o actual sr. conde abdicasse, ou por outros motivos, o facto é que os destinos deram ao sr. Fontes o leme do partido. A interpellação que na camara dos pares fez o sr. bispo de Vizeu sobre o conflicto de Bragança, foi occasião para o sr. Casal Ribeiro manifestar, senão opposição, desagrado á situação actual; apesar da consideravel importancia que o voto de s. ex.ª tem para todos os que sabem apreciar-lhe o valor, não me parece que a separação,—se o caso é para tanto,—do sr. conde do gremio regeneratorio tenha aos olhos dos politicos importancia igual á que teria a scisão do grupo Vaz-Preto. Na politica, os votos não valem quanto pesam. Desde que o principio da machina constitucional é o numero na sua brutalidade ignara, os votos valem quanto contam. E o facto é que o voto do sr. Casal Ri-

beiro vale por *um* e no arithmetico parlamentarismo 1 é sempre igual a 1 ; no momento critico da votação tanto conta o voto d'um homem sabedor e intelligente, como o do mais boçal representante d'aquelle povo que o sr. Assumpção conhece.

O conflicto com o cabido de Bragança foi o assumpto que rompeu a mudez já demasiado longa do nosso primeiro orador parlamentar. A questão é insignificante em si, mas symptomatica. O problema do equilibrio de relações entre o Estado e a Egreja é d'aquelles que crescerá e avultará cada dia mais, e conforme mais se fôr accentuando o caracter fundamental de todas as questões contemporaneas, que é um caracter religioso. Não que receiemos por uma volta ao periodo das guerras de religião, ainda que não pedem outra cousa os partidos ultramontanos de toda a Europa. A massa de conhecimentos positivos e de educação moral natural é já tão forte, que limita apertadamente as reacções possiveis. Entretanto o perigo existe, e na relação inversa da cultura intellectual e moral. Em paizes como o nosso, onde as populações estiveram e estão votadas a uma ignorancia que de si produz a falta de moral privada, lamentada por todos os que vêem n'uma sociedade alguma cousa mais do que os aspectos superficiaes, que as cidades produzem ; em paizes como o nosso, a arithmetica politica se fosse uma verdade, e o liberalismo se fosse uma pratica, dariam de si uma reacção immediata e a mais funesta. Retirae da eleição todos os elementos mais ou menos directamente coercitivos, as influencias auctoritarias ou pessoaes, os interesses locaes, e todos os argumentos que fallam mais á besta do que ao sentimento, consultae depois na sua genuinidade o pensamento das serras, e dizei-nos quem seriam os seus legitimos representantes.

E' por isso que todos os governos forçosamente são dictaduras, ainda quando o não queiram ; dictaduras mais ou menos liberaes, segundo as tendencias e o modo de pensar das pessoas, que as exercem, mas identicas na origem e no organismo. Por isso os melhores e mais sinceros liberaes combatem a applicação da liberdade, exactamente nas questões que theoricamente parece coadunarem-se melhor com ella.

O ensino, por exemplo, é uma das materias em que quasi todos os liberaes estão de accôrdo : em não consentir que o tornem livre, conforme logicamente os ultramontanos exigem dos seus antagonistas. Questão analoga é da Egreja. Á maxima de Cavour, repetida hoje com um deficiente criterio por grande parte do partido liberal, foi o ariete com que o sr. conde de Casal Ribeiro bateu o systema das actuaes instituições. D'aqui, empunhando o Moraes, e investigando o valor exacto da palavra *insinuação*, concluiu que o governo exorbitára compellindo o cabido a acceitar o nomeado pelo ministerio. Em que pese a Moraes e aos diccionaristas, ao proprio texto da lei, dado ainda que elle defendesse a argumentação do sr. conde, eu, se estivesse na camara, teria acompanhado o sr. Osorio, que votou com o governo, apesar de não pertencer á maioria. Acima de tudo a verdade, que todos devem dentro do parlamento á pureza das suas tendencias, mas não ha tambem duvida que

fazem mal, sentando-se lá, todos os que repellem o principio que inspira a carta portugueza e as de toda a Europa.

Esse principio é a secularisação do Estado, isto é, a independencia da auctoridade civil. E como será independente a auctoridade civil, se, sendo inevitavel a influencia do clero e da religião na sociedade, a auctoridade não tiver alçada sobre ella? A Egreja livre no Estado livre, expressão mais feliz do que verdadeira, boa arma de que um estadista audaz usou em quanto lhe foi util, mas que nunca tentou tornar de uma phrase n'um facto, é uma locução que, analysada, não contêm mais do que uma ôcca banalidade. Como suppor igualmente livres dois poderes necessariamente rivaes? Necessariamente, porque, a não o serem, ou o Estado é uma theocracia, ou a Egreja um culto administrativo. Rivaes, como esperar que a reciproca tendencia deixe de ser a de um ao outro se absorverem; e a solução necessaria a victoria decisiva do mais forte?

Ora os espiritos sinceramente liberaes temem pelo resultado d'essa lucta, e á custa d'uma inconsequencia doutrinal, que provêm d'uma errada analyse da idéa e do logar da liberdade, abraçam-se á dictadura, usam do poder que têem nas mãos, e nunca as mãos lhes dôam por isso.

Outro tanto faz a Egreja, e, sem nos pôrmos do seu lado, não podemos deixar de reconhecer a justiça e o fundamento das suas acções, quando nos collocarmos sob o ponto de vista que a dirije; como cumpre ao chronista impessoal, sem voto, critico, e que tem de ver todas as cousas de fóra de tudo. Sem fallar da Allemanha e da Italia (que n'esta *Revista* se encontram umas paginas mais além) o Brazil continúa a offerecer um conspicuo exemplo não só do que pódem, mas até do que devem fazer os padres como guardas do systema das idéas e das instituições christãs. Seja licito, a quem escreve de fóra de qualquer partido, respeitar, admirar até a nobreza humana de uma resistencia que é notavelmente bella. Não são infelizmente tantos nem tão grandes os exemplos de virilidade de caracter, de abnegação, de quasi heroismo, que o mundo contemporaneo nos offerece, para que nós todos, membros da familia humana, devamos escondel-os, estejam onde estiverem, venham d'onde vierem. Que os actos sejam gloriosos para uns, nefandos para outros, que na vertigem da acção os homens briguem e reciprocamente se accusem e se detractem, os espectadores que de fóra observam, baterão as palmas onde virem a força. No seio magestoso da humanidade fundem-se todas as opposições, varrem-se todas as differenças, tudo o que é vivo e humanamente são, é igualmente bello. Equivocos mais ou menos accentuados, faltas de comprehensão reciproca, eis a que a final se reduzem todas as contendas humanas, quando os contendores têem a virtude e a energia dignas do homem.

Pouco adiantou a questão religiosa no Brazil, nem facilmente se descobre como ha de encaminhar-se para uma solução que todos igualmente devem desejar. A teima de tudo querer, tem, com a sua incontestavel grandeza, o grande perigo do proverbio hespanhol, *quien todo lo quiere*

todo lo pierde: é isso o que parece não quererem perceber os ultramontanos. Acaso começarão a descrer dos processos jesuiticos seguidos até pouco, de ir *piano*, na sombra, absorvendo as escólas, invadindo as familias? Talvez, e com rasão. De que importa ao adulto a educação religiosa que recebeu na infancia, quando chega ao ar livre da vida civil e ahi começa uma educação nova? O trabalho lento e sem gloria cáe de repente e é perdido. Ora a experiencia acaso provou já aos ultramontanos a verdade d'esta observação em duas successivas gerações, e não querem tentar de novo a empreza. Despir a mascara, e lançar-se francamente á arena eis-ahi o que parece ser a decisão do catholicismo desde que proclamou a infallibilidade. A não serem improvaveis mudanças que produza em Roma uma substituição de papa, improvavel é tambem que deixe de ser vencido na lucta, que por toda a parte está accendendo, e a que eu liguei como symptoma, o incidente do cabido de Bragança, acaso repetindo a respeito d'elle a fabula da rã e do boi.

A tentativa de insurreição das provincias do Norte do imperio americano abortou completamente, mas nem por isso esfriaram os animos dos dois bispos encarcerados; tampouco o processo dos governadores dos bispados esfriou os cabidos, antes, contando com mais um processo e desejando vêr livres os dois conegos que, ao que parece, merecem o seu especial favor, o bispo do Pará exonerou-os do governo do bispado para assim melhor poderem ajudar essa cruzada, que o clero levantou contra as instituições civis, e o Estado contra as immunidades ecclesiasticas.

É fóra de duvida que a solução unica, apesar de distante, d'estes conflictos que agitam as sociedades, é a instrucção, fundamento indispensavel do espirito critico. Mas que enormidade de obstaculos se erguem contra o estabelecimento de instituições que para serem proficuas têem de ser radicaes! Debellar a força de inercia que oppõem, sob nome de conservação, a massa de interesses e de preconceitos que sempre restam como residuos d'um periodo que começa a deixar de ser, no momento em que um outro periodo começa a surgir, é um trabalho que as sociedades contemporaneas acaso não comportam ainda sem uma d'essas commoções dolorosas como foi para nós a crise de 1820 a 1834. E apoz successivas tentativas, successivamente infructiferas, que ao espirito de alguns acode a necessidade de romper de frente com a rotina.

Não sei se no espirito dos nossos legisladores o projecto d'instrucção primaria, apresentado pelo ministro do reino ás côrtes, acordou taes pensamentos; no meu sei que os produziu. De que vale dizer que se vae estabelecer a instrucção primaria obrigatoria, se essa instrucção e essa obrigação nunca hão de existir fóra do papel? Começando pelos instrumentos de instrucção, professores e compendios; onde os ha, os livros elementares adequados á imaginação das creanças? quaes são os homens finamente dotados, e sabiamente instruidos que se sujeitarão a dar a instrucção primaria, mediante o parco salario de tres tostões por dia? Serão os risiveis compendios que, para vergonha nossa, andam por essas escólas? Serão os barbeiros da aldeia que apenas sabem lêr? Quando

já se viu nomeado entre nós um escrivão, que se provou não saber escrever, racional é que os mestres não saibam ler.

Dar a um povo a instrucção elementar é mais do que dar-lhe de comer, porque é dar-lhe a força, o braço, a vida que arroteam os campos e lavram os mares. Mas no *dar* é que bate o ponto. Uma completa e boa organisação da instrucção primaria e secundaria em Portugal, admittido que houvesse todos os outros elementos, não custaria, só á parte financeira, menos da quinquagesima parte do rendimento bruto da nação, ou digamos tres mil contos, somma evidentemente incompativel com as forças normaes contribuintes do povo. O problema da instrucção publica é um dos muitos que o principio romanista da secularisação do Estado levantou e não resolveu ainda. N'outras éras, quando a parochia era o nucleo de congregação social, o parocho, chefe da vida espiritual, era o mestre, dava a instrucção e a educação. Se o Estado é civil, e não catholico ou mahometano, se a instrucção é uma funcção publica, e se não é prudente confiar ao padre inimigo a educação das creanças, a quem é que no organismo moderno compete essa funcção? Provado, como parece estar, que em paizes pobres como o nosso é irrealisavel uma divisão de trabalho que constitua independentemente a funcção de professor primario, convirá consentir que os professores, condemnados á penuria, lancem mão de misteres differentes para terem um ganha-pão que lhes não dá o orçamento? Provada a impossibilidade da divisão do trabalho n'este ponto, eu prefiriria á accumulação do professorado com os misteres de barbeiro, boticario ou sachristão, o sommar n'um mesmo individuo as funcções administrativas e as magistraes. Porque não hão de o regedor, o administrador de concelho ser ao mesmo tempo professores? Não teria o estado maior e mais directa inspecção sobre elles? não offereceria o facto de serem já funccionarios maiores garantias? E se o estado é de instituição civil, não é a auctoridade local, como era d'antes o parocho quando a parochia era uma molecula da sociedade religiosa? A auctoridade moral proveniente da funcção publica, outr'ora attribuida ao parocho, não a transferiu já a administração para os funccionarios civis?

Sem me fiar demasiado n'ella, não vejo comtudo a *falha* da minha idéa que offereço *gratis* aos nossos legisladores. Creio que emana d'um modo real de encarar as cousas. Não basta impôr multas para compellir os paes a educarem os filhos; é mister que haja uma como que coacção moral mais efficaz do que todas as multas. Essa coacção podia e póde ainda exercel-a o parocho; não a póde exercer o actual professor primario, que ou é um mendigo ou um industrial. Póde já, e poderá cada vez mais, exercel-a a auctoridade administrativa, que ganhará com isso um novo titulo á justa influencia, que lhe cumpre ter no espirito das populações.

Se a proposta do ministerio chegar a discutir-se, eu pedia a algum dos deputados que propozesse a seguinte substituição ao projecto do governo:

Artigo 1.º a instrucção primaria é obrigatoria e gratuita;

Art. 2.º São professores do ensino complementar todos os administradores de concelho, e do ensino elementar todos os regedores de parochia;
Art. 3.º Os concelhos e parochias proporcionarão o material das escólas e a gratificação dos professores;
Art. 4.º É completamente livre o methodo de ensino;
Art. 5.º As auctoridades administrativas são responsaveis para com a nação pelo cumprimento do art. 1.º

Para que o ensino obrigatorio seja uma realidade, é mister sobretudo um espirito conciliador, uma coacção moral, uma verdadeira dedicação, sentimentos que nunca serão efficazmente substituidos pelo draconismo da multa. Como se ha de multar um pae decrepito, que vive do trabalho de dois filhos, pastores de gado nas quebradas da serra? Como hão de elles vir diariamente á escóla? Ou impor-se-ha ao pae que morra á fome sem deixar uma migalha de pão aos filhos que, tiritando de frio, rotos, famintos, terão o espirito na necessaria delicadeza para comprehenderem direito publico constitucional, e na mansidão apropriada para acceitarem a doutrina da caridade christã? Ou se o pae teima em se não deixar morrer, irá a auctoridade assassinal-o tirando-lhe diariamente em multas o salario dos filhos?

D'onde resulta que as multas têem necessariamente de ser letra morta, e, como a lei não impõe outra coacção, que o ensino será obrigatorio no papel apenas. Applicae a lei, e dizei-me depois, se as vossas multas augmentaram o amor do povo pela instrucção e pelo systema que felizmente nos rege.

É verdade que o projecto, que marca em quatro a seis horas diarias a educação dos dois exercicios da manhã e da tarde, isenta de um d'elles os rapazes de mais de nove annos, empregados nos trabalhos agricolas. Admittamos que esta solução bastasse, e que fosse possivel conciliar o trabalho do campo, as mais das vezes distante do povoado, com o exercicio da tarde. E os aprendizes e serventes das industrias urbanas que estão para os paes na mesma situação dos rapazes do campo? A lei impõe aos mestres de fabricas a mesma multa que impõe aos paes: qual será a consequencia d'isto? Á parte a circumstancia da multa que em nada vem para o caso, pagará o dono da fabrica igual salario ao aprendiz e ao servente, quando elle tem de *perder* quatro ou seis horas de trabalho diario na escóla?

As medidas coercitivas são inexequiveis, porque a ellas se oppõem circumstancias de força maior sociaes-economicas. Restam as medidas suasorias que valem mais, são mais efficazes, e menos mentirosas. Que a auctoridade, em vez de impôr programmas e horarios, onde elles são inapplicaveis, deixe ás conveniencias locaes determinar o modo de dar o ensino. Mais vale um bom e longo exercicio aos domingos e aos dias santos, do que as curtas horas de fugida, passadas na escóla entre o cançasso do trabalho e o somno das noutes mal dormidas. Que as escólas se abram ou se fechem conforme as épocas de maior ou menor intensidade de trabalhos agricolas, que as horas se determinem conforme a natureza das

occupações locaes, que a escóla seja ás vezes no campo, debaixo das arvores, á hora da sésta, outras vezes no estábulo junto dos rebanhos que voltam da pastagem. Isto, ao contrario de imaginoso é eminentemente pratico. Imaginoso é muitas vezes, e esta é uma d'ellas, o processo geometrico dos legisladores de secretaría, que não conhecem mais do que a pauta e o lapis, uma craveira e um compasso: imaginoso porque piamente crêem que a natureza vae moldar-se ás formulas burocraticas. Não molda, e d'ahi provém serem as leis uma pura illusão. A gratuitidade do ensino converte-se n'uma carestia tamanha, que torna inexequivel a obrigação.

Parece que a opposição reclama para si a propriedade da maior parte do projecto do governo. O sr. Sampaio teria seguido o dito de Molière: *je prends mon bien partout où je le trouve.* Pois faz mal a opposição em reclamar, porque não dá grande idéa de si.

A enumeração das materias, que compõem o ensino primario elementar e complementar, é, se não me engano, a mesma no projecto do sr. Marianno de Carvalho e no do sr. Sampaio. Ao lêl-as recordei uma vez que vi na mão de um pequeno de sete annos um *Cathecismo constitucional.*—O que fazes tu com isso? perguntei.—Estudo a lição.—Estudas o que? e affirmei-me: Dize-me, pois, o que sabes?—Sei *os poderes!* exclamou elle ovante.—Os poderes! tornei eu; o que são *os poderes?*—São quatro, respondeu como um papagaio, legislativo, executivo, judicial e moderador, que reside na pessoa do rei... etc. A lenda-lenda ía muito por álem.

Chama-se a isto ensinar ou emparvecer? Ainda é mais absurdo fazer decorar a creanças as abstracções juridicas do constitucionalismo politico do que o dogma da Trindade. Ao menos o cathecismo, sabiamente redigido, conseguiu o milagre de representar, como se fossem realidades da imaginação, as mais fundas abstracções da metaphisica, as subtilezas mais finas da theologia. A creança, — qualquer que seja a influencia que isso possa produzir no seu espirito, — *vê* o Padre, o Filho, o Espirito Santo; o que de certo não vê, é nenhum dos quatro poderes que ainda hoje me fazem rir... sempre que me lembro do caso. Rir; e chorar quando tambem me lembro de que instrucção de tal sorte é a condição necessaria para esterilisar a intelligencia, embrutecendo-a em vez de a acordar; para desorganisar a harmonia das faculdades cerebraes pelo abuso exagerado da memoria.

A questão de methodo é talvez, é decerto a primeira e a essencial na instrucção primaria. Do methodo provém necessariamente o programma; e quanto a mim não deve haver programmas, nem os póde haver, para este genero de ensino em que a educação se não póde separar da instrucção, em que os processos devem modificar-se ao sabor dos temperamentos de cada creança, e sobretudo fallarem muito menos ao raciocinio que faz programmas e systemas, do que á imaginação, unica faculdade desabrochada no espirito infantil. É mister principalmente *mostrar-lhes* as cousas, mais ainda do que *ensinar-lh'as;* por isso eu admitto com enthusiasmo o systema americano das *lições de cousas. (Lessons of objects.)*

O que repillo com enthusiasmo tambem é o programma (suppondo-o necessario ou conveniente) que vejo no projecto do governo. Além de outros motivos tenho o de ver na instrucção complementar a *historia sagrada*. Que figure na instrucção elementar a *doutrina christã* comprehende-se, ainda que o racional e logico seria então entregar aos parochos o ensino: quem melhor do que elles deve poder ensinar christãos? Mas *historia sagrada!* No estado a que chegaram hoje a historia e a theologia não se concebe a importancia dos fastos do povo hebraico para a educação, nem sob um nem sob outro ponto de vista. E se ao menos fosse uma historia, ainda que d'um pequeno povo, e que pouco pesou no mundo! mas logo o livro mais efficaz para destruir em germen, no espirito das creanças, todos os elementos de futura comprehensão racional e scientifica da historia! um tecido de lendas atravez das quaes só a erudição de allemães descobre a verdade historica, e a sua perspicacia a significação symbolica!

A que abysmos leva a fatalidade da rotina!

Seja qual fôr a sorte do projecto do sr. Sampaio, o facto incontestavel é que é mister fazer alguma cousa pela instrucção publica; não só pela primaria, mas tambem e acaso principalmente pela secundaria. Os lyceus são educadores da classe media que fórma a atmosphera intellectual de uma nação; sem que ella exista, é tempo perdido o que se gasta em ensinar a ler e escrever. Não é raro encontrar hoje gente que *soube ler* em creança. Perdeu-o depois. Para que lhe servia? Fundar a nossa deploravel instrucção secundaria é tarefa que deve ser feita, pelo menos, ao mesmo tempo que se funde a instrucção primaria.

A reforma que propõe o actual ministro do reino, sem bulir na instrucção secundaria, augmenta as despezas publicas em 1:300 contos annuaes; de modo que se juntassemos a isto todos os augmentos ainda propostos e votados, não andariamos longe contando com um *deficit* de 3.000 a 3.500 contos para o futuro anno.

Lembremo-nos ainda de que, financeira e até economicamente a nossa existencia depende da do Brazil. E' elle quem nos cota os nossos fundos, quem nos compra a maxima parte dos nossos productos, quem alimenta boa porção das nossas industrias. O minimo desarranjo na machina de lá, desorganisa logo a machina de cá. Lembremo-nos sempre da guerra do Paraguay e da crise de 1868, para que uma guerra do Rio da Prata nos não possa trazer uma crise de 187...

No Brazil o espirito publico espera com anciedade a abertura da sessão parlamentar extraordinaria.

Entre nós o debate começa, a opposição decidiu-se a fallar—a final! —Ouvirei e depois conversaremos. P. de Oliveira.

Erratas

Pag. 146, lin. 6, onde se lê *podiam cuidar*, deve lêr-se: *não podiam cuidar.*

Pag. 146, lin. 10, onde se lê *mancha*, leia-se: *marcha.*

Pag. 323, Epigraphe, onde se lê *Di Handelsekrisis:* deve lêr-se *Die Haudelskrisis.*

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Artes e Letras.—Revista de Portugal e Brazil, 1874, 3.ª serie n.º 8 Redactor Rangel de Lima. — Editores, Roland e Semiond — Lisboa.

Contem o n.º 8: A carta por Pinheiro Chagas, com a copia de um quadro de Becker. — A mulher antiga e a mulher christã por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.—A taça, por M. — Um motim no aprisco, por A. Ennes com a copia de um quadro de Otto Gebler. — De como Velasquez tinha uma costella portuense e não era pintor, por Luciano Cordeiro. — O enterro de Jesus, por A. Osorio de Vasconcellos, com uma copia de um quadro de Van Dyck. — Domingos Antonio Sequeira pelo marquez de Sousa Holstein. — A faca de mato, por Rangel de Lima, com uma gravura de uma faca do sr. Raphael Zacharias da Costa. — Livros e folhetos por Rangel de Lima. — Diversas noticias.

Em Portugal onde não ha galerias e onde os grandes mestres das artes do desenho são desconhecidos, é esta publicação importantissima. Pode ella ser um meio de os popularisar, sempre que sobretudo as gravuras forem acompanhadas de estudos criticos e historicos de que são já um bom symptoma no n.º 8 os artigos dos srs. A. Ennes, e Osorio de Vasconcellos. Poderiam adquirir tambem importancia no estrangeiro as *Artes e Lettras*, se mais a miudo reproduzissem as obras d'arte que existem em Portugal; e ainda a sua utilidade seria maior para os proprios portuguezes e brasileiros se houvesse mais methodo e mais critica na escolha dos quadros a reproduzir pela gravura No n.º 8 o sr. Rangel de Lima entra, ao fallar na *Faca de mato do sr. Costa*, n'um caminho critico que apesar de ainda timidamente tentado nos parece melhor que o que este escriptor sempre segue para dar a noticia, ordinariamente sem significação dos *Livros e Folhetos* publicados durante o mez.

A Exposição da Academia portuense de Bellas-Artes e as obras de Fortuny (citadas n'este n.º a proposito da sua recente morte), devem sem duvida dentro em pouco ser tractadas largamente nas *Artes e Lettras*. Seria sem isso extranhavel o logar que tão importantes factos occupam nas *Diversas noticias*.

Esta secção da *Revista* conterá uma resenha crítica das publicações da quinzena.

A inserção de livros ou outros impressos no *Boletim bibliographico*, far-se-ha quando os auctores ou editores enviem franco de porte dois exemplares á direcção da *Revista Occidental*.

REVISTA OCCIDENTAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DOIS VOLUMES DE, PELO MENOS, 128 PAGINAS CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Portugal		Brazil	
3 Mezes....	2$200 réis fortes	3 Mezes....	5$000 réis fracos
Anno.....	8$000 » »	Anno.....	18$000 » »

Nas terras onde não ha agente accresce o porte do correio.

As assignaturas são pagas adiantadas.

Assigna-se:

Em Portugal

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vizeu, Lamego, Santarem, Mertola, etc.

Agente no Porto — **E. Chardron.**

No Brazil

Nas principaes livrarias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará, etc.

Agentes no Rio de Janeiro — **Moreira Maximino & C.ª**

Typ. de Christovão Augusto Rodrigues — rua do Norte, 145.

artigo J.B.R.

REVISTA

OCCIDENTAL

1.º ANNO

TOMO PRIMEIRO

31 DE MARÇO — 4.º FASCICULO

LISBOA
ESCRIPTORIO DA REVISTA OCCIDENTAL
3 — Rua Nova dos Martyres — 3

1875

SUMMARIO

I — LA VERDAD SOBRE LA TEORIA DE LAS RAZAS, por **D. Tristan Medina,** pag. 385.

II — PROPHYLAXIA INTERNACIONAL, por **J. T. de Sousa Martins,** pag. 408.

III — CONSIDERACIONES SOBRE LA GUERRA, por **D. Serafin Olave y Diez,** pag. 421,

IV — O CRIME DO PADRE AMARO. — Romance por **Eça de Queiroz,** pag. 439.

V — COLON EN VALCUEVO, por **D. Tomas Rodrigues Pinilla,** pag. 460.

VI — CHRONICAS: — America, por **D. R. de Cala.**

VII ——— Portugal e Brasil, por **P. de Oliveira.**

VIII ——— España, por ***

IX ——— Europa, por **J. Batalha Reis.**

LA VERDAD SOBRE LA TEORÍA DE LAS RAZAS

I

«La raza latina se muere.... la raza latina ha muerto!»

Al parecer, con el mismo pavor con que á la caida del mundo antiguo atronaba los áires aquel clamor, ya lúgubre para unos, ya feliz y animado por otros:—*los dioses se ván!*—así se repite ahora por todos los ámbitos del mundo europeo la falaz sentencia que hemos estampado á la cabeza de estas líneas; como si la amenaza que envuelve fuera la prediccion lógica, deducida de signos claros y bien comprendidos, de una ciencia verdaderamente sábia como no la hay, especie de gnosticismo profético infalible, como nunca lo conoció la mente humana, y al mismo tiempo decreto irrevocable de la fatalidad. La falsa concepcion, que aún nos abruma, de la idea de la muerte, la preocupacion que aún nos persigue con otros restos del fanatismo de la edad media, de que este divino fenómeno de la muerte no es más que destruccion eterna, descenso interminable hácia la nada, sin vuelta ascendente hácia la luz y la vida, todo esto favorecido por la imaginacion febril de los mismos pueblos del mediodía víctimas de la fatal creencia, y por los efectos ciertamente mortales de la obediencia pasiva, la fé ciega, lo instintivo solo consentido en las esferas espirituales, el *perinde ac cadaver* en todas las instituciones; esto es, la aglomeracion de vida loca en unas facultades de nuestro ser, y la falta absoluta en otras de la vida natural que les corresponde, desequilibrio que ha creado un carácter artificial impropio á los pueblos mal llamados de raza latina; la envidia, en fin, de los pueblos del Norte que esperan su última pefeccion del destronamiento total de los herederos de Roma y Grecia, contribuyen á dar una apariencia de verdad al absurdo, al más funesto de los absurdos que pueden contribuir con mengua de las

ciencias más observadoras, y menoscabo de los pueblos civilizadores, á la prolongacion de este periodo de incertidumbres, empresas fallidas, grandes propósitos desvirtuados por inconcebibles desconfianzas en que se agita el mundo del Mediterráneo hace más de cuarenta años. Que nada muere, sin embargo, es lo que ha descubierto la ciencia al estudiar y comprender que nada tampoco ha llegado en este globo al goce de perfecta vida en una senda segura de progresion incesante. Y que nada muere con muerte absoluta, lo vé tambien y lo repite la historia, nada de cuanto ha traido, ya directa, ya indirectamente, al desarrollo de la humanidad y para la más alta concepcion de la vida y del Universo un nuevo gérmen de verdad, un medio de hallarle, un principio de fuerza y de resistencia vital, un secreto de luz, un misterio de resurreccion ó inmortalidad, una virtud, una belleza, un derecho más á la soberanía de la vida. Tal vez han desaparecido razas á nuestros ojos, pero solo á nuestros ojos, y por tanto sus gérmenes, su sávia, su sangre, condensados ó inextensos, no han podido ni alejarse de la esfera de accion y renovacion humanas, ni cesar de influir más ó menos comprimidos en las recónditas entrañas de lo visible.—Palpitan en el torrente circulatorio interno de toda existencia actual; son vidas subyacentes, que en momentos á propósito vuelven á colocarse en la superficie y primeras zonas de la vida universal. Porque esta es ley armónica de la humanidad y de cuanto á ella se subordina ó interesa; y con la regularidad con que el globo que habitamos gira en derredor de un foco vital, así la humanidad gira ante el foco de la vida de inspiracion y misterio, no presentando una faz á la luz sin que otra penetre en la sombra, entrando en esta sombra lo ayer iluminado para que salga á luz lo que fué momentáneamente en lo oscuro. Hay sueño, hay reposos de unos grupos, mientras otros cumplen su tarea designada para su dia de hoy, pero no existe condenacion eterna á vida tormentosa y muerte inútil. La existencia humana rechaza ya la más negativa de sus creencias defectuosas. Ya solo vive la vida afirmativa y confirmativa; el fantasma de la muerte se ha coloreado, y el sueño mismo que es la única sombra real, no es en resúmen sino la vida misma, la vida siempre apretando sus nudos, fortaleciendo los resortes, retrocediendo para tomar nuevos impulsos, pensando un salto por ser á su impaciencia preferible á mil pasos, buscando un vuelo para evitar una caida, prefiriendo á la márgen segura ya conocida, la inmensidad insondable de un océano, porque necesita para sus nuevos deseos de vida nuevas islas ó nuevos hemisferios.—Aunque admitiéramos la total desaparicion de séres inferiores al linage humano, con respecto á este no podemos admitir ni la estincion de uno solo de sus grupos. El linage humano no es detalle, ni accidente; es un *quid esencial* de la vida, es además armonía soberana, no unidad, sino universalidad, y la desaparicion de un solo componente de este gran todo sería la desaparicion del todo inmortal esencialísimo. Y aunque reconozcamos, de otro lado, que ciertos grupos componentes entraban en lo invisible, allá en las primeras luchas de nuestra vida, de una manera completa, con total desaparicion de la vista de los vivientes, hoy estas

desapariciones ó ausencias mejor llamadas, ni son tan prolongadas ni consienten el olvido de los que quedan. No existe desintegracion de la humanidad. La noche de la ausencia y la noche del sepulcro están iluminadas ya por llamas superiores á las que colorean la sombra de las noches naturales. Corrientes eléctricas corren con parte de su fuego y parte del fuego de nuestra alma á iluminar lo ausente y remoto. Esto mismo sucede entre las razas que civilizan y las que parecen volver la espalda á la civilizacion y la vida. Todo es ya presente, el ayer y el hoy gozan del mismo llamamiento del mañana.

Estudiemos este fenómeno en las conquistas antiguas y modernas. Y estudiémosle sobre todo allí en donde la conquista de hoy es más pujante que cuanto en las conquistas pasadas nos pondera la historia de pueblos gigantes. Abramos la historia.

Siempre, siempre que una raza llega á establecerse como dominadora en un país cualquiera, se encuentra un génio local, tradicional invencible, una civilizacion misteriosa imposible de estudiar en sus orígenes, —la cual obra y se refleja en los mismos conquistadores. El hombre es una fuerza eléctrica, doble y múltiple, que recibe y dá, recibe un impulso y dá otro. Del conquistador al conquistado parte un hilo conductor por donde ván las comunicaciones del punto *A* al punto *B*, sin estorbar el paso á las que vienen del punto *B*, al punto *A*. —El débil aun cuando cae en la última derrota ejerce hoy una influencia extraordinaria, invencible sobre el vencedor.

El número constituye la fuerza, y cuando la raza conquistadora tenía la desventaja del número, bajaba en cierto modo al nivel de su adversario, á despecho de la excelencia primitiva característica de sus cualidades físicas y morales. Así fué como el romano adoptó, apenas terminada la conquista de la Grecia, no solamente el arte, la lengua, le religion del país, sino la patria, el alma del vencido. Y por este medio la raza vencida lo que hacia era esconderse trás la raza vencedora, para no perderse ni perder su vitalidad original, con la que volver á su tiempo á aparecer de nuevo triunfante en su proprio dominio.

A las tres generaciones, los que habian seguido á Strongbow, se mostraron más irlandeses que los celtas,—dice la historia. No era así, sino que, despues de tres generaciones de conquistadores sobre aquella region, los celtas y los irlandeses vencidos volvieron á aparecer triunfantes.

Lo mismo sucedió cuando el hierro y el fuego, recurso violento de los conquistadores en su desesperacion y ciego afan de destruir, se empleó contra las razas odiadas ya por indestructibles. El Dios de Abraham ordena á los israelitas que degüellen sin misericordia á los Heteanos, á los Amorreos, á los Cananeos, á los Phéreseos, á los Jebuseos y á pueblos de otras razas. Así lo hicieron, pero del último resíduo de las víctimas salia siempre incólume el arquetipo, un grupo, una familia hundida, oculta cierto momento bajo la ceniza, como chispa vital, para recobrar de nuevo la posesion de la vida dando nacimiento á una nueva y vigorosa generacion que imponía á los conquistadores las costumbres y las

ideas de los paganos sus antepasados. Los conquistadores eran los que desaparecían, ó mejor dicho, sus almas, como para dar encarnacion en sus cuerpos á las almas de sus víctimas, y de aquí procedia lo que la historia apreció diciendo que muchas generaciones del pueblo elegido caían en los mismos pecados, tomaban la misma fisonomía y adoraban los mismos dioses, de los pueblos que habian creido exterminar. De esta suerte Dagon, Moloch y Astarot conquistaron muchas almas á Jehová, y las artes de Tyro y de Sidon penetran en aquellos á quienes no habia podido herir la espada de Jabin.

Los ejemplos que ofrece de esto la Biblia, los hace ver hoy reproducidos en América, la gran raza avasalladora anglo-sajona. Los primeros colonos americanos han ido acosando hácia el Pacífico todas las tribus de Pieles-Rojas, que encontraban en las márgenes del Atlántico. Pero estas víctimas, medio exterminadas, perseguidas á sangre y fuego en lo más espeso de aquellas selvas vírgenes, en lo más abrupto de los montes desde los Alegánios hasta el Ohio y luego hasta el Misisipí, han ido, sin embargo, dejando en pós de sí, gérmenes de su vitalidad, con su sangre muerta su sangre viva, grupos, familias que han repuesto las generaciones ausentes, y que han influido é influyen en lo más vital de la raza conquistadora, en las costumbres, en las leyes, en las ciencias, en la política de la nueva nacion, y hasta en el caos de nuevas ciencias y nuevas formas sociales que se ensayan ó se presienten en aquella babilónica region, así en los espiritistas, como en los esenios del Líbano del Hudson, como en los mormones del lago Salado, como en la pantogamia de Onéid-creek.

Parte de esto se debe á la ley más conocida, segun la cual, un pueblo, lo mismo que un hombre, se asimila lo que absorbe. Nuestros alimentos, en verdad, hacen de nosotros lo que somos, y el blanco sajon no se asimila la raza índia sino para sufrir, para hacer influir sobre sí una reaccion cuya poderoso influjo se proporciona al grado de resistencia opuesto por el elemento conquistado. Las razas conquistadas hoy son más duras y vitales que las antiguas. La conquista misma en nuestros dias, léjos de aniquilar, revela á los perseguidos supervivientes médios de vigor y reconquista. Las tribus que han recibido el choque tenaz del anglo-sajonismo, al reponerse despues de la larga lucha á muerte, han quedado felizmente dotadas de un aumento de energía, suficiente á imponer desde ahora su influencia sobre los blancos invasores. El Anglo-sajon posee una fuerza de accion sin igual, una iniciativa considerable; pero el Dacota y el Cheyano son materias refractárias contra la cual se inutilizan todos los medios de destruccion.

«El blanco en América,—dice un viagero ingles, Hepowortk Dixon,—comete hoy crímines más repugnantes y bárbaros que las tribus ya vencidas. Si algunos indios tomando los vicios de su conquistador, se han vuelto más sensuales que los blancos, muchos blancos no han sabido más que igualar á los indios y hasta sobrepujarlos, en astucia maligna y ferocidad increible.»

«El Yankee además, — dice tambien el mismo Dixon, — ha recibido de los indios con muchos de sus vicios, algunas de sus virtudes naturales, su hospitalidad, el respeto profundo á la palabra dada, el soberano desprecio con que miran el sufrimiento y la muerte.»

«No es vana figura retórica, ni pensamiento estrambótico afirmar que al través de la América blanca, la influencia del indio se deja sentir vivísimamente en la esfera de las instituciones, lo mismo que en la del pensamiento. La confederacion de las *Cinco-Naciones*, fué el modelo que adoptaron los blancos cuando organizaron la confederacion de las *Trece-Colonias;* y esta analogía se aplica no solamente al principio fundamental de su union, sino á sus detalles y menudencias más originales. Los *indios iroqueses* fueron allí los inventores de la teoría del derecho de los Estados, que los colonos anglo-sajones aplicaron luego con ligeras modificaciones. Aquella teoría indefinible y peligrosa, implicando el derecho de obrar aisladamente por espontaneidad, y en caso necesario de retirarse de la Union y del pacto jurado, debía suscitar mil querellas y precipitar á los nuevos pueblos á la guerra civil.»

¿No vemos en aquello, la astucia, virtud del indio, sublimándose por la venganza, para triunfar con represálias de sus soberbios conquistadores? ¿Y no es la venganza una gran vitalidad de la víctima, que para revelarse inmortal ataca la soberbia del ideal de justicia con que el conquistador inicia siempre las tropelías de su invasion?

Aquellos mismos indios iroqueses fueron los que llevaron á la práctica la teoría que consiste en extender el poderío y territorio de un país no ensanchando los límites de los Estados ya dentro de un pacto federal, sino admitiendo tríbus, naciones, ó estados nuevos, sin absorberlos ó perderlos en ninguna de las otras unidades. Hé aquí un principio de acrecentamiento político que los blancos deben tambien á los indígenas americanos. Gracias á tal y tan alto principio de política generosa, *Cinco-Naciones* llegó á ser la República Federal de las *Ocho-Naciones;* y luego *Trece-Colonias* siguiendo la misma via y coronando la obra, acabaron por formar la gran federacion de Norte-América, ó sea la República de los cuarenta y siete Estados.

Los hombres de las *Cinco-Naciones* tenian sobre la libertad política y los derechos individuales nociones eminentísimas. El *sachem*, aun perteneciendo á una familia elevada, no ejercía sus funciones sino en virtud de una eleccion. El hombre era el igual del hombre. Ni reconocían rango hereditario, ni discernían más títulos honrosos oficiales que los que servían para designar tal ó cual empleo, como guerrero, consejero, consultor. Declaraban que los iroqueses, lo mismo que sus aliados habian nacido igualmente libres y era por consiguiente atentar á la ley divina de la madre naturaleza, pretender la esclavitud de uno solo aunque se declarase enemigo.

«El sistema de la division en tríbus es lo que más asombra al observador,—dice el citado Dixon.—Es un sistema oriental que se encuentra en Media y en las Indias, en Arabia y en Scitia, en todos los pue-

blos nómadas y pastores.—En Esparta había tres de aquellas tríbus madres, en Atenas cuatro, en Palestina doce y en Roma tres, y en cada uno de estos paises aparece una de sus tribus revindicando cierta superioridad sobre las otras: el hylleano en Esparta, el eupatrida en Atenas, la casa de Judá entre los hebreos, los Ramnés en Roma. No así entre las numerosas tríbus de la raza indo-americana; porque ninguna pretendió nunca la supremacía deprimente; el *cheyano* se reconoce igual al *sinjo*, los *mohicanos* iguales á los *senecasios;* cada nacion forma un cuerpo distinto, cada provincia lo mismo, y toda la política de la raza consiste en mantener inviolable la independencia de cada tribu, de cada grupo, de cada familia.»

II

¿Existen hoy las razas propiamente dichas, con las tendencias exclusivistas que las caracterizaron en el primer génesis de la vida de las naciones?—Desenlazadas, sosteniéndose en su distincion más característica, en su individualidad perfectamente indivisible, como requiere la fuerza misma del vocablo *individuo*, rehuyendo todo contacto impune, toda mezcla y relacion fortuita, negándose á todo elemento desconocido ú odiado, á toda influencia contraria á lo tradicional empírico, evitándose, viviendo de la dispersion, despidiéndose, alejándose unas de otras como se alejaron al comenzar los ciclos históricos desde el simbólico misterio de Babel, ciertamente que no. De estos como restos del misterio existen poquísimas que conserven el deber y el ideal que en remotas épocas les imponian la necesidad de velar y combatir por su exclusivismo, manteniéndose en la esfera propia; y estas que digo ser poquísimas, por lo mismo que siguen invariables, aferradas á los ideales históricos, sosteniéndose en las formas y precauciones antiguas, cuando la vida universal está reclamando distinto procedimiento de todas y de cada una de las partes llamadas á concurrir á su desarrollo supremo, son justamente las más designadas á perecer ó desaparecer de la escena visible del mundo, ahora que este mundo más moral é idealista que nunca, y en el cual quieren enseñorearse, lo que pide son nuevas evoluciones, nuevas formas, nueva clase de guerra ó de estímulo sensible, otros símbolos salvadores para comprender religiosamente y políticamente conquistar una vida más ámplia, más real y menos combatida. Todos los pueblos que hoy son algo como poder fecundo, en posesion de sí mismos y con la entrada libre por el pórtico del porvenir, han dejado de ser raza exclusivista y refractária; no es, si bien se le estudia, sino enlace íntimo, fusion sin confusion de razas distintas y en otros tiempos exclusivas, ahora, empero, fáciles, dúctiles, fraternales y, como para fecundas nupcias, abandonándose confiadas al secreto oscuro de un amor desconocido. ¿Cuándo si nó comenzó á valer la vigorosa Inglaterra como pueblo apto para la vida superior? Cuando dejó de ser vida exclusiva de una raza, cuando dejó de ser arya, cuando no fué solo neo-armenia, ni celta solamente, ni comeriana y nada más. Empezó á vivir cuando desapareció como Ingla-

terra una, raza de Caractaco, porque en aquel período de raza única, los romanos no encontraron en la isla que fué mucho más tarde de los santos, sino la bajeza menos apta para el valor y la virtud, la degradacion irremediable, y con ella una conquista inútil, un trabajo perdido, habiendo conseguido en cambio de sus esfuerzos el contacto peligroso con un pueblo de seres inferiores al hombre, hombres por el aspecto exterior y nada mas, *non tam viles quam nulli*, ni siquiera buenos para esclavos, menos para bestias de carga. ¿Cuándo llegó la Inglaterra de tan pobre cuna, á elevarse como dominadora de los mares, inspiradora y guía de otros pueblos en el período mas civilizador de la historia, y á ser por la naturaleza puente y tránsito del mundo del pasado al mundo del porvenir? Cuando cambió el símbolo de su unidad política y de raza por los elementos de fusion que poseian los pueblos llamados de raza latina; cuando acogió á estos en sus representantes más perfectos víctimas de las ingratitudes patrias, como antes Italia empezó á recobrar vida trás la noche de la edad media, acogiendo en su seno, ofreciéndoles en Florencia una nueva Atenas, á los restos de las razas griegas y árabes que arrojó de sí la ruina del imperio bizantino y con ellos los últimos resplandores de las civilizaciones antiguas. En cuanto á Inglaterra, Donoso Cortés ha emitido en 1840, una gran verdad, hija de séria y tranquila observacion. «La Inglaterra, dice, exporta su Constitucion el continente, y este en cambio le devuelve principios en oposicion con la Constitucion inglesa.» Los pueblos neo-latinos somos testigos de esa verdad y aun copartícipes del beneficio. La Constitucion británica cambió de sávia, por decirlo así, y no se desarrolla desde entonces en su direccion propia característica, sufre *vellis nollis* la influencia del carácter y del encanto de los pueblos neo-latinos y de los principios todos de su política liberal. El *self-government* ha sido reemplazado casi enteramente por la centralizacion burocrática, desconocida hasta ahora en aquel imperio: (examínense, si nó, las leyes de policía reinantes). La enseñanza ha ido pasando poco á poco á manos del Estado. La conscripcion se halla á punto de ser una ley esencial de la Constitucion inglesa. La extension del sufragio despoja á la Cámara de los Comunes de su carácter eminentemente aristocrático, porque era aristocrática, sí, á pesar de su nombre y sus promesas; y por último, la Cámara de los Lores, el sanedrim sagrado de príncipes europeos, pierde su preponderancia exclusiva y desciende al valor y á las funciones de cualquier senado moderno en las Constituciones de los pueblos neo-latinos. La Inglaterra, pues, avanza así, á pasos de gigante á una conquista de nuestra vida moral y política, en favor propio y no en mengua de los pueblos del medio-día; avanza á una asombrosa crísis política y social hasta ahora increible é inesperada. Cosa extraña, que se llaman razas muertas ó en agonía las que, por el contrario, han comunicado un nuevo secreto de vida y nuevo impulso de progreso á la sólida é indomable Inglaterra.

III

¿Cuándo se hizo posible la elevacion de Italia al imperio de unidad viviente? ¿Cuándo ha habido propiamente una Italia con nueva vida y brillante porvenir? Cuando acabó de dar el último golpe á su vida como determinacion de raza romana, y puso en juego para un fin, reconocido imposible, las diferencias y rivalidades de las diversas razas que chocan unas con otras en los pueblos de la vasta península. Italia se ha preparado á su grandeza de hoy favoreciendo á la vez las divergencias de los siete ú ocho centros de civilizacion que hasta ahora con sus luchas fratricidas han hecho creer por la fatalidad de las incompatibilidades en la imposibilidad de la unificacion. Cada uno de estos centros de civilizacion no es sino la vitalidad de una raza distinta. La accion más sencilla, como han podido observar filósofos viajeros antes y despues de Stendal, se hace de una manera en Turin, y de otra manera del todo distinta en Venecia; en Milan no es la misma que en Génova; en Bolonia parece opuesta á la de Florencia; y en Roma no la inspira nada de lo que la determina en Nápoles. Venecia, á pesar de las infinitas desgracias que han rebajado su título de reina y señora, ha conservado invariable, imperdible, la franca y loca alegría de la raza que fundó aquel pueblo original. Tiene dos Adriáticos, para obtener la sonrisa de dos mares, el que convierte en espuma contra las piedras de los canales el empuje bravío de las olas, y el carnaval que poniendo doble cara sobre el alma la obliga á revelar graciosa y brillantemente con mofa y regocijo las más oscuras é incomprensibles pasiones del corazon humano. Turin, por el contrario, es la aristocracia antigua taciturna sin disimulo, soñando con la dominacion y creyendo en la realidad posible de su sueño, paciente para esperar su hora, biliosa, mal humorada y triste hasta en el tríunfo positivo. Génova, la raza siempre insidiosa, hábil en burlar la ley, cínica en el contrato leonino. Los boloñeses viven y mueren llenos de pasion, el fuego es su elemento, y ellos son generosos hasta la imprudencia y el peligro, virtuosos hasta la locura. Florencia es griega por el arte y la filosofía; el aticismo corre allí de cuenta del vulgo, el talento chispeante, la inventiva, no es la mejor gracia ni el talento original de sus grandes talentos. A orillas del Arno ponen un velo al amor, como se cerraban los templos de Jano y de la Paz en Roma, cuando hay que prepararse al rencor y á la guerra. Las desesperaciones de aquel pueblo cuando sufre se revelan y desahogan, no en venganzas asesinas, sino en excesos de liviandad. Florencia no se entrega al placer, sino que el placer se hace florentino para encenderse hasta gastarse. En cuanto al napolitano, es voluble como ningun pueblo del mundo, impresionable las veinticuatro horas del dia y los sesenta minutos de la hora, volcánico contra todos, menos el Vesubio, viviendo de amenazas de muerte, suicidándose quince ó veinte veces en la vida, mintiendo cuando no es necesario, y torpe en hacerlo cuando más pudiera convenirle, esclavo de la sensacion, enamorado de la sorpresa, enemigo de la memoria, rico en esperanzas para esta

noche, pero no mas allá, porque el porvenir no es premio de los desmemoriados. Imposible será entre antípodas muy antípodas hallar séres más opuestos, naturalezas más antitéticas que un napolitano y el firme en la pasion, un romano, estudiadas comparativamente. El romano puede llegar á entenderse con un esquimal ó un bárbaro carabalí, pero nunca con un napolitano. Estas diferencias son hijas de las diferencias de razas allí aparentemente confundidas. A cada diez leguas se tropieza en Italia con un cambio total sorprendente. «Suponed,—decia el filósofo viajero que he citado en este párrafo, tan querido en Francia por la originalidad de su ingénio y su humor fácil y ocurrente;—suponed dos islas del mar del Sur que las casualidades de un naufrágio han poblado de lebreles una, de mastines otra, y una tercera luego, de kingcharles, y por último la cuarta escojida para los perros ingleses mopsas. Las costumbres se mantendrán siempre distintas, creo; y gracias á la diversidad de razas y á la mediacion de los mares, y á lo estrambótico de la comparacion podrá medir y estimar el que guste hasta qué punto hay diferencias é incompatibilidades de carácter entre el bergamasco medio loco por la intensidad de su pasion exclusiva, y el napolitano loco un millon de veces, por la impetuosidad con que se abandona á la vida del momento.» Pues aún médian mayores diferencias entre otras razas de la península. Si hay algo de verdad en la observacion que dice—«todos los ingleses son islas»;—más seguro es asegurar que todos los italianos son penínsulas, todos aferrados á un punto de Italia y huyendo de ella y de todo lo italiano. Pues este grupo de razas enemigas ha construido la Italia moderna. Por qué? Porque, lo que nadie ya puede ignorar, las razas sin perder sus diferencias, consiguen vivir unidas, necesitan mezclarse y triunfar todas con la mezcla, cooperar juntas al tríunfo de algo más lato y superior que la vitalidad de una raza y la idea de raza, esto es, la unidad moral, la unidad política, el derecho humano venciendo al derecho de gente, la idea de libertad y tolerancia, el progreso de la vida racional, científica, ecualitaria. Mucho tiempo sucedió una cosa parecida en aquel territorio italiano. La península no fué el centro del ideal y del poder romano, sino porque albergó en su seno más de treinta tríbus no solamente extrañas las unas á las otras, sino bárbaramente enemigas. Aun despues de lo que se llamó conquista de los romanos, que fué mas bien, como hemos indicado hablando de otras razas conquistadoras, fusion, pero fusion característica de la raza romana en las otras razas, todos los estados anteriores al hecho absorbente unitario, todas las razas primitivas conservaron sus costumbres, sus pasiones, sus distintivos incomunicables caracteres, y por muy largo tiempo sus diferentes lenguas. Desaparicion total absoluta, muerte de razas no la hubo allí nunca. Y en prueba de ello, búsquese este fenómeno, estúdiese en los primeros momentos de las irrupciones bárbaras, y se verá que en el momento de flaquear, por el golpe de estas, la civilizacion dicha romana que las habia mantenido en unidad pacífica hasta entonces, luego al punto todas aquellas razas de la península volvieron á recobrar su individualidad característica imperdible,

y de tal manera recuperaron su independencia hácia los siglos VIII y XI, que sin ello no habría sido posible, ni podría hoy explicarse el establecimiento de las célebres repúblicas independientes de la Edad-Media. Las razas, de esta suerte, pasaron á reponerse, aisladas, en su vitalidad propia, para hacer posible luego, por colaboracion de todas, la coparticipacion de una vida más alta, bajo el impulso divino del ideal cristiano. La diferencia de razas hizo, pero no por desaparicion, sino por sosten de la misma, las grandes unidades de pueblos que nos revela la historia, así como lo que hoy se llama lucha y diferencias de los partidos políticos, es despues de todo la preparacion necesaria, forzosa, de la nueva unidad armónica, vital, sólidamente basada, que presienten los pueblos inmortales.

Ampère, un gran literato de la Academia francesa, dice en su viage *dantesco*, al hablar de las carreras de caballos con apuestas que tienen lugar en Siena todos los años, el 12 y el 15 de agosto:—«El entusiasmo de las *contrade* de Siena por el caballo que lleva sus colores y con los colores su cólera y su ódio contra las otras *contrade*, hacen comprender el fraccionamiento de la Italia. Dante censuraba á sus conciudadanos las guerras intestinas entre sus pueblos separados por una *zanja solamente*. Toda la Italia subsistió así dividida y fraccionada durante muchos siglos, por los sentimientos, por las pasiones, mucho más que por las murallas de piedra. Y no hay por qué nos quejemos de aquel mal, pues á tal fraccionamiento llevado por el rencor á sus últimos límites, se ha debido la vida múltiple y fecunda que ha producido allí tantos génios colosales, tantos monumentos grandiosos, tantas y tantas obras maestras inimitables.» Y además, añado yo, la unidad triunfante de hoy sobre la unidad universal decrépita.

Pero... terrible consecuencia de una doctrina religiosa que tiende al servilismo y á inspirar el miedo de los proprios arrebatos de grandeza así en el individuo como en el pueblo!... los mismos italianos han reconocido en aquellas sus luchas de la Edad-Média, la causa de su postracion y de su caida en los siglos que precedieron á la fundacion moderna de la Italia, vencedora á pesar del ideal religioso que les hizo temer aquello mismo que apetecian y necesitaban. «Los italianos,—añade Ampère,—lamentan ahora no haber formado en los siglos anteriores un gran Estado como Francia; y nosotros, con todo, lo que tenemos que lamentar son los inconvenientes de esta falta absoluta, por un esfuerzo de la unidad central absorbente, de toda vida local, con lo que solo hemos logrado la esterilidad intelectual de ciertas provincias y mayores dificultades para la conquista de la verdadera libertad. No, no es ciertamente un pobre tema de historia, ni mucho menos, el simple espectáculo de las carreras de caballos en un pueblo como Siena.»

Efectivamente, nunca se deja de aprender algo, al estudiar pueblos víctimas por serviles, de las carreras de caballos que á veces vuelan más que los hombres, y que acaso volarían mucho más, si no tuvieran el apéndice del hombre en cima, como superior y guía.

Ampère estudiaba aquello con minuciosidad y escrúpulo.—«Cada caballo daba vuelta á la plaza,—sigue diciendo,—precedido por hombres con los colores de las diversas demarcaciones, agitando orgullosos, haciendo ondear y flamear las banderas con las armas de tal ó cual barrio de la ciudad, la loba, la pantera, la torre, el bosque, el águila, el mochuelo, etc., etc. En la Edad-Media, barrio, profesion, iglesia, familia, tenian su bandera, su enseña, su símbolo especial de independencia. A nosotros, ay! no nos queda más que la bandera del regimiento y el estandarte de la parroquia!»

A España sin embargo le quede algo más, la divisa del toro y la capa con alamares del torero.

IV

No, las razas no mueren. El mundo antiguo creyó en la posibilidad de esta muerte, y la buscó incesantemente por la guerra y la conquista. La creencia contrária, la conviccion profunda de que es vano por lo menos atacar lo que no puede morir, probado por las contínuas resurrecciones de razas perseguidas, dá por resultado salvador la consideracion en la ciencia y en la conciencia de los pueblos, de la inutilidad, y por lo inútil mayor barbaridad, de la guerra. La desaparicion coincidirá con el triunfo definitivo de todas las razas, con la participacion de todas en el progreso de la vida más real y superior. No se dirá que acabó la guerra porque ya no había razas que extinguir, quedando una sola preponderante. Acabó ó acabará cuando todas las razas, al parecer extinguidas, volviendo á reponerse y trayendo su contingente de fuerza original vengan con su exceso de vida multiplicada á burlar y eclipsar el poder de la muerte por la guerra. Toda raza volverá á la posesion de su Jerusalem, de su centro geográfico, de sus leyes etnográficas y geográficas, complemento armónico de las leyes morales que determinan la originalidad viviente de cada grupo. El corazon de la Europa lleva grabada esta verdad natural cristiana en el pueblo libre y más feliz que han conocido los siglos de civilizacion europea. Se llama el pueblo neutral por excelencia, ha debido su existencia actual y sus progresos á la neutralidad, á esa indeferencia por la guerra, que se deriva de la soberanía religiosa y de las constituciones federativas. Suiza vive de neutralidad, su canto patriótico es á la neutralidad, y con esto es el pueblo más unido y compacto de Europa, á pesar de componerlo, pequeño y tal como es, un conjunto de razas perfectamente distintas y enemigas en la historia. La *Mater-Helvetia* no es propiamente una sola Helvecia, sino conjunto de muchas pátrias. El espíritu de localidad más exclusivo, de especialidad más determinada, está sellado con caracteres indelebles en todos los cantones suizos. Imposible que aquella República adopte ideas y costumbres homogéneas; y para que ni las mismas razas que la pueblan intenten, debilitándose, fundirse por desaparicion de las heterogeneidades, allí están sus montañas y sus abismos impidiendo el retroceso á la unidad brutal. Allí están aquellas cimas, como inmensas urnas guardando cada una la esencia

especial y sin mezcla de una vida, la sangre propia de una raza, los caracteres y dones privativos de ella, segura y libre de todo contacto peligroso con los elementos extraños que la cercan. Suiza es el índice providencial del plan de vida para todas las naciones. Y así como los efectos del diluvio universal en los accidentes del globo, son en sentir de los místicos, una revelacion incrustrada en la materia misma que nos sustenta, de una omnipotencia divina y justiciera, así mismo la geología y la geografía de Suiza revelan la conveniencia providencial y la necesidad de vidas diferentes, de pluralidad y heterogeneidad de ideas, intereses y costumbres en aparente divergencia, para construir una perfecta unidad que signifique armonía y equilibrio vital, no mortal absorcion de muchas vidas en una sola por esfuerzos irracionales de conquista. Suiza nunca uniforme, es solo por esto único modelo en Europa de toda nacion sin peligro de guerra en el porvenir. La federacion que rige á la Suiza es el único modo de vida nacional que le conviene. Napoleon, ambicion conquistadora que entre todos los Alejandros, Ciros y Sesostris, fué la única ambicion inteligente, porque las otras fueron puramente instintivas, no quiso engañarse respecto á la conquista imposible de la Suiza. Asimilarla al imperio, si hubiera podido lograrlo, hubiera sido llevar la antítesis desintegrante al seno de su obra, infundir á la Francia el secreto de las federaciones, la posibilidad y la conveniencia, y con ellas los medios y virtudes de vivir en unidad por la armonía, razas, escuelas y provincias distintas por espíritu de independencia. Napoleon se contentó con una apariencia de absorcion, con el protectorado y nada más, de la nacion helvética, dejó á los hombres de los valles y de las montañas gobernarse segun sus antiguas costumbres; la idea de aniquilar la estátua de Guillermo Tell no atravesó nunca por la mente del que quiso la destruccion para siempre del imperio germánico, y creyó en la posibilidad de abatir el orgullo de las razas españolas, y explotar el aislamiento de la Rusia. Es verdad, diremos de paso, que estas dos nacionalidades potentísimas rompieron la espada que pulverizó tantas coronas; pero lo que en España venció á Napoleon no fué la unidad nacional, no fué unidad ninguna, ni de plan de ataque, ni de gobierno, ni de ejército disciplinado, sino el despertar simultáneo de las antiguas razas, de los reinos componentes, cada pueblo de estos con su originalidad característica y sus virtudes peculiares. En Rusia el vencedor tampoco fué el imperio; este pueblo, como imperio, flaqueaba en sus representantes. Vencieron las razas con su energía primordial, auxiliándose con la nieve de sus estepas y el incendio de sus ciudades. Un imperio perfecto en este sentido por la absorcion de las fuerzas de muchas razas, hasta simular su fusion en una sola, hubiera cedido al ejército de Napoleon.

En Suiza es donde se cree en el secreto de duracion segura; las fracciones del patriotismo universal están aisladas, sin duda, pero se estimulan manteniéndose á cual más en un estado de vigor nacional concentrado y de entusiasmo patriótico incomparable. Resguardados por valladares divisorios naturales, porque la tierra que les dá el pan es ver-

tical para servirles además de muro, seguros de encontrar apoyo en los que tienen cerca viviendo encastillados de igual suerte, soberbios y fuertes con la posesion de una independencia de hace siglos; mas fácil sería armar una comarca contra otra, de las que componen la federacion, que doblegarlas á admitir un yugo comun, ó la unidad funesta á otros países.

Es increible que la Europa armada ó una Francia invasora para recobrar su imperio, intente nunca el paso libre por la Suiza. Este pueblo tiene un poder en la divergencia misma de los pueblos que lo componen, que no lo hace apetecible á los poderes de pueblos unitarios. Esto sin contar con que la naturaleza ha hecho por el dichoso país, lo que no hizo por el pueblo hebreo, el más fanáticamente patriótico del mundo. Las potencias preponderantes le envian sus embajadores; y Suiza conociendo el objeto de todas las embajadas, consigue en la serenidad que la inspira el secreto de su destino, complacerlos á todos sin concederles nunca nada de lo que desean. Todos quieren la amistad, y á veces la proteccion de quien puede levantar seguros obstáculos entre dos zonas enemigas. Las naciones del Norte, por su parte, hacen valer la comunidad de orígenes, las costumbres que salieron de una misma cuna, las semejanzas de lenguages, procurando así facilitarse el paso por los desfiladeros y gargantas alpestres, y un golpe sorprendente sobre los pueblos del Medio-día. Aun prescindiendo de los argumentos accesorios que el Norte no escasea, todos, por supuesto, más especiosos que sólidos, fijando Suiza sus miras en las conveniencias que hoy le resultarían de arrojarse en la brazos de la Prusia armipotente, parece que hay una tentacion para la República, única propia para hacer flaquear al pueblo más amante de su independencia. El primer resultado de su entrada en la Confederacion alemana, sería el Rin á disposicion del comercio helvético, hoy tristemente limitado y nulo. Con que Suiza consintiera en ser la portera complaciente, dispuesta siempre á dar acceso á los ejércitos alemanes, manteniéndose inaccesible á las seducciones del Medio-día, mil y mil fuentes de industria, infinitos elementos de riqueza aparecerían de pronto en el suelo helvético, y así la República modelo entraría más activamente en el movimiento civilizador de Europa. La tentacion es terrible, pero salva á la Suiza, cuanto caracteriza á las razas en su aislamento original, el orgullo, el hábito de independencia, y sobre todo las pasiones más fuertes que los intereses. Á pesar de todos los esfuerzos, la neutralidad es, como ha dicho un publicista francés, el *único grito de guerra*, el solo compromiso que acepta, la última palabra de la Confederacion helvética. «Cuando pasé por el canton de Vand,—añade,—y oí un coro de jóvenes reunidos en una hospedería entonando acordes un himno patriótico, cuyo estribillo era *viva la neutralidad!* quede asombrado del entusiasmo que empleaban en contraste con la naturaleza antipoética de la palabra que, sin embargo, se lo infundía y lo expresaba. Comprendía yo muy poco tanta exaltacion en pró del reposo, tanto fervor por el estado neutral. Pero, si os pasare lo mismo, romped la corteza de una fraseología inusitada, id más léjos que la palabra misma, más profundamente que la misma idea, penetrad hasta la pasion que allí

se esconde, y reconocereis el ardor de independencia y libertad bajo la envoltura de la indiferencia y del indiferentismo. Cantando la neutralidad de las razas de Suiza cantan su propio orgullo. Entonces lo que dice aquella patria es que no quiere obedecer á nádie, ni abrirse á ninguna fuerza invasora, ni ceder á influencia alguna exterior. Reconocí que esto era lo más vital de la Confederacion, y que en ello descansa el secreto de su porvenir.»

Esta omnipotencia está construida con elementos heterogéneos, y ha venido á crear la neutralidad salvadora, aquello mismo que en el pasado creó la necesidad de la guerra; esto es, las diferencias de razas. Estas diferencias de pueblos armonizados, sin preocuparse nunca de la unidad mezquina absorbente que esteriliza la sávia de otros pueblos, contrariándolos, procura favorecer allí las diferencias y los antagonismos. La libertad en Suiza no es dueña absoluta de las diversas influencias del pais hasta el extremo de paralizarlas. No solamente la aristocracia y la democracia subsisten en Suiza, como tienen que subsistir en toda república europea, sino que subsisten hostiles y violentas; procuran mantener vivas y distintas la adhesion al pasado, la fé en el porvenir, la vida de las nacionalidades alemanas, el recuerdo de la revolucion de Francia, y, en suma, el catolicismo más romano y el protestantismo de todas las iglesias disidentes. Todos estos elementos heterogéneos se agrupan en cada canton, con la más incomprensible y absurda realidad, con la más caprichosa de las unidades, pero subsisten. El orígen de esas fuerzas antitéticas se explica sin embargo, con solo recordar la historia, el pasado sangriento, las causas de sus disturbios y revoluciones. El resultado definitivo de tantas variedades y contrastes es una convergencia y una vibracion necesarias del conjunto hácia la neutralidad salvadora. Si cada uno de estos pueblos quisiera extremar sus pasiones rompiendo el pacto federal, los conflictos del pasado volverían á presentarse. Pero no sucede así. Frecuentemente las pasiones de una sola demarcacion, de una pequeña localidad, son contradictorias, por conservar en la misma contradiccion grados de intensidad igual que se anulan mútuamente. Suiza vive porque no es una.

V

Por el contrario el imperio, austriaco cayó en el momento de llegar al último término de su política autocrática por la unidad absorbente. Hoy para reponerse cambia de política radicalmente. Aunque respetando ciertas formas de las antiguas se hace constitucional, quiere llegar á serlo en el sentido más lato de la expresion, y se ocupa por de pronto en aflojar los nudos que hasta ahora hicieron un conjunto de las diversas razas que le han dado vida; alienta las fuerzas características de cada una de estas, para que vuelvan á recuperar su primitiva distincion con independencia de influjos tiránicos. Francia, la Francia de Francisco I, Luiz XIV, y los dos Bonaparte no llegó á alcanzar una preponderanc a estable y sólida, por haberla procurado con el mismo secreto de unidad del princi-

pio romano, interesada preferentemente en este trabajo de catorce siglos ya, de anular las rasas en lo más vital que poseian, de provocar esos horribles exterminios de generaciones enteras, que se llaman revoluciones, y de subyugar la Europa con la bárbara locura del primer imperio. La Rusia ha podido subsistir aún como imperio, porque no ha quebrantado todas sus razas todavía; y la Prusia ha llegado al poder, porque, nacion pequeña y todo como era, la componían Estados muy distintos, restos de razas muy diversas. En cuanto al Austria, que se levanta para oponerse al poder absorbente prusiano, se fija hoy, como decíamos, en deslindar las dos divisiones perfectamente marcadas que presenta aquella vasta nacion bajo el punto de vista etnográfico, tanto como bajo la relacion de la geografía: y son el Austria Occidental y el Austria Oriental. El dualismo aplicado al imperio desde el advenimiento del Baron de Beust á la direccion del Estado es la explotacion política de aquellas divisiones naturales é históricas. Cada una de aquellas dos nacionalidades ha ido formándose, por su lado, de la union sucesiva de pueblos y razas que por sus usos, idiomas y propósitos anteriores fueron en dilatada época enemigos. Hoy se congregan para formar dos grandes grupos, no uno, y dentro del grupo correspondiente, procurando recobrar la libertad de las federaciones, aunque manteniendose todavía mucho más armonizadas, como los satélites en derredor del astro central. En este movimiento, los pueblos germanos de aquella parte han mostrado haber sido más trabajados y quedar más exhaustos, por la dominacion imperial, que las razas italianas bajo el unitarismo de los romanos. Estas conservaron su vida, como hemos visto, para constituir desde luego, al derrumbarse el coloso que las deprimía, repúblicas independientes de una vitalidad juvenil como no aparece en los pueblos austriacos; lo que demuestra, en resúmen, más vigor y fuerza de resistencia en los pueblos del Mediterráneo. La parte occidental alemana que contiene la alta y la baja Austria se compone de Moravia, Bohemia, Silesia, Carintia, Styria, Dalmacia y otras provincias con otras razas. Cada uno de estos pueblos conserva su historia distinta, su idioma proprio, sus costumbres populares. — Lo que no han conservado, ó no logran recuperar aún, son los elementos preponderantes necesarios á la formacion de Estados soberanos federales, pero siguen en persecucion de ese término bajo las nuevas libertades que adopta ahora el imperio de que son provincias.

En los satélites de la parte Oriental que son Transilvania, Cróacia y Esclavonia, los caracteres distintivos de raza se conservan con más pujanza todavía, y más caudal de vida para el porvenir. El Austria, pues, podemos considerarla compuesta por el equilibrio de tantas razas como Estados acabamos de nombrar. Cada uno de los dos grandes grupos de las dos distintas nacionalidades, gobernándose desde ahora más liberal é independientemente segun la idiosincracia que lo singulariza, con un Parlamento este, cuyas deliberaciones son en lengua alemana; con un Parlamento el otro, que no emplea en sus deliberaciones sino la lengua magyar, léjos de simular una descomposicion del imperio austriaco, —

dando nacimiento á un tercer parlamento que conspira á la unidad necesaria,—son más bien un recurso poderosísimo de vida para valer triunfantes frente á otras potencias al parecer más poderosas. Que el vínculo de union de las dos fuertes nacionalidades componentes del Austria, no quiere el Austria que se asemeje ni de léjos al que imponian los imperios fundados por conquistas y guerras de razas, lo prueban las fórmulas mismas en que dicen su asentimiento los patriotas de unos y otros pueblos. Hungría no es para el Austria rejuvenecida lo que fué la Italia para el imperio del primer Napoleon.

Ladislao Telek ha repetido con otros de sus compatriotas: «Nuestro país no ha sido ni será nunca una conquista; por que si elevó á su trono á los príncipes de la casa de Hapsburgo ha sido por eleccion propia voluntaria, no por efecto de una tiranía irresistible.» Otra prueba clara de que las razas no mueren, que resisten á las tiranías absorbentes por siglos de siglos, y vuelven á aparecer con su vitalidad propia como única esperanza y segura base de nacionalidades renovadas.

VI

Pero en donde la creencia fatal en la muerte de los pueblos parecía comprobada por los hechos, con fuerza irresistible, es en el Oriente, iluminado por el sol agonizante de la Grecia y la media luna sangrienta de Turquía.—Turquía que se ha tenido por única dominadora con exclusion de toda otra raza, sobre aquellas vastísimas regiones, ha dado valor á la creencia por la misma esterilidad y avidez en que ha dejado tierras inconmensurables las más fértiles tal vez del mundo antiguo, que bajo cualquier otro dominio serían hoy las más inagotables fuentes de riqueza. Aun habiendo perdido al parecer su mejor sávia, aquellos terrenos ya ingratos y salobreños, prometían mucho para el porvenir, y no es Fourrier el único que haya visto sacramentarse allí la esperanza de sociedades mejor ideadas y levantarse firme el trono de la humanidad triunfante cerca del punto en que tan peligrosamente se columpió un dia y una hora la cuna de la humanidad naciente.

Todos los soñadores, todas las grandes ambiciones de la historia, aparecen buscando el sol de Constantinopla para madurar sus colosales proyectos. Los soberanos que idearon la fundacion de un imperio universal estable, dirigieron al punto la mirada á la metrópoli de Constantino, señalada por su posicion excepcional para centro de un poder generador formidable; porque ciertamente no se conoce otro punto del globo del cual una dominacion consistente pueda radiar tan fácil y rápidamente, como de aquel, sobre más vasta extension de reinos y más extraordinaria diversidad de pueblos. Es punto central de tres continentes, y por esto complementaria del Mediterráneo.—Situada la Turquía al extremo oriental de Europa, toca el continente asiático del cual la separa solamente un estrecho que se cruza, sin los adelantos de la época, en menos de una hora. Africa se levanta en frente, y en poquísimos dias cual-

quier buque, navegando en línea recta, llega á la embocadura del sagrado Nilo, en cuyas ólas se reflejaron por primera vez el cielo y los interiores del cielo con lo que más interesaba al corazon de los pueblos, accidente de la naturaleza que ha dado más que ningun otro problemas á la historia y á la ciencia, metáforas, parábolas, retórica prestigiosa al lenguage y á las teogonías del mundo antiguo, esperanzas, fecundas revelaciones y creencias á la antigua fé. El camino de hierro haciendo correr el espíritu fecundante moderno por donde se desbordan aquellas aguas bautismales, eleva á su colmo la gloria cristiana de un progreso novísimo. Realizando la confluencia del rio natural antiguo y del rio ideal moderno, poniendo la Turquía, y con ella el centro más vital del globo en contacto con el valle del Eufrates, la Persia y el mar de las Indias, prepara la unidad perfecta, la union indisoluble del pasado con el presente y el porvenir.

Por el Mar-Negro, además, comunica la Turquía con el mundo eslavo y aquel incalculable número de tribus bárbaras y razas vírgenes sin historia conocida, pero en donde se acumulan fuerzas nuevas, desconocidas tambien, que muchos creen todavía destinadas á nuevas invasiones y violento influjo sobre los destinos del mundo civilizado. Por último se abre al norte el gran valle del Danubio buscando el corazon de la Europa, y que sirvió ya de camino real á la raza otomana invasora para avanzar hasta Viena. No sin razon, pues, fué Constantinopla la ciudad privilegiada de los más altos pensamientos civilizadores y la base de más de un imperio. Si el poder romano, cansado por seiscientos años de victoria, no hubiera tenido que ceder al cambio de formas que reclamaba el cristianismo, la libertad del mundo se hubiera retardado algunos siglos con la resistencia de Constantinopla, en uno de sus periodos imperiales. Y con todo, ¡el siempre enervado imperio de Oriente pudo resistir mil años! Las irrupciones bárbaras que tantas veces devastaron á Roma, otras tantas vinieron á rendirse destrozadas contra los impenetrables muros de Bizancio. Y luego en 1452, cuando los turcos penetraron en la ciudad codiciada, la independencia de Europa corrió el más grave peligro que registran sus anales. Hubo entonces necesidad de que una fé comun reuniera todas las naciones occidentales en una sola política para que los ejércitos de razas del profeta fueran vencidos en Viena y su poderío faraónico hundido en las aguas de Lepanto. Sí, la media luna que amenazaba destruir toda la civilizacion cristiana fué deshecha; pero los recuerdos tristes del peligro que corrió por una hora el mundo europeo, no se borraron en mucho tiempo, y la vigorosa altanería, las pretensiones dominantes de aquel grupo de razas que dicen algunos muertas, ni siquiera duermen un instante. Todavía á fines del pasado siglo, los embajadores de las potencias de Europa eran admitidos á la presencia augusta del Sultan, con la humillante condicion de acercarse á él de rodillas y hablarle poco, haciendo punto con la frente en el polvo. Y todavía en nuestros tiempos el Sultan es rey de reyes y señor de señores, en el espíritu de los turcos del partido conservador. Desde su fundacion, fué,

BIBLIOTECA NACIONAL

por lo que vemos, la célebre Constantinopla, base de dos imperios que aspiraban á realizar lo que promete geográficamente la ciudad, una nueva Roma sobre un Orbe nuevo. La tentativa se ha renovado; se remueve por tercera vez en nuestros dias. Un imperio más vasto que el antiguo Otomano, con infinitos recursos más que el Bajo-Imperio, no aparta el pensamiento de aquella capital y hácia ella converjen todas las maniobras de sus ejércitos y de su diplomácia.

Tantas ambiciones, tantos ódios, tantas pruebas pesando sobre la Turquía, no han podido extinguir aquellas razas reunidas por la média luna. El siglo XIX que ha presenciado el derrumbamiento de poderes que el mundo sabio creyó un dia arraigados y eternos, morirá de seguro sin haber visto el total eclipse de la média luna mahometana. El secreto de aquella vida no es el Coran ciertamente, código que ya no se observa. Pero relajada la doctrina que solo se sigue á médias, menguado el poder autoritario de bárbara unificacion, las razas que pueblan aquellas tierras han ido recobrando su vigor y las fuerzas de resistencia vital se han hecho más pujantes contra los ejércitos disciplinados de las aristocrácias invasoras.

Lo que más sorprende al extranjero en el momento de llegar á Constantinopla es efectivamente la multiplicidad de poblaciones de diversas razas que se codean en aquellas estrechas y retorcidas calles. Allí se vén los trajes de todo el Oriente y se oyen las lenguas de todo el mundo asiático. Allí tropezais con el antiguo Osmanli, sin haber perdido un solo rasgo de su arquetipo original, fiel como un cristiano á sus costumbres primitivas, conservando la túnica larga y el pomposo turbante. De esta aparicion pasa vuestra curiosidad al turco de las escuelas reformistas, amigo del progreso, ignorando la ley de sus abuelos, que ha adoptado el jaique y el fez; y luego al búlgaro, vestido de pieles, y al persa piramidal, con su morrion increible de astrakan; y luego al circasiano, especie de ciudadela viviente, hombre de granito, con dos fusiles á la espalda, dos sables á la cintura, siete ú ocho puñales, una octava, un teclado de instrumentos asesinos asomando la empuñadura marfilina por los pliegues de la faja, y una série de cartuchos sirviendo de adorno y condecoraciones sobre el ancho arqueado pecho; y luego al negro, sin más prenda de vestir que un chaleco (que entre nosotros no es ropa, creo;) — y al oscurecer, sobre todo, al beduino del desierto, largo, delgado, fino, no semejante nuestro, sino á nuestra osamenta, una osamenta forrada de charol, salvaje, inquieto, con dos ojos vivísimos nunca fijos, más negros que la noche, más vivos que el dia, que parecen dos nudos de luz hechos con dos rayos de sol; y todo aquello idealizado por un lijero albornoz flotante y gracioso; — y más tarde, al hebreo obsequioso y astuto como el antiguo príncipe del Sanedrim; y al amanecer, al griego arrebatado por fiebres olímpicas, vistiendo los colores del íris, y al medio dia, al árabe solemne y majestuoso, resurreccion al parecer del antiguo patriarca, con su prolongada barba de luminosa blancura, simple mercader, tratante de caballos en realidad. Y en medio de todos estos para nosotros fantasmas de una

linterna mágica, las diversas variedades de las razas de Occidente, revelándose en sus maneras, en sus miradas curiosas y en el feísimo forro de serpiente que usamos por toda vestimenta.

Constantinopla, en una palabra, es una ciudad griega, armenia, eslava, franca, teutónica, latina, ibérica, goda, tanto como turca, ó más bien que turca, tal vez. Se repite, sin embargo, que la raza turca ha muerto; pero ¿cuál de los grupos diversos que allí contamos representa la raza turca en agonía? ¿ni cuál es allí la raza única predominante que absorba la responsabilidad de la decadencia de aquel imperio? Los turcos propiamente tales no se encuentran en Turquía sino diseminados, perdidos casi, en grupos más ó menos imperceptibles ya, en todas las provincias, y estas son bien numerosas. En Macedonia son colonias muy reducidas, desapareciendo en las crecientes poblaciones griegas. En Rumélia viven al lado de, no sobre los búlgaros. Habitan principalmente ciertas ciudades y comarcas de consideracion y forman centros aunque numerosos, aislados, sin relacion unos con otros, cada vez distinguiéndose, desintegrándose más y más, por decirlo así, interpolados con otros grupos en la provincia de Andrinópolis, y en todo el norte de los Balkans; y á medida que nos acercamos á la Servia los turcos de raza pura ván haciéndose más raros. De una manera compacta, con mayoría decisiva, no ocupan más que la Bulgaria Oriental, de Burgas al Danubio. En minoría exígua los encontramos, en cambio, en la parte europea, pues apenas representan una poblacion de dos millones sobre quince millones de individuos de otras distintas razas. Los griegos ocupan todas las islas y las costas desde la península Salónica hasta el Mar-Negro. La península de Constantinopla tambien está casi exclusivamente habitada por griegos hasta Andrinópolis. Los búlgaros ocupan todo el centro de la Rumélia hasta el Danubio. Los servios son dueños del Nor-Oeste. Los albaneses del Este y los Rumanos del Norte.

Uno de los medios que ha preparado el enemigo de aquella raza que dá nombre al país, para precipitar la desaparicion completa de su imperio histórico, ha sido la importacion de las ideas y las costumbres de nuestra civilizacion, favoreciendo á una infinidad de islamitas que desde hace cincuenta años y más dejan su patria y viajan por nuestros principales centros de cultura. Dos generaciones nuevas que han viajado por las naciones del norte y del medio dia de Europa y se han educado en París, Viena, Londres, Berlin, y San Petersburgo, han regresado á Constantinopla con la pretension de regenerar el Imperio formando para esto un partido con el nombre de Jóven-Turquía. — Pero la resistencia de las razas, que se niegan á morir, no cede, no mengua.

Las razas aquellas ya en guardia por las torpes amenazas del Norte, no quieren perder ni un solo rasgo de lo que en su fisonomía moral las distingue como tales razas de todos los otros pueblos de la moderna Europa. Convienen, sí, en modificar á duras penas algunas de sus virtudes, pero se niegan á adoptar las nuestras. Aceptan los áires, las maneras, los usos, las costumbres de nuestras regiones, en lo que tienen ellas

más superficial y aparente: se apropian el barniz de nuestra civilizacion como nuestra industria el de la pintura china, pero no el dibujo, mucho menos el ideal, oponiendo la más fanática resistencia á albergar en sus corazones nuestros sentimientos y nuestros principios fundamentales de vida. Lo que de nosotros prefieren y buscan como un contagio benéfico es la actividad febril que corre en pós de la materia deleznable, y del placer eléctrico, con lo que piensan curar ó paliar los exajerados efectos de sus doctrinas tradicionales que impregnan aquellas almas de indolencia, fatalismo y orgullosa fatuidad.

Se curan con nosotros, se propinan nuestra influencia, ó, si quereis, nuestros beneficios, estimándolos como venenos necesarios, lo mismo que consideramos nosotros el jugo de ciertas plantas, usando de sus propiedades con mesura y más que esto, precaucion desmedida y desconfianza. Así pues, la pretension de introducir en Constantinopla el régimen parlamentario, por ejemplo; el deseo de la *Jóven Turquía*, de dotar á la suntuosa ciudad de establecimientos económicos en grande escala como los que florecen en nuestros grandes centros, tales como crédito territorial, crédito mobiliario; el interés creciente en los últimos diez años, sobre todo, por implantar allí la legislacion civil y administrativa de Francia é Inglaterra, todo esto tropieza en la tierra de los turcos con una resistencia fría y serena que opone sonrisas desdeñosas, á los más calorosos argumentos.

Una civilizacion es un todo viviente que no se desmembra tan fácilmente como se quiere, para trasportarla por fragmentos, de un país á otro, de una á otra raza, como fué posible hacerlo con los sillares dispersos del templo de Jerusalem en preparacion.

Esto lo sabe la Turquía tradicional. Es, pues, lucha en vano aconsejar á un pueblo, bajo el nombre de progreso, la imitacion de las instituciones que convienen á otros pueblos, con el cual no tiene aquel puntos de contacto, ni por la fisonomía, ni por el carácter, ni por la historia, ni por ninguna relacion social. Con ceder imitando, cualquier pueblo, por rebajado que esté su nivel intelectual conoce que abdica sus mejores derechos á la vida; y se niega al suicidio.

Los usos reformados, los ideales vivificados surgen de lo yá conocido y muerto, de las doctrinas, de las creencias religiosas proprias de cada pueblo con exclusion de los elementos teogónicos y sacerdotales de otros pueblos por muy avanzados que aparezcan estos en las vías del progreso. Las leyes surgen luego de aquellos usos y costumbres, una vez modificados, con el simple contacto y el estímulo de la civilizacion extrangera. Y las instituciones no son, en resúmen, ni pueden ser otra cosa más, que la consagracion y sacramentacion de aquellas leyes que hábil y prudentemente modificadas vuelven á penetrar en la vida nacional, perpetuándose en este fondo secreto, arraigándose en este centro de vida propia para germinar y producir frutos indígenas, que nunca parezcan de procedencia ó propiedad extraña. La civilizacion peculiar de un pueblo, por último, es el conjunto de todas estas cosas elaboradas en aquel suelo,

con fuerzas íntimas y sávia de sus entrañas; por donde notaremos siempre que las singularidades y caprichosas rarezas de todas clases que nos chocan y suspenden en esta ó aquella raza, no son sino la corteza, la envoltura exterior, la apariencia y el mero colorido de la propia exclusiva civilizacion. Los turcos, por consecuencia, si reforman su civilizacion, armonizándola con la civilizacion universal del siglo, no lo harán perdiendo ni un solo rasgo moral distintivo de su raza. La reformarán por indususcepcion, como dá vida la naturaleza en sus íntimos secretos; de dentro á fuera, *de profundis ad sydera*, reconstruyendo el principio de que se deriva su cultura.

Romper el yugo del Coran, destruir el Coran escrito en el corazon, en la índole de aquel pueblo, será imposible intentarlo; no será intentar el progreso de una civilizacion parcial, ni el consiguiente de la civilizacion universal moderna. — Comentar el libro sagrado del profeta pseudo cristiano, ó neo-esenio, de manera que se vean salir de sus preceptos y afirmaciones doctrinas más latas y promesas más generosas, sentimientos más humanos y propósitos más divinos, hasta llegar á convertirlo, ante la conciencia del mahometano esclarecido en una repeticion fiel, eco y preciosa resonancia del Evangelio Cristiano, será lo posible, porque será lo menos ofensivo y lo que más se acerca á la verdad. Y cuando aquellas doctrinas filosóficas y religiosas se encuentren de esta manera pacífica transformadas por el mismo Coran desde que tocó la página cristiana como tocaron con provecho la sirofenisa, y la hemorroisa, la orla de la túnica de Cristo, lo demás vendrá por sí mismo lógica y facilísimamente sin agena intervencion. Contentaos si nó, con vestirlos á la europea; perfumadlos como el *dandy* y el *petit maître;* reducidlos á comer con tenedor, á sentarse en mórbidos sillones, como apéndices del mueble, á suprimir el velo con que se disfrazan sus mujeres; dotadlos con los beneficios del crédito mobiliario y de la guardia nacional; y vereis que siempre se quedarán tan turcos y mahometanos como estaban sin la superficial, aunque exquisita, transformacion. — Es que no puede ya desaparecer en ellos lo que ha sido el secreto de su vida resistente por séries de siglos al través de luchas y pruebas incesantes. — Ellos poseen las virtudes virginales y fecundas de raza, que no consienten la muerte de lo que animan. Es el turco una raza fuerte, enérgica, que tributa especial culto á la probidad, fidelísimo en el cumplimiento de la palabra dada, y que conoce y venera las leyes del honor.

El turco no miente; nunca se sirve de la palabra para ocultar su pensamiento: dice lo que piensa y siente lo que dice. Entre cualquiera que esto desee comprobar, en una mediana tienda, en el bazar menos surtido, y pida al turco arrebujado sobre su tapiz, saboreando el *narghilé*, un arma, una pipa, un dige de filigrana; al punto con dos ó tres palabras os dirá el justo precio, presentando el objeto que se desea. Propóngasele una rabaja, como ya es costumbre entre nosotros, y el comerciante sin pronunciar una palabra, sin conceder una mirada al solicitante, con un simple movimiento de cabeza, habrá respondido y revelado su ex-

trañeza, y se volverá sordo é indiferente á su narghilé y á su alfombra. Entrad luego en la tienda inmediata; el griego ó el armenio que allí despacha saldrá á recibiros con los brazos abiertos. El corazon le daba que fisonomía tan bella como la vuestra iba á iluminar su zaquizamí. Os esperaba. Todo esto lo cantará, lo reirá y lo llorará. Al oir tanto, caereis en la tentacion de querer y esperar un tesoro de Golconda por la miseria de un par de reales ó de huevos. Pero hasta aquí llega su amor: os pedirá un Potosí. Con todo, si le ofreceis cualquier otro *pot... aussi*, cierto que os dará lo que habeis pedido por la vigésima parte de lo que él pidió. Y aun así os habrá robado.

La hospitalidad otomana es proverbial: recuerda la vida del desierto en donde el hotel, es decir, la hospitalidad retribuida, la misericordia y la urbanidad con tarifa no se conocen; en donde el viajero cargado de oro muere de necesidad, si la tienda á que se acerca no la abre el amor piadoso para acogerle como á hermano extraviado. La raza turca, en fin, es más casta de lo que pretende y quiere la falsa reputacion, resto de antiguos ódios, que aún la persigue con sus afrentas. Si la poligamia es allí consentida por los preceptos doctrinales, el adulterio, sin embargo, es un crímen de los más abominables. Si tal crímen se comete en Constantinopla, la indignacion pública se subleva hasta conseguir ejemplar venganza. La poligamia misma es ya muy rara. La doctrina que á ella se refiere es letra muerta. Nadie, por lo demás, puede permitirse el lujo de las cuatro compañeras que el profeta consiente. La mujer es cara (aunque no sé si bajo cierto concepto lo es tanto como en ciertas comarcas de Europa); en vez de aportar un dote, reclama un desembolso, puesto que regularmente hay que comprarla. Con todo, allí, no es ella misma la que se vende. Es, sin embargo, siempre cara y por añadidura inútil por su abandono total á la molicie, á la inercia y á bajezas que acortan la vida.

Es, por supuesto, inútil y peligrosa con otra muger.

Un harem de tres mugeres, en fin, es allí como en Europa, una babel de intrigas, querellas repugnantes, crímenes y atrocidades; en donde no cabe felicidad, ni reposo, ni conveniencia alguna. Por economía, pues, tanto como por amor á lo más racional y á la deleitosa paz de la familia, la mayoría de la raza turca acepta la monogamia como la única fuente de felicidad doméstica. Otra prueba de la seguridad que tiene el turco de su proprio vigor, es la libertad bien lata, que otorga en sus dominios á un pueblo antitético, que lo deslustra con su historia y lo contraría con su carácter, el pueblo griego; y tambien la libertad no menos ámplia que deja disfrutar á otros pueblos dirigidos por una doctrina hasta hoy enemiga mortal del Coran, los cristianos orientales.

Estos pintan siempre su situacion por extremo precaria. Lo ha sido mucho. Desgraciadamente lo es bastante todavía. Pero aquellos cristianos acusan á los turcos como á los únicos responsables de su triste condicion y del prolongado abatimiento en que han caido; olvidando añadir, para ser imparciales, que los turcos, al entrar en Constantinopla, de su

propia voluntad reconocieron al Patriarca toda la autoridad que este reclamaba sobre sus correligionarios; es decir, autoridad civil, religiosa y administrativa, íntegra é independiente de la autoridad política del conquistador.

Es decir, que les fué otorgado hasta lo incompatible con la alta soberanía que para sí se reservaba el turco.

Las comunidades cristianas forman, por lo tanto, en Turquía, desde hace cuatro siglos, verdaderos Estados en el Estado. Son hoy consiguientemente, lo que sus Gobiernos particulares han querido ó no han sabido evitar que fuesen. La culpa principal recae, para quien estudie á fondo la cuestion, en el cisma que los relajó y debilitó extremadamente en el momento mismo de la invasion otomana, hasta reducirlos á la incapacidad de apreciar y defender su independencia. Este mismo cisma despues de la conquista no ha hecho más que mantenerlos en un estado de ignorancia supina, abyeccion y anonadamiento tan profundos que no los deja yá aparecer en nada superiores á los sectarios de Mahoma. El clero cismático es, en resúmen, responsable tambien, si no de todos, de muchos y de los peores males que aflijen á los cristianos de Oriente. Cuando se recorren las provincias de Rumélia y Bulgaria, lo que se oye en la mayor parte de las poblaciones son quejas y diatribas contra los obispos, harto más tristes y funestas que las que se formulan contra los bajáes. El yugo más aborrecido en Constantinopla ha sido hasta hoy el del Patriarca. Una reforma se ha iniciado hace dos años para poner término al mal procedente de las mismas iglesias cristianas, y en la seguridad de que el Oriente reformado en todas las escuelas, en todas las doctrinas, en todas las clases de aquella sociedad, hará cada día más utópicas las pretensiones del coloso ruso.

(*Continuará*).

TRISTAN MEDINA

PROPHYLAXIA INTERNACIONAL

As causas morbigenas tanto podem actuar sobre o homem, constituindo-o enfermo, como sobre o povo, tornando-o presa d'uma endemia ou d'uma epidemia. Para as illudir importa mais, em qualquer dos casos, escutar a hygiene do que invocar a therapeutica. Não ha medicamento que valha uma boa prophylaxia. *Principiis obsta*....

A pathologia medra com o atraso da hygiene. Quando esta completar o codigo das suas leis, definhará aquella á mingua d'alimento. Este asserto é sobretudo verdadeiro em referencia á epidemiologia. Originadas na ignorancia ou no despreso dos preceitos hygienicos, as epidemias vão decrescendo em numero, em extensão e em intensidade, á proporção que as regras da boa prophylaxia vão sendo divulgadas e attendidas. Os horrores que a historia epidemiologica nos refere, accusam as trevas em que por largos seculos esteve immersa a hygiene.

São porém tão complexos os encargos da prophylaxia, tão variaveis conforme ás épocas, aos lugares e ás enfermidades os meios preventivos das epidemias, que não é possivel condensar n'uma só formula, embora extensa, todos os preceitos a observar perante a ameaça d'uma explosão ou d'uma invasão epidemicas. Aos mais disparatados processos vae a sciencia mendigar os recursos que a prophylaxia exige. A selecção dos alimentos, a escolha dos vestuarios, a mudança de residencia, a ingestão de drogas, a sequestração dos enfermos, a inoculação de virus, eis aqui outros tantos meios de obstar, segundo os casos, á invasão de doenças ou á sua diffusão epidemica. D'esses meios e de outros que por agora seria inutil enumerar, uns são positivamente racionaes, pois que se estribam ao mesmo tempo no perfeito conhecimento da natureza intima da doença,

que se destinam a impedir e na acção especial dos agentes empregados para esse fim, outros são de todo empiricos desde que a sua efficacia se apoia singelamente na observação de factos tão irrecusaveis como incomprehensiveis.

A uns e outros recorre a prophylaxia internacional no seu empenho de obviar á irradiação das doenças epidemicas para além dos limites da zona, em que ellas tiveram o seu primitivo fóco.

A principal mira das suas investigações é a etiologia d'essas doenças, problema dos mais complexos por isso mesmo que o estudo das causas deve ser feito tanto em relação ás condições do meio, como ás do individuo, e não só em referencia á genese dos elementos morbigenos, senão tambem, e principalmente, em referencia ao modo de reproducção d'esses elementos. Para mais, a prophylaxia internacional complica-se de questões sociologicas, e é chamada a decidir como supremo arbitro entre os dissidentes interesses da saude publica e das liberdades individuaes.

E porque esses interesses são ambos sagrados, e porque o seu valor relativo é variavel de paiz para paiz e de época para época, succede que no campo da prophylaxia internacional o accordo está bem longe de ser uma realidade apezar de para elle haverem cooperado não só os exforços individuaes dos sabios de todas as nações, mas ainda e por mais d'uma vez a actividade combinada de todos os estados da Europa. Certo é, porém, que as tentativas feitas no sentido da conciliação não têem sido de todo infructiferas. Como de ambos os lados houvera exaggero e por ambos têem sido feitas concessões, ha todo o direito a esperar que as dissidencias acabem por desapparecer n'um futuro não muito remoto, e que será tanto mais breve, quanto é certo que os successivos aperfeiçoamentos das sciencias experimentaes vão permittindo abolir um certo numero de medidas vexatorias que, ou eram absolutamente inuteis á prophylaxia, ou podem já ser substituidas por outras d'uma utilidade não menos efficaz e d'uma suavidade consideravelmente maior.

De facto, a prophylaxia de hoje está longe de auctorisar os dislates, que, á sombra d'uma falsa hygiene e d'uma protecção mentirosa, vexaram n'outros tempos e quasi tanto como as proprias epidemias, as povoações ameaçadas ou invadidas por doenças epidemicas.

Não houve erro de pathologia, não houve crendice popular, não houve preconceito social, que não servisse uma ou outra vez, n'este ou n'aquelle paiz, de sustentaculo ás mais absurdas theorias epidemiologicas, e não tivesse como consequencia pratica, ou a negação da proficuidade de quaesquer medidas preventivas, ou a admissão de systemas prophylacticos uns barbaros, outros ridiculos e sempre e todos inuteis. Em quanto, por exemplo, se attribuiam as epidemias a emanações da divina colera, toda a prophylaxia visava apenas a aplacar as iras celestes. Sob o imperio das idéas fatalistas qualquer prevenção anti-epidemica seria havida na conta de absurda, e assim se explica como ao fatalismo dos turcos se deveu a longa permanencia da peste em Constantinopla. O fanatismo religioso chegou algures a ponto de vêr na morte pelas doenças epidemicas a

melhor garantia para a bemaventurança eterna, e, allucinados por semelhante crença, disputavam-se os fieis a melhor opportunidade de receber o germen lethifero, trocando assim a immunidade do corpo pela prophylaxia espiritual. N'outros logares o horror á peste era tão forte e tão geral que se pensou em entregar ás chammas as cidades infectadas, para que nas cinzas ficassem sepultados os vehiculos do mal.

Não foi das menos vulgarisadas nem das menos desastrosas a supposição de que as epidemias fossem o resultado da malevolencia dos pretendidos envenenadores das aguas potaveis, que serviam ao abastecimento das populações. Os athenienses attribuiram a sua primeira peste ao envenenamento das aguas, e imputaram-o aos habitantes do Peloponeso; em Strasburgo, milhares de judeus foram justiçados por effeito de imputação analoga. Era uma prophylaxia negativa, que, errando a sede do mal e victimando os que o não haviam provocado, tinha por unico resultado aggravar a mortalidade derivada da doença com a mortandade procedente da injustiça. Como variedade da mesma especie, variedade curiosissima embora relativamente insignificante, se nos depara o processo, a que alguma vez recorreu o povo de Marselha para livrar a cidade da peste que a infestava, processo ao mesmo tempo ingenuo e cruel, e que se resumia em sustentar principescamente, durante um anno e á custa dos interessados, um dos mendigos da terra, o qual depois de bem *cevado* era vestido esplendidamente, engrinaldado de flôres e obrigado a percorrer as ruas de Marselha recebendo no transito as imprecações de toda a gente, que o amaldiçoava no piedoso intento de o constituir depositario exclusivo de todos os males publicos, os quaes, assim condensados no corpo da victima, verdadeiro bode expiatorio, iam com ella ser sepultados no fundo do mar.

A tendencia para obstar á dissiminação das doenças epidemicas impedindo o seu contagio, foi todavia sempre a regra mais geral, e d'ella encontrâmos já a applicação no preceito do isolamento imposto por Moysés aos leprosos. É porém certo que, mesmo sob a influencia das doutrinas do contagio a prophylaxia, por mal comprehendida, levava ás vezes a systemas tão ridiculos e tão inuteis como esses que ficam apontados.

Qual a utilidade e seriedade da lei italiana que condemnava á incineração a pessoa, que se tivesse exposto ao *ultimo olhar* do amigo moribundo de peste? Qual a vantagem dos classicos *perfumes*, a que no lazareto de Marselha eram submettidos os individuos, quer doentes quer sãos, procedentes de ponto onde grassasse a peste? Attacados ou ameaçados da peste, como resistiriam elles ao espesso fumo originado pela simultanea combustão do enxofre, polvora, pez, incenso, myrrha, estoraque, pimenta, gengibre, cominhos, curcuma, cardamomo, euphorbio, cubebas, e outros ingredientes d'iguaes *virtudes* anti-septicas?!

Todas estas medidas, suppostas preventivas, accusavam uma deploravel deficiencia das leis hygienicas de então. As sciencias biologicas jaziam na sua dilatada infancia, e as raras verdades com que o acaso as dotára, não se achavam ainda cimentadas pelo descobrimento dos principios ge-

raes, que só o espirito analytico e experimental das épocas posteriores poderia ter revelado. Por isso vêmos quasi de todo esteril para a prophylaxia a noção do contagio de muitas doenças epidemicas.

Saber que uma doença é contagiosa, susceptivel de passar do individuo affectado para um individuo até ahi incolume, importa muito á questão prophylactica, mas não a resolve cabalmente. É mister que a noção do contagio seja completada pelo conhecimento do principio contagioso ou ao menos do seu vehiculo, das leis de sua geração, da sua vitalidade, da sua fecundidade, da influencia que sobre ella tem cada um dos elementos cosmicos e da aptidão diversa que, para o receber, desenvolver e propagar, têem os differentes individuos conforme ás suas condicções organicas ou sociaes. Illuminada por todos estes raios, que a epidemiologia faz convergir sobre ella, é que a prophylaxia tem adquirido pouco a pouco os fôros de uma sciencia positiva, e tem sabido luctar vantajosamente contra os preconceitos que, firmados na insufficiencia das primeiras e desarasoadas tentativas prophylacticas, decretaram a inutilidade de quaesquer medidas tendentes a evitar que as doenças epidemicas alarguem a área das suas devastações.

No individuo a doença é producto do elemento morbigeno pela receptividade organica. Tirae ao organismo a faculdade de receber a impressão d'uma influencia anomala, e a doença não passará de abortada tentativa, exactamente como no caso em que a excitabilidade do orgão não viesse a ser solicitada por incitações pathogeneticas. Em ambas as hypotheses, porque um dos factores era zero, seria nullo o producto.

É variavel nos differentes individuos e ainda no mesmo individuo, em relação a cada doença, o grau de excitabilidade perante as impressões morbigenas. Tal homem é constituido por modo que offerece optimas condicções ao desenvolvimento dos germens virulentos, e nega o preciso agasalho aos effluvios miasmaticos. Tal outro é organisado n'um sentido favoravel ás reacções febris, e zomba impunemente das ameaças de doenças diathesicas.

Da consideração dos factos d'esta ordem nasceu em pathologia a doutrina das causas predisponentes, ou antes das condicções predisponentes, entendendo-se assim que: cada doença requer para o seu efficaz desenvolvimento um determinado numero de condicções intrinsecas, que nem todos os organismos realisam.

Como, porém, as simples predisposições não bastam á producção da doença, carecem ellas de ser fecundadas por causas a que se chama determinantes ou occasionaes, e que, aproveitando e amplificando as previas disposições organicas, as convertam em verdadeiro morbo.

Cada uma d'estas ordens de causas importa mais ou menos a determinada doença. Umas vezes a predisposição é por tal modo soberana que a mais banal das causas arrasta o organismo sempre e só á mesma doença; outras vezes a causa determinante impera com tal predominio que, se não chega a dispensar a causa predisponente e se em alguns casos tem de ficar esterelisada pela ausencia da conveniente predisposição, não vae ao menos dar logar ao desenvolvimento de enfermidade que não esteja

por assim dizer incluida n'ella. Exemplifiquemos. Um golpe de ar frio e humido, póde indistinctamente ser a origem d'uma doença inflamatoria, como a pulmonite ou a pleurite, d'uma enfermidade diathesica, como o rheumatismo, d'uma alta nevrose, como o tetano, etc., segundo o estado previo do organismo o houver orientado n'um ou n'outro sentido: predominio da condição predisponente sobre a causa occasional. A inoculação d'um virus poderá abortar se o organismo for, como feliz ainda que raramente succede, refractario ás acções virulentas; mas, a ter de proseguir na sua evolução, o virus esquece as predisposições rheumaticas, zomba das tendencias inflammatorias, deixa intactas as susceptibilidades nervosas, para gerar apenas uma doença em tudo similhante áquella de que elle mesmo proveiu, e que em nada se parece com as enfermidades, que poderiam ter sido suscitadas por influencias d'outra ordem: preponderancia da causa determinante sobre a predisposição organica.

Para estas causas morbigenas, que dão uma doença dependente mais do elemento determinante do que das condicções predisponentes, causas que incluem em si o verdadeiro germen da enfermidade, reserva a pathologia o nome de causas especificas. A causa da variola não póde dar o typho exanthematico, do mesmo modo que a semente d'um *Quercus* não póde gerar um *Abies*.

Da especificidade das causas veiu a necessidade de admittir a especificidade das doenças por ellas suscitadas. Não se creia, ainda assim, que a noção de *especie* em pathologia tenha sido dogma acceite em todas as épocas. O ontologismo de Pinel e o physiologismo de Broussais marcam dois periodos distinctissimos no tocante ao valor da especificidade morbida. Pinel, dando a cada uma das doenças fóros de entidade, grupava-as em nosographias pretenciosas e modeladas pelas claves dos systemas historico-naturaes. Broussais, baixando a enfermidade á condição d'um simples accidente e fazendo-a depender *quand même* d'uma differença quantitativa no incitamento dos orgãos, fazia taboa rasa das doenças especificas e simplificava atrozmente as classificações, reduzindo-as, como a velha doutrina do *strictum* e do *laxum*, a uma singela dichotomia, da qual um dos ramos, o mais enfesado, sustentava as doenças dependentes da subtracção ou diminuição do incitamento, e o outro, o mais vigoroso, abrangia as doenças determinadas pelo exagero d'incitação.

A finissima dialectica de Broussais teve de sossobrar de encontro á experimentação, que, reconstruindo a physiologia sobre novas bases, prohibiu os devaneios metaphysicos da pathologia; mas do naufragio da escóla broussaisiana saiu todavia incolume uma verdade colossal, fulcro sobre que gira toda a biologia: a vida mantém-se pelo incitamento dos elementos organicos. O erro do physiologismo, que assim foi cognominada a escóla do celebre medico de Val-de-Grâce, consistira em attender apenas á *quantidade* do incitamento, despresando a influencia da *qualidade* do estimulo. Reconhecer e emendar esse erro foi a missão da physiologia experimental. Á pathologia coube aproveitar da emenda o conhecimento de que, se umas doenças dependem do augmento, e outras do enfraque-

cimento da irritabilidade da fibra, muitas outras dependem d'uma preversão qualitativa d'essa irritabilidade. Augmento, diminuição ou preversão do estimulo funccional, nutritivo ou reproductor, eis-aqui a synthese de toda a etiologia pathogenica. Rehabilitaram-se, pois, as doenças especificas, que naturalmente se incluem no grupo d'aquellas que um incitamento anomalo, não pela quantidade senão pela qualidade, gera. O *quid* productor das bexigas, o do mormo, o da raiva, o da syphilis, etc., são incitantes de todo o ponto estranhos ao organismo, que não fazem parte do plano d'evolução d'elle, que o arrastam ao desiquilibrio, sem que todavia nos possamos dizer se a incitação levada por um ou outro virus a cada uma das cellulas, foi menor ou maior do que a incitação que lhes seria normal. A sua differença é de natureza; não de intensidade.

Influenciado por uma causa desusada, o elemento vivo, representado agora pela cellula, modifica-se ou isolada ou simultaneamente nos seus exercicios funccional, nutritivo e reproductor. D'aqui se originam productos que, em determinadas hypotheses, têem a propriedade de reproduzir em outros organismos desordens iguaes áquellas de que foram o resultado. Dir-se-hia que o orgão affectado fôra terreno em que determinada especie germinara, vegetára, fructificára e assim se perpetuára mediante germens destinados a reproduzil-a. E de facto, a *cultura* da vaccina não se differença essencialmente das mais aprimoradas culturas vegetaes, e a pathologia conhece bem quanto a bondade do *fructo* está dependente das condições em que teve lugar a *vegetação* das pustulas vaccinicas.

No grupo das doenças, que assim se reproduzem por *sementeiras*, deparam-se-nos aquellas contra a disseminação das quaes é chamada a intervir a prophylaxia internacional, cujos processos têem de ser, como é facil de adivinhar, a antithese d'aquelles mediante os quaes a acclimação procura imitar as condições da vida das especies vegetaes ou animaes fora das zonas que lhes foram berço.

Se a considerarmos, não já em referencia ao individuo mas ás povoações, a doença, em qualquer das suas fórmas — endemica, epidemica ou pandemica — apresenta-se-nos do mesmo modo subordinada á dupla influencia do elemento etiologico e da receptividade local. As epidemias têem as suas causas determinantes e as suas causas predisponentes, como as doenças sporadicas. Das determinantes poucas deixarão de ser especificas, poisque as causas banaes mal podem explicar a invariabilidade dos symptomas e a uniformidade dos syndromos, sendo que para admittir uma epidemia desenvolvida por causas banaes é mister presuppôr na athmosphera ou em qualquer outro componente do meio cosmico um principio caracteristico e especifico, embora intangivel, que constitua as denominadas quadras medicas. A impressão do frio só póde desenvolver erysipelas, ou affecções puerperaes, quando os organismos estiverem para tanto predispostos por uma influencia geral que a todos domine. Ha sempre especificidade da causa, quer seja da predisponente, que orienta todos os organismos n'um determinado sentido, quer da determinante, que

confunde todas as outras predisposições para lhes substituir a que comsigo traz.

As causas especificas e determinantes das epidemias podem limitar a sua acção ao local em que se geraram, e podem propagar-se a sitios distantes do que lhes deu inicio, conforme a doença fôr ou não apta a determinar nos organismos, que affecta, a formação de germens, que reproduzam na sua parte essencial a causa morbifica. As sezões, originadas pela infecção palustre, constituem verdadeiras endemias, e só endemias, porque não reproduzem a sua causa especifica. O typho, principalmente o exanthematico, tanto póde circumscrever-se em endemias, quando a sua causa não encontrar condições favoraveis á disseminação dos germens reproduzidos pelo doente, como póde desenvolver-se epidemicamente em sitios distantes d'aquelle que originou o primordial elemento etiologico.

D'aqui vem toda a importancia ligada á indole contagiosa ou simplesmente infecciosa das doenças epidemicas.

Averiguar qual a maneira de transmissão das doenças constitutivas das epidemias, se o contagio se a infecção, é o grande empenho da prophylaxia. A disseminação da doença contagiosa obvia-se por meios que seriam illusorios contra a difusão das enfermidades puramente infecciosas.

Já de si bastante difficil, o problema torna-se excessivamente complexo pela circumstancia de haver entre as doenças epidemicas algumas cuja propagação se faz, ora por simples infecção, ora por verdadeiro contagio. E como se para obscurecer a questão não bastasse já semelhante dualidade etiologica, accresce que o valor dos vocabulos—contagio e infecção—varía conforme aos tempos e conforme aos tratadistas, pois que para uns a doença contagiosa é apenas aquella susceptivel de se reproduzir pela inoculação, ao passo que para outros a inoculabilidade de uma doença prova que ella é de indole infecciosa. Dizem os primeiros que a inoculação é o mais real e o menos illusorio dos *contactos;* affirmam os segundos que a infecção consiste essencialmente na introducção de um virus no organismo, e que portanto a inoculação, se prova a natureza contagiosa de certas doenças, é por ter provado previamente a sua naturesa infecciosa. E assim estes ultimos se vêem obrigados a subdividir as enfermidades infecciosas em contagiosas e miasmaticas, segundo o virus gerador da enfermidade é produzido por um organismo doente, ou segundo provêm do solo, alterado na sua composição e tornado mephitico pelas suas exhalações. Como, porém, o *quid* morbigeno póde, segundo já foi dito, nascer alternada ou simultaneamente do solo e do corpo doente, ha ainda lugar para o grupo das doenças miasmo-contagiosas, que correspondem ao que por outros é chamado contagio-infecciosas.

Os quasi interminaveis debates ácerca do contagio em determinadas doenças assentavam principalmente no diverso significado da palavra. O que ha poucos annos se passou na Academia de medicina de Pa-

ris ácerca do contagio da tuberculose, o que por mais de uma vez ahi se tem dito contra a indole contagiosa da cholera, e as animadissimas discussões levantadas em 1846 a proposito do relatorio sobre a peste, mostra que apesar de todos os esforços, ainda se não fixou o verdadeiro criterio no contagio, e fez com que a palavra fosse sendo pouco a pouco substituida por outra que se presta menos a equivocos, e que satisfaz mais ás exigencias da applicação pratica: a transmissão. Doenças transmissiveis, sob o ponto de vista hygienico, são aquellas que, qualquer que tenha sido a sua causa primaria, se reproduzem n'um organismo por modo a poderem d'ahi affectar mediata ou immediatamente um individuo são.

Reduzida a questão a estes termos parecerá que a discussão chegaria em breve ao seu termo, pois que a controversia tinha de ser resolvida no campo dos factos. Longe, porém, de tal succeder, acontece que a respeito da transmisibilidade das tres doenças que mais interessam á prophylaxia internacional—cholera, febre amarella, peste—ainda não ha unanimidade na sciencia. Em relação a cada uma e a proposito de cada invasão epidemica se levanta o velho letigio entre a espontaneidade do desenvolvimento epidemico e a importação dos germens morbificos.

Para um grupo de epidemiologistas as doenças epidemicas brotam das condições de insalubridade do local em que se desenvolvem: toda a prophylaxia deve tender apenas ao saneamento das localidades. Para outros, as doenças especificas têem como os organismos vegetaes ou animaes as suas épocas e os seus lugares de geração espontanea, fóra dos quaes se não diffundem senão por contagio ou transmissão. Uns vêem apenas o elemento a que Anglada chamou *factor interno*, outros attendem, senão exclusivamente, ao menos principalmente ao *factor externo*. As duas escólas, que hoje se gladiam no campo da histogenia, representam os dois partidos que se debatem em epidemiologia. A geração espontanea do elemento anatomico e a constante reprodução da cellula pela cellula, são os termos homologos do que em pathologia se denominam os não-contagionistas e os contagionistas. A questão póde prender com outra mais elevada—com a questão da genese—e procurar nos sponteparistas e nos panspermistas os termos equivalentes em epidemiologia.

As leis geraes da biologia, chamadas a decidir a contenda n'uns casos, não podem ficar esquecidas no outro.

Em todas as suas manifestações, ainda mesmo nas anomalas, a vida é apenas um *resultado*. O famoso principio vital, que fez as delicias da idade metaphysica da sciencia, jaz hoje no vasto tumulo que para elle e seus congeneres abriu o methodo experimental. A cada descobrimento da physica desapparecia um attributo do *ci-devant* autocrata; os maravilhosos progressos na chimica organica tornaram agonisante o velho archeu; a thermodynamica acabou por dar-lhe o *coup de grâce*.

Reedificada sobre novos alicerces, a biologia, e cançada de investigar a vida na sua até ahi obscura essencia, passou a estudal-a nas suas condições ou, como diria Bernard, no seu determinismo.

Conhecer a quota parte com que para a actividade total concorre

cada uma das parcellas organicas, assignalar a dependencia em que cada uma d'essas parcellas, elementos anatomicos ou cellulares, estão dos variados agentes que a todo o instante as sollicitam e modificam, estudar, em fim, a equivalencia entre as vicissitudes dos meios organico e cosmico, e as reacções do elemento vivo, do crystal organico, tal é o problema gigante que resume em si toda a sciencia da vida: a physiologia e a pathologia, nos seus mais latos significados.

Reunidas por indissoluvel laço estas fracções, outr'ora dispersas, da biologia, cumpre procurar n'uma a luz que deve illuminar os reconditos ainda obscuros da outra. É de hoje quasi o mutuo auxilio d'estas sciencias. Não dista muito de nós a época em que a physiologia — a sciencia do organismo são — andava por tal modo divorciada da pathologia — a sciencia do organismo enfermo — que seria havido como insensatez procurar na primeira a chave dos enigmas da segunda.

Ramos do mesmo tronco, alimentados pela mesma seiva, dando productos que differem accidental mas não essencialmente, a physiologia e a pathologia tornam-se reciprocamente indispensaveis. Por isso a genese das doenças tem de ser investigada pelos processos e nas origens donde emanam as verdades da physiologia.

A geração espontanea do elemento anatomico abona a espontaneidade do desenvolvimento de doenças especificas, tanto quanto a reproducção mais ou menos regular da cellula corrobora a doutrina da reproducção de elementos morbigenos, vehiculos de contagio. Ora a experimentação tem revelado que d'um e d'outro modo se originam os elementos anatomicos. Os mais valorosos defensores do lemma *omnis cellula a cellula* admittem a organisação espontanea de fibras na massa primitivamente amorpha do tecido conjunctivo, e admittem que a reproducção de alguns productos pathologicos se faz mediante um liquido amorpho — blastema — desprovido de qualquer elemento figurado. Por outro lado a escola que admitte como principal modo de formação cellular a creação da cellula, não nega o facto mil vezes constatado dar eproducção do elemento anatomico. A pathologia tem de admittir, e admitte com effeito, a geração espontanea das doenças especificas — e bastam os exemplos da raiva e do mormo — ao lado da reproducção por contagio.

As duvidas a semelhante respeito não teriam hoje rasão de ser, embora não ha muitos annos fosse necessario a Chauffard dispender grande eloquencia para no seio da Academia de Paris convencer os adversarios da espontaneidade de algumas doenças virulentas. Essa espontaneidade referida á primeira apparição d'uma qualquer doença, abona-se pelo simples enunciado da proposição; o que importa considerar é se cada nova invasão epidemica tirou as suas raizes de condições locaes ou se as foi mergulhar no primitivo fóco da enfermidade. Que a peste nasceu uma vez no Egypto, que a febre amarella brotou espontanea na America do Norte, que a cholera emanou primordialmente da India ninguem contesta, e menos o fariam aquelles para os quaes a propagação de semelhantes doenças nada tem a ver com o contagio. O que a estes dá assumpto para

polemica é justamente a espontaneidade, que a doença teve ao despontar nos horisontes da pathologia. Pois se a cholera-morbus foi uma vez gerada *per se*, como poderá negar-se que o seja outras vezes ainda?

A semelhante pergunta não póde responder-se sem invocar os conhecimentos, que a sciencia tem accumulado ácerca da causa proxima ou especifica das doenças virulentas, contagiosas, transmissiveis.

Todas as boas inducções levam á crença de que as doenças susceptiveis de propagar-se por contagio ou transmissão têem como elemento genesico e transmissor um corpusculo organico e organisado. Que seja um verdadeiro animal, que seja apenas uma planta, que seja mesmo um organismo de transicção entre os dois grandes grupos dos seres vivos, a sua qualidade de ente animado e como tal susceptivel de reproduzir-se em successivas gerações, vae sendo cada vez mais comprovada pelas incessantes pesquisas da microscopia pathologica.

Á especificidade do elemento genesico se vae buscar a causa da especificidade da doença; na faculdade que elle tem de reproduzir-se, e que certifica a sua qualidade especifica, se encontra a melhor theoria de difusão d'essa doença. Apoz tantos seculos, veiu a ser em parte confirmada a doutrina dos velhos pathologistas, que attribuiam as doenças a outras tantas *fermentações*. Pasteur, dotando a sciencia com a curiosissima serie dos fermentos figurados, illuminou d'um mesmo raio a chimica e a biologia. As suas observações, continuadas no terreno da pathologia deram-nos conhecimento da natureza parasitaria de muitas affecções, e forneceram optimos fundamentos para generalisar desde já o principio a todas as doenças ditas zymoticas. Se fôra obrigada a prescindir da intervenção dos microphytas e microzoarios, teria a pathologia de deixar inexplicados importantissimos factos, que só encontram explicação plausivel na acção viva dos seres infinitamente pequenos. A moderna hospitalisação assenta primeiro que tudo na theoria dos germens animados. A immunidade que o feto, além de certo periodo, gosa para algumas doenças infecciosas da mãe, não traduz senão a naturera viva dos elementos infectantes, que não acham na placenta a permeabilidade que certamente ahi encontrariam, se fossem liquidos ou gasosos, isto é, se não fossem *figurados*. A separação, que Chauveau conseguiu, da parte activa da materia virulenta, representada pelos corpusculos que escapam á filtração, e da parte inerte, liquida, que atravessa o filtro, deu novo arrimo á pathologia animada. A therapeutica, recorrendo com assignalado exito contra as alludidas doenças, aos agentes cuja acção toxica para os organismos inferiores é provadissima, dá valiosa segurança a essa doutrina.

Respondendo a todas as exigencias da theoria e da pratica, a doutrina dos elementos etiologicos animados veiu conciliar a acção da especificidade em nosographia com a subordinação da pathologia á physiologia. As doenças especificas foram sempre a arma favorita de quantos negaram á physiologia a capacidade de explicar todos os phenomenos morbidos. As doenças virulentas pareciam apostadas a desmentir eternamente a verda-

de de que a funcção doente não differe essencialmente da funcção normal. As enfermidades dependentes de causas banaes e representadas apenas por um exaggero ou por uma deficiencia da funcção normal, provavam pelo contrario essa verdade. A existencia das duas ordens de doença, deixava indecisos os espiritos, que tanto viam nas doenças de causa banal a evidente filiação da pathologia na physiologia, como viam nas doenças de causa e natureza especificas a difficuldade de universalisar semelhante filiação. Perante a nova doutrina a doença especifica não o é senão pelo elemento etiologico, que veiu enxertar-se no organismo são, que veiu addital-o com alguma cousa que não fazia parte da organisação normal, que veiu dar ás funcções um novo elemento, e que por isso as affasta tanto do typo physiologico. De modo que, em rigor, não ha doenças especificas, mas apenas causas especificas, pelas mesmas rasões que a therapeutica não admitte medicamentos especificos fóra dos antidotos e dos parasiticidas. Tanto a noção de especificidade em pathologia obriga á especificidade em therapeutica. O enxofre será sempre remedio especifico da sarna, porque mata o sarcopto; o mercurio nunca foi, como erradamente se apregôa, o especifico do syphilis, porque não altera o virus e apenas corrige algumas das desordens que elle produz.

Posta a questão da epidemiologia no terreno da genese dos organismos rudimentares, cumpre averiguar, para cada epidemia, quaes sejam as rasões favoraveis á genese pela reproducção de germens importados do exterior, quaes as rasões favoraveis á sponteparidade d'esses germens no local assolado pela epidemia. Admittâmos, como postulado de prova por agora desnecessaria, que um elemento vivo qualquer, seja animal, seja vegetal, quer pertença aos pontos culminantes da serie, quer aos infimos graus d'ella, é muito mais exigente nas condições que lhe hão de determinar a creação, do que n'aquellas que hão de apenas entreter-lhe a vida. A geographia zoologica e a geographia botanica estão repletas de exemplos que confirmam o asserto. As doenças têem, pois, os seus *habitat*, e na geographia pathologica se limitam as zonas de determinadas enfermidades, umas tão exclusivas e tão exigentes que não se submettem á acclimação, outras mais doceis, mais faceis, que conservando sempre o mesmo paiz natal não deixam de acceitar, dentro de certos limites, novos climas para sua residencia.

Considerando agora a complexidade das circumstancias essenciaes á genese espontanea d'uma entidade viva, e ponderando que a simples ausencia de qualquer d'essas circumstancias póde dar de si ou abortamento do processo genesico ou o desvio do primitivo plano, e portanto a producção d'uma especie ou até mesmo d'um genero distante d'aquelle que fôra projectado, será facil de crer que no mundo pathologico serão muito menos vulgares as gerações espontaneas do que as simples reproducções das especies creadas no seio de condições, cujo total encontro nem sempre será facil, e para algumas será mesmo de todo impossivel.

Lembremo-nos das inumeras exigencias da formação dos seres que se não reproduzem, e por ahi avaliaremos quaes devam ser as d'aquelles

cuja maior complexidade é atestada pela vida que possuem. O mais vulgar producto da chimica, principalmente da chimica organica, exige para nascer a confluencia de variadissimas condições: a falta de qualquer d'ellas ou impede a formação do corpo ou, quando menos, transforma-lhe alguma das suas propriedades. A importancia da temperatura, da luz, da humidade, do estado electrico, da quantidade das massas reagentes, da pressão, da ausencia ou presença de outros corpos além dos componentes, tudo, em summa, tem capital influencia na formação do composto. Como poderá ser diversamente em referencia á formação de corpos mil vezes mais complicados? Recordemos por outro lado a variabilidade dos agentes meteorologicos e geologicos, de cujo conflicto brotam os germens morbificos, attendâmos a que essa variabilidade incessante ha de forçosamente traduzir-se por equivalente variabilidade dos resultados, e admittiremos sem escrupulo que não só deverá haver doenças exclusivas, quanto á sua genese, de determinados lugares, mas até que n'esses lugares onde uma vez se deu a sponteparidade poderá nunca mais haver a reunião de condicções em tudo identicas áquellas que originaram uma vez a doença. Qual é o clima que reproduz integralmente, em duas horas diversas, o *quantum* dos elementos meteorologicos que o caracterisam? Onde é que o thermometro, o barometro, o psychometro, o anemometro, o udometro, reproduziram em duas épocas differentes os mesmos numeros, que accusam as suas indicações relativas? A resposta não deixaria de ser negativa ainda mesmo que a exigencia se limitasse á igualdade da relação entre a temperatura e pressão, ou entre esta e a humidade ou entre a da chuva e a do ozone!

Os que admittem como regra a geração espontanea das epidemias em cada um dos lugares, em que ellas se manifestam, os que, sobre tudo, admittem essa espontaneidade mesmo para as panspermias, deveriam dar-se ao trabalho de explicar ou a independencia em que uma doença epidemica póde estar do elemento especifico que a determina, ou a facilidade que esse elemento especifico, tem de nascer *ex abrupto* no seio das condicções as mais disparatadas, aqui sob um sol ardente, além n'uma zona frigida, umas vezes em pleno estio, outras no rigor do inverno.

Guiado por estas considerações acha-se o espirito sempre mais predisposto em favor do contagio do que em favor da geração espontanea das doenças transmissiveis. Ainda assim, a impossibilidade de em alguns casos remontar até á origem de qualquer contagio, obriga a admittir successivas creações do principio epidemico, e é por isso que a prophylaxia não póde estabelecer como regra absoluta que toda a doença contagiosa seja insusceptivel de originar-se espontaneamente. Cumpre-lhe pois, na impotencia de formular uma só these geral, estudar uma a uma as doenças que fazem o seu objecto, e estatuir para cada qual as leis da genese e propagação.

A facilidade que algumas doenças epidemicas têem de acclimar-se em paizes differentes do que lhes foi patria, torna já desnecessario esse estudo em referencia a ellas. Que interesse encontraria a prophylaxia in-

ternacional na investigação do *habitat* de uma doença, que tenha adquirido em toda a parte o direito de domicilio? A Russia póde dispensar-se, por exemplo, de averiguar as origens da cholera, sob o ponto de vista da importação, por isso mesmo que offereceu á doença condições de acclimação quasi perfeita, assim como a costa oriental do sul da America as offereceu á febre amarella.

Para nós, os povos da peninsula, a questão tem pelo contrario a maxima importancia, visto que nem a cholera-asiatica, nem o typho-icteroide, nem a peste-bubonica conseguiram, apoz as suas tão repetidas e tão crueis invasões, perpetuar quer em Portugal, quer em Hespanha os germens que houvessem de reproduzir as explosões epidemicas independentemente de novas importações. Só a infracção dos preceitos da prophylaxia nos póde trazer novamente a visita d'esses abominaveis hospedes. Não será, pois, demasiado todo o disvelo que empreguemos na observancia d'esses preceitos, aos quaes devemos a immunidade que temos disfrutado nos ultimos annos. E essa immunidade é tanto mais para maravilhar quanto é certo que, em referencia á febre amarella, não ha na Europa condições climatarias e commerciaes mais propicias á importação da doença do que as condições, que lhe offerece a enorme costa maritima da nossa peninsula.

(*Continúa*)

J. T. de Sousa Martins

CONSIDERACIONES

SOBRE LA GUERRA

I. CONVENIENCIA DE GENERALIZAR LOS CONOCIMIENTOS MILITARES.
II. REVOLUCION OPERADA POR LAS ARMAS MODERNAS EN EL ARTE DE LA GUERRA.

I

Hubo un tiempo en que los estúdios militares, como especiales y propios de los hombres de guerra, no podian aspirar á ser expuestos sino en obras didácticas ó en publicaciones expresamente destinadas á desenvolver las teorías de este ramo determinado de los conocimientos humanos.

Es cierto que los políticos y publicistas, no pudiendo prescindir completamente de unas cuestiones tan relacionadas con el gobierno y el derecho, han dedicado en todas las épocas algunas de sus tareas al exámen de los distintos sistemas de organizacion militar; y tampoco debemos omitir que, hasta en la parte relativa á la estratégia, llamada por algunos la ciencia de los generales en jefe, somos deudores á muchos hombres civiles de trabajos muy notables.

Sin embargo, la profesion militar, en general, ha permanecido por mucho tiempo rodeada de cierto misterio, monopolizando su competencia los que ceñimos espada; los que hemos pasado lo mejor de nuestra vida en los campamentos ejercitándonos en la áspera práctica de la guerra y constituyendo con nuestros soldados una especie de sociedad á parte, fundada en las costumbres y leyes distintas que la necesidad impone y la rutina perpetúa, aun despues de las circunstancias que las dieron orígen; creando de esta manera lo que algunos llaman espíritu militar, como tratando de establecer cierto antagonismo entre los que nos dedicamos á la profesion de las armas y los demás conciudadanos nuestros.

Estas ideas empiezan á modificarse, por consecuencia natural del progreso, y principalmente por la magnitud de los armamentos; por la imposibilidad en que se encuentran las naciones de sostener en tiempo de paz, sino una parte muy pequeña de las fuerzas que han de necesitar en la guerra; por la precision prácticamente reconocida de llamar á las filas, y no pocas veces á ejercer en ellas mandos, más ó menos subalternos, pero siempre importantes y base de otros superiores, á los individuos pertenecientes á la sociedad puramente civil.

Desde el momento en que la lucha entre dos naciones pone en accion á todos ó la mayor parte de sus habitantes en estado de llevar las armas, ya el ejército es la nacion misma y las cuestiones militares revisten un doble interés general; la estratégia, la táctica sublime, la logística, el arte del ingeniero, la táctica de detall ó de las armas, la filosofía y la política de la guerra, que son las partes en que algunos dividen el arte, con todas las trascendentales cuestiones que encierran en su seno, vienen á ser ya del dominio de todos los ciudadanos que han de sufrir de una manera inmediata las consecuencias del error ó del acierto, y quizás han de contribuir personalmente á la aplicacion de los principios en los campos de batalla, influyendo de una manera poderosa en el éxito favorable ó adverso de estas sangrientas colisiones; pues como deduce lógicamente de sus estúdios tácticos un distinguido autor prusiano, en las guerras futuras la inteligencia tendrá que funcionar no solo entre los jefes sino hasta en el último soldado, y cada individuo gravitará en la balanza el peso completo de su valor moral.

Hé aquí la razon que hemos tenido para intercalar entre nuestros estúdios históricos, destinados á la *Revista Occidental*, algun asunto relativo á la profesion militar, que hoy puede considerarse de interés comun á la mayoría de los habitantes de un país, aptos para la defensa armada de sus derechos.

La guerra, siendo tan antigua como la humanidad, es un fenómeno social tan incomprensible ante la sana razon, y tan absurdo en presencia de la filosofía, que en vano han tratado de explicarla multitud de pensadores.

Nosotros no hemos encontrado todavía una definicion completamente aceptable: todas nos parecen inexactas, insuficientes, ó lo uno y lo otro al mismo tiempo.

Para que nuestros lectores juzguen si nos asiste ó nó razon al expresarnos de esta manera, vamos á presentar reunidas delante de sus ojos, como en un ramillete, algunas de ellas.

El erudito brigadier Corsini, en sus *Leyes de la guerra*, llama á esta aquel estado en el que se sostiene el derecho y se mantiene y lleva adelante por medio de la fuerza.

El P. Taparelli la define la defensa violenta del órden.

Napoleon I dice que la guerra es un oficio de bárbaros, en que todo el arte consiste en ser el más fuerte en un punto dado.

D'Warttelet, en su *Diccionario militar*, considera la guerra una sé-

rie de combates entre dos ó más naciones en defensa de los intereses de cada una de ellas.

Segun F. A. Paris, general mayor al servicio de Prusia, en su *Tratado de táctica aplicada*, que publicó en 1873, la guerra es el destino del soldado; constituye su situacion normal, mientras que la paz constituye su estado excepcional.

Segun Mr. Guizot, es el juego sangriento de la fuerza y la casualidad.

Segun nuestro malogrado amigo Villamartin, es el choque material de las fuerzas destructoras de que disponen dos poderes sociales que se hallan en oposicion de intereses, y, tambien, el choque material de los elementos de daño y defensa de que disponen dos poderes sociales que están en oposicion de intereses.

Segun Spinosa, es el estado normal de la naturaleza.

Segun D. Alfonso el Sabio, guerra es estrañamiento de paz e movimiento de las cosas quedas; e destruymiento de las compuestas; y, tambien, guerra es cosa de que se levanta muerte y captivero á los homes y perdida y destruymiento de las cosas.

Segun Prieto Villareal, es la lucha armada á que se ven obligados dos poderes cuando se hace imposible la solucion pacífica de sus aspiraciones.

Segun Montecuccoli, es la posicion de un ejército que toma la ofensiva por todos los medios con objeto de vencer.

Segun La Barre Duparcq, es el estado de lucha armada entre dos naciones.

Segun Ciceron, es un debate que se ventila por la fuerza.

Segun Luis Felipe I, es una maldicion; y entre naciones civilizadas un contrasentido.

Segun Grocio, la situacion de aquellos que procuran ventilar sus diferencias por la vía de la fuerza.

Segun Varona, las luchas armadas entre dos ó más Estados ó potencias, ó entre dos partidos de una misma nacionalidad.

Segun Clausewitz, un acto violento destinado á forzar á nuestro adversario á someterse á nuestra voluntad.

Segun Ramonet, es el tribunal de los imperios, cualquiera que sea la razon ó la sin razon que se contienda, y la llama *ciencia fatal*, aunque necesária.

Segun Bardin, políticamente la guerra es un armamento de nacion á nacion ó un empeño de faccion á faccion; es una série más ó menos prolongada de hostilidades entre dos ó más pueblos cuyos ejércitos salen á campaña; es un estado de cosas provocado á veces por insultos; una necesidad impuesta á veces por la fuerza; un fruto de la venganza; sed de represálias. Los publicistas la han definido «Prosecucion del derecho por la fuerza.» En este sentido la guerra sería una demanda de justicia; pero rara vez es así. Lo que el hombre llama su derecho no suele ser frecuentemente más que una vindicta, violencia, espíritu de dominacion.

Vallejo se limita á expresar que cuando una nacion trata de subyugar á otra y esta resiste se dice que están en guerra.

Nosotros mismos en un tratado de Atrincheramientos que publicamos hace muchos años, habiendo sentado que ciencia militar es la que trata de los medios de vencer, á menos costa, una fuerza inferior á otra superior, añadimos que guerra es el resultado de la oposicion de las fuerzas.

El sabio brigadier de ingenieros Almirante, en su notable Diccionario, verdadero monumento militar y literario, aunque dedica más de ciento veinte páginas en fólio á la palabra «Guerra», no se toma el trabajo de hacer su definicion que considera de todo punto supérflua y se limita á citar algunas de las que acabamos de referir.

Despues de tantas como hemos agrupado, y del exámen de otras muchas con que pudiéramos continuar este ya largo catálogo, repetimos que no nos satisface ninguna, aunque estamos por dar la preferencia á la siguiente de un oficial prusiano. «La lucha entre dos ejércitos no será más «que el choque de dos naciones que consagran lo mejor de sus fuerzas «á la defensa de lo que tienen por más sagrado.» Completándola con esta magnífica máxima de Madame de Guibert:

«Todas las guerras son civiles.»

Es decir, la humanidad es un solo pueblo; todos los hombres somos conciudadanos; el que atropella el derecho y obliga á levantar pendones para que se degüellen entre sí las razas ó las naciones, se coloca ante los ojos de la filosofía en el caso del que lanza unas contra otras, con las armas en la mano, las parcialidades políticas, ó las provincias, dentro de un Estado.

Que la ciudad arruinada, que el campo talado, que la choza incendiada, que el ciudadano privado violentamente de la libertad ó de la vida, que la familia perdida y desolada pertenezcan á una ú otra nacion, el resultado es igual; quien padece es la humanidad.

Pero esta afirmacion tan óbvia, tan clara, tan innegable, no alcanza todavía á imponerse en el mundo; no puede luchar con la influencia y los intereses de casi todos los gobiernos y de casi todos los partidos que, fuera de su base racional, se mueven y agitan apoyándose en las viejas rutinas y preocupaciones populares, instrumento necesario para la satisfaccion de sus venganzas, de sus ódios, y sobre todo de sus ambiciones.

Todos nuestros argumentos, en pugna con esos intereses bastardos, no lograrán hoy desarmar ni un solo soldado de los seis millones de combatientes que con seiscientos mil caballos, doce mil cañones y cerca de un millar de desacreditadas ametralladoras mantiene la Europa para conservacion del... órden y garantía del derecho de la fuerza.

No hay que hacerse ilusiones en este sentido: por generosas que sean han de verse defraudadas. Es necesario contar con la realidad de los hechos.

Nuevas y grandes guerras nos amenazan: el atraso político en que se arrastra el mundo las hace inevitables.

Mientras los pueblos no se emancipen por completo de las tutelas seculares y no sean árbitros de sus proprios destinos, mientras no sepan tener una voluntad y la tengan, sus intereses más vitales quedarán postergados á la avaricia, á la rapacidad, al orgullo y á todas las pasiones buenas y malas de sus amos.

La mayor parte de las Constituciones modernas, inclusa la nuestra de 1869, calificada de la más democrática entre las monárquicas, dá al rey el derecho de declarar la guerra y hacer la paz á su placer, quedando únicamente obligado á dar, despues, cuenta documentada á las Córtes.

Hemos retrocedido espantosamente en once siglos; la Constitucion establecida por el pacto de Sobrarve, al principio de nuestra guerra con los sarracenos, era mucho más liberal, respecto á este punto, que la promulgada en Madrid el 6 de junio de 1869.

Preséntase un camino, sin embargo, para contrarestar en algo el turbulento espíritu de conquista, y contener dentro de ciertos límites las bárbaras ambiciones, azote de la humanidad. El de que las sociedades todas se militaricen, sin que por eso deje de preponderar en ellas el elemento y la organizacion esencialmente civil. Es preciso que realmente cada pueblo constituya un ejército con la intencion puesta como objeto primordial en la guerra *defensiva*, sin olvidar que esta exige parte de *ofensiva;* propósito no difícil de conseguir, ayudando los ciudadanos con un poco de buena voluntad y haciendo algunos sacrificios encaminados al objeto, en unos momentos como los presentes, cuando todos los gobiernos sueñan con el aumento de los ejércitos permanentes y con la organizacion de las grandes reservas.

En vez de presentar obstáculos á la formacion de estas, hay que allanarlos, sobrepujando, si es posible, á los gobiernos, por medio de las resoluciones de las Córtes ó Asambleas políticas, en los paises donde estas conserven autoridad é independencia bastante; y más aún por medio de la propaganda, á fin de que las poblaciones no opongan esa resistencia pasiva, ni echen mano de esos mil subterfúgios, que imposibilitan más de una vez la ejecucion de las leyes.

Todos los amantes del progreso y de la prosperidad pública debemos cooperar á que la organizacion de las fuerzas militares de las naciones haga desaparecer los límites que separan el campo de los soldados del de los ciudadanos; á que no se detengan otra vez los paises más liberales, contentándose con el establecimiento de guardias nacionales, voluntarios de la libertad, etc., etc., sino que avancen otro paso, haciendo que todo ciudadano, sin dejar de serlo, pertenezca al ejército en diferentes clases determinadas, por edades, para que esta gran revolucion no perjudique los intereses generales del país y salve, en lo posible, los particulares de los individuos y de sus familias.

Los pueblos, así constituidos, se hallarán en condiciones de ser respetados por los invasores extranjeros y por sus proprios gobiernos: no se verán expuestos á la humillacion de que unos cuantos miles de hombres armados sirvan de instrumento para tiranizar á millones de habi-

tantes; y mucho menos si los opresores son de la propria nacion, compatriotas, que acaben de ser paisanos segun los métodos actuales, y volverán á serlo, poco tiempo despues, para expiar el crímen á que se les conduce por la senda del deber.

Las sociedades aspiran á la armonía y á la paz universal; pero esta paz y esta armonía tienen que conquistarse no solo con la propaganda, sí no tambien á tiros.

Por lo tanto, se debe fomentar el espíritu civilizador, inclinando los pueblos á la paz universal, y al mismo tiempo dilucidar las cuestiones militares en periódicos y revistos que sean leidos por hombres de diversas profesiones y de distintas posiciones sociales, contribuyendo á que todas las inteligencias intervengan con sus luces en el exámen de los asuntos relativos á la nacion — ejército, y disponiendo así los ánimos, por la costumbre de este género de ideas, al estado más conveniente para la mejor *defensa* de los derechos del pueblo con la fuerza.

II

El objeto de las armas de tiro ó arrojadizas es el de ofender con superioridad al enemigo y, si es posible, destruirle, desde largas distancias, economizando el combate cuerpo á cuerpo. Por consiguiente, cuanto mejor satisfagan estas armas á dichas condiciones, tanto mayor habrá de ser la ventaja experimentada por el ejército que las use, y más todavía si el armamento de su contrario es de un sistema relativamente imperfecto.

No faltan, sin embargo, aunque cueste trabajo el creerlo, militares, y hasta generales que hoy mismo ponen en duda y hasta niegan la conveniencia del nuevo fusil cargado por la recámara, opinando públicamente alguno que con el antiguo fusil liso de chispa, nuestros soldados habrian conseguido más seguros tríunfos en la presente guerra contra los carlistas, á pesar de que estos se hallan provistos de armas portátiles modernas.

Comprendemos esta aberracion, aun en personas de regular entendimiento, porque avezados por nuestros estúdios predilectos á ver en la historia la oposicion que han encontrado siempre todas las ideas nuevas, hasta aquellas que por su evidente bondad se han generalizado con rapidez, y lo que los hombres se encariñan con las rutinas, principalmente con las que se hallan enlazadas al recuerdo de sus primeros pasos en la vida, no podemos extrañar que un distinguido capitan de cazadores en la guerra civil dinástica qne terminó en 1840, se muestre partidario de aquellos pesados é inseguros *chopos*, que le proporcionaron en su juventud dias de glória; ni que, despues de ser general, transcurridos treinta años, experimente cierta simpatía por los accidentes de un pasado, que le predisponen instintivamente, y sin que él mismo lo comprenda, es más, contra lo que él quizás presuma, no solo contra los progresos del porvenir, sino contra las innegables mejoras alcanzadas al presente.

Nadie negará á Machiavelo, aunque condene sus máximas, ilustracion y sutileza de entendimiento; pues bien, este hombre universalmente célebre, fijándose en las imperfecciones primeras de los aparatos dudó de la conveniencia de la artillería para los ejércitos en campaña, y en su tratado del Arte de la guerra recomendó muy particularmente el singular absurdo de que se evitase el fuego del enemigo dejando claros en las filas por frente del cañon: esto treinta años despues de haber usado los castellanos con buen éxito, antes que ninguna nacion de Europa, trenes de artillería formidables cuyas lombardas contribuyeron poderosamente á la conquista del reino de Granada.

Por consiguiente, repetimos, que ni nos extraña la opinion de los que combaten las ventajas del nuevo armamento portátil, ni les dirigimos por ello un severo cargo; antes bien disculpamos su error, considerándole fundado en motivos que merecen y reclaman nuestra consideracion y respeto.

Pero, por lo mismo, creemos más importante todavía la refutacion de dictámenes equivocados que se presentan con la autoridad personal de algunos de sus mantenedores.

El fusil moderno, al lado de sus incontestables ventajas, ofrece algunos inconvenientes, que pueden y deben ser evitados con el estúdio de su influencia general en el arte de la guerra, así como por medidas reglamentarias encaminadas á consolidar la instruccion de las tropas y de sus oficiales; inconvenientes, por lo tanto, que, en todo rigor, no deben considerarse defectos intrínsecos del arma.

Una idea falsa, en el asunto que nos ocupa, expone á los más terribles desastres; así es que el cálculo exagerado de la bondad de este mismo fusil, puede hacer fiar en resultados imposibles, por contar demasiado con sus excelencias en determinados casos, y producir tambien en el ánimo un efecto moral deplorable, cuando se le vé funcionando en manos del enemigo: por la inversa, el desconocimiento de su potencia verdadera y de los médios y condiciones necesarios para obtener el máximo de sus ventajas conduce á no sacar del moderno fusil todo el gran partido que puede proporcionar á una tropa bien instruida é inteligentemente mandada, y presenta el peligro de acometer, con imprudencia temerária, empresas absurdas, que han de convertirse en derrotas, ó costar, por lo menos, torrentes de sangre inútilmente vertida, combatiendo á un enemigo igualmente armado.

Cuanto más perfectos son los instrumentos en todo arte, más conocimientos exigen para ser empleados con acierto; só pena de que la misma afilada cuchilla que ha de mejorar los productos de una industria se ejercite, quizás, en cortar las manos del operario que la maneje con torpeza.

Esto mismo tiene que suceder en la guerra, que constituye un arte y de los más complicados, aunque á algunos no les parezca á primera vista.

Dejando á un lado, por el momento, las consideraciones relativas á

la clase de inconvenientes y ventajas que deben evitarse ó procurarse, respectivamente, con el auxilio de estúdios militares más profundos, vamos á hacernos cargo, ahora, de la más generalizada de las objeciones que se presentan contra el armamento portátil moderno.

«El excesivo número de cartuchos y consiguiente embarazo para proveer de ellos á las tropas en la cantidad necesaria.»

En efecto, si adoptamos como base para nuestras reflexiones el fusil Remington con que está armado el ejército español, sistema que en nuestro concepto es el mejor de cuantos hemos tenido ocasion de examinar en estos últimos años, tendremos que ha dado en las pruebas una rapidez de tiro variable, por término médio, entre 12 y 13 disparos por minuto, *apuntando;* llegando en el fuego de peloton hasta 14, y pudiendo disparar hasta 16 cartuchos por minuto un soldado bien instruido y práctico en el manejo de esta arma.

Del exámen de tales cifras, deducidas de los ensayos practicados oficialmente, resulta que, aunque por las diferentes condiciones en que se considere al soldado en el campo de batalla, dados los supuestos más desfavorables, rebajemos la rapidez de su fuego á la mitad del término inferior de las experiencias, ó sea á seis disparos por minuto, apuntando, podrá consumir en veinte minutos los ciento veinte cartuchos, que es la dotacion de municiones de guerra que puede llevar sobre sí; quedándose, despues, indefenso ú obligado á una reposicion imposible por lo frecuente. A lo cual debe añadirse que, en el caso de no apuntar y ponerse á hacer fuego con el febril aturdimiento de una mala infantería, que cree conjurar el peligro con un disparar contínuo, esos veinte minutos se reducen con facilidad á diez y á menos todavía.

Por consiguiente, partiendo de estos datos exactos, no cabe duda de que, si por medio de otros no se corrigiesen los indicados resultados, el fusil moderno de tiro rápido, cargado por la recámara, sería una calamidad y constituiría un gran peligro.

Un solo hecho histórico, comprobado por multitud de autoridades y elevado á la categoría de verdad innegable para los militares estudiosos de Europa, basta para destruir todos los argumentos fundados en la rapidez del fuego y encaminados á condenar las nuevas armas por excesivo consumo de municiones.

Nadie ignora que, á principios del siglo XVIII, los fusiles, que eran del calibre de á 16, tenían la baqueta de madera, y que los prusianos realizaron el gran adelanto de sustituirla por la de hierro, segun unos en 1730 y segun otros en 1741; con esta modificacion y una disciplina más que severa, terrible, la naciente Prusia presentó en los campos de batalla soldados que disparaban hasta cinco tiros por minuto; pero como este fuego no se ejecutaba sino cuando lo disponian los jefes, de aquí que no acarrease los inconvenientes que hoy se exageran tanto por algunos.

En el ejército español, cuyos soldados han sido siempre muy subordinados, con una ordenanza rígida, pero suavizada por la costumbre, sin

necesidad de emplear los castigos de los Federicos, se han obtenido los mismos resultados con el antiguo fusil cargado por la boca. Podemos dar testimonio de que en nuestro Regimiento del Príncipe número 3, y en el de Extremadura número 15, los soldados instruidos ejecutaban un fuego tan rápido como el que acabamos de indicar, antes de recibir las nuevas armas; y, como ejemplo todavía más notable de rapidez en el disparo y eficacia en la puntería, debemos consignar tambien un hecho altamente glorioso, llevado á cabo por la tercera compañía del Regimiento de Fernando VII, n.° 3 del ejército de Filipinas, con la que tuvimos la honra de hacer la campaña de Cochinchina, pero nó de asistir á esta accion, por hallarnos destacados en el fuerte de Tin-Kao, al Sur de Saigon.

Tratábase de molestar en sus trabajos de fortificacion al enemigo; este habia construido dos formidables reductos (parte de una línea proyectada de los mismos enlazados por medio de una trinchera) bastante bien artillados y defendidos por fuerzas numerosas. Al ataque de uno de los reductos marchó un batallon francés, recien desembarcado, que, dirigiéndose á la guerra de China, habia hecho escala en Saigon, y á pesar de sus ochocientas plazas fué rechazado con pérdidas tan considerables como sensibles. La mitad de la compañía española expresada, con el apoyo de otra seccion de infantería de marina francesa, estaba encargada de hacer tan solo una diversion sobre el otro reducto de condiciones enteramente iguales. Pues bien, enardecidos los soldados españoles, (indios filipinos con la mayoría de las clases europeas), al verse cerca, atacaron de veras; dieron el asalto, y, no llegando á veinte el número de los que pudieron hacer fuego desde el parapeto al interior del reducto, causaron en tres ó cuatro minutos noventa bajas al enemigo; bajas contadas, muertos y los heridos que no lograron huir como otros del fuerte; del cual se apoderaron las dos secciones de compañía española y francesa, pudiendo servir así de refugio al batallon rechazado, y concluyendo sus servicios, en aquel aciago día, con el muy difícil de cubrir la retirada de toda la columna.

¡Con qué prontitud cargarían! ¡Con qué serenidad apuntarían á los defensores del reducto aquellos veinte valientes soldados españoles, provistos de viejos fusiles lisos recompuestos!

Estos efectos máximos capaces de ser obtenidos con el armamento antiguo, no obstaban, sin embargo, para que las tropas bien disciplinadas hiciesen el fuego todo lo lento que se las ordenase, y sufriesen, en mil ocasiones, á pié firme, el del contrario, arma al brazo, sin disparar un tiro.

La misma disciplina puede lograr igual resultado, aunque los soldados usen, no el fusil moderno, sino los rayos de Júpiter tonante, impidiéndose el desperdicio de municiones, y pudiendo utilizar en los puntos y momentos convenientes las ventajas del fuego rápido, que, como mortífero en alto grado, si se le emplea bien, no necesita prolongarse muchos minutos para decidir el tríunfo, ni que lo ejecute toda la tropa, exigiendo solo en primer término la oportunidad de su aplicacion.

Las noticias que se tienen, por otra parte, del número de cartuchos que han consumido en las últimas campañas los ejércitos armados con fusiles cargados por la recámara, vienen á patentizar nuestro aserto. Durante toda la de Prusia y Austria, en 1866, se quemaron 1.850,000 cartuchos por 268,000 fusiles, contando los perdidos y averiados, lo que dá un resultado de 7 cartuchos por hombre; y descendiendo al exámen particular de funciones de guerra muy reñidas y alguna desastrosa para los prusianos, podemos mencionar que en Nachod y en Skalith un batallon gastó 23,000; otro en Nachod 22,000; otro en Trantenan 22,000; lo que equivale á 22 ó 23 cartuchos por plaza; y esto despues de muchas horas de fuego. «Aquí no hay más ni menos que lo que se hace en cualquier batalla.» Dice Villamartin, discurriendo acerca de estos datos en un artículo relativo á la invasion germánica, que publicó en 1870.

Ciertamente, el consumo de municiones de cada soldado prusiano, en toda la campaña de 1866, no llega al de cada soldado francés en la sola batalla de Magenta.

Esto no quiere decir que desconozcamos ni neguemos el peligro de quedarse sin municiones, que lleva consigo la facilidad del fuego rápido en los fusiles cargados por la recámara; aspiramos solo á demostrar que ese inconveniente puede y debe conjurarse, y que no porque exista han de renunciarse las extraordinarias ventajas de esta arma.

Bien sabemos que la rapidez del fuego, empleada fuera de razon por el ejército francés, ha entrado por mucho en los desastres de su última campaña; y multitud de testigos presenciales han hecho constar que, en gran número de combates y en sus luchas contra la insurreccion de París, segun manifesta en el *Journal des Sciences Militaires* Puy de Podio, jefe de batallon del 48 de línea, esa velocidad en disparar tuvo por consecuencia á menudo el que, al cabo de dos horas escasas, el soldado hubiese consumido totalmente un aprovisionamiento de cartuchos considerable. Pero tambien, examinando los detalles de vários hechos de armas, aparece que los prusianos han praticado con buen éxito los preceptos de la escuela de tiradores, tanto en la guerra contra Francia, como en la de 1866; constando que durante esta, de 113 piezas de artillería tomadas á los austriacos sobre el campo de batalla, 108 lo fueron por la infantería, y casi todas por las guerrillas que cazaban materialmente á los sirvientes y al ganado, ahuyentaban las escoltas y se precipitaban, á la bayoneta, sobre las baterías, cuando ya las habían convertido en fácil presa con la eficácia de sus fuegos, aprovechando sus cartuchos.

Por lo tanto, la buena práctica del tiro, basada en el estúdio de las propiedades del fusil moderno, hace desaparecer el inconveniente suscitado por algunos de la necesidad de un número excesivo de municiones y el embarazo que sería su consecuencia; aunque este hoy había de ser menor por la facilidad de los transportes en ferro-carril, y atendiendo á que, cerca de las vías férreas, es dónde están más indicados los futuros campos de batalla.

Nos hemos detenido mucho, quizás demasiado, en rebatir esta objecion, porque antes de pasar adelante considerábamos de gran interés dejar dilucidado este punto; puesto que en el dia la accion del fuego ha adquirido en los combates una influencia decisiva y suprema, disminuyendo y casi anulando el empleo de las armas blancas, y obligando á modificar los antiguos procedimientos tácticos.

Los grandes adelantos obtenidos en la artillería por el perfeccionamiento de las piezas y de los proyectiles, se hallan igualmente ligados á la táctica de las demás armas: pero no habiendo participado de los ataques dirigidos á las portátiles modernas, no necesitan una defensa como la que á los fusiles de tiro rápido hemos dedicado.

Las ametralladoras, un momento en boga, han hecho fiasco por las causas que explicaremos otro dia, y ninguna influencia han ejercido en el arte de la guerra.

De modo que la revolucion operada en esta por las armas modernas, se contrae á las consecuencias de la preponderancia del fuego, así de fusil camo de cañon, debida á los superiores alcances y mayor exactitud en el tiro.

Esta superioridad del fuego, además de ser evidente, se halla ratificada por la estadística. Segun los curiosos é interesantes datos que han publicado várias revistas militares de Europa, en 1859, en Italia, entre 12,689 heridos se contaron 2:100 de arma blanca, ó sea el 16 por ciento. En la guerra de América, entre 87:000 heridos, solo hubo 249, ó sea $\frac{4}{359}$ por ciento de la clase expresada.

En las guerras recientes han resultado

En 1864 ... Dinamarqueses.. (10,000 heridos)
- 10 % artillería
- 4 » arma blanca
- 2 » se ignora
- 84 » fusil

En 1866 ...
- Austriacos .....
  - 3 % artillería
  - 4 » arma blanca
  - 3 » se ignora
  - 90 » fusil
- Prusianos.....
  - 16 » artillería
  - 5 » arma blanca
  - 79 » fusil

En 1870
- Franceses
  - 70 % fusil
  - 25 » artillería
  - 5 » arma blanca
- Prusianos
  - 5 » artillería
  - 2 » arma blanca
  - 93 » fusil ó ametralladora
    - 88 % fusil
    - 5 » ametralladora

Repartiéndose así el término medio de los heridos en estas cinco guerras últimas de Italia, América, Dinamarca, Bohemia y Francia.

80 °/°..... fusil
18 » ..... artillería
2 » ..... arma blanca

No comprendiéndose en estos datos los muertos, sino únicamente los heridos, la proporcion en favor del fuego, sobre todo del de cañon, aumenta todavía mucho.

De 1859 á 1870, el tanto por ciento de heridos de arma blanca ha bajado de 16 á 2.

Por último, la accion relativa de las tres armas, bajo el punto de vista de las heridas causadas al enemigo, está representada por las cifras

Infantería..... 41,1
Artillería..... 6,4
Caballería..... 1,1[1]

La primera reflexion correspondiente al objeto de este artículo que creemos oportuno consignar, como consecuencia de los datos transcritos, es la de que la considerable supremacia en el fuego de la infantería no solo mantiene á esta arma en el lugar preeminente de siempre, sino que aumenta su importancia por la casi anulacion de los efectos del choque al arma blanca; con lo cual, entre otras cosas, la causa de la civilizacion y de la libertad de los pueblos ha obtenido dos ventajas. Primera: que siendo la infantería el arma popular, á causa de la facilidad de su improvisacion relativamente á las otras, los grandes ejércitos nacionales, las masas de los paises, una vez adquirida la instruccion rudimental del soldado de á pié, que cada día se simplifica más por la sencillez del manejo del fusil y por las nuevas modificaciones tácticas, se han de encontrar más fácilmente en estado de dejar sentir todo el peso de su material influencia, haciéndose incontrastable esta parte de la fuerza pública, cuando reuna la ventaja del número y de la composicion popular general, á las que intrínsecamente le son própias. Segunda: que siendo el fuego á pié firme y en posicion, infinitamente superior al que se hace marchando, la *defensiva* ha ganado con el moderno armamento de una manera extraordinaria, perdiendo fuerza la *ofensiva;* y ya indicamos al principio de estos estúdios que, para los fines civilizadores del verdadero progreso de la humanidad, interesado en asegurar la paz y en contrarestar, por lo tanto, el espíritu de conquista y las ambiciones perturbadoras, era preciso que realmente cada pueblo constituyese un ejército con la mira principal de la guerra *defensiva;* aunque sin olvidar que esta exige su parte de *ofensiva.*

[1] *Colonel Lewal — Tactique de combat.*

No por esto ha de caerse en la exageracion perjudicial de creer que la infantería haya de prescindir del concurso de las otras armas; cada una tiene su mision, difícil de reemplazar, y en ciertos momentos indispensable; pero ni es presumible que una gran cantidad de infantería pueda verse largo tiempo privada, en su movimiento general, del auxilio de la artillería y caballería en mayor ó menor proporcion, siquiera por la ley de atraccion de las masas, ni es dudoso que en último extremo, con libertad para elegir su terreno, puede hoy la fuerza de á pié, respondiendo al sentimiento público, bastarse algun tiempo á sí misma, con ventajas mucho mayores que antiguamente, y hacer la desesperacion de divisiones y cuerpos de ejército, cuya organizacion táctica sea más armónica y completa, pero que carezcan del apoyo entusiasta del pais donde operen.

En fin, puede asegurarse que hoy la caballería no puede atacar á la infantería, si esta no ha sido antes cañoneada ó seriamente conmovida por los fuegos de otra infantería: que la artillería puede ser evitada, ó por lo menos neutralizada hasta cierto punto, con movimientos de tierra, zanjas, formaciones delgadas y dispersas y cambios de situacion hábilmente ejecutados; pero la infantería, en número muy superior, se ha hecho irresistible: no hay caballería que aguante su fuego á corta distancia, y, en este mismo artículo, hemos consignado el ejemplo histórico reciente de más de cien piezas de artillería austriaca cogidas por los tiradores prusianos, en una sola y corta campaña.

Pero, á pesar de tales consideraciones, es evidente que la artillería combinada con la infantería representa una potencia terrible; más todavía para la defensiva que para la ofensiva, y que, al proceder á los armamentos nacionales, los pueblos deben procurar que se organice artillería en sus reservas, y se destinen á ella los ciudadanos de conocimientos facultativos más adecuados para comprender y apreciar bien las funciones y los efectos de esta arma.

Sentados estos hechos y demostrado que la perfeccion de las armas, como adelanto que es, no puede menos de ayudar al progreso general de la humanidad con su accion modificadora en el arte de la guerra, pasemos á indicar las variaciones que esta ha experimentado en sus diversas partes.

La estratégia, llamada así por los griegos para designar con esta palabra la ciencia del general, pero por muchos siglos olvidada y confundida con la táctica y hasta rechazada por militares sobresalientes como Guvian de Saint Cyr, á pesar de constituir hoy un arte, segun unos, y una ciencia, segun otros, se halla tan vagamente definida como la misma guerra. Si nos fijamos en la idea más generalizada de que es la ciencia de los movimientos de un ejército alejado de otro, ó el arte de combinar los ejércitos fuera del campo de batalla, habremos de admitir que no ha debido experimentar directamente los efectos inmediatos del cambio de sistema en las armas, si bien para sus especulaciones habrá de tener en cuenta, como nuevo dato, las variaciones introducidas por aquella causa en la táctica, y la fuerza resolutiva ó decisiva que encierra.

Dividida la táctica, segun muchos autores, en sublime ó gran tácticea y táctica de detall, particular ó de las armas, y pretendiendo otros, como el coronel Lewal, en su táctica de combate, que no hay más que una, que esta no es ni grande ni pequeña, que abraza los procedimientos del combate y no otra cosa, se encuentra tambien dividida la opinion sobre los límites de la influencia que ha ejercido en este arte el armamento moderno.

Nosotros empezamos por declarar que, por *táctica militar* entendemos, *el arte de disponer, en órden conveniente, todos los elementos que constituyen un ejército para lograr la victoria* y que, por consecuencia, no solo asentimos á la opinion del coronel Lewal de que la táctica es una, que vamos un poco más allá y comprendemos dentro de ella la indefinida é indefinible estratégia, cuyos confines nadie ha precisado y cuya definicion de *ciencia del general* hemos considerado siempre ridícula; pues para el que manda en primer término no hay límites, y si no es factible que lo sepa todo debe saber lo más posible, entendiendo no existe una sola ciencia que no concurra con su tributo al arte de la guerra, especialidad de todos los militares en razonable proporcion, desde el soldado hasta el general en jefe; puesto que así el uno como el otro, en su puesto, contribuyen al resultado final, á la última palabra de la guerra, á la batalla.

En tal concepto, sostenemos que la táctica es el ramo de los conocimientos militares que ha experimentado mayor revolucion por el armamento moderno.

La formaciones de la infantería han tenido que subordinarse á dos condiciones esenciales; ofrecer el menor blanco posible á unos fuegos excesivamente mortíferos, y aumentar la fácil ejecucion de estos mismos fuegos en su propia línea.

De aquí, la reduccion de las unidades tácticas, adoptando, como tal, la compañía en vez del batallon; de aquí, el haberse proscripto las columnas profundas reemplazándolas con las de compañía, y hasta de seccion en muchos casos; de aquí, la gran disminucion del uso del órden cerrado y el esmero especial en la aplicacion de las mejores reglas del órden disperso, ó sea de las guerrillas, que apoyadas á corta distancia por numerosas pero pequeñas columnas escalonadas, susceptibles de resguardarse con los accidentes del terreno del fuego del enemigo, han variado el combate; de aquí, en fin, la instruccion minuciosa de la escuela de tiradores, tanto para saber utilizar oportunamente las distintas clases de fuego y su diversa rapidez en el disparo, como los obstáculos de todo género que se hallan á su alcance y puedan servirle de defensa, parapetándose con ellos sobre el campo de batalla, sin perjudicar á su accion ofensiva, y adoptando el soldado, á este fin, diferentes posturas, en las que adquiere de antemano la costumbre de cargar su arma y dispararla con desembarazo.

Respecto á las formaciones convenientes para la infantería, sobre todo en lo relativo á las reglas del órden abierto, acaba de imprimirse

en España, bajo el título de «Contestacion á las Observaciones del Marques del Duero acerca de la táctica de guerrilla», un libro notable, escrito por el teniente general D. Fernando Fernandez de Córdova, cuya lectura es útil en extremo para los militares que deseen conocer á fondo esta importante materia, sobre la cual suele divagarse demasiado; y en pocas publicaciones se desciende á la apreciacion de las causas que deben determinar los menores movimientos y formaciones de una tropa en dicho órden, como se hace, usando los más rígidos razonamientos, en el importante trabajo del general Córdova.

La caballería, por la imposibilidad de mantenerse á regular distancia del enemigo, al descubierto, sin ser rápidamente destruida con el fusil ó el cañon, no debe contar en la línea de batalla ni cabe el que se reuna en grandes masas, teniendo que subdividirse y repartirse de manera que pueda ser abrigada por los accidentes del terreno todo lo más cerca posible de donde haya de ejercer su accion, y ni siquiera puede destinársela á formar las escoltas, (por otra parte hoy generalmente innecesarias) de la artillería: pues la caballería, al aparecer á la vista del enemigo, ha de ser para cargarle, obrando por sorpresa, sin haber dado tiempo para adivinar su presencia repentina en aquel punto, y siendo hoy preferible á su combinacion antigua con la artillería, hacer preparar la accion de la caballería por las baterías unidas á la infantería.

Ya no ha lugar á aquel sangriento juego en que la caballería se colocaba amagando los flancos de una infantería formada en columna; en que la artillería, afecta á la caballería, ayudada á veces por la de la reserva, rompía su fuego; en que la infantería desplegaba para presentar menos presa al estrago de los proyectiles y la caballería aprovechaba el momento para cargar á la infantería; que volvia á plegarse para defenderse de ella mientras esta se retiraba rápidamente, dejando campo despejado á las baterías para volver á empezar. Hoy las cosas han variado, y sin necesidad de tener una infantería como la que permitió á Gouvion de Saint-Cyr no haber recurrido ni una sola vez al cuadro durante los veinte años en que hizo la guerra con el antiguo armamento, puede prescindirse de esa formacion, y rechazar la caballería en órden desplegado, y hasta en el abierto; cuando los proyectiles del fusil rayado cargado por la recámara llegan á distancias donde la vista no alcanza á distinguir los blancos que pueden ser objeto del fuego, y un tirador bien ejercitado asegura la eficácia de su tiro sobre un hombre aislado á 300 y 400 metros, y contra un blanco del frente de una compañía, de una batería, ó de un escuadron á 800 y 100 metros; á lo que hay que añadir que en un momento dado, puede emplear una rapidez de fuego espantosa que, de cerca, le permite aprovechar todos sus cartuchos. ¿Para qué necesita ya esos pliegues ni repliegues, ni esos cuadros, ni esas formaciones profundas la infantería?

Antes de dejar este asunto, vamos á analizar algunos cálculos hechos por los entusiastas del arma de caballería, que pretenden probar que aún puede desempeñar sobre el campo de batalla funciones por nosotros ca-

lificadas de imposibles. Creemos prestar en ello un servicio á esta misma arma, cuya importancia reconocemos como muy grande, empleándola de otra manera.

«Un tirador regular, dicen, á 600 metros suele hacer un 18 por ciento de blancos, teniendo estos un metro de ancho y dos de alto; á quemaropa no yerra un tiro; además su práctica le permite disparar seis tiros por minuto.

Supongamos, añaden, 100 ginetes cargando contra 100 infantes; los ginetes tardarán dos minutos y diez segundos en recorrer 600 metros al trote y al galope de carga; por consiguiente, antes de llegar á la infantería habrán recibido 1,300 tiros de fusil, de los cuales $\left(\frac{18+100}{2}\right)13$, ó sean 767, deberían acertar; pero el ginete, inclinado sobre su caballo, cubierto por la cabeza y el cuello del noble animal, está bien distante de representar la superficie del blanco: un caballo de $1^m,60$ y un ginete de $1^m,70$ presentan una superficie vulnerable igual á la cuarta parte de la del blanco; de modo que solo habria $\frac{767}{4}$ ó sean 192 balas eficaces.

Entremos ahora (continúan) en la consideracion de las innumerables causas que hacen extraordinariamente menor el efecto del fuego sobre el campo de batalla que en el de instruccion, y para guiar el raciocinio consignemos algun dato respecto á consumo de municiones, y muertos y heridos resultantes.

Con el fusil que tenía el ejército francés cuando la campaña de Italia, se acertaban un 8 por 100 de disparos, á 600 metros, en el blanco, y 100 por 100 á quemaropa; la precision média era, por consiguiente, de $\frac{8+100}{2}$ ó sean 54 balas eficaces entre 100: ahora bien, en Solferino se quemó más de un millon de cartuchos; por lo què debió, segun el cálculo anterior, haber habido 540,000 balas eficaces, si el tiro hubiese tenido la precision del campo de maniobras: sin embargo, los austriacos solo tuvieron 13,000 hombres fuera de combate, de los cuales 3,000 bien pueden ser atribuidos á los fuegos de la artillería; no hubo, pues, más que 10,000 balas aprovechadas, en lugar de 540,000; es decir, que el resultado del tiro en campaña es el obtenido en el blanco dividido por 54.

Volviendo á nuestros 100 ginetes que cargan á los 100 infantes, tendremos, segun esto, que, en realidad, no recibirán mas que $\frac{192}{54}$ ó sean 3 balas y média antes de llegar sobre el enemigo; ó bien 14, suponiendo que la rapidez del aire en los terrenos del campo de batalla, sea la cuarta parte de la que alcanza la caballería sobre el campo de maniobras.»

El cálculo anterior lo hemos encontrado en un estúdio anónimo publicado en Francia bajo el título de *Avenir de la cavalerie en campagne*, y, prescindiendo de lo mucho que habría de exponerse acerca de los datos en que se funda, deduciendo reglas generales para todos los combates, de las cifras que presenta como resultado de una sola batalla, basta para echar por tierra todo su razonamiento fijarse en bien sencillas consideraciones.

Hay que tener en cuenta, lo primero, que en la formacion de la infantería, sobre un frente dado, el número de infantes en una fila es muy superior al de los ginetes que puedan atacarla; de modo que, en dos filas, y si se quiere en cuatro, los efectos del fusil moderno hacen de todo punto imposible la aproximacion de la caballería á una infantería compacta. Además, que el tanto por ciento médio deducido, podría, en todo caso, servir para apreciar las pérdidas generales y desperdicio de municiones en los diversos y muy variados incidentes de una batalla; pero en el detalle de la carga carece de aplicacion, si se atiende á que el tanto por ciento de balas aprovechadas aumenta en una progresion espantosa, á medida que el objeto contra que se dispara se aproxima; hasta el punto de que pocos proyectiles se perderán, no de los seis, sino de los doce multiplicados por el número de infantes que disparen en el penúltimo minuto, y puede asegurarse que no se desperdiciará casi ninguno de los otros tantos, ó algunos más, en el último.

Es, pues, incuestionable que á una buena infantería en posicion, si no se la desorganiza previamente con la artillería, hay que renunciar á atacarla de frente con caballería ni con infantería, ni de ningun modo: para desalojarla, será preciso maniobrar sobre sus flancos, ó sobre su retaguardia, haciéndola temer que quede cortada y obligándola á moverse si ha de conservar su línea de retirada.

El papel de la caballería ha descendido sobre el campo de batalla, haciéndose muy difíciles sus cargas y casi imposibles las de sus grandes masas, ni contra tropas en retirada, que no vayan dispersas; pero no por eso ha disminuido la importancia de esta arma en la guerra, habiéndose ensanchado sus horizontes en otro sentido, haciéndose indispensable para explorar el terreno á largas distancias, interrumpir las comunicaciones del adversario, principalmente por las vías férreas, facilitar las propias y rodear al ejército de una nube de ginetes que oculten sus movimientos y tengan en jaque, lleno de vacilacion, al enemigo. Todo lo cual exige en las formaciones de la caballería una modificacion análoga á las de la infantería; subdividir sus masas en el combate, dar preferencia al órden abierto y perfeccionar la instruccion individual, para que las clases inferiores y hasta los soldados sepan observar y comunicar las noticias que adquieran en sus vastos reconocimientos, y tomar su partido en gran número de casos, cuando obran con cierta independencia, lejos del mando inmediato de sus jefes.

La artillería, habiendo aumentado su importancia con la rapidez de su tiro y exactitud en sus disparos, continúa, sin embargo, en su categoría de arma auxiliar, en comparacion de una infantería que tanto se ha perfeccionado y que puede oponerla las ventajas de lo delgado de sus líneas, del órden disperso y de la supresion de las columnas profundas, ventajas que tanto dificultan la eficacia de las baterías contra las tropas de á pié. En su lucha con estas, la artillería tiene que combinar los fuegos directos con los oblícuos, atacándolas de flanco, tratando de enfilarlas y de hacer converger sus proyectiles á un punto dado; para lo cual

no siempre se encuentran emplazamientos convenientes, ni son objetos tan fáciles de realizar en todas las situaciones y terrenos; como lo han probado, en gran número de combates recientes, las escasas bajas causadas por las baterías en relacion con las que ha originado el fuego del fusil. La artillería, no obstante, constituye una parte indispensable de la fuerza armada y, conservando en la guerra las mismas misiones que llevaba anteriormente para el ataque y la defensa, es hoy más que nunca la auxiliar de la infantería, á la que debe estar íntimamente unida, y para evolucionar con ella tiene que obedecer al mismo principio de subdividir sus fuerzas y hasta fraccionar, á menudo, su unidad táctica, que es la batería.

Los grandes alcances de sus piezas la permiten, á pesar de esta dispersion, verificar la concentracion de fuegos que convenga, sin cambiar de emplazamiento, y su union con la infantería economiza las escoltas especiales y facilita la accion de las piezas sobre los flancos del enemigo en los movimientos envolventes, de uso contínuo desde que se han reconocido no solo peligrosos y difíciles, sino estúpidamente absurdos, los ataque de frente, que en la actualidad solo disponen generales ignorantes.

Este nuevo sistema de combate ha aumentado la importancia de las reservas generales, haciéndolas precisas, tanto para impedir que un fracaso se convierta en derrota, como para servir de apoyo á los sostenes sucesivos y escalonados que exige el órden abierto.

De una última cuestion vamos á ocuparnos.

El perfeccionamiento de las armas de fuego ¿ha aumentado ó disminuido los horrores y la ruina, que son natural producto de la guerra?

Si nos fijamos en las batallas más sangrientas de la reciente campaña de Prusia y Francia, en que ambos ejércitos usaban fusil cargado por la recámara, en la de Gravelotte, por ejemplo, siempre encontraremos otras igualmente mortíferas, como la de Solferino, libradas con el armamento antiguo.

Pero, aunque así no fuese, la duracion de las guerras tiene que ser menor cuanto más eficaces sean los elementos decisivos, y sabido es que un país no padece y se arruina tanto por el número de habitantes que perecen en un corto periodo, como por la prolongacion del estado de lucha en que se incendian sus fábricas y sus poblaciones, se talan sus bosques, se esterilizan sus campiñas y se destruyen uno á uno todos sus elementos de riqueza, de prosperidad y de vida.

Nuestra consecuencia general es, por lo tanto, que el perfeccionamiento de las armas ha sido ventajoso á la humanidad, y puede ejercer saludable influencia en el mundo á favor de la libertad de los pueblos, si estos, sacudiendo su inércia, saben aprovecharse de las ventajas que ofrece para la defensiva contra el orgullo de los tiranos interiores y exteriores, lanzándose con fé, inteligencia y profunda intencion en la vía salvadora de los armamentos nacionales.

S. Olave y Diez.

O CRIME DO PADRE AMARO

VII

Era quasi meia legoa. O dia estava extremamente fino, e ao sol havia uma temperatura dilatadora e tepida. O solo estava secco, e Amaro caminhava depressa, n'uma disposição feliz. Era uma vereda entre vallados, onde se eriçavam as silvas: as rodas dos carros tinham aberto dois sulcos; á beira dos silvados erguiam-se de espaço a espaço as oliveiras; as terras lisas estavam cobertas de restolho. Tudo jazia no frio entorpecimento hibernal. A distancia arredondavam-se pequenas collinas, e os pinheiros verde negros até ao fundo dos valles. O céo tinha a frieza polida d'uma pedra azul, sem transparencia. Havia um silencio. Ás vezes ao longe um carro chiava, soava uma voz ou ouvia-se o ladrar d'um cão. E aquillo era repousado, secco, frio, com uma grande luz.

Mas o caminho começava a alargar-se, e ao lado estendia-se um muro, aspero, coberto de musgos, armado no alto com fundos de garrafas, que reluziam: era uma quinta. De repente viu a um portão de carros, largo e pintado de vermelho, Amelia. Tinha o vestido curto, verde escuro, de lã, com uma barra encanudada: uma manta branca, de malha, envolvia-lhe a cabeça, embrulhava-se-lhe ao pescoço: o grande ar puro ruborisava-lhe a pelle. Ao pé, uma rapariga, de saia de baeta curta, os pés cheios de lama secca, o chapéo preto desabado, debaixo do qual caiam sobre as costas as pontas d'um lenço vermelho, curvada, acamava couves dentro d'uma canastra.

Amaro tinha parado.

—Por aqui! disse surprehendido.

Ella fez-se um pouco vermelha:

—Vim á quinta com a visinha... (Era a mulher do escrivão de fazenda).

Ficaram calados.

Ella tinha na mão um pequeno guarda sol, e com a ponta d'elle fustigava as plantas de flôres azues, que cresciam ao pé do portão, rente do muro.

—Então esta é que é a quinta d'ella?

E Amaro entrou o portão, olhando em redor. Havia dentro uma arvore desfolhada, e d'um ramo baixo pendia uma jaqueta de homem.

—É. A nossa fazenda fica do outro lado, mas entra-se por aqui. Não te demores, Joanna!

A rapariga ia para o lado da cidade com a canastra á cabeça, e o geito dos quadris fazia bater como um pendulo a larga roda do seu saiote de baeta.

—Sim, senhor.... sim, senhor!... dizia o parocho, olhando para dentro para os aspectos da quinta.

—Venha á nossa fazenda, disse Amelia. É uma migalhinha de terra. Vae-se por aqui mesmo.

E ella seguia adiante por uma álea, onde velhos sobreiros torciam os seus ramos seccos, e ao fundo uma casa baixa, tosca, de um andar só, assentava pesadamente. Ao longo da parede grandes aboboras amadureciam ao sol, e no telhado baixo, todo negro dos tempos chuvosos, esvoaçavam os pombos. Perto, por traz d'um laranjal, que formava uma massa de folhagens de um verde metallico, uma nora chiava monotonamente. Um rapasito pequeno passou, todo sujo, a cara enfarruscada, uma velhas calças largas que quasi lhe escondiam os pés, a attitude espantada, abstracta, deprimida, bestial, trazendo á cabeça um feixe de lenha.

—Para onde anda a senhora? perguntou-lhe Amelia.

—Está para o olival, disse o rapaz com uma voz arrastada, difficil, abrindo muito os olhos admirados.

O olival era longe, no fundo da quinta; havia grandes lamas; não se podia ir sem tamancos.

—É o mesmo: deixal-a lá! Vamos nós por aqui....

Tinha aberto uma porta verde sobre uns degraus de pedra desconjuntados, musgosos, e entrou por uma pequena rua encostada a um muro coberto com uma parreira. Junto do muro cresciam rosas de todo o anno, e do lado opposto, entre os pilares de pedra que sustentavam a latada, e os pés torcidos das cepas, via-se, batido de luz, com tons amarellados, um largo campo de herva. Ao fundo os tectos baixos do curral coberto de colmo destacavam-se em escuro, e d'esse lado um fumosinho leve, branco, perdia-se no azul do ar.

Amelia tinha arrancado uma rosa, e caminhando adiante, voltando-se de quando em quando para o parocho, explicava a quinta: Ali semeava-se cevada, acolá os pecegueiros não tinham pegado, além o cebolinho estava muito bonito.

Elle ouvia-a vagamente fallar. O sol batia-lhe nas costas atravez dos ramos seccos da vide. O parocho olhava-lhe para o contorno dos hombros, para o andar, e como havia lamas ainda encharcadas, vía-a er-

guer o vestido, e descobrir na extremidade da botina de bezerro uma tira branca da meia, apparecendo. E isto perturbava-o como se fosse uma especie de nudez.

Tinham chegado a um campo de semeadura. De um lado havia um alto vallado, coberto de silvas, de vegetações espinhosas, n'uma grande extensão. Ahi a vista era larga, de grande respiração: viam-se campos, olivaes, alguns tectos escuros. Do outro lado a altura do vallado tapava o panorama, e entre o emaranhado das silvas viam-se destacar algumas pequenas flores.

—Para lá d'este vallado é a nossa fazenda, senhor parocho. Entra-se aqui adiante por uma cancella.

Queria mostrar-lhe a fazenda, porque estava contente, o grande ar alegrava-a, fazia-a expansiva, accessivel. Gostava de se mostrar tão sábia das coisas da cultura, e de ser proprietaria

Mas a cancella estava fechada pelo outro lado: era de grades estreitas, entre duas umbreiras de madeira cravadas no chão, unidas ao silvado.

—Ora esta! exclamou ella desconsolada. E, atravez da grade, curvando-se, com a boca entre as mãos arqueadas, gritava para dentro, arrastando a voz.

—Antonio! Antonio!

Ninguem respondia.

—É o mesmo: aqui adiante pode-se passar.

E contava então que costumava saltar por ali quando era criança. Era um vivo demonio! Ha que tempos! ha que tempos! Achava-se velha...

—Não é verdade?

E voltava-se para Amaro.

—É! é!

E elle achava-se embaraçado. O vinho fizera-lhe um certo peso no cerebro, e aquella temperatura tepida, o grande azul, a sensação da viva natureza amollecia-o.

Havia com effeito uma abertura no vallado, mas sendo o sólo do outro lado, na fazenda, muito baixo, era necessario saltar; e como havia um rego d'agua, a terra accidentava-se n'uma lama escorregadia com hervas molhadas que relusiam.

—Ah, diacho! disse ella, debruçando-se, rindo um pouco.

—Deixe ver, disse o parocho subindo, e, tendo oscillado um momento, saltou. Mas ao firmar-se, com o impulso do salto, ía escorregando nas hervas sobre a terra molhada. Amelia ria de cima.

—Tenho medo, disse ella querendo saltar. E estendia o busto com os cotovellos um pouco affastados.

Amaro via-a debaixo destacando plenamente na luz, rodeada de silvas; via o seu pequeno pé grosseiramente calçado, o queixo redondo e liso e o macio arredondado e lacteo do pescoço.

—Vá! disse elle. Vá!

— Pois sim, dê cá a mão.

Mas como havia o rego d'agua, ella não podia aproximar-se, e já tinha os pés molhados.

— Ih! que medrosa! disse o padre rindo.

— Ah! sim?

E Amelia, com um gesto corajoso, saltou. Amaro tinha aberto os braços para a amparar, ella veiu cair-lhe sobre o peito com um pequeno grito. Amaro escorregou, ia cahir, e, ao firmar-se, apertou-a a si, estreitamente. Estonteado, esquecido, deu-lhe um beijo rapido, ao de leve, no pescoço.

Amelia desprendeu-se rapidamente, e ficou diante d'elle, calada, corada, compondo na cabeça e em roda do pescoço as prégas da manta. E, tomando ao longo do vallado, começou a andar depressa, quasi correndo, ao ruido secco das suas saias engommadas. Amaro ia atraz; sentiu um murmurio na cabeça e como um desequilibrio confuso de todo o seu ser. A terra plana estendia-se até um campo cercado de oliveiras: herva fina crescia estrellada de flores brancas; uma vacca magra, preta com grandes malhas, pastava com o pescoço estendido, e em cima d'uma vara toda vergada uma trouxa de roupa, que servira no tempo da seara para espantar os passaros, caía em farrapos. Uma luz fina, fria, enchia a paizagem. Amaro tremia: ia ouvir alguma palavra cruel; teria de sair de casa da S. Joanneira; seria reprehendido pelo chantre, talvez suspenso... E parecia-lhe que um destino de amarguras infinitas começava.

Tinham chegado á cancella. Amelia com a mão sobre a chave esperava olhando para o campo. Amaro queria fallar, humilhar-se. Mas Amelia, abrindo a cancella, passou para o outro lado, e entraram outra vez calados na rua estreita sob a parreira, por onde tinham vindo. Um criado da quinta vinha a passar com a enxada ao hombro e um cesto na mão.

— O' Antonio, ensine o portão ao senhor parocho. A senhora anda lá para baixo ainda.

E, atravez das terras molhadas, sem erguer os vestidos, quasi correndo, dirigiu-se para o fundo da quinta, para o sitio do olival. Ia n'uma grande perturbação. Ás vezes voltava-se para traz.

Era de temperamento sentimental. Herdára de seu pae certas sensibilidades: elle tinha sido um grande amador de theatros, de representações dramaticas, e organisára em Leiria uma companhia de curiosos; fôra tambem musico e criára a philarmonica *Regeneração*; porque se interessava igualmente por cousas politicas, gostava de conspirar e admirava os generaes. Amelia, em pequena, fôra exaltada por grandes devoções em que a mãe a lançára: tinha um amor infinito pelo Jesus crucificado, pelas imagens de santos e por historias de martyrios. Ás vezes, na egreja, sob a pressão magnetica do orgão, do incenso, das vozes agudas dos padres e dos esplendores do tabernáculo, rompia a chorar.

Depois lêra alguns romances da *Bibliotheca Popular*, e as aventuras hespanholas da *Bruxa de Madrid*, os salteadores, de carabinas, cheios

de amor, montando mulas brancas; os altos muros de conventos de estreitas gelosias gradeados, onde um rosto branco descóra ao escutar em baixo o gemer da serenada; e ainda a sala de pedra da inquisição, onde homens magros cobertos de tunicas negras, sob a soturna luz avermelhada da lampada, interrogam baixo mostrando um crucifixo ao peccador que soluça.

Mais crescida depois namorára da janella um alferes de cavallaria. Mas elle mudou para um regimento de Lisboa, e Amelia então ficou com o coração quebrado, e julgou impossivel tornar a sentir. Pensou mesmo em se retirar para o recolhimento de Jesus. Foi quando o escrevente João Eduardo começára a frequentar a casa. A mãe, as amigas, tinham-a aconselhado.

—Eu não hei-de viver sempre, dissera-lhe a mãe.

Ella então começou a ter um senso plebeu e egoista: desejava commodidades, um marido trabalhador, creação no quintal, e uma dispensa bem provida. Além d'isso sympathisava com o escrevente; tinha por elle uma amisade pacifica, em que havia respeito a certa sensibilidade. O padre Amaro chegára a esse tempo, e logo desde os primeiros dias, quando o via, quando o cumprimentava pela manhã, sentia uma indefinida sensação. Achava-o sympathico, attrahente, e começava a attribuir-lhe qualidades elevadas: a caridade, a uncção, a sciencia, a inspiração de confessor. Via-o sempre um pouco triste. Não conhecia o seu passado, e começou a suppôr que elle se fizera padre por um grande desastre de amor. Imaginava-o na alcova maravilhosa, dourada, cheia de aromas delicados, de uma fidalga. Elle devia ter sido feliz, pensava ella. E sentia renascer a sua antiga exaltação devota. Havia, porém, affecto, sentimentalismo, na sua maneira de resar. Lia o seu livro de missa com melancholia. Entrava na religião como n'uma paixão.

Depois achava que a batina preta ficava bem a Amaro. Pensára em o escolher para confessor: as suas palavras deviam ser meigas e doces como o escorrer do mel; e estremecia, como a uma sensação deliciosa, á idéa de estar ajoelhada aos pés d'elle, fallando baixo, sentindo o halito, o calor do seu corpo, vendo os seus labios sabios, vermelhos e tristes. Muitas vezes reparava-lhe na brancura dos dentes.

Quando Amaro saía ia ao quarto d'elle, compunha-lhe melhor a travesseirinha, alisava o cabello com o seu pente. Palpitava toda quando o ouvia tocar a campainha. E, sem saber porque, sentia perguiça, bocejava. Suppunha que tinha febre, porque trazia sempre os beiços seccos, e precisava de humedecel-os a todo o momento com a ponta da lingua.

Quando Amaro jantava fóra com o conego Dias, ella estava impertinente, ralhava com a Russa e, ás vezes, dizia vagamente mal do parocho. De repente, n'aquella tarde, Amaro tinha-lhe dado um beijo!...

Tinha chegado ao olival. Homens e mulheres batiam as arvores com altas cannas, cantarolavam, riam. Vinham de freguezias de longe, aos bandos, ganhar oito vintens, as mulheres com a sua trouxa, os homens com a viola. Trabalhavam todo o dia, comiam ao anoitecer na promiscui-

dade de uma gamella, e dormiam no palheiro. É a malta. Não têem familia. Vão de fazenda em fazenda ganhando o pão escasso: dormem pelos campos, sem lar, sem religião, sem idéa. Os homens são ladrões, as mulheres prostitutas.

A mulher do escrivão de fazenda olhava o trabalho, contava os saccos apanhados.

Amelia tinha-se sentado n'uma pedra. Uma palavra, uma idéa enchia o seu peito, com uma sensação de encanto, de florescencia e de fecundação, como uma flôr aberta enche um copo.

—Gosta de mim! gosta de mim!

Mas as mulheres que trabalhavam, começaram a cantar uma quadra á Virgem dos missionarios. Porque muitas d'ellas no intervallo do trabalho são beatas, e vão-se arrepender, ajoelhando na igreja, do que peccaram trabalhando no campo.

—Mas será um peccado? pensava Amelia. Não. Pelo que ouvira dizer á mãe, a velhas devotas, a ecclesiasticos, ella creára-se na idéa de que os padres são impeccaveis, que toda a sua acção é santificada e penetrada de Deus. Se reprehendem, se aconselham, se confessam, se intrigam, se seduzem, são sempre justos. A sua acção é intenção de Deus. Ainda quando os seus actos têem aspectos culpados, devem ser obedecidos, seguidos, amados, porque os designios divinos não estão na intelligencia da plebe, e diz o ditado: *Deus escreve direito por linhas tortas.*

De mais fôra só um beijo. Nada se lhe seguiria. Havia de ser uma amisade serena e terna, com platonismos sentimentaes e vehemencias catholicas.

A tarde caía quando voltaram. Grandes côres inflammadas coloriam o ceu no poente; mas no alto o azul era baço. Erguia-se um vento frio e havia silencio nos campos. Na cidade tocava a Ave-Marias. Amelia começou a resar baixo, e, ao passar pela egreja, o templo pareceu-lhe alto, nobre, profundo como um tumulo, glorioso como o ceu. Nunca egreja se lhe figurára assim tão bella de mysteriosa impressão. Era ali que elle celebrava, baptisava, casava, encommendava os mortos. Era um padre, um homem de Deus. D'elle caía a penitencia e a absolvição: as suas palavras davam o paraiso; da sua jurisdicção vinha a santidade. E era tão novo, tão interessante, tão meigo!

No adro lageado o sineiro ia passando, batendo com uma muleta. A botica já tinha luz: os vidros e os bocaes relusiam, e por detraz da balança e de duas altas redomas, a figura do pharmaceutico Carlos movia-se.

Amelia montada no seu burro, tocando-o com uma vergasta, sentia uma dilatação infinita da sua pessoa e um orgulho dôce em que havia tristeza. O padre Amaro tinha vindo n'uma grande agitação. Logo que a noite escureceu, foi a casa do conego Dias. Sentia-se n'uma situação violenta e difficil. Queria saír definitivamente da casa da S. Joanneira, mudar-se, viver só. Não podia continuar ali, na intimidade, tendo mostrado claramente a Amelia o seu amor, a causa desejada da sua existencia.

Ella não parecera escandalisada, offendida: tinha ficado calada, suspensa, abstracta; mas fôra talvez o respeito ecclesiastico, a delicadeza para com o hospede, a attenção para com o amigo do conego. Poderia contar ao escrevente, saber-se aquillo, e elle caír na humilhação do escarneo, na responsabilidade.

Depois, se persistisse em vel-a na intimidade, entregue ás suggestões da carne, poderia vir outro momento, uma tentação mais viva, ou prender-se nos subtis elementos da paixão. Ella não tinha certamente por elle repugnancia, hostilidade. Era quasi noiva, quasi esposa: não abandonaria a rectidão d'aquelle destino pelas incertezas de um sentimento equivoco. Se elle fosse rico ao menos!

As ruas estavam solitarias. D'algumas lojas saía uma claridade dormente, e nas viellas estreitas e mal habitadas soldados, que esperavam o toque de recolher, faziam ruido.

O conego estava na sala de jantar, com a irmã, ao pé d'uma braseira. Havia sobre a mesa um candieiro, que esmorecia, com um morrão avermelhado. A sombra enegrecia os cantos. Os tições da braseira, cobertos d'uma pulverisação de cinza, revermelhavam vagamente.

O conego, sentado n'uma cadeira de braços, com o capote pelos hombros, os pés embrulhados n'um cobertor, aconchegado, espapado no tepido turpor do lume, com o breviario sobre os joelhos, dormitava, pendia-lhe a cabeça. A irmã sentada n'uma esteira grossa, com o busto encostado á parede, dormia, e a indefinida barra de luz avermelhada e diffusa, caindo sobre ella, fazia saír em relevo a sua cara engelhada e ossea com a bocca aberta cheia de sombra e os oculos azues caídos sobre o nariz. O gato dormitava ao pé d'ella. E na dobra do cobertor do conego a *Trigueira*, estirada, resonava.

Aos passos de Amaro, o conego mecheu-se, e com um bocejo, esperguiçando-se:

—Ia adormecendo, hein!

—É cedo ainda, disse o padre Amaro. E fallava baixo para não despertar a velha.

—Cheguei tarde de casa do abbade, depois tomei chá: veiu o quebranto. Então que é feito?

—Vim por aqui.... começou o padre Amaro. E hesitava.

—Pois o abbade deu-nos um rico almoço! Eu carreguei-me um bocado, acrescentou o conego rufando com os dedos na capa do breviario.

—Sabe você, padre mestre? Ando triste....

E depois de hesitar:

—Esta cabecinha não regúla.

Ia a dizer: aconteceu-me um caso! Mas reteve-se.

—Você com effeito anda amarello. Precisa purgar-se.

Amaro esteve um momento calado, sentado ao pé do conego, olhando o lume:

—Sabe? estou com idéa de mudar de casa.

O conego endireitou-se:

—Ora essa! Porque?

O padre Amaro fallava-lhe baixo. A beata resonava.

—Você percebe.... tenho estado a pensar: é assim esquisito estar em casa de duas mulheres, com uma rapariga.... sim....

—Ora, historias! Você é hospede. Deixe-se d'isso.

—Não, não, padre mestre, eu cá me entendo....

E suspirou. Amaro desejava que o conego interrogasse, attrahisse a confidencia, aconselhasse.

O conego olhou para elle um momento:

— Homem! seja franco.

— Sou.

— Você acha aquillo caro?

— Não! disse o outro com uma negação resoluta, impaciente.

— Bem, então é outra cousa...

— É. Você que quer?...

E com um sorriso, e em voz mais baixa:

— A gente tambem gosta do que é bom...

— Bem, bem, disse o conego rindo; você, como eu sou amigo da casa, quer-me dizer por bons modos que tem nojo de tudo aquillo!

— Tolice! disse Amaro erguendo-se, lograd o.

— O' homem! dizia o conego abrindo os braços n'uma surpreza; você quer sahir da casa? Por alguma cousa é! Ora a mim parece-me que melhor...

— É verdade, é verdade, dizia Amaro espertando machinalmente a luz. Mas estou com esta ferrada. Veja você se me arranja alguma cousa, uma casita barata com alguma mobilia...

— Eu sei lá, homem! isso é o diabo...

E, depois d'um momento:

— Emfim, veremos!

E, tendo-se Amaro despedido, o conego fazia os seus calculos: elle dava, havia annos, uma mesada á S. Joanneira. Além d'isso fazia-lhe presentes: meia arroba de assucar, uma caixa de passas, uma peça de linho. Porém, desde que lhe arranjára, como hospede, o padre Amaro, diminuira a mesada. Fizera mesmo com ella essa combinação. Pouco depois elle estava arrependido. A S. Joanneira, quando estava só, dormia no primeiro andar: o conego podia entrar livremente, ficar, se quizesse, até mais tarde. Amelia, com o seu quarto em cima, era alheia a esta frequencia. Mas, quando veio o padre Amaro, a S. Joanneira cedera-lhe o quarto d'ella, e habitava em cima ao pé da filha. O conego tinha então difficuldades, e a monotona pontualidade do seu amor era cheia de embaraços. Precisava de esperar, de receiar, de estar á escuta como um collegial amoroso. Era necessario que Amelia jantasse fóra de casa, que a Russa estivesse na fonte. E assim este conego tranquillos na egoista velhice, via-se obrigado a ter nos seus namoros recatos romanescos. Ora se Amaro sahisse, a S. Joanneira voltava para o seu antigo quarto. É verdade que tinha de voltar igualmente a mesada antiga! Mas vinham

tambem as antigas commodidades. Diminuiria nos presentes, pensava elle.

E ao outro dia foi a casa de Amaro. O parocho estava estirado na cama, fomando o cigarro. Pela manhã ao entrar Amelia, só, na sala do jantar, dissera-lhe baixo:

— Não se afflija, vou-me embora hoje.

Ella não respondera.

— Sempre me parece que se arranja alguma cousa! exclamou o conego entrando no quarto de Amaro. Ha na rua ao pé de mim uma casita baixa...

O padre Amaro calava-se. Em cima, as botinas de Amelia batiam o soalho. Ouvia-se frigir na cosinha, e a voz d'ella cantarolando.

— Querem vêr que você já não quer? disse o conego encostado ao leito, que era o da S. Joanneira, largo, fôfo. O conego sentia a molleza dos colxões.

Amaro hesitava um pouco. Via Amelia, o jantar, a louça branca reluzindo sob a luz, e cheirava a boa sôpa de grão de bico.

— Quero! quero! disse elle.

E erguendo-se: Ai! Jesus! Jesus! suspirou, franzindo a testa, com um tom arrastado.

E logo a seguir foram vêr a casa. Era na rua das... perto do Covêlo. Era de um andar, já velha: a madeira estava carunchosa, alguns vidros quebrados, os tectos com os relevos de antigas traves enegrecidos; tinha pouca luz, nenhum sol; uma mobilia pobre perfilava-se junto das paredes lisas e brancas com grandes prêgos, que tinham esboracado a caliça. Sobre um poial da janella alguem deixára uma velha piuga suja.

Amaro acceitou a casa. O conego arranjára-lhe uma criada, a senhora Maria Vicencia, pessoa magra, cheia de tosse, beata, com um buço que destacava no rosto amarello e secco. Diziam que cosinhava bem e era fiel. Era irmã d'uma pessoa muito popular em Leiria, a Dionisia, uma mulher gorda, branca, baixa, que fôra bonita, e até representára n'um theatro de curiosos: engommava para fóra, encarregava-se de empenhar objectos, entendia de partos e sabia das historias das senhoras da terra. Todos conheciam a Dionisia, com o seu chale traçado, o pesado seio tremendo dentro d'um chambre sujo, as palavras dôces ditas em tom baixo, o seu andar apressado e o seu tom mellifluo com um sorriso a que faltavam os dois dentes da frente.

Dois dias depois o padre Amaro saiu ao anoitecer, com o seu bahu de casa da S. Joanneira. Ella estava um pouco magoada.

— Estes ingratos! estes ingratos! dizia.

E pedia-lhe que fosse lá passar as noites, que mandasse buscar o que quizesse, com recommendações ácerca da lavadeira e grandes abraços.

Amelia, um pouco pallida, não dizia nada.

Quando, n'essa noite, se viu só na sua casa nova, Amaro sentiu um tedio de tudo, e como a indifferença da vida. Via a cama pequena, dura, com uma coberta vermelha curta, e, por baixo, as suas chinellas de ou-

rello appareciam. Um pequeno espelho pendia sobre a mesa, e, como ainda não tinha lavatorio, a bacia e o jarro, com um bocadinho de sabonete, estavam sobre o poial da janella.

Havia muito que ali se não accendera luz, e sentia-se uma grande sensação de frio. A Vicencia, na cosinha escaldava a loiça nova. Defronte n'uma casa, uma creança de collo chamava lamentavelmente. Havia vento. E o sino tocava ás nove horas. Ouvia-se para o lado do quartel as cornetas do recolher. Então Amaro sentiu-se perder n'uma saudade, n'uma infelicidade insondavel e sem limites, como na nocturna vastidão d'um mar.

E seria assim sempre! Porque elle estava resolvido a ir só raras vezes a casa da S. Joanneira. Repentinamente o seu egoismo timorato, a impossibilidade de a possuir, tornára-o quasi hostil a Amelia. Ella era para elle o inimigo, o perigo, o escandalo, a suspensão e a cadêa! Queria fechar-se todo em Deus, no serviço da parochia, na consolação dos que soffrem, e na leitura dos livros piedosos. A sensibilidade em que andava vibrando o seu ser, queria retiral-a d'aquella mulher, e dal-a vastamente á egreja. Tinha planos: seria um solitario; no pulpito, pallido, com a sua batina preta, diria longos periodos sonoros, crueis para o mundo. Viriam de longe consultal-o, nomeal-o-iam talvez conego.

E começou a arranjar os seus livros de oração e a sua roupa branca. Mas a cada momento lhe vinham suspiros, e começava a pensar que o estar em casa da S. Joanneira era talvez mais barato.

A sua vida tornou-se fria e monotona. Depois da missa, dos deveres da egreja, do serviço parochial, voltava para casa. Chovia então; reinavam os ventos do sul. Não podia passear, e depois de tirar as botas molhadas de lama, baças da agoa, ficava passeando em chinellas pela casa. A Vicencia tossia dentro. Jantava ás tres horas. A mesa era de pinho azul, e, como ainda não havia toalhas, estendia-se a um lado um pequeno guardanapo, onde ficava o prato. O resto da mesa, escura, com nomes e datas gravadas a canivete, dava-lhe uma sensação inexplicavel de miseria e de viuvez. De pé, a Vicencia, servia, e de vez em quando, tomando o avental como um lenço, assoava-se com um ruido immundo. Além disso não era asseiada. Amaro muitas vezes, ao tomar o garfo e a faca, sentia o cabo humido da agua gordurosa das lavagens. Ficava longo tempo sentado á mesa, quebrando a cinza do cigarro na borda d'um prato.

Ás vezes o coadjutor vinha visital-o ao acabar o jantar: sentava-se ao pé da mesa com o guarda chuva entre os joelhos. Era um homem magro, com as feições agudas, amarello, com o aspecto doente e sujo. Ficavam calados, com raras palavras triviaes que vinham a espaço: um baptisado que se fizera; o que dissera o conego Campos; um frontal de altar que era necessario limpar.

— O vento está sul? perguntava Amaro.

— Sempre, respondia o coadjutor.

A chuva caia miuda, silenciosa na grande tristesa da rua. O coadjutor saia, cumprimentando gravemente Vicencia.

Á noite o conego ia para casa da S. Joanneira. O padre Amaro não queria ir, ao menos nos primeiros tempos: esperava que se esquecesse mais, que lhe passasse aquillo.

No entanto, as suas noites eram cheias de tedios, de desejos. O candieiro estava sobre a mesa com uma luz melancholica. Amaro procurava ler, mas a todo o momento se erguia e vinha á janella. A rua estava negra, e o lagedo molhado reluzia vagamente.

Deitava-se cêdo; como tinha pouca roupa, estendia o capote aos pés. A roupa, porém, desequilibrava-se, escorregava, elle ficava com os tornozellos arrefecendo ao ar; acordava, e tiritando, somnolento, cheio de tedio, compunha a cama. Ao contrario do que esperava dos seus planos, andava distrahido das coisas da egreja; porque julgava que o ter-se affastado de Amelia era já bastante uma adoração a Deus, um sacrificio, uma devoção. Não necessitava acrescentar as orações dos livros ou os rituaes do culto. Sentia-se vagamente quite com o ceu. No entanto affundava-se no seu tedio desolado. Só á noite no seu quarto desejava que o viessem chamar para levar a Extrema-Unção, e que moribundos reclamassem a sua piedade. Queria que houvesse desordens, ruidos na rua, e ás vezes lembrava-lhe a possibilidade de se ir divertir para casa da gente perdida.

Um dia, porém, o conego encontrou-o.

— Homem! a Amelia manda-lhe recados, diz que você se tem portado muito mal!

Foi como a erupção de uma grande luz. Esperou impacientemente a noite, e foi a casa de Amelia.

— Gosta de mim! gosta de mim, murmurava elle.

Foi uma admiração quando elle entrou.

— Ora até que emfim!

— Ditosos olhos que o vêem!

— Pensavamos que tinha morrido.

Era sabbado. Estava a sr.ª D. Maria da Assumpção, as Gansosos. Arredaram as cadeiras para lhe dar lugar.

— Ora! ora! então que tem feito?

E a S. Joanneira reprehendia-o brandamente.

Amelia estava pallida, e, curvada sobre a sua costura, cozia attentamente. Durante a noite quasi não fallou. Amaro não olhava para ella; estava secretamente assustado, desattento á conversação. Mas logo depois do chá, a irmã do conego começou a embrulhar-se no seu chale para sahir. E Amaro que via Amelia, seria, alheia á sua presença, cheio de tedio, desilludido, levantou-se tambem.

— Já? disse então Amelia, erguendo a cabeça da costura, e olhando-o fixamente com uma sympathia inexcedivel.

— Pois então?...

— Tem companhia até á porta, disse a irmã do conego.

E na rua, Amaro, olhou para cima. A claridade da janella projectava-se nitidamente na parede do predio fronteiro: alguem estava encostado aos vidros; pareceu-lhe Amelia. Que alegria! Até se continha para

não correr! A beata pelo braço do conego, toda embrulhada, a saia arregaçada, batendo com as suas galochas de pau, tossia, fallava do vestido novo que comprára a D. Maria da Assumpção.

E o padre Amaro ao lado, calado e embuçado, ruminava a sua felicidade.

A escura noite pesava em redor, o vento fazia ranger os candieiros suspensos dos varões de ferro.

No outro dia era domingo; e á missa das nove horas, a egreja estava cheia; o povo acumulava-se na nave: dos corpos amontoados vinha uma exhalação enjoativa; creanças choravam; grandes tosses cortavam o silencio; as senhoras no altar-mór cumprimentavam-se, compunham as fitas dos chapéos, criticavam, espreitando os homens, que ás duas portas lateraes, diante dos reposteiros vermelhos, barbeados, com gravatas de côres vivas, os cabellos lustrosos, as phisionomias enfastiadas e vazias, olhavam cheios de cuidado pelos seus chapéos novos.

Ao subir para o altar, atravessando entre as devotas, que se arredavam, amarrotando os seus vestidos cheios de *frou, frou*, Amaro, com o calice na mão, grave, viu Amelia, que ajoelhava ao pé da mãe com o seu vestido de seda preto de largos fôlhos. Olharam-se. E durante toda a missa, o padre Amaro, distrahido, nervoso, esperava o momento de poder voltar-se para a egreja, na benção, nos *Dominus vosbicum*, no *ite, missa est*. E correndo depressa o seu missal, pensava n'ella, um pouco tremulo. Lembrava-se que tinha a meia preta rota no calcanhar, e receiava que o rasgão tivesse subido, que se podesse perceber em algum movimento, e que ella visse!

No entanto erguia a hostia, e o povo, curvado, humilhado, batia no peito; os burguezes curvavam-se simulando um arrependimento formulista de boa educação.

No fim da missa chovia; no ceu porém havia grandes espaços de um azul fresco, quasi humido. A-S. Joanneira e Amelia esperavam á porta; Amaro passou vindo da sacristia, offereceu o seu guarda-chuva. Ellas acceitaram, e conchegadas, com os vestidos levantados, as saias engommadas batendo contra os tornozellos, quasi corriam. Amelia voltou-se para traz:

— Até á noite, sim?

Foi. E todas as noites voltou regularmente.

Os dias intermediarios d'estas visitas eram de grandes melancholias para Amelia. Tornára-se mais contemplativa e mais devota. A devoção era uma especie de contrato espiritual com elle. A mãe fallava algumas vezes no casamento com o escrevente; Amelia desviava a conversação d'este assumpto.

VIII

O parocho jantava cêdo. Depois lia depressa o breviario, fazia as orações do dia, porque queria ir livre, sem as preocupações do seu officio. Logo ao começo da rua ordinariamente via a janella allumiada; e

ao toque agudo retinido da campainha sentia um tremor, um vago receio. Se o recebessem mal! se já tivessem desconfiado! Se ella tivesse saido! Vinha-lhe então uma superstição e invocava certos santos e Nossa Senhora.

Quasi sempre estava a sr.ª Joaquina Gansoso e a irmã do conego. O escrevente entrava mais tarde, pondo ao canto sobre uma cadeira o seu chale-manta. Era na sala do jantar. E sobre a mesa estendia-se uma manta de côres para jogarem a bisca de quatro.

A S. Joanneira e a irmã do conego eram sempre parceiras de ha muito; fôra mesmo essa uma das origens da sua amisade. A sr.ª Joaquina Gansoso jogava com o padre; e logo desde as primeiras cartas as altercações começavam. Mas então a sr.ª Josefa Dias tinha os seus ataques de tosse: e, afflictamente sacudida, cuspinhava na escarradeira, curvada, e engasgada, murmurando o nome de Nossa Senhora. As velhas tinham as suas cartas dobradas como telhas, chegadas ao peito, ou no regaço, um pouco affastadas da mesa, fóra da zona da luz: eram cheias de desconfiança, e roubavam-se em todos os jogos, com grandes reclamações e muitos juramentos.

A bisca era de graça, a feijões. Amaro jogava mal, compromettia: de tal sorte que Amelia, que jogava bem, sentava-se por de traz, olhando por cima do hombro d'elle, ensinando-o. Amaro, ás vezes, voltava o rosto para ella, os seus halitos trocavam-se.

—Esta? perguntava elle, indicando a carta.

—Não, não, espere.

E Amelia então queria tomar a carta. Aquillo era cheio de contactos. Amaro sentia o cheiro de agua de colonia, que ella puzera no seu lenço de algodão.

João Eduardo estava isolado no resto da sala; brincava com o gato; ou, ao pé da mesa, de pé, olhava as cartas n'um grande tedio.

—Diga alguma cousa, sr. João Eduardo, disse Joaquina Gansoso, emquanto baralhava.

Elle sorria, callava-se, encolhendo os hombros.

—Tambem sempre está um mono!... Parta, sr. parocho.

Ás vezes sentava-se ao piano: sabia com a mão direita tocar o *Landum do Porto*.

—É bonito, não é? disse Amelia ao parocho, com um pequenino gesto de cabeça acariciador.

—É assim a modo triste, é!

Mas então todos pediam ao escrevente que se calasse, porque distraia do jogo, perturbava a attenção. João Eduardo começava a enfastiar-se, bocejava um pouco. Ás vezes Amelia voltava-se para elle, e sem motivo ria-se com bom modo. Mas voltava logo a occupar-se do parocho, a fallar-lhe, a envolvel-o com a vista. João Eduardo percebia aquella sympathia, e começára a detestar Amaro. Não desconfiava de Amelia, da sua honestidade, dos seus sentimentos, da sua palavra. Conhecia-lhe a educação devota, e tinha a convicção de que ella era assim attenta, sempre prompta, quasi humilde junto de Amaro por elle ser o padre, o con-

fessor, o que absolve, o que dá o paraiso. Receiava, porém, aquella influencia beata, amollecedora. Era inimigo de padres, detestava a confissão, temia a sua influencia suave e tyrannica na familia, e, com o que lera em jornaes e com os seus instinctos rectos, formara vagamente um criterio platonico hostil ao clero e ao culto, sympathico a Jesus, poetico, revolucionaaio e amigo dos pobres.

Desde que sentira a lenta penetração do parocho n'aquella casa e na vida de Amelia tinha o desejo quasi afflicto de a pedir, de a levar. Mas esperava para isso entrar no lugar vago de amanuense do governo civil, e começava a sentir que aquella situação estavel tardava a estabelecer-se.

Ás vezes, saindo de casa da S. Joanneira, irritado, infeliz, apertava frouxamente a mão de Amelia, e depois ia passear só pelas ruas, ao acaso. Entrava um momento no bilhar, que áquella hora ainda estava aberto: dois homens jogavam, e ao redor, nos bancos de pinho, figuras immoveis, embrulhadas nas capas, nos chale-mantas, com os guarda-chuvas entre os joelhos, olhavam idiotamente. Um cheiro de petroleo suffocava. O marcador, encostado á parede, dormitava.

João Eduardo conhecia aquelles homens: eram negociantes, ricos, um fôra negreiro, outro agiota. Conhecia as concubinas de alguns d'elles, bellas mulheres do campo com grandes arrecadas de filigrana de ouro. E sentia uma revolta interior contra tudo o que é estabelecido, rico e impune. Vinham-lhe vontades republicanas, e, só no seu quarto pensava nos padres que poderia mandar fuzilar, n'um pateo, de madrugada. Mas ao deitar-se, por um antigo habito fazia o signal da cruz, e ás vezes já na cama, se sentia o gato miar fóra da janella, ia abrir, com os pés descalços, tiritando de frio, dizendo condoído: coitadinho, coitadinho!

No entanto Amaro, esse, saía de casa da S. Joanneira inflammado. Amelia era attenta com elle, meiga, quasi devota; estava insensivelmente attraída, abandonada. Amava-o, queria-o. Elle conhecia-o por certas intenções dos seus olhos, por certos contactos dos seus dedos. Estava na alegria de uma victoria: nem sentia já as sollicitações estreitas do egoismo nem os espantos da consciencia catholica. Pensava que ella era uma das mais lindas raparigas da cidade. Tinham-a tentado com perspectivas de luxo, com destinos legitimos. Ella escolhera-o a elle, a elle padre, o eterno abstraído dos sonhos femininos, o ser duvidoso e equivoco, melancholico e neutro, rondando como um ser suspeito e hostil á beira do sentimento. Olhava-se ao espelho, sentia-se vaidoso como um plebeu que é chamado ás festas altivas de uma sala de estuques, toda macia de sedas estofadas, onde sorriem duquezas. E quasi sentia vontade de contar o seu amor ao conego Dias.

Mas o temperamento de Amaro sentia impaciencias. Havia semanas que ia a casa d'ella: encontrava sempre o seu bom sorriso humido, o terno, o querido contacto da sua mão. Mais nada. Nao podia fallar-lhe só, não queria escrever-lhe.

Ás vezes via-a triste e hesitante. Parecia-lhe que ella fugia sob o seu amor, como uma pouca de agua foge entre os dedos de um homem.

E irritava-se então diante d'aquella mulher branca, condescendente, amorosa certamente, mas passiva. E accusava-a a ella da timidez que elle tinha.

Em casa, só, vinham-lhe as grandes sollicitações do seu sangue novo: queria-a ás vezes, ali, de repente, palpitante, sob o calor do seu desejo: os frios aspectos celibatarios do seu quarto quasi o indignavam, e accusava o mundo, accusava sua mãe, e debatia-se no seu sacerdocio como na estreiteza de um carcere. *Sou como outro qualquer* — dizia. Não abdicava voluntariamente a virilidade do seu peito. Fôra educado no seminario, sem vontade, sem espontaneidade: lançára a sua natureza masculina, como um dom, ao regaço de Deus. Tinha sido subjugado n'aquelle destino. Tinham-o impellido para a egreja como um boi para um curral. E exasperava-se.

Não comprehendia isto: Todos os livros santos fallavam de amor. A Biblia está cheia de nupcias; as rainhas amorosas adiantam-se nos seus largos vestidos recamados de pedras para o noivo radioso vestido de linho, que arrastra pelas pontas um cordeiro branco; os levitas batem em discos de prata, queimam os aromas barbaros, e sente-se o mugir dos camellos que levam os thesouros! Os martyres no circo casam-se n'um beijo, sob o bafo dos leões, ante as aclamações da plebe! Jesus não vivêra sempre na sua santidade inhumana sob os sycomoros da Bethamia em quanto magros nazarenos seus amigos conspiravam á parte.

Pensava assim vagamente estas confusas cosmogonias; sem discernimento do que ouvira no seminario, do que lera no Diccionario Theologico, porque era ignorante e sem subtileza.

Ás vezes lembrava-se de se fazer protestante: mas tremia diante da apostasia, e, só por esta lembrança, fazia penitencia. Não se sabia decidir: e sob a confusão do seu cerebro e as instancias do amor, ficava de bruços sobre a cama, revolvendo-se, e dizendo vagamente: — *amo-te, amo-te!*

Ás vezes queria resar, afundar-se em devoções: mas então sentia uma coisa terrivel, inexplicavel: quanto mais resava, batia no peito, jejuava, se prostrava, mais se exaltava, mais lhe vinham idéas amorosas, e o apetite do extasis. O seu espirito sobreexcitado idealisava-a, desejava-a mais. De modo que o seu impulso para Deus terminava sempre por uma excitação para o seu amor!

Por esse tempo um dia Amaro estava na egreja: era depois d'um responso por um negociante que morrêra: era ao cair da tarde: o crepusculo enchia a nave; no alto, uma pequena claridade desmaiava á beira da janella; em baixo nos altares era já noite. Apenas uma lampada bruxuleava diante da cortina vermelha, toda corrida, da capella do Santissimo, e no meio, no catafalco, sob quatro tochas aos cantos, reluziam os galões de ouro do caixão fechado. Na sombra, ás vezes, reluzia vagamente um dourado, a espada prateada cravada no peito de uma Virgem, ou o metal de uma aureola. Terminava o ultimo dobre de sinos. O padre Amaro, na sacristia, acabava de escrever o assentamento do obito:

uma vela de cera, pallida, allumiava-o. Os altos armarios em redor faziam uma tristeza lugubre. Sentia-se, ao pé, na torre, o piar das corujas: a penna rangia sobre o papel: e os sapatos do padre Natario que esperava por Amaro, soavam longamente, no silencio, sobre o lagedo juntamente com o rugido da sua capa de lustrina agitada.

— Homem! disse de repente o padre Natario, parando ao pé da mesa; aquella filha da S. Joaneira pareceu-me hoje tão amarella, tão definhada! Que diabo tem ella?

Amaro, escrevendo, encolheu os hombros.

Natario continuou a passear. E depois d'um silencio:

— Aquillo é o casamento mais desgraçado! O tal sr. João Eduardo... eh! eh! eh!

E teve um riso secco, de escarneo.

O padre Amaro ergueu os olhos para elle com a penna no ar. Natario aproximou-se.

— Sim, porque, aqui para nós, o tal escrevente é um maroto.

Amaro tinha um aspecto admirado.

— Digo-lhe isto! Olhe, não ha padre nenhum aqui, nem n'essas freguezias, que elle não tenha desacreditado.

E então contava baixo: que elle nunca ia á egreja, não ouvia missa, escarnecia o clero, inventava anedoctas. E exaltado, o padre acumulava accusações, datas, nomes, batendo na mesa com os nós dos dedos.

— E ha quatro annos que não se confessa!

Acrescentou que á noite, na botica, dizia mal do chantre; que escarnecia a sagrada Eucharistia; que era pedreiro livre. E contava a historia d'elle, apresentando-o como um invejoso, um calumniador, e fallava de um communicado que elle escrevera para um jornal, accusando o conego Campos.

— Não se confessa! murmurava Amaro.

E Natario com a capa traçada sobre o braço, exhalava uma colera que parecia antiga; ajuntava que elle accusava a irmandade do Santissimo de ter comido o dinheiro de uma festa; que desacreditava o cabido...

— Tenho provas! tenho provas!

As suas palavras, fallando das culpas de João Eduardo, eram como uma enchurrada.

E chegando-se mais para Amaro:

— Sabe você? Se estima aquella gente, desaconselhe semelhante casamento.

Amaro ficou calado, e depois de um momento:

— Você acha?... disse elle, com olhos fitos em Natario.

— De mais!

E olhando em redor:

— Deus me perdôe de eu dizer isto n'este logar; mas elle, até dizem que vive ahi de casa e pucarinho com uma desavergonhada.

— Palavra? disse Amaro.

— Pois! Diga isto á rapariga! Diga, diga por minha conta!

E passeando na estreita sacristia:

— Mas elle não as perde!

— Então!

— Eu sei de um homem a quem elle deve quatro moedas: esse homem não está longe de requerer a penhora. São quatro tarecos velhos: mas é o mesmo. Vae para a rua! que durma com os cães!

Mas vendo um tão grande odio, o padre Amaro perguntou:

— Elle a você fez-lhe já alguma cousa?

— Se me fez alguma cousa! Pois você não leu o jornal de hoje? Falla lá de um padre e da *flôr de certo canteiro;* vem sempre com esse estribilho, e é a mim que se refere. Canalha! Quem é que escreve aquillo? Elle. Canalha!

E fechando o punho:

— E eu esmagava-o como uma carocha!

E batia violentamente com o pé no chão.

Mas o sacristão entrára para fechar a porta; os dois padres sairam; e, passando diante do Santissimo, curvaram-se persignando-se.

Fôra uma revelação inesperada para o padre Amaro. A sua primeira idéa foi que estava justificado, legitimado o seu amor por Amelia. Vinha de Deus: fôra elle que creára no seu peito o impedimento d'aquelle consorcio heretico. Semelhante homem era atheu, devasso, pedreiro-livre, inimigo dos padres; educaria no mal a pobre alma captiva da esposa, impedir-lhe-ia a vida devota e perfeita: não a deixaria ir á missa, nem confessar-se, nem orar; lançal-a-ia no orgulho profano e no peccado irreparavel.

Mas elle era o parocho, o salvador, o annullador. Subtrahil-a-ia áquelle destino impurificavel. E acumulava estas idéas como se estivesse a justificar-se diante de um confessor.

Ah! decerto deveria impedir aquelle casamento! E vinha-lhe um grande contentamento. É que o seu amor não era uma sensualidade de homem, era um dever de parocho. Era um dever affastal-a do escrevente, que lhe dava a esperança de um destino legal; representar-lhe o peccado de ligar a sua alma catholica e devota a um espirito rebelde, inimigo do clero e hostil aos preceitos da egreja.

E agradecia-o a Deus. Tinha uma brutal alegria. O apetite do seu temperamento coincidia com o dever de seu sacerdocio. Tornar-se-ia o confessor de Amelia, o seu amigo platonico, envolvel-a-ia em orações, penitencias, contrições. Ella palpitaria indefesa sob a penetração do seu amor. Tel-a-ia. E cerrava os dentes.

— Ah! Deus do ceu! Deus do ceu! dizia elle vagamente, estirando os braços.

IX

D'ahi a dois dias o parocho recebeu um afflicto bilhete da S. Joanneira: a idiota estava a morrer, era necessaria a Extrema-Uncção.

Fôra ao escurecer, e já estavam os candieiros accesos quando o pa-

rocho saiu da egreja, sob o pallio, levando a custodia. O sino tinha tocado; tinha-se reunido gente; as tochas faziam destacar com reflexos as opas de panninho escarlate; atraz homens descobertos, velhas com o manteu pela cabeça, e garotos cantavam arrastadamente o *Bemdito;* punham-se vélas accesas por traz das vidraças. Sob o pallio tremelusiam vagamente os dourados baços da estola do parocho, e uma campainha tocava adiante, a espaços, monotonamente. Aquillo enchia as ruas de claridade, de rumor do *Bemdito* e do terror da morte. O sino tocava, sem descontinuar, n'um repique, rapido, quasi alegre. Perguntava-se com curiosidade *para quem era;* e por traz das vidraças entre as luzes, appareciam vultos.

A escada estava illuminada com um candieiro de petroleo sobre uma cadeira. Muita gente tinha-se agglomerado á porta, e os homens que levavam o pallio, quando o parocho entrou, dobraram-o, encostando-o á parede e accenderam os seus cigarros.

Fallava-se da idiota, e um velho contava que a conhecera bonita, leviana, com amantes, e até se lembrava de uma paixão que ella tivera por um alferes de cavallaria!

O quarto da idiota era junto da cosinha; a cama era no chão: tinham posto ao pé uma mesa com toalha de folhos, um copo com agua e duas vélas de cêra; e sob a claridade que caía, a sua cabeça apparecia com um lenço branco em redor, de onde saíam mechas de cabellos brancos. Os olhos curvados, orlados de uma larga sombra côr de bistre estavam cerrados, e a bôca larga, immovel, tinha espuma aos cantos. Arquejava um pouco, e tinha os braços estendidos fóra da roupa ao comprido do corpo, e as mãos com um gesto vago e errante parecia apanharem indefinidamente. Encostadas ás paredes estavam grandes arcas pretas; das traves do tecto pendiam resteas de cebolas; e no fecho da janella, uma saia engommada, tufada, hirta, arqueava a sua roda encanudada.

Ha dez annos que ella estava idiota, cachética, fóra da vida. A sua enxerga era uma sepultura provisoria. A S. Joanneira achava que o morrer era para a *sua pobre irmã uma felicidade.* Amelia, commovida pelos aspectos da morte, calada, pallida, tinha o rosto abstracto, e estava abatida. As amigas da S. Joanneira, na sala do jantar, fallavam baixo. Preparava-se o chá.

O padre Amaro entrou. O quarto da moribunda encheu-se de gente; elle, curvado, pôz-lhe os santos oleos no peito, na bôca, nas mãos e nos pés. Todos ajoelhados se immobilisavam, e no silencio sentia-se ferver a chaleira da agua.

O padre Amaro esteve um momento na sala: prometteu voltar para as acompanhar n'aquelle transe, e as suas maneiras eram graves, cheias de ceremonial. Desceu. A campainha seguiu-o tocando; as vozes entoavam o *Bemdito*, e a rua ficou d'ahi a momentos silenciosa. Só na casa visinha um cão uivava incessantemente; grandes estrellas luziam docemente na fria negrura do ceu.

Eram onze horas quando Amaro voltou. Todos se tinham retirado. A Russa sentada, no quarto da idiota, a um canto, sobre uma trouxa de

roupa, dormitava, e a espaços abrindo grandes olhos, ficava toda encolhida, transida de frio e de medo. Amaro chegou-se ao leito da velha: a respiração era arquejada, afflicta, quasi não tinha pulso. A S. Joanneira sentira-se doente, deitára-se um momento sobre a roupa: e quando Amelia lhe disse para dentro: «Minha mãe, está aqui o sr. parocho» ella respondeu com a voz gemente:

—Faze-lhe companhia, filha, já vou. Desculpe, sr. parocho. Eu estou com umas dôres de cabeça que não me tenho.

Dava-lhe ás vezes aquella enxaqueca. Amelia e o padre ficaram sós na sala de jantar. Uma luz esmorecia, fazendo luzir os vidros. Um silencio pesava em toda a casa.

—Tenho tido tanto medo, disse Amelia, aconchegando-se no chale, com um sorriso triste.

—Ora, disse Amaro.

—Não, não! É que nunca vi gente morta.

E suspirando:

—Coitada! para ella até é melhor.

Estava sentada ao pé da mesa, a cabeça apoiada á mão; a manga do seu cazebeque que era larga, e escorregando um pouco deixava ver o começo do braço branco, torneado, firme, com um tom pallido.

Estiveram algum tempo calados: Sentiram resonar a S. Joanneira. Amelia ergueu o reposteiro de chita, espreitou:

—Não a acorde, disse Amaro.

Amelia hesitava. Mas Amaro fitando-a:

—Para que?

E fallavam monotonamente da idiota, do medico e do Carlos da botica.

Mas Amelia começou a tremer de frio, batia com os pés no chão devagarinho, soprando as mãos.

—Parece-me que é melhor ir para a cosinha, para o pé da brazeira.

—Parece-me que sim, disse o parocho.

Foram. Amelia deitou mais carvão, arrastrando a braseira para o meio da casa. Havia vento: os seus impetos lugubremente assobiados vinham a espaços; e nas janellas da visinhança uma portada batia.

Amelia tinha trazido duas cadeiras pequenas, de pinho, para o pé do lume, e um cobertor para o parocho pôr aos pés:

—Porque está assim a olhar tão fito para mim? disse ella sorrindo.

—Nada, disse Amaro; e depois de um silencio:

—Sabe? Andava morto por lhe fallar n'uma coisa...

Ella olhou para elle um pouco corada.

—É verdade: sobre o seu casamento.

—Ah! disse ella, com um sorriso em que havia desdem e tristeza, baixando os olhos para o lume, e mechendo as brasas com as grossas tenazes, onde as suas mãos brancas destacavam com uma pallidez de marfim.

— Faz mal, disse Amaro sem transição.

Amelia ficou calada, os olhos dilatados, fixos no lume, um rubor no rosto.

— Faz mal, continuou Amaro, baixo. Esse homem seria a sua desgraça.

Ella ia fallar...

— Ouça! e chegando mais para junto d'ella a cadeira: A menina não sabe. Esse homem não tem religião, não se confessa! não: salve a alma... É um herege.

E então accumulando as palavras, baixo, contava a vida de João Eduardo, as suas irregularidades, as suas dividas. Lamentava-a, chamava-lhe *santa*, *minha pobre filha*. O calor envolvia-a: os olhos negros, grandes, do padre Amaro cobriam-a, dominavam-a e sentia molleza. Amaro estava pallido, com a sua batina negra, e tinha gestos lentos que acariciavam.

— E se casar, dizia elle, que esperança tem de se salvar? Fica em peccado mortal. Eu por mim não lhe deito a benção. Sabe? — Ha quatro annos que elle não se confessa.

Ella dizia: *Jesus*, *Jesus*, com admiração, como diante de um destino que se dissipa.

— E de resto — e a voz de Amaro era baixa, lugubre, com um tom pungunte que a devastava — duvido que houvesse um padre que lhe desse a absolvição, a si!

Ella machinalmente erguera as mãos.

— E se viesse a morrer... estava em peccado. Percebe? Em fim, digo-lhe isto, não sei se poderia ser enterrada em sagrado.

— Pelo amor de Deus! pelo amor de Deus! disse ella, e nervosa, duramente resolvida começou a chorar baixo, com soluços e grandes lagrimas que lhe corriam entre os dedos

Elle estava sob o calor do seu halito: tocava-lhe os vestidos:

— Não chore...

— Elle! disse ella n'um sobresalto.

— Sim, sim. É um maroto. Não chore. — Vê? É porque gosta d'elle, está a chorar!

Ella fez uma negação com a cabeça, soluçando.

— Escute, olhe, fie-se em mim. Abra-se comigo; e affastava-lhe as mãos do rosto, tremulo, com os dentes cerrados, os olhos soffregos.

— Mas que hei de eu fazer? Que hei de eu fazer?

— Não queira, dizia-lhe. E a sua voz era tremula. Pois então. Não ha banhos publicados, não ha nada. Acabou-se. Eu a guiarei. Eu serei como seu irmão. Sim?

E como ella não respondia:

— Sim? repetia-lhe, com o olhar absorvente, os beiços seccos, um tremor nos joelhos, apertando-lhe as mãos ambas, todo curvado com o halito quente.

Amelia estava como n'um fundo de sonho: e no torpor, na surpre-

sa, na exaltação, sentia a voz de Amaro, o calor das suas mãos, a força da sua presença. A braseira esmorecia; ella sentia-se desfallecer n'uma ternura illimitada.

Amaro então tinha-lhe passado um braço sobre o hombro, attrahia-lhe docemente a cabeça, e a sua voz tremia, murmurava:

— Estarei sempre eu. Vê! Ouça. Serei tão seu amigo! Deixe-se estar. Magôo-a? É como se fosse um irmão... Treme.

E mais baixo, junto ao rosto d'ella com uma voz que a beijava:

—É que gosto de ti! Deixa-te estar assim! Gosto... Gosto... Ouve...

Ella tinha-se abandonado, os olhos humidos, os labios entre-abertos, pallida, a garganta tumida de suspiros...

Mas então a voz da Russa dentro, gritava:

— Senhora! Senhora!

Amaro erguera-se, e com um salto correu á porta que dava para o quarto da idiota. Mas estava fechada. Foi de volta, pelo quarto da S. Joanneira e Amelia, atraz, tremendo, dizia:

— Deus da minha alma! Deus da minha alma!

A idiota dava arrancos soturnos com um acre metallico e os dous braços abertos, em cruz, batiam no chão, monotonamente. Arqueava-se; o lenço tinha-se desmanchado, e os seus cabellos grandes estavam todos espalhados em redor, e na bôca torcida um liquido espumava. Por fim teve uma vibração e ficou immovel. As vélas derretiam sobre a toalha.

Então Amaro ajoelhou ao pé do leito. A S. Joanneira accudiu em saia branca. E Amelia, nervosa, saccudida em todo o seu ser, atirou-se de bruços sobre uma arca com um choro afflicto. Eram duas horas da noite. O vento acalmára e no silencio sentia-se em cima, no forro do tecto, o ruido dos ratos.

(*Continuará*).

Eça de Queiroz.

COLON EN VALCUEVO

ESTUDIOS HISTÓRICOS SOBRE LAS CÉLEBRES CONFERENCIAS DE SALAMANCA

INTRODUCCION

SUMARIO.—Asunto de estos artículos. Falso punto de vista en que se colocó Roselly de Lorgues al escribir la «*Historia de la vida y viages de Cristobal Colon.*» Exageracion y errores á que le condujo. Oscuridad y grandes lagunas en la historia de Colon relativamente á las contrariedades que experimentó y á la proteccion que en España se le dispensó. Causas de las equivocaciones é inepcias cometidas á ese respecto. Historiógrafos y cronistas de su época. Faltas por ellos cometidas. Errores desvanecidos ó alimentados posteriormente. La verdad histórica, tratándose de Colon, necesita de España.

I

Sujeta á vicisitudes sin cuento la vida de Cristobal Colon, su gigantesca empresa no lo estuvo menos á contrariedades, cuya procedencia y cuya magnitud no se han acertado á determinar con exactitud, ni á presentar por tanto el grandioso acontecimiento con el natural atractivo de la verdad histórica.

Lote indeclinable del génio que osa ostentar en su mano la antorcha encendida en el fuego de Prometheo y señalar nuevos derroteros á la humanidad, el gran Colon sufrió amarguras sin nombre, y encontró en su camino obstáculos, cuyo vencimiento, si es que no aumenta la importancia del tríunfo, realza indudablemente el mérito del vencedor, á la vez que revela el gran temple de su alma y la elevacion de su espíritu.

Cuatro siglos ha estado envuelta en oscuridad la historia de aquellas vicisitudes y contrariedades. Y en esa historia, tan importante para la humanidad y para las ciencias, como gloriosa para España; quizá no haya página alguna, ni más digna de estudio, ni más cubierta de sombras, que aquella que se refiere á las célebres conferencias que durante el invierno de 1486 á 1487 celebró en Salamanca el cosmógrafo genovés con los sabios y Doctores de aquella Universidad, á la sombra del Convento de Dominicos y bajo el amparo y proteccion de su Prior Fr. Diego de Deza, ayo entonces del Infante Don Juan, confesor de la Reina, y después Arzobispo de Sevilla.

A disipar esas sombras, desvaneciendo errores y rectificando hechos y apreciaciones, no bien conocidos unos, y ligeramente formadas las otras, sedirige este estudio. Pero al sacar una vez más á la escena la gran figura histórica de Cristobal Colon, por nada del mundo quisiéramos incurrir en lo que, si no fuera pecaminosa tentacion neo-católica, sería pretension ridícula, del historiador francés Roselly de Lorgues. Como si al escribir la historia de la vida y de los viages del Gran Almirante se tratara de la canonizacion de algun santo, ó de ventilar algun punto de Teología dogmática, el escritor francés, católico á la moda, ensaya un nuevo género de historia, y comienza la de Colon por escomulgar á los historiadores que le han precedido y suministrado los datos y documentos auténticos para escribirla.

Escritores insignes, varones de ejemplar piedad, cristianos de edificante fé, católicos á toda prueba, apóstoles, mártires mismos de la religion del Crucificado, nos han dado, en sus más ó menos luminosos escritos, pruebas irrefragables del interés que en ellos despertó la aparicion del grande hombre, y la importancia que dieron al éxito de su atrevida empresa. Pero á ninguno de ellos, hasta Roselly de Lorgues, se le había ocurrido hacer asunto de catolicismo aquel que, en su apreciacion más trascendental, llamará suyo la humanidad entera. A ninguno se le ocurrió el trasplantar al terreno de la religion, para suscitar cuestiones teológicas, lo que para todos y para todo el mundo ha estado siempre en el terreno de la ciencia, y lo que ni puede, ni debe despertar más cuestiones, que las que son proprias de los asuntos de historia y de geografía.

Separándose de la huella trazada en ese terreno por la ciencia y consagrada por la tradicion de los siglos, huella que han seguido, al escribir la vida de Colon y la historia de sus descubrimientos, sabios como Humboldt y Wasington Yrwing, y varones tan piadosos y tan sinceramente católicos como el P. Spotorno y nuestro D. Martin Navarrete, el Sr. Roselly se ha empeñado en hacer intervenir á Dios directa é inmediatamente en el descubrimiento del Nuevo Continente: y ha pretendido que de hoy más sea forzoso no ver en aquel acontecimiento otra cosa que un milagro, y en Cristobal Colon un especial enviado de Dios para obrarle.

Sea lo que quiera de esa pretension, nosotros no acusaríamos por ella al escritor francés, si no la llevase hasta el extremo de condenar todas las historias escritas hasta el dia sobre el asunto; declarando además incompetentes para escribir de él, en lo sucesivo, á todos los que no digan á su voz: «*No hay más Dios que Dios y Colon fué un Profeta.*

Ni se detiene allí el moderno historiador. Negada la competencia, por falta de fé católica, á todos sus predecesores y *nominatim* á los cuatro antes citados, para escribir de Colon, por no haber dado muestras de creer en su mision divina, especial y personalísima, pasa á negarles su capacidad, y lo que es más, su buena fé, acusándoles de no sabemos qué preconcebidos intentos semi-protestantes; de que no han visto, ni podido ver claro en el asunto; y por todo y en resúmen, de que han ensalzado *el génio y no la santidad* de Cristobal Colon.

Quien escribe para el público, en asunto tamaño, y dice tales cosas, con el desenfado de Roselly de Lorgues, es preciso, nos decíamos nosotros, que si no ha escuchado la voz de Dios, como el anciano del monte Horeb, á través del fuego de una zarza, haya por lo menos subido en álas del génio á las regiones donde habita la verdad y registrado sus archivos. Mas — ¡ vanidad de las pretensiones humanas! — pecador como todos, falible como todos, el historiador francés nos ha dado por verdades las exigencias de su preconcebida tésis; y por vendernos el retrato de un santo, ha descoyuntado la *vera efigies* del hombre, del héroe, del Gran Almirante, como le llaman las historias y los documentos de su época.

Escribiendo con un propósito y mirando á Colon desde un punto de vista tan singular, tan extraño, y tan fuera de todas las conveniencias históricas y científicas, si así vale decirlo, Roselly de Lorgues ha tenido que hallar inconvenientísimo el que Cristobal Colon tuviese, de una parte, flaquezas de hombre; y de otra, cualidades de experimentado y de sabio. Y desde entonces, se ha visto en la precision de negarle las de sabio cosmógrafo, de audaz marino, de esforzado Capitan y hombre de génio.

Desconociendo, ó haciendo al menos por donde el lector desconozca la sociedad de aquella época, sus costumbres, su fisonomía y sus modos de ser y de ver, se pronuncia furiosamente contra los eruditos y concienzudos historiadores antes nombrados, porque no hicieron escrúpulo de convenir en lo que ni fué en España un misterio para los escritores de la época, ni en ella fué reputado á pecado venial siquiera; los amores de Colon con Doña Beatriz Enriquez: y el ser D. Hernando hijo natural de entrambos.

Niégalo ahincadamente Roselly de Lorgues; y por que lo afirmaron, increpa destempladamente á Spotorno, á Bossi, á Muñoz, á Navarrete, á Humboldt y á Yrwing. Sostiene, *ex-cáthedra*, que Doña Beatriz fué esposa de D. Cristobal Colon, y por tanto, que fué legítimo su hijo D. Hernando; y fulmina los rayos de su ira beatíficamente contra los que tal no crean, confiesen y sostengan.

Al ver el tono dogmático del escritor francés, nadie diría sino que se habia encontrado la fé sacramental de aquel matrimonio. Que tambien el Abate Andres se encontró, á fines del siglo anterior, y en el forro de un devocionario de Colon, que había ido á parar á la biblioteca de la casa Corsini, en Roma, con el «*Codicillus more militari Cristophori Columbi*», fechado en Valladolid á cuatro de Mayo de mil quinientos seis, y por el cual el Almirante nombraba á la República de San Jorge sucesora en el Almirantazgo de las Indias y en todos los privilegios anejos á esta dignidad, acabada que fuese su descendencia en línea masculina. Verdad es, que nuestro Navarrete ha demostrado hasta la evidencia, que tal documento era apócrifo: mas entre tanto la noticia corrió en boga.

Si el Sr. Roselly ha sido menos afortunado que el Abate Andres, en cambio ha sido más resuelto: y sin documento alguno á que atenerse, y sin estar alumbrado por más, ni mejor luz que la que Navarrete ha

suministrado al mundo literario con su preciosa y de todos apreciada *«Coleccion de los viajes y descubrimientos que hicieron por el mar los Españoles desde fines del siglo XV,»* el escritor francés ha sido osado á desmentir solemnemente á tan concienzudo como ilustrado historiógrafo, y con él al P. Spotorno, á Bossi y á Humboldt.

Tal empeño y en tales términos sostenido, sobre un accidente de la vida de Cristobal Colon, que en nada amengua sus brillantes cualidades, y que nada, absolutamente nada, afecta al mérito de su idea, ni á la gloria del descubrimiento, sería disculpable al parentesco ó al paisanage — no á la verdadera piedad — en un espediente sobre beatificacion ó canonizacion; pero en una historia de la vida y viages del Gran Almirante, escrita por un francés, á mediados del siglo XIX, no admite disculpa. Ese empeño probará el que tiene cierta escuela por introducir el cáos, la confusion y la oscuridad en el campo de la ciencia, no menos que en el de la vida social, á pretexto de religion. Ese empeño demostrará, una vez más, lo audacioso del método y lo erróneo del sistema que esa escuela emplea para escribir la historia.

Así se concibe que haya visto, sin que existan, el católico historiador, las actas de las conferencias de Colon con los cosmógrafos y Doctores de Salamanca: y que haya hecho de ese importantísimo episodio de la vida del Gran Almirante y de la historia del descubrimiento y de la Universidad de Salamanca en aquellos tiempos la pintura más caprichosa, más retórica, pero más inverídica del mundo: como hemos de demostrarlo en el proceso de este Estudio.

II

Apenas llegó Cristobal Colon á la cúspide de la gloria comenzó á descender por la pendiente de las humanas amarguras. Apenas el éxito más brillante hubo coronado su empresa, las rivalidades, los celos, las envidias, los intereses ruines, las vanidades susceptibles, las vulgaridades siempre en boga, en una palabra, la versatilidad del gran número comenzaron á tender un velo, ya que no sobre la magnitud de la empresa, — porque eso era imposible, — sobre la grandeza del esfuerzo que requirió el acometela, y sobre el génio y la gloria del autor.

Compañeros mismos de su empresa, testigos de sus virtudes y de sus altas prendas, hombres, por otra parte, nada vulgares, en vez de tributarle los elogios á que era acreedor, se vieron — ¡pobre humanidad! — á Martin Pinzon morirse materialmente de envidia: á Hojeda volviéndole la espalda: á Roldan hostilizándole abiertamente: al obispo Fonseca y á D. Juan de Soria declarándole una guerra insidiosa y terrible; y al bárbaro Bobadilla mandándole prender y traer á España encadenado.

Y estos hechos, por más que tan de bulto, no son los que más deben llamar la atencion del filósofo y del historiador. ¿Cómo se concibe que los mismos que habían apoyado al Cosmógrafo Genovés y contribuido poderosamente al logro de sus proyectos mirasen resignados y en silencio

anublada ó poco menos la gloria del éxito y empequeñecido y postergado y casi olvidado el nombre de Cristobal Colon? ¿Cómo se explica que el siglo que presenció la magnitud del acontecimiento, que el pueblo que supo hacer del mundo descubierto teatro de proezas gigantescas... cómo se explica, decimos, que este pueblo y aquel siglo dejasen pasar desapercibido al descubridor de ese Nuevo Mundo y casi se olvidaran de su nombre?...

Pues todavía parece más inexplicable que cronistas é historiadores testigos del suceso hayan cometido, respecto del gran Colon, los errores, las inepcias y las omisiones, que, entre otros de menos nombre y fama, cometieron Pedro Martir de Angleria, Fr. Bartolomé de las Casas, el respetable Gonzalo Fernandez de Oviedo, Antonio de Herrera, Juan de Barros, Lucio Marineo Siculo, Gomara, el Inca Garcilaso y el mismo Andrés Bernaldez, Cura de Los Palacios, que hospedó al Gran Almirante al regreso de su primer viage.

¿Y fueron menos injustos, más avisados, más reparadores, respecto al gran Colon, los demás pueblos, y los siglos y los escritores que sucedieron á aquellos? Si se exceptuan España é Italia, hasta el presente siglo la Europa entera guardó un desdeñoso y casi estúpido silencio respecto de Colon, de su prodigiosa audacia, de su importantísimo descubrimiento. Por encima del suceso y del génio, no pasaron tan solo los historiadores y filósofos de tibia ó dudosa fé católica, como quiere dar á entender Roselly de Lorgues; sino que, con mucha más inepcia, ó con más desden, ó con mayor injusticia que Montesquieu y que Buffon, que Robertson y que Raynal, trataron del gran Colon y de su empresa Ferreras y Mariana, Masdeu y Ascagorta, á quienes no tachará ciertamente Roselly de protestantes, ni de incrédulos.

En este, como en los infinitos casos análogos que la historia de la humanidad nos presenta, se ha necesitado hacer luz para reparar las grandes injusticias, para colocar en su debido lugar los hombres y los hechos, y para premiar de paso el verdadero mérito. Y esta luz que se ha hecho á través de mil dificultades y de no pocos riesgos, abriéndose paso por entre las densas nieblas que amontonan en torno de la verdad el interés de personas ó de clases poderosas, la intriga, la ignorancia y las pasiones, no tiene nada que ver con el símbolo de Nicea; ni para producirla ha sido condicion precisa la fé en los misterios de la religion cristiana. Si á los escritores se debiese solamente esa luz, lo mismo han contribuido á hacerla los Pons y Roselly que los Bossi y Spatorno: y no menos los Humboldt é Yrwing, que los Muñoz y Navarrete.

Pero no, no han sido exclusivamente los historiadores los que han hecho la luz en este asunto: ha sido la ilustracion de la época, ha sido el tiempo, ha sido la discusion. A más distancia del suceso; á más altura de las hipótesis, de las anecdotas, de los cuentos, con que bastardos intereses, intrigas y malas pasiones lograron anublar la glória del grande hombre, la luz ha brotado aquí de la discusion.

Tan cierto es que en todas las épocas, y así se trate de descubri-

mientos geográficos, como de invenciones en las artes, y de las grandes concepciones en las ciencias y en las letras, la historia de la humanidad nos presenta el mismo fenómeno. Como ya lo observó atinadamente el Baron de Humboldt, se comienza, primero, negando la posibilidad del descubrimiento ó la exactitud de la concepcion: despues, se niega su importancia; y más tarde, su novedad. Son efectivamente tres grados de una duda que templa algo los disgustos causados por la envidia; cierta especie de moda cuyo motivo es ordinariamente menos filosófico que la discusion que á su pesar provoca, moda que trae su orígen de más lejos que el de aquella Academia *dei Dubbiosi* que de todo dudaba, menos de sus propios decretos. El autor del *Ensayo sobre las costumbres y el génio de las naciones* dijo ya con mucha oportunidad, que cuando Cristobal Colon prometía un nuevo hemisferio, se le contestaba que no podía existir: y cuando le hubo descubierto, se dió en sostener que era ya conocido de mucho tiempo antes.

III

Los historiadores, como los poetas, pagan tributo á sus siglos; y la fisonomía de estos, sus bellezas y sus lunares, sus esperanzas y sus temores, sus aprensiones y sus enfermedades no pueden menos de reflejarse en las obras de aquellos.

Pedro Martir de Angleria, Milanés traido á España por el Conde de Tendilla, D. Iñigo de Mendonza, en 1488, helenista del renacimiento, muy pagado de las grandezas de la corte, fiel servidor de los reyes, admirador y panegirista de sus pensamientos y de su política, presenció de cerca el gran acontecimiento; conoció y sin duda trató á Colon; se entusiasmó con el suceso; le saboreó, como los sabios saborean estos placeres; lo refirió con afectacion clásica en sus cartas al Pontificado y á los hombres ilustres de su época; y con la frialdad desdeñosa de tales sabios, en sus Epístolas, como en sus Décadas Occeánicas, se contentó con decir del descubridor, la primera vez que lo nombra: *Post paucos inde dies rediit ab antipodibus occiduis Christophorus* QUIDAM *Colonus, vir Ligur, qui á meis Regibus ad hanc provinciam tria vix impetraverat navigia; quia fabulosa, quae dicebat, arbitrabantur.* — Hace pocos dias regresó de los antípodas occidentales *un tal Cristobal Colon*, genovés, un *quidam*, que con dificultad habia obtenido de mis Reyes tres buques para ir á aquel país; porque se reputaban fabulosas las cosas que decia.

El Cura de Los Palacios, Andres Bernaldez, con haber sido capellan del Arzobispo de Sevilla, Fr. Diego de Deza, y con haber tenido la suerte de hospedar al descubridor, cuando al regreso de su segundo viage (si damos crédito á la fecha que señala); ó de su primer viage, (si atendemos á su dicho) se limita, en su *Historia de los Reyes Católicos*, á decir, respecto de Colon, que le hospedó en 1496; que le habló del descubrimiento, y del largo viage y de las dificultades que ofrecía; y que el Almirante le dejó algunas de sus escrituras (apuntaciones y notas). Que se murmuraba en la Corte de *que los gastos eran muchos y los probechos po-*

cos, fasta entonces. Que Colon, llamado á la corte, estuvo en Castilla, por junio de 1496, vestido de hábito franciscano, por devocion; y que llevaba consigo algunos indios. Y hé ahí todas las noticias que nos dá del gran descubridor y de su empresa: aparte algun estracto de sus viages.

El hijo de este, D. Hernando, en la *Vida del Almirante*, (libro que depositado por el nieto de este, D. Luis, Duque de Veraguas, en manos de un Jornari, patricio genovés — 1568 — ha desaparecido, y del cual solo nos queda una traduccion italiana, calificada de incorrecta y de manca, hecha por Alfonso de Ulloa en 1749, y la retraduccion al español, sin fecha y sin lugar de imprenta, publicada por Andrés Gonzalez Barcia en sus *Historiadores primitivos*) omite por cautela, como dice Navarrete, ó por exceso de celo las noticias más curiosas é importantes, que mejor que otro alguno debia poseer, no solo respecto al nacimiento y verdadera pátria de su padre, sino acerca de su venida á España, de los puntos en que residió, de las personas que le prestaron auxilio y eficaz apoyo, así como de los medios y modos empleados para lograr que los Reyes Católicos prohijasen el gran proyecto. Son malas tintas las del enojo y de los resentimientos, para escribir con ellas la historia de un gran suceso y de un personage ilustre; y el que de esto se resienta la biografía escrita por Don Hernando Colon es de lamentar, tanto más, cuanto que de ella tomaron sus materiales y en ella se han apoyado, más ó menos, casi todos los historiógrafos posteriores.

Fr. Bartolomé de las Casas, electo Obispo de Chiapa y Guatemala, con haber sido confidente de Colon y depositario de muchos de sus papeles, y á mayor abundamiento estudiante en Salamanca, no nos ilustra más que D. Hernando, en su «*Historia general de las Indias,*» por lo relativo al nacimiento de Colon y á su proyecto, á su venida á España, á las dificultades que encontró, al modo y medios de vencerlas, y á las personas que para ello le auxiliaron eficazmente. Llevado de sus sentimientos filantrópicos y liberales, ó dígase, de su caridad verdaderamente cristiana, se exalta en la defensa de los indios hasta el punto, si no de acusar, de zaherir al mismo Colon: y su celo en esta parte le lleva al extremo de ser causa ocasional de la esclavitud de los pobres africanos.

Gonzalo Fernandez de Oviedo, cronista de las Indias, llegado á la Corte, expedicionario incansable y curioso observador, en medio de sus cincuenta libros de *Historia natural de las Indias, Islas y Tierra firme del mar Occeano*, nos dice de Colon y de los preliminares de su empresa, mucho menos que Hernando y que Las Casas, en los veinte libros reimpresos en la ciudad de Salamanca, 1547. Menos conocedor que aquellos de las circunstancias y de los sucesos que rodearon la osada empresa del Genovés, en su incubacion, por más que no dejase de comprender su magnitud y la grandeza del emprendedor, se hace eco, si bien desmintiéndolo, del cuento del piloto Alonso Sanchez, muerto, al decir del Inca Garcilaso, en la casa de Colon, quien dueño por ello del soñado descubrimiento de aquel, acometió con audacia la feliz expedicion.

Roselly considera á este historiador enemigo irreconciliable de Colon: calificacion gratuita y que el mismo Roselly declara injusta, al citar al mismo Oviedo en confirmacion y testimonio de las altas prendas que adornaban á aquel.

El historiador más competente y que tuvo á su disposicion el más rico caudal de documentos y de noticias relativas al descubrimiento de las Indias, Antonio de Herrera, á quien Humboldt é Yrwing dan preferencia sobre todos los demás, nada añade, en sus *Décadas*, á lo que habian dicho Las Casas y Hernando, sobre los preludios laboriosos de la empresa y sobre los verdaderos obstáculos que Cristobal Colon hubo de vencer para llevarla á cabo.

De los cronistas de la época, el italiano Lucio Marineo, Capellan de la Reina, humanista clásico, llama *Pedro* á Cristobal Colon, y dice que fué enviado por los Reyes con *treinta y cinco naves*, y gran número de hombres á descubrir las Indias (De rebus Hispaniae memorabilibus. Lib. XIX). Valles, continuador de Hernando del Pulgar, dice; «que el primero que las descubrió fué aquella carabela llevada por viento contrario en levante, y tan contrario, que vino á dar en tierras no conocidas.» (Breve y compendiosa adicion á la Chrónica de los Católicos y esclarecidos Reyes. Cap. I, fol. CCIIII.)

Garcilaso, en sus Comentarios Reales (Lib. I. Cap. III), Gomara, en su Historia de las Indias (Cap. XIII) y Acosta, id., (Lib. I, Cap. XIX) atribuyen la gloria del descubrimiento al piloto de Huelva, Alonso Sanchez, dando de barato que en una travesía desde España á las islas Canarias, en 1484, nótese bien la fecha, hubo de ser arrojado por los vientos del Este á las costas de Santo Domingo, de donde regresando á la isla Terceira, fué hospedado y murió en casa de Colon, haciéndole entonces dueño del secreto y despertando en él la idea del descubrimiento. De la correspondencia de Colon con Toscanelli se patentiza que esa idea habia nacido en la mente de aquel por lo menos diez años antes (4). Adviértase que el mismo Oviedo califica ese relato de «pura fábula que circulaba entre el pueblo.» Pero ese mismo Oviedo, que así hace justicia respecto al cuento de Alonso Sanchez, inventa ó propala (Cap. III) el de la carta de marear que Colon debia á un marino portugués, natural de Tavira, el cual, al regresar de la Costa de Guinea, supone que habia encontrado tierra muy al Oeste de la isla de la Madera. Pero, ¿qué mas?: el propio Herrera, que no cita una sola vez á Toscanelli, y por ello es de presumir que no conoció la influencia que aquel cosmógrafo ejerció sobre Colon para establecer su teoría, ó para afirmarse al menos en su proyecto, se hace eco de otro cuento, cual fué, el de «que «la opinion de ser fácil alcanzar, en una navegacion de pocos dias por «el Oeste, la parte oriental de la India, por lo mucho que esta se ex«tendía al Este hácia las islas de Cabo Verde, le fué confirmada á Co«lon por su amigo Martin de Bohemia, portugués, natural de Jayal, gran «cosmográfo, etc.» (Dec. I. Cap. II.)

Todo esto demuestra cual era despues del suceso la tendencia de

la opinion respecto al gran descubridor. Y la opinion en su injusticia y en sus estravagantes ó ingeniosas invenciones y cuentos era lógica, como lo es siempre. El mundo de los prudentes, de los desconfiados y de los necios — que siempre fué el mas numeroso — necesitaba echar de sí el pecado de su incredulidad y de su torpeza. Colon le había cogido *in fraganti*. El realzar el mérito y la gloria del *proyectista de la capa raida*, hubiera sido, de parte de aquel mundo, confesar su pecado, y hacerse justicia. Mas, si al varon justo es difícil encontrarle... la generacion justa; para quien la ha convencido de error y de pequeñez... ¡quién la encontrará!

Si de la manera que hemos visto se dejaron influir por la opinion escritores españoles ó españolizados, á la raiz del suceso, relativamente á Cristobal Colon, no hay por qué admirarse de que, con más descuido, con más desden ó mas injusticia, le tratasen por entonces escritores extrangeros, aun cuando fuesen del mérito y condiciones de Lopez Castanheda y de Barros; ni hay que extrañar que el colector Rumusio, aunque italiano, no hiciese más que reproducir lo poco que se habia publicado de nuestros historiógrafos coetáneos: y menos hay por qué sorprenderse de que los alemanes cometiesen despues tantas inepcias y refiriesen tantísimas patrañas con aire de formalidad.

Estas mismas consideraciones deben servirnos para encontrar explicacion de los elogios tributados á Martin Behem, que llegaron al punto de atribuirle, no ya solo el descubrimiento del Nuevo Continente, sino hasta el del estrecho de Magallanes; no menos que de la facilidad con que Americo Vespucio usurpó á Colon su indisputable prerogativa.

¿Y podríamos despues de eso culpar á los historiadores de los siglos XVII y XVIII de que no reparasen el agravio hecho por el que les precedió al ilustre Genovés? Cada siglo tiene su tarea: y aquellos tenian la de preparar y acaso realizar la reparacion de agravios de más bulto y que afectaban más á la suerte de los pueblos y de la humanidad.

Estaba reservado al siglo XIX, el dirigir con mayor imparcialidad una mirada retrospectiva, y el hacer justicia á hombres y sucesos que pasaron en medio de la trasformacion vertiginosa que experimentó la Europa en la última mitad del siglo XV. Larga ha sido la lucha: todavía dura y continuará la discusion; pero el fallo está pronunciado.

Hecho digno de notarse: Como si formara parte de la vocacion del siglo XIX el vindicar el nombre y fama de Cristobal Colon, y el dejar sentada su imperecedera gloria sobre el pilar firmísimo de su génio y del éxito de su empresa, desde los primeros albores del siglo se ha observado una especie de certámen al intento; certámen por nadie provocado, pero de todas partes sostenido, entre naciones, pueblos y ciudades del Nuevo y del Viejo Continente. La Europa y las Indias se disputaban la honra de ensalzar á su héroe, de publicar sus escritos, de desenterrar documentos y noticias referentes á su empresa y á su historia, de reproducir retratos, de erigirle estátuas, de alzar monumentos, que eternizasen su memoria y su gloria. Y con los historiadores, estadistas y anti-

cuarios han rivalizado los poetas y hasta los folletinistas en la nobilísima tarea de teger coronas al génio, á la perseverancia, á la fuerza de conviccion y de voluntad de Cristobal Colon.

Italia, como España, Francia, como Alemania, y así la América del Sur, como la del Norte han contribuido con celo honroso, con ardor infatigable, á esta gran obra, al cumplimiento de esta vocacion, que otros llamarán deber del siglo XIX. Pero, si es verdad que en París iniciaba ese movimiento el caballero Pons, al publicar sus «*Viages á la parte del continente descubierto por Colon,*» si es no menos cierto que el conde Galeani Napione, y que Damian Priocea y que Francisco Cancellieri, á principios del siglo publicaban ya disertaciones eruditas sobre la patria de Cristobal Colon, ensalzando la fama de su nombre y recordando sus títulos á la memoria de la posteridad, el historiador católico Roselly de Lorgues debería saber — y es injusto al omitirlo — que en ese camino han ido siempre muy delante de todos los demás escritores los españoles. Que por mucho que deba la *Historia de la vida y viages de Cristobal Colon*» á los trabajos de los italianos Morelli, Bossi, Spartano, y á las excelentes obras de Wasington Yrwing y de Alejandro Humboldt, debe mucho más á las investigaciones y trabajos hechos, de una parte, por D. Juan Bautista Muñoz — en su «*Historia del Nuevo Mundo*» — y de otra parte, por D. Martin Navarrete en su ya precitada coleccion. — Que antes de que el cardenal Zurla, y de que el anónimo de Milan ensalzaran la empresa y el mérito del Gran Colon; antes que V. Preseott nos refiriese los medios por los que habia logrado grangearse la voluntad de Isabel I de Castilla; y de que Fenimore Cooper relatara novelescamente las penalidades y los nobles esfuerzos del Gran Almirante, lo habían escrito y hecho en España Salazar de Mendoza, y Solorzano, y Leon Pinelo, y Barcia, y Clemencin, y otros muchos escritores, de cuyos trabajos y testimonio hemos de hacer uso, al objeto de desvanecer errores que, hasta el dia, han pasado como inconcusa verdad, á la sombra de autoridades como la de Roselly de Lorgues.

No, no es solamente en Roma donde se ha honrado siempre la memoria de Colon; ni es solo del lado de los Papas de donde han salido clamores tales como los del genovés Uberto Foglhieta — *Clarorum Ligurum Elogia* — para recordar la gloria sin par del gran Cosmógrafo y censurar el olvido de su patria. Si los extrangeros, amigos ó protectores de Americo Vespucio, lograron persuadir á sus contemporáneos que habia sido este el descubridor del Nuevo Continente, los españoles declararon lo contrario en juicio solemne: y sus historiógrafos, desde Martin Fernandez Enciso, hasta Navarrete, se opusieron á dar el nombre de América á aquel continente. Solorzano, Veitia, Salazar, y el mismo Pizarro pugnaron ahincadamente por que, en vez de aquel nombre, se le diera el de *Colonia*, ó ya el de *Columbiana*, ó aunque fuese el de tierra *Fer-Isabelica*.

Cierto es, que el poeta bresciano Lorenzo Gambara celebraba en lengua italiana la empresa del Gran Colon. Cierto, que antes que Gam-

bara la habia cantado en bellísimos versos el laureado autor de la *Jerusaleme liberata*. Pero no es menos cierto que ya en 1589 nuestro Juan de Castellanos dedicaba una de sus más sentidas Elegias á la muerte de aquel varon esclarecido. Y que desde Melendez hasta el Duque de Rivas, todos nuestros poetas han ensalzado la gloria de Colon en versos que rebosan entusiasmo é inspiracion.

Lo dicho bastaría para demostrar la injusticia y sinrazon con que el historiador Roselly increpa á España por el silencio que dice guardó durante tres siglos, relativamente á Colon. Pero en el proceso de este Estudio tendremos ocasion de aducir pruebas y documentos que pongan aun más de manifiesto la ligereza con que el escritor francés ha fulminado su acusacion contra España.

Por lo demás, si en el certámen abierto por el siglo XIX, el Perú se anticipó á la Liguria, España ha ido delante de Nueva Granada. Y si es verdad que Lima ha dado, antes que Génova, testimonio á los siglos del tributo que las generaciones deben al genio bienhechor y á los titánicos esfuerzos del Gran navegante; antes que Bogotá se engalanase con el grandioso monumento, que á su vez han decretado Madrid y México, la ciudad de Salamanca — *scientiarum et artium alma Mater* — bien que más modesto, se vió alzado, por el generoso y noble arranque de uno de sus hijos, en el mismo parage en el que la tradicion habia conservado, con el nombre de *Teso de Colon*, el cariñoso recuerdo del notable suceso que nos proponemos historiar y desentrañar en este trabajo.

Este suceso entraña toda la historia de las oposiciones y de las luchas que hubo de sostener para vencerlas, así bien que de la proteccion y el apoyo que Cristobal Colon y su proyecto encontraron en España: y dá la verídica explicacion de hechos y acontecimientos oscuros, tergiversados, mal definidos y peor interpretados; puntos importantísimos para la historia del descubrimiento, para la del pensamiento de Colon, de sus vicisitudes, y de la parte que en la realizacion de aquel pensamiento tuvo España y tuvieron los españoles: puntos de historia á tan falsa luz presentados por todos los historiadores y cronistas, desde D. Hernando de Colon hasta Roselly de Lorgues.

En este concepto, si con menos arrogancia, con bastante más exactitud que De Maistre, podremos nosotros decir, que la verdad histórica, tratándose de Colon, necesita de España: y que la clave de esa historia se encuentra en el episódio importantísimo de las Conferencias de Salamanca.

CAPITULO I

—

SUMARIO.—Nacimiento de Cristobal Colon.—Cuestiones suscitadas sobre su origen y educacion.—Breve reseña de sus expediciones hasta su llegada á España.

Se ha cuestionado mucho sobre la cuna de Colon. El mérito de haberle visto nacer en su recinto tiene hoy poderoso atractivo para muchos pueblos que si no le negaron en vida, le han desconocido bastantes años despues de muerto. Pero en medio de tantas y tan encontradas pretensiones; y á pesar de las alegaciones del abogado Belloro, en favor de Savona, y de las de Ysnardi, en favor de Cogolhetto, está ya demostrado y resuelto, que el Gran Colon fué hijo de Génova: «noble ciudad y poderosa por la mar,» como él mismo la llamaba.

Colon, sin embargo, fué cosmopolita, y pertenece á todos los pueblos. ¿Qué importa que en Génova abriese los ojos á la luz? Las ólas del Mediterráneo brizaron su cuna; las del Atlántico sobrescitaron su fervoroso pensamiento; lo desarrolló en las playas de Portugal; España le prohijó; y con el apoyo de sus hombres y con los auxilios de la Reina Isabel I lo convirtió en hecho. Pero Colon pertenece á la humanidad.

Su hijo y biógrafo D. Hernando le consideró rebajado, porque el Obispo de Nebbio, Agustin Justiniani, dijera en su Psalterio, que los padres de Cristobal Colon vivieron con estrechez, dedicados á un oficio mecánico. Y para enaltecerle, muchos historiadores modernos—Roselly de Lorgues, uno de ellos—le hacen descender del noble tronco de los Colombos plasentinos. Bajo la fé de Sabélico, dan por hecho probado que fué sobrino del Almirante de aquel nombre, y que sirvió á sus órdenes defendiendo en el Mediterráneo la causa de Renato de Anjou. Con el testimonio del mismo D. Hernando añadeu, que llegó á mandar una escuadra contra los piratas berberiscos. ¡Ridículas pretensiones!

Hijo de los cardadores Domingo Colon y Susana Fontanarosa, nacido entre las filas del pueblo, brizado por manos y con cánticos populares, sencillos, pero tiernos y dulcísimos, educado en la escuela de la desgracia, que es tambien de la virtud, Cristobal Colon fué más noble y más grande que todos juntos los grandes y nobles de su tiempo.

Su vocacion y su destino le llamaban al mar. El espectáculo conmovedor de las tempestuosas ólas, la agitacion que produce el movimiento y la vida de un gran puerto, el trato frecuente con gentes que afrontan imperturbables las iras del formidable elemento, la curiosidad que su vista despierta... debian ser y fueron en efecto para el jóven navegante otros tantos incentivos de su vocacion.

Natural es que la marina mercante le acogiera en su seno. Mas no es inverosímil que las galeras venecianas ó las xelandrias y fustas berberiscas le viesen, tal cual vez, soldado ó capitan, dando no equívocas

muestras del temple de su alma y de la energía de su voluntad. Pero su destino no era el de la milicia. Su vocacion le llamaba á la ciencia, no á la guerra. No le satisfacía el oficio de destruir: le aguijoneaba el ánsia de saber y de descubrir. Los tiempos habian llegado en que grandes secretos del cielo y de la tierra iban á ser revelados á la necesitada siempre afanosa humanidad. Aún no conocía el hombre la configuracion del globo que habitaba. La época era de agitacion profunda. Los espíritus fermentaban: los pueblos se removian. Material y moralmente á todo gran parto precede gran dolor y gran trabajo. Los destellos de Bacon y del grande Alberto, las ráfagas de Sacrobosco y de Regio-montano preludiaban las grandes lumbreras de Copérnico y de Galileo, de Keplero y de Newthon. En medio de esa plévada luminosa debia aparecer un gran astro. Ese astro fué Colon.

Sus biógrafos han hecho tambien asunto de controversia el depurar los grados de su instruccion científica y la escuela donde la recibió. Se acredita que frecuentó algun tiempo las aulas de la Universidad de Pavia; y se tiene por cierto que la penuria de sus padres cortó sus estudios y le obligó á regresar á sus patrios lares con escasa instruccion literaria. ¡Controversia pueril! ¡Discusion propria de académicas vanidades! Los hombres en cuyo espíritu brilla la maravillosa luz del génio se bastan á sí mismos: su escuela es el mundo: y donde quiera que miran ven abierto un libro, que ellos solos saben leer. Colon leyó además los de los sabios: é hizo más que leerlos: meditó y comparó sus opiniones y sus asertos sobre el árduo problema que preocupaba su ánimo: las dimensiones del globo, sus zonas habitables y habitadas, sus partes no descubiertas, la extension de sus mares y sus vías aún no exploradas. El «*pervius orbis*» de Séneca no lo veia realizado; pero lo tenia por verdad. Nuevo Prometheo, no pretendia como él robar el fuego del cielo; pero sí dominar el Occeano y conocer por sí mismo la redondez de la tierra.

Antiguos modernos historiógrafos convienen en que el navegante genovés fué á Portugal y se fijó en Lisboa por el año de 1470. Bajo la fé de su hijo D. Hernando dióse crédito por algunos al trágico episodio del abordage y del incendio de las dos naves, en que, al decir de aquel biógrafo, servia su padre á las órdenes de su pariente el corsario Colombo el mozo, en el combate trabado con unas galeras venecianas entre el Cabo Espichel y el de S. Vicente: combate, abordaje é incendio de que Colon se vió á salvo, arrojándose al mar y ganando á nado la costa. Para poder dar crédito á ese romancesco relato, que el biógrafo D. Hernando tomó á la letra del cronista veneciano Marco Antonio Sabélico, hay, entre otras, la dificultad de que el cronista fija el año de 1485 al suceso tan detallada y novelescamente referido; siendo un hecho perfectamente averiguado y evidente, que en aquel año, lejos de navegar y combatir sobre los mares, Colon residía tranquilamente en España y recorría las Andalucías.

Por el año 1470 fijó su residencia en Lisboa: y muy lejos de aban-

donar la série de estudios, ni de renunciar á las investigaciones que habian de ser la base de la más audaz de las empresas, allí fomentó su ardiente anhelo de instruccion: y familiarizado con la vida del mar, contrajo estrechas relaciones con los navegantes más notables de aquel tiempo.

Era uno de estos Moñiz Perestrello, poblador en nombre del infante D. Enrique, de la isla de Porto Santo. Enamorado de la hija del navegante Perestrello — D.ª Felipa — la obtuvo en matrimonio: y en aquel punto pudo gozar, al lado de su nueva familia, los encantos de una apacible vida consagrada á los placeres del hogar doméstico y á los deberes de padre de familia; puesto que de su matrimonio con D.ª Felipa le dió esta un hijo, que con el nombre de D. Diego fué compañero de sus peregrinaciones y despues sucesor en sus títulos y honores.

Con gran caudal de prácticos conocimientos, de cartas, noticias é instrumentos náuticos: en posicion tan conveniente para oir á los navegantes portugueses y conocer la historia y los accidentes de sus expediciones y descubrimientos por las costas de la Guinea y del Congo, debió, más que en ninguna otra época de su vida, engolfarse allí en sus predilectos estudios, y más que nunca estimulado por la efervecencia de la época en materia de viages y hazañosas empresas por la mar, sin duda fué allí — en Porto Santo — donde acarició el propósito y se confirmó en la creencia de que navegando la vuelta de Occidente tropezaría en breve con un continente: — él se imaginaba que seria el Asiático en sus ricas costas más dilatadas al Oriente. Su hijo y biógrafo D. Hernando afirma, que fué en Porto Santo donde su padre «empezó á conjeturar que, del mismo modo que los portugueses navegaron tan lejos al Mediodía, podría navegarse la vuelta de Occidente y hallar tierra en aquel viage.» Nos parece aventurar demasiado lo de que allí *empezase á conjeturar*.

Lo cierto es, que en el año 1474 se le encuentra otra vez en Lisboa sosteniendo correspondencia con el célebre Pablo Toscanelli, sobre la posibilidad y seguros resultados de aquella navegacion al Occidente. «Veo que teneis,— decía á Colon el cosmógrafo florentino,— el grande y «noble deseo de navegar hácia el país que produce las especias: y en con«testacion á vuestra carta os remito copia de la que hace algun tiempo «escribí á un amigo que está el servicio del Srmo. rey de Portugal, á «quien S. A. habia mandado escribirme sobre el mismo asunto.»

Este hecho, perfectamente comprobado, así como el de las noticias é instrucciones que, tomadas en gran parte del libro de Marco Polo, enviara Toscanelli á Colon y antes al rey de Portugal, si de una parte demuestran que no era el navegante genovés el único ni quizá el primero que habia vislumbrado la seguridad de encontrar tierra continental navegando al Occidente, destruye, de otra parte, las gratuitas aserciones por medio de las cuales se pretendió rebajar el mérito de Colon despues que triunfó de los descreidos.

La anecdota del piloto Alonso Sanchez, su casual descubrimiento del Nuevo Continente, su regreso á Porto Santo y su muerte y la de sus tres ó cuatro compañeros en la casa de Colon, si no es una invencion del

Sr. Acosta, ó del Inca Garcilaso que la relata con todos los visos de un cuento, es uno de los tantos forjados por la imaginacion del vulgo, sorprendido por la magnitud y grandiosidad de un acontecimiento de que no acertó á darse cuenta, ni siquiera á comprender la explicacion racional. No hay más que leer el relato de Garcilaso para ver que refiere un cuento.

Otra suposicion, no menos gratuita, es la de atribuir al globo terráqueo de Martin Behem el descubrimiento de Colon. Hoy se halla demostrado que el globo del cosmógrafo Behem no tenia traza alguna del Nuevo Continente: y despues de todo, que ese globo — obra colosal para aquel tiempo — no estaba terminado y por tanto no era conocido cuando Colon, que vivía en España desde 1484, emprendió su viage en 1492.

Otra gratuita asercion, la de la lectura de los fragmentos del relato de los Zeni en órden á los viages de Noruegos é Irlandeses en los siglos IX al XII y á los verdaderos ó supuestos descubrimientos por ellos hechos de las costas de Terranova y del Labrador, ha sido asunto de discusion científica y muy empeñada. Cualquiera que sea el valor histórico de aquel relato y de tales descubrimientos, es un hecho probado, que los fragmentos de aquel, ni se publicaron, ni fueron conocidos hasta mediado el siglo XVI: es decir, cincuenta años próximamente despues de la muerte de Cristobal Colon.

Cierto es, que este verificó un viage al mar del Norte, en el que, á su decir, repasó de cien leguas la última Thule; si creemos á su hijo D. Hernando fué esto en 1477; y en 1467 si damos crédito á M. Barrow y á Muñoz. Dejando á un lado la cuestion de si la Thule de Ptolomeo y su grado de latitud, que son á los que se refiere Colon en su tratado de las *cinco zonas*, indican la Islandia, como afirma Dicuil, ó la isla Maynland, como opina Humboldt, de acuerdo con d'Anville, con Gosselin y con Mannert: y la no menos enmarañada discusion sobre si es la Thule de Ptolomeo la misma Thyle de Séneca, de Plinio y de Solino, y todas ellas una misma que la Thule de Pythear, á la que Malte Brun coloca en la extremidad de la Jutlandia, limitémonos á examinar, si pudo Colon, como lo pretende el último de los citados geógrafos, adquirir noticias del relato de los hermanos Zeni en aquella expedicion, y por lo tanto, del descubrimiento de la América Septentrional hecho por los escandinavos, al decir de aquel relato y de posteriores investigaciones. Humboldt lo considera poco probable. Cristobal Colon — dice el sabio aleman,— buscaba el camino de la India para llegar por el Oeste al país de la especería y del oro: y fuérale bien inútil, aun cuando lo hubiera sabido, que allá los colonos escandinavos de la Groenlandia habian descubierto la tierra de Vinland y que los pescadores de Frislandia habian abordado á una tierra llamada Drogeo. Tales noticias, aun en el supuesto de que las hubiera podido adquirir, le habrían parecido perfectamente extrañas á sus proyectos, ó por lo menos desligadas de ellos. Vinland y Drogeo no han tenido interés para nosotros más que por tener ya la certeza de la continuidad de las costas desde el cabo Paria hasta la embocadura del San Lorenzo. Además,—añade Humboldt,—en la segunda mitad

del siglo XV, en una época en que desde ciento cincuenta años hacía estaba interrumpida la navegacion al Vinland, el recuerdo de los descubrimientos groenlandeses no podía ser en Islandia lo bastante vivo para que llegase á los oidos de un navegante genovés, que, á decir verdad, se cuidaría lo mismo de los Sagas del país, que de los manuscritos de Adam de Brema.» A tan atinadas observaciones, todavía podríamos añadir con Yrwing; que así las tradiciones islandesas recogidas por Torfaens, como el relato de los Zeni redactado de memoria por Marcolini, é inserto por Ortelius en su *Theatrum Orbis* tienen más visos y señales de fábulas que de historias: y que la época en que se han publicado los denuncia como una de tantas invenciones ó cuentos propalados despues del descubrimiento para rebajar el mérito de Colon, cuya gloria lastimaba el orgullo de muchos pueblos, y agrandaba el pecado de la generacion incrédula, que le despreció por pobre y por plebeyo: y que acaso estuvo á punto de encerrarle en un manicomio.

Sin duda alguna el proyecto del navegante genovés tenía su firme base en observaciones anteriores á él, en atisvos ó intuiciones de autoridades científicas, de filosófos y cosmógrafos que él conocía perfectamente y que metidaba de larga fecha: fundamentos robustecidos con el acopio de sus propias observaciones, y con la autoridad, segun hemos visto, del sabio Toscanelli. Mas lo que ninguno, absolutamente ninguno habia hecho hasta él, fué adquirir la seguridad del éxito, la fé en aquella idea, en la que se mantuvo á despecho de oposiciones, contratiempos y contrariedades de todos géneros, hasta el punto de inspirar aquella seguridad á hombres lo bastante influyentes y á reyes bastante poderosos para conseguir con su apoyo realizar la idea por sí mismo.

Aquella seguridad, aquella perseverancia heróica; ¿procedian, por ventura, de una credulidad ciéga, visionaria, empírica, si vale decirlo; ó de elucubraciones místicas que le hubieran llevado á creerse el enviado especial para la ejecucion de una mision divina, como pretende el historiador Roselly? Acabamos de ver que no: que Colon vino en su proyecto á virtud de una luminosa idea que habia elaborado en su mente con estudio profundo y observacion constante: idea que habia madurado en fuerza de meditacion y de discusion prolija. Tenia, es cierto, una gran erudicion bíblica: era hombre de acendradas creencias religiosas, sin duda alguna. Pero no desconocía nada de cuanto hasta su tiempo se habia publicado en órden al problema que se propuso resolver. Aristóteles y Séneca, Strabon y Ptolomeo le eran, en esa parte, tan familiares, como los pasages de la Biblia y los escritos del Cardenal Pedro de Ailly. Hombre de gran fé y de levantados pensamientos, los grandiosos cuadros de la naturaleza y de sus fuerzas no solamente le entusiasmaban y le conmovian, sino que exaltaban su espíritu, y entonces se alzaba hasta el Creador para rendirle culto de asombro y adoracion. Yrwing mismo lo ha dicho, antes que lo dijera Roselly. «Se mezclaba en Colon, dice aquel, á sus meditaciones un profundo sentimiento religioso que las matizaba á veces de supersticion; pero de una supersticion grandiosa y sublime,

mirándose como instrumento del Cielo, escogido entre los hombres y las generaciones para cumplir sus altos designios: y suponía haber visto sus contemplados descubrimientos predichos en las Sagradas Escrituras, y anunciados en las místicas revelaciones de los profetas. *Se juntarán los extremos de la tierra y todas las naciones y las lenguas se unirán bajo las banderas del Redentor.* Esta había de ser la consumacion triunfante de su empresa: poner las más remotas y desconocidas regiones del Universo en comunicacion con la cristiana Europa: Llevar la luz de la fé á las tenebrosas repúblicas paganas, y reunir sus innumerables naciones bajo el santo dominio de la Iglesia.» Lo que aquí dice Yrwing es muy cierto. Mas hay que tener en cuenta, que aparte el fervor del sentimiento religioso, ese otro género de ideas, ese misticismo, esa especie de vision de poscido fueron ganando el espíritu de Colon no ya despues de establecida y asentada su teoría, sino despues de convertida en hecho: fueron ganando su espíritu, cuando gastadas sus fuerzas y aproximándose el término de su laboriosa vida, aquellas ideas pudieron servir de contrapeso á otras desilusiones, y de bálsamo á las heridas que tantas adversidades y no pocas ingratitudes habian causado en su ánimo. Colon fué siempre acendradamente piadoso; pero nada tuvo jamás de fanático ni de hipócrita, como observa atinadamence el mismo Yrwing.

La idea de los descubrimentos navegando al Occidente se formó y se arraigó en su espíritu independientemente de su fé religiosa y de su erudicion bíblica. Esto es para nosotros de una evidencia incontrovertible. En la historia de su vida y en cuantos verídicos datos y noticias nos suministran sobre ella y sobre el desarrollo progresivo de su idéa documentos y libros á ella referentes, se vé que es hija de su estudio, de sus observaciones, de su profunda meditacion sobre el asunto. Lo dice su hijo y biógrafo D. Hernando: lo demuestra la constante lucha y la perdurable controversia que sostuvo con sabios y profanos, legos y clérigos de todos los paises, durante veintidos años: lo declaran los Reyes Católicos, cuando le escriben en 5 de setiembre de 93, y 16 de agosto de 1494 diciéndole: «Y porque sabemos que désto sabeis vos mas que otro «alguno vos rogamos que luego nos enviels vuestro parecer déllo... Nos- «otros mismos y no otro alguno habemos visto algo del libro que nos «dejáste, y cuanto mas en esto platicamos y vemos conocemos cuan gran «cosa ha sido este negocio vuestro, y que habeis sabido en ello mas que «nunca se pensó que pudiera saber ninguno de los nacidos...» «Una de «las principales cosas porque esto nos ha placido tanto, es por ser inven- «tada, principiada é habida por vuestra mano, trabajo é industria: y pa- «récenos que todo lo que al principio nos dijiste que se podria alcanzar, «por la mayor parte todo ha sido cierto, como si lo hubiérades visto, an- «tes que nos lo dijésedes.»

Cuando Colon hubo establecido su teoría, dice Yrwing, se le fijó en el ánimo con singular firmeza, influyendo mucho en su carácter y conducta. Pero es tambien, que sus dotes naturales, su gran carácter, su magnanimidad, su fervoroso espíritu, junto con sus conocimientos, le

daban aquella confianza, aquella firmeza, aquella seguridad con que emitia sus ideas y exponia su pensamiento, lo mismo en las aparatosas juntas de los sabios, que en la presencia de los soberanos y de sus ministros. Y fueron cabalmente aquella su elevacion de espíritu, aquella su grandeza de alma y noble dignidad las que le atrajeron las simpatías y la adhexion en España de los influyentes personages con cuyos auxilios logró triunfar de todas las contrariedades.

Estas contrariedades — hay que confesarlo: las pruebas vendrán en nuestro apoyo — dejaron huella profunda en el ánimo de Colon. En todos sus escritos, en sus cartas á los Reyes Católicos, á sus protectores, á sus amigos, á sus hijos mismos, se descubre el sabor amargo del enojo, si no de la indignacion, que aquellas contrariedades habian dejado en su alma. Para que tal no sucediera, habria necesitado no ser hombre, ó ser más que hombre. Pero es lo cierto, que aquella sombra en su espíritu le fuerza muchas veces á exagerar las cosas, y alguna vez, á no ser del todo justo con las personas. Pronto lo hemos de ver.

Hay que tener en cuenta para juzgar con acierto de Colon que sus mismas altas cualidades de carácter y de talento daban á sus pretensiones tal tono de altivez y de grandiosidad, que ello solo levantó barreras á su proyecto, y más de una vez auxilió poderosamente á sus opositores y contrarios. Conferenciaba, dice Yrwing, con los soberanos, como si fuesen sus iguales. Sus proyectos eran regios, altos, sin límites: los descubrimientos que proponía eran de imperios: las condiciones de proporcionada magnitud: y no quiso nunca, ni aun despues de largas dilaciones, repetidos desengaños y amargos padecimientos, bajo la presion de la penuria y la indigencia, rebajar en lo más mínimo las que se creian entonces extravagantes pretensiones, por la mera posibilidad de sus descubrimientos.

Se ha discutido mucho acerca de sus verdaderas ó supuestas proposiciones á otros soberanos de Europa, antes ó despues que á los de España. Roselly de Lorgues dá grande importancia y no poco crédito á lo que se ha dicho relativamente á las Repúblicas de Génova y de Venecia, asegurando que C. Colon visitó la primera de esas ciudades en 1483 y en 1485. Los documentos tan concienzuda como felizmente recopilados y dados á luz por nuestros historiógrafos Muñoz y Fernandez Navarrete contradicen abiertamente el aserto del escritor francés, que, por otra parte, se apoya en datos de vária y dudosa significacion, si es que no en meras hipótesis, que solo revelan pretensiones vanagloriosas. Navarrete ha demostrado, que raya en lo imposible lo de la proposicion á la Señoría de Génova, hecha con anterioridad á la época en que Colon se estableció en Lisboa — 1470. — Nota bien, que fué allí, en Portugal, donde, por confesion de su hijo D. Hernando, *empezó á conjeturar* la navegacion al Occidente: allí donde, segun Yrwing, estableció su teoría: que desde 1479 á 1484, que llegó á España, no salió de Portugal y sus dominios, los cuales recorrió al lado de sus primeros navegantes: y que desde 1484 hasta 1492 no salió de España. Todo esto lo confirma

el mismo Colon. En carta á los Reyes Católicos — documento número LVIII que Navarrete toma de Las Casas, en su Historia de las Indias — les dice entre otras cosas: « Fui á aportar á Portugal, á donde el Rey de allí entendía en el descubrir más que otro: el Señor le atajó la vista, oido y todos los sentidos, que en *catorce años* no le pude hacer entender lo que yo dije...» Catorce años estuvo en Portugal consagrado á su proyecto y á obtener los auxilios de Don Juan II, para su realizacion por cuenta de la corona de aquel reino.

Y hé aquí, digámoslo de paso, retratada en las cartas y reclamaciones de Colon la sombra del enojo que guardaba en su alma por lo que él llama, no sin exageracion y sin cierta acrimonia, *burlas, incredulidad, ceguera y rotundas negativas* á secundar su proyecto. Yrwing, citando al hijo mismo de Colon, su biógrafo, y al historiados Barros, nos dice: «que el rey de Portugal oyó al genovés con mucha atencion y le otorgó su asentimiento.» Y Vasconcellos, cronista de Don Juan II afirma: que la decision é informe desfavorable del Consejo, donde, contra la opinion del Conde de Villa Real, D. Pedro de Meneses, prevaleció la del Obispo de Ceuta, Diego Ortiz de Calzadilla, no satisfizo al Rey.» Y esto se confirma con la carta del mismo Don Juan II á Cristobal Colon, que original se conserva en los archivos del Duque de Veraguas — fecha 30 de Marzo de 1488 — en la que le llamaba á su servicio, con solicitud y vivísimas instancias.

En la carta de Colon á los Reyes Católicos anteriormente citada, él mismo declara, que estando ya en España «tuvo cartas de ruego de tres príncipes, que la Reina — q. D. h. — vido y se las leyó el Doctor Villalon.»

Dando de barato que una de esas cartas de ruego fuese la de Don Juan II, cuya fecha dejamos apuntada, es de creer que las otras dos, si nó de fecha posterior, no fuesen anteriores á su llegada á España: y nosotros nos proponemos demostrar en este estudio; que no tuvo motivo de arrepentirse de sus confianza en España: que desde su presentacion á la Corte, si es cierto que se vió contrariado por Hernando de Talavera, remedo exacto del Obispo de Ceuta, jamás se consideró desahuciado en su pretension; antes por el contrario, dia por dia y año por año fueron creciendo las adhexiones á su pensamiento, las simpatías á su persona y los fervorosos apoyos para su empresa: razones más que bastantes para relegar á la region de lo hipotético y gratuito — sea dicho con perdon de Ramusio y de Bossi, de Benzoni, de Casoni, de Herrera, de Roberssont, de Ortiz y del mismo Sportono — lo de las proposiciones, personalmente hechas que digamos, á las Repúblicas de Génova y Venecia, y á los Reyes de Inglaterra y de Francia. Lo cual no excluye el que, si no formales proposiciones, hiciese indicaciones, bien fuera desde Portugal, ó ya desde España, á la Señoría de Génova y tal vez al rey de Inglaterra. Siendo por los demás muy verosímil, que á tales ó parecidas indicaciones respondiesen las cartas de ruego de que él mismo nos dá noticia.

Que la obstinada oposicion del Obispo Calzadilla y su indigno consejo á Don Juan II le obligaron á salir de Portugal y que salió airado contra la Corte, en 1484... es cosa averiguada. Lo dice expresamente su hijo y biógrafo D. Hernando: y el mismo Colon no lo ocultó, segun ya hemos visto. Que desde Portugal se dirijió á España, es tambien hecho demostrado. Pero, ¿es cierto que llegó á España desprovisto de todo recurso y recomendacion; y que en trage y actitud de un menesteroso, á pié y con su hijo Diego de la mano, se presentó de primera intencion en la portería del convento de la Rábida á pedir agua y pan para su hijo, con todo lo demás que relatan las historias-novelas que corren con boga en nuestros tiempos?... Esto y más dilucidaremos en el siguiente capítulo.

TOMAS R. PINILLA

CHRONICAS

AMÉRICA

Hay en el centro de la América del Sur una nacion pequeña, si se compara su territorio con el de todas las demás de aquella parte del mundo, pero grande, comparándolo con el que ocupan las más poderosas naciones de Europa, donde tiene lugar uno de los cambios más fundamentales que pueden haber sobrevenido en el trascurso de los tiempos, así en el régimen gubernamental, como en las costumbres sociales de una nacion.

El Paraguay ha estado sumergido largo tiempo en un profundo letargo, rodeado de sombras, incomunicado enteramente con el mundo á consecuencia de un régimen receloso y tiránico. Casi desconocidas eran las costumbres de sus habitantes, de las cuales se sabía lo poco é incompleto que habian referido algunos viageros osados, que relataban aventuras con la ponderacion de lo maravilloso y de lo increible.

La nacion paraguaya está compuesta en gran parte de indios amansados por los jesuitas durante el tiempo de la dominacion española; amansados, que no civilizados. Generalmente los fanatismos suelen proceder de esta manera, cuando toman á su cargo la mision de dirigir naturalezas salvages. Rompen la corteza de los pueblos en cuanto es menester para ingertarles el virus de la obediencia y dejan el corazon endurecido, sin renovarlo con la sávia de la civilizacion. Verdaderamente si se considera esta vida como un tránsito fugaz y el cuerpo como una envoltura miserable, la civilizacion puramente religiosa no tiene para qué ocuparse con empeño de estos breves dias de maldicion, ni de la corrompida cás-

cara del espíritu, que se ha de abandonar en breve en el lodazal de la tierra para remontarse á los alturas donde se goza de la vida eterna. Basta dominar la carne rebelde con el temor y apoderarse del alma por la obediencia.

Dos civilizaciones se nos vienen á la memoria formadas, no digamos por la religion, pero si por los resortes humanos de la iglesia: la civilizacion de los indios habitantes de las Filipinas, colonias españolas; y la de los paraguayos, que dán motivo á estas consideraciones.

Los indios filipinos están tres siglos hace en la mano de las órdenes religiosas y se conservan tan bárbaros como los vió Magallanes, aunque más adelantados en muchos vicios, pero obedientes y serviles: beben, juegan, mienten y engañan como perfectos civilizados; pero no saben una palabra de las ciencias, ni conocen la moral, ni hablan siquiera el idioma de la madre patria. Educacion semejante recibieron de los jesuitas los paraguayos, si bien con la variacion que debia dar el carácter diferente de estos últimos, más altivos y feroces; pero que al cabo se sometieron, aunque sin perder su natural entereza.

Obedientes hasta la abnegacion, sin adquirir conocimiento alguno que les revelase su propia dignidad de hombres, fueron materia apropósito para que el Dr. Francia crease sobre ellos una autoridad omnipotente, de que no presenta otro ejemplo la historia, autoridad que recogió y exalto Lopez, el Dictador, durante muchos años.

La Dictadura más que autoridad excesiva parecia un poder sobrenatural; el dictador no era un hombre, sino una especie de enviado del cielo; pero enviado terrible, vengativo, implacable, como el Dios del Sinai.

Los súbditos tenian que inclinarse en su presencia con ademanes que pasaban del acatamiento á la humillacion, y la menor falta de reverencia era castigada con la muerte. El dictador ordenaba los manjares que habian de comer los súbditos; el trage que habian de vestirse; regulaba su sueño y disponia de sus haciendas.

Para sostener este absoluto predominio, tanto Francia como Lopez habian cerrado herméticamente las fronteras del Paraguay á los extrangeros y no era posible traspasarlas sino muy raras veces y sometiéndose á numerosas prescripciones. El comercio, si puede llamarse así un tráfico insignificante, tenia trabas que lo hacian imposible: la navegacion de los rios estaba prohibida desde que penetraban en el Paraguay, por todo lo cual se llamaba á este país la China de América.

***

El Paraguay está situado entre el Brasil, Bolivia y las repúblicas del Plata, como para servir de lazo á estas diferentes naciones; así es que su régimen de incomunicacion sistemática tenia que ser necesariamente un obstáculo para las relaciones entre estos pueblos, obstáculo que con frecuencia ocasionaba conflictos y daba lugar á reclamaciones.

En los años anteriores al de 1867 se propuso el Brasil hacer que esta situacion variase; y despues de algunas inútiles diligencias se recurrió á las armas. No fué uniforme la opinion respecto á la guerra en las repúblicas de la América del Sur, pues mientras la Argentina y la del Uruguay se colocaban al lado del Brasil para tomar parte en la lucha, la de Bolivia y algunas otras del Pacífico y del Centro América protestaron contra ella. Realmente la cuestion era complicada por los distintos términos é intereses que envolvia. El derecho de vivir una nacion, así como un individuo, de la manera que tenga por conveniente, es un derecho indisputable: puede ser recelosa, y nó querer relacion con sus vecinos, de la misma suerte que una persona puede tapiar á estos con piedra y lodo la puerta de su casa, ó sumergirse, si tan grande es su desvarío, en la soledad de un convento: bajo este punto de vista la razon estaba de parte del Paraguay.

Pero en otro sentido se ocurre que por muy eminentes que sean ciertos derechos personales no se pueden extender hasta lo infinito, si atropellan otros derechos sagrados de la misma naturaleza: si los paraguayos hubieran hecho para sí un territorio completamente separado del que tenian que vivir los demás hombres, podian encerrarse en él con su sobrenatural dictador eternamente; pero eso de tomar una parte del planeta, que la humanidad habita, apropiársela en absoluto y hacer de ella como otro mundo prohibido, pasaba los límites del derecho natural, y destruia la especie de solidaridad que los hombres tienen en el disfrute de lo que han menester para su conservacion y desarrollo. En este sentido, la razon se inclinaba de parte del Brasil. En cuanto á las repúblicas vecinas los motivos eran, si nó tan elevados, igualmente contradictorios.

Las de Bolivia, Perú, Colombia etc., tenian el interés de que la única monarquía existente en América no se engrandeciera con el botin de la conquista. Deseaban acaso que se franquease el Paraguay, pero como al cabo no les era muy perjudicial su clausura y en último caso la preferian á que el Brasil conquistador extendiese sus fronteras, se declararon por el *statu quo* y publicaron una protesta, pero dejando hacer.

Las repúblicas del Plata tenian razones aun más opuestas. Por una parte el Paraguay les cerraba sus vias principales de comunicacion, pero por otra no querian que el Brasil se apoderase de ellas: tomaron, pues, la determinacion de concurrir á la guerra para obtener la apertura del territorio paraguayo y para evitar que el Brasil se lo apropiase.— Porque en el fúndo de la cuestion habia, que el Imperio deseaba ocupar las fertilísimas regiones del Paraguay para engrandecer su poderío; que tambien las ambiciones nacionales, suelen servirse de motivos justificados para fines de engrandecimiento y no tienen dificultad en recurrir al médio terrible de la guerra con tal de realizarlos.

***

Los contendientes vinieron á las armas en lucha horrenda, porfiada, cruel como ninguna. Pocos eran los paraguayos y muchos sus enemigos, pero se defendieron hasta la desperacion: las mugeres y los niños guerreaban como los hombres: todos los desfiladeros eran Termópilas; á veces parecia que iban á vencer los menos. Por fin al cabo de dos años de una lucha sin igual fueron dominados aquellos héroes; pero ¿cómo? Por el exterminio. Los coaligados no daban cuartel; talaban los campos, destruian las poblaciones, pasaban á cuchillo á los habitantes; querian estirpar á los paraguayos, y puede decirse que casi consiguieron su objeto. Aquellas risueñas montañas quedaron sembradas de cadáveres; los pocos guerreros paraguayos que sobrevivian despues de la desvastacion del país estaban encerrados en los bosques y eran perseguidos como fiéras.

De esta suerte consiguieron los coaligados la victoria; pero como sus intereses eran contrarios, en lugar de repartirse el territorio, constituyeron un gobierno, nacional en la apariencia.

El Brasil, que fué el que sostuvo el peso mayor de la guerra, recogió la influencia mayor, aunque contrapesada por la de sus aliados: el gobierno nacional le obedecia; sus soldados ocupaban la parte principal del país; pero no podia adjudicárselo todo como buena presa.

Esta situacion se ha sostenido durante más de cuatro años. Los patriotas en cuanto han podido han continuado la resistencia, si bien ya con el nombre de guerra civil, pues que tenia que ser contra el mismo gobierno que los vencedores habian constituido, gobierno que no habria podido sostenerse de ninguna manera sin el apoyo de los soldados extrangeros. Los pocos partidarios de este gobierno se apellidaban conservadores, guardianes del órden, pero al estilo corriente de imponerlo por médio de la matanza y demandando el concurso de los brasileros: sus adversarios volvian los ojos á las repúblicas del Plata pidiendo auxilio en nombre de la identidad de gobierno.

Así en estos ultimos años ha estado pendiente, y lo está todavía, una gran cuestion entre estas naciones, y más de una vez ha estado á punto de estallar la guerra entre el Brasil y la República Argentina. El partido avanzado de esta se ha valido constantemente de la cuestion del Paraguay contra el conservador, acusándolo de complicidad con el Brasil; y és de crer que más ó menos tarde las repúblicas del Plata vengan á las manos con el Imperio para resolver el irreconciliable antagonismo que entre ellos existe, así por la diversidad y oposicion de los intereses, como por la contrária naturaleza de sus gobiernos.

***

Cuando en el mes de Mayo de 1866 firmaron el Brasil y la República Argentina su tratado de alianza, fijaron anticipadamente la parte

que cada cual habia de tomar al Paraguay. Posteriormente á la terminacion de la guerra, el Brasil, por haber intervenido más activamente en la formacion de los gobiernos nacionales, ha contado con estos para recoger por médio de tratados poco más ó menos lo mismo que se adjudicara en el de alianza, mientras que la República Argentina menos activa, si no menos codiciosa, nada ha arreglado definitivamente.

Del valor del tratado entre el Paraguay y el Brasil se puede juzgar considerando que la primera nacion, vencida, ocupada militarmente, desgarrada además por intestinas contiendas no podia menos que sujetarse al deseo del vencedor; pero al cabo la formalidad ha venido á hacer legítima la presa. Que el pacto envuelve voluntad, y que la voluntad supone libre alvedrío son cosas que se dicen tratándose de otras materias; pero no respecto á la solemne y magestuosa deliberacion de las naciones civilizadas por medio de la civilizadora guerra. Deseo estravagante y muy impropio sería despues de hacinar hombres para la matanza y haber hecho prodigios de habilidad con el objeto de destruir, despues de haberse averiguado en diversos combates quién era el más fuerte y feroz, querer que se dilucidara la justicia por medio de razones, como si no hubiera cañones y fusiles en el mundo.

La república Argentina ha tenido en su mano la ocasion de vencer al Imperio y la ha dejado escapar. Con haberse opuesto á todo hecho de desmembracion sustentando la completa integridad del Paraguay se hubiera grangeado las simpatias y el concurso de las demás naciones americanas, siquiera porque estas nada esperaban recoger en el reparto, y habria dado un gran ejemplo de moralidad nacional. En lugar de proceder así quiere apoderarse de lo que se le adjudicó en el tratado de alianza y se niega á todo acomodamiento; sin que pueda presumirse el desenlace que habrán de tener estas diferencias, porque aparte de las ambiciones más ó menos justificadas, y del motivo, más ó menos justo tambien, que hubo para la guerra, existe entre el Brasil y las repúblicas del Plata un antagonismo tradicional aumentado con la diferencia de sus instituciones políticas.

Toda la América, con la excepcion única del Brasil, es republicana, y no puede avenirse el carácter democrático de aquellos pueblos á vivir cerca de una monarquía, y mucho menos á soportar su engrandecimiento. Por otra parte, las repúblicas del Plata, que en pocos años han doblado su poblacion, su riqueza y su poder, y que continuan creciendo considerablemente, se atribuyen en el Sur una mision de preponderancia análoga á la que los Estados Unidos tienen en el Norte, pero esta preponderancia les ha sido disputada hasta ahora por el colosal Imperio que se extiende desde el Amazonas hasta cerca del Plata. Tan irreconciliable antagonismo ha de dar inevitablemente por resultado una guerra, si es que en breve tiempo no se hunde el Imperio americano brotando de sus ruinas una nueva república.

* * *

Pero volviendo al Paraguay, se puede apreciar el género de cultura y moralidad que en él implantaron los jesuitas no solo por el rebajamiento intelectual y las costumbres de la clase inferior, sino tambien muy singularmente por la cultura y por las costumbres del clero, que se retratan en la Asamblea última que celebró con el objeto de proponer la terna para el obispado vacante.

El clero tiene en el Paraguay el derecho de presentar á la Cámara de Senadores una terna para la eleccion del jefe de la Diócesis Paraguaya. Pues bien, la asamblea que celebró para proponerla fué tan escandalosa que dificilmente podria citarse otra que lo fuese tanto entre las populares tachadas de demagógicas.

Mejor que nosotros explicarán el suceso algunos párrafos de la exposicion elevada á la Cámara por dos presbíteros asistentes. Dicen así:

«Renunciaremos á bosquejar la escena salvage (hablamos con res-«peto) que se presentó al pueblo paraguayo por unos hombres organizados «por el terror, y capitaneados, bajo la denominacion de Clero Nacional, «por el presbítero Maiz ¡el pueblo la ha presenciado y la juzgará...!

«La más execrable doctrina y la más repugnante esclavitud jamás «han llegado ni á tanto descaro, ni á tanta bajeza: fuera del Paraguay «en todas las asambleas clericales del universo se creerá que es una fá-«bula lo que referimos; pero nosotros apelamos á las actas auténticas «monumento eterno de infamia que llamará las burlas y la maldicion de «todos los hombres libres y sensatos.»

* * *

Si mal poblada estaban las regiones del Paraguay antes de la guerra, quedaron despues desiertas enteramente. — La pródiga naturaleza brinda allí frutos copiósos, pero no se mueve la mano del hombre para recogerlos; por centenares se cuentan las leguas de campo sin cultivo y bosques sin aprovechamiento, aunque están cargados de una riqueza incalculable.

Sin embargo, en estos tiempos últimos, á pesar del azote de la guerra civil y de las incertidumbres de la situacion no más que con haberse roto las fronteras, se desarrolla un gran movimiento de regeneracion y adelanto. Hasta los cabecillas que se levantaron á la muerte del dictador Lopez, parece como que han dado tréguas á sus mútuos enconos políticos para concertarse en el trabajo de regeneracion, aun bajo la dolorosa tutela de los extrangeros.

El Paraguay se relaciona ya con las repúblicas del Plata por medio de los anchos y profundos rios que las atraviesan; en Bolivia se estudia una línea férrea, que partiendo de la capital llegue á Bahia Negra ú otro punto conveniente del rio Paraguay, con lo que se pone en comunicacion con las regiones que bañan el Pacífico.

Se protege la inmigracion, y la recien instalada colonia alemana de Yaguaron progresa rápidamente y aumenta su cultivo de tabacos, que sirve ya, aunque todavía en pequeña escala, para la exportacion.

Se trabaja en Buenos Aires por formar sociedades para la explotacion del caoutchout, de la caña de azúcar, del tabaco y del algodon, que se producen abundantemente en aquellos fértiles campos.

Se extiende el cultivo de la yerba paraguaya.

Se crean Bancos de emision.

Se organiza una sociedad mercantil.

En una palabra, el Paraguay, que parecia muerto á consecuencia de las horribles heridas que abrió la guerra en sus entrañas, cobra alientos, como si resucitára de su propia sangre, y principia á vivir la existencia del progreso.

Reciba siquiera esta compensacion saludable, por lo mucho que ha sufrido.

PORTUGAL E BRASIL

Outro dia contavam os jornaes que um official déra umas pranchadas n'um soldado, e o soldado minutos depois se suicidára. Que terrivel glossa á discussão e approvação do codigo penal militar! e que triste cortejo para a estreia do moço parlamentar Julio de Vilhena! Não havia opponentes e o sr. Vilhena foi afortunado, como elle proprio o disse, em ter o sr. Tavares proferido, antes, as breves palavras que resumem a sua falla: «Deus dá a vida, só Deus a póde tirar.» Ora isto não é precisamente uma rasão; Deus, dar, e vida, são tres palavras que, reunidas, fazem o conceito apparentemente o mais claro e definido, mas que analysadas têem muito que se lhes diga. Não o fez o sr. Vilhena, nem de certo o farei eu agora; o relator da commissão limitou-se a distinguir com precisão e clareza a differença que ha entre os crimes e a penalidade militar e civil.

«Eu sempre tive para mim que o fim da penalidade militar é distincto do fim da penalidade ordinaria. Em quanto n'esta se não deve perder de vista a regeneração do delinquente, n'aquella deve principalmente attender-se á prevenção dos delictos.»

É com effeito este o ponto mais bem tratado no discurso do moço deputado, que teve o bom gosto de fugir quasi absolutamente á rhetorica official-parlamentar.

Mas que dura somma de inconveniencias não proferiu s. ex.ª quando, com ardor, accusava as revoluções de quartel! Dizer isso um regenerador, ao partido que nasceu da revolta militar de 1851! *Quantum mutatus ab illo!* exclamaria na sua lingua querida o sr. Sampaio que foi ministro do dictador do 19 de maio. E todos os nossos politicos, dos quaes

nem um só está limpo da mancha de ter aproveitado das revoltas militares ou de as ter produzido; todos os nossos politicos, ou se arrependeram profundamente dos velhos peccados, n'esta época de confissões, ou concordarão comigo em que é por ser de melhor gosto, por fazer melhor effeito, e prestar-se mais á eloquencia a traição em grande, do que os crimes dos soldados,—que não são a final muitos, como o provou o sr. Barros e Cunha nas estatisticas interessantissimas que apresentou—que o orador com rasão preferiu este thema.

Ora os crimes dos soldados são o que exactamente não direi que inspire o codigo, mas para que o codigo é feito.

Todos os medonhos exemplos de rebelliões de generaes aduzidos pelo sr. Vilhena provam exactamente que a lei militar é igual para todos... os soldados. Disse-o o sr. Barros e Cunha no seu discurso bem pensado e melhor sentido:

«Por outro lado, ólho para o marechal do exercito, que foi atacar o paço real á frente das bayonetas, que expulsou d'esta casa o parlamento, e que derrubou n'uma noite as instituições do paiz, e vejo-o representando a patria n'uma das primeiras côrtes da Europa, bem retribuido, cheio de consideração e respeito; e o que é um crime para o soldado, para o desgraçado que vae manietado prestar-se ao serviço da patria, dar-lhe a sua vida, dar-lhe tudo que tem, nas altas classes da hierarchia militar é uma virtude, que se remunera com largueza. *(Apoiados)*.

Estes *apoiados* são por força uma indiscripção dos tachygraphos, porque, ausente a opposição, era a maioria a aprovar a accusação do governo? Talvez fosse; porque tenho reparado que no fim de um periodo de certa extensão e regularmente bem construido, ha sempre *apoiados*. São á grammatica, não ás idéas do orador.

N'este caso pelo menos a causa não póde ser outra; a opposição absteve-se por um motivo que me não parece sufficiente: discutir-se o codigo de noite. Não se descobriu ainda tão deleteria influencia do gaz sobre as intelligencias. Que seja de noite ou de dia o que tem? Se o governo, esses cinco tyrannos de sobrecasaca, quer abafar a discussão, como heis de protestar contra o crime de Cesar, ó Brutos, se vos absteis? A abstenção parlamentar é tão feia, que nem se justifica, perante a necessidade de ouvir a *Madama Angot* ou a Sass em S. Carlos. Quando não houvesse outro motivo, e não havia, porque, apesar do que os jornaes diziam, os jornaes provaram que o projecto do codigo militar historico era ainda mais terrivel do que o regenerador; quando não houvesse outro motivo, havia o de proporcionar ao orador debutante materia para um discurso de estreia mais quente. Assim a oração do sr. Vilhena não poude alliar, ao tom professoral que a distingue, o tom polemico que de certo a teria distinguido se o quizesse a opposição; não deixou de reconhecer isso e de o lamentar o orador. Em compensação defendeu *ex-cathedra* o exercito permanente, que, na opinião de s. ex.ª, é a peior de muitas cousas indispensaveis. O equilibrio europeu, diz s. ex.ª, é uma phantasmagoria; por se terem assignado a paz de Westphalia ou os tratados de Vienna,

não deixaram de haver guerras; logo... o exercito permanente é uma imprescriptivel necessidade para nações como Portugal. Seria o caso de perguntar para que serviu á Dinamarca o seu armamento? Não, porque se tem perguntado vezes de mais, e os argumentos tambem se gastam com o uso. Muita gente pensa, e eu conto-me entre esses, que as guerras são já hoje um luxo dos poderosos, e que para o equilibrio nada contam as pequenas nações. No systema de Westphalia ou do congresso de Vienna a Europa constituia um systema de nações, grandes e pequenas potencias, entre as quaes se dividiam o poder e a auctoridade. O segundo imperio francez, constituindo a Italia, e indirecta, acaso involuntariamente, a Allemanha alterou o principio constitucional da amphyctionia europea, e substituiu ao systema de equilibrio o systema das nacionalidades. A Europa é já, em grande parte um grupo de raças constituidas em nações, e as guerras duellos terriveis de povos contra povos, e não mais as velhas guerras de luva branca: *tirez les premiers, messieurs les anglais*. O papel das pequenas nações é nullo e os seus exercitos, para não serem caprichos mais ou menos bem fardados, têem de ser como é o nosso, corpos de policia civil. Ora para manter a ordem interna, especialmente entre nós, não são necessarios, tenho a veleidade de o julgar assim, Krupps nem couraçados.

O reverso d'esta medalha, acaso sombria, do caracter fatal da politica europea de hoje, está no alargamento das fronteiras nacionaes, e no maior grau de intimidade que os povos adquirem entre si, quando se encontram frente a frente em grandes massas. Os grandes choques, como o de 1870, não destroem por fórma alguma os resultados adquiridos com a propagação das linguas, a vulgarisação dos livros, com o desapparecimento de alfandegas, com a navegação a vapor, o telegrapho e os caminhos de ferro, instrumentos poderosos de unificação da Europa.

As linhas ferreas internacionaes são acaso d'entre todos estes o mais poderoso, e é opinião unanime entre nós de que a linha de leste não satisfaz ás condições da viação internacional a vapor. Qual das duas linhas das Beiras alta e baixa tem mais direito a reclamar para si a execução? Dizem os deputados reformistas que a primeira; diz o sr. Lourenço de Carvalho que a segunda.

Foi este um dos pontos mais debatido na discussão do projecto dos tres caminhos de ferro, das duas Beiras e do Algarve. Acode porém aqui uma observação: tem acaso a linha internacional a importancia que muitos lhe atribuem? No nosso humilde parecer não tem, nem Lisboa se tornará nunca o ponto de desembarque necessario, a testa da navegação transatlantica. As mercadorias que veem da America a espalhar-se pela Europa não desembarcarão em Lisboa, porque nunca o transporte em caminho de ferro poderá competir com os preços minimos da actual navegação a vapor; vice-versa succede outro tanto, e Lisboa não deve esperar do caminho de ferro mais do que um movimento de exportação em transito analogo ao que se faz hoje pela linha de leste; das zonas da Hespanha meridional que estão a menor distancia de Lisboa do que de Ca-

diz. Nem se argumente com o risco da navegação, porque os seguros, reduzindo esse risco a uma taxa de premio fixa, que entra na formação dos preços, tiram a esse argumento toda a importancia; o facto é que, sommando o frete e o seguro, o total é demasiadamente inferior ás tarifas de caminhos de ferro, para que estes possam ter a ambição de bater os vapores.

Se as mercadorias não hão de affluir a Lisboa, succederá quanto a nós o mesmo aos passageiros. Uma vez que os paquetes transatlanticos têem de conduzir as suas cargas até Bordeos, Liverpool ou Southampton, poderão offerecer as passagens por preços inexequiveis em caminho de ferro. Quando e como poderão as linhas ferreas transportar de Lisboa a Southampton ou Liverpool um passageiro de 1.ª classe por 30$000 réis ou menos, dando-lhe cama e mesa? Como indemnisar as despezas de desembarque, transbordo de bagagens, e o encommodo? Quem trouxe 20 dias de viagem do Rio de Janeiro ou 60 de Calláo de Lima attende pouco a passar mais 4 a bordo para ir até Bordeos ou Liverpool, especialmente quando o ir lhe representa uma economia consideravel. Eu sei que de inverno esses 4 dias são os mais perigosos da viagem, e que os seguros não valem já para este caso; isto é com certeza um argumento, mas só para os passageiros ricos que olham menos ao dinheiro do que ao perigo e ao encommodo; mas não iamos esquecendo o argumento mais forte e decisivo que são as quarentenas, necessidade imprescriptivel do porto de Lisboa? Quantos passageiros preferirão gastar dobrado ou triplo na viagem, perder oito dias no Lazareto, quando em menos de oito dias podem ir a Bordeos e estar de volta em Lisboa? Eu sei de quem, chegando a Lisboa, ponto de destino que trazia da America, e vendo-se obrigado a quarentenar, seguiu para Bordeos, desceu pelo caminho de ferro a Lisboa, e foi ao Lazareto cumprimentar, solto e livre, os seus companheiros de viagem encarcerados ainda. Ora as quarentenas, no clima de Lisboa, são uma necessidade inevitavel.

Eis ahi porque eu sorri um tanto, quando ouvi o sr. Lourenço de Carvalho fallar do *comboio da America*, como quem diz a *malla da India* que corria como um relampago desde Marselha a Londres. Não é para cá... nem para lá tambem, porque, como s. ex.ª saberá, esse serviço expresso já acabou ha muito. A velocidade é cara, carissima, como s. ex.ª disse, e o governo inglez achou que a final não valia a pena a despeza. *Time is money* não ha duvida, mas é uma das nossas preoccupações menos sensatas a de pensarmos que o tempo nos foge, e que é mister andar como um raio para chegar depressa; nem por muito madrugar se amanhece mais cedo, dizia o proverbio.

Não sei se applique *el cuento* aos caminhos de ferro votados. Madrugámos, sim, votando de uma vez 600 kilometros de vias, cujo subsidio não será inferior a doze mil contos; madrugámos traçando vias internacionaes, mas é acaso prudente fazel-as sem termos seguro que a Hespanha fará as suas, cousa bastante duvidosa, como disse o sr. Barros e Cunha? Com effeito, a Hespanha tem o maximo interesse em encaminhar o movimento

de transito e o seu proprio para Vigo e Cadiz, que são os dois pontos que competem a norte e sul com Lisboa.

Tiveram pois rasão os deputados reformistas em ceder da internacionalidade para a Beira alta, com tanto que lhes dessem o caminho. N'este ponto a discussão tomou um caracter lyrico, e se as Beiras tiveram cantores, e o valle do Mondego, Santa Comba e Mogofores, o Algarve parece fadado a sair da contenda com uma somma muito maior de tropos do que de *rails*. Ficará mais uma vez ainda no papel a linha de Faro, ao que dizem os bem informados. A linha da Beira baixa, de todas a que menos se justifica como via nacional, encontrou no sr. Lourenço de Carvalho um defensor sob o ponto de vista do *trem da America*. São 142 kilometros de caminho de ferro, cujo entroncamento com as linhas hespanholas não é ainda seguro, mas sobre os quaes teremos de futuro o inestimavel prazer de ver os comboios voarem vasios a rasão de 50 kilometros por hora? O futuro o dirá. O que o futuro não fará de certo é confirmar os dados phantasistas do deputado da Covilhã, quando pretendia responder ao discurso, deveras bom, do sr. Luiz de Campos. O sr. Pinheiro Chagas tem um modo particular de dizer as cousas, que não é bem a argumentação, nem a ironia, nem a graça, nem a vehemencia. Fallando, escrevendo, no jornal, no folhetim, no theatro, em S. Bento, é sempre o mesmo que um sujeito me definia uma vez. Era na noite de estreia da *Morgadinha de Valflor* e n'um dos intervallos, eu que não estava no theatro, pergunto a alguem que de lá vinha: que tal? — «Muito bem! muito bem! aquillo é tudo poesia, com uns pósinhos de philosophia.» E dizendo, imitava com os dedos o gesto d'aquelle antigo pasteleiro da rua da Rosa, quando polvilhava de assucar os bólos. Os discursos, os romances, os artigos, as peças do fecundo e omniparo pensador são sempre uma cousa com pósinhos de outra.

Voltando aos caminhos de ferro *necessarios*, é uma pena que n'este ponto, como em tudo, nós além de estarmos fadados para copiar quanto se faz na Europa, fado que só prova a nossa pouca originalidade, o estejamos tambem para copiar tarde e a más horas. A circumstancia de não termos ainda nem uma quarta parte da nossa rede de caminhos de ferro construida podia tornar-se n'uma condição vantajosa, se o tal fado nos não perseguisse. Por toda a parte começa a vingar a preferencia da bitola estreita (1,^{m}00) sobre o typo até hoje adoptado; mas por toda a parte, tambem o espirito de conservação na engenharia reage contra a reforma. Provada incontestavelmente, como está, a economia absoluta de quasi meio por meio na construcção e exploração das linhas de 1,^{m}00, os defensores do antigo systema argumentaram primeiro com as baldeações; provada ainda a insignificancia d'esta verba, encastellaram-se n'este principio, repetido pelo sr. Lourenço de Carvalho no seu notavel discurso: «A largura da via tem de ser proporcional á intensidade do trafico.» Ponhâmos de parte o principio; para o nosso caso basta saber: é ou não sufficiente para o trafico actual de linhas portuguezas uma via de 1^{m}? Quando vémos machinas, que arrastram trens de 100 toneladas e de mais

em rampas de 3 centimetros a uma velocidade media de 25 kilometros, sômos forçados a confessar que todo o trafico da linha do norte, caberia bem n'uma bitola de 1^{m}. E se cabe a do norte, como não caberá a da Beira alta, linha que, na opinião do sr. Lourenço de Carvalho, para ser construida no typo internacional, custará 60 a 70:000$000 de réis por kilometro? e a do Douro? e... a da Beira baixa, ia a dizer, sem me lembrar que está já na Malpartida o *comboio da America* a assobiar, regorgitando de passageiros, que devem chegar a Lisboa com a velocidade de 50 kilometros por hora.

Nem deixariam de vir ainda que a linha fosse de 1^{m}. Construam-se linhas estreitas com o perfil das vias internacionaes, que em Inglaterra ha machinas capazes de andar a 60 kilometros arrastrando trens de 400 toneladas sobre uma via de 1^{m} de largura. Nem a velocidade nem a capacidade são já hoje argumentos contra a redução de bitola nas vias ferreas. Provado pela experiencia que uma linha já não comporta o numero de trens, que tem de correr n'ella para dar vasão ao trafico, as economias realisadas permittem a construcção de outra que tomando para si parte do trafico entre os pontos extremos, vá, por um traçado differente, cortar uma outra zona. N'umas notas do engenheiro Goschler encontro a seguinte enumeração de vias estreitas construidas: não são já ramaes de serviço local, mas sim verdadeiras redes nacionaes:

Na Suecia e Noruega	1189 kilometros	de 1^{m},10
Na Russia	800 »	1^{m},00

Na India ingleza a via de 1^{m} é a normal.

Na America, alem da rede de Denver a Rio Grande na extensão de 1000 kilometros, construe-se um systema de linhas que deve formar ao sul uma paralella do caminho de ferro do Pacifico. Pensa-se até em transformar a linha actual de bitola larga, de Denver a Central-City, em bitola estreita e em prolongal-a até á Nevada atravessando Utah. No Ohio, na Pensylvania, no Arkansas, construem-se vias reduzidas, e em breve tempo uma rede completa ligará Nova-York e San-Luis d'um lado e a Pensylvania e a Nova Inglaterra do outro. *Et nunc erudimini...* conclue o Engenheiro Goschler.

Estou d'aqui a ver o sorriso sufficiente dos nossos homens technicos e o gesto de desdem dos antigos portuguezes de lei, que sempre foram fidalgos como morgados, mas perdidos tambem como elles. Façâmos as cousas grande, nobre, fidalgamente: quem tarde vier comerá do que trouxer. Não ficará farto.

Um bocadinho mais de estudo, um poucochinho menos de sufficiencia, menos espirito de classe, fariam bem, fazem bem sempre, a todos os que estão encarregados de gastar por conta de uma nação quantias como as que correspondem a 600 kilometros de caminhos de ferro. A adopção da via estreita para *todos* os caminhos de ferro, que temos a construir, permittiria ao thesouro fazel-os com as sommas que terá de dar em subsidio áquelles a quem encarregar a construcção. Permittiriam *fazer* porque voto com o sr. Luiz de Campos pela construcção e propriedade

do estado. A historia das nossas relações com as poderosas companhias, repetição do que tem passado e passa em toda a parte, levar-me-ia a pensar assim, ainda quando não tivesse argumentos de outra ordem para o fazer. Esses argumentos não os apoia o governo, e por isso quer a adjudicação, porque quer construir as tres linhas a um tempo, e não uma de cada vez, conforme o disse o sr. ministro das obras publicas.

Assim o disse, com effeito, mas não ficou por isso provado para muita gente, e eu sou d'esses, que o que é bom para construir uma, seja mau quando se construem tres linhas. Como os capitaes para uma ou tres têem sempre de saír dos mesmos bolsos, ou seja o governo quem venda inscripções, ou as companhias quem emitta obrigações, como a garantia é sempre a mesma, o estado, as finanças reaes não mudam de condições.

Uma cousa são, porém, com effeito, as finanças reaes, outra as apparentes. O systema proposto pelo governo trará como resultado um excesso de preço de subvenção, porque o licitante, além de calcular o juro do dinheiro, que lhe não é pago senão no fim dos 4 ou 5 annos da construcção, ha de tambem calcular a sua commissão n'esses emprestimos, e o risco por qualquer complicação financeira, que possa advir durante a época da construcção. Quem conhece ainda ao de leve como se fazem estas contas sabe quanto custa comprar *fiado*. O governo prefere comprar *fiado* a pagar de contado: ha de sair-lhe caro o capricho de não querer influir na cotação das inscripções.

Quem tarde vier comerá do que trouxer, diz a isso.

A cotação das inscripções é o manometro das finanças apparentes; só o imposto nos dá a conhecer as finanças reaes. Que importa ao contribuinte que as inscripções valham 40 ou 50? Paga por isso menos de 3 % sobre o valor de 100? Responde-se: o credito da nação. Mas o credito serve quando o pedir emprestado se estabelece como systema, e o pedir emprestado, o viver de esmolas, é um proceder de morgados.

È porem o nosso; é, foi, e não se percebe como deixará de ser. Um jornal atribuía ha dias ao sr. ministro do reino o seguinte dito:

«O caso é que com tantas loucuras e tantos caminhos de ferro, estamos mesmo a chamar *bispo*!»

O sr. Braamcamp e o sr. Barros e Cunha apresentaram á camara dados que, na verdade, assustam. Nos dez annos de 1864 a 1874 os encargos da divida subiram de 5:200 contos, a 10:300, isto a rasão de 500 contos cada anno; de 1873-4 para 75-6 sobem igualmente 500 contos (10:300 para 10:800). Esta verba de 10:800 representa por si só quasi metade do nosso orçamento. A despeza cresceu de 21:400 contos (1871-2) a 24:100 contos (1875-6), e o deficit, que era de 3:500 contos, apparece no orçamento do futuro exercicio calculado em 974 contos. Será, porém, esse o deficit real? De certo que não. Dado ainda que não haja que rectificar nos calculos do ministro, as verbas votadas e conhecidas hãode alterar consideravelmente o deficit. Não sobem a menos de 200 contos os pequenos augmentos de despeza, e juntando a esta

somma a diminuição da receita de deducções aos empregados e do imposto de transito na linha norte-leste, o deficit chega a 1:500 contos. Adicionemos-lhe ainda os encargos da capitalisação do deficit de 1873 a 1874 (2:800 contos), do emprestimo para compra de navios (1:750 contos), do outro para compra de material de guerra (900 contos), mais 200 contos de excesso de despeza no ministerio da guerra, mais os encargos da conclusão dos 200 kilometros das linhas do Minho e Douro, e não andaremos longe d'um total de 2:200 contos, tendo augmentado em 6 ou 7:000 a divida, o que corresponde ao augmento de encargo annual de 500 contos, que parece ser o pão nosso de cada anno. Estamos ou não estamos a chamar *bispo?*

Talvez não para já, mas para d'aqui a quatro ou cinco annos quando tivermos de pagar 10 ou 12 mil contos de subsidios dos 600 kilometros de linhas, se o governo com effeito pensa em levar por diante a adjudicação, o que é duvidoso ainda para alguns. Oxalá não succeda assim; oxalá que o governo, acceitando o mais prudente e racional dos alvitres, começasse a construir de conta propria a linha da Beira alta, e fosse levantando os capitaes de que necessitasse para o caminho, preferindo á phantasmagoria a realidade nas finanças. As emprezas temerarias trazem sempre comsigo tristes consequencias: um nada transtorna os mais bem architectados planos. A receita proveniente dos impostos antigos cresceu de 1870-71 para 1873-74, 2:600 contos: não será possivel fazermos de uma vez um bom esforço, e deixarmos de augmentar annualmente 500 contos no orçamento da divida?

Eu não digo que os capitaes, que diariamente ingressam do Brasil, deixem os fundos portuguezes por outros; receio, porém, que uma complicação na machina de lá transtorne seriamente a machina de cá. O sr. ministro da fazenda sabe melhor do que eu que os *brasileiros*, como nós lhes chamamos, são os grandes compradores no mercado das inscripções, e que uma complicação politica no imperio, influindo no cambio, paralysaria o ingresso de capitaes e... O exemplo de 1868, quando *foi necessario chamar bispo*, deve andar bem gravado na presença de todos, e devemos concordar todos em que *Bispo* (permitta s. ex.ª que, affirmando o meu profundo respeito pela sua pessoa, continue a tomal-a como um symbolo) em 187... quer dizer muito mais do que em 1868. O *principio economico*, como s. ex.ª usa dizer, não sei se com demasiada propriedade, arriscava-se muito a tornar-se hoje ou para o futuro em mais principios e menos economicos de ordem e de paz.

Em 1868 foi a guerra do Paraguay quem nos trouxe *bispo;* estará o Brasil ameaçado de uma nova guerra e nós de uma outra crise?

Mau é costumar-se uma nação á idéa de que uma determinada guerra é inevitavel. Até 1851 a França considerava assim um conflicto com a Inglaterra; Napoleão III e Palmestron encaminharam as coisas de modo que a convicção transformou-se n'um sentimento de concordia e fraternidade, que resistiram ao abalo da grande guerra de 1871. Poderia applicar-se o caso ao Brasil e á confederação argentina? Talvez não; acaso a

guerra, que todos consideram inevitavel n'um periodo mais ou menos proximo, se filia em causas que se prendem com a natureza propria dos caracteres e das instituições nas duas nações sul-americanas. A convicção na necessidade d'essa guerra é commum entre brasileiros e argentinos. O Brasil, seguindo as indicações dos generaes marquez do Herval e visconde de Pelotas, construe a rede de caminhos de ferro da provincia do Rio-Grande, sob um ponto de vista estrategico. O governo argentino munc-se de material de guerra, põe em armas um exercito de 60:000 homens armado com espingardas Remington, metralhadoras, e artilheria Krupp, balisa o rio com torpedos, e completa a defeza do porto com um navio blindado; em Corrientes tem um campo de manobras do exercito activo; e — o *Jornal do Commercio* do Rio considera isto uma advertencia seria, — nomeia enviado no Brasil o dr. Tejedor, ex-ministro que redijiu a celebre nota.

O correspondente do *Jornal do Commercio*, em Montevideo, considera assim os perigos da invasão do Rio Grande e os elementos de que poderá dispôr a confederação argentina, quando pretenda leval-a a effeito:

«Se em 1850, *tres provincias apenas* reuniram em 10 dias 22:000 homens, que em 30 dias podiam estar em nosso territorio, veja-se se ha exaggeração quando calculo que hoje, 25 annos depois, toda a Confederação, isto é, suas 13 provincias, possam invadir-nos em um mez com 50:000 homens! Para facilitar esta operação tem ella agora a estrada de ferro já concluida da Concordia a Monte Cazeros, em frente a Santa Rosa, que considero nimiamente estrategica e construida com um fim hostil ao Brasil. Sua renda que não alcança a 2 p. c. de seu custo, nunca estará em relação ao capital dispendido, mas este capital proporcionou á Confederação um efficaz meio de ataque contra nós.

«Esta estrada, cujo termo é a villa de Restauração, em frente á Uruguayana, permitte a um exercito argentino apresentar-se ás nossas portas em poucos dias, e nenhuma resistencia encontrará que lhe obste penetrar na provincia do Rio Grande, que será completamente desolada antes que possâmos soccorrel-a.

«A esquadrilha do Alto Uruguay, retida a maior parte do anno no poço de Itaqui, por falta de agua para navegar, será um espantalho que para nada servirá em um momento escolhido, e não devemos descançar presumindo que ella por si só será uma defesa efficaz, como de facto seria, se tivesse sempre liberdade de mover-se.

«São estas circumstancias que me abalam. Não posso occultar a impressão que me faz este estado. Como brasileiro, tremo diante da possibilidade de um rompimento que nos encontre desapercebidos, por uma cega confiança no bom senso de um governo estranho. Devemos evitar com honra um encontro de nossas armas, mas se, desgraçadamente, ellas se chocarem, a victoria deve ser nossa e decisiva, custe o que custar. Para alcançal-a exige o brio, o pundonor nacional e os interesses do estado que tenhamos reunidos os elementos precisos para assegural-a. E quanto peço ao governo, é quanto peço ao corpo legislativo que se vae

reunir. O que se tem feito é muito, mas não basta. Formemos soldados organisemos exercito.»

Appellava para o parlamento o animo assustado do correspondente e não ha, com effeito, para o Brasil, questão que mais deva attrahir a sua attenção. Se a guerra tem de ser, seja: nada ha peior do que o adiamento de uma fatalidade. Crescem com o tempo os inconvenientes, e o genio brasileiro mais dado felizmente ás pacificas lidas do trabalho que ao burburinho doentio das guerras, póde correr o risco de se achar desapercebido, como lhe succedeu com o Paraguay. Quanto se consumiu ahi em vidas e capitaes,— e não ha para o Brasil capitaes mais preciosos do que as vidas,— que se teria poupado, se os dois inimigos estivessem desde o principio igualmente apercebidos? Oxalá, porém, que os receios sejam infundados, erradas as convicções: hespanhoes e portuguezes que ha já tres seculos vivemos em paz, cada qual em sua casa, mas paredes-meias, para que havemos sob nome de brasileiros e argentinos, brigar, se a guerra é uma lucta entre irmãos de um mesmo sangue, filhos de um mesmo solo?

Sem duvida esta será uma das questões que occupará o parlamento brasileiro recentemente aberto; o discurso da corôa, tal como nol-o transmittiu o telegrapho, não a menciona nem era de esperar que o fizesse:

«É urgente a discussão dos projectos de lei sobre o orçamento e de reforma da lei eleitoral, que não ficou concluida na ultima sessão, e por isso foi convocada a presente sessão extraordinaria. A ordem foi alterada em diversos pontos do interior nas quatro provincias do norte. Bandos de sediciosos, animados pelo fanatismo religioso e por prejuizos contra o novo systema metrico de pesos e medidas, assolaram o paiz, destruindo os archivos administrativos e as matrizes do novo systema. Este criminoso movimento foi promptamente reprimido. Os cidadãos honrados ajudaram a auctoridade.»

Essa revolta dos *quebra-kilos* suffocada definitivamente, já não constitue mais do que um episodio na historia da questão do clero brasileiro, questão que cada vez mais parece affastar-se do seu termo. No acto da prisão do conego Castilho, governador do bispado do Pará, o cabido mais uma vez protestou e as expressões em que o faz, provam bem o estado de ardor a que chegou o conflicto; o governador é preso por obedecer ao bispo tambem preso, e o cabido declara que não ha para elle mais auctoridade do que a do bispo:

«Nos termos em que se acha a questão entre a egreja e o estado, o clero vê-se n'esta durissima alternativa: ou schismas ou prisões, ou apostasia ou cadeias.

«Nenhum sacerdote fiel póde hesitar na escolha. Venham, pois, as ignominia do carcere!

«Todos os homens de coracão e de crenças assistem magoados ao espectaculo doloroso de ver mettido n'uma prisão um sacerdote, que sempre deu exemplos de submissão ás leis do paiz, e ainda hoje está cum-

prindo, porque o estado, adoptando officialmente a religião catholica, reconheceu tambem a subordinação dos clerigos a seu prelado.

«Ora, o crime do governador do bispado é observar aquillo mesmo que a constituição do imperio reconheceu legitimo!»

Se houvesse em Roma um pedaço de boa vontade e d'aquella comprehensão, com effeito menos orthodoxa, mas de certo mais superior, d'aquella comprehensão larga das cousas humanas, que é a grandeza do catholicismo na historia, e faz d'elle alguma cousa mais do que uma seita de facciosos intolerantes! Mas não ha, não ha... Morrerá *por ello*, como se dizia nos velhos foraes?

A attitude intolerante da côrte de Roma cada vez affasta mais ainda os conservadores que pareceria deviam por interesse proprio defendel-a. A reforma da lei de instrucção publica portugueza passou na commissão parlamentar com uma alteração que é significativa, apesar de ter passado quasi desapercebida. A religião catholica faz parte do ensino primario; exceptuam-se, porém, os não-catholicos. E eis aqui está como o Estado, que diz ter uma religião sua, equipara os que têem a mesma, os que têem outra e até os que não têem nenhuma! Que cousas se descobrem quando se começa a esgaravatar em cima d'uma instituição illogica! Outro ponto que a commissão se apressou a modificar, e que o não fizesse, o povo, elle proprio o faria por suas mãos, foi a tirannia das multas. Ao menos sem ellas, e sem dotação especial para o ensino, temos esta certeza: é que não ha ensino obrigatorio senão no papel, e que por seculos não haverá ainda escolas, se d'aqui até lá se não fizer outra cousa.

Outra cousa, eis ahi o que os legisladores vão dentro em breve fazer; outra cousa differente do que ha trez mezes fazem no palacio de S. Bento. Este volta á sua agricultura; aquelle á sua industria; os mais ás secretarias e só um, o illustre conde de Casal Ribeiro foi para Madrid levar ao moço rei os cumprimentos da nação portugueza.

30 de março.

P. de Oliveira.

ESPAÑA

Sirven grandemente á nuestro propósito de bosquejar los caracteres actuales de este país, las siguientes apreciaciones con que, en un momento de espontaneidad ó de desencanto, ha dado expansion á sus amarguras el periódico *La Epoca*, uno de los más importantes de Madrid, y el que más genuinamente representa, y con más empeño y habilidad defiende la situacion política allí inaugurada con el año actual.

«Cuando consideramos, dice, las inmensas dificultades con que tie-

ne que luchar el Gobierno en el periodo que atravesamos y volvemos despues los ojos á los médios de que dispone, á la índole de los elementos que tiene que emplear para vencerlas, el temor se apodera de nuestro ánimo. La sociedad española, preciso es decirlo, se halla profundamente corrompida: era ya escéptica, despreciadora de las ideas, dada al culto del éxito y de la fuerza en 1868; mas despues de aquella época ha empeorado, hallándose en el día poseida del más profundo egoismo y siendo casi incapaz de disciplina y de regla.»

Son, en efecto, estas y otras apreciaciones análogas del mismo artículo, la clave propia para descifrar los extraños fenómenos que de algun tiempo á esta parte viene presentando el país vecino.

Es el primero de ellos la resurreccion del partido absolutista que, levantado en armas á la muerte de Fernando VII contra su hija D.ª Isabel y apoyando las pretensiones de su tio D. Cárlos, perdió la influencia de la Corte, el fanatismo tradicional organizado militarmente con el nombre de Voluntarios Realistas, el poderosísimo elemento de las comunidades religiosas, la mayor parte de los bienes amortizados, que eran su tesoro, y acabó por ser vencido en Vergara en 1839. La derrota estaba llamada á ser definitiva, porque al paso que el absolutismo se quedaba sin centro de accion, sin masas organizadas, sin fuerza armada, sin misioneros y propagandistas y sin los considerables recursos de que venía disponiendo por espacio de tres siglos, la causa de la libertad era el lema obligado de los Gobiernos que se sucedian en Madrid, el ejército su más firme apoyo, la Milicia Nacional la educacion liberal del pueblo, los compradores de bienes nacionales una falange grandemente interesada en sostener el nuevo órden de cosas. Pues bien, precisamente al terminar la terrible y sagrienta guerra civil de los siete años, comenzó, lentamente al principio, con más actividad despues, la obra de resucitar callada é hipocritamente el cadáver del absolutismo. La Constitucion del 37, aceptada por todos como pacto de transaccion entre las escuelas liberales, fué reformada á gusto de los más reaccionarios; la oficialidad del ejército, que tan valerosamente habia peleado en nombre de la libertad, remplazada por gran número de jefes de los que habian luchado victoreando á D. Cárlos; los que no habian logrado venir triunfantes de la Corte de Oñate á la de Madrid para derribar el trono de D.ª Isabel, se ingirieron dulcemente en sus gradas para minarle, hacerle el vacío y producir su caida; colocados en esa posicion, más segura quo la de los campos de batalla, se impusieron á los ávidos del poder, les hicieron desarmar la Milicia Nacional, sujetar la prensa, desautorizar el parlamento: cuando se creyeron bastantes fuertes ensayaron fabricar un ministerio propio, que por su corta duracion fué apellidado *Relámpago;* corrompieron á unos; atemorizaron á otros; intentaron reformar en sentido más reaccionario aún, la reforma reaccionaria de la Constitucion del 37; devolvieron al clero gran parte de su poder; soliviantaron las conciencias; levantaron escrúpulos en los volterianos enriquecidos con la venta de los bienes de monacales, hecha casi exclusivamente en provecho de la clase média;

cambiaron sus ideas, la trasformaron de liberal en neo-católica; pusieron en moda el beaterio; colocaron en el tocador de las damas que vivian en la opulencia con los despojos de la iglesia, el agua bendita junto á los perfumes de Inglaterra; las asociaron para fiestas religiosas con el aliciente de la elegancia y el buen tono, y para bailes y representaciones teatrales con el pretexto de la religion; agremiaron á la juventud por medio de cofradías para el culto de santas favoritas y de clubs para las distracciones más profanas; convirtieron el cetro en un cirio; pusieron sobre el palacio de la Reina el convento de S. Pascual, y los vencidos en Vergara se encontraron al fin vencedores en Madrid.

Pero vino la catástrofe del 68; y luego que la desgraciada D.ª Isabel pasó la frontera con Sor Patrocinio á la derecha y el Padre Claret á la izquierda, como dos testimonios vivos de que la habilidad absolutista habia hundido, explotándole por médio de la astucia, el trono que no logró conmover por médio de las armas, volvió á pensar en estas como el recurso más adecuado en la alternativa de los que el partido absolutista emplea segun las circunstancias. El desengaño fué manifiesto: todas las intentonas de insurreccion carlista fueron ridículas y sirvieron para demostrar que el tiempo no corre en balde; los años en que los absolutistas se habian hecho cortesanos, las masas, que antes les pertenecian, se habian preparado para hacerse republicanas. Mientras de alto á bajo habian intentado por médio de una sorpresa en el ejército la insurreccion carlista de la Rápita, de bajo á alto se habian levantado más de 20.000 paisanos en Loja con propósitos diametralmente contrarios á los otros.

Apelaron los absolutistas entonces, visto lo flaco de sus fuerzas para la guerra, á los mismos elementos que les habian servido para ejercer el monopólio en la paz. Tomaron el pulso á la sociedad española «profundamente corrompida, como dice *La Epoca*, escéptica y despreciadora de las ideas»; buscaron con avidez á los disgustados; levantaron bandera de enganche general; á nadie preguntaron cuando se afiliaba en el carlismo de dónde venia, ni siquiera á dónde iba en sus deseos verdaderos; por ese procedimiento reclutaron para la Corte de D. Cárlos títulos de Castilla, cuya denominacion representaba victorias obtenidas sobre el carlismo en la guerra de siete años, militares que durante ella, ó en la de Cataluña del 48, ó en insurrecciones posteriores se habian batido resueltamente contra los carlistas, escritores, periodistas y hombres políticos de historia completamente revolucionaria, una falange, en fin, de descontentos, agraviados y despechados de todas procedencias y todas especies que, dando cuerpo, forma y apariencias de consistencia al carlismo, le proporcionó médio de extender el llamamiento á todos los aventureros de la raza latina, tan rica en ellos, y de poner á contribucion todos los bolsillos timoratos, de Roma á Lisboa y de Cádiz á Bruselas, persuadiéndolos de la necesidad de prestar ayuda á la guerra santa, y de la ventaja que habia para Europa en que la cuestion del absolutismo se ventilara con las armas en la mano en la pobre España, arena indiferente para las demás naciones, que de muy antiguo vienen haciendo de

ella un reñidero de gallos, cuya pelea contemplan los que promueven el espectáculo, cómodamente sentados en el anfiteatro del Pirineo.

Así renació el llamado carlismo, amamantado en la Corte de Madrid, primero, desarrollado por la corrupcion de la sociedad, despues, trabajado al fin por las consecuencias inevitables de los heterogéneos elementos que lo han galvanizado. De ahí el singular y significativo cuadro que presenta. Su principal caudillo, Cabrera, aunque carlista hasta hace poco, era desde ántes enemigo de D. Cárlos; la persona de este es discutida todos los dias por los que se dicen absolutistas, cuyos juicios respeta el que se dice representacion del derecho divino, y que aun sin serlo era de esperar que estuviese fuera de discusion entre sus partidarios, parecen formulados por los mayores enemigos de la institucion monárquica; los cabreristas, es decir, los antiguos carlistas, se han hecho abogados de muchas conquistas modernas y señaladamente de la principal de todas, la libertad religiosa; los neófitos, es decir, los revolucionarios de ayer, de intransigencia en intransigencia han llegado á hacer la defensa de la inquisicion; quien peleó por el antiguo D. Cárlos reniega del nieto, y quien se enriqueció con los bienes que le secuestraron, envia la mitad de la renta á Navarra y enseña á sus hijos á leer por médio del *Cuartel Real*.

La Epoca tiene razon; el escepticismo, el desprecio de las ideas y la corrupcion no se encierran por desgracia en el campo de D. Cárlos tan diferentemente tratado del otro por sus partidarios, tan reducido por el tiempo en que vive del papel que tomó de rey de derecho divino, tan obligado á prescindir de los requisitos de la monarquía absoluta que no se atreve á escribir la palabra *vasallos*, y que llamando *voluntarios* á sus soldados, paga involuntariamente, como otro tiempo lo pagó Fernando VII, un tributo á la soberania nacional, el cual tiene más extension, alcanza á todos los partidos, fracciones y grupos.

Solo así puede explicarse otro de los fenómenos que presenta España desde su último cambio político, que se anunciaba en todos los caracteres de una restauracion y que parece un tejido de contradicciones. Mientras hay parciales de la situacion que vieron con enojo la innovacion introducida por D. Alfonso, de tratar de *usted* á los que con él hablan, separándose de la costumbre tradicional de *tutear* á todos los súbditos ménos á los ordenados *in sacris;* mientras los hay que consideran indispensable para la consolidacion del nuevo rey el restablecimiento de la vieja etiqueta palaciega y que no comprenden la monarquía sin grandes carruages con lacayos de encarnadas médias y sombreros tricornios y numerosas escoltas de batidores y zaguanetes de caballería á la antigua usanza; en una palabra, mientras hay esclavos ciegos de las rutinas, que vén un gran peligro para D. Alfonso en que quiera rodearse de su familia, en que consienta que vuelvan á España sus padres, y pretenden que los tenga alejados, como su abuelo Fernando VII tuvo los suyos y su madre D.ª Isabel á la reina Cristina, periódicos ministeriales parecen haber adoptado la usanza moderna, y, ó declaran como el *Diario Español* quienes son dinásticos, ó preguntan como la *Patria* quiénes lo son, dando

á los dos meses de reinado tan peligroso giro á su manera de ocuparse de la cosa pública. Cree necesario *La Epoca*, por un lado, que la vida política salga de su eclipse, considera el *Eco de España* conveniente que se entre resueltamente en las condiciones propias de las monarquías constitucionales, «dentro de las condiciones que las circunstancias permitan hoy», extraña, por otro lado, el *Diario Español* que se haga á esta situacion responsable de la dictadura que heredó de la anterior, y no falta quien crea que eso de las condiciones propias de las monarquías constitucionales es de tal modo estrecho, que dentro de semejante critério no cabe vida pública alguna que no lleve consigo un peligro, igual al del eclipse, con más el riesgo de un deplorable efecto á los ojos de Europa.

Nace todo esto de un punto de vista notoriamente equivocado, que, aun reconociéndole erróneo elementos importantes de la situacion actual, se mantiene constantemente, como se mantuvo por los gobiernos del Duque de la Torre, con gran provecho de los carlistas; como que es insensato, para valernos de las mismas palabras de *El Diario Español*, apelar para vencer al despotismo de los mismos médios de que el despotismo se vale. Este mismo lamentable empeño hubo en los primeros tiempos de la guerra carlista de los siete años; entonces tambien se creyó que importaba, tanto como combatir á los rebeldes, cercenar la libertad y sugetar la opinion pública, hasta que, recogiendo frutos amargos de tal sistema, se apeló á Mendizaval, cuya política, diametralmente opuesta, levantó en poco tiempo el espíritu del país y dió el golpe de muerte al carlismo. Desde la risible dictadura del Sr. Castelar, y desde la funesta de su sucesor el Duque de la Torre, se viene reconociendo que el silencio impuesto á la prensa, á quien aprovecha es á los carlistas, cuyas estudiadas invenciones andan así el camino y producen el efecto que se proponen; desde entonces tambien se vé claro la ventaja de los rebeldes en la prohibicion de las reuniones que, haciendo imposible el concierto de los elementos liberales para rechazar á las corrientes carlistas, no alcanza ni alcanzar podía á los clubs de conspiracion por estos organizados en todas partes para trabajar por D. Cárlos, con la salvaguardia de aquellos mismos recintos sagrados donde se entonan *Te-Deum* en accion de gracias por el advenimiento de D. Alfonso y por la feliz llegada de la infanta D.ª Isabel; y es que, en este periodo de escepticismo y desden á las ideas, como ha dicho *La Epoca*, se prefieren á los procedimientos de la libertad los contrarios, se temen más las batallas que la guerra, se sueña con el éxito de negociaciones estériles, antes que se piense en el influjo de las armas, se dá más importancia á que Cabrera vaya por una semana á Madrid para que allí le confirmen su gerarquía militar y su título, (ambos en cuarentena á los ojos de la sociedad inglesa), ó á que Elio se haya retirado de Estella á Zumárraga porque así le convenga, ó á que Roma haga á España la merced de un Nuncio, que á que Dorregaray siga su trabajo de organizacion en el Centro, y el país continue cruzado de brazos, dando el dinero y los hombres que le pide, pero no lo que vale más que todo eso.

Bosquejando el cuadro que presenta el bando carlista, hemos citado la actitud de Cabrera; cerrando esta crónica debiéramos ocuparnos del acto con que acaba de sellarla: no lo hacemos, sin embargo, porque, sobre no consentirlo las dimensiones que involuntariamente han ido tomando estas líneas, la adhesion del antiguo caudillo con que se ha hecho tan estrepitoso ruido durante algunos dias, se halla rodeada de oscuridades en que no podríamos engolfarnos sin andar peligrosamente á tientas. Del manifiesto de Cabrera no tenemos todavía más que los párrafos que ha publicado *La Liberté*, bastante para hallarle vulgarmente cortado por el manoseado patron de que se sirven en España todos los apóstatas, pero no para juzgar su importancia: de los curiosos y más capitales documentos sustraidos, segun dicen, al héroe tortosino, no conocemos tampoco más que lo publicado por el *Univers*, insuficiente para apreciar las bases de inteligencia con que se ha procurado negociar el término de la guerra civil; de las consecuencias de la conversion no hay todavía otra cosa que el anuncio de que tendrá por imitadores á otros amigos importantes del converso, la noticia de un proyecto de atentado contra su persona, y la apreciacion de *La Epoca*, que en la adhesion de Cabrera y los nombres de los duques de la Victoria y de la Torre, vé una base bastante sólida para que la nueva monarquía pueda desafiar todas las tempestades. Con tan deleznables datos, nosotros debemos encerrarnos por hoy en una prudente espectativa.

La venida del Nuncio vá ofreciendo no pocos puntos de semejanza con la del Mesías: cuando se creia á monseñor Simeoni con el pié en el estribo, anuncia la *Agencia Americana* que el Vaticano preferia esperar á ver cómo se resolvia en España la cuestion religiosa; díjose que la noticia era una invencion carlista; despues se convino en el aplazamiento del viage, añadiendo que había una carta autógrafa de S.S., en que se fijaba de una manera precisa (pero sobre la cual no se ha hecho la menor indicacion) las relaciones que en la actualidad puede mantener la Santa Sede con el Gobierno español; luego el retraso en la venida de monseñor Simeoni estuvo en que, siendo secretario de la congregacion *De propaganda fide*, necesitaba algun tiempo para hacer entrega de importantes asuntos; ahora resulta que el estado de salud de monseñor Simeoni no le permitirá venir á España hasta bien entrada la primavera.

Nuestros lectores habrán visto varios telegramas de Berlin dirigidos á los periódicos franceses é ingleses, de los cuales resulta, como de lo que ha dicho la *Gaceta de Alemania*, que no está más adelantada que la venida de monseñor Simeoni la cuestion del *Gustavo*: al mismo tiempo la *Gaceta de Ausburgo* se ha quejado de contradiccion entre el manifiesto de D. Alfonso y el decreto sobre reforma de la ley de matrimonio civil. En cambio, parece que están á punto de arreglarse, por mediacion de Inglaterra y Francia, las diferencias surgidas entre Turquía y España á causa de la presentacion del representante de esta en Austria al príncipe de Rumania, tratándole como soberano independiente.

La novedad teatral de la quincena ha sido la segunda obra dramá-

BIBLIOTECA NACIONAL

tica del Sr. Echegaray, ingeniero, matemático, economista, profesor, orador, parlamentario, ministro, legislador, creemos que teólogo y astrónomo, (sospechamos que inventor algun dia de un fusil de mil tiros en blanco por segundo y de un procedimiento quirúrgico para hacer desaparecer en el acto el efecto en el cuerpo de un indivíduo de los mil proyectiles juntos) poeta dramático de todas maneras, revelado de improviso y por voto general en su primera y reciente obra *La esposa del vengador*, talento, en fin, vasto y múltiple, como ha habido pocos: el segundo drama del exministro de Hacienda tiene por objeto presentar la sociedad española, corrompida, escéptica y despreciadora de las ideas, de que nos ha hablado *La Epoca*, por el lado de uno de sus cánceres más visibles, el ágio y la inmoralidad, que frecuentemente rodean á la banca y la Bolsa: su drama, si tal nombre merece, ha consagrado la fama que en una noche ganó el Sr. Echegaray en el teatro, pero no ha obtenido un éxito tan completo como su primera obra dramática.

Entre los libros recientemente publicados merecen citarse los siguientes: *Memorias para la historia del asalto y saqueo de Roma en* 1527, por el ejército imperial, formadas por documentos cifrados é ineditos en su mayor parte, por D. Antonio Rodriguez Villa: *Noticias sobre las vias, poblaciones y ruinas antiguas*, especialmente de la época romana, en la provincia de Álava, por D. Francisco Coello y Quesada: *Ensayo de un curso elemental de Historia universal*, por D. Bernardo Saz y Barrio: *Historia del movimiento obrero en el siglo* XIX, por D. José Martinez de Olias: *Un soldado español de veinte siglos*, por D. José Gomez de Arteche: *Andanças e viajes de Pero Tafar*, comentados y anotados por el Sr. Jimenez Espada.

***

EUROPA

O que explica os successos da politica franceza durante o ultimo mez, é ainda, segundo me parece, o estado de espirito das classes dominantes que tentei pôr em relêvo nas minhas duas chronicas anteriores, mostrando como a burguezia respeitadora da realeza, e religiosa, se fizera lentamente, ainda um tanto assustada, e pouco segura da aventura, independente e republicana.

Muitos phenomenos, á primeira vista discordes entre si, se explicam facilmente attendendo ás idéas principaes da analyse que tracei e á mudança dos pontos de appoio da conservação que cada dia se vae confirmando. Seria um estudo curiosissimo, que me parece por fazer sob o ponto de vista especial que indico, e que lançaria immensa luz sobre a politica contemporanea, o da formação nas classes medias, do espirito politico, desde 1789, quando ellas eram ainda ligadas á tradicção e ainda eram sentimentaes, até ao utilitarismo cada vez mais francamente affirmado dos

tempos actuaes. O septicismo do seculo XVIII, o espirito francez, o movimento religioso moderno, e o caracter economico d'este seculo, tão absorvente e desequilibrador, são factos que poderão explicar cabalmente esse phenomeno, quando estudados de um modo mais profundo que aquelle que o espaço me deixa tentar n'estas revistas. A politica é no fundo uma psychologia. As classes criadas em meios diversos são como individualidades que tem o seu modo de pensar, o seu temperamento moral, e que o manifestam de accordo com a variação dos elementos complexos que serviram a formal-o.

A França possue hoje uma constituição que foi fundamentalmente determinada pela necessidade de organisar os poderes durante o septennato provisorio. Provisoria é pois a sua organisação. Porque não ha um rei na constituição é esta naturalmente republicana, e ainda o é como determinando um governo em que o paiz toma, por numerosos mandatarios seus, uma parte directa.

As monarchias constitucionaes, já eram por este lado republicas:— muitas se tem estabelecido em volta de um rei estranho, verdadeiramente eleito, fundando dynastia nova, mais ou menos, depois, com o tempo, fundamente radicada.

O transitorio, o determinadamente transitorio, é o caracter legal da actual constituição franceza. É sempre o septennato organisado, disposto para poder satisfazer durante os cinco annos que ainda lhe restam ás exigencias de uma sociedade que vive e se desenvolve.

Não é esta, porém, a significação que os grupos democraticos da assembléa dão ás leis constitucionaes. Para esses representam estas a republica definitiva. Está a republica fundada em França; dizem. E com effeito, tanto representam d'esta fórma a opinião da maioria do paiz, sequioso de alguma coisa de estavel, de indiscutivel, de fixo, que os grupos monarchicos já se dão por vencidos no combate, e já acceitam a republica como um edificio que se propõem derrubar, mas que por isso mesmo consideram hoje innegavelmente de pé. Todos os seus jornaes confessam que a republica foi proclamada em França; apenas alguns funccionarios, nos documentos officiaes, se ligam intencionalmente á lettra da lei, e ao verdadeiro espirito inicial d'ella — a organisação do transitorio. N'este amor pela republica, n'este insistencia pela manutenção da palavra, que, expressa ou não, não devia influir na natureza das instituições, vê-se a influencia que os partidos radicaes, idealistas da democracia que formam as esquerdas da assembléa, exercem sobre o centro esquerdo formado pelos monarchicos constitucionaes de hontem, que se inclinam para ellas. Pelo seu passado são estes os que representam na republica a conservação do que hoje existe, do que tem formado as posições estabelecidas, as riquezas adquiridas e crescentes, a ordem. São estes que produzem a confiança publica, assim, são estes que sobre o thema-republica podem ser ouvidos sem panico. As esquerdas extremas influem, inspiram, segredam as suas aspirações, que só tomam voz, — cujo tom ás vezes destoa um pouco do passado dos oradores, che-

gando mesmo a assustar os industriaes,—nas boccas ordeiras e constitucionaes dos membros do centro esquerdo: Thiers, Laboulaye etc.

Por isto, apesar de repetidas vezes se dizer: «Não vos assusteis: fazemos uma republica que será um constitucionalismo sem rei. Nada mais!» as classes conservadoras assustam-se, ou pelo menos assustam-se por ellas os que ainda ha pouco eram os seus mais legitimos representantes. É pois indispensavel repetir os protestos de conservação, de manutenção de todo o existente, de guerra a toda e qualquer alteração profunda no machinismo social da actualidade por tantos motivos caro ás classes medias.

Eis quanto a mim os motivos iutimos da distribuição dos poderes no actual governo francez. Sem estas considerações não se perceberia a razão porque o ministerio formado e o presidente da assembléa, não representam fielmente a maioria d'esta, nem porque custou tanto tempo, tanta combinação e tanta anciedade a nomeação d'esses poderes. E, porque não é possivel nunca analysar todos os complexos elementos qne se prendem aos grandes factos politicos, direi ainda de passagem que o vulto de Dupanloup parece ter-se entreposto durante algum tempo ao presidente e ao ministerio republicano influindo momentaneamente.

Como se sabe, a maioria que votou as leis constitucionaes, e sobre que se appoia hoje o governo francez, é composta das esquerdas radical, socialista, do centro esquerdo republicano moderado, e de parte do centro direito monarchico constitucional. As esquerdas parecem ser os representantes hoje da vontade intima da França. Foram ellas que, sobre o transitorio e o incerto da lettra das leis constitucionaes, edificaram uma republica que os proprios inemigos, como disse, aeceitam como definitiva. N'uma assembléa de 500 votantes, despõem de 300, quando o centro direito, seu alliado, apenas contêm 80. E, todavia, a maioria do ministerio formado não lhes pertence, nem lhes pertence a presidencia da assembléa.

Todos conhecem a composição do ministerio:

Buffet, vice-presidente e ministro do interior;

Dufaure, ministro da justiça;

Duque Decazes, ministro dos negocios extrangeiros;

Leon Say, ministro das finanças;

General Cissey, ministro da guerra;

Contra-almirante marquez de Montaignac, ministro da marinha e das colonias;

Wallon, ministro da instrucção publica, cultos e bellas artes;

Caillaux, ministro das obras publicas;

Visconde de Meaux, ministro da agricultura e commercio.

Leon Say, Dufaure, Wallon são os republicanos do ministerio, mas ainda assim tirados do centro esquerdo. Entrou para o governo o visconde de Meaux da direita monarchica como elemento de conciliação apesar da certeza de que o governo nada fará, em instituições, de essencialmente contrario ás idéas dos constituciaes, mas não entrou ninguem das esquerdas radicaes mais ou menos revolucionarias mas em todo o caso numerosas

na assembléa formando-lhe a verdadeira maioria. É que acima de todas as formulas que são muitas vezes meros pretextos para combates e preferencias pessoaes, ha, tudo o confirma como disse, um principio commum a todos os verdadeiros representantes das classes burguezas: a conservação.

«Nós queremos um ministerio tirado dentre os mais moderados dos moderados» dizia a folha republicana mais auctorisada do centro esquerdo *(Debats)*.

«A Republica em França é hoje uma garantia que rectificará as idéas que em geral se têem das republicas. Por esta se verá que ellas não são coisa differente do constitucionalismo» dizia tambem ha pouco a *Tages Presse* de Vienna.

Os membros do governo que pertencem ao centro direito são de resto, d'entre os monarchicos, dos mais dispostos a convencerem-se d'isso: Dufaure, o duque Decazes, Caillaux, Montaignac e Cissey são quasi apenas conservadores e tem-se mostrado indifferentes ao nome do governo.

Tambem o duque d'Audiffret Pasquier, presidente da assembléa nacional não pertence a nenhum dos grupos da esquerda; e tambem é como 4 dos 9 ministros para assim dizer *da minoria da maioria*.

Ainda os traços que tenho accentuado sempre ao descrever o estado politico da França são confirmados pelo que se passou na eleição do Presidente da assemblea. Apesar do optimismo incansavel dos republicanos francezes,—e dos republicanos de todos os paizes,—o cesarismo não morre simplesmente por que as Republicas burguezas parecem consolidar-se, e o bonapartismo, não está de modo algum morto em França. Veremos pelas notaveis revelações já publicadas do inquerito, como os seus parciaes tem trabalhado. De tempos a tempos a indifferença publica, e a separação que fiz notar como caracter da época actual entre a politica e os interesses economicos, unicos que permanentemente commovem as classes medias, lançam nos braços dos cesarismos o destino e a direcção dos povos. Basta que aquelles esperem, para, no estado actual dos espiritos e das classes, terem, tarde ou cedo, a victoria segura.

O duque d'Audiffret Pasquier tinha pois como ministro um grande papel a executar: preseguir o bonapartismo, evitar que elle se organise, quebrar-lhe as armas que elle já possue, inutilizar-lhe as muitas rodas que já são suas no mecanismo administrativo da França, demittir-lhe os funccionarios e lembrar ao paiz que a assembléa poz fóra da lei o partido que entregou a patria ao allemão.

Para isto o queriam os grupos da esquerda na pasta do interior, por isso tambem se travou para o evitar um grande combate,—que indica justamente pela importancia que se lhe deu a força que se reconhecia no bonapartismo,—combate surdo mas nem por isso menos violento; combate de influencias, de intrigas, de appoios secretos, em volta da probidade rude, pouco prespicaz, e por ventura movida por instinctivas e inconscientes sympathias do marechal Mac-Mahon. A victoria mostrou de que lado ainda estava a força, quando as armas são a intriga e a audacia. Audiffret

Pasquier foi collocado n'uma posição moralmente significativa mas tanto mais inoffensiva quanto a sua acção não podendo passar além da simples direcção regulamentada das discussões não attingirá os bonapartistas que, sabendo obrar energicamente, declararam que se absteriam agora de discutir por mais que os provocassem. Esta victoria é importante e significativa.

Do actual ministerio Wallon é o mais anti-bonapartista. «O Imperio é a guerra, a ruina, a invasão» disse elle. Mas além da sua pasta ser quasi indifferente não tem elle o temperamento de lucta, e o energico proposito que o Duque d'Audiffret levaria ao ministerio do interior.

Coube ao centro esquerdo, — e por que o deveu quasi que exclusivamente ás suas forças (301 votos),—eleger Duclerc para vice-presidente da assembléa.

Assim as esquerdas republicanas que são o grande ponto de appoio da assembléa, e que fizeram a republica, entregaram-n'a, deram-n'a a dirigir aos grupos mais notoriamente conservadores que como orleanistas representam tão pouco já na França mas que como conservadores representam n'esta tudo.

Foram estas concessões devidas a simples abnegação, a patriotismo a desejo de não crear obstaculos? Não. O sacrificio d'essa abdicação só pódem allegal-o as esquerdas radicaes, revolucionarias, socialistas. O centro esquerdo, no fundo de accordo com os monarchicos constitucionaes, e com as classes burguezas de toda a França, não teve de violentar-se nas suas convicções e não esqueceu um momento que a vesinhança dos seus aliados extremos o podia ainda, não dando elle as maiores garantias, tornar suspeito aos conservadores dominantes.

É evidente que, se por um lado esta necessidade de conservação successivamente afirmada pelos actos do centro esquerdo o ha de levar a occupar cada vez mais logares no governo da nação, é por outro tambem o que hade destacar as esquerdas radicaes da coalisão actual para as tornar oposição quem sabe mesmo se um dia violenta e extraparlamentar.

Eis o que já revella a narração feita pelo Prefeito da policia o sr. Leon Renault á commissão encarregada de estudar a organisação e as machinações do partido bonapartista. Um trabalho revolucionario, mais subterraneo, mais timido, e em todo o caso menos poderoso que o outro se encontra em muitas partes, ás vezes quasi confundido, e provavelmente muitas, explorado por elle. É aqui que devem ir procurar se as condições da acção futura das esquerdas que entretanto imudecem e abdicam na assembléa.

Leva-me isto naturalmente agora a resumir as revelações principaes do relatorio que acabo de citar do sr. Renault. Poucos documentos podem offerecer para a historia d'um paiz o interesse d'este depoimento, estudo das idéas, dos sentimentos, das situações, surprendidas, photographadas nos seus elementos mais ingenuos, mais intimos, mais picturescos. Vê-se ahi o estado das classes sociaes em França e a habilidade com que o exploram os homens habilissimos d'um partido crescente e absolutamente ousado.

Uma vasta e completa organisação encerra toda a França. Ao lado da administração official da actual Republica uma outra tão completa como ella, dirige, guia, desenvolve-se. Muitas vezes são os mesmos homens que occupam o mesmo cargo nas duas organisações, e que executam as mesmas funcções nos dois machinismos, preferindo é claro obedecer á acção occulta que lhes representa o adiantamento futuro.

Em 1871 Rouher tornou-se o director de um centro de correspondencia entre a França e Napoleão III, com o fim sobretudo de começar a defender o imperio dos ataques justificadissimos que por toda a parte pareciam anniquillar para sempre, como nefastos, os Napoleões e os Cesarismos.

A esse centro pertenceram em breve todos os homens importantes do partido bonapartista. Morto Napoleão, a direcção de todos os trabalhos coube-lhe naturalmente.

Junto a um verdadeiro ministerio presidido por Rouher creou-se um conselho de Estado: ao lado dos funccionarios importantes e influentes do septennato, o imperio collocou os seus funccionarios, aliciando, lembrando o futuro.

Os elementos a aproveitar para o bonapartismo eram numerosissimos. Havia por toda a parte antigos funccionarios desempregados; muitas pessoas, sem habilitação especial, nas disposições inhabeis e inuteis dos que se propoem em toda a parte para a burocracia machinal, que não tinham podido obter logares no systema actual e que queriam adquirir direitos a uma collocação futura, prospera, merecida, quando voltasse o imperio. Gruparam-se em toda a parte os antigos officiaes com promessas de logares no exercito ou na administração civil, fazendo-os logo recompensar em parte pelo ministerio das Finanças onde havia relações mais intimas. Em Paris estavam os antigos funccionarios superiores do imperio, innumeros agentes de policia demittidos, os officiaes da guarda imperial. O pequeno commercio arruinado pelos preços dos grandes armazens, os operarios sem as grandes obras do tempo de Napoleão, tornaram-se outros tantos pontos de apoio para a organisação poderosa d'um grande partido. Os agentes excitam constantemente todos estes descontentamentos, nas familias, junto das mães, das mulheres. Uma pobre, casada com um refinador republicano, excitada por sujestões, irrita-se contra o marido: no tempo do imperio ganhava 40 a 45 francos por semana, hoje ganha apenas 15 a 18. Uma outra mulher vae ter em breve um filho, está pobre, se a imperatriz estivesse em Paris derigir-se-lhe-hia; de resto antes de 1870 ganhava por dia 5 francos, hoje apenas 3 e meio. Um agente escreve ao *comité* central: «Quanto mais tempo se passa mais facilmente caminhamos, porque a miseria é grande.»

Além do jornal official do partido, *l'Ordre*, uma correspondencia dirige os centros diversos de acção, publica-se em 80 jornaes subsidiados e espalha por semana 500:000 exemplares.

As redacções d'esses jornaes são outros tantos pontos d'onde parte o movimento. Milhares de estampas e de photographias se derramam po-

todas as classes. N'uma vê-se o principe imperial sobre um escudo sustentado por um soldado, um burguez, um operario, um camponez. N'outra em que se via o principe lendo o seu primeiro discurso do Throno, havia o retrato de um homem ultimamente preso por ladrão em França. O relatorio do Prefeito de Policia mostra uma massa enorme de gente para quem o imperio é uma industria, um meio de ganhar intrigando, entre a qual se encontram bastantes criminosos empregados pelas sumidades do partido e a quem o principe imperial e Rouher escrevem cartas, incitam, agradecem, honram.

As commemorações funebres são um dos meios mais espectaculosos de actuar sobre o publico. Fazem-se com todos os pretextos, nas diversas egrejas de Paris, em dias differentes, para que a mesma gente possa sempre apparecer em toda a parte, como se o partido bonapartista tivesse em cada parochia a multidão que em cada uma se vê reunida n'esses dias.

As perigrinações a Chislehurst organisadas por commissões em toda a França são outro meio de acção importante. Essas commissões uma vez constituidas continuam trabalhando na propaganda, colhendo assiguaturas, organisando as forças do seu districto, estudando attentamente o passado, as opiniões, os pontos vulneraveis, por onde, sem o menor escrupulo na escolha dos meios, se possam atacar, submetter, encadear as pessoas importantes, influentes das localidades.

Seria interessante estudar o estado moral que produz certos partidos e n'estes, como elementos de um poder de acção extraordinario, a audacia, a energia, a frieza penetrante, sceptica e pouco escrupulosa. São estas as qualidades que distinguem os bonapartistas e que impresionam na leitura do depoimento do Prefeito de policia.

Não são elles com effeito crentes, fanaticos que revolucionam; são homens frios, criticos, habeis, que pregam a sorrir, e que dispõem, sem precipitação, calculadamente o seu jogo. É este traço que quanto a mim os destingue de todos os partidos. Está n'elle a explicação da sociedade que o bonapartismo produz, a sua litteratura, os seus grandes homens, o seu futuro e o seu meio de vencer.

Porque, não se illuda ninguem, o imperio é ainda para a França uma grande probabilidade. A organisação do partido não enfraqueceu em ser desvellada pela commissão de inquerito; talvez, pelo contrario, isso lhe desse com vantagem occasião de patentear como era forte, completa, intelligente.

Tudo isto pois, formando um terreno oscillante sempre, influiu poderosamente no discurso programma do sr. Buffet, presidente do Conselho de ministros, quando estes se apresentaram á assembleia. Duas affirmações o obrigavam: — uma dirigida á França e ás suas classes dominantes: — que o governo será conservador e combaterá as tentativas subversivas da ordem actual; mas a outra dirigida aos bonapartistas, fallando de conciliação com todos os partidos passados, e promettendo conservar os serviços do actual pessoal, minado como já vimos pelos agentes do imperio, quando justamente a maioria exigindo um ministerio de combate,

lhe impunha como uma das suas funcções mais instantes o purificar de elementos bonapartistas a administração.

Eis por que nas seis ou sete eleições parciaes a que se vae proceder se espera já a victoria dos imperialistas que têem, além de tudo o mais, as auctoridades por si.

Eis os acontecimentos sobre que se cerraram as portas da Assembleia franceza. Ao tornar a reunir-se parece que uma questão dominará todas as outras: quando será dissolvida a já velha assembleia de 1870 para ser completamente renovada?

As esquerdas republicanas querem a dissolução breve que realmente é justa, e que ellas esperam, pela opinião que sabem ter no paiz, que lhes será por egual conveniente.

Tambem os bonapartistas julgam não voltar em minoria á camara.

Mas as direitas não desejam a dissolução. Muitos dos seus membros, sobre tudo uma grande parte dos monarchicos ainda tradiccionaes, não tornarão a voltar, e sabem-n'o já, por que a impopularidade é um facto que se pressente.

Esta repugnancia ás dissoluções é ordinariamente aindo appoiada, em todos os parlamentos por uma massa de deputados ás vezes consideravel eleitos por circunstancias fortuitas que se não renovam facilmente: uma eleição é quasi sempre um jogo e um acaso.

E a este respeito o ministerio oscilla, inclinando-se para a não dissolução proxima, ou pelo menos, para se não compremetter na sua attitude de conciliação,—a que não serão estranhos os elementos que impuzeram para a pasta d'agricultura, o visconde de Meaux,—evita fixar-lhe o dia.

Tambem na Europa os outros parlamentos se vão separar: o da Prussia, o da Austria e Hungria.

O da Prussia vae descançar dos golpes repetidos e pesados que na mão do Principe de Bismark vibrou contra o ultramontanismo catholico. O ultimo foi-lhe extremamente sensivel.

O Papa é, na Allemanha, um estrangeiro que pretende dirigir superiormente ás leis, os subditos do Imperio. É n'estes termos que se collocou a lucta. Os prelados, os padres catholicos romanos obedecendo a esse estrangeiro, que é quasi uma potencia, fazem mais que transgredir a legislação, atraiçoam a sua patria. O estado pagando a esses homens alimenta, reforça a sua acção, dá-lhes armas, mantem os inimigos.

Eis por que se propoz e approvou já em terceira leitura na camara prusiana, o retirar ao clero a dotação que elle recebia do Estado.

A guerra de morte do Imperio contra a egreja infalivel é hoje um elemento de popularidade na Allemanha philosophica, protestante e patriotica. Muitos deputados catholicos, mas mais patriotas que catholicos, fallaram por isso contra a bulla papal, contestando, sem grande logica, que as leis politico-ecclesiasticos atacassem os direitos e privilegios dos bispos. A propria Associação catholica,—outro symptoma do espirito mys-

tico que anima o Imperio allemão, — invoca o Estado como um reformador escolhido pela Providencia.

É este sentimento que justifica e que consolida o auctoritarismo absoluto do go- verno allemão: por isso ao sr. Windthorst, que propunha a imitação da America na separação completa da Egreja e do Estado, o ministro dos cultos respondeu que a Egreja e o Estado devem estar ligados, inseparaveis.

Os oradores verdadeiramente catholicos que fallaram mais para obedecerem á sua consciencia do que para actuarem d'um modo efficaz sobre a resolução que se tomasse, contra as leis, foram quasi apupados.

Um d'elles (Wendt) leu na tribuna a encyclica papal que proclama nullas as leis allemãs contra o clero, e cuja publicação causara a prisão durante um anno do redactor do *Mercurio* de Westphalia, e a perseguição do jornal *Germania*.

Assim tambem um poder como o que completamente encadeia a Allemanha contemporanea não consente por muito tempo estas portas abertas ao imprevisto, nem admitte os desforços mesmo platonicos dos vencidos. «O governo não teme a bulla papal, disse o sr. Falk ministro dos cultos, mas toma-a serio, e não consente que se zombe d'elle.» Julga-se, pois, que se renovará a disposição que até 1866 obrigava o Presidente a não deixar ler sem consultar a assembleia qualquer documento estrangeiro.

É natural que os antigos catholicos que se consideram os puros e que professam todas as doutrinas da egreja com excepção da infallibilidade papal, requeressem para si, com approvação do governo, os bens e egrejas do clero, e os mesmos direitos da Egreja romana, direitos, de resto todos os dias diminuidos por esta lucta que não terminou com as ultimas medidas como claramente dizem já todos os orgãos semi-officiaes do governo. Ainda ultimamente foi preso por 15 dias o bispo de Munster.

O orçamento do ministerio dos cultos foi discutido e approvado em todos os creditos que n'elle o governo pedia. Demonstrou-se então que se havia mais e melhores estabelecimentos de ensino evangelico que catholico é por que estes se não impõem nenhuns sacrificios para augmental-os e enriquecel-os, prova de que o catholicismo não é em parte alguma o maior amigo da instrucção que effectivamente póde ser o vehiculo do erro, uma luz que incendeie e perca as almas.

Entretanto Sua Santidade continua respondendo com a sua logica inflexivel aos ataques dos impios. No ultimo consistorio fez cardeal a Ledochoroski o bispo de Posen preso, como recompensa da sua heroica resistencia aos perseguidores da egreja. Tambem nomeou o arcebispo de New-York que é assim o primeiro cardeal que a America possue.

30 de março.

J. Batalha Reis.

BIBLIOGRAPHIA

Viagens: Hespanha e França, por Luciano Cordeiro, Lísboa, livraria Pacheco e Carmo.

O sr. L. Cordeiro tem em grau subido o temperamento do viajante. Dizemos, entenda-se, do viajante contemporaneo, curioso, impressionavel, inquieto, do viajante d'esta idade de *steamers* e *rail ways*, que sáe de casa *para ir vêr*, não do aventureiro severo e tenaz dos seculos XV e XVI, que saía *para descobrir*. Esta condição buliçosa do sr. Cordeiro já de ha muito nos impressionára, ao lermos os seus escriptos, considerando a variedade de assumptos sobre que discorre, a rapidez de trem-expresso com que os atravessa, a facilidade com que se desloca, saltando de um ponto de vista para outro, o ar curioso e apressado com que toma aqui uma nota, além sólta uma exclamação, faz mais adiante uma pergunta, e quando o leitor espera ainda a resposta, ouve o apito da machina, e lá vê partir risonho, animado, gesticulando com a leve mala na mão, o incansavel *touriste*. Tudo isto é de viajante *pur sang*. Não admira pois que quem tanto tem viajado no mundo das idéas se deitasse um bello dia a correr terras, por essa Europa fóra, *para ver o que vae*, o que acontece, o que se diz... Apertou a mão aos seus amigos, á porta do Martinho, e foi-se por essas Hespanhas, por essa França e Allemanha, vendo os homens, as coisas, os monumentos, recebendo aqui uma impressão da naturesa, colhendo além algumas reflexões sobre os acontecimentos, sem se deter em cogitações profundas, que não dá tempo a isso a rapidez tyrannica do caminho de ferro, mas voejando sobre a historia antiga ou contemporanea, sobre as artes, a politica e ainda a culinaria das nações, applaudindo o progresso, de passagem, na rapida carreira, mas com convicção, sempre vivo e curioso, sempre satisfeito do mundo e de si, o que, além de outras vantagens, é excellente disposição n'um viajante.

E' assim que o activo *touriste* atravessou grande parte da Europa em menos de 50 dias: 46 foram elles ao certo, porque o sr. Cordeiro partiu de Lisboa no dia 3 de Junho, ás 8 da noite, e voltou no dia 20 de Julho, ás 3 da tarde: elle proprio nos quiz dar, no seu livro, estas informações precisas. N'estes 46 dias viu Madrid, Paris, Roma, Veneza, Viena d'Austria e boa parte da Allemanha. Chama-se a isto andar depressa, e a viagem faz honra ao systema da viação accelerada! N'este trajecto o sr. Cordeiro viu muitas coisas e muita gente que nunca vira d'antes, recebeu impressões novas e agradaveis, rejubilou-se, enthusiasmou-se, e regressou á patria tendo muito que contar aos seus amigos. Ao publico, não podemos dizer que o seu livro dê novidades d'estas que surprehendem. Nem admira: a Hespanha, a França têem sido tantas vezes visitadas e descriptas por tanta gente, muita d'ella tão competente, em tão boas condições para observar e apreciar! Depois, 46 dias! basta considerar isto para se vêr que não ha direito a exigir do intelligente viajante mais do que as recordações fugitivas de um homem do mundo que dispôz de meia duzia de semanas para se distrair — a costumada provisão de anecdotas, impressão e rapidos juizos com que um homem de espirito alimenta uma conversa agradavel n'uma sala, ou ainda em volta d'uma mesa de botequim, no meio de um grupo de amigos.

O sr. Cordeiro diz-nos algures que foi mais para estes do que para o publico que escreveu as suas *Viagens*, e é cousa que pelo theor do livro bem se deixa perceber. Simplesmente, como o sr. Cordeiro tem muitos amigos, achou que em vez de andar a contar, aqui e ali, a tanta gente, as suas impressões e anedoctas, era mais simples imprimil-as. E fez bem: d'este modo tambem o publico, pelo menos aquella parte do publico que lê um livro sobre tudo para se distrair, beneficiará com esta publicidade dada ao album de *touriste* do sr. Cordeiro. Ficamos todos sabendo varias cousas que aconteceram ao nosso sympathico compatriota, em quanto andava lá por fóra. Se dispozessemos de espaço, gostosamente as enumerariamos aqui, porque a maioria dos nossos leitores, que têem viajado, e a quem as mesmas cousas têem acontecido, folgaria por certo vendo-as mais uma vez repetidas e confirmadas. Infelizmente não dispômos de espaço, por isso nos limitâmos a aconselhar a esses leitores que folheem o livro do sr. Cordeiro. Igualmente, os que não viajaram podem, lendo-o, fazer tambem uma idéa

do que costuma ser uma viagem d'estas. Seria bem exigente quem pedisse mais em tão pouco tempo.

Será tambem muito exigente quem não achar que tudo aquillo está descripto ou narrado com facilidade, graça e bom humor, com os sufficientes conhecimentos politicos, historicos, geographicos e artisticos, proprios de um homem do mundo, e até com um certo ar *crâne et cavalier* á Dumas Pae, que não deixa de ser agradavel. O estylo parece-nos melhor do que o dos outros livros do sr. Cordeiro. E ousaremos confessal-o? Tendo o sr. Cordeiro escripto tanto, sobre tantos assumptos, altos, profundos e até graves, este livro, ligeiro como é, vagabundo e escripto a correr, parece-nos o seu melhor livro! Desculpe-nos o publicista, o homem de sciencia, o critico, o economista, o philosopho: dâmos a palma ao viajante! Entreteve-nos, divertiu-nos o seu livro de *Viagens*. E' que ninguem está bem senão no seu elemento—e, decididamente, a divagação é o elemento natural do sr. Luciano Cordeiro, e as narrativas de viagens o seu verdadeiro genero litterario.

Odes modernas, por Anthero de Quental. Segunda edição. Livraria Internacional, Porto.

Este livro, quando pela primeira vez appareceu, vae em dez annos, levantou no mundo litterario não pequena borrasca, borrasca que ao sopro de ventos rijos se transformou na famosa tormenta, conhecida pela *Questão Litteraria*, que tantos destroços produziu... e tantos folhetos! Foram tempos tormentosos esses; e no meio da paixão geral, era naturalissimo que em nenhum dos dois campos rivaes fosse o livro do moço e audacioso poeta, julgado com equidade. Assim succedeu. O livro, em que uns quasi saudavam uma especie de Messias que vinha abrir uma nova idade litteraria, e diante do qual velavam outros a face como diante da *abominação da desolação* da antiga, sã e respeitavel poetica lusitana, o livro a final não merecia «ni cet excès d'honneur ni cette indignité.» Tudo isso passou. Hoje, em face d'esta 2.ª edição, sentimo-nos muito socegados e podemos dizer, que se o pensamento do auctor é por vezes violento e como que propheticamente exaltado, a ponto de transpôr não raro os limites da poesia para se precipitar nas declamações ou proclamações revolucionarias, em compensação esse pensamento conserva sempre uma elevação crente e, ainda nos seus excessos, nobremente philosophica, que ninguem confundirá com a *raiva a frio* de um petroleiro systematico. O sr. Anthero é um «revolucionario idealista»: dizendo isto não pretendemos elogial-o nem censural-o, mas tão sómente definir as tendencias do seu espirito. O seu livro teve, quando appareceu, e tem ainda hoje, uma grande novidade (ou, se quizerem, originalidade) pois que este genero de poesia de que as *Odes modernas* são na litteratura portugueza um exemplo unico, em nenhuma das litteraturas contemporaneas é muito cultivado: em França, em Inglaterra, nos Estados-Unidos, é mais ainda uma tendencia do que uma escóla, embora essa tendencia tenha já inspirado obras como *Les Jambes* de Barbier, *L'année terrible* de Hugo e *Lieves of grass* de Walt Whitman. Dizem alguns que as *Odes modernas* fizeram escóla entre nós. Não nos parece isso. O tom da nossa poesia portugueza não é bem este: aqui ha uma corda mais grave, mas ao mesmo tempo mais rude, e é isso o que nos faz crer que o livro do sr. Anthero ficará na litteratura portugueza como um monumento isolado—tanto mais curioso e interessante, por isso mesmo. N'esta 2.ª edição (onde ha que louvar, para quem a cotejar com a 1.ª, o esforço visivel do auctor para conseguir a maxima correcção de fórma) incluem-se varias composições ineditas, onde nos parece encontrar, ao lado de um estylo mais seguro, mais senhor de si, uma maior harmonia e equilibrio de pensamento, o que tudo constitue seguramente um progresso digno de ser notado. Esperemos agora que esta reincidencia do auctor, reapparecendo diante do publico com o livro escandaloso na mão, se ainda affligir as almas piedosas, pacatas ou satisfeitas, ao menos não levante ruido que incommode os estudiosos.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Artes e Letras. — Revista de Portugal e Brazil

Em seguida publicamos, por nol-o pedirem os signatarios, as cartas que recebemos dos srs Rolland & Semiond, editores das *Artes e Letras*, e do sr. Rangel de Lima, seu director, relativas a uma noticia que n'este logar inserimos sobre o n.º 8 da 3.ª serie do dito periodico.

Nos principaes reparos que fizemos a tão importante publicação quizemos, sobre tudo, indicar-lhe as direcções que nos parecia deveria tomar no seu progressivo desenvolvimento, não desconhecendo as difficuldades extraordinarias com que em Portugal luctam, mesmo para se realisarem com imperfeições, emprezas d'essa ordem.

Tambem nós confiamos em que as *Artes e Letras* venham de futuro a egualar as publicações estrangeiras d'egual indole.

Eis as cartas:

Sr. redactor. — Permitta-me que eu lhe diga, respondendo ao que v. escreveu no ultimo numero da sua *Revista*, ácerca do caminho que uso seguir para dar noticia dos livros e folhetos enviados ás *Artes e Letras*, que não faço critica d'essas obras, porque sendo para isso, quasi sempre, indispensavel dissertar largamente a proposito de cada uma, com difficuldade encontraria espaço no jornal que dirijo, para fallar por esse modo de todas as publicações que lhe são offerecidas, a não ser que eu consagrasse exclusivamente a apreciações litterarias, as 32 columnas de que elle se compõe. Eis o motivo porque me limito ás simples menções que v. tem visto, as quaes significam o agradecimento e cortezia devidos aos auctores ou editores que me presenteiam com os seus livros. Não obstante, a regra tem excepções; ainda ultimamente as *Artes e Letras* publicaram dois longos artigos criticos do sr. Oliveira Martins, a respeito do livro do sr. Guerra Junqueiro — *A morte de D. João*.

Quanto á maior importancia que as *Artes e Letras* poderiam ter não só em o nosso paiz, mas tambem nos paizes estrangeiros, se dessem mais a miudo gravuras de obras de arte portuguezas; se na escolha das gravuras dos quadros estrangeiros que publicam, houvesse outro methodo; se, finalmente, o periodico tratasse mais extensamente certos assumptos, os srs. Rolland & Semiond, editores d'elle, melhor do que eu dirão a v. se nos primeiros annos de uma empreza como esta, que traz despezas enormes e exige trabalhos para os quaes falta no paiz os essenciaes elementos, podem fornecer a quem dirige a publicação, os necessarios meios para a elevar subitamente ao grau de perfeição que fôra para desejar, e que só o tempo trará.

Sou com toda a consideração, sr. redactor

De v. etc.

Rangel de Lima.

Sr. redactor. — Em abono do acerto e dedicação com que o sr. Rangel de Lima tem dirigido o nosso jornal *Artes e Letras*, devemos declarar a v. , que se o jornal não publica mais a miude gravuras de obras de arte portuguezas, é porque não podemos — por emquanto — sobrecarregar a avultadissima despeza que elle nos faz, com a importante differença do preço que vae de uma gravura inedita para um *cliché*. Outrosim declaramos que o formato do jornal e os contratos que temos com editores de gravuras estrangeiras, não permittem que a escolha d'estas seja melhor, por isso que o sr. Rangel de Lima tem preferido sempre, de entre as gravuras que lhe apresentamos, as que reproduzem os mais notaveis quadros, tanto modernos como antigos. Finalmente, se por não serem tratadas mais largamente questões de arte, e por outras quaesquer circumstancias, o jornal ainda não attingiu a perfeição que seria para desejar, é causa d'isso não só a necessidade de amenisar a publicação com escriptos que interessem o leitor menos dado a assumptos artisticos, mas tambem a carencia que ainda existe no paiz de certos elementos indispensaveis para o regular andamento de uma publicação como a nossa. Ainda assim, o jornal que empreendemos tem melhorado de anno para anno, e, confiados em que a extraordinaria protecção que o publico lhe tem dispensado não o abandonará, antes augmentará, esperamos que as *Artes e Letras* possam em breve egualar, se não exceder, algumas das melhores publicações estrangeiras da sua indole.

Somos, sr. redactor

De v. etc.

Rolland & Semiond.

REVISTA OCCIDENTAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DOIS VOLUMES DE, PELO MENOS, 128 PAGINAS CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Portugal		Brazil	
3 Mezes....	2$200 réis fortes	3 Mezes....	5$000 réis fracos
Anno.....	8$000 » »	Anno.....	18$000 » »

Nas terras onde não ha agente accresce o porte do correio

Madrid		Provincias	
Mez.....	16 Rvn.	Mez.....	20 Rvn.
Trimestre.....	44 »	Trimestre.....	55 »
Anno.....	160 »	Anno.....	180 »

As assignaturas são pagas adiantadas.

Assigna-se:

Em Portugal

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vizeu, Lamego, Santarem, Mertola, etc.

Agente no Porto — **Magalhães e Moniz.**

No Brazil

Nas principaes livrarias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará, etc.

Agentes no Rio de Janeiro — **Moreira Maximino & C.ª**

Em Hespanha

Nas principaes livrarias de Madrid, Barcelona, Sevilha, Valencia, Malaga, Saragoça, Cadiz, Corunha, etc.

Agente em Madrid, **A. Duran.**

Typ. de Christovão Augusto Rodrigues — rua do Norte, 145.

REVISTA

OCCIDENTAL

1.º ANNO

TOMO PRIMEIRO

15 DE ABRIL — 5.º FASCICULO

LISBOA
ESCRIPTORIO DA REVISTA OCCIDENTAL
3 — Rua Nova dos Martyres — 3

1875

SUMMARIO

I — CRISES COMMERCIAES, por **J. J. Rodrigues de Freitas,** pag. 513.

II — COLON EN VALCUEVO, por **D. Tomas Rodrigues Pinilla,** pag. 526.

III — O CRIME DO PADRE AMARO. — Romance por **Eça de Queiroz,** pag. 542.

IV — LA VERDAD SOBRE LA TEORIA DE LAS RAZAS, por **D. Tristan Medina,** pag. 573.

V — PROPHYLAXIA INTERNACIONAL, por **J. T. de Sousa Martins,** pag. 595.

VI — AO SOL. — Poesia por **Manuel d'Arriaga,** pag. 607.

VII — CHRONICAS: — America, por **D. R. de Cala.**

VIII ——— Portugal e Brasil, por **P. de Oliveira.**

IX ——— España, por ***

X ——— Europa, por **J. Batalha Reis.**

CRISES COMMERCIAES

V

Expozemos as theorias das crises: temos ainda a escrever dos meios aconselhados para prevenil-as, e dos remedios propostos para combatel-as.

O acto de 1844, como já dissemos, é a conclusão que os legisladores inglezes tiraram de uma doutrina celebre. A crise de 1847 veiu provar que as disposições legaes não tinham o desejado e esperado effeito. Em 1857 e em 1866 o acto foi suspenso como já o tinha sido n'aquelle anno. Apezar da harmonia do testemunho dos factos, ainda ha quem tenha essa lei em subida conta, e a considere necessaria ao bom regimen commercial da Grã-Bretanha; porém os seus proprios defensores uma ou outra vez escrevem phrases que contrariam o elogio feito á obra de Robert Peel.

Sirva-nos de exemplo Wolowski; é tido geralmente como auctoridade na questão bancaria; d'ella se tem occupado largamente em livros estimados; no mais conhecido de todos louva sobremodo aquelle estadista e ainda que reconhecendo a grande distancia entre os factos e a confiança de Robert Peel na lei que propôz ao parlamento, affirma que diminuiu notavelmente os males, e defende com enthusiasmo o pensamento fundamental d'ella; no mesmo capitulo, porém, escreve que «a autorisação de proceder a emissões supplementares de notas deveria pertencer ao banco, sob condição de aggravar correspondentemente a taxa do juro, deixando-se plena liberdade ao desconto desde o momento em que se restabelecessem as condições normaes».

Depois accrescenta: «Se o banco tivesse conservado a antiga latitude de acção, se constantemente houvesse substituido por novas notas as que lhe apresentassem para reembolso, teria sido exportada toda a moeda metalica; ter-se-ia esperado a desapparição da reserva para depois erguer a taxa do juro e produzir a baixa inevitavel dos preços. A destruição completa do credito seria a consequencia da rapida suspensão de operações provocada pelo banco. Felizmente o acto de 1844 ergueu obstaculo a essa exageração da crise. A boa e prudente direcção dada ao banco de França permitte realisar em grande parte o que a lei impõe ao banco de Inglaterra»[1].

N'estas breves palavras está a condemnação do acto de 1844 escripta pelo defensor d'elle. Se a França vive bem na ausencia de prescripções analogas ás d'esse acto, como se póde crêr que elle seja necessario á Inglaterra? Replicar-se-ha que o banco inglez é mal administrado, e por isso a lei deve desempenhar os deveres que os directores não sabem cumprir; pondo de parte a analyse da replica, bastará responder que melhor fôra haver modificado a administração do banco de Inglaterra do que fazer uma lei que prende com os interesses de todas as instituições analogas e do proprio commercio; não crêmos que haja muitos pensadores dispostos a admittir que em Londres se não possa alcançar, para a gerencia de uma instituição de credito, pessoal tão habilitado como em Paris. Wolowski foi, porém, mais longe; queria que o banco podesse augmentar a emissão quando julgasse conveniente; que ficaria sendo o acto de 1844? Unicamente um passo para a unidade da emissão, mas sem a menor interferencia nas relações entre a moeda metalica e a fiduciaria. O *currency system* não só ficaria envergonhado, mas tambem aniquilado se acceitasse as extravagantes felicitações do economista do continente; e como se não fosse demasiado o que deixâmos transcripto, chega a dizer que não julga de extrema importancia o separar da emissão as operações bancarias. Preferindo mais uma vez o systema da França, o referido escriptor condemna mais uma vez o systema da Grã-Bretanha. É com estranheza que o ouvimos logo em seguida fallar assim: «O legislador inglez pretendeu regular a emissão das notas pelo uso cambial, de sorte que fosse impossivel a suspensão de pagamentos em dinheiro. O exito foi completo: a facilidade do remedio opposto ás crises de 1847 e de 1857, sem atacar em nada o principio fundamental da circulação metalica, dá subido testemunho em favor da obra de sir Robert Peel.» Quem, desconhecendo a historia commercial, attentasse n'estes periodos, concluiria immediatamente que as crises de 1847 e de 1857 foram insignificantes, e que sem disputa se attribuiu á lei de 1844 a rapida extinção do mal. É comtudo bem sabido que a lei teve de ser suspensa n'essas duas épocas, e que foram tão grandes as calamidades da primeira que muitos contemporaneos a compararam á de 1825. Quando as mais claras e arrojadas asserções sobre materia tão grave são postas em ba-

[1] Wolowski — *La Question des Banques* — Paris 1864, pag. 376.

ses tão falsas, não póde o prestigio do escriptor occultar os profundos defeitos da obra.

A lei ingleza não resiste á analyse conscienciosa das suas disposições. Fixar em 1844 a circulação fiduciaria conforme os mudaveis elementos da época, é admittir que n'outra época teria de ser determinada por outros elementos; e comtudo o acto preceitava para um futuro que ainda não passou completamente; assim a lei traz em si propria o caracter da mais clara contradicção. E como além de prohibir novos bancos emissores só concede que parte da circulação dos antigos viesse a pertencer ao da Inglaterra, admittiu que a importancia das notas recebidas pelo publico decresceria com o tempo, ainda que as transacções tomassem qualquer desenvolvimento. Os defensores do *currency system* nem se quer investigaram os effeitos da facilidade crescente das relações internacionaes, ou da maior importação de metaes preciosos. Outro erro commetteram os discipulos d'essa escóla, confundindo por um lado a reserva metalica do banco de Inglaterra com a da nação ingleza, e por outro a circulação de notas d'esse estabelecimento de credito com todos os meios de compensar pagamentos e substituir a moeda sonante na Grã-Bretanha; sabemos que a reserva do banco é importantissima; porém os phenomenos da circulação de reino tão vasto não devem ser regidos como se todas as outras instituições não valessem mais do que termos expletivos.

Tudo quanto o exame racional das disposições legaes claramente ensinava confirmaram-no sobejamente os factos: a lei não póde subsistir perante elles, já o proprio ministro de 1844 parecia não estar completamente seguro da verdade do systema, porque entre as propostas que submettera ao parlamento lia-se a seguinte: «Será necessaria auctorisação do governo para qualquer emissão adicional em circumstancias determinadas.» Aquelle grande espirito como que previu a difficuldade, senão a impossibilidade, de acommodar tão rigido organismo ás tão mudaveis condições do commercio de cada época. Ainda que a proposta não passou para a lei, ficou desde logo indicado um de seus principaes defeitos.

Mas se os principios de famosos economistas inglezes baquearam diante das objecções com que o mercado tantas vezes os pôz em vergonhosa retirada, dever-se-ha dizer ao menos que a Inglaterra poude manter uma reserva capaz de evitar os maiores males? Se n'estas palavras se allude ao pagamento pontual das notas a todo o portador, não ha motivo para attribuir tal bem ao acto de 1844, por isso que em duas crises antecedentes o reembolso não foi suspenso apezar de ser muito menor a experiencia dos negocios bancarios. Tão pouco se conseguiu desde logo mais sábia administração; pelo contrario, a demasiada confiança na efficacia da lei diminuiu a principio a vigilancia dos directores do banco; julgavam que um dos effeitos naturaes d'ella era evitar automaticamente as perturbações mercantis, ou rectificar bem depressa o curso dos negocios. D'esta opinião, assaz fundada nas promessas dos legisladores, resultou aggravar-se a crise, porque o banco mutuava com menor circumspecção. Ainda depois de avisado pela experiencia, e alterado o seu pro-

cedimento, subsistiu como quasi inevitavel consequencia a diminuição rapida dos descontos, a qual vale tanto como clara ameaça de chegar brevemente a hora de quasi suspender as operações habituaes: diminuidos os recursos que a repartição bancaria tem á sua disposição, abaixado extremamente o nivel da reserva de notas recebidas da repartição emissora, que valerá a confiança do publico prompto a fazer circular muito maior importancia em moeda fiduciaria? Debalde se pedirá que a emissão cresça. Em vão observará o commercio que, diminuido o credito de numerosas casas, ou recusando-se muitos banqueiros a continuar operações na mesma escala, será grande a ruina se o maior estabelecimento inglez de credito não preencher tão vasta lacuna que ameaça tornar-se abysmo, no qual perecerá o bom nome de centenas de commerciantes. Não menos baldadamente se offerecerão garantias que o banco desejaria acceitar em troca de notas e de elevado juro; a lei de 1844 obrigará a parar grosseiramente no caminho do desconto ou do emprestimo sobre penhores; a que se dizia providencia do mercado abrirá caminho ao genio devastador d'elle; para evitar aggravação dos perigos a Inglaterra tem julgado indispensavel libertar o governo do banco das clausulas a que o obrigára esse acto famoso.

Ao menos será util a referida lei por contribuir poderosamente para a formação de grande reserva metalica? Se os metaes preciosos houvessem desapparecido em vez de se conservarem no banco de Inglaterra, quanto maiores não teriam sido os damnos soffridos pelo commercio britanico? Destituido de recursos pecuniarios, como poderia continuar as operações mercantis? A acumulação de metaes n'aquelle estabelecimento preserva, portanto, dos maior perigos em que, a não ser elle, os negociantes cairiam forçosamente. Os algarismos parecem dar rasão aos que fallam assim: em 1825 a reserva metalica desceu a 1.261:000 libras; em 1837 a 3.831:000, e em 1839 a 2.406:000; ao passo que em 1847 se manteve em 8.313:000; em 1857 não baixou de 6.080:000; em 1861, de 11.571:000; em 1863, de 13.048:000; em 1864, de 12.454:244; em 1866, de 6.484:096 libras; mas estes factos estão longe de provar o que affirmam os derradeiros defensores do acto de Robert Peel: não é sufficiente conhecer a reserva metalica; cumpre saber tambem qual a responsabilidade do banco principalmente por obrigações á vista; comparemos, por exemplo, 1847 com 1839 servindo-nos dos algarismos apresentados por Wilson:

	DEZEMBRO 1839	ABRIL 1847
Depositos.....	5.952:000 libras	13.015:731 libras
Circulação.....	15.817:000 »	21.152:853 »
Metal em caixa.....	2.887:000 »	9.329:841 »

N'um caso o banco devia 21:769:000 libras, de que podiam dispôr á vontade os portadores de notas, e os depositantes; no outro essa divida montava a 34.168:584 libras; a differença era superior a 13.000:000, ao passo que a reserva de 1847 excedia sómente em 6.442:841 libras

a de 1839. Em situações tão diversas não póde considerar-se independentemente d'ellas o fundo metalico. Se examinâmos um quadro estatistico relativo ao periodo aberto em 23 de setembro de 1843 e fechado em 25 de maio de 1865, vêmos que antes do acto a reserva chegou a 43 e 48 por cento das obrigações á vista; em 1847 desceu a 24; em 1857, a 18; e em 1864, a 30; em todo esse perido poucas vezes attingiu, e rarissimas excedeu a proporção que achâmos antes de julho de 1844[1]; e sendo tanto maior a garantia, *ceteris paribus*, quanto maior é a percentagem, a estatistica não nos ministra provas em favor do acto de Peel, encarado a esta luz; é possivel que o progresso mercantil assegure melhor do que outr'ora a solidez do banco de Inglaterra ainda com decrescente reserva; mas esta consideração é de todo o ponto estranha aos principios fundamentaes da lei.

Vem de molde levar mais longe a analyse do que é, e do que deve ser a reserva metalica. O estudo attento das doutrinas, que na Grã-Bretanha lutam desde longos annos, patenteia os cuidados que a todos tem merecido esse elemento do balanço bancario. É conhecida a opinião de Horsley Palmir emittida já em 1832: cuidava que os estabelecimentos de credito deviam ter em caixa pelo menos um terço da importancia das notas em circulação e dos depositos á vista. Weguelin, governador do banco de Inglaterra, exigia sómente um quarto. Um grande escriptor inglez, Torke, interrogado pela commissão parlamentar de 1848, disse que a reserva devia ser, termo medio, de 10 a 12 milhões de libras; antes de baixar até este limite, seria acertado erguer a taxa do desconto para attrair dinheiro de outras nações, ou obstar á exportação do existente no paiz; mas a que periodo se refere a media? A dez annos, a cinco, ou a um só? A solução do problema dependia de grande numero de circumstancias, como Torke reconhecia; limitava-se pois a propôr que os directores tivessem sempre em vista essa media, e que, uma vez elevado o juro para obstar á drainagem do metal, não o diminuissem antes de readquirida aquella somma. A commissão perguntou-lhe ainda se deixaria descer a reserva até 3.000:000 libras para acudir ao commercio nas occasiões de perigos a resposta foi a seguinte: «Deixaria; mas não me parece provavel que fosse tão longe a drainagem do oiro; a historia não nos offerece exemplos em que se funde tal hypothese. Cuido que a reserva póde descer de 18 a 6 milhões; estabeleço a media de 12. Considero impossivel que a exportação continue depois de enviados doze milhões. Uma vez descida a seis milhões a existencia metalica, seria util tomar providencias, quer diminuindo o prazo do desconto, quer elevando a taxa um pouco além de 6 por cento; mas se aquella somma viesse a reduzir-se a tres milhões, o banco devia empregar os meios mais energicos para se salvar a si proprio.»

A seu turno, W. Bagehot entende que a reserva jámais deve des-

[1] *Coullet* Etudes sur la circulation monétaire, la banque et le crédit — Paris 1865 — pag. 390 e seg.

cer de 275.000:000 ou 287.500:000 francos; e para que assim aconteça, o banco tem de tomar precauções desde que a reserva oscilla entre 350 a 375 milhões de francos; visto que a experiencia ensina que se retirarão 50 a 75 milhões antes de achada a taxa capaz de attrair dinheiro de nações estranhas.[1]

Para se comprehender a importancia attribuida á reserva metalica do banco de Inglaterra é indispensavel considerar as ligações estabelecidas pelo credito: o corretor, o banqueiro particular, e os bancos por acções estão intimamente relacionados entre si; uns guardam em casa de outros as grandes ou pequenas sommas de que dispõem; uns obtêem dos outros os avultados ou tenues recursos com que se apresentam no mercado monetario; e todos olham com respeito para o banco de Inglaterra; muitos d'elles, quasi todos, depositam ali o dinheiro que lhes sobra das operações quotidianas; resulta d'esta concatinação de factos ser a reserva metalica muito menor do que supporia quem lesse os balanços de todas as casas que descontam letras, ou pagam aos portadores de cheques e notas. Se *A* obteve um milhão de libras em deposito á vista, não guardará 250:000 libras, por exemplo, no seu cofre; tel-as-ha em deposito á ordem na casa do seu banqueiro *B;* este a seu turno passará para o banco de Inglaterra a quantia que julga indispensavel á satisfação dos pedidos habituaes. Supponha o leitor em vez de um corretor e de um banqueiro muitos banqueiros e muitos corretores procedendo assim; na reserva metalica do banco de Inglaterra conter-se-ha conseguintemente a reserva de muitos estabelecimentos de credito e de numerosos descontadores particulares. Se por qualquer motivo, que agora não temos de investigar, declina a confiança no estado das transacções, cada qual procura libertar-se dos compromissos que tomou; cada qual foge a novas obrigações; os que satisfazem o fervoroso egoismo que os anima, ou vão chamando a si paulatinamente os capitaes que haviam mutuado, ou correm a depositál-os onde os julgam completamente seguros, isto é, n'aquella eminencia financeira á qual, segundo a opinião publica, não podem chegar com furia destruidora as tempestades que no valle dos capitaes pulverisam os edificios que pareciam de mais solida construcção; essa eminencia é o banco de Inglaterra. A consideração em que o tem a Grã-Bretanha, as faculdades quasi maravilhosas que lhe são attribuidas, a influencia moral que exerce em todo o paiz, são factos que não podem ser despresados por quem desejar conhecer a vida intima do commercio inglez, não tanto nos annos de exaltada especulação, como nas semanas de timidez pueril, ou nos dias de terror panico.

Estamos todos habituados a ouvir fallar do banco de Inglaterra como de uma instituição inabalavel; a Europa espantar-se-ia tanto da fallencia d'elle, como do mais inesperado e surprehendente successo; e comtudo

[1] *Coullet et Juglar.* Extraits des enquêtes parlementaires anglaises. Enquête de 1848 — Paris 1865 — pag. 228 e seg. — *W. Bagehot* — Lombard Street — Paris 1814 pag. 309.

quem se aproximar do colosso, e o examinar attentamente, ficará a principio não menos espantado da immensa confiança que elle inspira. O capital está empregado em titulos de divida publica; em tempo de crise seria difficil vendel-os todos, seria impossivel vendel-os pelo preço ordinario: resultaria d'esta operação enorme prejuizo; os depositos não poderiam ser entregues immediatamente, nem tão pouco reembolsados os portadores de notas; a carteira compõe-se de titulos de penhor, e de letras; mas aquelles offerecem o mesmo inconveniente que o fundo proprio; e estas representam dividas de negociantes n'uma época de grave doença, que ameaça invadir todo o organismo commercial; em quanto á administração, não é ella considerada superior á de estabelecimentos secundarios; as commissões de inquerito parlamentar têem tido frequentes ensejos de verificar que se póde ser membro d'ella sem profundos conhecimentos economicos e financeiros. Onde estão pois, as condições que fundamentem a excepcional confiança, o nome famoso do banco de Inglaterra? O capital constituido contra as boas regras da arte bancaria. A administração composta de seres falliveis, de commerciantes cuja capacidade scientifica não se ergue descommunalmente acima dos outros. As garantias em carteira, papeis que nenhum poder sobrenatural abrigou do influxo malefico das perturbações dos preços. E comtudo o credito subsiste muito superior ao de quantos o rodeiam: quando os cheques de boas casas, ou as notas de instituições respeitaveis circulam difficilmente, e cada qual retira d'ali os depositos, ou avidamente procura augmentar o capital disponivel, de toda a parte se ergue unisono clamor pedindo mais notas do banco de Inglaterra; de toda a parte lhe confiam sommas importantes, não faltando quem prefira guardal-as ali a tel-as em seu proprio poder; de toda a parte lhe dizem que deve emprestar aos que necessitam, substituir os que não querem descontar mais, receber todas as garantias acceitaveis em troca de notas. E que é a nota? A expressão da confiança que n'elle têem os que assim clamam. E que são essas garantias? As mesmas que os necessitados de dinheiro poderiam dar a tantos depositantes do banco de Inglaterra, mas que não querem ser descontadores por maior somma na occasião de crise. Tudo isto é extraordinario, e não tem explicação no que estamos habituados a denominar leis economicas; parece envolver-se em mysterios, e confinar com o sobrenatural esta cega confiança; lancemos, porém, os olhos a afastadas regiões e lá encontraremos factos analogos a este; os povos selvagens attribuem grande valor a mesquinhos productos que as gentes civilisadas lhes dão em troca de outros muito apreciados entre estas; reduzida aos seus elementos mais simples, tal permutação significa demasiado valor attribuido a um exforço humano; e a confiança não é uma expressão do valor? Vamos, porém, aonde as instituições bancarias têem a mais antiga data, não menos de 2:600 annos antes de Jesus Christo; visitemos a China; estudando a circulação monetaria, lá encontraremos piastras de differentes typos, mas de identico peso de metal fino, apreciadas diversamente; as proprias peças de dinheiro nacional, que deveriam compôr o preço de uma piastra de

Carlos IV, são tidas em menor conta do que esta moeda hespanhola. Como explicar tal facto senão pela ignorancia do povo chinez ácerca do valor real do numerario? A reputação demasiada, que os habitantes do imperio attribuem aos mencionados discos, é a nossos olhos um phenomeno essencialmente analogo ao que narramos dos selvagens, ou ao que vemos dar-se na Grã-Bretanha; cada qual na sua esphera, e em diversos momentos da vida social, pertence á mesma ordem de factos.[1]

Não se molestem os homens de nações tão civilisadas como a Grã-Bretanha, se cruamente os pômos em parallelo com gentes incultas; á sciencia, que é a naturesa interpretada pelo homem, não repugna, antes a ella pertence pôr na mesma serie phenomenos iguaes ainda que passados em lugares e tempos muito diversos; os céos não se dão por offendidos, a sciencia não se abate, e o homem não se illude, quando subordina á mesma lei o satellite humilde e a constellação magestosa. Civilisados de hoje, não esqueçâmos que o porvir encontrará, na idade em que vivemos, factos que lhe parecerão o que hoje nos parecem aquelles que achâmos nos povos mais rudes.

Escusariamos até de pedir á China ou aos sertões da Africa exemplos de analogia; dentro do velho mundo, na esphera politica, o prestigio da tradição manifesta-se ainda em toda a sua grandeza: milhões de homens quasi adoram seres que a hereditariedade ergueu ao primeiro posto, ainda quando as frageis creaturas não valham o manto com que as adornam sobre o throno; a aristocracia, embora na decrepitude, ainda é para certos espiritos baixos poder tão alto, que se julgam honrados e sublimados perante o mundo e perante a propria consciencia, quando as mercês regias os galardoam em troca de dinheiro. Esse prestigio e esse poder não são feitos para durar sempre; é já agora maior do que outrora o numero dos individuos que elles não fascinam; mas as conquistas da rasão não se operam todas instantaneamente; a transformação de principios parece ás vezes exigir não menos tempo que a formação das camadas do solo.

O grande banco britanico é, pois, no mundo economico uma entidade cheia de prestigio; nasceu das relações intimas do thesouro com os capitalistas; decompozessemos esse prestigio, lá encontrariamos um pouco da fama do grande Pitt; lá se nos depariam alguns átomos do enthusiasmo com que a Inglaterra acolhia a noticia das victorias dos exercitos alliados contra Napoleão; lá viveria, transformado em elemento de respeitabilidade commercial, não só o cuidado com que tantos estadistas se occuparam d'aquelle banco, mas tambem o tracto contínuo d'elle com as finanças britanicas; o mercado habituou-se cada vez mais a consideral-o

[1] V. *Max Wirlh* — Obr. cit. — Dr. Band. pag. 561 — *Nathalis Rondot.*— Peking et la Chine. O governador de To-Kien, que não podia vêr com agrado os lucros realisados pelos estrangeiros por causa da ignorancia dos compatriotas d'elle, propôz ao imperador da China a cunhagem de piastras iguaes ás da Hespanha, e do Mexico.

como instituição nacional, tão seguro como os proprios consolidados, tão firme como o poderio do Estado. Temos plena prova d'isto no subito effeito das cartas de ministros inglezes em 1847, em 1857, e em 1866; apenas se dirijiram ao governador do banco auctorisando-o a emittir notas além dos limites marcados pelo acto de Robert Peel, a crise diminuiu e o panico desappareceu. O povo inglez tem a firme crença de que, sendo necessario, os poderes publicos acudirão para manter o banco; não dizemos bem: o publico inglez, confundindo até certo ponto o banco e a nação, nem sequer admitte como assaz provavel a hypothese da ruina d'aquelle; por isso lhe ministra fundos ainda quando o commercio está em crise; por isso lhe pede que auxilie os negociantes dignos de soccorro; os que receiam entrar em operações directas com os carecidos de capital marcham seguros, se o banco de Inglaterra se lhes associa.

As mesmas rasões nos dizem porque os publicistas da Grã-Bretanha querem que o banco tenha forte reserva metalica; sobre este ponto vão de accordo adversarios e defensores do acto de 1844; parecem consideral-o antes como companhia de seguros contra as crises, do que estabelecimento para dar grandes lucros; ali deve estar uma somma que sirva para avultada e extraordinaria exportação de moeda, assim como para satisfação dos pedidos feitos pelo commercio no tempo de decadencia do credito; as barras de ouro e prata, e as libras sterlinas do banco são destinadas para as crises; como na Allemanha um thesouro é destinado para a guerra.

Esta pretensão de publicistas distinctos é tão estranhavel considerada perante a arte bancaria, como é justificada pelo prestigio de que acima fallámos; a canonisação, que é honra maxima conferida pela egreja, obriga a fazer milagres, ou pelo menos, dá direito a esperal-os; o altar, que pouco a pouco se adorna de oblatas, diz-nos que muitas almas crentes attribuiram ao santo, que ali se ergue, feitos que ellas não sabem explicar pelo curso natural dos acontecimentos; qualquer que seja a opinião sobre estes casos, nenhum observador negará que a profunda crença communica energia, dissipa terrores, e multiplica as forças. Os inglezes, tendo plena confiança no seu maior banco, não só se enchem de animo, quando elle presta auxilio nas occasiões de perigo, mas tambem exigem que faça o milagre de evitar crises; por isso querem que tenha reserva prompta a acudir.

Mas o banco é uma companhia como outra qualquer; os accionistas seriam grandemente prejudicados, se o dinheiro ficasse dormindo até que viesse acordal-o a vozeria do commercio em risco; estaria inactivo em quanto os outros lucram? Quem o indemnizaria? Havia de emprestar a todos que na hora das grandes afflicções solicitassem desconto de letras, ou emprestimo sobre penhores? Quem responderia pelas perdas? É verdade que os economistas que assim o aconselham, entendem que elle mutuaria sómente sobre boas garantias; mas, dada esta hypothese, o proprio banco tem interesse em operar, e o conselho não só é muito antigo, mas tambem serve a todas as instituições analogas. Ainda mais: quem assegu-

raria que depois de muito angmentada a responsabilidade do banco por notas, e prolongada a crise, não houvesse corrida de portadores d'ellas? Contra esta hypothese ergue-se o que deixamos dito sobre a respeitabilidade do banco; mas os administradores sabem que não convêm abusar d'ella; e nos dias de geral desconforto receiam ultrapassar os limites que a prudencia impõe; demais o auxilio do thesouro não é um dever.

Salvo o respeito devido a tantos e tão distinctos escriptores, que recommendam a esse estabelecimento que guarde fortes reservas, e que empreste com coragem, com *bravura*, até no tempo de crise, dizemos que taes opiniões partem de principios completamente falsos, por isso suppõem no banco de Inglaterra qualidades que não pertencem a nenhuma instituição humana. Que quer dizer guardar muito dinheiro durante o periodo da prosperidade, e confial-o com audacia quando a infelicidade opprime todos? Quer dizer que no meio do mercado, na luta da riqueza, no laboratorio do egoismo, ha de formar-se dos elementos ordinarios um ser que despreze o ganho, e que vá juntando capitaes para favorecer os que cegamente se entregavam á especulação, e obtiveram perdas. O mesmo valeria recommendar ao azote ou ao oxygenio que nos dessem uma epopea ou uma religião. Evidentemente o banco fará mal se, tendo dinheiro e credito, não usar d'estes recursos para emprestar aos que lhe offerecerem garantia sufficiente; mas quando os mais solidos valores se curvam ao temporal, quando a imprudencia, e o desenfreado amor da riqueza levaram o commercio a operações prejudiciaes, mal se póde dizer o que é garantia sufficiente, porque os preços de hoje é provavel que sejam amanhã muito menores. Onde tanto banqueiros diminuem operações, porque receiam emprestar áquelles mesmos que são seus clientes habituaes, como se ha de exigir rasoavelmente que os administradores de um unico banco não só mantenham as mesmas transacções, mas tambem as ampliem a individuos cuja situação financeira lhes não é assaz conhecida? Olhada esta parte da questão nas suas relações com a origem da crise, ainda mais se confirma o que deixamos dito; os desastres mercantes não pódem ser evitados quando ha individuos que se lançam em operações de per si ruinosas, ou que dispendem mais do que produzem; embora o procedimento dos bancos (da mesma sorte que o procedimento do conjunto das pessoas que ministram capitaes) possa diminuir o mal, não estará nas forças de um estabelecimento de credito,— ainda que tão auctorisado como o banco de Inglaterra — substituir immediatamente os resultados da ambição ou da ignorancia por obras proprias de placido trabalho, e de claro entendimento. É no organismo social, é nos elementos morbidos completamente estranhos a um banco dirijido com a maior sciencia, que vamos encontrar a verdadeira origem das crises.

Não desconhecemos a vantagem occasional e relativa de uma grande reserva, que em determinadas occasiões sirva de auxilio aos que ainda possam evitar a ruina; mas essa reserva importa a longa inactividade dos capitaes que a formam; ora se o progresso commercial é evidente, apesar das perturbações do mercado, se este facto quer dizer que na

maioria dos casos as combinações das forças economicas produzem maior bem do que mal, podemos concluir que a inactividade da reserva teria sido mais damnosa, do que sería util o seu trabalho de longos em longos annos.

Interpretaria mal o nosso pensamento quem suppozesse que julgâmos nociva qualquer reserva; é evidente que nenhuma instituição de credito a dispensa; entendemos e sustentâmos, porém, que não ha fundamento para exigir do banco de Inglaterra que mantenha dormentes capitaes, que possam evitar as crises. Como já observou Hankey, seria perigoso que o mercado britanico pozesse tanta confiança n'esse estabelecimento, que o julgasse capaz de rapidamente curar todas as doenças do corpo commercial. Desde que se abusou do credito, desde que o negocio dilatou os preços muito além dos limites determinados pelas relações entre o consumo e a producção, os valores instantaneos hão de necessariamente baixar, e com elles descerá o poder financeiro a representação social dos que os haviam inscripto nos seus imaginosos inventarios; e baixando assim, não se poderá sempre evitar que o activo diminua a ponto de se declarar a fallencia. Se n'estas temerosas conjuncturas os espiritos mais vigorosos podem prestar grandes serviços, não ha motivo para estabelecer principios especiaes á instituição mais importante de cada povo.

VI

A par das recommendações ácerca da reserva encontram-se quasi sempre outras que se referem á taxa do desconto: a opinião de numerosos economistas é favoravel á elevação d'ella, como já vimos quando fallámos do curso dos cambios, e do modo de obstar á exportação de numerario. Erguido o preço do emprestimo de dinheiro, é natural que elle afflua de todas as praças em que a taxa seja tão inferior que a differença compense os gastos de transporte, e qualquer risco ou despeza; não é isto ainda sufficiente, porque aonde não ha relações commerciaes firmemente estabelecidas, não se enviam de um a outro instante capitaes disponiveis. Se o mercado de Londres póde attraí-los rapidamente, não succederá do mesmo modo áquellas praças que não exercem regularmente, e como ramo especial, transacções bancarias internacionaes. Desnecessarios são exemplos estranhos para verificarmos o que já de si mesmo é assaz claro; sobeja conhecer os phenomenos economicos do nosso paiz: a taxa do juro no Alemtejo e no Algarve é muito mais alta que no Minho. A cidade de Evora teve difficuldade em organisar uma caixa de credito, cujo fundo era pequenissimo, apezar dos grandes lucros provaveis d'esta empreza. Pelo contrario, os bancos formaram-se com enthusiasmo em varias terras do norte do reino: a taxa de Evora não bastou para determinar remessas de dinheiro. A falta de relações estabelecidas, ou por outras palavras, de regular commercio bancario entre as duas regiões de Portugal tem mantido as differenças de juro nos mercados de uma e de

outra. Pelo contrario, foi facil preencher ultimamente na cidade do Porto a subscripção para um banco no Alemtejo: a apparencia de contradicção entre este phenomeno e os que acabâmos de indicar, desapparece logo que attendemos ás diversas condições offerecidas ao capital; n'um caso mal se sabia a quem remettel-o; no segundo trata-se de reunir esforços que hão de transformar-se n'uma solida organisação. O que ao individuo era difficilimo realisar, emprehende-o a sociedade anonyma com probabilidade de excellentes resultados. E se de tal arte se passam os factos economicos persistindo longos annos a distancia dos preços do emprestimo, que succederia quando a alta fosse destinada a durar o breve tempo das oscillações observadas nos diversos mercados? Certamente sería baldado o appêllo feito aos capitalistas do universo.

D'estas considerações concluimos que a alta do juro não basta para attrair capitaes; Londres está em condições que não são communs a todas as praças: mas, restringida a analyse a terras tão importantes como a capital da Grã-Bretanha, poderemos affirmar que a elevação da taxa obstará ás crises? Para considerarmos o assumpto na sua amplitude total, temos de observar ainda que a carestia do emprestimo não só póde chamar dinheiro disponivel, mas tambem difficulta a fundação de novas emprezas, e torna menos arrojados os que se propunham a especular. Succede como no mercado de cereaes: o subido preço d'elles obriga uns a diminuir as provisões, e outros a gastar menos em diversos productos. E quando realmente os capitaes disponiveis se têem empregado na sua maior parte, e que ainda não produziram frutos correspondentes aos esforços humanos representados n'elles, a natureza das forças economicas exige que não continue no mesmo progresso o arrojo mercantil e industrial. O trabalho vive de trabalho. O producto de hoje suppõe a producção de hontem. As transformações fabris necessitam que o capital incessantemente se destrua e se renove; que se fixe como edificio ou machina cooperando mais ou menos tempo, reproduzindo-se na serie de objectos de cada officina até ao instante em que o progresso crie um meio social, em que esses organismos já não possam viver; que circule de uns a outros lugares já na qualidade de materia prima, já como remuneração de trabalho; que este movimento encontre harmonia entre os que lançam productos no mercado, e os que ali vão buscal-os para os assimilar, para renovar as forças, para assegurar a continuação do trabalho evolutivo do individuo e da sociedade. Se as forças economicas não existirem nas proporções devídas; se os emprehendedores houverem ultrapassado os limites que os consumidores lhes assignam quotidianamente no mercado, a iniciativa que parecêra fecunda em bens volver-se-ha mais tarde ou mais cedo em origem de movimento morbido. Se o alimento da industria chamado capital escasseia; se as forças disponiveis cada vez variam mais, faltarão tambem os equivalentes economicos indispensaveis á troca dos productos. No mercado monetario a expressão da raridade d'aquelles é a elevação da taxa do desconto; se permanecer baixa succederá, no estado actual das sociedades, que n'uma época de especulação continuará o consumo d'essas forças

productivas até que em vez da carestia haja a falta quasi total d'ellas: as relações commerciaes obrigadas á estagnação, quando iam em tão arrebatado movimento, hão de soffrer incomparavelmente mais do que sendo comedida e pautada pelos recursos communs a elevação do preço do desconto.

Parece-nos haver assim mostrado que a alta da taxa do juro contribue para diminuir os excessos da especulação; conseguintemente é um obstaculo ás crises; mas póde crer-se que baste para impedil-as sempre? A esta pergunta, da mesma sorte que a outras tantas formuladas no decurso d'este estudo de physiologia social, não respondemos considerando a lei da offerta e da procura, e as oscillações dos valores como se fossem independentes dos mais intimos sentimentos, das mais vivas paixões do homem. Lançado no tumulto mercantil, avido de ganhar, fascinado pela opulencia alheia, cuidando que os haveres materiaes dão a felicidade terrestre, o especulador nem sempre desanimará por ter de entregar ao capitalista maior preço do dinheiro fornecido. Se no subido custo do emprestimo se manifesta desconfiança geral das condições do mercado, esta opinião, que já de per si faz crer que alguns ramos de trabalhos são mal dirijidos, e conseguintemente hão de dar prejuizos, não alcança desde logo convencer quantos se arriscam, nem os determina a retroceder na via perigosa em que entraram. Aos erros já commettidos virão reunir-se outros. Feliz o povo cujo entendimento fôr tão lucido, que ao primeiro aviso souber marchar cuidadosamente e vencer com prudencia corajosa a destemida ambição.[1]

Os publicistas inglezes têem discutido a alta do juro considerando-a indispensavel para manter a reserva do banco, impedir a exportação da moeda, obstar á especulação e attrair capitaes estrangeiros. Em nosso entender os estudos feitos sobre varios aspectos da vida commercial são muitas vezes deficientes, e ganhariam muito em lucidez e caracter scientifico, se tantas questões secundarias fossem subordinadas ao pensamento de considerar cada instante da vida social como o tempo de certo e determinado meio, o qual para se transformar n'outro que represente progresso, ou retrogradação, ou paragem na escala do aperfeiçoamento humano, exige condições determinadas tambem.

(*Conclusão*)

J. J. Rodrigues de Freitas

[1] Algumas vezes a alta da taxa do desconto foi realisada mais por imitação do que por juizo circumspecto ácerca das condições do mercado. Na França muitos commerciantes queixaram-se da elevação do juro. O governo de Napoleão III mandou abrir inquerito sobre a organisação bancaria. Na obra de Max Wirth, *Grundzüge der national Oekonomie*, de que já havemos citado mais de uma vez, encontra-se o resumo d'esse importante trabalho.

COLON EN VALCUEVO

CAPITULO II

1484

Sumario.—Llegada de Colon á España. Visita á los Duques de Medina Sidonia y de Medinaceli: recibimiento que estos le hicieron. Recomendacion á la Reina Isabel, y su respuesta al de Medinaceli. Equivocaciones históricas acerca de la visita al Convento de la Rábida y al Prior Fr. Juan Perez.

Nos parece fuera de toda duda el hecho de la llegada á España de Cristobal Colon el año de 1484. Lo dice terminantemente su hijo y biógrafo D. Hernando, en el capítulo XI de su obra: lo dá á entender claramente la carta del Duque de Medinaceli al Cardenal Mendonza, fecha 19 de Marzo de 1493, que original existe en el Archivo de Simanças y que hace el número XIV de los documentos publicados por Navarrete: testimonios confirmados por el del propio Colon, en el Relato de su primer viage, de cuya copia ó extracto somos deudores al P. Las Casas. Se corrobora eso mismo en la carta que á fines de 1.500 escribió al ama ó nodriza del Príncipe D. Juan, D.ª Juana de la Torre: en la muy notable que desde la Jamáica escribió á los Reyes Católicos, con fecha 7 de Julio de 1503: en el papel escrito de mano de Colon, copia, á juicio de Navarrete, de alguna carta escrita á sus protectores en España, cuando le prendieron en la isla Española; pero cuyo contexto evidencia que fué borrador de alguna exposicion de agravios á los Reyes, demandándoles justicia, contra la personas viles—*civiles*, dice Colon allí—en fé de cuyos interesados y falsos dichos, el bárbaro Bobadilla decretó la prision del Gran Almirante: (Documento núm. CXXXVII) y por último, en otra carta de este á los mismos Reyes, inserta en el Libro de las Profecias (Documento núm. CXL).

En el primero de los citados documentos, refiriéndose Colon á las contrariedades que á su proyecto opusieron todos los que rodeaban á SS. AA. dice: «Y han seido causa que la Corona Real de VV. AA. no tenga cien «cuentos de renta mas de la que tiene despues que yo vine á les servir, *que*

«*son siete años agora á 20 de Enero este mismo mes:*» La fecha que Casas dá á ese escrito es la del lúnes 14 de Enero de 1493: por lo que se infiere que Cristobal Colon vino al servicio de los Reyes Católicos en Enero de 1486. Mas como en la carta original del Duque de Medinaceli al Cardenal Arzobispo de Toledo se dice textualmente; que antes de entrar Colon al servicio de los Reyes, le habia el Duque tenido en su casa dos años: «*pues á mi cabsa y por yo detenerle en mi casa dos años*, y «haberle enderezado á su servicio, se ha hallado tan grande cosa como «esta» — son sus palabras — resulta; que Colon llegó á España en 1484: ya sea á últimos del año, como afirma su hijo D. Hernando, ó ya á principios, como se desprende del aserto del Duque de Medinaceli.

Esto mismo confirman los restantes ya citados escritos de Colon. A D.ª Juana de la Torre, ama ó nodriza del Príncipe D. Juan, y muy favorecida de la Reina católica, la escribe á fines de 1.500: «*siete* años «se pasaron en la platica, y *nueve* ejecutando cosas muy señaladas y dig«nas de memoria se pasaron en este tiempo». Los siete de las pláticas, sin duda alguna son los trascurridos de 1486, á 92 ambos inclusive. Los nueve, en que pasaron en España cosas dignas de memoria en aquel tiempo, no pueden ser otros que los de 1484 á 1492.

«*Siete años* estuve yo en su Real Corte....» Vuelve á decir en la notable carta á los Reyes Católicos, escrita desde la Jamáica á 7 de Julio de 1503.

En el papel que original existe en el Archivo del Duque de Veraguas, escrito á fines de 1.500, dice tambien: «*Ya son diez y siete años* «que yo vine servir estos Príncipes con la impresa de las Indias:» palabras en que dá á entender vino á España en 1484 con el propósito de buscar el apoyo y proteccion de los RR. CC. para su empresa. «Los ocho, añade allí, fuí traido en disputas....» es decir, de 1485 á 92.

En la carta inserta en el Libro de las Profecias dice: «*siete años* «pasé aquí en su Real Corte, disputando el caso con tantas personas de «tanta autoridad y sabios en todas artes!!...

¡Y bien!: esos siete ó esos ocho años pasados en disputar con personas de tanta autoridad y sabios en todas artes, sabemos dónde y como terminaron: mas no dónde y cómo principiaron y siguieron. Qué fué de Colon en esos años, los más críticos, los más notables quizá de su vida, y sin disputa los más importantes para la historia y aun para el éxito de su empresa: dónde y de qué manera los pasó: qué hay de concreto y de exacto, y qué de exagerado y de vago en la oposicion de todos á su proyecto: quiénes fueron los que «*con risa le negaron burlando*», y quienes los que le prestaron más ó menos decidido apoyo, los que tuvieron fé y contribuyeron eficazmente á que triunfase de los opositores y á que arrollase grandes y pequeñas dificultades.... hé aquí el lamentable gran vacio que todavía presenta la historia del descubrimiento y de la vida de Cristobal Colon: hé aquí, pues, el asunto de este Estudio.

Preocupados con lo portentoso del éxito; absortos á la vista de un nuevo mundo, cuyas costas, como escribia Fernandez de Oviedo, miden

cinco mil leguas, desde el estrecho de Magallanes, á la Tierra de Labrador; embriagados de gozo y de asombro ante el espectáculo de tantas maravillas, los escritores de la época, todos, incluso los más allegados al descubridor, olvidaron aquellos sucesos, aquellos preliminares, aquellos años de laborioso alumbramiento: años notables, preliminares importantes, sucesos dignos de estudio, que han velado con su oscuridad la alta gloria de Colon; y que con ella y á par de ella entrañan honra y prez de personages españoles, hasta hoy olvidados ó desconocidos como poderosos auxiliares en la titánica empresa del navegante genovés.

El romancesco relato de su desembarco cerca de Huelva y de su acceso al convento de la Rábida en actitud de un pordiosero, llevando de la mano á su hijo y demandando para él agua y pan á la portería de aquel Convento, es un suceso perfectamente desfigurado, no solamente en cuanto á las formas, sino en cuanto á la fecha y el fondo.

Esa anécdota la relata D. Hernando Colon en la *Vida del Almirante*, tomándola sin duda alguna de la declaracion prestada por el físico de Huelva, Garcia Hernandez, en el lamentable proceso que D. Diego Colon se vió obligado á seguir contra el fiscal del rey para recabar á favor de su padre el título y merecimientos de descubridor del Nuevo Continente; en cuyo proceso el fiscal del rey hubo de desempeñar un indigno papel, haciéndose eco de todos los cuentos y falsedades que inventaran las envidias y malas pasiones de la época. Pero los escritores, que en gracia de lo novelesco de tal anécdota la han venido copiando y exornando con las amplificaciones á que de suyo se presta, no han reparado que la visita de Colon al Convento de la Rábida, relatada por el físico Garcia Hernandez en su declaracion, se refiere, no á la llegada de aquel á España, en 1484, sino á 1491, cuando los Reyes estaban sobre Granada, y la Reina fundaba la ciudad de Santa Fé; puesto que á este punto se dirigió el emisario de Fr. Juan Perez, y á seguida este mismo, para inclinar el ánimo de la Reina Isabel, ¿á qué?...: no á que aceptara el proyecto de Cristobal Colon, pues que de anterior fecha le tenia prohijado; sino á que admitiese las condiciones puestas por el genovés, cerrase sus tratos, y no dilatara los aprestos indispensables para acometer cuanto antes la empresa.

Que fué el de 1491 el año en que se verificaron la visita á la Rábida y los trabajos del Prior Fr. Juan Perez en favor de la empresa, á que se refiere el físico Garcia Hernandez, lo confirman el mismo D. Hernando,—*Vida del Almirante*, cap. 12,—y Antonio de Herrera,—Dec. I, lib. I, cap. 8:—puesto que convienen en la circunstancia inequívoca de hallarse entonces la Reina en Santa Fé.

Hemos dicho, que D. Hernando tomó de la declaracion del físico la anécdota de la Rábida; pero con estas variantes capitales: El físico dice: «que viniendo (Colon) á la arribada con su fijo Don Diego, que es ahora Almirante, á pié, se vino á Rábida, que es monasterio de frailes en esta villa, el cual (Colon) demandó á la porteria, que le diesen para aquel niñico, que era niño, pan, y agua que bebiese...»

Mientras que D. Hernando dice: «Fuese (D. Cristobal Colon) al Convento de la Rábida con intencion de llevar á su hijo D. Diego á Córdova, y proseguir su viage (á Francia); pero Dios ordenó que no tuviese efecto...»

Esta y otras variantes entre los dos relatos, que ya notó muy atinadamente nuestro historiógrafo Fernandez Navarrete en su «Observacion V, sobre la declaracion que dió el físico Garcia Hernandez, vecino de Palos, á la pregunta 13.ª del fiscal» demuestran lo inexacto y lo amanerado de aquella anécdota. «Bien se nota, dice Navarrete, que D. Hernando tuvo presente la narracion de Garcia Hernandez al escribir la suya; pero habiendo dicho en el capítulo anterior (XI) que el Almirante vino de Portugal á España el año 1484 y dejó á su hijo D. Diego en el Convento de la Rábida, no halló ocasion más oportuna para sacarlo de allí, que fingiendo el viage de su padre á Francia en 1491; lo que es incierto, segun aquella declaracion y las noticias que nos quedan de aquel tiempo.»

De esa y otras bien notables variantes en el relato del suceso de la Rábida se desprende, que la verdad existente en el fondo fué empañada con exornaciones al gusto y propósito de cada cual de los narradores. La visita de Colon al Convento de la Rábida, el conocimiento hecho entonces con el Prior Fr. Juan Perez, la adhexion de este al proyecto y su empeño con la Reina Católica, de la que habia sido confesor, para que decidida é inmediatamente le secundase, otorgando al Genovés lo que solicitaba, son hechos ciertos; pero se verificaron, cuando la Reina se encontraba sobre el campamento de Santa Fé; es decir, de abril de 1491, para marzo de 1492. De todo resulta: que ni Cristobal Colon llegaba entonces de arribada llevando de la mano y á pié á su hijo Diego; que tampoco podia irlo entonces á buscar para seguir su viage á Francia, puesto que no hubo tal viage á Francia, ni Colon podia tener á su hijo Diego en la Rábida; dado que, por declaracion del físico Garcia Hernandez, narrador de la visita, interlocutor en ella y, á lo que indica, consultando, á fuer de perito, y propicio al proyecto que entusiasmó al Prior Fr. Juan Perez, Colon no habia conocido á este fraile hasta aquel momento. Y cuando ni el Prior, ni el Convento le eran hasta entonces conocidos, ¿cómo ha de ser cierto que el niño Don Diego hubiera estado siete años en el Convento, ni que en él le hubiera dejado su padre en 1484?

Todos esos accesorios á la visita de Colon en 1491, al Convento de la Rábida son caprichosos y responden solamente á necesidades ó á preocupaciones del narrador. En D. Hernando habla el enojo por las repugnancias y contrariedades que su padre encontraba en los del consejo de los Reyes Católicos; enojo que naturalmente exarcebó el legítimo orgullo del éxito en la empresa. En el físico Garcia Hernandez, testigo presentado por el fiscal del rey en sus probanzas, se echa de ver el influjo de la opinion, en aquellos momentos extraviada, por consecuencia de haber sido cogida en fragante delito de supina incredulidad y de necio desden hácia el cosmógrafo genovés *de la capa raida y pobre*, como dice Fernandez de Oviedo.

Cristobal Colon, aun cuando no sobrado de recursos en 1484, no estaba tan necesitado que tuviera que venir á España pordioseando. En Portugal habia vivido holgada, si bien modestamente. Viudo y con un hijo de la heredera de Muñiz Perestrello no podia encontrarse en situacion de mendigar. Es cierto que hacia y vendia cartas y mapas: pero eso mismo prueba que, aparte los tesoros de su genio, tenia en su instruccion recursos más que sobrados para vivir sin verse reducido á la mendicidad. Por otra parte, el que desde 1474 cultivaba la amistad de celebres navegantes y sostenia relaciones con sabios como Toscanelli, y hasta con aúlicos y consejeros de los reyes, ¿es de presumir que en 1484 se dirigiera á España desprovisto de todo conocimiento y de toda relacion ó recomendacion? La carta del Duque de Medinaceli al Cardenal Mendoza disipa cuantas dudas pudieran caber á tal respecto, y nos demuestra por sí sola, que Colon tuvo medios y valimiento bastantes, desde su llegada á España, no ya para hacerse oir, mas para hacerse agasajar de los grandes y titulos de Castilla. El opispo de Chiapa, más conocedor que el propio hijo de Colon de los accidentes y vicisitudes de la vida de este desde su entrada en España, nos dice en el Libro I, cap. 30 de su Historia; que antes de ser acogido y hospedado por el Duque de Medinaceli en su casa del Puerto de Santa María, Colon visitó en Sevilla al Duque de Medinasidonia. En este hubo de encontrar incredulidad del género de la que despues halló en el Prior de Prado, Hernando de Talavera: y entonces se dirigió al Duque de Medinaceli, á quien el talante y los altos proyectos y los discursos del genovés agradaron hasta tal punto, que se preparó á realizar por su cuenta la empresa, y llegó, segun Las Casas, á pedir permiso á los Reyes para acometerla; pero la Reina, que consideró la importancia del proyecto, escribió al Duque «cesase en este negocio, porque queria dirigirlo ella misma á sus expensas.» Casas dice, que esto lo supo en la Española por un Diego de Morales, sobrino de un mayordomo que tenia entonces el Duque: y aun cuando en la carta de este al Cardenal no se refieren esos pormenores, harto comprueban lo esencial del hecho las siguientes frases de aquella: «No sé si sabe vuestra Señoría, «como yo tove en mi casa mucho tiempo á Cristobal Colomo, que se ve«nia de Portogal, y queria ir al Rey de Francia para que emprendiese de «ir á buscar las Indias con su favor y ayuda, *é yo lo quisiera probar y «enviar desde el Puerto, que tenia buen aparejo, con tres ó cuatro carabe«las, que no demandaba más;* pero como ví que era esta empresa para la «Reina nuestra Señora, escrebilo á su Alteza desde Rota, y respondióme «que gelo enviase; yo gelo envie entonces...»

Esto se verificaba á últimos de 1485, ó principio de 1486; y es entonces cuando comienza la notabilísima campaña del navegante genovés. Su lucha con el famoso Prior de Prado y sus secuaces, sus derrotas, sus tríunfos, su glória al fin, todo arranca de aquella fecha y de aquel acontecimiento memorable.

¿Dónde se hallaban entonces las Reyes católicos? ¿Cuál era la situacion de sus reinos? Qué proyectos les preocupaban el ánimo, y qué

empresas les embargaban sus fuerzas? ¿Quiénes eran sus hombres de Estado, sus consegeros y sus aúlicos? Todo esto y más diremos en el siguiente capítulo.

Pero antes de ello conviene dejar sentado: Que la história, la verdadera história de Colon no acepta lo de su llegada á España en las condiciones y en la actitud que novelescamente le presta la anécdota relatada por García Hernandez, impregnada de influencia Pinzonesca,—séanos permitido el adjetivo:—Que Cristobal Colon no visitó el Convento de la Rábida, ni conoció á su Prior Fr. Juan Perez hasta el año de 1491, cuando ya la Reina Isabel se hallaba sobre Santa Fé: Que entonces y á título de confesor de S. A. la instó por escrito y de palabra, no para inclinarla á tomar á su cargo la empresa del viage, sino para persuadirla á aceptar las condiciones estipuladas por el genovés y facilitarle cuanto antes los medios de ejecucion. Más adelante veremos las consecuencias que se desprenden de estos hechos, sobre los que no dejan duda alguna las narraciones del físico de Huelva, de Las Casas, de D. Hernando, de Bernaldez y del mismo Colon: Que este no pudo dejar á su hijo Diego en la Rábida desde 1484 hasta 1491, como supone, para salir del paso, su otro hijo y biógrafo de Hernando; siendo no solo verosímil, sino cierto, que uno y otro,—el segundo desde su nacimiento—vivieron en Córdoba al cuidado de D.ª Beatriz Enriquez, madre de este último: Que Colon, harto conocedor cuando llegó á España, de la árdua y capital empresa en que se hallaban empeñados los Reyes católicos y para cuyo feliz término apenas si podrian ser bastantes las fuerzas reunidas de Castilla y Aragon, si bien con el propósito de someterles su proyecto y fiar la ejecucion á su apoyo y poderío, desahuciado ó friamente recibido por el Duque de Medinasidonia, manifestó al de Medinaceli, que su intento era dirigirse á Francia y ofrecer á su Rey la empresa del descubrimiento. Que de tal intento le disuadió el de Medinaceli; quien le recomendó con vivo interes á la Reina, despues de haberle escuchado con admiracion y hospedado con noble generosidad, durante dos años. Y dicho queda ya, y acreditado con el irrefutable testimonio del Duque, que la Reina Isabel habia prohijado el proyecto, aun antes de ver y oir á Colon. Pronto veremos lo que sucedió despues de haberle escuchado.

La sencillez y la autenticidad de estos hechos privan, es cierto, á la historia de Colon del atractivo, por una parte romancesco y por otra católico, que han acertado á darla con pinceladas magistrales los Lamartine y los Rosselly de Lorgues; pero en cambio dejan ver al héroe, y á los que le contrariaron, y á los que le auxiliaron en España, á la luz clara de la verdad histórica.

Desde el momento que no se confunden ó no se cambian fechas, no hay necesidad de inventar incidentes, episodios y lances, ni de confundir personages, ni de aplicar á unos lo que fué obra de otros: en una palabra, no se necesita, para hacer historia, pedir á la imaginacion lo que pueden y solo deben dar los documentos y la tradicion, depurados al crisol de la crítica sana, severa é imparcial.

Decimos esto, porque Lamartine, como Rosselly y como tantos otros historiadores, al colocar la visita al Convento de la Rábida en 1484, contra lo que atestiguan documentos y testimonios irrefutables, se han visto en la precision de confundir á Fr. Antonio de Marchena con el Prior Fr. Juan Perez, de hacer á este proveedor de cartas y de dineros á Colon para que pasase á Córdoba y se presentase al Prior de Prado Fr. Hernando de Talavera, pintando de pasada al gran cosmógrafo genovés en la triste situacion de un pordiosero y en la actitud de un franciscano mendicante: nada de lo cual es exacto, como dejamos demostrado y como hemos de ver más y más corroborado con lo que hemos de decir y probar adelante. Tales errores han engendrado otros muchos que, sobre desnudar la historia de su severo ropage, han llegado á desfigurar los sucesos y los personages, quitándoles su natural colorido y hasta su verdadero y trascendental interés histórico.

CAPITULO III

1484 á 1486

Cristobal Colon visita y expone sus designios á los Duques de Medinasidonia y de Medinaceli.—Proteccion que este último le dispensa.—Su presentacion en la Corte.—Aspecto que España ofrecia en aquellos momentos, y situacion crítica de los Reyes Católicos.—Protectores que allí mismo encuentra Colon.

El navegante genovés no llegó á España, como se ha tantas veces repetido, enteramente desprovisto de recursos materiales, y menos aún de valimiento y de medios de accion. Con ellos se presentó, no al acaso y como peregrino, en el Convento de la Rábida, sino deliberada y buenamente en Sevilla, predilecta mansion por entonces de los más granados de la Corte, que no tenia residencia fija, pero que abierta la campaña contra Granada, desde 1482 moraba, por lo general, en Córdoba.

A Sevilla fué, no á Palos de Moguer, donde se dirigió Colon luego de su entrada en territorio español; y al entonces poderoso Duque de Medinasidonia, Enrique de Guzman, á quien primero visitó y habló de sus proyectos. ¿Le prestaron auxilios ó siquiera recomendaciones, como tambien pretende el historiador Rosselly, los personages italianos que por aquellos tiempos desempeñaron cargos ó ejercieron funciones de alguna importancia en la Corte de los Reyes Católicos? Si hay fundamento para suponerlo, no existe razon valiosa para afirmarlo; ni sabemos que exista dato ni documento alguno histórico en que apoyarlo. Ya hemos visto que Angleria designaba á Colon con el nada amistoso adjetivo de un *quidam;* y esto, aun despues del éxito portentoso y por él tan enco-

miado de la empresa. Además, Angleria no vino á España hasta el año de 1487, ú 88: que Lucio Marineo no acertaba siquiera con el verdadero nombre del descubridor genovés, y mucho menos con los medios y modos del descubrimiento. Es, cuando menos, problemático, que por entonces se encontrasen en España los hermanos Geraldini; hecho que gratuitamente asevera Roselly. El Nuncio apostólico era entonces Scandiano; y no se vé una sola vez citado por Colon, ni por su biógrafo, ni por Bernaldez, ni por Las Casas, ni por Herrera, entre los protectores del genovés, ó de su empresa. Y otro tanto, por lo menos, podemos decir de Paulo Olivieri, Secretario de la Nunciatura, y de Antonio Blaniardo, compatriota de Lucio Marineo. El protector primero y único de Colon á su llegada á España y hasta fines de 1485, ó principios de 1486, fué el Duque de Medinaceli, D. Luis de la Cerda, el caballeroso rival del Marqués de Cádiz, D. Rodrigo Ponce de Leon. Era aquel, despues del de Medinasidonia, el mayor potentado de la nobleza castellana. Tenia casa solariega en el Puerto de Santa María; y á título de Señor feudal, ya que no al de armador, mantenia y podia fletar una escuadrilla sobre el Mediterráneo y el Atlántico. Enamoróse al punto que oyó á Colon, de sus proyectos; y ya hemos visto, que intentó tomar á su cargo los aprestos para la ejecucion de aquellos. Detúvole la noble consideracion de que tamaña empresa cuadraba, mejor que á él, á la animosa Reina de Castilla. Ofrecióselo con encomio; y tal debió ser este, que la magnánima Isabel aceptó sin vacilar el ofrecimiento, y quiso ver al atrevido navegante y escuchar los fundamentos de su portentoso proyecto. Y hé aquí á Cristobal Colon en Cordoba y ante los Reyes Católicos, bajo la proteccion harto eficaz del Duque de Medinaceli.

No lo precisa este en su carta al Cardenal Mendonza; pero sin esfuerzo se colige, que la ida de Colon á Córdoba y su apresentacion á los Reyes se hubo de verificar á principios de 1486, puesto que llegó á España en 1484. Es más que verosímil, que el Duque le dirigiese á las personas más allegadas á la Reina: no de otra manera se explica el favor que le dispensaron, desde los primeros momentos de su presentacion en la Corte, Luis de Santangel, Alfonso de Quintanilla, el Cardenal Mendoza, Fr. Diego de Deza y algunos otros personages de que nos ocuparemos en breve: hecho que atestiguan Las Casas, Herrera, Oviedo y el mismo D. Hernando Colon, en parte.

Si cien y cien actos hazañosos y memorables de su vida no acreditasen el levantado espíritu y el corazon entero de Isabel primera, bastaria par demostrarlo el de la acogida hecha á Cristobal Colon y á su árdua empresa, dadas las circunstancias en que esto se verificó. Apenas libre de los calamitosos azares de la guerra civil, comenzada por los adictos á la Beltraneja y, con tanto empeño como adversa fortuna, sostenida por Portugal; agotado el real tesoro; con la vista fija, por premiosa necesidad, en el Rosellon y la Navarra; esquilmado el reino; en lucha abierta y rebelion constante sus próceres y ricos-hombres; alzadas en contra de los reyes un gran número de fortalezas; é infestados los

campos y los caminos por bandas de gente armada, que saqueaban los pueblos y robaban á los transeuntes,—como dice acertadamente un historiador de nuestros dias—la preocupacion más inseparable de Isabel era, en medio de todo eso, la guerra contra el Islam, y su decidido empeño el de poner término á la titánica lucha de ocho siglos, arrebatando á aquel sus últimos, pero formidables baluartes, en la península.

Empeñábase la célebre campaña contra la morisma, cabalmente en los momentos de la llegada á España del navegante genovés, y con tan funestos auspicios por cierto para las armas cristianas, que á su derrota en la Axarquia habia precedido el forzoso alzamiento del sitio de Loja, en que dió su vida el jóven Gran Maestre de Calatrava, y en que sellaron con su sangre la fidelidad al monarca, el Duque de Medinaceli, el conde de Tendilla y el mismo Condestable. Pero ni estos desastres amenguaron el valor de las armas cristianas, ni fueron poderosos á entiviar el varonil denuedo de la reina Isabel, á cuyas instancias y perseverante solicitud se continuó con más brios la campaña en 1485; viendo al fin de ella la reina y sus castellanas huestes coronados sus esfuerzos con la prision del rey Chico, la ocupacion de Coin y de Mora, la de Alozaina y Cartama, la toma de Ronda y la de Marbella.

Crecian con el placer de estos tríunfos las esperanzas de ver ondear en los muros y en las torres de Granada el estandarte de Castilla: lo cual, de paso que excitaba el celo de la reina, aumentaba el ardor bélico de las huestes cristianas; y el año 1486 daba principio con poderosos aprestos de guerra. En esos críticos y por todo extremo angustiosos momentos, se presentó á los Reyes católicos, en Córdoba, Cristobal Colon.

De franca y varonil fisonomía, «alto de cuerpo, el rostro luengo y autorizado, la nariz aguileña, los ojos garzos, la color blanca, que tiraba á rojo encendido, la barba y cabellos canos, gracioso y alegre, bien hablado y elocuente» el modesto extrangero, con dignidad admirable y con seguridad asombrosa, ponia á los piés de la Corona de Castilla *el nuevo mundo* que entrañaba su proyecto, la tierra de los tesoros, cuyo cercano hallazgo aseguraba, navegando al Occidente.

Se ha notado por muchos, en son de censura, despues del suceso, el frio desden ó cuando menos el retraimiento con que el Rey Católico oyó los proyectos y promesas del navegante genovés: lo cual es más que verosímil, por más que otra cosa diga el respetable Yrwing; pero tampoco era caso extraño, ni merecedor de censura, atendidas las circunstancias del momento, los precedentes del asunto, su aspecto utópico por lo grandioso, y sobre todo, las condiciones del carácter y del talento de D. Fernando.

Todos los historiadores de la época, lo propio que los modernos,—Prescott é Yrwing mismos, que elogian las altas dotes de aquel rey, convienen en que era cauteloso y frio. «Desgraciadamente para su popula-«ridad, dice Prescott, Fernando no estaba dotado de carácter franco y «cordial, de aquella expansion del alma que inspira amor; y hasta en la

«vida privada se conducía con la misma reserva é impenetrable frialdad, «que en la pública. Frio y calculador, aun en pequeñeces, demostraba «bien claramente, que todo lo referia á su persona.»

Pero aparte de esto, forzoso es convenir en que, por grande que su ambicion fuera, y por feliz su estrella, las preocupaciones y compromisos que debian embargar su ánimo en aquellos momentos, bien disculpan, si es que no justifican, el retraimiento del monarca aragonés.

Fueron necesarios el corazon generoso, el espíritu valiente de la Reina de Castilla, su alma fervorosa, y por lo tanto propensa á entusiarmarse por todo lo que se ofrecia á su vista ó á su entendimiento con caracteres de grandeza y de bondad; fué necesaria la magnanimidad de aquella muger para oir, en tales momentos, á Colon, con interés tan vivo, tomar en serio designios que por lo grandiosos, empresas que por lo arriesgadas llevaban consigo el sello de lo fabuloso; fueron necesarias tan altas prendas, sin duda alguna, para colocarse, al fin, decidida y resueltamente de parte de Colon, en medio de la tenaz oposicion y resistencia de su predilecto confesor y consejero, Fr. Hernando de Talavera. «La ocasion, dice á este propósito Prescott, en que Colon presentó su proyecto á los reyes de España, era la menos favorable que se pudiera haber imaginado.»

Pero habia sonado la hora, en el reloj de los tiempos, para las grandes tareas que están repartidas á la humanidad. El siglo gigante tocaba á su fin. Los portentosos efectos de la brújula, de la pólvora y de la imprenta, la caida de Constantinopla bajo la cimitarra de Mahomet, la resurreccion de las letras, el movimiento de las inteligencias, la sacudida de los espíritus, el erguimiento de las conciencias, preludiaban, entre las convulsiones y estremecimientos que preceden á toda trasformacion, la alborada de la nueva edad del mundo.

Era entonces España una gran masa en fusion, un estado embrionario: grandes elementos, pero dispersos, y como en fermento.

Alto clero y nobleza en constante rebeldía y en contínuas luchas de codiciosa ambicion: intrigas, complots, depredaciones: marqueses de Villena, arzobispos Carrillo, Maestres de las órdenes á lo Pacheco y Giron, alcaides de Castronuño y de Monleon: todos avizorando, cuando no urdiendo, ocasiones de revueltas y de medros. Francia y Portugal acechando la coyutura de hacer presa en los disgregados miembros de este nuevo Hércules, á eternos trabajos condenado. Y en la Alhambra, y en Gibralfaro, y desde Loja hasta Almería, ondeando aún poderosa la media luna.

En aquel mismo año de 1486 reclamaban con instancia la presencia de los reyes en el norte de España, la completa anarquía en que se hallaba Galicia:—cada señor un tirano, y cada foragido un señor:—la rebelion del Conde de Lemos, dueño de varias plazas y fortalezas,—la de Ponteferrada entre ellas—: el motin clerical, y la sublevacion en Trujillo, con motivo de haber preso á un clérigo, que habia perpetrado un crímen: la reciente atrocidad del señor de Salvatierra, el Mariscal

D. Pedro, que habia hecho degollar á un Escribano, sin otra ceremonia, y sin más causa que la de haber dado á la madre de aquel copia del testamento de su difunto padre: amago de lides abiertas entre el Duque de Alba y el Conde de Miranda: riepto entre el Bachiller Becerra y el Licenciado Francisco Alcaráz... Tales eran las condiciones de la época, el estado de España, la situacion de los Reyes Católicos, y con relacion al año 1486, los desbordamientos y desórdenes, para cuyo atajo y correctivo tuvieron aquellos que emprender, en setiembre de aquel mismo año, una rápida y quizá extratégica expedicion á Galicia, apenas terminada gloriosamente la campaña de Andalucia con la toma de Loja y la rendicion de Illora y de Moclin. En tales circunstancias habian recibido los Reyes á Colon, y no le despidieron.

¿Cuándo le habian oido? ¿Quiénes le habian facilitado la audiencia? ¿Qué resultados produjo? Las encontradas y varias contestaciones que á esas naturales preguntas han dado, de una parte Hernando Colon, y de otra el P. Las Casas, Barros, Bernaldez, Oviedo y Herrera, han contribuido á envolver el suceso en oscuridad tan grande, que para salir de ella, los biógrafos é historiadores modernos han roto el velo por donde mejor y más ancho campo les ofrecía, al intento de confirmar tal acariciada idea, ó tal predeterminada tésis.

Ninguno, en esa parte, más ingénuo que el P. Las Casas, el cual reconoce la oscuridad del asunto; y aunque hace alarde de poseer y de haber tenido en sus manos más noticias y más documentos de Cristobal Colon que ningun otro, confiesa, sin embargo, las dudas que en su tiempo mismo existian para resolver con acierto aquellos problemas; y se contenta con exponer, en forma de hipótesis, todas las narraciones, todos los comentos, «*las diversas vias*,» dice él, que se habian trazado al intento de determinar la llegada de Colon á España, las primeras personas que le prestaron apoyo y que le facilitaron acceso á los reyes, la época de este, y sus inmediatas consecuencias.

El nudo de esa especie de laberinto lo forma, pura y simplemente, el suceso de la Rábida, tal como lo refiere D. Hernando, de quien lo tomaron Las Casas, Oviedo y el mismo Herrera. Trayendo á Colon desde Portugal á aquel punto, en 1484, con el solo objeto de que dejase allí á su hijo Diego y, como ahora se le antoja á Rosselly de Lorgues, con el de que el Guardian de aquel Convento, le diese dineros y cartas de recomendacion para el Prior de Prado al intento de que pudiera ofrecer la empresa del descubrimiento á los Reyes Católicos, todos esos escritores no supieron qué hacer de Colon hasta 1492, si no es traerle y llevarle de esperanzas en desengaños, de contrariedades en desdenes, y de desdenes en repulsas, despidiéndole la Corte y volviéndole á llamar, para volverle á despedir. Y como eso todavía no era bastante para llenar el largo período de los siete ú ocho años, se vieron forzados á llevarle por los palacios de Medinasidonia y de Medinaceli, con posterioridad á la presentacion á los reyes. Esto les condujo á confundir la persona de Fr. Antonio de Marchena, cosmógrafo, con el guardian de la Rábida, Fr. Juan Perez,

confesor de la Reina; á no saber explicar la verdadera y única entrevista de Cristobal Colon con este fráile, en 1491; y á no hacer mérito de las conferencias de Salamanca; bien fuera por confundir con ellas las de la junta convocada, de órden de los Reyes, por el Prior de Prado; bien por no conocerlas; ó ya porque su relato contrariase el propósito de D. Hernando Colon, en quien la interesada y orgullosa conducta de los Pinzones y otros émulos de su padre, y el recuerdo de los trabajos y contrariedades por este sufridos, habian despertado cierta especie de rencor, que sin duda ofuscó su entendimiento, hasta el punto de que, para realzar los merecimientos y la gloria del Gran Almirante, no vió otros caminos que el de ponderar las contrariedades que habia experimentado, y el hacer caso omiso de cuantas personas — y fueron muchas — le habian prestado apoyo y decidida proteccion.

Enumerando en el capítulo 2.° de su *Historia*, las que él llama falsedades principales de Agustin Justiniano en su Crónica, dice: «la se-«gunda falsedad es, que la primera vez que vino á Castilla (*Cristobal «Colon*) aceptaron los Reyes Católicos, D. Fernando y D.ª Isabel, su pro-«posicion, despues de siete años, que les fué hecha por él, rehusándola «todos.»

Como se vé, el sentido de ese periodo es por tal manera oscuro, que no se acierta á entender, si niega ó confiesa la aceptacion por parte de los Reyes; aunque parece querer decir, que estos aceptaron, pero siete años despues de hecha la proposicion. Ya veremos adelante lo que los Reyes aceptaron desde luego; lo que aplazaron para más tarde; y lo que discutieron despues mucho, y solamente la Reina Isabel aceptó en abril de 1492. Pero desde ahora afirmamos, que D. Hernando, sobre ser ambíguo en ese pasage, es omiso, como en otros muchos; lo cual le hace ser inexacto y dar márgen á crásos y trascendentales errores. Con documentos de su mismo padre se encargará de probarlo Fr. Bartolomé de las Casas; documentos que este vió y tuvo en sus manos, como repite muchas veces en su lastimosamente inédita *Historia del descubrimiento de las Indias*.

En el Capítulo 11.° de aquella otra que tiene por epígrafe — «Sale de Portugal el Almirante, pasa á Castilla, y proposiciones que hizo á los Reyes Católicos D. Fernando y D.ª Isabel» — dice tambien D. Hernando: «el cual (el Almirante) partió secretamente de Portugal al fin del año de «1484, por temor de que su rey le estorbase, pues viendo que habian «faltado á su obligacion los de la carabela deseaba volviese á su gracia «el Almirante y á tratar de la empresa. Vino á Castilla, y dejando á su «hijo en Palos, en un convento llamado la Rábida, pasó á Córdoba, donde «estaba la Corte, y con su amabilidad y dulzura travó amistad con las «personas que gustaban de su proposicion, entre las cuales Luis de San «Angel, caballero aragonés, escribano de la Razon de la Casa Real, su-«geto de gran prudencia y capacidad, entró muy bien en ella. Habló al «Rey sobre que el Almirante mostraba por razon la posibilidad de su «empresa. El Rey cometió al Prior de Prado, que despues fué Arzobispo

«de Granada, para que con los más hábiles cosmógrafos conferenciase «con Colon, hasta que quedasen plenamente instruidos de su designio, y «le informasen con su dictámen, y volverlos á juntar despues para de- «terminar sobre las proposiciones que hubiera hecho. Obedeció el Prior «de Prado; pero *como los que habia juntado* eran ignorantes, no pudie- «ron comprender nada de los discursos del Almirante, que tampoco que- «ria explicarse mucho, temiendo no le sucediese lo que en Portugal.» Re- fiere á seguida las objeciones *que los de aquella junta le hacian*, y conti- núa: «... por lo que tuvieron la empresa por vana é imposible y que no «era decente que tan grandes Príncipes se moviesen á protegerla con tan «débiles informes. Con que despues de haber gastado mucho tiempo en «esta materia, respondieron sus Altezas al Almirante hallarse impedidos «de entrar en nuevas empresas por estar empeñados en otras muchas «guerras y conquistas, especialmente en la de Granada, en que se ha- «llaban: pero *con el tiempo habria mejor ocasion para examinar sus pro- «posiciones y tratar de lo ofrecido:* y en efecto, los reyes no quisieron oir «las grandes promesas del Almirante.» Hé ahí el pasage causa de todas las inepcias y de todos los errores, cometidos por los historiógrafos anti- guos y modernos.

Dejemos á un lado, por demasiado visible, la incorreccion con que está escrita la obra de Hernando Colon, ó la infelicidad con que se vertió del castellano al italiano, ó de este idioma otra vez al nuestro: y fijémo- nos solamente en las contradicciones, en las omisiones y en las inexacti- tudes en que su preocupacion constante, ó la pasion del momento en que escribe, le hacen incurrir á cada paso. Desde luego se advierte que salta sobre los años y los sucesos como una cebra acosada saltar pudiera so- bre abismos.

Ya hemos dicho, que de la visita á la Rábida habló, muchos años antes que D. Hernando, el físico de Palos, Garcia Hernandez: y habló como testigo ocular, como interlocutor y parte principal en la conferen- cia, provocada por el Guardian: que este se llamaba Fr. Juan Perez á secas—siempre lo llama así, y lo mismo hace el P. Las Casas, en su *His- tória*, capítulo 36 y siguientes:—que aquel Fr. Juan Perez habia sido confesor de la Reina Isabel: que la visita se verificó cuando aquella se encontraba en Santa Fé, es decir, en 1491: que no iba Colon á buscar á su hijo Diego, puesto que lo llevaba de la mano: que no le eran hasta entonces conocidos el Guardian Fr. Juan Perez, ni el Convento, si bien, desde aquella entrevista y conferencia, le sirvieron de mucho y muy efi- caz auxilio. Dedúcese de aquí irrecusablemente, que lo afirmado por D. Hernando y hoy amplificado por Rosselly de Lorgues, relativamente á la presentacion de Colon en la Rábida, como peregrino y fugitivo de Portu- gal en 1484, no tiene caracteres de hecho histórico, ni de verosimilitud siquiera.

Declaramos que eso no nos bastaria para negarlo en redondo, si no tuviéramos á la vista la carta original del Duque de Medinaceli al Car- denal Mendoza, de cuyo importante documento es forzoso volvernos á

ocupar. Ella demuestra, que antes de presentarse en la Corte de los Reyes Católicos, Cristobal Colon se había presentado al Duque en el Puerto de Santa María: que el Duque le habia acogido con benevolencia y había querido tomar á su cargo la realizacion de los designios de aquel; pero que la Reina Católica, á quien dió conocimiento de ellos, reclamó para sí la ejecucion, y le manifestó deseos de ver y oir al cosmógrafo y navegante genovés.

Añádese á esto el hecho, revelado por Las Casas y confirmado por el propio D. Hernando, de haber acudido Cristobal Colon al Duque de Medinasidonia, en demanda de medios para la ejecucion del proyecto, antes que al de Medinaceli. Y como este, en su carta al Cardenal, declara que tuvo en su casa *dos años* á Colon de recien llegado á España: —«*pues á mi cabsa y por yo detenerle en mi casa dos años y haberle en-*«*derezado á su servicio* (al de la Reina) *se ha hallado tan grande cosa* «*como esta*»—bien se puede asegurar, que Colon no se presentó en la Corte, ni fué recibido por los Reyes Católicos hasta bien entrado el año 1486: debiendo haber llegado á España, no á fines, sino á principios de 1484.

Hasta que nuestro infatigable Navarrete logró desenterrar la notable carta del Duque de Medinaceli al Cardenal, solamente el P. Las Casas habia hecho mérito de los servicios prestados á Colon por aquel noble potentado: y Las Casas no se refiere á la carta, que ni él, ni D. Hernando conocieron, sino al relato que en la isla Española le hiciera un tal Diego de Morales, sobrino de un moyordomo que tenia aquel Duque. La relacion, cierta en lo esencial, varía en las circunstancias, como ya lo observó el mismo Navarrete: pero la carta dice más, dice una cosa, en que sin duda no reparó bien Navarrete; pues que á haberla advertido no habria impugnado el aserto de Herrera, sobre que la Reina no solo habia escuchado el notable discurso de Luis de Santangel en favor de la empresa, sino «que tambien le dijo, se veia importunada en la misma «conformidad de Alonso de Quintanilla, que con ella tenia autoridad; y «que les agradeció el consejo, y dijo, *que le aceptaba*, con que se aguar-«dase á que se alentase algo de los gastos de la guerra.» Navarrete dice que esta especie es incierta, porque Quintanilla no se hallaba *entonces* en la Corte. Ese *entonces* de Navarrete se refiere á 1491, año en que, por el error nacido de D. Hernando, supone hechas las eficaces recomendaciones de Santangel y de Quintanilla á la Reina, y la aceptacion condicional por parte de esta.

Mas como quiera que esto no ocurrió en 1491, sino en principios de 1486, en el cual Quintanilla se encontraba al lado de los Reyes, el aserto de Herrera queda con toda su fuerza: fuerza que hace incontratable el siguiente periodo de la carta de Medinaceli, que pasó desapercibido para el perspicaz Navarrete, efecto de su preocupacion relativamente á la fecha del suceso:—«Su Alteza lo recibió (á Colon) y *le dió* «*encargo á Alonso de Quintanilla, el cual me escribió de su parte*, que «no tenia este negocio por muy cierto; pero que si se acertase, que su

«Alteza me haria merced y daria parte en ello: y despues de haberle «bien examinado, acordó de enviarle á buscar las Indias.»

Se vé, por aquí, claro como la luz, que las recomendaciones de Alonso de Quintanilla, de que hace mérito Herrera—Dec. 1.ª, lib. 1.º, cap. 8—se refieren al año de 1486, cuando más tarde; y que Quintanilla fué uno de los muchos partidarios y protectores que en España tuvo Colon; de lo cual no solamente tenemos los irrecusables testimonios del Duque de Medinaceli y del historiador Herrera, sinó el de Salazar de Mendoza:—Crónica del Gran Cardenal: Lib. 1.º, cap. 62,—donde, refiriéndose á la oposicion que en el Prior del Prado encontró desde el primer momento Colon, dice: «Viéndose desahuciado y sin remedio, *acordó de «meterse por la puerta de Alonso de Quintanilla*, Contador mayor de Cas- «tilla, *el cual, agradándose mucho de la pretension, le introdujo con el «Cardenal*, y habiéndole oido le parecieron muy bien las razones que «daba de su intento.»

Pero quien dá mas extensa é ingénuamente noticia de todas las personas de posicion, que se adhirieron á los designios de Cristobal Colon y le prestaron apoyo, es el P. Las Casas. Oigámosle:

«Llegado que hubo (Colon) en la Corte, á 20 de enero de 1485, (ya «hemos visto que en esto padece error) comenzó á entrar en una terri- «ble, contínua, penosa y prolija batalla, que por ventura no le fuera «tanto áspera ni tan horrible la de materiales armas, cuanto la de infor- «mar á tantos que no le entendian, aunque presumian de le entender, «responder y sufrir á muchos que no conocian ni hacian mucho caso de «su persona, recibiendo algunos baldones de palabras que le afligian al «alma. Y porque el principio de los negocios árduos en las Cortes de los «reyes es dar noticia larga de lo que se pretende alcanzar á los más pri- «vados y allegados á los príncipes, asistentes más contínuamente á las «personas reales, ó en su consejo, ó en favor y privanza, por ende procu- «ró de hablar é informar las personas que por entonces habia en la Corte «señaladas y que sentia que podian ayudar. Estas fueron el Cardenal «Don Pero Gonzalez de Mendoza, que aquellos tiempos por su gran vir- «tud, prudencia, fidelidad á los reyes y generosidad de linage y de áni- «mo, eminencia de dignidad, era el que mucho con los reyes privaba. «Con el favor de este señor, dice la historia portugesa, (se refiere á la «de Juan de Barros) que aceptaron los reyes la empresa de Cristabal Co- «lon. Otro, el Maestro del Príncipe D. Juan, Fr. Diego de Deza, de la «órden de Santo Domingo, que despues fué Arzobispo de Sevilla. Otro «fué el Comendador mayor Cárdenas. Otro el Prior de Prado, fraile de «San Gerónimo, que fué despues Arzobispo de Granada. Otro fué Juan «Cabrero, aragonés, camarero del rey, hombre de buenas entrañas, que «querian mucho el rey y la reina: y en carta escrita de su mano de «Cristobal Colon vide que decia al rey, que el susodicho maestro del «Príncipe, Arzobispo de Sevilla, Fr. Diego de Deza, y el dicho Camare- «ro, Juan Cabrero, *habian sido causa que los Reyes tuviesen las Indias.* «E muchos años antes que lo viese yo escrito de la letra del Almirante

«Colon, habia oido decir que el dicho Arzobispo de Sevilla, por sí, y lo «mismo el Camarero Juan Cabrero, se gloriaban que *habian sido la cau-«sa de que los reyes aceptasen la dicha empresa y descubrimiento de las In-«dias*. Debian, cierto, ayudar en ello mucho, aunque no bastaron, porque «otro, á lo que parecerá, hizo más: y este fué un Luis de Santangel, es-«cribano de las Raciones, caballero aragonés, persona muy honrada y «prudente, querido de los Reyes, por quien finalmente la Reina se de-«terminó. Con este tuvo mucha plática y conversacion; porque debiera «de hallar en él buen acogimiento.»

Haciéndose cargo de las divergencias que se hallan entre los antiguos autores acerca de estos importantes hechos y de las fechas en que ocurrieron, el historiador Prescott dice, en la nota 19 al cap. 16 de la Historia de los Reyes Católicos; «que aquellas divergencias son tales, que hacen desesperar de que se pueda fijar con exactitud la cronología de las vicisitudes de Colon, anteriores á su primer viage.» Si no nos engaña el buen deseo, este estudio ha, por lo menos, de contribuir, no solo á fijar la cronología, sino tambien los hechos mismos, depurándoles de los preconceptos y de los errores que los han privado hasta hoy del brillo y del encanto de la verdad.

(Continuará).

Tomas R. Pinilla.

O CRIME DO PADRE AMARO

XI

Logo ao outro dia Amaro foi a casa do conego fallar com a sr.ª D. Josefa: encontrou-a na salla de jantar arranjando, n'uma grande travessa azul, ladrilhos de marmellada: tinha um vestido de bareje, curto, já roto, os seus pés chatos e largos n'umas grandes botinas de duraque velho arrastavam-se devagar em redor da mesa: cobria-lhe a cabeça um lenço de seda preta, puxado para diante; o seu rosto apparecia dentro encarquilhado, livido, com os oculos azues.

— Viva! isso é que foi madrugar! Pois olhe já cá tenho a primeira missinha. Fui ali á capella de Nossa Senhora do Rosario. Disse-a o padre Vicente. Fiquei mesmo consolada!

Então Amaro, abruptamente, com palavras rapidas, de pé, fallou-lhe da S. Joanneira; que a idiota morrera, que na vespera fallára a Amelia a respeito do casamento:

— Porque soube cousas!

E então Amaro contou á sr.ª Josefa Dias o que lhe dissera na sacristia o padre Natario: a impiedade de João Eduardo, o seu desleixo pelos deveres religiosos, o seu odio ao clero, a irregularidade da sua moral.

— Eu sempre disse, eu sempre disse! affirmava alegremente a velha.

Porque odiava o escrevente; elle ás vezes tinha para ella certas ironias, risos, referencias á sua devoção.

— Maroto! disse ella.

E então Amaro pedia o auxilio da sua experiencia encanecida e da sua subtileza de pessoa religiosa; que convencesse Amelia, lhe mostrasse o peccado, que esclarecesse a S. Joanneira, influenciasse o conego.

— Trata-se de salvar aquella alma!

E disse os conselhos que lhe dera na vespera á lareira. Accrescentou que o escrevente contára um dia certa devoção da sr.ª D. Josefa Dias, na botica.

— Patife! disse a velha.

Era necessario, pois, affastal-o; talvez fosse tarde, mas ella ignorava a verdade, suppunha-o honesto e bom.

— Fique descançado, senhor parocho, fique descançado.

— Mas falle-lhe, falle-lhe, dizia o conego, baixo, com grandes gestos, diga-lhe o pecado que é, lembre-lhe o inferno, aterre-a, obrigue-a a confessar-se.

— Deixe-a comigo, deixe-a comigo!

— Ande, ande, minha senhora, que é um serviço que faz á religião. E ia sahir apressado.

— Então não quer provar da minha marmellada? disse a beata.

— Não, não!

E já nos degraus da escada, lembrava-lhe que mandasse chamar Amelia, para a tirar d'aquelles aspectos da morte, dos preparativos do enterro.

— E falle-lhe, falle-lhe!

Ia preocupado, aturdido, nervoso. Á porta uma pobre com uma creança ao collo, pediu-lhe esmola, com um modo choroso.

— Vá trabalhar, vá trabalhar, disse elle, afastando-se rapidamente, e a sua capa de lustrina preta enfunava-se em redor d'elle.

Amelia veiu, era meio dia na Sé, para caza do conego. Vinha de luto, e parecia extremamente nervosa. Ao desabotoar o casaco de panno preto, as mãos tremiam-lhe, e não podia acertar com os colxetes; uma vermelhidão agitava-lhe a pelle da face; os olhos negros destacavam encovados no fundo batido das olheiras. A irmã do conego, ao pé da janella, fazia meia com grandes lamentações sobre *a pobre alminha de Deus* (fallava da idiota) e considerações sobre a morte.

— A mamã, coitada, está com uma pena! disse Amelia. Sempre era irmã. Eu não preguei olho toda a noite. Um desgosto assim!

E como estava sobreexcitada, fallava com muitas palavras todas melancolicas, dizendo a tristeza do seu destino, a pouca fortuna que tinham; que a mãe lhe podia faltar d'um momento para o outro; e naturalmente lembrando-lhe o casamento, ficou callada, e com suspiros levava aos olhos a ponta do seu avental de seda preta.

A irmã do conego, então, começou a fallar-lhe do escrevente.

— Foi o sr. parocho que lhe disse? perguntou Amelia.

— Ah! eu sei, eu sei. Sabia ha muito tempo! A mim não me enganava elle.

— Custa-me a acreditar tanta cousa!

Mas então a sr.ª Josefa Dias, com a voz aspera, fazia a historia dos erros de João Eduardo, as suas irregularidades, as suas irreligiões, e n'um impeto piedoso, pensando servir o Ceu, in entava, em voz baixa, como n'um confissionario.

—Mas que heide fazer? perguntava Amelia. Por que emfim, se não tinha por elle uma paixão, estimava-o; encontrava-o sempre bom, humilde, timido, simples: sabia que elle trabalhava, e só porque elle não ia á missa, ou passava um anno sem se confessar....

—Cala-te rapariga, cala-te, —que estás a metter a tua alma no inferno. Pois olha-se lá para um homem que passa semanas e semanas que não põe os pés n'uma egreja!

Amelia calou-se: e esta annuencia, animando as palavras da velha, esta fallava dos homens que apesar de bons trabalhadores, honestos, não podiam entrar no *reino da Gloria*, por que não se tinham confessado, e não resavam ao deitar-se.

—Mas talvez elle mudasse! dizia timidamente Amelia.

—Defende-o, defende-o! Bem se vê que estás pelo beiço!

Como repentinamente á sua memoria amarga e celibataria viessem idéas de felicidades que não teve, e de gosos de que fôra privada, teve uma colera, e atirou-lhe estas palavras:

—Queres antes viver com elle do que salvar a tua alma!

Amelia começou a chorar.

—Ai! filha, olha que eu digo-te isto para teu bem! A mim bem se me dá!

Houve um silencio.

—Mas se a mamã me falta! disse Amelia, enxugando os olhos, e com a face toda cheia de nodoas rosadas, os beiços tremendo.

—Olha, sabes o que eu te digo, é que quem mais soffre, mais agrada ao Senhor! E no ultimo caso tinhas o recolhimento de Jesus: não te havia de faltar o pão.

Amelia chorava mais: vira-se de repente na fria cella de Jesus, nos estreitos corredores, em quanto a sineta toca melancolicamente, e as figuras abatidas e desoladas caminham para o côro.

A irmã do conego então fallava da sua vocação para freira, e da alegria do recolhimento.

—Mas, dizia Amelia, depois de lhe ter dito que *sim*, hei de ir agora...

—Olha, sabes, aconselha-te, confessa-te.

—A quem?

—Ao senhor parocho. Elle que te diga. Guia-te por elle.

Amelia calava-se, e depois, com um grande abatimento:

—Valha-me Deus! valha-me Deus! dizia.

A velha tinha-se erguido e de pé diante d'ella, com um ar frio:

—Se te custa muito, é outro caso. Deixa. Casa, casa com elle. Eu digo-te isto para te levar no bom caminho. Assim Nosso Senhor me allumie, e me tenha na sua guarda. E suspirava. —Mas bem, se não pódes... O sr. parocho tinha-me fallado n'isto. Eu lhe direi que tu queres a todo o custo...

—Não, não, exclamou Amelia, não lhe diga isso. —E batendo com o pé, os olhos seccos—Ih! Jesus! não sei o que hei de fazer!

E nervosa, irritada, perturbada, começou a fallar de si, com palavras positivas; que andava como louca, que não dormia, que tinha sonhos maus, que não lhe saíam certas idéas da cabeça.

Então a beata olhou-a e disse-lhe baixo n'um tom rapido:

—Castiga esse corpo, filha. Castiga esse corpo.

Amelia não respondeu.

—Bem sei, bem sei, dizia-lhe a beata. Tive isso em nova.—É preciso a gente penitenciar-se e dizer: *pelas chagas do Senhor que padeceu por mim, padeço eu por elle!...* Confessa-te, confessa-te!

Mas então sentiram na egreja, que era perto, o dobre de finados: era pela morte da idiota. A Amelia vieram-lhe as lagrimas outra vez, e a velha, sentada á janella, fazia meia em silencio, em quanto o sino deixava cahir as badaladas espaçadas, lamentosas, como tristes lagrimas que rolam.

Mas o conego entrou furioso. Vinha da fazenda. Tinham-lhe roubado uma porção de cebolinho e clamava contra o regedor e dizia pragas.

—Então! então! disse a irmã escandalisada.

—Ora, minha rica, deixemos essas piéguices para a egreja. Digo *com seiscentos diabos* e repito *com seiscentos diabos!!*

O sino continuava.

—Ah! é verdade, disse elle. Inda mais esta! Tenho de ir ao enterro da velha! Vou vestir a batina!

XII

Ao outro dia a irmã do conego foi buscar Amelia para a levar a confessar-se! Ella não tinha querido ir só. O padre Amaro estava prevenido, e desde as onze horas passeava, na sacristia, agitado, esfregando febrilmente as mãos.

A sacristia estava escura, fria; o dia ennublado estava pesado de electricidade; a uma grande distancia, arrastava-se uma trovoada. Havia chuveiros. A egreja estava deserta.

A sr.ª D. Josefa Dias appareceu á porta da sacristia, com aspecto discreto, fazendo genuflexões e gestos.

—Então? disse o padre Amaro. Estava palido, a barba escrupulosamente feita, um lustro de banha no cabello.

—Ficou a resar ao pé do altar de Nossa Senhora. Não imagina, senhor parocho. Está de todo! Ora quer casar com o escrevente, ora não quer; não lhe quer dizer que não; depois diz que o detesta. Tem cousa má. Bem póde socegar aquella alminha, senhor parocho.

Sairam da sacristia. Amelia vestida de preto, com uma mantilha de renda na cabeça, as mãos postas, resava, curvada n'uma grande prostração diante do altar de Nossa Senhora. Uma luz parda entristecia a egreja. E no silencio, as passadas do parocho pareciam ter um echo sonoro.

Amelia voltou a cabeça.

— Pst! disse a velha.

Ella ergueu-se.

— Aqui lh'a deixo, senhor parocho. Eu vou fazer aqui uma visita ao Amparo da botica, e á volta, quando vier resar ao Santissimo, venho-a buscar. Ora vae, vae; Deus te allumie essa alma, filha!

O padre dirigiu-se para o confessionario; e Amelia, atraz, com a cabeça baixa, seguia-o de vagar.

O confessionario era na capella lateral á direita, n'um vão de parede, quasi escondido, largo, de pau preto, lugubre; ao fundo da capella havia um altar elevado com velhas decorações de pau dourado. Os castiçaes tinham as velas meias gastas, todas grossas de cera derretida e suja; ramos artificiaes engelhavam-se em vasos azues; por cima uma janella com cortina verde, corrida, dava uma luz funebre. E exposta á adoração, ao culto, ao sacrificio das almas, uma Nossa Senhora, de rosto envernisado e tosca, com o seu manto azul de pregas tristes, abria os braços mostrando o seio crivado de espadas. As moscas tinham sujado a sua tunica branca; o verniz das mãos estalára; um cheiro de feno secco enjoava.

O padre Amaro tinha-se sentado no confessionario, e fóra encostada ao ralo, Amelia, resava a confissão. O padre Amaro sentia o murmurio triste da sua voz. Estava tremulo, e como na entrada d'um destino desejado e temido. Estava ali só com ella, n'um isolamento profundo, longe da vida. A luz melancolica, a triste immobilidade das imagens, o silencio mystico, tudo lhe dava uma excitação nervosa e idealista. Desejava-a, amava-a perdidamente. Lembrava-se leval-a para a sacristia, e outras violencias. A presença do Christo, dos santos, dava-lhe um terror instinctivo.

Quando ella acabou o *Confiteor* houve um grande silencio. Amaro hesitava, e ella de vez em quando suspirava. Amaro não a via; então abrindo a porta do confessionario, com a voz baixa, mal segura:

— É melhor aqui, disse elle.

Amelia veiu ajoelhar toda corada, aos pés do padre; e o seu vestido tocava a capa de Amaro que cahia em pregas abundantes.

— Aqui está melhor, disse elle. Isto não é uma confissão, são conselhos que eu lhe quero dar. É para contar o que tem, o que sente...

E fallando, reparava no seu cabello preto, um pouco annellado, forte, contornando harmoniosamente a firme brancura da testa, e a renda da mantilha preta pousada em cima com os seus recortes franjados. O busto apertado no vestido justo apparecia bem modelado com uma curva doce e attrahente, e Amaro tremia.

—Diga-me então. Tem estado muito triste?

Ella disse que sim com um gesto de cabeça.

— E pensou no que eu lhe disse? Diga!

Amelia abaixou mais a cabeça, toda corada.

— Falle; disse Amaro curvado para ella. Ande! Tem receio! De que? Sou seu amigo, é como se fosse seu irmão.

— Que lhe hei de eu dizer? perguntou Amelia, erguendo para elle os olhos meigos, piedosos, supplicantes, rasos de lagrimas. Amaro sentiu tomal-o uma piedade infinita, uma adoração; e quasi tinha desejo de ajoelhar diante d'ella, santamente. Amelia baixou os olhos, e com a voz sumida:

— Pergunte, disse ella.

Amaro estava embaraçado e passava, com um gesto errante, os dedos tremulos pela testa.

— Gosta muito d'esse homem? perguntou.

Ella respondeu com a cabeça negativamente.

— E duvida romper com elle?

Amelia hesitou.

— Vê, disse Amaro!—E tinha-lhe vindo uma certa impaciencia, e o desejo de a dominar.—Vê! É que gosta d'elle! É que anda doida com elle. É que ha alguma cousa!

— Não, não, disse ella, rapidamente, com uma voz que implorava.

— Gosta, gosta!

Elle queria dizer-lhe uma palavra profunda, que a convencesse; mas não lhe acudia nada, e com a voz lenta:

— Não se lembra do que Christo padeceu por si!

— Mas que quer então? disse Amelia com olhar afflicto.

E Amaro accumulando as palavras, fallava da religião, das mulheres que esquecem o caminho do bem, e envolvia aquella pobre alma timorata, que palpitava, como uma ave assustada que se retem captiva nas mãos. Mas de repente vinham-lhe certas curiosidades:

— E diga-me: elle fallava-lhe muito de amor?

— Pouco, disse ella com um grande rubor.

— E já esteve só com elle alguma vez?

Ella hesitou:

— Uma só, respondeu.

— E diga-me.... elle.... deu-lhe um beijo, por exemplo?

— Não, meu senhor, respondeu ella com uma seriedade reprehensiva.

Mas elle continuava implacavelmente:

— E tem cartas d'elle?

— Duas.

— E que dizem?

— Que quer casar comigo, só; são cousas sem maldade; até diz: *minha senhora*.

— E diga-me....

E com uma pausa, — mais baixo:

— Pensava n'elle com paixão, desejando o dia do casamento....

Ella não respondeu; tinha a cabeça baixa, e elle viâ o seu corpete arfar, agitado.

— E já gostou d'outros?

— Nunca. Mas para que me faz tantas perguntas? disse supplicante.

E os seus olhos erguidos para o padre, pretos, destacando na palli-dez da pelle, tinham uma imploração infinita.

Elle teve uma commoção violenta:

— E gosta de alguem? disse com força.

Ella calou-se.

— Gosta? continuou Amaro mais docemente, com a voz quasi amorosa.

Ella não respondeu.

— Veja! disse Amaro, mais serio. Eu aqui sou confessor. Quero saber tudo, entende? Tudo. Senão levanto-me e vae sem absolvição. Veja lá!

Amelia poz as mãos sobre o rosto começou a chorar baixo, com uns soluços brandos.

Amaro tomou-lhe as mãos, e tendo-as entre as suas, com aquelle contacto macio e quente que o apaixonava:

— Mas diga, diga-me, diga-me....

— Mas para que me pergunta? disse ella soluçando.

— Quero saber. Diga.—E apertando-lhe as mãos.—Diga! E magoou-a.

— Ai! fez ella de leve.

— Não, não. Fiz-lhe mal. Vê!

E então exaltado tomou-a pelo braço, attraiu-a brandamente para si, sem resistencia, palida, abandonada, e dizia-lhe baixo toda a sorte de palavras vagas; e a cada momento:

— É muito minha amiga, é?

— Sou.

— Muito?

Ella, com os olhos cerrados, e a vontade extincta:

— Sim.

Amaro, branco, os beiços tremulos, olhava ardentemente em redor. Mas pareceu-lhe ouvir um ruido; teve um receio. E de repente serio, todo encostado ao espaldar do confessionario:

— Faça o acto de contricção, disse elle.

Ella começou.

— *Senhor Deus todo poderoso;* e o murmurio da oração perdeu-se nos seus labios tremulos.

Amaro então tirou do bolso da batina uma pequena medalha, que relusia, com um cordão.

— Olhe. Tome isto. Deite-o ao pescoço. É para se lembrar de mim. Beije-a, rese-lhe todas as noites. É como se eu estivesse ao pé de si.

Amelia prendeu a medalha ao pescoço.

— Pois sim! disse, e continuou resando o *acto.*

Mas Amaro escutava. Havia um silencio absoluto, pesado: uma ligeira chuva fustigava em cima os vidros. Começou a olhar Amelia; a sua face cheia, branca, tinha a palidez dos bellos marmores, destacando entre as rendas pretas; e o padre então com as pontas dos dedos ao de leve, tocou-lhe nos cabellos. Ella ergueu os olhos para elle, e Amaro com um movimento febril, beijou-a.

— Não! não! murmurava ella.

— Doida! articulava elle vagamente....

Mas então Amaro ergueu-se. Tinha sentido no lagedo da egreja a muleta do sineiro que era coxo. Ella levantou-se assustada; deixou cahir sobre o rosto a mantilha e saindo da capella, atravessou a nave rapidamente e saiu da egreja. O dia aclarára, e entre nuvens como flores d'algodão, havia grandes espaços azues, humidos, lavados, que lusiam alegremente.

Amaro ficou immovel no confessionario; estava como entorpecido de sensações; tinha uma fadiga como um homem que emerge da immobilidade d'um sonho. E saiu da capella, devagar, extremamente palido, as mãos nos bolsos da batina.

— Nosso Senhor nos dê muito bons dias, disse o sineiro, vindo para elle, com os bruscos movimentos da sua muleta.

— Adeus, tio Antonio.

— Oh! senhor parocho — e o sineiro hesitou, coçando a perna com o bonet de palla de verniz — Morreu ahi uma pobre de Christo, lá na minha rua. Coitada! E então o filho tinha assim a modo repugnancia que ella fosse atirada á valla.

— E que quer que eu lhe faça? disse o conego encolhendo os hombros.

— Sim: mas é que já se tem feito. Se v. s.ª fallasse ao sr. chantre: como diz lá a cantiga:

«A vida dá-nos tristeza
«P'rá morte nos dar a valla.»

O padre hesitou; mas sentiu a necessidade de ser bom, caridoso.

— Pois está bem. Eu fallarei ao sr. chantre.

— Beijo-lhe as mãos, sr. parocho, seja pelo amor de Deus!

— E saiu atraz do parocho batendo rijamente com a sua muleta.

A belleza clara do dia, a larga luz, os gallos que cacarejavam, picando a terra no adro, alegraram o padre Amaro: sentiu-se bem na vida; a felicidade positiva dilatava-o. O sineiro que ia pelo adro, ao comprido do muro, cantava:

«O rico folga e recolhe,
«O pobre padece e calla,
«A vida dá-nos tristeza
«P'rá morte nos dar a valla.»

O sineiro era um homem jovial, cheio de cantigas. O padre teve vontade de rir, lembrando a sua figura toda torta, equilibrada na muleta que lhe repuxava para debaixo do braço a jaqueta de panno. E elle mesmo caminhando depressa, ao sol, cantarolava baixo.

XIII

Amelia entrou em casa, agitada, palpitando de ter quasi corrido.

— A mãesinha saiu, disse a Russa.

Toda a manhã a irmã do conego lhe estivera fallando do escrevente, acusando-o. O conego viera e anteriormente esclarecido pela irmã — appoiava com palavras vagas; e a S. Joaneira surprehendida, hesitante, saira para casa das sr.as Gansosos, desabafar, aconselhar-se: porque conhecia ha muito João Eduardo; sabia de certas fórmas do seu caracter e dizia sempre:—É o melhor marido que póde ter a pequena!

Amelia fechou-se no seu quarto, atirou a mantilha para cima da cama, foi-se ver ao espelho. Os seus olhos pareceram-lhe mais vivos, e com uma outra expressão espalhada na phisionomia. E ao pé da janella examinava a medalha, beijava-a; deitou-a ao pescoço. Uma coisa suprema, imprevista, entrára na sua vida; e sentada aos pés da cama, encostada á barra de ferro, perdia-se n'um pensamento illimitado. Amava o padre Amaro! Não sabia mais. E sentia-se absorver, affundar-se, desapparecer nas branduras d'aquelle sentimento. Via os seus olhos pretos, amorosos, vehementes; a sua estatura magra; a comprída batina preta, Recordava o timbre da sua voz, o contacto humido dos seus beiços calidos! E queria-o então, e parecia-lhe que elle era o seu destino, a sua força, a sua alegria e o seu fim!

Quereria penetrar profundamente na vida d'elle, marcar-lhe a roupa, escrever-lhe, vel-o resar, servil-o. Vinham-lhe necessidades de se humilhar, e vagamente, com os olhos fixos, fazia planos: quereria passar a vida unida com elle: morrerem juntos: e depois n'uma vida transcendente sentirem abrir-se o céu para elles ambos e abysmarem-se na luz. Tinha desejos de uma vida burgueza, occulta: uma casinha baixa, no campo, e craveiros para regar: leriam ambos no mesmo livro de orações; e aquella vida apparecia-lhe inaccessivel, e todavia real,—como a lucilação das estrellas!

Esteve todo o dia n'uma inquietação. Durante o jantar, callada diante da mãe, comia de vagar, distraindo-se, esburacando com a ponta dos dedos o miolo do pão, que trincava devagarinho com os dentes de diante, e ás vezes a ponta vermelha da lingua vinha humedecer os labios. A mãe de repente tinha-lhe dito :

— O senhor parocho fallou-me. Disse-me umas coisas... olha, filha, eu tambem sei. Faze o que quizeres.

E Amelia sentada á janella viu descer o crepusculo. E a mãe callada, com os pés n'um cobertor, sentada ao pé da mesa, os braços crusados ruminava o seu jantar.

E á noite, quando o escrevente veiu, Amelia hesitou um momento, e não lhe estendeu a mão.

Elle ficou de pé, diante d'ella. Tinha-se feito palido. Amelia, ao pé do candieiro costurava, com a cabeça baixa, o seu chale-manta sobre os

hombros. A mãe deitára-se adoentada, e sentia-se ás vezes o seu resonar, no quarto, atravez do reposteiro de chita corrido.

— Que é? disse-lhe o escrevente, que tem?

Amelia ficou callada.

— Fiz-lhe alguma cousa? Está zangada? Ouça: olhe que não lh'o mereço.

Amelia não ousava: mas vinha-lhe a idéa de Amaro, da medalha e toda a confissão.

— Que hei de eu ter! disse-lhe ella encolhendo os hombros.

E depondo a costura, abriu um livro d'orações — o mez de Maria — que estava sobre a mesa, em que resava ao acender a luz, e folheando-o de vagar, mostrava-se absorvida.

O escrevente olhou-a um momento, e tomado de uma colera, dando desdenhosamente com a ponta dos dedos no livro devoto:

— São as resas, hein? E o biaterio?

Ella ergueu os olhos, severa.

— O que é, é que o senhor é um homem sem religião, e anda por ahi a desacreditar todo o mundo.

— Eu?! disse elle, abrindo os braços.

— O senhor padre Amaro é que o conhece bem.

João Eduardo esteve um momento callado:

— Ah! é o senhor padre Amaro! disse elle lentamente. E movendo os beiços, procurando as palavras:

— E é.... e é por causa do senhor padre Amaro que...

Ella ergueu-se rapidamente e foi encostar-se á vidraça com as costas voltadas para elle.

Jeão Eduardo esteve um momento olhando para ella; e com uma voz grave, terna:

— Ouça, menina Amelia...

Ella teve um movimento de hombros impaciente, sacudido. E o escrevente com o beiço tremulo, como para chorar, saiu, desceu a escada rapidamente.

Amelia voltou-se: ia chamal-o; mas sentiu a porta da rua bater com força. E sentando-se com a cabeça entre as mãos começou a chorar.

XIV

João Eduardo só, na rua, cheio de lagrimas, estava n'uma surpresa aterrada: ia ao acaso. Lembravam-lhe agora palavras que devia ter dito a Amelia: deveria ter acordado a S. Joanneira. Sentia-se, de repente, só, na desgraça como na infinita negrura de um mar; de mais tinha umas botas remontadas de novo que o magoavam, e aquella dôr que lhe dava frio na espinha e o seu desespero faziam-lhe apparecer a vida como uma desgraça irreparavel e tyrannica.

Entrou em casa, queimando os dedos ao accender os phosphoros, tropeçando nos degraus. Tinha accumulado grande colera, e como lhe tre-

messe a mão, não acertasse a desabotoar o colete, fez saltar os botões, amarrotou-o e mordeu-se; e então nervoso, excitado, miseravel, deitou-se de bruços sobre o leito a chorar. Esteve assim muito tempo, como n'um entorpecimento; mas sob a sensação do frio ergueu-se, começou a despir-se. Cantavam os gallos: um grande vento soprava.

Lembrava-lhe ir ao chantre accusar o parocho.

—Ora! tudo são padres, dizia. Mas devia de certo haver uma lei. Um padre não podia anniquilar os casamentos, a paixão, a familia. Por que tudo tinha acabado de certo. Nunca mais! nunca mais! Voltavam-lhe as lagrimas. E vinham-lhe então desejos de se vingar de tudo, dos padres, do governo, dos homens ricos de Leiria, dos moveis que o cercavam. Escreveria na *Voz do Districto* toda aquella historia infeliz; preparava mesmo phrases; desejava uma revolução. E era madrugada quando adormeceu.

No outro dia o tempo estava nublado, chuvoso: um sino tocava a finados. E a velha que lhe vinha fazer o almoço, disse-lhe que tinha morrido o Bento Ferreira, um negociante. Sem saber porque, aquillo entristeceu-o.

—Pobre homem, dizia. Lembrava-se bem d'elle, com o seu bonnet de casimira de mescla, suissas brancas, carregando nos r r com uma voz fina. E o mundo apparecia-lhe com uma dissolução infinita.

Mas ao mesmo tempo com o dia viera-lhe uma esperança. A S. Joaneira estimava-o; tudo se arranjaria. E ao lavar-se vio dentro da bacia um pequeno ramo de violetas, que arranjára na vespera, e que era para Amelia. Pol-o com cuidado n'um copo com agua. Talvez n'aquella mesma tarde lh'o desse na reconciliação. Estava alegre, cantarolava baixo.

Bateram então á porta. Elle foi abrir. Era a Russa! Que alegria! Trazia uma carta! Era a lettra d'ella! Tudo estava harmonisado, feliz, perpetuo! Dentro do sobscripto vinham as duas cartas d'elle! Elle ficou a olhar, como idiota, dizendo á Russa: *obrigado*, *obrigado*, machinalmente, até que ella fechou a porta. E com a carta na mão, no alto da escada sentia-lhe na calçada o ruido dos tamancos!

Então, n'um desespero, saiu quasi correndo; foi a casa do dr. Silves, um advogado onde antes escrevera. Vinha consultal-o; se havia um meio de castigar o padre Amaro, recuperar Amelia, salvar-se, viver. E contava, queixava-se com exclamações, confusamente, d'um folego. O dr. Silves com o seu chale-manta pelos hombros, um barrete de veludo bordado, um grande cache-nez, escutava folheando uns autos; e ao lado um lavrador sentado, com o cajado entre os joelhos, limpava o chapeu com a manga do casaco, de vagar, monotonamente.

O dr. Silves teve um certo sorriso.

—Que quer você que se faça? Sabe o que eu fazia no seu caso? Quebrava-lhe a cabeça. Com padres só a cajado!

Mas João Eduardo revoltava-se: não podia ficar assim. Era uma infamia!

O advogado accendia vagorosamente o seu cigarro chupado, esticado.

—Para que diabo se foi você metter com beatas?

Mas o escrevente defendia Amelia; a culpa, a intriga, a desgraça era o padre!

—É uma corja, disse o doutor resumindo. E preparou-se para escrever o requerimento do homem do campo, voltando-se para elle e interrogando-o.

João Eduardo saíu. Pensava em ir para o Brasil, mas faltava-lhe o dinheiro! Foi ao acaso, até junto do rio; o chão estava molhado, um vento frio cortava. João Eduardo não o sentia, e pela estrada de Lisboa chegou até aos *Açudes*. O rio engrossado pela chuva corria n'uma grande largura d'agua lisa, um pouco escura, e de repente cahia com grande espuma e uma nevoa humida. Do outro lado, na margem coberta de hervas, de juncos, velhas rodas de moinho, musgosas, roidas da agua, negras, viam-se junto de pequenas casas quadradas, brancas com uma janella sem vidros e as portadas fechadas. Um monte alto, pellado, escuro, triste, erguia a sua corpolencia, tendo no alto uma egreja de pesadas arcarias.

João Eduardo olhava abstractamente.

—Pst! fez alguem atraz d'elle.

Viu um rapaz mal vestido, pallido, com um buço; estava sentado n'uma pedra debaixo de uma oliveira, fumando tranquillamente.

—Que estas tu aqui a fazer? disse o escrevente.

—Estou a fazer horas para jantar.

E bateu na algibeira fazendo sentir o tinir de dinheiro. Era um typographo da *Voz do Districto*: e ultimamente uma mulher, creada e governanta do delegado do procurador regio, apaixonara-se por elle.

Era esta uma pessoa de meia idade, trigueira, de fórmas pesadas: vestia-o, dava-lhe dinheiro, camisas que roubava ao amo; e importunava-o com o seu amor. O typographo desleixava o trabalho, andava pelas tabernas, fizera-se immoral; mas como era de temperamento honesto, aborrecia-se e andava taciturno.

—Queres tu vir jantar comigo? Anda d'ahi. Estou hoje secado!

—Tambem eu não estou lá muito contente, não! disse o escrevente.

Iam á taberna do Osorio, que ficava do outro lado da ponte, ao pé do quartel. E caminhando, com as mãos nos bolsos, olhavam a *Balseira* uma casa no meio de arvoredos da quinta que fica na baixa do monte, e que é do morgado B... Tinha-se ouvido um tiro para esse lado.

—Andam á caça dos patos bravos, na lagôa, disse o typographo. Parece que tem hospedes de Lisboa. Aquillo é que é vida, meu rico!

O escrevente appoiou com uma affirmação de cabeça.

E o typographo continuava:

—A gente então para ganhar oito vintens, trabalha desde madrugada! Corja! — e parando, voltando-se para o escrevente: — Tu conheces a mulher do morgado, uma loura?!

O escrevente deu signal que sim, distrahidamente.

—Hein!? — e lusiam-lhe os olhos, — hein!? Ag ente então é para ahi a ralé das mulheres!

Ficaram um momento callados.

—Como vão os amores? disse João Eduardo, para fallar, romper o silencio.

—Vão um diabo. Estou farto de similhante mulher. E parando com uma colera na physionomia:

—Tu pensas que eu?... Que diabo querias tu que eu vivesse a ganhar lá no *Districto* sete vintens por dia, com mãe velha, renda de casa e o diabo?

—Mas ella gosta de ti, disse o escrevente tornando a suspirar.

—Que vá gostar para o inferno! Tu imaginas lá a seca! É mais isto e mais aquillo! E põe-se então com pieguices. «Oh meu Fifi!» Um mostrengo de cincoenta annos! Mas meu rico, é necessario comer.

—É verdade, é necessario comer! disse o escrevente como um echo.

—Lá se fosse como aquella senhora!—E voltava-se para a Balseira, que apparecia, no sua fachada principal, com uma escadaria cercada de vasos, e um balcão largo de pedra, d'aspecto senhorial e tosco.

O escrevente tinha parado e voltava-se para a Balseira.

—Deixa lá! Deve ser bem bom viver ali com uma bonita mulher, depois de casado, uma mulher de quem se gosta, uns pequerruchos....

O typographo olhava mordendo o cigarro e as suas mãos agitavam-se dentro da algibeira.

—Canalha! murmurava elle.

E até á taberna foram calados.

O jantar foi demorado: era n'uma mesa oblonga, n'um cubiculo encostado ao muro formado por tabiques até meia altura; a toalha estava cheia de nodoas; havia um cheiro abafado e não cessava o frigir do peixe. Conversavam e bebiam. Então o escrevente, ao fim do jantar, fez ao typographo as suas confidencias, com grande colera e juramentos terriveis. O typographo enchia-lhe o cópo, que elle bebia d'um trago, na effervescencia das palavras, pousando-o de rijo sobre a mesa.

Então recorrendo a sua vida, e vendo as suas desgraças, excitado pelo vinho, fazia planos, queria ir para o Brasil, para Lisboa; e o typographo disse que não tinha duvida em roubar um millionario.

—Cousa que não lhe fizesse falta! accrescentava.

E o escrevente queria matar um padre e dizia blasphemias. Mas o taberneiro á porta, com o seu barrete azul na cabeça esperava. O typographo ao pagar mostrou o seu dinheiro; prata, e duas libras. E disse lugubremente ao escrevente:

—Suor do meu rosto, filho!

E accenderam os cigarros. O escrevente oscillava um pouco.

—Para onde vaes tu? disse elle vendo o typographo tomar por uma rua estreita para o bairro do quartel.

—Vou á vida. É a hora em que lá o sugeito vae á assembléa tomar café.

E vendo aquelle homem que se ia encontrar com uma mulher, João Eduardo, na perturbação do vinho, sentio por Amelia um desejo pungente,

frenetico, grosseiro E insultando-a baixo, desejava matal-a, e mordel-a d'amor. Sentia-se violento, musculoso, e um grande desejo de luctas impellia-o vagamente. Sob a acção do vinho uma natureza animal, rude, vibrava n'elle. Estava na rua direita e entrou no café.

—Cognac! gritou.

Dois homens, que tomavam café e liam o jornal, ergueram os olhos, e vendo-o, fallaram baixo admirados.

—Então? gritava elle ao criado.

—Prompto!

E tendo deitado o cognac com a mão que tremia, bebeu d'um trago; atirou o chapeu, e com os cotovellos fincados na mesa, que era de pau pintado fingindo marmore, a cabeça entre os punhos cerrados, olhava vagamente com uma phisionomia hostil. Bebeu quatro calices de cognac, e de repente, dando uma punhada na mesa, disse uma praga, e olhou em redor com um aspecto de desafio. O dono do café com o seu bonnet de pala de verniz, as mãos nos bolsos, espreitava-o, hesitando, mordendo o bigode. Desejava fazel-o sair; mas o escrevente atirando uma placa de cinco tostões sobre a mesa, entrou no bilhar, cambaleando.

Um homem alto, trigueiro, de barbas, jogava com o marcador; outros sentados no estreito banco de palhinha, olhavam, embrulhados, com o palito na boca. Uma luz escassa entristecia. O escrevente bateu com a porta de vidraças, ao entrar; e o homem trigueiro que ia jogar, parou, olhando, com o braço estendido e o taco em posição.

— Que tem você a olhar para mim, seu negreiro?

O homem endireitou-se e deu um passo, arremettendo.

— Ah! seu bebado!...

Mas o escrevente tinha-se arremessado, n'um frenesi, arquejando, livido, os olhos extremamente dilatados, os cabellos confusos e uma contracção terrivel no rosto.

— Olá! olá! disseram. E agarraram-o. Elle caiu arquejante, no banco, domado, seguro.

— Que bebedeira! diziam.

As pessoas do café tinham corrido; alguns curiosos entraram.

— Parece incrivel!

— Elle não costuma!

— Ora! ora! ora!

O escrevente começava a empallidecer. Atiraram-lhe agua, desfizeram-lhe a gravata, e alguns aconselhavam o ammoniaco. Elle encostado á parede estava immovel, os cabellos caídos, os olhos pisados, a face livida e aspera, os cantos da boca descahidos, negros do vinho, o nariz afilado, com um arquejar secco. Esteve assim um momento. Tinham fallado mesmo em o levar a casa. Mas elle ergueu-se e começou a procurar o chapeu. Deram-lh'o amassado, cheio do pó do chão. João Eduardo escovou-o com a manga, e deitando a gola para cima, abotoando o casaco, saiu de vagar.

— É melhor ir alguem com elle; não vá fazer alguma, disse um velho de chapeu desabado e com uma capa bespanhola.

— Nada, disse o dono do café, elle é socegado. E isto para mim é grande novidade. Vae para casa.

Com effeito viram-o tomar para a rua do Esteves, onde elle vivia ao fundo, n'uma casa amarellada, d'uma janella só.

— Safa! disse o velho da capa, entrando para dentro do café: aquella era de mestre!

Então fallou-se em bebedeiras, e cada um se gabou de as ter tomado maiores.

O negreiro viera ouvir a conservação, e dando giz no taco:

— Em Africa é que ellas se apanham! disse elle. E lá é com aguardente. Então discutiram licores. E dentro as bolas batiam com tom secco, e a voz monotona e arrastada do marcador dizia os pontos.

No entanto João Eduardo não entrara em casa, fôra caminhando ao acaso, cambaleando ligeiramente. Passou a praça, penetrou nas ruas estreitas até ao largo da Sé. Algumas pessoas olhavam-o pasmadas; riam. Subiu os degraus da igreja e pelo terreiro chegou ao pé do adro que ha defronte do cemiterio. A grade estava aberta. A tarde ia caíndo; entre a noite escura branquejavam os tumulos; pessoas de casaca saíam; um sacristão passou com o hyssope e a caldeira, rindo com outro; outros homens que levavam uma porção de tochas apagadas vestiam o paletot que traziam no braço, erguiam a gola, affastavam-se rapidamente, esfregando as mãos; outros em grupos conversavam, e sentia-se o rumor abafado, o murmurio de vozes; os velhos guardavam cuidadosamente as suas luvas pretas, esticando-lhes os dedos, direitos nas suas altas gravatas pretas; alguns homens novos alargavam as bandas dos paletots mostrando a brancura das camisas. Tinham-se juntado pobres. O escrevente sem saber porque, esperava, passeando com as mãos atraz das costas, o chapeo carregado. Da repente affirmou-se; viu passar um padre com a sobrepeliz sobre a batina negra; olhou e pelas costas conheceu-o. Era Amaro. Ia só.

— Pst, olá! gritou o escrevente.

O padre Amaro voltou-se; outras pessoas tambem.

O escrevente correu para elle.

— Ah! seu maroto! e arremessou-se.

Mas agarraram-o logo, e mesmo um velho deu-lhe uma pancada no hombro. Todos se tinham approximado n'um grupo compacto.

— Que foi? que foi?

E então um homem novo, de bigode loiro, appareceu, e tomando o escrevente pela manga:

— Está preso, disse.

Era o administrador do concelho. Havia indignação.

— Mariola! diziam.

E já havia versões, fallava-se mesmo d'um punhal. O padre Amaro tinha-se affastado acompanhado por algumas pessoas. Um official de diligencias veiu e levou o escrevente para casa do administrador; a administração estava fechada; era necessario lavrar o auto, interrogar o preso;

tinha-se ido chamar o escrivão. Muita gente seguia atraz; pela rua estreita pessoas chegavam ás janellas. Com o ruido uma mula que estava á argola, á porta de uma venda, espantára-se; tinha havido confusão; os caixeiros vinham á porta das lojas e os garotos corriam. No meio, ao pé do official de diligencias, o escrevente pallido, desfigurado, caminhava com um movimento febril, callado.

Em casa do administrador accenderam luzes, e o escrivão que chegára correndo, começou a lavrar o auto. Algumas pessoas tinham subido para depôr; a escada estava cheia de gente, de vozes. Á porta curiosos estacionavam. Dizia-se que um homem quisera matar o parocho. De repente houve um murmurio,

— É o parocho, é o parocho, disseram. Todos se arredaram com respeito e curiosidade.

Elle appareceu á porta da sala, de batina, pallido, o seu barrete na mão, cumprimentando.

As pessoas que estavam, ergueram-se. Houve um silencio sympathico. E então dirigindo-se ao administrador:

— Eu vinha pedir um obsequio muito especial a V. S.ª

O administrador curvou-se.

— Aquelle homem, — e indicava o escrevente immovel, n'uma grande prostração, com o rosto baixo, — não estava no seu juizo. Eu não posso ser parte. E com um sorriso resignado: — Nosso Senhor manda-nos perdoar. Elle não me offendeu com intenção.

O administrador ia interromper, dar razões policiaes.

— Ah! sim, bem sei, disse o parocho. É verdade. A autoridade tem de proceder. Mas eu sou o unico offendido, e como sou eu que peço, parece-me... Emfim V. S.ª fará o que entender; mas se o meu pedido vale alguma coisa, eu desejaria por tudo que aquelle pobre rapaz fosse solto.

Houve uma approvação vagamente murmurada. E o administrador e o escrivão consultaram-se baixo. O parocho tinha ficado de pé; o seu rosto estava pallido e tranquillo, mas interiormente estava cheio de receio, de desconfiança. O escrevente podia ter sabido alguma coisa, revelar, contar miudamente as suas assiduidades em casa da S. Joanneira, requerer o depoimento d'Amelia.

O administrador disse então:

— Bem, parece-me que não póde haver duvida. Era necessario um exemplo, mas emfim attendendo ao pedido de V. S.ª

— Que eu faço com o maior empenho; é para mim um caso de consciencia.

— Então... e voltou-se para o escrivão.

Este encolheu os hombros, e dirigindo-se ao escrevente com modo aspero.

— Está bom, póde-se ir; agradeça aqui ao senhor parocho. Tinha para peras.

O escrevente ergueu-se. Os *abats-jours* das duas velas deixavam-o um pouco na sombra; mas via-se o seu andar incerto e a cabeça frouxa

fatigada, e todo o corpo n'uma attitude adormecida. O official de diligencias levou-o pelo braço, um pouco rudemente, dizendo:

— Vá, vá!

No entanto o padre Amaro tinha sahido, contente, cumprimentando; e durante algum tempo os gruppos que conheciam a solução do caso, celebraram a brandura do seu genio e toda a sua pessoa exemplar e compassiva. Alguns censuravam-o:

— Devia ter deixado a auctoridade proceder.

O dr. Silves que tinha passado ali, e estava entre os grupos disse:

— Elle lá se entende; e contou então a queixa que lhe fizera João Eduardo.

Mas sob a impressão do movimento generoso do padre, ninguem acreditou, porque, demais, conheciam-se os habitos diffamadores do Dr. Silves, a sua hostilidade aos padres. E n'essa noite por toda a parte o padre Amaro foi popular e ganhou juizos sympathicos. O Chantre ao outro dia foi abraçal-o. Tinha estado n'essa manhã com a directora do Recolhimento de Jesus e tinham fallado de despedir a irmã do escrevente.

— Coitada! disse o porocho, sem piedade, superficialmente.

— Nada! É necessario um exemplo. Que se arranje. Irmã de lobo, meu rico, não póde sair ovelha!

E tinha saído rindo.

N'essa noite o padre Amaro foi a casa da S. Joanneira; teve de contar miudamente o caso do cemiterio: as velhas, o conego estavam cheios de indignação.

— Mariola!

— Em minha casa não me torna elle a pôr os pés, disse a sr.ª Gansoso.

— Eu é que o conhecia, disse a irmã do conego.

E ás nove horas o sr. Arthur entrou, e disse que o escrevente, n'essa manhã, fôra despedido da casa do tabellião.

— Bem feito, exclamaram. Mas a S. Joaneira lamentava-o:

— Pobre rapaz! fica sem ter que comer.

— Que beba, que beba! disse a sr.ª D. Maria da Assumpção, com um risinho aspero.

Todos riram tambem. Amelia, calada, cosia, com a cabeça báixa.

E a mãe disse em seguida ás suas amigas que havia dois dias ella estava escandalisada com João Eduardo.

— Não lhe hão de faltar noivos, disse a sr.ª D. Josefa Dias.

Ao outro dia, soube-se na cidade que a irmã do escrevente fôra despedida do recolhimento. Foi o sineiro, o tio Esguelhas, quem o veiu dizer ao parocho. Estavam no adro; umas creanças brincavam ao sol, na escadaria de pedra. O tio Esguelhas, ao mesmo tempo, vinha agradecer ao sr. parocho...

Amaro alcançara que a mãe do sineiro, que estava entrevada fosse recolhida ao hospital.

— Está bom, está bom! disse o parocho.

Mas o tio Esguelhas tomou-lhe a mão e quiz-lh'a beijar, commovido.

— Está bom, homem, deixe-me.

N'esse dia a irmã do escrevente, a menina Julia, tinha mandado empenhar os vestidos que trouxera do recolhimento para occorrer ás primeiras necessidades. O irmão, sem trabalho, desanimado, tinha chorado toda a manhã.

XX

No domingo seguinte havia uma grande festa. Era da Senhora da Piedade, mandada celebrar pela sr.ª D. Maria da Assumpção. A beata tinha feito aquella promessa, no ultimo anno, no inverno, quando estivera mal com uma pneumonia. Disia-se que seria magnifica. Sob a influencia do padre Amaro, seu confessor, a velha, devota e avara, tinha tido generosidades inesperadas. E Amaro pedira conselhos á S. Joaneira sobre a decoração da igreja; tinham mesmo examinado ambos amostras de velludo novo. A S. Joanneira ao principio tivera um descontentamento occulto porque não approvava que Amelia quebrasse a sua palavra com o escrevente; mas não lhe dera conselhos, nem lhe imposera vontade; abandonára-a á espontanea acção do seu sentimento. Só lhe dissera:

— Deus queira que te não venhas a arrepender.

— Mas desde o caso do cemiterio, como se dizia na cidade, julgava que a filha tinha tido razão e um presentimento feliz. Tinha além d'isso tomado uma grande affeição por Amaro e dizia a cada momento á filha:

— Aquillo é um santo!

No entanto Amelia vivia triste; a sua paixão por Amaro tomára raizes nas profundidades do seu temperamento; fizera-se devota. A mãe, agora, dormia em baixo no primeiro andar; e Amelia só, em cima, passava as noites lendo livros piedosos que lhe dera o padre Amaro. Saía d'aquellas leituras exaltada, deitava-se vestida sobre o leito e ficava de bruços, esquecida, na illimitada sensibilidade do seu pensamento, o halito quente, o peito cheio de vontades. E desejava o amor de Amaro; suppunha que elle devia ser melhor do que o dos outros homens, com ternuras doces, como orações e extasis, mais profundos que os que dá o contacto da hostia. Elle devia ser discreto com sensibilidades femininas, quereria envolvel-o nos seus braços quando elle viesse de commungar na missa; quereria aquecel-o com o calor do seu peito quando elle voltasse pelas noites frias, de levar a extrama-unccão; quereria beijar aquellas mãos que tocam o calix, abençoam os noivos, baptísam e invocam sob a luz dos altares. Mas reconhecia a impossibilidade d'aquelle sentimento. Vinha-lhe um grande tedio da vida: não se penteava, não se lavava; tinha perdido a piedade, despedia rudemente os pobres; a sua costura interrompida enfastiava-a; tinha vertigens, e as mãos escaldavam.

Mas no domingo, dia de festa, accordou alegre. O dia estava claro, feliz, amplamente allumiado. As ruas estavam cheias de gente. Era dia de mercado, e viera muito povo das freguezias; os homens chegavam a cavallo; velhas figuras encanecidas e solidas, de uma velhíce musculosa,

rapazes novos, trigueiros, bruscos, destinados ao recrutamento; trabalhadores de jornal bestialisados e invejosos como todo o que não possue; rendeiros, contractadores astutos e pausados; todos tinham as barbas bem feitas, as camisas brancas arroxando os pulsos, e entre a larga calça de saragoça e sapato grosso e ferrado, o tornosello destacava rugoso e escuro. Ás mulheres crusavam fallando, apressadas, de movimentos decididos, com o seu andar sacudido e quebrado, ostentando a grande saliencia dos peitos, os largos chapéos desabados, grilhões de oiro; as novas córadas, direitas, com o seu saiote de baetilha escarlate, com aspectos animaes, magras, a figura consumida da rudeza da vida; as velhas sêccas e sujas. Alguns rapazes tinham trazido violas, tocavam pelas ruas; a cada canto estavam paradas, amarradas, cavalgaduras; as lojas estavam cheias; vendiam abundantemente; as largas saias das mulheres apertavam-se junto do balcão; os caixeiros corriam com os braços cheios de fazendas, lenços, chitas desdobradas; altercavam-se os preços; e as mulheres pagavam tirando do fundo de uma algibeira do vestido dinheiro em cobre que contavam cautelosamente. Ás tabernas estavam cheias de homens, do fumo dos cigarros, das exhalações do vinho, e e alguns á porta bebiam em *saudes* reciprocas; tinham acudido pobres, pelas ruas, patenteando a sua miseria, e ganindo padre-nossos. A burguesia saia para a rua com os seus vestidos novos; chapeos lustrosos relusiam; correntes de relojos apparatosas brilhavam sobre colletes de velludo; os pés caminhavam cuidadosamente apertados no verniz; fumavam-se charutos caros, com as mãos em attitudes salientes para mostrar a côr das luvas; as senhoras arrastavam, com pompa, os seus vestidos compridos. As ruas soavam com o passar dos tamancos. Os soldados passavam aos pares, galenteando as mulheres do campo dizendo obscenidades. Ás janellas appareciam senhoras nos seus vestidos de gala, um lenço sobre o peitoril das varandas para não roçar os cotovellos; padres passavam rapidamente embrulhados nas suas batinas; os beleguins bebiam á entrada das tabernas.

Desde as onze horas a egroja estava cheia; cada capella tinha uma bambinella, uma decoração de velludilho vermelho com galões de oiro. E os altares com as suas toalhas brancas, rendadas, estavam cobertos de vasos azues, onde grandes ramos se desfolhavam de leve. No altar-mór os castiçaes accesos estavam dispostos como um throno, e a imagem da Senhora, bem envernizada, com manto de seda azul, recamado de douraduras immobilisava-se na sua attitude rude entre os festões das flôres e a scintillação de luzes, douraduras desbotadas, franjas, lentejoulas e toda a riqueza do artificio.

No tapete do altar-mór apinhavam-se no amarrotamento dos seus vestidos de seda as senhoras conversando baixo, folheando os livros, namorando, abanando-se com os leques, com attitudes fatigadas e com aspectos machinalmente piedosos ou burguezmente sentimentaes; ás duas entradas lateraes dos reposteiros escarlates destacava a massa negra das casacas escuras dos homens que riam, olhavam as mulheres, fa-

ziam observações libertinas; a todo o momento saíam para ir fumar e os mais ricos examinavam as mulheres do campo que desejariam comprar. A grande nave cheia de mulheres do povo sentadas, na sua matisação mesclada e colorida de lenços da cabeça; os rostos tinham uma fadiga pasmada e uma paciencia amortecida; ao fundo, de pé, os homens do campo amontoavam-se com os seus cajados encostados ao corpo, serios, coçando a cabeça, direitos, olhando de longe, com aspecto de incomprehensão, a scintillação dos altares: havia ali um movimento constante que oscillava, dos que iam e vinham.

Por cima, no côro, por traz dos braços das rebecas e das estantes, moviam-se vagamente as figuras dos musicos; vinha uma exhalação da amontoação dos corpos, uma nevoa estava suspensa em torno das luzes; um grande murmurio lento, como de uma colmêa, sussurrava: ás vezes uma criança chorava; outros tossiam, e no altar, a voz de um padre, arrastada, acre, monotona, cantada, ia psalmodiando.

A S. Joanneira e Amelia tinham ficado no altar mór, na frente; e a cada momento o padre Amaro se voltava e olhava. Estavam celebrando; os padres tinham bancos estofados de velho damasco para se sentarem; e no meio, n'uma alta estante estavam os livros do canto-chão, com enormes signaes de musica. O padre Amaro relusia, todo paramentado de estofos bordados. Amelia estava n'um enlevo; nunca aquelle homem lhe apparecera tão bello e tão superior; via-o assim na magestade do culto, celebrando á multidão ajoelhada; e era elle que viria depois fallar baixo com ella, em confidencia, terno e humano.

Elle tambem cantava e a sua voz parecia-lhe melhor que o gemer das rebecas, e enchia-a mais de piedade divina do que o clamor do orgão. Via-o entre o resplendor das luzes, os incensos e as decorações das flores, e ás vezes quasi o não distinguia bem e parecia-lhe sobrehumano como no fundo d'uma gloria e como envolto em Deus.

Mas elle adiantou-se para o altar e outros padres amparavam-lhe as pontas da sua capa d'asperges; ella via por baixo a alva toda bordada de rendas; um sacerdote tinha tomado o incensador e balanceando-o devagar, com um rugir de correntes de prata, incensava Amaro; um fumo branco elevava-se. Ella tinha os olhos fitos n'elle, envolvendo-o: parecia-lhe que elle se transfigurava, se elevava ao paraiso e sentia-se sob uma commoção extatica como se fosse amada por um Deus, e as vozes tinham-se erguido n'um canto de triumpho, as rebecas arrastavam os seus sons dolorosos, os rebecões solemnisavam, finas agudesas de flautas atravessavam; havia um murmurio commovido, a symphonia subia, e Amelia, tremula, com arripios, sentia-se perder, desmaiar, fundir-se n'uma sensação que era doce como o contacto do setim e absorvente como as forças do sol. Amava-o; amava-o: resava-lhe; quereria ir atirar-se aos pés d'elle, beijal o, tortural-o de paixão e amarrotar na violencia do seu sentimento, a sua capa de celebrante. Vinham-lhe estranhos orgulhos: era amada por elle, servida, como uma virgem do ceu; desdenhava as outras; quasi tinha vontade de dizer alto que era a sua namorada, a sua

amante; agitava-se fazendo rugir o seu vestido de seda azul, e tilintar os seus dois braceletes; e cada vez que imaginava que elle olhava para ella, Amelia volvia os olhos em redor, vaidosa, sorrindo soberbamente; e mesmo dera logar a um visinho, fizera uma pergunta a um sacristão que passava, porque se achava no templo, como no dominio da sua casa.

E quando a festa acabou, Amelia estava fatigada como depois de violencias sentimentaes; as suas botas novas apertavam; tinha a cabeça confusa, e estava entorpecida no altar mór. A tarde cahia. Desejava deitar-se, dormir n'um repouso largo; mas a irmã do conego pediu á mãe que a deixasse ir jantar com ella, tinham pato com macarrão e aletria.

—E tu depois apparece á noite para a buscar. Talvez vá lá o sr. parocho.

Amelia foi.

Estavam no fim do jantar quando appareceu o padre Amaro embrulhado no seu capote, esfregando as mãos; vinha de jantar.

—Vae um copinho de vinho, sim, sr. parocho?

Elle sentou-se á mesa entre D. Josepha e Amelia; tinham servido aletria. Um grande candieiro com *abat-jour* fazia cair a luz sobre a louça branca e os vidros. O conego tinha ao pé uma garrafa preta com vinho maduro; e com uma jaqueta de flanella escura, um cache-nez ao pescoço, o rosto rubro, servia-se abundantemente, e ás vezes arrotava.

—Você hoje, disse elle a Amaro, estava um bello mocetão no altar! Caspite! Olhe as moças!

—Credo, mano! disse a beata com a boca cheia de aletria.

Alguns fios, que não apanhara bem com os queixos desdentados, caiam-lhe ao canto dos labios. Amelia tinha córado e Amaro, bebendo o seu calice aos golos, fazia estalar a lingua. Tinha crescido o frio e tinham mandado vir uma braseira. Amelia tinha posto um chale pelos hombros Estavam contentes, refeitos; anoitecia, e sentiam-se na rua tamancos e descantes de guitarra. Deitavam-se ao longe foguetes.

É beber, é beber, disse o conego. E depois salta o cafésinho bem quente.

Mas bateram á campainha.

—Quem será? disse a velha.

E Theresa, a creada, entrou com um chale e uma manta de lã:

—Aqui está isto que vem de casa da menina Amelia. A senhora manda muitos recados, que não póde vir, que se achou incommodada.

—Então, com quem hei de eu ir? disse Amelia.

O conego inclinou-se e batendo-lhe na mão.

—Em ultimo caso com este seu creado. E póde ir socegada!

—Tem cousas, mano! disse a velha reprehensivamente.

—Deixe lá; o que passa pela boca d'um santo, santo fica.

O parocho ergueu o copo, e sorrindo pausadamente:

—Tem muita rasão o sr. conego Dias! Para que viva!

—Boa gota! disse o conego.

Mas Amelia tinha ficado um pouco embaraçada.

—Jesus! que terá a mamã?

—Pieguice! disse o parocho rindo para ella. Amelia olhou-o e, córando um pouco, baixou os olhos, e com o garfo picava bocadinhos de queijo que roía devagarinho, arregaçando os beiços, com os dentes de diante.

Mas de repente o conego pousou a faca.

—Pois olhem, tambem não me estou a sentir bem.

—E passava devagar a mão sobre o estomago.

—Que é? disseram.

Mas elle calava-se e empallidecera um pouco.

—Está bom, está bom, passou,—disse de repente, e como havia uma romã que lhe tinham dado, começou a chupar os bagos.

Mas tornou a levar a mão ao estomago e afastando a cadeira:

—Não estou bem,—disse. E empallideceu, as olheiras cavavam-se-lhe.

Levaram-o para o quarto. A velha dizia que era um esfriamento: a creada foi calçar os tamancos para ir a casa do medico.

—Vae assim mesmo, gritava a beata.

—Está a chover, disse ella.

—Está a chover?—disse Amelia. Foi ver á janella. Amaro seguio-a. O ceu estava escuro, as ruas molhadas lusiam; sentiam-se já os telhados gottejarem.

—Temos muito agoa, disse Amaro.

—Jesus! E agora quem me ha de levar, disse Amelia.

A beata accendera vellas aos santos, pusera uma bacta quente no estomago do conego, e resava de joelhos diante da commoda onde tinha uma imagem de Nossa Senhora. Tinham dado oito horas. Amelia passeava na sala.

—Estou com cuidado na mamã, disse ella.

Então Amaro disse á velha.

Parece-me que o melhor é mandar acompanhar a menina Amelia por aquella mulher que me serve, a Dyonisia.

Amelia hesitou um pouco, mas estava fatigada; a chuva crescia; receiava pela mãe. Amaro chamou da janella a Dyonisia. E para não se molhar, a irmã do conego emprestou um guarda-chuva e Amelia apanhou adiante o seu vestido de seda asul.

—Tambem vae, sr. parocho? disse a velha.

—Venho já, minha senhora. Vou aqui dar um bilhete á Dyonisia para ella levar ao sr. chantre, de caminho. E desceu apressadamente.

Amelia encolhida sob o guarda chuva, caminhava com passo miudo em bicos de pés, sobre a calçada molhada e via-se a sua saia branca.

—Que tempo! dizia Dyonisia, ao lado, toda embrulhada no seu chale.

E quando passaram defronte da casa de Amaro, elle parou:

—Então dá licença que eu vá buscar a cartinha para dar á Dyonisia, sim? É um instante. Está feita. Para não estarem á chuva é melhor entrar aqui no portal.

E subiu, commovido, excitado, tremulo. A escada esta escura e o padre tropeçava um pouco nos degraus. Amelia, no portal, esperando, sentia em cima, no soalho, rangerem as botas de Amaro.

—Oh! Dyonisia, disse o parocho de cima, vindo ao patamar, não acho os phosphoros.

—Na prateleira, ao pé da chaminé.

Mas d'ahi a pouco gritou outra vez.

—Não acho. Venha você cá, e fallando para baixo, para Amelia.

—O melhor é subir um instantinho, minha senhora, está o chão molhado, está ahi a arrefecer. Suba!

Amelia estava excitada, tremula, hesitante, e instinctivamente por uma vaga curiosidade, por um impulso insensivel, quasi sem saber, foi subindo devagar, amparando-se ao corremão; e Amaro, em cima, no patamar, sentia, todo tremulo, o seu vestido de seda roçar vagarosamente a parede.

—Vê? disse elle, é melhor estar aqui. É um instante.

Amelia entrou no quarto do padre. Dyonisia vinha da cosinha com o candieiro acceso.

—Parece-me que entornei a almotolia, ora os meus peccados!— E pousando o candieiro voltou á cosinha. Amelia tinha ficado de pé á entrada da porta.

—Amaro esteve um momento revolvendo com a mão tremula os papeis da mesa, agitado, impaciente, e de repente, indo á cosinha, disse baixo á Dyonisia:

—Fiquei de confessar hoje aqui a Amelia; você volte d'aqui a meia hora. Tome.—E metteu-lhe na mão umas poucas de corôas. Ella olhou para elle, descalçou os sapatos, desceu pé ante pé, e metteu-se na loja do carvão.

Amaro tornou a entrar no quarto e callado, pallido, fechou a porta que dava para o corredor da cosinha.

—Que é? disse Amelia e dirigiu-se para a porta do patamar. Mas elle susteve-a e fechou-a tambem.

—É um instante, disia com a voz tremula. A Dyonisia já vem!

—Não, não, disse Amelia...

Mas elle tinha-lhe tomado as mãos, e baixo:

—Estava tão linda hoje!

Amelia ficou um momento, com os olhos baixos respirando fortemente.

—Mas a Dyonisia, então?

—Deixe. Que importa? Está aqui comigo.

E apertava-lhe as mãos, devagar, suavemente.

—A medalha que lhe dei? perguntou Amaro. E apontando para o pescoço:—Está aqui?

Ella não respondia.

—Está?—disse outra vez.

Amelia ergueu para elle os olhos pretos, profundos, humidos... e Amaro falava-lhe soffregamente do seu amor, da sua paixão.

Meia hora depois Dyonisia cantarolou na escada. Amelia com o rosto embrulhado na manta desceu rapidamente. Mas ao abrir a porta da rua, passava um grupo onde se tocava guitarra e se cantava o fado. Fallavam alto, riam, diziam obscenidades. Amelia no recanto escuro, por traz da porta, na humidade do portal, tremia. Mas o ruido dos tamancos perdeu-se na rua, Dyonisia então sahio de mansinho, espreitando cautelosamente, e disse para dentro:

— Pst!

Amelia embrulhou o rosto na manta e affastaram-se. Já não chovia. A rua estava deserta, tranquilla: havia estrellas; um vento frio passava: os reflexos do candeeiro estendiam-se sobre a calçada molhada.

E ao outro dia a manhã estava limpa, cheia de sol. Amaro acordara contente, cantarolava, e a tia Dyonisia quando veiu trazer a agua quente para a barba:

— Oh! meu rico, disse como n'uma preocupação — Olhe que isto assim não tem geito. Hontem iam vendo sahir d'aqui a pequena!

— Viram? gritou o padre, que lavava a cara com grande ruido, resfolegando.

— Iam vendo. Não viram. Era uma malta com uma guitarra. Isto não póde ser.

— É verdade, é! dizia o padre.

Mas ao mesmo tempo exaltava-se; queria vel-a, a todas as horas, sempre; não receiava o escandalo: que o suspendessem! fugiria com ella. E passeava pelo quarto em mangas de camisa com grandes gestos, e a toalha na mão.

— Mas valha-o Deus, homem.... Que creatura! oiça cá. Tudo se faz com modos. A gente falla, falla, mas la vem um dia em que se arrepende. As coisas fazem-se pelo callado.

E citava exemplos, datas, nomes, fallando nas suas desgraças e a todo o momento tocava no braço do padre e dizia — Menino!

— Mas olhe então, tia Dyonisia, arranje isso, sim? Que diabo! Você deve saber. E indo á gaveta contava moedas de quinhentos réis que lhe dava.

— É para umas botas para a sua pequena.

— Seja pelo amor de Deus, filho... murmurava Dyonisia e levava o avental aos olhos. Mas sorrindo logo, baixo, com olhos maliciosos:

— A mim lembrava-me uma coisa: não sei se digo alguma tolice...

— Então?

— Podia ser... na sacristia.

— Ah! disse o padre Amaro, batendo na testa, como descobrindo.

— O que?

— Já sei... Em casa do sineiro!

E explicava então á Dyonisia: A sacristia tinha uma porta que dava para uma especie de pateo onde havia madeiras, pedras e um barracão de construcção; e do outro lado eram justamente as trazeiras da caza do sineiro, a cosinha, com uma porta, que abria para esse pateo.

— Até tem um postigosito, disse o padre. Vou logo fallar ao sineiro.

— Pois, senhor, dizia a Dyonisa, rindo e saudando, achou!

— Hein? sua velhota, que tal? E Amaro esfregava as mãos.

— Sempre me sahiu um maganão! considerava a tia Dyonysia, assoando-se ao avental, com os olhos risonhos.

— E ha outra coisa, disse Amaro parando e pondo a mão no hombro da Dyonisia. — É que ninguem é capaz de desconfiar de tal. Ella vae rezar; eu estou já na sacristia! — E esfregando as mãos:

— Vá tia Dyonisia, vá! salta o almocinho! E começou a fazer a barba.

Logo n'essa tarde encontrou o sineiro no adro, e fallou-lhe.

O tio Esguelhas tinha quasi cincoenta annos; uma bala levara-lhe uma perna, na caça, por um desleixo; era extremamente folgasão e frequentava as tabernas. Todos se riam com os seus gracejos, as suas cantigas, a gesticulação violenta da sua muleta. Era um homem de palavras violentas e de pancadas promptas. No entanto era sensivel, condoido; ás vezes recolhia creanças miseraveis que pediam; um dia chegou a ter trez em casa. Chamava-lhes os seus ratos: quasi nunca tinha dinheiro, e quando não podia beber, repicava os sinos. — O tio Esguelhas está em jejum, dizia-se então no bairro, quando nos dias alegres e claros do inverno se ouviam os sinos lançarem grandes *tlins*, *tlins* animadores e sacudidos. O seu amigo intimo era o coveiro. Ás vezes ia ao casebre d'elle, á beira do cemiterio, fazer merendas. Á noite, á candeia, lia as *Aventuras de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*.

O Padre Amaro viera ter com elle, com aspecto suave:

— Cobre-te, cobre-te. Vinha aqui fallar comtigo para uma coisa.

— Prompto, meu senhor! E o tio Esguelhas ageitava-se sobre a muleta.

— Ouve. Ha ahi uma pessoa que quer ir para freira, lá para o estrangeiro.

— Bem tola! murmurou o sineiro.

— Ouve lá.

E então Amaro, baixo, explicava-lhe que aquillo era prohibido; que os padres que attrahiam as mulheres áquella profissão tinham um crime.

— Caspité! disse o tio Esguelhas.

Que elle andava a educar uma menina para ella professar em França; que o não podia fazer em caza d'ella; os paes oppunham-se; que o não queria fazer na igreja, onde havia publicidade.

— Está visto, disse o sineiro.

— Ora, se tu deixasses, eu levava-a lá para tua casa, passava aqui pela sacristia, ninguem a via. Percebes?

— Oh! senhor parocho, eu, a casa, está tudo ás ordens.

— Bem vês, é no interesse da religião.

— Já se deixa ver.

— A rapariga tem vocação. Parece que é Deus...

—Está claro, é andar.

E tinham então combinado: o sineiro sairia, deixaria a porta da cosinha cerrada...

—Ha de se fazer a cousa bem, disia o sineiro.

—E d'isto... hein? dizia o padre, fechando os labios com os dedos.

—Máu! dizia o sineiro com um grande gesto de fidelidade.

E foi assim que o padre Amaro e Amelia se viram livremente.

Encontravam-se duas, tres vezes por semana, pela manhã. Na vespera o padre Amaro previnia o sineiro. E ás onze horas, ordinariamente Amelia saia de casa. Ás vezes levantava-se mais cedo para engommar uma saia branca, dar uma passagem, e bem penteada, cantarolava pela casa. Tinha dito á mãe em segredo que o parocho lhe dera por penitencia, da sua antiga affeição ao escrevente, a obrigação de ir, em certos dias da semana, resar estações a Nossa Senhorr das Dores. E como a casa era nas visinhanças da Sé, ia só. Ia de vagar, palpitando, contendo-se para não correr; e se encontrava algum pobre dava-lhe sempre esmola; entrava na igreja com o pé direito e ia ajoelhar ao pé de um altar. Quasi sempre, áquella hora, a egreja estava deserta, clara, e sentia-se fóra o cantar dos gallos, no adro. Começava a querer resar, mas vinham-lhe distracções; a cada momento se voltava para á porta para ver entrar Amaro. Batia-lhe o coração; queria affastar certas idéas; recitava a doutrina, mas machinalmente, á flor dos labios. Ás vezes Amaro tardava. Amelia então pedia a Nossa Senhora que elle viesse, que a amasse. E quando o via entrar devagar, fechando o seu guarda sol, o sangue vivo inflamava-lhe a pelle. Amaro atravessava a nave pausadamente com o contentamento de uma pessoa livre; curvava-se um momento diante do Santissimo, persignando-se, e entrava na sacristia, a cabeça baixa, a sua comprida capa negra pendente. Amelia, então fazendo um signal da cruz, apressado, sobre o peito, com a ponta dos dedos, erguia-se. Ás vezes, áquella hora, velhas beatas resavam. Ella então saia e dando volta á igreja, ia entrar, ao fundo do adro, pela pequena porta verde, com uma chapa de ferro, n'um recanto inapercebivel do lado da estrada. Um corredor de abobada escuro levava á sacristia.

E quando se achavam alí sós, abraçavam-se, callados, pallidos, depressa.

Os dias então estavam claros e seccos; vinha março; alguns passaros voavam gritando, e entre as velhas pedras ao som dos passos, os lagartos que estavam ao sol fugiam,

A porta da cosinha do sineiro estava cerrada. Amaro empurrava-a de leve, e um cheiro enjoativo vinha de dentro. Era um espaço baixo, escuro, com um borralho ao canto debaixo de uma chaminé feluginosa e negra; sobre os tições apagados, cobertos de cinza, havia sempre uma panella de ferro. As paredes sujas com prateleiras vasias, onde a espaços destacava um prato de louça ou uma malga vidrada; troços de hortaliça, carqueja, cascas, juncavam o chão; do tecto pendiam de ganchos resteas de alhos, de cebolas; velhos farrapos sujos arrastavam-se. E ha-

via sempre um cheiro de caldo requentado, de ossos esburgados, e a vaga sensação do fumo abafado. Amelia tapava o nariz com a manta.

Amaro ia adiante; e os seus sapatos rangíam na escada velha e escura que levava ao quarto do sineiro. Havia uma janella, sem vidraça, com um pequeno parapeito de pedra, onde, n'uma panella rachada, cheia de terra, florescia um pé de salsa. Um lado da parede tinha uma grande fenda; e imagens de santos estavam pregadas com alfinetes. O tecto era de traves debaixo do telhado. E ao pé da cama que era uma enxerga de palha, com velhas mantas esburacadas e ennegrecidas, sobre uns bancos de pau, uma candêa pendia da parede, e por cima estendia-se, como um penacho escuro, desenhado, um grande sulco de fumo. O sineiro tinha sempre tudo arranjado; na roupa suja arrastavam-se sapatos velhos, farrapos, e ordinariamente encontrava-se alli um porco que o sineiro tinha de creação, havia um anno. Amaro enxotava-o, e o animal grunhindo, pesado, com a cauda enroscada n'um S fugia, mettia-se debaixo da cama e ia de encontro ás paredes. Amelia ría e o padre desesperado, atirava-lhe pontapés, praguejando: até que o porco aos gritos rolava pela escada. O padre então fechava a porta que era perra, e era necessario firmar o joelho na hombreira. E era alli que se viam e fallavam. Através do telhado viam-se as fendas do tecto cheias de luz; ás vezes um gato miava ou um passaro pousando chilreava e voava. E depois o padre Amaro saía e Amelia ficava ainda. Depois descia, punha-se a escutar na cosinha; esperava. E quando o padre Amaro da porta da sacristia dizia alto:—Oh! tio Esguelhas.—ella saía. Era o signal, e não havia ninguem na igreja que reparasse. Com a manta pela cabeça, os olhos baixos, a attitude piedosa, o corpo um pouco curvado, atravessava então a igreja, ajoelhando diante dos altares, com uma pequena tosse que lhe sobrevinha.

A botica do sr. Carlos era defronte da Sé. Elle ás vezes chamava-a.

— Vem de rezar, hein? dizia com o busto direito e imponente, as mãos nas algibeiras, o barrete sobre a orelha, e o seu casaco do laboratorio, todo cheio de nodoas.

— Fui alli ao Santissimo. Como está cá a familia?

— Nenos mal. E lá por casa?

— Vamos andando, graças a Deus.

— Ora, vá, minha flor, vá! recados á mãe.

E voltando-se para os praticantes:

— Isto é a joia da terra; quem a levar, leva mulher de juiso.

E vinha para a porta, assobiando, esperar os freguezes, aquecendo-se ao sol.

XX

Assim viviam no egoismo d'aquella paixão. Eram novos, e desde os primeiros tempos Amaro dominava-a. Ella achava-o mais bello, e mais grave, absorvente e irresistivel. Sentia n'elle a sua força, e ás vezes en-

costava-se toda, aninhada, contra o peito d'elle, e como sob a sensação de um bom calor.

— Ah! estou tão bem, dizia baixinho.

E Amaro sentia-se orgulhoso; elle, padre, sempre dependente e prostrado na vida diante das hierarchias ecclesiasticas, na religião, diante dos altares e das impassiveis imagens, tinha alli, junto d'ella, o seu momento de gloria e de tyrannia. E um dia Amelia ajoelhára-se-lhe aos pés. Amaro estremeceu, sentiu um amor infinito, glorioso, e quasi chorando, agradecido, beijou-lhe as mãos. Ás vezes perguntava-lhe se já vira algam padre que dissesse a missa melhor.

— Não, não, só tu.

Amaro então fallava do que estudara na livraria do seminario; recitava velhas phrases classicas de sermões.

— Ih! que lindo! dizia ella.

Amaro sorria: os seus dentes brancos, pequenos, tinham um esmalte lusidio.

— Tens os dentes tão bonitos, tu, dizia ella.

E o padre gostava de lhe apparecer assim superior e perfeito; e necessitava aquella alma admiradora, como um espelho em que elle pequeno, humilde, obscuro, se visse forte, glorioso e altivo.

Mas desconfiava de si; tinha ciumes; vinha-lhe á idéa, que ella não podia amar até á profundidade do seu ser um homem sempre melancolico, no aspecto da sua batina escura, padre, com coroa aberta na cabeça; e odiava então todos os homens que na cidade eram felizes, com os seus casacos de côr, com os cabellos compridos e a barba penteada. Dizia a Amelia que os despresasse; que eram futeis, peccadores, votados aos castigos transcendentes. E quando Amelia ás vezes defendia um d'esses homens, irritava-se:

— Gostas d'elle, gostas?

— Gosto lá d'elle! disseram-me...

Mas elle exaltava-se; tudo o que lhe diziam era incerto, falso; só elle sabia as verdades, as coisas justas... Não a deixava ter a opinião, individualidade. *Ella* devia ser *elle;* e o mais era uma revolta, uma traição ao amor! Gostava assim de dominar, fazer vergar a independencia da sua pequenina alma femenina, como dobrava e enlaçava a sua estatura.

Amelia, ás vezes, contava-lhe uma coisa que lera n'um jornal por acaso, ou n'algum livro dos que a mãe tinha, a *Bibliotheca das Damas*, o *Panorama*. Mas Amaro censurava-a. Para que lia ella?

— Queres ser douta agora!

E dizia-lhe, que ler, saber, era peccar; que se abandonasse ás palavras d'elle, aos seus conselhos, ao que elle sabia das experieucias humanas.

— Percebes? percebes? dizia-lhe, tomando-a pela cinta, apertando-a, com o olhar dominante.— Eu é que sei, eu é que mando!

Fizera-a adoptar os seus gostos; ao principio gostava de a ver vestida com o vestido de lã verde escuro, ou em certos domingos, com o

vestido de seda azul, que arrastava. Mas, depois, impusera-lhe as côres escuras, o preto. Porque não lhe perdoava ser ella uma mulher sem votos, podendo vestir-se de côr, entrar nos theatros, rir, casar, crear uma familia. E sem motivo, ás vezes, carregava o rosto, affastava-a.

— Mas porque? porque? dizia Amelia, supplicante.

E Amaro então baixo, fazia-lhe accusações:— que era vaidosa, com desejos d'agradar, garrida, e ria-se para os homens; dizia-lhe a cada momento:

— Percebes? percebes?

Amelia começava a ter os labios tremulos, o aspecto triste, vinham-lhe lagrimas vagarosas. Amaro, ás vezes ia a casa d'ella, de manhã. Acontecia, que em certos dias a mãe tinha saído. Amelia trabalhava, ou com um chambre branco, ou mal penteada, fazia arranjos, cantorolando:

— Sempre a cantar! dizia elle com um tom amargo.

— Oh! filho, querias que estivesse para ahi como uma mona?

Amaro então lembrava-lhe a obrigação de resar, de se recolher, de se humilhar a Deus, sempre, sempre...

E um dia ella disse-lhe:

— Parece-me que gostavas mais de mim, se eu fosse freira...

— E é verdade, gostava! tinha respondido o padre.

Porque causava-lhe encanto confundir a religião com o amor. Um dia que estavam em casa do sineiro, tinha tocado a finados na torre; o dia estava nublado, d'uma suave tristeza.

— Quem morreria hoje? perguntou ella.

Elle esteve um momento callado.

— E se eu morresse?

— Não! disse o padre com quasi um tom choroso, de mimo, pondo os dedos na boca.

Tinham começado a escutar o dobre lento, vagaroso, lacrimosamente solto. Amelia suspirava, chegando-se a elle e ficaram assim esquecidos n'um torpor doce, uma voluptuosidade meiga, subtil, quasi triste, com um fundo lugubre, como se por baixo estivesse a morte!

E d'ahi a tempos como estivessem na sacristia, ella quiz vêr certos paramentos, alfaias dos andores, e admirou muito uma capa grande de setim azul, pesada, com um recamado rico e duro e todas as flexibilidades molles do setim.

— Havia de te ficar bem, disse Amaro.

Ella riu, e o padre poz-lh'a aos hombros. Amelia ficou um pouco assustada como por uma profanação, commovida como n'uma gloria, e timida, radiosa, conservava-se immovel, n'um sorriso, n'uma admiração, e a capa envolvia-a, toda dourada, scintillando, recamada e magnifica. Ia tiral-a com respeito. Amaro deteve-a.

— Que linda! murmurou.

Mas então, rapidamente, ella, callada, ajudou-o a dobrar e metter no lençol branco, na gaveta, e foi ajoelhar-se na egreja deante do altar-mór, e demorou-se a rezar.

Amelia adorava-o, e estava n'aquelle sentimento como no seu elemento natural. Desejava-o pela sua pallidez, pelo explendor dos seus paramentos nas festas, pelo mysterioso pittoresco d'aquelles encontros, e por que era padre, e ainda pela força impetuosa e absorvente da sua paixão. No entanto ás vezes, desejava que elle tivesse uma profissão civil, não fosse padre, porque lhe devia ficar bem o bigode. Fatigava-a aquella attitude sacerdotal e as longas pregas da batina, e detestava sobre tudo o seu grande capote, de cabeção e fechos de metal, que lhe dava um aspecto paternal e caturra. E desejaria metter as mãos pelos seus grandes cabellos pretos, annellados, que deveriam ter o aroma das pommadas finas.

Mas no fundo amava-o, mas como padre. Quantas superioridades, glorias, dominios transcendentes! Elle dirigia as almas pela confissão; remia pela absolvição; purificava baptisando; legitimava casando; e por vezes parecia-lhe que o ser escolhida e eleita d'um padre, devia chamar sobre ella as attenções do ceu. Elle de resto, dissera-lhe que os anjos a tomariam pela mão, que as santas lhe dariam logar na hierarchia do paraiso. Quasi desejava então morrer. Pensava assim, só, no seu quarto; e aquellas glorias mais excitavam o seu interesse amoroso; recordava então as suas palavras, os seus beijos; fartava-se do encanto de o desejar.

E aquelle amor, pensava convencida, não era um peccado. O sacerdocio d'elle sanctificava: amava a Deus atravez do padre. Parecia um peccado mas era Deus que o queria: *Deus escreve direito por linhas tortas.*

Mas algumas vezes sentia que podesse haver um peccado; e então com terrores amava-o mais: o sacrificio do ceu excitava-lhe o contentamento, o amor; era soffrer, pensar, gemer por elle; e ao mesmo tempo o sacrilegio, o horror, o crime d'aquelles encontros davam-lhe um sabor delicioso e pungunte, sublime e irritante.

Assim aquella paixão a envolvia estreitamente como um vestido de malha; dera-lhe quasi uma outra natureza; tinha certa audacia de pensamento; muitas vezes na profundidade do seu sentir, lamentava raparigas que conhecia, e chamava-as imbecis. Tornara-se preguiçosa e toda dada ao cuidado da sua pessoa. Fizera-se golosa de doces e copinhos de vinho. Se havia luar ia para a janella e pensando em arranjos vulgares, tinha attitudes sentimentaes. Ficava ás vezes longo tempo a olhar vagamente n'uma immobilidade feliz! E sem saber porque tomavam-a grandes tristezas. Tinha engordado. Estava d'uma belleza ampla e toda egual.

O padre Amaro vinha a casa d'ella passar muitas noites; jogava-se a bisca. O sr. Arthur tocava guitarra. O padre conservava um aspecto frio; nunca fallava baixo a Amelia, mas ás vezes os seus pés encontravam-se.

Amaro sentia-se bem n'aquelle amor. Amava já a sua profissão de padre. Gostava de confessar, de interrogar as mulheres, de as fazer chorar; depois contava a Amelia. E o seu encanto era a posse d'aquella bella rapariga, viva e nova, que tinha vehemencias de plebêa e humildades de gata.

Não pensava no peccado d'aquella ligação; além d'isso não temia o inferno, o que se diz das suas chammas; não acreditava, e como era homem todo de sensibilidade carnal, não o aterravam os castigos da outra vida que só se dirigissem á alma. Depois arrepender-se-hia! Abrandaria Deus com missas, penitencias! E para se tranquillisar lembrava o que se conta da vida dos padres, dos que vivem nas aldeias ignoradas e nas aristrocacias de Roma!

Demais, pensava nos protestantes que podem casar!

E quantas vezes abençoava casamentos, sem fé, sem uncção, dizendo distrahidamente as palavras rituaes, tomado de certas ideias, ou reparando nas rendas e nos vestidos da noiva!

Estava tranquillo, seguro. Abandonava-se abundantemente, á vida dos appetites. Comia bem, começava a engordar. Em casa fumava charuto. Tinha começado a ler um romance e mandara fazer roupa branca. Tivera mesmo algumas despesas excessivas e difficuldades de dinheiro. O seu recurso era a sr.ª D. Maria d'Assumpção. Elle confessava-a todas as semanas e impunha-lhe como penitencia grande numero de missas, com intenções mysteriosas. Ella pagavalh'as a pinto: tornára-se generosa para elle. E mesmo por certos olhares, certos suspiros, Amaro desconfiava que a velha o amava em segredo.

— Era um bom negocio, pensava. Tinha mesmo contado a Amelia. Ella fingira-se ciosa; amuara-se sorrindo.

(*Continúa*).

Eça de Queiroz.

LA VERDAD SOBRE LA TEORÍA DE LAS RAZAS

VII

La Rusia ha sido y es nuestro terror, no por que exista razon sólida para temer sus amenazas, sino por una fatuidad de la ciencia superficial de algunos, por el hábito de ciertos políticos herederos en esta industria de aquellos doctores místicos que no saben predicar ó dirigir sin amenazar, porque no aciertan á preparar ninguna regeneracion sólida con móviles y estímulos que no dependan del más insano terror. El coloso del siglo, además, parece haberse hundido sin llevarse su sombra al sepulcro, y la dejó en prolongada proroyeccion en la mente y en los libros de esa media ciencia y esas diplomacias que no nos permitia esperar nada de nosotros mismos y sí temer mucho de los demás.

«La Europa será cosaca ó republicana!» — Con el fatal dilema Napoleon ha enloquecido la imaginacion de muchos estadistas y la política de muchos pueblos. Como aquellos que al comunicar una nueva feliz, por largos años esperada, se complacen en mezclar, (capricho de intencion aviesa,) la dulce verdad que se ven forzados á emitir, con una prevencion contrária, con algun escrúpulo, con el peso terrible que debilita el valor de toda proposicion; así el taciturno de Santa Elena nos dió con su dilema ilógico, la profecía de una era anhelada, pero envuelta en las oscuridades de los antiguos augurios y sentencias sibilinas. Él nos ha hecho creer en lo que no debíamos creer, para no temblar, ni obcecarnos en la posibilidad de nuevas invasiones del Norte, siempre bárbaro para nosotros, y así como se consternaban nuestros abuelos con la aparicion de un cometa en nuestro cielo, nosotros nos descorazonamos con cualquiera señal de vida que dá un pueblo germano ó eslavo, y no vemos en el triunfo de un país setentrional sino la cola de luz de sus victorias ame-

nazando fatídicamente á los pueblos del Mediodía. Esto nos pasa con la Prusia fundando su imperio. Y la caida del segundo Napoleon, al aparecer este nuevo imperio Germánico, es para muchos la repeticion en tono más formidable de la profecía amenazadora del primero. Todo, en verdad, parece concurrir á la confirmacion de los penosos temores á que la sentencia célebre quiso condenarnos.

La série no interrumpida de triunfos y éxitos casi tan fabulosos como los de la Grecia olímpica, con los cuales acaban de asombrar al mundo los ejércitos prusianos; el aniquilamiento total de los ejércitos franceses, que ni un solo momento han dado en la lucha idea de lo que fueron al abrir con su empuje las puertas gloriosas de nuestro siglo; parecen constreñirnos á proclamar la decadencia de la raza latina y la elevacion y crecimiento, por corolario, de las razas germánicas y sus afines. Los pueblos latinos, se sigue diciendo ahora con más insistencia que antes, están gastados y en agonía. El fuego de los cañones prusianos eclipsa y amortigua el resplandor mismo de nuestros cielos.

La fuerza moral, las pasiones y los ideales necesarios para conservar la respetable posicion que las naciones del Mediterráneo alcanzaron otros dias, nos faltan, segun esto, completamente y como por decreto irrevocable del destino. Y cuanto se requiere para apoderarse de la vida que hemos menospreciado en nuestra inércia, buena fortuna, fé en algo y cualidades activas, no se encuentra ya sino en el renaciente imperio germánico. A los alemanes, por ende, toca ocupar desde hoy el primer plano en el escenario político europeo. La ciencia alemana, las ideas alemanas, el arte aleman, el vigor corporal de sus atletas, las armas de sus inventores, toda la vida alemana, en fin, vá desde luego á reemplazar la decrépita civilizacion de las nacionalidades latinas y señaladamente la antigua preponderancia francesa. Las victorias de los ejércitos de Moltke no son más que la expresion primera del hecho histórico irremisible.

Estamos, en concepto de los que tal piensan, en los prodromos de una nueva civilizacion enemiga, que se titulará la era neo-germánica. Me apresuro á reconocer que aunque yo no creo en esto como los más, y aunque no puedo comprender en los acontecimientos de 1870, el anuncio de un ciclo puramente prusiano, como hubo, un ciclo propiamente latino, tampoco participo de la opinion de aquellos que dán á dichos acontecimientos el mismo valor que han tenido y tienen en las consideraciones históricas, los otros que llenan los anales de la primera mitad del siglo.

Nadie puede desconocer que la guerra franco-prusiana nos ha lanzado de golpe á una de las más graves evoluciones de los destinos de la humanidad. En mi concepto, la guerra no es esta evolucion que digo; para mí ni siquiera es la expresion exterior de ella; pero como guerra sen igual, digo que nos ha hecho avanzar con pasos de gigante hácia un órden de cosas imprevisto, y que si semejante guerra no hubiera estallado, semejante órden de cosas estaría muy léjos todavía de nuestra generacion.

Ni las derrotas de la Francia prueban que este gran pueblo no valga ya para entrar en el número de las naciones que van á la cabeza de la civilizacion.

No olvidemos que lo que carateriza la vida de hoy, moral y materialmente, es lo rápido y lo imprevisto; y todo, ménos lo perpétuo en el triunfo, ménos lo irrevocable en la derrota. La Rusia, hoy deslumbradora, no parecia en 1807 sino como condenada al no ser, y en 1815, salió de la guerra de la independencia y del Congreso de Viena tres veces más grande que lo que ella misma habia osado esperar. Ahora quince años ¿qué era, sinembargo, Rusia todavía? — La última de las grandes potencias. ¿No puede así mismo la Francia que hemos visto descender tanto y á tanto, reponerse en breve espacio de tiempo y hasta el punto de que no sea posible que Rusia dispare un cañon sin ponerse de acuerdo con la raza latina?

¡Quién sabe! Por que lo cierto es que no faltan razones sólidas para probar que en nuestros tiempos no pueden ya surgir naciones jóvenes, con vigor no gastado, para reemplazar del todo y en todo, como en tiempo de las invasiones bárbaras, las razas degeneradas. Rusia necesitará dentro de poco de una Francia en todo su vigor.

A pesar de esto, la nueva teoría política de algunos alemanes se deriva á favor de ellos del aforismo de Napoleon. En sus universidades, en sus periódicos, en el sin número de folletos que parece que siguen disparando sus fusiles y sus obuses, en sus caminos de hierro, en sus teatros, en sus cafés, en las alcobas de sus enfermos y hasta en las autopsias que se hacen en sus anfiteatros anatómicos, no se habla, no se pronostica, no se vé, no se siente, no se piensa sino con el exclusivo dominio de estas ideas, lisongeras para ellos, mortales para nosotros. Lucha de las razas germánicas contra las razas latinas, triunfo de las primeras sobre las segundas, destruccion y muerte de estas, dominacion universal, en poder de aquellas tales son las palabras salientes en toda conversacion y en todo congreso; las frases de efecto allí, gozando naturalmente de ruidosa popularidad. ¿Pero las aparencias pomposas de todo esto esconden acaso un fondo de seriedad, hay un sentido profundo presagioso en los regocijos clamorosos de aquel pueblo triunfante? ¿Qué dósis de verdad dá á aquellas ideas consistencia para provocar nuestras aprensiones? ¿Tienen por base un estudio formal, concienzudo de la filosofía, de la historia? ¿Son, por último, argumentos capaces de sostener un exámen detenido á la luz de la política moderna?

Pero antes que otra cosa, lo primero que debemos preguntar, es: ¿en dónde están esas razas latinas de que tanto se habla y tan ruidosamente, hace treinta ó cuarenta años?

Los habitantes de la Italia meridional no han podido nunca, á pesar de mil esfuerzos, encontrar en sus históras y genealogías antepasados latinos. Colonias griegas, como sabe cualquier escolar, fueron las que formaron el tronco originario de aquella poblacion, en derredor del cual vinieron á prenderse y buscar sávia, razas latinas, españolas primitivas

y normandas puras. ¿Y qué encontraron al Norte de Italia los lombardos desde que empezaron á invadir aquel precioso territorio? No encontraron ciertamente latinos, pero sí aborígenes de raza céltica *(Gallia cisalpina.)* Un resto imperceptible de raza latina que pasó por allí, abandonó pronto la Italia, y fué á perderse en Alemania, Inglaterra y Dinamarca. En España los antiguos iberos no tenian ni una gota de sangre de las razas latinas. Y hasta hoy nadie ha podido encontrar en los diversos pueblos de la Península sino una agrupacion de razas en que corre sangre goda, morisca, céltica, vasca y, por último, en muy insignificante proporcion sangre romana. Nada hay que decir de Francia. Su nombre todavía revela claramente á los menos entendidos cuán escaso fué el contingente latino que penetró entre numerosas razas anteriores y coexistió allí para la lenta formacion de lo que llamamos desde Capeto la nacionalidad francesa. Dos razas principales componen aquel inmenso y poderoso conjunto, y estas no fueron sino la céltica y la germánica, á las cuales fueron soldándose muy poco á poco pueblos puramente germánicos como los de Alsácia y parte de la Lorena.

¿Dónde está, pues, la raza latina en Francia? ¿Ha sido nunca latina como raza aquella parte de Europa? El hecho es que ni allí, ni en España, ni en Italia, existe la raza latina propiamente dicha.

Débiles restos del tiempo de la antigua Roma, llegaron á desaparecer por su escaso número en las evoluciones de los otros elementos, y nunca ejercieron como raza preponderante ninguna influencia sobre lo más esencial, sobre el carácter y la índole propia de cada una de las tres nacionalidades. Cuando se habla de pueblos latinos, es preciso, pues, considerar, no las razas agrupadas en ellos, sino la lengua y la literatura con que estas razas modificaron sus diversos idiomas y dialectos. Y solo los alemanes y otros pueblos del Norte necesitan decir para designar los pueblos civilizadores del Medio-día; pueblos de lengua *neo-romana*. Los representantes y conservadores del verbo romano en sus términos generadores, son ciertamente los italianos, los españoles, los portugueses y los franceses. Por su literatura es por lo que se les distingue, en este caso, de la Alemania, grupo de razas eslavo-germánicas, que dá vida á la literatura que es á la vez pseudo-germana y pseudo-latina; y de Inglaterra, ó grupo de razas céltico-anglo-saxo-normando-danés, que crea la lengua inglesa; y, en fin, de otras razas de verbo generador eslavo y de verbo escandinavo. ¿Pretenden acaso algunos teóricos alemanes sostener en buena tésis que todo pueblo que habite un país determinado en que predomina tal ó cual idioma, tal ó cual ideal estético y literario, forma por esta sola razon, bajo el punto de vista político y social una raza absorbente; y que así como vemos por la comunidad de lenguas establecerse entre varios pueblos comunidad de ideas, así debemos entender que en la época en que esto se verifica se vá anonadando entre dichos pueblos la distintiva original vitalidad de sus razas componentes? Difícil sería á los teóricos que indico defender sus principios, puesta la tésis en este terreno. Porque si es verdad que las naciones, como los individuos, tie-

nen que recorrer en su existencia ciertos y determinados periodos, desde el nacimiento hasta la edad madura, y desde el último periodo de incremento y madurez hasta la misteriosa todavia para nosotros, evolucion de la muerte; si es verdad asímismo que todo pueblo alcanza su época de predominio singular y su época de postracion al parecer completa; nótase bien que de esto á la supremacia invencible, constante, fatal, absorbente de una raza sobre otras, de esto á la exclusiva dominacion universal de un pueblo ejercida sobre toda la Europa, hay un abismo de absurdos é imposibles.

¿Cuándo alcanzaron tampoco semejante extremo de superioridad ilimitada las naciones de lengua romana? Las tres principales que dieron principal asunto á la história moderna, han tenido ciertamente, cada una por separado, una edad de oro en la literatura, en las ciencias, en las artes, en la prosperidad material, en el poder invencible de las armas, en la buena fortuna de las conquistas, y que podemos llamar su época ó siglo imperial. Pero la historia no habla nunca de la dominacion de un imperio italiano, á menos que no nos empeñemos en remontarnos á histórias anteriores, y en hacer esta expresion sinónima de imperio romano, lo que sería salirse de la cuestion, y desconocer que la supremacia romana en ninguno de sus periodos nada tenia de comun con la civilizacion subsecuente de las naciones italianas, ni la preparó, ni la presintió. En cuanto á España, cuyo papel ha sido el más grande y glorioso en la Edad-Media y el renacimiento, consiguió realizar conquistas que solo soñado habian los Ciros, Faraones y Alejandros de la antigüedad heróica Las empresas de estos gigantes sucesores de los dioses en la veneracion de los pueblos, no aparecieron ya en la história de las fundaciones de los imperios sino como un bosquejo profético de la verdadera dominacion universal reservada á la tercera península del Mediterráneo. Las conquistas anteriores parecen simplemente horizontales, las de España y Portugal verticales, hasta el cielo y hasta el abismo.

Despues que Europa ideó conquistar el sepulcro de Cristo, España y Portugal, con más fuerza de verdad llevan aquella idea extraordinaria á las profundidades de la muerte, y arrancan del seno de los mares los mundos de las naciones del porvenir; y conquistan al cielo las primeras gradas para escalarle, aquellas eminencias desconocidas de los Andes, base y soporte para preparar las primeras conquistas científicas de los mundos siderales y de los mistérios celestes.

Pero, además de esto, ejerció una preponderancia política en Europa que no ha tenido rival ni imitador. Como pesa el Escorial sobre las peladas rocas de su base, el trono de España imperial pesó con majestad sobre la Europa entera recibiendo de él todo valor y todo prestigio.

A partir de Carlos V, hasta los primeros sucesores de Felipe II, el imperio español tuvo la balanza de las transacciones europeas, inclinándola, con solo el aliento, del lado que designaba la voluntad del único verdadero soberano. ¿Pero quién pretenderá demostrar, ni insinuar siquiera, que la mejor parte constituyente de aquel imperio español se debió á la

conquista propiamente ni á cosa que á conquista se asemejara? Las de edades primitivas, sus derechos, astucias, fuerzas, artes y medios de accion murieron con las edades que justificaron, si se quiere, la necesidad de tal manera de preponderancia y la conveniencia de glorificar las fuerzas materiales. Pero desde que el ideal cristiano apareció en el horizonte de la vida moral, los pueblos superiores por los derechos de la inteligencia sobre las tradiciones de la fuerza bruta, no conquistan ya sino por su influencia cada vez más moral y desprendida de los auxiliares de la guerra; no roban los otros pueblos, se los ganan; no se imponen á ellos, se proponen; como el sol, no tienen que hacer más que alzarse y dejarse ver para que sus vivificantes rayos sean acogidos con sumision por la parte del globo que acaba de atravesar las sombras de una noche. Para fundar el poder de España, nadie negará tampoco que si algo contribuyó de lo que adoraron y temieron los antiguos en sus conquistas ruidosas, fué el destino, la casualidad, la fatalidad ciega, la reunion fortuita de tantas coronas en la cabeza de los príncipes de la casa de Hapsburgo.—¿Y, despues de todo, llegó á ser aquel imperio completamente universal? Termino su obra? Lo, al parecer conquistado, se sostuvo nunca sin conmocion, sin resistencia, en derredor del núcleo unificante? Si el acaso estableció la unidad, las guerras estallaron al punto para comenzar el desmembramiento. Cosas análogas acontecen en Francia.

Tuvo esta su ponderado siglo de Luis XIV, su época de influencia avasalladora y preponderancia sin resistencia sobre casi toda la Europa. Este gran imperio de Francia sobre el mundo, hay que reconocerlo en su gran siglo, en los años de su gran ejército, en los dias de su gran revolucion, (la revolucion primera de los siglos cristianos, la revolucion propiamente dicha); y asimismo en las horas más afortunadas de Napoleon III. Pero ¡cuantos intérvalos de uno á otro minuto de esplendor! ¡cuánta variedad de fortuna en los segundos que duraba cada uno de aquellos momentos de luz en el faro del destino francés! Obsérvase bien que la supremacia de aquel país no se ejerció en aquellos diversos periodos de su gloria intermitente, de una sola manera, ni en una misma direccion; es decir, ni con el mismo género de influencia, ni sobre los mismos objetivos. Políticamente grande bajo Luis XIV y los dos Bonaparte, la nacion francesa retrocedió luego al segundo y al tercer plano; cedió su cetro á la santa alianza bajo la Restauracion y la dinastía de Julio. Como propagadores de las ideas revolucionarias en todo órden de ideas, y en todas las relaciones de la vida, ha sido como los franceses han influido más desde los enciclopedistas, y aun en los periodos de mayor impotencia política.

VIII

Para comunicar un secreto de irresistible influencia á aquella Revolucion, para que pudiera llevar su empuje á otros pueblos, para elevarla á ciencia, política, história, estúdio, en fin, norma y propulsion de otras vidas, debemos considerar de paso que Suiza dió á la Francia los prime-

ros impulsos y mejores consejos.—Suiza ejerció entonces su imperio moral correspondiente, sirviéndole de mediacion el hecho más universal de la historia contemporánea. Ella fué la que llevó á la nacion francesa lo que necesitaban los franceses para dar cuerpo y formas á su empresa. La influencia del célebre filósofo ginebrino en la filosofía y la literatura del siglo XVIII fué immensa, como la de ningun otro autor antiguo ó moderno.

Rousseau acabó de señalar los resortes para las nuevas conquistas morales y la mejor y más segura manera de intervenir un pueblo en los destinos de los otros. En el autor del *Contrato Social*, de la *Nueva Eloisa*, del *Emilio* y del *Vicario*, vemos estallar como un volcan la imaginacion típica de nuestra cultura, que tanta vida ha dado á las libertades contemporáneas en ciencias, artes é industrias, matando la severidad de la antigua disciplina.

Rousseau coloreó con las flores de su Helvetia y los iris de sus Alpes la literatura parisiense, inclinándola al género descriptivo, á la mágia pictórica, á lo familiar y más íntimo, al sentimentalismo melancólico sin el cual imposible que haya progreso en ninguna literatura. Así fué como Rousseau enseñó á los literatos á rehacer y dar más fuerte espíritu de propaganda á las obras conocidas, y á escribir lo que piensan y viven nuestras generaciones; y no ya por pasatiempo, ó amor de vana gloria, sino para ejercer una accion social, para combatir abusos, hacer la anatomía del corazon humano, dar quejidos á sus necesidades y nuevos clamores á las pasiones. Antes que Rousseau, ya Montesquieu habia en verdad estudiado los varios sistemas políticos admisibles á nuestras razas, y loado las consecuencias del régimen parlamentario; tambien Mably habia despertado el verdadero espíritu innovador, pero sin la pasion revolucionaria, aunque exaltando como nadie el patriotismo antiguo.—Con todo esto el partido revolucionario de Francia, como hace poco el partido republicano de España, no tenia más que ideas aisladas, vagas aspiraciones, decision por las renovaciones presentidas, el vértigo de los cambios de vida; pero carecia completamente de fórmulas precisas y poder de encarnacion de la política redentora en la realidad viviente y en la conciencia y voluntad de los pueblos. Rousseau fué el que dió á Francia una páuta para el rebusco de estas fórmulas: él quien la impulsó por las vias novísimas de la igualdad política y del sufragio universal. No olvidemos decir que tal vez otro hombre de Suiza habia precedido á Rousseau en el arte y la fortuna de aconsejar á un pueblo extrangero. Bourlamaki el ginebrino, discípulo de Grotius y Puffendorf, habia dado ya á la Inglaterra lo que esta, hoy todavia, estima en sus universidades como el libro clásico por excelencia sobre los *principios del derecho*. Ginebra envió tambien á Francia juntamente con Rousseau á otros de sus hijos, no menos ilustres, que no pensando como el autor del *Pacto social*, supieron sostener otros principios en contraposicion á los del filósofo de Annecy; y de la oposicion entre unos y otros resultó que fundaran en París, en contradiccion con las constituciones feudales y despóti-

cas, nuevas formas de constitucion, adecuadas á la libertad racional reconocida, experimentadas en las luchas de las ideas antitéticas, vigorizadas con el calor de las discusiones. La diminuta Ginebra, colmena de sábios, monasterio de los benedictinos graves del ideal moderno, envió tambien á la revolucion francesa, en los dias que la preparaban, al eminente Necker, espíritu prudente, moderador de las pasiones que Rousseau excitaba, maestro en el arte de pesar las ideas, mesurado, no mezquino ni meticuloso, experimentalista como todos sus compatriotas, el primero que quiso establecer ante la corte de Francia el régimen parlamentario á la inglesa. Necker, á quien tantos políticos modernos quisieran parecerse, poseia lo inimitable; la sinceridad que no echa de menos la infalibilidad. Sabia dudar, pero no queria dudar. Apreciaba todas las ideas, pero no se abandonaba á ninguna fácilmente. Se apoderaba de la más nueva, la estudiaba antes de decidirse, y esperaba, porque saber esperar es la última condicion de nuestra grandeza; se envolvia en todo lo que constituye una dignidad superior; poseia la gravedad sensata geométrica, aquella que labró como en un yunque la dureza calvinista; gravedad que puede ver con calma las cosas y peligros por su lado sério, las ideas por su lado viable, y queda concentrada en sí.

Era, por lo tanto, el espíritu más á propósito para enseñar lo que ignora ú olvida frecuentemente la nacion francesa, de tan ligero humor, viva, impetuosa, loca, fátua y voluble. La misma en su política que en su teatro, y en sus talleres de sastrería; aprendiendo más de un peluquero que de un doctor en medicina, más del astrólogo que del astrónomo, más de Talma que de Pascal. De Ginebra salieron además Dumont y Duroveray que empujaban la Constituyente á la organizacion de una monarquía rodeada de instituciones democráticas. Dumont de concierto con el ginebrino Clavières y el losanense Reybaz, se asoció á Mirabeau para la fundacion del *Courier de Provence* y fué tambien, como se supo más tarde, el que preparó los mejores discursos de Mirabeau y el que le inspiró el célebre mensage á Luis XVI para la retirada de las tropas. Clavières guardaba el fuego de Eróstrato en su alma. Fué el primero que habló de derrumbar la monarquía y abrió calle á los girondinos. Fué el fundador del primer periódico político que hubo en Francia. El segundo y el tercero se debieron tambien á escritores suizos: Mallet-du-Pan y Divernois que se oponian al torrente devastador del jacobinismo. Mallet-du-Pan merece además el título de primer maestro de literatura política francesa: escribia con un escalpelo, con la punta de un guijarro, con las uñas, irritado de que no fueran garras las que hirieran el papel. Despreciaba el apláuso! Alma recta é inflexible, lo que menos le importaba era la gratitud de las muchedumbres cuando les proponía lo mejor para ellas. Pero quien enseñó á la Francia del 93 con más claridad y solemne magisterio; quien la hizo palpar las cualidades sólidas del espíritu republicano y de las almas sabiamente libres, sin contaminarse con el libertinaje del desórden, fué Sismondi, el colosal griego de las orillas del Seman. El introdujo su discreto y precioso utilitarismo para adelantar la parte de

solidez y consistencia que se requeria, lo primero, como base del nuevo edificio. Su experiencia en los negocios, su conocimiento del corazon humano, su extension de miras, la firmeza de su carácter, le hicieron muy superior á todos los franceses de la lucha. Fué de los pocos que atravesaron los excesos malditos de la revolucion y de las reacciones lamentables que la desvirtuaron, sin renunciar la fé nueva, ni dudar un solo instante de los beneficios legítimos de la libertad.

Sí, una raza de las que compusieron el antiguo mundo romano, hombres de la república imperceptible que Voltaire bufon amenazaba cubrir de blanco, simulando una nevada, con solo sacudir sobre ella el polvo de su peluca, dieron á la Francia colosal el secreto y el empuje de la primera revolucion moderna. (¿No es el cuento realizado de la ballena dirigida por un pececillo, por una pequeñez imperceptible?) No de otro auxiliar vinieron á Francia, en su despertar, la cultura de las ciencias naturales y matemáticas, la solidez de los estudios sérios de nuestros dias, la ciencia superior de las leyes, el arte de las combinaciones de la hacienda, los cálculos económicos, y conjuntamente las artes mecánicas rehabilitadas, empezando por la relojería. La pequeña Ginebra dió así las reglas y los útiles del trabajo y la libertad, estas dos almas de nuestra vida. Con la hacienda y la economía política enseñó á medir el crédito de los gobiernos y los pueblos: con sus relojes, á medir el tiempo y á regular el trabajo del mundo. El reloj es la primera joya racional, símbolo de lo bello encadenado á lo útil y necesario, de la industria, aristocratizándose con el primoroso arte de la joyería; del ideal en contacto con lo maquinal. El reloj es un corazon artificial que hace palpitar el tiempo sobre nuestro pecho, al unísono con el corazon divino que dentro de nuestra vida palpita. El país que lo construye é incesantemente lo modifica y perfecciona es la patria de Mosez, el que consume el consorcio de la industria maquinaria con la suprema belleza en la catedral de Friburgo. Si el reloj es un corazon compañero en el tiempo, el órgano de Mosez es un alma compañera en nuestras elevaciones á lo eternal é infinito. El cronómetro pendiente de nuestro cuello; este prodigio tan delicado y tan lleno de exactitud infunde hábitos de exactitud y precision, la necesidad de prácticas matemáticas, cosas hasta hoy desconocidas y que contribuyen al progreso de la mecánica declarándola agente importantísimo del progreso universal moderno.

Toda la vida política de la moderna Francia le ha sido infundida por la Roma inmortal de la fé conjetural y subjetiva. La escuela de Royer Collard y de Guizot, salió de la escuela de Necker, de Madame de Stael, de Benjamin Constant, del venerable Sismondi; así como las de Lafayette y sus afines son resultantes del radicalismo de Rousseau. Es decir que cuando Francia alcanzó su más alto imperio moral sobre el mundo, cuando dominó en las almas no era ella sola quien dominaba; Suiza participaba de aquel predominio con su irresistible influjo.

Bajo el punto de vista de las relaciones sociales, entendiendo por esto los usos y hábitos del mundo culto, las exijencias de la moda, el

lenguage de salon, las leyes suntuarias de la vida elegante, la literatura fácil, los refinamientos de la educacion, los placeres del teatro, la gracia ateniense, la dósis de paganismo artístico, las pompas, la espuma de la civilizacion; es indudable que el imperio de Francia sobre el mundo civilizado ha subsistido y sigue subsistiendo sin decadencia desde el siglo de Luis XIV.

¿Hay quien imagine que este cetro, muy poderoso aún para nuestras sociedades, pueda pasar desde ahora á manos de la nueva Prusia? Lo que es don peculiar, lo que es privativo de los pueblos de la lengua neo-latina y señaladamente del francés, el gusto esquisito, la gracia contagiosa, ¿podrán usurparla los alemanes para reforzar con ello su pujanza sobre nosotros ó contra nosotros? El arte culinario de París, no lo temais, no será sustituido por la copa de cerveza con melaza que sirve de salcera esencial á la culinaria de los berlineses. Las victorias de Esparta no consiguieron imponer su sopa de tinta á los atenienses, ni la rudeza de los de Beocia á las formas afiligranadas de los corintios.

Francia, de todos modos, ha ejercido su influencia social, no como nacion romana, ni heredera de aquel imperio, sino por vida propia, por cualidades suyas, muchas de las cuales son antitéticas del carácter aleman; y este con toda su supremacia germánica y fibra teutónica, no conseguirá asimilárselas nunca, porque obstinadamente se lo niega la naturaleza, único árbitro en determinadas cuestiones de excelencia.

IX

Tambien Alemania ha gozado de su imperio sobre el mundo segun la misma historia que pondera los progresos eminentes de los pueblos pseudo-latinos. Y aquel su imperio fué muy anterior al de Francia. En los dias de Oton de Sajonia, de los Hohenstanfen, bajo el cetro de Cárlos V, Alemania fué poderosísima y temible hasta que la guerra de los treinta años acabó de desvirtuar para siempre el ideal del cesarismo antiguo. Y cuando perdió aquella grandeza política, ¿no fué cuando se alzó con otra mucho más alta y augusta, que ha sido la que ha hecho más querido su nombre y más respetable su espíritu á los pueblos del mediodía porque la dominacion que así podia ejercer era más conforme á su genio incomparable? Las obras doctísimas de la ciencia alemana son el alma de las universidades más sabias, y la música alemana ha creado un nuevo mundo de inspiraciones para las artes del porvenir. Los colonos alemanes fueron los que llevaron á la naciente sociedad americana la mejor luz científica, con las costumbres filosóficas y sociales de la gran raza germánica.

Detengámonos aquí. El *quid divinum*... de la verdadera grandeza de Alemania, de esta que no debemos temer y llamar podemos bendita y providencial será comprensible para el pueblo, si se la hacemos estudiar con la historia en la mano, comparando el imperio germánico con su equivalente en el mundo antiguo, el imperio Egipcio. Hay naciones caóticas á donde

descienden inmediatamente las emanaciones divinas para tomar cuerpo, y de donde las otras naciones las extraen para darlas desarrollo y crecimiento, formas y más condiciones de vida entre los hombres. Egipto fué este caso en el génesis de las civilizaciones antiguas. Aquella region estaba predestinada á los grandes éxodos de la historia fundamental. Allí busca César en la cúspide de las pirámides las águilas que prestaron sus alas á Roma para cruzar de un vuelo el mundo conocido. De allí, del cielo de aquella astrología presagiosa desprenderá Omaz su fatídica media luna. De allí saldrá Moises con la sinagoga triunfante, y saldrá como en ciertas latitudes triunfante aurora del seno de los mares, mientras en el horizonte opuesto se verá sumergiéndose el astro de la noche. De allí, de Heliópolis, ó sea Cuna del Sol, saldrá más tarde Jesus con su Iglesia universal. El grandioso *Valle del Nilo*, que sube del Ásia á la Europa; de las tinieblas á la luz, era la geografía preparando los rudimentos históricos. *Ex Egypto vocavi!* País misterioso por sus comarcas; más misterioso por su genio, frio en medio del fuego, con toda la vida brumosa y velada; más claro en su muerte y su noche que en sus mejores dias; santuario sin lámpara de toda sabiduría, de todo presentimiento, y de toda supersticion; cuna de toda herejía formidable; nacion sembrada que tal vez revela en sus geroglíficos cuán horrenda calentura es la que atormenta á todo gérmen bajo tierra antes de brotar, convertido en planta; patria de Orígenes, memnon viviente en donde resuena más terrible el quejido agonioso del Calvario; patria de Plotino, Platon — Rodas sobre dos filosofías; patria de Antonio, de Valentin, de Arrio, de Atanasio; esfinge siempre velada, ante la cual los pueblos indecisos y las historias como desorientadas, se detienen sin saber cómo formular su asombro, si en vehementes homenages, ó en desesperados anatemas. Tiene llanos inmensos que convidan á meditar en la libertad terrestre, circundados por desiertos que acaban de determinar la aspiracion á lo infinito, y todo aquel geróglifico de la naturaleza acentuando lo que dicen con el estrecho obelisco, con las maravillosas pirámides, sepulcros inobedientes y tenaces que en vez de llevarse sus muertos al fondo de la tierra parece que levantan la muerte á las regiones del sol para echarle en cara la humillante inconsecuencia; y luego con sus laberintos complicados, imágenes del camino de las redenciones; con sus geroglíficos que ponen triples é impenetrables cortezas á la verdad, como ciertos árboles gigantescos del trópico á sus frutos porque pueden romperse si caen de sus alturas; — porque la verdad tambien corre el peligro de llegar á manos del pueblo, como caida, destrozada y sin su jugo más vital — aquella sabiduría egipcia enciclopédica, confusa, indefinida, es, sin embargo, estimada por la providencia como la más digna de la educacion de los génios más colosales: de Mahoma en su ancianidad, de Cesar en su virilidad, de Moises en su juventud, de Jesucristo en su infancia. Allí, sin embargo, aparecen el ideal de la divinidad como perdido en groseras encarnaciones, el alma estraviada en sentido contrario en laboriosas y como burlescas metempsychosis, delirios, sueños, aberraciones increibles que nos asombran tanto más cuanto

que toda aquella niebla tenebrosa se vé flotar sobre un fondo maciso, pesado, inmóvil, de costumbres graves, severas, positivas hasta el exceso.

Parecia aquel mundo el bronce educando al alma, la sombra modelando la luz, la fatalidad precisando á Dios. Porque los egipcios con sus mómias y sus cuerpos embalsamados creian en la inmortalidad, veian como nosotros lo imposible del aniquilamiento; así buscaban la resurreccion. Esperaban que el alma viniese á reocupar su organismo complementario, y para que lo reconociese al volver, procuraban mantenerlo invariable á despecho del enemigo tiempo y tal como ella lo dejó al partir. Creian otras veces en cierto encojimiento, reduccion ó condensacion del espíritu en ciertas partes del cuerpo. En una permanencia de las almas, pasiva, de sueños en los órganos superiores mientras estos órganos duraran, en una como vida póstuma, implícita y latente bajo la salvaguardia de la duracion y los génios de la eternidad. A los egipcios, les costaba demasiado abdicar la vida, perder ningun derecho; renunciar á ningun deseo, como tememos nosotros dañar el árbol con quitarle una flor ó una hoja aún la seca é insignificante. Ellos no se resignaban á desprender nada de su vida y abandonarlo al olvido y al no ser. Pero la mómia sucumbía, se alejaba tambien, se hacia polvo en fin, y entonces era cuando el egipcio tenaz lloraba sobre aquel polvo; pero modelaba aquella masa lúgubre así compuesta de desperdicios corpóreos y esencias del alma, y hacia la estatua imágen del muerto, que era la imágen del alma, que era la imágen de Dios, soñador eterno, y sublime loco, en conversacion con la muerte y dialogando con la nada, aquel pueblo se asemejaba á la reina viuda, satisfecha ó consolada con mantener siempre á su lado el cadáver embalsamado de Felipe, la sombra de la resurreccion, el sueño de la esperanza; el secreto de la ciencia, el secreto del destino, el secreto de la verdad. Pero aquel imperio de las sombras, verdadero tipo de todos los errores y de todas las idolatrías, siendo el pueblo inmóvil y el menos revolucionario de los antiguos; es, sin embargo, al mundo antiguo lo que el Nilo es al Egipto, la lluvia vital, la fecundidad, no bajando directamente de las alturas celestes, sino por inundacion, por desbordamiento, arrastrándose por la tierra como la serpiente simbólica, presentándose de súbito y como á traicion, oscura y amenazadora como la muerte.

Y cuando Egipto así influyó, dominó al mundo en que influia tan soberanamente. Los anatemas que los terrores antiguos lanzaron sobre el Egipto no fueron ni más sagrados, ni más inútiles que los que desde fines del pasado siglo están cayendo sobre los sueños y las herejías de Alemania. Alemania es el Egipto moderno. Conjunto de razas místicas, conservadoras de todas las formas, á la vez idólatra de los principios de Hildebrando y de la rebelion de Lutero, cuna de todas las grandes concepciones aunque sin haber podido nunca hasta ahora precisar ni terminar uno solo de sus sistemas, una sola de sus artes; idealistas y psicólogos con fórmulas —giroglíficos, destinadas á elaborar en limbos eternos los elementos nuevos de las ciencias y de las sociedades regeneradas; elementos que otras razas con su vida especial sabrán depurar, precisar, vi-

vificar, encarnar, señalándoles la direccion y el camino recto de la inmortalidad.

De Egipto salió naturalmente el arte helénico, por una casualidad la política romana, y por un prodigio la vida incólume de Jesucristo. Así Alemania con esta esperanza elabora la revolucion de los pueblos, que viven revolucionándose en un fondo de costumbres antitéticas á nuestro carácter, graves, austeras, y las más opuestas á toda idea de revolucion. En la guerra de Argélia, el que cruzaba el lugar de la lucha despues de un combate se sorprendia al ver los cadáveres del ejército francés conservando en el pliegue de los entreabiertos labios la misma sonrisa loca que animaba en vida á aquellos soldados. Napoleon de lo que se asombró despues de la batalla alemana (de Leipsik) fué de ver que los soldados alemanes caian muertos sin romper las filas, formando siempre batallon. Esta permanencia del carácter al través de la muerte escatimándole algo de nuestra vida, define uno y otro pueblo.

Cosa digna de admiracion y estudio! Un acontecimiento singularísimo fué el que llevó á Egipto el grano de mostaza, la invisible raiz de una raza escogida que se iba á fundar.

El libro que contiene el génesis de todas las cosas, dice cuanto necesitamos saber para crear esperanzas. Entre los hijos de Jacob habia uno que se llamaba José — *Josef filius acrescens*, esto es, *hijo de la esperanza* y el progreso; hombre del porvenir.

Fijémonos en este retrato, porque José es el arquetipo de la juventud, de la vitalidad y de las naciones modernas que aspiran á encumbrarse. Las sendas y peligros por donde hay que cruzar para ir á la posesion de la libertad están trazadas en aquella primera página de la historia de una gran raza. Era José la personificacion del sueño, á los ojos de sus contemporáneos, de sus hermanos mismos. Llamábanle el soñador, con la misma ira reconcentrada y el menosprecio con que hoy se califican de utopias los grandes delirios del momento supremo que atrevesamos. El hebreo veia en sueños misteriosos presagios y hablaba de un sol y una luna bajando á la familiaridad con el hombre. La ciencia de Newton y Galileo, de Herschell y Sechi, saben hoy lo que José dormido veia más que sus hermanos despiertos. Estos se reian de las relaciones del soñador y acabaron por lanzarle con desprecio al país de los sueños y las mómias, á la oscuridad de Egipto. La muerte de la ciencia antigua, la vida que solo vive de reliquias y osamentos nos ha lanzado asímismo á los jóvenes de tres generaciones al Egipto aleman en busca de sueños y esperanzas. — José fué como esclavo para acabar escalando el trono de los Faraones.

Idéntico itinerario ha sido el de las naciones neo-latinas. José manifestó que los sueños anatematizados no entrañaban la molicie, ni la inercia, ni la degradacion, que son los tristes sueños que maldecia Pablo en los pueblos envilecidos de la Grecia. La mujer del egipicio autoritario le decia *dormi mecum*. Y José prefirió el calabozo á la depravacion. A nosotros tambien nos han gritado los representantes del antiguo régimen

autoritario y tenebroso: — «No os inquieteis, no lucheis, no discutais. La utopia es una pesadilla!» — y las promesas de paz, órden y tranquilidad en los lábios de esa autoridad eran el *dormi-mecum* de la egipcia en el último extremo de su sensualismo. Pero es preciso convenir en que nosotros, sobre todo la Francia, en cien años ha tenido otro tentador además, ha tenido dos egipcias invitándola á sueños pérfidos y mortales. — Era la segunda la sed de goces materiales. — El José típico abrió la carrera de un glorioso destino, defendiendo una virtud soberana, la virtud casta por excelencia, la que significa antes que nada predominio de las más altas facultades de nuestro ser, y es por cierto el primer gimnasio en que el espíritu del hombre y el alma de un pueblo forman conciencia de su poder y su dignidad. Es la aureóla de los sentidos, con las leyes que la regulan, y sin ella imposible que exista irradiacion soberana de la inteligencia, porque solo ella comienza la vida. Por su influjo se logra la primera libertad, la del espíritu, que nada es si no es libre, rehuyendo los muy pesados éxtasis de la materia. Despues del sensualismo y de periodos de deleite como los de la sociedad francesa, no hay alma, sino ponientes del alma entre los vapores de la vergüenza y la humillacion. No hay idéa pura que pueda compenetrar lo impuro.

Los designios, las intenciones de seres y pueblos así degradados, entran en contacto ó contagio con las resultantes del sensualismo grosero, con las ideas de egoismo, los propósitos de ambicion, la sed de mando y brutal soberanía. Lo están diciendo á gritos ó á carcajadas tantos hijos espúreos de la libertad moderna que antes adoraban solo la pureza de la doctrina salvadora y que hoy, Judas mil veces asesinos, en asqueroso servilismo ponen su idea, sus estudios, sus bríos y su elocuencia al servicio de cualquier tirano ó de cualquier felonía que den de comer para seguir gozando. — Y los tiranos de hoy son peores que los Césares. Aquellos daban la muerte. Los dictadores y las traiciones modernos no dán sino un pan que envilece á un hombre, dejando exhausta y hambrienta á toda una nacion. De los falsos apóstoles de la libertad en Francia, en España y otros pueblos neo-latinos, la libertad puede decir lo que Jacob decia de su hijo Rubens: «Has matado el progreso porque la sávia de la nueva vida cayó en tí como el amor en el niño maligno y el agua en el cesto. *Effusus es! non crescas!*»

Al sueño de tres siglos, á esa pesadilla y sus consecuencias sobre todo, es á lo único que deben temer los dos pueblos de la península. Sus razas no han muerto. España cuenta con la vitalidad de la que hoy conmueve las provincias del Norte. ¡Cómo lucha por un retroceso! ¡Cómo lucharia por el progreso si le conociera!

España ha dado la vida tenaz á la órden de Loyola combatida por el mundo entero, pero invencible é inmortal por la sola vitalidad de una idea y el carácter resistente de la raza que le dió la primera sangre. ¡Cómo lucha por el ayer! ¡Cómo lucharía por el mañana otra órden, otra comunidad saliendo de nuestros gérmenes en derredor de las banderas de la libertad mejor enarboladas!

España dió á Alemania los primeros impulsos á su ciencia nueva y á su nueva soñadora literatura, como si la corona de Cárlos V el hijo de la loca soñadora hubiese con sus diamantes iluminado para que fueren estudiados como en ninguna otra parte, los tesoros de Vives y Raimundo Julio; los delirios poéticos de Camoens; la sublime locura de Cervantes, elevada á ideal artístico y social, extraida del caos caballeresco de donde extraen tambien el ideal místico Teresa de Jesus, y un ideal autoritario, vigoroso, Ignacio de Loyola. Con todos estos ideales van tambien los sueños y delirios prestigiosos de Calderon, Lope de Vega, y Tirso, sin los cuales talvez no hubieran despertado genios como Lessing, Schiller, y el más soñador de todos, el Júpiter de Weimar, Don Quijote en el Infinito. Razas como las de España y Portugal, aunque se las suponga muertas, están llamadas á influir cuando quieran y como quieran.—La primera tiene por tipo de su carácter un Cid, que vence muerto y cabalga en una reñida batalla. La segunda es D.ª Inés de Castro.

No hay que temer á la Alemania; nosotros la hicimos grande. El que menosprecia escupe parte de sus jugos vitales en el rostro del que quiere humillar. Ningun infante en brazos escupe al materno rostro, que le sonrie é ilumina, la misma leche que acaba de gustar del generoso seno. No tiene por qué dominarnos, quien tanto tiene que agradecernos.

X

Pasando la consideracion á los ingleses y aceptando la opinion más generalizada que los clasifica entre los descendientes de razas germánicas, veremos que precursores del germanismo que hoy se exalta tienen desde hace tiempo el imperio exclusivo de los mares por su comercio inmejorable como ninguno. ¿La influencia política de Inglaterra sobre Europa, Asia y América, no ha sido además poderosísima hasta mediados del siglo?

No es cierto, que la preponderancia política se deje circunscribir á leyes rigorosas por ninguna teoría sobre las razas. Lo acredita lo siguiente:

De 1815 á 1848, Inglaterra participaba de la supremacia imperial con las potencias de la Santa Alianza; mejor dicho, con el Austria y la Rusia. La ultima supremacia sin obstáculo con exclusion de otra fué la de Napoleon I. — Desde su caida, no ha habido ningun imperio que no sintiera equilibradas sus fuerzas con la de otro poder, ya nacional, ya revolucionario. Las leyes del equilibrio son las que regulan las dominaciones modernas para anular sus excesos.

Desde 1848 hasta la guerra de Crimea, Rusia é Inglaterra se disputan la soberanía superminente. Ninguna de las dos consigue quedarse en el primer plano como omnipotencia sin rival.

Desde la guerra de Crimea hasta la intervencion de Europa en Méjico, el dualismo imperial aparece entre Francia é Inglaterra.

Desde el fracaso de Méjico hasta 1870, Francia se queda sola segunda vez, pero por un momento, dueña aparente de la supremacia. — Y aquel momento y aquella apariencia son los que la pierden.

Desde 1870, Prusia es la vencedora en definitiva. Pero imponiendo respeto y miedo á todos, se ha reservado para sí un miedo racional de consecuencias ya experimentadas; el de sentirse sola en la cumbre del poder europeo.

Así, la história que estamos viendo escribir todavía, no nos presenta más que una contínua trasmision del imperio por diversas manos, fluctuaciones políticas, flujo y reflujo, sin que la fortuna sea de larga duracion en ninguna potencia de las que aspiran á la suprema excelsitud del mando.

Los propagandistas de la teoría de las razas germánicas que no hacen más que adular á estas, trabajan torpemente por dar apariencias de verdad, y lo que es peor, la eficacia de lo inconcuso, al aforismo de Napoleon I. Detrás de las razas germánicas, en parte por ley de la historia moderna, en parte por la tenaz preocupacion entre las razas, de filósofos y políticos, nos espera un heredero temible de la fortuna hoy entronizada en Berlin; la prepotencia eslava.

El funesto error consiste en haber querido dar á la historia una hilacion rigurosamente científica, una lógica fatal, y elevar á principios superiores á toda voluntad y prevision los que no son más que meros accidentes de la vida de los pueblos. Pero, el principio de las razas turnando en la supremacia, una vez admitido en la ciencia política, producirá con el desaliento de los pueblos que han ya gloriosamente dominado, la mayor razon y facilidad en los del Norte para deducir de estas premisas lo que á sus esperanzas convenga.

El Panslavismo discurre hoy de esta suerte. — «Los pueblos de raza latina han vivido; las razas germánicas no dominan ahora tanto, pues aquellos que contemplan su exaltacion, más ilustrados por la historia, lejos de contemplarla con respeto como cosa permanente, la ven, sin miedo, como pasagera y deleznable fortuna. Parte principalísima del poder es la consideracion entre vencedores y vencidos, la casi seguridad de su permanencia no disputada por un siglo al menos. — Una vez caida una raza, segun la teoría que á toda costa quiere ser exacta, si á veces intenta recobrar su vigor perdido, tal insurgencia no aparenta más que las oscilaciones deslumbradoras de una llama agonizante. La fuerza del principio, su aceptacion por los pueblos todos, nos preparan el camino á nosotros los hijos del Norte. Después de las razas que sucedieron al imperio romano, subiremos nosotros al trono del mundo con fuerzas vírgenes y novedad de vida. El porvenir de la Europa es el Panslavismo!»

Dichosamente la teoría de las razas es entre lo falso moderno lo que más se aleja de las verdades que necesitan los pensadores de hoy.

Después de la dispersion de los pueblos, el Oriente no se quedó con raza primitiva alguna, reservada en aquella cuna de la historia, la cual ahora subyugando el Occidente, pudiera traer fuerzas nuevas y nue-

vos ideales fundadores de una civilizacion. Los germanos son tan antiguos, tan decrépitos si se quiere, como los pueblos de lengua romana; ó más propiamente, los pueblos de lengua romana no son sino el producto del cruzamiento de las razas germánicas, con las razas que fundaron las nacionalidades del mundo asiático. Ni los unos ni los otros tienen nada nuevo que ofrecer. Y esto que es esencialísimo para iniciar una empresa conquistadora, entra como principio fundamental de otras teorías filosóficas tan respetables, en nuestras escuelas modernas, ó más que la teoría de las razas.

Además de fuerzas nuevas, necesita el invasor el prestigio de un ideal renovador desconocido.

Después de los germanos, ó más bien dicho, con los germanos, vemos llegar á nuestra vida los eslavos. Los eslavos, pues, no son modernos, no son de ayer. Si exceptuamos los rusos, podemos asegurar que la civilizacion européa corre por la sangre eslava el mismo tiempo que hace que está corriendo por la sangre nuestra. Pero, como eslavos,—se dirá, —¿han desempeñado todavía ningun papel político en analogía considerable con el de las otras naciones de raza germánica ó de raza latina?—Desde luego responderemos que no; pero esto se debe á circunstancias parciales que es imposible é inútil enumerar aquí, bastando únicamente para nuestra demostracion hacer notar, que en medio de los pueblos alemanes, entre los cuales viven, los eslavos han tomado ya por siglos una parte importantísima, acaso la más activa, en el progreso de los diversos Estados de raza germánica. La Polonia, reino puramente eslavo, encarece con razon su historia gloriosísima, segun la cual su pasado estuvo, en todas sus relaciones, en armonía perfecta con el nuestro.

Rusia es la última, la menor de las nacionalidades del mundo europeo; su pueblo, sus razas han permanecido muy atrás de nuestros progresos, é inferiores á nuestras virtudes. En aquellos tiempos de vida superior naciente, en que nosotros, pueblos de lengua neo-romana, pueblos eslavos de lengua latina y pueblos de raza germánica, frecuentábamos la gran escuela en que se elaboraba nuestra civilizacion clásica, quiero decir las Cruzadas; los eslavos rusos no pudieron acompañarnos, ni aun de lejos seguirnos. Y no ciertamente porque en aquella época estuvieran todavía en su primera infancia; ya tenian historia, y sus instituciones de hoy aparecen allí perfectamente determinadas. Su importancia procedía de la Tartaria. La duracion increible de aquel yugo habia estirpado el gérmen vital de aquellas razas, dejándolas casi irremediablemente en peor inmovilidad que la de los pueblos chinos. Cuando al cabo de mucho tiempo han podido venir á unirse con nosotros en el concierto de la civilizacion, ya era tarde para verificar una relacion estrecha y armónica.

Nosotros les llevábamos ya toda la edad media de ventaja, en nuestros éxodos ideales; y estos siglos de aprendizage perdidos por la Rusia no se pueden fácilmente recobrar. Careciendo de la sávia de nuestro pasado, mal pueden iniciar nuestro porvenir.

La Gueronnière, espantado ante el espectro ruso, ha escrito un libro

para pintarnos la exuberancia ilimitada, amenazadora, la marcha progresiva de la civilizacion novísima de la Rusia.

¿Qué viene á ser aquella civilizacion? ¿Sus principios son por acaso superiores á los que constituyen el fondo de la nuestra? Si por civilizacion se entiende el desarrollo del derecho antepuesto á la fuerza, se conocerá que cuanto más apto se muestra un pueblo para sancionar como ley primordial suya el derecho y la equidad, tanto más civilizado es. El derecho contra la barbárie, reconocido por un pueblo, es el principio de su civilizacion. ¿Y en dónde se encuentran los fundamentos de este derecho? En la igualdad entre hombre y hombre. (No son dos hombres semejantes, segun la ley divina, si no son iguales ante el derecho humano.) En el reconocimiento de lo justo; en la preocupacion del ideal; en el ideal cerniéndose sobre todos los individuos, conteniéndolos en medidas racionales y guiándolos con impulsos atrevidos, alentando la libertad de sus progresos y el vigor de sus esfuerzos segun el límite del derecho de cada uno. De aquí aquella necesidad del *yo viviente* en todas las esferas superiores de la vida, *(ichheit*, como dicen los alemanes,) para que una civilizacion vaya creciendo y dilatándose hasta su último fin. De aquí la inferioridad del Oriente y de los rusos, que no respetan todavía sino el rigor bárbaro y hasta la crueldad; que veneran asombrados dicha crueldad como un hecho divino, y que en el más sangriento sacrificio de seres humanos, lo que aperciben por toda enseñanza experimental es una grandiosa revelacion de los designios de Dios.

El libro de Bruno Baner, consagrado á probar que la civilizacion futura está en manos de la Rusia, tiene, por consiguiente, algo de pueril. Supone la posibilidad en los pueblos civilizados de Europa, de abdicar los derechos fundamentales que nuestro ideal nos ha revelado. La civilizacion que hasta ahora puede ofrecernos la Rusia es mezquina y secundaria, al paso que los pueblos germánicos representan la civilizacion superior, la que nace del *Self* ó del *ichheit*, de lo más íntimo é intenso del hombre, del *individuo*, ó sea del indivisible, tomando posesion de sí mismo, rehusando perder su unidad en la absorcion de la cantidad, negándose á la *abdicacion*, pero consintiendo en la *delegacion*. Delega el hombre sus derechos para centuplicar su poder, y consagrar su grandeza.

Los rusos, ni siquiera han fundado su nacion con elementos propios. Los génesis de su historia se deben á fuerzas prestadas, á poderes extraños; y lo que es más extraño aún, estos poderes no se impusieron á ellos forzosamente; ellos, por el contrario, los solicitaron; ningun pueblo del Sur ha comenzado su vida histórica tan pasivamente.

Cuando tribus pacíficas, pacientes, pastorales, habitaban allá por los siglos VIII y IX de nuestra era, los alrededores del lago Ilmen, vieron llegar de lejanas tierras la raza vigorosa que fundó la constitucion inicial rusa, y á la que designa aquella historia con el nombre de *tribu varangiana.*

Recientes estudios demuestran que los *varengianos* eran guerreros

teutónicos, sin que se pueda determinar con toda claridad su orígen. La opinion más acreditada los confunde con los francos. Tal vez se deba esta opinion á que la filología, viniendo en socorro de la historia, suprime dos ó tres letras de la palabra *varang* y dá el sonido de F. á la V (como en lengua alemana) constituyendo por la doble mutacion una etimología meramente verosímil. Sin embargo, un escritor dinamarqués, Hallemberg, que se ha ocupado de aquellos orígines con minucioso cuidado y resultados felices, nos suministra otra explicacion más probable, fundándola en una frase de Procopio.

«Los varangios, dice el historiodor griego, guardias de corps de los emperadores bizantinos, son bárbaros, procedentes de *Ihule* (Inglaterra) que llevan hachas colgando sobre la espalda.» Estos guardias de corps, segun Hallemberg, se llamaban *varangios* del latin corrompido *bargania*, de donde se deriva el *bargagno* de los italianos, que quiere decir *contrato (pactum)* y el *barguigner*, antiguo *marchander* de los franceses. Eran, pues, tropas teutónicas que prestaban sus servicios por determinado tiempo, segun ciertas condiciones de dinero y otras conveniencias. En el latin de la Edad Media, efectivamente, *bargania*, y *barganisatio* significan *tratado* y *contratacion*.

Barguinhare, en Italia, quiere decir todavía *pactar*. Este mismo sentido conserva en inglés la palabra *bargain*, siendo probablemente céltico el primer orígen de esta expresion.

Pero antes que los varangianos, y segun el historiador ruso Nestor, los eslavos de Rusia habian consentido en la dominacion de otra raza, la de los Kozaros. Al principio del siglo VIII esta raza originalísima, la más temida de los emperadores de Byzancio, tenia tambien un imperio que se extendia desde el Dniper hasta el Don. Los Kozaros hicieron menos duradera la primera dominacion de los varangianos; pero á poco de abandonar estos las márgenes del Ilmen, los rusos corrieron á llamarlos con instancias.

Es muy curiosa la página del historiador Nestor que nos demuestra hasta qué punto la necesidad de amos y la de servil dependencia se habia infiltrado desde un principio en la sangre de aquellas razas.

«Cuando los *varegios* se alejaron, dice este cronista ruso, las familias rusas se enredaron en mil querellas y disturbios unas contra otras, y les fué imposible gobenarse por sí mismas. El sentimiento de la justicia les fué siempre totalmente desconocido. El pueblo no pudo entonces deliberar mejor que de esta suerte:—Bueno será que busquemos alguno que quiera y sepa imponernos una ley, y nosotros lo reconozcamos como soberano señor.—Despacharon, pues, enviados hácia los varegios, entre los cuales habia godos, prusianos, ingleses y normandos ó *armanis*. Y entre los enviados fueron rusos, finlandeses, krivithas, slovenes, gentes de diversas tribus.—Tenemos, dijeron á los guerreros, un país extensísimo, fértil, rico; pero estamos muy mal gobernados: Venid á ser nuestros jefes. —Entonces volvieron á Rusia los tres hermanos Rurick, Cineys y Truvor.

Los varegios ó varangianos no eran, pues, francos, pero sí represen-

taban todas las poblaciones teutónicas ó escandinavas; y la etimología de Hallemberg es, sin duda, la preferible. Vemos, por consiguiente, segun la crónica rusa; la debilidad más resignada de aquellos pueblos ingénuos, fáciles, impotentes, para gobernarse y confesando su bajeza. Parece que el hombre perdido en aquellas vastísimas soledades compara aturdido su pequeñez y sus limitadas fuerzas con la inmensidad de la naturaleza, con la desolacion de aquellas estepas infinitas, con el rigor de aquellos inviernos incomparables, con la furia de aquellos vientos helados, y se dice:—«Venga otra fuerza agena más clemente á salvarnos de esta que no podemos domar.»

Así fué como nació en Rusia la idea del Estado simbolizada en un soberano absoluto; idea asiática que reina y reinará en donde quiera que las fuerzas de la naturaleza y las conmociones de la atmósfera se presenten amenazadoras y humillantes para el hombre. El África y el Hindostan son por eso lo que son.

Las latitudes templadas, como dice Montesquieu, son las únicas que dejando al individuo el libre desarrollo de sus facultades y aspiraciones, venciendo todo espanto, dominando el terreno que pisan, crean la verdadera civilizacion; permiten á la personalidad humana formar conciencia de su grandeza libre, y de lo que esta puede intentar y conseguir; y equilibran las fuerzas vivas y ponderadas de nuestras sociedades más fecundas, las que escapan al desórden salvage y las que rehuyen la torpeza y aniquilamiento del órden excesivo.

La sangre teutónica de los varangios se perdió muy pronto en la masa inmensa de las infinitas razas componentes de los pueblos eslavos.

Esto determinó más la decadencia de la nacionalidad rusa; así como los francos y los godos se eclipsaron entre las razas galo-romanas del Mediodía, así la raza híbrida de los varangios, hombres setentrionales tambien, pero que no formaban más que un núcleo infinitamente poco importante en cuanto al número, llegó á eclipsarse en el seno del mundo eslavo, que apenas acababa de reanimar. En menos de siglo y medio el génio oriental asiático puro, ó si se quiere el eslavonismo indeleble de las razas de Rusia reapareció.

Los conquistadores tártaros impusieron una sumision fácil y pesadísima que desvaneció para siempre el espíritu de individualidad, responsabilidad y libertad anglo-sajona.

Así se constituyó, con casi nada del mejor elemento auxiliar, la nacionalidad rusa, cuyo verdadero centro está hoy, no en San-Petersburgo (vocablo germánico puro *Peter-s-burgh*), sino en Moscou, ciudad de los recuerdos y de las tradiciones prehistóricas. Si Moscou triunfa en aquel dualismo, congregará en derredor de su Jerusalem las moléculas flotantes en la atmósfera vagarosa del mundo eslavo. El núcleo sólido destinado á verificar la atraccion invencible centrípeta sobre los elementos ambientes está bien preparado ya, y los elementos no fueron nunca de los que ofrecen penosa resistencia. El sentimiento de la personalidad, esa fuerza divina de resistencia vital, les falta desde su orígen. La debilidad apa-

sionada de los indivíduos, aquella violencia repugnante que no les consiente meditar, elegir y aceptar el derecho como regulador supremo, los obliga á encorvarse bajo el único poder posible en la barbarie, el tiránico absoluto. Allí no disputan para convencer ó convencerse, sino para vencer y matar á toda costa.

La historia de las tríbus eslavas no es más que la crónica de las luchas intestinas; no enseña nada saludable. Aquellas memorias no despiertan esperanzas.

Ciprian Robert, que ha dado á conocer muy claramente aquellos orígenes, nos muestra á los eslavos del Sur inflamados los unos contra los otros de profunda é incurable animosidad. El habitante de la Rusia-menor, aborrece al ruso de Moscou que mató los mejores elementos de la independencia nacional.

El búlgaro detesta con toda el alma, al servio y al eslováquio. Nada más abominable é irracional que el ódio del ruso al polaco: ninguna pasion más justa ni más sagrada que el rencor de Polonia contra Rusia. Los rusos, hoy señores, no olvidan de qué terrible manera trataron un dia estos, sus irreconciliables enemigos, á la sagrada Moscou. Aquel ódio mútuo, indeleble, de las razas del Norte, síntoma cruel de debilidad arrancaba gritos de angustia á la sagacidad de Maquiavelo, cuando lo encontraba reproducido en la Italia decadente, porque solamente le veia remedio en el poder absoluto de un tirano.

Dichosamente, por lo que apunta Montesquieu, el clima del Mediterráneo alcanza lo que el hielo de Siberia hace imposible.

La vida política rusa se compone, pues, de un gran despotismo conteniendo los más funestos efectos de las divergencias de razas enemigas.

La vida política anglo-germana es la lucha ardiente de las individualidades que buscan su centro de accion y combaten respetándose.

Antes que con nosotros, la Rusia invasora tendria que entrar en lucha con los imperios anglo-germánicos. Pero como indicamos, la Inglaterra y sus razas son una superioridad indomable para la impotencia moral de Rusia. El imperio británico conductor del ideal religioso del mundo antiguo al moderno; puente en el atlántico del mundo europeo al mundo del porvenir, es um muro de bronce contra los aludes del polo corriendo á nuestras latitudes.

Los rusos están harto atrasados para rivalizar con el resto de Europa. Esto por una parte; por otra, son ya razas demasiado viejas y gastadas para comenzar el primer desenvolvimiento de una civilizacion propia que para nosotros fuese novísima y prestigiosa.

Hasta ahora no han producido nada nuevo por sí. Nada exclusivamente suyo. Lo que hay en ellas es una maravillosa aptitud para la imitacion, la reproduccion, la repeticion fiel, sin correccion alguna. Por eso á pesar de los inconvenientes de sus razas y su clima, han podido apropiarse los frutos de nuestra civilizacion, y hasta ahora más bien los frutos sanos. Lo que en nosotros fué cabellera en ellas es peluca.

El dia en que se pongan á rehacer lo adquirido, á elaborar de nuevo

en sí mismas las ideas apropiadas, como hemos dicho, y á hacer aplicacion de ellas á su vida especial menos servilmente que hasta ahora; es seguro que llegaron a resultados más respetables y dignos de consideracion. Los resultados de entonces tendrán más valor que los actuales suyos, y una apariencia diferente de los nuestros muchísimo más marcada; pero esto será porque *si duo faciunt idem, non est idem;* y no por que resida en aquellas razas, vitalizándose de pronto, un principio fecundo propio para fundar una era de nuevas civilizaciones. Esta idea de civilizacion y progreso la infundió el cristianismo á las razas latino-anglo-germánicas, cuando las llamó á recoger la herencia del imperio romano. Y estas razas la explotaron activamente. Nada parecido sucede en las razas eslavas.

Si semejante idea muy pronto llevada á ellas por los varangios, sin pérdida de momento, sin pérdida de novedad y prestigio, en la nueva inspiracion; las hubiera interesado y penetrado y germinado en ellas; á fé que ya era tiempo de que ellas hubieran dado á conocer los resultados de esta influencia en su sangre, en su clima, en sus hechos, en su espíritu, en su ideal. Habiendo sido tal idea en el imperio setentrional, semilla en piedra dura, siembra en el hielo, ¿quién creerá que á falta de esto, solo por que todavía no han saboreado tríunfos parecidos á los nuestros históricos, están designados los rusos á renovarnos en el porvenir, infundiéndonos nuevas fuerzas morales y sorprendiéndonos con ideal más esperanzado?

No; para que suceda un nuevo ciclo de progreso social, al que manifiestamente corre á su decadencia en el centro vital del globo, no hay que contar con el concurso de tal ó cual raza desconocida, ó no experimentada en tal empresa. Las fuerzas que regeneran, tenemos que ir á buscarlas, de hoy en adelante, á gérmenes de otra clase, á invasiones de otros poderes, á más alta y misteriosa vida.

TRISTAN MEDINA

Argenthal.—Enero de 1873.

PROPHYLAXIA INTERNACIONAL

Passemos em revista o que ha de melhor averiguado em referencia ao berço de cada uma d'essas tres enfermidades que são o objectivo quasi unico das medidas preventivas internacionaes. Vejâmos depois em que vehiculos e por que regiões semelhantes doenças lograram alastrar a sua lethifera actividade, e quaes as condições de receptividade local que embaraçaram ou favoreceram as diffusões epidemicas. Sob estes pontos de vista consideraremos pois, a peste, a febre-amarella e a cholera-asiatica.

De todas ellas, nenhuma tanto como a primeira deu aso a notaveis e prolongadas discussões ácerca dos fócos de origem, dos meios de transporte e dos elementos de disseminação. Assim devia ser. As epidemias de peste surpreenderam a sociedade europea nas suas phases theologica e metaphysica, em tanto que a febre amarella e a cholera appareceram por assim dizer coevas do positivismo scientifico, que substitue a todos os vistosos rendilhados da argucia os modestos lavores da observação.

Por isso ainda hoje é problema qual fossem a epoca e o logar da primeira explosão da peste. O valor nosographico d'este vocabulo passou por todas as gradações possiveis, desde a mais lata e generica accepção, perfilhada por Galeno, e na qual a palavra *peste* abrangia quantas doenças epidemicas fossem susceptiveis de produzir grande mortalidade, até á accepção restricta e especifica dos modernos pathologistas, que circumscrevem o significado por modo a excluir d'elle toda a enfermidade que não seja de marcha aguda, de caracter typhoso e petechial, caracterisada por numerosas lesões em que predominam os bubões especiaes, os carbunculos e os anthrases.

Se formos a aferir por esta definição cada uma das epidemias de

que a historia resa no capitulo *Peste*, encontraremos um grande numero de doenças que têem de ser irradiadas do circulo em que a pathologia contemporanea aloja as differentes variedades da peste genuina, a qual, attento o seu symptoma proeminente se chama *peste bubonica*, e quanto á sua patria mais authentica se denomina *peste do Levante*.

Uma tal confusão na nomenclatura, difficultou sobremaneira as pesquisas conducentes a averiguar as questões de genese e propagação da peste. Os partidarios da geração espontanea da peste em cada uma das localidades que ella assolava, invocavam em seu apoio quantas epidemias de caracter mais ou menos typhoso, adrede consideradas como pestilentas, se haviam desenvolvido, sem previo contagio, em differentes pontos muito remotos d'aquelles que outros medicos affirmavam ser os exclusivos fócos primarios da peste. Pela sua parte, alguns d'estes ultimos medicos, discriminando por entre as diversas enfermidades pestilenciaes aquellas que offereciam em toda a sua plenitude a evolução e symptomas dos casos typicos da peste originada no Egypto, não admittiam que fóra d'este paiz tivesse havido ou podesse haver verdadeiras creações de peste, sendo que todas as epidemias assim ditas e desenvolvidas fóra do Egypto ou eram espurias, isto é, pertenciam a especies proximas mas distinctas da especie alludida, ou tinham sido transportadas, por meios nem sempre reconhecidos, para as novas regiões em que se manifestavam. De modo que, a prophylaxia esperava, algumas vezes debalde, que se resolvesse a questão previa do diagnostico, questão sempre difficil e quasi insusceptivel de cabal resolução nas épocas em que as sciencias physicas e chimicas não emprestavam ainda á semeiologia os poderosos instrumentos d'analyse pathologica, que hoje constituem o arsenal explorador da clinica, e que são muitas vezes os supremos julgadores dos pleitos suscitados pela natural variedade de sensações que nos differentes observadores póde dispertar um mesmo phenomeno, quando recolhido directamente pelos sentidos cujas deficiencias não estejam suppridas, e cujas illusões não sejam corrigidas pelos maravilhosos instrumentos da optica, da thermica, da acustica, etc.

Os mais escrupulosos na admissão da verdadeira peste chegaram a repudiar como illegitimas todas as epidemias anteriores ao seculo v. N'este zelo pelo diagnostico ia porém occulta uma injustificada pretenção etiologica: a de fazer datar a primeira explosão de peste da época em que no Egypto cessára o embalsamamento dos cadaveres. A putrefacção cadaverica, accelerada pela combinada influencia do calor e das aguas provenientes quer das chuvas torrenciaes quer das innundações do Nilo, seriam, no sentir de Pariset, a causa originaria da peste e explicariam ao mesmo tempo os factos de estar no Egypto o berço da doença e de ahi não se haver ella desenvolvido durante as épocas em que havia a pratica dos embalsamamentos.

A historia desmente, todavia, a pretendida relação entre o destino dos cadaveres e a genese da peste. Se é licito contestar a opinião dos que veem na epidemia d'Athenas e do Peloponeso, referidas por Thucyde-

des ao anno 429 antes da era christã, uma diffusão da genuina peste bubonica, não é permittido ao menos duvidar de que semelhante morbo existisse antes de Christo e de que logo no segundo seculo de nossa era a peste, nascida em Africa, se transportasse até á Europa e ahi se divulgasse por modo a constituir cruel pandemia.

Desde então até aos fins do seculo transacto, as invasões da peste na Europa, onde marchavam do Oriente para o Occidente, foram frequentissimas, e as mais notaveis, como a chamada peste de Justiniano, a do seculo XIV, etc. são geralmente conhecidas. Graças a uma prophylaxia sensata, que se propôz combatter o mal na sua origem, a peste pertence quasi á paleontologia medica. Em Londres terminou ella os seus estragos pela horrorosa epidemia de 1688. Em França, onde o commercio de Marselha a levou repetidas vezes, não mais reappareceu desde 1720. Muito antes d'essa época, em 1680 terminou em Portugal a serie de epidemias iniciada em 1348. Na restante Europa apenas as regiões mais orientaes (Hungria, principados danubianos, Grecia, Odessa,) tiveram a doença até fins do seculo passado e principios do actual. O que todavia mais importa considerar é o desapparecimento da peste nos proprios lugares em que ella se originava, pois que desde 1813 a 1844 não foi dado observar um só caso quer na Turquia asiatica quer no Egypto, facto tanto mais animador quanto não foi um simples acaso produzido por causas occultas, senão um fim obtido mediante melhoramentos na policia sanitaria, inspirados pelo conhecimento das principaes condições determinantes da genese da doença.

Certo é, porém, que em outras regiões tem havido, posteriormente áquella época, algumas epidemias de peste as quaes todavia, nascidas de causas ephemeras, tiveram duração e intensidade limitadas, e não apresentavam a tendencia invasora que caracterisava e tornava medonhas as velhas epidemias.

Qual foi o ensinamento trazido á prophylaxia pelas successivas irrupções de peste quer no Oriente quer na Europa?

Um ponto ficou para logo liquidado desde os trabalhos da commissão a que Prus serviu de relator: a patria predilecta, mas não unica, da peste é o baixo Egypto.

N'esta especialissima zona encontram-se, melhor será dizer encontravam-se, reunidas em annual convivio as mais prosperas condições etiologicas da peste: terreno de alluvião, inundações, chuvas abundantes, elevação de temperatura, enorme accumulação de detritos organicos (animaes e vegetaes), população a zero do nivel moral, defecada pela insufficiencia d'alimentação e envenenada pela atmosphera mephitica de habitações mesquinhas, desprovidas de ar e de luz, onde os effeitos da agglomeração não encontravam um unico de seus correctivos.

Triste mas admiravel harmonia!

D'um lado, não faltava no meio cosmico uma sequer das condições exigidas para o desenvolvimento do elemento especifico da doença; por outro lado sobejavam no meio organico todos os vicios que constituem as

exaltadas predisposições para doenças, taes como a peste, cujo fundo é a preversão da crase sanguinea. Auxiliavam-se, como em nenhum outro lugar, as condições extrinsecas e as intrinsecas, convergiam em angulo agudissimo as causas determinantes e as predisponentes. Os partidarios da *harmonia pre-estabelecida* teriam ahi um bom exemplo para esteio da sua arruinada doutrina. Dir-se-ia que fôra intencional a genese da peste, e que uma potencia superior espalhara *larga manu* pelo baixo Egypto os complexos factores d'esse monstruoso producto, que annualmente ahi se ostentava em endemias, com caracter sporadico, e que de dois em dois lustros ganhava tendencias invasoras e assumia proporções epidemicas.

O Egypto não póde, ainda assim, arrogar-se já o exclusivismo que lhe foi attribuido no fabrico da peste. A Syria e a Asia menor partilharam com elle a cruel faculdade de originar a doença, embora sempre em grau menos elevado por isso mesmo que, se as condições moraes e physicas da população pódem ser equiparadas ás da população do Egypto, as condições telluricas e climatericas não são de todo o ponto identicas e não offerecem, pelo menos as mais importantes ao caso, a periodicidade que foi assignalada em referencia ao baixo Egypto.

Houve quem estendesse o *habitat* da peste ás provincias europeas mais aproximadas do Levante e quem assemelhasse sob aquelle ponto de vista as margens do Danubio ás do Nilo. Certo que ali se têem desenvolvido espontaneamente affecções petechiaes e até bubonicas de caracter epidemico, mas semelhante facto não implica uma verdadeira genese da peste, já porque n'uns casos faltam áquellas affecções a evolução caracteristica da peste genuina, já porque nos outros casos a proximidade e frequencia das relações commerciaes entre os indubitaveis fócos originarios da doença e as alludidas regiões (Valachia, Bulgaria) dão mais probabilidade á transmissão do que á sponteparidade.

Analogas considerações levam os epidemiologistas contemporaneos a ver nas successivas epidemias de peste em Constantinopla um effeito mais da importação do que da creação local dos elementos especificos.

Ainda mesmo, porém, que assim não fosse, e que a Turquia europea e os principados danubianos gosassem a pouca invejavel faculdade de gerar a peste, para nós e para os restantes povos europeus a questão prophylactica conservava intacta a sua importancia, visto como desde que á luz da pathologia e da historia se têem analysado as epidemias da peste que invadiram o meio dia e occidente da Europa, não é licito acceitar as pretenções, que outr'ora houve, de as attribuir a influencias puramente locaes.

Tem sido possivel, com effeito, assignalar a trajectoria seguida pelos vehiculos dos germens morbificos da peste desde a sua origem, no Levante, até á sua terminação nas differentes localidades infestadas e tem-se demonstrado por mil modos a faculdade de transmissão, para não dizer contagio, que a doença possue.

Isto por um lado, e por outro a circumstancia de não coincidir fatalmente nos differentes paizes europeus o apparecimento da peste com

as condições climatericas ou geologicas que seriam as mais adequadas a geral-a, e a de se desenvolverem epidemias de peste em populações de si pouco insalubres ao mesmo tempo em que se não manifestavam em sitios insaluberrimos sob outros pontos de vista, tudo contribue a firmar a convicção de que na Europa, a peste é exotica e de que, perante novas ameaças que possam apparecer do Oriente a prophylaxia internacional não deverá attender só ao saneamento dos lugares ameaçados, senão tambem e principalmente á obliteração dos insidiosos canaes por onde semelhante enfermidade costuma insinuar-se até ás regiões mais distantes d'aquellas que lhe foram berço.

Outrotanto deve affirmar-se a respeito da febre amarella.

Esta doença, que alguns pathologistas têem pretendido identificar com a *ictericia grave* e com a *febre biliosa dos paizes quentes*, mas que d'ambas differe pela etiologia, pela symptomatologia e sobre tudo pela evolução, não póde figurar entre as doenças indigenas da Europa. Do mesmo modo que a syphilis, a febre amarella originou-se na America. O seu apparecimento na Europa tem sido sempre fructo da importação. As frequentes relações commerciaes entre os portos da peninsula iberica e os portos americanos, junto á climatologia e topographia proprias d'aquelles portos, explicam sufficientemente a predilecção que por elles tem manifestado a febre amarella. Lisboa e Cadiz disputam-se a triste prioridade na recepção da doença. É certo que no anno de 1723 se desenvolveu em Lisboa uma epidemia de *vomito negro*, procedente da America; ha quem affirme, todavia, que na cidade de Cadiz a primeira invasão de febre amarella tivera logar não em 1730, como geralmente se crê, mas em 1705. Seja ou não bem averiguada esta ultima data, o que está fóra de discussão é a preferencia que semelhante enfermidade concedeu d'ahi por diante a Cadiz, onde as epidemias reappareceram em 1753, 1764, 1800, 1804, 1810 e 1819, em tanto que Lisboa não recebeu segunda visita senão em 1856. Ás epidemias de Cadiz seguiram-se as de Malaga (1714 e 1803), a de Gibraltar (1800) e as de Barcellona (1821 e 1870). Fóra da peninsula, a febre amarella tem apparecido em Livourne, em Brest, em Saint-Nazaire e ainda n'outros portos, sem comtudo attingir o cruel desenvolvimento das epidemias que assolaram as cidades maritimas de Hespanha e de Portugal. O que respeita ao nosso paiz é geralmente conhecido pelos magnificos trabalhos do conselho de saude. Ainda assim, e como interessante á prophylaxia, convém assignalar a enorme differença de receptividade que para a febre amarella apresentam as nossas duas primeiras cidades. Não fallando na epidemia do seculo XVIII, Lisboa recebeu a febre amarella, e sempre por importação do Brazil, em 1856 e 1857. D'ambas as vezes e principalmente da segunda, esta cidade mostrou quer pelo numero dos atacados, quer pela cifra dos obitos, as boas predisposições que tem para a extensão epidemica da doença; ao passo que a cidade do Porto tendo sido invadida successivamente em 1850, 1851, 1856, 1858 e 1860 nunca offereceu aos germens importados condições que lhes permittissem reproduzir-se e disseminar-se por modo a dar á doença as gi-

gantescas proporções epidemicas que a febre amarella toma fóra mesmo da sua patria natal em regiões tristemente privilegiadas sob esse ponto de vista.

O contraste que vemos entre essas nossas duas cidades não é um facto isolado, susceptivel por isso de interpretações varias. As differenças climaticias dão-nos, com a explicação d'elle, a rasão pela qual o maior numero dos paizes da Europa zombam impunemente das ameaças da febre amarella, a ponto de se dispensarem de qualquer tentativa prophylactica e de serem indevidamente apontados, por quem das questões epidemiologicas conhece apenas o lado que olha para os damnos do commercio, como exemplo a seguir pelos paizes cuja latitude os torna nimiamente aptos a receber e a fazer proliferar os elementos geradores d'aquella doença.

Nascida na America e não podendo, visto isso, transportar-se para a Europa senão pela via maritima, a febre amarella não se presta tanto como a peste ou como a cholera asiata ás contestações sobre o seu *habitat* e sobre a sua transmissibilidade. São quasi sempre os factos de importação por via terrestre os que menos permittem seguir a trajectoria da doença, por isso que a falta de isolamento do enfermo, o momento da sua chegada, as primeiras relações em que se achou e outros elementos igualmente importantes á etiologia, são na grande maioria dos casos, obscuros. Ainda assim, e apesar de todas as facilidades que ao estudo traz a importação por via maritima, não deixou de ser debatida a questão de espontaneidade da febre amarella na Europa. Em Inglaterra, o *general Board of Health* esforçou-se por demonstrar que a insalubridade das povoações basta para ahi fazer brotar espontanea a febre amarella. Está na memoria de todos o que em Lisboa se pensou e escreveu ácerca da canalisação da cidade por occasião da epidemia de 1857, pretendendo-se que a agglomeração e putrefacção dos excretos, aggravadas pelas calmas do estio, houvessem sido o elemento determinante d'essa epidemia.

A analyse scientifica veiu todavia affirmar por modo já incontestavel que a geração espontanea da febre amarella pertence a uma limitada porção da costa oriental da America, e que fóra d'ahi só talvez na Africa, em Serra Leôa, a doença se tenha desenvolvido sem prevía importação dos germens especificos. O golfo do Mexico e Antilhas são com effeito a patria da febre amarella, e se esta doença tem conseguido acclimar-se n'outros pontos do littoral americano, quer para o norte, quer sobretudo para o sul, nem por isso deixa de ter sido originaria talvez só do delta do Mississipi. No Brazil, onde desde 1850 e principalmente desde 1856, a doença tem permanecido mais ou menos intensa, a importação foi evidente. Do mesmo modo a costa occidental da America, onde as condições topographicas obstavam a que se desenvolvesse espontanea a doença que nascera no lado do Atlantico, foi sendo por ella invadida á proporção que se iam tornando mais faceis e mais frequentes as communicações entre o golfo do Mexico e o littoral do Pacifico.

Quaes são, porém, as condições essenciaes ao desenvolvimento es-

pontaneo da febre amarella e que expliquem o seu exclusivismo por determinada zona da America?

Na phosphorescencia dos mares se pretendeu ver a causa proxima e sufficiente da doença. Notára-se, por um lado, que em alguns portos das Antilhas é pronunciadissima a phosphorescencia do mar, e por outro lado aproximaram-se as lesões dadas pela febre amarella, das lesões produzidas pelo envenenamento devido ao phosphoro, para concluir que aquella doença dependia dos effluvios phosphorados. Semelhante theoria, que se tornava seductora pela rasão de serem a steatose do figado, a discrasia do sangue, o estado petechial, e a côr sub-icterica, communs á febre amarella e á intoxicação pelo phosphoro, passou como meteoro pelo horisonte da sciencia onde não poderia manter-se desde que era impossivel provar-se que a falta de phosphorescencia do mar obviasse ao desenvolvimento da doença, e que essa phosphorescencia fosse devida á presença do metalloide de que deriva o nome.

Prescindindo de encontrar n'um só elemento cosmico a causa efficiente da febre amarella, a pathogenia tem estudado as condições climatericas e topographicas que impedem ou facilitam a diffusão da doença, na convicção de que o estudo d'essas condições esclareça a genese da causa especifica.

A temperatura, o gráu hygrometrico e a altitude são os elementos mais importantes da etiologia da febre amarella.

O calor intenso e continuado é essencial á creação do principio morbifico e facilita sobremaneira a transmissão da doença, É assim que a febre amarella não brota espontanea onde não haja uma prolongada temperatura de 32° a 35° centigrados, nem se diffunde epidemicamente perante uma temperatura inferior a 20°. Uma vez enraizada, a epidemia póde, comtudo, demorar-se sem o auxilio de tão intenso calor. Mais ainda: os germens pathogeneticos podem soffrer hybernação que os torne temporariamente inertes e que, todavia, os não impeça de, em circumstancias mais prosperas, readquirirem toda a sua lethifera actividade. É, sobre tudo, a bordo de navios que atravessam latitudes muito distantes, que semelhantes observações têem sido feitas, notando-se então que a doença adormeçe, parecendo morta, nas zonas frias, para dispertar e como que resuscitar perante maiores elevações thermicas.

A importancia do gráu hygrometrico como factor e como propagador da febre amarella demonstra-se pela simples consideração de que a doença não irrompe espontanea senão na proximidade das grandes massas de agua e não invade, pelo menos em gráu epidemico, as povoações distantes dos mares, dos lagos ou dos rios.

E porque nem sempre existe nas atmospheras demasiado quentes a necessaria percentagem de vapor de agua, succede que nem todas as regiões intertropicas são aptas para a genese da doença, e que mesmo no seu berço ella assume a maior intensidade quando o elemento thermometrico e o hygrometrico se combinam por modo a constituir um calor-humido. Não é só, nem talvez principalmente, na atmosphera que a

BIBLIOTECA NACIONAL

presença da agua influe sobre o desenvolvimento e propagação das epidemias; a humidade do solo, que tem de variar conforme á sua constituição geologica, interessa sobre maneira á questão, sendo que os terrenos mais humidos são por esse facto os mais adequados á permanencia da epidemia.

Pelo que respeita á altitude, a sua importancia deduz-se tanto do facto de não haver jámais sido observado o desenvolvimento espontaneo da febre amarella nas altas mantanhas, como do facto de não se dar ahi o contagio da doença. A temperatura, sempre relativamente pequena, dos lugares elevados póde, é certo, explicar uma parte d'essa influencia; a outra, porém, deverá ser procurada na diminuição da pressão atmospherica tanto mais quanto hoje vae a experimentação evidenciando as intimas relações que ha entre a pressão do ar e a vitalidade dos proto-organismos que n'elle se acham immersos.

Mas porque a febre amarella nasce nas pequenas altitudes, em lugares onde a temperatura é elevada e onde a humidade abunda, deverá concluir-se que bastem aquelles tres elementos para determinarem, sós por si, a genese espontanea de doença? Por modo nenhum. Se assim fôra, succederia — e não succede — que a febre amarella teria um extensissimo *habitat*, visto como não se limitam a uma parte da costa oriental do norte da America os pontos onde ao nivel do mar se associam as grandes elevações thermicas ás grandes elevações hygrometricas.

É necessario pois admittir não só a presença da *materia-prima* dos germens morbificios, que necessariamente é de natureza organica, mas ainda attribuir a especificidade d'esses germens ou á qualidade da alludida materia, que seria de naturesa especial e a unica susceptivel de *fermentar* d'um certo modo, ou á intervenção d'um elemento tellurico ou atmospherico dotado da propriedade de levar qualquer materia organica a essa especie particular de fermentação.

Sobre estes pontos é quasi muda a sciencia. Quando se admittiu a geração espontanea da febre amarella a bordo dos navios, quiz-se attribuir o desenvolvimento d'uma doença especifica á qualidade, á *especie* de madeira empregada na construcção dos navios infectados; excluida aquella affirmação caiu com ella a importancia attribuida ás qualidades de madeira. Tambem se pretendeu achar em determinados ventos, sul e sudoeste, decisiva influencia sobre o desenvolvimento da doença nas Antilhas, e ahi estaria o elemento meteorologico especial e necessario á genese dos germens morbificos.

Nada ha porém de positivo, para se dever proclamar que a febre amarella dependa essencialmente dos ventos d'um ou de outro quadrante, sendo pelo contrario verosimil que a ser real qualquer especie de relação n'esse sentido será antes pela sua temperatura e humidade, do que por quaesquer outras qualidades, que um dos ventos póde favorecer mais do que os outros o apparecimento de enfermidade.

Apesar de incompletas, como se vê, as noções colhidas até hoje em referencia á genese de febre amarella são ainda assim utilissimas á pro-

phylaxia, já porque mostram á Europa toda a immunidade que ella tem a esperar de boas medidas preventivas da importação, já porque ensinam que essas medidas devem attender principalmente ás condicções climatericas e topographicas das localidades. Embora a sciencia não possa affirmar qual é a condicção especifica do apparecimento da febre-amarella, não deve desprezar-se o aviso de que as cidades maritimas são as unicas a receiar o primeiro impeto d'uma epidemia, e de que esse impeto será tanto mais para temer quanto menor fôr a altitude, e quanto mais elevadas forem a temperatura e o grau hygrometrico.

Não é assim a cholera-morbus.

Dotada de um cosmopolitismo quasi sem limites, facil de sujeitar-se ás mais oppostas condições meteorologicas, a cholera torna-se por isso susceptivel de ganhar extensão pandemica, e de se enraizar n'algumas localidades, alheias á sua patria, por modo a constituir-se quasi em verdadeira acclimação.

A historia das tres grandes epidemias de cholera na Europa, em 1830, 1846 e 1865, permitte affirmações positivas quanto ao berço da doença e quanto aos caminhos pelos quaes ella d'ahi tem irradiado para os differentes paizes em que é exotica.

Originada segundo uns já n'este seculo, segundo outros em épocas muito mais remotas, a cholera só desde 1817 adquiriu a tendencia invasora que a torna o alvo das mais desveladas attenções da prophylaxia internacional.

As chronicas portuguezas em que se falla do *mordxy* levam a crer que a doença assim chamada não fosse outra senão a cholera. Discute-se porém se uma tal enfermidade correspondia á especie morbida denominada cholera-asiatica, ou se era a cholera banal, cholera-nostras, que em todas as épocas e em todos os paizes apparece esporadicamente. Para a questão da prophylaxia a discussão tem mediocre importancia, visto que o desenvolvimento da doença, em qualquer das hypotheses, teve lugar na India, e a India é, no conceito da quasi totalidade dos pathologistas, e segundo o voto unanime das conferencias sanitarias, a patria unica da cholera invasora.

D'ahi tem a doença passado á Europa, duas vezes seguindo o caminho da Persia, littoral Caspio até á Russia, outra vez passando pela Arabia, Mar Vermelho e Egypto para de Alexandria se projectar simultaneamente sobre os innumeros portos europeus que com aquelle mantecm continuadas relações. Uma vez introduzida n'esses portos a doença, cujos meios de propagação são variadissimos, diffundia-se pelo interior dos paizes, seguindo sempre os caminhos, fluviaes ou terrestres, percorridos pelo homem, e — facto muito para ponderar — não marchando nunca mais depressa do que elle.

Conforme ás condições locaes que encontrava nos differentes pontos do seu percurso, assim a cholera se demorava mais ou menos em cada um d'elles. A sua predilecção por algumas localidades da Russia levou a suppor n'este paiz aptidão para a genese de semelhante doença que,

segundo as melhores averiguações, ahi existe não de todo acclimada mas constituindo fócos secundarios que são uma permanente ameaça ao resto da Europa.

O que se observa na Russia, vê-se ainda, posto que em menor escala na Hungria e na Allemanha.

Onde, porém, os focos secundarios da cholera emanada das margens do Ganges mais se têem perpetuado, a ponto de tornar muito divulgada a crença de que semelhante doença não tenha um berço unico, é nos restantes paizes da Asia. Assim o Afghanistan, o Belontschistan, a Persia, o littoral arabico do golpho persico, o archipelago indico, a Indo-China e a China, offereceu aos germens cholerogenius tão prosperas condições de vida, que a doença reapparece ahi sem dependencia de novas imputações. No Hedjar, a insistencia e crueldade das epidemias deu grande valor á supposição d'um desenvolvimento local de cholera, que seria explicado pela putrefacção cadaverica das victimas que em subido numero faz annualmente a peregrinação musulmana a Meca. Averiguado, porém, que a cholera foi no Hedjar precedida sempre da chegada de peregrinos procedentes da India e contaminados pela doença, nenhum apoio resta aos que admittiam um processo de sponteparidade e provado ficou por novo modo que nem toda a putrefacção é apta para crear o elemento caracteristico e essencial da cholera invasora. Se assim não fosse, mui dilatado seria o *habitat* da doença e não estaria o seu fóco originario circumscripto a uma limitada zona da India, a Bengala, e como que essencialmente dependente de condições peculiares ás aguas, ao leito e ás margens do *rio sagrado*. É provavel que a constituição d'esses terrenos encerre o segredo do fabríco da cholera, já que nem as alluviões do Ganges lhe são privativas, nem a decomposição da materia organica se dá só n'aquellas paragens, nem finalmente os raios solares ahi incidem com mais violencia do que em muitas outras localidades.

As condicções especificas do desenvolvimento espontaneo da cholera na India estão, pois, por determinar. Nenhuma das conferencias reunidas, já em Constantinopla (1866), já em Vienna (1874), para estudar a cholera sob o ponto de vista prophylactico, se julgou authorisada a perfilhar qualquer das theorias genesicas da doença. Como porém não basta á diffusão d'esta o seu elemento especifico, pois que as causas adjuvantes têem no que respeita á epidemicidade da cholera importancia extrema, a sciencia dedica-se com grande empenho á investigação d'essas causas.

De todas ellas a mais importante, ou pelo menos a mais celebrada, é a natureza physica do solo. Os trabalhos e doutrinas do professor Pettenkofer, de Munich, puzeram em relevo toda a attenção que merece o estudo das condições telluricas com referencia á vitalidade dos agentes propagadores da cholera. Ao passo que os terrenos susceptiveis de conservar a humidade se mostram terrivelmente propicios á expansão da cholera, os terrenos calcareos, compactos, impedem a reprodução da doença e annullam as mais valentes tentativas epidemicas. A influencia do nivel das aguas subterraneas é ainda considerada pelo mesmo profes-

sor como decisiva, sendo que a elevação do nivel obsta á exhalação miasmatica a qual, pelo contrario, se acha muito favorecida quando os grandes abaixamentos das aguas deixam a materia organica sujeita á decomposição putrida.

A altitude importa igualmente á diffusão da cholera, que se faz sempre mais efficazmente em lugares baixos do que nas elevadas regiões, talvez porque ali se encontra mais humido o subsolo.

Certo é, porém, que a cholera tem sido observada nas altas montanhas e que a influencia das grandes altitudes está longe de offerecer á prophylaxia toda a segurança que em outras épocas chegou a inspirar-lhe.

Tão importante, pelo menos, como qualquer das causas referidas, se mostra o poder da agglomeração de individuos sobre a propagação da cholera. As *caravanas* são, com effeito, o grande vehiculo d'esta doença; as *feiras* um dos mais efficazes meios da sua irradiação. Foi esta uma das grandes verdades evidenciadas pela conferencia de Constantinopla, e é um dos principios a que mais se deve attender não só quando se trate de obstar a que a cholera transite da Asia para a Europa, mas ainda quando se pretender cortar-lhe o passo em qualquer ponto do seu projecto intra-europeu. Os exercitos em marcha têem diminuido a doença na Europa, como na Asia o têem feito as caravanas de peregrinos. Em 1833 a cholera diffundiu-se em Portugal seguindo os passos do exercito libertador que a receberam e monopolisaram durante o cêrco do Porto. Por outro lado abundam os exemplos em que a dissociação das grandes massas de homens pôz rapido termo ás epidemias cholericas que até ahi as dezimavam.

Sobre a marcha e extensão da cholera não se apresenta tão manifesta como por exemplo na febre amarella, a influencia da temperatura. Os paizes mais septentrionaes não gosam da immunidade contra a cholera, do mesmo modo que o inverno não é invencivel obstaculo á diffusão epidemica da doença. Para não invocarmos exemplos estranhos bastará lembrar que a primeira visita da cholera em Portugal teve lugar no Porto e no mez de janeiro, quer dizer, em lugar e em tempo que deixariam receiar menos o perigo. Ainda assim este e outros factos analogos não invalidam a lei geral que nos mostra a directa proporcionalidade que entre si guardam a temperatura e a intensidade das epidemias cholericas.

A equivalencia entre o calor e a vida está tão demonstrada como qualquer das equivalencias entre aquella força e as forças do dominio da mechanica, da physica ou da chimica, e se nem sempre os phenomenos vitaes acompanham em toda a escala as ascenções thermicas é porque o equilibrio das molleculas que constituem o elemento vivo se rompe além de certos limites de calor e, portanto, inutilisando o orgão para a funcção vital, impede que as calorias dêem de si manifestação que não seja de natureza chimica ou physica. É assim que algumas vezes o excesso de temperatura consegue abrandar a intensidade de uma epidemia, perturbando a vida do elemento especifico, matando o germen morbigeno.

Ora, para a cholera está provado que o principio morbifico se reduz

a um proto-organismo, a um *micrococcus* susceptivel de viver e de proliferar no tubo digestivo do individuo que o haja recebido. A presença d'esse parasita explica as alterações anatomo-pathologicas de mucosa intestinal e as perturbações funccionaes que d'essas lesões se derivam. Toda a confusão que em prophylaxia se tem pretendido fazer entre a cholera-epidemica e a cholera-banal, entre a cholera-asiatica e a cholera-europea, entre a cholera-exotica e a cholera-nostras, confusão auctorisada em parte sob o ponto de vista clinico, pois que nem aos melhores praticos é dado discriminar as duas especies quando uma d'ellas não houver ainda pronunciado a sua feição epidemica, toda essa confusão tende a desapparecer com as luzes prestadas pela microscopia. Se nos dejectos apparecerem os sporos do cugumello caracteristico — o *Micrococcus* — a doença revela d'esse modo a sua tendencia invasora, e a sua natureza especifica.

É para o estudo das condições vitaes d'esse genero de cogumello que estão voltadas as attenções dos que mais de perto estudam os problemas da genese e propagação de cholera asiatica. Descubrir os elementos constitutivos do *meio* em que tal parasita nasce espontaneo, é resolver o principal problema. Conhecer todas as circumstancias capazes de impedir-lhe a proliferação, é dotar a prophylaxia com o seu mais poderoso instrumento. Por em quanto sabe-se apenas que o *Micrococcus* se reproduz em todas as condições propicias á fermentação, e que a sua vitalidade está em estreita dependencia das condições extrinsecas sendo muito para notar a grande resistencia que os sporulos offerecem nos agentes destruidores. D'este modo encontra a sua explicação scientifica o facto, muito notorio, da predilecção que a cholera mostra pelos lugares onde habita a miseria, e pelos sitios onde jasem acumuladas materias fermentesciveis.

(*Continúa*)

J. T. de Sousa Martins

AO SOL

Oh maravilha esplendida, engastada
Na fronte augusta do asul profundo,
Qual lamina brilhante onde gravada
Se visse a face de quem fez o mundo!

Eu te saûdo, oh Sol! qual religioso
Saûdou-te o Indio, quando a vez primeira
Surgiu do mar teu facho luminoso,
E alegrou com a luz a terra inteira!

Eu quiz saudar o braço omnipotente
Que por nós trabalhava a cada instante,
E a terra, o mar, e quanto vive e sente,
Apontou para ti, astro brilhante!

Possam teus raios, que nos ceus s'expandem
Ricos de gloria e cheios d'alegria,
Fazer com que do peito meu debandem
As sombras da tristesa que trasia!

E ouve-me um canto alegre como o côro
Das aves, quando, envolto em magestade,
Tu transpões do Oriente as portas d'ouro,
E abençoas dos ceus a Humanidade!

Oh Astro! coração tres vezes Santo,
De cujo seio foi por Deus emerso
O movimento e a vida e tudo quanto
Forma hoje a harmonia do universo!

Ouvi louvar-te, n'um concerto vario,
Montanhas, mares, flores e arvoredos,
Que do meu peito, como d'um sacrario,
Confiaram seus intimos segredos.

Louvam-te as aves, louvam-te as crianças,
E os velhos que não teem fogo nos lares,
Buscando a doce luz que tu lhes lanças,
Como á imagem de Deus junta aos altares.

Louva-te, oh Sol! a terra a quem quiseste
Por tua esposa, na epoca sombria
Em que de crepe a abobada se veste,
Lacrimosa chorando noute o dia;

E os jubilos e os mil festões de galla
Com que cingiu de noiva delirante
A casta fronte, quando a enamoral-a
Sentiu de novo o teu olhar brilhante!

Oh sol! oh sol! a minha lingua é pobre
Para cantar-te em verso o quanto vales
Perante as maravilhas que discobre
A vista humana por montanha e valles!

Desde o negro carvão que o fogo atêa
Ao cedro altivo que no monte avulta,
Desde o meu saugue á luz da minha idêa,
Por tudo existe a tua essencia occulta!...

Hostia de luz esplendida, patente
Perante os povos em perpetua missa!
Tu, que és de Deus o espelho resplendente,
Throno de gloria e séde de justiça!

Se apagares nos Ceus teu facho enorme,
Suspensa a vida no labor interno,
Tu verás como a terra logo dorme
Entre as sombras da noute um somno eterno!...

Seja, pois, o meu canto um desafoho
Da minha gratidão, astro jocundo!
Coração formosissimo de fogo
Que em nome do Senhor dás vida ao mundo!

Tu prosegue no carro deslumbrante
A derramar teus bens por mundos novos,
Que em quanto vez na marcha triumphante.
Canticos, festas, abundancia e povos,

Eu, deslumbrado ainda co'os vestigios
Da tua luz, de tantas cousas bellas,
Louvarei ao author de taes prodigios
Por sob o manto esplendido d'estrellas!

Manuel d'Arriaga.

CHRONICAS

AMÉRICA

Desde el número primero de la *Revista*, apenas hemos podido separar nuestra atencion de las repúblicas del Plata en las breves crónicas que dedicamos á los sucesos que tienen lugar en la que fué América española; tantos y tan diferentes é interesantes han sobrevenido en Buenos Aires y Montevideo en los meses últimos.

Parece que se ha condensado en estas dos repúblicas todo linage de cuestiones, pues las revueltas y pronunciamientos de índole distinta se suceden como si unas respondieran á la vibracion de las otras, á semejanza de esas aparatosas preparaciones de fuegos de artificio que sucesivamente estallan por partes, tomando, la que se enciende, sus primeras centellas de las últimas chispas que despide la que se apaga.

Efectivamente, el mecanismo social es un todo ordenado con relacion íntima, y no es posible que un resorte se conmueva sin que se agiten tambien todos los demás; de modo que cuando los eternos antagonismos llegan á chocar en pelea, riñen todas sus cuestiones pendientes en la misma hora.

Mas como los sucesos últimos acaecidos en Buenos Aires han tenido un motivo, si nó religioso verdaderamente, á lo menos eclesiástico, de clerecia, se ocurre observar que la cuestion religiosa es al presente, como en otros tiempos de memoria amarga, la cuestion de las cuestiones; y que no está planteada en Europa solamente, sino tambien en América, pues al mismo tiempo que por acá chocan las dos soberbias colosales del pontificado y del imperio, y el derecho divino dá batallas en los campos de

la Península con las carabinas y los cañones humanos, en América ocurren repetidos y tremendos conflictos, en algunos de los cuales llega á derramarse la sangre para gloria de Dios ó con motivo de la suerte de sus humildes servidores.

* * *

Y si no veamos.

En el Ecuador, los jesuitas tienen maña para apoderarse indirectamente del gobierno, y se hace la farsa de poner solemnemente la República bajo la proteccion del sagrado corazon de Jesus. Puede ser que haya alguna exageracion en los pormenores, pero basta, por poco que sea verdad, para dar una idea de lo que sucede allí, el haber dividido, segun se dice, el ejército de la república en cuatro divisiones que se nombran del *Hijo* de Dios, del *Buen Pastor*, de las *Cinco Llagas* y del *Mas Puro*, y los cuerpos en lugar de los nombres, que se pueden disculpar porque son bárbaros, de *lanceros*, *coraceros*, *carabineros*, *del rey*, *de la reina*, y otros que más ó menos se refieren al oficio de matar, llevan los de *Hijos de su Santidad*, *Guardianes de la Virgen*, *Santa Hermandad* y otros no menos atractivos y piadosos. — Con esto no hay ya que decir que en el Ecuador se castiga con una santa crueldad á todo el que se permite tener pensamiento ó disgusta de cualquier modo á los que gobiernan.

En el Paraguay, ya hemos tenido ocasion de decir que el clero nacional ha andado revuelto con motivo de regalar la prebenda del obispado.

En Guatemala, los jesuitas, que son como todos, se ven expulsados por el poder.

En Venezuela, el gobierno no quiere entenderse con el Pontífice que aún vive en Roma.

En Méjico, el poder legislativo se desata contra la iglesia y hasta dispone la supresion de ciertas hermandades sin consideracion á los servicios que prestaban.

En el Brasil, algunos fanáticos, despues de sus cuotidianas oraciones, se aplican á la obra caritativa de matar unos cuanto impíos.

Y en Buenos Aires, por último, en sentido contrario, pero con los mismos procedimientos, algunos liberales, despues de hablar entusiastamente de los derechos del hombre, de la libertad, de la democracia, van á apalear clérigos, y á quemar iglesias, lo que no es rigorosamente liberal, sin embargo de que los tales clérigos eran jesuitas.

La Compañía despues de dos expulsiones, se ha instalado nuevamente en Buenos Aires con el plan de instruir á sus moradores, y tienen ya varias iglesias y colegios. Pero considerando que eran pocos todavia, habian conseguido del Gobierno que les entregara la iglesia de S. Ignacio, que estaba sirviendo de parroquia y á la que tenian cariño, por ser, digámoslo así, su casa solariega.

Muchos vecinos de aquella parroquia se disgustaron con el donativo, no sabemos si por que iban á quedarse sin parroquia ó porque les inquietara la irrupcion jesuítica; y á fin de contrariarla elevaron al Gobierno una protesta suscrita por considerable número de personas; pero hé aquí

que el Sr. Arzobispo de Buenos Aires, bien templado en la santa ira de Dios, se encendió en ella al tener noticia del imperdonable pecado de haber hecho aquellos ciudadanos una peticion al Gobierno del país, y fulminó una pastoral elocuente, de la que vamos á copiar aquellos párrafos que contengan su objeto principal y que dicen así.

* * *

Nos el Dr. D. Federico Aneiros, etc.

«Habiendo leido una protesta de varios vecinos de esta parroquia al Excmo. Gobierno de la Provincia sobre un cambio que pensamos realizar, queremos hacer algunas explicaciones interesantes...»

«Conforme á las Bulas de los Sumos Pontífices... estableciendo el primer curato en la Iglesia catedral, *queremos que así sea* y el cura allí resida... Esta iglesia de S. Ignacio os servirá para oir la santa misa...»

«No puedo persuadirme que no quereis en esta casa á los santos sacerdotes que la construyeron desde sus cimientos con los hermosos edificios del Colegio Nacional y de la Universidad que nada cuestan al Gobierno: á aquellos sacerdotes que solo la violencia de un rey colérico y engañado echó de aquí el siglo pasado, y en este siglo el génio de aquel hombre cuyo retrato no pudo recibir aquí honores sacrílegos...»

«En la solicitud de los vecinos al Gobierno se dice que todo el vecindario unido protesta contra la resolucion del Prelado, acordada con el Gobierno nacional. No lo creo, lo niego terminantemente, porque conozco perfectamente este vecindario mejor que á los otros, y puedo asegurar que los que tal cosa dicen lo quieren decir, pero no lo pueden sin faltar.»

«Lo que no puedo comprender es que esos vecinos terminen su solicitud asegurando que expresan en ella la oposicion que se encontrará en el vecindario al poner en práctica aquella resolucion.»

«No puedo comprenderlo, porque si son buenos ciudadanos ¿cómo pueden oponerse á la autoridad del Gobierno á quien no pueden desobedecer en el caso que dispusiera se cumpliese lo que tan ciegamente resisten? No puedo comprenderlo, porque si son buenos cristianos ¿cómo pueden ignorar que si tienen el derecho de peticion ante las autoridades, tienen el deber en conciencia y bajo pena de pecado mortal, y en ciertos casos bajo de incurrir en censura y excomunion, de obedecer las leyes, los decretos, y en el órden eclesiástico los mandatos de la autoridad eclesiástica?»

«Serenen su espíritu esos vecinos, y en este santo tiempo de cuaresma cumplan los deberes de la religion, celebren la Pascua confesando y comulgando y estoy cierto que han de conocer que raro es en Buenos Aires, donde los Indios tienen ya una Sinagoga y los Apóstotas tienen su cátedra y cuantos quieren entrada libre, hacer oposicion tenaz á sacerdotes cuyo crímen es el de Nuestro Señor Jesucristo, á quien crucificaron los judios...»

«¡Soberano señor de cielos y tierra! Perdonad á los culpables, ilu-

minad en su resolucion al Excmo. Gobierno de la Provincia, y dignaos no rechazar la bendicion que de lo más íntimo de mi alma doy á todos los que componen esta Parroquia y Catedral al Sud, en el nombre del Padre, del Hijo y del Espíritu Santo.»

Dado en Buenos Aires, etc.

† Federico,
Arzobispo de Buenos Aires.»

*
* *

Al examinarse la pastoral de que hemos copiado la parte interesante sin preferencia por lo más desabrido y estrambótico, sino por lo que mejor expresa su destino, no hay que detener la consideracion en sus vulgares conceptos, en su estrafalario estilo, en su lenguage bájo, casi soez, ni tampoco en la soberbia frase *queremos que así sea*, ni en el agravio á los muertos y el insulto á los vivos, ni en la opinion valerosa de que el derecho de peticion es pecado mortal digno de excomunion, ni en la especie de maldicion indirecta que hay en el pensamiento de su último párrafo; no hay que detener la consideracion en nada de esto, repetimos, sino en la muestra que la pastoral ofrece del temperamento, carácter é ilustracion del clero de Buenos Aires, igual poco más ó menos al de las otras repúblicas americanas.

Cuando tuvo lugar la emancipacion de aquellos paises, el clero, casi en totalidad, se puso de parte de la independencia, y muchos religiosos pelearon como militares. Nada de extraño tiene que se decidiesen por la emancipacion; pero algo que convirtieran sus bendiciones en tajos y reveses, y mucho que terminada la guerra, quedaran con aficiones á intervenir en las cosas de gobierno y á tomar parte en las mundanas contiendas de los partidos políticos.

No se distinguia ciertamente el clero católico á principios de este siglo por su moralidad, ni por su sabiduría; pero el americano de resultas de sus ocupaciones políticas, fué relajando más y más sus costumbres y olvidando la ciencia. Con todo, su predominio se ha mantenido con más firmeza que entre nosotros, acaso porque se colocó en una de las corrientes populares, la del patriotismo; pero á la larga ha tenido que irse menguando su influencia y, segun acreditan los hechos, sufre ya recios embates, preludios de largas y dolorosas amarguras.

De esta suerte, el sentimiento religioso de los pueblos se amortigua. Cuando los sacerdotes toman la religion y la esgrimen como arma ó la interponen como escudo en las contiendas sociales, los golpes que la pasion descarga vienen á caer con frecuencia sobre la religion misma y la hieren mortalmente. Si se hicieran cargo de su mision en la sociedad, comprenderian que hay destinos que reclaman una abstencion completa de ciertas funciones, así como hay momentos, los momentos sagrados del dolor, que prohiben enteramente todas las alegrías.

Pero sospechamos que esa actividad casi frenética que se nota en

el organismo gerárquico de la iglesia puede ser un indicio de su descomposicion, y un preludio de que la idea religiosa haya de cambiar si nó de esencia, á lo menos de mecanismo. Y como todas las agonías ocasionan convulsiones, y como además así que se pierde un bien por una parte se levanta el deseo de ganarlo por otra cualquiera, á fin de mantener el equilibrio de la vida, puede ser que estemos presenciando un estertor agonioso y que la palanca suprema de la infalibilidad represente en rigor una compensacion de lo que se considera perdido por haberse escapado de las manos muchas conciencias.

***

El hecho es que en estas circunstancias y en los momentos actuales ha entrado la sociedad en una crísis religiosa, que se descubre manifiestamente en toda la América Latina y con síntomas activos en las dos repúblicas del Plata, como han demostrado los hechos que sirven de motivo á la presente crónica.

El Arzobispo de Buenos Aires, publicó, como se he dicho, su pastoral que ocasionó un profundo descontento en los que habian firmado la exposicion y en todo el elemento liberal de la república. Lo que fué al principio una demostracion de antipatía, acaso simplemente el deseo de no perder la iglesia parroquial, tornóse en un arrebato de mal querencia y de ódio. Las grandes explosiones van siempre precedidas de síntomas característicos muy acentuados: se siente una sorda fermentacion subterránea, como si las pasiones estuvieran bramando en lo profundo; se relatan misteriosamente hechos ignorados que inventa no se sabe quien, pero que circulan con celeridad y con exageraciones; los accidentes todos de la vida concurren á acentuar los aparentes motivos del descontento; cada cual se siente impresionado por una inquietud devoradora, temor en unos, ira y desesperacion en otros, inquietud que vá creciendo por lo mismo que es inexplicable, infundada acaso; y cuando esta disposicion moral de la multitud llega al extremo, el suceso más insignificante, una palabra tal vez, sin sentido en otras circunstancias, rompen el bamboleante equilibrio de las pasiones y estalla la explosion, saliendo como un torrente los rencores condensados quizás durante muchos siglos.

Pues bien; en Buenos Aires aconteció poco más ó menos lo que acabamos de decir. La pastoral del Arzobispo se comentaba por todas partes; se hablaba de designios misteriosos, de planes terribles. Los periódicos hicieron de este asunto la cuestion principal de sus escritos y todos los dias recordaban que los Jesuitas habian sido expulsados de todas partes por sus culpas, consignando las fechas de las repetidas expulsiones; que profesaban doctrinas disolventes, como habia descubierto la informacion hecha en Francia á mediados del pasado siglo, en que consta que sus doctores justificaban el fráude, el hurto, la prevaricacion, el soborno, el escándalo, el perjurio, el asesinato; que aconsejaban á los hijos que denunciasen á sus propios padres hereges, aunque supieran que

por ello los habian de quemar y aun los matasen ellos mismos, con moderacion, si los querian obligar contra la fé. Se publicaban además hojas sueltas incendiarias contra la compañia. Los clubs se agitaban. Se referia que en Chacomus, un cura habia desenterrado un niño, porque los padres de este no le habian abonado los derechos del entierro, y habia llevado el cadáver por los baratillos ofréciendolo en venta por la cantidad que se le debia.

* * *

Así las cosas, se celebró en el teatro de Variedades una reunion con el objeto de protestar contra la pastoral del Arzobispo, y en ella se discutió largamente y con ardimiento, adoptándose por unanimidad una proposicion al indicado fin redactada. La reunion de Variedades se trasladó á la plaza de la Victoria y se disolvió; es decir, concluyó el objeto para que habia sido convocada y sus autores la declararon disuelta; pero casi todos los asistentes permanecieron en la misma plaza, y al aire libre continuaron los comentarios, las arengas y las excitaciones.

La multitud se dirige al palacio del Arzobispo, formando una masa de diez ó doce mil personas, con el propósito de allanarlo, pero la contiene en el primer momento la policía amenazando con las armas. Las masas se refuerzan, acometen é invaden el palacio; mas se retiran poco despues sin haber penetrado en el piso superior, aunque causando algunos destrozos en el piso bajo. El Arzobispo estaba ausente.

Otra vez en la plaza la multitud se reparte en grupos diferentes que toman direcciones distintas reforzados por individuos que se incorporan, algunos con banderas y lemas que consistian en frases contra los jesuitas.

Unos se dirigen á los conventos de S. Francisco y Santo Domingo: otros á la iglesia de S. Ignacio, motivo de los sucesos, y otros, en fin, al colegio del Salvador, centro principal de los Jesuitas en Buenos Aires. Aquí es donde tienen lugar las escenas más sensibles. En el primer momento consiguieron penetrar en el edificio algunos grupos, y poco despues se esparció la noticia entre los que habian permanecido fuera, de que un jesuita escondido detrás de la puerta con puñal en mano, al acecho, habia saltado sobre uno de los manifestantes, que entraba, clavándole el cuchillo en el corazon, lo cual habia sido el principio del ataque, que todos los jesuitas que en el colegio estaban, tenian dispuesto para resistir. Esta nueva que al dia siguiente resultó en parte falsa y en otra parte exagerada, produjo sin embargo en aquel instante una rabia indecible y las turbas frenéticas clamando venganza y exterminio se arrojaron dentro del colegio. Casi todos los jesuitas se habian escapado por una puerta trasera, pero algunos, que no pudieron ó no quisieron huir, cayeron en manos de la multitud, fueron arrastrados hasta la calle y apaleados bárbaramente. De seguida prendieron fuego al edificio, que al cabo quedó devorado por las llamas.

Pero todavía hubo un pormenor tristísimo. Expulsados los jesuitas

del colegio y hecho este ya un volcan de llamas, los asaltantes se retiran para ir á repetir sus proezas en otra parte; pero en la calle se acumuló una inmensa multitud de curiosos, en términos que estaba enteramente llena, cuando se presentó un batallon de soldados, que sin reflexionar lo que hacian ensayaron sus costumbres de guerra; es decir, dispararon una descarga sobre la apiñada muchedumbre de curiosos que estaba viendo las llamas y que huyó despavorida dejando algunos muertos y heridos.

Estos sucesos tuvieron lugar el domingo 28 de Febrero, pero la agitacion continuó en los dias siguientes y fueron incendiadas otras dos iglesias.

Respecto á desgracias de personas, se exageraron mucho en los primeros instantes, pues se hablaba de muchos jesuitas asesinados, cuando la verdad resulta ser que no quedó ninguno muerto y que los heridos han sido solamente tres ó cuatro. Pero esta circunstancia, aunque quite ferocidad al ataque, no lo puede justificar de ninguno modo.

No lo puede justificar, no; ni disculparlo siquiera. Cuanto hayan podido hacer los jesuitas desde que por desgracia se establecieron, cuanto pudieran hacer en adelante, no puede variar los fundamentos del principio de libertad.

Contra los errores no se deben esgrimir otras armas que las verdades. La violencia acusa miedo, desconfianza de la razon propia. Las llamas pueden devorar los edificios, pero no pueden consumir las preocupaciones. Ni el palo, ni la tea, ni el puñal son argumentos para desvanecer un sofisma.

Siempre es doloroso destruir el trabajo humano; pues no estamos tan ricos de bienes que convenga destrozar en una orgía lo que se ha levantado con sudores abundantes, aunque se encuentre aplicado á mal destino.

Por otra parte, es preciso comprender cuales son los obstáculos, donde están los inconvenientes y no dejarse arrebatar por ódios ciegos: mil templos abandonados no son capaces de formar un solo fanatismo, mientras el fanatismo puede levantar mil templos. El enemigo está en la conciencia extraviada, en la razon perdida; y en la razon y la conciencia es donde hay que vencerlo.

La razon, la verdad, el derecho, la justicia tienen la serenidad diáfana de la luz, que no se agita aunque halle un obstáculo en su camino, no la trasparencia del agua que se altera cuando encuentra al paso un inconveniente y murmura, ruge, se revuelve y salta, enturbiando la diafanidad de sus cristales.

Si otras veces hemos podido combatir contra el fanatismo cuando estaba parapetado con todo linage de privilegios y nosotros estábamos oprimidos, enmordazados ¡hemos de temerle hoy, que nos vemos libres hasta cierto punto, y que podemos esgrimir, aunque con algunas dificultades todavia, las armas del pensamiento! Los impulsos ciegos producen resultados contraproducentes, pues no hay causa más temible que la que puede presentarse rodeada con la aureola del sufrimiento y del martirio.

PORTUGAL E BRASIL

Dos dramaturgos conhecidos foi Euripedes o primeiro que ensinou o modo commodo de sair de uma situação perigosa. No primeiro acto de todas as peças não se levantam geralmente difficuldades; apresentam-se os actores uns aos outros e todos ao publico, e o panno cáe logo que o author entende que se deve estar sufficientemente informado de *qual é a materia*, como diz um amigo meu inglezado.

No segundo acto a difficuldade é acaso menor ainda, porque ahi póde o auctor largar á vontade o panno da sua imaginação, enredando e complicando a têa sobre que assenta a peça, e o momento de o panno cair é exactamente o mais commodo; é aquelle em que nem o auctor nem o publico sabem ao certo o ponto de destino da emaranhada derrota da composição. Assim como o publico vae passear no intervallo, ancioso por descobrir onde irá para o plano-inclinado das machinações do tyrano, e a que ponto subirá a abnegação da victima... D'antes os homens eram sempre tyranos, sempre victimas as mulheres; novissimamente inverteram-se os papeis e *Claudio* passou á direita, sua *Mulher* á esquerda... Assim como o publico, dizia eu, esteve o auctor quando tinha de fazer o terceiro acto. Como desembrulhar a meada? Como conciliar a solução do enredo com a significação moral da peça, quando a peça a tem, coisa que não é tambem de modo algum a regra?

N'este ponto acode o grego, e acaso muitos dos dramaturgos de hoje não saibam quanto lhe devem. Acode com um accidente imprevisto, e irracional as mais das vezes, expediente que se ficou chamando *Deus ex-machina*. O publico exige porém sempre que a virtude triumphe e seja castigado o vicio; embora ás vezes triumphe tambem o disparate, e seja ferozmente castigada a logica.

Os ouvidos politicos não têem as mesmas exigencias, e nas comedias parlamentares não é de regra o triumphar a virtude. Não é raro o abuso do *Deus ex-machina*, mas, como a comedia não é ficção, antes realidade e ás vezes dura, a logica sempre vence.

Não parece com effeito que a virtude politica tivesse ganho uma grande victoria com o encerramento do parlamento portuguez, mas de certo a força das coisas, a *dura lex* (ia apostar que o sr. Sampaio já o disse), a necessidade real que é a logica da politica, assim o mandavam: folga a justiça, mas geme a humanidade.

Não ha duvida que o encerramento foi um *Deus ex-machina*, ou um *salvaterio*, para me servir de expressão mais trivial; mas eu, apesar de não ser nem dramaturgo, nem politico, nem coisa nenhuma, imagino em que apuros se achou o governo, e estou em dizer que no lugar d'elle teria feito outro tanto. O parlamento é uma formula: preenchida ella, decorridos os tres mezes que manda a Carta, para que embaraçar a acção governativa com os estorvos e a perda de tempo das satisfações parlamentares?

A sessão parlamentar d'este anno differenciou-se das dos annos anteriores sómente n'isto: foi mais longo o primeiro acto, mais curto o segundo e extraordinamente rapido o terceiro: o panno ao cair escalavrou ainda a cabeça de alguns dos actores que se adiantavam para o publico como quem quer fallar. Dois mezes se passaram a fazer coisa nenhuma; tempo de mais sobrou para conhecermos as phisionomias parlamentares e os assumptos que o governo pretendia tratar. Em março a camara dos deputados votou cento e não sei quantas leis: chamam a isto no theatro precipitar a acção. Veiu abril, e como as coisas se complicavam, o governo encerrou a sessão sem consentir que os pares votassem as cento e tantas leis já votadas pelos deputados.

Era hoje a occasião de avaliar no seu conjuncto o systema de medidas votadas pelo parlamento, e resumindo tudo o que anteriormente fui escrevendo, caracterisar *a posteriori* a sessão de 1875. O expediente do governo tirou-me esse trabalho, porque, tal como foi, o resultado da sessão parece-me absolutamente nullo, senão até negativo: tres mezes decorridos, o que póde ser agradavel para a vida já longa, — dizem muitos que demasiadamente, — do ministerio, mas não é decerto util para o paiz que perde o seu tempo.

É tambem, comtudo, da natureza propria da politica o não concordar sempre com o util, da mesma fórma que nem sempre concorda com a virtude. Ainda que, sob um ponto de vista menos rasteiro e pratico, mais abstracto e philosophico não seria difficil provar como os acontecimentos apparentemente os mais damnosos, são bem no fundo uteis. A este respeito convém notar o que um jornal affecto ao governo dizia com a graça natural do seu redactor; que as medidas importantes propostas pelo governo não tinham sido votadas, d'ahi proviria a vantagem incontestavel de os legisladores as irem estudando mais a fundo d'aqui até ao anno e poderem depois resolver com um mais cabal conhecimento de causa. O que me faz lembrar o caso sabido d'aquelle homem que andava com o panno de umas calças ao hombro á espera da ultima moda.

Vogaram muitas e differentes versões sobre o exacto motivo que levou o governo a encerrar as camaras prescindindo de que ellas lhe votassem as propostas de sua iniciativa. É com effeito um caso unico, parece-me, este de um governo rodeado de uma forte maioria, depois de, durante tres mezes, annunciar e propôr uma reforma administrativa, uma organisação da instrucção primaria, um codigo do processo civil, uma rede de caminhos de ferro, uma auctorisação para compra de armamento, um conjuncto de medidas, emfim, que, pela sua importancia ao menos deviam merecer-lhe um paternal amor, vir desapiedamente deitar tudo por terra e prorogar tudo por um anno. Imperiosas foram de certo as causas que o moveram a tanto.

Diziam uns que a maioria, mais collecticia do que homogenea, mais interesseira do que dedicada, exigia agora, com uma pertinacia incommoda, o pagamento do apoio que prestára durante a sessão. Cada qual tinha uma pequenina braza a puchar á sua sardinha, e o governo, zelan-

do o interesse publico e o seu, temia a pertinacia dos seus amigos, e receiava perder todas as sardinhas, e queimar-se no meio do puchar das brazas. Cada um d'esses puchões dados no lar do thesouro, em volta do qual os deputados enxameavam soffregos, representava um numero maior ou menor de contos a adiccionar ao *deficit*. O sr. Serpa protestava.

Outros dizem que o protesto partia do sr. Avelino; e que bem no fundo o governo nunca tivera decidida vontade de entrar na grande empreza dos caminhos de ferro. Se fosse possivel contentar a todos sem grandes trabalhos, nem demasiados perigos, ainda; de outro modo, não. A prudencia é o primeiro artigo da fé conservadora.

Era tambem opinião de alguns que á notavel perspicacia do sr. Barjona não escapára a attitude da camara dos pares, e que o sr. Fontes decidira, entre uma inconsequencia grave e um choque, optar pela primeira.

Finalmente o sr. Teixeira de Vasconcellos, firme columna da situação, opinou d'esta fórma: que o governo fechou as camaras, porque alguma vez as havia de fechar; se as adiasse agora, não faltariam motivos para as adiar depois; e assim por diante: queriam porventura que ficassem sempre abertas?

Seduz-me esta explicação e adopto-a de preferencia a todas as mais. É simples, cathegorica. Fechou por fechar. Queriam que ficassem sempre abertas?... Para alguma cousa ha de servir o espirito.

O do illustre jornalista é dos que melhor caracterisam e acentuam épocas como a actual da sociedade portugueza. Sejamos finos, correctos, nem desmanchemos a seriedade grave que convem aos altos papeis publicos, nem dêmos demasiado valor aos susurros mais ou menos distantes, aos gritos mais ou menos desafinados dos excentricos. Este é o melhor dos mundos possiveis, e dentro d'este mundo cortemos cada qual o traje que melhor nos convem. Nem tenhâmos enthusiasmos, nem lagrimas: bastam sorrisos. Sejâmos, sobre tudo, finos e fortes. Se cairmos não esqueçâmos a attitude, e quando nos elevarmos não descuremos o traçar atticamente... a sobrecasaca, pois que infelizmente já se não usa toga. Diz o povo que o mundo é uma bola; por cima andam os espertos, por baixo os patetas: não sejâmos d'estes ultimos. Se ás vezes passarmos como taes riâmo-nos, sob condição de tomarmos depressa a desforra. Sobre tudo nunca admittâmos que possa haver situação ou problema superior á nossa força. Quem esmorece, cáe. E quem uma vez tombou nunca mais se levanta de todo. Evitemos, pois, cuidadosamente todas as passagens difficeis, todas as veredas escorregadias.

Este ultimo preceito que eu cito, de memoria, como os antecedentes, de não sei qual moralista celebre, é que bem no fundo explica para mim o passo do governo. Conservar é estar parado; ainda se admitte que seja mecher-se um poucochinho, para diante ou para traz, principalmente para os lados, mas recolher-se logo, logo que aponta uma difficuldade, ou um perigo.

Ora não ha duvida que a difficuldade e o perigo existiam, e assim

todas as explicações que eu antes enumerei, sem nenhuma d'ellas ser absolutamente verdadeira, contêem um grão de verdade. As complicações politicas e financeiras a que ia dar lugar a votação da lei dos caminhos de ferro, a sofreguidão da maioria, a hostilidade da camara dos pares, são causas bastantes para um ministerio conservador abraçar com as mãos ambas o expediente facil do encerramento que a Constituição lhe proporcionava.

Morram os interesses, mas salvem-se os principios: eis o que tantas vezes disseram no parlamento nossos ingenuos paes, esses ridiculos ideologos a quem a final devemos o poucochinho que resta ainda de moral publica. Illudam-se os principios, mas salvem-se os interesses, eis ahi o dogma fundamental do utilitarismo, positivo, pratico, serio, grave. Illudam-se, porque um dos traços do utilitarismo foi sempre e será mascarar a ausencia de base moral, com aquillo que não é propriamente hypocrisia, porque a hypocrisia é já perversidade, e o utilitarismo é perversão apenas; que é porém mais do que *as conveniencias*, e a que os inglezes dão o nome intradusivel de *Cant*, nas relações familiares. A lingua parlamentar, de que o sr. João Felix fez ha pouco a selecta, é mais do que uma fria rhetorica, é a expressão fallada do *cant* constitucional.

Esta feição que cada dia se acentua mais na sociedade politica portugueza não é, a final, especialmente nossa, nem me parece que os resultados da actual sessão parlamentar sejam de natureza tal que justifiquem os terrores de uns e os despeitos de outros. Sem acreditar ainda no esphacelamento da machina regeneradora, parece-me indifferente, e creio que concordarão commigo todos os que vêem a politica de fóra dos partidos,—só assim se póde vêr bem,—parece-me que caia ou não o sr. Fontes, e que suham ou não o sr. marquez de Avila, ou o sr. duque de Loulé.

Com effeito, as consequencias positivas da sessão de 1875 são apenas um augmento de despeza de 1:000 ou 1:500 contos annuaes, uma profissão de fé militarista com a votação do codigo penal, e um golpe bem fundo no systema parlamentar, Apenas, disse, e repito, porque isto nem destroe, ao contrario affirma, mas tão pouco de um modo extraordinario, o caracter da transformação politica que a sociedade portugueza vem experimentando desde 1851. Caminhámos até agora, e hoje podemos dizer que chegámos a um estado que escapou á classificação de Aristoteles: cesarismo manso, cesarismo burocratico.

Isto não é ser ruim propheta, nem chega mesmo a ser propheta. Todos concordam em que a vida parlamentar acabou entre nós, e que já hoje em vez do systema representativo, é a dictadura permanente o systema que nos rege. Nem se concebe outro para uma sociedade no estado da nossa. Partidos que seriamente representem as novas crenças e os novos interesses creados nas sociedades europeas não os temos ainda. A renovação religiosa e philosophica, Feuerbach, Vacherot, Strauss, são apenas do dominio d'aquelles a quem em Portugal a escassez de conhecimentos chama sabios: na Allemanha, em França, na Inglaterra na

Italia, são populares na verdadeira accepção da palavra. Desconhecemos, como massa, e são as massas quem faz a politica, a atmosphera moral e intellectual europea; e isto que eu não digo que seja bom nem máu, isto que apenas registro, e me parece incontestavel, é a causa natural e necessaria do regimen aristocratico ou cesarista em que já decididamente entrámos.

A alta burguezia, proprietaria, funccionaria, capitalista, é a quem natural e necessariamente cabe o mando: toda a questão reside no modo porque usa d'elle. Pedir-lhe que seja revolucionaria é irrisorio; esperar que as suas tendencias, ou seus instinctos sejam differentes do que sempre foram, é ser myope. A burguezia, como classe, é o producto das idéas utilitarias; os principios da escola são a carne da sua carne, o sangue do seu sangue. Sempre que governar, ha de fazel-o em proveito seu, e tendo em mira os proprios interesses; é conservadora hoje, como foi revolucionaria desde as revoltas communaes até á revolução liberal de 1830. Aceitará sempre as condições politicas praticas que se lhe offerecerem: Será monarchica ou republicana segundo fôr a monarchia ou a republica quem melhor poder *conservar*. Em França prefere hoje a republica a Henrique V, em Hespanha Affonso XII á republica. Como em Portugal não ha vida popular politica facilmente admitte que se sophisme a constituição; e o desprezo pelas fórmulas parlamentares e a crescente emancipação dos governos, não encontram opposição por parte d'ella. O utilitarismo é inimigo dos ideologos; porque a ideologia anda a par da abnegação, do sacrificio, do enthusiasmo, do desinteresse, que se não compadecem com o egoismo. As existencias politicas, como foi a nossa desde 1820 até 1851 são incommodas: os cesarismos são, pelo contrario, o que ha de mais socegado e satisfatorio para o corpo. Só tem um quê; Merimée, fallando do segundo imperio francez, definia assim a situação: Estamos como um homem que vinha caindo de um quinto andar e dizia: isto é bom, ponto é que dure.—Não durou; caio nas lages e despedaçou-se.

A nós não nos assusta essa especie de queda: estamos livres de um Sedan, em que peze ao prurido militarista do sr. Fontes. Estamos livres de um Sedan, mas podemos partir-nos sobre as lages de uma banca-rota. O perigo dos cesarismos quando não é a guerra, é o desperdicio. Logo que as instituições assentam realmente sobre a base unica do egoismo, o salario é o unico premio da virtude politica. Os salarios podem variar de natureza exterior, mas não perdem por isso a sua natureza essencial. Sob a fórma de empregos, de privilegios, de isenções de um telhado para uma egreja, de uns sinos para uma parochia, de uma estrada que vae passar pela porta, ou de um caminho de ferro que vae duplicar o valor das terras, são sempre salarios, e muitas vezes justos e merecidos, como o emprego que acaba de ter o sr. Teixeira de Vasconcellos, e o caminho de ferro que ha de cortar a provincia do sr. Vaz Preto.

Sempre se disse, com effeito, que no pacto de alliança lavrado en-

tre s. ex.ª e os seus deputados de um lado e o governo do outro, havia como condição o caminho de ferro da Beira-baixa. O sr. Pinheiro Chagas defendeu energicamente na camara aquelle caminho sobre que o sr. Lourenço de Carvalho via a correr o *comboio da America;* e o sr. Vaz-Preto, no dizer dos jornaes, rebellava-se contra a teimosia com que o sr. Osorio teimava em se não callar nas ultimas horas de vida, que o governo concedia á sessão.

A final o sr. Osorio foi com a sua por diante, os caminhos de ferro não se votaram, e... Vem agora o ajuste de contas. Desmancha-se, ao que dizem, a machina regeneradora. O sr. Vaz Preto separa-se, o sr. Pinheiro Chagas deixou a *Revolução de Setembro* para ir redigir o jornal que se annuncia sob o nome de *Discussão*; e, como se isto não bastasse, volta a correr o boato de que o sr. marquez d'Avila *está cançado de apoiar o governo*. Eu reproduzo a phrase que é dos jornaes: não a percebo bem, nem pretendo.

Ss. ex.ªs, porém, creio e espero firmemente isto, hão de reconhecer que o caso não é para tanto. A natural modestia dir-lhes-ha que não tem, nem elementos, nem força para dar á machina governativa um impulso ou direcção differentes das que lhe vae dando o ministerio do sr. Fontes. Nem se póde admittir que velleidades ou caprichos de uma pequena ambição inspirem as pessoas illustres dos dissidentes que ainda não foram ministros: nem que as cocegas do poder incommodem a epiderme do sr. marquez d'Avila já *blasée* para essas miserias. Se o caminho de ferro da Beira-baixa não foi votado em 1875 sel-o-ha em 1876: por um anno querem assim provocar uma crise politica? Não é de esperar. Pois o governo apoiado ha tanto tempo, defendido, louvado, mudou? pois não o applaudieis ainda hontem? Pois não vêdes que saltitar assim caprichosamente é compromметter a seriedade da politica, e provocar o receio de que porventura abusaes da confiança que em vós deposita a nação? Se assim fizerdes não é de temer que periclite a firmeza, não direi de instituições, porque já não as ha, mas de nomes que de facto possuem o poder absoluto?

Quero crer que tudo isto não passará de uma d'essas tempestades de copo de agua; cerrações ligeiras que por vezes escurecem os dias mais limpidos. Fio-me de que tudo voltará á antiga e dôce paz, como se diz no *Hyssope*. Acaso, porém, não seja assim, ós temperamentos peninsulares são violentos, e se do nada saiu o mundo, não é muito que de um despeito saia um ministerio. D'aqui, porém, até janeiro proximo ha tempo para que as paixões se acalmem, e para que entre em acção efficaz a reconhecida habilidade dos actuaes ministros. Confiêmos socegadamente, pois.

Que eu não sei se além d'estes fermentos de discordia, ha ou não ha outros. O sr. Vaz Preto parece ter levado a mal que o caminho de ferro se não votasse, e o sr. conde do Rio Maior, até ahi, defensor do governo, levou a mal que o governo se mettesse em tamanhas emprezas. Preso por ter cão, preso por não ter cão. Bem fez, com certeza, o go-

verno em ter fechado as camaras. Nem por isto, nem por aquillo, nem por aquell'outro: fechou-as por que podiam ser-lhe nocivas, podiam, quem sabe? derrubal-o. Conservar-se é, e nem póde deixar de ser, o primeiro objecto de um governo. Os ministros que são, têem de julgar-se necessarios á causa publica; se aceitaram a nomeação regia foi porque acreditaram poder fazer mais e melhor do que os outros: como iriam abandonar assim os interesses da nação?

Ora a camara dos pares desde o discurso do sr. Casal Ribeiro não se mostrava pelo menos submissa e meiga. Parece mesmo que certos modos desembaraçados de mais, de algum ministro, levaram os pares a fazer sentir ao governo que não eram seus meros cancellarios, nem estavam ali para assignar de cruz o que viesse da camara baixa. Encarregando o sr. Casal Ribeiro de ir cumprimentar Affonso XII, o governo matou de uma cajadada dois coelhos; mas nem por isso se dissiparam todas as nuvens; ao contrario parecia crescerem e acaso se desmancharam em trovoada, se o governo não tivesse feito abortar a tormenta. O encerramento foi como os aguaceiros.

Outras nevoas anegraram os horisontes da camara dos deputados antes do encerramento: caso, porém, menos grave para o governo; mas quanto a mim, de maior significação para o systema: um escandalo. Um verdadeiro escandalo, que a opposição implacavel na pessoa terrivel do sr. Marianno de Carvalho, não perdoou ao governo. Caso menos grave, disse, e, com effeito, no momento actual da nossa vida politica, um cheque parlamentar ainda ás vezes faz caír um governo, um escandalo já nunca. Pois este a que me refiro é um caso perfeito, completo, tão notavel que o observador tem de parar diante d'elle, como succede aos medicos diante de uma excellente chaga.

Ha annos o sr. Fontes demittiu de uma repartição fiscal um homem por ladrão; o anno passado o sr. Serpa volta a admittir o mesmo homem no mesmo serviço fiscal. É um ponto que não admitte duvidas; o ministro concordou em que era assim. *Fiscalisar* e *roubar*, foram verbos que depois do caso, o povo começou a confundir epigrammaticamente.

A camara ouviu o deputado interpellante, ouviu o ministro confessar o facto, ouviu até o sr. Assumpção e a sua rhetorica, defenderem em phrase engurgitada a theoria do arrependimento. O ministro limitára-se a allegar que o sujeito em questão tinha grande influencia na sua freguezia, o que quer dizer que mais uma vez o emprego era o salario do serviço eleitoral; ponto de vista positivo que tem ao menos o valor da franqueza; o sr. Assumpção esquecendo-se que a certidão de folha-corrida e os attestados de bom comportamento são documentos essenciaes para todos os empregos, fallou em Christo, e creio que na Magdalena, sem se lembrar de que isso não vinha ao caso, porque nem um nem outro, que se saiba, pretenderam nunca empregos publicos.

A camara ouviu tudo; as explicações que o sr. Serpa deu por dar, e as declamações que o sr. Assumpção tinha feito melhor em não proferir, e votou louvores ao ministro. Anciava por passar a outros assumptos.

Cada deputado tinha na mesa um projecto *seu;* e uma vez que submissamente haviam chancellado os projectos do governo, justo era que o governo agora retribuisse o favor. Dizem, — eu não fui lá, — que n'esses dias a camara parecia uma feira.

Se o governo fez bem em livrar-se dos pares, fez melhor ainda em livrar-se dos deputados. Se no primeiro caso tratava só de si, no segundo tratava de mais alguem, isto é, do thesouro que não é sufficientemente rico para poder dar a cada aldeia tudo o que as aldeias querem e exigem por via de seus representantes.

O resultado mais evidente que sae, finalmente, da sessão parlamentar é este, e não é mister demasiada perspicacia para o descobrir: o governo ganhou mais um anno. Em quanto o páu vae e vem folgam as costas.

O instincto de conservação é o que mais fundamentalmente apparece radicado em tudo quanto existe. Apenas o homem, ou quando allucinado pela loucura se suicida, ou quando, divinisado por um enthusiasmo ardente, dá de barato a vida por uma idéa, é excepção a esta regra. O ultramontanismo, que é de toda a ordem de instituições passadas a que menos póde esperar resuscitar, nem por isso deixa de agitar-se no delirio de uma agonia impotente, como um naufrago que se affoga. O rapido incidente do cabido de Bragança, e a gravissima questão do clero brazileiro, a que mais de uma vez me tenho referido aqui, mereceram-me da parte do *Bem Publico* uma saraivada de grosserias, que não sei se são ultramontanas, mas que nem são delicadas nem piedosas. É curioso de vêr como são feros, grosseirões e brutaes os que arrogam a si o privilegio da infallibilidade catholica. Eis aqui uma amostra:

«Coimbra que está sendo o fóco pestilente de Portugal, o verdadeiro poço do abysmo d'onde sáem os vapores deleterios que o vão matando, não podia deixar de ser um dos centros mais activos da maçonaria, que ali tem o caracter pechincheiro e cobarde dos lords da batota.»

Não sei se é este o estylo que o *Bem Publico* acha mais repassado de unção catholica. Nós não podemos dizel-o porque o não usámos: só raras vezes o ouvimos quando passâmos na rua em frente d'alguma taberna. Para nós, ou melhor, para mim, o ultramontanismo é a mais bella creação religioso-politica da civilisação moderna; a mais bella e a mais grandiosa pagina da historia do espirito europeu. Estheticamente acho-o até preferivel ao nosso criticismo; a idéa da unidade das cousas divinas e humanas, ainda religiosamente percebida, dava ás sociedades um cunho de grandeza bella, que excede de certo, sob este ponto de vista, as contemporaneas, e redime para mim todos os erros e todos os crimes dos homens, que exerceram a auctoridade catholica. Os clarões da belleza antiga illuminam ainda a meus olhos os esforços desesperados d'esse naufrago que agora se submerge, e escondem-me parte das ignominias e das protervias que por vezes acompanham essas santas agonias. *Parce sepultis.* Além do meu respeito, os ultramontanos têem direito a exigir de mim a compaixão que se deve a todos os vencidos. Ninguem bateu já-

mais no inimigo caído. Se a baba lhe escorre dos labios nas vascas de uma agonia longa, se a dôr lhe arranca impiedades e blasphemias, nem a baba nem as imprecações nos chegam a todos os que temos serena a consciencia e piedoso o coração. Outro é o nosso Deus, e no vosso, como bons filhos, respeitâmos um momento sublime da revelação historica. Podeis insultar-nos, não podeis vencer-nos; e se por desgraça, no revoltear torvo dos incidentes tempestuosos da vida das nações, um acaso vos désse uma hora de poder ephemero, nem as vossas forcas, nem as vossas fogueiras alterariam nunca a serenidade firme do nosso animo...

Sobre o que escrevera ácerca da intimidade da questão religiosa e da revolta das provincias do norte do imperio, diz o *Bem Publico:*

«Escusado é dizer que, fallando da questão religiosa do Brazil, a *Revista* se mostra boa *irmanzinha* nos *tres pontos;* e que até aos jesuitas e aos bispos presos attribue a revolução *maluta* dos quebra kilos, — coisa que nem as folhas semi-officiaes do Brazil se atrevem já a sustentar, por ser mentira demasiadamente calva.»

Ora isso que *nem as folhas semi-officiaes* se atrevem já a sustentar é exactamente o que o imperador affirma no discurso de abertura do parlamento que o correio nos trouxe ha dias:

«A ordem publica foi perturbada em varios pontos do interior de quatro provincias do norte. Bandos sediciosos, *em geral movidos por fanatismo religioso*, e preconceitos contra a pratica do systema metrico, assaltaram as povoações, destruindo os archivos de algumas repartições publicas e os padrões dos novos pesos e medidas.»

Abriram-se com effeito as camaras brazileiras e as primeiras impressões, de que o correio nos falla, são de uma tal ou qual indecisão no animo dos deputados. Não se póde bem dizer para que lado se inclinará a maioria, julgam, porém, muitos que não abandonará o ministerio conservador. Citam-se nomes de dissidentes que parecem dispostos a apoiar a situação, e por outro lado é certo que os deputados liberaes do Rio Grande, ou pelo menos alguns d'elles, ou não virão de todo á sessão ou pelo menos só mais tarde chegarão. Assim, o gabinete parece, não só seguro, mas até resoluto a continuar a batalha eleitoral.

No senado, porém, as perspectivaas não são tão pacificas: a escusa do secretario da mesa e o fundamento que lhe deu «que era da sua lealdade para com o governo recusar o lugar, embora o governo não reconheça nem saiba praticar a lealdade» são acaso um symptoma de conflictos que porventura esperam na camara alta brazileira a situação conservadora.

Irá o senado brazileiro repetir na sessão que agora começa o papel que, dentro dos limites graves das camaras altas, representou ou começou tardiamente a representar a camara dos pares portugueza? O adiantamento dos trabalhos parlamentares o dirá. Entretanto o aspecto da nossa camara dos pares, especialmente combinando-o com os desejos de reforma que sairam d'ella mesmo, é um symptoma que eu não duvido em considerar de bom agouro para a direcção do cesarismo burocratico portu-

guez. Não ha duvida que a camara dos pares, apesar de acusada frequentemente de inutil, tem sido n'estes ultimos annos um salutar correctivo ao desregramento dos eleitos do povo.

Esta observação ainda por outro lado confirma a doutrina que tenho exposto da fragilidade do edificio parlamentar portuguez. Os que se dizem eleitos do povo são de facto apenas nomeados pelos ministros: d'elles e para elles vivem. A sombra de representação extra-ministerial que trazem, não é por fórma alguma o voto dos povos, porque os povos ou não querem ou não podem ter voto; é apenas a representação dos interesses locaes a miude injustos, e quasi sempre em opposição com os interesses geraes, ou estranhos a elles. O egoismo, que fórma a base da moral individual e publica, apresenta-se aqui sob um outro aspecto, e as localidades dizem com os individuos: *chacun chez soi, chacun pour soi*. Sem o estorvo de uma camara alta, a cousa publica mais breve e francamente se pronunciaria como uma dictadura, porque os governos teriam de pôr cobro violentamente ás exigencias demasiadas dos representantes das localidades, sem cujo voto, parlamentarmente, seria impossivel manterem-se. Os episodios que precederam o encerramento das camaras portuguezas, e depois d'elle a scisão do grupo Vaz Preto, dão a estas simples observações um cunho de verdade que me parece incontestavel. O par vitalicio nem depende da protecção official, nem das influencias locaes para manter a sua cadeira; tem a lei a seu favor e póde assim votar mais desassombradamente. Quando se fez taboa raza dos principios, e se vive no puro e franco regimen das forças e das influencias pessoaes, tudo o mais que se póde pedir é que o poder se circumscreva a poucos, e que n'esses haja capacidade e bons desejos: dae-nos, senhor, um bom tyrano! A base racional e natural de um cesarismo como o nosso é a camara dos pares; esta é a sua significação, porque desappareceram já na historia as outras em que podia estribar-se.

Pretender que a camara alta represente os interesses conservadores perante os arrebatamentos progressistas da camara baixa era bom para outros tempos; não para os nossos em que já não ha progressistas constitucionaes. Os deputados velhos são exactamente da mesma massa dos pares: altos funccionarios, grandes proprietarios, principes da finança; os deputados novos são conservadores, por ambição, por temperamento, por convicções até. Dez ou doze rapazes, que a camara viu este anno pela primeira vez, enfileiraram-se todos na maioria.

Pretender d'outro lado que a camara dos pares represente a aristocracia historica, e deduzir d'ahi a hereditariedade, é esquecer-se de que nós, desde que acabámos os morgados, concluimos com a aristocracia historica, mobilisámos a riquesa, e tornámos vitalicia em vez de hereditaria, pessoal em vez de familiar, a influencia que a propriedade e a capacidade devem ter nos negocios publicos. D'antes o pariato era a sagração politica do vinculo; desde que o vinculo desappareceu, e se destruiu a tradição da influencia que outr'ora exerciam as familias, ficando apenas a influencia vitalicia que exercem os homens, a hereditariedade

é absurda; e assim até certo ponto se explica o triste resultado que tem dado em nossos dias.

Excluidas, pois, as duas bases, conservadora e aristocratica, que n'outras condições caracterisam os senados, resta ao nosso o caracter que primeiro lhe atribuí, e me parece o exacto e predominante. Eliminem a hereditariedade do pariato, considerem-se os senadores como os verdadeiros depositarios da auctoridade collectiva, agora que o povo, ou momentaneamente abdicou, ou se não sente ainda com forças de cingir a corôa, e verão que cada dia mais a camara alta se tornará o centro real do poder politico.

13 de abril P. de Oliveira.

ESPAÑA

Explicábamos en nuestra crónica anterior, por medio de qué singulares fenomenos logró el carlismo su resurreccion: importa ahora señalar los muy extraños que desde el principio han acompañado á la actual guerra civil.

No lograron tomar proporciones de tal las insurrecciones ensayadas de 1869 á 1872; el genio militar del General Prim no las permitió vivir más de dos semanas, sin salir de Madrid, ni aun del Ministerio de la Guerra, limitándose á aplicar activamente la mano al aparato telegráfico de su despacho, para multiplicar por medio de hábiles combinaciones un ejército que apenas contaba entonces 60.000 hombres; pero propósitos misteriosos arrancaron la vida á aquel caudillo, y dos meses despues, al comenzar la primavera de 1872, anunciándola con toda anticipacion y con todo descaro, se llevó á cabo, sin que el Gobierno alcanzara á estorvarla, la nueva insurreccion con que nació la presente guerra.

Diferencióse desde un principio de la de los siete años, en los procedimientos á que se inclinó el Gobierno de Madrid: en vez de levantar el espíritu liberal le contuvo, fiando más que en la fuerza de la opinion en la del poder; en lugar de seguir el sistema, tan admirablemente ensayado por el General Prim, de caer rápidamente sobre los centros de rebelion y desbaratarlos antes que se armaran y se organizaran regularmente, se exageró el medio de pacificacion empleado en la guerra de Cataluña de 1848, y animado de un deseo inmoderado de paz corruptora, fué el Duque de la Torre, fiando más en el dinero que en las armas, á tratar de potencia á potencia con algunos pelotones de hombres, que se habian echado al campo dos meses hacia, hasta conseguir de ellos el estéril convenio de Amoravieta, presentado al país como un tríunfo y tambien como un pretesto, verdaderamente inconcebible, para obtener una

caprichosa é indisculpable suspension de las garantías constitucionales.

No ha llegado aún la ocasion de apreciar los datos que demuestran hasta qué punto mermó la insurreccion, durante la administracion que vino á remplazar á aquella otra que de la insurreccion carlista queria hacer un pretesto para lanzarse á la política reaccionaria; basta sin embargo recordar que en enero de 1873, el Gobernador civil de Vizcaya daba parte de haber recorrido toda la provincia con 13 guardias civiles; no son estos tampoco los momentos de pesar qué dió más vuelo á la guerra, si la desorganizacion del ejército de la República ó el refuerzo que el de D. Cárlos recibió de los que para combatirla se fueron á su lado; lo cierto es que la desorganizacion solo duró meses, porque pronto puso remedio á ella el Sr. Salmeron, que, llamando y dando el mando de las tropas á los generales más reputados, sin reparar en las procedencias políticas, no logró, sin embargo, como no lo consiguió despues el Sr. Castelar que exageró el procedimiento, quebrantar el carlismo en lo más mínimo.

Sirviéndose siempre de él para hacer con ese pretesto ensayos de política reaccionaria, se dió el golpe del 3 de enero con que la guarnicion de Madrid colocó al Duque de la Torre al frente de la Nacion; presentáronla aquel suceso como el término infalible de la guerra, exigiéronla para eso silencio y sacrificios, obediencia á una dictadura y generosidad en facilicitar hombres y dinero; descubrieron el secreto de que para matar la causa del absolutismo, no habia nada tan eficaz como plagiarla; declararon peligrosas las Córtes, funesta la prensa, fatal toda manifestacion liberal; desarmaron los pueblos, deportaron sin forma alguna legal 1.500 sospechosos de liberalismo y, enviando al Norte un ejército considerable provisto de un inmenso material, fueron á S. Pedro Abanto para declarar desde allí, que ante la ciencia (la ciencia de unos insurrectos que habian entrado en campaña hacia menos de dos años) se estrellaba la de los que llevan medio siglo de proclamarse doctores en ella. Vuelto á Madrid el Duque de la Torre despues de aquel fracaso, se adoptó una doble táctica; por un lado, se pidieron al pais más hombres y más dinero, como único medio de dar el golpe de muerte al carlismo, y por otro, comenzaron á esparcirse esperanzas de paz á lo Amoravieta, fundadas en los importantes síntomas, de que las avanzadas de los dos ejércitos bebieron tal cual vez algun vaso de vino reunidas antes de separarse para romper el fuego, y en los tratos con algunos intrigantes que iban y venian de un campo á otro cobrando buenas dietas por pago de lastimosas ilusiones. Desvanécieronse estas y el país, siempre condenado al mutismo, fué invitado á contemplar una grande y decisiva operacion que nuevas fuerzas y nuevos é incontrastables elementos debian dar por resultado: ¡cuán amarga fué la decepcion, lo reveló el sentimiento general por la pérdida del Marqués de Duero! pero no por eso cedieron los ilusos en su obstinacion, y por tercera vez pidieron silencio, hombres y dinero para pelear, y al mismo tiempo fé ciega en que la guerra estaba á punto de acabarse sin pelea.

Tan deplorable sistema iba produciendo sus resultados naturales: los planes empíricos de pacificacion dieron tiempo á los carlistas para organizarse, armarse y fortificarse; las concepciones militares, que se redujeron á tomar las posiciones en que al enemigo le convenia esperar las tropas liberales, pusieron de relieve el cambio que en las condiciones de la guerra de montaña ha operado el nuevo sistema de armamento; la intemperancia en aspirar á la paz por medio de tratos y contratos, enervó á una de las partes y envalentonó á la otra; el mutismo impuesto al país le llevó á una indiferencia de que no salia más que para dar los soldados ó las contribuciones que le pedian, cruzándose de brazos así que consumaba el sacrificio; la aspiracion sempiterna á un convenio, excluyó el único plan de guerra eficaz que se propuso, que fué el del brigadier Gándara, lo que al fin se quedó en proyecto, y el éxito desgraciado de tan lamentable error vino á achacarse á que el ejército de España no tenia bandera, voz generalmente esparcida, aunque cuando tuvo la actual, quedó ahogada en los desfiladeros de Somorrostro.

Iban mientras tanto haciéndose salientes las diferencias entre la guerra civil de los siete años y la actual: en el campo carlista no aparecia un solo caudillo digno de compararse con los de la otra campaña, y esta es la fecha en que está esperando un organizador como Zumalacárregui, un guerrillero como Cabrera ó el cura Merino, un estratégico capaz de seguir las huellas de la espedicion que por toda España hizo Gomez. En el ejército liberal tampoco brotaban los sucesores de Córdova, de Espartero, de Leon y Zurbano. Los gefes carlistas se mostraban más especuladores que capitanes; hacian la campaña ciertos meses, pero se iban á gozar en Francia el fruto que recogian de ella, hasta que se les acababa el dinero y venian por más: Madrid fatigaba los trenes del Norte llevando y trayendo una nuve de generales cortesanos, acompañado cada cual de un formidable estado mayor de parciales suyos, que iban á obtener un medro en un mes de residencia bajo la tienda de militares que, en vez de ocuparse de la guerra, se entretenian en tantear la paz, que antes que de dirigir el soldado, se cuidaban de inocularle la pasion política a cuyo servicio habian salido de Madrid.

Todo esto junto acabó por abrir paso en el país vecino á una frase, escandalosa en boca de quienes más la hacian circular: «que con las armas no se podia acabar con los carlistas». Se concibe una explicacion de cierto hecho evidente que hemos apuntado arriba: con el fusil antiguo, de lenta carga, puntería incierta y pequeño alcance, no era empresa muy difícil para tropas bien organizadas tomar una posicion al enemigo, si quiera se hallara fortificado; porque ni los efectos del disparo empezaban á sentirse á larga distancia, ni se multiplicaban, ni se aprovechaban sino en una cantidad mínima; con el fusil Remington, de que está armado el ejército español y de que se ha dejado armar al carlista, la ventaja de este, cifrando las operaciones militares en ir á despojarle de Abanto ó de Somorrostro, es inmensa, porque cuando el soldado se halla á 800 metros ya empieza á ver bajas en sus compañeros y porque,

para salvar esos 800 metros, tiene que sufrir mientras sube la montaña á razon de 16 tiros de cada carlista por minuto: se comprende y está por cierto justificada la censura del sistema de guerra que se viene siguiendo hace catorce meses y la necesidad de que descollando algun gefe dotado de cierto genio, se le autorice para otro género de operaciones más inteligentes y más hábiles, que subir en línea recta unas montañas trás de otras, aquellas precisamente donde los carlistas esperan á las tropas, para enviarlas á pié quieto y con el pecho cubierto una granizada de balas que las diezmen, mientras hacen jadeantes su inútil ascension; lo que no tiene disculpa es que en una nacion como España, con academias militares, cuerpos facultativos, material de guerra escogido y abundante, un ejército de 200.000 hombres, cosa de 700 generales y un regimiento de brigadieres, se diga de oficio, como se dijo despues de Somorrosto, que ante la ciencia de unos insurrectos se estrellaba la de los que de ella hacen profesion toda su vida; lo que asombra es que en un país que se impone el enorme sacrificio de sostener en tiempo de paz un gran ejército permanente, largamente dotado, pródigamente recompensado con ascensos que en pocos años hacen de los jóvenes, generales, opulento en ellos hasta el punto de exceder seis veces á los que pediría el ejército regular más abundante en jefes, cuando sobreviene, no una guerra extragera, sino una insurreccion en cuatro provincias, se diga, sin correctivo de nadie, que el ejército organizado y sostenido durante un largo periodo de paz, no puede acabar con unas fuerzas irregulares, agrupadas hace dos años en unas montañas.

Pues este singular criterio, que no ha tenido ciertamente su orígen en las filas del ejército español, siempre valeroso, siempre dicidido, siempre dócil para dejarse guiar en los combates y exceder los deseos de los que le manda, sino en los hombres procedentes de escuelas políticas que, como el año de 1834, pretenden acabar con el absolutismo por medio de procedimientos absolutistas, este funesto criterio ha tomado tal vuelo, que de un año acá se negocia mucho más que se pelea, se espera más de las relaciones con los carlistas que de la bizarría del ejército, se aspira más que á una batalla decisiva á la inteligencia con Cabrera á quien se propone: la fusion de los carlistas y los monárquicos alfonsinos; la conservacion de los fueros de las provincias vascongadas; el reconocimiento de los empleos, grados, títulos y condecoraciones de los generales, jefes, oficiales y demás individuos del ejército carlista; su colocacion en los cuerpos del ejército; el reconocimiento de los empleos civiles; la reparacion de los daños materiales causados por la guerra á los intereses generales y particulares que por hallarse comprendidos en el teatro de la insurreccion carlista han hecho sacrificios para ella, constituyendo en único árbitro de clasificacion de esos reconocimientos á Cabrera, á quien se confieren facultades extraordinarias, poniendo á sus órdenes el número de jefes y oficiales de todas armas que pida para ayudarle en su empresa.

Más elocuentes aún que esas condiciones para la fusion, son los ter-

minos en que se aceptan: Cabrera pone en manos de D. Alfonso, «para que la guarde y la honre, la bandera que siempre ha defendido, en donde están escritos los santos principios de su causa;» dá aquel paso «con el intento de salvar los principios que siempre ha defendido, que seguirá defendiendo y que espera le ayudarán á defender en un terreno noble, generoso, fecundo;» dice que «lo que defiende son los principios de toda sociedad honrada,» que quiere consagrar el resto de su vida á influir, con la energía propria de su carácter, para que el soberano á quien desea confiar su causa, haga justicia á sus aspiraciones: en una palabra, Cabrera se promete de la fusion que le proponen, el tríunfo del carlismo sin D. Cárlos. No son menos francos los pocos jefes de importancia que le han seguido en su evolucion: Aguirre, Polo y Rada, dicen que «prescinden, para salvar los principios, que son inmortales, de una personalidad determinada, que es accidental y transitoria, y acuden á defender el credo absolutista» bajo la monarquía de D. Alfonso, abandonando solo en esta retirada la persona del príncipe, para conservar incólume la santa causa.»

Un mes ha transcurrido ya desde el paso dado por Cabrera, y todavía no hemos visto que produzca consecuencias trascendentales; es verdad que han circulado sucesivamente noticias de la sumision de Dorregaray y Mendiri; pero hay un documento que las desmiente, en que aparecen extremamente unidos para combatir los trabajos de Cabrera los mismos Mendiri y Dorregaray, Mogrovejo, Savals y otros; es verdad que los rumores de paz inmediata, es decir, de fusion, no ceden un punto y que á favor de ellos se ha hecho bonitas jugadas en la Bolsa de Madrid y se están haciendo otras más beneficiosas aún en los mercados extrangeros sobre el papel de los empréstitos de D. Cárlos; pero hasta ahora, los únicos hechos que han respondido á la actividad de los fusionistas han sido la remision de unos 300 oficiales de las filas carlistas, la mayor parte castellanos, y la contraguerrilla que, segun parece, ha formado el célebre cura de Santa Cruz para combatir á los enemigos de Cabrera.

En medio de todo esto se dá una circunstancia singular: en ambos campos se anuncia como segura la paz inmediata y el tríunfo respectivo: en el de Madrid durante el mes corriente, en el carlista en todo el mes de mayo: es una rara coincidencia que apuntamos aquí sin explicarla: en ambos, sin embargo, se habla de la posibilidad de que continue la guerra, y en los dos circulan planes y proyectos que respondan á esta eventualidad: en el carlista se trata de espediciones á Asturias y Castilla, y en Madrid y en alguna capital de Europa se ha pronunciado nuevamente la palabra intervencion, que no es por cierto la expresion de una idea nueva, sino el plagio de otras tentativas antiguas y recientes. Empezaba el año de 1835, y corria la voz de que la política del ministerio tendia á contrarestar la oposicion que encontraba en la opinion liberal, poniendo término á la guerra civil por medio de una transaccion con D. Cárlos. Sin darse formal batalla, ni alcanzar este un verdadero tríunfo, el ejército de D.ª Isabel habia venido á quedar casi del todo desbaratado;

acudió el Gobierno á Inglaterra y Francia pidiendo socorros armados, que tuvieron por respuesta una negativa; vino entretanto el pronunciamiento de 1835, y pasó la esponja sobre los proyectos de transaccion con D. Cárlos, y de intervencion, y dió el poder á Mendizaval que decretó una quinta de 100.000 hombres, fomentó el armamento de la Milicia Nacional, convirtió las juntas revolucionarias en Diputaciones provinciales, convocó las Córtes para hacer nueva ley electoral amplia, que tragera una Asamblea encargada de hacer la Constitucion, recobraron el perdido brio los ánimos abatidos en las ciudades y los ejércitos, viéronse estos reforzados con voluntarios procedentes de las cátedras y de los campos, hiciéronse importantes donativos, revivió el espíritu liberal en el país, tanto como entró en la postracion el carlismo, y adquirió la causa de D.ª Isabel la fuerza de que tanto habia menester. Pero volvieron á escalar el poder los hombres derrivados de él, á tener de frente la opinion y á pedir á Francia, por medio del embajador de España, una intervencion con que Luis Felipe no quiso lanzarse á aventuras que pudieran alterar el sosiego en que deseaba pasar la vida, y, en vez de los nietos de S. Luis, de un José I con que afrancesarse, ó de un Angulema en quien apoyarse, vino un nuevo pronunciamiento, el de 1836, que otra vez derrivó la escuela de los tratos y las intervenciones y, dando vuelo á la opinion liberal, quitó su mayor fuerza al carlismo, reforzó y entusiasmó al ejército, organizó la Milicia Nacional movilizada, hizo una requisa de caballos, realizó 200 millones para atender á los gastos de la guerra, alcanzó la victoria decisiva de Luchana, y dió el espectáculo de que las Córtes Constituyentes reunidas en Madrid, sitiado por D. Cárlos, acompañado de D. Sebastian, de Cabrera, Moreno, Urrutia, Villareal, Madera, Piñeiro, Merino, Zavala y otros jefes, al frente de 20 batallones y 12 escuadrones, rechazaran toda influencia extrangera en España y toda transaccion con D. Cárlos, declarándole á él y sus descendientes excluidos de la corona. Nuevamente se sobrepusieron á los hombres de la escuela liberal los intrigantes, y nuevamente se recrudeció la guerra civil; nuevamente se volvió á los medios empíricos de terminarla, llegando á ahogar el alzamiento de un escribano intrigante, Muñagorri, sin talento ni influjo, que enarbolando una nueva bandera «Paz y Fueros» debia, si triunfaba, suscitar embarazos al Gobierno y acarrearle gastos y desaires si la tentativa fracasaba: en las Córtes, entretanto, se aprobaba una enmienda al discurso de contestacion que decia: «Y de concluir la guerra sin transaccion ni acomodamiento de ninguna clase con D. Cárlos, ni su familia;» pero entretanto tambien se perseguia incansablemente por el Gobierno la peticion de una intervencion extrangera, aunque el ministro Molé habia respondido á los memoriales en que se mendigaba, con un *jamás*, dicho en plena Cámara de Diputados, y Luis Felipe repetia invariablemente la frase: *Je ne veux pas engager l'avenir*.

Apesar de estos antecedentes históricos, y aun siendo hoy las condiciones de España y las circunstancias de Europa infinitamente menos propicias que en aquellas épocas para una intervencion, todavía hay quien

habla de ella como de un remedio supremo, para el caso de que no dé resultado el que se espera de Cabrera, cuya actitud é investidura de árbitro exclusivo, ha venido á levantar un nuevo obstáculo para semejante proyecto, que no necesitaba de ese para encontrarlos punto menos que insuperables, como lo demostraremos si tal tentativa fuera tomando mayores proporciones.

Nos hemos extendido un tanto en dar cuenta del aspecto general de la guerra y la paz en España, porque esa es naturalmente la preocupacion de más bulto en lo que se refiere al país vecino: otra hay, sin embargo, esencialmente pacífica, que ha compartido con ella todo el intéres de la quincena.

Un decreto y circular del Ministerio de Fomento vino á infringir el artículo 27 de la Constitucion y el decreto ley de 21 de octubre de 1868, que consagraron la libre indagacion y exposicion de la verdad, amparando á los profesores en la propiedad de sus cátedras, sin excepcion de sus creencias religiosas, y eximiéndoles de la obligacion de seguir textos y programas oficiales: protestó de esta medida el Sr. Giner de los Rios, y á las 5 de la mañana fué sacado de la cama en que estaba enfermo, y á las 8 puesto en camino paral a deportacion; protestaron los Sres. Salmeron, Azcárate, Gonzalez, Serrano y Mendez Caballero, todos profesores de la Universidad de Madrid, y todos fueron deportados á diferentes puntos; renunciaron otros catedráticos, incluso el Rector, precedieron á esas protestas las de algunos profesores de la Universidad de Santiago, siguieron el ejemplo varios de las de Valladolid, Valencia, Zaragoza, Sevilla y Barcelona, y, mientras el Gobierno confiaba el rectorado de Madrid á una persona conocida por sus ideas ultramontanas y remplazaba los catedráticos deportados con sustitutos de las mismas opiniones, los estudiantes comenzaban á preparar adhesiones á las protestas de los antiguos profesores, las corporaciones no oficiales los aclamaban sócios de mérito, los pueblos donde llegaban los desterrados los acogian llenándolos de atenciones, obsequios y ofrecimientos, y los hombres de ánimo sereno, para quienes es una verdad aquella comparacion que hizo, no sabemos quien, de los pueblos con los peces, porque unos y otros se dejan coger perpetuamente en las mismas redes, piensan al mismo tiempo que hay otra comparacion igualmente exacta, la de ciertos poderes con las mariposas, que nunca aprenden á respetar la luz y siempre se empeñan en atravesar la llama que ha de abrasarlas.

Al lado de esas dos grandes cuestiones, la de la guerra y la de protesta del profesorado, todas las demás que se agitan en España palidecen y se achican: ninguna resiste la comparacion con el problema de la suerte que espera al principio carlista, ó á la fusion que pretende inocularse en el país dejando á un lado á D. Cárlos; ninguna rivaliza en importancia con la actitud de los profesores que, negándose á reconocer prescripciones que no las dicte su razon libremente consultada, y levantando la voz de su dignidad y su conciencia, plantean otro problema ligado con el anterior á saber: si el porvenir de España (el inmediato al menos) es el

de un pueblo libre, ó si la demolicion del matrimonio y registro civil y de todas las conquistas modernas que no sean simpáticas á la fusion, ha de hacer preponderar los principios del carlismo sin D. Cárlos, á quien, dicho sea de paso, Su Santidad acaba de enviar á Estella una de las palmas bendecidas el domingo de Ramos en S. Pedro, al mismo tiempo que despacha para Madrid al Nuncio cerca de D. Alfonso, el esperado monseñor Simeoni.

***

EUROPA

Morreu Edgar Quinet.

Pela grandesa do seu espirito, pela importancia das suas creações e pela influencia das suas obras; pela significação sobretudo da sua figura, Edgar Quinet precisa ser completamente estudado, avaliado. Os seus discursos, os seus livros e os actos da sua vida são d'estas coisas cheias de exemplo e de bellesa que se devem mostrar em toda a sua luz ás gerações que hoje trabalham.

Esperando um estudo detido sobre o homem, o poeta, o philosopho, o politico, o historiador, que todos nós acabamos de perder, quero dedicar-lhe, desde já, duas palavras de homenagem.

Um seculo levou a grande revolução a transformar a França. Começou a alteração pelos lados politicos do espirito, pelos que podiam fazer-se armas de immediato emprego na lucta, pelos lados immediatamente applicaveis ao combate.

Já outras causas haviam deseccado o espirito francez que produzira a fria e superficial litteratura do seculo XVII. O fundamento da realeza e o sentimento da religião que eram, — sahindo da tradicção, em que o homem se vê completo,—as entidades que ainda mantinham viva e consciente a parte intima e sentimental do espirito, haviam-se tornado com rasão objecto de desconfiança e de odio para as fortes classes novas. Por isso estas afastaram esses veos mysteriosos, deixaram que o rijo vento da acção espalhasse para os horisontes distantes as nuvens cheias de visões traiçoeiras e commovedoras, e proscreveram o sentimento. Fizeram-se os philosophos da rasão, os oradores das praças e das assembléas, os luctadores fortes e limitados de espirito, os homens bruscos, emphaticos e praticos dos partidos e dos governos. Foram estes que revolucionaram o direito publico, e transformaram materialmente a França e depois o mundo, que era na verdade o que antes de tudo se precisava: *Primeiro comer; depois philosophar.*

Foi de tudo isto que sahiu a absorvente prosperidade economica da moderna Europa, e as classes ricas, materiaes, impassiveis que hoje a governam, e que em França, saciadas de revolução, viram indifferentes, e

alheiando-se cada vez mais, de 1814 a 1830, as duas aventuras de Napoleão e as duas restaurações dos Borbons. Sabe-se como estes ultimos luctaram. As transformações de 1789 a 1810 eram um inimigo que se devia derrubar; inimigo que, sendo uma grande força, tinha de se medir, de se illudir antes de se atacar de frente. As Constituições serviram para isto. A reacção começou.

Mas a revolução existia com todas as suas grandes forças, apparentemente latentes, fermentando surda, e todavia impondo-se. E. Renan já louvou os governos da Restauração franceza por não haverem supprimido esse grande movimento revolucionario que tinha de matal-os. Não sei eu se essa suppressão era possivel a Talleyrand e sobretudo, a Polignac.

Novos e profundos elementos acordando no espirito, vinham entretanto engrossar já com scintillações extranhas, e coloridos luminosos, a nova vida revolucionaria. O espirito humano havia tido tempo, depois da forte acção esclusiva e absorvente, de ouvir as antigas vozes, religiosas, intimas do sentimento, que haviam enlouquecido a sublime e profunda Edade media, e, que, desde a Renascença, tinham apenas ficado, vagas e instinctivas, em França, no mudo coração do povo. A Allemanha que não quebrára a integridade do espirito, interrompendo as tradições, e que, nos caracteres particulares da sua alma, encontrava uma grande creação de vagas sentimentalidades, e de profundos lados symbolisados, apresentava um ponto de apoio natural e uma concordancia efficaz ao apparecimento do novo espirito.

Foi de tudo isto que se fez esse prodigioso movimento a que se chama o Romantismo. Foi isto que produziu em 1826, nos momentos mais agitados da Restauração da monarchia legitima em França, a *Introducção* de Edgar Quinet á traducção das *Ideas sobre a philosophia da Historia da Humanidade* de Herder.

Commovido por todos os elementos sentimentaes que se juntaram n'esse momento solemne, Quinet foi um dos mais influentes transmissores do movimento philosophico e artistico germanico, dando porém á complexa e visionaria symbolisação alleman a classificação, a lucidez da lingua e da analyse franceza, e a força propagadora e commovente de uma eloquencia abundante, imaginosa, meridional.

Esta eloquencia, que é um dos caracteres mais notaveis da obra de Edgar Quinet, já hoje a não teem expontaneamente, *a quente*, os homens da nossa geração.

N'elle e nos do seu tempo,—que ainda hoje, já raros e venerandos, nos apparecem nas ultimas scentelhas d'um grande ardor e nas attitudes antigas,—era a eloquencia devida á quantidade extraordinaria de commoção que se lhes accumulara nos espiritos, á situação superior, isolada, em que lhes appareciam as ideas na sua forma absoluta, mostrando ao espirito crente, com pouca critica e poucas distincções, os problemas no seu contorno geral, simples, resolvidos por um credo, por uma formula sentimental, feita no meio dos combates, e da qual se comprehendia a bondade apenas atravez do que se lhe sentia da bellesa.

É d'esta situação ingenua, crente, dos espiritos, que deriva tambem a bellesa immensa com que esses homens nos apparecem hoje.

Haverá que fazer restricções aos programmas politicos e sociaes de Edgar Quinet, de Proudhon, de Michelet, de Mazzini, de Victor Hugo, de Raspail, de Garibaldi, mas tem de se ajoelhar diante d'estas figuras apostolicas, diante da pureza divina dos seus caracteres, e da sua extraordinaria grandeza moral.

É esta a força d'esses *homens:* a sua probidade, o seu coração, e o caracter universal d'elles. Todos nós lhes devemos a generosidade, a abnegação, a rectidão das nossas almas, hoje que as luctas são outras, que a politica tem tido que descer do ideal e da commoção pela escada rethorica das phrases, e tambem pela analyse sceptica e descolorida que leva ás realisações praticas, hoje, na vespera de novas e necessarias revoluções sentimentaes.

Estranhou a *Revue des deux mondes* que no tumulo de Quinet, homem de estudo, pacifico, inoffensivo, Gambetta citasse Danton e Ledru Rollin, como se o auctor do *Ultramontanismo*, dos *Jesuitas*, do *Ashaverus*, da *Creação*, não tivesse gasto a vida a luctar, vivendo no grande periodo homerico das batalhas d'este seculo. Ainda o seu ultimo livro—*O espirito novo*—é o derradeiro brado de uma voz que, quasi a extinguir-se, ainda lucta, soltando palavras de que o calor fugiu, e gestos já machinaes, das suas passadas, expontaneas e ardentes attitudes.

É porque a alma humana não perdeu elemento algum apesar de haver alterado os seus modos mais naturaes de manifestação, e porque, pelo contrario, os problemas a resolver se apresentam hoje mais complexos e por isso mais completos que nunca, que, olhando para o que se passa na Allemanha, um jornal francez preguntava ha pouco «se outra vez e dentro em pouco, veriamos, na Europa, guerras de religião.»

Muito se espera, não para a solução da questão religiosa pendente, mas para a nova forma em que ella tem de entrar, da entrevista em Veneza dos governos da Allemanha, da Italia e da Austria.

Podiam d'antes decesivamente na solução das questões politicas as opiniões dos governos e dos chefes das nações. Decidem hoje sobre tudo ou pelo menos com uma acção mais manifesta, os estados de espirito das classes dos differentes paizes. Os governos inspiram-se agora mais da opinião que effectivamente os sustenta e lhes dá a auctoridade. Ás vezes, como talvez actualmente na Allemanha, um chefe de Nação, filho como os outros de uma forte tendencia, actua ainda sobre ella para a precipitar cada vez com mais força no caminho encetado.

Querendo em breves palavras apreciar os sentimentos dos povos, cujos representantes vão encontrar-se em Veneza, deve notar-se, ao que me parece, que um poderoso sentimento patriotico por diversas rasões, anima e explica o estado de espirito da Italia e da Allemanha.

Esta, grande e recente unidade, tem a viva necessidade de se afirmar, de actuar exteriormente para sentir-se um todo organico vivendo da harmonia e do jogo correlacionado das suas partes. Este sentimento, que

de resto é hoje já tambem um interesse, é o ponto vivo do espirito das classes allemans. É porque se chamou patriotico ao combate contra a Egreja catholica, e porque esta se apresenta como um dominio estranho, podendo, de momento, impolgar para qualquer influencia exterior as consciencias falliveis dos allemães, que Bismark encontra na grande raça religiosa um tão forte apoio ás suas aggressões.

Têem os allemães, como nenhum outro povo talvez, grandes necessidades religiosas e sentimentaes, e por isso, precisam encontrar para os factos mais reconditos do seu espirito uma symbolisação profunda, e precisam viver da vida intima que essas criações animam. Não são porém logicos; d'esta logica rectilinea, lucida e secca dos gregos, dos francezes e dos italianos, em que a illuminação é intensa como um raio de luz que dê o maior brilho a uma linha clarissima e estreita, mas que deixe tudo o mais na sombra. Para satisfação da sua religiosidade bastam aos allemães sentimentos, não são precisas idéas. Dar a uma parte do espirito o catholicismo, a uma outra a arte, a uma terceira a philosophia; ser livre pensador e mystico, mystico e materialista ao mesmo tempo, julgar Pio IX representante de Deus e o Imperador Guilherme tambem, tudo isto tem uma conciliação, uma synthese superior no espirito germanico, mas apparece-nos á primeira vista como contradictorio e illogico. Estes povos podem assim sempre appoiar os protestos contra Roma, e crear hoje um *catholicismo-particular* fóra da Egreja do Espirito Santo, em nome d'uma entidade mysteriosa, sentimental: a *raça*.

É por tudo isto que um forte e dominante partido applaude na Allemanha a guerra contra o catholicismo romano e applaudirá toda a acção que tender a mostrar exteriormente aos outros povos o poder da grande Allemanha unida.

Quanto á Italia é paiz de *voltairianos* e de infalibilistas:—paiz hoje, sobre tudo, de *italianos*. Os liberaes voltairianos representam a grande maioria, ou para melhor dizer, a grande força. São os representantes legitimos da religiosidade das classes burguezas latinas d'este seculo. A patria italiana é para ellas um interesse, uma garantia de ordem, um bom meio para a industria; de resto, uma entidade gloriosa e respeitavel. O constitucionalismo cheio de juizo, de habilidade, de transigencias, conservador, frio, prudente, calculador, tem mantido por meios pouco brilhantes, mas solidos, uma unidade por tantas vezes, e por tão justificados motivos, oscilante. A lei das garantias concedendo ao Papa toda a independencia e liberdade de acção, indica que as classes dominantes, certas da sua indifferença, o estão tambem da sua força contra quaesquer effeitos que possam ter as declamações clericaes. E, Sua Santidade, para corresponder dignamente a este proceder, deixa que os seus arcebispos celebrem *Te Deum* nos aniversarios dos principes da casa de Saboia. Sómente, junto dos campos, e nas fabricas, se agitam, ainda com pouca força, as classes populares da Italia, visionarias, cheias de um idealismo antigo, e por ventura capazes um dia, do fanatismo intimo, frio, á Mazzini, que tambem caracterisa aquella raça.

De tudo isto resulta que a Italia só cederá ás exigencias da Allemanha restringindo as liberdades do Papa, se apparecer um perigo instante, exterior sobre tudo, para vencer o qual lhe não bastem as suas forças e as allianças que possa contrair. N'esta questão a Allemanha obrará em virtude de um sentimento; a Italia, de um calculo.

A Austria póde ser em tudo isto o árbitro decisivo, porque póde ser a alliança tranquilisadora. O catholicismo, vivo e efficaz, como sentimento, parece ahi, sobre tudo existir nas baixas e nas altas classes; — não nas medias. Formada de raças differentes, não fundidas, é impossivel descobrir na Austria-Hungria uma só corrente. Essa seria talvez, na questão subjeita, contraria á Allemanha. Todas as necessidades religiosas que notei nos allemães animam, de uma maneira ainda mais intima, profunda, mas talvez mais logica, as populações slavas que lutam na parte que é prussiana contra o recrutamento da Allemanha porque julgam ter de marchar contra o Papa.

Qualquer que seja o movimento delicado e muitas vezes decisivo das occultas e multiplicadas causas que não é permittido estudar e que tem de effectivamente produzir,— ou já depois da entrevista de Veneza ou dentro de poucos annos,— uma transformação politico religiosa, é certo que Bismark se poderá solidamente appoiar na seguinte pregunta:

«Quem responde material e effectivamente, no mundo, pelos actos de Pio IX, rei sem reino, cidadão sem patria, homem mais que fóra das leis, superior a ellas, voz sem bocca responsavel, espirito fóra do tempo e predominante no temporal?»

E parece-me que o infimo dos catholicos poderá mais facilmente responder-lhe do que o primeiro dos liberaes italianos.

No seu empenho de fazer respeitar *urbi et orbi* as determinações do Imperio o sr. de Bismark enviou á Belgica uma nota que segundo parece pede em primeiro logar satisfação pelas cartas pastoraes que os Bispos belgas publicaram em 1872 e 1873 animando os bispos allemães na sua resistencia, e em segundo logar pela mensagem dos membros da associação catholica de Gand ao Bispo de Paderborn em 1874. Não se sabe ao certo qual foi a resposta da Belgica.

Ha muito já porém que os jornaes allemães, theoricamente, sem grande motivo apparente, por *dilectantismo* ao que parece, discutem em geral se é ou não racional a existencia de nações neutralisadas; depois, methodicamente, estudarem se a neutralisação é util ou prejudicial aos proprios neutros, e emfim, para fazer uma applicação, — quem sabe se, na opinião dos allemães, *in anima vili*, — quaes são as condições especiaes da neutralidade belga. É conveniente aproximar estes factos.

Custa a crer comtudo que o principe de Bismark faça uma tal guerra ao Catholicismo romano, guerra não já interior, mas exterior, pretendendo influir sobre o que passa nos outros paizes, fazendo circular a idéa de um accordo internacional contra Roma, alvoroçando as susceptibilidades, e porventura — e n'isto se veem os deffeitos do systema, — os restos de sentimento catholico da burguezia italiana, perturbando a tranquillidade

diplomatica da neutra Belgica, e fazendo passar pela cabeça das classes inglezas uma veleidade de intervenção possivel nos negocios europeos, tudo isto emfim para punir uma falta de respeito, quasi apenas de cortezia ás leis allemãs, e uma theoria d'um espiritualismo subversivo.

Se o chancellor allemão se limitasse a considerar com um sorriso entre ironico e respeitoso as declamações antigas do ultramontanismo, este, abandonado a si e aos seus, seria quasi inoffensivo. N'este momento me parece que os ultramontanos se devem em toda a parte ouvir em silencio e pensando, quem os ouve, n'outra coisa.

Se o espirito religioso é como sempre importantissimo, não me parece que o espirito catholico o seja hoje no mesmo gráo, sobre tudo nas classes burguezas.

Do estado de espirito nos paizes,—que são quasi todos,—que essa lucta promette comprometter e traz já envolvidos, muitas complicações podem sair para a paz europeia e ainda para a organisação da Allemanha.

Entre as que já a imprensa indica fala-se d'uma liga possivel, que depois explorará a situação para obter novas allianças, da Austria, da Italia e da França, contra a forte Germania.

Como quer que seja parece aos myopes que a lucta empenhada por o sr. de Bismark está não só dando forças ao proprio inemigo que quer derrubar, mas ainda semeando com mão prodiga e parece que consciente as difficuldades em volta do novo imperio. Ha uma coisa extremamente grave n'esta situação: o duello entre a Allemanha e a Egreja é um duello de morte; ora ha uma coisa que desde já se póde prophetisar; é que, sejam quaes forem os destinos do primeiro adversario o segundo não secumbirá aos seus golpes, o que me parece digno de seria meditação para o rude e habil Chanceler do Imperio.

Da propria situação confusa e complicada em que voluntariamente o imperio allemão se vae collocar, se póde suspeitar, que a algum fim, por ora indistincto, se dirigem os golpes que parecem um pouco superfluos e desordenados, mas que sem duvida fazem parte, talvez precisamente pela sua multiplicidade que já desvaira as attenções, d'algum plano extremamente correcto, por ventura grandiozo de mais para a vida de um homem, e para as leis inilludiveis da philosophia da historia.

O estado de saude do chanceller allemão, que por tantas vezes se apresenta como melindroso impossibilitando-o de governar,—apesar de lhe ir sempre permittindo um trabalho de que seriam incapazes por um dia sequer todos os robustos e desoccupados ministros portuguezes,—esse estado de saude parece tambem, na sua aggravação periodica, fazer parte d'um plano occulto. A mim revela-me elle, pelo alvoroço que sempre causa e ainda pelo que se sabe dos outros homens de Estado, que a Allemanha politica não possue ninguem á altura do grande ministro, o que, se me faz olhal-o com admiração, me faz considerar com piedade a sua obra, por tantos lados e ao que parece cada vez mais ephemera.

A lucta interna contra o catholicismo não cessará entretanto. Já se

diz que proximas leis prohibirão as collectas com que o clero e os devotos pertendem compensar as antigas receitas da Egreja.

Seja qual fôr o resultado de todos estes golpes Pio IX toma as suas precauções. A nomeação ao cardinalato de Mac Coskey, arcebispo de Nova-York, veio acompanhar a nomeação para bispos de muitos sacerdotes americanos

Julga-se que um *legado* irá breve ao Novo Mundo para o estudar sob o ponto de vista inteiramente novo d'um Exodo. E, para o desterro, affirma-se tambem que, apezar da penuria extrema em que a curia romana tem vivido segundo referem ao povo os pregadores catholicos, Sua Santidade conseguiu juntar de economias uns quarenta milhões.

O papado na America terá a sua immobilidade systematica posta a uma rude prova. Resistirá elle áquella athmosphera transformadora? sobre aquelle solo onde as religiões nascem e crescem como as plantas das florestas espessas? Que effeito fará o catholicismo, — tão bello hoje na sua decadencia triumphante, — quando não tiver S. Pedro, nem o Vaticano, nem Miguel Angelo, nem Raphael, em Nova York, onde as saboarias e os depositos de guano são, exteriormente, cathedraes gothicas?

Projecta-se em França a organisação de uma camara internacional que, de accôrdo com os economistas de todos os paizes, estude a reforma dos tractados, das legislações commerciaes, unifique as moedas, as medidas, os systemas de correios, os systemas de credito.

Entre os nomes notaveis que compoem a commissão notam-se os dos srs. M. Chevalier, Wolwoski, Clapier, Leroy-Beaulieu, Warnier etc.

É uma sociedade particular, á ingleza, para estudar cabalmente os assumptos e para esperar as reformas da acção infalivel das ideias e da verdade sobre a opinião publica.

Noto este facto que me parece de grande consequencia.

Entretanto, na mesma França, os republicanos, na alegria, já que não posso dizer «na segurança» de possuirem emfim uma republica proclamada, não perdem occasião de celebrar, como factos importantissimos, graves, em seu favor, que o sr. Wallon ao distribuir os premios no Sorbonna aos delegados das sociedades scientificas «pronunciou claramente a phrase *Republique française*», e que o sr. Dufaure affirmou que «a Republica é a ordem *definitivamente* estabelecida, *n'este momento* em França.»

O que realmente me faz desconfiar da força dos republicanos.

13 de abril.

J. Batalha Reis.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

O Papa perante o seculo: refutação do Ultramontanismo, por Magalhães Lima. Porto. Imprensa Commercial.

O Ultramontanismo tem sido tantas vezes *refutado*, *reduzido ao absurdo*, *desmacarado*, etc., sem que deixe, depois de tudo isto, de passar de perfeita saude, e até de prosperar, segundo dizem, que já muita gente sensata começa a desconfiar que anda coisa maravilhosa n'esta renitente e petulante vitalidade. E' certo que o Ultramontanismo sacode levemente, como se fossem moscas, os milhares de folhetos com que o bombardeiam e fulminam, e segue muito enxuto no seu caminho invasor! Por outro lado, não é para menos pasmo ver como este desanimador resultado de tantas *refutações*, *reducções ao absurdo*, etc., em nada abala a robusta fé que nas proprias forças depositam os agressores, continuando impassiveis a *refutar*, *reduzir ao absurdo*, *desmascarar*, etc. (e cada vez *definitivamente*) o incorrigivel resuscitado. Caso e phenomeno é este para profundas cogitações! Ousamos recommendal-o á meditação do sr. Magalhães Lima. Talvez que o resultado d'essa meditação forneça ao distincto academico solução melhor para o problema do Ultramontanismo do que a sua curiosa fórmula «a Egreja livre do Estado indifferente» que prefere, não sabemos porque, à de Cavour «a Egreja livre no Estado livre.» As fórmulas são coisas boas e uteis ás vezes, sobre tudo quando se deixam intender. Mas ha quem diga que esta questão não é d'aquellas que se resolvem com fórmulas e argumentos logicos, mas antes das que só o tempo e a lenta evolução das coisas humanas desloca gradualmente, transforma ou elimina. Sendo assim, dispensar-se-hiam muitos folhetos. De resto, não censuramos de modo algum o sr. Lima por ter escripto o seu. Entendemos que o sr. Lima e mil outros, *refutando* o Ultramontanismo com a melhor intenção de o exterminar, e o Ultramontanismo seguindo sem se dar por exterminado, estão igualmente no seu direito, têem igual razão de ser e representam papeis por igual caracteristicos. Além d'isto, folgamos de reconhecer e louvar no sympathico moço a sua boa vontade e candura crente, qualidades que no seu escripto nos impressionam incalculavelmente mais do que os seus argumentos, sylogisticos, historicos, ou outros.

Esta secção da *Revista* conterá uma resenha critica das publicações da quinzena.

A inserção de livros ou outros impressos no *Boletim bibliographico*, far-se-ha quando os auctores ou editores enviem franco de porte dois exemplares á direcção da *Revista Occidental*.

REVISTA OCCIDENTAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DOIS VOLUMES DE, PELO MENOS, 128 PAGINAS CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Portugal		Brazil	
3 Mezes....	2$200 réis fortes	3 Mezes....	5$000 réis fracos
Anno.....	8$000 » »	Anno.....	18$000 » »

Nas terras onde não ha agente accresce o porte do correio

Madrid		Provincias	
Mez.....	16 Rvn.	Mez.....	20 Rvn.
Trimestre.....	44 »	Trimestre.....	55 »
Anno.....	160 »	Anno.....	180 »

As assignaturas são pagas adiantadas.

Assigna-se:

Em Portugal

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vizeu, Lamego, Santarem, Mertola, etc.

Agente no Porto — **Magalhães e Moniz.**

No Brazil

Nas principaes livrarias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará, etc.

Agentes no Rio de Janeiro — **Moreira Maximino & C.ª**

Em Hespanha

Nas principaes livrarias de Madrid, Barcelona, Sevilha, Valencia, Malaga, Saragoça, Cadiz, Corunha, etc.

Agente em Madrid — **A. Duran.**

Typ. de Christovão Augusto Rodrigues — rua do Norte, 145.

artes JBR

REVISTA

OCCIDENTAL

1.º ANNO

TOMO PRIMEIRO

30 DE ABRIL — 6.º FASCICULO

LISBOA
ESCRIPTORIO DA REVISTA OCCIDENTAL
3 — Rua Nova dos Martyres — 3

1875

SUMMARIO

I — EL BRASIL, por **D. Rafael M. de Labra,** pag. 641.

II — O CRIME DO PADRE AMARO. — Romance, por **Eça de Queiroz,** pag. 661.

III — LA SITUACION POLITICA DE ESPANA, por **Patricio Bueno de Castilla,** pag. 673.

IV — AS SCIENCIAS GEOGRAPHICAS E O CONGRESSO DE PARIS, por **Alfredo May,** pag. 687.

V — COLON EN VALCUEVO, por **D. Tomás Rodriguez Pinilla,** pag. 705.

VI — REVISTA CRITICA DE ARTES, por **D. Jacinto Octavio Picón,** pag. 715.

VII — O PECCADO. — Poesia, por **Gomes Leal,** pag. 728.

VII — CHRONICAS: — América, por **D. R. de Cala.**

VIII ——— Portugal e Brasil, por **P. de Oliveira.**

IX ——— España, por ***

X ——— Europa, por **J. Batalha Reis.**

XI — BIBLIOGRAPHIA, pag. 764.

XII — INDICE, pag. 767.

EL BRASIL

J. A. de Varnhagen: *Historia geral do Brasil.* Rio de Janeiro, 1855—A. M. Perdigão Malheiro: *A escravidão no Brasil.* Rio de Janeiro, 1867. — J. Heywoad, *The resources of Brasil.* London, 1864.—Da Silva Pereira, *Situation sociale, politique et economique du Brésil.* Paris, 1865.—J. E. Wappaeus, *Handbuch der Geographie und Statistik von Brasilien.* Leipzig, 1871.— Ch. Pradez. *Nouvelles Etudes sur le Brésil.* Paris, 1872.—Phipps, *On emigration to Brasil.* London, 1872.— Agassiz, *Voyage au Brésil* (traduction de l'anglais). Paris, 1872.—J. E. Rodriguez, *Constituição politica do Imperio do Brasil,* etc. Rio de Janeiro, 1868.—W. Scully, *Brazil, its provinces and chief cities; the manners and customs, etc., etc. From the latest official documents.* London, 1868.—Ch. Expilly, *La traite, l'emigration et la colonisation au Brésil.* Paris, 1865. —J. Martin, *The Statesman's year book for th e year* 1874. London, 1874.

Hay al otro lado del Atlántico y en el mundo que, descubierto por Colon, parece el teatro reservado por la Providencia al espléndido desarrollo de un porvenir que hoy apenas esboza la fantasía, una comarca inmensa, bien que poco poblada, cuyos recursos asombran, cuyos espectáculos maravillan, cuya vida está en la aurora, y en cuya contemplacion se deleitan el filosófo y el poeta, el naturalista y el historiador, el industrial y el hombre político.

De una sexta parte menos de extension que toda Europa, mucho mayor que la India, cerca del doble de la Rusia europea, poco menos que la gran República Norte-americana, diez y seis veces mas que la Francia continental y sesenta que el homérico reino lusitano, de cuya corona fué la mas preciada joya, el Brasil, con sus siete millones quinientos diez y siete mil kilómetros cuadrados de superficie, ocupa por sí solo los dos tercios del continente sud-americano, y aparece el cuarto, detrás de Rusia, China y la Gran Bretaña, en el cuadro de los grandes Imperios del mundo actualmente conocido y frecuentado.

En su seno holgadamente se extiende el gran desierto de Pernambuco, con sus tempestades de arena, sus deslumbradores espejismos, su aterradora esterilidad y sus oásis reparadores; y dentro de sus límites, que las tumultuosas olas del gran Oceano cierran al Oriente, en una costa de tres mil setecientas millas inglesas frecuentada por todas las banderas del mundo y entrevista por cuantos alejándose de Africa hacen la carrera de la India, nacen y amplian y magestuosamente se desenvuelven, al Norte, la inmensa llanura del Amazonas, con sus seculares y gigantescos ár-

boles, sus virgenes y exhuberantes bosques, sus rios como mares, sus sonoras cascadas que el indio semi-salvage recorre en inverosimiles canoas, sus rojizas nubes, sus vientos bramadores y sus colosales huracanes; y al Sur, las grandes *Pampas* del Plata, donde la immensa y verde planicie, recorrida por las grandes manadas de bueyes, carneros y caballos que persigue el infatigable *gaucho*, rivaliza en serenidad y ternura con el puro cielo que la envuelve. Su riqueza ha llegado á ser proverbial, pues que no solo ofrece al comercio de las gentes, su algodon, su caña, su café, sus bellas maderas y sus celebradas tinturas, sino que ha logrado rivalizar ante la avaricia moderna con el Perú, por la pureza de su oro; con California, por su abundancia; y con Sofala por la facilidad de su explotacion; correspondiendo casi á los delirios de los piratas índicos, las imaginaciones de los moros de Ormuz y de Ceilan y los sueños de los exploradores de El Dorado, con sus criaderos de diamante, de donde ha salido la mayor parte de los que en el comercio se cotizan, y algunos de los que figuran como mas dignos de renombre en la historia del fausto contemporáneo. Su belleza es tan completa que recorre todos los grados y reviste todas las formas. Partiendo de la modestia de las proporciones, la suavidad de los contornos, lo acabado de los detalles y la armonía y serenidad del conjunto, crece, se ensancha, vuela y se precipita en lo immenso y lo maravilloso, haciendo que el viagero, ora embelesado, ora atónito, apenas halle colorido bastante y expresion suficiente en la palabra mas viva y pintoresca, para describir una fauna sin analogía, ántes por la riqueza de las variedades y los matices, la brillantez de las envolturas y la abundancia—mejor aún, la prodigalidad de lo elemental y lo pequeño, que por lo desmedido y extraordinario de las especies superiores, de menor importancia, sin duda, que las del continente africano; y de una flora, quizá sin parecido en las mismas deslumbradoras comarcas de Oriente y bajo la fantástica luz de Bagdad, así por el valor individual de los ejemplares, cuanto por lo acentuado del contraste, y en la que se dán confundidos, el verdoso cafeto; la roja flor del tabaco; el nevado y ondulante copo de algodon; el amarillo boton del cacao; la flexible y reverberante caña; los bancos y purpúreos cálices de la quina; los arbustos de contextura mas caprichosa y de desarrollo mas lleno, entre cuyos retorcidos brazos asoman la vainilla y la mimosa, y sobre cuyas pintadas florecillas derrama su aroma la exhuberante canela; y las matas de jazmines, de rosas, de flores ora descomunales, ora microscópicas que agotan todos los tonos y los desvanecimientos todos del iris, y con sus efluvios forman ese mar de perfumes en que nadan el centelleante colibri, el jacamar de esmeralda, el azulado guit-guit, el magnífico cotinga y el espatula de rosa, sirviendo de incomparable alfombra á la esplendida palmera, al jaspeado ébano, al magestuoso y gigantesco cedro, al palisandro diez veces secular, al plátano de anchas hojas, y á aquellos impenetrables bosques de mangos, sipos, maboas, bambús y caobos bordados de orchideas, y en cuyo seno ofrece sus frutos, entre las ligaduras de bejucos infinitos y multiples enredaderas, y los atrevimientos de

innumerables parasitos, el refrigerante cocotero, el árbol del pan y el arbol de la muerte: flora opulenta, soberbia, incomparable, de prodigios y sorpresas, propia de aquella inagotable tierra—verdadera *alma mater*—que fecundan rios de trescientos kilómetros de carrera, donde la roturacion es un incendio y la sementera un vendaval, y que periódicamente azotan ó acarician el abrasador aliento de las sabanas ecuatoriales y las dulces brisas que recoge su immensa costa del Atlántico; flora digna solo de aquel colosal teatro, que limitado por las bravas olas del Padre Oceano, las últimas estribaciones de los Andes y las imponentes amplitudes del Rio Negro, el Maranho, el Madera y el Parana, y dominado por un cielo lleno de los esplendores del sol tropicaly en cuya inmensidad se forman, nutren, resuelven y desatan con vertiginosa rapidez y apocalíptico estrépito, las mas violentas y pavorosas tempestades, parece hecho expresamente para los grandes espectáculos, las asombradoras luchas y las genesiacas transformaciones de la Naturaleza.

Todo es allí grande, todo imponente; todo está pidiendo una poblacion numerosa, activa, emprendedora, rica, feliz: todo está reclamando una civilizacion robusta y magnífica, digna del cuadro que con tanta solicitud, con tanta esplendidez lá próvida Naturaleza ha trabajadoy ofrecido.

Pero el Brasil, como pueblo, como sociedad culta y civilizada, y mas aún, como nacion independiente, cuenta muy poco tiempo de existencia. Hace sesenta años era una mera colonia portuguesa, y aun como tal, no mereció atencion especial por parte de la Metrópoli antes del siglo décimo octavo. De suerte, que seria, sobre indiscreto, injusto, estimar el valor del pueblo brasileño por la proporcion que hoy existe entre su importancia, su cultura y su riqueza y lo que lógica y naturalmente exijen las condiciones del vasto territorio en que vive, para que la relacion no peque de deslucida y aun disparatada. Otra cosa seria si se estimasen los progresos del Brasil en estos últimos años; si se considerasen sus virtudes y sus méritos, habida cuenta de sus antecedentes; si se estimara lo que prometen sus recientes adelantos y sus felices disposiciones.

En vista, mas ó menos lejana, de todo esto, es hoy el Brasil objeto de estudio por parte de los hombres políticos. Su carácter de Imperio, entre tantas repúblicas como con su sola excepcion y la de las tres Guyanas, francesa, inglesa y danesa, forman todo el continente sud-americano, y la circunstancia de que en él prive la paz, mientras que en la mayoría de los demás Estados se repitan sin término los disturbios, sobre todo antes de 1870, es motivo para que los estadistas monárquicos se complazcan en sacar de él argumentos, mas ó menos lógicos y oportunos, en pró de sus particulares soluciones y de la bondad de su sistema.

Otros fíjanse en los antecedentes de aquel país, colonia portuguesa hasta 1822, ó mejor dicho, hasta 1825, en que su independencia fué reconocida por el Gobierno de Lisboa; examinan su constitucion y sus progresos; comparan su suerte con la de las repúblicas hispano-americanas, y pretenden sacar lecciones aprovechables para la política colonial, que, hoy por hoy, nadie como España se hallaría en estado de utilizar, si las

torpezas de todos nuestros hombres de gobierno no dieran sério fundamento para temer que, hace ya muchos años, nuestros políticos vienen padeciendo una ceguera punto menos que incurable.

De otro lado, la importancia que el Brasil tiene en America, así por su extension, como por sus adelantos materiales, como por sus instituciones, como, en fin, por su intervencion en muchas y muy graves cuestiones generales del nuevo Mundo, sugiere abundantes temas á la reflexion del estadista, para quien no puede ser indiferente el rumbo que las ideas y las cosas tomen en América, lugar de confluencia del espíritu sajon y del espíritu latino en condiciones verdaderamente singulares; corriendo ya con la autoridad que corre entre los hombres de pensamiento y de doctrina, la que establece la realidad de la influencia que la civilisacion americana, en la hora del reflujo, viene ejerciendo sobre la vieja Europa, conforme ha explicado y desenvuelto el ilustre Gervinus en su célebre *Historia del siglo XIX*.

Por último, como la emigracion europea ha llegado á ser un grave problema para los Gobiernos de aquende el Atlántico, y como el Brasil es uno de los paises que mas incentivo ofrecen á las masas, predispuestas á emigrar, cuando menos por la idea que en el vulgo han provocado las pintorescas descripciones de los viageros y la deslumbradora apariencia de los brasileños que recorren las naciones mas populosas y ricas del antiguo continente, dando pretexto á la novela, y vena á la industria de las *originalidades*, es natural que para aquellos Gabinetes no pase desapercibido el lugar de desagüe de su poblacion exhuberante, donde se han de modificar costumbres y crear hábitos que varien el sentido genial de la raza inmigrante, amen de formarse relaciones mercantiles é industriales, hoy de primera monta para todas las cancillerias, y de constituirse un foco de atraccion respecto de las muchedumbres de la Madre Patria, grandemente expuesta á perder por este camino su robustez y su vigor.

Por todo esto, y por algunas razones más, pero cuyo carácter subalterno me hace prescindir de consignarlas, se explica la aparicion de algunos trabajos (no muchos, sin embargo,) en las *Revistas* mas acreditadas del viejo mundo, y aun de algunos libros en el estadio de la prensa europea, sobre el Brasil, hasta poco hace bien desdeñado; y por esto, tambien, háme parecido oportuno solicitar la atencion de los lectores de la publicacion en que estas líneas ven la luz, sobre lo que ha sido, lo que es y lo que promete ser el vasto Imperio brasileño.

I

En los últimos dias del siglo decimo quinto — como que era en la primer semana de Diciembre de 1499 — zarpaban del inolvidable puerto de Palos cuatro carabelas, que con rumbo á las Indias de Occidente, tiraron al Sud-Oeste en busca de nuevas tierras, y quizá de aquel continente objeto de las expediciones de todos los grandes navegantes de la época, que un año antes habia descubierto el inmortal genoves al tocar

las costas de Paria, pero que por no haber reconocido bien las bocas del Cuparipari, habia dejado el gran descubridor en las sombras de lo dudoso y al alcance de cualquier afortunado.

Montaba la capitana Vicente Yañez Pinzon, compañero de Colon en su primer viage, marino experto y hombre de ánimo excepcional, que á su costa habia armado la expedicion con anticipos, mas que leoninos, ruinosos, de los comerciantes de Palos; y le acompañaban no pocos parientes y tres de los pilotos mas probados en las primeras carreras del Atlántico. Habia, pues, fé; no faltaba inteligencia; y sobraba voluntad.

La navegacion fué dura: el tiempo borrascoso y la mar revuelta; pero el dia 28 de Enero de 1500, las carabelas anclaron á poca distancia de tierra, y bajando á ella Pinzon con escribano y testigos, tomó posesion de la comarca á nombre del Rey de Castilla.

De aquella expedicion tornaron solo dos barcos; murió en ella la mayor parte de los expedicionarios, unos á manos de los indios y otros por la violencia de los elementos: todos lucharon con todo género de dificultades, más al regreso que á la ida; y al desembarcar Pinzon en Palos, á fines de Setiembre, sus acreedores alarmados embargáronle las maltratadas carabelas y su codiciado cargamento. Al atrevido é inteligente estremeño solo le quedó la gloria de haber querido descubrir y haber descubierto una hermosa tierra: la que poco despues se llamó el Brasil. A España no le cupo mas que el honor de ser la patria de Pinzon.

Casi al propio tiempo que el navegante español desembarcaba orgulloso, pero maltrecho, en la Madre Patria, otro marino á quien la Historia ha concedido un mayor renombre y á quien Portugal debe el establecimiento de sus primeras factorías y el comienzo de su influencia en las Indias Orientales, daba por casualidad con el Brasil y tomaba posesion de la tierra á nombre del Rey D. Manuel el Afortunado.

Era en la aurora del año 1500 cuando Pedro Alvarez Cabral salia de Lisboa, al frente de diez y seis barcos, ricamente dispuestos y dotados por cuenta del Rey, para hacer el viage á Asia; y el 24 de Abril la tempestad le arrojaba á las costas brasileñas, de las que salió para continuar su empresa recorriendo la costa oriental de África, cañoneando á Calicut y estableciendo relaciones mercantiles con los reyes de Cochin y Cananor, mientras Gaspar de Lemos, (uno de sus compañeros) regresaba á Lisboa, con dos indios tupininquins, á dar cuenta del *hallazgo*.

El 23 de Junio de 1501, Cabral entraba de regreso en las aguas del Tajo. Habia perdido en su expedicion muchas naves; habia perdido sobre todo al célebre Bartolomé Diaz, pero sus barcos venian cargados de riquísimos géneros y especias; la explotacion del Oriente por Portugal habia quedado asegurada, y el camino del Brasil estaba abierto, para que en 1501 y 1503 lo recorriese Americo Vespucio, á quien se debe la fundacion de Santa Cruz (la primera factoria portuguesa en América) cerca de Puerto Seguro, allí donde fondeó la escuadra de Cabral. Las diferencias no pueden ser mas perceptibles; el contraste no puede resaltar más.

Apesar de todo, Portugal, en esta época, si bien perseveró en

la empresa que España abandonaba casi por completo, no prestó gran atencion al país recien descubierto. En este periodo, que abarca muy cerca de la mitad del siglo XVI, el Brasil no tiene verdadera importancia para la corona lusitana, si no bajo el punto de vista exclusivo de la madera, (sobre todo, el palo llamado *brasil*, de donde el país tomó nombre,) y aun de los metales que de aquella desconocida y bella comarca podia sacar con el menor sacrificio posible,—fuera, se entiende, de la satifaccion que á los pueblos colonizadores de la época producia el aumento de territorio, de tanto mayor valor para Portugal cuanto que su extension geográfica en Europa apenas toleraba el colosal empeño en que estaba comprometido á través de los mares.

Así se explica que las costas brasileñas estuviesen completamente abiertas para todos los portugueses que quisieran hacer, á sucuenta y riesgo, expediciones á América; y aún que á ellas arribasen y en ellas se estableciesen, no ya solo lusitanos, sí que aventureros de Francia y de España, de los cuales ya tuvo que cuidarse el Gobierno de Lisboa, hácia 1526, estableciendo una escuadrilla que cerrase las puertas del país al extrangero, y creando en Igarasú la factoría de Pernambuco, que fué la segunda.

Así se explica tambien la indiferencia, punto menos que absoluta, del Gobierno de la Metrópoli, en todo lo relativo á los indígenas y á la organizacion política de la colonia. Cabral y sus sucesores habian encontrado el pais poblado por diversas tribus de indios, que algunos escritores suponen provienen de un tronco comun, que denuncia «la existencia de una lengua general Guarani ó Tupi sobre los 150 dialectos que luego se distinguieron, y cierta comunidad de tradiciones, usos, costumbres é ideas que creen perfectamente determinables lo mismo en los dulces tupininquins, que en los terribles aymorés y los valientes tamoyos, que eran las tribus mas importantes y caracterizadas de la vida colonial brasileña.» Otros, por el contrario, afirman que las diferencias son punto menos que irreductibles, y que los pueblos son fundamentalmente distintos, aunque dentro siempre de la raza cobriza que se extendia por todo el continente sud-americano.

Los indígenas, (cuyo número en tiempo del descubrimiento reduce Varnhagen en el tomo 1.° de su *Historia Geral do Brasil*, á un millon, mientras que el P. Antonio Vieira, con mas verosimilitud, calcula en *muitos milhões)* eran nómadas, lo cual no quita para que algunas tribus viviesen en aldeas, ó *tabas*, sobre todo en las inmediaciones de los rios. El orden político de cada grupo descansaba en la autoridad del jefe de la tribu, llamado *morubixaba*, sin que las tribus entre sí mantuvieran otras relaciones que las de la guerra. La familia consentia la poligamia y la omnipotencia del padre y del marido, si bien limitada la autoridad paternal en lo relativo á correcciones corporales. La base del órden económico era el comunismo; y el *talion* y la venganza el fundamento del órden penal. Por último, creian en un ser supremo *(Tupan)*, que adoraban en el trueno y el rayo; tenian sus sacerdotes *(pagés)* especie de eremitas que ejercian á la vez la cura de las almas y de los cuerpos;

confesaban el dogma de la immortalidad combinado con el principio de la trasmigracion: y mantenian como institucion social la esclavitud, ora por efecto de la guerra, ora por ley de sucesion, con la particularidad de que el hijo seguia siempre la condicion del padre.

Por tanto, del atraso de los indios brasileños, á la cultura de los de Mejico y el Perú, habia inmensa distancia.

Pues en los treinta primeros años del descubrimiento, ni una vez sola se ocupó el Gobierno portugués de estas tribus que apenas si mantenian relacion alguna con los descubridores. Solo acordó, en vista de que algunos comerciantes (como los navieros del *Bretoa*, en 1511) habian sacado con grandes cantidades de palo-Brasil y otros géneros, algunos indios cautivos, que no se trajesen estos á Europa, á fin de que «não pensassem os outros que os matavão para serem devorados.»

Mas, como era natural, dados el progreso de los tiempos, los adelantos de la navegacion, el creciente afan de los portugueses por recorrer paises y buscar la fortuna fuera de su agostada tierra europea, y en fin, la misma riqueza del Brasil, que cada dia se mostraba en mayor escala, el abandono de los primeros momentos fué corrigiéndose, pero sin que las medidas adoptadas respondiesen á un plan meditado, ni siquiera á las necesidades de la época.

Antes se ha visto como en 1526 se funda la factoría de Pernambuco, por Christovão Jacques, el cual solicitó permiso para introducir mil colonos y apropiarse ciertos terrenos. En 1531, Martin Affonso Sousa se pone al frente de una flota en regla, y es revestido de la suprema autoridad en tierra y mar: persigue y aprehende muchos barcos extrangeros en las costas brasileñas; recorre todas estas en camino del Plata, y funda las dos primeras colonias de Portugal en America: las de S. Vicente y Piratininga, hoy San Pablo. En 1834 la Metrópoli resuelve dividir su posesion americana en doce grandes capitanías, que se distribuirian, por juro de heredad, á personas dignas por «seus serviços e fidalguia ou riqueza, com obrigação de trazerem gente e navios á sua custa,» revestidos de la plenitud de los derechos señoriales de Europa, con mas el de «captivar gentios para o seu serviço e dos navios, e de mandal-os vender a Lisboa até certo numero cada anno livres de siza.»

De esta suerte, Portugal creó en el Brasil verdaderos feudos, puesto que los capitanes no solo gozaban de toda clase de derechos en los territorios que les eran asignados, si que podian á su vez distribuirlos entre sus súbditos, dándoles fueros especiales, inaugurando de tal modo el régimen de la gran propiedad y la organizacion del vasallage.

Y asi la corona lusitana se descarga de la empresa de sostener y fomentar y dirigir la colonizacion de aquella inmensa comarca. Atenta á la percepcion del quinto de los metales apenas conocidos y explotados en los primeros dias de la colonizacion, puesto que hasta 1577 no se descubrieron los ricos filones y las arenas auríferas de São Páolo, y hasta 1698 y 1725 no comienza la explotacion de los criaderos de diamante de Minas Geraes y Cerro do Frio; satisfecha con el monopolio de algu-

nas ventas, como la de las especias, y con los derechos de aduana que se cobraban sobre la exportacion del palo-brasil y otras maderas utilizables para el tinte, así como del azúcar, cuyo consumo comenzaron á generalizar los portugueses, por efecto principalmente de su comercio con la gran comarca americana; indiferente á las contiendas de los colonos entre sí y solo de vez en cuándo celosa de la cuerte de los indios, más que por amor á estos, por temor de que su persecucion dificultase el empeño de esclavizarlos: decidida á no equipar barco, ni á hacer desembolsos, ni á realizar cosa alguna que la distrajese de su empresa eminente de monopolizar el dominio de los mares índicos, la posesion del paso del Cabo, y el imperio de determinados puertos y comarcas, cuya conquista y defensa consiguieron quebrantar seriamente el poder de Portugal, el Gobierno de Lisboa aparece en toda la primera mitad del siglo décimo sexto, no solo muy por bajo del Gobierno español, como colonizador, sí que completamente fuera de su carácter, de sus antecedentes y su significacion en los anales de la colonizacion moderna, dentro del sentido latino que en ellos, con España, representa.

Solo en un punto prescindió la corona lusitana de este abandono, y fué al enviar allende el Atlántico un número no escaso de condenados, de verdaderos *deportados*, de los cuales, aquellos que pertenecian al grupo de judios perseguidos por razon de sus creencias religiosas, indudablemente prestaron grandes servicios á la naciente colonizacion, llevando á la nueva tierra sus hábitos de laboriosidad, su espíritu económico, y sus adelantos industriales; mientras los que en realidad eran criminales, si bien comunicaron á la empresa colonizadora en sus primeros dias el empuje propio de su carácter aventurero, muy luego constituyeron un serio peligro con sus turbulencias y sus desarreglos, al extremo de motivar, en 1546, aquella exposicion del discreto Duarte Coelho (el Capitan de Pernambuco, que allí representa el mismo levantado pensamiento que el inmortal Las Casas en Centro América, y nuestro simpático Irala en la Plata) en que pedia al Rey que no enviase mas condenados, puesto que eran *peiores que peste e verdadera peçonha.*

Algo por el estilo habia solicitado Colon de los Reyes Católicos, pero sin éxito; de suerte que la colonizacion por *esclavos blancos*, que tanto papel desempeñan en la historia de las colonias inglesas y francesas — en la Virginia, Jamaica y Haití — jamas ha entrado en nuestros tradicionales procedimientos. Portugal hizo, sin embargo, una excepcion para el Brasil, sirviendo este dato para la afirmacion, sobrado ligera en verdad, de algunos escritores modernos, de que el Brasil fué por estos tiempos una colonia penitenciaria. No fué tal.

Entiéndase, empero, que este abandono por parte de la Metrópoli no quiere decir que dejase de ser una ventaja, bien que relativa, para la naciente colonia. Mayor le tuvo Inglaterra con la generalidad de sus *dependencias*, y de él sacaron estas gran provecho, si bien es preciso para juzgar con acierto, hacer la parte debida al genio y condiciones de los colonos de la América del Norte. La ventaja de que hablo es la de que,

merced al poco miramiento del Gobierno libonense, la reglamentacion y la intolerancia propias del régimen colonial de la época no se cebaron desde los comienzos, en el Brasil; y así los primeros pasos de los colonizadores se dieron con cierto desahogo, con todo el desahogo que permitia unas veces, y otras hacia necesario lo irregular de la situacion.

De esta suerte, los judios pudieron llevar al Brasil la caña de Madera y dedicarse particularmente al cultivo de la tierra, que allí, de muy diferente modo que en las Antillas, precedió á la explotacion de los metales preciosos, no provocando los *repartimientos* y la esclavitud total de los indios, que produjeron la extirpacion de la raza autochtona de las bellas islas del mar Caribe, en menos de un cuarto de siglo, y la ruina de la mayor parte de la poblacion del continente hispano-americano.

De otra parte, conviene explicar la poca importancia que los hombres de Lisboa dieron en el periodo á que me voy refiriendo, á la que hoy la historia señala como la mejor perla de la histórica corona lusitana, y por la que en rigor figura Portugal entre los pueblos colonizadores.

Cuanto mas se estudia la empresa portuguesa de Oriente, mas inverosímil parece. Se necesitaban, verdaderos milagros de audacia, de perseverancia, de valor, de genio, para haber intentado, y mas aún, llevado adelante el empeño cuyo éxito aseguran por distintos caminos, en el primer cuarto del siglo XVI, Francisco Almeida y Alfonso de Alburquerque. Porque los portugueses no solo tuvieron que descubrir y marcar las rutas por mares desconocidos y sembrados de todo género de peligros, así por la furia de los monzones y lo engañoso de las costas, como por el sinnúmero de piratas que asediaban los puertos; no solo tuvieron que llevar á distancia inmensa su barcos y su armas; — ellos que solo ocupaban una estrechisima faja de tierra europea y no pasaban todos en su patria, del número de pobladores de cualquiera de los Estados contra quienes enviaban un puñado de atrevidos, devorados por la locura de lo heroico y lo inverosímil; no solo tuvieron que luchar con el África Oriental y la India, enemigos imponentes cuando menos por su apariencia, su tradiciones y su lejania de las costas de Europa, sino se vieron forzados á resistir al propio tiempo, primero á Venecia—que temerosa de que le fuera arrebatado el comercio del mundo asiático, sostuvo la guerra que á los invasores hizo el Egipto—y despues á la muchedumbre de europeos y á los esfuerzos de casi todos los pueblos que intentaron compartir con la gente de Lisboa la carrera de Oriente, hasta llegar á conseguirlo luego de la rota de la escuadra portuguesa por la de Holanda en el siglo XVII.

La empresa de Portugal era tentadora, sin duda. Los medios puestos en practica para asegurarla muchos y valiosos. Los resultados no podian menos de ser grandes y positivos. Su fin fué el monopolio del comercio oriental y no la conquista, dominacion y explotacion directa de los pueblos asiáticos; y en esto ya se demuestra el gran sentido de los hombres del Fajo. Solo que la distancia á que los paises de Asia se hallaban y la dificultad misma de recoger los productos para su inmediato transporte á Portugal, bajo la inspeccion de la *Casa da India* de Lisboa,

(cuya ciudad vino á ser en el siglo XVI lo que en la antigüedad habia sido Alejandría, en la Edad media Venecia, en el siglo XVII Ansterdam, y en nuestros dias Lóndres ó Liverpool) obligó á los portugueses á entrar en el camino de las adquisiciones territoriales, pero solo en cuanto estas proporcionaban medios de establecer puertos de refugio para sus galeones y carracas y lugares de depósito de los principales géneros de su comercio. Así y todo, esta obra tuvo que luchar con la antipatía de alguno de los primeros navegantes y soldados de Portugal: pero de todos modos, maravillan el tino y la prevision con que aparecen establecidos los puertos y factorias portugueses en toda la inmensa costa que arranca del cabo de Buena Esperanza, corre por el Sur de Asia y termina en China.

En el Sudeste africano estaban Sofala, dominando el Monomotapa (la tierra del oro antes del descubrimiento de America); Mozambique, Quiloa y Melinde, en las costas del Mozambique y Zanguebar de nuestros dias (la tierra de los esclavos, hasta que en el siglo XVII toman importancia el Congo y la Guinea); y la isla Socotora, en la desembocadura del golfo arábigo. En el Asia meridional se hallaban, casi frente uno de otro, Ormuz y Mascate, á cuya vista entraban las aguas del golfo pérsico en el mar de Arabia. Toda la costa de Cambaye obedecia á Diu y Damao; á la entrada del golfo y en la parte del Yndostan, hasta el Cabo Camorin, donde hoy impera Bombay, ejercian su decisiva influencia Cananor, Goa, y Cochin. Ceylan dominaba por un lado el extremo del Oceano índico y por el otro lado el golfo de Bengala, guardado por el extremo opuesto por Malaca. Ultimamente, en China y muy cerca de Canton, estaba Macao, y en los mares de la Sonda, en las Molucas, Timor. Es decir que no habia paso que no estuviera asegurado, ni ruta ni mar que cayese fuera de la vigilancia portuguesa. En este punto puede decirse que nunca, ni en los tiempos antiguos ni modernos, se ha llegado á tanto, que no más.

Con estas precauciones, los portugueses pudieron hacer sus arreglos con los príncipes de Africa y Asia, y echar las bases de su monopolio comercial. Todo el sistema se reducia á recabar de los príncipes orientales — ora de los independientes, ora de los que reconocian la soberania de Portugal — la seguridad de que ni venderían á otros, mas que á los portuguéses, ciertos géneros, ni acogerian en sus puertos y territorios á los enemigos de aquellos, ni, en fin, traficarian con extrangero alguno, sin permiso de los representantes de Lisboa. Unianse á estos pactos el que cometia á los lusitanos la policia de los mares, ó sea el cuidado de limpiarlos de los piratas mahometanos, que tanto preocupaban á los indios; á cuyo fin se hallaba establecido que los mismos indios no pudieran navegar aquellas aguas sin permiso especial de quien tan solícitamente las vigilaba.

Sobre esto, el gobierno de Lisboa daba licencias, por lo comun de un año, para hacer el tráfico entre aquel puerto y el de Goa, cabeza de todos los del imperio de la India y depósito comun de las mercancías orientales. En cambio, el comercio de puerto á puerto en la India, el co-

mercio dicho intermediario, quedaba reservado exclusivamente al Estado, cuyos barcos traian á Goa los productos comprados en el resto del continente (conforme á una tarifa convenida de antemano con los príncipes indígenas) y que despues eran trasportados á Europa en las famosas carracas y bajo el régimen del convoy.

Es difícil, mejor dicho, es imposible atar mejor los cabos y hacer frente á todas las desviaciones y espontaneidades del comercio. Apenas se concibe red mejor trabajada y con mas conocimiento tendida. Pero lo que sorprende más es que obra tan acabada fuera el resultado de solos veinte años de perseverantes esfuerzos! En 1498, Vasco de Gama con sus cuatro barcos y sus ciento sesenta marineros dobla el Cabo y llega á la costa de Malabar, entablando relaciones amistosas mas que comerciales con el Zamorin de Calicut. En 1500 Alvarez Cabral realiza su primera espedicion con mil quinientos hombres y celebra el primer pacto político y comercial con el Zamorin, echando las bases del primer establecimiento portugués en el Indostan. En 1505 llega Almeida á Ceilan; es derrotado en 1508 por los egipcios y al año siguiente aniquila á sus enemigos en el mar índico. En 1510, Goa es tomada por Alburquerque; al otro año ocupa este á Malaca y á Timor: se apodera en 1515 de Ormuz y desde entonces Portugal es el verdadero soberano de la India.

Ahora bien, lo grande del empeño por un lado y por otro lo pingüe, lo desmedido, lo excepcional del negocio ¡cómo no habian de absorver toda la atencion del Gobierno de Lisboa — y no ya del pueblo lusitano cuya densidad de poblacion y cuyos recursos de todo género eran cortos, sí que de naciones mucho mas poderosas y temibles!

El Brasil podria ser otra maravilla; podria merecer iguales sacrificios que los hechos en la India; podria reservar á la corona portuguesa un porvenir mas seguro, quizá mas esplendido....! pero ¿cómo volver la vista á los provechos posibles, á las ganancias probables, cuando el Oriente las ofrecia en el momento tan positivas como extraordinarias, haciendo que el puerto de Lisboa fuese el mas frecuentado de la época, y que el Estado sacara de la India, aparte los tributos y luego de cubiertos los gastos de la empresa á que con verdadera magnificencia atendia, no menos de 260 millones de reis (más de millon y medio de reales) líquidos al año!

Pero sobreviene el quebrantamiento del poderío portugues,—resultado muy principalmente de los vicios de aquel desproporcionado empeño que dejó á Portugal sin fuerzas haciendole pasto de mil quimeras incompatibles con toda idea de órden y todo hábito de trabajo; comienza á ser disputado al Gobierno de Lisboa el monopolio de los mares de la India; llenan los espacios las fabulosas relaciones de las hazañas de Cortés y Pizarro; surge el descubrimiento de las minas de América, y es objeto de la general conversacion la existencia de *El Dorado;* vienen á Lisboa los cargamentos de palo-Brasil que se venden á precios que la absoluta falta de competencia autoriza.... y aquellos locos de lo imposible, un tanto fatigados quizá de la monotonía (!) del viage á Oriente,

entrevén los palacios de Motezuma y los ejercitos de los Incas; el comerciante se acuerda de que es soldado; el especulador repara en que le disputan el paso de la India — y se establece la corriente de América.

El Gobierno no puede ser estraño á lo que en torno suyo pasa. Pone el oido y escucha a uno de los capitanes brasilenos — á Luis de Goes, de San Vicente — que dice al Rey que «acuda sin demora á la gobernacion del Brasil, á moralizar á los colonos y al clero, á limitar la independencia de los donatorios *senhores de couto e homisio*, á las tentativas é incursiones de los franceses, á la perturbacion producida po- el envío de criminales y, en fin, á poner límite á la desorganizacion del país, só pena *de perder a sua conquista americana.*»

A poco desembarca en el Brasil Thomé de Souza, Gobernador General de la colonia, conforme al Reglamento que se espide con fecha 17 de diciembre de 1548, é inaugura el tercer periodo de la vida colonial brasileña.

El sentido de la reforma de 1548 era centralizador y verdaderamente latino. Restringiendo los derechos y atribuciones, así de los capitanes, ó Señores de San Vicente, Pernambuco, Espíritu Santo, Porto Seguro, Santo Amaro y dos Ilheios, que habian prosperado mas ó menos rápidamente, como de los donatarios de Maranhão, S. Thomé y Bahia, y las demás capitanias cuyos adelantos habian sido escasos ó casi nulos; y reivindicando para la corona las principales faculdades en lo relativo al *asylo, justiça e fazenda publica*, abandonados hasta entonces á los capitanes, créase sobre ellos un Gobierno de que Thomé de Souza se encarga en 1549, echando los fundamentos de la ciudad de San Salvador, que vino á ser la capital de toda la colonia, é imponiendo á toda ella (como luego decia el P. Vieira) *um so entendimento, uma so vontade é um so poder — che era é de quem governaba.*

Secundando la obra del Gobierno de Lisboa, apareció en esta misma fecha en el Brasil otro elemento, cuyo espíritu unificador y centralista es notorio, y que si bien á tiempos fué un obstáculo y un rival para el absolutismo civil que con la creacion del Gobierno general se impuso en América, á la postre coadyuvó al sentido general de la colonizacion lusitana. Me refiero á los jesuitas, que en número de seis, y bajo la direccion de Manoel da Nobrega acompañaron á Souza, y que á poco lograron alcanzar una immensa importancia, merced á las célebres *misiones* y *administraciones* de indios, que tan en cuidado pusieron al poder civil, aun antes de haber corrido diez años,—bajo la administracion, entre otras, del Gobernador Mem de Sá.

Pero sobre los jesuitas y sobre el Gobierno General del Brasil, con su *Ouvidor geral*, su *Provedor mór da Fazenda* y su *Capitão mór da costa* y sus dependientes y delegados en todas las capitanias, estaban la *Casa de Indias* y el *Consejo* de Lisboa, regulando soberanamente las cosas de comercio y la marcha política y administrativa de la colonia, que de esta suerte entra en el sentido latino de la colonizacion moderna, de que son eco fidelísimo así Recopilacion de leyes dictadas en materias de

gobierno, justicia, guerra y hacienda por los Reyes de España para Ultramar, que hizo por encargo regio el Virey D. Luis de Velasco, en 1560, y que en 1563 fué publicada, constituyendo el primero paso dado en el camino que habia de conducir á la *Recopilacion de las Leyes de Indias* de Carlos II, como *O Regimento pelo Brasil, de* 17 *de Decembro de* 1548.

Un lapso de tiempo de no menos de doscientos años corre desde la reforma indicada (verdadero punto de partida de la colonizacion del Brasil) hasta un nuevo y trascendental cambio operado, no ya solo en el gobierno de aquel pais, si que en los fundamentos mismos de aquella sociedad. En este periodo, hubo, sin duda, reformas de mas ó menos detalle, como la sustitucion de las capitanias por provincias y sub-gobiernos; las diversas leyes sobre indios que en 1558 comenzaron a ser reducidos y agrupados bajo la direccion de los jesuitas: la separacion y constitucion en Estado distinto del Brasil, de las capitanias de Ceara, Maranhão y Pará en 1621, etc., etc. Pero todas son natural desarrollo y consecuencia obligada de los principios afirmados en 1548, y á que, por tanto, es preciso referirse para caracterizar el periodo, en que apareceu tambien, el trafico africano y el descubrimiento en gran escala de las minas de oro y diamante, de suma influencia en la vida colonial.

Ni tampoco violentan aquel carácter otros hechos de gran relieve que se dán dentro de tan largo periodo. Reunido, ó mejor dicho, sojuzgado Portugal á España de 1580 á 1640, nada importó en el Brasil el cambio de dinastia; fenómeno perfectamente explicable, dada la identidad de espíritu de los dos grupos de la familia ibérica; identidad nunca mejor puesta de realce que en aquellas obras que, como la colonizacion, descansan en el carácter total de un pueblo. La conquista del Brasil por Holanda, que en la guerra de su independencia contra España se habia apoderado de la gran colonia americana, de 1624 á 1637, entregándola á la explotacion de la *Compañia de las Indias*, tampoco nada dejo trassi al terminar por la devolucion del Brasil á Portugal en 1654; circunstancia debida á que en realidad estos treinta años de ocupacion lo fueron de constante guerra, haciéndose imposible toda organizacion reflexiva y fecunda.—Y si la dominacion é influencia españolas y holandesas que en un término de mas de medio siglo habian vivido sobre el Brasil, no produjeron en este efectos particularmente apreciables, con menos motivo lo habia de producir, primero, la tentativa de colonizacion de los protestantes franceses, que, dirigidos por Durand de Villegagnou, y bajo la proteccion de Coligny, fundaron en 1555 un establecimiento en los límites de San Vicente, del que fueron á poco expulsados por los brasileños, y, despues, la ruda empresa acometida en 1562 por los indígenas de arrojar del país á los portugueses; empresa que dió solo por resultado, la retirada de la mayor parte de todas las tribus belicosas á la region del Amazonas y el aumento de la esclavitud india.

El cambio, pues, político, económico y social del Brasil no se verifica hasta muy entrado el siglo XVIII; hasta que el célebre ministro del Rey José, el ilustre Sebastian José Carbalho llevó su espíritu reformista

allende el Atlántico. De esta suerte, el desenvolvimiento del Brasil se halla intimamente unido á las épocas y á los nombres mas gloriosos de la historia de Portugal. Con Manuel el Afortunado viene el descubrimiento: con Juan III la colonizacion; con José la reforma.

II

La figura del célebre conde de Oeyras, marqués de Pombal, es á la par que una de las más brillantes y acabadas muestras del vigor y fecundidad de la raza ibérica, uno de los motivos más abonados para que el espíritu discreto condene sin reservas esas doctrinas que refiriendo totalmente la existencia social á la accion del Estado, hacen de este una verdadera Providencia servida inmediatamente por la petulante y agoviadora burocrácia, cuyos milagros tanto se decantan, sin que hasta ahora jamás nadie los haya podido verificar.

Dánse en el correr de los tiempos, en los momentos críticos y con aquella pasmosa oportunidad que enérgicamente denuncia la realidad de una *ley de la historia*, dánse, repito, ciertas eminentes personalidades que disfrutan del privilegio, no solo de reunir y presentar en sí mismas armonizados todos los toques y caracteres que constituyen la verdadera genialidad del pueblo á que pertenecen, sí que de dominar los intereses locales y salir del medio-ambiente nacional para ver y estimar el movimiento de las demas sociedades que con la propia sostienen relaciones, y cuyo comun sentido forma el carácter de cada época en la historia de la humanidad.

De esta suerte, esas personalidades no pueden caer nunca en el olvido porque son verdaderas representaciones, *hombres de época;* pero cuando su altura llega al punto de que no bastándoles recoger el espíritu de su tiempo, alzan la frente hasta penetrar en aquellas elevadísimas regiones desde donde el porvenir parece actualidad, y á la extension de su mirada, unen el ánimo y los medios para influir en su país y en su edad, siempre en el sentido de la civilizacion y él progreso, entonces el mérito raya en lo excepcional, y la sola existencia de estos hombres acredita la sávia de la raza, de la familia, del pueblo que los ha producido, pueblo ya célebre en los fastos de la historia, ó llamado á ejercer una cierta influencia en el concierto de los demás dignos de este nombre y á la postre, en el desenvolvimiento total del género humano. Nunca, nunca se ha dado el caso de que tales figuras hayan sido producidas por razas exhaustas ó en el seno de pueblos condenados á perpétua insignificancia.

De esos hombres fué Pombal. No hay que pedirle ciertas proporciones: no hay que juzgarle con relacion al breve periodo de su administracion ni aun al de su existencia. La circunspeccion y regularidad del administrador; la escrupulosidad del hombre de ley; la misma prudencia del gobernante, no eran, ni podian ser sus virtudes. Hombre de poderosas intuiciones, de vista inmensa, tocado por la mano que sabe hacer los gé-

nios y los caracteres, de su tiempo tenia la ciencia de sus realidades; de su raza aquella sed de lo heróico, de lo extraordinario, aquel ánimo que se confunde con la audácia, aquel espíritu de império y unificacion, que tan de manifiesto está en todas las páginas de la historia ibérica. Fuera de esto, el presente preocupa á Pombal solo por los obstáculos que opone á su pensamiento. Al aparecer el famoso marqués, Portugal habia llegado á la plenitud de las consecuencias de la Edad media, multiplicadas por ciertos factores poco influyentes hasta entonces en el resto de la vida europea, á su vez influida por otras corrientes que apenas habian salvado los Pirineos. Pombal dió la cara á aquella amenaza de retroceso y perturbacion en el órden del avance e desenvolvimiento general del mundo. Fué verdaderamente un *precursor*. Por esto el reinado de José I — ó mejor dicho la administracion-Pombal — merecerá siempre una atencion preferente en la historia de los pueblos occidentales de Europa, porque en ella chocan, más que confluyen dos espíritus, dos sentidos, dos direcciones de la civilizacion europea. Más allá de Pombal está la Edad media que en la familia ibérica dura más, por sus condiciones geográficas, y su carater histórico: más acá, la Edad moderna. Por esto, y porque naturalmente el espíritu portugues de cada uno de estos periodos habia de filtrar y caer sobre la gran colonia americana (pues que solo de esta suerte las Metrópolis pueden serlo) merece que nos detengamos en la obra de aquel hombre eminente, cuya laboriosa vida tantos pretextos y ocasiones dió á la admiracion y al ódio, á la lisonja y á la persecucion.

La situacion del reino lusitano al amanecer la segunda mitad del siglo XVIII era por todo extremo lamentable. Dos grandes influencias se disputaban su imperio: pero un imperio completo, absoluto, intolerable. La influencia inglesa que se había apoderado de la vida mercantil y la influencia religioso-romana que se habia hecho dueña del espíritu, de la conciencia, de la vida moral del país.

En el calendario portugues, más de la tercera parte del año la constituian *los dias de fiesta*. El convento y la sopa boba eran la delicia de las turbas desarrapadas y holgazanas. La Inquisicion mantenia vivos la hoguera en que se consumia el pensamiento, y la confiscacion de los bienes de heréticos, con que se aumentaba la hacienda inmune y el campo yermo. El celibato clerical, en un país de soldados y de clérigos, contribuia á que la poblacion bajase y la grosería del placer sensual se impusiese en la vida lusitana, como un positivo *fin* de la existencia. Los moriscos y los judios, aquellos mantenedores de la industria ibérica, y que despues de la torpe conducta de los Reyes de España buscaron y obtuvieron asilo en Portugal, pagando con creces, gracias á su actividad, á su celo y á su economía, el favor que el vecino reino les habia hecho, fueron tambien expulsados, perseguidos, deportados al Brasil, atormentados en la Metropoli.

Methuen habia conseguido en 1703 privilegios no compensados, para la industria inglesa, que contribuyeron grandemente á la rápida ruina de la de Portugal; y por este camino de concesiones y preferencias las ca-

sas de Lóndres se hicieron, guardando las formas, las directoras las verdaderas explotadoras de todo el comercio portugues. Scherer, el ilustre autor de la *Historia del comercio*, dice: — «La navegacion de Europa pasó del Tajo al Támesis. Inglaterra hizo la banca para Portugal. Tomábase en Lóndres dinero á 3 por 100, á 3 ½ cuando más, y era colocado á 10 en Lisboa. Las importaciones anuales de Inglaterra en Portugal excedian á las exportaciones de este último, en 1 millon de esterlinas, el cual debia saldarse al contado con oro del Brasil, porque Inglaterra no tomaba azúcar ni tabaco, artículos respecto de los cuales, daba la preferencia á sus propias colonias. Esta falta de equilibrio sostenia el curso del cambio sobre Lisboa á 5 por 100 y favorecia el consumo de los vinos portugueses en Inglaterra. Las casas inglesas establecidas en Portugal se habian apoderado del comercio interior. Recibian las mercancias de su país y las distribuian entre los comerciantes de provincia, que frecuentemente realizaban las ventas por sus mismos comitentes. Una parte de los negocios de comision llegó á ser propio del comercio inglés. A él pertenecian generalmente las flotas que partian para el Brasil, y por consecuencia las riquezas que reportaban. Los nombres portugueses no figuraban en las operaciones sino por fórmula. Estímanse en dos mil cuatrocientos millones de francos el oro exportado del Brasil en un periodo de sesenta años desde el descubrimiento de las minas: y sin embargo, en Portugal no circulaban más de 19 á 20 millones en 1754, llegando á deber setenta y dos. Ninguna descripcion más elocuente que estas cifras. Portugal era como una criba por la cual pasaban inmensas riquezas sin dejar rastro. Verdad que la exportacion de metales preciosos estaba rigorosamente prohibida, pero todos los meses salian dos barcos de guerra ingleses del puerto de Lisboa, y exentos de toda visita llevaban sumas considerables.»—Así al mediar el siglo XVIII, Portugal era en realidad una colonia británica; Portugal que un siglo antes rivalizaba con todas las banderas en el comercio marítimo; cuyos granos y caldos surtian no pocos mercados del Mediterráneo y cuyas lanas y sedas gozaban de extraordinario renombre, hasta en la misma Italia y en las ciudades anseáticas!

Más graves, aunque en otro órden de ideas, eran las consecuencias de la organizacion político-social del país vecino. Como en España, la libertad de los Concejos y el poder de las Córtes, que allí habian nacido y desarrolládose del propio modo que en el Centro y Este de la Península, decayeron á medida que crecia en importancia la realeza, cuyo supremo imperio se asegura con la casa de Avis, esto es, hácia los siglos XV y XVI. Pero más que en España, en Portugal arraiga el feudalismo, convertido en señorío al inaugurarse la Edad moderna, y si bien D. Juan I, y trás él D. Duarte, D. Manuel y todos los Reyes de la casa de Avis, fieles al espíritu á que obedecian por aquella misma época los Reyes Católicos de España, Luis XI de Francia, Enrique de Inglaterra y Maximiliano de Austria, tratan de domeñar la antigua nobleza y de hacerse amigos y partidarios ora creando los nuevos títulos nobiliarios, ora promul-

gando la Ley Mental, ora adquiriendo *ad perpetuum* de los Papas la dignidad de Gran Maestre de las órdenes militares, ora reduciendo la jurisdiccion criminal de los Señores, sin embargo, esta obra no tiene más sentido ni más límites que la propia y exclusiva coveniencia de la corona. De aquí la subsistencia de los vínculos y mayorazgos, de los *morgados*, de los *prazos* sometidos á la ley *da Avoenga*, y, en fin, de las formas todas que consagraban la servidumbre de la tierra, además sofocada por las leyes de cultivo, la tasa y el *absenteismo* íntimamente unido por aquel entonces á la gran propiedad. De aquí tambien la esclavitud, más ó menos disfrazada, más ó menos atenuada de la poblacion rural, de los *paisanos*, sometidos á los rigores de los derechos señoriales, consagrados ámpliamente en el libro 2.º de la *Ordenação Philipina*.

Verdad que con la revolucion de 1640, que llevó al trono á la casa de Braganza y consagró la independencia de Portugal, á despecho de los Reyes de España, parece como que la nobleza se levanta y las Córtes recobran su importancia de antaño; pero el movimiento es puramente anejo y secundario al de la exaltacion de la nueva monarquía, en la cual se encarna la idea de la independencia nacional, y por tanto no habia para que esperar que tuviese más alcance ni durase más tiempo que aquellos que fueran compatibles con el interés y la representacion que la realeza venia teniendo á partir de D. Juan I. Por eso las Córtes son disueltas en 1674, al pretender fiscalizar los gastos públicos, y la nobleza, segura de la proteccion de los reyes, se satisface con el goce de sus grandes y cada vez más abandonadas propiedades y sus irritantes derechos sobre el paisanage; indolente, vana, ciega, dejando paso como órden político é influyente al estado eclesiástico, que de esta suerte se halla al mediar el siglo diez y ocho, como el gran obstáculo, y hasta cierto punto el verdadero rival, de la monarquía portuguesa.

A todo esto hay que añadir, primero, el atractivo de las expediciones lejanas que contribuyó tanto, así en Portugal como en España, á la despoblacion y aniquilamiento de los reinos europeos, infundiendo en los ánimos el espíritu de aventura y llevando á las masas los hábitos de irregularidad, de imprevision, de violencia, y á la postre de holganza, que donde quiera han caracterizado y perdido á los pueblos conquistadores y guerreros; despues, la relajacion de la fibra portuguesa y la merma de su riqueza y poderío, debida muy principalmente á la tiranía que por espacio de sesenta años ejerció la España de los Felipes sobre el reino lusitano, lo que, entre otros inmediatos resultados produjo la pérdida del imperio y la influencia de Portugal en las Indias orientales: en tercer lugar, la naturaleza y economía del régimen colonial inspirado en el espíritu de explotacion á que por aquel entonces pagaba tributo toda Europa, y que no tan solo concluyó con la industria y la agricultura de la Metrópoli, sino que llevó irregularmente á las provincias meridionales de Portugal el vírus corruptor de la esclavitud africana y la influencia corruptora de los intereses, pasiones y miserias cuyo libre juego consagraba el modo de ser político y social de las posesiones ultramarinas.

Los efectos de todas estas causas debian ser desastrosos; y al mediar el siglo décimo octavo no cabia más allá.

Portugal agonizaba: Portugal moria lentamente. El mal era visible: la gangrena palpable. En este instante aparece Sebastian José Carvalho, que toma sobre sí la rudísima empresa no ya de transformar la sociedad lusitana, sí que de volver á la vida al expirante reino de los Borgoñas, los Avis y los Braganza.

El empeño era grande, dificilísimo, casi titánico; pero esencialmente portugués. Lo uno, porque ninguna de las empresas en que Portugal se ha comprometido en los seis largos siglos, que lleva de vida propia e independiente, ninguno sale del caracter escepcional y áspero, que ha hecho decir á no sé que estadista que el valor y la grandeza de sus hechos guardaba en toda la historia proporcion constante, bien que inversa, con la exiguidad de su territorio y la modestia de sus apariencias. Lo otro, porque toda la historia de Portugal es una contínua protesta, una permanente batalla contra la ley general histórica que exige el sacrificio de los intereses locales y la desaparicion de esas extrañas autonomías que para vivir una vida robusta y fecunda exigirian condiciones geográficas y elementos sociales de que ha carecido, apesar de su magnífica historia, el pueblo lusitano.

Pombal llevó su atrevida mano á todas las esferas de la vida portuguesa; y si su obra se quebrantó y vino en cierta parte á tierra á poco de caido el osado arquiteto, débese más que á error de plan y pobreza de idea, al vicio general de su procedimiento, que á su vez dependia del deplorable concepto que del Estado tenia formado el Ministro del Rey José y con él los hombres más eminentes de aquella época, conocida en la historia europea con el nombre de «época de los reyes filósofos.»

La nobleza y el clero fueron las primeras víctimas de Pombal; y se explica, porque de esta suerte no solo volvia por la independencia de la patria lusitana, sí que robustecia y hacia omnipotente al Estado, á la monarquía, que de tales condiciones, á su juicio, necesitaba para salir adelante con la improba, la tremenda tarea de renovar y vivificar aquella sosiedad. Con estas ideas, Pombal suprimió los autos de fé, sometió á la confirmacion real las sentencias de la Inquisicion y arrancó á esta el poder de confiscar; expulsó los jesuitas, y se apoderó de sus bienes; rechazó la bula *Incoena Domini*, despidió al nuncio del Papa, cortó relaciones con Roma, y preparó con la ayuda de la celebre *Tentativa Teológica* del P. Pereira un cisma cuyas consecuencias hubieran sido incalculables á secundar á la corte de Lisboa las de Madrid y Paris solicitadas al efecto, y á no haber muerto en 1769 Clemente XIII: limitó los legados piadosos, prohibió la institucion del *alma* de los testadores por heredera y revisó los diezmos y oblaciones de los pueblos á la Iglesia, corrigiendo innumerables abusos y levantando no pocas cargas que con varios pretextos, todos de color y sabor religioso, agobiaban al país; secularizó la enseñanza, dando los *Novos Estatutos* de la Universidad de Coimbra y creando con numerosas cátedras en provincia, el *subsidio literario* sobre los vinos para su sostenimiento: sometió la jurisdiccion de

los Obispos en todo lo no espiritual al Monarca, y si bien declaró subsidiarios del derecho portugués el romano y el canónico que hasta entonces gozaban de excepcional importancia, estableció que el primero fuese atendido en cuanto se conformase «con el derecho natural, el espíritu de las leyes patrias y el gobierno y las circunstancias de la nacion», y el segundo solo en los negocios espirituales y ante los tribunales eclesiásticos; decidido á levantar la clase media, tendió la mano á los propietarios y comerciantes, confriéndoles títulos y dándoles cartas de nobleza, con lo cual el mérito personal se sobreponia al honor hereditario, y en las clases superiores se establecía un principio de division, no echado en olvido en los consejos de Maquiavelo; humilló á la nobleza antigua con el atroz proceso de 1758 que llevó al cadalso al duque de Aveiro, á los marqueses de Tavora, al conde de Atouguia y al Sr. de Souza; reformó los antiguos *morgados;* proclamó la libertad de todos los hombres nacidos ó residentes en Portugal, y preparó el terreno para que los privilegios de los señores, así en el órden militar como en el de la administracion de justicia, ya atacados desde el tiempo de D. Dionisio, cayesen á los piés de D.ª Maria en 1790.

Pero como antes se ha dicho, todas estas medidas, que verdaderamente imponen por su valor, su número y su trascendencia, eran al par que soluciones á determinados problemas, medios de llegar á otras para las que se necesitaba una fuerza tanto mayor, tanto más excepcional cuanto que el ministro de José I habia decidido hacer caso omiso del tiempo.

A este segundo órden de reformas refiérense los decretos en cuya virtud fueron arrancadas las viñas de una gran parte de Portugal para sembrar trigo: la prohibicion de trabajar la seda á todos los que no hubieran recibido lecciones y obtenido título de unas maestras italianas que en vista del fomento de esta industria trajo Pombal: la creacion de la Compañía general de agricultura obligada á comprar anualmente todos los vinos del Duero á un tipo fijado previamente por el Gobierno, y á adelantar capitales á los labradores necesitados, á cambio de un extraordinario número de monopolios como el de la exportacion de vinos para el Brasil, el surtido de las tabernas y establecimientos de Oporto, y la destilacion de los aguardientes en las tres provincias del Norte; la prohibicion de matar vacas, cultivar el tabaco y comprar paños franceses; el monopolio del comercio oriental concedido á un negociante de Lisboa, y cien otras medidas inspiradas indudablemente en el deseo de levantar la vida económica del vecino reino, pero que sustituyendo de un modo absoluto é indiscreto la accion y el interés del individuo, único competente en ciertas esferas, acusaban una fé ciega en la omnipotencia del Estado, y no dieron de sí más que efectos rápidos é insustanciales, ó descalobras y complicaciones de difícil remedio.

Pombal suscitó contra sí no solo las torpes pasiones de la aristocracia y del clero, síque la enemiga de las clases populares, sobre las cuales, con la mejor intencion, hizo sentir de diferente modo su despotismo. De aquílas rebeliones y las contrariedades de todo género con que tuvo que

luchar, de tal suerte; que recoriendo la historia de aquellos laboriosos dias, cuesta trabajo sacar el convencimiento de que en aquella colosal empresa el Marqués de Pombal no estaba absolutamente solo. Explícase así su caida á los piés de la Reina Regente y la profundidad de su desgracia.

Pero nótese bien que la ruina de Pombal no arrastró consigo más que la de todas aquellas medidas absolutamente incompatibles con el órden natural de las cosas y la economía de la vida humana, en que tan decisivo cuanto necesario papel desempeñan el interés del individuo y la libertad personal. Más aún, todo lo que en la obra del atrevido y enérgico Ministro es oposicion á cosas, instituciones, elementos cuyo imperio hubiera asegurado la próxima desaparicion dela sociedad portuguesa y el retroceso de la vida moderna, que á voz engrito pedia nuevos moldes y formas distintas despues de la paz de Wesffalia, la independencia de Holanda, la revolucion inglesa y el movimiento filosófico-crítico francésdel siglo XVIII, todo subsiste, á lo menos en esencia, despues de la caida de Pombal.

Es muy frecuente en algunas escuelas afirmar lo contrario, exagerando las resultas de la muerte de José I y reduciendo todo el empeño de su primer ministro á una pura violencia, a una mera explosion de soberbia y despotismo. Pero ahí está la historia para paxentizar que si bien lo que hijo exclusivamente de la violencia y que por la violencia solo se sostenia, vino en seguida á tierra, probándose una vez más que nada hay en la vida moral más débil que la fuerza, en cambio el sentido y la representacion del odiado Marqués, y hasta lo más culminante y trascendental de su obra, todo subsistió, sirviendo de punto de partida para la revolucion de 1820 y la gran obra del Emperador D. Pedro, y de los inolvidables Monsinho da Silveira y Silva Carvalho, casi en los dias que alcanzamos.

A pesar del sentido reaccionario de D.ª Maria I, cuya razon se extravió al cabo bajo la influencia del clericalismo; a pesar de las incertidumbres de D. Juan VI, verdadero Augustulo de la casa de Braganza; ápesar del tríunfo de los enemigos personales de Pombal, y de las injurias de que este fué víctima al borde del sepulcro, á los ochenta y cuatro años de edad!... á pesar de todo, la antigua aristocracia, lejos de levantar la cabeza, tuvo que sufrir la ley de julio de 1790, que concluyó virtualmente con la jurisdiccion señorial y los *coutos e honras* de otros tiempos. La Inquisicion no volvió á encender sus hogueras: la inmunidad del clero no se sobrepuso; y el órden eclesiástico como tal órden jamás se rehizo. La misma reaccion miguelista de nuestros dias fué solo un relámpago, y el despotismo inglés, traido por circunstancias excepcionales, á los comienzos de este siglo, ni por un momento aceptó la representacion del antiguo absolutismo... El Portugal de la Edad media habia muerto á los golpes del ministro de José I. El último eco de la voz de Pombal se habia confundido con el primer grito de la Revolucion del 89.

Tal fué la influencia del ilustre Marqués en la Metrópoli lusitana. Veamos ahora la que tuvo en América.

Madrid, 1875. RAFAEL M. DE LABRA.

O CRIME DO PADRE AMARO

XVII

No entanto a S. Joanneira, que extranhava a filha, achava o *quer que fosse* na sua physionomia. Quando ella voltava da igreja, via-a um pouco pallida, com um ligeiro rosado sanguineo nas maçãs do rosto e o olhar languido.

—Tens alguma cousa?

—Não, mamã: fraquesa! Vou tomar um caldo. Ha?

A S. Joanneira reparava nas suas distracções. Notava certos suspiros quando costurava, rubores repentinos. Estava sempre a beber agoa aos gólos. Fallára n'estas particularidades ao conego:

—Eu parece-me que a rapariga está apaixonada, por não casar com o escrevente.

—Ora!

—Digo-lhe isto.

E especialisava então as suas desconfianças; via-a triste, distrahida, com fastio; ás vezes cantava longo tempo, quasi febrilmente; outras vezes taciturna, o aspecto infeliz, os braços crusados, ficava parada a olhar, bocejando monotonamente.

—A rapariga está pelo beiço, digo-lhe eu! dizia a S. Joanneira.

Chegava mesmo a desconfiar que elles se entendessem occultamente. Mas como? Ella não sahia, não apparecia á janella; e só certos dias na semana, ia resar, meia hora, tres quartos d'hora, á Sé. E a S. Joanneira contava em segredo, ao conego, as penitencias de Amelia.

—Acho de mais, dizia elle.

—Pois não lhe parece? A rapariga vem sempre amarella, cheia de fraquesa, ás vezes precisa tomar logo um caldo. Cousa assim!

E o conego Dias começou a ter certas suspeitas. Se havia algum segredo amoroso deveria ser n'aquella hora que sahia á egreja, para a humildade da penitencia. Um dia sabia que ella estava na sé, resando. Entrou. Não a viu.

—Bom, disse elle, temos obra!

Procurou-a no altar, na sacristia, interrogára uma velha, quasi tonta que murmurava e dormitava á esquina d'um altar. Não averiguou. No entanto foi conversar com o Carlos da botica; leu o jornal que estava no balcão, e d'ahi a pouco viu-a sahir, seria, corada. Entrou outra vez na egreja, e viu o padre Amaro que escrevia na sacristia. Callou-se, sem nada revellar á irmã, nem á S. Joanneira. Tornou a espreitar, a esperar, a explorar.

Dias depois o conego encontrou na sé o padre Amaro, que descia a nave.

—Olhe lá, quero-lhe fallar. Vamos lá para a sacristia.

Amaro ficou surprendido:

—Então que é? disse elle fechando a porta.

—Homem! disse o conego, eu não sou de meias palavras. Você sabe. Você anda a fazer uma grande maroteira.

O padre Amaro, teve um movimento, empallideceu, ia fallar.

—Você desencaminhou aquella pobre rapariga. Ora isso é uma canalhice.

O padre Amaro, que se viu descoberto, quiz dizer naturalmente:

—Mas que rapariga? que é isso?

Mas a sua voz era tremula e os beiços brancos.

—Homem! eu vi! disse o conego, resumindo. Escusa de estar a negar.

—Mas...

—Ouça, homem de Deus! continuou o conego com um tom impaciente. Eu já andava desconfiado. A S. Joanneira fallou-me na tal penitencia. Fiquei de pé atraz. Duas vezes que eu soube que ella estava na egreja, não a vi cá. Puz-me á espreita. D'ahi a pouco vejo-a sahir. Sim, você percebe? Aqui ha cousa, dizia eu. Ora ahi tem! Pois meu amigo, isto é a maroteira das maroteiras.

O padre Amaro estava callado, mordia os labios, e por fim:

—Diga-me uma cousa. O que é que o senhor tem com isso?

O conego teve um movimento indignado.

—O que tenho? o que tenho? Então o senhor ainda me falla n'esse tom? O que tenho?! O que tenho, é que vou d'aqui dar parte d'isto ao sr. vigario.

O padre Amaro teve uma grande colera, e com a voz cerrada, baixo:

—Ah! seu...

E fitou-o.

—Que é lá? que é lá? disse o conego com o aspecto indignado, a face afogueada, fechando os punhos.

O padre Amaro tinha-se dominado:

—Ouça lá, sr. conego. Olhe que eu vi-o, ao senhor, uma vez em casa da S. Joanneira...

—Mente! exclamou o conego.

—Vi, vi, e vi! disse o outro com a voz crescida.

E atirando a capa para cima do armario, com gestos irritados:

—Vi-o no quarto d'ella. O senhor estava em mangas de camisa, veja se isto é natural. E até o senhor me perguntou *«quem está ahi?»* Ora ahi tem! Vi eu como estou a vel-o. É para que saiba! O senhor a dizer ao chantre, e eu a provar-lhe que o senhor... Portanto, bico!

O conego tinha-o fitado.

—Que grande traste que você é!

Mas o padre Amaro, que se possuia inteiramente, não queria provocar escandalos.

—Traste porque?

E a sua voz era branda, quasi amiga.

—Sim, diga-me lá! Temos ambos culpas no cartorio, meu caro. E olhe que eu não andei a espreitar; foi por acaso.

E chegando-se mais para elle, baixo:

—Porque, se me vem lá com cousas de moral, isso não pega. Eu faço isto, o senhor faz aquillo, os outros fazem o que podem. Por consequencia, é fazermos contas; é o que é.

O conego com o seu caracter fraco, passivo, estava abrandado, vencido. Poz-se a olhar para Amaro, e mesmo com um certo sorriso:

—Mas você, homem, no começo da carreira!

—E o sr. conego, no fim da carreira!

Poseram-se ambos a rir. A harmonia reappareceu. Conversaram demoradamente. Amaro contou particularidades. Passeavam ambos ao comprido da sacristia; e ás vezes Amaro encostava-se a uma commoda que havia no fundo, onde estava um Christo de marfim.

—Que maganão, que maganão! dizia o conego.

—E d'isto, á mãe, bico! Porque, se disser á mãe alguma cousa, você comigo se hade haver.

Mas começou a tocar para o côro. Eram tres horas, e o conego ao sair, batendo nas costas de Amaro:

—Pois, seu velhaco, tem dedo?

—Que quer você! A gente vae, vae...

—Homem! disse o conego sentenciosamente, é o que a gente leva melhor d'este mundo!

—É verdade, padre Mestre, é verdade! disse Amaro.

Amaro ficou inteiramente tranquillo. De certo modo estimou. O conego era um auxilio, um amigo, uma força, um obstaculo ás iras da mãe, uma garantia de impunidade. E ao outro dia, disse a Amelia que o conego sabia tudo e a espreitára. Ella ficou aterrada.

—Vae dizer tudo á mamã.

—Qual! Não diz nada. Ora essa!

E sorrindo, batendo-lhe no hombro:

—É que elle tambem não é um santo, — e depois de um instante: —nem tua mãe.

Ella fitou-o um momento, córando.

— Deixal-os! disse com um suspiro, resignada.

— Tu tambem não tens culpa nenhuma!

E Amelia contou-lhe certas particularidades: a pobreza em que tinham vivido algum tempo. Tinham chegado a empenhar vestidos; uma occasião, durante trez dias, só tinham comido figos passados. E vinham-lhe as lagrimas. Contava de uma doença que tivera:

— Antes eu tivesse morrido d'essa vez!

Fora então que o conego conhecera a mãe. E Amelia começou a chorar.

Combinaram então espaçar mais aquelles encontros. Ella começou mesmo a demorar-se menos em casa do sineiro. Affectava tranquillidade em casa. O Padre Amaro não ía tão frequentes vezes, á noite, a casa d'ella. E Amelia deixou vagamente entender á mãe que aquella preoccupação em que estivera, e aquella tristeza inexcedivel vinha do sentimento, da affeição ao escrevente, mas tudo passára; estava firme, segura de si, abstrahida de tudo.

— Pois olha, filha, deixar de casar com um bom rapaz de quem se gosta, porque elle não vae á missa! Deus me perdoe. Eu sou temente a Deus, como as que o são, mas não me entra!

— Não era só isso. Elle tinha ahi uma mulher.

— Elle? disse a S. Joanneira com ar descrido. Terá! terá! Olha, o que te digo, é que rapaz como elle não pilhas tu mais, não!

— Ha de ser o que Deus quizer, minha mãe.

E ás vezes esta conversação voltava. A mãe fallava do escrevente. Amelia, callada, mordia os beiços, suspirava. Porque muitas vezes começava a reflectir mais serenamente: João Eduardo era bom, trabalhador, honesto. Teria um destino solido, perpetuo!

— Que será feito d'elle? pensava.

Porque então estava n'um periodo de grandes tristezas. Não sabia o que tinha; sentia a cabeça pesada; tinham-lhe vindo nodoas á pelle; enjoava o leite. Ora espaçava voluntariamente as occasiões de encontrar Amaro, ora uma vehemencia de amor tomava-a.

Um dia Amaro escrevia na sacristia. Amelia entrou de repente, tomou-lhe o braço e com um aspecto afflicto:

— Sabes? sabes?

— Que é? disse elle, erguendo-se.

— Não, na nossa casa: anda!

E como elle fechava o livro, pasmado:

— Anda! disse ella, impaciente. Quasi corria. E no quarto do sineiro, fechando a porta, com o rosto descomposto, angustiada:

— Sabes? Estou gravida!

Elle sentiu como uma pancada brutal no peito.

— Ah! com os diabos! exclamou.

Mas reflectindo:

— Talvez, não, hein?

— Estou, estou! disse ella com um tom secco, profundo.

— Que diabo! disse o padre. E tinha ficado sentado á beira da encherga, hirto, subjugado, aterrado! Ella contava-lhe o que sentia. E estava perdida! Queria morrer!

— Que hei-de eu fazer? disse.

Mas o padre estava sem resolução, sem idéa, sem coragem.

— Que desgraça! dizia, que desgraça!

E Amelia fallou do escandalo da visinhança: a autoridade tomaria conta; a cidade riria.

Amaro empallidecera; a verdade terrivel apertava-o, tinha os musculos contrahidos, sentia-se tonto.

— Eu fujo, vou-me, não quero saber d'isto! gritava elle.

Ella ergueu-se, tomou-o violentamente com uma força febril, pelos hombros, os dedos crispados, e fitando-o, baixo:

— Vaes-te? vaes-te? E eu então?

— Queres que eu seja suspenso? que fique para ahi a morrer de fome?·

Ella olhou-o um momento e, atirando-se de bruços sobre a encherga, rompeu n'um choro violento, com ais agudos e um grande ruido de dor.

— Calla-te, pódem ouvir da rua, disse Amaro.

— Meu Deus! meu Deus! gritava ella.

— Mas calla-te com os diabos. E sacudia-lhe o braço. Ella ficou a gemer baixo, com palavras miseraveis e desoladas.

— Morro. Adeus! Nossa Senhora me valha! morro! morro!

Elle tinha-se apiedado, e tomando-a pela cintura:

— Não, não! ouve. Não te deixo, não! ouve.

Logo n'essa tarde, Amaro correu a casa do conego. Elle estava só no quarto:

— Sabe você uma coisa? disse-lhe Amaro, abruptamente, fechando a porta, e com a respiração offegante: A rapariga está gravida.

O conego ergueu-se, de salto com o rosto esbugalhado.

— Grávida, meu amigo!

— Estou afflicto. Não sei o que se ha de fazer.

E passeiava a largos passos pelo quarto.

— Já fallei com a Dyonisia, continuava, que entende; ella já viu a rapariga. É horrivel isto!

— Pois, meu menino, disse o conego, sentenciosamente, não ha outro remedio: é casal-a com o escrevente.

O padre Amaro olhou para o conego.

— Já tinha pensado n'isso.

— Está claro! disse o conego. E chegando-se para Amaro:

— Antes de tudo, salve-se esta cousa — e mostrava a batina do padre!

XVIII

Ao outro dia havia grande chuva. Amelia tinha chegado á Sé molhada, com as suas botinas de duraque todas humidas.

— A mamã ficou admirada de eu vir por uma chuva d'estas, disse ella a Amaro, fechando a porta, no quarto do sineiro.

— Fizeste mal.

— Queria saber...

Então Amaro contou-lhe o plano do conego; ella escreveria a João Eduardo.

— Mas que faz elle? onde está? disse Amelia.

— Não sei. Parece que vive lá para o bairro do quartel, além da ponte; nunca vem á praça. Que te importa?

Ella callou-se. E Amaro dizia que certamente o escrevente, ingenuo, ainda apaixonado, voltaria. O conego encarregava-se de lhe arranjar um emprego no governo civil.

— E então? perguntou-lhe Amaro.

— Que remedio? disse ella tranquillamente.

Amaro então teve uma picada de ciume, e um pouco asperamente:

— Até te agrada!

— Pois que hei de fazer? disse ella, correndo com as unhas os debruns do seu avental.

— Não, não; achas bom! É outro.

Ella sorriu com desdem, erguendo os olhos reprehensivos.

— Minha rica, disse o padre, eu conheço isso. Tu gostas d'elle; sempre é um marido, e tal! Sempre é marido!

Mas de repente, tomando-a pela cintura, freneticamente, os dentes cerrados:

— Mas não casas, não casas, não casas! Vês tu! Não quero! Ah! E dava-lhe no rosto e no pescoço grandes beijos.

Ella tinha-lhe tomado a cabeça entre as mãos.

— Não queres? Dize! Não caso; que importa? Oh meu queridinho! E de vagar, com beijos miudos humedecia-lhe a testa.

Mas aquelle enlevo findára, e Amaro, em quanto ella compunha o cabello, tinha bebido pelo pucaro um grande trago d'agua.

— Estamos doidos. Não ha remedio, filha!

— É triste, é! disse ella pondo o chaile.

Depois, chegando-se a elle, abraçando-o:

— Mas depois de casada, sou a mesma para ti.

— Juras? disse elle, exaltado.

— Juro!

— Pela hostia sagrada, dize, juras?

— Juro, juro.

E abraçaram-se, unidos um ao outro.

E Amelia voltou a casa quasi alegre, tranquilla. Teria uma casa pequenina; seria arranjada e simples; e a ideia do casamento dava-lhe uma serenidade honesta. Porque o escrevente apparecia-lhe como um pobre rapaz sacrificado e infeliz; agora comprehendia-o mais claramente. O escrevente não fôra affastado pelo parocho como impio e immoral: fôra expulso como um marido provavel, pela paixão egoista e audaciosa do pa-

dre. E João Eduardo de certo a amava: pois elle soffrera, empobrecera, chorara, tivera talvez fome! E então destinava-se a amal-o, a envolvel-o em dedicações e em contentamentos, e fazia-lhe a vida doce, clara, satisfeita, consoladora e terna! E seria uma esposa severa, altiva, com escrupulos de mãe! Tinha estas ideias, só, no seu quarto.

Mas depois encontrava-se com Amaro. Via-o. Elle envolvia-a n'um amor violento, soffrego, que a entorpecia como um vinho forte, e a fazia palpitar como uma electricidade.

E elle dizia-lhe:

— E quando fores casada?

E ella ainda offegante, córada, tremula, respirando mal:

— Sempre, sempre, sempre! dizia.

E por seu lado o padre Amaro achava esta solução completa. Para elle terminavam as responsabilidades e os perigos; e continuava o amor com os encantos do adulterio.

— Não acha você? dizia elle ao conego.

— Mas isto não ha de ser assim. E o conego aconselhava. Antes d'Amelia escrever a João Eduardo, que Dyonisio lhe fosse fallar, sondar as suas tendencias, e lhe apresentasse o casamento, não como definitivo e accessivel, mas na possibilidade, como uma esperança e uma cousa *facil d'arranjar*.

Dyonisia foi. Elle tinha sabido que ás vezes João Eduardo estava na typographia da *Voz do Districto*. Era na praça uma casa esguia, escura, de telhados aguçados, varandas de ferro e uma taboleta destingida. Por baixo era taverna. Dyonisia entrou no primeiro andar, n'uma sala pequena. Um homem novo, despenteado e sujo, com um chale-manta pelos hombros, um casaco roçado, apertado, um velho cache-nez ao pescoço, escrevia n'uma mesa cheia de jornaes, livros, papel e rolos de cigarros. Era o sr. Augusto, o redactor. Além da mesa, a sala estava inteiramente nua. A sr.ª Dyonisia perguntou pelo escrevente.

— Que lhe queria, tia Dyonisia?

— Mas elle está cá?

— Foi ha quinze dias para Lisboa.

E o sr. Augusto preocupado continuou a escrever.

— Mas então?... começava a sr.ª Dyonisia,

— Não sei: appareceu-me ahi. Eu não o via ha que tempos! Disse que ía para Lisboa. Nada mais. *Addio!*

A Dyonisia ía a sahir, fechando a porta.

— Olhe lá! disse o homem.

Ella tornou a entrar, risonha.

— Se é questão de rapariga, cá estou eu!

Dyonisia fechou a porta com força.

O padre Amaro esperava-a almoçando. O conego fazia companhia, sentado, fumando um cigarro.

— Então? disse Amaro, quando a viu entrar.

— O homem foi para Lisboa.

O padre Amaro ergueu-se, surprehendido.

— Para Lisboa? mas então?...

— Nem se sabe com quem; nem se lá ficou, nem onde mora. Nada, nada! dizia a sr. Dyonisia traçando, compungida, o seu chale.

— E esta?! disse Amaro para o conego.

— É de truz! disse este, quebrando no pires a cinza do cigarro.

Amaro passeava agitado, com as mãos nos bolsos. A unica solução racional, terminante perante essa difficuldade, estava perdida, dispersa no vago.

— Diabos levem as mulheres! disse o padre Amaro, batendo uma punhada na mesa.

— Amen, disse o outro sacerdote, chupando o cigarro!

XIX

Quando Amelia soube este resultado, desatou a chorar. Estava perdida. O tempo adiantava-se. Vivia na afflicção, no susto perpetuo: receiava que a mãe descobrisse; a cada momento tremia se ella entrava no seu quarto; se a chamava, dava-lhe o coração uma pancada assustada.

— Deus me accuda! murmurava.

— Quando via a mãe sahir, era um alivio, um espaço tranquillo: recorria a todas as dissimulações; tinha feito um casabeque largo que envolvia amplamente a cintura; usava grandes rodas.

Felizmente a S. Joanneira tinha um grande cuidado: a irmã do conego estava perigosamente doente, ella ás vezes passava lá a noite; quasi todo o dia estava em casa d'ella, com cuidados de enfermeira. A velha tinha uma pneumonia. Os dois medicos receavam sobre tudo a edade e a fraqueza; pedira mesmo logo para ser sacramentada. De sorte que a S. Joanneira, preocupada, com as noites mal dormidas, doente tambem, sempre apressada, não notava a grande tristeza, a desolação da filha.

Amelia julgava-se perdida; pensára em matar-se, em fugir, em confessar tudo á mãe, entrar n'um convento; batia desvairadamente a todas as soluções, nada encontrava em que se refugiasse; e as suas noites eram cheias de lagrimas, de orações e de arrependimentos. Com a cabeça sob a roupa, soluçava baixo.

Os encontros com Amaro eram sempre dolorosos; elle mesmo ás vezes tinha pretextos para não ir, porque Amelia só sabia lamentar-se, pedir-lhe que a salvasse.

— Mas, filha, que queres tu que te eu faça?

— Não sei, não sei! Leva-me, tira-me d'aqui. Se isto se descobre, eu morro.

Amaro chegára a fallar-lhe n'um certo remedio.

— Não, isso não, não! Credo! isso não!

Mas dias depois fez perguntas ao padre; se o remedio era difficil de arranjar? o que fazia? se era perigoso? Elle consultou Dyonisia. Ella lembrou-lhe beber *cravagem de centeio*. Mas Amelia não tornou a fallar

em remedios. Alem d'isso, o padre tinha esperança de uma boa solução. O conego fallára-lhe vagamente n'isso. A irmã estava livre de perigo; e de certo modo a doença facilitava, preparava.... Tinha chegado agosto; e n'um dia de grande calor Amaro chegou esbaforido a casa de Amelia. A mãe tinha saído; e ella só, como costumava, cosia enfastiadamente á janella.

—Parece-me que se arranja tudo, disse elle.

Ella fitou-o, avida, suspensa.

—Disse-me agora o conego que vae para a Vieira a banhos, percebes? Arranja-se que tua mãe vá tambem.

—E eu?

—Escuta. Tu vaes para a Cortegana.

—Só! Mas como?

—Ouve. Vaes com a irmã do conego.

—Mas ella?

—Arranja-se, tudo se arranja. Tens lá a criança; só ella sabe. Socega, que ella guarda segredo.

—Eu sei! disse Amelia com uma duvida triste.

—Deixa estar; fica por minha conta. Quando tua mãe voltar d'aqui a quatro mezes, estás livre!

—Mas a mamã quererá?

—Tudo se arranja, deixa estar.

Amelia ficou toda alegre. Estavam sós. Fallaram baixo longo tempo.

—E se eu for para a quinta, tu vaes-me lá ver, sim? Vaes?

—Vou, deixa estar.

—Juras?

—Juro. Vaes lá passar regaladinha.

E Amelia suspirava.

Amaro começava a tranquillisar-se; a solução apparecia; sentia porém uma precipitação afflicta: quereria que os dias corressem de repente, vividos de um trago.

—Mas sua irmã como receberá a cousa? dizia elle ao conego.

—Fallamos-lhe ambos; levamol-a pela religião. Demais a pobre de Christo está fraca, aterrada com a doença. Deixe estar, homem! a cousa arranja-se.

—E a S. Joanneira?

—A S. Joanneira fica por minha conta. Sabe o que não se remedeia, amigo? é a morte. O mais...

E n'esse mesmo dia fallaram á velha. Estava então na convalescença; já se levantava, mas estava fraca; mal fallava, assustada, propensa ás visões e cheia do temor de Deus.

Era ao começo da tarde. Ella estava no quarto, n'uma cadeira baixa, de braços; tinha os pés embrulhados n'um cobertor; um grande chale envolvia-a; a sua physionomia apparecia pallida, cavada, tremula, entre as rendas de uma touca branca; tinha ao pé n'um banquinho a escarradeira e o lambedor. O parocho e o conego tinham estado callados procurando a occasião. O conego passeava no quarto.

—Sabe o que deve fazer, mana? disse elle de repente, parando ao pé d'ella, é ir passar um mez á Cortegana. Um? dois, tres! Fazia-lhe um bem!

Ella ergueu a voz debil, vindo vagamente do fundo do peito, custosa:

—Eu tenho lá forças! disse.

—Se tem! observou Amaro, que estava sentado no poial da janella. E lá é que as ganhava. Lá é que era!

—Está claro, affirmou o conego. Isto, minha rica, o verdadeiro remedio é mudar de ares! Para tudo. Assim que eu fosse para a Vieira, a mana mettia-se aqui n'uma carroagem.

—Ora, murmurou ella, ir para lá só!

—Tambem ninguem lhe diz que vá só, accudiu o conego.

—De certo. É o que faltava! disse Amaro.

E na sua preoccupação os dois padres passeavam pelo quarto. A velha pedira-lhes que se sentassem, porque o movimento agitava, arrefecia o ar.

—Olhe, sabe a mana? disse o conego, sentando-se ao pé d'ella, —leve a Amelia. É uma boa rapariga; é uma companhia.

A velha tossia, cuspindo na escarradeira, que inclinava á luz para ver se havia raios de sangue.

Então o padre Amaro com uma resolução:

—E fazia um grande favor á pobre rapariga, coitada!

—Favor porque? disse a velha erguendo o rosto para Amaro.

Mas o padre embaraçado fingia examinar attentamente uma pequena ferida que tinha no dedo; hesitava; temia propôr claramente áquella beata hostil uma condescendencia omminosa.

—Pergunte alli ao sr. conego, disse elle. É um caso muito sério! coitada!

A beata olhava para ambos, pasmada, atravez dos seus oculos azues.

—Não, não; conte você, disse o conego.

—Não, não, diga lá o senhor.

Mas o conego callou-se. E então o padre Amaro chegando-se ao pé da beata, com um tom triste, de desgraça:

—A Amelia, coitada, succedeu-lhe um grande desastre. E fallando, compunha o chaile da velha, com cuidado.

Mas hesitava, e então o conego, chegando-se, com as mãos nos bolsos, o ar decidido:

—Olhe mana; para que havemos de estar aqui com cousas? A rapariga está gravida! É o que é!

A velha teve um estremeção; ia fallar talvez, mas veiu-lhe a tosse, e toda curvada, fortemente sacudida, cuspinhava com ancias, arrocheada nas faces. O padre Amaro tinha-lhe approximado a escarradeira, e quando ella serenou:

—E agora do que se trata, minha senhora, é que a mãe não saiba!

—E contámos comsigo, mana. Aqui está! Ora, assim, a gente entende-se melhor.

Mas a velha tinha deixado o chale descrusar-se, e com as mãos seccas sobre os joelhos, um pouco inclinada:

—Comigo? perguntava.

—Sim, sim, disse o parocho. Ora, escute:

A velha ia interromper, negar, repellir....

—Mas escute, senhora!

—Ouça, mana, ouça!

—A rapariga está n'aquelle estado. O que se não remedeia, remediado está. A senhora leva-a para a Cortegana. A mãe vae para a Vieira. Está resolvido. A rapariga tem a creança, e...

A velha ia fallar. Estava cheia de movimentos, excitada, e na pelle livida e secca viera-lhe uma vermelhidão.

—Mas ouça, tenha paciencia, dizia o parocho. Tudo isto é para dar tempo. Eu sei em segredo de confissão quem é o pae.... percebe?

—Isso não faço eu! isso não faço eu! disse a velha, elevando a voz e arquejando fatigada da impressão.

Amaro irritou-se.

—Não faz? Pois faz um grande peccado mortal; um peccado que não tem absolvição. Mette aquella alma no inferno, e mette a sua. Não encontra um padre que lhe dê a absolvição.

—Nenhum! disse o conego.

A velha tinha-se feito livida; tremia na sua cadeira, tossia.

—É serio, senhor parocho? dizia. E vinham-lhe grandes expectorações.

—Tão serio como se estivesse no confessionario. Ora ouça; sabe o que faz? O homem é casado: descobre-se a cousa; a rapariga fica perdida; a auctoridade toma conta do caso; temos ahi processo; ella é capaz de se matar. Já fallou n'isso. Diga-me: quer isto sobre a consciencia?

—Valha-me Deus! disse com grande angustia a beata. Mas que heide eu fazer?

—Estamos-lhe a dizer, mana. Leva a rapariga para a Cortegana. A mãe vae para a Vieira. Não se vem a saber nada.

—Olhe, minha senhora, dizia o parocho, com tom lugubre, lembre-se que já está de edade. Deus póde chamal-a d'um momento para outro. Olhe, que vae em peccado mortal.

—Ande, mana, ande, que a morte vem quando menos se espera!

A velha estava aterrada. O chale caira-lhe, e a magreza das suas clavículas fazia saliencia no vestido; o pescoço engelhado estava á larga no collar do vestido; o peito secco e chato tinha um aspecto extincto; e as suas mãos, inertes, tremulas, apanhavam vagamente em redor.

—E eu não pecco, senhor parocho? disse ella com uma voz lamentavel.

—Salva-se, minha senhora! Olhe que eu sentia uma voz de dentro que me dizia: *falle a fulana, falle a fulana!* Tambem lhe digo: a não

ser assim, morre para ahi como um cão. Não serei eu que lhe dê os sacramentso.

—Ninguem lh'os dá! disse o conego.

E a velha, tomada de terror, consentio em tudo.

Os dois padres sairam ao anoitecer. Esfregavam as mãos.

—Saiu ás mil maravilhas.

—É isto, meu amigo! é inferno para a frente e mais inferno! Consegue-se tudo.

E o padre subio para casa radioso.

Logo n'essa noite o conego, que tinha pressa de ir para a Vieira, fallou á S. Joanneira. Estavam em baixo, no quartò, sós. Havia um candeeiro de petroleo na mesinha da cabeceira. Fallava á S. Joanneira da casa que alugára para ella.

—Mas isso é um nicho. Então onde hei de metter a pequena e a creada?

—Ora, aqui é que está! disse o conego. É que justamente a Amelia d'esta vez não vae á Vieira.

—Não vae? disse a S. Joanneira, rindo.

E o conego então expoz o desejo da irmã; queria ir convalescer para a Cortegana, mas não havia de estar só:

—Eu não posso ir. Tenho de tomar os meus banhos. A senhora bem sabe. A pobre de Christo tambem não ha de estar para alli só, com uma creada.

A S. Joanceira teve um pequeno silencio.

—Sim, isso é verdade, mas olhe, para lhe dizer com franqueza, custa-me bem! Eu, se podesse dispensar os banhos, ia eu.

—Qual ia! A senhora vem para a Vieira. Eu não hei de estar lá só. E passando-lhe a mão pela cara.—Sua ingrata! sua ingrata!

E tomando um tom serio:

—A senhora veja bem. A Josefa está com os pés para a cova; ella sabe que o que eu tenho, para mim chega. Ella tem affeição á pequena; se a vir agora a tractal-a na doença, estar alli só com ella uns mezes, fica pelo beiço. Olhe que a Cortegana é d'ella, e ainda vale um par de mil crusados. Não lhe digo mais nada.

E a S. Joanneira tinha annuido na esperança d'aquella fortuna.

E foi assim que d'ahi a dois dias, a irmã do conego e Amelia foram n'um *char-à-bancs* alugado para a Cortegana, na estrada de Santa Catharina. Em cima do carro iam dous bahus de lata. A velha ia doente, deitada sobre almofadas. E Amelia, ao abraçar a mãe, rompera a chorar.

(*Continúa*)

Eça de Queiroz.

LA SITUACION POLITICA

DE ESPAÑA

CON RELACION Á LOS PUEBLOS LATINOS

Por tantos títulos importa á Portugal y á los pueblos latinos la suerte de España, que apenas se comprede cómo los hombres pensadores de todos esos paises no toman una parte más reflexiva y eficaz en el estudio, conocimiento y remedio de los males que aflijen hace mucho tiempo á la noble tierra que el Ebro y el Tajo bañan. Deber muy alto y de interés verdaderamente internacional obliga á parar mientes en un negocio que, bajo cualquier punto de vista que se le considere, ha de influir de mil maneras en las relaciones de diversa índole y de múltiple carácter que ligan la suerte de diferentes Estados cuyo orígen, cuyos idiomas y cuya manera de ser son tan afines.

Apenas se concibe que atendiendo á estas consideraciones y otras de naturaleza análoga, y por la identidad de intereses sociales permanentes, no haya quien sin descanso procure ejercer una influencia continua y simultánea en la condicion de tantas nacionalidades hermanas.

Aun suponiendo que los Estados latinos de América no se hallen tan directamente conexionados con la antigua metrópoli, como los europeos sus vecinos, es indudable á la clara luz de la razon y la reflexion que estos ejercen entre sí un mútuo y poderoso influjo. Si se descuida el imprimir á su régimen una atinada direccion, el egoismo de otros pueblos y otros gobiernos se aprovechará de esta incuria y se valdrá de tan favorable coyuntura para suplir con su iniciativa, su simulada tutela

y su protectorado indirecto, la saludable accion que en sus propios destinos debieran ejercer.

De tal procedimiento ha de resultar, y quizá se advierte ya, una declinacion del carácter, una humillacion y un abatimiento parecido al del hombre débil, que inhábil para dirijir sus acciones con pleno conocimiento de sus conveniencias, obra tan solo á impulso de sujestiones bastardas que explotan en beneficio ageno la incapacidad, inexperiencia y falta de sentido práctico que son inherentes á aquella apatía y debilidad.

Con frecuencia se oye entre nosotros deplorar la decadencia de nuestra raza, y lamentables ejemplos comprueban uno y otro dia que hay en efecto en nuestra organizacion política y social un vicio de conformacion ó un signo de decrepitud que nos obliga á ir á la zaga y como á remolque de los progresos de otras naciones más venturosas. Es muy socorrido atribuir ese fatal fenómeno á diversas y mal estudiadas causas, considerándolo con indiscreta vulgaridad efecto de condiciones climatológicas: lo que equivale á dar por lógico y razonable el que perezosos y sibaritas atribuyan su inactividad é indolencia no á sus hábitos y vicios, sino al incontrastable predominio que sobre su voluntad ejerce el placer que le proporciona el regalado lecho y la plácida temperatura de su cámara.

Ah! no. Los defectos de las costumbres no son incorregibles. Contra esa segunda naturaleza hay una palanca tan enérgica como la que buscaba Arquímedes, y consiste en la fuerza de voluntad.

A los hombres que conocen lo que puede esta máquina poderosa del ser racional; á los que han estudiado filosóficamente lo que vale y lo que sirve la potencia llamada voluntad; y no conservan las ideas fatalistas de nuestros antepasados ni se dejan engañar por las absurdas teorías de los ánimos cobardes, importa concitarse á un acuerdo comun, á un propósito unánime, para que en mútua cooperacion constituyamos una suma de voluntades y fuerzas capaces de vencer todas las dificultades de un estúpido tradicionalismo, todas las resistencias pasivas del fatalismo y la pereza, y cuantas influencias extrañas intenten emplearse en contra de nuestro bien y de la prosperidad de la raza latina.

Empecemos por conocernos y entendernos. Combinemos nuestro plan y acometámoslo. Por de pronto nos ofrece ya una ventaja la indolencia, el quietismo de los indiferentes; y si llegamos con los resultados á despertar de su atonía á algunos, ellos nos servirán de auxiliares desde el momento en que adquieran la conciencia de lo glorioso de la empresa. *Omnia labor vincit* y *gutta cavat lapidem*.

No dará prueba de muy intiligente el hombre mezquino que halle utilidad para sus intereses individuales ó de colectividad propincua, en la ruina y miseria de su convecino con quien vive en correspondencias de trato social ó comercial. Los pueblos, como los individuos, valen y prosperan tanto más cuanto más sólido es el crédito de sus relaciones y cuanto mayor es el estímulo de la competencia.

Confesada esta verdad y sentado y admitido el principio de solida-

ridad entre las nacionalidades latinas de ambos hemisferios, y la imprescindibilidad de oponer el contrapeso de su valía para neutralizar siquiera la preponderancia lógica y creciente, de otras razas, y con el fin de marchar, si delante no, al lado al menos y á compás de otras civilizaciones, claro es que importa fijar la vista y la atencion, de concierto todos, en la situacion de cada uno; y de aquí la demostracion de los asertos con que se encabeza estos renglones.

Por eso yo, español de nacimiento, cosmopolita por conviccion, y latino por naturaleza y conveniencias, creo de mi deber coadyuvar con mis débiles fuerzas á la realizacion del gran próposito que alienta á los que como yo piensan y creen.

La suerte de España no puede ser, no debe ser, no es indiferente á los pueblos occidentales. Su situacion y su porvenir han menester del apoyo fraternal de los que en ello tienen interés, y á ellos corresponde estudiar sus males é inconveniencias.

Qué significan las contínuas evoluciones y revoluciones de esa tierra? De qué proceden? En qué consisten?

Este es el exámen que me propongo hacer, indicando al mismo tiempo y como de pasada los principales remedios que á mi modo de ver son más urgentes, separándome para mayor imparcialidad de todo procedimiento sistemático, de toda preocupacion de partido, de toda intransigencia de escuela.

Una observacion de muchos años, una larguísima experiencia me han aleccionado, y sé por ende que no es más atinado criterio para juzgar de las cosas y los hombres el idealismo de la teoría, ni el sentimentalismo.

En el análisis de los hechos sociales es preciso aplicar toda la severa y fria reflexion que se emplea en las ciencias experimentales. Solo así se puede llegar á la averiguacion de la verdad y á la comprobacion de los principios y leyes generales que así rigen en el mundo material como en el moral é intelectual.

España es una nacion de brillantes tradiciones, cuyo recuerdo entusiasma á sus naturales haciéndoles creer que aquellos tiempos gloriosos anteriores no han acabado y que viven en el mejor de los mundos. El español, de quien ha dicho estos dias en *La Liberté* un periodista que recientemente nos ha visitado, que es una extraña mezcla de civilizacion y salvagismo, no merece por cierto esta calificacion por más que con su conducta y su cáracter dé lugar á ella. Pero en el fondo es siempre el tipo honrado, noble y caballeresco del antiguo hidalgo, si bien el endemoniado espíritu de la ambicion política le haya extraviado.

Su cielo, su suelo, su clima, sus campos, sus producciones son para el español lo incomparable, lo singular, lo sublime, aun para muchos que han viajado y visto cosas mejores. Lo único malo para el hijo de España es su gobierno, son sus hombres de Estado, mientras viven, ó por lo menos en tanto que ocupan el poder. En cambio, depues de bajar al sepulcro raro es el personage en quien no encuentra alguna ó muchas

virtudes que encomiar, sobre todo si murieron pobres; y esto es muy esencial, aunque esta pobreza sea resultado de la desipacion y el derroche.

Hombres de gobierno ha habido contra quienes se alzaron tormentas populares pavorosas, y sin embargo se rehabilitaron despues hasta convertirse en nueva esperanza del pueblo, merced á algunas peroratas ó filípicas en el parlamento contra cualquier ministerio desgastado. Verdad es que los ministros por acá se desacreditan muy pronto y muy fácilmente; y nada hay tan sabroso y del agrado general como el contribuir á su difamacion. Si fuera factible dar conferencias públicas para referir anécdotas escandalosas y sacar á luz los defectos públicos y privados de los hombres más notables, realizaría una gran fortuna el que lo pusiera en práctica, aunque fijara un alto precio á los billetes de entrada.

Este afan de difamar á nuestras eminencias políticas es característico en España y constituye uno de los principales gérmenes de nuestro descrédito ante el mundo culto, y es, á no dudar, orígen así mismo de muchas desgracias. Aun nos atreveríamos á asegurar más, si fuéramos pesimistas: porque se necesita una virtud muy heróica para ser puro y escrupuloso en el ejercicio de un cargo, cuando existe la seguridad de que de todos modos se ha de perder la honra ante el concepto de nuestros conciudadanos. Este vicio nos recuerda que su contagio es tal, que especialmente en nuestras posesiones de Ultramar pueden tener la seguridad los funcionarios públicos que allí sirven de que su fama será constantemente blanco de la maledicencia, y quedará lacerada y deshecha con mengua suya y descrédito de la administracion. Hemos visitado á Cuba, y con dolor advertimos durante nuestra permanencia allí, que el tema casi interminable de la chismografía de aldea que en aquella provincia domina, lo constituyen la inmoralidad de los empleados, las suspicacias del filibusterismo, con el ódio á los Estados Unidos, y las aprensiones del vómito. Mucha culpa de estos malos hábitos procede de otro inmoderado y lamentable prurito que nos corroe; y es la político-manía, ya ha largos años censurada en una de sus más discretas comedias por nuestro inmortal Breton de los Herreros, si mal no recuerdo.

La político-manía es una especie de necesidad orgánica en España, si no es una enfermedad endémica ya, de la que contagiado me siento, como lo demuestra este escrito.

Siempre he creido que la ciencia de gobernar es tan difícil y compleja, como que para ser perito en ella se necesita un gran conocimiento de la sociedad, del corazon humano, de la filosofía de la historia, y estudios enciclopédicos suficientes para saber elegir y juzgar del auxilio, que á cada momento es necesario, de todas las demás ciencias y de todos los hombres especiales. La política para mí es la ciencia de las ciencias.

Por eso encuentro siempre, y cada dia más, tan ridículo y enojoso oir por todas partes en calles y plazuelas, en teatros y cafés, en público y en privado, entre hombres y mujeres hablar *ex catedra* no solo del mal

éxito que los actos de los gobiernos dan de sí, que para eso basta sentir los efectos; sino exponer planes, sistemas y teorías sobre todos y cada uno de los ramos de la gobernacion del Estado, como si se tratara del negocio más sencillo y baladí. ¿Quién no se considera en España, por poco parlanchin que sea, capaz de ser en Hancienda un Necker, ó en Marina un Ensenada, ó en Guerra un Molke, ó en los demás ramos un Jovellanos ó un Meternich, ó un Bismarck, ó cuando menos un Cavour? De aquí que todos esos políticos de vuelo bajo eclipsen la memoria de Foridablanca, y pongan de oro y azul á los Mendizabal, los Martinez de la Rosa, los Toreno, los Posada Herrera *et tuti quanti*.

Pero hay una causa especial para esta comezon gubernamental, y es la facilidad con que se escalan las más brillantes posiciones en todos tiempos, aprovechando las contínuas revueltas y trastornos de que somos víctimas, y que han dado lugar á tantos cambios y ensayos que nos llevan, como en un columpio, primero á mudar de ministerios á cada vaiven, á mudar de reyes y sistemas, trasportándonos quizá de la anarquía á la dictadura, y de la república socialista y federal á la anarquía teocrática y absolutista.

¿Quién en este juego de azár no se aventura á un envite? ¿Quién en este rio revuelto no se mete á pescador?

Si de vocinglero de café ó arengador de turbas, ó tribuno insustancial de un club, ó gacetillero insolente y procáz se puede ver cualquiera á impulso de un huracan favorable levantado cual leve arista al pináculo del poder, ¿quién no contribuirá con su soplo á aumentar el ímpetu de los prisioneros de Eolo? Y cuidado, que en esto de Eolos contamos con tantos cuantos caben en nuestro mezquino Olimpo, y todos con ínfulas de Júpiter y siempre dispuestos á destruir el orbe con sus rayos.

Si reparamos los anales contemporáneos y nos fijamos en los repetidos motines y pronunciamientos á cuyo frente ha figurado siempre algun Jove tonante ayudado de algunos otros semidioses de su escuela; si estudiamos y comparamos los móviles de su arrojo y las consecuencias de sus triunfos ó derrotas; si reparamos algunas hojas de servicio y desentrañamos los hechos de armas que han servido de base para los ascensos; y en fin, si recordamos las análogas maneras con que hemos derrocado tantas y tantas situaciones, y unas veces nos hemos quedado sin ejército casi, y otras hemos llorado los efectos del militarismo, nos convenceremos sin grave esfuerzo de que uno de los males más profundos dimana del desenfreno de las ambiciones políticas que han invadido todas las clases y capas sociales; de la escasa raiz que sostiene á los poderes públicos; del efímero apoyo que les presta la opinion y de la propension de las masas populares á dejarse alucinar por cualquier oferta de mejorar su suerte. Pues no se concibe que un pueblo laborioso y feliz se deje dominar por el grito de un soldado más ó menos audáz ni intimidar por unos cuantos batallones. Si así fuera, ese pueblo demostraria haber llegado al último periodo de la insensatez y de la cobardía.

Lo más extraño consiste en que la multitud se adhiere sin violencia á esos jefes de sedicion y se entusiasma con sus triunfos, y alza sobre el pavés al afortunado y lo aclama y victorea con frenético delirio, para arrojarlo despues de su pedestal y colocar en el mismo sitio la altiva figura de otro vencedor á quien se une.

Y como el éxito es el *paladium* de todos los audaces, el número de estos se multiplica; y como el vencedor es siempre pródigo en repartir mercedes que nada le cuestan, la esperanza del premio aumenta los prosélitos, así como el desengaño hace brotar á millares los descontentos, porque no es posible que alcance á todos el botin. Añádase á esto la imposibilidad de realizar los programas de ventura general, y quedará explicado el descrédito rápido de los ídolos y la necesidad de otros nuevos.

De aquí la multiplicidad de partidos, y partidos cuya enumeracion quizá nos preste materia para un curioso cuadro sinóptico.

La perturbacion que estos repetidos cambios ocasiona no es fácil de calcularse; porque, en primer lugar produce una mutacion casi total de los empleados altos y bajos y de los agentes de la administracion, considerando los cargos públicos patrimonio exclusivo de los partidos y justo prémio de los compadrazgos y complicidades políticas. Hé aquí demostrado el por qué de tanto desarrollo en el furor político-manó, y por qué el país se va fraccionando en tantas agrupaciones políticas cuantas son necesarias para las combinaciones numerosas á que se presta la suma de 17 millones de habitantes. Por esta misma razon, desde el más humilde destripaterrones hasta el más campanudo y encopetado filosofastro tienen constantemente puesta la mira en algun asiento del presupuesto y desecha con desden y como cosa indigna toda otra ocupacion comercial ó mecánica: siendo de advertir que algunos se contentan, á falta de cargo público, con una negociacion burocrática á que siempre está pronto nuestro Tesoro, con una contratilla lucrativa ó una mediocre subvencion. Ello ha de ser al menos algo que permita estrujar en lo posible el fruto sabroso del Erario.

Pero no estriba solo en esto, que no es grano de anís, el fatal influjo de la instabilidad de los Gobiernos.

Como á cada uno que se encumbra sigue un plan nuevo, pues no se contentan con restaurar sus procedimientos primitivos sino que la versatilidad es completa, de igual modo la variabilidad de la ley, y el periodo constituyente son tambien constantes. De esto proviene el que nadie sepa á que ley atenerse, que no haya tiempo en la vida del hombre para adquirir el debido dominio de las disposiciones vigentes, y que pocos tengan conciencia perfecta de sus deberes, ni entiendan de leyes, como con ingenuidad casi infantil y en un *lapsus* parlamentario, declaró un eminente repúblico de quien la patria guarda nobles recuerdos.

De leyes hablamos y nos causa repugnancia formular lijeras indicaciones en este punto.

Las leyes sobre administracion y sobre justicia son por punto ge-

neral bastantes y asaz discretas cuanto más antiguas; pero ¿de qué sirven estas, si á cada paso varian las leyes fundamentales; si llevamos siete ú ocho Constituciones desde 1821, y á cada trastorno político se prescinde de la vigente y arbitrariamente se gobierna hasta elaborar otra nueva y si basta que un ministro dicte una disposicion para que su sucesor la derogue? Recuerdo á este propósito una anécdocta del famoso pronunciamiento de Madrid en 1854.

Entre los gritos con que las enfurecidas turbas ensordecian los aires en aquella memorable noche, oí gritar á un famoso jefe de grupo: «¡Viva la Constitucion del 36!...»

—No señor: la del 12!—respondió tambien á grito herido otro revolucionario.

—No señor: otra más nueva!—repuso un tercer energúmeno.

Tales eran las armonías con que se inauguraban las escenas de fuego y sangre de aquella noche, que se calmaron pronto por fortuna, y porque en efecto no es cualidad dominante en el pueblo español el instinto de rencor y sanguinario. Grande enseñanza la de aquel bienio, mal aprovechada por cierto. El ídolo Odonell fué pospuesto al ídolo Espartero. Este fué vencido por aquel y abandonado del pueblo su idólatra que á los dos años quemaba su retrato en las calles de Madrid.

¿Quién fía del pueblo insano
que hoy adora á un ciudadano
y mañana le apedrea?

Esto ha dicho un poeta.

Pero sigamos hablando de leyes.

Estas son la base de la justicia; pero ni es raro que la justicia se ponga la base por montera, ni hay casi gobierno que no trate la justicia á monterazos.

Ya se vé: ¿qué puede hacer un ministro á quien se quejan de las injusticias de los jueces? Y ¿qué hará un juez que no puede esperar nada del amparo de la justicia, de las leyes ni del ministro?

¿Qué hará? Hará política.

Vendrá un dia un elector influyente que comete un acto penable ó desea que se falte á la ley porque así conviene á los deseos, por ejemplo, de un particular ó de un pueblo. El juez, si es de conciencia recta, se negará resueltamente á faltar á sus deberes; pero ¿y las consideraciones políticas? ¿y las conveniencias de partido?

«Sr. juez:—le dirá una carta.—Procure V. S. en lo posible, sin faltar á los fueros de su rectitud, conciliar estos con los compromisos del Gobierno. D. Fulano es una persona de arraigo, amiga de la situacion... etc.»

El juez sabe bien lo que esto significa.

¿Cumple con su deber? El hombre influyente pedirá y obtendrá su traslacion á otro distrito donde podrá ocurrirle lo mismo. Y si no cum-

ple... En esta lucha, en tan dura alternativa se necesita una conciencia muy acrisolada para que si no en el primer embate, se deje de sucumbir al segundo.

Y la perturbacion de los sentimientos del deber es tal, que ni aun el sistema de la inamovilidad judicial es bastante garantía, ni los gobiernos gustan de este sistema.

La justicia no es un poder, es un instrumento gubernativo.

Las leyes...! Vamos: no siempre se falta á las leyes: lo que se hace es derogarlas y dictar otras que favorezcan los propósitos de los gobernantes.

Llevamos ya apuntados unos cuantos vicios, como son la politicomanía, la empleomanía, la comezon de la maledicencia, la variabilidad, el desconocimiento de las leyes, la falta de respeto al principio de autoridad, el desden á todo ejercicio de las profesiones que no sostiene el presupuesto, y pudiéramos añadir la vanidad, la holganza, la falta de aficion á los estudios sérios, y otros muchos pecados capitales, sin que tengamos otras tantas virtudes que oponerles.

Lastimoso en verdad es el cuadro que hemos trazado; pero aún le faltan algunos toques.

Y sin enbargo, y apesar de cuanto hemos expuesto, si entablamos polémica con cada uno de los hombres de gobierno que han alternado y se proponen alternar en la gestion de la cosa pública, no podremos menos de confesar que se consideran animados de los más patrióticos sentimientos; que solo se mueven á impulsos del más puro deseo en pró del bien comunal; que solo aspiran á labrar la felicidad de la patria; que no hay ninguno que no abrigue la más concienzuda fé en la virtud de su ideal político; y os demostrarán en fin, como tres y dos son cinco, que son absurdos, contraproducentes, desorganizadores y ruinosos los principios que aplican los demás partidos. Por eso se esfuerzan y nada más que por eso, en imposibilitar el advenimiento de sus contrarios al poder, y á medida que estos redoblan sus algaradas por obtenerlo, aquellos multiplican los obstáculos y las resistencias, trabándose luchas terribles que producen continuos choques y estallidos y explosiones y catástrofes. Por eso se suceden las conspiraciones y los motines, las emigraciones y los pronunciamentos, las elevaciones y los derrumbamientos, las asonadas y los golpes de Estado, sin que se logre pasar un año de tranquilidad y libre posesion de los medios de gobernar. Por eso cada situacion tiene siempre en frente la perspectiva de una coalicion para derribarle; porque esto es lo único para que ha logrado aclimatarse entre nosotros el espíritu de asociacion. Por eso en la actualidad tenemos á los carlistas en campaña, á los alfonsistas en el poder por ahora, á los monárquicos antidinásticos pensando en otro rey como el pueblo judio en el Mesías; los republicanos de órden reorganizándose á oscuras, y los federales preparándose en secreto y azarosamente para el *dies irae*.

Prescindamos de lo que dentro de cada una de esas abigarradas agrupaciones pasa, porque sería el cuento de nunca acabar.

Resultados positivos, tangibles, de tanta division, animosidad y desconcierto:

1.° Que no hay progreso moral ni material posible.

2.° Que la produccion se estanca y la industria languidece y el comercio se atrofia.

3.° Que la agricultura y toda la propiedad se ven obligadas á sostener los enormes dispendios de la guerra, los esquilmos de la deuda y los despilfarros de la mala administracion.

4.° Que la deuda aumenta, el *déficit* cunde y el crédito disminuye y se anula.

5.° Que descuidamos todo lo que no tiene conexion íntima con las pequeñeces y miserias de partido y no podemos atender á las complicaciones ultramarinas.

6.° Que se arraigan cada vez más los hábitos de aventureros y merodeadores de la política.

7.° Que se relaja la disciplina y se desenfrena la ambicion de mando.

8.° Que la poblacion y la produccion no tienen el desarrollo proporcional inherente á las leyes del progreso humano.

9.° Que nos arruinamos en el interior y somos malquistos en el exterior.

10.° Que nos exponemos á las contingencias del desagrado y la desconfianza de Europa, siendo imitadores de los americanos nuestros hijos y de los árabes nuestros padres; y

11.° Que somos ludibrio y baldon de proprios y extraños, sin que los pocos hombres de buena fé que desearian sacar el fruto necesario y debido de su laboriosidad y su trabajo, puedan hacer otra cosa que renegar de su patria, vegetar en la oscuridad, y hacer coro á los difamadores de oficio.

Y ¿tendrán remedio tantas calamidades?

Difícil es, pero no imposible.

Si en tiempos y paises monárquicos fueran legales ciertas hipótesis, no faltaria quien osara afirmar que el remedio es posible con y sin monarquía: y así como esta no es la clave y fuente única de las calamidades públicas, preciso será indagar el verdadero manantial de donde ellas nacen y se deriban, y en su fondo y raiz cegar la fuente.

Pero yo soy un petulante como tantos otros empíricos, curanderos é inventores de específicos y panaceas, y vengo á incurrir en el general defecto que censuro en el vulgo de mis compatriotas, que hacen púlpito de la mesa de un café y allí plantean y proponen sistemas como si de cosa llana y hacedera se tratase.

Asombro causará y risa y mofa el ver que siendo tantos y tan arraigados y crónicos los males que describo y enumero, me atreva yo á propinar la receta como si se tratara de un simple constipado.

Y me atrevo en efecto, por más que de mi audacia se burlen doctores y especialistas, y á trueque de que la perogrullada que propongo

parezca un remedo del famoso método italiano de matar ciertos insectos.

Mi plan curativo se sintetiza en esta fórmula: *Sublata causa, tollitur efectus.*

O más claro: conocidos las orígenes del mal, estirparlos adoptando un sistema diametralmente opuesto al seguido hasta el dia.

Yo no sé si el que dejo trazado será copia fiel del original, aunque abrigo la interna conviccion de conocerle bien. Tal vez habrá quien considere una caricatura sin parecido lo que yo presento como una fotografía. Debilidad es en la humana naturaleza el que nos desagrade y parezca incorrecta y desgraciada la copia en que se reproducen, tales como son, nuestras fealdades; pero aun suponiendo exageracion en los rasgos, estoy seguro del parecido, y por desagradable que sea el retrato y feo el original, debo confesar muy alto que amo á este porque es mi compatriota, mi hermano; que le presento en relieve sus defectos para que se avergüence de ellos, los reconozca y corrija, puesto que de enmienda son susceptibles. Y en fin, si apesar de mis protestas hubiera quien hallara poco caritativa la obra, cúlpese á sí mismo y censúreme como quiera; que yo al fin y al cabo podré repetir la manoseada frase poética

> Arrojar la cara importa,
> que el espejo no hay por qué.

Acaso no falte quien con el mismo poeta inmortal que antes cité en su comedia *Me voy de Madrid* me recuerde la pregunta de

> Y dónde hay hombres perfectos?
> Lo es V. acaso?
> — No.
> ¿Pero tengo de ser yo
> Quien censure mis defectos?
>
> No faltará quien se tome
> ese trabajo, en verdad:
> porque aqui la caridad
> es fruta que no se come.

Esta respuesta tengo aparejada por si acaso; y en último resultado sepa quien más objeciones aducirme intente que cuanto estampado por mi pluma queda, reproduccion descolorida es solo de cuanto diariamente leemos y comentamos en periódicos y comedias; y por último quédame para defenderme contra agresiones injustas mil discretas citas de eruditos:

> Las virtudes son severas
> y la verdad es amarga.
> Quien te la dice, te aprecia
> y quien te adula, te agravia.

Y en fin:

A todos y á ninguno
mis advertencias tocan.

Más dura que mi pluma ha de ser la historia, y si queremos endulzar sus páginas forzoso será que leguemos otros materiales que los que están preparando las generaciones actuales.

A la imparcial posteridad me remito, á su fallo apelo; y si este escrito vence al tiempo y allá en edad futura cae en manos de algun comentarista, seguro estoy de que me agradecerá el trabajo, y comparando las costumbres políticas de ogaño, en esos dias posteriores antaño, con las reformadas y mejores de nuestros nietos, podrá exclamar: «Quantum mutatus ab illo.» «Algo contribuyeron á corregir los defectos de aquellos tiempos escritores modestos é imparciales como el autor de estas líneas.»

He indicado que tal vez trazaría un cuadro sinóptico de las diversas parcialidades políticas de España, para demostrar su extenso fraccionamiento. No un cuadro sinóptico que por su forma especial y sus dimensiones no se prestara facilmente al tamaño y condiciones de una Revista; pero sí una reseña he de trazar que supla á aquel cuadro, y sirva para completar el estudio á que se encamina este artículo.

Dos principales divisiones existen, y creo que por antitéticas que parezcan, á mi modo de ver son hoy en mi patria como en casi todas las naciones los dos hemisferios constituyentes del globo político: Monárquicos, Republicanos. Ambas agrupaciones se justifican perfectamente y son tan antiguas como todos sabemos, y se vienen disputando el constante dominio del mundo.

Pero veamos cuales son las subdivisiones de cada una de estas poderosas falanges.

Los monárquicos españoles se dividen, en primer lugar, en carlistas, alfonsistas, idealistas, iberistas, cquixistas, isabelinos y amadeistas.

Este último grupo está tan reducido, que apenas constituye grupo, como no lo constituye tampoco otro que casi no nos atrevemos á mencionar ya: el de los Mariluisistas ó Montpensieristas vergonzantes, hoy ya confundidos con los alfonsistas.

De modo que tenemos ya dentro de la monarquía nueve divisiones principales más ó menos numerosas.

Los carlistas á su vez están fraccionados en carlistas partidarios de D. Alfonso de Este, que pudiéramos llamar absolutistas desidentes, en Cabreristas, constitucionales, fueristas, católicos fanáticos, ex-isabelistas, eliistas, mendiristas, dorregarayistas y aventureros.

No conocemos bien los límites que deslindan la actitud de esas pandillas, que en punto á doctrinas principian en el tipo del liberal que sigue apegado como el molusco á la roca, á la idea de la legitimidad de Carlos V y su descendencia, hasta el absolutista furibundo é intransigente, á quien parecería demasiado tolerante en este siglo, Felipe II, y pediría desde luego el Santo oficio con sus hogueras y la expulsion de

los moriscos de esta época, ó sean los libres pensadores, los masones y hasta la última generacion de cuantos han profesado la menor idea liberalesca. Llamamos aventureros, porque en efecto la son, á una numerosa falange de perdidos que sin opiniones políticas ni capacidad para ella se amparan de la bandera carlista como de otra cualquiera para vivir del merodeo, satisfacer venganzas ó buscar medro, habiendo errado los cálculos, si es que no han encontrado la impunidad de sus delitos comunes como en todos tiempos se busca entre los trabajadores de los distritos mineros ó en los paises con que no hay tratado de extradicion.

Llevamos ya anotados diez y nueve grupos. Pero sigamos, que estamos muy al comienzo, dejando ya á los carlistas á un lado.

Los alfonsistas forman otro partido de no bien conocidos elementos; pero entre los antiguos y consecuentes y los modernos ó neófitos, entran como componentes en primer término, los moderados impenitentes; los neocatólicos cuyo órgano es *La España Católica;* los conservadores, resto del antiguo puritanismo, como Cánovas y sus adictos; los destacados de la union liberal Odonellista, como Posada Herrera y otros; los unionistas que estuvieron al otro lado de Alcolea y son por lo tanto revolucionarios penitentes, y dentro de poco los imitadores de estos revolucionarios hasta ayer, monárquicos que aceptaron como hecho la República, que incensaron á D. Amadeo y que hoy buscan la puerta por donde con más decoro puedan penetrar en palacio á esperar su hora: estos son los llamados constitucionales, vencidos á fines de diciembre último y sorprendidos en la mesa del presupuesto.

Más adelante habrá que añadir los progresistas históricos, ex-radicales aún indecisos que como los constitucionales esperan una invitacion honrosa para gritar viva el rey. Estos forman actualmente el grupo de los idealistas y equixistas, que ora piensan en Portugal, ora en un archiduque prusiano ó príncipe aleman, ora en cualquier otra incógnita eventual. Por un extremo se dan la mano con el progresista alfonsino Corradi, y tienen de representante en el consejo de Estado dinástico á Ruiz Gomez, ex-ministro de Hacienda con Ruiz Zorrilla, y por otro extremo se ligan con Martos, Becerra, Beranger y Castelar, á los republicanos conservadores de diferentes matices, en una palabra.

Y hé aquí que ya hemos perdido la cuenta de los diversos partidos que venimos enumerando.

Pero ya nos hallamos en contacto con los republicanos *actuales.*

Nos encontramos ya en otro laberinto.

A estas fechas no podemos asegurar cual es la verdadera divisa de esos señores.

Recordamos que antes eran, por ejemplo, unitarios, Garcia Ruiz y otros cuantos: históricos, como Martí Miguel, Juan de Dios Mora y otros pocos; posibilistas, como Castelar, Carvajal, Maisonnave y otros *aristocráticos democratas;* federales á lo Salmeron; ultrafederales á lo Cala y Benot; socialistas á lo Pí y Margall; semisocialistas católicos como Figueras; cantonales como Contreras, el antiguo esparterista; niveladores; comunis-

tas; fourieristas; sansimonianos y otros; y no se nos olvida el grupo internacionalista disidente de los cantonales.

Quedan aún unas cuantas figuras aisladas que forman grupos especiales, no bien definidos, pero que en casos dados pueden contar con séquito y huestes bastantes para formar administracion inclinándose á un lado ó á otro. Así es que tenemos, por ejemplo, la fraccion Topete que se entiende con el duque de la Torre y el semi-lusitano Romero Ortiz, de los constitucionales, con Castelar y los posibilistas, y no se lleva del todo mal con Martos y otros radicales. Tenemos por otra parte al general Pavía que protegió á los conservadores con el golpe de Estado del 3 de Enero, pero que luego le pagaron con una ingratitud, y á quien Castelar y los suyos no han perdonado la mala partida, pero que tampoco puede llamarse unitario, apesar de sus inteligencias y armonías con *El Pueblo*, periódico de Garcia Ruiz.

No se crean caprichosas estas clasificaciones, pues se hallan bien determinadas por más que sus extremidades se confundan con otros polos afines, formando el multicolor arco íris de la política abigarrada de la patria del Cid y de Pelayo, y por más que personalidades diferentes figuren en dos ó más combinaciones á la vez, merced á lo difuso de su tornasolado matiz.

Ruiz Zorrilla intentaba, y aún creo que siga intentando, organizar las huestes republicanas de órden, formando un gran partido de fusion con los republicanos antianarquistas y los radicales que se declararon republicanos á la caida ó fuga de D. Amadeo. Entendíase á medias con Salmeron, que le dejaba hacer, pero al contar con este hallaba una invencible incompatibilidad con Castelar y los suyos. Por el destierro de Ruiz Zorrilla los trabajos han debido quedar muy contrariados y puede darse por caducado aquel plan.

Para mayor contrariedad, hallábase el grupo de Montero Rios que no se decidia á dejar de ser monárquico, se mostraba casi contrito de las responsabilidades radicales y buscaba medio de eludir los contubernios federales de otro pequeño grupo de denominacion económica y esencia semi-krausista que fluctuaba entre Salmeron, Echegaray, y Castelar.

Para comprender bien estas distinciones es indispensable haber seguido atentamente la marcha de la política de España en estos últimos años del periodo revolucionario, y conocer la significacion de cada uno de los nombres propios que citamos, así como conviene recordar que hubo un grupo llamado de los economistas, ó libre cambistas, descompuesto despues de tal modo que cada uno de ellos siguió un derrotero distinto, hasta el punto de encontrarnos con Moret y Prendergast ex-ministro de Hacienda sin figurar en ningun partido, á Gabriel Rodriguez hecho un semi-Caton, que se ha negado á ser ministro y hoy está hecho un misántropo: á Lope Gisbert entre unionista y radical, á Echegaray radical y más que radical eminente autor dramático; á Canalejas castelarino, á Labra salmeroniano, *et sic de cæteris*.

Dígase si despues de conocida esta diseccion de los partidos en Es-

paña es fácil deducir que haya unidad de miras, ni armonía de procedimientos, ni solidaridad de intereses, ni estabilidad en las situaciones, ni paz, ni órden, ni concierto, ni ministerios homogéneos, ni conciliaciones armónicas, ni fijeza en el objetivo de la política.

Nada de eso. Lo único posible son las coaliciones para derribar y destruir. Por eso el partido que ocupe el poder, no tendrá más aliados que los dos partidos más íntimamente afines, que sostendrán una pelea constante por inclinarle de su lado, obligándole á vivir en un contínuo vaiven, en un equilibrio inestable y expuesto á caer del lado á que se incline; porque lo que es á caer le empujarán todos, amigos y adversarios: á sostenerse solo la ley física del centro de gravedad.

Madrid, 1875.

PATRICIO BUENO DE CASTILLA.

AS SCIENCIAS GEOGRAPHICAS

E O CONGRESSO DE PARIS

I

Como introducção a uma serie de modestos estudos critico-geographicos, que hoje encetamos na *Revista Occidental*, é mister, urgente mesmo, apresentar aos leitores uma rapida explanação da definição mais moderna, e portanto mais scientifica, de sciencias geographicas, e consequentemente evidenciar a alta importancia do estudo d'estas tão bellas quanto valiosas sciencias. Para muitos espiritos superficiaes ainda a geographia é considerada uma sciencia accidental e subsidiaria; á maneira d'um commentario perpetuo da historia. A geographia é uma sciencia com autonomia propria, é uma sciencia separada, que tem idéas suas, sphera d'actividade bastantemente distincta, e que na Allemanha, em Inglaterra e na França, ha mais de trinta annos, já conquistou um logar no systema geral dos conhecimentos humanos.

Não deixam, porém, os grandes sabios geographos, os Ritter, os Malte-Brun, os Petermann, os Vivien de S. Martin, os Rawlínson, os Peschel, os Vappaeus, os Hunfalvi, de convir que a geographia é uma sciencia notavelmente mixta e complexa, cujos limites são por vezes incertos e controvertidos, visto como essa formosa sciencia tende incessantemente a confundir-se com todas as outras suas irmãs, e insistimos—*todas*,—porquanto ella ministra noções a todas as demais sciencias e recebe d'estas luz brilhante, que a illumina explendidamente na sua marcha rapida, fecunda, benefica... verdadeiramente triumphante. É evidente, como a propria palavra —*geographia*— o indica, que ella tem por objecto e fim a *descripção da terra;*—isto é o conhecimento da superficie da terra.

Sendo esta o theatro das producções da natureza e das obras da actividade humana, a geographia tem multiplos pontos de contacto com ambas.

A terra estando sujeita á acção das causas physicas, ás leis do universo, ás condições do systema planetario de que faz parte, as relações da geographia com a geologia, com a physica e chimica, historia natural e a astronomia são claras, patentes. Tambem a figura da terra, as dimensões d'esta, os movimentos e consequencias d'elles, a posição absoluta ou relativa dos differentes pontos, a distancia dos logares, a superficie do globo terraqueo, só podem ser exactamente apreciados e medidos pelo calculo mathematico, e portanto a geographia é tributaria das sciencias mathematicas, das physicas e naturaes.

O elemento, porém, que a torna caracteristicamente independente, que a separa profundamente de tudo que não é ella propria, é o elemento *historico*, attribuindo a este termo a accepção mais lata. De facto o calculo, a observação são meros instrumentos para a geographia. Não é a esta a cosmographia, cujo objecto é mais vasto, nem geologia, physica do globo, historia natural, de cujos multiplices resultados e leis ella se utilisa sem se confundir com aquellas sciencias.

A geographia descreve as largas feições physiogonomicas e aspecto da superficie do globo, seus variados accidentes, caracteres geraes das suas producções, perscruta as causas e as influencias physicas que actuam na terra, nos seres que a povoam e nos phenomenos naturaes, de que é vasto theatro a mesma terra, finalmente estuda os effeitos das catastrophes cosmicas que imprimiram aos continentes, aos mares, ás ilhas e ás costas a sua physiogenomia actual.

Não é para este campo a discussão das duas theorias geologicas: a de Lyell e a de Elie de Beaumont: este representante da theoria das *convulsões* e *elevações* e aquelle o das *causas actuaes*, como bastantes para produzir o estado e aspecto orographico e hydrographico actuaes.

A par e passo que descreve, pinta os aspectos da natureza e as obras d'ella na superficie da terra, a geographia não póde por forma alguma prescindir do homem, nem tam pouco dos gigantescos productos da actividade humana, a qual vae incessantemente juncando a terra de explendidas cidades e de desoladoras ruinas, de fructos opimos da civilisação e de tropheus da barbarie, e que varia constantemente os nomes e as circumscripções, bem como o desenho das suas mudaveis, quasi ephemeras, fronteiras e divisões politico-administrativas.

É na harmonia do elemento physico e do elemento politico ou moral, combinando-se um com o outro, reagindo um sobre o outro, que residem a idéa mais elevada e o verdadeiro fim das sciencias geographicas, isto é, a maneira como ellas devem o seu caracter distinctivo e a sua forma propria ao elemento historico ou descriptivo que as constituem.

Definida assim a geographia, ampliemos criticamente a definição e examinemos a correlação entre as sciencias geographicas e os demais ramos do saber humano.

A geographia physica é a base segura, infallivel da chorographia e

da topographia, quer dizer da descripção dos paizes e dos differentes logares da terra. É esse um alicerce natural, necessario, perduravel, de uma boa geographia politica.

Estudada a geographia sob o ponto de vista da physica do globo, nas suas multiplices relações com a naturesa e com o espaço, consideremol-a pelo seu aspecto moral e social, sob o ponto de vista historico, nas suas intimas e infinitas relações com o homem e com o tempo. O que dois dos mais eminentes geographos, que nunca nos cançaremos de relembrar, Marte-Brun e Ritter, affirmam, é que n'esse campo a geographia corre o inevitavel risco de ultrapassar os dominios d'ella, e de se confundir com sciencias, visinhas, aliás distinctas, autonomas. A geographia conscia do seu grande valor e incontrastada importancia reinvindicará a independencia, fará suas allianças com as sciencias affins, mas nunca sairá do caminho que lhe é proprio.

Duas sciencias promanaram da geographia, com as quaes ella presentemente, mais do que nunca, mantem estreitissima ligação, realmente indispensavel. Essas sciencias, no seu duplo aspecto physico e moral, têem nos ultimos vinte annos adquirido um incremento espantoso, a tal ponto que cada uma d'ellas constitue uma sciencia á parte, tendo produzido innumeras obras d'um valor e interesse sobremodo extraordinario: São a *ethnographia* ou *ethnologia*,—na qual alguns comprehendem a *anthropologia historica*—e a *statistica*, sciencia, ou, melhor denominada, descripção dos estados. Tambem a appelidam de *politiographia*.

A ethnographia descreve a especie humana, suas variedades, raças, povos e nações que a compõem, os seus caracteres geraes e distinctivos, physicos, intellectuaes e sociaes; as suas relações com o clima e solo—*meio*—a maneira de viver, a lingua, religiões, disposições e costumes, pontos de procedencia, emigrações, allianças, mesclas e cruzamentos.

É vasta esta sciencia e vae adquirindo tamanho gráo de desenvolvimento que raro é o paiz culto, que não haja fundado uma sociedade que a represente. Incidentemente recordaremos que merece a Hespanha justos encomios pela fundação da sociedade d'anthropologia, cujo primeiro boletim foi publicado em janeiro de 1874.

Quanto á statistica, expõe ella minuciosamente, auxiliada por informações, calculos, tabellas e quadros omnimodos, o estado moral e material, social e politico d'um paiz, em uma época dada, em todas as suas relações, quer interiores, quer exteriores.

A statistica avalia o territorio, a popolação, os productos da terra, todos e quaesquer recursos. Faz conhecer a fórma de governo d'um paiz, as instituições civis e relígiosas, a administração, gráo de cultura, industrial ou intellectual, que esse paiz attingiu; finalmente prefixa a extensão e a natureza do commercio, as relações com os outros paizes. Que principios porém, presidem á determinação dos limites do campo da geographia? Como assimila ella todas as noções fornecidas pelas sciencias affins? Como, por assim dizer, se apossa d'aquillo que realmente a constitue, escolhendo acertadamente as noções, os factos e os resultados

que lhe apresentam a ethnographia, a statistica, a physica do globo, a meteorologia, a archeologia, a glottica, a economia social e a historia? O modo d'ella proceder é o seguinte: referindo ao seu objecto proprio e fim determidado, ao seu ponto de partida, ao seu centro—a terra—os desenvolvimentos tão complexos da especie humana, as innumeras manifestações do principio da actividade que coexiste na mesma especie humana.

A natureza e o homem são dois elementos, ou, como alguns o classificam, dois principios que actuam na terra, que a modificam combinadamente, postoque em proporções differentes. É mister, portanto, não impedir a conciliação da geographia politica com a geographia physica. Já em priscas eras o eminente sabio geographo Strabão,—cujas obras, diga-se de passagem, estão sendo admiravelmente traduzidas em França por mr. Tardieu, traducção que mereceu dois artigos da mais elevada critica do erudito academico Alfredo Maury, publicados no *Journal des Savants*,—Strabão, como iamos relatando, indica-nos o caminho para seguir, e como que antevendo a creação da statistica, porventura só creada ha um seculo (no XVIII), nos manda precaver contra os abusos que d'ella se praticam na geographia. «O geographo (diz elle no seu li-«vro IV) deve marcar as circumscripções physicas dos paizes e as divi-«sões naturaes dos povos; deve indicar, descrevendo-o, tudo aquillo «que póde ser acredor de memoria; pelo que respeita ás distribuições «politicas que os chefes das nações estabelecem, conformemente as cir-«cumstancias, basta que o geographo falle a respeito d'ellas summaria-«mente, deixando a outrem a exactidão dos promenores.»

O nosso globo havendo-se desenvolvido e organisado, modificado incessante, ainda que lentamente, nos seus contornos, relevo e infinitos accidentes da sua superficie pela acção das leis fataes, physicas, todos os grandes geographos accordam em que os factos geographicos, mesmo isolados da acção de homens, *devem de ser* reputados factos historicos; a historia e a rigorosa analyse e observação scientifica registram-os e descrevem-os. Essa é a parte propriamente historica da historia natural. O que acontece, pois, quando o homem intervem com a sua perpetua e vertiginosa actividade, transformando no decurso dos seculos a face da terra, e imprimindo em toda a parte os vestigios da sua rapida passagem, marcando os limites mais ou menos fugazes dos imperios, levantando cidades ou destruindo-as, mudando constantemente o aspecto e as denominações dos paizes e dos logares? É n'esse ponto de vista que a geographia, na forma e na essencia, cae na lei da historia e acompanha todas as vicissitudes da mesma historia. Dividem portanto os geographos a sciencia em questão, em geographia antiga, dos tempos medievicos, e geographia moderna, isto, repito, no ponto de vista puramente historico.

Alarguemos ainda mais estas considerações. A geographia remontando ao passado, de seculo para seculo, de povo para povo, mesmo na sua parte moderna digamos assim, actual, não póde por forma alguma

prescindir do conhecimento profundo das origens e da confrontação dos testemunhos historicos, e vae realisando a alliança cada vez mais apertada com a *erudição* e com a *critica historica*. Para illuminar a historia da terra com a dos homens nas épocas antigas e para descrever, conjunctamente com o terreno, os monumentos da industria e da arte que a humanidade fundou, a geographia soccorre-se da sciencia das antiguidades, esta preciosissima statistica do mundo antigo, da archeologia e da historia da arte.

É esta união de conhecimentos e de condições necessarias para a completa intelligencia da geographia, que denominamos por excellencia historica, é, sobre tudo esta necessidade que ella nutre de alta critica, instrumento indispensavel, que levou um distinctissimo sabio, F. A. Wolf, referindo-se á geographia, a exarar as seguintes memorablissimas palavras, que tem logica applicação á geographia da idade media e até muitas vezes á dos tempos actuaes: «A geographia não é, não póde ser, como a chronologia, um auxiliar da historia; é uma parte integrante da propria historia, e uma das mais arduas de tratar por um modo erudito e critico, quer por causa da natureza das fontes em que adquire as noções, quer pela arte finissima que tem a empregar nos usos e applicações d'estas.

É por isso que as riquissimas sciencias geographicas, observadas de um ponto de vista tão alto, encaradas com tamanha elevação critica são hoje sciencias professadas nas universidades da Allemanha, formando cursos extensos, difficilimos e leccionados pelos primeiros sabios d'aquelle douto paiz. Em França tambem hoje as sciencias geographicas são tidas na conta das mais uteis, principalmente depois da tremenda lucta franco-prussiana.

É facto do dominio publico, que depois da conclusão do tratado de paz, cuja assignatura custou á França duas das suas mais bellas e ricas provincias, o desenvolvimento sério e persistente dos estudos geographicos, e o das linguas estrangeiras, tem merecido a mais disvellada attenção d'esse paiz, com o fim de se elevar ao nivel intellectual dos vencedores.

Livros de ensino redigidos com um outro espirito e com uma outra forma muito diversa da usada pouco tempo ha, atlas primorosos, methodos novos experimentando-se, em summa, o congresso geographico que promette abrir em agosto proximo, tudo, finalmente é symptomatico de um progresso imponente, por parte dos francezes, no estudo e propagação das sciencias geographicas.

Revertamos, porém, ás nossas humildes reflexões acêrca da geographia historica.

A historia dá a fórma á geographia historica e fornece-lhe bastos materiaes; a litteratura e a philologia contribuem, outrosim, com valioso contigente. A geographia tem tambem sua philosophia, uma das bases mais seguras da philosophia da historia, porém que ainda é uma sciencia que está por edificar em solidos alicerces. Essa sciencia deve ser o resultado definitivo das relações da terra com o homem e do homem com

a terra, a expressão geral d'essas relações, o conhecimento das leis e das causas que a determinam e que as regem. É, porém, tarefa de tamanho tomo e pujança que só aos homens como os grandes Humboldt e Carl Ritter fôra dado o prescrutar tão funda e penetrantemente nas sublimidades das sciencias geographicas.

Estas sciencias, consideradas como meio ou como fim, sob o aspecto das viagens, explorações e descobrimentos, ou sob o da sciencia meramente especulativa, são *progressivas*.

Ha, desde a mais remota antiguidade até ao presente, uma como successão de innumeras geographias, ao principio locaes e que mais tarde se foram generalisando, positivas, ou theoricas, differentes umas das outras, porém cada vez mais exactas e completas.

Se acceitarmos como lei da historia o progresso, essa lei applica-se necessariamente á geographia. É indubitavel que a critica é o methodo commum ás duas.

É completamente indispensavel para se estudar com certa profundidade a geographia, em todas as épocas, investigar-lhe as origens, apreciar o caracter e o valor das relações e dos documentos nos quaes se funda a auctoridade dos factos geographicos, possuir noções justas d'este encadeiamento de descobertas, que preparam a sciencia e outrosim possuil-as da serie ininterrupta de instituições, de hypotheses e de systemas que hão conduzido a geographia ao alto gráo de maturidade em que ella hoje se ostenta, produzindo os mais saborosos e nutrientes fructos para o progresso da civilisação.

Para se alcançar, pois, o conhecimento sólido e completo da geographia positiva que se denomina *geographia comparada*, assim como para fazer uma idéa clara da formação da geographia theorica, na qual se estriba a geographia positiva, é mister consideral-as uma e outra nos seus desenvolvimentos successivos. Afigura-se-nos, pois, que estamos justificados em traçar muito summariamente os progressos da geographia como prefacio das reflexões que nos suggere a proxima reunião em Paris do congresso geographico.

A historia da geographia na antiguidade desenvolve-se em quatro grandes periodos.

O primeiro periodo, que se póde denominar mythico ou poetico, e que é commum aos gregos e á maior parte dos outros povos, abre na época indeterminada das primeiras excursões, das primeiras aventuras e colonias de taes povos.

N'esse periodo, merece particular attenção a geographia dos israelitas e a genealogia apparente, coberta com o grande nome de Moysés, que apresenta a primeira carta ethrographica da Asia occidental e dos paizes limitrophes. A geographia de Homero é realmente muito curiosa.

Admira-se n'ella o influxo poderoso produzido pelos quadros seductores, opiniões populares, e pelas instituições ou theorias poeticas fundidas com os resultados mais ou menos positivos das observações dos primeiros navegadores e viajantes phenicios e jonicos.

Os chronistas em verso, que alguns auctores denominam poetas cyclicos, e os primeiros narradores em prosa que lhes succedem, os logographos, relatam os novos descobrimentos ou informações geographicas, mas associando-os ás idéas tradicionaes, o que retarda consideravelmente o progresso dos conhecimentos geographicos. Todavia nos fins d'este periodo, no decurso dos seculos VII e VI antes da era de Christo, devido á marcha rapida das colonias gregas e dos aperfeiçoamentos successivos da navegação, ás expedições arrojadas dos habitantes da ilha de Samos e dos phoceos, ás relações com o Egypto e Lybia e tambem com o Ponto Euxino, o horisonte dilata-se successivamente e chega a abranger quasi todos os paizes que se alongam desde a embocadura do Phasis até ao estreito de Gades (Cadix).

Os phenicios, se se der credito a uma tradicção muito conhecida, emprehendem e executam por conta de um Pharaó do Egypto, a circumnavegação da Africa. Um seculo mais tarde, os carthaginezes tentam pelo mesmo estreito uma viagem de descobrimentos nas costas da Lybia. A relação d'essas viagens existe. As longiquas plagas de Albion e de Erin são exploradas. Por esses tempos, os gregos, que tinham permanecido estranhos aos resultados d'aquelles descobrimentos, contraem relações com a Lydia e a Persia. Tomam parte nas explorações ordenadas por Dario afim de reconhecer os limites dos seus vastos estados. Pela primeira vez presentem a immensidade do continente asiatico. Ao mesmo tempo que o precursor do grande Herodoto, o illustre viajante Hecate, de Mileto, descrevia o disco da terra depois de havel-o traçado parcialmente nas suas tres grandes ilhas, os philosophos da Jonia e da Grande Grecia, attendo-se por uma parte ás concepções ideaes da geographia mythica e por outra parte ás noções positivas, successivamente accumuladas, trabalhavam, havia um seculo, em substituir aos systemas poeticos hypotheses physicas ou astronomicas. Anaximandro, discipulo de Thales, construiu para os gregos o primeiro mappa-mundi. Ha tambem a tradição de haverem Pythagoras e Parmenide de Elêa ensinado a spherecidade da terra. Essa idéa, porém, só depois de Socrates é que foi geralmente perfilhada.

O segundo periodo é denominado historico. Os enormes progressos da geographia, n'esse periodo, resultam de informações cada vez mais exactas, e de observações successivamente mais rigorosas.

É essa a época brilhante da historia da Grecia. Depois das victorias do paiz sobre os persas, depois de realisados os prodigios do genio da liberdade, dos quaes dependia, porventura, a civilisação do mundo, o circulo dos conhecimentos vae ampliando-se. Basta citarmos Herodoto e Thucydides, Democrito e Hippocrate, Eudoxo e Aristotles. É portentoso o movimento. Xenephonte marcha á frente dos *Dez Mil*, nas regiões da Asia occidental ainda tão mal estudadas. Seguindo as pisadas dos negociantes e mercadores de Mileto e de Athenas, e as dos carthaginezes, possuidores das costas do mar Atlantico, Scylax, ou qualquer que seja o auctor do *Periplo*, que se lhe attribue, leva-nos desde as extremidades

do Ponto Euxino até ás ilhas Fortunadas, e fiados nos marselhezes Pytheas e Euthymenes, vamos até ás ilhas Britannicas, até á mysteriosa Thule, até mesmo ás não menos mysteriosas regiões da Africa central, talvez visitadas por Euthymenes.

Eudoxo deu em uma geographia, em oito livros, uma admiravel descripção physica e topographica da Grecia.

No periodo immediato que principia nas conquistas de Alexandre, um movimento duplo e fortissimo é dado aos descobrimentos e aos trabalhos scientificos: é essa a época da creação definitiva das sciencias de observação e de experiencia, a época em que a critica, como que instigada pela massa sempre crescente de conhecimentos, vem dar espirito de systema, ao que era desconexo e informe: apenas materiaes.

A Asia persa, a India, pelo menos até ao Ganges descobre-se. Os gregos levam a essa região as suas armas, a sua lingua, os seus costumes, e fundam cidades, e nas expedições e explorações reconhecem as costas meridionaes, chegam no tempo dos Seleucidas e dos Ptolomeus até Palibothra, ainda mais, até á ilha da Taprobana. Ao norte contornam o mar Caspio, transpõem o Oxus e o Jaxartes e estabelecem-se na Bactriana e na Sogdiana. O porto de Alexandria tornou-se o emporio do commercio do mundo. A Arabia, a Ethiopia, a Africa e a Asia, etc. são devassadas pela avidez e curiosidade gregas.

Seguem-se aos gregos os romanos. Estes realisam as rapidas e admiraveis conquistas que lhes entregaram a maior parte do mundo então conhecido. Estabelecem as famigeradas colonias militares. Não passaremos em silencio Dicearco que reformou a carta do mundo, augmentado com as estupendas conquistas de Alexandre. Mencionaremos, outrosim, Theophrasto e Timeo que forneceram aos gregos noções mais sãas ácêrca da Italia.

Eratosthenes é um vulto de primeira ordem, porventura o primeiro fundador da geographia scientifica. Dotado de um alto espirito critico, dispondo de uma vasta bibliotheca, a de Alexandria, e sendo um notavel erudito, esse celebre geographo reduziu a systema, os conhecimentos geographicos do seu tempo e os dos tempos anteriores. Os principios mathematicos d'elle, as suas medições, o traçado das cartas geographicas foram geralmente adoptados, ainda que rectificados parcialmente pelos successores e muito principalmente por Hipparco de Nicea, que aprendeu a determinar a posição dos logares pelas observações celestes.

Polybo, grande historiador e grande geographo, para mais conscienciosamente narrar a expedição do illustre Annibal, visitou o theatro das guerras do general carthaginez com os romanos, transpoz os Alpes, os Pyrineus e fez conhecer aos seus compatriotas hellenos regiões, que elles imperfeitamente conheciam.

Ainda restam felizmente partes consideraveis da obra d'aquelle abalisado historiador e geographo, em quanto que as de Artemidoro, Posidonio e Appollodoro se perderam, havendo d'elles unicamente raros fragmentos.

O quarto e ultimo periodo é denominado por alguns criticos geographos — romano — se o encararmos pelo lado historico, e tambem póde chamar-se geometrico ou mathematico, avaliado pelo progresso dos methodos e caracter dominante da sciencia. Principia em Cesar e Augusto com o glorioso geographo Strabão, o qual proximamente pela época do nascimento de Christo resumiu no seu vasto systema chorographico os multiplicados trabalhos do periodo precedente.

Acima nos referimos a este celebre geographo, indubitavelmente o maior dos geographos antigos pela exactidão e espirito critico.

O ultimo periodo termina no seculo v com o mundo antigo, com o *Cosmas Indopleustes*, que abre a edade media da geographia e que para a submetter ao imperio das novas crenças determina o retrocesso d'esse importante estudo até á aberração das concepções mythicas da mais tenebrosa antiguidade!...

O ponto culminante do 4.º periodo é marcado pelo nome do grande astronomo Claudio Ptolomeu, que fundando as determinações geographicas em medidas reaes, indicando com exactidão a posição e os limites dos paizes, fixando cuidadosamente a longitude e latitude dos logares, assenta as verdadeiras bases da geographia scientifica, sejam quaes forem os erros commettidos por aquelle sabio.

Desde o tempo de Cesar e Augusto e no tempo dos primeiros imperadores romanos os conhecimentos nunca tinham cesssado de estender-se em todas as direções por meio da guerra ou do commercio, principalmente ao poente e norte da Europa, até esse tempo envolvidos em temerosa escuridade.

A principio — e é hoje facto incontestado — os romanos davam-se pouco ao trabalho de aproveitar scientificamente os descobrimentos: os gregos que lidassem n'essa tarefa futil! Quando porém o mundo que elles conquistaram foi medido por Agrippa e que as *taboas* do vasto imperio foram expostas publicamente nas visinhanças do *forum*, surgiram os geographos nacionaes Pomponio Mela e Plinio. O primeiro legou trabalhos tão estimaveis que, ha annos deplorando o distincto geographo francez Vivien de S. Martin a carencia de bons livros elementares para o ensino geographico, escreveu as seguintes palavras—«Quiseramos que «em harmonia com os actuaes conhecimentos geographicos, quem empre«hendesse esta obra difficil (a da elaboração d'um bom tratado geogra«phico), tivesse presente a geographia de Pomponio Mela».

Plinio escreveu um trabalho geral muito vasto mas infelizmente está eivado de graves erros.

Descripções topographicas curiosissimas são as dos viajantes como a de Pausanias, assim como os quadros geographicos ethnographicos, as relações circumstanciadas de historiadores judiciosos e profundos, um Tacito, um Appiano, um Ammiano Marcelino e os celebres itinerarios dos imperadores, alguns dos quaes nos restam. Marin de Tyro e Ptolomeu utilisaram-se d'elles na construcção das suas cartas geographicas.

Depois d'essa época a geographia retrocede assustadoramente, corollario da barbarie que veiu substituir a brilhante civilisação romana.

A critica historica, porém, reconhece que no meio d'esse tenebroso estacionamento havia um trabalho latente, muito insensivel, quasi desapercebido, e que d'esse marasmo surgiu, n'um dado momento, o espirito retemperado das sociedades modernas.

Ao passo que nas nações christãs as sciencias geographicas retrogradavam, os arabes cultivavam-nas esmeradamente, florescendo então, como herdeiros da sciencia grega, os geographos illustres Ebn-Hankal, Mocadassy ou Ibn-el-Banna e especialmente o grande Edrisi. Esse homem d'um saber profundo estabelece-se na Sicilia no XII seculo e escreve uma descripção do universo conhecido.

Não cabe nos acanhados limites d'este mui rapido quadro dos progressos das sciencias geographicas descrever resumidamente siquer essa extensa obra, todavia regista-se o glorioso nome do auctor como um symptoma evidente do muito que os arabes estudavam uma sciencia, que actualmente é o enlevo dos povos mais cultos.

Apoz Edrisi vem Abulfeda, principe de Hamath na Syria e Ibn-Batutah, que se illustraram como geographos e viajantes.

Diga-se tambem que no seculo IX os norueguezes descobriam a Islandia e os habitantes d'esta longiqua ilha encontravam Groenlandia.

Não se deve omittir Constantino Porphyrogeneta, imperador do Oriente, que se occupou em descrever os povos limitrophes do Imperio. Benjamin de Tudela passava á Asia e no seculo XIII Ascelino, Plan del Carpio e Rubruquis, ou melhor Rubruck, effeituaram explorações na Tartaria.

Acima de todos porém sobreleva o grande Marco Polo, o primeiro europeu que visitou a China (Cathai) e desvendou a existencia do Japão.

O islamismo e a litteratura correlativa fornecem, assim como as relações da christandade com os conquistadores tartaros do seculo XIII, uma primeira idéa das nações da extrema Asia. A essa fonte caudal de conhecimentos acrescente-se as arrojadas excursões maritimas e as colonias dos piratas da Noruega e do Baltico. Eram esses designados pelo nome generico de normandos, homens do norte.

Ainda se apertam mais os laços commerciaes por meio das dilatadas relações commerciaes nas celebres republicas veneziana e genoveza e com as cruzadas.

A cartographia, sciencia e arte simultaneamente, cujos explendidos productos hoje nos extasiam, saidos das mãos d'um Kiepert, teve illustres representantes nos seculos XIV e XV entre os catalães, venezianos e genovezes: citamos apenas Marino Sanuto, Andrea Bianco e Fra Mauro que traçaram mappas-mundi.

Vem depois os nossos descobrimentos e os dos hespanhoes, hollandezes e inglezes. A natureza d'este trabalho não permitte por fórma alguma, nem mesmo summariamente, tocar o quadro d'esses descobrimentos. Basta apenas registrar o seguinte:

O primeiro geographo d'este seculo, senão o primeiro de todos os

paizes e tempos, Carl Ritter, na obra monumental — *Geographia geral* e *Historia da geographia* — divide esta em periodos, segundo as grandes épocas da historia: com relação á edade media, as divisões, capitulos ou córtes são sete: 1.°, migrações dos barbaros e queda do imperio: 2.°, propagação do christianismo: 3.°, apparição do islamismo e imperio dos kalifas: 4.°, viagens e descobrimentos dos normandos: 5.°, relações commerciaes das republicas italianas: 6.°, cruzadas: 7.°, descobrimentos maritimos dos portuguezes até Christovão Colombo.

As causas e importancias dos descobrimentos dos portuguezes[1] são tão conhecidas e estudadas, que, repito, fôra quasi inutil encarecer aqui o alto valor d'elles em relação ao conhecimento do globo. Não houve povo que contribuisse com mais dilatadas e arrojadas viagens, do que o portuguez, para ampliação do mundo então conhecido.

A lista dos descobridores é interminavel como é a dos portos, cidades, villas, costas, rios etc., descobertos pelos nossos avoengos. Acima porém, dos primeiros erguem-se magestosos os vultos do infante D. Henrique, grande sabio cosmographo e homem dos mais altos espiritos, talento verdadeiramente iniciador, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães, Affonso d'Albuquerque completa com a grandeza da sua obra a gloria dos descobrimentos dos portuguezes. O roteiro do mar Vermelho de D. João de Castro é summamente apreciavel.

Esbocemos a largos traços o estado dos conhecimentos geographicos na primeira metade do seculo xv. A Europa era quasi toda conhecida. A respeito da Asia havia noticias até á China; conhecia-se a existencia do Japão. A Siberia estava inexplorada e era chamada o *paiz das trevas*.

Para o sul do equador, na Africa, não havia conhecimentos exactos.

Os scandinavos habitavam a America. Infelizmente essas colonias fôram abandonadas pela metropole e teve de se fazer novo descobrimento da America.

D'essa época restam tres monumentos: mappa-mundi de Fra-Mauro; globo de Martim Behaim em 1492, pouco antes do descobrimento da America pelo immortal Colombo, e o terceiro, o mappa-mundi de Juan de la Cosa, piloto de Colombo, terminado e publicado em 1500.

Do principio do seculo xvi até ao fim do seculo xvii houve sabios que envidaram todos os esforços para arrancar a geographia das trevas, do cahos em que mergulhára na edade media. Na Allemanha: Apiano, Sebastião Munster e Cellarius; a Flandres hollandeza: Mercator e Ortelio; a Italia: Ricciol; a Hollanda: Varenius.

Ortelio e Mercator legaram á sciencia uma serie de cartas geographicas, monumentos preciosos do seculo xvi.

Varenius escreveu um livro de tal quilate que o sublime Newton commentou-o. N'essa curiosa obra subordina o auctor a geographia mathematica e physica ás formulas da moderna sciencia.

[1] *Vid.* a substanciosa e extremamente apreciavel obra do visconde de Santarem *Recherches*.

Cellarius compendiou em um unico corpo de doutrina os dados ministrados pelos auctores gregos e latinos ácerca do mundo antigo.

Nicolas Sanson alcançou a justificada reputação de primeiro geographo d'aquelle tempo.

Varenius creara pois a geographia physica, Munster e Riccioli a descriptiva, Cellarius reconstruira a antiga, e Ortelio, Mercator e Sanson a cartographia.

Faltava porém aos trabalhos cartographicos a segura base da geodesia.

Com os progressos da astronomia pratica era impossivel a perpetuação dos erros de Sanson. Galileu inventou o telescopio em 1609. Sabia-se portanto que era mister remodelar, refazer a carta do mundo. Era urgente uma refundição radical. Apparece então Guilherme Delisle. O notabilissimo mappa-mundi d'este homem laborioso e finamente critico publicou-se em 1700. Delisle é reformador da geographia moderna.

Apoz esse prestadio sabio surge Bourguignou d'Anville.

Se confrontarmos o seu atlas com os que se publicavam em Inglaterra e na Allamanha, reconhecemos-lhe uma superioridade incontestada em relação a todas as condições d'uma boa cartographia: elegancia do desenho, proporção dos promenores, harmonia do todo, analyse perspicaz das fontes consultadas e exactidão rigorosa da nomenclatura.

Os trabalhos de d'Anville seguem as tendencias scientificas do seculo XVIII. O culto profundo pelas sciencias exactas que preparava o caminho para as grandes explorações, marchava de par com as investigações da erudição.

O grande critico Freret illuminava com a sua analyse sagaz todas as questões geographicas e era um precursor dos eminentes criticos do seculo actual.

Segue-se Gosselin, cujos erros são gravissimos. A obra de d'Anville parecia que ia derruir-se. Letronne, o distincto geographo, segue porém outros trilhos.

Carecia-se d'um trabalho de geographia critica, que viesse assentar difinitivamente as bases da moderna geographia. Foi Malte-Brun quem o realisou.

Este primoroso escriptor, este sabio infatigavel tentou fazer em relação á geographia o que Laplace tinha realisado para a astronomia. Tal foi a origem do *Précis de la geographie universelle*. O pensamento que presidiu á construcção de tão monumental edificio está reproduzido nas seguintes palavras:

«Temos em vista encerrar com uma serie de discursos historicos o «conjuncto da geographia antiga e moderna, em ordem a imprimir no es-«pirito d'um leitor attento a imagem viva do globo, com todos os seus «diversos paizes, com os logares memoraveis que estes abrangem e os «povos que os habitaram ou ainda habitam.»

Os quatro primeiros volumes publicados de 1810 a 1813 tiveram, como é natural, um exito assombroso. De 1813 s 1820, Malte-Brun pu-

blicou dois novos volumes e trabalhava no 4.º quando a morte o fulminou em 1826. Este volume foi concluido muito intelligentemente por Huot, naturalista notavel.

Não nos permitte a indole do presente escripto analysarmos, ao de leve mesmo, tão grandiosa obra; todavia registre-se um facto de notavel alcance, a meu vêr, muito digno de notar-se:

Todos os que lêem aquelle monumento levantado pelo sabio dinamarquez ás sciencias geographicas ficam surprehendidos, encantados de as vêr tratadas em um estylo elegante, vivo, flexivel, colorido, habituados ás aridas nomenclaturas, e repulsivas columnas d'algarismos. Desgraçadamente tão eloquente e alta lição, não calou no animo dos que escrevem livros escholares de geographia. São raros, rarissimos os livros que deleitam, instruindo — como o de Malte-Brun e a *Geographia geral comparada* de Carl-Ritter, em parte traduzida do allemão para francez por Buret e Desor. Esses dois sublimes mestres são primorosos nas descripções do que constitue o fundo, a essencia, d'um quadro do mundo, as fórmas geraes dos continentes, o aspecto e a configuração caracteristica de cada região, as condições fundamentaes de relevo e de situação que originam os climas, que determinam a fauna e a vegetação, e que por essas causas influem poderosamente no caracter das raças, no desenvolvimento das civilisações, no papel historico de cada povo e logar d'este, no movimento da humanidade.

O que é essencialmente moral e transitorio, as divisões politicas e administrativas, as cifras de população, de producção, de commercio, todos os elementos numericos, estatisticos verdadeiros para um dia, que constituem o que se denomina a balança politica dos estados, são apresentados nas tabellas, mappas e quadros no fim de cada descripção.

Repetimos e repetiremos incessantemente, como desassombradamente o asseverámos, quando escrevemos numerosas *Revistas Geographicas* no decurso dos annos de 1865, 1866, 1867, o exemplo admiravel de Malte-Brun por poucos, raros, ha sido seguido. A maior parte dos compendios repellem em logar d'attrahir. Pois ousamos affirmal-o. Estudo algum enleva tanto o espirito humano como o das sciencias geographicas.

Quasi ao mesmo tempo que se publicava o *Précis* em França, patria adoptiva do seu auctor, Mannert, estudando profundamente a historia da antiguidade e a geographia classica, publicava a *Geographie der Griechen und Rœmer*. O primeiro volume foi publicado em 1788 e o ultimo em 1825. Esta notavel obra distingue-se por muito excellente critica, grande clareza de methodo e de exposição; completa noticia das origens. Pena é hoje não estar accommodada ás descobertas historicas effeituadas de 1825 até ao presente. Apezar d'isso é um livro de grandissimo valor geographico e critico.

Em concorrencia para o fim civilisador de dotar a Allemanha com monumentos geographicos, Ukert começa em 1816 a publicação d'uma obra com o mesmo titulo que a de Mannert.

O auctor apresenta uma exposição historica e dogmatica dos conhe-

cimentos geographicos da antiguidade e, diga-se a verdade, o assumpto é tratado d'um modo superior a todo o elogio. Ukert mantém a mesma grande elevação nas quatro partes seguintes publicadas com longos intervallos até 1846, e que se occupam de Hispania, Gallia, Germania e Europa Oriental.

Os dois livros acima citados tinham collocado a Allemanha á frente da erudição geographica.

O merecimento mais relevante dos estudos geographicos e das explorações que se ligam a elles é o fornecer aos estudos historicos e economicos os melhores elementos.[1] Tudo o que se sabe ácerca talvez de trez quartas partes dos habitantes do globo é ministrado pelos viajantes. Se não houvesse exploradores scientificos não se teriam realisado n'este seculo trez descobertas notabilissimas: *A leitura dos hiéroglyphos, o decifram*ento das escripturas cuneiformes e a creação da philologia indo-europea; tres descobertas que têem alargado consideravelmente os horisontes dos tempos historicos. Não ha um unico ramo dos conhecimentos humanos que não tenha um ponto de contacto com o estudo das terras e dos seus habitantes;[2] é por isso que os conhecimentos geographicos d'uma epocha estão em relação com a civilisação. Em todos os paizes, cuja educação geral é forte, racionalmente dirigida e profusamente derramada, os estudos geographicos são respeitados e seguidos ferverosamente. Exemplo: Allemanha.

A maior parte dos exploradores scientificos são allemães. Desde o fim do seculo XVI que os paizes do Oriente tinham sido percorridos por um exercito de exploradores, que iam tratar dos seus negocios, ou por mero espirito de curiosidade; porém, a primeira viagem que teve um caracter realmente scientifico com o fim especial de estudos geographicos e ethnographicos, archeologicos e de historia natural foi a de Karsten Niebuhr na Arabia. Este distincto viajante era pae do conhecido auctor da *Historia de Roma*. Ha um sabio que sobrepuja todos os demais exploradores germanicos, o grande Alexandre de Humboldt, a consubstanciação da sciencia moderna.

Este sabio eminente foi amigo de Carl Ritter, nome que tantas vezes accode insensivelmente, machinalmente aos bicos da penna... é que elle já de ha muito a Europa o proclamou o primeiro geographo do seculo. A protecção fecunda de Humboldt aplanou-lhe todas as difficuldades, que ainda sobrevieram, para que Ritter cumprisse a sua missão. Foi creada para elle na universidade de Berlim uma cadeira e d'esse modo

[1] Vid. os trabalhos admiraveis de Champollim, Botta, Rawlison, Layard, Oppert, Fresnel, Humboldt, Saussure, Lepsius, Mariette, dos discipulos da eschola d'Athenas, e milhares d'outros sabios francezes, russos, inglezes, allemães, cujas profundas explorações são conhecidss de todos os que estudam historia, ethnographia, geographia e linguistica.

[2] Vid. para geographia physica do globo, relações do homem com a terra, Mary Sommerville, Saigey. Maury, A. Guiot, Marsh, Waitz e muitos outros auctores, incluindo o encyclopedico Humboldt.

dedicou-se indefessamente á construcção do grandioso monumento durante 40 annos, e que infelizmente deixou inconcluso.

Ritter falleceu em setembro de 1859. A obra d'elle compõe-se de 18 volumes (não comprehendendo 2 volumes de taboas); um dos volumes consagrado á Africa, e desesete á Asia. A parte relativa á Africa está vertida para francez por Buret e Desor.

O merito principal da obra de Ritter é o espirito eminentemente scientifico que a domina e penetra. No que o auctor mostra mais empenho e minucioso cuidado, é no descrever com escrupulo a superficie e o relevo de cada região do globo, e fazer evidenciar constantemente a correlação d'essa conformação e das condições physicas que se lhe prendem, com o desenvolvimento da vida physica, desde a planta até ao homem.

Esse pensamento já antecessores de Ritter o tinham patenteado; porém foi elle o primeiro que o tornou base d'uma descripção geral do globo terrestre.

A influencia de Ritter na Allemanha foi prodigiosa. Elle fundou uma eschola que produziu discipulos muitissimo distinctos. Os Berghaus, os Petermann, os Kiepert são dignos filhos d'essa magnifica eschola.

Pela diffusão dos estudos geographicos, pelo numero e continuidade de trabalhos excellentes, destinados a popularisar a sciencia e as suas applicações, pela superioridade magistral das publicações que sáem incessantemente dos dois fócos principaes d'este ramo de estudos, Berlim e Gotha, pela belleza artistica e a execucão das cartas que as acompanham, —esta parte tão importante de qualquer obra geographica — a Allemanha é o primeiro dos paizes modernos em estudos geographicos.

A Allemanha tem magnificos manuaes e bons livros elementares. A França tambem n'uns ultimos quatro annos tem produzido obras de ensino, como acima dissemos, muito apreciaveis pelo seu excellente methodo: citaremos os trabalhos de Levasseur. A Inglaterra tem tambem bons compendios; mui claros, simples e eminentemente praticos. Os atlas da Allemanha são admiraveis. Os de primeira ordem são os de Kiepert em Berlim e Stieler em Gotha; este ultimo completado pelo dr. Augusto Petermann.

II

As ligeiras, rapidas considerações que fazemos na primeira parte d'este humilde trabalho tem por fim pôr em relevo a enorme, indizivel importancia, utilidade e belleza dos estudos geographicos. Essas reflexões foram-me suggeridas pela leitura da circular de 28 de março e assignada pelo vice-almirante barão de Ronciere le Noury, presidente da sociedade de geographia de Pariz, Delesse, presidente da commissão central da mesma sociedade; Maunoir, secretario geral da sociedade e o barão R. Reille, commissario central do congresso.

A circular é um convite a todas as nações para tomar parte n'uma como amphyctionia, em que se discutam as mais momentosas questões e resolvam os mais arduos problemas das sciencias geographicas.

BIBLIOTECA NACIONAL

Este, o futuro congresso, filia-se no d'Antuerpia reunido em 1871.

A circular define os complexos fins do congresso do seguinte modo:

Estudar o globo na sua constituição physica e na manifestação da vida á sua superficie. Esse estudo ligado intimamente com a geologia e a zoologia e physica, chimica, é d'uma tal transcendencia que fôra necessario paginas e paginas unicamente para relacionar as obras que, nos ultimos vinte annos, se hão occupado de tão interessante estudo.

Outrosim se propõe o congresso de examinar os meios de medir o globo terrestre e represental-o. D'aqui vem a apreciação dos gigantescos trabalhos geodesicos, chorographicos, topographicos, e cartographicos, effeituados no decurso d'este seculo de tanta vida scientifica. Quasi todos os paizes trabalham afincadamente na conclusão da sua carta chorographica e faça-se plena justiça á nossa laboriosa commissão geodesica; os seus productos rivalisam com os melhores do estrangeiro pelo valor scientifico, nitidez e bellesa do desenho.

A representação do relevo do terreno attingiu a ultima perfeição.

Desejara poder dar n'este artigo a descripção dos complicados, afanosos e despendiosos trabalhos geodesicos emprehendidos pelos paizes da Europa; porém notarei apenas como facto caracteristico o seguinte:

Em 1833 publicou-se o primeiro fragmento da carta chorographica da França, a qual comprehenderá 274 folhas. Até 1873 estavam publicadas 258. Maunoir, secretario geral da sociedade de geographia de Paris, e critico abalisado, suppõe que nos fins de 1876 deve estar concluida a carta da França, incluindo a ilha da Corsega.

Deter-me-hei agora a apresentar aos leitores uma idéa do trabalho que mereceu os mais enthusiasticos louvores de todos que o tem admirado, e que marca uma época nos fastos da cartographia. Referimo-nos á carta parietal da França por Erarhard, organisada por uma carta oro-hydrographica, publicada sob os auspicios do ministerio da instrucção publica em França, pela commissão da topographia das Gallias.

O admiravel trabalho de Erarhard está dividido em 4 folhas na escalla de 1:800000, (14 centimetros cada gráo).

Quando se olha para aquelle trabalho fica-se extasiado. É uma imagem perfeita e viva do terreno. Vê-se a alliança completa do rigor mathematico com o pittoresco. Para o estudo attrahente e proficuo da geographia, é d'uma utilidade e efficacia inexcediveis. É o prototypo das cartas parietaes, que são indubitavelmente o instrumento mais seguro para o primeiro ensino geographico. Em summa, um dos mais primorosos geographos, francezes, affirma com respeito á perfeição dos trabalhos cartographicos d'um paiz, que elles dão a medida, a verdadeira medida do gráo de adiantamento ou de abaixamento d'um povo nas sciencias geographicas, de que as mesmas cartas são a resumida expressão.

Vivien de S. Martin rejubila-se com o ter elle sido, na qualidade de presidente da sociedade de geographia, quem entregou a Erarhard a grande medalha conferida por aquella douta sociedade ao intelligente cartographo.

Prende-se intimamente com estes estudos cartographicos a operação delicada da determinação da meridiana de França. A primeira medida foi executada por Picard de 1683 a 1718; a segunda foi começada em 1739 por Cassini; a terceira de 1792 a 1798 por Delambre e Mechain. Vem consignada na celebre obra *Base du système métrique*.

Como porém essa terceira medição contivesse erros muito graves, devido á época historica tempestuosa em que os trabalhos foram executados, tornou-se necessaria nova determinação.

Dirige esse trabalho Perrier, um dos officiaes do estado maior mais distinctos.

Um outro fim do congresso é restabelecer os estados successivos da terra nas differentes épocas, e encontrar no solo os vestigios da historia reconstituida pela erudição moderna.

Esse assumpto é um dos mais espinhosos e afigura-se-me, apesar do valioso e quantioso cabedal de conhecimentos historicos adquiridos pela erudição hodierna, que muitos factos historicos deixaram vestigios cuja decifração é ainda um enigma. A archeologia e a linguistica tem produzido maravilhas, mas ainda não produziram tudo de que se carece para resolver problemas tão escabrosos. Acima alludimos a esse assumpto, exalçando as virtudes e serviços dos viajantes scientificos.

Outro ponto a tratar no congresso é o tornar mais promptas e mais faceis as relações entre os povos, e confiar gradualmente ao homem toda a superficie habitavel da terra.

No estado de desenvolvimento prodigioso do commercio de todo o mundo, com a continuação das viagens no coração d'Africa, que tantas e tão gloriosas victimas hão produzido, não é difficil indicar o caminho a seguir para realisar esse *desideratum*. É um assumpto essencialmente pratico, e da resolução d'elle dependerá o acabamento do conhecimento das mysteriosas regiões propriamente centraes da Africa, tornando-se então completamente conhecido e explorado o mundo inteiro.

Tambem mira o congresso a comparar os methodos de ensino e unificar os esforços para a diffusão e progresso da sciencia. Portugal se cumprir o que se accordar no congresso ácerca d'um ponto, a meu ver, o mais importante dos que tem a estudar, ha de inaugurar uma era de regeneração nos estudos geographicos. Não ha um unico symptoma de vida geographica. Não temos compendios que preencham o alto fim da geographia, não temos diccionarios, não exploramos as nossas colonias, não fundamos uma sociedade de geographia e nem siquer existe em Portugal um jornal geographico.

Não fallando da Allemanha, fóco de todo o movimento progressivo em sciencias geographicas, e em França, que, na opinião do imparcial critico S. Martin, vae aproximando-se da Allemanha com os novos methodos de ensino, (questão exgotada pelo distincto geographo Levasseur) e com o seu proximo congresso; vemos a Hespanha ter uma sociedade de anthropologia com o seu respectivo jornal e a Italia publicar um excellente jornal *Communicazioni sui progressi piu recenti e notevoli della geografia*

e della scienze affini, por Guido Cora. Este jornal tem magnificas cartas geographicas e publica artigos de inestimavel merecimento.

Por ultimo occupar-se-ha o congresso dos esforços e meios a empregar para a continuação das explorações scientificas; quer dizer, registrar o que é certo, discutir o duvidoso, e descobrir o incognito no estudo practico da terra.

Apresentamos em seguida aos leitores a lista dos membros da sociedade de geographia, que compõe as differentes secções do congresso, divididas conformemente os pontos d'estudos acima indicados.

1.ª secção: — Geographia mathematica: Bouquet de la Grye, Chancourtois, Germain, Mieulet, Mouchez, Perrier e Pissis.

2.ª secção: — Geographia physica: Cosson, Daubrée, Delesse, J. Garnier, Hamy, Quatrefages, Tarry.

3.ª secção: — Historia da geographia: Barbié du Bocage, Desjardins, Sayoux, Vivien de S. Martin.

4.ª secção: — Geographia economica e estatistica: Delamarre, Herpin, Hert, Levasseur, Person, Pigeonneau.

5.ª secção: — Ensino: Bonnefort, Cortambert, Dupaigne, Perigot.

6.ª secção: — Viagens: Ch. Babinet, Bizemont, H. Duveyrier, Grandidier, Malte-Brun.

Os governos de Inglaterra, Allemanha e Austro-Hungria organisaram do seguinte modo as suas commissões, que formarão o *Comité de honneur*.

Inglaterra: O conde Derby, sir Bartle Frere, presidente da sociedade de geographia de Londres, sir Henri Bawlinson, o distinctissimo orientalista e o antecessor de sir Bartle na presidencia da respeitavel sociedade de Londres.

Allemanha: General Bayer, fundador da commissão internacional de geodesia; o barão de Richthofen, explorador na China, presidente da sociedade de geographia de Berlim; Augustus Petermann director dos *Mittheilungen;* Oscar Peschel, um dos mais conspicuos mestres em materia de historia da geographia; Kiepert, de quem fallamos mais d'uma vez n'este artigo; Vappaeus, auctor d'um corpo de geographia muito apreciado.

Austro-Hungria: General Dobner de Dobeneau, director do instituto militar geographico de Vienne; almirante Wullersdorf-Urbair, director da celebre expedição da fragata *Novara*; conde de Seetzen, Pulski, J. Hunfalvi, presidente da sociedade de geographica de Buda-Pesth; Hermann Vambery, muito conhecido pelas suas explorações na Asia Central.

Ahi fica esboçado a largos traços o que é a geographia, os seus limites e importancia, e os fins do congresso de geographia, que ha de abrir-se no 1.º d'agosto do presente anno.

Alfredo May.

COLON EN VALCUEVO

CAPITULO IV

Sumario.—Entrevista de Colon con los Reyes: Su resultado inmediato. Fr. Hernando de Talavera. Junta convocada por este: su informe á los Reyes. Actitud y designio de los amigos de Colon. Medios que emplean para realizarlos. Fr. Diego de Deza. Fr. Antonio de Marchena.

—

Recomendado por el Duque de Medinaceli, protegido por el Cardenal Mendoza, alentado por la confianza que le daban sus convicciones, favorecido además por sus prendas de alma y cuerpo, simpática figura, decir insinuante, dulzura y dignidad á la vez, Colon logró presentarse á los Reyes y exponerles sus proyectos, antes de que aquellos abriesen la campaña de 1486, que, como de costumbre, se principió con la primavera.

Ninguno, que sepamos, de los cronistas é historiadores de la época, ni aun los que más detenida y especialmente se ocuparon del acontecimiento, se detuvieron á narrar el de aquella primera entrevista, con el esmero y detalles que su importancia reclamaba. D. Hernando, ya hemos visto que pasa sobre ello como sobre ascuas; pero además confunde lastimosamente aquella primera presentacion de su padre á los Reyes con las negociaciones que en época muy posterior logró reanudar el guardian de la Rábida, Fr. Juan Perez. Las Casas, con su peculiar ingenuidad, es el único que nos dice lo bastante, para que podamos formar idea acertada de lo que fué aquella entrevista, de lo que no pudo menos de ser, dadas las circunstancias del momento, las graves atenciones de los Reyes y lo portentoso de la empresa, á cuya ejecucion les invitaba el desconocido extrangero. «Los Reyes, dice el ingénuo Las Casas, oida y enten-«dida superficialmente la demanda de Colon, por las ocupaciones gran-«des que tenian con la dicha guerra, (porque esto es regla general, que «cuando los Reyes tienen guerra, poco entienden ni quieren entender en

«otras cosas:) puesto que *con benignidad y alegre rostro*, acordaron de «lo cometer á letrados, para que oyesen á Cristobal Colon mas particu- «larmente y viesen la calidad del negocio, la prueba que daba para que «fuese posible, confiriesen y tratasen dello, y despues hicieren á sus al- «tezas plenaria relacion.»

Colon, en quien la conducta del Obispo de Ceuta D. Diego Ortiz de Calzadilla habia dejado cierto sabor de amargura que nunca pudo despegar de su alma, y en quien, apesar de su magnanimidad hacian honda huella el descreimiento y los desdenes de los cortesanos y palaciegos, Colon mismo confirma, sin embargo, en más de un documento, el aserto de Fr. Bartolomé de las Casas. En la carta que este copia — lib. II — cap. 37 — fol. 112 vto. — de Colon al Rey D. Fernando, entre otras cosas, dice: «V. A. despues que hobo cognoscimiento de mi decir, me hon- «ró y fizo merced de títulos de honra.»

En la más notable carta que dirigió á los Reyes desde la Jamaica y vá por cabeza del libro de las Profecias, repite esta frase, que basta á enaltecer la grandeza de espíritu y hacer eterna la memoria de la reina de Castilla: «*en solo V. A. quedó la fé y constancia.*»

La omision de D. Hernando, el silencio de los demás historiógrafos acerca de aquella entrevista, las frases con que la describe el Obispo de Chiapa, y las divergencias que se advierten en los autores de la época respecto á los primeros y ulteriores pasos dados por Colon desde su llegada á España, hasta sus capitulaciones con la Reina, han dado ocasion á que se confundieran por todos los historiadores (dudamos si excluir al mismo Navarrete) las conferencias de Salamanca, con la junta consultiva á que los Reyes remitieron en Córdoba las proposiciones de Colon, segun el testimonio de Las Casas: error capital, del cual hánse desprendido otros muchos, á cuya sombra se han lanzado gratuitas invectivas contra España y contra los Doctores y maestros de aquella célebre Universidad.

Las Casas dice, en efecto, (ya lo hemos visto:) «acordaron (los Reyes) «de lo cometer á letrados, etc. «Pero á seguida añade:... «Cometiéronlo «principalmente al Prior de Prado y *que él llamase las personas que le «pareciesen* mas entender de aquella materia de cosmografía, de los cua- «les no sobraban muchos en aquel tiempo en Castilla: y es cosa de ma- «ravillar, cuanta era la penuria é ignorancia que cérca desto habia por «entonces en toda Castilla. Ellos juntos, muchas veces, (los convocados «por el Prior de Prado) propuesta Cristobal Colon su empresa, dando ra- «zones y autoridades para que lo tuviesen por posible, aunque callando «las mas urgentes, porque no le acaeciese lo que en Portugal...» etc.

Desde luego se advierte que ese relato está copiado del de D. Hernando en lo sustancial: que la comision á letrados es una frase de fórmula por entrambos — allí empleada á título de doctos y hombres de letras; pero el encargo del exámen fué personal, al Prior de Prado, y que se valiera para evacuarle de las personas que le pareciesen más entender de aquella materia. Ni allí suena Salamanca para nada, ni aquello

transciende á informe del ya entonces celebérrimo cláustro universitario. Se descubre á tiro de ballesta que el Rey católico, hábil en expedientes para ladear dificultades, y considerando como tal, en aquellos momentos, la demanda de Cristobal Colon, dió traslado de ella á Fr. Hernando de Talavera, cuyas prevenciones no nada favorables al genovés y á sus proyectos debia sobradamente conocer.

Porque, es muy de notar, que habiendo sido el Cardenal Mendoza quien á instancias ó de acuerdo con Quintanilla, con Deza, con Santangel y con Juan Cabrero, recomendó á los Reyes los proyectos de Colon, y todos ellos los que, al decir de Las Casas, negociaron que el navegante genovés fuese oido de aquellos, es notable, decimos, que con exclusion de todos estos confirieran los Reyes el exámen y estudio de aquellos mismos proyectos al buen teólogo y confesor de la Reina, Fr. Hernando de Talavera. Y son aquí de tener en cuenta algunos datos, que resultan de hechos comprobados y de auténticos documentos. Es uno de ellos, que el Prior de Prado, consejero de los Reyes, confesor de la Reina y por esta tenido en mucho aprecio, en altísimo concepto, fué siempre y decididamente adverso á la empresa y á las demandas de Colon, tanto como fué propicia la Reina: la cual nunca olvidó la tenaz oposicion de su confesor, á quien, en médio de su acendrado afecto, dióle, despues del éxito, una leccion sobre ello, como sabia darlas la Reina de Castilla; una leccion tan delicada, como significativa: no le volvió á hablar de Colon, ni de los descubrimientos, ni del asunto de las Indias. Advirtiólo el sagaz prelado: y en una de sus cartas á la Reina—la que lleva la fecha de *víspera de los Santos*, 1493—así como incidentalmente, pero con intencion de Padre Maestro, deja deslizar este párrafo: «*¡Oh que si lo de las Indias sale cierto!* (habia salido ya) *de que ni una palabra me ha escrito «Vuestra Alteza, ni yo, si bien me acuerdo, otra sino esta.»* La Reina, aun quando así interpelada sobre su silencio, le continuó guardando y al contestar desde Zaragoza á su venerado confesor, pasa de corrido con gran bondad y delicadeza, sobre el asunto, sin dar al buen Padre la noticia del descubrimiento que de aquel no era ya ignorado, pero que sentia no haber sabido de labios de la reina misma.

Otro de los datos, dignos de tenerse en cuenta, es el retraimiento, por parte del Rey Católico, de la empresa de Colon: lo cual basta á demostrar, si otras pruebas de ello no existieran, que siempre oyó con tibieza, si es que no miró con desagrado los proyectos de aquel. Irwing ha dicho con notable perspicacia: «El rey miraba con frialdad aquella negociacion.» Y Prescott no ha vacilado en asegurar; «que desde el principio habia mirado Fernando con frialdad y desconfianza aquel proyecto.» El encargo dado á Fr. Hernando de Talavera, con exclusion de Quintanilla, de Santangel, de Fr. Diego de Deza y del Cardenal mismo, viene en confirmacion de ese hecho. ¿Quiso el rey católico despedir políticamente á Colon; ó solamente ganar tiempo y obtener un largo aplazamiento al asunto? En este particular no somos completamente de la opinion de Irwing cuando dice: «La posibilidad de hacer descubrimientos

más importantes aún que los que habian engrandecido á Portugal alhagó la ambicion de Fernando.» Hombre de escasa fé en nuestro concepto, no lograron inspirarle confianza las ideas y atrevidos proyectos de Colon; pero quiso retenerlo en España. Por ello y para ello eligió al Prior de Prado, y á él solo encargó «que reuniese personas competentes que oyesen á Colon y que conferenciasen entre sí, que viesen la calidad del negocio y tratasen de ello, y despues hiciesen á sus altezas plenaria relacion.»

Pero Fr. Hernando de Oropesa era todo menos que diplomático al gusto del Rey Fernando. Enemigo de términos medios, ni velaba sus intenciones, ni ocultaba sus ideas, ni dejaba, por consideracion alguna, de manifestar sus sentimientos. ¡Contraste singular! El Prior de Prado, teólogo liberal, eclesiástico ejemplar, pero tolerante y nada fanático, fué adversario declarado de las ideas y de los proyectos de Colon: mientras que á favor de aquellas y de estos se pronunció decididamente, y desde el principio al fin, el dominico Fr. Diego de Deza, sucesor de Torquemada al frente del terrible Tribunal de la Inquisicion.

No, el Reverendo Fr. Hernando de Talavera no era ciertamente el Obispo Calzadilla, ni en estrechez de miras, ni en ruindad de procedimientos; pero era más adversario que este de la empresa de Colon. La consideraba como un embarazo más, como un obstáculo nuevo, atravesado en aquellos momentos á la por todo extremo importante obra de terminar la reconquista, de concluir con el poder del Islam en España, de hacer ondear la enseña de la cruz y el pendon de Castilla sobre los torreones de la Alhambra y del Generalife. Esta era para él la gran empresa: y á realizarla, cuanto más antes, lo posponia y lo sacrificaba todo. ¿Qué le importaban á él Mango y Cipango, ni su oro, ni sus tesoros, ni las islas del extremo oriente, ni el averiguar si este estaba más cerca ó más lejos de las costas occidentales de Europa y de Africa? Lo que le importaba, lo que le preocupaba, lo que absorbia su pensamiento y todas sus potencias era el lograr que, en sus dias, en el reinado de Isabel de Castilla, se pusiese fin y término á la titánica lucha de ocho siglos contra los sucesores de Tarec y de Muza: era el que su reina pudiese añadir á los brillantes de la corona de Leon y Castilla los rubies de la de Granada. Todas las fuerzas de Castilla y Aragon se le figuraban pocas para lograr aquel objeto, con la brevedad que en su patriotismo apetecia ardorosamente. El distraer un momento de él la atencion de los reyes, y un solo maravedí que fuera del regio ya exahusto tesoro, se le antojaba, no ya un acto impolítico, mas un crímen de lesa unidad nacional, una falta de patriotismo.

Y no vaciló un momento. Formó desde luego el propósito de despedir buenamente á Colon: y al intento cogió con las dos manos la ocasion que le proporcionaba el encargo de oirle, examinar el negocio é informar á los Reyes. Reunió al efecto y de corrido las personss á él más devotas: y el informe negativo de la junta no se hizo esperar.

Ni se limitaron á eso solo el celo y diligencia del consejero Fr. Her-

nando. No ignoraba él que Colon tenia en la Corte protectores valiosos: y no desconociendo, ni los atractivos que por su grandeza y transcendencia ofrecia la empresa, ni lo que esta alhagaba el levantado espíritu y varonil aliento de la Reina, como ni el influjo que podian ejercer en su ánimo las altas cualidades que desplegaba el navegante genovés, en medio de su exterior modesto y de su aire reservado, quiso desautorizarle, quiso aburrirle: y de aquí, las invectivas y los sarcasmos de los palaciegos y cortesanos, comensales y amigos del siempre resuelto é infatigable en sus propósitos, Fr. Hernando de Talavera. Esas son las burlas que tan honda huella dejaron en el alma de Cristobal Colon y á las que tantas veces se refiere en sus cartas; siendo de creer, que no fueron aquellas las primeras ni las últimas que hubo de sufrir en su lucha tenaz contra el descreimiento, la ignorancia, las preocupaciones y la rutina.

La campaña de 1486 contra la morisma se cerró victoriosamente con la primavera. Apenas habian regresado á Córdoba los Reyes, la junta de letrados que habia presidido é inspirado Fr. Hernando se apresuró á darles cuenta del resultado de su presto evacuada comision. Los términos de este informe, tomados por todos los historiadores y biógrafos modernos del seco y desabrido relato de D. Hernando Colon, se redujeron, como ha dicho Irwing, á decir á SS. AA.: «que en la opinion de la junta «el propuesto proyecto era vano é imposible; y que no convenia á tan «grandes príncipes tomar parte en semejantes empresas y de tan poco «fundamento.»

Fr. Bartolomé de las Casas, más ingénuo, menos apasionado, en esa parte, que D. Hernando y mejor informado, dice, hablando de aquella comision y de su informe: «Y así fueron déllos juzgadas sus promesas «y ofertas (las de Colon) por imposibles y vanas y de toda repulsa dig«nas. Y con esta opinion fueron á los reyes persuadiéndoles que no era «cosa que á la autoridad de sus personas reales convenia ponerse á fa«vorecer negocio tan flacamente fundado y que tan incierto é imposible «á cualquiera persona letrado, por indocto que fuese, podia parecer, por«que perderian los dineros que en ello se gastasen y derogarian su autoridad real sin ningun fruto.»

Que tal y tan decisivo y tan contrario á los proyectos de Colon fuera el informe de la junta convocada por el Prior de Prado nos parece hecho demostrado é incuestionable. Pero esto mismo ofrece, no ya la prueba, mas la seguridad de que aquella junta y aquel informe no tienen nada de comun con las conferencias de Salamanca. Ni las objeciones que, al decir de D. Hernando y de Casas, se hicieron á Colon en aquella junta: ni los sujetos que de ella fueron miembros: ni la persona de su presidente é inspirador: ni la opinion allí formada: ni el informe por consecuencia de ello presentado á los reyes, conciertan en cosa alguna, como veremos pronto, con lo relativo á las conferencias de Salamanca, donde el glosador de Nicolas de Lira era cabalmente el partidario más decidido y el protector más celoso de Colon y de su proyecto: donde ese mismo

protector ejercia una influencia muy superior á la del Prior de Prado: donde «se elevaban por entonces no tan solo los estudios clásicos, como se honraba en decir Erasmo, sino las artes liberales, y todos los ramos de las ciencias, como deponen Marineo Siculo y Pedro Mártir Angleria, á un estado tan floreciente que no solamente escitaba la admiracion, sino que debia servir de modelo á las naciones más cultas de Europa:» y donde ni se juntaron letrados y marineros, ni hubo platicas con el Prior de Prado, ni la opinion de este salió victoriosa, sino que quedó vencida y desbaratada.

Si alguna duba pudiera existir sobre esto, la desvaneceria la declaracion del Dr. Rodrigo de Maldonado, contestando á la 7.ª pregunta del segundo interrogatorio en las probanzas hechas por parte de D. Diego Colon: documento precioso que tambien ha sacado á la luz nuestro Navarrete, y suministra irrefragable testimonio de que la junta y el informe del Prior de Prado fueron cosa completamente distinta de las conferencias de Salamanca.

«¿Era ó no cierto—decia la pregunta—que antes que se descubriesen las Indias por el dicho Almirante, *muchos sabios é letrados é marineros* decian que no era posible que hoviese en aquellas partes tierras; e por esta causa cuando el dicho Almirante fué á descubrir el primer viage, *mucha gente é marineros* se querian volver sin haber fallado tierra, diciendo que los llevaba perdidos: de manera que si el dicho Almirante no descubriera las dichas Indias, que se estuviéran fasta hoy por fallar, segun que lo estaban de antes que por él fuesen descubiertas?» A cuya pregunta, el Dr. Maldonado, Regidor de Salamanca, pariente de Fr. Hernando de Talavera y uno de los llamados por este para su famosa junta de Córdoba contestó: «Que lo que désta pregunta sabe es, *que él, con el Prior de Prado, que á la sazon era*, que despues fué Arzobispo de «Granada, é con otros *sabios é letrados é marineros, platicaron con el «dicho Almirante sobre su ida á las dichas islas, é que todos ellos acor- «daron que era imposible ser verdad lo que el dicho Almirante decia.*»

Confesando, como se vé, caballerosa é ingénuamente su proprio error el Dr. Rodrigo Maldonado, no tenia por qué ocultar el de Fr. Hernando: y ciertamente no le ocultó. Mal podria haber ocultado el de los Doctores y Maestros de Salamanca, si de las conferencias de Salamanca hubiese querido hablar; pero bien se vé que no: que no habla de Salamanca, ni de las famosas conferencias allí tenidas con Colon: ni hace mérito de Fr. Diego de Deza, ni menciona á uno solo de los Maestros y Doctores de aquella Escuela, que conocia sobradamente: en una palabra, se vé claro como la luz, que las pláticas del Prior de Prado y del Dr. Rodrigo, su devoto aliado y amigo, acompañados de sabios, letrados y marineros (de los cuales no cita uno solo por su nombre) con el Almirante, fueron lo contrario de las conferencias de Salamanca: fueron la obra del adversario de Colon: fueron el trabajo ejecutivo y resueltamente llevado á cabo por el enérgico Fr. Hernando de Talavera, para libertarse de la pesadumbre de aquel á quien él consideraba como un arbitrista sin

blanca, más que eso, una ocasion de nuevos embarazos á la accion de los reyes en la por él acariciada y para él más gloriosa empresa, la de la conquista de Granada: trabajo pensado y ejecutado por el inflexible confesor y consejero de los Reyes inmediatamente que recibió de estos el encargo de oir á Colon y examinar sus proyectos; lo cual ya hemos dicho se verificó antes de abrirse la campaña de 1486. Pero el excesivo celo llevó á Fr. Hernando demasiado lejos. Ni aun con su implacable informe logró que los reyes despidieran á Colon. «Mandaron aquellos— «dice Las Casas— darle por respuesta despidiéndole, *aunque no quitán-* «*dole la esperanza de volver á la materia*, cuando más desocupados sus «altezas se viesen, lo que entonces no estaban con los graves negocios «de Granada, los cuales no les daban lugar á entremeter negocios nue- «vos: *que el tiempo andando se podria ofrecer mejor y mas oportuna ocasion.*» Y lo mismo sustancialmente dice el biógrafo D. Hernando.

Los Reyes, como se vé, no querian desprenderse de Cristobal Colon. Lo que procuraban era un aplazamiento. La reina Isabel, ya lo hemos dicho, simpatizaba con la empresa. El rey D. Hernando temia y queria evitar que el navegante genovés pudiera llevarla á cabo por cuenta, con gloria y en provecho de otra potencia. Fr. Hernando de Talavera habia ido, pues, mucho más allá de lo que los Reyes querian.

Pero á los amigos de Colon, que conocian la energica tenacidad del Prior de Prado, que veian su resuelta oposicion á la empresa, y que sabian el influjo que ejercia su palabra y su consejo en el ánimo de la reina, no podia satisfacer el resultado de sus primeras gestiones en favor del cosmógrafo genovés; y se dieron á escogitar medios y buscar trazas, no ya para neutralizar en el ánimo de los Reyes el efecto desalentador del informe dado por la junta del Prior de Prado; mas para vencer á este en la lucha ya empeñada.

Y en verdad, que los protectores de Colon, aun cuando su número se redujese por entonces á los que ha dicho Fr. Bartolomé de las Casas, eran, sin embargo, de calidad tal, que ni concebir se puede el que una vez movido su ánimo y empeñada su reputacion en favor de la empresa, se avinieran á bajar sus frentes ante la opinion, en su concepto desacertada, del Confesor de la Reina.

Y en efecto, ni el Cardenal Mendoza, ni Alonso de Quintanilla, ni Luis de Santangel, ni Juan Cabrero, ni mucho menos que estos, el Ayo del príncipe y Confesor del Rey Fr. Diego de Deza, doblaron su capelo, sus largas capas y sus anchos hábitos ante la clámide angosta del Prior de Prado.

Preparaban ya los Reyes su expedicion á Galicia: y como quiera que habian de pasar por Trujillo, seguir la *via argentea*—carretera de la plata—y detenerse en Salamanca, este punto eligieron los simpatizadores de Colon para oponer al informe de la junta presidida por Fr. Hernando de Talavera el autorizado informe de los Maestros y doctores de aquella célebre escuela. Propusieron el pensamiento á los Reyes: y estos lo aprobaron sin vacilar; tanto porque convenia á sus deseos de aplaza-

miento del asunto, cuanto por el alto concepto que tenian de aquel uberrimo plantel de ilustres varones. En cuanto á Colon, por más que no le agradasen mucho los sobreseimientos y los autos para mejor proveer, hubo de conformarse á secundar los planes de sus protectores, de tanto más buen agrado, cuanto desde aquel momento no tuvo ya que pensar en los medios de su subsistencia, que corrió, como todos los gastos de viages y estancias, al cuidado y solicitud esmerada del Prior de San Estevan y Catedrático de la Universidad de Salamanca, Fr. Diego de Deza.

Ni se limitaron á estos solos los simpatizadores de Colon, partidarios de sus proyectos y auxiliares poderosos de su empresa. Fr. Bartolomé de las Casas nos dá, en el lugar citado de su inédita Historia, una noticia curiosa de otro auxiliar de Colon, no menos diligente que los anteriores, no menos fervoroso, y aunque, en su modestia, desconocido ó confundido con otro personage por casi todos los biógrafos é historiadores, muy influyente para con los Reyes en favor de los proyectos de Colon. Oigamos sobre esto á Las Casas:

«Aquí tambien ocurre más que notar—dice en el cap. 32 lib. 1.º— «que segun parece por algunas cartas de Cristobal Colon, escritas por su «misma mano, (que yo he tenido en las mias) á los Reyes, desde esta «isla Española, un *religioso que habia por nombre Fr. Antonio de Mar-* «*chena*, no dice de que órden, ni en qué, ni cuando, *fué el que mucho le* «*ayudó á que la Reina se persuadiese y aceptase la peticion.*» En seguida copia la carta de Colon á los Reyes que dice así:—«Ya saben «VV. AA. que anduve siete años en su Corte importunándoles por esto: «nunca en todo ese tiempo se halló piloto, ni marinero, ni filósofo, ni de «otra ciencia que todos no dijesen que mi empresa era falsa: que nunca «hallé ayuda de nadie, *salvo de Fr. Antonio de Marchena*, despues de «aquella de Dios eterno, etc. Y abajo dice otra vez, que no se halló per- «sona que no lo tuviese á burla, *salvo aquel Padre Fr. Antonio de Mar-* «*chena*, como arriba dije.—Nunca pude hallar, continúa Las-Casas, de «qué órden fuese, aunque creo que fuese de S. Francisco, por cognos- «cer que Cristobal Colon despues de Almirante, siempre fué devoto de «aquella órden. Tampoco pude saber cuando, ni en qué, ni como le fa- «voreciese *ó que entrada tuviese con los Reyes el ya dicho P. Fr. Anto-* «*nio de Marchena*».

Dos cosas queremos notar aquí. Es la primera la inexactitud del tantas veces repetido aserto de Colon, en su nunca apagado enojo contra los palaciegos y cortesanos de cuyas invectivas y epigramas fué objeto, relativamente á lo de que no hubo nadie que no dijese, que su empresa era falsa, y que no lo tuviese á burla: aserto desmentido por el propio Cristobal Colon, al escribir unas veces, que los Reyes debian las Indias á Fr. Diego de Deza y á Juan Cabrero: otras al dirigirse á Santangel y á D.ª Juana Torres, porque se holgarian de sus descubrimientos, considerándoles—y tal fué la verdad,—sus protectores: diciéndonos aquí mismo, que le ayudó mucho Fr. Antonio de Marchena: y siendo incuestionable que le auxiliaron eficacísimamente en diversos momentos y por

distintos medios, el físico de Palos, Garcia Hernandez, el Guardian de la Rábida, Fr. Juan Perez, el clérigo Martin Sanchez y Juan Rodriguez Cabezudo, vecino de Moguer, á los cuales dejó encomendado su hijo Diego, con encargo de que lo llevasen á Córdoba, cuando se embarcó para su primer viage; sin otros muchos sujetos de cuyos nombres no han hecho mencion las crónicas, ni las cartas, pero cuyos buenos oficios no son menos ciertos, por mas que no fueran tan importantes como aquellos otros.

Otra de las cosas dignas de ser notadas aquí és, la ligereza y patente equivocacion con que, hasta hoy, se ha confundido á Fr. Antonio de Marchena con Fr. Juan Perez, guardian de la Rábida: llegando el error en Roselly de Lorgues á punto de tenaz obcecacion; puesto que hace formal empeño de sostener la confusion de los dos frailes.

Las Casas sabia perfectamente quién era Fr. Juan Perez, como quiera que dedica casi un capítulo de su obra á tratar del suceso de la Rábida y de su Guardian Fr. Juan Perez; y dice allí, cómo, cuando y en qué ayudó á Colon: nada de lo cual sabia respecto de Fr. Antonio de Marchena. De forma, que el historiador de mayor excepcion, Bartolomé de las Casas, distinguió clara y evidentemente á Fr. Antonio de Marchena de Fr. Juan Perez. Sabia, lo mismo que el físico de Palos, Garcia Hernandez, que el Guardian de la Rábida habia sido confesor de la Reina; y el físico, como Las Casas, le llaman siempre Fr. Juan Perez.

A la perspicacia de nuestro Navarrete no se ocultó la posible equivocacion en haber confundido á Fr. Antonio de Marchena con Fr. Juan Perez; pero dejó pasar la confusion: «entre tanto, dice, que nuevas in-«vestigaciones puedan disipar esta duda...»

Gomara y Herrera, que quizás son los que han contribuido á la confusion de los dos frailes, cuando del Guardian de la Rábida se ocupan, no le nombran más que Fr. Juan Perez; pero como no supieron quien habia sido Fr. Antonio de Marchena, cuando este y sus buenos oficios les salieron al paso, cortaron la dificultad, diciendo, Fr. Juan Perez de Marchena y comiéndose el Antonio.

Hay sin embargo un documento precioso que disipa la duda y desata esa gran dificultad; es la Carta de los Reyes á Colon, escrita desde Barcelona con fecha 5 de setiembre de 1493.... (documento número LXXI de la coleccion) «y platicando acá estas cosas, dicen los Reyes, nos pa-«rece que seria bien llevásedes con vos *un buen astrólogo*, y nos parescia «*que seria bueno para esto Fray Antonio de Marchena, porque es buen* «*astrólogo y siempre nos pareció que se conformaba con vuestro parecer:* «y una carta vos enviamos nuestra para él...; pero por esto non vos de-«tengais una hora de partir, que si agora no fuere, él podrá ir en «alguna ó algunas carabelas que converna que vos enviemos, para vos facer saber lo que acá se ficiese.» Podian los Reyes confundir á su confesor con un astrólogo? El físico de Palos nos informa de que Fr. Juan Perez no entendia palabra de astrología; y que por eso le llamó á él, para oir á Colon y conferenciar sobre sus proyectos. ¿Podian los Reyes

ignorar que su confesor se llamaba Fr. Juan Perez y era Prior ó Guardian de la Rábida? ¿Podian conferir á un Guardian, á un anciano, á un confesor suyo una mision tan subalterna, como la de acompañar, en calidad de astrólogo, á Colon, y si es caso, enviarle despues en una carabela y sin contar con su anuencia?

Nada de eso es posible. Y es por lo tanto de toda evidencia que Fray Antonio de Marchena, *astrólogo que siempre estuvo conforme con los proyectos y parecer de Colon*, por testimonio de los Reyes mismos, y que tanto contribuyó á inclinar el ánimo de estos en favor de aquel y de su empresa, fué persona completamente distinta de la de Fr. Juan Perez, Guardian de la Rábida.

Cuando el físico de Palos nombra á este Guardian, en la declaracion, que hubo de prestar corriendo el año de 1513, asegura que ya era difunto: y dá con ello á entender, que habia fallecido en su puesto y su convento. Roselly se afana inútilmente en querer demostrar que fué á las Indias.

Cierto es que, ni de la relacion del segundo viage de Colon escrita por el Dr. Chanca desde la isla Española al Cabildo de Sevilla, ni en la que de ese mismo viage escribió Pedro Martir de Angleria, ni en el Memorial que desde la Isabela, á 39 de Enero de 1494, dió Colon á Antonio de Torres para informar á los Reyes de todo lo relativo al segundo viage, como ni en las cartas del Almirante á los Reyes, al ama del Príncipe, al P. Fr. Gaspar Sorricio y á su proprio hijo D. Diego, es cierto, decimos, que en ninguno de esos documentos se nombra á Fr. Antonio de Marchena; pero tan poco se hace mérito de Fr. Juan Perez, sin embargo dé que se hace del P. Boil.

El empeño que pone Roselly de Lorgues en fundir los méritos y la persona del astrólogo Fr. A. Marchena en la del Guardian de la Rábida, Fr. Juan Perez, es perfectamente vano. Sus citas y testimonios aducidos al intento, si no fueran tan baladies como son, probarian lo contrario de aquello que se propone. Lucas Wadingo no es una gran autoridad; pero todo lo que dice, en sus *Anales de los Frailes Menores* es, que entre los que pasaron á los Indias Occidentales iba un Perez: lo cual no tiene nada de particular. El P. Fr. Juan Melendez en los *Tesoros verdaderos de las Indias*» — Jorge Cardoso en su «*Agiologio Lusitano*» — Fortunato Huberto en su «*Menologium Sti-Francisci* — y el P. Pedro Simon en sus «*Noticias historiales...* — escritores tan distantes de la época como del teatro de los sucesos, nos dicen, que uno de los primeros religiosos que fueron á las Indias Occidentales fué... ¿quién dirán nuestros lectores?... *Fr. Juan Perez de Marchena*. Lo cual significa que, hasta en la confusion de nombres, han reproducido á Somara y á Herrera: y que de lo que estos refieren, tomado de la biografía de D. Hernando, y del físico de Palos, y de la carta de los Reyes al Almirante recomendándole al *astrólogo* Marchena para que lo llevara consigo, han concluido gratuitamente, que pasó de los primeros á las Indias, no el astrólogo Fr. Antonio de Marchena, no el Guardian de la Rábida Fr. Juan Perez; sino el

imaginado fraile Fr. Juan Perez de Marchena. Es decir, que Roselly aduce como documentos de prueba los mismos de cuyo error ó mala inteligencia se trata. Se nos olvidaba otro argumento del escritor católico en demostracion de su tema: «En la 4.ª lámina del libro de Honorius Philoponus se vé la nave del Vicario Apostólico á alguna distancia de la del Almirante.» El Vicario Apostólico era el P. Boil. Saquen, si pueden, nuestros lectores la consecuencia.

Si el confesor de la Reina, y guardian de la Rábida Fr. Juan Perez hubiera querido pasar con Colon á las Indias ¿habrian los Reyes entregado á otro que á él la Bula del Papa? ¿Habrianle pospuesto al P. Boil? No es de creer.

Téngase en cuenta que en los primeros años del descubrimiento son contados los religiosos y clérigos que pasaron á las Indias: de lo cual es buena prueba la Carta de Cristabal Colon al Papa, escrita por Febrero de 1802, en que le suplica «el auxilio de algunos Sacerdotes y Religiosos y que mande por un Breve á todos los superiores de las órdenes de S. Benito, de la Cartuja, de S. Jerónimo, de Menores y Mendicantes, que él ó quien su poder tuviere puedan escoger déllos fasta seis, los cuales etc.» — Navarrete. Docum. Núm. CXLV.

¿Quién era entonces — preguntarán nuestros lectores — aquel Fr. Antonio de Marchena recomendado á Colon por los Reyes para que como buen astrólogo le llevase consigo á las Indias? Era uno de los matemáticos que oyeron y comprendieron los proyectos de Colon; uno de aquellos á quienes el cosmógrafo genovés enarderció con el fuego de su fervorosa palabra y á quienes logró comunicar el entusiasmo y la fé en su idea de buscar el Oriente del Asia por el Occidente de Europa y llegar á las comarcas del Mango y Cipango á través del Atlántico. En el capítulo inmediato le volveremos á encontrar.

T. R. Pinilla

REVISTA CRÍTICA DE ARTES

La situacion por que España atraviesa no es ciertamente la más apropósito para el florecimiento de las artes; el Estado no nos concede un apoyo ni una proteccion tan enérgica que contribuya á su desarrollo y á pesar de estar el arte entregado, única y exclusivamente, á su esfuerzo propio está muy lejos de hallarse tan caido como otros ramos de la actividad humana.

En la esfera religiosa somos víctimas, en unas partes, del más criminal y estúpido fanatismo; en otras, de una indiferencia glacial; nuestra situacion económica no puede ser peor; la ciencia, privada de su aire, que es la libertad, caerá en infecunda postracion, y solo el arte, como más libre, más independiente, aunque sufre mucho la letál influencia de la sociedad que refleja, parece recordar á Europa que no se extinguirá jamás entre nosotros el genio creador de las grandes concepciones estéticas.

Y es que los españoles, como todos los pueblos meridionales, tenemos en el arte un consuelo en las desgracias de la patria y una corona más en los dias de tríunfo.

Pero especialmente cuando España se ha dejado arrancar de las manos el cetro del poder político en Europa, cuando lo ha dejado caer, ó su infortunio la ha cubierto de dolores acervos, entonces el arte ha producido grandes figuras como Velasquez, como Goya, como Rosales que parecen decir al mundo con sus obras: «aún entre estos escombros y esta sangre, entre esta podredumbre moral y esta atonía, existe el gérmen de una regeneracion completa de nuestra vida nacional; respiramos la atmós-

fera del arte, y como el arte, que es lo bello, es el esplendor de lo bueno, tenemos la seguridad de que el culto de la belleza será entre nosotros al par que consuelo de inmensas aflicciones, el prólogo de la grandiosa epopeya de nuestra resurreccion á la vida del espíritu que es la vida de la libertad.»

Y es tanto más glorioso el renacimiento artístico que entre nosotros se verifica en cuanto no tiene más proteccion ni más apoyo que sus propias fuerzas y su propia vitalidad.

Nuestros artistas no se apoyan en la proteccion oficial, no existe entre nosotros ningun mercado artístico que pueda compararse á los de París y Lóndres, ni las fortunas españolas son tan cuantiosas que permitan grandes desembolsos en pró del arte. Los pintores, por ejemplo, trabajan más por la gloria que por el lucro, y así es fácil ver en Madrid lienzos que permanecen largo tiempo en los puntos de venta, y en el extrangero serian arrebatados por los inteligentes, adquiriendo subidísimos precios.

Esto tiene grandes inconvenientes: es el mayor que cuando el arte se abandona por completo á su único esfuerzo, cuando queda su vida en manos de los particulares, en vez de ser un arte nacional que tenga definido carácter se deja guiar por el capricho, por la individual fantasía, por esa voluble deidad moderna que se llama la moda y, yo creo que, esta no cabe en la esfera del arte, como no cabe en la esfera de la moral.

Tal vez comprendiéndolo, é impulsados por otras causas, nuestros artistas desean hace tiempo que se verifique una exposicion de bellas artes con carácter oficial: no pretenden vender al Gobierno; harto saben lo mezquinamente que paga, pero quieren exibir sus obras á la sombra y bajo el amparo de la bandera nacional.

Y de tal influencia saben que es para la gloria del arte producir sin sujetarse al capricho contemporáneo que todos nuestros artistas de más reputacion la han alcanzado en obras de las que previamente sabian que no podrian adquirirse fácilmente. *El testamento de Isabel I*, *Los náufragos de Trafalgar*, *Los comuneros de Castilla* no son lienzos de fácil adquisicion, están pensados sin tener en cuenta más que la belleza, y la recompensa recibida por sus autores con el aplauso universal prueba que para realzar y ennoblecer el arte solo es menester realizarle sin otra aspiracion que la de conseguir un ideal que luego se trasforma en corona para quien lo alcanza.

Hoy muy especialmente España debe hacer los mayores esfuerzos para no caer de la inmensa altura á que en el arte la han colocado las dos grandes figuras de Eduardo Rosales y Mariano Fortuny. Es preciso que alguien recoja la paleta de entrambos y la sostenga con honra: de nuestros pensionados en Roma, de nuestra colonia de París, de Madrid ó de Sevilla tiene que brotar la personalidad capaz de asumir el arte de la época y hacer confesar al mundo que el genio de Velasquez y Murillo no es entre nosotros meteoro de resplandor fugaz, sino eterno é inextinguible rayo de luz.

Acabo de escribir dos nombres que son dos glorias nacionales distintas, originales, exclusivas, pero grandes las dos. Una de ellas, Fortuny, está comprendido dentro de los límites de esta revista; la otra, Eduardo Rosales, hace ya más tiempo que duerme el sueño de la eternidad.

Yo no puedo recordarle sin recordar al mismo tiempo los laureles con que ví cubierta su paleta en la última exposicion de sus obras, la gasa negra que cubria sus pinceles manchados todavia pero quietos con la inmovilidad de la muerte y al rededor de ese gigantesco esfuerzo del sentimiento, la verdad, la poesía y el calor, que se llama *La muerte de Lucrecia*, todas las demás creaciones de su inteligencia: *Carlos V en Yuste*, *Hamlet y Ofelia*, *Doña Blanca de Navarra*, *los Evangelistas*, *y el Testamento de Isabel I.*

La muerte acababa de rozar con sus alas la frente del pintor; nuestro más grande artista habia muerto; los amigos y los admiradores dejábamos el cuerpo frio en el cementerio, el ataud se habia cerrado para no abrirse quizá sino dentro de algunos siglos ante la veneracion de la posteridad; no se oian ya los últimos tañidos de la campana que le habia recibido con el fúnebre y monotono sonido con que suena para todos, y al salir del campo-santo unos recordaban al amigo, otros elogiaban al hombre, todos al caballero y al artista. Y al recordarle nos decíamos «aún queda otro pintor que vele por nuestra gloria en Europa: Fortuny es jóven y su reputacion inmensa; su gloria universal crecerá, si es que puede todavía ser mayor.»

Poco despues de un año corria por Madrid una noticia que todos comentaban, que muchos se resistian á creer, pero que, como las grandes desgracias, se confirmó muy pronto. Fortuny habia muerto en Roma. El cetro del arte se nos caia de las manos.

Mariano Fortuny cuando habia conseguido toda la gloria que podia darle el género á que se habia dedicado, despues de aplaudido y solicitado por cuantos le rodeaban, despues de haber visto vendidos sus cuadros en cantidades exorbitantes, cuando se preparaba á abandonar los tamaños pequeños por los lienzos grandes, buscando, al aumentar las dimensiones de sus obras, mayores espacios á su gloria, acababa en Roma una existencia corta, fecunda en triunfos é inagotable en esperanzas.

Fortuny habia nacido en Reus en 1838, de humildísimo orígen como casi todos los grandes hombres, y desde los primeros años de su vida, en aquella villa industrial y obrera se fué formando su genio artístico, más propio de la riente Andalucía que de la infatigable Cataluña. Gastaba todos los cuartos que podia darle su anciano abuelo en lápices, papel, pinturas y útiles de dibujo. Las paredes de su casa, las tapias de la agena, las cercas de los jardines, los muros de las fábricas, todo estaba en Reus cubierto por su atrevida mano de dibujos, ya hechos con yeso, ya trazados con carbon y en que á través de incorrecciones se adivinaban los rasgos propios de los grandes maestros. El venerable anciano que le servia de padre le llevó á Barcelona, y allí recibió Marianét, que así llamaban en su pueblo á Fortuny, las primeras lecciones de Don Clau-

dio Lorenzale y Don Pablo Milá, y hasta lo diez y siete años no hizo más que dibujos sueltos y litografías para los editores de Barcelona, ilustrando entre otras, la novela *Tres hombres fuertes*, de Alejandro Dumas, hijo.

Por iniciativa del escultor Terlani pintó al temple una gloria para la iglesia de San Agustin de Barcelona, y la sensacion que causó fué grande En la academia de dibujo era ya considerado como la más segura esperanza de sus maestros, y la diputacion provincial le pensionó en Roma, donde habia de formar por completo su estilo con el estudio de los maestros, al lado de los que hoy figura.

Pero un obstáculo insuperable se presentó entonces. Fortuny estaba comprendido en la quinta de aquel año y no podia salir de España sin dejar en las arcas del tesoro el precio de su libertad. La ley inexorable y ciega estuvo á punto de arrebatarnos el génio del artista. ¡Cuántas veces habrá sucedido esto! ¡Cuántas veces el talento, la gloria de la inteligencia habrá muerto ignorada en los campos bajo la forma de soldado! ¡Por un puñado de dinero estuvimos á pique de perder á Fortuny! Pero la amistad nos le conservó: sus amigos le buscaron trabajo, pintó unos cuantos retratos y con su producto quedó libre.

Ya en Roma su primera obra fué la aquarela del *Contino* en la que dejó adivinar á cuanto llegaria en tan difícil género.

Estalló entonces la guerra de Marruecos, y Fortuny fué á Africa llevando de la misma Corporacion que le pensionara el encargo de hacer un cuadro, para el salon de sus sesiones, con algun episodio de la lucha. De entonces data su *Batalla de Tetuan*, que nunca llegó á terminar.

Vino luego á Madrid, pasó en Paris tres años, y en su viage por Andalucía, en Sevilla, en Cádiz, bajo el sol de Granada, en los patios de la Alhambra, á la sombra de aquellos cármenes y entre aquella atmósfera de luz y de colores, brotó de su pincel prodigioso número de obras. *La leccion de esgrima*, *Los prisioneros árabes en el patio de la Alhambra*, *El antiguo ayuntamiento de Granada*, *El jardin de la casa del marques del Salar*, y una de sus más extraordinarias creaciones, *El retrato de la hija de D. Diego del Castillo despues de muerta*, triste figura impregnada del más grande y espantoso realismo en que la vida ha huido de un cuerpo y la muerte no le ha desfigurado aún; momento en que la flor está ya seca pero no deshojada todavía.

La existencia de Fortuny fué desde entonces continuada ovacion, y sus viages triunfal carrera. Madrid, París, Granada, Sevilla, Africa, Nápoles y Roma arcos bajo los que pasó dejando huellas de su prodigioso talento, y de su maravillosa intuicion de la luz, su expléndido y rico colorido, sus soberbias sombras y naturalísimo dibujo.

Paris especialmente le colmó de aplausos: el jóven y malogrado Zamacois le habia hecho entrar en relaciones con el famoso tratante en cuadros, Goupil, y sus lienzos adquirieron tan subidos precios que solo á los más ricos capitalistas fué posible adquirirlos. Su obra más importante, *La vicaria*, llamada en Francia *Le mariage espagnol*, se vendió en 90.000 francos.

La escena pasa en la sacristía de una iglesia, en cuyo fondo se vé una verja riquísima y minuciosamente detallada, y el muro tapizado por cueros que han perdido su primitivo tono. En redor de una mesa maciza y pesada los personages de una boda de *usias:* la novia lujosamente ataviada y rodeada de amigas que han dado en sus vistosos trages motivo al más esplendoroso colorido; el novio, ya machucho y cubierto de raso blanco, firmando en el registro; y otra boda de toreros esperando turno y mofándose un tanto de la primera: los trages de estos últimos no son de la época en que la accion sucede: son toreros del dia, no compañeros de Pepe-Hillo y Costillares. Bien puede perdonarse este anacronismo á Fortuny en gracia de la que tiene la composicion del cuadro y en lo admirable de la ejecucion. Es tal vez su obra principal, al menos la más encomiada y que más reputacion le ha dado.

Otra notabilísima es la de *Los académicos examinando á una modelo* y tambien *El patio de la mezquita...*

De prodigiosa fecundidad, el catálogo de sus obras, sin contar cientos de estudios, bocetos, impresiones de color, recuerdos y dibujos, ocuparia mucho espacio: aparte las citadas merecen especial mencion, *El herrador árabe*, *La fiesta de la circuncision en Marruecos*, *Un arcabucero del siglo* XVIII, *Un afilador de armas en Africa*, *Unos árabes corriendo la pólvora*, *Una fantasía sobre el Fausto*, *Un soldado del tiempo de Carlos I, vistiéndose*, *Una niña cojiendo flores*, *El harem*, *Un estudio del carnaval en Roma*, *El jardin*, *El jefe kabila en oracion*, *Los moros dando de comer á la serpiente*, *Las máscaras*, *La mariposa mujer*, *Los árabes con el buitre*, *Una calle de Tanger*, *Una biblioteca*, *Un techo para el palacio de Doña Maria Cristina de Borbon*, *Los retratos de esta*, *de Plá*, *Suñol*, *Agrassot*, y finalmente, sin concluir ha dejado *La batalla de Tetuan*, *El patio de la alberca*, *Los abencerrajes*, *Unas máscaras encontrando un entierro*, *Arabes á caballo*, *Gitana bailando*, *Una enferma en la playa de Portici*, y *Una carneceria.*

Pocos dias antes de morir habia empezado el *retrato de Beethoven* que ha sido enterrado con el cadáver de Fortuny. ¿Por ser quizá su compositor favorito, ó para expresar que por su gloria podian dormir juntos el sueño que no tiene despertar?...

Fortuny ha sido además del gran pintor del verdadero realismo, de la verdad poetizada, un aquafortista de primer órden, y puede decirse que ha reunido la fantástica imaginacion de Goya y la energía de Rambrandt, tal vez excediendo á este en lo correcto del dibujo.

Sobre un sepulcro abierto todavia no pueden hacerse recriminaciones. El poder de la muerte es tal que como el fuego purifica al mismo tiempo que destruye. Pero debe decirse: Fortuny, menos grande que Rosales, ha muerto sin legar á su patria una página como la obra principal de este último; aun más, España apenas conserva algunas hojas caidas de la corona de sus triunfos; la gloria de su fama ha venido en gran parte á su patria traida por los ecos que nacen en las orillas del Sena y entre las bovédas del Vaticano.

En cuanto á lo demás el paralelo entre ambos es imposible; no pueden compararse de ninguna manera el legítimo y severo continuador de Velasquez y el genio de Fortuny en que habia algo de Wateau, Hogart, Goya, Messonier, Ribera, Callot, Durero, y Rambrandt: nunca podrán compararse la grandiosidad y la poesía inmensa de una selva formada de gigantes troncos y viciosísimo ramage, y el riente aspecto de un jardin donde la luz juega entre las tintas de las flores multiplicando sus matices, y plateando los caprichosos giros de las aguas.

Dejemos en su lecho de muerte á esas dos figuras y digamos algo sobre los trabajos de los vivos.

No es fácil tener conocimiento de cuantas obras de arte producen hoy nuestros artistas, diseminados como están por Europa y dando diferente salida á sus creaciones.

En Madrid viven, además de los principiantes, casi todos los maestros que teniendo formada su reputacion de todas partes han de recibir demandas de trabajo; en Roma los pensionados por el Estado, y en París los que desean estar en el centro del mercado artístico del mundo.

En Roma el estudio de cada artista es, casi siempre, una exposicion de sus obras y las de sus amigos, en Paris se verifican con gran frecuencia exibiciones particulares constantemente pobladas de compradores, traficantes y aficionados, y es por tanto fácil en ambos poblaciones seguir de cerca el movimiento artístico: pero en Madrid no hay más medio de publicidad que la *Exposicion permanente*, donde por lo regular quien más figura es el elemento jóven, de modo que para dar cuenta de la mayor parte de los trabajos que desde hace poco se han terminado, es preciso visitar á los artistas en sus estudios, que como los nidos de las águilas aspiran el aire y reciben la luz de las grandes alturas.

Desde que la citada *Exposicion* se abrió al público, los muros de sus bien acondicionadas y elegantes salas y la rotonda se han visto cubiertos de obras á las que van unidos los nombres de nuestros primeros artistas y nuestras más legítimas esperanzas. Allí hemos visto tablas, lienzos, aquarelas, dibujos y esculturas de Rosales, Fortuny, los Madrazos, Sans, Palmaroly, Haes, Suarez-Llanos, Gonzalvo, Domingo, Dióscoro, Sala, Pradilla, Plasencia, Monleon, Melida, Urgellés, Forriz, Medina, San-Martin, Vilches y otros.

Y es digno de notarse lo bien que nuestros artistas reflejan en sus obras el indeciso espíritu de la época. Les falta el ideal comun, la colectiva aspiracion.

Apenas hay cuadros de historia; abundan el género y el paisage, carencia absoluta de grandes tamaños, multitud de lienzos demasiado reducidos, más de lo conveniente á los asuntos representados; unos terminan y detallan con nimia escrupolosidad, otros consiguen los efectos con grandes y vigorosos rasgos, á distinta altura en cuanto á la correccion del dibujo y al mérito de la composicion, pensando, ó sintiendo unos mejor que otros; casi todos tienen un punto de afinidad, el colorido.

Ese aire de familia, que, suponiendo que haya varias, atribuye á

las antiguas escuelas españolas un ilustrado crítico moderno, Don Pedro de Madrazo, existe tambien entre las obras de nuestros contemporáneos: ningun extrangero podia dudar un momento siquiera que aquellas obras han sido producidas en España, ya inspiradas en las joyas pictóricas encerradas en los sombrios edificios que nos legó la casa de Austria, ya por el recuerdo de la tan manoseada época del *casacon*, bajo el sol de Sevilla, en los jardines de Granada, en las huertas de Valencia, pero todas selladas con el distintivo de un color rico y armonioso. Empleado con más ó menos tino, más ó menos vistoso é impregnado de luz, el colorido es en todas ellas el principal encanto y la primera cualidad.

Hé aquí las obras más notables, últimamente producidas, algunas de las que por no haber salido de manos de sus autores no ha podido juzgar la opinion.

Composiciones de historia. Recordamos *la conversion de San Hermenegildo*, por Borras, bien pensada y ejecutada con mucho tino. *El martirio de San Esteban*, por Soler, con una agrupacion que no carece de interés. *La resurreccion de la hija de Jairo*, por Saez, de casi iguales proporciones que el anterior y de bien sentida composicion. Ultimamente, los evangelistas Marcos y Lucas pintados por Sans para acompañar á los que dejó el malogrado Rosales. Con decir que las dos colosales figuras concebidas y trazadas por el autor de *Los náufragos de Trafalgar* no desmerecen de las de Rosales, que están en perfecta armonía con el pensamiento que las ideó, que su dibujo y su calor especialmente tienen grandísima analogía, está hecho el elogio de ambas composiciones. Y es tanto más laudable el éxito obtenido por el actual director del museo del Prado, cuanto que al trazar esas dos grandiosas figuras, ha tenido que olvidar su estilo propio, es decir su modo de ser, para inspirarse en las mismas ideas y sentimientos de su inmortal amigo. Se vé allí al hombre á tanta altura como al artista. Hijo de este profundo estudio de la manera de Rosales es el defecto de que adolece la obra de Sans. No tienen sus dos figuras la grandiosa naturalidad, la colosal é imponente sencillez que forman el principal atractivo de las de Rosales. En las de este hay algo de Miguel Angel, en las de Sans algo de la afectacion en que cayeron los discípulos del florentino.

Pero no es esta culpa de Sans, sino de las condiciones en que ha ejecutado la obra.

Pintura de género. A esta pertenecen el mayor número de obras expuestas.

Aparte las anteriormente presentadas, cuando se abrió la *Exposicion*, los lienzos que más han llamado la atencion son dos de Palmaroly. Representa uno de ellos *Una gitana echando las cartas*, en un lujoso gabinete ricamente alhajado al gusto del siglo XVIII, á una jóven que rodeada de amigas vistosamente ataviadas tratan de consolarla de la pena que recibe al escuchar de labios de la cetrina aventurera su *mala ventura*, mientras ella oculta entre los preciosos brazos el hermoso y aflijido rostro. El colorido y lo estudiado de la agrupacion, la brillantez de los tonos

y la delicadeza de las tintas son cualidades que el autor ha vertido á manos llenas sobre su obra; pero lo que más cautiva es la sencillez dulcísima, la indefinible y vaga poesía que campea en el conjunto, á que contribuyen los más insignificantes detalles. El otro cuadro, en que *una manola distrae á unas señoras con los sonidos de una guitarra*, es tambien precioso, pero el asunto no podia dar de sí todo lo que el de la gitana.

La jaquita sabia y *Josué despues de la procesion* son dos cuadros de Borrás. De mejor efecto aquel, está cuidadosamente tratado y es una fiel representacion de escenas que hacen la delicia de los primeros años y el asombro de las gentes poco avisadas: la cara del hombre que excita al habilidoso cuadrúpedo acusa una irónica satisfaccion que anima grandemente la composicion. *Josué despues de la procesion*, con una espada en una mano y un sol de cobre en la otra, rodeado de grotescas figuras y pasos de semana santa, no carece de gracia y picaresca intencion.

Frances, que en sus anteriores obras pecó por lo claro y débil de las tintas, ha presentado un cuadrito, *El repaso de doctrina*, cuyo principal encanto es la bien empleada viveza de algunos tonos.

Uno de los lienzos más dignos de notarse y que más aplausos ha obtenido es *El traslado de pareja*, por Franco, discípulo de Ferrandiz. Una cuerda de presos, conducida por dos guardias civiles, es entregada á la vigilancia de otra nueva pareja que, custodiando á los sentenciados, los lleve hasta el término fatal de su carrera; y mientras los criminales lian un cigarro descansando de las fatigas de la marcha; agobiados de calor, cubiertos de polvo y sentados al borde del camino, un guardia se sugeta una polaina y otro sin apearse del cansado caballo escribe con trabajo los nombres de los que entrega á la custodia de sus dos compañeros de armas: á un lado los campos abrasados por el sol, y el cielo nublado, las figuras bien dibujadas, vivo y entonado el color; sentida y sencilla la composicion que indudablemente está, si no tomada, al menos inspirada en el natural, presenta el lienzo una idea profundamente dramática y en extremo conmovedora. En pintura de género hemos visto pocas obras en que un asunto serio y difícil haya sido tratado tan en armonía con su índole, sacando de un momento de la vida del crímen una leccion elocuentísima de moral.

Garrido ha expuesto un lienzo tambien de cortas dimensiones. *El descanso*, hechiceramente pensando, y otro, *El obsequio*, de natural agrupacion y no incorrecto dibujo, aunque algo bajo de color.

De Sala hemos visto dos *Tipos de muger*, uno de Sevilla y otro de Madrid; cuyo principal mérito es la verdad, tan grande á veces, que se echa de menos en la poesía de que el artista debe siempre revestir sus obras.

Manuel García que, como su malogrado hermano, se firma *Hispaleto*, puede sacar más partido de sus facultades que el obtenido con *La maja* y *Los dias de Rosita*, lienzo el último cuyo colorido no es de lo más entonado y agradable.

De Wsséll hay un cuadrito, *La florista*, finísimo en los detalles y de color en extremo animado, perfectamente estudiada, ejecutada con esmero, fortuna, y, sobre todo, mucha gracia.

Villodas en un cuadrito titulado *El modelo* está, poco más ó menos, á la misma altura en cualidades y defectos que en *Los monos sabios* y *El jaque-mate* que expuso anteriormente.

La visita á la fábrica de tapices, por Contreras, no está mal pensada, pero la ejecucion deja bastante que desear, especialmente por la crudeza de algunos tonos.

Melida, aparte la figura de *Una maja* pensativamente melancólica y muy bien sentida, no tiene nada de importancia en la *Exposicion permanente*, pero en su estudio y casi terminados hemos visto dos cuadros: *La antesala del favorito* y *Un cuarteto en un convento*. El primero especialmente es muy superior á sus anteriores obras: es una época encerrada en un marco; pensada con tal verdad que parece tomada del natural, la composicion tiene su principal mérito en el sabor local que acusa; el dibujo es correcto y aquel colorido un tanto medroso de sus anteriores creaciones es aquí juiciosa sobriedad: los efectos no están conseguidos con deslumbrantes notas de color sino con naturales toques entre tintas algo pálidas; así que, si no muy atrevidos, son ciertamente muy seguros.

El otro cuadro ya citado está hasta en los detalles sumamente cuidado; pero su índole no permitia alcanzar más resultado: las obras que como esta, son el producto de un encargo, tienen el inconveniente de entorpecer mucho la imaginacion del artista.

Suarez-Llanos está terminando un retrato del rey que, aunque no concluido, anuncia su mérito en el discreto y oportuno uso de un color lleno de vida, que anima un dibujo severo, y presenta al monarca en una actitud natural sin afectacion y elegantemente sencilla. Aun no hace mucho que la galería de retratos del *Ateneo científico y literario de Madrid* se aumentó con el de Castelar, pintado tambien por Suarez-Llanos, é indudablemente uno de los mejores que ha producido. La figura del gran tribuno republicano está además de reproducida fielmente, además de retratada, interpretada; aparece tanto como la naturaleza física el carácter moral, la individualidad, y escusado es decir que tal es el más glorioso triunfo en este género de obras. Además de una *figura de muger romana*, tiene casi terminado un *Estudio del desnudo*, colocado sobre un fondo de atrevida y brillante, pero sóbria, combinacion de color y que será una obra tan grande en valor artístico como reducida en dimensiones.

Domingo ha concluido para el Duque de Fernan-Nuñez dos cuadros de género tan perfectamente pensado como todo lo suyo, y otro para el Marques de O'Gaban del que se hacen los mayores elogios.

Los paisagistas, y entre ellos Haes, á gran altura.

Ninguno como él ha comprendido el género á que se dedica: bajo sus pinceles el lienzo toma las mismas tintas que las aguas y los campos al recibir los besos de la luz. Sus cuadros son otros tantos espejos en que se reflejan con su misma vida, con su misma atmósfera, los parajes en

que se ha inspirado: ningun encanto, ningun atractivo, de los que la naturaleza presenta está fuera de su alcance. Cinco obras merecen especial mencion entre las últimas producidas por su inagotable imaginacion y su incansable trabajo. Dos cuadros de reducidas dimensiones pintados para el Marques de Molins: representa uno un grupo caprichoso y natural de palmeras cobijadas por un cielo azul, sin nube que lo empañe, ni aire que meza las elevadas copas, y el otro un trozo de costa brava, en cuyas oscuras rocas se estrella la furia del oleaje. No es menester contemplarlos mucho tiempo para conocer en ellos el resultado de una imaginacion que encuentra y aumenta la poesía de la Naturaleza allí donde existe, la crea donde falta y la realiza materialmente con una ejecucion grande en los rasgos y delicada en los detalles.

Una marea alta y una marea baja son tambien dos páginas preciosas: las aguas cubren en el primero la playa y en el segundo, un tanto alejadas, dejan al descubierto la arena húmeda todavía, sembrada de piedras tapizadas de verdes y menudas algas, y pequeños charcos en los que se reflejan las nubes de un cielo tempestuoso y revuelto. Por último, *Una marina*, de mayores dimensiones que las anteriores, le ha ofrecido motivo para ejecutar una obra encantadora. En la playa de altas y socabadas rocas y en cuya arena, aún empapada por las aguas que acaban de alejarse, está una lancha encallada, interrumpida la monotonía de la extensa línea del horizonte por una lejana nave, todo esto iluminado por luz perfectamente distribuida que proyecta estudiadas sombras; hé aquí la última obra de Haes para quien no hay dificultades cuando quiere sugetar con un pincel al lienzo los jiros de la luz y la verdad de los colores naturales. Allí donde la naturaleza tiene expresion, poesía y vida, Haes la retrata; donde faltan las crea.

Su discípulo Monleon reune muchas de las cualidades del maestro, y otras que le son propias: la delicadeza, la verdad, la finura con que hace los buques, desde los de más soberbia arboladura hasta los de más humilde aspecto, son de una fidelidad indefinible y en este género la verdad es el primer elemento para el éxito.

Urgellés tiene cuatro paisages, de los cuales *La puesta de sol* es seguramente el mejor: á través de un bosque de apiñados troncos y cuando el cielo permanece aún diáfanamente azul, el horizonte parece arder enrojecido por el sol, y conforme la vista se alza aquella tinta se vá desvaneciendo hasta transformarse en la celeste uniformidad de la atmósfera más pura y serena. Los otros tres aunque dignos de aplauso no son comparables al que citamos.

Ferriz tiene *dos paisages* bien entonados, y Rivas *otros dos* algo bajos de color.

Aquarelas hay muchas: sobresalen las de Fortuny, y luego las de Sala, Pradilla, Plasencia, Ricardo Madrazo, Ferrant, Robles, Comba y Flores.

Los escultores menos numerosos y quizá tambien menos trabajadores han llevado muy poco á la presente *Exposicion*.

Medina tiene allí su pagana *Euridiel* y su *Concepcion*, de buen dibujo y severo modelado ambas.

San-Martin, hoy ocupado en Roma en esculpir la estátua de Colon, ha exibido un busto colosal de Romero-Ortiz en el que además de ser gran escultor, revela que comprende lo que los franceses llaman *le grand stile*.

Finalmente, Vilches ha presentado dos obras cuya desigualdad no puede ser mayor. *Honor y pudor*, escultura de marmol, figura entera de bulto redondo y tamaño natural, es una hermosa muger desnuda incorporándose y parando con el lienzo, que la cubre en parte, la violencia de una flecha que atraviesa el paño. Bien dibujada y perfectamente modelada, de severas y elegantísimas formas, el mérito principal de la figura consiste en lo bien movida que está y lo bien expresado del esfuerzo que para mantenerse en aquella postura necesita. Es una obra que, si no perfecta, si no del género escultural grandioso, es del más agradable y simpático conjunto.

Alejandro domando el Bucéfalo es un relieve en marmol del mismo autor, que desmerece mucho de la composicion anterior.

La figura del conquistador Macedonio no tiene nada de heróica; las de los que le rodean no tienen nada de griegas, y el conjunto, que debia tener un gran sabor clásico, no tiene clasicismo de ninguna especie.

Martinez ha terminado una estátua, menor que el natural, de un estudiante de la época del tricornio y el manteo, de la que por su buen dibujo y perfecto modelado se hacen grandes elogios; pero su autor no la ha expuesto todavía.

Hace algunas semanas, uno de nuestros primeros artistas, Ponzano, el ilustre autor del fronton y los leones del Congreso, tuvo en su estudio, expuesta con otras, la última y tal vez una de sus mejores obras. La estátua de la hija mayor de los Duques de Montpensier, que ha de ser colocada sobre el sepulcro de la hermosa princesa. Ponzano tenia que vencer grandes dificultades: luchaba con obstáculos de múltiple y diverso género: la uniformidad de la postura, arrodillada y con los brazos á igual altura, fácilmente podia resultar monótona.

El trage moderno, cubierto de adornos y cuajado de iguales pliegues, tenia que ser escrupulosamente reproducido sin ser enojoso y cansado; y apesar de estas trabas y estas sujeciones que al artista imponian las condiciones de la obra, ha salido de ella no solo con el lucimiento que de todas, sino envolviéndola además en una atmósfera de poesia y dulzura que demuestra que los años no han debilitado la enérgica imaginacion del más respetable de nuestros escultores contemporáneos. No hay en la composicion que nos ocupa detalle que huelgue ni expresion que falte; el conjunto es tan armónico que aumentarla una línea, disminuirla un punto, redundaria indudablemente en su daño.

La restauracion ha dado motivo á algunos escultores para ejercitarse en reproducir la figura del monarca, pero hasta ahora las obras con tal intento producidas no pueden ser peores.

En *arquitectura* cuatro obras de importancia se han ejecutado en Madrid desde el último verano.

La *plaza de toros* por Ayuso y por Alvarez; la *Bolsa* por Repullés, el *Museo anatómico* del doctor Velasco, por Cubas, y el *Monte de piedad* por Aguilar y por Arbós.

La más digna de mencion y la más justamente encomiada es la primera.

Doloroso y triste es que, mientras están casi paralizadas las obras del *Museo y biblioteca nacional* hace algunos años, se haya construido un edificio como la nueva plaza de toros en el tiempo que media desde enero de 1873 á junio de 1874.

La construccion subterránea que ha sido necesaria por la desigualdad del terreno, es, bajo el punto de vista científico, una obra que hace honor á sus autores. El aspecto exterior del edificio es sólidamente hermoso, todo lo aéreo y menos pesado que podia conseguirse, sóbria y elegantemente decorado, con el mismo motivo distinta y análogamente tratado, y está revestido de un carácter eminentemente nacional.

Las plazas de toros mejor construidas en España, la de Valencia, por ejemplo, no acusan el empleo á que se destina. Es un circo romano. Parece faltarle el inmenso *vellaria* y rugir las fieras encerradas en las *carceres;* la arena esperar á los gladiadores, no á los *diestros*. La nueva plaza de Madrid, del más puro estilo mozárabe, construida con ladrillo ordinario del que recibe un carácter monumental, que con el fino no se hubiera obtenido, de perfectos y elegantísimos arcos de herradura, con tres pizos de proporcionadas alturas y coronada por una cresteria de tanto efecto como sencillez, que se reproduce al interior en hierro fundido, del que tambien es la parte aérea de la construccion, súmamente ligera y elegantemente decorada, puede asegurarse que es la obra arquitectónica más digna de estudio que se ha ejecutado en España desde mucho tiempo.

Si algun defecto tiene, como las verjas que cierran los arcos del exterior, y la que en el interior podria llamarse jaula de los timbaleros, culpa es del objeto á que el edificio se destina; no de los arquitectos.

La nueva Bolsa. Cuando á un arquitecto se le encierra en límites tales como los que han estrechado á Repullés no puede pedírsele mayor resultado que el obtenido. Con un solar que no podía ser más mezquino y una cantidad apenas suficiente, edificar un templo al ídolo que más culto recibe de la época, al dinero, no era fácil ni siquiera posible. Y sin embargo, se ha conseguido todo lo que en tan difíciles condiciones podia desearse.

La construccion es pobre con relacion al objeto á que se destina, y el arquitecto no ha podido dar á su obra un carácter definido.

La fachada de ladrillo y piedra caliza, en la que el hueco y el macizo están bien proporcionados y la ornamentacion varia desde lo clásico á lo árabe, todo coronado por una cresteria bizantina, es de agradable aspecto y el interior relativamente espacioso y bien distribuido hacen de

la *Bolsa*, si no una maravilla del arte, una obra aceptable por las condiciones entre que ha sido construida.

El museo anatómico del doctor Velasco, por Cubas, en que, unido á un pórtico con columnas jónicas, decorado á la pompeyana y un fronton, ambos clásicos, se vé una casa al gusto del dia con ornamentacion del Renacimiento, y al lado del aristotélico *nosce te ipsum* los prosáicos balcones, todo rodeado por un jardin á la inglesa, no nos parece del mejor gusto; pero fácil es que la culpa no sea toda del artista, conociendo como conocemos el mal gusto de casi todos nuestros proprietarios que tanto daña al arte y empequeñece á los artistas.

Del *nuevo Monte de piedad* nos ocuparemos en otra revista y cuando la obra esté completamente terminada.

En resúmen: en la esfera del arte estamos muy lejos de la postracion y el decaimiento que se justificarian por la falta de órden social, de libertad política y de condiciones en armonía con la naturaleza del arte. La luz que falta para guiar á la humanidad por la ancha vía del progreso falta tambien para iluminar el campo del arte y, sin embargo, nuestro carácter meridional, nuestra idiosincrasia moral verdaderamente estética, nos permiten marchar, si no al frente, al lado de los pueblos que más glorioso y decidido culto rinden á la idea de lo bello.

Jacinto Octavio Picón.

CHRONICAS

AMÉRICA

Ha sido empeño constante en todas las épocas relatar desdichas, de todos géneros y tamaños; pero principalmente las que han causado los mismos hombres con sus hechos; de manera que la historia es meramente un tegido de desgracias y de horrores, que sirve para el vestido de gala de la humanidad en sus diferentes edades y civilizaciones.

Buscad en los volúmenes infinitos de la historia los nobles hechos, las acciones virtuosas, las alegrias, y tendreis que registrarlos mucho para encontrar en alguna escondida página cierta singularidad dudosa, que por no ser tan terrible como las demás tiene semejanza con el bien; así como si este fuera el misterio más oscuro de la historia, el problema más intrincado, hasta con la particularidad de que apenas hay quien procure, aunque sea inútilmente, despejarlo ó resolverlo.

Por esto la historia ha sido hasta nuestros dias la biografía de los reyes, es decir, una exposicion de vanidades, soberbias, ambiciones, crímenes. La grandeza se ha ganado por la medida de la indignidad, pues la virtud no ha tenido metro con que medirse: las hazañas han sido bestialidades; el heroismo un ímpetu de brutalidad. Y para convencernos de que así ha sucedido y aun de que todavia se conserva en buena parte este criterio no hay más que escribir una lista de hombres grandes y célebres y veremos que los más renombrados han sido los guerreros, victoreados asesinos, y los hábiles políticos engañadores; pero que á duras penas se puede descubrir el nombre de algun sabio infeliz que viviera triste, perseguido y hambriento y cuyo nombre se ha inscrito

generalmente cuando despues de muerto no podia ser un obstáculo á los poderosos de sus dias.

Pero ¡qué raro el haberse escrito de esta manera la historia, si en las más insignificantes relaciones de la vida sostenemos el mismo afan de enaltecer los desastres! Acerquémosnos á cualquiera y hagámosle esa pregunta vulgar y corriente con que se enganchan las conversaciones frívolas: — ¿Qué me cuenta V., amigo?

De seguro que el amigo afirma que nada ocurre digno de mencion, ó le dispara un relato de cien desdichas, efecto de otras tantas indignidades humanas, con todo de que al mismo tiempo que estas se ejecutan acciones virtuosas, que nadie procura recoger y circular.

* * *

Para no salirnos, pues, de la general costumbre, como no tenemos notables sucesos que referir del lado de la república de Chile, diremos que por allí han ocurrido diversos desastres.

En un buque surto en la rada de Valparaiso hubo una explosion que quitó la vida á varias personas de resultas de haberse inflamado por descuido unas cuerdas de algodon pólvora.

Un jóven farmacéutico se ha envenenado con estrignina por un motivo de amores.

Se ha incendiado una casa.

En Valparaiso se ha sentido un temblor de tierra y dos en Santiago.

En Vallenar, S. Feliz y otros lugares descargó una tan furiosa tempestad que las gargantas y los rios se hincharon hasta el punto de causar daños en la comarca.

En S. Carlos pereció asesinada una familia entera.

Cortamos aquí la relacion inacabable.

Con más gusto hablaríamos, si la conociéramos, de la que han presentado D. Ramon Vidal Gormaz, D. Enrique Simpson y D. J. Vidal Gormaz, distinguidos marinos, de las exploraciones hechas en los archipiélagos de Guaitecas, Chonos y Taitao, en el rio Manllin y en las islas de S. Feliz y S. Ambrosio.

En una de nuestras anteriores crónicas dijimos que los jefes de algunas tribus de indios habian llegado á la capital de Chile, para prestar homenage de adhesion al Gobierno de la República y reiterarle su buena amistad en nombre de los indios pehuenches que habitan en la vertiente oriental de la cordillera de los Andes. La comision ó embajada se componia de doce personas y á su cabeza estaba el cacique Aillat. Fué recibida con alguna pompa diplomática segun relata un periódico de Valparaiso en estos términos:

«El trage que visten es el mismo de los gauchos argentinos. De la estacion del ferro carril del Norte se dirigieron á la Moneda, donde fueron recibidos en la sala del oficial mayor del Ministerio de Relaciones Exteriores por D. Pedro Pablo Ortiz. Aillat es un hombre de regular esta-

tura, musculacion atlélica y aspecto venerable. Su físico revela el vigor de la más lozana juventud, á pesar de sus encanecidos cabellos. Ocupó un asiento en la sala; sus compañeros estaban de pié con la mayor compostura y se expresó diciendo que su viage á Chile, que de tiempo atrás habia deseado hacer, tenía por objeto ofrecer al Presidente la paz y union que desde muy remotos tiempos habian cultivado sus antepasados con los chilenos; recordó que juntos habian combatido en Cancha — Rayada y tambien en el Perú.» Mi abuelo, decia, y los de los chilenos eran muy unidos; comian en un mismo plato. Apesar de las muchas cartas que hemos recibido de las pampas argentinas y de los caciques de otras tierras, para unirme á ellos, jamás he querido hacerlo, porque yo soy patriota y chileno y no puedo ser más que chileno, porque no tengo más que un corazon. Con las ocho mil lanzas que tengo á mis órdenes he impedido que los de otras tierras hagan daño á las haciendas. Siempre amigo de los chilenos vengo anora á ofrecer al Presidente mi corazon, mi brazo y mi lanza.»

Aillat hablaba muy bien el castellano y su discurso fué elocuente, claro y preciso, como de una persona no bastante civilizada.

La única novedad política de cierta consideracion en esta parte de América es la eleccion próxima del Presidente de la República. Los preliminares son á la europea; es decir, una lucha de ambiciones y de intrigas.

Aspiran al alto puesto los Sres D. Miguel Luis Amunategni, D. Belisario Prats, D. Anibal Pinto, D. Benjamin Vicuña y Malkena, D. Alvaro Covarrubias, D. Franco Echauren, y los tres Altamirano, Santa-Maria y Errazúriz.

Hasta qué punto llegarán los trabajos, las intrigas, los ofrecimientos, las esperanzas, se puede conocer por el número de los aspirantes. Buena señal es que Chile tenga tantas personas capaces de ocupar el puesto más difícil del Estado; pero seria curioso coleccionar los programas de gobierno de tantos generosos pretendients para compararlos con los hechos de los mismos en el poder; que es corriente ofrecer y no cumplir y aun ejecutar lo contrario precisamente de lo que se ha prometido.

* * *

La última vez que hablamos del Perú en la Revista, estaba en todo su incremento una sublevacion capitaneada por Piérola y Albarracin y secundada por varios cabecillas.

Las fuerzas que habian reunido los gefes principales han sido vencidas. Piérolas, el principal de todos, fué derrotado en Puno cerca de Arequipa y parece que se ha refugiado en la República de Bolivia con los más coprometidos.

Sin embargo, continuan los desórdenes en algunas comarcas, pues las montaneras se agitan con facilidad. Parte de la Guardia civil que habia en en el Cerro se sublevó tambien.

En definitiva, el Gobierno asegura que el órden está completamente restablecido en todas partes mientras que los fugitivos revoltosos anuncian nuevos levantamientos para próximos dias y su victoria completa.

Ha habido en el Perú un cambio ministerial, que como todos los que se verifican, ha sido bien recibido por unos, y por otros criticado.

La situacion de esta República está explicada en el discurso que ha pronunciado el Presidente al reunirse el Congreso extraordinario de 1875.

Dice así el Mensage:

«Honorables representantes: Mi primer deber al encontrarme hoy en medio de vosotros en el tranquilo ejercicio de nuestras funciones constitucionales, es dar gracias al Todopoderoso por el pronto y feliz término de la guerra civil que ha ensangrentado hace dos meses la República, y por ejemplos de virtudes cívicas que con ocasion de ella han ostentado los pueblos de Perú.

La crísis por la cual ha atravesado la República ha puesto en evidencia las fuerzas del órden, de la ley, del progreso, que encierra nuestra sociedad y ha presentado en los guardias nacionales y en el generoso espíritu que ha animado al ejército y armada, un poder moral y material muy grande en favor de los intereses de la paz. El éxito ha ratificado todavía la conciencia de ese poder; motivo de regocijo para los hombres de bien de todas las opiniones que busquen en la lucha honrada y pacífica de la ley el triunfo de sus ideas ó de sus aspiraciones políticas.

El ejército y la guardia nacional se han conquistado justos títulos á la gratitud pública en esta corta pero vigorosa defensa del órden social, de la justicia y de las instituciones.

Para afianzar esta obra y asegurar contra nuevos trastornos los intereses y derechos de la sociedad, es urgente resolver cuestiones vitales pendientes de vuestra decision, y con tan importante fin os he convocado á sesiones extraordinarias, confiando en que vuestra ilustracion y patriotismo les dará la solucion acertada é inmediata que las circunstancias del país exigen premiosamente.

Las principales de esas cuestiones son relativas á los intereses económicos.

El país viene atravesando una crísis cuya gravedad no debemos ocultarnos, porque los males sociales no se curan apartando, sino fijando la vista sobre ellos los poderes públicos.

El anticipado descuento de la renta del guano ha traído tres consecuencias que se combinan hoy: la reaccion natural en los negocios del comercio y de la industria, despues de una época en que se absorbieron los productos ordinarios de esa renta y el valor del descuento de ella de los años futuros; la dificultad que produce en el comercio exterior del Perú, la falta del guano como retorno nacional y el vacio que el anticipado descuento de esta renta ha dejado en el presupuesto fiscal entorpeciendo la marcha regular de los servicios públicos.

De estas consecuencias la primera, como efecto que es de causa

realizada, no puede corregirse sino por la libre accion de las leyes económicas; la segunda, esto es, la disminucion en los retornos del comercio irá desapareciendo á medida que aumente la produccion del país, que ella misma estimula; pero la tercera no puede ser remediada sino por vosotros y es necesario y urgente que lo sea.

El equilibrio del presupuesto es condicion indispensable para la marcha regular de la administracion pública y vosotros sabeis cuán importante papel representa ese elemento en la prosperidad material y moral de una nacion. Solo la nivelacion entre los ingresos y egresos de un país puede asegurar su crédito y necesitamos del nuestro para la terminacion de las obras públicas comenzadas y para precipitar la inmigracion europea que es el complemento necesario de ellas y el más poderoso elemento para fomentar la produccion del país.

La conveniente solucion que vemos á nuestras necesidades fiscales nos coloca en situacion de hacer uso del crédito; los recursos que este proporcione contribuirán además poderosamente á minorar los efectos que en nuestra marcha económica produce hoy la deficiencia de retorno para el exterior y á mejorar por lo tanto notablemente la situacion de nuestro comercio con las demás naciones. Así, pues, la paz pública, el órden social, el servicio regular de la administracion, el crédito nacional, la terminacion de nuestras obras públicas y las necesarias consecuencias de estos hechos sobre la prosperidad del comercio y de la industria, dependen hoy totalmente de que logreis ó no establecer nuestro equilibrio fiscal designando las rentas permanentes con que deben satisfacerse nuestros gastos ordinarios.

Este problema que constituye hoy la primera necesidad de la República es acreedor á la completa consagracion de vuestras luces y vuestro patriotismo, como los inconvenientes y peligros de no resolverlo. — Insisto tanto en estas idéas, porque me desvela la suerte de mi país y porque mi deber para con él me obliga imperiosamente á exponeros sus necesidades y á solicitar de vosotros con instancia su satisfaccion.

La discusion del presupuesto general y designacion de los ingresos con que debe saldarse permanentemente; la solucion que debe darse á las cuestiones pendientes sobre administracin del guano y sobre el salitre en las relaciones de ambas sustancias y en la que una y otra tienen con la marcha fiscal económica de la nacion; la creacion del fondo especial de escuelas en la cantidad suficiente para asegurar los privilegiados intereses del ramo de instruccion, para completar con recursos propios la independencia municipal y para aliviar el presupuesto general del peso de los gastos locales; y finalmente la designacion de los medios por los que debe llegarse á la terminacion de nuestras obras públicas y al fomento de la inmigracion europea, constituyen aquellos objetos de la convocatoria sobre que me permito llamar preferentemente vuestra atencion por el íntimo enlace que tienen con la actual situacion y futura suerte de la república.

Legisladores: la responsabilidad que gravita sobre los poderes pú-

blicos es hoy tan grande como los problemas que les están sometidos por las necesidades publicas y los problemas de que dependen el presente y el porvenir de una nacion solo pueden resolverse desprendiéndose de los pequeños intereses del dia de hoy para inspirarnos en los intereses permanentes de la sociedad.

Lima etc.»

* * *

El general D. Quintin Quevedo, rebelde desgraciado en Cochabamba, Bolivia, se habia sometido á las fuerzas del gobierno; pero como la conspiracion que habia preparado se ramificaba por otros puntos, hubo en la Paz un pronunciamiento de la soldadesca y el general tomó nuevos brios en la fortuna y se dirigío á la última poblacion á ponerse á la cabeza de los rebeldes.

Tambien acudió á la Paz el Dr. D. Casimiro del Corral gefe de otro grupo político militante.

Segun relatan algunos testigos pesenciales, la soldadesca embriagada se esparció por las calles, disparando tiros, por mas que habitante ninguno resistia la sublevacion, y aun se saquearon algunas casas. Los pacíficos habitantes estaban amedrentados y hubo muchas víctimas. Estas relaciones de los *testigos presenciales* suelen con frecuencia ser exageradas; sin embargo los escesos de la Paz están como abonados por la presuncion de ser militares los rebeldes, que es buena parte para que parezcan verosímiles cuantos desmanes se les atribuyan.

Apenas el general Quevedo llegó á la Paz circuló una alocucion, como es costumbre, y dijo que venia para evitar las angustias del vencindario en nombre de la paz, de las leyes, de las garantías sociales y del órden público á hacer la guerra, á pisotear las leyes y á turbar el órden; esto último no lo dijo, aunque se proponia hacerlo, y agregó que de aquel dia en adelante todos los partidos políticos concurririan á la gerencia de la cosa pública, se entiende bajo su autoridad; que es lo que quieren todos los que se hallan en el poder.

Habló tambien de que el cielo y los mártires bendecian la sublevacion; aunque en verdad nada extraordinario dijo con esto; pues que todos los que derraman sangre ó cometen algun hecho de escándalo, así sean rebeldes como gobernantes, aseguran que el mismo Dios es el que los inspira y presentan á este con inclinaciones que desdicen de su inmensa bondad.

Otra alocucion dirigida á los soldados sediciosos que lo aclamaban, contiene su mejor sustancia en estas expresiones. «Tened presente que lo que constituye al soldado son las condiciones de *moralidad*, *disciplina* y *subordinacion;* donde falta cualquiera de ellas desaparece el soldado y se convierte en enemigo del órden y la seguridad pública, en enemigo de la nacion. Nobles defensores de la patria, ¡Viva la *armonía* nacional!»

Examinemos lo que significan semejantes expresiones dirigidas á los revoltosos por su cabecilla en el momento mismo de la rebelion; pero más

prudente será no examinarlas para que quede á salvo siquiera el sentido comun.

Entretanto el Presidente de la República se puso á la cabeza de dos batallones fieles y se dirigió en busca de los sublevados. Despues del preliminar de algunos fusilamientos, como para entrar en ánimos de guerra, vinieron á las manos los fieles con los infieles y quedaron estos derrotados. Antes de la batalla decian las autoridades que los rebeldes llegaban apenas á quinientos hombres mal armados, y despues del encuentro el parte oficial consigna que las *numerosas* huestes del enemigo huian desbandadas en vergonzosa derrota, media hora despues de principiar el combate, quedando el campo sembrado de innumerables despojos, con el parque y ocho piezas de artilleria, entre ellas cuatro ametralladoras. Al decir del ministro de la guerra Dios habia intervenido tambien en el asunto, sosteniéndole en el combate y triunfando por su voluntad: «Inclinemos ante él nuestras frentes, concluye, y juremos de nuevo ser el antemural de las instituciones, prefiriendo sucumbir con ellas mil veces antes que permitir su profanacion».

«Viva Bolivia! ¡Viva el Presidente legítimo! ¡Viva la Constitucion!»

Por lo que asegura este último documento Dios habia cambiado de partido, sin embargo de que Quevedo queria la misma Constitucion que victorea el ministro de la guerra y por ella peleaba generosamente.

Concluida la batalla dicen algunos que Quevedo, Corral y los demás desgraciados compañeros suyos, se repartieron los fondos que hallaron á mano y se dirigieron á ganar la frontera de la República para comer dolorosamente el amargo pan de la emigracion. El asunto concluirá con que para escarmiento de generales se fusilen unos cuantos soldados, que quizás no se enteraron siquiera de que habian hecho un pronunciamiento.

Todavia se notaba alguna agitacion en el litoral de la República; pero el ministro de la guerra marchó á Cobija con la mision de apaciguarla á todo trance.

* * *

En Buenos Aires no se ha hecho esperar la reaccion resultado de los escesos cometidos últimamente; reaccion desatentada y ciega como todas y como todas tambien gérmen de otros desmanes en lo porvenir.

El Sr. Arzobispo de Buenos Aires, protector decidido de los jesuitas, ha procurado sacar partido de las circunstancias y recoger ciento por uno, como en cosecha del Señor.

A este fin pocos dias despues de los sucesos convocó á una reunion de doloridos católicos y les expuso las tribulaciones de la iglesia, las maldades de la impiedad y otros lamentos oportunos, con los que consiguió no solo enardecer la indignacion, lo cual correspondia, sino ablandar los corazones para las dádivas.

Se habla pues de redificar con mas lujo el incendiado Colegio del Salvador y hay devotos que ofrecen en donativo sumas considerables.

En el Senado se presentó y aprobó una especie de manifiesto ó voto

en que se consignan sañudos considerandos así sobre los excesos que han tenido lugar en Buenos Aires, como tambien sobre la Commune de Paris, aquel desgraciado gobierno de algunos dias que hubo en la capital de Francia y que viene siendo el blanco de los tiros de la reaccion en todo el mundo. Por poco en el Senado de Buenos Aires, á favor del entusiasmo artificial de aquel momento, consigue la Compañia de Jesus ser reconocida como legal y aun adquirir el dominio del edificio incendiado, que no era suyo.

Hemos censurado amargamente, con acritud, la conducta de los que, en nombre de la libertad, contra la libertad se desatan: hemos sinceramente expresado nuestra opinion de que contra los errores del entendimiento no deben esgrimirse otras armas que las de la verdad, que cuando la conciencia se tuerce debe enderezarse con la enseñanza y la ilustracion y que las preocupaciones no se estinguen con las llamas; antes por el contrario se activan, desarrollan y resplandecen; pero así como hemos manifestado todo esto, de la misma manera y obedeciendo á la lógica de los mismos principios, criticamos tambien severamente esa tendencia constante de la reaccion á exagerarlo todo, á envenenarlo todo, á no aprender nunca las lecciones del tiempo.

¿Qué significan esos alardes de apasionada restauracion? Un reto á las pasiones contrarias. El colegio del Salvador se restaurará magnífico, suntuoso; pero al mismo tiempo se restaurarán los rencores, que en dia mas ó menos próximo estallarán de nuevo terribles, implacables.

Cada uno puede hacer de su caudal lo que tenga por conveniente; pero si tiene por conveniente darle una aplicacion perjudicial, por ello queda sometido á la justa crítica.

Hoy que en Buenos Aires se está padeciendo una tremenda crisis económica y hay trabajadores sin pan y enfermos sin recursos, es censurable que los fondos que podian remediar serias desdichas, se dediquen á levantar un lujoso albergue á la Compañia de Jesus.

R. de Cala.

PORTUGAL E BRAZIL

Dir-se-hia que agora, encerradas as camaras, a politica portugueza ía entrar em férias; não succede, porém, assim. As commoções parlamentares, como todos os cheques violentos, deixaram ainda um rastro de vibrações, que, se não bastam para desequilibrar o ministerio, solidamente assente sobre as portas de S. Bento, acaso concorrerão para que ao reabrirem-se ellas, appareça turva a atmosphera da sala. Nas maiorias, como em todos os exercitos e rebanhos, o máu é dar o primeiro passo:

foge um soldado ou uma ovelha e a tropa inteira larga em debandada.

Não está, comtudo, provado ainda que outras fracções da maioria sigam o exemplo do grupo Vaz-Preto, cuja seizão appareceu definida desde o dia em que s. ex.ª deixou de frequentar os chás do sr. Fontes. Tinha eu imaginado uma tempestade n'um copo d'agua, mostra-se agora no fundo de uma chicara; coisa de certo mais grave porque aquellas tempestades costumam passar depressa, e esta, ao que parece, tem-se azedado de parte a parte, e o governo responde á hostilidade do illustre par do reino, entrando-lhe em casa, como vulgarmente se diz, isto é, guerreando tambem a especie de proconsulado que s. ex.ª exerce na Beira-Baixa.

Eis ahi o facto sobre o qual tem girado a politica da quinzena: a curiosidade, as intrigas, as paixões, aguçadas por uma d'estas questões de comadres, que tanto interessam a tanta gente, perguntam umas ás outras quando se encontram no Chiado ou á noite no Gremio: dimittem-se ou não se dimittem os governadores civis? Peito vae para a Guarda? Pois é o marquez de Vallada para Castello Branco?! Quando sae a *Discussão?* Quantos deputados se declararam *pretos?*

Entretanto graves e importantes acontecimentos encheram esta quinzena; bem mais dignos de attenção do que as pequenas bulhas de dama politica.

Ha uns annos a esta parte tem outra vez crescido em Portugal por um modo que muitos consideram assustador o espirito de especulação bancaria e mercantil.

De um lado, a fundação de successivas sociedades, mais destinadas a obter a prova pratica da antiga maxima hollandeza: o dinheiro procria, do que a explorar o fundo das riquesas naturaes-industriaes, e do outro a introducção do jogo de bolsa, vieram caracterisar a sociedade portugueza com um traço que cada dia tende mais a accentuar-se em todas as sociedades europeas e americanas. Não nos cumpre a nós, meros espectadores da comedia, ora tragica, ora burlesca, das sociedades contemporaneas, dizer se a legislação vigente para sociedades de credito se compadece ou não com os sãos principios do direito; nem se no jogo aristocratico dos fundos a policia deveria ou não intervir, como intervem na vermelhinha dos gaiatos, e no trinta e um, ao bilhar, dos cafés mal afamados.

O facto, importante para o chronista, é a formação das sociedades bancarias; d'esse facto e da sua comparação com os elementos que o acompanham tirem os que olham mais para o fundo dos phenomenos a rasão e a justiça das coisas.

Ultimamente a praça de Lisboa, como que invejosa dos exemplos de audacia que todos os dias lhe vinha dando desde certo tempo o Porto, creou não sei bem quantos bancos com o capital de muitos milhares de contos. Notas que tenho á mão dizem-me que o capital bancario dos estabelecimentos anonymos portuguezes monta a 60:000 contos de réis dos

quaes 3:600 por dizerem respeito á companhia do credito predial, cujas operações tem uma esphera especial, devemos abater, ficando assim em 54:000 contos o capital bancario que se destribue:

a Lisboa.....	27:500
ao Porto.....	19:500
ás provincias.....	9:000

Se admittirmos que este capttal deva vir a produzir a favor de seus subscriptores um juro medio de 6 %, obteremos a cifra annual de 3:360 contos de réis com que as transacções tem de contribuir para salariar o capital. Ora a somma total do movimento commercial portuguez, qual a accusam os *Mappas geraes* foi de 57:000 contos em 1872, d'onde se conclue que, se o commercio tivesse por si só de concorrer para a composição dos dividendos bancarios, o movimento de mercadorias estaria por esta verba onerado com a taxa media de 6 % o que é exorbitante. Outros elementos contribuem com effeito para dar lucros aos bancos: as operações sobre valores fiduciarios, as de credito pessoal etc.

A approximação de certas cifras e as deducções que d'ella se inferem, ajudar-nos-hão a esclarecer este ponto: a saber em que relação se encontra a cifra do capital bancario portuguez com a massa de operações positivas e productivas.

A importadcia total das operações do banco de França foi em 1872, de 2.790:000 contos deixando um lucro liquido de 10:512 contos. Ora, como a taxa do desconto e o juro do dinheiro não variam consideravelmente de França para cá, segue-se que, conhecida uma das cifras das nossas condições, facilmente se conhecerá a outra. Admittindo, pois, a egualdade de relação, se os lucros do capital bancario portuguez tem de chegar a 3:400 contos, forçoso é que a massa das operações ascenda a uma cifra de 900 mil. Uma aproximação nos dará, já que dados positivos o não podem fazer, a probabilidade que esta cifra tem de representar a verdade real. Não se póde contestar a relação quasi constante em que se encontram nas differentes sociedades contemporaneas as operações commerciaes-industriaes de um lado e as pessoaes do outro. Aproximemos pois:

—Em França a cifra das operações bancarias (2:800 mil contos) está para o movimento commercial (1:170 mil contos) na relação de 2 para 1;

—Em Portugal a cifra das eperações bancarias necessarias para darem aos capitaes o devidendo medio de 6 % (900 mil contos) está para o movimento commercial (57:000) na relação de 160 para 1.

Poderia dizer-se ainda que a França, não tendo a liberdade bancaria, é um defeituoso termo de comparação. Mas a isto acode o exemplo da Italia, cujo regimen bancario é analogo ao nosso. O seu capital bancario é de 58:000 contos; a cifra do seu movimento commercial de contos 360:000, e a relação portanto é de 1 para 6, quando a nossa é de 1 para 1.

D'estas aproximações inferem muitos a quasi certesa de uma com-

moção mais ou menos proxima, pois que parece assaz provado que os bancos offerecem um capital superior áquelle que as operações productivas podem normalmente salariar. Sendo assim, ou os capitaes, parados, serão improductivos, ou, seguiudo o exemplo de funestas e demais repetidas épochas, lançar-se-hão nas empresas temerarias e phantasticas, avidos de um lucro que não podem dar-lhes as operações reaes, ou, e ha muitos d'esta opinião,— as cifras nominaes das subscripções a custo se reduzirão a dinheiro, porque representam mais bem o desejo de embolsar o premio da cotação, do que o de effectivamente empregar um excesso de capital occioso.

Como quer que seja, não é difficil de prever que a situação creada pelas recentes instituições bancarias ha de ter uma solução anormal: ou a crise pela falta de capitaes quando for chegando a hora de entrar com o dinheiro, ou a crise tambem quando faltarem operações boas ou quando sobrarem as más, para empregar todo esse dinheiro.

O chronista do *Commercio do Porto*, competente a todos os pontos de vista para avaliar esta ordem de questões, encarando a da recente formação de sociedades bancarias, sob o ponto de vista da difficuldade de realisar as entradas, escrevia:

«O numero de bancos e companhias que em Portugal se estão constituindo, e das sociedades anonymas que, constituidas já, fazem chamadas do seu capital, é tão consideravel, que a menor difficuldade em obter promptamente dinheiro, para pagar as prestações pedidas, póde produzir as mais sérias e funestas consequencias. As nossas praças estão operando como um estabelecimento bancario, sem fundo de reserva e com uma provisão metallica pequena em relação á magnitude das transacções em que entra. O capital que póde garantir-lhe uma posição facil e segura, converte-o em valores de tardia realisação e que podem depreciar-se no momento em que necessidades imperiosas exijam a sua conversão em numerario. Um receio, uma leve suspeita que decida os capitalistas a recolher aos seus cofres a maior somma de numerario que lhes seja possivel, póde fazer desapparecer das praças a serenidade com que se opera, e as consequencias d'isto facilmente se prevêem.»

Nas epochas de enthusiasmo mercantil como aquella que atravessamos não ha propriamente que receiar difficuldades provenientes de falta de meios para satisfazer as *chamadas* desde que é operação habitual entre os bancos o emprestarem dinheiro sob caução das proprias acções. Se, por tal forma desapparece este risco, augmenta porém na carteira do banco a massa de valores que n'um momento critico se tornam irrealisaveis. E as horas de crise são exactamente aquellas em que os bancos anonymos, sua principal e mais frequente origem, se mostram excepcionalmente prejudiciaes. Os governos, e portanto o imposto, mais de uma vez tem saldado as contas dos bancos nacionaes, como o de França ou o de Inglaterra e o antigo banco de Portugal; mais de uma vez tem corrido a ajudal-os com a protecção decidida e com os favores excepcionaes que as occasiões de crise exigem. Ora é n'essas occasiões que os baucos

livres, sem poderem, nem deverem, contar com os subsidios e protecção do thesouro, não tem outro caminho a seguir senão o da prudencia, o do retrahimento, o da desconfiança; e, assim, repetindo os sentimentos e os actos dos negociantes particulares, concorrem, mais poderosamente ainda do que elles, para augmentar o mal de que são os principaes culpados.

Profundando esta ordem de observações chegar-se-hia a uma classificação analytica das varias especies de operações bancarias, e da maior ou menor incompatibilidade que ha entre ellas e o principio do commercio livre combinado com a funcção da responsabilidade limitada.

Receios, temores, ou certeza dos futuros perigos a que me tenho referido, eis ahi o que levou a praça do Porto a reunir-se no edificio da bolsa, n'uma sessão que, se deve honrar o Porto pela iniciativa que revelou, não faz demasiada honra aos banqueiros portuenses, dos quaes nem um só entendeu dever esclarecer a assembléa com os conhecimentos proprios da pratica das cousas bancarias. O sr. Rodrigues de Freitas, defendendo a liberdade bancaria e a lei vigente de sociedades anonymas, caracterisou assim as feições economicas da sociedade portugueza:

«É incontestavel o progresso de Portugal desde 1851; e principalmente nos ultimos quatro annos cresceram muito os depositos á vista e a praso, como consta dos balancetes bancarios; as estatisticas aduaneiras, os emprestimos para extincção da divida fluctuante e construcção das vias ferreas do Douro e do Minho; a facilidade com que se tem collocado acções de bancos e titulos do Estado, tudo prova que atrevessamos um periodo em que abundam os symptomas de prosperidade; além d'isto, se confrontarmos os nossos bancos com os de outras nações vemos com alegria que elles são mais sólidos que os de muitos povos estrangeiros. Se aqui se nota, e até certo ponto com muita razão, que parte do capital esteja em titulos de divida publica, o mesmo succede em muito maior escala em nações tão adiantadas como a Grã-Bretanha: o Banco de Inglaterra tem a maior parte do fundo em consolidados. Pelo que respeita a notas, são ellas entre nós em importancia diminuta, principalmente se a comparamos com os capitaes dos estabelecimentos emissores, e os confrontamos com a maioria dos estrangeiros.»

A este quadro optimista faltavam porém, sombras que o orador não accentuou com energia correspondente; porque se, como disse, «da continuação frequente de sociedades bancarias podem surgir elementos de uma crise» convem advertir que o capital bancario actualmente de 60:000 contos era, antes da recente mania, de 35:000 apenas.

Deu-se em tão breve tempo, ou um augmento de riqueza moral não inferior a 80 ou 100:000 contos, porque ao capital bancario subscripto devemos juntar os outros empregos a que ultimamente se tem applicado, e que o orador enumerou? ou exigiram de repente as condições economicas do nosso paiz o serviço de quasi o dobro do capital até ali destinado ás operações de credito?

Nenhumas das hypotheses é verosimil, e assim forçoso é admittir que o que tem havido e ha, é uma recrudescencia do espirito de especu-

lação, o qual é capaz de elevar uns tantos reis positivos e tangentes a sommas de milhões phantasticos. Houve um banco de 600 contos que abriu a subscripção, e achou accionistas para 600 mil! inferiremos d'aqui a realidade d'essa somma no bolso d'esses subscriptores?

Ora quando a legislação consente e favorece esta especie de vicio, tem pelo menos fundamento para votar contra ella os que, como o sr. Custodio José Vieira, temeram as consequencias actuaes de uma crise bancaria.

Afinal a sessão acabou, como acabam todas, pela nomeação da inevitavel commissão que deve estudar o assumpto. O mesmo succedera no parlamento; nem os deputados nem os ministros se consideram jámais aptos para discutir e resolver um problema. Se é urgente, os governos, invertendo o parlamentarismo dizem ás camaras: votemos (a authorisação) e depois conversaremos (darei conta do uso etc.) Se o não é, nomeiam-se commissões como as que hoje estão estudando a circulação judiciaria e a emigração.

A da emigração trabalha ha annos, e um relatorio publicado ha tempo continha dados que fazem arripiar; recrudesce a negrura d'essas cifras, quando a fatalidade de um clima que no littoral victima os recemvindos, se faz sentir como as noticias do Brazil dizem que agora se sentem 200 casos de febre amarella n'uma quinzena, não é com effeito relativamente muito para a população do Rio de Janeiro, mas se attendermos a que essas 200 victimas são emigrantes na sua maxima parte, devemos com motivo lamentar a sorte dos que vão arrastados por uma demasiada embriaguez da ambição. O ministerio dos negocios extrangeiros em Portugal acaba de publicar uma série de documentos que na sua eloquencia deviam moderar o ardor dos que d'aqui partem.

Não ha duvida que a emigração portugueza para o Brazil é por todos os lados um mal para nós, e um bem para o rico imperio americano. Aos que impressionam a massa de capitaes economisados que diariamente entram do Brazil, convem não esquecer nem deixar de calcular qual seria o producto liquido do trabalho dos emigrantes se esse trabalho fosse judiciosa e proficuamente exercido na Europa. Bem para uns, mal para outros, tal é porém a consequencia de quasi tudo quando succede n'este mundo. A emigração portugueza provém de causas, umas de ordem moral, como a avidez do lucro, a inveja da riqueza, a religião do ouro, inseparaveis de todas as épocas de crise e de enfraquecimento dos sentimentos ideaes; outras de ordem social, como o vicio da legislação predial, a má distribuição do imposto, e o recrutamento, que produzem um pauperismo rural na sociedade portugueza, cujos exteriores urbanos, bancarios e industriaes dão prova de uma tão grande abundancia de riqueza.

O conjuncto d'estas causas, moraes e sociaes, constitue, porém, uma força, e determina uma tendencia poderosa de mais, para que a possam contrariar as medidas de que é licito lançar mão aos governos constitucionaes. O principio da liberdade garante ao homem o direito de emigrar: e nem o pensador poderia admittir que lh'o coarctassem, apesar de re-

conhecer que a emigração provém, nos que a praticam, de incentivos, uns que não traduzem demasiada saude do espirito individual, nem outros demasida força do organismo collectivo.

A emigração deve pois considerar-se, quanto a mim, como um d'esses movimentos fataes e ingovernaveis. Se concordarmos em que nos é prejudicial, tratemos de lhe destruir as causas, até ao ponto em que está nas forças humanas o fazel-o. Combatel-a, porém, directamente, cara a cara, é um processo que revela menos profundo sentimento da natureza propria de phenomenos como este. Toda a propaganda portugueza n'esse sentido será em vão, e todas as medidas coercitivas governamentaes, serão um crime. No momento em que me embarace o direito de sair, é mister que o governo me garanta os meios de viver, cousa que não faz, nem póde, nem deve fazer.

Cohibir, porém os abusos do commercio de gente, e affagar os emigrantes, eis ahi o que o bom senso indicaria como a verdadeira marcha que Portugal e Brazil, os governos e as sociedades, deveriam seguir, acompanhando e regulando o movimento, em vez de pretender loucamente embaraçal-o.

Vale acaso, para o Brazil, que aboliu a escravatura negra, o máu trabalho de creanças ou de gente perdida, que tem n'uma rapida morte a consequencia quasi certa da emigração, a vergonha que lançam sobre a sua organisação civil factos como os que revelam os documentos agora publicados? É decoroso que enganadores, traficantes burlões de carne humana, possam abrigar-se á sombra da bandeira brazileira nas suas correrias de rapina? Conpensa acaso a vantagem o desdouro?

Por uma excepção afortunada, podemos fallar assim, nós os portuguezes que acabamos de abolir a emigração de chinezes por Macáo, sacrificando a um dever de justiça um rendimento consideravel: por não serem communs, são tanto mais honrosas os exemplos como este.

Oxalá chegue breve o momento de olharmos com attenção para os verdadeiros crimes que ennodoam a historia da emigração portugueza; os factos conhecidos e sabidos de todos são funebremente eloquentes: 30 por cento da emigração compõe-se de creanças, e de cada 10 d'estas morrem logo 3, e das 7 restantes apenas 4 chegam aos 35 annos. Não tratemos de embaraçar, porque seria vã a tentativa, tratemos de fiscalisar e regular a emigração.

Porque não havia de constituir-se uma commissão mixta brazileira e portugueza, funccionando *cá e lá*, unicamente destinada a regular a emigração? Ella verificaria os contractos, examinaria os documentos dos emigrantes, protegel-os-hia, acompanhando-lhes a carreira difficil, e vigiando o modo porque os proprietarios ou os fabricantes e logistas cumpriam as obrigações contrahidas.

O Brazil receberia assim um menor numero de emigrantes, não ha duvida; mas não compensaria a qualidade a quantidade? Mas não se pouparia assim ás vergonhas que perante a historia estão continuando ainda as antigas nodoas da escravidão negra? Pois não vale mais entenderem-

se de accordo as partes interessadas no proposito de tirar o melhor partido de um facto necessario e fatal como é a emigração portugueza, do que andar piratamente á caça de emigrantes incautos, e irritar-se depois porque, d'esses emigrantes, os felizes arrecadam logo que podem os cobres ou os ouros economisados, e fogem?

Para nós, não valerá mais pormos regra, ordem, no que existe, do que andarmos á tôa em busca de sonoras palavras, com que imaginamos combater uma tendencia natural e actualmente necessaria da sociedade portugueza? Regulemos, policiemos os factos que dimanam d'essa tendencia, e se a julgamos perniciosa encaminhemos a legislação no sentido de corregir os vicios que são a causa, e nunca a sua consequencia viciosa.

Comecei esta chronica registrando os prenuncios de uma crise bancaria, e das questões monetarias passei naturalmente ao Brazil, porque entre os bancos, a emigração e o Brazil, as linhas de passagem são insensiveis. Entre o rapaz que sae d'aqui phantasiando riquezas, o emigrado que moireja lá na America para realisar a sua ambição, e o capitalista que volta á patria fundar um banco, não ha pontos de intersecção. Os tres momentos são uma biographia.

Cá e lá e por toda a parte ganha-se dinheiro de dois modos: trabalhando e jogando. Um sujeito a quem eu uma vez fallava de certos processos de extracção de prata metallica dos minerios argentiferos, respondeu-me: É longo e trabalhoso de mais, lá no Brazil eu *tirava prata* mais depressa. — O jogo bancario, o negocio de papois só se implantou entre nós por importação, e nem era quasi possivel sem a recente affluencia de capitaes moveis que chegam diariamente do Brazil acostumados a *tirar prata* em pouco tempo.

O risco d'esses processos de uma metallurgia mais dramatica do que a outra, são as crises de que o nosso collaborador illustre o sr. Rodrigues de Freitas tem dado n'esta *Revista* uma historia e uma analyse; são as crises, e se a nossa, a repetição melhorada de 1846, não chegou ainda, o Brazil acha-se agora mesmo a braços com um d'esses ataques que a natureza economica das sociedades contemporaneas torna chronicos.

As camaras abertas para discutirem a reforma eleitoral, sentem a sua attenção absorvida pelas questões do dia, pelas questões urgentes. A questão religiosa, os perigos de uma guerra com a confederação argentina, e a crise bancaria, eis o que volta constantemente á tela da discussão apesar dos deputados pedirem a palavra, ou sobre o orçamento, ou sobre a resposta ao discurso da corôa. Taes são os assumptos que real e apparentemente tem ao mesmo tempo occupado o parlamento brazileiro.

A questão religiosa não adiantou, porque não considero progresso a condemnação do governador do bispado do Pará, condemnação que havia de seguir-se á prisão, como succederá a todos os successivos governadores, até que Roma reconheça, se poder fazel-o, a verdade d'este adagio popular: tantas vezes vae o cantaro á fonte, que lá fica. Tender de mais

as situações não é prudente, e se a lucta póde ser séria nos paizes germanicos dotados de um temperamento differente, entre os povos latinos tem um perigo. Havia uma aldeia da Extremadura hespanhola, onde, porque cinco annos deixou de haver cura, os aldeões chegaram a perceber que podiam passar sem elle: não vão os brazileiros convencer-se de que podem passar sem bispos!

Sem pão é que não passam os positivistas de hoje; e por isso as questões economicas levam de vencida por toda a parte as questões religiosa ou politicas. A crise monetaria preocupa, sobre tudo, os espiritos, e eis aqui as palavras com que o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro a caracterisa.

«Pessoas competentissimas e dignas de toda a fé asseguram ser hoje difficil obter dinheiro, mesmo sobre garantia dos mais acreditados titulos, isto é, apolices da divida publica, acções do Banco do Brazil, etc., ainda mediante juro bastante elevado. Isto indica excessiva desconfiança ou esgoto dos recursos disponiveis. Assignalaram-se como causas d'esta pressão a insufficiencia do meio circulante, e a concorrencia do thesouro no mercado monetario. Não cremos nem n'uma, nem na outra d'estas suppostas causas.

.....

Quanto a nós as verdadeiras causas são duas: uma antiga e que será ainda duradoura, outra transitoria e de momento.

Em 1870 despontaram os symptomas da febre especulativa que progressivamente ganhou intensidade.

É fabulosa a somma immobilisada, desde aquella época, em emprezas e associações pelas hoje victimas da propria avidez ou credulidade.

Cumpre observar que os grandes capitalistas encontram na sua prudente reserva correctivo contra o enthusiasmo especulativo, mas os bancos, em vez de obstarem ás utopias dos especuladores e dos emprezarios. acoroçoavam-n'os, ministrando-lhes capitaes que agora com difficuldade poderão rehaver.

O excesso de negocios trouxe por consequencia necessaria excessos de outra ordem. Muitos, sob a prespectiva de avultados lucros, alargaram a esphera das suas operações, commodidades e gozos, confiados em capitaes alheios, sem preverem quão fallaz é esse recurso.

Os bancos acham-se hoje na impossibilidade de ministrar novas sommas a quem tem operado fóra da proporção dos proprios meios. E dos capitalistas não é facil obter recursos, porque esses só confiam o seu dinheiro contra titulos do governo.

Nas circumstancias em que nos achamos, uma contracção não póde operar-se sem abalo. Entretanto se não houver muita prudencia e um retraimento gradual, a consequencia inevitavel será a liquidação de grande parte das emprezas concebidas sem estudos muito sérios; evitar que essas liquidações sejam violentas, é a grande missão do commercio actualmente.

A causa transitoria a que nos referimos é a venda que consta ha-

ver feito o governo de cambiaes sobre o emprestimo ultimamente contraido em Londres. Na compra d'estas cambiaes empregaram-se talvez 10.000:000$000 réis, e em quanto ellas não forem revendidas, o que só gradualmente se effectuará, é claro que fica immobilisada aquella somma, que poderia acudir a muitas necessidades do commercio.

Esta causa, como dissemos, é de momento e irá cessando á medida que revendidos os saques se for tornando outra vez disponivel a somma n'elles empregada; a outra levará mais tempo a remover-se.»

Como se vê, a causa *antiga e duradoura* é a febre de especulações bancarias; doença que atravessou o occeano e lavra por cá de um modo que assusta.

Vão-se acentuando as feições e com motivo notaram os observadores certos traços de costumes que acompanharam o acontecimento dos ultimos dias: a subscripção das obrigações para o caminho de ferro do Minho. Quem entrou nos escriptorios da subscripção disse-me julgar-se victima de uma evocação historica; parecia-lhe terem voltado Law e o Regente e passear-se na rua Quincampoix. Havia soldados e houve tumultos. A multidão apertava-se como quando ha fogo. Rasgaram-se fatos, deram-se soccos. Nos corredores vendiam-se cedulas por tostões. Os banqueiros, não podendo já subscrever por 10 ou 20 vezes a importancia do emprestimo, subscreviam sob nomes de amigos para assegurarem o rateio. Outros mandaram os creados, os aguadeiros, os trabalhadores, assignam a uma por uma por que para essas não havia rateio; eram subscripções seguras. Escolhiam os mais robustos e habeis no jogo dos cotovellos, que é o unico para romper entre a turba. Notou-se que não tivesse havido relogios roubados: parece que até os ratoneiros achavam o jogo mais lucrativo.

Eis ahi a chronica da quinzena: os acontecimentos financeiros sobrelevam a todos em importancia. S. Bernardo, se é licito fallar em santos n'este logar, accusava os templarios que iam á crusada de se enlevarem principalmente no *amor auri et argenti et pulcherrimarum fœminarum voluptas;* os novos crusados da finança tem uma virtude que não possuiam os antigos: nem sempre se enlevam com a voluptuosidade das femeas pulcherrimas. Não ha duvida que o egoismo e o *amor auri* corrompem os caracteres, e que a sensualidade carnal e a vaidade do luxo são o estreito paraiso onde muitos dourados servos encontram sufficiente compensação da penosa tarefa da bolsa. Mas não póde negar-se tambem a existencia de corações naturalmente bons, de intelligencias lucidas e de caracteres sérios, pessoas extremosas no seio da sua familia, inaccessiveis mesmo as tentações das mulheres orientaes que sedusiam os templarios, amigos do seu amigo capazes de enthusiasmo e dedicação, a quem não repugna o jogo, antes consomem n'elle todas as forças vivas com que a natureza os dotou. Este phenomeno, esta contradicção mais frequente do que parecerá a muitos, revela um dos traços positivos e profundos do estado do espirito contemporaneo.

Quando não ha enthusiasmo religioso, nem politico; quando uma ci-

dade nem é o Berlim de 1812 nem a Florença dos Médicis, ou a Roma de Leão X, nem a Madrid de Filippe I, como Lisboa e o Porto não são de certo, em alguma cousa se ha de empregar esta necessidade de acção que anima o homem, e especialmente o celto-latino. A febre bancaria é sem duvida uma espressão de utilitarismo egoista, que substituiu nas consciencias os sentimentos religiosos; mas é mais do que isso. Jogar é tambem uma fórma de viver. As emoções da banca substituem as paixões da politica, o enthusiasmo religioso, ou o incanto das artes. O jogo absorve, e ha temperamentos que imperscritivelmente necessitam d'uma occupação absorvente. A elevação ou a corrupção moral não reside pois aqui propriamente no acto individual, mas sim na tendencia collectiva. Uma sociedade que apenas joga e come, de certo vive; vive mesmo animal e sentimentalmente: viverá humanamente? Eis ahi a questão.

O utilitarismo da eschola de Manchester tão bem adequado ao temperamento inglez, produz d'estas consequencias nos povos moral e sentimentalmente activos como o nosso. Não nos basta ganhar dinheiro e comel-o: é mister que nos embriague. A doidice, o phrenesi, e a paixão do jogo são a consequencia necessaria do utilitarismo entre os povos meridionaes. Desde os Médicis que, jogando, subiram aos mais altos thronos da Europa, até ao mais desgraçado dos jogadores que desfecha á noite um rewolver contra o ouvido por não poder pagar o que deve, ou por ver arruinada a mulher e os filhos, a historia é sempre a mesma.

Absorvido, mais ou menos apaixonadamente segundo a vivacidade dos temperamentos, mas absorvido de todo pelas combinações complexas, profundas, engenhosas das operações bancarias, forçado a um trabalho constante e insano, obrigado a conhecer as linguas, a ler diariamente os telegrammas, os jornaes, as cotações, a pesar os acontecimentos commerciaes, industriaes, politicos economicos, para poder mover as peças do xadrez bancario, o homem de hoje não possue nem força, nem intelligencia, nem tempo, para fazer outra cousa. Encarrega as esposas de tomarem sob si os negocios religiosos, e a pessoas de sua confiança a gerencia da causa publica.

Se, pelo lado politico, a historia dos ultimos mezes da vida constitucional portugueza não affirmasse sufficientemente esta abdicação da sociedade que produz os cesarismos, os phenomenos da actual febre bancaria bastariam para fundamentar a asserção cada vez mais provada, de que a vida parlamentar constitucional portugueza é uma ficção.

Dá por isso vontade de rir quando se lê, como se leu n'esta quinzena, em certos jornaes, a noticia de que D. Miguel, que se diz segundo, e pretende vir a ser pretendente á corôa portugueza, seguira os conselhos do padre-mestre Saraiva que seguira os de Cabrera e ia lavrar uma constituição. Tarde piaste!

Fallando de monarchas: mais um, vencido teve de descer do throno ou da aringa, e de assignar um tratado de paz e vassalagem ao governo portuguez: sua magestade o Bonga, de triste e escura memoria.

P. de Oliveira.

ESPAÑA

Ni victorias ni paz, ni combates, ni convenios ni hechos de armas ni actos que levanten el espíritu público; contradicciones, indecision, marasmo, calma superficial al menos, es lo que el espectador, circunspecto como nosotros, vé en este país, devorado sin embargo por dos formidables guerras civiles y por un hervidero de pasiones violentas.

Allá en Cuba, dueños los insurgentes de las Cinco Villas, saquearon y quemaron los arrabales de Sancti Spiritus, redujeron á cenizas el pueblo de Gibaro, con más de 100 habitantes de ambos sexos y de todas edades, y oscurecieron en Sagua la luz de la aurora del 8 de marzo, con la siniestra llama que en los, hasta entonces tranquilos valles y risueñas vegas, brotaba de los ingenios Guayabo, Flor de Sagua, Begoña, Dos Amigos, Manuelita, Manzanares, Santo Tomás de Ribalta, Santa Clara, Santa Lugarda, América, Destino, San Antonio y otros más; sorprendieron una compañia de artilleria en Barajagua, y detuvieron, robaron y asesinaron á los caminantes, volviendo el filibusterismo, de nuevo desarrollado, á pasear por el país la tea del incendio.

Acá en la Península, paralizacion de operaciones desde la campaña del Carrascal, calma interrumpida tan solo por la sorpresa de Aspe, por los fusilamientos llevados á cabo por los carlistas y por sus tentativas de tomar la ofensiva; una especie de armisticio tácito, que por un lado cuesta cinco millones de reales diarios que el Tesoro necesita enviar al ejército, y por otro gruesas sumas enviadas á Cabrera y al Consul de España en Bayona.

A los desastres de la desgraciada provincia ultramarina, achacados en periódicos y cartas á desaciertos del último capitan general, no desmentidos por el actual, ningun remedio se opone más que envolver el asunto en misterios, como si con ellos pudiera quedar satisfecho el honor de la nacion y exigida la responsabilidad que corresponda á quien haya ocasionado el incremento de la insurreccion.

Al vuelo de la guerra carlista se intenta oponer á la vez varios procedimientos, encontrados todos y todos á medias, con el fin de disimular su contradiccion, pero con el peligro de quitar á cada uno de ellos la eficacia que pudieran tener.

La suspension de operaciones desde la vuelta de D. Alfonso, del Carrascal, ha dado tres meses más al carlismo para organizarse y prepararse á nuevos sucesos, que é mismo empieza á provocar en las faldas del monte Esquinza; las combinaciones de Cabrera y su estado mayor para sacar de las montañas vascas la bandera de D. Carlos y confiársela á D. Alfonso, han sido tan desgraciadas que el único resultado obtenido de ellas, (un par de cientos de oficiales carlistas, con la inmensa mayoría procedente del ejército liberal y todos extraños al país vasco) más que un alivio son una pesada y difícil carga, si se les ha de aplicar la base

de la negociacion en virtud de la cual deben ser colocados inmediatamente en las filas del ejército. Cabrera, sin embargo, continúa en Biarritz seguro de que sentara plaza en el ejército por el grado de capitan general, pero menos inclinado ya á entrar en España y visitar á Madrid, donde nunca estuvo; poco estimulado por el *Times* á volver á Inglaterra, donde tan bien hallado estaba antes; vacilando á veces entre seguir en Francia ó fijar su residencia en Portugal; apelando de todos modos al recurso de buscar sobre quién recaiga el fracaso de su tentativa, sin reparar en la injusticia de atribuirle al Gobierno de Madrid que, proponiendo las bases de paz consignadas en la crónica anterior, no omitió para alcanzarla por medio del convenio más que una sola cosa: el reconocimiento de D. Cárlos.

Para el caso de que las esperanzas de pacto carlista quedaran desvanecidas, se conservaron en reserva las ilusiones de la intervencion, que tambien apuntábamos en nuestra última crónica; y tanto se fiaba en ellas, que no faltaba extrangero en posicion oficial, para quien era seguro que si la evolucion de Cabrera no acababa la guerra dentro de un mes, de fuerza se impondria el término de ella; pero las sombras que mientras tanto han comenzado á proyectarse en el horizonte de Europa y las inquietudes que han esparcido, dan tambien por tierra con este pensamiento que, aun sin las últimas alarmas internacionales, cuya explicacion corresponde á otra seccion de la crónica de la *Revista Occidental*, eran por muchas razones de todo punto descabellado.

Así las cosas, casi del todo paralizadas las armas desde que empezó el año, agotadas las esperanzas en la diplomacia de Cabrera y alejada toda probabilidad de intervencion material extrangera para acabar con la insurreccion carlista, la necesidad obliga á veces á volver la vista á los medios naturales, ordinarios y experimentados de dominarla y vencerla, dejando á un lado, despues de 18 meses de ilusiones en la virtud de específicos maravillosos, los remedios empíricos y tocando las cuerdas sensibles del país para sacar de su letargo el espíritu público, grandemente postrado, acudiendo con nuevas fuerzas y sobre todo con la potente de la opinion á sofocar el carlismo; pero la política inaugurada por el Duque de la Torre y continuada despues de él ha venido á hacer difícil tambien este recurso á que, con cierta intermitencia, con escasa decision y con temores bastantes para esterilizarle, se piensa en ciertos momentos acudir, meditando mucho lo que haya de hacerse y haciendo de eso la mitad.

Si lo anómalo no fuera habitualmente lo normal, tratándose de España, diríamos que su situacion es una singular y no interrupida anomalía: desde que el 3 de enero de 1874 la guarnicion de Madrid hizo presidente del Poder Ejecutivo de la República al Duque de la Torre, que por decreto de 26 de febrero recibió las facultades señaladas en el título IV de la Constitucion de 1869, se ignora de todo punto si esa Constitucion está ó no vigente; así como desde el advenimiento de D. Alfonso que, segun se repite todos los días representa la monarquía constitucional, se

desconoce en absoluto de cual de las seis constituciones que, sin contar la de Bayona, componen la coleccion de códigos fundamentales proclamados en España durante el siglo actual.

Hace 18 meses que se exijió al país un olvido completo de toda cuestion política, una renuncia de todos sus derechos, un silencio varsoviano y cuantos hombres y recursos se le pidieran, ofreciéndole en cambio la inmediata conclusion de la guerra civil y añadiendo que en esto se cifraba todo el empeño del Gobierno; hace 18 meses que el país dá los hijos, el dinero y los sacrificios que sin cesar le vienen exigiendo los diferentes poderes y gobiernos que cambiando de nombres y de pretestos (llamados alternativamente de conciliacion y homogenéos, pero compuestos en realidad de los mismos elementos con corta diferencia y guiados sobre todo por la misma tendencia) han tenido al país huérfano de Constitucion, privado de todo derecho y, explotando la tregua política que le imponian como necesaria, le han ido despojando de Córtes, de Diputaciones, de Ayuntamientos, de milicia ciudadana, de prensa, de reunion, de asociacion, de jurado, de inamovilidad judicial, de matrimonio y registro civil, de libertad de enseñanza; han intentado suprimir la religiosa, han enpezado á fiscalizar la conciencia, han devuelto los objetos artísticos incautados, han puesto trabas á la contratacion, están destruyendo la reforma arancelaria todo ello repitiendo diariamente que el periodo era de tregua y no de aspiraciones políticas, que los gobiernos se limitaban á la mision de concluir con la guerra y que el país debia contentarse con que trataran de eso y no tener exigencia alguna. No la ha tenido en efecto, y mientras, á favor de tal tregua, los gobiernos han echado por tierra un sistema político entero para sustituirlo por otro los partidos han dado un raro ejemplo de docilidad, evitando el más insignificante pretesto para que pudiera acusarse de que por culpa de ellos no se habia concluido la guerra, que lejos de acabar ha tomado con ese sistema un vuelo inverosímil.

Este hecho innegable y confesado ya por los que más tiempo han empleado en disimularle, vá sobreponiéndose á la habilidad de los conciliadores, dentro de ciertas escuelas exclusivas, y de los homogéneos de esas mismas escuelas, en razon directa de la lealtad con que el país ha hecho cuantos sacrificios se le pedian, incluso el de sus opiniones, sin más resultado que ver planteadas las contrarias por los gobiernos que tan activos han sido en imponer las suyas, Pero la necesidad de buscar apoyo en la opinion impone por condicion primera para encontrarle, sinceridad de quien la solicita; y si el llamamiento se hace con los recelos y las cortapisas que revelan las indicaciones sobre instituciones políticas, ensanche de la prensa, armamento popular y demás alhagos que se han echado á volar, m ás como amenaza de fraccion á fraccion de las que se disputan el poder, que como garantia de que el país, en vez de la fusion que llegó á pactarse con Cabrera, ha de sacar triunfante la causa de la libertad que hace cuarenta años se impone á la aspiracion tradicionalista, motivo hay para presumir la completa esterilidad de esas ofertas.

Por primera vez depues de 18 meses, empieza á hablarse de Ley fundamental; *La Iberia*, órgano de la agrupacion que durante un año no la echó de menos en el poder, se declara sostenedora de la Constitucion de 1869, no olvidándose de dejar protegida la retirada para el caso de que no la conviniera sostenerse en la posicion del momento; por primera vez salen los diarios ministeriales de la vaguedad de su frase «monarquía constitucional» y en testimonio del progreso de sus idéas, se colocan en el punto de vista del año 34, para tender la vista mucho más atrás, hasta los reyes Católicos, las Comunidades de Castilla, los fueros de Aragon y Carlos V, y plagiando el desdichado engendro de Martinez de la Rosa, ofrecer por todo incentivo para convertir al pretendiente que tiene tentaciones de reunir Córtes en la Seo de Urgel, ridículos Estamentos, convocados por medio de un nuevo Estatuto Real, á imágen y semejanza de aquel de quien se dijo

«Aquí yace el Estatuto;
Nació y murió en un minuto.»

Se reconoce el gravísimo daño que resulta del mutismo impuesto á la prensa; se lamenta todos los dias la rapidez con que se propagan las noticias más graves, la actividad con que circulan de boca en boca los rumores más ocultos, los estragos de esa publicidad oral, anónima é impalpable, trasmitida de oido á oido por todos los círculos de todas las clases, y á esa circulacion de novedades contra la cual no hay más correctivo eficaz que la libertad de la prensa, se sigue oponiendo su silencio en las cuestiones de guerra, así del Norte como del Oriente, en la de insurreccion cubana, en la de protesta del profesorado y en todas las que más luz están pidiendo.

Causa espanto la indiferencia con que el país está contemplando los incendios de Sagua, los fusilamientos de Estella, los atentados del Burgo de Osma, el desarrollo del filibusterismo, la consistencia de la rebelion carlista, la organizacion de la del Centro, y no se investiga y, si se averigua no se quiere confesar, á qué obedece esa atonía que, por su mismo carácter silencioso, constituye la más peligrosa de las manifestaciones.

Indícanse conatos de organizar la milicia ciudadana, no sabemos si porque realmente se recuerde lo que á ella debe España desde que, con el nombre de *voluntarios distinguidos*, comenzó su gloriosa historia en Cádiz y la Isla de Leon peleando el año 1810 contra los soldados de Napoleon, ó como mero ardid político de la influencia dominante para defenderse de la moderada que llama imperiosamente á la puerta del poder; y los que han sido nombrados por el Gobierno para hacer las veces de Ayuntamiento de Madrid le amenazan con su renuncia si la milicia se forma, y los diarios ministeriales se colocan en la oposicion en la cuestion de milicia, y declárase cantrario á ella un exíguo simulacro de Mili-

cia Nacional de Caballería, formado con el exclusivo objeto de que sus individuos salvaran sus caballos de la requisa decretada hace un año.

Es palpable para todo el mundo la inutilidad de arrancar de sus faenas por medio de quintas y más quintas, soldados sin entusiasmo que, movidos por el rigor de la ordenanza, vayan á combatir el soldado carlista, fanatizado por una idéa en que se mezclan la preocupacion de raza y la religiosa; y aun se piensa en exigir otra nueva quinta de cien mil hombres que acabe de arruinar la agricultura y la industria, que proporcione con la redencion algunos recursos, pero que en cambio acabe por hacer del ejército la absorcion de todos los del exhausto Tesoro.

Viene del Norte y se imprime y se publica esta gráfica frase: «No se cansen ustedes en hacer congeturas; con la paz ó sin la paz, habrá Carlos XXX y pastelero de Madrigal:» y en vez de resolverse á encarar la persistencia tradicionalista por medio de fé resuelta y decidida en la idea liberal, las preocupaciones salientes en Madrid son, ó torpes querellas, ó meros y desacreditados remedios empíricos. Dá grima leer en sitio preferente de los periódicos un diluvio de sueltos sobre si «se han recibido ó no noticias de París relativas al regreso á España de una anciana é ilustre señora que ha tiempo reside en el extranjero»; sobre si hay ó no crisis ministerial; sobre si una fraccion, de cuyos individuos ha dicho cierto periódico que «unos quedarán encargados de tomar lo que haya y los restantes de esperar lo que venga, todo porque la patria lo exige» celebra ó no reuniones, por más que no haya derecho de reunir; sobre si esa fraccion, mientras anda en busca de fórmulas anfibológicas de conciliacion interior, «ataca á la dinastía», todo esto, y otras cosas más graves aún, cuando *La Epoca*, el periódico más caracterizado y más hábil del Gobierno, se vé en la necesidad de escribir la siguiente frase: «Los numerosos enemigos de la situacion» etc. Pues cuando con esas distracciones se aparta la vista de la guerra, cuando dentro, no ya de los enemigos, sino de los amigos de la situacion, segun que proceden del unionismo ó del moderantismo, las diferencias se ensanchan, los rencores suben á la superficie de sus órganos en la prensa, el tiroteo se hace más vivo cada dia y la lucha abierta comienza á ser manifiesta, un periódico de gran circulacion saca á plaza con cierta solemnidad la panacea de todos los males y, no contento con los terribles estragos que debe el país á la monstruosa conciliacion de enero del 74 y á todos esos funestos equilibrios que desde entonces vienen haciéndose, á pretesto de concordias ó armonías, para no aparecer tan monotonos, los mismos elementos, los mismos intereses, las mismas ambiciones, vuelve al mismo tema y pide como remedio supremo, que los que llevan año y medio rodeado del vacío, se encuentren bonitamente auxiliados de los que año y medio hace les volvieron la espalda; que para esta obra meritoria de dar fuerza á los que carecen de ella, se concilie todo lo inconciliable y que otra vez con el sempiterno pretesto de una guerra que tanto ha crecido en sus manos, y á favor de una tregua política, que tanto ha aprovechado el carlismo, se forme un ministerio cuyos ocho individuos procedan de

ocho escuelas, de ocho fracciones y ocho puntos de vista distintos; sin duda para que la guerra constante entre esos ocho señores, cada cual con su opinion, su ideal, sus simpatías y antipatías, sus preferencias y hasta sus compromisos, si no concluye, deje atrás como de menor cuantía la guerra carlista.

Tales son los asuntos y tales los medios de redencion que presentan al país los que le reconocen asolado por dos guerras civiles, una en el Norte y otra en Oriente de la Península, con la más rica de sus provincias ultramarinas entregada al incendio, desangrado por incesantes quintas, arruinado por onerosos y crecidos impuestos, huérfano en una dictadura de 18 meses, de todo derecho: eso que acabamos de resumir tomándolo, no de nuestra fantasía sino de los testimonios impresos en la prensa de Madrid, es todo lo que se alcanza á los que influyen en los destinos de España, para conjurar los nuevos males que la amenazan por una série de desastres que, «eslabonándose los unos con los otros,» segun las propias palabras de los que viven en las regiones del Gobierno, van formando una cadena que parece ir creciendo, y por momentos apretando con mayor fuerza, la situacion en que vivimos los que nos hallamos al lado acá de las riberas del Ebro.»

Es, sin embargo, tan grande la vitalidad de España, son tantos sus recursos y tal el genio y la energía de sus habitantes; soporta tan bien los repetidos é incesantes periodos de desgracia, de tal modo saca fuerzas de su flaqueza que, aun medio de esa gran crisis y de esa gran postracion, el pueblo español se manifiesta el mismo de siempre, digno heredero de una raza que no desciende ni mengua: si ese país no se libra de la corriente corruptora que aflige á Europa como una epidémia, tambien descuellan sobre los caracteres que se postran otros que se alzan á la mayor altura de la dignidad humana; si en el estado mayor de los ejércitos no aparece quien ocupe el lugar de anteriores y renombrados caudillos, del seno de las compañías se destaca el soldado de siempre, aventurero, arrojado, sóbrio, sufrido, dócil, mordaz, pronto á hacer la caricatura instantánea de su jefe y dar la vida por un capricho del que le mande; si la clase media no copia solo los figurines franceses, sino tambien las costumbres que del otro lado del Pirineo nos han ido inoculando la monarquía de Luis Felipe y el último imperio, el pueblo se conserva digno de contar entre sus ascendientes á los héroes del dos de Mayo, de Bailen y Zaragoza: si los políticos de oficio han hecho de los partidos planteles de empleados, la industria catalana, las artes sevillanas y valencianas y el desarollo general de la produccion y la riqueza, están demostrando que no todas las manos han caido en la vergüenza de pedir limosna al presupuesto.

En medio de los estragos de la guerra civil, acaba de abrirse á la circulacion la primera seccion del ferro-carril de Medina del Campo á Salamanca, que llega á Cantalapiedra: dentro de poco se abrirá tambien la línea de la Coruña á Lugo, y no tardará en inaugurarse la de Madrid á Talavera en la línea de Malpartida, cuya esplanacion y obras de fábrica

hasta este último punto se hallan completamente terminadas, habiendo empezado ya el asiento de vía y los estudios de Malpartida á Monfortinho, punto de empalme con el camino de hierro de la Beira baja.

A las fiestas con que de algunos años á esta parte acostumbraba conmemorarse el aniversario de la muerte de Cervantes, á las que en Madrid, Alcalá, Valladolid y otros muchos puntos se preparaban este año, ha venido á añadirse la que, con gran pompa y solemnidad, ha habido en el Salon del Senado, imprimiéndole un carácter oficial que no la cuadra demasiado; porque no debió ciertamente su fama el insigne escritor á lo oficial, sino á lo popular; porque si el pueblo levanta á Cervantes el pedestal de su gloria, á lo oficial no le es deudor más que de sus padecimientos y de aquella triste miseria en que Felipe III le dejó morir, al mismo tiempo que daba una buena suma á artífices extrangeros, para erigirse á sí proprio la panzuda y detestable estatua equestre, que aún afea una de las plazas de Madrid.

***

ESTADOS-UNIDOS—EUROPA

Ha um povo que nos faz o estranho effeito de viver n'um mundo inteiramente diverso do nosso, mas diverso como poderia ser quasi o que constituisse um outro planeta. Chega a parecer que a alma humana é outra alli: mais rica de forças por um lado, mais pobre de sentimentos por outro e na verdade nem mais rica nem mais pobre, — diversa mas equivalente. Esse povo é o que constitue os Estados Unidos da America. O caminho que segue aquella sociedade tem uma originalidade que a Europa não concebe como possivel para si. Parece uma creança de trinta annos entrando n'essa edade na vida, cheia de ingenuidade e de violencias. Não ha alli exemplos que sirvam de norma, acções que se continuem; a herança não pesa, a tradição não tem de se proseguir evolutivamente: inventa-se, improvisa-se. O homem sente-se tão filho de si proprio que quasi nada mais vê em volta de que elle se reconheça parte. As sociedades são todos continuados por lentas transformações que a si mesmos se reconhecem como organismos sentindo-se crescer e mudar. Na America do Norte, o homem fez-se a si proprio tal como é. Não seguio principios; teve até de renegar ligações: e, a unica tradicção que existe para elle, mostra-lhe que os seus antepassados o tinham e quiseram conservar apenas como uma machina forte e apta para o arroteamento de incultos. Creado no combate com a natureza, e no combate com o indigena, o americano tem sempre tambem de luctar com o seu concorrente,— o colono,— que é de resto o seu irmão, o seu concidadão, o homem rude que teve a força de quebrar as antigas e melancolicas ligações sentimentaes, para ir luctar só n'um mundo novo, sentindo-se para isto cheio de

energias, lemitado de sentimentos, secco de espirito, com poucos preconceitos, e uma grande ambição positiva e material.

A raça inicial dos povoadores americanos predispôl-os de antemão para as influencias que deviam receber d'esta existencia aventurosa. A lucta individual pela vida,—o *struggle for life*,—o meio formado pelas fortes concorrencias e agitado pelo combate permanente, e um temperamento sanguinio, violento, carnal, fel-os naturalmente considerar o homem como um animal que tem de devorar os outros animaes que forem assás fracos para o não poderem devorar a elle.

Junte-se a estes traços, rapidamente marcados, o desequilibrio moral,—que naturalmente produz o movimento consideravel das industrias e das producções materiaes que tambem caracterisa as classes burguezas da Europa, absorvendo-as na prosperidade economica;—note-se quanto esse estado de espirito foi fortalecido pelas condições de producção excepcionaes reunidas na America do norte,—e possuir-se-hão as bases dominantes do caracter americano e a chave de todos os factos, excentricos tanta vez, da sua vida politica e social, tão cheia de combates violentos, de tyranias francas e não se sabe ás vezes se ingenuas se cynicas, de liberdade absoluta quasi, de actividade transformadora prodigiosa, de industrialismo exclusivo em que a riqueza é o maior motivo ao respeito publico por que realmente é a maior prova de força, de actividade creadora e habil. Veja-se ao lado d'isto, porque nunca a alma humana se póde inteiramente mutilar, como esse povo satisfaz as partes sentimentaes do espirito em creações religiosas, visionarias e insensatas, e como anima os raros productos artisticos com uma vida nervosa e allucinada.

Taes são os Estados Unidos da America, esboçados com os seus tons mais evidentes e dominantes.

Politicamente tem até hoje esse povo sido governado por um partido forte, que se mantêm á custa de uma grande indifferença politica,—que lá como na Europa tantas vezes é a attitude das classes industriaes,—apoiando-se no Presidente, o General Grant, cujos interesses soube fazer seus, e, emfim, auxiliando e fazendo arma de combate da elevação politica e social dos pretos e dos antigos escravos.

Comprehende-se facilmente que força resulta de semilhantes elementos. Este partido que é forte, é, por isso, centralisador, á custa, já se vê, dos direitos e das liberdades dos Estados particulares. Esta centralisação póde, n'um momento propicio, depois de gradual e habilmente encaminhada, chegar a uma dictadura e a um cesarismo.

O Presidente, a quem a sua naturesa utilitaria parece não tornar extremamente antipathico aos interesses positivos e á ambição material, duas vezes reeleito já para o cargo que occupa, protege naturalmente o unico partido que póde e que promette, pelos seus principios e processos, fazel-o um dia *imperador*.

Os negros, em numero de cinco milhões, formando a oitava parte da população total da Republica, são especialmente importantes em certos Estados. Ha-os ricos, e ha-os hoje tambem instruidos, advogados, pré-

gadores, sagazes argumentadores, de uma habilidade subtil e limitada. Pela maior parte, porém, podem ainda caracterisar-se como uma grande força, quasi absolutamente cega, uma grande força natural que se póde dirigir, graduar, e, sobre tudo, desencadear em certos momentos decisivos. As tradicções ignominiosas e sangrentas da escravidão, as historias das oppressões, estão ainda vivas n'elles, e o odio ao branco, antigo senhor tyrannico, que ainda hoje geralmente os despreza e os vexa, tende poderosamente a fazer da nova liberdade e dos recentes direitos uma arma de vingança. Rudes ainda, e incapazes de grandes idéas politicas, facilmente abdicam nas mãos dos brancos que se lhes apresentam por chefes,— intelligentes, superiores, e inculcando-se indignados tambem das injustiças dos seus. Os negros são assim, além de um pretexto sempre fertil para a eloquencia partidaria, além de uma causa de sympathia para a livre America, uma poderosa arma que o partido centralisador maneja com bom successo. Aventureiros fortes e audaciosos se tem posto á frente dos novos cidadãos especulando com os seus velhos rancores e com as suas actuaes aspirações: guiando-os e empregando-os.

O grupo politico que emprega todos estes meios nos Estados Unidos tem um caracter muito similhante ao dos bonapartistas em França. As suas feições não causam tanta extranheza porém na America, porque são ali mais ou menos as de todos os partidos e as de toda a gente. Quando o proprio Estado é filho da aventura e constantemente alimentado e dilatado por ella, que admira que os seus cidadãos tenham os dotes, defeitos ou qualidades, sem os quaes a forte colonisação é impossivel? Este partido começou a mostrar-se como tal cerca de 1860, formado por differentes grupos do partido abolicionista da escravidão *(free-soilers)* e chamou-se *republicano*, não para se antepôr a algum partido monarchico, mas para se destinguir dos *democratas*, antigos americanos, que mais attendem ás liberdades geraes, á independencia dos Estados e ás instituições classicas da America, que á força superior, por ventura civilisadora mas sem duvida tyrannica, d'um poder republicano centralisado. Os *republicanos* fraccionaram-se depois. Ficaram como herdeiros legitimos do antigo partido, e sobretudo com os caracteres accentuados que lhes attribuí, os chamados *radicaes*. Uniram-se aos *democratas* os *republicanos liberaes*.

Eram pois até hoje, como disse, os republicanos radicaes os directores da politica, os politicos de profissão, e realmente os que, por um certo lado, representavam mais verdadeiramente o espirito da oppressora liberdade americana. Dominavam assim completamente. No Congresso tinham 205 membros, quando os democratas da oposição apenas contavam 87.

Mas as tendencias do partido, e ainda de acordo com ellas as do Presidente, lançaram por actos repetidos uma grande desconfiança nos espiritos. Aproximava-se a reeleição da Presidencia que promettia ser, contra as tradições de toda a historia da America, a terceira de Grant. Um Cesarismo começou a apparecer possivel, provavel mesmo. Na Eu-

ropa, por esses tempos,—que eram os da prosperidade da França sob Napoleão III,—floresciam as doutrinas dos golpes de Estado e dos cesarismos, apparentemente justificados por um successo de dez annos. Por isso, importunados pelos liberaes e pelos republicanos que constantemente citavam a America em seu apoio, todos os partidos monarchicos mostravam então victoriosos as tendencias que lá mesmo se revelavam.

Mas o perigo, facil de exagerar de certo, ao longe, pelos interessados, fez entrevir activamente na politica as classes que até então se haviam abstido. As novas eleições reduziram á minoria, no Congresso, os republicanos auctoritarios dando uma grande victoria aos democratas.

Este acontecimento deve, n'um futuro mais ou menos distante alterar talvez as condicções da politica americana: mas por agora os pontos de apoio creados continuam a assegurar a acção das mesmas forças. Por isso em certos Estados, o procedimento do partido republicano radical apoiado em Grant continua a ser notavelmente tyranico.

Hontem era a Louisiana a victima; hoje é o Arkansas que é objecto de procedimentos violentos, de que a Europa,— se exceptuarmos a França de 1851,—não podia facilmente ser theatro.

Os radicaes e os negros dominam na Louisiana como em todo o sul desde 1867. Em 1872 e pelos esforços legaes, os democratas venceram-nos, adquirindo maioria nas camaras e nos primeiros logares do funccionalismo. Os radicaes, porém, apoiados no exercito federal e em Grant, occuparam militarmente Nova Orleans e formaram uma legislatura e um funccionalismo seus. Kellogg, chefe deste movimento e por elle feito governador do Estado, tomou desde logo medidas importantes sobre a propriedade, a industria e todos os interesses dos cidadãos. Uma insurreição consegue expulsal-o; mas o Presidente que uma vez o sustentara, restabelece-o e mantem-no. Esta lucta dura até agora. Por um telegrama se sabe que uma certa conciliação parece formar-se entre os dois partidos.

Em 1872 o Arkansas elege para governador a Baxter que se apresenta como republicano radical. Brooks era o nome do candidato democrata. Dá-se porém em breve a mais estranha troca. Começando no exercicio das suas funcções Baxter mostra-se inclinado aos democratas, ao passo que, especulando habilmente com a situação, Brooks que fôra vencido oppondo-se a Baxter, se apresenta como radical. Os eleitores declaram logo que a maioria que haviam dado a este era simulada e que Brooks é o seu verdadeiro escolhido. A esta declaração segue-se o occuparem Litle Rocks, a capital, com tropas pretas.

Ha menos de um anno o presidente Grant, seguindo o parecer da legislatura local, reconhecera como governador legal a Baxter e declarara Brooks faccioso e rebelde.

Renova-se porém a constituição do Arkansas, e, como em casos taes ordena a lei dos Estados-Unidos, renovam-se todos os grandes funccionarios. É eleito Garland para governador. O Congresso ordena que quatro dos seus membros façam sobre os acontecimentos que descrevi um rigoroso inquerito. Tres d'elles approvam a nova constituição e as novas elei-

ções. Mas um declara que Brooks eleito em 1872 por quatro annos, não podia antes d'isso ser deposto; que por consequencia a recondução de Baxter, a nova constituição e a eleição por causa d'ella do novo governador Garland, eram factos illegaes. Este voto representava a opinião de todo o partido *radical*, centralisador, *negrophilo*. Grant adopta-a contradizendo a sua anterior resolução, e envia uma mensagem ao Congresso restabelecendo Brooks.

Eis os factos que hoje principalmente agitam a politica dos Estados Unidos da America. Em resultado d'elles, para accentuar e para combater as idéas que elles representam, se dão outros acontecimentos.

Foi admittido na União o Colorado e vae sel-o o Novo Mexico, apesar de não terem nem um nem outro a população legal, porque fornecerão mais quatro membros radicaes ao senado.

Andrew Johnson, Presidente dos Estados-Unidos de 1865 a 1869, antecessor de Grant e ao que parece seu inimigo pessoal foi eleito senador pelo Estado de Tennessee. O governador eleito assim como a maioria da legislatura de Connecticut são do partido democrata.

No Congresso discute-se agora a organisação judicial dos territorios occupados pelas tribus indias que se querem subjeitar ao direito commum. A America do Norte tem até aqui repelido e combatido os Indios cada vez por isso mais selvagens e inimigos. Em quanto a America hespanhola, pelas predicas dos missionarios catholicos e pelos casamentos, tem sujeitado a um trabalho regular mais de 12 milhões de Indios, os anglo-saxões não tem em 250 annos civilisado 100.000.

Na velha Europa os grupos que especialmente se encarregam da politica mostram, em muitos pontos, por que preço se pagam do seu trabalho de gerencia. O amor do lucro, e as faculdades que cria o prospero desenvolvimento industrial são consideraveis elementos de civilisação sem duvida, como se vê na America,—mas, como se vê tambem na America,—quando essas faculdades se desenvolvem quasi exclusivamente, podem no fim de tempos atrophiar outras qualidades moraes, e alterar um pouco o criterio do bem e do mal. As classes liberaes que fizeram os systemas parlamentares são geralmente utilitarias, e scepticas. Nos individuos a quem essas classes entregam o governo e as luctas politicas é este scepticismo frequentemente aggravado por um conhecimento profundo do estado moral dos collegas, que é egual em todos e que a todos dá uma certa segurança, e uma certa desculpa. Como são poucos, equivalentes e effectivamente superiores, comprehende-se que se julguem senhores legitimos de usar das vantagens excepcionaes da sua posição. Alguns factos accentuarão este traço importante da physionomia das classes que derigem a politica moderna.

As variadas especulações que se realisam em volta dos governos de todos os paizes, e o que se tem documentado até sobre a parte que os mesmos governos muitas vezes tem tido n'ellas, derivam naturalmente d'essa situação moral. As concessões, os previlegios, e a administração dos caminhos de ferro são frequentemente o seu campo d'acção.

Na Austria deu-se ultimamente um facto curioso, sem importancia se houvesse tido outra solução e sobre tudo, se fosse unico. Revela porém um estado geral e desenha para a Historia uma epoca notavel.

Nas luctas liberaes contra o partido feudal Tscheque o governo da Austria teve de se aliar com muitos dos grandes capitalistas da sensual e luxuosa Vienna. Estes ultimos compraram consideraveis propriedades na Bohemia para assim adquirirem direito ao voto, vencendo os inimigos da constituição que quizeram, com menos elementos, emital-os.

O estabelecimento da linha ferrea de Lemberg, Czernowitch-Jossy, produzindo extraordinarios lucros, tornou-se um centro onde se conciliaram os interesses da alta aristocracia constitucional, dos grandes financeiros que haviam mantido e auxiliado a reforma politica, dos ministros, deputados e jornalistas liberaes. A via ferrea, como muitas das feitas nas condições que indico era pessimamente construida. Numerosos accidentes haviam determinado o governo austriaco a prohibir sobre ella a grande velocidade. O sr. Openheim, barão de Ponto Euxino, director do caminho de ferro e mais dois collegas seus foram um dia prezos e mettidos em processo. Não havia que processar, é claro, as condicções previligiadas em que se estabelecera a exploração, e o centro de especulações diversas que ahi se formara. Tanto valia processar as classes dominantes de quasi todas as nações modernas. Parece porém que o ministro do commercio, o sr. Banbang, possuia provas d'um desvio, por parte do director prezo, de mais de vinte milhões de florins.

Pela imprensa sabemos que se julgavam n'esse processo implicadas muitas das pessoas principaes do actual governo e côrte da Austria. O ministro que intentara o processo era abertamente accusado de ingratidão para com os financeiros que afinal, como em toda a parte, se pagavam com alguns milhões de haverem accrescentado as liberdades publicas.

O numero das testemunhas era extraordinario; a proposito se citava o celebre e escandaloso processo feito em França ao banqueiro Mirés.

Ignoro as particularidades do julgamento. Sei só que o Barão de Ponto Euxino acaba de ser absolvido segundo muitos haviam prophetisado, e sei tambem que alguns jornaes, talvez malevolos, explicam esta conclusão pela falta de pureza absoluta do ministro e do governo que eram, ao que parece, acusadores de faltas de que não tinham a consciencia absolutamente limpa.

Na Prussia tambem foi processado o Principe Putbus por especulações illicitas em Caminhos de Ferro. Ahi porém, para obter resultado identico ao da Austria, empregaram-se meios extremamente mais commodos. O governo mandou simplesmente suspender o processo.

Tambem na Hollanda, os grupos politicos se aproveitam ao que parece habilmente da sua situação. Discutiram-se ha pouco no Parlamento e durante seis sessões, graves questões de Caminhos de ferro nas quaes os protectores poderosos das companhias luctaram vigorosamente contra o que parecia ser os interesses do *publico;* — dando a esta palavra, ainda assim, o sentido restricto que quasi sempre tem.

Os homens não são effectivamente todos animaes da mesma especie; e a sciencia mostra-nos que, na serje zoologica, as especies mais fortes devoram, e devem devorar, por uma fatalidade organica, as mais fracas.

Não ha ainda muito tempo que na liberal, philantropica e progressiva Inglaterra Lord Aberdeen provava que a penitenciaria de Gibraltar, condemnando os presos a trabalhos penosissimos, não correspondia ás modernas ideias que regulam estes estabelecimentos. Outros membros da Camara, todos de antigos nomes historicos, concordando plenamente com esta opinião falaram por isso mesmo contra qualquer melhoramento É justamente,— disseram elles, —por a lida ser nas fortificações e nos arsenaes de Gibraltar excessiva que, sem o trabalho gratuito e obrigatorio dos presos, o Governo se veria obrigado a abrir creditos extraordinarios para empregar o trabalho livre. Estes argumentos financeiros, mais importantes sempre que os argumentos moraes, convenceram Lord Aberdeen e fizeram-no retirar o seu projecto de reforma.

Tambem n'uma sessão mais recente da Camara das Communas o sr. Torrens, oppondo-se a um *bill* que tinha por fim o melhoramento das casas dos operarios, provou que abrir ruas salubres e largas nos bairros pobres, fazer construcções hygienicas e bonitas para as classes menos abastadas, é altamente perigoso para a ordem social, e que «foi assim, *haussmanisando* Paris que se produziu a communa.»

Entretanto, ao lado d'estes factos — e fornecendo sobre elles um importante commentario — a já prolongada *grève* dos Districtos mineiros inglezes aggrava-se em vez de terminar. De 1872 a 1873 os salarios augmentaram consideravelmente: alguns no espaço de um anno, 100 e 180 por cento. Muitas familias ganhavam então o equivalente a 900$000, ou a 1:000$000 de reis por anno, sendo frequentes os salarios de 1$900 a 2$000 réis diarios. Uma extraordinaria alta no preço do carvão,— que de 1870 a 1873 subira de 7 *shillings* a 15,— pela suspensão d'outras explorações mineiras victimas da guerra franco-prussiana, por o consideravel movimento industrial que se lhe seguiu e pelo emprego cada vez maior do ferro, permittia assim aos capitalistas darem grandes salarios e continuarem a lucrar.

Mas todas essas causas começaram a extinguir-se. Os preços do carvão e os salarios começaram a baixar. Os operarios em numero de 120 mil constituiram-se então em *grève*.

De então para cá esta situação tem a todos os respeitos peorado. Milhares de operarios existem já na ultima miseria. A *Amalgamated miners association* que os auxiliou julga-se quasi arruinada. Os motivos que determinaram a diminuição dos salarios,— baixa no preço do ferro e no do carvão — tem ainda augmentado ultimamente.

Ha muito já porém que unicamente se discute o modo de terminar a pendencia sem que a divergencia seja consideravel, entre patrões e operarios, sobre as condições praticas da solução: mas os operarios não acceitam a reducção dos salarios, seja ella qual fôr, senão d'uma commissão de arbi-

tros que as duas partes nomeiem; e os patrões não admittem, em principio, que outros venham decidir soberanamente das condições da sua propriedade e da sua producção.

O sr. Paulo Leroy Beaulieu, que ha pouco ainda escrevia sobre o assumpto, dá n'esta parte completa rasão aos operarios.

Esta questão, digna de todo o interesse pelas existencias que d'ella dependem, tem em si, d'este modo, os elementos d'uma discussão de que depende todo o direito civil moderno. Sómente me não parece extremamente d'accordo com os principios que em geral professam os conservadores dos grupos politicos e dos governos que combatem o socialismo, a opinião sustentada pelo celebre economista francez. Julgo mesmo que esta opinião deve ser considerada nas regiões officiaes de todos os paizes como altamente subversiva.

Como póde ahi alguem admittir que uma arbitragem decida do emprego de objectos que são exclusiva propriedade do capitalista explorador, e que essa arbitragem estipule a paga a dar a pessoas com quem todo o contracto deve ser feita livremente? Como se póde negar ao proprietario de minas, dados os fundamentos da legislação actual, o direito de as conservar sem exploração? Para uns a utilidade prestada pelos jazigos de carvão consiste realmente no minerio que d'elles se extrae para venda; para outros, em dados momentos, a utilidade póde consistir, em conservarem o minerio intacto nas camadas do solo. Uma lei que obrigue a admittir sobre estes factos opinião decisiva de arbitros trará logicamente comsigo uma outra que exproprie os terrenos que se não cultivam, *inclusivé* os que se conservam como parques e quintas de recreio, que determine a substituição de todos os jardins por cearas, quando ha tanta gente que não tem pão, e que prohiba a existencia de grandes palacios, com vastas salas deshabitadas, quando tantas e tantas pessoas não tem domicilio largo, commodo, sufficiente.

O principio da *utilidade publica* levado até este ponto seria o *socialismo espoliador* que aterra com sufficientes motivos, devemos confessal-o, as classes conservadoras.

Julgo que cabem as *colligações*, as *greves* e as *sociedades nacionaes* ou *internacionaes de resistencia*, dentro da actual Economia politica e do actual Direito de propriedade. Mas não me parece que os economistas liberaes do *laissez faire, laissez passer*, e os jurisconsultos romanos do correlativo *jus utendi et abutendi*, possam admittir como principio a arbitragem para regular o uso da propriedade.

Dará direito de propriedade sobre as minas aos operarios da Galles do Sul o haverem trabalhado n'ellas? Dar-lhes-ha direitos d'outra ordem a miseria, a fome? Questões são estas que eu não discuto nem resolvo aqui, mas que me parece que nem os economistas nem os governos liberaes podem resolver afirmativamente.

Tambem na Allemanha a industria de ferro e as correlativas a esta soffrem. O novo Imperio combatendo toda a sorte de revolução que não parta d'elle combate a Egreja catholica e combate o Socialismo.

Em 1864 morria em Genebra Fernando Lasalle socialista allemão, que partira, para uma lucta de seis annos contra as praticas admittidas pelas classes dominantes, de que «a media do salario do trabalho deve fixar-se segundo as necessidades indispensaveis da vida.» Em volta do nome extremamente popular na Allemanha d'este revolucionario formaram-se differentes associações ultimamente julgadas nos tribunaes prussianos que condemnaram como politicas a *Associação geral dos operarios allemães*, a *Associação geral dos pedreiros e canteiros allemães* e a *União dos carpinteiros*. Foram tambem condemnados a multas os deputados socialistas Hasenclever e Keimer.

A attitude, porém, do governo allemão, attitude de desafio e de combate, vê-se mais completamente no discurso do ministro das Finanças, Camphausen, sobre a conversão do Banco da Prussia em Banco do Imperio, discurso em que declara ter chegado o momento de encarar face a face e resolutamente a questão operaria, regulando o salario do trabalhador que elle julga «hoje exagerado, e que assim lhe parece necessario fazer entrar nos limites rasoaveis, abaixando-o consideralmente;» opinião esta que, aos mesmos donos de fabricas, parecerá levemente excentrica.

Foi com a lei sobre os Bancos que o Reichstag encerrou as suas sessões. Em janeiro de 1876 começa a funccionar o Banco do Imperio da Allemanha, com um capital de 120 milhões de *marcos*. Trinta e tres bancos nacionaes continuam no imperio a emittir notas «a descoberto» até 385 milhões de *marcos*, devendo para uma emissão superior, possuir o seu valor exacto em moeda ou pagar ao Estado um imposto de cinco por cento. O Banco do Imperio póde emittir o dobro das notas de todos os bancos reunidos. Calcula-se em 24 milhões o lucro bruto annual d'esta empreza, ou em 15 milhões o seu lucro liquido. Os accionistas receberão um devidendo de 8 a 9 por cento.

As notas diplomaticas que a Allemanha dirigiu á Belgica merecem que lhes dediquemos ainda algumas reflexões.

A primeira formula os ataques derigidos na Belgica ao governo allemão. São os dois que eu apontei na revista anterior mais um terceiro que já tambem ha quinze dias se conhecia mas que eu puz de parte por me parecer pouco digno de prender a attenção. Era esta a tentativa de assassinato do sr. de Bismark pelo subdito belga Duchesne. A todos se afigura hoje que esta tentativa foi um mero gracejo feito por um operario leviano no fim de uma ceia para mystificar um companheiro e aterrar um arcebispo. A primeira nota allemã e a resposta belga tomam porém muito a serio o caso. Procede-se mesmo em Bruxellas a um grave e minucioso inquerito sobre elle. Tratar-se-ha effectivamente de algum verdadeiro attentado ou conseguiria a gravidade classica da diplomacia arrastal-a a fazer-se cooperadora ingenua da mystificação citada?

A segunda nota allemã põe de parte as circumstancias que determinaram o debate e suscita uma questão effectivamente grave: quaes devem ser as bases do moderno direito internacional. Sejam ou não importantes em si os casos occorridos na Belgica e mais ou menos influentes na politica

allemã é preciso resolver no direito positivo das nações essa questão. As condições de vida dos povos tem completamente mudado. A facilidade de communicação, a imprensa, o livro e o jornal produzidos facilmente, circulando, multiplicando as apreciações, os juizos, os estudos; o publico, mais numeroso que hoje se interessa nas questões, ouvindo e communicando rapidamente o seu pensamento, são factos essencialmente modernos, que tem modificado profundamente em toda a parte as condições politicas dos Estados, obrigando-os a considerarem d'um modo novo a influencia da opinião publica, a contarem com ella mais effectivamente e a estabelecerem as instituições legaes d'accordo com essa acção, ou para a acceitarem e provocarem, julgando-a sempre vantajosa, ou para se armarem contra o que reputam a sua perniciosa influencia.

Em harmonia com as novas condições do meio social, se tem alterado as relações internas das nações.

Essas novas condições devem sem questão alterar tambem as relações entre os differentes povos. O que podia ter uma acção distante e por isso indifferente ha cincoenta annos, tem agora um echo immediato e poderoso. Os caminhos de ferro, os telegraphos, os jornaes, estabelecem hoje uma extrema solidariedade entre os povos. Todos estão juntos no espaço e no tempo. O que se diz em Bruxellas, em Paris, em S. Petersburgo, em Londres, em Vienna relativamente á Allemanha, diz-se, grita-se, proclama-se, prega-se em Berlim, nas praças, nos parlamentos, no gabinete do chanceller do imperio irritando-o, nas reuniões da oposição, animando-a á resistencia.

Cada paiz tem hoje uma acção sobre os outros paizes completamente nova. Novas por isso devem ser, as leis internacionaes que regulam essa acção.

Como o progresso nas instituições é sempre mais ou menos lento e fragmentado, falta dispor esta parte, este caso omisso que a Allemanha lembra,— mais ao que parece em interesse geral e de futuro que em interesse seu e actual,— á diplomacia, e por ventura a um congresso que estenda a toda a Europa as conclusões mais correctas a que n'elle se chegue.

Este ponto de vista é habilissimo porque, permittindo ao sr. de Bismark ir até onde quizer á sombra d'elle, é no fundo completamente exacto.

Sómente ha que estudar antes as duas doutrinas que devem determinar as praticas dos povos nas suas relações internacionaes em vista das conquistas modernas.

Em face das opposições que procuram a força movendo as convicções e os interesses os governos tomam uma de duas attitudes. Da escolha entre ellas depende tudo o mais.

As leis d'uma nação são sagradas. Para que a ordem exista n'uma sociedade é necessario que as leis se cumpram, se respeitem e para isto que se supponham boas. Dizer e provar que uma d'essas leis é má é atacar a base da sociedade legal, e derrubar a ordem tirando-lhe os fundamentos. É esta a doutrina dos governos absolutamente conservadores.

Para estes governos a discussão concluindo contra a lei não póde permittir-se; e a imprensa, a livre e rapida communicação do pensamento, e todos os meios modernos de propaganda, são perigosas armas que é dever supprimir.

Julgam porém outros governos que o progresso não recua e que por isso se podem sem perigo deixar soar os protestos dos partidarios vencidos; que as sociedades são organisações em continua transformação e que todas as novas idéas contêm alguma coisa da futura verdade politica que assim se deve ir deixando introduzir, para crear adherentes que revolucionem gradualmente as instituições.

Os governos que seguem esta segunda doutrina, embora monarchicos constitucionaes e burguezes, permittem que se advogue a monarchia absoluta e aristocratica, e ainda a republica socialista, em associações, na imprensa, e nas proprias assembléas legislativas.

Nas relações internacionaes tem cada nação que adoptar um procedimento de accordo com aquella d'essas duas doutrinas que para si houver escolhido.

Sabe-se já qual d'ellas prefere o Principe de Bismark.

Aggredir as leis allemãs em Munich ou em Londres é, graças aos telegraphos e aos caminhos de ferro, a mesma coisa. As invectivas contra o sr. de Bismark conservam tanto calor, tanta colera e tanta influencia ao chegar a Berlim, quer venham de Posen quer de Roma. Louvar a Republica em França e o catholicismo na Belgica equivale a atacar o Imperio protestante na Allemanha. Para que nas modernas condições de que falla a segunda nota alleman os governos possam ser respeitados, é necessario que o mesmo facto seja em toda a parte reconhecido e punido como um delicto. Amordaçar em todos os paizes a opinião, seria logicamente o procedimento do Principe de Bismark. Unificar sob o ponto de vista allemão as leis internacionaes seria o primeiro grande passo dado para um perdominio real sobre toda a Europa d'esde então enfeudada ao imperio.

Prestar-se-hão porem todas as nações ao silencio de morte que seseria a consequencia da applicação geral d'este systema?

É util que a este respeito a Belgica, tão educada na liberdade, seja o primeiro paiz consultado, e que a Inglaterra, onde Manning declarou ha poucos dias que a politica allemã viola a liberdade da Egreja e fôrça á apostasia os verdadeiros crentes, seja o segundo.

29 de abril.

J. Batalha Reis.

BIBLIOGRAPHIA

Da reorganisação social — aos trabalhadores e proprietarios, por João Bonança. Coimbra: Imprensa Commercial.

A «reorganisação social» é um titulo ao mesmo tempo promettedor... e compromettedor. Com effeito todos os bons espiritos no nosso tempo reconhecem, quanto ha de precario e contradictorio nas instituições politicas, religiosas e economicas das modernas sociedades, e nada os preoccuppa mais ardentemente do que os problemas que em si envolve um tão grave estado de coisas: mas não é menos certo, por outro lado, que a insufficiencia ambiciosa das «soluções definitivas», até hoje apresentadas, e a estreiteza fanatica ou a redundancia declamatoria dos visionarios, que todos os dias annunciam as suas palingenesias, tem produzido nas intelligencias claras e desapaixonadas uma certa prevenção contra tudo quanto se apresenta com o caracter suspeito de resolução systematica dos problemas sociaes, de reconstituição *ab ovo* do mundo humano e de panacêa universal. Podem uns tachar de scepticismo esta reserva, em quanto outros preferirão ver n'ella uma forma mais alta e lucida do criterio: o facto é que o temperamento intellectual do publico instruido mudou sensivelmente n'estes ultimos annos e que os prophetas e reformadores vão sendo substituidos, nas preferencias da opinião, pelos homens de sciencia e pelos criticos. Começa a parecer mais util e mais realmente interessante uma boa monographia, cheia de factos lucidamente analysados, sobre o regimen industrial, por exemplo, as attribuições economicas do Estado, o imposto, o caracter social do credito e do capital etc., do que um eloquente apocalypse, em que pela centessima vez se revela ao mundo a formula cabalistica da perfeição politica e da nova idade paradisiaca.

O recente livro do sr. Bonança parece-nos sacrificar, muito mais do que é licito n'estes dias de critica positiva e de desenganos revolucionarios, ao antigo gosto apocalyptico. Não diremos que seja isso absolutamente um defeito, mas o que é com certeza é um anachronismo. Já lá vae o tempo em que um Owen, um Considerant, um Cabet ou um Blanc «reformavam totalmente» a sociedade, em volumes de 200 paginas, no meio dos applausos d'um publico nervoso, cuja imaginação precisava tanto de prophetas e prophecias como a das creanças precisa de contos de fadas e princezas. Sabemos perfeitamente que tudo isso teve a sua razão de ser e a sua utilidade — mas como essa utilidade consistiu em provocar es-

tudos e preparar o progresso actualmente realisado nos espiritos, é precisamente por isso que já hoje nos não contentamos com aquellas (aliás utilissimas) utopias. Hoje, sem que antipathisemos com os prophetas, estimando-os até, pelo contrario, sempre que são sinceros e originaes, pedimos-lhes comtudo que se dignem adquirir, ao lado da inspiração que só Deus dá e não se aprende, algumas coisas que só se sabem quando se aprendem, e que são todavia essenciaes, por exemplo, a historia, a economia politica e ainda alguma logica correcta e clara. Simpathisamos pois com o nobre proposito do sr. Bonança, procurando as bases da reorganisação da sociedade portugueza: lastimamos simplesmente que em materia tão concreta julgasse ainda, como se julgava ha trinta annos, que bastavam systemas abstractos, raciocinios absolutos e movimentos oratorios. E concedendo que isso baste, lastimamos ainda que no meio d'essas coisas antigas não appareçam de vez em quando, para satisfazer o gosto renovado da época, algumas idéas precisas e bem deduzidas, alguma analyse de factos e instituições feita com clareza, algum conhecimento do valor positivo dos phenomenos economicos e historicos, e aquelle espirito de equidade critica que sabe comprehender e explicar, ainda quando condemna, tudo quanto n'uma dada época teve rasão de ser, utilidade ou necessidade. Isto é que não podemos deixar de lastimar, visto que é alguma coisa pèior do que simples anachronismo. O sr. Bonança coloca-se fóra da sciencia, da historia e da observação para resolver os problemas sociaes: ora isto é simplesmente colocar-se fóra da realidade e do criterio moderno, o que equivale a não resolver um só d'esses problemas e a confundil-os todos.

Ha de pois permittir-nos o sympathico publicista que assim como nos é grato confessar quanto prezamos as suas rectas intenções, que são as d'um coração votado á humanidade, e os puros sentimentos d'um bello caracter, que admiramos, nos seja licito não o acompanharmos no terreno falso em que se coloca para estudar as questões sociaes. O sr. Bonança parece ignorar totalmente as conquistas da sciencia e da experiencia humanas, realisadas n'estes ultimos vinte ou trinta annos. Com os jacobinos-socialistas de 1848, suppõe ainda que a organisação politica é que faz a sociedade e que, assim como a faz, a póde transformar, compôr e recompôr no sentido d'um systema e d'um partido predominantes: partindo d'este principio, julga que nada ha mais facil do que remodelar a sociedade e transformar radicalmente as suas condições organicas, a propriedade, a industria, o credito, por meio d'uma revolução politica que auctorise no poder um certo systema — que naturalmente é o seu. É esta um grave erro, condemnado no campo theorico pela sciencia social e no terreno pratico pela esterilidade d'umas poucas de revoluções, a começar pela franceza de 1848. É n'este erro que não cáe já hoje quem sabe, quem vê e quem pensa.

A sciencia não progride debalde, nem é debalde sobre tudo que uma geração assiste ou toma parte em experimentos sociaes feitos em proporções tão vastas que são povos inteiros a materia da experimentação e classes inteiras os experimentadores: não é debalde que se vê a rethorica produzir catastrophes e das illusões originarem-se as tragedias. De todo este ensino theorico e pratico resultou uma maneira de ver nova, que dia a dia ganha terreno no animo de quantos consideram com vivo interesse, mas com serenidade, este grande phenomeno complexo e gravissimo d'uma sociedade em via de transformação — d'uma transformação profunda, universal e inevitavel. Essa maneira de vêr consiste em considerar a sociedade como um organismo dotado d'uma vitalidade propria, com leis suas que não se alteram impunemente; um organismo em que, se tudo se move e transforma, tudo se move no seu tempo e no seu logar, conforme as condições internas da sua complexa e delicada existencia — não como uma machina, que se póde armar e desarmar sempre que se queira, que se póde sem inconveniente fazer trabalhar n'este ou n'aquelle sentido, consoante um plano *á priori* e um systema de gabinete; ou então, como uma materia inerte, sobre que os empiricos podem fazer á vontade os seus experimentos e que a tudo se amolda, como o barro na mão do oleiro. A sociedade tem uma vida intensa e regular, que resulta d'um concurso de forças, umas de creação recente, outras lega-

das pela historia, mas que se não improvisam nem suprimem de repente, e que todas obram segundo leis que não podem ser illudidas nem violadas sem se produzir logo uma alteração grave n'aquelle organismo collectivo. A sociedade não póde pois ser transformada se não no sentido d'essas suas leis organicas e d'uma maneira organica tambem, isto é, segundo o processo natural por que se transformam todos os seres vivos, por uma lenta e gradual substituição de elementos, por um novo equilibrio de forças, realisado por tentativas e não bruscamente, revulsivamente. Se o direito abstracto e revolucionario tem um logar no meio d'essas forças, tem um tambem a tradição, com a qual é preciso contar sob pena de crise. Como ser complexo, a sociedade não obedece a um impulso unico: o seu movimento não é uniforme como o d'uma massa rigida e impenetravel. A sua maneira de se mover consiste n'uma serie de movimentos intimos e por assim dizer moleculares, cujos effeitos só lentamente apparecem e que se não podem provocar repentinamente.

E' este um ponto de vista da doutrina philosophica da Evolução: e a doutrina da Evolução começa a dominar as sciencias sociaes, como já domina as naturaes. O seu influxo penetrou e vae transformando o espirito revolucionario, que é já hoje muito outro do que era ha trinta e quarenta annos. O antigo revolucionario, hirto, systematico, intratavel e chimerico, tende a desapparecer. Esse velho typo é já hoje (embora encarne por acaso n'um rapaz de vinte annos) uma curiosidade archeologica. O revolucionario contemporaneo é sobre tudo um homem de sciencia e de critica. Hoje não basta dizer-se uma pessoa revolucionario, ou desejar muito sel-o, para o ser effectivamente. A Revolução, por isso mesmo que é uma grande realidade, profunda e complexa, é que não póde ser um simples thema de raciocinios abstractos, de declamações e de visionices sentimentaes. Por isso que a Revolução é uma grande realidade, é que se não é revolucionario senão no terreno das realidades, no terreno da observação e da sciencia, n'aquelle ponto de vista objectivo, que Proudhon tão bem definio em duas palavras — *des reformes toujours, des utopies jamais* — e que elle (sempre que era verdadeiramente Proudhon), soube como ninguem pôr em pratica. Fóra d'isto haverá utopistas, escolasticos, enthusiastas, haverá martyres das suas proprias illusões, haverá tudo quanto quizerem — menos revolucionarios.

INDICE

DO

PRIMEIRO VOLUME

1.º ANNO

FEVEREIRO—ABRIL, 1875

15 de Fevereiro

Os povos peninsulares e a civilisação moderna, por OLIVEIRA MARTINS 5
El arte, — I — por D. Francisco PI y MARGALL 25
O crime do padre Amaro, por EÇA de QUEIROZ 33
Anales de la intolerancia, por D. Serafin OLAVE y DIEZ 65
Elogio da morte, por Anthero de QUENTAL 96
Invitacion, por D. Antonio CANOVAS del CASTILLO 100
Chronicas :—America, por D. R. de CALA 103
Portugal e Brazil, por P. de OLIVEIRA 108
Espana, por * * * 119
Europa, por J. BATALHA REIS 121

28 de Fevereiro

Bismark en el parlamento, por D. Patricio de la ESCOSURA 129
As crises commerciaes, por Rodrigues de FREITAS 146
El germanismo en la peninsula, por D. F. M. TUBINO 174
O crime do padre Amaro, por EÇA de QUEIROZ 198
El desdichado, por D. Maria Amalia VAZ de CARVALHO 225
Trio de poetas, por Gonçalves CRESPO 228
Chronicas :—America, por D. R. de CALA 230
Portugal e Brazil, por P. de OLIVEIRA 235
Espana, por * * * 244
Europa, por J. BATALHA REIS 247

15 de Março

Do estudo da historia de França, por F. MALAPERT 257
El arte, — II — por D. Francisco PI y MARGALL 280
O crime do padre Amaro, por EÇA de QUEIROZ 289
El germanismo en la peninsula, por D. F. M. TUBINO 308
As crises commerciaes, por Rodrigues de FREITAS 323

Bismark en el parlamento, por D. Patricio de la ESCOSURA..... 350
Chronicas :—America, por D. R. de CALA..... 369
Portugal e Brazil, por P. de OLIVEIRA..... 374

31 de Março

La verdad sobre la teoria de las razas, por D. Tristan MEDINA..... 385
Prophylaxia internacional, por J. T. de Sousa MARTINS..... 408
Consideraciones sobre la guerra, por D. Serafin OLAVE y DIEZ..... 421
O crime do padre Amaro, por EÇA de QUEIROZ..... 439
Colon en Valcuevo, por D. Tomás Rodrigues PINILLA 460
Chronicas :—America, por D. R. de CALA..... 480
Portugal e Brazil, por P. de OLIVEIRA..... 486
Espana, por * * *..... 496
Europa, por J. BATALHA REIS..... 502
Bibliographia :— Viagens — Hespanha e França, por LUCIANO CORDEIRO 511
Odes Modernas, por Anthero de QUENTAL..... 512

15 de Abril

Crises commerciaes, por Rodrigues de FREITAS..... 513
Colon en Valcuevo, por D. Tomás Rodrigues PINILLA..... 526
O crime do padre Amaro, por EÇA de QUEIROZ..... 542
La verdad sobre la theoria de las razas, por D. Tristan MEDINA... 573
Prophilaxia internacional, por J. T. de Sousa MARTINS..... 595
Ao sol, por Manuel d'ARRIAGA..... 607
Chronicas :—America, por D. R. de CALA..... 610
Portugal e Brazil, por P. de OLIVEIRA..... 617
Espana, por * * *..... 627
Europa, por J. BATALHA REIS..... 634

28 de Abril

El Brasil, por D. Rafael M. de LABRA..... 641
O crime do padre Amaro, por Eça de Queiroz..... 661
La situacion polilica de Espana, por D. Patricio Bueno de CASTILLA 673
As sciencias geographicas e o congresso de Paris, por Alfredo MAY... 687
Colon en Valcuevo, por D. Tomás Rodriguez PINILLA 705
Revista Critica de Artes, por Jacinto Octavio PICON..... 715
Chronicas :—America, por D. R. de CALA..... 729
Portugal e Brazil por P. de OLIVEIRA..... 736
Espana, por * * *..... 747
Estados-Unidos —Europa, por J. BATALHA REIS..... 753
Bibliographia:— Da Reorganisação Social — aos trabalhadores e proprietarios, por João BONANÇA..... 764

BIBLIOTECA NACIONAL
RES 4172 V.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Boletim annotado da legislação portugueza. — Tomo 1.º Anno de 1874

Este volume em que se contem as leis, decretos, portarias e disposições publicadas durante o anno findo bem como copiosas annotações explicativas de taes diplomas e um reportorio chronologico alphabetico das materias por elle reguladas foi distribuido em fasciculos, e forma hoje um livro tão manuseavel como facil de consultar.

É o primeiro volume d'um vasto *digesto* destinado a comprehender a legislação portugueza, a compendiar os elementos que podem servir para a intelligencia e interpretação d'ella, e apontar a correlação existente entre as novas e as antigas disposições legaes, e a indicar com facilidade os actos officiaes que regulam um dado assumpto. Para preencher taes fins o *Boletim*, no texto, transcreve os diplomas de maior importancia e extracta os que são de mais interesse, nas notas, resume os fundamentos dos relatorios de que elles foram precedidos ou acompanhados e as discussões parlamentares a que elles deram causa, nota os logares parallelos da legislação em vigor — aponta as disposições que as novas leis modificam ou revogam, e finalmente n'um indice systematico aponta e coordena os pontos sobre que se tomaram providencias ou aquelles em que se alteraram os já existentes.

Conhecer a fundo e perfeitamente a legislação portugueza, vária, numerosa, diversissima, senão contradictoria, seria empenho baldado por demandar estudo e trabalho superior ás forças humanas — mas possuir um meio facil de encontrar indicadas as disposições que regulam um dado assumpto, e de conhecer a origem, intelligencia e applicação d'ellas seria empreza facil se a todo o antigo direito se houvesse applicado o systema que o *Boletim* inaugurou. Colleccionar as leis chronologicamente, e coordenal-as depois pelos pontos de que ellas se occupam, é sempre um grande serviço prestado á jurisprudencia d'um paiz, principalmente entre nós, onde a publicação official é feita no *Diario do Governo*, no jornal mais incommodo para ler e no volume mais difficil para consultar de que ha memoria nos annaes da bibliographia.

Este foi o grande serviço que prestou o 1.º volume do *Boletim*, e este o grande serviço que esperamos ha de continuar a prestar. Popularisar o conhecimento da lei, é firmar em cada um a convicção dos direitos e das obrigações que lhe assistem, e por isso dar-lhe a energia para sustentar aquelles e a coragem para cumprir estas. A semelhante fim tende senão immediatamente, pelo menos d'um modo mais ou menos directo — mas que de futuro ha de ser proficuo — a publicação do *Boletim*.

Dando pois, noticia d'um trabalho em que se revella intelligencia, estudo, trabalho e pertinacia, e em que — dados os termos em que é publicada e os fins a que se propõe — a critica não póde exigir muito mais, julgamos, com o que temos dito, ter feito o mais sincero elogio e a mais desinteressada recommendação da nossa publicação.

Fazemos porém, votos para que os seguintes fasciculos do nosso *Digesto* formem não só o *Boletim annotado*, mas tambem o *Boletim critico* da legislação portugueza, e para que não só o texto, os motivos, e a correlação das leis tenham logar na nova publicação, mas para que tambem ahi se apresentem os principios de jurisprudencia e a apreciação da justiça e utilidade das disposições legaes. Não se afastaria o *Boletim* do seu caminho, criticando os diversos actos legislativos ou administrativos, expondo os principios de direito que elles applicavam, e apontando as regras juridicas que elles possam offender.

Fiamos da illustração dos redactores do *Boletim* — para nós de sobre conhecida — que a parte critica encontrará no volume seguinte mais largo desenvolvimento. Feita esta indicação — que é um desejo e não uma censura — não regateamos os nossos louvores a essa publicação que vem supprir uma das muitas faltas da bibliographia juridica d'um paiz, onde a jurisprudencia conta raros escriptores.

Redigiram o 1.º volume do *Boletim* os drs. Franco de Castro, Henrique Alves de Sá e Vicente Monteiro, todos tres ainda ha poucos annos distinctos, como estudantes da Universidade de Coimbra, e hoje egualmente distinctos entre os advogados dos auditorios da capital.

REVISTA OCCIDENTAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DOIS VOLUMES DE, PELO MENOS, 128 PAGINAS CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Portugal		Brazil	
3 Mezes....	2$200 réis fortes	3 Mezes....	5$000 réis fracos
Anno.....	8$000 »	Anno.....	18$000 »

Nas terras onde não ha agente accresce o porte do correio

Madrid		Provincias	
Mez.....	16 Rvn.	Mez.....	20 Rvn.
Trimestre.....	44 »	Trimestre.....	55 »
Anno.....	160 »	Anno.....	180 »

As assignaturas são pagas adiantadas.

Assigna-se:

Em Portugal

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vizeu, Lamego, Santarem, Mertola, etc.

Agente no Porto — **Magalhães e Moniz.**

No Brazil

Nas principaes livrarias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará, etc.

Agentes no Rio de Janeiro — **Moreira Maximino & C.ª**

Em Hespanha

Nas principaes livrarias de Madrid, Barcelona, Sevilha, Valencia, Malaga, Saragoça, Cadiz, Corunha, etc.

Agente em Madrid — **A. Duran.**

Typ. de Christovão Augusto Rodrigues — rua do Norte, 145.